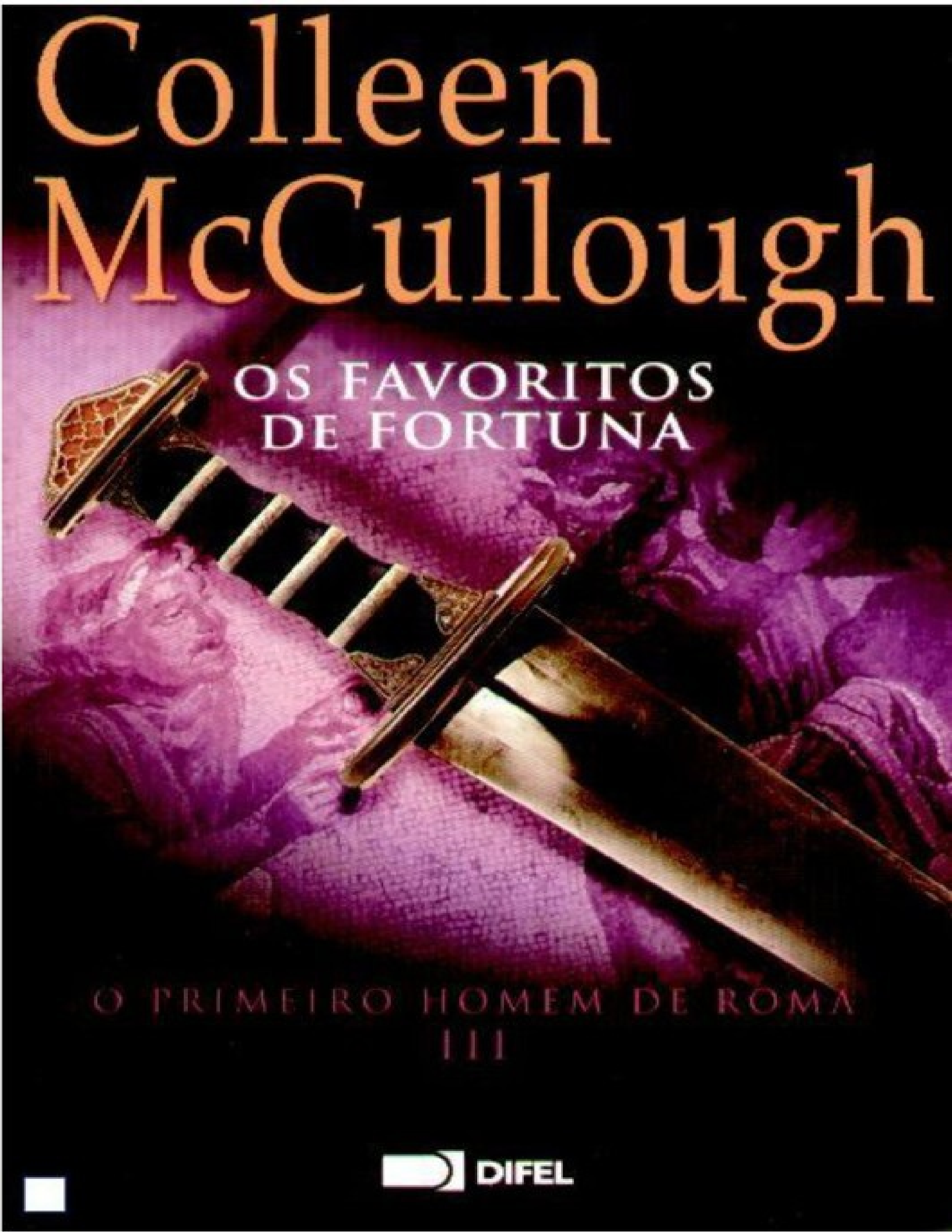
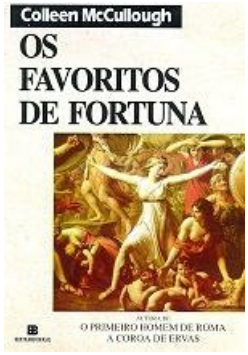
Colleen McCullough

OS FAVORITOS DE FORTUNA

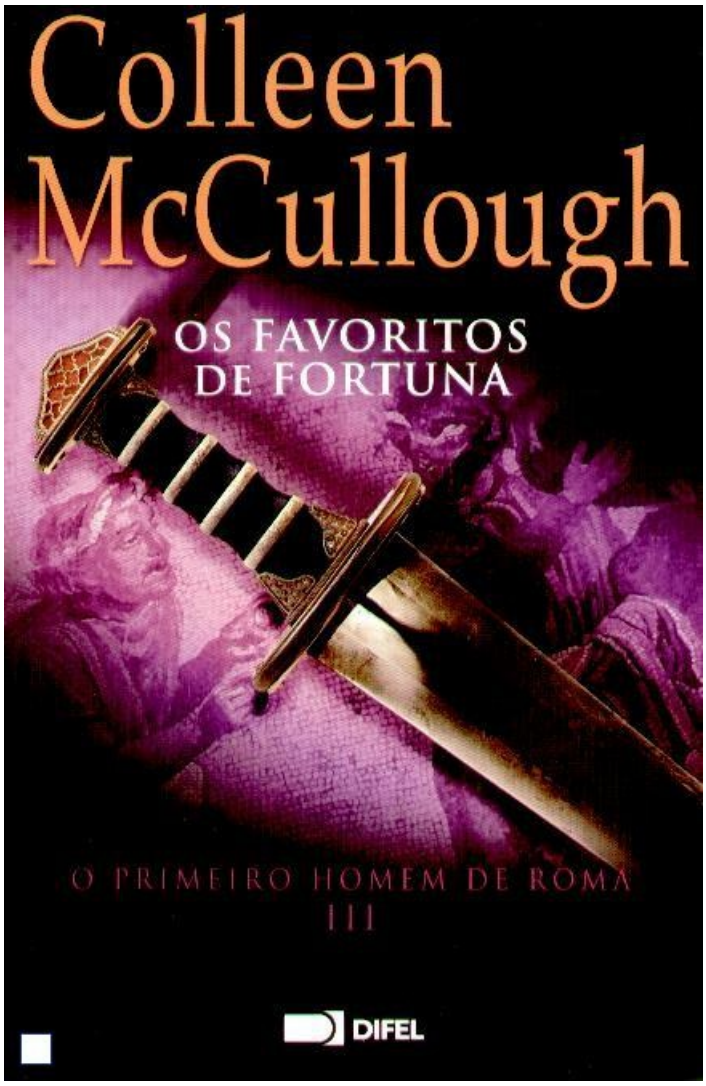


O PRIMEIRO HOMEM DE ROMA
III

DIFEL



DIGITAL
Source



COLLEEN McCULLOUGH

Os Favoritos de Fortuna

Título original Fortune’s Favorites

EDITORA DIFEL LDA

Avenida do Forte, 3

Edifício Suécia — Piso 2

Carnaxide

2795 LINDA-A-VELHA / PORTUGAL

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource

TOPOGRAFIA E ESTRADAS

LISTA DE MAPA:

MAPAS

Págs.

O Próximo Oriente romano (com particular referência aos movimentos de César e Verres)

(páginas interiores da frente)

Itália: Topografia e Estradas 10

Itália (Norte) e Gália Italiana (Centro Sul) 59, 171, 672

Itália (Centro Leste) 65

Cerco de Ofela a Preneste;

Ocupação da Via Latina por Sila 188

Rota seguida pelos samnitas até à Porta Colina em Roma 201 O Helesponto, a Propôntide (Mar de Mármara), o Bósforo

Trácio, a Bitínia, a Província asiática da Mísia e Lesbos 478

O Oriente (com relevo para as conquistas de Tigranes).... 543

Rota seguida por Pompeu nos Alpes 701

As Hispâmas 709

Movimentações de Espártaco (73-71 a.C.) 919

Itália (Sudoeste) 938

ILUSTRAÇÕES

Nicomedes in Epífanes Filopator 12

Jovem Pompeu 38

Lúcio Cornélio Sila Félix 242

Quinto Cecílio Metelo Pio 356

Lúcio Licínio Lúculo 528

Caio Júlio César 592

Quinto Sertório 696

Marco Licínio Crasso 784

O Cônsul Pompeu 964

Anfiteatro dos Comícios 1080

ínsula de Aurélia 1109

Magistrados Romanos 1118

Corte da Toga 1147

Ticlínio 1153

Alguns acontecimentos da História de Roma anteriores a O Primeiro Homem de Roma (páginas interiores finais)

SINOPSE Desejaria que pudesse ser lido com o máximo prazer como um romance completo e autônomo, sem que o leitor precisasse de conhecer Coroa de Erva e O Amor e o Poder. Esta sinopse fornece um breve resumo destes dois livros, a fim de que o leitor possa acompanhar a presente obra com maior comodidade e prazer.

ACONTECIMENTOS NARRADOS EM O AMOR E O PODER:

Estamos no ano 110 a.C. Mais por acidente do que por um desígnio claro, a República de Roma começou a conquistar o seu império territorial, um processo de expansão que levantou problemas cada vez mais intoleráveis a uma constituição que se revelava antiquada. Esta constituição fora elaborada para regulamentar a vida de uma pequena cidade-estado e proteger os interesses da sua classe dirigente, a qual, no ano 110 a.C., era ainda representada pelo Senado.

A verdadeira profissão de Roma era a guerra. Roma conduzia de forma soberba os assuntos da guerra e acabara por depender da ordem para manter o crescimento e uma economia florescente; além disso, mantinha as várias nações que existiam em Itália numa posição subordinada, negando aos seus povos a cidadania romana e a paridade no comércio.

Mas a voz do Povo ouvia-se cada vez mais alto e uma série de demagogos políticos, como os irmãos Graco, tinham surgido com a intenção confessa de privar o Senado do seu

poder. O poder viria a ser transferido para o Povo, nas pessoas de cidadãos romanos de uma escala social ligeiramente inferior, os cavaleiros, que eram basicamente negociantes abastados. (No mundo antigo, a agitação visando a transformação social nunca teve por fim a defesa dos pobres; pelo contrário, tomou a forma de uma luta entre a aristocracia fundiária e a plutocracia comercial).

No ano 110 a.C., Caio Mário, então com quarenta e sete anos, era praticamente um desconhecido, vindo do pequeno distrito latino de Arpino. Graças a uma superlativa capacidade militar, conseguiu subir à segunda posição mais importante do governo eleito — o cargo de pretor — e acumulou vastas riquezas. Mas Mário desejava ardentemente ser cônsul (o topo da hierarquia), embora soubesse que, tendo um nascimento e uma linhagem obscuros, lhe seria impossível subir tão alto. O cargo de cônsul pertencia aos aristocratas fundiários, com linhagens veneráveis, que nunca se tinham dado ao trabalho de ganhar dinheiro através do comércio.

Um encontro fortuito com um senador patrício empobrecido (os patrícios constituíam, no seio da aristocracia, a classe mais elevada), Caio Júlio César (avô do grande César), permitiu a Mário aumentar as suas possibilidades de chegar a cônsul. Em troca do financiamento das carreiras dos dois filhos do velho César e da oferta de um dote para a mais nova das duas filhas de César, Mário recebeu em casamento a filha mais velha, Júlia. Este facto enobreceu a família de Mário e deu um impulso fortíssimo à sua imagem eleitoral.

Já casado com Júlia, Mário e o seu amigo e epistológrafo Públio Rutflio Rufo deixaram Roma, no ano 109 a.C., para travarem uma guerra contra o rei Jugurta da Numídia. Mas Mário não era o comandante-chefe; este cargo fora atribuído ao aristocrata Metelo (que mais tarde se autodenominaria Metelo Numídico, em comemoração da sua guerra contra a Numídia, mas a quem Mário atribuíra um cognome particularmente pejorativo: o Suíno). com Metelo Numídico encontrava-se o seu filho de 20 anos, Metelo Pio, o Bacorinho.

A guerra em África avançou lentamente, já que Metelo Numídico não era um general particularmente credenciado. No ano 108 a.C., Mário pediu que o libertassem do seu cargo de legado sénior, a fim de poder voltar a Roma, pois queria disputar um dos dois lugares de cônsul para o ano de 107 a.C. Metelo Numídico recusou-se a deixá-lo partir e Mário, através de cartas, lançou uma campanha de críticas e queixas contra a conduta do seu superior na chefia da guerra. A campanha de Mário acabou por ter êxito e Metelo viu-se obrigado a libertar Mário do serviço

em África. Contudo, antes de Mário ter deixado o continente africano, a profetisa Marta vaticinou-lhe que havia de ser cônsul de Roma por sete vezes (um facto sem precedentes) e que haviam de chamar-lhe o Terceiro Fundador de Roma; mas disse-lhe também que um sobrinho da sua esposa, de nome Caio, viria a ser o maior romano de todos os tempos. Esse sobrinho não tinha ainda nascido. Mário acreditou firmemente nesta profecia.

Regressado a Roma, Mário foi eleito cônsul júnior para o ano de 107 a.C. Recorreu então ao corpo legislativo denominado Assembleia da Plebe para aprovar uma lei que retirava o comando da guerra contra Jugurta da Numídia a Metelo Numídico Suíno; o comando dessa guerra passaria para as mãos de Mário.

Contudo, o principal problema era obter soldados. As seis legiões que Metelo Numídico comandara em África encontravam-se reservadas para uso do outro cônsul do ano de 107 a.C. A Itália encontrava-se literalmente sem homens recrutáveis para servirem nos exércitos de Roma: demasiados homens tinham morrido inutilmente em batalhas nos quinze anos anteriores, graças a uma série de generais absolutamente incompetentes, embora com linhagens cem por cento aristocráticas. E os importantes amigos de Metelo Numídico, sentindo como um ultraje a decisão de Mário de lhe retirar o comando da guerra, conspiravam para o impedir de encontrar novos soldados.

Mas Mário, um iconoclasta do ponto de vista das ideias, conhecia um manancial de tropas que nunca fora explorado, os capite censi, os mais pobres dos cidadãos romanos, a classe mais baixa, sem bens de nenhum tipo, e resolveu formar o seu exército com homens dessa classe. Um conceito revolucionário!

Até então, os soldados de Roma tinham de possuir terras e de ser suficientemente abastados para financiarem a compra de armamentos e para se equiparem com o seu próprio dinheiro; fora esta classe de proprietários bastante prósperos que, durante séculos, fornecera soldados a Roma. Agora, estes homens tinham praticamente deixado de existir, e as suas pequenas propriedades tinham passado para as mãos dos homens do Senado ou para os mais abastados dos cavaleiros-comerciantes. Tinham entretanto surgido vastas extensões de terra, os latifundia, que dependiam do trabalho dos escravos, o que implicava o desemprego para muitos homens livres.

Quando Mário disse que ia recrutar soldados entre os capite censi, gerou-se um furor

nunca visto. Apesar da violenta oposição dos aristocratas do Senado e de muitos dos cavaleiros-comerciantes, Mário seguiu em frente com a sua proposta e fê-la aprovar pela Assembleia da Plebe. Depois, promulgou uma outra lei, também através dessa assembleia, obrigando o Tesouro de Roma a financiar o armamento e o equipamento da sua legião de indigentes.

Quando Mário embarcou para África, levou consigo seis legiões de soldados pobres, gente que o Senado considerava sem valor ou incapaz de lealdade. com ele seguia também o seu questor (um magistrado júnior responsável pelas finanças), Lúcio Cornélio Sila. Sila acabara de casar com Julila, a filha mais nova do velho César, e era, portanto, cunhado de Mário.

Sila era quase o exacto oposto de Mário. Sila, um aristocrata com uma bela figura, com uma linhagem irrepreensivelmente patrícia, fora impedido de entrar para o Senado por causa da sua extrema pobreía — até que uma série de ardilosos assassínios lhe permitiram herdar as propriedades da sua amante, Nicópole, e da sua madrasta, Clitumna. Ambicioso e de uma crueldade sem par, Sila também acreditava no seu destino. Mas os seus primeiros trinta e três anos de vida tinham sido passados num mundo ignóbil, os bas-fonds do teatro, deixando-o obcecado por um segredo que, para ele, era perigoso; numa Roma cujos cidadãos se opunham de forma inflexível à homossexualidade, Sila, se queria subir na hierarquia e na vida, tinha de desistir do seu amor por um actor grego, Metróbio, nessa altura ainda um adolescente.

Mário precisou de quase três anos para derrotar Jugurta da Numídia, embora a captura do rei tivesse sido realmente obra de Sila, agora um dos legados de Mário e o homem em quem este mais confiava. Apesar de muito diferentes no que toca à natureza e ao passado, os dois homens entendiam-se muito bem. O exército de capite censi de Mário distinguiu-se nesta guerra, deixando assim os críticos do Senado sem nada para dizer.

Enquanto Mário e Sila travavam a guerra africana, Roma viu-se confrontada com uma nova ameaça. Um vasto conjunto de povos germânicos (os Címbrios, os Teutões, os Queruscos / Marcomanos / Tigurinos) tinha migrado para a Gália (actual França) e infligido pesadas derrotas aos exércitos romanos, chefiados por aristocratas incompetentes que se recusavam a cooperar com homens que consideravam inferiores.

Sem o seu conhecimento, Mário foi eleito cônsul uma segunda vez, tendo-lhe sido atribuído o comando da guerra contra os Germanos; apesar da oposição de Metelo Numídico e de Marco Emílio Escauro Princeps Senatus (o líder do Senado), toda a gente em Roma acreditava

agora que Mário era o único homem capaz de derrotar os Germanos, o que explica a sua segunda eleição para o cargo de cônsul, eleição em que não se empenhara minimamente.

Acompanhado por Sila e por Quinto Sertório, primo de Mário então com 17 anos, Mário, no ano de 104 a.C., conduziu os seus proletarii — agora veteranos experimentados nas artes da guerra — através da Gália Transalpina, aguardando aí a chegada dos Germanos.

Os Germanos, porém, não apareceram. Enquanto Mário ocupava as suas tropas em obras públicas, Sila e Sertório disfarçaram-se de gauleses e lançaram-se na descoberta das verdadeiras intenções dos Germanos. No ano de 103 a.C., Mário voltou a ser eleito cônsul. E devido aos esforços de um tribuno da plebe, Lúcio Apuleio Saturnino, Mário foi eleito cônsul pela quarta vez em 102 a.C. Foi nesse ano que os Germanos apareceram — e no momento certo.

Os inimigos de Mário no Senado preparavam-se para o afastar definitivamente do poder. Graças à bem sucedida espionagem de Sila e Sertório, Mário fora avisado de que os Germanos tinham definido uma estratégia surpreendente, o que não admirava, dado que o seu chefe, o rei Bóiorix, era um magnífico estratego. Boiorix dividiu a sua colossal massa de soldados em três corpos e lançou-se numa invasão da Itália em três frentes. Uma das divisões, os Teutões, deveria seguir o rio Ródano (Reno) e entrar na Itália através dos Alpes Ocidentais; uma outra divisão, os Címbrios (chefiados pelo próprio Bóiorix), deveria invadir o Centro-Norte de Itália através do desfiladeiro alpino agora conhecido como o Brenner; a terceira divisão, com uma composição diversificada, deveria atravessar os Alpes Orientais e avançar na direcção da actual Veneza. Depois, as três divisões juntar-se-iam para invadir a península italiana e conquistar Roma.

O colega de Mário no consulado de 102 a.C. pertencia, pelo sangue, aos Césares; chamava-se Quinto Lutácio Catulo César e era um aristocrata arrogante, convencido de que tinha grandes capacidades mas que, na realidade, e como Mário sabia, não possuía o mínimo talento militar.

Preferindo permanecer onde estava, ou seja, na vizinhança da actual Aix-en-Provence, para interceptar os Teutões, Mário foi obrigado a deixar a intercepção dos Címbrios a Catulo César (a terceira divisão dos Germanos desistiu e regressou à Germânia muito antes da data prevista para a sua travessia dos Alpes Orientais). Contemplado com um exército de vinte e quatro mil homens, Catulo César recebeu ordens do Senado para marchar para norte, a fim de interceptar os Címbrios. Mário, porém, como não confiava nele, mandou-lhe um lugar-tenente:

Sila; as ordens de Sila eram claras: deveria fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para manter o precioso exército de Catulo César vivo, apesar de todos os erros que este último pudesse cometer.

No final do Verão de 102 a.C., os Teutões, com um exército de m”is de cem mil homens, alcançaram a posição ocupada por Mário; o exército deste contava apenas trinta e sete mil homens. Numa batalha conduzida com génio, Mário produziu uma verdadeira carnificina nas hostes indisciplinadas e muito pouco sofisticadas dos Teutões; os sobreviventes dispersaram e a Itália viu-se livre da ameaça vinda do oeste.

No entanto, mais ou menos na mesma altura em que Mário desbaratava os Teutões, Catulo César, Sila e o seu pequeno exército tinham penetrado no vale alpino do rio Athesis (actual Adige). Foi aí que encontraram os Címbrios, que tinham acabado de atravessar o desfiladeiro do Brenner. Dado que não havia espaço para manobrar as legiões, Sila insistiu junto de Catulo César para que retirasse; Catulo César rejeitou firmemente tal proposta. Em conseqüência disso, Sila instigou um motim e acabou por conduzir o exército para o vale do Pó, instalando o seu quartel- general em Placentia (actual Placência), enquanto os duzentos mil homens dos Címbrios — acompanhados pelas mulheres, pelos filhos e pelos animais — se espalharam pela parte oriental desse mesmo vale.

Eleito cônsul pela quinta vez em 101 a.C., graças à sua retumbante vitória sobre os Teutões, Mário conduziu o grosso do seu exército para o Norte de Itália e juntou-o às tropas de Catulo César; passou assim a dispor de cinqüenta e quatro mil homens. E, no pino do Verão desse mesmo ano, a batalha final contra os Germanos foi travada nos campos de Vercelas, perto do sopé dos Alpes Ocidentais. Bóiorix foi morto e os Címbrios aniquilados. Mário tinha salvo a Itália e Roma dos Germanos, os quais, durante os cinqüenta anos que se seguiram, permaneceriam uma força pura e simplesmente inoperante.

No entanto, a inimizade que Metelo Numídico, Escauro Princeps Senatus, Catulo César e muitos outros votavam a Mário cresceu ainda mais, já que ele foi aclamado como o Terceiro Fundador de Roma e conseguiu ser eleito cônsul pela sexta vez no ano de 100 a.C.

Nesse ano, assistiu-se a uma tempestuosa mudança dos acontecimentos do campo de batalha para o Fórum Romano, que se transformou no palco de sangrentas confrontações e da mais desenfreada demagogia política. Saturnino, partidário de Mário, conseguira (com o apoio do

seu aliado Gláucia e o assassínio de um tribuno da plebe) ser eleito tribuno da plebe uma segunda vez, e, valendo-se deste cargo (famoso pelos radicais e demagogos que o ocuparam), procurou obter concessões de terras para os já veteranos soldados de Mário.

Este era o aspecto negativo que apresentava o recrutamento de homens sem bens pelas legiões; não possuindo nada e recebendo remunerações mínimas, estes homens, depois de Roma ter usado e abusado dos seus talentos militares, tinham de ser recompensados. Mário prometera-lhes a concessão de terras — mas não em Itália. O seu objectivo era espalhar a cultura e os hábitos romanos através das muitas províncias do império (províncias onde Roma possuía vastas extensões de terras públicas), instalando os seus militares veteranos no estrangeiro. Na realidade, a agitada questão da concessão de terras públicas de Roma aos veteranos das classes inferiores acabaria por contribuir fortemente para a queda da República de Roma, já que o Senado, demonstrando vistas curtas e muito pouca compreensão do problema, se recusou sempre a cooperar com os generais de Roma, opondo-se decididamente à concessão de terras. Assim, à medida que o tempo foi passando, estes veteranos dos capite censi acabaram por concluir que era mais vantajoso obedecer em primeiro lugar aos seus generais (porque estes queriam dar-lhes terras) e só depois a Roma (porque, corporizada no Senado, Roma se mostrava relutante em dar-lhes terras).

A oposição senatorial às duas leis agrárias de Saturnino revelou-se obstinada e violenta, ainda que Saturnino contasse algum apoio entre as classes altas. A primeira lei teve êxito, mas a segunda só foi promulgada depois de Mário ter obrigado os membros do Senado a jurar que apoiariam a sua execução. Ninguém conseguiu convencer Metelo Numídico a proceder a este juramento, pelo que se exilou voluntariamente depois de ter pago uma pesada multa — o castigo por não ter feito o juramento.

Porém, Escauro Princeps Senatus conseguira enganar Mário (que tinha menos talentos políticos que militares) durante os debates em torno da segunda lei, levando-o a admitir que havia uma possibilidade de que ambas as leis fossem inválidas. Até esse momento inteiramente leal a Mário, Saturnino virou-se contra Mário, e também contra o Senado, e começou a tramar a queda de ambos.

Infelizmente para Mário, a sua saúde escolheu esse momento para o apoquentar; uma pequena trombose obrigou-o a retirar-se da vida política por alguns meses, durante os quais

Saturnino pôde conduzir à vontade as suas intrigas.

O produto das colheitas costumava chegar a Roma no Outono, mas uma seca assolou todo o Mediterrâneo, arruinando a agricultura. Pelo quarto ano consecutivo, a gente pobre de Roma tinha de enfrentar a escassez de cereais e os preços altos dos mesmos. Este estado de coisas proporcionou a Saturnino a oportunidade por que esperava. Decidiu tornar-se o Primeiro Homem de Roma: não como cônsul, mas na qualidade de tribuno da plebe, posição que lhe permitia controlar as vastas massas populares que, agora, se concentravam todos os dias no Fórum Romano para protestar contra as privações do próximo Inverno. Não eram as classes mais baixas que Saturnino procurava conquistar quando apresentou a sua lei dos cereais, visando o fornecimento de cereais financiado pelo Estado; de facto, quem ele pretendia conquistar eram os mercadores e as corporações de comerciantes, que viam os seus negócios ameaçados porque as classes inferiores não tinham alimentos que chegassem. Os votos das classes mais baixas não tinham qualquer valor, mas os votos dos mercadores e das associações de comerciantes significavam, para Saturnino, um apoio importante tendo em vista o derrube do Senado e de Caio Mário.

Mais ou menos recuperado da trombose, Mário convocou uma assembleia do Senado para o primeiro dia de Dezembro do ano 100 a.C., a fim de ver o que poderia ser feito para deter Saturnino, o qual planeava agora disputar pela terceira vez o cargo de tribuno da plebe, enquanto o seu amigo Gláucia disputava o cargo de cônsul. Nenhuma destas candidaturas era propriamente ilegal, mas ambas eram fortemente reprovadas porque desprezavam os costumes romanos.

O auge do conflito verificou-se durante as eleições consulares quando Gláucia assassinou outro candidato. Mário convocou o Senado, que aprovou o seu Ultimato (uma espécie de lei marcial); o Senado e os seus adeptos pegaram em armas e o Fórum Romano foi o palco da batalha. Saturnino e Gláucia tinham pensado que as classes mais baixas, ameaçadas com o espectro da fome, se revoltariam. Porém, essas classes não estavam predispostas para a revolta. Pelo contrário: tranqüilamente, recolheram a suas casas. Usando Sila como seu braço direito, Mário derrotou as limitadas forças de que Saturnino dispunha. Saturnino procurou asilo no templo de Júpiter Optimus Maximus, mas foi forçado a render-se quando Sila cortou o fornecimento de água ao Capitólio.

Gláucia suicidou-se, mas Saturnino e os seus amigos foram presos no Senado até

poderem ser julgados por traição — e todos os senadores sabiam que esse julgamento iria reduzir a pó a já vacilante estrutura constitucional de Roma. Sila resolveu o problema, chefiando secretamente um pequeno grupo de jovens aristocratas que, depois de subir ao telhado do Senado, matou Saturnino e os seus adeptos bombardeando-os com telhas.

A lei dos cereais de Saturnino foi revogada, mas Mário, agora com 57 anos, teve de enfrentar o facto de que a sua carreira política chegara ao fim. Cônsul por seis vezes, dir-se-ia que a profecia segundo a qual seria sete vezes cônsul nunca se concretizaria. Mas Sila esperava ser eleito pretor no prazo de um ano. Decidiu, por isso, que teria de afastar-se de Mário, agora politicamente odioso, a fim de preservar a sua própria carreira.

Durante estes dez anos, as vidas privadas e as relações amorosas de Mário e Sila conheceram evoluções diferentes.

O casamento de Mário e Júlia conheceu uma fase feliz. Tinham um filho, nascido em 109 a.C., o seu único filho, o jovem Mário. O velho César morreu, mas ainda pôde ver os seus dois filhos com perspectivas seguras de um triunfo nas carreiras política e militar. O seu filho mais novo, Caio, casou com a bela e rica filha de uma família famosa, os Aurélios Cotas, a jovem Aurélia, e o casal tomou a sensata decisão de se instalar na casa dela, na Subura, uma zona de Roma mal afamada. Tiveram duas filhas e, finalmente, em 100 a.C., um filho (o grande César), o qual era, evidentemente, como Mário imediatamente reconheceu, a criança da profecia — o mais notável romano de todos os tempos. Mário decidiu que tentaria frustrar esta parte da sua tão querida profecia.

O casamento de Sila com a filha mais nova do velho César, Julila, não foi feliz, sobretudo por causa da natureza febril e excessivamente dramática de Julila. Dois filhos nasceram desse casamento, uma rapariga e um rapaz. Amando Sila obsessivamente, Julila estava consciente de que o coração do marido não lhe pertencia inteiramente, embora não fizesse a mínima ideia das suas verdadeiras inclinações sexuais. A infelicidade arrastou-a para o alcoolismo e, à medida que os anos foram passando, tornou-se completamente dependente do vinho.

Foi então que se deu um episódio insólito: o jovem actor grego Metróbio foi visitar Sila na sua própria casa. Ao ver Metróbio, Sila fraquejou na sua decisão de nunca mais se envolver sexualmente com o actor. Sem que os dois homens se dessem conta disso, Julila viu-os fazendo amor. A mulher de Sila suicidou-se nesse instante. Posteriormente, Sila casou com uma viúva sem

filhos, uma mulher encantadora de excelentes famílias, Élia, a fim de que os filhos do seu primeiro casamento pudessem ter uma mãe.

Escauro Princeps Senatus teve um filho que foi considerado culpado de cobardia quando servia no exército de Catulo César, no Norte de Itália. com o desgosto, Escauro deserdou o jovem, que se suicidou. Escauro, agora perto dos sessenta anos, não perdeu tempo e casou com a noiva do filho, uma jovem de 17 anos, filha do irmão mais velho de Metelo Numídico, chamada Dalmática. Ninguém perguntou à jovem o que pensava desta união.

E o jovem Marco Lívio Druso, um aristocrata eminente, filho de um homem famoso, arranjou em 105 a.C. um duplo casamento: casou com a irmã do seu melhor amigo, o patrício Quinto Servílio Cepião, e este casou com a irmã de Druso, Lívia Drusa. Da união de Druso não nasceram filhos, mas Cepião e Lívia Drusa tiveram duas meninas, a mais velha das quais, Servília, viria a ser a mãe de Bruto e a amante do grande César.

ACONTECIMENTOS NARRADOS EM COROA DE ERVA

Estamos no ano de 98 a.C., quase dois anos depois dos acontecimentos com que termina O Amor e o Poder — mas dois anos em que não sucedeu nada de especialmente importante.

Sila sentia-se absolutamente entediado com os encantos e o caracter bondoso da sua segunda mulher, Élia, e atormentado pelo ardente desejo que o impelia para duas outras pessoas — o jovem actor grego Metróbio e a esposa de Marco Emílio Escauro Princeps Senatus, Dalmática, então com 19 anos. Porém, como a ambição e o sentimento de que tinha um destino a cumprir continuavam a sobrepor-se a todas as suas outras paixões, Sila tomou a inabalável decisão de não voltar a ver Metróbio, recusando-se também a encetar um caso amoroso com Dalmática.

Infortunadamente, Dalmática não era tão disciplinada e controlada como Sila, acabando por exibir em público as suas paixões, ao falar, sem qualquer pejo, do seu amor não correspondido por Sila. Escauro, humilhado, exigiu que Sila abandonasse Roma para que, de uma vez por todas, cessassem os boatos. Sila, porém, recusou-se a partir, pois considerava que não tinha a mínima culpa no caso e que Escauro se estava a comportar de uma forma muito pouco razoável. Tencionava disputar a eleição para o cargo de pretor e, por isso, tinha de permanecer em Roma. Embora sabendo perfeitamente que Sila estava inocente, o velho Escauro bloqueou a

sua eleição e encerrou Dalmática em casa.

Vendo que a sua carreira política se encontrava num impasse, Sila decidiu partir para a Hispânia Citerior como legado do governador dessa província, o belicoso Tito Dídio. Antes de abandonar Roma, Sila fez a corte a Aurélia, esposa de Caio Júlio César, mas foi rejeitado; furioso, deslocou-se a casa de Metelo Numídico (que acabara de regressar do exílio) e assassinou-o. Metelo Pio, o Bacorinho, não só não suspeitou de que Sila tinha sido o assassino do pai, como continuou a admirá-lo e a confiar nele.

A família César prosperava. Os dois filhos do velho César, Sexto e Caio, tinham avançado nas respectivas carreiras sob o patrocínio de Mário, embora isto implicasse que Caio permanecesse longe de Roma a maior parte do tempo. A sua mulher, Aurélia, dirigia a sua casa e velava eficientemente pelo bem-estar e educação das suas duas filhas e do seu admirável filho, o jovem César, o qual, desde a mais tenra idade, demonstrou uma inteligência e capacidades absolutamente surpreendentes. O único aspecto da vida de Aurélia que causava apreensões aos seus familiares e amigos era a inclinação que sentia por Sila, que a visitava freqüentemente porque a admirava muito.

Vivendo ainda um eclipse político, Caio Mário partiu para umas longas férias no Oriente, onde tencionava visitar várias regiões da Anatólia, acompanhado pela mulher, Júlia, e pelo filho, o jovem Mário.

Em Tarso, na Cilícia, Mário ficou a saber que o rei Mitridates do Ponto tinha invadido a Capadócia, assassinado o jovem monarca desse reino e sentado um dos seus muitos filhos no trono. Deixando a mulher e o filho entregues aos cuidados dos nômadas, Mário viajou praticamente só para a capital da Capadócia, onde, intrepidamente, enfrentou o rei Mitridates do Ponto.

Astuto e matreiro, Mitridates era uma curiosa mistura de cobarde e herói, de fanfarrão e medroso. Comandava vastas forças e alargara consideravelmente o seu reino à custa de todos os seus vizinhos, excepto Roma. Forjando uma aliança marital, Mitridates chegara a um acordo total com Tigranes, o rei da Armênia; os dois reis projectavam unir-se, derrotar Roma e, por fim, dividir o governo do mundo entre os dois.

Estes projectos megalómanos foram todos frustrados pelo encontro de Mitridates com Mário, um homem que, apesar de solitário, possuía a autoconfiança necessária para ordenar ao rei

do Ponto que abandonasse a Capadócia. Embora pudesse ter morto Mário, Mitridates meteu o rabo entre as pernas e regressou ao Ponto com o seu exército, enquanto Mário voltava para a mulher e o filho, assim reatando as suas férias.

Os problemas em Itália estavam a chegar a um ponto fulcral. Roma mantinha uma relação de suserania com as diversas nações semi-independentes que constituíam o xadrez da Itália peninsular. Os Aliados Italianos, como eram chamados, há muito que suportavam uma relação desigual com Roma e estavam perfeitamente cientes de que Roma os considerava inferiores. Roma exigia aos aliados que lhe fornecessem soldados e que pagassem as despesas com esses mesmos soldados, que Roma usava nas guerras no estrangeiro. No entanto, Roma tinha deixado de premiar os Aliados Italianos com a oferta da cidadania romana, e negava aos Italianos a paridade nos negócios, tal como todos os outros benefícios decorrentes da cidadania romana. Os dirigentes dos diversos povos italianos protestavam agora com vigor e resolução redobrados, exigindo um estatuto idêntico ao de Roma.

Marco Lívio Druso tinha um amigo, Quinto Poppaedius Silão, que era um italiano de elevada posição social; líder do seu povo, os Marsos, Silão estava determinado a lutar para que todos os Marsos se tornassem cidadãos romanos. E Druso compreendia a posição do amigo. Grande aristocrata romano, possuidor de vastas riquezas e de uma grande influência política, Druso estava seguro de que, com o seu apoio, os Italianos obteriam a liberdade e a igualdade por que há muito ansiavam.

No entanto, os problemas surgidos no seio da família de Druso acabariam por afectar os seus propósitos. A irmã de Druso, Lívia Drusa, fizera um casamento infeliz com o melhor amigo de Druso, Quinto Servílio Cepião (Cepião, a partir de certa altura, começou a bater-lhe); até que Lívia Drusa conheceu Marco Pórcio Catão, apaixonou-se e encetou com ele uma relação. Já mãe de duas meninas, Lívia Drusa ficou grávida de Catão e precipitou uma crise familiar. Cepião divorciou-se dela e deserdou as três crianças; Druso e a esposa apoiaram-na. Lívia Drusa casou-se depois com Catão e deu-lhe mais dois filhos, Pórcia e o jovem Catão (o futuro Catão Uticense).

Enquanto tudo isto se passava, Druso procurava convencer o Senado da justiça da reivindicação da cidadania romana por parte dos Italianos, mas após o escândalo de Lívia Drusa a sua tarefa tornou-se muito mais difícil, em conseqüência da súbita e feroz inimizade de Cepião.

Em 96 a.C., a mulher de Druso morreu. Em 93 a.C., morreu Lívia Drusa. Os seus cinco

filhos ficaram sob a custódia de Druso. Em 92 a.C., morreu Catão. Restavam apenas Cepião e Druso, agora inimigos.

Apesar de considerado demasiado velho para o cargo, Druso decidiu que a única forma de obter a igualdade para os Italianos era tornar-se tribuno da plebe e persuadir a Assembleia da Plebe a conceder a cidadania romana aos povos de Itália e a lutar contra a obstinada oposição do Senado. Dotado de uma paciência e de uma inteligência notáveis, Druso saiu-se muito bem da sua tarefa. Porém, alguns dos senadores mais reaccionários (incluindo Escauro, Catulo César e Cepião) estavam absolutamente decididos a minar a missão a que Druso se propusera. Precisamente na véspera da sua vitória, Druso foi assassinado no átrio da sua própria casa. Isto ocorreu em finais do ano de 91 a.C.

Os cinco filhos de Lívia Drusa, mais o filho adoptivo de Druso, Druso" Nero, testemunharam a horrenda cena da sua morte. A estas crianças restava apenas Cepião, mas Cepião recusou todo e qualquer relacionamento com elas. Por isso, ficaram a partir daí sob a custódia da mãe e do irmão mais novo de Druso, Mamerco Emílio Lépido Liviano. Em 90 a.C., Cepião morreu e, em 89 a.C., morreu a mãe de Druso. Agora restava apenas Mamerco. Quando a sua esposa se recusou a dar abrigo às crianças, Mamerco viu-se forçado a deixá-las em casa de Druso. A educação das crianças ficou assim a cargo de uma solteirona que era parente da família e da mãe desta, uma mulher terrível.

Sila regressara da Hispânia Citerior a tempo de ser eleito pretor urbano para o ano de 93 a.C. Em 92 a.C. (enquanto Druso lutava pela igualdade para toda a Itália), Sila foi enviado para o Oriente, a fim de governar a Cilícia. Foi aí que descobriu que Mitridates, fortalecido por cinco anos de inércia romana, voltara a invadir a Capadócia. Sila levou as suas duas legiões de tropas cilícias para a Capadócia, instalou-as num acampamento soberbamente fortificado e tratou de realizar manobras militares para amedrontar Mitridates, apesar da esmagadora superioridade do rei em efectivos. Pela segunda vez, Mitridates viu-se obrigado a olhar nos olhos de um romano solitário e a obedecer à ordem de regressar ao seu país. Pela segunda vez, Mitridates meteu o rabo entre as pernas e levou o seu exército de volta para o Ponto.

Porém, o genro de Mitridates, o rei Tigranes da Armênia continuava operacional e decidido a travar uma guerra. Sila conduziu as suas duas legiões até à Armênia, tornando-se assim

o primeiro romano a atravessar o Eufrates numa missão militar. No Tigre, perto de Amida, Sila encontrou e advertiu Tigranes; depois, junto ao Eufrates, em Zeugma, presidiu a uma conferência em que participaram também o rei Tigranes e os embaixadores do rei dos Partos. Nesta conferência, foi firmado um contrato segundo o qual todas as terras a leste do Eufrates permaneceriam sob o domínio dos Partos e todas as terras a oeste do mesmo rio ficariam sob a alçada dos Romanos. Sila ouviu também, por essa altura, as profecias de um famoso adivinho caldeu: ele seria o homem mais poderoso entre o oceano Atlântico e o rio Indo e morreria no auge da sua fama e prosperidade.

com Sila, encontrava-se o filho do seu casamento com Julila. Este adolescente era a luz da vida de Sila. Porém, depois do regresso de Sila a Roma (onde encontrou um Senado indiferente aos seus feitos e ao seu magnífico tratado), o jovem Sila morreu tragicamente. A perda do filho foi um golpe terrível para Sila, que via assim desfazer-se o último vestígio da sua relação com os Césares, se não contarmos com as suas esporádicas visitas a Áurélia. Durante estas visitas, tinha agora oportunidade de conversar com o filho dela, o jovem César, que o impressionava fortemente.

A Guerra Italiana eclodiu com uma série de tremendas derrotas para Roma. No início do ano de 90 a.C, o cônsul Lúcio César tomou o comando das operações de guerra a Sul (na Campânia), sendo Sila o seu legado sénior. O teatro norte das operações (Piceno e Etrúria) foi sucessivamente comandado por vários homens, mas todos eles se revelaram lamentavelmente inadequados para o cargo.

Caio Mário desejava ardentemente comandar as operações a Norte, mas os seus inimigos do Senado continuavam a ser muito fortes. Viu-se obrigado a servir como um mero legado e a suportar uma série de afrontas por parte dos seus comandantes. Porém, um a um, todos estes comandantes iam caindo devido às derrotas sofridas (e, como no caso de Cepião, alguns morreram mesmo), enquanto Mário persistia no treino das tropas, muito inexperientes e temerosas. Esperando pela sua oportunidade. Quando esta surgiu, ele não a deixou escapar. Associado a Sila (que lhe fora emprestado), obteve para Roma a primeira vitória significativa da guerra. Um dia depois desta vitória, Mário sofreu a sua segunda trombose — muito mais grave que a primeira — e viu-se forçado a retirar-se do palco de operações. Este acidente agradou muito a Sila, pois Mário recusava-se a considerá-lo um verdadeiro general, ainda que Sila tivesse

comandado todas as vitórias na zona sul do palco de guerra (sempre em nome de outra pessoa).
Em 89 a.C., a guerra começou a tornar-se favorável a Roma, especialmente na região sul. Sila recebeu a mais alta condecoração militar de Roma, a Coroa de Erva, concedida pelas suas tropas diante da cidade de Nola, e a maior parte das terras da Campânia e da Apúlia foram subjugadas. Os dois cônsules de 89 a.C., Pompeu Estrabão e Catão, tiveram evoluções muito diversas. Catão, o Cônsul, foi assassinado pelo jovem Mário para evitar uma derrota militar; Mário obteve a libertação do filho subornando o comandante provisório das tropas, Lúcio Cornélio Cina. Cina, um homem honrado apesar deste episódio, seria desde então um partidário de Mário — e um inimigo de Sila.
O cônsul sénior de 89 a.C., Pompeu Estrabão, tinha um filho de 17 anos, Pompeu, que adorava o pai e insistia em lutar a seu lado. Em 90 a.C., tinham cercado a cidade de Ásculo Picentino, onde foram cometidas as primeiras atrocidades da Guerra Italiana. com eles, encontrava-se um jovem de 17 anos, Marco Túlio Cícero, o mais inepto e desmotivado dos guerreiros, que Pompeu protegia da ira e do desprezo do pai. Cícero nunca mais esqueceria a bondade do amigo, bondade que ditou muita da sua orientação política. Quando Ásculo Picentino caiu em 89 a.C., Pompeu Estrabão executou todos os habitantes do sexo masculino e expulsou da cidade todas as mulheres e crianças, deixando-as levar apenas a roupa que traziam vestida; este incidente ficou gravado nos anais de uma guerra terrível.
Porém, no ano de 88 a.C., quando Sila foi finalmente eleito cônsul, ao lado de Quinto Pompeu Rufo, Roma pôde clamar vitória na guerra contra os seus Aliados Italianos. Não sem ceder aquilo que a levara a travar aquela guerra: de facto, os Italianos passaram a ser considerados — pelo menos teoricamente — cidadãos romanos, com todos os direitos e deveres que isso implicava.
A filha de Sila e Julila, Cornélia Sila, estava apaixonada pelo seu primo, o jovem Mário, mas Sila obrigou-a a casar com o filho do seu colega cônsul; deste casamento nasceram uma rapariga, Pompeia (mais tarde, a segunda esposa do grande César), e um rapaz.
Agora com 10 anos de idade, o jovem César foi mandado pela sua mãe para junto do tio Mário, a fim de o ajudar a recuperar dos efeitos da segunda trombose. O jovem César revelou-se um aluno ávido dos ensinamentos de Mário sobre a arte da guerra. Tendo sempre presente a profecia de Marta, Mário, depois de toda aquela convivência com o sobrinho, sentiu-se ainda

mais determinado a frustrar a futura carreira política e militar do jovem César.

Furioso com um comentário inócuo da sua esposa Élia, Sila divorciou-se inopinadamente dela — invocando esterilidade. O velho Escauro tinha morrido e, por isso, Sila casou-se com a viúva dele, Dalmática. Quase toda a Roma censurava Sila pelo seu comportamento em relação a Élia (que era muito admirada), mas Sila pouco se importou com isso.

Sabendo que Roma se encontrava totalmente virada para a guerra contra os Aliados Italianos, o rei Mitridates do Ponto invadiu a província romana da Ásia no ano de 88 a.C. e matou todos os homens, mulheres e crianças, romanos e italianos, que lá viviam. O total de romanos e italianos mortos foi de oitenta mil, para além de setenta mil escravos.

Quando a notícia desta carnificina chegou a Roma, o Senado reuniu-se para decidir quem iria comandar o exército que haveria de enfrentar Mitridates. Considerando-se inteiramente recuperado da trombose, Mário insistiu que deveria ser ele a comandar essas tropas. O Senado, sensatamente, ignorou esta peremptória exigência e entregou a chefia das tropas ao cônsul sénior, Sila. Uma afronta que Mário não perdoou; Sila passou a engrossar a lista dos seus inimigos declarados.

Compreendendo que era capaz de derrotar Mitridates, Sila aceitou o comando com grande satisfação, e preparou-se para deixar a Itália. Mas o Tesouro estava vazio e os fundos de Sila eram demasiado escassos, apesar de muitas das terras públicas à volta do Fórum Romano terem sido vendidas para pagar ao seu exército; as riquezas de que Sila precisava para pagar ao seu exército viriam do saque dos templos da Grécia e Epiro. O exército de Sila era relativamente pequeno.

Nesse mesmo ano, 88 a.C., surgiu um outro tribuno da plebe que ficaria famoso — Sulpício. Este conservador só se tornaria um radical depois de o rei do Ponto ter ordenado a matança de todos os habitantes da Província da Ásia — porque Sulpício verificara que um rei estrangeiro não tinha feito qualquer distinção entre Romanos e Italianos, condenando-os a todos à morte. Sulpício decidiu, então, que o Senado devia ser criticado pela oposição de Roma à concessão da cidadania a todos os Italianos e concluiu que o Senado teria de ser demitido. Não podia haver nenhuma diferença entre um romano e um italiano, já que um rei estrangeiro não encontrara nenhuma diferença entre eles. Assim, Sulpício tratou de promulgar leis, através da

Assembleia da Plebe, que afastavam tantos homens do Senado que este acabou por não ter quoro para reunir. Perante um Senado impotente, Sulpício tratou de fomentar o poder eleitoral e político dos novos cidadãos italianos. Mas tudo isto se passou no meio de confrontos sangrentos no Fórum Romano, e o jovem marido da filha de Sila, Cornélia Sila, foi morto numa dessas confrontações.

Sem perder tempo, Sulpício aliou-se a Mário e conseguiu que a Assembleia da Plebe promulgasse uma outra lei — uma lei que retirava o comando da guerra contra Mitridates a Sila e o concedia a Mário. Apesar de ter quase 70 anos e de estar muito afectado pela doença, Mário não estava disposto a permitir que outro homem conduzisse a guerra contra Mitridates — e em especial quando esse homem era Sila.

Sila encontrava-se na Campânia a organizar o seu exército quando soube da nova legislação. Tomou então uma grave decisão: marcharia sobre Roma. Em seiscentos anos de história, nunca nenhum romano tomara uma tal decisão. Mas Sila fá-lo-ia. Os seus oficiais recusaram-se a apoiá-lo, com uma única excepção, o seu leal questor, Lúcio Licínio Lúculo, mas os soldados estavam fervorosamente ao seu lado.

Em Roma, ninguém acreditava que Sila ousasse lançar uma guerra contra a sua própria terra natal. Por isso, quando Sila e o seu exército se abeiraram das muralhas da cidade, gerou-se um movimento de pânico. Incapazes de chamar às suas hostes soldados profissionais, Mário e Sulpício viram-se obrigados a armar antigos gladiadores e escravos para organizarem a resistência a Sila. Mas Sila invadiu a cidade, derrotou aquela heterogênea oposição e conquistou Roma. Mário, Sulpício, o velho Bruto e alguns outros homens tiveram de fugir. Sulpício foi apanhado antes de conseguir deixar a Itália. Morreu decapitado. Mário, depois de uma terrível provação na cidade de Minturnas, conseguiu atingir as costas de África, acompanhado do filho e de outros homens. Depois de muitas aventuras, encontraram abrigo junto dos veteranos que Mário instalara em Cercina.

Como virtual dono de Roma, o pior acto de Sila foi exibir a cabeça de Sulpício no Fórum Romano, com o objectivo de aterrorizar os seus adversários (e em particular Cina) e persuadi-los assim a obedecer às suas ordens. Sila revogou todas as leis de Sulpício e promulgou novas leis, ultraconservadoras, tendo em vista reinstaurar o poder do Senado e desencorajar futuros tribunos da plebe com ideias radicais. Satisfeito por ter feito o que podia para apoiar e

fortalecer o tradicional governo republicano, Sila partiu finalmente para o Oriente e para a guerra contra Mitridates no ano de 87 a.C. Antes, porém, teve ainda tempo para casar a sua filha, uma viúva recente, com Mamerco, irmão do falecido Druso e tutor das crianças que este deixara órfãs.

O exílio de Mário, do jovem Mário, do velho Bruto e dos seus companheiros durou cerca de um ano. Sila tentara impor uma última medida para apoiar a sua constituição, apressadamente elaborada e aprovada — tentou que fossem eleitos cônsules para o ano de 87 a.C. homens que lhe fossem comprovadamente leais. No caso do cônsul sénior, Cneu Octávio Rusão, teve êxito; mas os eleitores mais meticulosos reelegeram Cina como cônsul júnior, e Sila sabia que este homem era adepto de Mário. Por isso, tentou assegurar- se da lealdade de Cina à nova constituição, obrigando-o a fazer um juramento sagrado segundo o qual apoiaria o texto aprovado — um juramento que Cina tornou nulo e sem valor, pois, enquanto o fazia, segurava na mão uma pedra.

Logo que Sila embarcou para o Oriente, na Primavera de 87 a.C., eclodiram em Roma os conflitos. Cina abrogou o seu juramento e opôs-se abertamente a Cneu Octávio e aos seus apoiantes ultraconservadores — homens como Catulo César, Públio Crasso, Lúcio César. Cina foi expulso de Roma e prescrito, mas os ultraconservadores não trataram de se preparar militarmente. Cina preparou-se; juntou um exército e cercou a cidade. Mário regressou imediatamente do exílio, desembarcando na Etrúria, onde juntou também um exército e marchou na direcção de Roma, a fim de ajudar Cina e os seus apoiantes Quinto Sertório e Cneu Papírio Carbão.

Os ultraconservadores, desesperados, pediram a Pompeu Estrabão, que se encontrava em Piceno, que os viesse salvar, já que ele continuava a manter um exército de leais vassalos. Acompanhado pelo seu filho Pompeu, Pompeu Estrabão marchou na direcção de Roma. Porém, mal chegou aos arredores da cidade, nada fez para travar uma batalha contra Cina, Mário, Carbão e Sertório. Tudo o que fez foi instalar-se num enorme e insalubre acampamento, à saída da Porta Colina, e causar problemas aos habitantes das colinas do Norte de Roma, poluindo a sua água e causando uma terrível epidemia de febre entérica.

O cerco de Roma arrastou-se durante algum tempo, mas, finalmente, registou-se uma batalha entre Pompeu Estrabão e Sertório. Esta batalha não chegou a terminar já que Pompeu Estrabão adoeceu a meio com febre entérica e acabou por morrer. Ajudado pelo seu amigo

Cícero, o jovem Pompeu preparava-se para enterrar o pai; porém, o povo das devastadas colinas do Norte de Roma roubou o cadáver, despiu-lhe todas as roupas, atou-o a um burro e fê-lo assim arrastar-se pelas ruas da cidade. Depois de uma busca frenética, Pompeu e Cícero encontraram o cadáver. Pompeu, ultrajado, abandonou Roma, levando o cadáver do pai e o seu exército de regresso a Piceno.

Privada do exército de Pompeu Estrabão, Roma era incapaz de resistir por mais tempo e, de facto, acabou por render-se a Cina e Mário. Cina entrou na cidade imediatamente. Mário recusou-se a fazê-lo, argumentando que, oficialmente, continuava a ser um prescrito e que só abandonaria a protecção dos seus soldados quando Cina tivesse não só revogado a lei que o condenara ao exílio, mas também conseguido que ele fosse eleito cônsul pela sétima vez, tal como a profecia ditara. Sertório recusou-se também a entrar na cidade, mas não por causa dos acontecimentos; Sertório, que era primo de Mário, tinha-se apercebido de que Mário estava louco, de que o seu cérebro tinha sido minado pela segunda trombose. Compreendendo que os soldados obedeceriam mais depressa a Mário que a ele próprio, Cina não teve outra hipótese senão aprovar a ”eleição” de Mário, que seria assim seu colega no consulado do ano 86 a.C., que estava prestes a começar. E, no dia do ano novo, Mário entrou em Roma como cônsul pela sétima vez; a profecia cumprira-se. com ele, trazia cinco mil antigos escravos fanaticamente devotados à sua causa.

Registou-se pouco depois um banho de sangue como Roma nunca vira. Atacado de loucura, Mário ordenou aos seus antigos escravos que matassem todos os seus inimigos e muitos dos seus amigos; muitas cabeças foram então expostas: entre elas, as de Catulo César, Lúcio César, César Estrabão, Públio Crasso e Cneu Octávio Rusão.

Caio Júlio César, pai do jovem César, regressou a Roma no meio da carnificina. Mário ordenou-lhe que fosse ter com ele ao Fórum Romano. Nesse encontro, Mário informou-o de que o seu filho, então com 13 anos, deveria ser ordenado flamen Dialis, o sacerdote de Júpiter Optimus Maximus, principal divindade de Roma. Aquele velho louco tinha encontrado o processo ideal para impedir o jovem César de seguir uma carreira política ou militar bem sucedida. O flamen Dialis estava proibido de tocar em ferro, de cavalgar um cavalo, de usar uma arma ou de assistir a uma morte (para além de uma série de outros tabus); não podia combater num campo de batalha nem disputar nenhuma eleição para um cargo de executivo curul. Como,

no momento da investidura e consagração, o flamen Dialis tinha de se casar com uma patrícia, Mário ordenou a Cina (um patrício) que desse a mão da sua filha de 7 anos, Cinila, ao jovem César. As duas crianças foram imediatamente casadas, após o que o jovem César foi formalmente consagrado como flamen Dialis e a sua esposa Cinila ordenada flaminica Dialis.

Poucos dias tinham passado sobre o início do seu sétimo consulado quando Caio Mário sofreu uma terceira e fatal trombose. Morreu no décimo terceiro dia de Janeiro. O seu primo Sertório conduziu então a matança do bando de antigos escravos e o banho de sangue acabou. Cina escolheu Valério Flaco para substituir Mário e encetou o processo de recuperação de uma Roma fortemente abalada. O jovem César, agora flamen Dialis e casado, tinha à sua espera um futuro árido e decepcionante, já que teria de ser servo de Júpiter Optimus Maximus durante toda a vida.

CRÓNICA DOS ACONTECIMENTOS ENTRE 86 A.C. E 83 A.C.

Ajustando-se satisfatoriamente à nova situação, Cina assumiu o controlo de um Senado particularmente reduzido; de todas as leis de Sila, revogou apenas algumas e, por outro lado, o Senado pôde continuar a existir. Sob a égide de Cina, o Senado retirou formalmente a Sila o comando da guerra contra o rei Mitridates e autorizou o outro cônsul, Flaco, a levar quatro legiões para o Oriente e a substituir Sila. O legado sénior de Flaco nesta empresa era Fímbria, um homem selvático e indisciplinado que, no entanto, era muito querido pelos seus soldados.

Porém, quando Flaco e Fímbria chegaram à Macedónia Central, decidiram não seguir para sul, ou seja, para a Grécia (onde Sila estava instalado com o seu exército); em vez disso, continuaram a marchar através da Macedónia, na direcção do Helesponto e da Ásia Menor. Absolutamente incapaz de controlar Fímbria, Flaco viu-se na posição de subordinado em relação ao seu próprio subordinado. Quando chegaram a Bizâncio, Flaco e Fímbria eram já dois inimigos declarados. A última e fatal desavença ocorreu precisamente em Bizâncio. Flaco foi assassinado e Fímbria assumiu o comando. Atravessou a Ásia Menor e encetou — com muito êxito — a guerra contra o rei Mitridates.

Sila tinha ficado paralisado na Grécia, que recebera de braços abertos os generais e os exércitos de Mitridates e que agora albergava uma gigantesca força ao serviço do rei. A cidade de Atenas passara para o partido do inimigo: Sila cercou-a. Atenas acabou por cair após uma trágica resistência. Sila obteve então duas vitórias espantosas na região do lago Orcómeno, na Beócia.

O legado de Sila, Lúculo, tinha entretanto reunido uma esquadra e infligido também várias derrotas às forças do Ponto. A certa altura, Fímbria conseguiu cercar Mitridates em Pítane e pediu a Lúculo que o ajudasse a capturar o rei, bloqueando o porto. Lúculo, orgulhosamente, recusou-se a colaborar com um romano que, do seu ponto de vista, não fora legalmente nomeado. Por isso, Mitridates conseguiu fugir por via marítima.

No Verão de 85 a.C., Sila tinha já expulso os exércitos pônticos da Europa e ele próprio entrara já na Ásia Menor. A 5 de Agosto (Sextilis), o rei do Ponto aceitou o Tratado de Dárdano, que o obrigava a retirar para as suas próprias fronteiras e a não sair de lá. Posteriormente, Sila lançou-se no encalço de Fímbria, até que este, desesperado, se suicidou; proibindo as tropas de Fímbria de regressar a Itália, Sila incorporou-as num exército que operaria de forma permanente na Província da Ásia e na Cilícia.

Sila tinha perfeita consciência de que o rei Mitridates não estava de forma nenhuma acabado quando, pelo Tratado de Dárdano, se viu obrigado a retirar para o seu país. Contudo, estava também consciente de que se permanecesse muito mais tempo no Oriente, perderia todas as hipóteses de recuperar a posição a que, segundo ele, tinha direito em Roma. A sua mulher, Dalmática, e a filha, Cornélia Sila, tinham sido obrigadas a fugir e a juntar-se a ele, sob a escolta de Mamerco; a casa de Sila havia sido saqueada e incendiada; os seus bens tinham sido confiscados (no entanto, Mamerco conseguira esconder em local seguro a maior parte desses bens); e o seu estatuto era agora o de um prescrito destituído da cidadania romana e sob interdição. O mesmo se aplicava aos seus adeptos; muitos dos membros do Senado tinham também fugido de Roma a fim de se juntarem a Sila, pois não estavam dispostos a viver sob a administração de Cina. Entre os refugiados, encontravam-se Ápio Cláudio Fulcro, Públio Servílio Vátia e Marco Licínio Crasso, este último vindo da Hispânia.

Assim, Sila não tinha outra alternativa senão virar costas a Mitridates e regressar a Roma; projectava fazê-lo em 84 a.C., mas uma doença grave obrigou-o a permanecer na Grécia durante mais um ano, atormentado com o facto de uma tão longa ausência proporcionar a Cina e aos seus adeptos mais tempo para prepararem a guerra. A Itália não era suficientemente grande para conter duas facções que se opunham tão ferozmente. Por isso, a guerra era inevitável: nenhuma dessas facções estava disposta a perdoar e a esquecer para que a paz fosse preservada. Cina e a Roma dessa época compreenderam também que a guerra contra Sila era

inevitável. Quando Cina teve conhecimento da morte do seu colega no consulado, Valério Flaco, escolheu, para preencher o cargo, um homem muito mais forte que o seu antecessor: Cneu Papírio Carbão. Cina e Carbão, contando com o apoio do dócil Senado, decidiram que teriam de lutar contra Sila antes que este chegasse a Itália, ainda exausta com a recente Guerra Italiana. com o objectivo de deter Sila na Macedónia Ocidental, antes que ele pudesse atravessar o mar Adriático, Cina e Carbão começaram a recrutar um vasto exército, que enviaram para a Ilíria, a norte da Macedónia Ocidental.

Porém, o recrutamento era lento, em particular no feudo do falecido Pompeu Estrabão, Piceno. Considerando que a sua presença atrairia mais voluntários, Cina viajou até Ancona a fim de supervisionar o alistamento. O filho de Pompeu Estrabão, Pompeu, foi então visitar Cina, aparentemente brincando com a ideia de se alistar no seu exército. Contudo, não chegou a alistar-se. Pouco tempo depois, Cina morreu em Ancona em circunstâncias envoltas em raistério.

Carbão apossou-se então das rédeas do governo de Roma e do Senado, mas decidiu que Sila teria de ser autorizado a desembarcar em Itália. A guerra contra ele teria de ser travada em solo italiano. As tropas regressaram então da Ilíria e Carbão elaborou os seus planos. Depois de garantir a eleição de dois cônsules inofensivos, Cipião Asiágeno e Caio Norbano, Carbão foi governar a Gália Italiana e instalou-se, com o seu exército, na cidade portuária de Arimino.

A cena estava já devidamente montada. Vejamos agora o que sucedeu...

DE ABRIL DE 8 A DEZEMBRO DE

erguia-se sobre o cabelo espetado, como que vigilante. Os olhos azuis, também vigilantes, inspeccionavam a mulher. Assim era Pompeu: de um momento para o outro, passava de um estado de morte aparente a uma vigilância inexcedível. Hábitos de soldado. — Que foi? — perguntou de novo.

— Uma mensagem urgente. Esperam-te no átrio.

Não tinha ainda Antístia terminado a frase e já Pompeu estava de pé, calçando as sandálias e deixando cair a túnica, descuidadamente, por sobre os ombros sardentos. E num instante se foi, deixando a porta aberta.

Por um momento, Antístia ficou onde estava, sem saber o que fazer. O marido não levara a vela — ele via na escuridão tão bem como um gato — e, por isso, não havia nada que a impedisse de o seguir, a não ser o facto de saber que, provavelmente, ele não gostaria que ela

procedesse assim. Pois bem, tanto fazia que ele gostasse como não gostasse! com certeza que as esposas tinham o direito de partilhar com os maridos as notícias importantes, e esta só podia ser importante, pois tinham-no acordado de propósito! Num instante, levantou-se, saiu do quarto e, com o pequeno castiçal na mão, avançou pelo imenso corredor de pedra, mal distinguindo o caminho, pois a luz era muito fraca. Uma esquina primeiro, depois um lanço de escadas e, de súbito, Antístia estava já fora da agreste fortaleza gaulesa e penetrava na civilizada villa romana, com as suas belas paredes rebocadas e pintadas.

Luzes brilhavam por todo o lado; o trabalho dos escravos tinha produzido algum efeito.

E ali estava Pompeu, vestido apenas com uma túnica, apesar de mais parecer a personificação de Marte — ah, ele era um homem maravilhoso!

Era até possível que ele viesse a contar-lhe o que se passava, já que o olhar dele parecia significar que aceitava a sua presença. Porém, nesse mesmo momento, surgiu Varrão, esbaforido, e Antístia percebeu que era demasiado tarde para poder partilhar com o marido as razões de tamanha excitação.

— Varrão! Varrão — exclamou Pompeu. Depois, soltou um grito de alegria, um grito penetrante, estranho e misterioso, sem nada de romano; um grito idêntico ao que os Gauleses davam, muitos anos antes, quando se espalharam pelos Alpes e conquistaram vastas regiões de Itália, incluindo o Piceno, a terra de Pompeu.

Antístia assustou-se, arrepiou-se. Tal como Varrão, reparou ela.

Que aconteceu?

Sila desembarcou em Brindísio!

Brindísio! Como é que sabes?

Mas que importância é que isso tem? — perguntou Pompeu, atravessando o chão de mosaicos para apertar o pequeno Varrão pelos ombros, abanando-o dos pés à cabeça. — Ei-la, Varrão! A aventura começou!

Aventura? — retorquiu Varrão, embasbacado. — Ora, Magno, vê se cresces! Não é uma aventura, é uma guerra civil — e uma vez mais em solo italiano!

— Estou-me marimbando! — exclamou Pompeu. — Para mim, é uma aventura. Ah, Varrão, se tu soubesses o quanto eu desejava essas notícias! Desde que Sila partiu que a Itália tem estado tão sossegada e dócil como um cãozinho de estimação de uma virgem vestal!

— E o cerco de Roma? — perguntou Varrão, ainda boquiaberto de espanto.

Toda a feliz excitação que até então mostrara desapareceu num instante do rosto de Pompeu; os seus braços caíram; recuou e lançou um olhar sombrio a Varrão.

— Daria tudo para esquecer o cerco de Roma! — atirou-lhe. — Arrastaram o corpo nu do meu pai, preso a um burro, por aquelas ruas malditas!

O pobre Varrão enrubesceu tanto que o vermelho das faces lhe subiu ao crânio calvo.

— Oh, Magno, perdoa-me! Eu não... eu não queria... afinal sou teu convidado... por favor, perdoa-me!

Mas o momento de mau humor tinha já passado. Pompeu desatou a rir e, amigavelmente, bateu nas costas de Varrão.

— Ah, sim, eu sei que tu não tiveste nada a ver com aquilo! A vasta sala estava gelada; Varrão apertava os braços contra o corpo.

— O melhor será eu ir para Roma imediatamente. Pompeu fitou-o.

— Para Roma? Tu não vais nada para Roma, tu vais comigo! Que achas tu que vai acontecer em Roma? Uma quantidade de ovelhas a balir, as velhas do Senado discutindo durante dias a fio — vem comigo, será muito mais divertido!

— E para onde é que tu estás a pensar ir?

— É claro que vou ter com Sila.

— Para isso não precisas de mim, Magno. Monta o teu cavalo e põe-te a caminho. Sila dar-te-á de bom grado um lugar entre os seus tribunos militares júniores. Disso estou eu certo. Tu és um homem de acção, já tens muita experiência nesse campo.

— Oh, Varrão! — As mãos nervosas de Pompeu denunciavam a sua exasperação. — Eu não vou ter com Sila para ser um tribuno militar júnior! Euvou levar-lhe mais três legiões! Eu, lacaio de Sila? Nunca! Tenciono ser seu parceiro a cem por cento nesta empresa.

Esta surpreendente notícia deixou a esposa de Pompeu tão estarrecida como o seu amigo e convidado; Antístia quase deixava que o seu choque se exprimisse, mas sufocou a tempo o grito. Por isso, correu para um sítio onde Pompeu a não pudesse ver. Ele já se tinha esquecido da sua presença e ela queria ouvir. Precisava de ouvir.

Durante os dois anos e meio que tinha sido sua esposa, Pompeu estivera longe dela não mais que um dia e apenas numa ocasião. Ah, que bom que isso era, que maravilha! Todas as

atenções do marido iam para ela! Ele mimava-a e ralhava-lhe como a uma criança, e deixava-a toda em desalinho, a roupa amarrotada, o cabelo despenteado, e estreitava-a nos seus braços, e mordiscava-a, e dava-lhe palmadas e fazia-a cair com ele no chão... Sim, aquilo era como um sonho. Quem poderia alguma vez ter imaginado uma coisa assim? Ela, a filha de um senador que tinha uma posição apenas média e uma fortuna sofrível, casada com Cneu Pompeu, que a si próprio dera o cognome de Magno! Rico o bastante para casar com quem muito bem entendesse, o senhor de meia Úmbria e Piceno, tão belo e atraente que toda a gente o achava uma reincarnação de Alexandre, o Grande — ah, que marido tinha o pai encontrado para ela! E depois de muitos anos de desespero, de muitos anos em que ela pensara que nunca encontraria um marido interessante, pois tão pequeno era o seu dote.

Claro que ela sabia por que motivos Pompeu casara com ela; Pompeu precisara de um grande favor do pai dela. Este, de facto, fora o juiz que presidira ao julgamento de Pompeu. É evidente que toda aquela história tinha sido inventada, fabricada — toda a Roma o sabia. Mas Cina precisava desesperadamente de avultadas somas para financiar a sua campanha de recrutamento e a fortuna do jovem Pompeu constituiria uma óptima fonte de financiamento. Foi por isso que o jovem Pompeu acabou por ser indiciado na base de acusações que, na realidade, deveriam ter sido dirigidas ao pai, Pompeu Estrabão — acusações de que se tinha apropriado ilegalmente de parte dos despejos da cidade de Ásculo Picentino. Designadamente, uma rede de caça e uma quantidade de livros. Enfim, ninharias. O que estava em causa não era a magnitude da ofensa, mas sim a multa; se Pompeu fosse considerado culpado, os agentes de Cina escolhidos para decidirem o castigo estavam à vontade para lhe aplicar uma multa capaz de o deixar sem um sestércio.

Um homem mais romano teria tratado de disputar o caso em tribunal e, se necessário, teria subornado o júri; mas Pompeu — cujo rosto proclamava claramente a Gália que havia no seu ser — preferira casar-se com a filha do juiz. O casamento ocorrera em Outubro. Novembro e Dezembro foram passando e o pai de Antístia foi conduzindo o julgamento com uma inércia inexcedível. Na realidade, o julgamento do genro nunca chegou a realizar-se, sempre adiado por presságios funestos, por acusações de jurados corruptos, por assembleias do Senado, por sezões e pestes. Daí resultou que, em Janeiro, o cônsul Carbão tratou de convencer Cina a procurar noutras paragens o dinheiro de que desesperadamente precisavam. A ameaça à fortuna de

Pompeu eclipsara-se.

Antístia não fizera ainda os 18 anos quando acompanhou aquele fascinante troféu marital até às suas terras do Nordeste da península itálica. Aí, na assustadora fortaleza de Pompeu, nesse bloco imenso de pedra negra, Antístia mergulhou apaixonadamente nas delícias de ser a esposa de Pompeu. Afortunadamente, era uma jovem bonita, bem feita de curvas, com covinhas no rosto, e na idade perfeita para os jogos de cama. Por isso, a sua felicidade permaneceu intacta durante um longo período. E quando as ferroadas da inquietação começaram a intrometer-se nessa felicidade, não eram do seu adorado Magno que provinham, mas sim dos seus fiéis assistentes, criados e armeiros, que não só a desprezavam como pareciam sentir-se perfeitamente à vontade para manifestar esse desprezo. De qualquer modo, não era nada que ela não conseguisse suportar — desde que Pompeu estivesse por perto, desde que, todas as noites, pudesse estar com ela. Agora, porém, ele dizia que ia para a guerra, que ia formar legiões, que ia aliar-se à causa de Sila! Que iria ela fazer sem o seu adorado Magno para a proteger do desdém daquela gente?

Pompeu estava ainda a tentar convencer Varrão de que a melhor alternativa era acompanhá-lo, mas Varrão, o afectado e pedante Varrão — um homem com uma mente tão velha quando afinal não tinha estado no Senado mais do que dois anos! — continuava a resistir.

— Quantos soldados tem Sila? — perguntou Varrão.

— Cinco legiões de veteranos, seis mil soldados de cavalaria, alguns voluntários da Macedónia e do Peloponeso, e cinco coortes de Hispânicos que pertencem àquele intrujão que dá pelo nome de Marco Crasso. À volta de trinta e nove mil homens, no total.

Uma resposta que provocou em Varrão um gesto largo e irado.

— Repito o que disse, Magno: vê se cresces, vê se cresces! — exclamou. — Eu acabo de chegar de Arimino, onde Carbão se instalou com oito legiões e uma impressionante força de cavalaria — e isso é só o princípio! Só na Campânia há mais dezasseis legiões! Cina e Carbão andaram a reunir tropas durante três anos — há cento e cinqüenta mil homens armados na Itália e na Gália Italiana! Como poderá Sila enfrentar tantos soldados?

— Sila vai dar cabo deles — retorquiu Pompeu, muito pouco impressionado. — Além disso, euvou levar-lhe três legiões de veteranos do meu pai, gente que a guerra endureceu. Os soldados de Carbão não passam de crianças.

— Vais realmente constituir o teu próprio exército?

— Claro que vou.

— Magno, tu só tens vinte e dois anos! Não estás por certo à espera que os veteranos do teu pai se alistem num exército teu!

— E porque não? — perguntou Pompeu, sinceramente espantado.

— Em primeiro lugar, porque te faltam oito anos para poderes entrar no Senado. Para poderes ser cônsul, faltam-te vinte anos. E mesmo que os soldados do teu pai aceitassem combater sob a tua chefia, propor-lhes isso é absolutamente ilegal. Tu és um cidadão privado e os cidadãos privados não constituem exércitos.

— Há mais de três anos que o governo de Roma é ilegal! — contrapôs Pompeu. — Cina foi já cônsul por quatro vezes, Carbão duas, Marco Gratidiano foi duas vezes pretor urbano, quase metade dos senadores foram prescritos, Ápio Cláudio foi banido com o seu império intacto, Fímbria andou pela Ásia Menor a fazer negócios com o rei Mitridates — ora, tudo isto não passa de uma grande brincadeira! Uma anedota! Uma anedota é o que isto é!

Varrão pôs um ar que fazia lembrar o de uma mula pomposamente arreada — o que não era difícil para um Sabino da rosea rura, onde as mulas abundavam.

O problema tem de ser resolvido constitucionalmente — retorquiu.

Pompeu soltou uma franca gargalhada.

— Oh, Varrão! Eu gosto muito de ti, mas não há dúvida que tu podes ser tudo menos realista! Se este problema pudesse ser resolvido constitucionalmente, por que raio é que haveria agora, na Itália e na Gália Italiana, cento e cinqüenta mil soldados?

Varrão fez de novo um gesto largo, só que desta feita era um gesto de derrota.

— Pois muito bem! Irei contigo!

Pompeu sorriu com todos os dentes, pôs o braço à volta dos ombros de Varrão e conduziu-o na direcção do corredor que dava acesso aos seus aposentos.

— Magnífico! Magnífico! Vais poder escrever a história das minhas primeiras campanhas — tu és melhor estilista que o teu amigo Sisena. Eu sou o homem mais importante da nossa época: mereço ter o meu próprio historiador a meu lado.

Mas Varrão tinha a última palavra.

— Tu tens de ser importante! Caso contrário, como é que justificadas o cognome de

Magno? — perguntou, rindo a bom rir. — O Grande! Aos vinte e dois anos, o Grande! Se pensarmos que o teu pai só conseguiu que lhe chamassem Vesgo!

Pompeu ignorou o chiste, pois já estava ocupado com o chefe dos criados e o armeiro, dando-lhes um sem-número de instruções.

Só então é que o átrio, vividamente pintado e adornado, ficou vazio de gente. Só lá estavam Pompeu e Antístia. Pompeu foi ter com ela.

— Minha gatinha tonta, vais ficar constipada! — ralhou-lhe, dando-lhe um beijo terno.

— Volta para a cama, meu bolinho de mel. — Não queres que te ajude a preparar as coisas? — perguntou ela num tom desolado.

— Os meus homens farão isso por mim, mas podes ficar a ver.

Desta feita, o caminho foi iluminado por um criado que segurava um castiçal cheio de velas; encostando-se a Pompeu, Antístia (segurando ainda o seu pequeno castiçal) acompanhou-o à sala onde se encontravam todos os seus atavios de guerra. Uma colecção imponente. Dez armaduras diferentes suspensas de armações de madeira, em forma de T, armaduras em ouro, prata, aço, e também em couro, presas com phalerae — e espadas e capacetes pendurados em pregos, e saiotes de correias de couro e vários tipos de roupa interior acolchoada.

— Agora fica aqui muito sossegadinha — disse Pompeu, erguendo a mulher como se fosse uma pena e sentando-a em cima de um baú enorme, tão alto que os seus pés não chegavam ao chão.

E Antístia para ali ficou, esquecida. Pompeu e os seus criados passaram em revista todos os atavios — seria esta peça de alguma utilidade, seria estoutra necessária? Quando acabou de revistar todos os outros baús espalhados pela sala, Pompeu conduziu descuidadamente a mulher para outro poiso, a fim de examinar o conteúdo do baú em que ela estivera sentada. E lá continuou a atirar os mais variados adereços para os escravos que permaneciam à espera, enquanto ia falando consigo mesmo com tanta alegria que Antístia bem podia perder as ilusões de que ele sentiria saudades da esposa, do lar ou da vida civil. Claro que ela sempre soubera que ele se considerava, acima de tudo, um soldado, que ele desprezava as actividades mais rotineiras dos seus pares — retórica, leis, governo, assembleias, as intrigas e manobras da política. Quantas vezes não o tinha ouvido dizer que havia de chegar à cadeira de marfim de cônsul pelos seus feitos guerreiros e não pelas belas palavras ou pelas frases vazias? E agora, ei-lo que punha em

prática o que até então alardeara, a vaidade de um soldado, filho de outro soldado, prestes a ir para a guerra.

Quando o último dos escravos se arrastou para fora da sala, dobrado por uma pesada carga de equipamentos militares, Antístia desceu do baú e postou-se em frente do marido.

— Antes de te ires embora, Magno, tenho de falar contigo — disse ela.

Era claro que Pompeu considerava aquilo como uma pura perda de tempo. Apesar disso, parou.

— Pois bem, que se passa?

— Quanto tempo vais estar fora?

Não faço a menor ideia — retorquiu ele, muito alegre.

— Meses? Um ano?

— Meses, provavelmente. Sila vai dar cabo de Carbão.

Nesse caso, gostaria de voltar para Roma e de ir viver para casa do meu pai enquanto estiveres fora.

Ele abanou a cabeça, visivelmente espantado com tal proposta.

— Nem pensar! — disse. — Eu nãovou permitir que a minha mulher se passeie pela Roma de Carbão enquanto eu estiver com Sila, no campo de batalha, combatendo esse mesmo Carbão. Tu vais ficar aqui.

— Os teus criados não gostam de mim. Ninguém gosta de mim, aqui.vou passar tormentos, se não estiveres por perto.

— Disparate! — disse ele, virando-lhe as costas.

Ela deteve-o, postando-se em frente dele uma vez mais.

— Por favor, marido, dá-me apenas uns escassos segundos do teu tempo! Eu sei que o teu tempo é algo de muito valioso, mas a verdade é que eu sou a tua esposa!

Ele suspirou.

— Está bem, está bem! Mas depressa, Antístia!

— Eu não posso ficar aqui!

— Podes ficar e vais ficar — retorquiu ele, balançando-se, impaciente, nas pernas.

— Quando estás ausente — nem que seja por umas breves horas — a tua gente trata-me mal. Nunca me queixei porque tu sempre foste bom para mim e também porque só te

ausentaste quando foste ver Cina em Ancona. Mas agora... Não há mais nenhuma mulher nesta casa. A minha solidão vai ser total. Seria melhor se eu voltasse para casa do meu pai enquanto durasse a guerra.

— Isso está fora de questão. O teu pai é apoiante de Carbão.

— Não, não é. O meu pai não é apoiante de ninguém a não ser de si mesmo.

Era a primeira vez que Antístia se opunha aos desejos do marido, a primeira vez que mostrava alguma resistência. Pompeu começava a perder a paciência.

— Ouve, Antístia: eu tenho coisas mais importantes para fazer do que ficar aqui a discutir contigo. Tu és a minha esposa e isso significa que vais ficar na minha casa.

— Na tua casa, onde o chefe dos criados me trata com desdém e me deixa na escuridão, onde eu não tenho criados meus e ninguém que me faça companhia — disse ela, tentando mostrar-se calma e razoável, ainda que, no fundo, começasse a sentir-se em pânico.

— Isso é o mais puro disparate!

— Não é, Magno. Não é! Não percebo porque é que todos me tratam com desprezo, mas essa é a pura verdade.

— Pois bem, não admira que tratem! — retorquiu ele, surpreendido com a pouca perspicácia da mulher.

Os olhos dela abriram-se de espanto.

— Não admira que tratem?! Que queres dizer com isso? Ele encolheu os ombros.

— A minha mãe era uma Lucília. Tal como a minha avó. E tu, o que és?

— Ora aí está uma boa pergunta. O que é que eu sou?

A ira dela deixava-o furioso. Mulheres! Ali estava ele prestes a participar na sua primeira guerra importante e aquela criatura insignificante atravessava-se no seu caminho, decidida a pôr em cena o seu próprio drama! Mas não teriam as mulheres nem uma réstia de bom senso?

— Tu és a minha primeira mulher — disse ele.

— Primeira?

— Sim. Trata-se de uma medida temporária.

— Ah, já percebi! — retorquiu ela, parecendo pensar antes de escolher as palavras. — Uma medida temporária. A filha do juiz... é isso, não é?

— Sempre soubeste que era isso.

— Mas já foi há tanto tempo, pensei que era um facto passado, pensei que me amavas.

A minha família é uma família senatorial, eu não sou uma esposa inadequada para ti.

— Para um homem vulgar, serás uma boa esposa. Mas não estás à minha altura.

— Onde foste buscar esse conceito, Magno? É por isso que nunca deixaste o teu sêmen dentro de mim? Por eu não estar à altura de criar os teus filhos?

Sim! — gritou ele, preparando-se para deixar a sala.

Antístia foi atrás dele com o seu pequeno castiçal, demasiado irada agora para se preocupar com quem a pudesse ouvir.

Mas estive à tua altura quando foi preciso livrar-te de apuros! Quando Cina queria o teu dinheiro!

Esse é um assunto morto e enterrado — retorquiu ele, apressando-se.

— Nesse caso, ainda bem para ti que Cina está morto!

— Ainda bem para Roma e para todos os bons romanos!

— Foste tu quem mandou assassinar Cina!

As palavras ecoaram pelo corredor de pedra, tão grande que por ele podia passar um exército. Pompeu parou.

— Cina morreu numa rixa de bêbedos com uns soldados que não gostavam dele.

— Em Ancona! Na tua cidade, Magno! Na tua cidade! E pouco depois de o teres visitado! — gritou ela.

Num ápice, Pompeu encostou-a à parede, com as mãos à volta do pescoço dela. Não lhe apertava o pescoço. Envolvia-lho com as mãos, apenas.

— Nunca mais voltes a dizer isso, mulher — disse ele, num tom sumido.

— É o que o meu pai diz! — conseguiu ela dizer, com a boca seca.

As mãos apertaram um pouco mais.

— O teu pai não gostava muito de Cina. Mas não está nada desagradado com Carbão e por esse motivo terei grande prazer em matá-lo. Mas não me dará prazer nenhum matar-te a ti. Eu não mato mulheres. Encolhe essa língua, Antístia. A morte de Cina não teve nada a ver comigo. Foi um simples acidente.

— Quero ir para casa dos meus pais! Quero ir para Roma! Pompeu libertou-a e deu-lhe um empurrão.

— A resposta é não. Agora deixa-me em paz!

E foi-se embora, chamando pelo chefe dos criados; Antístia ainda conseguiu ouvi-lo dizer àquele abominável homem que a senhora estava proibida de deixar a fortaleza enquanto ele estivesse na guerra. Tremendo, Antístia regressou lentamente ao quarto que partilhara com Pompeu durante dois anos e meio, na qualidade de sua primeira mulher — um expediente provisório. Não estava à altura de criar os filhos dele. Por que razão não suspeitara de nada, se ele, quando fazia amor, ejaculava sempre fora dela, deixando-lhe no ventre uma poça viscosa que ela se apressava a limpar?

As lágrimas ameaçavam rebentar. Num instante ela começaria a chorar e depois choraria durante horas e horas. A desilusão, antes de o amor ter perdido todos os seus encantos, é sempre terrível.

Ao longe, ouviu-se mais um daqueles gritos de alegria, bárbaros e aterradores, e, logo a seguir, a voz de Pompeu:

—vou partir para a guerra,vou partir para a guerra! Sila desembarcou em Itália! A guerra vai começar!

Não tinha o dia ainda nascido quando Pompeu, vestido com uma reluzente armadura de prata e ladeado pelo irmão, um jovem de 18 anos, e por Varrão, conduziu um pequeno grupo de assistentes e escribas até ao mercado de Auximo. Aí chegado, cravou o estandarte do pai no meio daquele vasto espaço aberto e aguardou, com indisfarçável impaciência, que o seu secretariado se reunisse atrás de uma série de mesas desmontáveis, distribuísse folhas de papel, aguçasse as penas de cana e dissolvesse os torrões de tinta em pesados tinteiros de pedra.

Quando os funcionários de Pompeu terminaram estes preparativos, já uma vasta multidão se tinha juntado à sua volta, tão vasta que se espalhava para lá da praça, pelos caminhos e ruas que davam acesso ao mercado. Ágil e leve, Pompeu saltou para um pódio improvisado, instalado sob o estandarte com a imagem de um pica-pau que pertencera a seu pai.

— Chegou a hora! — gritou. — Lúcio Cornélio Sila desembarcou em Brindísio e vai reivindicar aquilo que, por direito, lhe pertence — um império ininterrupto, um triunfo, o privilégio de colocar os seus louros aos pés de Júpiter Optimus Maximus, dentro do Capitólio de Roma! Por esta altura, o ano passado, o outro Lúcio Cornélio, que se cognominara de Cina, estava relativamente perto desta cidade, tentando convencer os veteranos do meu pai a aderirem

à sua causa. Não teve êxito. Pelo contrário: encontrou a morte. Hoje, é a mim que vêem. E hoje estou a ver muitos dos veteranos do meu pai aqui à minha frente. Eu sou o herdeiro do meu pai! Os homens dele são os meus homens. O seu passado é o meu futuro. Eu vou a Brindísio lutar pela causa de Sila, porque a causa dele é justa. Quantos de vocês irão comigo?

Curto e simples, pensou Varrão, maravilhado. Talvez aquele jovem tivesse razão quando dizia que ganharia a cadeira curul de cônsul pelos seus feitos guerreiros e não pela força das palavras. Nenhum dos rostos que conseguia distinguir entre a multidão dava mostras de achar falhas ou deficiências no discurso de Pompeu. Mal ele acabou de falar, as mulheres começaram a dispersar, comentando agitadamente a iminente ausência dos maridos e dos filhos, algumas torcendo as mãos de desespero, outras ocupadas já com coisas práticas, como encher as mochilas de mudas de roupa, em particular túnicas e meias, outras ainda de olhos postos no chão para esconderem sorrisos maliciosos. Afastando do seu caminho as crianças mais excitadas com ameaças de bofetões ou pontapés, os homens foram-se reunindo à volta das mesas portáteis. Poucos momentos depois, já os funcionários de Pompeu escrevinhavam energicamente.

Varrão foi sentar-se no alto da escadaria do velho templo de Pico, de onde podia ter uma vasta visão de todas as actividades. Ter-se-iam aqueles homens oferecido tão despreocupadamente para as campanhas do vesgo Pompeu Estrabão?, perguntou para si mesmo. Provavelmente não. Pompeu Estrabão fora um senhor, um homem duro mas um óptimo comandante; tê-lo-iam servido de bom grado, mas com expressões sóbrias. No caso do filho, tudo era diferente. Estou a assistir a um fenômeno, pensou Varrão. Os Mirmidões não se teriam oferecido com mais alegria para lutar por Aquiles, nem os Macedónios para lutar por Alexandre, o Grande. Eles amavam aquele homem! Ele era o mais que tudo daqueles homens, a sua mascote, o seu filho e, ao mesmo tempo, o seu pai.

Uma corpulenta massa sentou-se nesse momento ao lado dele. Varrão virou a cabeça e deu de caras com um rosto muito corado, encimado por um cabelo ruivo; um par de inteligentes olhos azuis examinava-o atentamente, o que não admirava, pois ele era o único estranho ali presente.

— Qual é a sua graça, meu amigo? — perguntou-lhe o rosado gigante.

— O meu nome é Marco Terêncio Varrão e sou um Sabino.

— Como nós, ha? bom, quer dizer, há muito, muito tempo — disse o homem, agitando

depois a mão calejada na direcção de Pompeu. — Olhe-me só para ele! Ah, o que nós esperámos por este dia, Marco Terêncio Varrão, o Sabino! Não é mesmo o pote de mel da Deusa, aquele homem? Varrão sorriu.

— Não estou certo de que poria a coisa nesses termos, mas percebo o que quer dizer.

— Ah! O meu amigo não é apenas um cavalheiro com três nomes, também é um cavalheiro letrado! Não me diga que é amigo dele?!

— Sou capaz de ser.

— E o que é que o amigo faz na vida?

— Em Roma, sou um senador. Mas em Reate, crio éguas.

— Ah sim? Não cria mulas?

— É melhor criar éguas do que as mulas que elas possam parir. Tenho uma pequena porção da rosea rura e alguns burros garanhões.

— E que idade tem o meu amigo?

— Trinta e dois — retorquiu Varrão, extremamente divertido com o diálogo.

Porém, de repente, as perguntas cessaram; o interlocutor de Varrão instalou-se mais confortavelmente, descansando um cotovelo no degrau superior e estirando um par de pernas hercúleas para depois as cruzar pelos tornozelos. Fascinado, o minúsculo Varrão reparou nos imundos dedos dos pés do homem, quase tão grandes cômodos seus próprios dedos das mãos.

— E qual é a sua graça, já agora? — perguntou, usando a mesma linguagem do outro.

— Quinto Escápcio.

— E já se alistou?

— Nem todos os elefantes de Aníbal chegavam para me deter!

— É um veterano, ora não?

— Alistei-me no exército do paizinho dele quando tinha dezassete anos. Isso foi há oito anos, mas já servi em doze campanhas, de maneira que já não tenho de me alistar em mais nenhum exército, a menos que queira — retorquiu Quinto Escápcio.

— Mas pelos vistos quis.

— Nem os elefantes de Aníbal, Marco Terêncio, nem os elefantes de Aníbal!

— Já chegou ao posto de centurião, não é verdade? — Sou capaz de chegar, nesta campanha.

Enquanto conversavam, Varrão e Escápcio mantinham os olhos fixos em Pompeu, que estava mesmo diante da mesa do meio, saudando alegremente este ou aquele homem no meio da multidão.

— Ele diz que a marcha vai começar antes de esta lua chegar ao seu termo — observou Varrão. — Mas não estou a ver como. Admito que nenhum destes homens que aqui estão hoje precisará de muito treino. Mas onde é que ele vai arranjar armas e armaduras para tanta gente? E animais de carga? E carros e bois? E comida? E como arranjará ele o dinheiro para manter este grande empreendimento durante o tempo que for preciso?

Escápcio deu uma espécie de grunhido, o que, aparentemente, indicava que um tal comentário o divertia.

— Ele não precisa de se preocupar com essas coisas! O paizinho dele deu a cada um de nós armas e armaduras logo que começou a guerra contra os Italianos; depois de o paizinho morrer, o rapaz disse-nos para não nos separarmos delas. Cada um de nós tem uma mula e os centuriões têm carros e bois. De maneira que vamos ficar prontos num instante. Ninguém apanha desprevenido um Pompeu! Há trigo que chegue nos nossos celeiros e montanhas de outros alimentos nas nossas despensas. As nossas mulheres e os nossos filhos não vão passar fome por nós comermos bem na campanha.

— E quanto ao dinheiro? — perguntou delicadamente Varrão.

— Dinheiro? — atirou Escápcio, menosprezando a questão com uma fungadela de desdém. — Nós servimos o paizinho dele e não vimos muito dinheiro, essa é que é essa. Mas naqueles tempos também não havia dinheiro para ver. Se ele tiver dinheiro, dá-nos. Se não tiver, nós passamos bem sem o dinheiro. Ele é um bom amo.

— Estou a ver.

Remetendo-se ao silêncio, Varrão estudou Pompeu com renovado interesse. Toda a gente contava histórias sobre a lendária independência de Pompeu Estrabão durante a Guerra Italiana: como tinha mantido as suas legiões durante muito tempo depois de ter recebido ordens para as desmantelar, e como alterara directamente o curso dos acontecimentos em Roma, precisamente por não as ter desmantelado. Cina, quando investigara os livros do Tesouro, após a morte de Caio Mário, não encontrara grandes contas relacionadas com os soldos das tropas de Estrabão. Agora Varrão sabia porquê. Pompeu Estrabão não se tinha preocupado em pagar às

suas tropas. E por que razão havia de pagar, se, na prática, era dono de toda aquela gente?

Nesse momento, Pompeu deixou o seu posto e encaminhou-se para os degraus do templo de Pico.

—vou procurar um terreno para acamparmos — disse ele para Varrão, após o que saudou o Hércules que estava ao lado com um sorriso arreganhado. — Estou a ver que vieste cedo, Escápcio!

Escápcio levantou-se pesadamente.

— É verdade, Magno. O melhor é eu ir até casa procurar as minhas coisas, não é?

Ah, afinal toda a gente o tratava por Magno! Varrão também se levantou.

— Euvou contigo, Magno.

A multidão estava a diminuir e as mulheres começavam a regressar ao mercado; uns quantos mercadores, até então impedidos de trabalhar, andavam já numa azáfama, instalando as suas tendas, enquanto os escravos se apressavam a enchê-las de artigos variados. Uma grande quantidade de roupa suja espalhava-se já pelo pavimento à volta da enorme fonte em frente do santuário local aos Lares, e uma ou duas raparigas puxaram as saias para cima a fim de se meterem na água baixa. Que cidade tão típica!, pensou Varrão, caminhando ligeiramente atrás de Pompeu: sol e poeira, umas quantas árvores sumbrosas, o constante zumbido dos insectos, a sensação de se viver fora do tempo, as maçãs de Inverno muito enrugadas, um povo trabalhador em que todos sabem demasiado acerca uns dos outros. Aqui em Auximo não há segredos!

— Estes homens são gente valente — disse ele para Pompeu quando deixaram o mercado e procuravam os cavalos.

— São Sabinos, Sabinos como tu, Varrão — retorquiu Pompeu. — Apesar de terem vindo do outro lado dos Apeninos há séculos atrás.

— bom, não são precisamente como eu! — comentou Varrão, enquanto um dos criados de Pompeu o ajudava a subir para a sela. — Eu posso ser um Sabino, mas não sou um soldado, nem por natureza nem por treino.

— com certeza que fizeste alguma coisa na Guerra Italiana...

— Sim, claro que fiz. E fiz as minhas dez campanhas. E quão depressa as fiz, durante essa conflagração! Porém, desde que a Guerra Italiana acabou, nunca mais pensei em espadas nem em cotas de malha.

Pompeu riu-se.

— Pareces mesmo o meu amigo Cícero.

— Marco Túlio Cícero? O prodígio em leis?

— Esse mesmo. Cícero odiava a guerra. Não tinha queda nenhuma para a guerra e o meu pai não compreendia isso. Mas mesmo assim era um bom tipo. Gostava das tarefas que eu detestava. De maneira que encobríamo-nos um ao outro e, assim, o meu pai ficava todo satisfeito com o nosso trabalho. — Pompeu suspirou. — Depois da queda de Ásculo Picentino, Cícero quis ir servir sob as ordens de Sila, na Campânia. Ah, a falta que ele me fez!

Passaram dois mercados, ou seja, dois intervalos de oito dias, e Pompeu já tinha as suas três legiões de veteranos voluntários instaladas num campo fortificado, a poucos quilômetros de Auximo, nas margens de um afluente do rio Ésis. As instalações sanitárias do acampamento eram impecáveis: a sua manutenção e limpeza era rigidamente policiada. Pompeu Estrabão fora um produto mais típico das suas origens rurais. Conhecia apenas uma forma de lidar com nascentes, fossas, latrinas, recolha de lixos, drenagem: quando o fedor se tornava insuportável, mudava de sítio. E fora por isso mesmo que ele morrera de febre, diante da Porta Colina de Roma, e que o povo do Quirinal e do Viminal, vendo as suas nascentes poluídas pelo lixo dos soldados de Estrabão, infligira um tratamento tão insultuoso ao seu cadáver.

Cada vez mais fascinado, Varrão observava a evolução do exército do seu jovem amigo, e maravilhava-se com o génio absoluto de Pompeu nos domínios da organização e da logística. Nenhum pormenor era descuidado; e, simultaneamente, aquelas obras imensas eram executadas com a velocidade que só uma eficiência notável permitia. Faço parte de um reduzido círculo de pessoas que tem o privilégio de acompanhar um verdadeiro fenômeno, pensou Varrão: ele vai mudar a forma como o nosso mundo se apresenta, ele vai mudar a forma como vemos o nosso mundo. Não há nele resquício de medo, a sua autoconfiança é total.

Contudo, recordava Varrão, também outros se agüentaram tão bem como ele antes de os vendavais começarem. Como se comportará ele quando o seu empreendimento tiver já avançado, quando a oposição o cercar, quando tiver de enfrentar, não homens como Carbão ou Sertório, mas um homem como Sila? Esse é que vai ser o verdadeiro teste! Do mesmo lado da barricada, ou em lados opostos, a relação entre o velho touro e o jovem touro decidirá o futuro do jovem touro. Será que ele se vai curvar? Poderá ele curvar-se? Que reservará o futuro a uma

criatura tão jovem, tão segura de si mesma? Haverá no mundo alguma força ou algum homem capaz de o vergar?

Definitivamente, Pompeu achava que não havia. Embora não fosse um místico, criara uma atmosfera espiritual para si mesmo, uma atmosfera que se coadunava com certas características instintivas da sua natureza que muito apreciava. Por exemplo, havia qualidades que ele sabia que dominava, mais do que possuía — invencibilidade, invulnerabilidade, inviolabilidade —, pois, se essas qualidades existiam tanto nele como fora dele, domínio parecia uma palava mais adequada do que posse. Era como se um licore divino corresse nas suas veias e, ao mesmo tempo, um miasma divino o envolvesse. Praticamente desde a infância, Pompeu sonhava acordado os sonhos mais colossais que se possa imaginar; na sua mente, comandara dez mil batalhas, conduzira a antiga quadriga de vencedor, celebrando uma centena de triunfos, fora, vezes sem conta, como um Júpiter vindo à terra enquanto Roma se curvava para o idolatrar a ele, o maior homem que alguma vez existira ao cimo da terra.

Onde Pompeu, o sonhador, diferia de todos os sonhadores dessa espécie, era na qualidade do seu contacto com a realidade — ele via o mundo real com apuradíssima acuidade, nunca deixava escapar uma possibilidade ou probabilidade, a sua mente absorvia como uma sanguessuga todos os factos, tanto os mais importantes como os mais ínfimos. Por isso, os seus sonhos colossais acabavam por ser uma bigorna mental em que modelava a forma dos seus dias reais, em que os temperava e enrijecia, enquadrando-os na moldura concreta da sua existência efectiva.

E assim organizava os seus homens dentro das centúrias, das coortes, das legiões; treinava-os e inspeccionava os seus equipamentos; punha de lado os animais de carga mais velhos e, no que toca aos carros, verificava a resistência dos eixos, fazia-os balançar, punha os seus homens a conduzi-los a boa velocidade pelos terrenos pedregosos que havia junto ao acampamento. Tudo teria de ser perfeito porque ele não permitiria que nenhum pormenor da sua obra desse dele uma imagem de menos perfeição.

Doze dias depois de Pompeu ter começado a reunir as suas tropas, chegaram notícias de Brindísio. Sila subia a Via Ápia no meio de histéricas cenas de boas-vindas em todos os lugares, aldeias, vilas ou cidades. Mas antes de se pôr em marcha — acrescentou o mensageiro de Pompeu —, Sila reuniu todos os seus homens e pediu-lhes que lhe jurassem fidelidade. Se os de

Roma tinham alguma vez duvidado da determinação de Sila em furtar-se a toda e qualquer ameaça de futuras perseguições por alta traição, o facto de o seu exército lhe ter jurado fidelidade — inclusivamente contra o governo de Roma — significava que a guerra era agora inevitável. Então, acrescentou o mensageiro de Pompeu, os soldados de Sila foram ter com ele e ofereceram-lhe todo o seu dinheiro, a fim de que ele pudesse pagar todo o trigo, todos os legumes e toda a fruta que fosse preciso consumir enquanto avançavam pelo interior da Calábria e da Apúlia; não perturbariam o sucesso do seu general com expressões sombrias, não destruiriam colheitas, não matariam pastores, não violariam mulheres, não condenariam à fome as crianças. Tudo se passaria como Sila muito bem entendesse; ele podia pagar-lhes mais tarde quando fosse o senhor de toda a Itália e, naturalmente, de Roma.

A notícia de que as regiões do Sul da península tinham recebido Sila jubilosamente não agradou nada a Pompeu, pois Pompeu esperava que, quando se encontrasse com Sila, este estivesse numa situação suficientemente precária para precisar dele. Contudo, era evidente que isso não aconteceria; a reacção de Pompeu foi encolher os ombros e tratar de adaptar os seus planos à situação que lhe fora descrita.

— Desceremos junto à nossa costa até Buca, depois rumaremos para o interior, na direcção de Benevento — disse ele aos três centuriões-chefes, que comandavam as legiões. Mandavam as leis que esses postos fossem atribuídos a tribunos militares de família ilustre, que Pompeu poderia encontrar caso tivesse feito alguma coisa nesse sentido. Porém, os tribunos militares de famílias ilustres teriam questionado o direito de Pompeu a dirigir o seu exército, e por isso Pompeu preferira escolher os seus subordinados entre a sua própria gente, ainda que alguns romanos de famílias ilustres deplorassem por certo tal atitude, se por acaso tivessem sabido do sucedido.

— Quando avançamos? — perguntou Varrão, já que mais ninguém perguntava.

— Oito dias antes do fim de Abril — respondeu Pompeu.

Foi então que Carbão entrou em cena. Pompeu teve uma vez mais de alterar os seus planos.

A linha recta da Via Emília seccionava a Gália Italiana desde os Alpes Ocidentais até Arimino, porto do mar Adriático; a partir de Arimino, outra excelente estrada acompanhava a costa até Fano Fortunas, cidade onde começava a Via Flamínia, que era um dos acessos a Roma.

Por isso, Arimino gozava de uma importância estratégica apenas igualada por Arécio, que dominava os acessos a Roma a oeste dos Apeninos.

Era portanto lógico que Cneu Papírio Carbão — duas vezes cônsul de Roma e agora governador da Gália Italiana — instalasse as suas oito legiões e a sua cavalaria nos arredores de Arimino. A partir desta base, podia movimentar-se em três direcções: ao longo da Via Emília, através da Gália Italiana, na direcção dos Alpes Ocidentais; ao longo da costa adriática, na direcção de Brindísio; e ao longo da Via Flamínia, na direcção de Roma.

Há dezoito meses que Carbão sabia que Sila regressaria e que o local escolhido para o seu regresso seria, evidentemente, Brindísio. Porém, em Roma, permaneciam ainda muitos homens que, quando chegasse o momento decisivo, podiam escolher o partido de Sila, ainda que se declarassem completamente neutrais; e todos eles tinham suficiente influência política para derrubar o governo, facto que transformava Roma num alvo óbvio. Carbão sabia também que Metelo Pio, o Bacorinho, se tinha refugiado na Ligúria, junto aos Alpes Ocidentais da Gália Italiana; Metelo Pio tinha duas legiões que trouxera da Província de África depois de os partidários de Carbão o terem expulso de África. Carbão tinha a certeza de que o Bacorinho iria ter com Sila mal soubesse do seu desembarque e isso também contribuía para a vulnerabilidade da Gália Italiana.

Claro que havia as dezasseis legiões instaladas na Campânia, legiões que estavam muito mais próximas de Brindísio do que as tropas de Carbão; mas até que ponto poderia ele confiar nos cônsules daquele ano, Norbano e Cipião Asiágeno? Carbão não tinha uma resposta certa a esta questão, tanto mais que, agora, a sua vontade de ferro não se fazia sentir em Roma. No final do ano anterior, ficara convencido de duas coisas: Sila viria na Primavera e Roma sentir-se-ia mais inclinada a opor-se a Sila se ele, Carbão, se ausentasse de Roma. Por isso, garantira a eleição de dois partidários fiéis, Norbano e Cipião Asiágeno, e atribuíra a si mesmo o governo da Gália Italiana, a fim de poder vigiar os acontecimentos e de assegurar uma posição que lhe permitisse actuar logo que fosse necessário. A sua escolha dos cônsules fora correcta — pelo menos teoricamente —, pois nem Norbano nem Cipião Asiágeno poderiam ter esperanças de misericórdia por parte de Sila. Norbano era um cliente de Caio Mário e Cipião Asiágeno disfarçara-se de escravo para poder fugir de Esérnia durante a Guerra Italiana, uma acção que repugnara a Sila. No entanto, seriam eles suficientemente fortes? Usariam as suas dezasseis

legiões como generais natos, ou deitariam tudo a perder? O problema de Carbão é que não sabia.

Havia uma coisa com que Carbão não tinha contado. De facto, nunca lhe passara pela cabeça que o herdeiro de Pompeu Estrabão, não mais que um rapazola, pudesse ter a audácia de juntar três legiões de veteranos do pai e de marchar com elas ao encontro de Sila! Não que Carbão levasse o jovem a sério, nada disso. Aquilo que o preocupava eram as três legiões de veteranos. Logo que pudesse dispor delas, Sila usá-la-ias brilhantemente.

Foi o questor de Carbão, o excelente Caio Verres, quem lhe deu a notícia da projectada expedição de Pompeu.

— Vamos ter de deter o rapaz antes que ele comece — disse Carbão, de sobrolho franzido. — Mas que aborrecimento! Só espero que Metelo Pio fique quieto na Ligúria enquanto eu trato do jovem Pompeu, e que os cônsules consigam agüentar Sila.

— Para tratar do jovem Pompeu não vai ser preciso muito tempo — comentou Caio Verres num tom confiante.

— Concordo, mas nem por isso deixa de ser aborrecido — disse Carbão. — Agora agradecia que chamasses os meus legados.

Não foi nada fácil encontrar os legados de Carbão; Verres fartou-se de procurar no vasto acampamento e estava já a demorar demasiado tempo, coisa que sabia não agradar a Carbão. Enquanto procurava os legados, a sua mente andava ocupada com muitas outras coisas, nenhuma das quais relacionada com as actividades do herdeiro de Pompeu Estrabão. Era essencialmente em Sila que Caio Verres pensava. Embora nunca se tivesse encontrado com Sila (não havia razão para tal, já que o seu pai não passava de um humilde senador e que ele próprio, durante a Guerra Italiana, estivera ao serviço de Caio Mário e, posteriormente, de Cina, lembrava-se de o ter visto no desfile a quando da sua tomada de posse como cônsul. Lembrava-se claramente da expressão de Sila, uma expressão que o impressionara profundamente. Como não era, por natureza, um guerreiro, Verres nunca se lembrara de participar na expedição de Sila ao Oriente, nem tão pouco achara a Roma de Cina e Carbão um local insuportável. Verres gostava de estar onde houvesse dinheiro, pois tinha gostos caros em arte e ambições tremendas. Agora, contudo, enquanto procurava os legados séniores de Carbão, começava a perguntar-se se não seria altura de mudar de partido.

Para sermos rigorosos, Caio Verres não era questor, mas sim proquestor; o seu mandato

oficial como questor terminara no final do ano. O facto de ainda estar em funções devia-se a Carbão, que o nomeara pessoalmente e que ficara tão satisfeito com o seu trabalho que não pôde deixar de levá-lo para a Gália Italiana. E como a função do questor consistia em gerir o dinheiro e as contas do seu superior, Caio Verres requerera e recebera do Tesouro, em nome de Carbão, a soma de 2 235 417 sestércios; este estipêndio, calculado com o máximo rigor até ao mais ínfimo sestércio (bastaria pensar nos 417 sestércios referidos!), serviria para pagar as despesas de Carbão — para pagar às suas legiões, para as alimentar, para garantir um estilo de vida digno do próprio Carbão, aos seus legados, criados e questor, e para custear mil e uma coisas inclassificáveis nas rubricas anteriores.

Embora o mês de Abril não tivesse ainda chegado ao fim, mais de um milhão e meio de sestércios tinham já sido consumidos, o que significava que, muito em breve, Carbão teria de pedir mais dinheiro ao Tesouro. Os seus legados viviam extremamente bem e o próprio Carbão há muito que estava acostumado a dispor dos recursos públicos de Roma como muito bem lhe aprouvesse. Isto para não falar de Caio Verres; também nele o dinheiro exercia uma atracção avassaladora. Limitara-se até então a discretos desvios de fundos. Agora, porém, verificando que a sua posição naquele quadro se alterara, concluiu que já não havia motivos para tanta discrição! Mal Carbão virasse costas para ir combater Pompeu, Caio Verres partiria. Era tempo de mudar de partido.

E de facto Caio Verres partiu. Carbão reuniu quatro das suas legiões — nenhuma cavalaria — aos primeiros alvores da manhã e com elas seguiu para a guerra contra o herdeiro de Pompeu Estrabão. Não ia o Sol ainda muito alto quando Caio Verres partiu. Acompanhavam-no apenas os seus próprios criados e não seguiu Carbão para sul; tomou a direcção de Arimino, onde os fundos de Carbão se encontravam nos cofres de um banqueiro local. Apenas duas pessoas tinham autoridade para o retirar: o governador, Carbão, e o seu questor, Verres. Depois de alugar vinte mulas, Verres levantou um total de quarenta e oito sacas de couro, cada uma pesando meio talento, e com elas carregou as mulas. Não teve sequer de apresentar uma desculpa; a notícia do desembarque de Sila chegara a Arimino mais depressa que uma tempestade de Verão e o banqueiro sabia que Carbão se tinha posto em marcha com metade da sua infantaria.

Muito antes do meio-dia, Caio Verres deixara já as cercanias de Arimino com seiscentos mil sestércios do estipêndio oficial de Carbão. Usando sempre as estradas secundárias, dirigiu-se

primeiro às suas terras do vale do Tibre e, depois, já aliviado de vinte e quatro talentos de moedas de prata, foi em busca de Sila.

Ignorando que o seu questor havia desertado, Carbão foi descendo a costa adriática, na direcção da posição de Pompeu perto do Ésis. Estava com uma disposição tão optimista que não só avançou a um ritmo lento, como também não tomou qualquer precaução para ocultar a sua marcha. Aquele ia ser um bom exercício para as suas tropas, em grande parte sem experiência de guerra. Não mais do que isso: um bom exercício. Por muito assustadoras que as três legiões de veteranos de Pompeu Estrabão pudessem ser, Carbão tinha experiência suficiente para compreender que o comportamento de um exército depende essencialmente do seu general. E o general deles era uma criança! Combater contra eles seria, portanto, uma brincadeira de crianças.

Quando lhe deram a notícia de que Carbão se aproximava, Pompeu deu um dos seus costumeiros gritos de alegria e reuniu de imediato os soldados.

Nem sequer temos de deixar as nossas terras para travar a primeira batalha! — gritou-lhes Pompeu. — É o próprio Carbão que vem ter connosco! E já perdeu a batalha! Porquê? Porque sabe que sou eu quem está no comando! Por vocês, ele sente respeito. Mas por mim, não sente respeito nenhum. Carbão devia ter percebido que o filho do Carniceiro também sabe partir ossos e cortar carne, mas qual quê! Carbão é um pateta! Ele pensa que o filho do Carniceiro é um rapaz demasiado bonito e afectado para sujar de sangue as suas mãos, para seguir as pisadas do pai! Pois está enganado! Vocês sabem que ele está enganado. E eu também sei. Portanto, vamos dar-lhe uma lição!

E de facto deram-lhe uma lição. As quatro legiões de Carbão desceram até ao Ésis numa formação bastante ordenada e aguardaram disciplinadamente que os batedores atravessassem primeiro o rio, agora mais cheio por causa do degelo da Primavera nos Apeninos. Não muito longe do vau, Carbão sabia que Pompeu continuava no seu acampamento, mas era tal o seu desdém que nunca lhe ocorreu que Pompeu pudesse estar a um passo dali.

Tendo dividido os seus soldados e mandado que metade deles atravessasse o Ésis muito antes da chegada de Carbão, Pompeu atacou o adversário no momento em que duas das legiões deste tinham acabado de atravessar o rio, enquanto as outras duas se preparavam para fazê-lo. As duas pontas da sua tenaz apertaram simultaneamente. De facto, os soldados de Pompeu, escondidos atrás das árvores, nas duas margens do rio, precipitaram-se no mesmo momento

sobre o inimigo, levando tudo à sua frente. Combateram com a ideia de provar uma coisa: que o filho do Carniceiro sabia dos negócios da guerra ainda mais que o pai. Forçado pelo seu cargo de general a permanecer na margem sul do rio, Pompeu não pôde fazer aquilo por que mais ansiava — ir ele próprio atrás de Carbão. Os generais, como o pai lhe dissera muitas vezes, nunca deviam afastar-se muito da base, pois a batalha podia não correr como se previa, tornando-se necessário proceder a uma retirada rápida. Por isso, Pompeu teve de limitar-se a observar Carbão e o seu legado Lúcio Quíncio enquanto estes reuniam as duas legiões que tinham ficado na outra margem do Ésis e fugiam na direcção de Arimino. Dos que chegaram à margem de Pompeu, nenhum ficou vivo. Não havia dúvida que o filho do Carniceiro conhecia bem o ofício do pai. Por isso, foi com o maior júbilo que cantou vitória.

Agora era tempo de ir ter com Sila!

Dois dias depois, cavalgando um corpulento cavalo branco que, segundo ele, era o Cavalo Público da família Pompeu — assim denominado porque era o Estado que o dava à família —, Pompeu encaminhou as suas três legiões para terras que, poucos anos antes, se tinham mostrado ferozmente anti-romanas. Picentinos do sul, Vestinos, Marrucinos, Frentanos: todos estes povos tinham lutado para libertar os Aliados Italianos da sua longa sujeição a Roma. O facto de terem sido derrotados devia-se largamente ao homem com quem Pompeu se ia encontrar — Lúcio Cornélio Sila. No entanto, ninguém tentou impedir o avanço do exército; de facto, houve mesmo homens que se ofereceram como voluntários. A notícia da derrota de Carbão impulsionara fortemente o prestígio de Pompeu e aqueles povos gostavam da guerra. Se a batalha pela Itália estava perdida, havia outras causas; aparentemente, o sentimento geral era de que seria preferível apoiar Sila a combater por Carbão.

Era muito elevado o moral do pequeno exército quando deixou a costa, em Buca, e seguiu por uma estrada muito razoável na direcção de Larino, na Apúlia Central. Dois períodos entre mercados, de oito dias cada, tinham passado, quando os dezoito mil veteranos de Pompeu chegaram a Larino, uma próspera cidadezinha no meio de uma rica região agrícola e pecuária. Não faltava nenhum dos notáveis da cidade na delegação que deu as boas-vindas a Pompeu — e que o despachou com subtil premência.

A batalha seguinte esperava-o a menos de cinco quilômetros daquela cidade. Carbão não perdera tempo e enviara já uma mensagem a Roma, advertindo para o perigo constituído pelo

filho do Carniceiro e as suas três legiões de veteranos. Roma também não perdeu tempo e tratou de impedir a junção de Pompeu a Sila. Duas das legiões da Campânia, sob o comando de Caio Álbio Carrinas, foram enviadas para bloquear o avanço de Pompeu. Os dois exércitos encontraram-se em plena marcha. O confronto foi violento, feroz, e absolutamente decisivo; Carrinas ficou apenas o tempo necessário para ver que não tinha qualquer hipótese de vencer, lançando-se depois numa retirada apressada com os seus homens razoavelmente intactos — e com mais respeito pelo filho do Carniceiro.

Por esta altura, os soldados de Pompeu sentiam-se tão seguros e determinados que as suas caligae de grossas solas ferradas palmilhavam quilômetros e quilômetros como se esse fosse um esforço trivial; tinham ultrapassado os quatrocentos e cinqüenta quilômetros de marcha com um ou dois goles de vinho fraco para comemorar o acontecimento. Pouco depois chegavam a Sepino, uma cidade mais pequena que Larino, e Pompeu recebeu a notícia de que Sila já não estava longe. De facto, o seu acampamento encontrava-se instalado nos arredores de Benevento, na Via Ápia.

Antes, porém, Pompeu teria de travar outra batalha. Lúcio Júnio Bruto Damasipo, irmão do legado sénior e velho amigo de Pompeu Estrabão, tentou emboscar o filho deste numa pequena extensão de terreno escarpado, entre Sepino e Sirpio. A orgulhosa confiança de Pompeu nas suas capacidades parecia ter razão de ser; os seus batedores descobriram onde Bruto Damasipo e as suas duas legiões se tinham escondido e foi Pompeu que atacou Bruto Damasipo sem que este esperasse. Várias centenas de soldados de Bruto Damasipo morreram antes que ele conseguisse retirar de uma posição difícil e fugir na direcção de Boviano.

No final de cada uma destas três batalhas, Pompeu não fizera qualquer tentativa para perseguir os seus inimigos. Mas as razões que o levavam a ter esse comportamento não eram as que Varrão e os três centuriões primus pilus pensavam. O facto de Pompeu desconhecer a geografia local, ou o facto de não saber se aqueles combates não passariam de diversões para o atrair aos braços de uma força mais poderosa, não pesavam especialmente nos seus pensamentos. Na realidade, a mente de Pompeu estava obcecada com uma única coisa: o seu próximo encontro com Lúcio Cornélio Sila.

Perante os seus olhos cegos e sonhadores, desfilavam visões desse encontro como se fossem quadros vivos — dois homens tão poderosos como os deuses, de cabelos resplandecentes

e fisionomias simultaneamente fortes e belas, desciam das suas selas com a graça e o poder de gigantescos gatos e, com passos cadenciados, imponentes, encaminhavam-se na direcção um do outro, no meio de uma estrada vazia, enquanto, nas bermas, se aglomeravam todos os viajantes e habitantes da região. Atrás de cada um desses homens magníficos, havia um exército, e todos os olhos se fixavam neles. Zeus caminhando ao encontro de Júpiter. Ares caminhando ao encontro de Marte. Hércules caminhando ao encontro de Milão. Aquiles caminhando ao encontro de Heitor. Sim, aquele encontro seria celebrado ao longo dos séculos, e daria origem a tantos cânticos e poemas que Eneias e Turno, ao pé daqueles dois, se sentiriam apoucados! O primeiro encontro entre os dois colossos daquele mundo, os dois sóis do céu do mundo — e embora o Sol posto fosse ainda quente e forte, a verdade é que o seu percurso se estava a aproximar do fim. Ah! Mas o Sol nascente! Quente e forte já, e com toda a sublime abóbada à sua frente, a abóbada em que se tornaria cada vez mais quente, cada vez mais forte. O Sol de Sila está a pôr-se!, pensava, exultante, Pompeu. Ao passo que o meu, pensava ainda, acaba de espreitar no Oriente.

Pompeu mandou Varrão à frente, com a missão de apresentar cumprimentos a Sila e de lhe descrever os seus progressos a partir de Auximo, incluindo o cômputo das baixas que provocara e os nomes dos generais que derrotara. Varrão deveria ainda pedir a Sila que se fizesse à estrada a fim de se encontrar com o seu aliado, de forma a que toda a gente pudesse testemunhar que Pompeu vinha em paz oferecer os seus préstimos e as suas tropas ao maior homem da sua era. Pompeu não pediu a Varrão que acrescentasse ”ou de qualquer outra era” — isso é que ele não estava preparado para admitir, mesmo que numa saudação mais ornamentada.

Pompeu tinha fantasiado vezes sem conta todos os pormenores deste encontro, incluindo aquilo que deveria ou não deveria vestir. Nas primeiras mil e uma fantasias, vira-se vestido de ouro dos pés à cabeça; depois, as dúvidas começaram a apoquentá-lo e acabou por decidir que uma armadura de ouro seria ostentação a mais, algo que os outros poderiam achar grosseiro. Por isso, nas mil e uma fantasias seguintes, viu-se vestido com uma simples toga branca, sem qualquer símbolo militar e com a estreita faixa púrpura de cavaleiro descendo do ombro direito da túnica; depois, as dúvidas voltaram a persegui-lo e começou a preocupar-se com o facto de que uma toga branca sobre um cavalo branco resultaria numa imagem algo amorfa.

Nas últimas fantasias, Pompeu vestia a armadura de prata que o pai lhe oferecera após o cerco de

Ásculo Picentino; as dúvidas não o apoquentavam agora e por isso, de todas as imagens que fantasiara para si, essa era a que mais lhe agradava.

No entanto, quando o palafreneiro o ajudou a subir para a sela do seu Cavalo Público, Cneu Pompeu (Magno) envergava a mais vulgar das armaduras de aço, as correias de couro do seu saiote não tinham nenhum ornamento e o capacete era igual, sem tirar nem pôr, ao dos seus soldados. O cavalo é que acabou por apresentar-se engalanado, já que Pompeu era um cavaleiro das dezoito centúrias originais da Primeira Classe e há muitas gerações que a sua família era premiada com o Cavalo Público. Por isso, o cavalo envergava todos os atavios e adornos que se pudesse imaginar: botões e medalhões de prata, arreios de couro escarlate com incrustações de prata, uma manta bordada sob uma sela cheia de ornamentações, uma miscelânea de berloques de prata que tilintavam a cada movimento do animal. Pompeu, enquanto avançava pelo meio da estrada vazia, com o exército em fila atrás dele, congratulou-se com a imagem que escolhera para si: parecia um soldado, um genuíno soldado, sério e compenetrado, um trabalhador, um profissional. O cavalo que proclamasse a glória do cavaleiro!

Benevento ficava do outro lado do rio Calor, no local onde a Via Ápia se cruzava com a Via Minúcia, vindas das costas da Apúlia e da Calábria. O sol estava no pino quando Pompeu e as suas legiões chegaram ao cimo de um pequeno monte e avistaram o leito do Calor. E lá estava ele, Lúcio Cornélio Sila, na margem de cá do rio, esperando no meio da estrada, montado numa indescritível azêmola. Acompanhado apenas por Varrão. A populaça local! Onde é que estava a populaça? Onde é que estavam os legados de Sila, as suas tropas? Onde estavam os viajantes? Instintivamente, Pompeu virou a cabeça e gritou para o porta-estandarte da primeira legião que mandasse os soldados parar. Depois, horrivelmente só, desceu a encosta na direcção de Sila, o rosto transformado numa máscara tão sólida que parecia tê-lo mergulhado em gesso. Quando Pompeu estava a cerca de cem passos de Sila, este desequilibrou-se e quase caía redondo no chão. Conseguiu aguentar-se de pé porque lançou um braço em volta do pescoço da velha mula, enquanto que, com a outra mão, se agarrava à orelha suja de lama do animal. Depois de se endireitar, encaminhou-se na direcção de Pompeu, com um andar tão escancarado como o de qualquer marinheiro. Pompeu saltou do seu tilintante Cavalo Público, sem ter bem a certeza de que se agüentaria nas pernas; mas aguentou-se. Ao menos que um de nós faça isto decentemente, pensou, avançando para Sila.

Mesmo a alguma distância, tinha-se apercebido de que este Sila não tinha qualquer semelhança com o Sila de que se lembrava. Porém, à medida que se foi aproximando, Pompeu começou a discernir a devastação que o tempo e horrendas afecções tinham produzido em Sila. Não com compreensão ou compaixão, mas com horror e estupefacção, uma reacção física tão violenta que, por momentos, chegou a pensar que ia vomitar.

Em primeiro lugar, Sila estava bêbedo. Isso, Pompeu poderia ter perdoado, caso aquele Sila fosse o Sila que permanecera na sua memória, o Sila que vira no dia da sua tomada de posse como cônsul. Porém, daquele homem belo e fascinante nada restava, nem mesmo a dignidade de uma cabeleira grisalha ou embranquecida pelo tempo. Este Sila usava uma peruca para cobrir o crânio calvo, uma horrenda peruca arruivada toda encaracolada, sob a qual espreitavam duas patilhas cor de prata. Já não tinha dentes, e a ausência de dentes alongara-lhe o queixo fendido por uma covinha e transformara a boca numa fresta franzida sob aquele inconfundível nariz com uma ligeira prega na ponta. A pele do rosto parecia esfolada: a maior parte era de um carmim-vivo, sangüíneo, embora alguns sítios exibissem ainda a brancura original. E ainda que agora estivesse quase esquelético, adivinhava-se que, num passado não muito distante, devia ter engordado de uma maneira descomunal, pois a carne do rosto caía-lhe enrugada e grandes papadas transformavam-lhe o pescoço numa espécie de papo de abutre.

— Ah, mas como poderei eu brilhar ao lado deste destroço humano, deste resto estropiado? — chorava-se Pompeu, lutando para sufocar as sentidas lágrimas da decepção.

Estavam já muito perto um do outro. Pompeu esticou o braço direito, os dedos estendidos, a palma da mão vertical.

— Imperador! — gritou.

Sila deixou escapar um risinho, mas, graças a um esforço imenso, fez também a saudação do general.

— Imperador! — gritou ele numa pressa. Depois, foi cair contra Pompeu, colando a armadura de couro húmida e suja, fedendo horrendamente a vinho e vomitado, ao corpo do outro.

Varrão, num ápice, correu para Sila; ele e Pompeu ajudaram-no a caminhar até à miserável mula e a subir para o dorso nu e sujo do animal, onde Sila se escarrapachou.

— Ele insistiu em vir ter contigo tal e qual como tu lhe tinhas pedido — disse Varrão

baixinho. — Nada do que eu pudesse dizer o deteria.

Montado no seu Cavalo Público, Pompeu virou-se e deu ordem de marcha às suas tropas. com Sila ao meio, ladeado por Pompeu e Varrão, seguiram os três para Benevento.

— Não acredito! — exclamou Pompeu, em conversa com Varrão, depois de terem deixado um quase insensível Sila entregue aos cuidados dos seus criados.

— Ele passou muito mal a noite — retorquiu Varrão, incapaz de avaliar a natureza das emoções de Pompeu porque nunca tivera acesso às fantasias dele.

— Passou mal a noite? Que queres dizer?

— É por causa da pele, coitado do homem. Quando adoeceu gravemente, tão gravemente que os médicos chegaram a perder as esperanças, mandaram-no para Edepso, uma pequena cidade termal perto de Caleis Eubeia. Os físicos do templo são considerados os melhores de toda a Grécia. E salvaram-no, lá isso é verdade! Não tocava em fruta madura, mel, pão, bolos ou vinho. O pior foram os banhos termais. Ficou com a pele do rosto toda esfarelada. Logo nos primeiros dias começou a ter acessos de comichão, uma comichão terrível que nunca mais lhe passou. Por isso ficou com uma cara que mais parece um naco de carne crua e cheia de sangue. Continua a não comer fruta, nem mel, nem pão, nem bolos. Mas o vinho alivia-o da comichão e é por isso que ele bebe. — Varrão suspirou. — Ah, e o que ele bebe!

— E porquê só o rosto? Porque é que a doença não lhe afectou os braços ou as pernas? — perguntou Pompeu, sem acreditar totalmente naquela história.

— Porque se expôs demasiado ao sol e ficou com queimaduras. Não te lembras que ele usava um chapéu de palha sempre que estava ao sol? Porém, certo dia, houve uma cerimónia de boas-vindas num sítio qualquer e ele insistiu em não pôr o chapéu apesar da sua doença. Por mera vaidade, pôs um capacete. Julgo que as queimaduras solares contribuíram de forma decisiva para que a pele ficasse naquele estado — disse Varrão, que se sentia tão fascinado quanto Pompeu estava revoltado. — Aquela cabeça mais parece uma amora pintalgada de farinha! Extraordinário!

— Pareces tal e qual um daqueles melífluos físicos gregos — comentou Pompeu, sentindo que o seu rosto abandonava finalmente a máscara de gesso. — Onde é que estamos hospedados? É longe? E os meus homens?

— Creio que Metelo Pio conduziu já os teus homens ao acampamento. Quanto a nós,

estamos hospedados numa bela casa não muito longe desta rua. Depois de comeres qualquer coisa, podíamos ir ter com os teus homens. — Varrão levou ternamente a sua mão ao braço forte e sardento de Pompeu, intrigado com o que se passaria na cabeça do amigo. Que não havia compaixão na natureza de Pompeu, isso já ele tinha compreendido; nesse caso, por que razão o desgosto o consumia agora?

Nessa noite, Sila ofereceu um banquete em honra dos dois recém-chegados, para que pudessem travar conhecimento com os outros legados. Espalhara-se já pelas cercanias de Benevento a notícia da chegada de Pompeu — e muito se falava da sua juventude, da sua beleza, das suas tropas, que o adoravam. E os legados de Sila estavam muito apagados, pensou Varrão, divertido, enquanto atentava nas suas expressões. Estavam com o aspecto de crianças a quem as amas-secas tivessem cruelmente arrancado um delicioso favo de mel prestes a ser lambido. E quando Sila conduziu Pompeu ao locus consularis do seu próprio divã e não pôs ninguém entre os dois, aquelas expressões tornaram-se assassinas. Não que Pompeu se preocupasse com isso! Pelo contrário: com um prazer despudorado, tratou de se instalar confortavelmente e começou a falar com Sila como se mais ninguém estivesse presente.

Sila estava sóbrio e, aparentemente, sem comichão. A pele do rosto tinha ganho alguma crosta desde a manhã, mostrava-se calmo e amável, e obviamente fascinado com Pompeu. Se Sila se sente fascinado, então é porque não estou enganado acerca de Pompeu, pensou Varrão. Considerando que era mais sensato manter o seu olhar concentrado nos vizinhos mais próximos, em vez de inspeccionar sucessivamente todos os presentes, Varrão sorriu para o seu companheiro de divã, Ápio Cláudio Fulcro. Um homem de que gostava e que estimava.

— Sila ainda é capaz de nos chefiar? — perguntou.

— Continua tão brilhante como dantes — retorquiu Ápio Cláudio. — Se conseguirmos mantê-lo sóbrio, é garantido que dará cabo de Carbão, por muitos soldados que este consiga reunir. — Ápio Cláudio estremeceu e fez um esgar. — Varrão, não sentes vibrações más nesta sala? Emanações negativas?

— Absolutamente — respondeu Varrão, embora achasse que as emanações em que estava a pensar eram muito mais reais do que as de Ápio Cláudio.

— Tenho estudado um pouco este assunto nos templos e cultos de Delfos — explicou Ápio Cláudio. — Há dedos poderosos à nossa volta, por todo o lado — invisíveis, é claro. A

maior parte das pessoas não tem consciência disto, mas há homens como tu e eu, Varrão, que são hipersensíveis a emanações vindas de outras paragens.

— Que paragens? — perguntou Varrão, alarmado.

— Debaixo de nós. Por cima de nós. Enfim, por todo o lado — retorquiu Ápio Cláudio num tom sepulcral. — Dedos poderosos! Não sei de que outro modo poderei explicar-te o que quero dizer. Como pode uma pessoa descrever coisas invisíveis, coisas a que só os hipersensíveis podem ter acesso? Claro que não estou a falar dos deuses, nem do Olimpo, tão pouco dos numina...

Mas os outros homens presentes na sala acabaram por atrair as atenções de Varrão, levando-o a esquecer-se um pouco do pobre Ápio Cláudio, que, todo contente, continuou a debitar o seu discurso, enquanto Varrão avaliava os legados de Sila.

Filipe e Cetego, os grandes tergiversadores. Sempre que a deusa Fortuna favorecia um novo grupo de homens, Filipe e Cetego mudavam de partido, desejosos de servir os novos senhores de Roma; há trinta anos que o faziam. Filipe era o menos desonesto dos dois. Fora cônsul depois de várias tentativas infrutíferas e chegara mesmo a censor, o zénite de uma carreira política, durante o consulado de Cina e Carbão. Ao passo que Cetego — um patrício Cornélio com uma remota relação de parentesco com Sila — permanecera nos bastidores, preferindo exercer o seu poder através da manipulação dos senadores com menor peso no Senado. Estavam os dois no mesmo divã, falando muito alto e ignorando todos os outros.

Havia também um grupo de três jovens que ignorava todos os demais — mas que belo trio! Verres, Catilina e Ofela. Todos gente ruim, disso estava certo Varrão, ainda que Ofela se preocupasse mais com a sua dignitas do que com futuros proveitos. Quanto a Verres e Catilina, não podia haver a mínima dúvida; eram os proveitos futuros que comandavam todos os seus actos.

Num outro divã, encontravam-se três homens estimáveis e honrados — Mamerco, Metelo Pio e Varrão Lúculo (um Varrão adoptado, aliás irmão do mais leal adepto de Sila, Lúculo). Era evidente que não gostavam de Pompeu e não faziam qualquer tentativa para esconder o que sentiam.

Mamerco era genro de Sila, um homem tranqüilo e sério que salvara a fortuna de Sila e que conseguira levar a sua família para a Grécia em total segurança.

Metelo Pio, o Bacorinho, e o seu questor, Varrão Lúculo, tinham deixado a Ligúria, rumo a Putéolos, em meados de Abril, marchando em seguida através da Campânia, a fim de se juntarem a Sila, imediatamente antes de o Senado de Carbão ter mobilizado as tropas que poderiam tê-los detido. Antes do aparecimento de Pompeu, tinham gozado do sol radioso que era o grato beneplácito de Sila, pois haviam-lhe levado duas legiões constituídas por soldados endurecidos por muitas guerras. Contudo, a sua atitude em relação a Pompeu baseava-se essencialmente na pessoa deste e não no que ele representava ou mesmo nas razões que o tinham levado até ali. Um Pompeu do Norte do Piceno? Um novo-rico, um tipo que subiu de repente na vida. Um não romano. O pai, que tinha a alcunha de Carniceiro por causa da forma como conduzia as suas batalhas, podia ter chegado a cônsul e alcançado um forte poder político, mas nada, rigorosamente nada, podia aproximá-lo, ou ao seu filho, de Metelo Pio ou Varrão Lúculo. Nenhum romano genuíno, de família senatorial ou não, teria, com a idade de 22 anos, tomado a decisão — de forma absolutamente ilegal! — de levar um exército ao grande aristocrata patrício Lúcio Cornélio Sila e de lhe pedir, depois, que o aceitasse como seu parceiro na guerra. O exército que Metelo Pio e Varrão Lúculo trouxeram a Sila tornava-se automaticamente um exército de Sila, um exército que ele dirigiria como muito bem entendesse; se Sila tivesse aceite e agradecido as tropas e mandado embora depois Metelo Pio e Varrão Lúculo, estes teriam ficado provavelmente furiosos, mas ter-se-iam ido embora imediatamente. Rigoristas implacáveis, tanto um como o outro, pensou Varrão. Estavam os dois no mesmo divã, lançando ferozes olhares a Pompeu porque este usara as suas tropas para obter um comando que nem a sua idade, nem os seus antecedentes, permitiam. Sim, não havia dúvida: aquele Pompeu seqüestrara Sila e exigira um resgate.

De todos eles, contudo, aquele que mais intrigava Varrão era Marco Licínio Crasso. No Outono do ano anterior, tinha chegado à Grécia e oferecera a Sila dois mil e quinhentos bons soldados hispânicos, tendo recebido apenas como paga uma recepção quase tão fria como a que Metelo Pio lhe proporcionara, em África, durante o Verão.

Esta fria recepção devera-se, em grande parte, ao dramático fracasso de um plano de enriquecimento rápido que ele e um seu amigo mais jovem, Tito Pompónio, tinham maquinado e proposto aos investidores da Roma de Cina. O caso sucedera no final do primeiro ano do consulado de Cina e Carbão, altura em que o dinheiro reapareceu, ainda que de forma muito

tímida. Chegara a Roma a notícia de que a ameaça do rei Mitridates deixara de existir, pois Sila negociara com ele o Tratado de Dárdano. Aproveitando um súbito surto de optimismo, Crasso e Tito Pompónio ofereceram ao mercado acções num novo negócio especulativo na Província da Ásia. O desastre sobreveio quando se soube que Sila tinha reorganizado por completo as finanças da Província da Ásia e que, em conseqüência disso, a mina da colecta de impostos estava exaurida.

Em vez de ficarem em Roma, onde teriam de enfrentar hordas de irados credores, Crasso e Tito Pompónio puseram-se em fuga. Na realidade, tinham um único sítio para onde ir e um único homem para conquistar: Sila. Tito Pompónio apercebera-se disso imediatamente e fora para Atenas com a sua enorme fortuna intacta. Educado, urbano, com algo de diletante literário, pessoalmente encantador, com o único senão de ter uma inclinação excessiva para rapazinhos, Tito Pompónio depressa chegou a um entendimento com Sila; porém, como adorava a atmosfera e o estilo de vida de Atenas, optou por ficar nessa cidade, dando a si próprio o cognome de Ático — homem de Atenas.

Crasso não era um homem tão seguro de si mesmo e só se apercebeu de que Sila era a sua única alternativa muito mais tarde que Ático. Circunstâncias diversas tinham conspirado para que Marco Licínio Crasso ficasse à frente da sua família — e empobrecido. O único dinheiro que havia pertencia a Áxia, viúva não só do irmão mais velho de Crasso, mas também do irmão do meio. Um dote substancial não era o único factor que a tornava atraente; além disso, Áxia era uma mulher bonita, cheia de vida, bondosa, encantadora. Tal como a mãe de Crasso, Vinuleia, Áxia era uma sabina, nascida em Reate, e por isso mesmo dava-se bastante bem com a sogra. A riqueza de Áxia vinha da rosea rura, as melhores pastagens de toda a Itália, onde cresciam os fabulosos burros de cobrição que eram vendidos por somas avultadíssimas — sessenta mil sestércios não era um preço invulgar para esses animais, potenciais progenitores de robustas mulas destinadas ao exército.

Áxia viu-se viúva pela primeira vez — e grávida — quando o filho mais velho dos Crassos, Públio, foi morto nas cercanias de Grumento, durante a Guerra Italiana. Para aquela família modesta e muito unida, parecia haver uma única solução; no final dos dez meses de luto, Áxia casou-se com Lúcio, o segundo filho dos Crassos, de quem não teve filhos. Nova viuvez esperava Áxia. com efeito, Lúcio acabou por ser assassinado por Fímbria à porta da sua casa.

Vinuleia também ficou viúva, pois o pai Crasso, vendo o filho esfaqueado até à morte e sabendo o que o destino lhe reservava, cometeu imediatamente suicídio.

Na altura, Marco, o mais novo dos filhos dos Crassos, tinha 29 anos. Era ele que o pai (que fora cônsul e censor) tinha escolhido para salvaguardar o nome e a linhagem da família. Todos os bens dos Crassos, incluindo os bens pessoais de Vinuleia, foram confiscados. Mas a família de Áxia mantinha excelentes relações com Cina e, por isso, o seu dote não foi minimamente afectado. Quando o segundo luto de Áxia terminou, Marco Licínio Crasso casou com ela e adoptou o sobrinho, Públio. Sucessivamente casada com três irmãos, Áxia passou a ser conhecida, desde então, como Tertula — um diminutivo de tertia, ”terceira”. A mudança de nome resultará de uma sugestão sua; Áxia tinha um som demasiado áspero, sem nada de latino, ao passo que Tertula apresentava uma pronúncia de uma suavidade extrema.

O glorioso plano que Crasso e Ático tinham maquinado — e que teria tido um êxito impressionante se por acaso Sila não tivesse feito o que ninguém esperava no domínio das finanças da Ásia — foi por água abaixo no preciso momento em que a riqueza da família Crasso começava de novo a aumentar. O fracasso do projecto levou-o a fugir com uma bagatela na bolsa e todas as esperanças destruídas. Em Roma, deixava duas mulheres sem nenhum homem a protegê-las: a mãe e a mulher. Tertula dava-lhe um filho, Marco, dois meses depois da sua partida.

Mas para onde ir? Para a Hispânia, decidiu Crasso. Na Hispânia, jazia uma relíquia da passada riqueza dos Crasso. Anos antes, o pai de Crasso viajara até às ilhas do Estanho, as Cassitérides, e negociara um contrato exclusivo tendo em vista o transporte do estanho desde as Cassitérides até aos portos do Mediterrâneo, passando pelo Norte da Hispânia. A guerra civil em Itália tinha destruído esse negócio, mas Crasso não tinha nada a perder; fugiu para a Hispânia Citerior, onde um cliente do pai, um tal Víbio Paciano, o escondeu numa gruta até Crasso ter a certeza de que as conseqüências das suas manobras fiscais não iam persegui-lo em paragens tão distantes. Retomou então a sua vida normal e tratou de reinstaurar o monopólio do estanho, após o que adquiriu algumas posições nas minas de chumbo e prata do Sul da Hispânia.

Tudo corria muito bem, mas a verdade é que estas actividades só podiam prosperar se as instituições financeiras e comerciais de Roma lhe abrissem de novo as suas portas. O que significava que ele precisava de um aliado mais poderoso do que todas as pessoas que conhecia:

precisava de Sila. Mas para convencer Sila (e como lhe faltavam o encanto e a erudição que sobravam a Tito Pompónio Ático), teria de oferecer-lhe um presente. E o único presente que lhe podia oferecer era um exército. Exército que formou recorrendo aos antigos clientes do pai: um total de apenas cinco coortes, mas cinco coortes bem treinadas e equipadas.

A sua primeira escala, depois de ter deixado a Hispânia, foi em Útica, na Província de África, onde ficou a saber que Quinto Cecílio Metelo Pio, aquele a quem Caio Mário cognominara de o Bacorinho, lutava ainda para tentar manter a sua posição de governador. Avistou-se com o Bacorinho no princípio do Verão, mas Metelo Pio — um pilar de rectidão romana — não se mostrou nada divertido com as suas actividades comerciais. Deixando o Bacorinho a tratar da sua vida quando o governo de África caiu, Crasso seguiu para a Grécia, e Sila, depois de ter aceite a oferta de cinco coortes hispânicas, condenou-o a um tratamento muito pouco caloroso. E agora ali estava ele sentado, com os seus pequenos olhos cinzentos dolorosamente fixados em Sila, esperando por um sinal de aprovação, um sinal qualquer, e obviamente muito triste por ver Sila interessado unicamente em Pompeu. O cognome de Crasso existia na famosa família dos Licínios há muitas gerações, mas, pensou Varrão, os actuais Licínios continuavam a merecer tal epíteto; Crasso significava ”atarracado” (ainda que, no caso do primeiro Licínio, cognominado de Crasso, talvez significasse ”estúpido”). Mais alto do que parecia, Crasso tinha a constituição maciça de um touro e alguma da placidez impassível desse animal num rosto muito inexpressivo.

Varrão lançou um último olhar àquela assembleia e suspirou. Sim, havia de facto razões para dedicar quase todos os seus pensamentos a Crasso. Todos eles eram ambiciosos, quase todos eram, provavelmente, homens capazes, alguns deles eram tão cruéis como amorais, mas — deixando de fora Pompeu e Sila, evidentemente — Marco Crasso era o homem a ter em conta no futuro.

No regresso a casa, acompanhado por um Pompeu completamente sóbrio, Varrão verificou que estava muito satisfeito por ter cedido às exortações de Pompeu e se ter interessado desde logo por aquela campanha.

— De que falaram vocês, tu e Sila? — perguntou.

— De nada de muito importante — respondeu Pompeu.

— Mas olha que falaram muito baixo.

— Falámos, não falámos? — Varrão não viu o sorriso malicioso de Pompeu, mas sentiu-o. — Sila não é parvo nenhum, embora já não seja o mesmo homem de outros tempos. Se aquela assembleia de amuados não conseguiu ouvir o que nós dizíamos, como é que eles sabem que não falámos deles?

— Sila concordou ser teu parceiro nesta empresa?

— Eu mantive o comando das minhas legiões. Era tudo o que queria. Ele sabe que eu não lhe dei as legiões, nem mesmo de empréstimo.

— E isso foi discutido abertamente?

— Já te disse que o homem não é nenhum parvo — retorquiu laconicamente Pompeu.

— Não dissemos nada de especial. Nada de muito importante. Dessa forma, não há nenhum acordo entre nós e ele assim não ficou obrigado a nada.

— E estás satisfeito com isso? — É claro que estou! É que ele também sabe que precisa de mim. — replicou Pompeu.

Sila estava a pé ao alvorecer e, uma hora depois, conduzia o seu exército em direcção a Cápua. Já estava habituado ao facto de os seus problemas de pele coincidirem com momentos de maior actividade, pois a sensação de comichão não era perpétua; pelo contrário, tendia a ser cíclica. Tendo acabado de passar por mais um surto e pela subsequente bebedeira, sabia que, durante uns dias, teria direito a alguma paz — desde que não fizesse nada que pudesse provocar um novo ciclo. Para tal, necessitava de policiar rigorosamente as suas mãos: estava proibido de mexer na cara fosse por que motivo fosse. Só depois de um homem se ver submetido a uma tal provação é que podia compreender quantas vezes mexia na cara sem intervenção da vontade, de uma forma absolutamente inconsciente. E ali estava ele agora, sentindo as húmidas vesículas endurecendo, lutando pela cicatrização, sentindo todos os pruridos, todos os formigueiros, todos os minúsculos movimentos da pele que o processo de cicatrização implicava. Era mais fácil no primeiro dia, ou seja, naquele dia, mas, à medida que os dias iam passando, ele tinha tendência a esquecer-se e acabava por levar a mão ao nariz ou ao queixo, para se coçar de uma comichão perfeitamente natural — e então, todo aquele horror podia recomeçar. Recomeçaria. Por isso, tinha-se disciplinado de forma a garantir o máximo possível de cicatrização, antes que surgisse o próximo surto, para o qual só encontraria um remédio, o vinho, a embriaguez que o deixava completamente insensível.

Ah, mas era difícil! Tanto que fazer, tanto que tinha de fazer, e não passava afinal de uma sombra do homem que fora. Nunca realizara nada sem ter de superar obstáculos gigantescos, mas desde que a doença se declarara, um ano antes, na Grécia, dava consigo a todo o momento a perguntar-se por que razão teimava em continuar. Como Pompeu tinha claramente reparado, Sila não era parvo nenhum; ele sabia que já não lhe restava muito tempo de vida.

É claro que num dia como aquele, em que acabava de vencer mais um surto, Sila compreendia porque é que teimava em continuar: porque era o maior homem de um mundo que não queria admitir isso. O Nabopolassar tinha-o visto nas margens do rio Eufrates e nem mesmo os deuses podiam alterar as visões de um adivinho caldeu. Num dia como aquele, Sila compreendia perfeitamente que ser maior do que todos os outros homens implicava também um grau de sofrimento muito maior. Tentou não sorrir (um sorriso podia perturbar o processo de cicatrização), ao pensar no seu companheiro de divã da noite anterior; ora ali estava alguém que não tinha a mínima noção do que fazia a grandeza de um homem!

Pompeu, o Grande. Claro que Sila já tinha descoberto por que nome Pompeu era conhecido entre o seu povo. Um jovem que pensava que a grandeza não exigia esforço, que a grandeza lhe tinha sido dada pelo nascimento e que o acompanharia por toda a vida. Desejo de todo o coração, Pompeu Magnus, pensou Sila, que possa viver o tempo suficiente para ver quem e o que te deitará por terra! No entanto, tratava-se de um indivíduo fascinante. Sem dúvida um prodígio. Não tinha as características que fazem um subordinado leal, de modo nenhum. Não, Pompeu, o Grande, era um rival. E via-se a si mesmo como um rival. Desde já. Aos 22 anos. Sila sabia como usar as tropas veteranas que Pompeu trouxera consigo; mas qual seria a melhor maneira de usar Pompeu, o Grande? Dar-lhe rédea solta, a rédea toda, sim, essa era a melhor maneira de o usar. Fazer com que não lhe dessem uma tarefa que não pudesse cumprir. Lisonjeá-lo, exaltá-lo, não beliscar nunca a sua monumental vaidade. Levá-lo a pensar que é ele quem usa, e nunca o deixar perceber que é ele que é usado. Morrerei muito antes de o derrubarem, porque, enquanto eu for vivo, obstarei a que o derrubem. Ele é demasiado útil. Demasiado... valioso.

A mula em que Sila seguia relinchou e deu à cabeça como que aprovando os pensamentos do dono. Mas Sila não se esquecia dos cuidados que o seu rosto exigia e, por isso, não sorriu da sagacidade do animal. Sila esperava. Esperava por um frasco de unguento e por uma receita a partir da qual fosse possível encher mais e mais frascos de unguento. Há cerca de

dez anos que tinha sentido pela primeira vez as manifestações daquela doença da pele. No regresso do Eufrates. Ah, sim, essa expedição, quão satisfatória ela fora!

Nessa expedição, o filho estava com ele, o filho de Julila, que, na sua adolescência, se revelara o amigo e confidente que Sila nunca tinha tido. O participante perfeito numa relação perfeita. O que eles falavam! De tudo e de nada. O jovem fora capaz de perdoar ao pai tantas coisas que Sila nunca conseguira perdoar a si mesmo — ah, não, não os assassínios e outros actos práticos e necessários, isso eram coisas que a vida de um homem o obrigava a fazer. Mas os erros emocionais, fraquezas da mente ditadas por desejos e inclinações que a razão taxava de estúpidos e fúteis. com quanta gravidade o jovem Sila o escutara, com quanta clareza aquele jovem, pouco mais que um menino, o compreendera. E confortara. E inventara desculpas que, na altura, tinham até parecido lógicas, fundamentadas. E o tão estéril mundo de Sila tinha renascido, tinha-se expandido, tinha anunciado uma profundidade e uma dimensão que só o seu querido filho lhe podia dar. Então, na segurança do lar, depois da jornada para lá do Eufrates, para lá da mera e estreita vivência romana, o jovem Sila morreu. Sem mais nem menos. Em dois brevíssimos e insignificantes dias. Morria o amigo, morria o confidente. Morria o amado filho.

As lágrimas ameaçavam, concentravam-se — não, isso não! Não podia chorar, não devia chorar! Bastava que uma gota lhe caísse pela face e logo o tormento recomeçaria.

Unguento. Tinha de se concentrar na ideia do unguento. Morsimo tinha encontrado o unguento numa aldeia perdida, perto do rio Píramo, na Cilícia Pedia, o unguento que lhe aliviava as dores, que lhe cicatrizava a pele.

Seis meses antes, mandara uma mensagem a Morsimo, agora etnarcâ em Tarso, pedindo-lhe que encontrasse esse unguento, mesmo que, para isso, tivesse de revolver todas as aldeias da Cilícia Pedia. Se Morsimo voltasse a encontrá-lo — e, mais importante, se descobrisse a receita — a pele de Sila voltaria ao normal. Entretanto, esperava. Sofria. E, com o sofrimento, aumentava a sua grandeza. Cada vez mais. Ouviste, Pompeu, o Grande? Cada vez mais!

Virou-se na sua sela e acenou para Metelo Pio, o Bacorinho, e Marco Crasso (Pompeu, o Grande, seguia na retaguarda, à frente das suas três legiões).

— Estou com um problema — disse ele quando Metelo Pio e Crasso se juntaram a ele.

— Quem? — perguntou o Bacorinho maliciosamente.

— Ah, muito bem perguntado! O nosso estimado Filipe — retorquiu Sila, sem que

nenhuma expressão lhe perturbasse a placidez do rosto. — bom, mesmo que não tivéssemos Ápio Cláudio connosco, Lúcio Filipe já representaria, por si só, um problema — disse Crasso, fazendo um esforço para juntar os factos. — Mas não há dúvida que Ápio Cláudio torna as coisas ainda piores. Qualquer pessoa esperaria que o facto de Filipe ser sobrinho de Ápio Cláudio o teria influenciado no sentido de não expulsar o tio do Senado. Mas a verdade é que ele expulsou o tio.

— Provavelmente porque o sobrinho é mais velho que o tio — retorquiu Sila, divertido com aquela opinião.

— Mas o que é que tu pretendes fazer com o problema? — perguntou Metelo Pio, que não queria que os seus companheiros se perdessem nas complexidades das relações de parentesco da classe dominante romana.

— Eu sei o que gostaria de fazer, mas depende de ti, Crasso, que isso venha ou não a tornar-se possível — disse Sila.

Crasso pestanejou.

— E de que modo é que isso poderia afectar-me? Fazendo recuar um pouco o chapéu de palha, Sila fitou o seu legado com um olhar um pouco mais caloroso do que era costume; e Crasso, involuntariamente, respirou fundo de satisfação. Sila mostrava finalmente alguma simpatia por ele!

— Está muito bem que compremos cereais e outros alimentos aos agricultores locais ao longo da nossa marcha — principiou Sila, as palavras algo indistintas por causa da falta de dentes. — Porém, no final do Verão, vamos precisar de uma colheita que seja possível transportar a partir de determinado sítio. Não terá de ser uma colheita tão grande como a da Sicília ou a de África, mas terá de ser suficientemente grande para abastecer o meu exército de géneros básicos. E estou confiante em que o meu exército continue a crescer à medida que o tempo for avançando.

— com certeza que no Outono teremos todos os cereais de que precisamos — disse Metelo Pio cuidadosamente. — Mas serão os cereais da Sicília e de África. No Outono, já teremos conquistado Roma.

— Duvido.

— Porquê? Roma está podre por dentro!

Sila suspirou, fazendo tremer ligeiramente os lábios.

— Meu caro Bacorinho, se eu quero ajudar Roma a recuperar, terei de dar a Roma a oportunidade de se pôr do meu lado pacificamente. Ora isso não vai poder acontecer no Outono. Por isso, não posso mostrar-me demasiado ameaçador, não posso marchar a toda a pressa pela Via Latina acima e atacar Roma como Cina e Mário atacaram depois de eu ter partido para o Oriente. Quando marchei sobre Roma a primeira vez, tinha a surpresa a meu favor. Ninguém acreditava que eu fizesse isso. Por isso ninguém se opôs à minha arremetida, a não ser alguns escravos e mercenários pertencentes a Caio Mário. Mas desta feita é diferente. Toda a gente está à espera que eu marche sobre Roma. E se fizer isso demasiado depressa, não vencerei. Ah sim, Roma acabaria por cair! Mas todos os insurrectos, toda a oposição, teriam de enfrentar muitas provações. Se seguisse essa via para dominar a resistência, acabaria por morrer antes de alcançar os meus desígnios. Não tenho meios para agüentar tanto tempo, nem tanto esforço. Por isso, avançarei muito devagar na direcção de Roma.

Metelo Pio digeriu esta exposição e percebeu que, de facto, fazia sentido. De repente, viu-se-lhe a alegria estampada nos olhos glaciais. A inteligência não era qualidade que associasse aos nobres romanos; os nobres romanos tinham um pensamento demasiado político para poderem ser inteligentes. Tudo era decidido no momento, tudo era previsto a curto prazo. Mesmo Escauro Princeps Senatus, apesar de toda a sua experiência e vasta auctoritas, não fora um homem inteligente. Tal como o não fora o seu próprio pai, Metelo Numídico. Corajoso. Indómito. Determinado. Incorruptível fios princípios. Mas nunca inteligente. Era por isso que o Bacorinho sentia uma alegria imensa por seguir pela longa estrada que conduzia a Roma na companhia de um homem inteligente, já que ele era um Cecílio Metelo e tinha um pé em ambos os campos, apesar de, pessoalmente, haver escolhido Sila. Se havia algum aspecto daquela empresa que o fazia estremecer, esse era, sem dúvida, o conhecimento de que — por muito que tentasse ignorá-lo — acabaria inevitavelmente por arruinar uma boa parte dos seus familiares ou das suas relações maritais. Por isso, apreciava a inteligência de que Sila dava provas ao decidir avançar lentamente sobre Roma; alguns dos Cecílios Metelos que, naquela altura, ainda apoiavam Carbão, teriam ainda tempo para se aperceber de que as suas posições estavam erradas. Antes que fosse demasiado tarde.

Claro que Sila sabia com exactidão de que forma trabalhava a cabeça do Bacorinho e,

por isso, deixou-o concluir em paz os seus pensamentos. Quanto aos seus próprios pensamentos, estavam concentrados na missão que tinha pela frente, enquanto os seus olhos fixavam o melancólico balouçar das orelhas da mula. Estou de regresso a Itália e em breve chegarei à Campânia, essa cornucópia de todas as coisas boas que há na terra — verde, suavemente montanhosa, abundante em água. E se excluir deliberadamente Roma do meu olhar interior, Roma apoquentar-me-á menos que esta comichão. Roma será minha. Mas, apesar de todos os meus crimes, que foram muitos, e da nenhuma contrição que demonstrei, nunca gostei muito da ideia de saque. Uma submissão voluntária de Roma será, de longe, preferível ao saque...

— Deves ter reparado que, desde que desembarquei em Brindísio, tenho mandado cartas a todos os dirigentes dos velhos Aliados Italianos, prometendo-lhes que farei com que todos os italianos sejam devidamente registados como cidadãos de Roma, de acordo com as leis e os tratados negociados no final da Guerra Italiana. Farei mesmo com que sejam distribuídos por todo o leque das trinta e cinco tribos. Acredita no que te digo, Bacorinho: vergar-me-ei como um fio de teia de aranha se verga à força do vento, antes de atacar Roma!

— Que têm os Italianos a ver com Roma? — perguntou Metelo Pio, que nunca fora a favor da concessão da cidadania romana aos Italianos e que, secretamente, aplaudira os censores Filipe e Perperna, porque eles tinham precisamente evitado o registo dos Italianos como cidadãos romanos.

— Pompeu e eu atravessámos já uma grande parte do território que lutou contra Roma e nenhum de nós encontrou qualquer resistência. Pelo contrário: encontrámos cerimónias de boas-vindas e talvez a esperança de que eu mudarei a situação em Roma no que respeita ao problema da cidadania. O apoio italiano ajudar-me-á a convencer Roma de que deve render-se pacificamente.

— Duvido — retorquiu o obstinado Metelo Pio. — Mas atrevo-me a dizer que tu sabes o que estás a fazer. Regressemos ao assunto chamado Filipe que, pelos vistos, é um problema.

— Certamente! — disse Sila, os olhos de súbito numa roda viva.

— Que tem Filipe a ver comigo? — perguntou Crasso, achando que já era tempo de se intrometer naquilo que se transformara num dueto. — Preciso de me ver livre dele, Marco Crasso. Mas da forma menos dolorosa possível, dado que ele conseguiu, não sei como, mas conseguiu, transformar-se numa venerável instituição romana.

— Isso foi porque ele se tornou o ideal de todos os contorcionistas políticos — comentou o Bacorinho com um sorriso malicioso.

— A descrição não está mal — disse Sila, acenando em vez de sorrir. — Pois bem, meu grande e ostensivamente plácido amigo Marco Crasso,vou fazer-te uma pergunta. Exijo uma resposta honesta. Tendo em conta a tua triste reputação, serás capaz de me dar uma resposta honesta?

Este chiste não pareceu perturbar minimamente a compostura taurina de Crasso.

— Farei o meu melhor, Lúcio Cornélio.

— Tens uma ligação, digamos, apaixonada, pelas tuas tropas hispânicas?

— Considerando que tu me manténs todo o tempo a tratar do abastecimento delas, a minha resposta só pode ser negativa — replicou Crasso.

— Óptimo! Serias capaz de te separares delas?

— Se achas que podemos passar sem elas, sim.

— Óptimo! Então, meu caro Marco, com o teu consentimento, expresso de um modo magnificamente fleumático, matarei vários coelhos com uma mesma cajadada. É minha intenção dar os teus hispânicos a Filipe — ele poderá apossar-se da Sardenha em meu nome. Quando as colheitas da Sardenha estiverem concluídas, ele poderá enviar-me todos os alimentos de que precisamos — disse Sila. Procurou o odre de vinho amargo e descorado que estava atado ao arção da sela, ergueu-o e, com destreza, esguichou algum líquido para dentro da boca desdentada; nem uma única gota se espalhou pela face.

— Filipe recusará ir para a Sardenha — atirou-lhe Metelo Pio.

— Não, não recusará. Ele adorará a comissão — retorquiu Sila, tapando o gargalo bojudo do odre. — Ele será o senhor incontestado de todas aquelas terras e os bandidos sardos saudá-lo-ão como se saúda um irmão. Ao pé dele, todos os bandidos da Sardenha parecerão homens virtuosos.

As dúvidas começaram a apoquentar Crasso, que rosnava pigarreios mas não falava.

— Estás a pensar no que irás fazer sem tropas para comandar? Não andas longe — respondeu Crasso, cautelosamente.

Podias ser-me muito útil — disse Sila, num tom descontraído.

— De que forma?

A tua mãe e a tua esposa vêm de importantes famílias sabinas. Que me dizes se te propuser que vás a Reate recrutar soldados para as minhas tropas? Podias começar com os Sabinos e terminar com os Marsos. — Sila estendeu a mão e apertou o pulso forte de Crasso. — Acredita em mim, Marco Crasso. Na próxima Primavera, haverá muito trabalho militar para ti. E terás boas tropas para comandar — italianas, ou mesmo romanas.

— Isso convém-me — disse Crasso. — Negócio feito.

— Ah, que bom que era se todas as coisas pudessem ser resolvidas tão facilmente e tão a contento de todos! — exclamou Sila, procurando uma vez mais o odre.

Crasso e Metelo Pio trocaram um breve olhar, enquanto Sila baixava a cabeça, coberta com aquela absurda cabeleira encaracolada; ele podia dizer que bebia para aliviar a comichão, mas a verdade é que Sila já não conseguia passar muito tempo sem molhar o bico. No meio do pesadelo dos seus tormentos físicos, Sila abraçara o seu paliativo com um amor constante e duradouro. Mas teria ele consciência disso? Ou não?

Se Crasso e Metelo Pio tivessem tido a coragem de lho perguntar, Sila ter-lhes-ia respondido sem hesitação. Sim, ele tinha consciência do que se passava. E não se preocupava com o facto de os outros se aperceberem do seu vício ou saberem que aquele vinho de aspecto fraco era, afinal, muito alcoólico. Proibido o pão, o mel, a fruta e os bolos, havia, na sua dieta, poucas coisas de que gostasse verdadeiramente. Os físicos de Edepso tinham feito bem em retirar todas essas coisas saborosas do seu regime alimentar: disso não tinha ele a mínima dúvida. Quando fora ter com eles, sabia que estava a morrer. Primeiro, sentira um apetite insaciável por coisas doces e farináceos e engordara tanto que até mesmo a sua mula se queixava da carga que tinha de transportar; depois, começou a sentir um adormecimento e um formigueiro nos pés, e também dores e ardores à medida que o tempo foi passando, de tal modo que, quando se deitava na cama para dormir, os infortunados pés se recusavam a acalmar. As sensações subiam-lhe pelos tornozelos e pelas barrigas das pernas e o sono nunca mais vinha. Até que um dia, deu consigo a suar, e suava e suava, até ficar ofegante. A partir desse dia, começou a perder peso, e a um ritmo tal, que quase podia ver-se a si mesmo a desaparecer. Bebia rios de água e, mesmo assim, continuava com sede. Mas o mais aterrador daquilo tudo foi que os seus olhos começaram a falhar.

Quase todos estes problemas desapareceram, ou diminuíram muito de intensidade,

depois de ter ido para Edepso. No seu rosto nem queria pensar, ele que fora tão belo na sua juventude, tão belo que enlouquecia os homens, e que fora tão belo depois de atingir a maturidade que poucas mulheres lhe resistiam. Mas uma coisa que não desaparecera fora a sua necessidade de beber. Rendendo-se ao inevitável, os físicos-sacerdotes de Edepso convenceram-no a trocar o vinho doce pelos vinhos mais amargos que houvesse no mercado e, muitos meses depois, Sila já preferia aquele vinho seco e áspero. Apesar disso, sempre que o bebia, não conseguia evitar uma careta. Quando o prurido não o afectava, conseguia controlar a quantidade que bebia e, por isso, não deixava que o vinho interferisse nos seus processos mentais. Bebia apenas o suficiente para os melhorar — pelo menos era o que dizia para si mesmo.

—vou manter Ofela e Catilina comigo — disse ele a Crasso e Metelo Pio, arrolhando de novo o odre. — Contudo, Verres é aquilo que o seu nome indica — um varrão insaciável e sôfrego. Creio que ovou mandar de volta para Benevento, pelo menos para já. Poderá organizar abastecimentos e ficar de olho na nossa retaguarda.

O Bacorinho deu uma risadinha.

— O queridinho é capaz de gostar disso!

Crasso não pôde evitar um sorriso franco, ainda que breve.

— E quanto ao longínquo Cetego? — perguntou, sentindo dores nas pernas, muito pesadas e sem qualquer ponto de apoio, e mudando um pouco de posição.

—vou ficar com ele, por ora — retorquiu Sila. A sua mão agitou-se à procura do vinho mas, no último instante, recuou. — Cetego pode ficar a vigiar as coisas na Campânia.

Pouco antes de o seu exército ter atravessado o rio Volturno, perto da cidade de Casilino, Sila enviou seis emissários para negociarem com Caio Norbano, o mais capaz dos dois cônsules que Carbão impusera. Norbano levara oito legiões e organizara-se para defender Cápua, mas, quando os emissários de Sila apareceram com a bandeira da paz, ordenou a sua prisão sem sequer os ouvir. Instalou então as suas legiões na planície capuana, no sopé do monte Tifata. Irritado com a forma muito pouco ética como Norbano tratara os seus emissários, Sila decidiu dar-lhe uma lição que ele nunca mais pudesse esquecer. Assim, subiu ao monte Tifata e, conduzindo as suas tropas a boa velocidade, desceu as encostas e apanhou Norbano desprevenido. Derrotado antes de a batalha ter efectivamente começado, Norbano retirou-se para Cápua, onde, depois de ter organizado os seus soldados, naturalmente em pânico, enviou duas

legiões para defenderem o porto de Nápoles, e preparou-se para agüentar o cerco.
Graças à perspicácia de um tribuno da plebe, Marco Júnio Bruto, Cápua fora levada a afeiçoar-se ao governo que então existia em Roma; no início desse ano, Bruto tinha promulgado uma lei dando a Cápua o estatuto de cidade romana. Uma tal medida, depois de séculos de insurreições e de subsequentes punições, agradara fortemente a Cápua. Norbano não precisava portanto de se preocupar, pois Cápua não se cansaria de lhe dar hospedagem a ele e ao seu exército. Cápua estava habituada a albergar legiões romanas.
— Temos Putéolos, portanto não precisamos de Nápoles — disse Sila a Pompeu e a Metelo Pio, quando seguiam na direcção de Teano Sidicino. — E passamos bem sem Cápua porque controlamos Benevento. Devo ter tido um pressentimento quando mandei Caio Verres para Benevento. — Parou por um momento, pensou em qualquer coisa e fez um gesto como que para responder a esse pensamento. — Cetego pode vir a ter um novo trabalho. Legado encarregado de todas as minhas colunas de abastecimento. Isso vai pôr à prova a sua diplomacia!
— Esta guerra — disse Pompeu, descontente — é uma guerra muito lenta. Por que razão não marchamos sobre Roma?
Sila, dadas as suas limitações expressivas, fitou-o com uma expressão simpática.
— Paciência, Pompeu! No que toca às artes da guerra, não precisas de instrução nenhuma. Mas no que toca às artes da política, precisas de toda a instrução deste mundo. Se o

resto deste ano não te ensinar mais nada, pelo menos que sirva para aprenderes o que é manipulação política. Antes de pensarmos em marchar sobre Roma, temos de mostrar a Roma que ela, com o governo que tem neste momento, não pode vencer. Depois, se ela se revelar uma senhora sensata, virá ter connosco e oferecer-se-nos-á livremente.

— E se não se oferecer? — perguntou Pompeu, sem saber que Sila já tinha discutido o problema com Metelo Pio e Crasso.

— O tempo o dirá — e foi tudo o que Sila lhe respondeu. Tinham passado já por Cápua como se Norbano, entrincheirado na cidade, não existisse, e seguiram na direcção do segundo dos exércitos consulares de Roma, chefiado por Cipião Asiágeno e pelo seu legado sénior, Quinto Sertório. As pequenas e muito prósperas cidades campanianas receberam Sila de braços abertos, pois conheciam-no bem; Sila comandara os exércitos de Roma instalados naquela região, durante a maior parte da Guerra Italiana.

Cipião Asiágeno encontrava-se acampado entre Teano Sidicino e Cales, no local onde um pequeno afluente do Volturno, alimentado por nascentes, fornecia uma água ligeiramente efervescente; mesmo no Verão, era deliciosa a suave tepidez dessas águas.

— Este é um sítio excelente para um acampamento de Inverno! — disse Sila e logo decidiu instalar o seu exército na margem oposta do rio. A cavalaria foi mandada de volta para Benevento, sob a chefia de Cetego, enquanto Sila dava a um novo grupo de emissários instruções explícitas tendo em vista a negociação de tréguas com Cipião Asiágeno.

— Cipião não é um antigo cliente de Caio Mário e por isso será muito mais fácil negociar com ele do que com Norbano — disse Sila a Metelo Pio e Pompeu. Tinha a pele do rosto ainda em convalescença e o seu consumo de vinho era agora menor do que durante a viagem de Benevento. Estava por isso com uma óptima disposição e com a cabeça muito desanuviada.

— Talvez — disse o Bacorinho, com um ar dubitativo. — Se se tratasse apenas de Cipião, concordaria inteiramente. Mas ele tem Quinto Sertório ao seu lado e tu sabes o que isso significa, Lúcio Cornélio.

— Significa problemas — retorquiu Sila, aparentemente despreocupado.

— Não devias pensar na melhor maneira de reduzir Sertório à total impotência?

— Nãovou precisar de fazer isso, meu caro Bacorinho. Cipião fá-lo-á por mim. —

Pegando numa vara, apontou para um local do percurso do rio onde havia uma curva mais acentuada; era esse precisamente o sítio onde os dois acampamentos inimigos estavam mais próximos. — Cneu Pompeu, os teus veteranos sabem escavar?

Pompeu pestanejou, surpreso.

— Escavar?! Ora se sabem!

— Óptimo. Então, enquanto o resto do exército conclui as fortificações de Inverno, os teus homens podem escavar à saída da nossa muralha e fazer uma piscina enorme — disse calmamente Sila.

— Ora aí está uma ideia magnífica! — disse Pompeu com igual serenidade e um sorriso franco. — Euvou mandá-los fazer isso imediatamente. — Depois de uma pausa, tirou a vara a Sila e apontou-a para a outra margem. — Se estiveres de acordo, General Sila, deito abaixo aquela margem e trato de alargar o rio em vez de fazer uma piscina separada. E creio que será muito agradável para o nosso pessoal, se tapar pelo menos uma parte da água do rio — é que assim, quando vier o Inverno, a sensação de frio será muito menor.

— Bem pensado! Faz isso então — retorquiu cordialmente Sila, ficando depois a observar Pompeu que se afastava com uma passada decidida.

— Mas que raio de conversa foi essa? — perguntou Metelo Pio, de sobrolho franzido; detestava ver Sila tão afável com aquele jovem presunçoso!

— Ele sabia — disse Sila, enigmaticamente.

— Pois bem: eu não sei! — replicou, irritado, o Bacorinho. — Esclarece-me!

— Confraternização, meu caro Bacorinho! Achas que os homens de Cipião vão resistir às termas de Inverno de Pompeu? Mesmo no Verão? No fim de contas, os nossos homens também são soldados romanos. Não há como uma actividade colectiva verdadeiramente agradável para fomentar a amizade. Quando a piscina de Pompeu estiver acabada, haverá tantos homens deles como nossos a desfrutar dos prazeres de um bom banho termal. E, ao fim de pouco tempo, já todos conversarão animadamente — as mesmas piadas, as mesmas queixas, o mesmo tipo de vida. Aposto que não vamos precisar de travar nenhuma batalha.

— E ele compreendeu isso do pouco que disseste?

— Absolutamente. — Surpreende-me que ele tenha concordado em ajudar-te! Afinal o que ele quer é guerra.

— É verdade. Mas ele já apanhou o meu ritmo, Pio, e sabe perfeitamente que não vai ter batalha nenhuma nestes meses da Primavera. Sabes, na estratégia de Pompeu não há qualquer propósito de me aborrecer. Ele precisa de mim tanto como eu preciso dele — disse Sila, e riu-se baixinho para dentro, sem mexer um palmo do rosto.

— Quer-me parecer que ele é muito capaz de decidir que não precisa de ti mais cedo do que pensas.

— Então estás enganado acerca dele.

Três dias depois, Sila e Cipião Asiágeno mantiveram conversações na estrada entre Teano e Cales, e concordaram em firmar um armistício. Por essa altura, já Pompeu tinha concluído a sua piscina. Tipicamente metódico, só abriu a piscina à recreação das tropas depois de ter publicado um regulamento para o uso da mesma, o qual dava espaço suficiente aos invasores vindos do outro lado do rio. Passados dois dias, as movimentações entre os dois campos eram já tão intensas que Quinto Sertório se viu forçado a dizer ao seu comandante:

— O melhor, já agora, é desistir da pretensão de que estamos em campos opostos.

Cipião Asiágeno pareceu surpreendido com aquela observação.

— Mas que mal é que aquilo faz? — perguntou num tom afável.

O único olho que restava a Sertório ergueu-se para o céu. O seu corpulento físico, por volta dos trinta e tal anos, ganhara a sua forma definitiva — em particular o pescoço rijo e largo, como o de um touro, formidável. E, sob um certo ponto de vista, era pena que ele tivesse aquele pescoço e aquele carão, já que lhe dava um ar bovino, em tudo contrário ao poder e qualidade do seu intelecto. Sertório era primo de Caio Mário e herdara o brilhantismo pessoal e militar de Mário, muito mais do que, por exemplo, o próprio filho de Mário. Perdera um olho numa escaramuça, pouco tempo antes do cerco de Roma, mas como ficara com o olho esquerdo e era canhoto, aquela perda não lhe afectara as capacidades guerreiras. A cicatriz transformara o seu rosto agradável em algo que roçava a caricatura, pois se o lado direito ganhara em beleza, o esquerdo impunha ao todo uma horrível contradição.

Cipião subestimava-o e não o respeitava nem compreendia. E agora, fitava-o surpreendido.

Sertório fez mais um esforço para o convencer dos seus pontos de vista.

— Asiágeno, pensa um pouco! Crês que os nossos homens combaterão por nós se lhes

permitirmos que mantenham relações de amizade com o inimigo?

— Combaterão porque receberão ordens para combater.

— Não estou de acordo. Porque achas que Sila mandou construir aquela piscina, senão para atrair as nossas tropas? Não foi a pensar nos homens dele que Sila mandou fazer aquilo! É uma armadilha e tu estás a cair nela!

— Estamos em tréguas e o outro lado é tão romano como o nosso — teimou Cipião Asiágeno.

— O outro lado é conduzido por um homem que tu devias temer tanto como se ele e o seu exército tivessem sido cuspidos da boca do dragão! Asiágeno, tu não podes ceder nem um milímetro! Se o fizeres, ele acabará por apossar-se de todas as terras que nos separam de Roma!

— Exageras — disse Cipião, inflexível.

— Não passas de um idiota! — atirou-lhe Sertório, incapaz de conter as palavras.

Mas Cipião não ficou nada impressionado com aquela explosão de mau-humor.

Bocejou, coçou o queixo, fitou as unhas esmeradamente tratadas. Depois olhou para Sertório, que estava praticamente debruçado sobre ele, e fez-lhe um sorriso cheio de doçura.

— Desaparece! — atirou-lhe.

— Desapareço e é já! — retorquiu-lhe Sertório. — Pode ser que Caio Norbano consiga fazer-te ver as coisas!

— Dá-lhe cumprimentos! — gritou-lhe Cipião, retomando imediatamente o exame das unhas.

Assim, Quinto Sertório partiu a bom galope para Cápua, onde encontrou um homem muito mais próximo dele que Cipião Asiágeno. Norbano, o mais leal dos amigos de Mário, não era um defensor fanático de Carbão; depois da morte de Cina, limitara-se a manter a sua atitude de obediência unicamente porque detestava muito mais Sila que Carbão. — Quer dizer então que aquele prodígio de cobardia da classe aristocrática concluiu um armistício com Sila? — perguntou Norbano, com um agudo na voz ao proferir o odiado nome.

— Isso mesmo. E permite que os nossos soldados confraternizem com os do inimigo — disse o inabalável Sertório.

— Mas por que raio é que eu tive de emparelhar com um colega tão estúpido? — queixou-se Norbano, encolhendo depois os ombros. — bom, é a isto que a nossa Roma está

reduzida, Quinto Sertório. Eu vou-lhe mandar uma mensagem muito desagradável que ele vai obviamente ignorar. Mas sugiro-te que não voltes para ele. Repugna-me a ideia de que acabarás por ser mais um prisioneiro de Sila. Sila arranjaria maneira de te matar. Trata de fazer qualquer coisa que possa perturbar os planos de Sila.

— Ora aí está o que é bom senso — disse Sertório, com um suspiro. —vou atiçar o fogo contra Sila nas cidades da Campânia. Os habitantes das cidades declararam-se a favor de Sila, mas há muitos homens que não gostam dele. — Sertório tinha um ar enojado. — As mulheres, Caio Norbano! As mulheres! Basta-lhes ouvir o nome de Sila para ficarem em êxtase, tontas de êxtase! Foram as mulheres, e não os homens, quem decidiu que partido as cidades da Campânia haviam de apoiar.

— Então seria melhor que lhe olhassem bem para a cara — disse Norbano, com um esgar. — Julgo que ele tem tudo menos um ar humano.

- Pior do que eu?

— Muito pior. Pelo menos é o que dizem. Sertório franziu a testa.

— Já me chegaram alguns desses boatos, mas a verdade é que Cipião não me incluiu no grupo que negociou o tratado e por isso não pude vê-lo. Aliás, Cipião também não fez qualquer referência à sua fisionomia — disse Sertório e, com um riso soturno, acrescentou: — Ah, aposto que isso o deixa muito magoado, àquele lindo mentula! Que vaidoso que ele era! Tal e qual uma mulher.

Norbano sorriu maliciosamente.

— Não és grande apreciador de sexo, pois não?

— As mulheres são boas para um tipo se vir. Mas para esposa, muito obrigado mas não quero nenhuma! A minha mãe é a única mulher da minha vida. Essa sim, essa é que é uma mulher como deve ser! Não se mete nos assuntos dos homens, não se põe a cantar de galo, não usa a sua cunnus como uma arma. — Pegou no capacete e enfiou-o na cabeça. — Vou-me embora, Caio. Desejo-te boa sorte. Precisas muito dela se quiseres convencer Cipião de que está errado. Verpa!

Após alguma reflexão, Sertório decidiu seguir de Cápua para o litoral da Campânia, onde a pequena e bela cidade de Sinuessa Aurunca devia estar já madura para se rebelar contra Sila. As estradas da Campânia estavam sossegadas; Sila não procedera a nenhum bloqueio, a não ser no

caso de um ataque formal contra Nápoles. Sem dúvida que, em breve, instalaria uma força nas cercanias de Cápua, de modo a que Norbano não pudesse sair, mas não havia o mínimo sinal de cerco quando Sertório o visitou. Mesmo assim, Sertório achou que seria melhor afastar-se das estradas principais. Gostava da sensação de viver uma vida de fugitivo; essa sensação dava uma outra dimensão à vida real; fazia-o lembrar-se dos tempos em que se disfarçara de guerreiro celtibero de uma tribo estrangeira a fim de poder espiar entre os Germanos. Ah sim, isso é que era viver! Não ter de agüentar os prodígios de cobardia da aristocracia romana! Acção constante, mulheres que sabiam qual era o seu lugar. Até tinha tido uma mulher germânica e fizera-lhe um filho e nunca sentira que ela ou o filho lhe tivessem tolhido os movimentos. Viviam agora na Hispânia Citerior, na fortaleza da montanha de Osca, e o rapaz já devia ser — ah, como o tempo voava — um homem. Não que Quinto Sertório sentisse a falta deles ou ansiasse voltar a ver o seu único filho. Só sentia falta de uma coisa — de viver. Da liberdade, pois a liberdade era o único factor verdadeiramente importante, pois só em liberdade é que um homem podia ser realmente um guerreiro. Sim, que belos tempos aqueles...

Como era seu hábito, Sertório viajava sem escolta: nem sequer um escravo levava. Tal como o primo, Caio Mário, acreditava que um soldado devia ser capaz de cuidar de si sem a ajuda de ninguém. Claro que as suas coisas tinham ficado no acampamento de Cipião Asiágeno, mas ele não voltaria lá para as ir buscar — ou voltaria? Pensando bem, havia umas quantas coisas que lhe faziam realmente falta: a espada que normalmente usava, uma cota de malha que trouxera da Gália Ulterior e que era de uma leveza e perfeição que nenhum ferreiro em Itália conseguiria igualar, as botas de Inverno da Ligúria. Sim, voltaria ao acampamento. Passariam ainda alguns dias antes que Cipião caísse.

E assim, Sertório deu meia-volta e rumou a nordeste, tencionando contornar o acampamento de Sila. A certa altura, descobriu que, na sua retaguarda, a alguma distância, vinha um pequeno grupo. Quatro homens e três mulheres. Ah, mulheres! Por pouco não mudava de direcção. Porém, no último momento, decidiu abeirar-se deles. No fim de contas, o grupo seguia na direcção do mar, ao passo que ele ia para as montanhas.

Porém, à medida que se ia aproximando, o seu sobrolho franzia-se mais e mais. O homem que vinha à frente não era seu conhecido? Um verdadeiro gigante, com o cabelo cor de linho e músculos maciços, tal e qual como milhares de germanos que conhecera — Burgundo!

Por todos os deuses, era mesmo Burgundo! E atrás dele vinham Lúcio Decúmio e os seus dois filhos!

Burgundo tinha-o reconhecido; os dois homens espicaçaram os cavalos e assim correram ao encontro um do outro, enquanto o pequeno Lúcio Decúmio açoitava o seu animal para os apanhar. Ah sim, Lúcio Decúmio nunca perdia palavra de nenhuma conversa!

— Mas que raio é que vocês estão a fazer aqui? — perguntou Sertório depois dos cumprimentos e das palmadas nas costas.

— Estamos perdidos: é isso o que estamos a fazer aqui — disse Lúcio Decúmio, lançando um olhar de raiva e censura a Burgundo. — Este monte de merda germânico jurou que conhecia o caminho! Mas Será que conhece? Pois bem: não conhece! Não conhece nada!

Ao fim de muitos anos a ouvir as enxurradas de insultos (aliás, bem intencionados) de Lúcio Decúmio, Burgundo acabara por acostumar-se. Por isso, suportava-os agora com a paciência usual, limitando-se a fitar o pequeno romano com os olhos com que um touro olharia para um mosquito.

— Andámos à procura das terras de Quinto Pédio — disse Burgundo no seu latim muito lento, sorrindo para Sertório com uma afeição que reservava a poucos homens. — A senhora Aurélia vai levar a filha para Roma.

E ali vinha ela, montando uma robusta mula, muito direita sobre a sela, a cabeleira irrepreensivelmente penteada, o traje de viagem castanho-claro sem sinal de poeira. com ela, vinha a sua corpulenta criada gaulesa, Cardixa, e uma outra criada que Sertório não conhecia.

Quinto Sertório — disse ela, juntando-se a eles e de certo modo assumindo o comando.

Aquela é que era uma mulher! Sertório dissera a Norbano que, de todas as mulheres, apenas prezava a sua mãe, mas não havia dúvida que se tinha esquecido de Aurélia. Não sabia como é que ela conseguia ser bela e, ao mesmo tempo, sensata; o que ele sabia era que ela, entre todas as mulheres do mundo, era a única que conseguia ser bela e sensata. Além do que era tão honrada como qualquer homem, não mentia, não chorava nem se queixava, trabalhava duramente e não se metia onde não era chamada. Tinham praticamente a mesma idade — quarenta anos — e conheciam-se desde o casamento de Aurélia com Caio Júlio César, mais de vinte anos antes.

— Tens visto a minha mãe? — perguntou Sertório, enquanto ela conduzia a sua mula

de modo a que os dois pudessem afastar-se um pouco do resto do grupo.

— Não a vejo deste os ludi romani do ano passado, portanto deve-la ter visto depois disso. Mas ela vai estar connosco outra vez este ano, por altura dos Jogos. As visitas dela tornaram-se um hábito.

— Aquela velha teimosa nunca há-de querer ficar em minha casa — disse ele.

— Sente-se sozinha, Quinto Sertório. A tua casa é um local tão solitário...! A nossa casa é uma barafunda e ela gosta disso. Não digo que gostasse de ficar mais tempo do que aquele que os Jogos duram, mas é bom para ela estar naquele ambiente pelo menos uma vez por ano.

Satisfeito no que tocava às notícias de sua mãe, que adorava, Sertório abordou o problema que preocupava Aurélia.

— Estão mesmo perdidos? — perguntou. Aurélia acenou que sim e suspirou.

— Receio bem que sim. Espera até o meu filho saber disto! Não me vai perdoar! Mas como ele é flamen Dialis, não pode ausentar-se de Roma e, por isso, tive de confiar em Burgundo. — Aurélia parecia arrependida. — Cardixa diz que ele é capaz de se perder entre o Fórum e Subura, mas confesso que sempre pensei que Cardixa era demasiado pessimista. Agora é que vejo que ela não exagerava rigorosamente nada!

— E Lúcio Decúmio e os filhos também não te podiam ajudar. — Fora das muralhas da cidade, não conhecem nada de nada — disse ela, acrescentando logo, para fazer justiça a Decúmio: — Mas a verdade é que não podia ter uma escolta mais forte e atenta e, agora que te encontrei, tenho a certeza de que chegaremos às terras de Quinto Pédio num instante.

— Num instante, por certo que não. Mas posso indicar-lhes o caminho certo. — O seu único olho examinou-a atentamente. — Vais levar a miúda de volta para casa?

Aurélia enrubesceu.

— Não propriamente. Quinto Pédio escreveu-me a pedir que viesse. Parece que Cipião e Sila estão acampados nos limites das suas terras e ele achou que seria mais seguro para Lia ir para outro sítio. O problema é que ela se recusou a partir!

— Uma César típica — comentou Sertório com um sorriso. — Obstinada.

— Tens toda a razão! O irmão é que devia ter vindo buscá-la. Quando ele diz às irmãs que têm de fazer seja lá o que for, elas ficam cheias de medo e fazem mesmo! Mas Quinto Pédio, pelos vistos, acha que euvou conseguir. A minha tarefa não consiste em levar a miúda de volta

para casa, mas sim em convencê-la a voltar para casa.

— Vais conseguir. Os Césares podem ser obstinados, mas não foi aos Césares que o teu filho foi buscar a sua autoridade. A autoridade, foi buscá-la a ti! — disse Sertório. De súbito, tinha um ar mais animado. — Vais compreender quando te disser que estou com alguma pressa.vou acompanhá-los durante uma parte do caminho, mas não poderei escoltá-los até à porta de Quinto Pédio. Infelizmente. Para isso, terás de pedir ajuda a Sila. O acampamento dele fica a meio caminho entre o sítio em que estamos agora e a casa de Quinto Pédio.

— E tu vais ter com Cipião, não é? — disse ela.

— De facto não era essa a minha intenção inicial — retorquiu ele com toda a franqueza.

— Só que, a dado momento, apercebi-me de que deixara no acampamento coisas de que não gostaria de me separar.

Os grandes olhos cor de púrpura de Aurélia atentaram nele tranqüilamente.

— Ah, estou a ver! Cipião não está à altura.

— Alguma vez pensaste que poderia estar? — Não, nunca.

Fez-se um breve silêncio. Seguiam agora pelo mesmo caminho de onde tinham vindo.

O resto do grupo de Aurélia ficara para trás.

Que vais tu fazer, Quinto Sertório?

—vou causar a Sila o máximo de problemas que puder. Em Sinuessa, creio eu. Mas só depois de ir buscar as minhas coisas ao acampamento de Cipião. — Sertório pigarreou e logo acrescentou: — Posso levar-te até Sila. Num caso destes, ele nunca tentaria deter-me.

— Não. Leva-nos apenas até um sítio a partir do qual possamos encontrar o acampamento sem nos perdermos outra vez. — Aurélia soltou um suspiro de prazer. — Ah, que bom voltar a ver Lúcio Cornélio! Esteve em Roma pela última vez há quatro anos. Ele visitava-me sempre antes de partir e logo que chegava. Uma espécie de tradição. Agora vou ter de quebrar a tradição, e tudo por causa de uma filha teimosa. Mas não importa. O que importa é que eu e Lúcio Cornélio vamos voltar a ver-nos. Tenho tido imensas saudades das suas visitas.

Sertório quase abria a boca para a advertir. Mas não chegou a dizer-lhe nada. O que sabia sobre o estado de saúde de Sila não passava de boatos; ao passo que, o que sabia sobre Aurélia eram factos claros. Sabia que ela preferia fazer as suas próprias descobertas, disso estava certo.

Assim, quando as muralhas de terra e madeira do acampamento de Sila começaram a desenhar-se no horizonte, Quinto Sertório despediu-se gravemente da prima (por afinidade, já que casara com um primo seu), apressou o cavalo e partiu.

Uma nova estrada atravessava os campos na direcção das muralhas, uma estrada já gasta pelo movimento constante das carroças do abastecimento e dos cascos dos cavalos. Agora não podia haver qualquer razão para se perderem.

— Devemos ter passado por aqui e não demos por nada — disse Lúcio Decúmio, carrancudo. — E não demos por nada porque o teu rabo nos tapava a vista, Burgundo!

— Então?! — interveio calmamente Aurélia. — Parem com as discussões!

E as discussões, de facto, acabaram. Uma hora depois, o pequeno grupo chegou ao portão da fortaleza e Lúcio Decúmio pediu que os levassem ao general. Aurélia, que nunca tinha visto um acampamento de tropas, nem de perto nem de longe, penetrava assim num universo que para ela era muito estranho e rigorosamente novo. Muitos foram os olhos que a miraram, à medida que o grupo avançava pela estrada, uma recta perfeita, que conduzia à pequena abertura de um outro portão, situado muito longe. A cerca de cinco quilômetros do primeiro portão, calculou ela, surpreendida.

A meio da Via Principalis, via-se a única elevação que havia no campo; uma elevação obviamente artificial, sobre a qual fora construída uma grande casa de pedra. A enorme bandeira vermelha do general ondeava ao vento, sinal de que o general estava nos seus aposentos. O oficial de serviço, um jovem ruivo, sentado à sua mesa debaixo de um toldo, levantou-se desajeitadamente quando reparou que a visita do general era uma mulher. Lúcio Decúmio e os filhos, Burgundo, Cardixa e a outra criada ficaram junto dos cavalos, enquanto Aurélia avançou tranqüilamente até ao oficial de serviço e as sentinelas que o ladeavam.

Porque Aurélia estava inteiramente envolvida por uma volumosa túnica de lã castanho-clara, o máximo que o jovem Marco Valério Messala Rufo pôde ver foi a cara dela. Mas isso, pensou ele, recuperando da surpresa, já era o bastante! com a idade da mãe dele e, no entanto, a mais bela de todas as mulheres! Helena de Tróia também já não era nova quando deu que falar de si. Os anos não tinham afectado a magia que havia em Aurélia; ainda agora todas as cabeças se viravam para vê-la, sempre que saía à rua.

— Por favor, gostaria de falar com Lúcio Cornélio Sila. Messala Rufo não lhe perguntou

o nome, nem pensou em avisar Sila da sua chegada; limitou-se a fazer-lhe uma vénia e a apontar-lhe a porta. Aurélia entrou, com um sorriso de agradecimento.

Embora as ripas das persianas fossem estreitas para que o ar pudesse entrar em abundância, a sala estava mergulhada na sombra, em especial no canto onde um homem sentado a uma secretária escrevia atarefadamente, sob a luz de um grande castiçal.

Aquela voz só podia ser de Aurélia:

— Lúcio Cornélio?

Algo de muito especial aconteceu então. Os ombros curvados endireitaram-se, sobressaltaram-se como que para se defenderem de um murro tremendo, e a pena e o papel deslizaram pela secretária, com tal violência que acabaram no chão. Porém, depois deste sobressalto inicial, Sila ficou muito quieto na sua cadeira, os olhos postos nela.

Aurélia avançou alguns passos.

— Lúcio Cornélio?

Nenhuma resposta. No entanto, os olhos dela começavam a habituar-se à escuridão.

Reparou numa cabeleira que não pertencia a Lúcio Cornélio Sila. Pequenos caracóis ruivos, perfeitamente ridículos.

Depois, ele ergueu-se nervosamente, como que percorrido por espasmos, e Aurélia não teve mais dúvidas de que era realmente Lúcio Cornélio Sila que ali estava porque aqueles olhos que a fitavam só poderiam ser os olhos de Lúcio Cornélio Sila. Uns olhos inconfundíveis.

Por todos os deuses! Como posso ter-lhe feito uma coisa destas?! Mas eu não sabia! Se soubesse, não haveria nada deste mundo capaz de me arrastar até aqui! Será que ele descortina alguma coisa na minha expressão?

— Ah, Lúcio Cornélio, que bom voltar a ver-te! — disse ela, no tom que convinha, avançou na direcção da secretária e beijou-o nas faces cobertas de cicatrizes. Depois, sentou-se numa cadeira que estava ao pé da secretária, juntou as mãos sobre o colo, sorriu para ele sem qualquer constrangimento e esperou.

— Tencionava nunca mais te voltar a ver, Aurélia — disse ele, sem desviar os olhos dos olhos dela. — Não podias esperar até que eu chegasse a Roma? Isto que fizeste é uma alteração aos nossos hábitos, uma alteração de que não estava de modo nenhum à espera.

— Pelos vistos, só chegarás a Roma depois de uma difícil experiência. com um exército

atrás de ti. Ou talvez eu pressentisse que esta seria a primeira vez que não me visitarias. Mas não é nada disso, Lúcio Cornélio, eu não estou aqui por nenhuma razão evidente. Vim ter contigo porque me perdi.

— Perdeste-te?

— Sim. Pretendo encontrar a casa de Quinto Pédio. A tonta da minha filha não quer ir para Roma e Quinto Pédio — é o segundo marido dela, isso tu não podias saber — não quer que ela permaneça num sítio onde estão acampados dois exércitos inimigos — explicou Aurélia, dizendo para si mesma que tinha conseguido manter um tom despreocupado e convincente. Ele vai ficar mais à vontade agora, pensou.

Mas aquele homem chamava-se Sila. Por isso retorquiu:

— Ficaste chocada, não foi? Aurélia não procurou disfarçar — Sim, de certo modo. A cabeleira, sobretudo. Ficaste calvo, não é?

— Fiquei sem cabelo e sem dentes — respondeu Sila, mostrando as gengivas como um macaco.

— bom, todos nós chegamos a isso se vivermos o tempo suficiente.

— Agora já não quererias que eu te beijasse como te beijei há alguns anos, pois não?

Aurélia inclinou levemente a cabeça, sorriu.

— Nem mesmo então quis que me beijasses daquela maneira. Apesar de realmente ter gostado. Mas era um perigo demasiado grande para a minha paz de espírito. Ah, o que tu me odiaste então!

— De que estavas à espera? Rejeitaste-me. Não gosto que as mulheres me rejeitem.

— Recordo-me perfeitamente!

— Eu recordo-me das uvas.

— Também eu.

Sila respirou fundo, comprimiu as pálpebras.

— Ah, quem me dera ser capaz de chorar!

— Ainda bem que não és capaz, meu amigo — disse ela, ternamente.

— Naquela altura, choraste por mim.

— Sim, chorei. Mas nãovou chorar por ti agora. Seria chorar uma imagem que há muito desapareceu das águas do rio. O que interessa é que estás aqui. Fico contente por isso.

Ele levantou-se finalmente. Um homem velho e cansado.

— Um copo de vinho?

— De bom grado.

Aurélia reparou que, ao servir o vinho, Sila usava duas garrafas.

— Não gostarias da urina que sou forçado a beber. É tão seca e amarga como eu próprio.

— Olha que eu também sou bastante seca e amarga, mas nãovou insistir em provar o teu vinho, já que não mo recomendas. — Aurélia pegou no copo que ele lhe estendia e bebeu com agrado o vinho. — Obrigado, é muito agradável depois de uma jornada tão longa e cansativa.

— Que se passa com o teu marido para te deixar fazer o que lhe competia? Está outra vez fora? — perguntou Sila, sentando-se mais descontraidamente.

Os olhos luminosos de Aurélia ganharam uma gravidade vítrea.

— Há dois anos que sou viúva, Lúcio Cornélio. Esta notícia deixou-o espantado.

— Caio Júlio morto?! Mas ele estava tão bem como um rapaz! Foi morto nalguma batalha?

— Não. Morreu de repente.

— E eu aqui estou, mil anos mais velho que Caio Júlio, e ainda agarrado à vida — disse Sila num tom amargo.

— Tu és o Cavalo de Outubro, ao passo que ele ficou sempre numa posição intermédia. Era um homem bom e eu gostei de estar casada com ele. Mas nunca pensei nele como um homem que precisava de se agarrar à vida — disse Aurélia.

— Talvez tivesse sido bom para ele. Partindo do princípio que conquistarei Roma, as coisas poderiam ficar feias para ele, caso fosse vivo. Julgo que ele teria optado por apoiar Carbão.

— Ele apoiou Cina, por respeito a Caio Mário. Mas Carbão? Não sei se o apoiaria. — Aurélia mudou de assunto, menos chocada agora com o aspecto daquele que fora tão belo como Apolo. — Como está a tua mulher, Lúcio Cornélio? Bem?

— Sim, segundo as últimas notícias que tive dela. Continua em Atenas. Deu-me dois gémeos o ano passado. Um rapaz e uma rapariga. — Soltou uma risadinha e prosseguiu: — Ela tem medo que se venham a parecer com o tio, o Bacorinho.

— Ah, coitadinhos! Mas é bom, ter filhos. Nunca pensas nos teus outros gémeos, os filhos da tua esposa germânica? Já devem estar uns homens.

— Ah, os jovens Queruscos! Devem ter andado por aí a escalpar e a queimar romanos vivos em aulas de vime!

Tudo ia ficar bem: ele estava mais calmo agora, menos atormentado. Aurélia pensara em muitos destinos possíveis para Sila. Mas a perda daquela atracção única e tão especial não estava nas suas previsões. E, no entanto, ele continuava a ser Sila. Provavelmente, pensou Aurélia, a mulher dele continua a amá-lo como quando ele era a imagem de Apolo.

Conversaram ainda durante algum tempo, passando em revista os anos passados à medida que iam trocando notícias sobre muitas e variadas pessoas; Aurélia reparou que ele gostava de falar do seu protegido, Lúculo, e Sila apercebeu-se de que ela gostava de falar do seu único filho varão, que agora se chamava César.

- Se bem me lembro, o jovem César era um verdadeiro erudito. O cargo de flamen Dialis deverá assentar-lhe bem.

Aurélia hesitou, pareceu ir dizer qualquer coisa, mas acabou por dizer algo aparentemente diverso do que tinha pensado:

— Ele tem feito um esforço tremendo para ser um bom sacerdote.

Franzindo o sobrolho, Sila olhou pela janela mais próxima.

— O sol está já a caminhar para o ocaso, é por isso que está tão escuro aqui dentro. São horas de te pores a caminho.vou arranjar-te alguns guias — a casa de Quinto Pédio não fica muito longe do meu acampamento. E podes dizer à tua filha que será muito estúpida se ficar. Os meus homens não são propriamente uns selvagens, mas uma verdadeira Júlia, como julgo que ela é, constitui sempre uma tentação a que é muito difícil resistir, e nós não podemos impedir os soldados de beber, para mais quando estão presos num acampamento. Leva-a para Roma imediatamente. Arranjo-te uma escolta que te acompanhará até Farentino depois de amanhã. Desse modo, poderás fazer a tua viagem em segurança, longe das garras dos exércitos que aqui estão acampados.

Aurélia levantou-se.

— Eu trouxe comigo Burgundo e Lúcio Decúmio, tal como os filhos deste. Mas se realmente podes dispor dos homens, aceitarei de bom grado a escolta. Não há nenhuma batalha

iminente entre as tuas tropas e as de Cipião?

Ah, que triste, nunca mais voltar a ver aquele belo sorriso! O máximo que ele podia fazer agora era um risinho grunhido, algo que não perturbava as crostas e cicatrizes do seu rosto.

— com as tropas daquele imbecil? Não, não estou a prever nenhuma batalha — disse ele, no vão da porta. Depois, empurrou-a ligeiramente. — Agora vai, Aurélia. E não esperes que eu te visite em Roma. Aurélia foi ter com a sua escolta enquanto Sila dava já instruções a Messala Rufo. E, poucos instantes depois, seguiam já pela Via Pretória, na direcção de outro dos quatro portões do vasto acampamento de Sila.

Os companheiros de viagem de Aurélia olharam para ela, mas não se sentiram encorajados a dirigir-lhe a palavra. Assim, Aurélia pôde dispor da paz necessária para mergulhar nos seus pensamentos até ao final da jornada.

Sempre gostei dele, apesar de ele se ter tornado nosso inimigo. Apesar de ele não ser um homem bom. O meu marido era genuinamente uma boa pessoa, e eu amava-o, e fui-lhe fiel de corpo e alma. No entanto — e isto, sei-o agora, só agora — houve uma pequena porção de mim mesma que dei a Lúcio Cornélio Sila. A parte que o meu marido não queria, a parte com que o meu marido não teria sabido o que fazer. Lúcio Cornélio e eu só nos beijámos uma vez. Mas foi um beijo tão belo quanto sinistro. Uma lama apaixonante e envolvente. Eu não cedi. Mas os deuses sabem o quanto eu desejava ceder! De certo modo, foi uma batalha que venci. No entanto... não terei por acaso perdido uma guerra?

Sempre que ele penetrava no meu confortável e ordenado mundo, trazia consigo um vendaval; se ele era Apolo, também era Éolo, e governava os ventos do meu espírito, a tal ponto que a lira que havia no fundo de mim mesma dedilhava uma melodia que o meu marido nunca por nunca ouviu... Ah, isto é pior que a dor do luto e da separação derradeira! Estive perante os destroços de um sonho, de um sonho que era tanto meu como dele, e ele sabe-o, pobre Lúcio Cornélio. Mas quanta coragem! Um homem mais fraco teria caído sobre a sua espada. Quanta dor, quanta dor! Mas por que motivo sinto isto? Eu sou uma mulher de acção, uma mulher prática que não se perde nos labirintos da imaginação. Tenho uma vida organizada e muito satisfatória. Mas agora compreendo que parte de mim mesma pertenceu sempre a Sila; a parte do pássaro, da ave que poderia ter subido pelos ares, fazendo espirais a grande altura, dando voz às melodias do seu coração, enquanto que, lá em baixo, toda a terra se incendiava por um nada. Mas

não, não estou triste por ter mantido os meus pés bem presos à terra, por nunca ter voado naquelas altas paragens. É algo que se ajusta à minha pessoa. Eu e Sila nunca teríamos tido um momento de paz. Ah, mas sofro por ele! Sim, sofro por ele e choro...

E como Aurélia seguia à frente de todos, excepto dos oficiais romanos que os guiavam, nenhum dos membros da sua comitiva pôde ver as lágrimas que lhe corriam pelo rosto. Tal como não puderam ver os destroços de um sonho que se chamava Lúcio Cornélio Sila.

A paciente carta de protesto que Caio Norbano enviou a Cipião Asiágeno em nada contribuiu para impedir o desastre que Cipião a si próprio infligiu; no entanto, ninguém ficou mais surpreendido que Cipião quando, após ter finalmente decidido que combateria, descobriu que as suas tropas não lutariam por ele. Pelo contrário: as suas oito legiões desertaram em massa para o inimigo.

De facto, mesmo depois de Sila lhe ter retirado as insígnias consulares e lhe ter ordenado que partisse sob a escolta de um esquadrão de cavalaria, Cipião Asiágeno continuou sem perceber que Roma estava de facto numa situação muito difícil. Tranqüila e complacentemente, dirigiu-se para a Etrúria, onde começou a recrutar outro exército, recorrendo aos inúmeros clientes de Caio Mário que aí viviam. Caio Mário podia estar morto, mas a sua memória nunca se esbateria. Ao passo que Cipião Asiágeno não passava de uma presença transitória.

— Ele nem sequer compreende que, dessa forma, está a desrespeitar um solene acordo de tréguas — comentou Sila, perplexo. — Eu bem sei que os Cipiões estão muito por baixo, mas este abusa! Não merece o nome de Cornélio Cipião. Se conquistar Roma, mandarei executá-lo.

— Devias tê-lo executado quando o tiveste na mão — disse o Bacorinho, um tanto irritadiço. — Aquele homem só nos vai trazer chatices.

— Nada disso. Cipião é o cataplasma que euvou aplicar no furúnculo da Etrúria — retorquiu Sila. — com esse cataplasma, retiro o veneno enquanto há apenas um furúnculo para tratar. Desse modo, os furúnculos não se alastram e não se tornam malignos.

De novo a sabedoria de Sila, pensou Metelo Pio com um sorriso malicioso.

— Mas que bela metáfora! — comentou.

Embora se estivesse ainda em Quinctilis e o Verão se encontrasse, portanto, longe do fim, Sila não viria a abandonar aquele acampamento durante todo o ano. Após a partida de

Cipião, os dois acampamentos juntaram-se e os experimentados centuriões de Sila começaram a treinar os soldados, jovens e pouco conhecedores da guerra, que haviam pertencido à Roma de Carbão. O medo e o respeito que sentiam pelos veteranos de Sila tinham tido mais efeito sobre esses soldados do que a amistosa confraternização; em poucos dias, tinham ficado a conhecer um tipo de soldado que desconheciam em absoluto — duro, resistente, inteiramente profissional. O tipo de militar que nenhum recruta recente conseguiria vencer num campo de batalha. A deserção parecia ter sido, de facto, a melhor alternativa.

A defecção de Sinuessa Aurunca, sob a influência de Quinto Sertório, não passava de um mero acidente de percurso; Sila acabou por atacar a cidade, mas apenas para que o exército de Cipião pudesse treinar, e não para que a cidade morresse à fome ou visse destruídas as suas formidáveis muralhas. Sila não estava interessado em lançar, nesse ano, operações susceptíveis de causarem pesadas baixas em vidas humanas. A grande utilidade do cerco a Sinuessa consistia no facto de constituir uma prisão para Quinto Sertório, um homem extremamente capaz do ponto de vista militar. Isolado em Sinuessa, Quinto Sertório era uma pedra inútil no jogo de Carbão, que poderia tê-lo utilizado de uma forma incomparavelmente melhor.

Entretanto, chegaram notícias da Sardenha segundo as quais Filipe e as suas coortes hispânicas tinham tomado facilmente o poder. Filipe estaria em condições de enviar todo o produto das colheitas da ilha: e, de facto, no tempo previsto, sem qualquer oposição de navios de guerra ou de piratas, os navios do transporte de cereais chegaram a Putéolos e descarregaram tudo aquilo de que Sila precisava.

O Inverno, naquele ano, começou cedo e foi invulgarmente severo. A fim de melhor distribuir as suas tropas, que entretanto tinham aumentado para mais do dobro, Sila enviou algumas coortes atacar Cápua, Sinuessa e Nápoles, obrigando assim outras zonas da Campânia, para além de Teano, a contribuírem para o sustento das suas tropas. Verres e Cetego revelaram-se notáveis abastecedores, chegando mesmo a inventar um método de conservação do peixe do Adriático em recipientes cheios de neve comprimida; os soldados de Sila, que adoravam peixe mas nunca tinham bastante peixe fresco à sua disposição, deleitaram-se com este inesperado banquete, de tal modo que os cirurgiões do exército não tiveram mãos a medir para extrair espinhas das gargantas mais ávidas.

Nada disto tinha a mínima importância para Sila, que tinha arrancado algumas das

crostas do rosto e que, por isso, suportava agora mais um surto de comichão. Toda a gente lhe suplicara que deixasse cair as crostas naturalmente, mas aquele temperamento inquieto não era capaz de esperar; arrancava as crostas mal elas começavam a dar de si.

Aquele foi um surto terrível e que (talvez por causa do frio, pensava Varrão, que agora assistia Sila por ter revelado curiosidade científica) o importunou sem cessar durante três meses. Três meses em que Sila viveu embrutecido pelo álcool, um Sila perfeitamente desvairado que gemia e se arranhava, que berrava e bebia. A certa altura, Varrão atou-lhe as mãos para que ele não tocasse na cara, e embora Sila (como Ulisses atado ao mastro enquanto as Sereias cantavam) desejasse aquela prisão, ao mesmo tempo implorava que o libertassem. Até que acabou por conseguir libertar-se sozinho. E por coçar e arranhar a pele do rosto.

Estava o ano quase no fim quando Varrão, sentindo-se desesperado, advertiu Metelo Pio e Pompeu de que duvidava que Sila estivesse recuperado na Primavera.

— Chegou uma carta para ele, vinda de Tarso — disse Metelo Pio, que se resignara a ter Pompeu por companhia ao longo de todo o Inverno; Crasso estava entre os Marsos e Ápio Cláudio e Mamerco comandavam cercos noutros locais.

— De Tarso? — perguntou Varrão, com súbito interesse. — Isso mesmo. Do etnarca Mórsimo.

— E não mandou nenhum frasco?

” — Não, apenas uma carta. Ele está em condições de lê-la?

— Não, de modo nenhum.

— Então o melhor é seres tu a lê-la, Varrão — disse Pompeu. Metelo Pio fitou Pompeu escandalizado.

— Francamente, Pompeu!

— Ora, Bacorinho, deixa-te de falsos formalismos! — retorquiu Pompeu, entediado. — Nós sabemos que ele não pensa noutra coisa senão no unguento mágico que o há-de curar. Sabemos também que tinha encarregado Mórsimo de descobrir esse unguento. E agora vêm notícias de Mórsimo, mas ele não está em condições de ler. Não achas — pelo menos para o bem de Sila. — que Varrão devia ler o que Mórsimo tem para nos dizer?

Perante tais argumentos, Metelo Pio autorizou Varrão a ler a carta de Mórsimo.

Aqui vai a receita, meu caro Lúcio Cornélio, meu amigo e patrono: é o máximo que

posso fazer por ti. Parece que o unguento tem de ser preparado de fresco mais vezes do que a extensão de uma jornada desde o rio Píramo, na Cilícia Pedia, até Roma, permitiria. Por isso, terás de ser tu a procurar os ingredientes e a preparar a pomada. Afortunadamente, nenhum dos ingredientes é exótico, embora muitos deles sejam difíceis de extrair.

O curativo obtém-se a partir de uma ou muitas ovelhas. Em primeiro lugar, tens de ter um tosão de lã rigorosamente não tratada. Depois, mandas alguém raspar as fibras com um instrumento aguçado o suficiente para as alisar, mas não para as cortar. Verificarás que, na ponta do strigilis, começará a formar-se uma substância — particularmente oleosa, mas com a consistência do coalho do queijo. É preciso raspar a lã até se obter uma grande quantidade desta substância — segundo a minha fonte, são necessários muitos velos. Depois, deitas a substância assim obtida em água lépida: tépida, não quente! O melhor teste é meter um dedo na água — tens de sentir que está quente, mas de modo nenhum insuportável. A substância dissolver-se-á parcialmente numa camada que flutua no topo. Essa camada é a parte que interessa: terás de ter um copo grande cheio dela.

Posteriormente, pegas num tosão com o couro, certificando-te de que fica agarrada alguma gordura às costas do couro — o animal tem de ser morto no momento, aliás, todos os animais têm de ser mortos no momento —, e pões esse tosão a cozer.

A gordura de uma ovelha, assim me disse a minha fonte, precisa também de uma gordura especial que existe dentro do animal, porque a gordura das ovelhas é muito dura: mesmo num quarto quente, não derrete. A minha fonte — a velha mais fedorenta e detestável que existe ao cimo da terra e por certo a mais gananciosa de todas as criaturas! — disse que esta gordura interna tem de ser retirada da porção mais dura de gordura que existe ao cimo dos rins da ovelha e depois esmagada. Em seguida, tem de ser dissolvida em água tépida, tal e qual como se faz com a substância obtida a partir da raspagem da lã. A camada que se forma ao cimo da água tem de encher dois terços de um copo alto. A isto, junta um terço de um copo de bílis retirada da vesícula biliar da ovelha imediatamente após a matança.

Finalmente, misturas todos os ingredientes de uma maneira suave mas eficaz. O unguento é bastante duro, mas não tão duro como a gordura logo após a sua extracção. Aplica-o pelo menos quatro vezes ao dia. Aviso-te, meu caro Lúcio Cornélio, de que deita um fedor atroz.

Mas a minha fonte insiste que o unguento tem de ser usado sem qualquer mistura de perfumes, fragrâncias ou resinas.

Informa-me, por favor, sobre os resultados! A velhaca da velha jura que foi ela quem fabricou o unguento que te causou melhoras temporárias, embora eu tenha algumas dúvidas.

Vale de Mórsimo.

Varrão tratou imediatamente de reunir um pequeno exército de escravos, a quem mandou procurar um rebanho. Depois, numa pequena casa situada perto do edifício onde Sila vivia, lançou-se ao trabalho, girando nervosamente entre os caldeirões e os homens que, afanosamente, raspavam a lã, insistindo em inspeccionar pessoalmente todas as carcaças e todos os rins, insistindo em testar pessoalmente a temperatura da água, medindo meticulosamente todas as quantidades necessárias e exasperando os criados com as suas críticas, com o seu espalhafato, com os seus ”tch”. Uma hora antes de a sua fábrica de unguentos ter começado a laborar, fez o maior alvoroço por causa do tamanho do copo; uma hora passada, apercebeu-se do que realmente interessava para o caso e desatou a rir a bandeiras despregadas. De facto, se os copos fossem todos do mesmo tamanho, que interessava o pormenor do tamanho?

Uma centena de ovelhas depois (para a bílis e a gordura derretida tinham sido precisas apenas duas ovelhas, mas a pequena porção de gordura no topo dos rins e a substância extraída da lã exigiram muito mais animais), Varrão tinha à sua frente um jarro de pórfiro, bastante grande, cheio de unguento. Quanto aos exaustos escravos, tinham à sua frente uma centena de carcaças quase intactas e davam por bem empregue tanto labor, pois iam encher a barriga de carne assada.

Era já uma hora tardia, e Sila, conforme o seu ordenança segredou a Varrão, dormia num divã da sala de jantar.

— Bêbedo — disse Varrão.

— Sim, Marco Terêncio.

— Bem, creio que é melhor que ele esteja bêbedo. Entrou então no edifício em bicos de pés e, por um momento, atentou naquela pobre e torturada criatura em que Sila se tinha transformado. A peruca caíra-lhe da cabeça e jazia agora no chão exibindo o seu interior; muitos milhares de cabelos tinham sido gastos na sua manufactura e cada um desses cabelos fora esmeradamente aplicado na base de gaze. E pensar que esta peruca demorou mais tempo a fazer

que o meu unguento!, pensou Varrão, suspirando e abanando a cabeça. Depois, muito delicadamente, aplicou os dedos ensopados em unguento na sangrenta desordem que era o rosto de Sila.

Os olhos abriram-se imediatamente. Apesar da turvação que o vinho produzira, o terror e o sofrimento eram visíveis nos seus olhos. A boca abriu-se, os lábios esticaram-se, exibindo as gengivas nuas e a língua. Mas nenhum som saiu daquela boca.

— É o unguento, Lúcio Cornélio — murmurou Varrão. — Fi-lo a partir da receita. Consegues suportar mais algum?

As lágrimas assomaram-lhe aos olhos, mas não desciam pelo rosto porque ele estava deitado de costas. Antes que pudessem escorrer pelos cantos, Varrão secou-as com o mais suave dos tecidos. Mas as lágrimas persistiam. E Varrão também.

— Não deves chorar, Lúcio Cornélio. O unguento tem de ser aplicado na pele seca. Agora está quieto e fecha os olhos.

E Sila deixou-se ficar quieto, os olhos cerrados. Depois de alguns movimentos abruptos e reflexos porque lhe estavam a mexer no rosto, Sila não mais protestou e, lentamente, foi-se libertando de toda a tensão.

Varrão deu por concluído o seu trabalho, pegou num castiçal com cinco velas e aproximou-o de Sila para apreciar os resultados. Gotas de um fluido claro, aquoso, começavam a sair nos sítios onde a pele fora afectada, mas a camada de unguento parecia ter controlado a sangria.

— Tens de fazer o possível por não coçar. Tens comichão? — perguntou Varrão.

Os olhos permaneceram fechados.

— Sim, tenho. Mas já passei por muito pior. Ata-me as mãos. Varrão assim fez.

— Eu volto cá pelo alvorecer e ponho-te mais unguento. Quem sabe, Lúcio Cornélio? Pode ser que, ao alvorecer, a comichão já tenha desaparecido — disse ele, afastando-se nos bicos dos pés.

Ao alvorecer, Sila continuava a sentir comichão, mas, aos olhos clinicamente distanciados de Varrão, a pele de Sila parecia — como dizer? — mais calma. Tratou então de aplicar mais unguento; e Sila voltou a pedir que lhe atasse as mãos. Porém, ao cair da noite, ao fim de três aplicações, anunciou que resistiria à vontade de se coçar se Varrão lhe desatasse as

mãos. E quatro dias depois, disse a Varrão que a comichão tinha desaparecido.

— Isto dá mesmo resultado! — exclamou Varrão para Pompeu e o Bacorinho, com a mesma satisfação inebriante que teria um físico, apesar de ele não o ser e não desejar vir a sê-lo.

— Estará em condições de comandar as nossas tropas na Primavera? — perguntou Pompeu.

— Se o unguento continuar a dar o mesmo resultado que até agora ele estará em condições de comandar as tropas muito antes da Primavera — disse Varrão, afastando-se a toda a pressa com o seu jarro de pórfiro para o guardar na neve. Mantido no frio, durará mais tempo, embora as mãos de Varrão fedessem àquilo que suspeitava ser a versão rançosa do unguento.

— Não há dúvida que Sila é Felix. — disse Sila para si mesmo; queria dizer, evidentemente, que Sila tinha a fortuna pelo seu lado.

Quando os primeiros dias desse Inverno gelado e prematuro trouxeram neve às ruas de Roma, muitos dos seus habitantes viram no frio intenso um mau augúrio. Norbano e Cipião Asiágeno não tinham regressado após as respectivas derrotas e, por outro lado, não havia qualquer notícia encorajadora das suas actividades subsequentes; Norbano encontrava-se em Cápua, sob um cerco que se arrastava sem qualquer evolução, enquanto Cipião deambulava pela Etrúria recrutando soldados.

Por volta do final do ano, o Senado achou por bem debater o que o futuro lhe reservava a si — e a Roma. Do número razoavelmente vasto de senadores que Sila em tempos promulgara, restava agora cerca de um terço: muitos tinham corrido a juntar-se a Sila quando este se encontrava ainda na Grécia, outros tinham aderido celeremente à sua causa depois de ele ter desembarcado em Itália. De facto, apesar dos protestos de um grupo de senadores, que insistiam em considerar-se neutrais, toda a gente em Roma, desde as classes mais altas às mais baixas, sabia perfeitamente que os dados estavam lançados e os campos definidos. Apesar da sua vastidão, nem todo o território da Itália e da Gália Italiana chegava para albergar Sila e Carbão num regime de coexistência pacífica; Sila e Carbão defendiam valores opostos, sistemas de governo contrários, idéias diversas quanto aos caminhos que Roma havia de trilhar. Sila defendia a mos maiorum, os costumes e tradições com séculos de idade que davam aos aristocratas fundiários a chefia de Roma tanto na paz como na guerra, ao passo que Carbão defendia os dirigentes comerciais e mercantis — os cavaleiros e os tribuni aerarü. Como nenhum destes grupos

concordaria em partilhar equitativamente o poder, um dos dois teria de alcançar o domínio do país através de mais uma guerra civil.

O facto de o Senado pôr a hipótese de uma reunião devia-se apenas ao regresso de Carbão da Gália Italiana, onde fora chamado pelo tribuno da plebe Marco Júnio Bruto, o mesmo que legislara o estatuto de cidade romana para Cápua. Os senadores reuniram-se na casa de Bruto, no Palatino, um local que Cneu Papírio Carbão conhecia muito bem; ele e Bruto eram amigos há muitos anos. Além disso, era uma residência mais discreta do que a casa de Carbão, onde (assim rezavam os boatos) até mesmo o rapaz que despejava os bacios tinha sido subornado para revelar quais seriam os próximos passos de Carbão.

O facto de a casa de Bruto estar livre de criados corruptos devia-se inteiramente à acção da mulher de Bruto, Servília, que dirigia o seu lar con muito mais severidade que a demonstrada por Cipião Asiágeno no comando do seu exército. Servília não tolerava qualquer procedimento menos correcto, parecia ter tanto olhos na cabeça como Argo e tantos ouvidos como uma colônia de morcegos.112 Não existia criado que pudesse competir com ela em astúcia ou capacidade de chefia e quanto àqueles que não a temiam poucos dias permaneciam na sua casa. Deste modo, Bruto e Carbão podiam reunir-se à vontade na casa do primeiro e manter as conversas mais privadas em total segurança. Esta regra tinha uma única excepção: a própria Servília, como seria de esperar. Tinha de estar a par de tudo o que acontecia ou era dito na sua casa. A conversa que nos interessa, por muito privada que fosse, não escaparia aos seus ouvidos: ela tomara providências nesse sentido. Os dois homens estavam no gabinete de Bruto, com a porta fechada, mas Servília tinha-se agachado lá fora sobre a colunata, debaixo da única janela aberta. Um lugar frio e desconfortável para um bisbilhoteiro, mas Servília considerava que isso era muito pouco importante, se comparado com o provável teor da conversa que decorreria naquele confortável gabinete.

E a conversa começou com coisas de somenos importância.

— Como é que está o meu pai? — perguntou Bruto.

— Está bem. Manda-te cumprimentos.

— Surpreende-me que consigas agüentá-lo! — atirou-lhe Bruto, que logo se deteve, obviamente chocado com o que acabara de dizer. — Desculpa. Não queria dar a impressão de que estou irado. Porque de facto não estou.

— Só um pouco confuso com o facto de eu conseguir agüentá-lo?

— Sim.

— Ele é teu pai — disse Carbão, num tom conciliador. — Além disso, está velho. Compreendo que possas considerá-lo um problema. Mas a verdade é que, para mim, não o é. Tão simples quanto isso: não é. De qualquer forma, depois de Verres se ter escapado com o que restava do meu estipêndio de governador, eu tinha de encontrar alguém que o substituísse no cargo de questor. Como muito bem sabes, eu e o teu pai somos amigos desde que ele regressou com Mário do exílio. — Carbão fez uma pausa, provavelmente para dar uma palmadinha no braço de Bruto, pensou, cinicamente, a bisbilhoteira; ela conhecia bem as artimanhas de Carbão para manipular o marido. Mas logo prosseguiu. — Quando tu te casaste, ele comprou-te esta casa porque não queria tornar-se um empecilho para ti. Aquilo com que não contava era que viesse a sentir-se tão sozinho. Não lhe foi fácil aceitar a solidão depois de vocês terem vivido durante tanto tempo como... digamos... como dois celibatários. Imagino que se deve ter tornado um importuno e que muito provavelmente acabou por incomodar a tua mulher. Por isso, quando lhe escrevi a propor-lhe que fosse o meu novo proquestor, aceitou com o maior júbilo. Não vejo nenhum motivo para que te sintas culpado, Bruto. Ele está feliz assim como está.

— Obrigado — disse Bruto com um suspiro.

— bom, mas agora diz-me: o que é que há de tão urgente para eu ter de regressar a Roma?

— As eleições. Desde que Filipe, o amigo de toda a gente, desertou, o moral de Roma foi por água abaixo. Ninguém quer assumir a chefia, ninguém tem coragem para tal. Foi por isso que achei que devias estar em Roma, pelo menos até à conclusão das eleições. Entre todos os homens que possuem as qualificações necessárias, não consigo encontrar nenhum que queira ser cônsul! Aliás, nenhum dos homens qualificados quer assumir uma posição importante, seja ela qual for — disse Bruto nervosamente; Bruto era um homem nervoso.

— E Sertório?

— Sertório é um rigorista, sabes bem que assim é. Escrevi-lhe para Sinuessa, pedindo que disputasse o consulado, mas ele rejeitou a proposta. Por duas razões, embora eu estivesse à espera apenas de uma — o facto de ele ainda ser pretor, o que significa que teria de esperar os habituais dois anos antes de se tornar cônsul. Esperava poder convencê-lo a ignorar esse

obstáculo e tê-lo-ia convencido provavelmente, caso não houvesse outra razão. Mas essa segunda razão deitou por terra todas as minhas esperanças.

— E que razão era essa?

— Ele disse que Roma estava acabada e que se recusava a ser cônsul num sítio cheio de cobardes e oportunistas.

— Que formulação mais elegante!

— E acrescentou que seria governador da Hispânia Citerior e que para lá partiria imediatamente.

— Fellator! — rosnou Carbão.

Bruto, que não gostava de obscenidades, nada lhe respondeu e, aparentemente, ficou sem nada para lhe dizer, pois, durante algum tempo, os dois amigos não trocaram palavra.

Exasperada, a bisbilhoteira espreitou pelas gelosias ornamentadas e viu Carbão e o marido sentados à secretária de Bruto, cada um do seu lado. Podiam ser irmãos, pensou ela, divagando: ambos muito morenos, ambos pouco atraentes de feições, nenhum deles particularmente alto ou bem constituído.

Quantas vezes Servília tinha perguntado para si mesma por que razão a deusa Fortuna não lhe dera um marido fisicamente mais atraente e com um futuro político mais prometedor!

No que toca à carreira militar, as esperanças de Servília tinham-se desvanecido demasiado cedo. Por isso, só poderia pensar em termos de uma carreira política. Mas o máximo que Bruto era capaz de fazer era legislar no sentido de dar a Cápua o estatuto de cidade romana. Não fora uma má ideia — e por certo tinha salvo o seu tribunato da plebe da mais absoluta banalidade! —, mas a verdade é que ele nunca seria lembrado como um dos grandes tribunos da plebe. Ao contrário do que sucedera com Druso, o tio de Servília.

Bruto fora escolhido pelo tio Mamerco, ainda que Mamerco fosse, de corpo e alma, um homem de Sila, e tivesse estado na Grécia com Sila no momento em que se tornara necessário encontrar um marido para o mais velho dos seus seis pupilos, Servília. Viviam ainda os seis em Roma, sob a protecção de uma parente pobre, Cneia, e da mãe desta, Pórcia Liciniana — uma mulher aterradora! Nenhum tutor, por muito longe que estivesse dos seus pupilos, precisaria de se preocupar com a virtude e a moral de uma criança educada sob a autoridade de Pórcia Liciniana! Até mesmo a filha dela, Cneia, à medida que os anos iam passando, se ia tornando cada

vez mais feia, desinteressante e solteirona.

Deste modo, fora Pórcia Liciniana quem recebera os pretendentes à mão de Servília, por volta do décimo oitavo aniversário da rapariga, e fora ela quem transmitira ao tio Mamerco as principais informações sobre os diversos candidatos. Informações acompanhadas de penetrantes comentários sobre a virtude, a moralidade, a prudência, a temperança e todas as outras qualidades que considerava desejáveis num marido. E embora Pórcia Liciniana não tivesse nunca cometido a grosseira asneira de expressar uma preferência clara, a verdade é que os seus penetrantes comentários não deixaram de penetrar na mente do tio Mamerco. No fim de contas, Servília tinha um dote muito apreciável e a felicidade de possuir um velho e esplêndido nome patrício, para além de, conforme Pórcia Liciniana garantia a Mamerco, não ser destituída de atractivos pessoais.

Desta forma, o tio Mamerco acabou por tomar o caminho mais fácil; escolheu o homem que, através de meras sugestões, Pórcia Liciniana mais vivamente aconselhara. Marco Júnio Bruto. Bruto era um senador na casa dos trinta, logo demasiado velho para se sentir atraído pelas loucuras e imprudências da juventude; além disso, seria o chefe do seu ramo da família quando o velho Bruto morresse (e, segundo Pórcia Liciniana, isso estaria para breve); finalmente, era um homem abastado e com uma linhagem impecável (ainda que plebéia).

Servília não conhecia Bruto e, mesmo depois de Pórcia Liciniana a ter informado de que o casamento estava para breve, só no próprio dia do casamento foi autorizada a conhecê-lo. O facto de este antiquíssimo costume lhe ter sido imposto não era da responsabilidade da terrífica Pórcia Liciniana; era, isso sim, a conseqüência directa de um castigo de infância. Porque servira de espia do pai (que entretanto a abandonara) em casa do tio Druso, este condenara-a a uma espécie de prisão doméstica: nunca seria autorizada a ter o seu próprio quarto nem o mínimo vestígio de privacidade dentro daquela casa, e só poderia sair de casa se acompanhada por pessoas que vigiassem todos os seus passos e expressões. E isso sucedera muitos anos antes de ter chegado à idade de casar. Entretanto, todos os seus familiares adultos mais chegados — mãe, pai, tia, tio, avó, padrasto — tinham morrido. Mesmo assim, a pena a que a condenara Druso continuou a ser aplicada.

Não será portanto exagero dizer que Servília estava tão ansiosa por se casar e abandonar a casa do tio Druso, que pouco se preocuparia com o marido que lhe caberia em sorte. Um

marido, para ela, acabava por representar a libertação de um regime que abominava. Porém, ao ter conhecimento do seu nome, fechou os olhos e suspirou de alívio. Tratava-se de um homem da sua classe e educação e não de um qualquer rústico, como temia, e com razão, pois o tio Druso ameaçara-a, mais do que uma vez, de que lhe daria por marido um agricultor. Afortunadamente, o tio Mamerco não via qualquer vantagem em casar a sobrinha com um homem de uma classe inferior — nem ele, nem Pórcia Liciniana.

Firmado o casamento, a noiva, muito grata a todos os deuses, foi viver para casa de Marco Júnio Bruto, levando consigo um fabuloso dote de duzentos talentos — cinco milhões de sestércios. Para mais, esse dote permaneceria na sua posse. O tio Mamerco tinha-o investido convenientemente, de forma a garantir à sobrinha um bom rendimento, e estabelecera que, por morte dela, todo o dinheiro acumulado iria parar às mãos dos filhos do sexo feminino. Como a Bruto não lhe faltava dinheiro, o acordo relativo ao dote da mulher não lhe tinha desagradado. Aliás, esse acordo significava para ele que tinha obtido uma esposa da mais alta aristocracia patrícia, a qual, além do mais, teria dinheiro suficiente para se sustentar a si própria — para pagar os seus escravos, as suas roupas, jóias, casas, ou outras despesas que fizesse. Significava que o dinheiro dele estaria em total segurança!

Excepto no que toca à liberdade de movimentos e relacionamentos, o casamento, para Servília, acabou por revelar-se um estado singularmente triste. O marido fora celibatário durante demasiado tempo e, na sua casa, há muito que não se via uma mulher; tinha uma vida perfeitamente definida e organizada, uma vida que não contemplava a ideia de ter uma esposa. Não partilhava nada com ela — nem mesmo, assim sentia Servília, o seu corpo. Se convidava amigos para jantar, dizia-lhe que não aparecesse na sala de jantar; o gabinete dele estava-lhe interdito; nunca a procurava para discutir fosse o que fosse; nunca lhe mostrava nada que tivesse comprado; nunca a convidava a acompanhá-lo quando ia para alguma das suas villae no campo. No que se refere ao corpo dele — bom, o corpo dele era apenas uma coisa que, de vez em quando, a ia visitar ao seu quarto e que não lhe proporcionava o mínimo prazer. Quanto à privacidade, descobriu de súbito que tinha muito mais do que seria de desejar, apesar de ter passado tantos anos sem a mínima privacidade. Como o marido gostava de dormir sozinho, nem no cubículo onde dormia tinha o direito a ter companhia. A sua única companhia, à noite, era o silêncio, o horror do silêncio.

Por isso, o casamento acabou por ser, para ela, apenas uma variação sobre o tema que, desde a infância, a atormentava: ela não era importante para ninguém, não tinha qualquer peso na vida de quem quer que fosse. O único modo que encontrara para se tornar notada consistia em ser má, rancorosa, perversa, e este seu lado era bem conhecido e temido por todos os seus criados. Porém, ao marido, Servília nunca mostrava o seu lado mau, porque sabia que ele não a amava e que, portanto, o divórcio seria sempre uma hipótese provável. Perante Bruto, era sempre um encanto. Perante os criados, era sempre uma megera.

No entanto, Bruto cumpria o seu dever. Ao fim de dois anos de casamento, Servília ficou grávida. Tal como a mãe, tinha uma constituição parideira e nada sofreu com a gravidez ou o parto. O trabalho de parto nada teve da negra agonia em que fora levada a acreditar; deu à luz um rapaz ao fim de sete horas de trabalho de parto, numa noite gelada de Março, e, quando lho trouxeram, lavado e bem cheiroso, ficou maravilhada.

Não é pois de espantar que a criança tenha acabado por preencher todo o vazio de uma vida sequiosa de amor. E de tal modo que Servília não permitiu que mais nenhuma mulher o amamentasse, além de se ter encarregado de prestar ao bebê todos os cuidados e atenções de que ele precisava, chegando mesmo ao ponto de pôr o berço no cubículo onde dormia. Servília passou a devotar toda a sua vida ao bebê, excluindo dela todos os demais.

Nesse caso, por que razão se dava ela ao trabalho de escutar a conversa entre Bruto e Carbão, sob a janela do gabinete do marido, naquele dia gelado de Novembro? Não era certamente por lhe interessarem as actividades políticas do marido. Servília escutava porque ele era o pai do seu amado filho e ela tinha feito o voto de que defenderia a todo o custo a herança, a reputação e o bem-estar futuro do filho. O que implicava que ela se mantivesse informada acerca de tudo. Nada poderia escapar-lhe! Especialmente as actividades políticas do marido.

Servília não se preocupava com Carbão, ainda que reconhecesse que ele não era propriamente uma pessoa sem importância. Porém, tinha feito um juízo correcto ao considerá-lo um homem que poria os seus próprios interesses à frente dos de Roma; e não estava certa de que Bruto fosse suficientemente perspicaz para enxergar as deficiências de Carbão. A presença de Sila em Itália inquietava-a profundamente, pois ela era senhora de uma mente genuinamente política e conseguia discernir os acontecimentos futuros com muito mais argúcia que a maior parte dos homens que tinham passado metade da sua vida no Senado. De uma coisa estava ela certa:

Carbão não tinha em si a força suficiente para manter Roma unida face à ameaça de um homem como Sila.

Desistindo nesse momento de espreitar, Servília encostou de novo a orelha às gelosias e ajoelhou sobre as lajes horrrivelmente geladas. Ah, ia começar a nevar outra vez — uma dádiva dos céus! Os flocos de neve formavam um véu entre o seu corpo encoberto e o enxame de criados que passava no extremo oposto do jardim do peristilo, onde ficavam as cozinhas. Não que o medo de ser vista a preocupasse; o pessoal de Bruto nunca se atreveria a questionar o seu direito a estar onde quisesse e como muito bem entendesse. O que se passava era que ela queria ser vista naquela casa como um ser superior, e os seres superiores não ajoelham encostados às janelas para escutarem conversas.

De súbito retesou-se contra a parede e colou com mais força a orelha à janela. Carbão e o marido estavam a falar de novo!

— Há alguns homens com qualidades entre aqueles que podem disputar o cargo de pretor — dizia Bruto. — Carrinas e Damasipo são tão capazes como populares.

— Hum! — fez Carbão. — Como eu, deixaram que um jovem imberbe os derrotasse. Porém, ao contrário do que sucedeu comigo, tinham sido avisados de que Pompeu era tão impiedoso como o pai e dez vezes mais astuto. Se Pompeu disputasse o cargo de pretor, teria mais votos que Carrinas e Damasipo juntos.

— Quem venceu foram os veteranos de Pompeu — disse Bruto procurando mostrar-se razoável.

— Talvez. Mas se assim foi, então Pompeu deixou-os fazer o seu trabalho sem interferir. — Carbão, aparentemente impaciente por tratar das questões do futuro, mudou de assunto. — Não são os pretores que me preocupam, Bruto. O que me preocupa é o consulado — e devido às tuas sombrias previsões! Se necessário, eu próprio me candidato a cônsul. Mas quem poderei apresentar como colega? Quem, nesta maldita cidade, será capaz de me apoiar e não de me deitar abaixo? Haverá guerra na Primavera, com toda a certeza. Sila não tem passado bem de saúde, mas as minhas fontes da espionagem dizem-me que estará em perfeitas condições quando começar a próxima campanha. — A doença não foi o único motivo que o levou a arrastar as coisas este ano — disse Bruto. — Segundo alguns boatos, ele manteve-se parado a fim de dar a Roma a possibilidade de capitular sem haver guerra.

— Então ficou parado em vão! — exclamou, furioso, Carbão. — bom, mas já chega de especulações! Quem é que eu poderei apresentar como meu colega no consulado?

— Não tens nenhuma ideia? — perguntou Bruto.

— Nem uma sequer. Preciso de alguém que seja capaz de estimular, de atiçar os espíritos! Alguém que consiga levar os jovens a alistar-se e os velhos a desejar alistar-se. Um homem como Sertório. Mas tu já disseste de forma muito clara que ele não está de acordo.

— E Marco Mário Gratidiano?

— Ele é um Mário por adopção, o que não chega. Eu queria Sertório, porque Sertório é um Mário pelo sangue.

Seguiu-se uma pausa, mas não tão excessiva que fizesse Servília desesperar; apercebendo-se de que o marido tinha respirado fundo, Servília pôs-se tão quieta como uma estátua, decidida a não perder uma única palavra do que estava para vir.

— Se é um Mário que queres — disse Bruto lentamente — porque não o jovem Mário?

Seguiu-se uma outra pausa, mas esta prenunciava tempestade.

— Mas isso não é possível! — exclamou por fim Carbão. — Edepol, Bruto, que idade tem ele? Pouco mais de vinte anos!

— Na realidade tem vinte e seis anos.

— Faltam-lhe quatro anos para poder entrar para o Senado!

— Constitucionalmente, não há nenhuma idade oficial, apesar da lex Villia annalls. Neste caso, é o costume que tem mandado. Sugiro-te, por isso, que digas a Perperna que o nomeie imediatamente para o Senado.

— Ele não chega aos calcanhares do pai! — exclamou Carbão.

— Mas será que isso interessa, Cneu Papírio? Francamente, achas que isso tem algum peso? Admito que terias encontrado em Sertório o teu membro ideal da linhagem dos Mários: não há ninguém em Roma que comande um exército melhor do que ele, não há em toda a Roma um comandante mais respeitado pelos soldados. Mas ele não está de acordo em disputar o consulado. De maneira que só nos resta o jovem Mário.

— O jovem Mário talvez fosse capaz de atrair multidões de voluntários — disse Carbão como que apalpando o terreno.

— Multidões capazes de lutar por ele como os Espartanos lutaram por Leónidas.

— Achas que ele conseguia?

— Acho que gostaria de tentar.

— Queres dizer com isso que ele já expressou o desejo de ser cônsul?

Bruto riu-se, e rir-se era coisa que não fazia muitas vezes.

— Não, Carbão, claro que não! Embora seja um indivíduo algo presunçoso, a verdade é que não tem grandes ambições. O que eu quero dizer é que acho que se fores ter com ele e lhe ofereceres esta oportunidade, ele ficará radiante. O jovem Mário nunca teve até agora uma única oportunidade de mostrar que vale tanto como o pai. E pelo menos num aspecto, uma oferta destas dar-lhe-á a possibilidade de ultrapassar o pai. Caio Mário só chegou a cargos elevados com uma certa idade. O jovem Mário será cônsul com menos idade ainda que Cipião Asiágeno. Seja qual for o seu comportamento, é uma oportunidade que, por si só, já lhe promete a fama.

— Bastará que ele faça metade do que fez Cipião Africano para que Roma se veja livre do perigo que Sila representa.

— Não estejas à espera de que o jovem Mário seja um Cipião Africano — advertiu Bruto. — A única maneira que Cipião Africano arranjou para impedir Catão, o Cônsul, de perder uma batalha, consistiu em apunhalá-lo pelas costas.

Carbão desatou a rir-se, coisa que ele fazia muitas vezes.

— bom, pelo menos isso foi bom para Cina! O velho Mário pagou-lhe uma fortuna para não ter de responder pela acusação de assassínio.

— Sim — disse Bruto, muito sério. — Mas esse episódio pode servir para te revelar algumas das dificuldades que terás de enfrentar, tendo o jovem Mário ao teu lado no consulado.

— Queres dizer que não devo virar as costas?

— Quero dizer que não lhe deves dar as tuas melhores tropas. Deixa-o provar antes que pode ser um bom general.

Servília ouviu então o ruído de pernas de cadeira roçando pelo chão; levantou-se imediatamente e correu para o calor do seu quarto de trabalho, onde a jovem que lavava a roupa do bebê desfrutava de uma oportunidade única para pegar na criança.

A chama ardente do ciúme atiçou-se de súbito no coração de Servília, com uma violência que a razão não poderia controlar; num ápice, correu para a criada e esbofeteou-a com tanta força que a jovem se desequilibrou e caiu, deixando ao mesmo tempo cair o bebê. O qual só

não chegou a bater com o corpo no chão porque a mãe mergulhou para o apanhar. Depois, estreitando-o contra o seu peito, Servília pôs a rapariga fora do quarto a pontapé.

— Amanhã vais ser vendida! — guinchou ela, fazendo-se ouvir por toda a colunata que rodeava o jardim do peristilo. A sua voz mudou num instante. Agora apenas gritava: — Dito! Dito!

O chefe dos criados, que se chamava Epafrodito, mas que normalmente era tratado por Dito, correu a toda a pressa.

— Domina?

— Aquela rapariga, a gaulesa que me arranjaste para lavar a roupa do bebê! Açoita-a e vende-a como uma má escrava!

O chefe dos criados fitava-a boquiaberto.

— Mas domina, ela é excelente! Além de lavar bem a roupa, sempre mostrou a maior dedicação pelo bebê!

Servília esbofeteou Epafrodito com tanta força como fizera à rapariga, após o que demonstrou que também ela sabia usar obscenidades quando era preciso.

— Fellator grego, ouve-me com atenção! Escuta bem o que te digo, porco inchado! Quando eu te dou uma ordem, é para obedeceres! Sem uma palavra, ouviste?! Pouco me importa quem é o teu senhor, de modo que escusas de te ir queixar! E se fores queixar, arrependes-te! Agora leva a rapariga para o teu gabinete e espera por mim. Como gostas dela, és muito capaz de não a açoitar como deve ser. Por isso, o melhor é eu ir ver.

O rosto de Epafrodito exibia a marca carmim dos cinco dedos de Servília. Mas não era a violência da bofetada que o aterrorizava: era a violência das palavras. Epafrodito, obedecendo às ordens, correu para o seu gabinete.

Servília não chamou outra criada; em vez disso, embrulhou o bebê num xaile de lã muito quente e, com a criança ao colo, desceu até ao gabinete do chefe dos criados. A rapariga foi amarrada e Epafrodito, de lágrimas nos olhos, viu-se forçado, sob o olhar de basilisco da patroa, a açoitá-la até as suas costas se transformarem numa espécie de gelatina vermelho-viva de que se desprendiam retalhos de carne. A neve continuava a cair, mas nem a neve poderia esbater os gritos incessantes que saíam daquele gabinete. Quanto ao senhor da casa, não iria aparecer a perguntar o que se passava, pois, como Servília adivinhara, tinha ido com

Carbão fazer uma visita ao jovem Mário.

Finalmente, Servília, com um ligeiro aceno, indicou que estava satisfeita. O chefe dos criados deixou cair o braço.

— Óptimo! Assim a pele dela nunca mais volta a ser escura. Não vale a pena oferecê-la para venda, nem por um sestércio a compravam. Crucifica-a. Lá fora, no peristilo. Vai servir de aviso para todos. E não lhe partas as pernas! Deixa-a morrer lentamente.

Servília voltou para o seu quarto de trabalho, despiu o filho e mudou-lhe a fralda de linho. Depois, pegou nele e manteve-o a alguma distância para o adorar e beijou-o ternamente e falou-lhe num murmúrio.

Faziam um belo quadro, aquela mulher pequena e morena com o seu pequeno bebê moreno ao colo. Servília era uma bela mulher, dotada de uma figura voluptuosa e de um daqueles rostos pequenos e com traços salientes que têm ar de esconder muitos segredos por detrás de uma boca suavemente moldada e das fartas pestanas. A criança, contudo, tinha apenas a beleza que qualquer criança tem, pois, na verdade, não possuía nenhum traço físico especial e revelava uma forte tendência para a apatia — aquilo a que as pessoas chamariam um ”bom bebê”, pois raramente chorava e não causava qualquer problema.

Assim os encontrou Bruto quando regressou a casa, depois da visita ao jovem Mário.

Sem comentários, escutou a história, friamente narrada, da negligente lavadeira e do castigo que recebera. Como nunca se atreveria a interferir na eficiente organização doméstica de Servília (a sua casa, disso estava certo, nunca estivera tão bem cuidada), não se opôs minimamente à sentença pronunciada pela mulher. E quando, mais tarde, chamou o chefe dos criados à sua presença, não fez qualquer observação sobre a figura coberta de neve que pendia de uma cruz no meio do jardim.

— César! Onde estás, César?

César saiu, num passo vagaroso, sem nada calçado, daquele que fora o gabinete do pai, com a pena numa mão e um rolo de papel na outra, vestindo apenas uma túnica de tecido muito fino. A testa franzia-se-lhe de irritação, pois a voz da mãe tinha interrompido as suas reflexões. Mas ela, envolta em várias camadas de um requintado tecido de lã de fabrico caseiro, estava mais preocupada com o bem-estar físico do filho do que com os resultados das suas reflexões e, por isso, repreendeu-o com veemência:

— Mas por que razão ignoras o frio? É como se o frio não existisse para ti, César! E ainda por cima sem sandálias! César, o teu horóscopo diz que vais ter uma doença terrível nesta altura da tua vida e tu sabes isso perfeitamente. Porque hás-de tu provocar a deusa Fortuna e dar-lhe todos os motivos para que esse mau augúrio se cumpra? Os horóscopos são feitos quando uma pessoa nasce precisamente para se tentar evitar que os riscos potenciais se tornem reais. Porta-te bem!

A perturbação dela era absolutamente genuína e ele sabia-o. Por isso sorriu para ela, com aquele sorriso que já o tinha tornado famoso, uma espécie de pedido de desculpas sem palavras que não ameaçava o seu orgulho.

— Que se passa? — perguntou ele, resignado perante o facto de que o seu trabalho teria de esperar; ela estava vestida para sair.

— Mandaram-nos chamar a casa da tua tia Júlia.

— A esta hora? com este tempo?

— Ah, ainda bem que reparas no tempo! Embora isso não te leve a usar o vestuário apropriado — retorquiu Aurélia.

— Eu tenho um braseiro, Mater. Aliás, até tenho dois.

— Então vai para o calor do teu quarto e veste outra roupa — disse ela. — Isto aqui está um gelo, até se ouve o vento a assobiar junto à clarabóia. — Antes de sair do gabinete, Aurélia acrescentou: — Será melhor chamar o Lúcio Decúmio. Pediram-nos que fôssemos todos.

Todos significava que também iriam as irmãs, o que não deixou de o surpreender — devia ser uma conferência familiar muito importante! Quase abriu a boca para dizer à mãe que não era preciso levar Lúcio Decúmio, que uma centena de mulheres estariam em segurança sob a sua protecção; mas nada disse. Não levaria a sua avante, por isso para quê tentar? Aurélia sabia sempre impor a sua vontade.

Quando saiu dos seus aposentos, César vinha com o traje de flamen Dialis, embora, com um tempo tão frio, tivesse de usar três túnicas debaixo dele, calções de lã amarrados abaixo do joelho e umas meias grossas dentro de um par de botas largas sem correias nem atilhos. A sua laena de sacerdote fazia as vezes da toga; esta deselegante peça de vestuário, com duas camadas de tecido e um corte rigorosamente circular, continha um buraco no meio, pelo qual se enfiava a cabeça, e possuía uma grande riqueza de cor devido às faixas alternadamente escarlates e roxas

que lhe eram aplicadas. A laena chegava-lhe aos joelhos e tapava-lhe por completo os braços e as mãos, o que significava, pensou ele, pesaroso, ao procurar encontrar coisas positivas numa peça de vestuário que tanto detestava, que não precisava de usar luvas apesar da tempestade gelada que fazia lá fora. Na cabeça tinha o apex, um capacete de marfim apertado e encimado por um espigão em que era espetado um espesso disco de lã.

Dado que, oficialmente, se tornara um homem, César aceitara os tabus que tolhiam os movimentos e a vida do flamen Dialis; abandonara as práticas militares no Campo de Marte, não se permitia tocar em ferro, não usava laços, atacadores ou fivelas, nunca brincava com cães, tinha sapatos feitos com o couro de um animal acidentalmente morto, e comia apenas os alimentos que o cargo de flamen Dialis permitia. No seu queixo não se notava um único pêlo da barba, mas isso era apenas porque usava uma navalha de bronze para se barbear; e se usava botas quando o frio apertava e os seus tamancos de sacerdote se transformavam numa verdadeira tortura, era apenas porque tinha concebido um estilo de botas que se ajustavam bem ao pé, sem ser preciso usar as correias e outros adereços que as apertavam nos tornozelos e nas barrigas das pernas.

Nem mesmo a sua mãe sabia o quanto detestava a sentença que o condenara a ser Sacerdote de Júpiter durante toda a vida. Quando, com quinze anos e meio, se tornara um homem e assumira os disparatados princípios e comportamentos decorrentes do seu cargo sem um murmúrio ou um olhar de reprovação, Aurélia deixara escapar um suspiro de alívio. A rebelião dos primeiros anos de juventude não durara muito. Aquilo que ela não podia saber era a verdadeira razão da sua obediência: ele era um romano de alma e coração, o que significava que respeitaria integralmente os costumes do seu país, para além de ser excessivamente supersticioso. Ele tinha de obedecer! Se não obedecesse, nunca obteria os favores da deusa Fortuna. Ela não se mostraria benévola em relação à sua pessoa, nem em relação aos seus comportamentos; enfim, César não teria a sorte pelo seu lado. É que, apesar daquela hedionda sentença, César acreditava ainda que a deusa Fortuna encontraria um meio para o libertar — mas para tal, era preciso que ele servisse o melhor possível Júpiter Optimus Maximus, na sua qualidade de sacerdote especial. Assim, a obediência não significava aceitação total, ao contrário do que Aurélia pensava.

A obediência significava apenas que, de dia para dia, César odiava cada vez mais o cargo de flamen Dialis. E odiava-o ainda mais porque, segundo as leis vigentes, não teria escapatória possível. O velho Caio Mário conseguira de facto agrilhoá-lo para sempre. A menos que a deusa

Fortuna o salvasse.

César tinha 17 anos, faltavam-lhe sete meses para fazer 18; mas parecia mais velho e o seu ar era o de um cônsul que também já fora censor. A sua altura e uns ombros largos ajudavam a dar essa impressão, tanto mais que ele dispunha de uma constituição ao mesmo tempo musculada e esbelta. O pai havia morrido ia para dois anos e meio, o que significava que César assumira muito cedo o título de paterfamilias, um título que, agora, se ajustava à sua pessoa da forma mais natural. A extrema beleza do seu rosto de rapaz não se tinha desvanecido, ainda que os seus traços fossem agora mais varonis. O seu nariz ganhara uma forma mais rotunda, mais romana, salvando-o de uma delicadeza de feições que teria sido uma grande carga para quem desejava tão ardentemente ser tudo o que um homem deveria ser — um soldado, um homem de estado, um amante de mulheres sem levantar a suspeita de que também era um amante de homens.

A sua família estava reunida na sala de estar, enroupada para uma caminhada longa e fria. Só a sua mulher, Cinila, não estava vestida para esse efeito. com 11 anos de idade, Cinila não era considerada suficientemente adulta para participar nestas raras assembleias do clã. Contudo, Cinila estava presente, a única criatura morena e de baixa estatura daquela casa; quando César entrou, os olhos muito negros de Cinila fixaram-se no rosto do marido, como sempre faziam. Ele adorava-a. Aproximou-se dela, ergueu-a nos seus braços e beijou-lhe as faces rosadas com os olhos cerrados, para melhor sentir a exótica fragrância de um corpo de criança que a mãe ainda lavava e perfumava. — Obrigada a ficar em casa, não é? — perguntou ele, beijando-lhe uma vez mais as faces.

— Um destes dias já sou grande e já posso assistir a estas reuniões — disse ela, com um sorriso encantador que lhe revelava as covinhas do rosto.

— Não tenho a mínima dúvida! E então serás mais importante que a Mater, porque serás a dona da casa — retorquiu ele, pondo a criança no chão e afagando-lhe a cabeleira negra. Depois, piscou o olho a Aurélia.

— Eu não serei a dona desta casa — replicou solenemente Cinila. — Eu serei a flaminica Dialis e dona de uma casa do Estado.

— Claro — disse ele, algo divertido. — Como posso ter-me esquecido disso?

César encaminhou-se então para a rua e para a neve que não parava de cair, passou as

lojas que se amontoavam na face exterior do edifício de Aurélia e parou no vértice arredondado dessa construção triangular. Aí ficava aquilo que parecia ser uma taberna, mas que não o era; era a sede do Colégio dos Confrades das Encruzilhadas, que tinha a seu cargo velar pelo bem-estar e pela vida espiritual das encruzilhadas e, em particular, pelo santuário em forma de torre consagrado aos Lares e pela enorme fonte cuja água, naquele Inverno tão rigoroso, fluía indolentemente por entre uma desordenada massa de pingentes de gelo de um azul etéreo.

Lúcio Decúmio estava à mesa do costume, no canto do fundo, à esquerda, daquela sala enorme e muito limpa. Grisalho já, mas mantendo um rosto livre de rugas, admitira pouco tempo antes os seus dois filhos como membros do Colégio, e estava a treiná-los nas multifacetadas actividades que os esperavam. Os dois filhos ladeavam-no com o mesmo ar dos dois leões que ladeavam sempre as estátuas da Magna Mater — um ar grave, a pele fulva, a juba farta, os olhos amarelos, as garras encolhidas. Não que Lúcio Decúmio tivesse alguma semelhança com a Magna Mater! Era um homem baixo, magro, com um ar perfeitamente anônimo; os filhos saíam à mãe, uma dama céltica, de corpulenta constituição, originária do Ager Gallicus. Quem não o conhecesse, dificilmente adivinharia o que aquele homem de facto era: corajoso, de uma subtileza extrema, amoral, muitíssimo inteligente, e leal.

Os rostos dos três Decúmios encheram-se de alegria quando viram César entrar, mas só Lúcio Decúmio se levantou. Abrindo caminho entre mesas e bancos, chegou-se a César, pôs-se na ponta dos pés e beijou o jovem nos lábios, com mais amor do que beijava os seus próprios filhos. Aquele era um beijo de um pai, embora fosse dado a um homem a quem só o ligava um coração muito generoso.

— Meu rapaz! — disse ele, exultante, pegando na mão de César.

— Olá, pai — respondeu César com um sorriso, após o que ergueu os dedos de Lúcio Decúmio e apertou-os contra o seu rosto frio.

— Vieste de casa de algum morto? — perguntou Lúcio Decúmio, referindo-se às vestes sacerdotais de César. — Mau tempo para morrer! Que tal um copo de vinho para aquecer?

César fez uma careta. Nunca conseguira cultivar o gosto pelo vinho, apesar de Lúcio Decúmio e os seus confrades muito terem feito por isso.

— Não tenho tempo, pai. Vim cá porque preciso de uns quantos confrades. Tenho de levar a minha mãe e as minhas irmãs a casa de Caio Mário, e a minha mãe, como seria de esperar,

não confia em mim para as proteger.

— A tua mãe é uma mulher sensata — retorquiu Lúcio Decúmio com um ar de perverso júbilo. Chamou então os filhos, que se levantaram imediatamente e foram ter com ele.

— Vistam-se, rapazes! Vamos levar as senhoras a casa de Caio Mário.

Nos corações de Lúcio Decúmio Júnior ou do jovem Marco Decúmio, não morava o mínimo ressentimento pela preferência que o pai demonstrava por Caio Júlio César; limitaram-se a aquiescer à ordem do pai, abraçaram César com grande afeição e correram a procurar as roupas mais quentes.

— Não venhas, pai — disse César. — Afasta-te do frio. Mas essa ideia não agradava a Lúcio Decúmio, o qual deixou que os seus filhos lhe enfiassem tanta roupa como a que uma mãe babada vestiria ao seu bebê com um tempo assim.

— Onde é que anda esse imbecil do Burgundo? — perguntou ele, enquanto se faziam ao vento e à neve.

César riu-se a bom rir.

— Neste momento, Burgundo não nos pode ajudar! A minha mãe mandou-o para o vilas com Cardixa. É verdade que ela começou a parir tarde, mas desde que pôs os olhos no Burgundo dá à luz um bebê enorme todos os anos. Este é o quarto, como vocês sabem.

— Quando fores cônsul não te faltarão os guarda-costas. César estremeceu, mas não de frio.

— Eu nunca serei cônsul — disse ele asperamente, mas logo encolheu os ombros e tentou mostrar-se agradável: — A minha mãe diz que dar de comer àquela gente é como dar de comer a uma tribo de Titãs. Por todos os deuses, o que eles comem!

— São boa gente.

— Sim, sem dúvida — disse César.

Tinham já chegado ao portão do edifício de Aurélia. Chamaram então pelas mulheres.

Outras damas da aristocracia teriam preferido seguir de liteira, em especial com um tempo assim. Mas não as mulheres de linhagem juliana: essas iam a pé. Os filhos de Decúmio, que seguiam à frente, tornaram mais fácil a caminhada pela Faces Suburae, pois foram abrindo caminho por entre a neve entretanto acumulada.

O Fórum Romano estava completamente deserto e parecia estranhamente despojado de

colunas, paredes, telhados e estátuas, cujas vividas cores a neve cobrira; tudo apresentava uma cor de mármore branco, tudo parecia ter mergulhado num sono profundo e sem sonhos. E a imponente estátua de Caio Mário, perto dos rostra, tinha um banco de neve empoleirado em cada uma das espessas sobrancelhas, cobrindo o feroz fulgor dos seus olhos negros.

Subiram, com alguma dificuldade, a Colina dos Banqueiros, atravessaram os vastos portais da Porta Fontinal, e, momentos depois, estavam já à porta da casa de Caio Mário. Como o jardim do peristilo ficava nas traseiras da mansão, encaminharam-se directamente para o salão de entrada, onde puderam despir os seus abafos (só César, obrigado a usar o seu traje, nada despiu). Lúcio Decúmio e os filhos foram conduzidos pelo chefe dos criados, Estrofantes, que os convidou a provar um vinho e uns petiscos excelentes, enquanto César e as mulheres penetravam no átrio.

Se o tempo não estivesse tão desusadamente gélido, poderiam ter permanecido no átrio, pois a hora da refeição já ia longe. Porém, o rectângulo do compluvium, aberto no telhado, produzia um verdadeiro vórtice de neve e vento e o tanque que ficava por baixo resumia-se agora a uma crosta cintilante de flocos de neve que rapidamente derretiam.

O jovem Mário apareceu então para os receber e para os conduzir até à sala de jantar, que, segundo ele, estava mais quente. Parecia quase arder de felicidade, pensou César, algo desconfiado, e a emoção que sentia tornava-o mais belo. Tão alto como César (que era seu primo direito), possuía uma constituição mais larga e musculada, cabelo louro e olhos cinzentos, e um tipo de beleza que impressionaria qualquer um. Fisicamente muito mais atraente que o pai, faltava-lhe, porém, aquele elemento vital que tornara Caio Mário um dos imortais de Roma. Muitas gerações hão-de passar, pensava César, e todas elas hão-de aprender as proezas de Caio Mário. Mas o destino do seu filho não será o mesmo.

Aquela era uma casa que César detestava visitar; tinham-lhe acontecido demasiadas coisas naquele espaço. Enquanto os outros rapazes da sua idade passavam descuidadamente o seu tempo, brincando no Campo de Marte, ele tinha de se apresentar naquela casa todos os dias e servir de companhia e de enfermeiro ao velho e vingativo Caio Mário. E embora César tivesse diligentemente varrido aquele chão com a sua vassoura sagrada, logo após a morte de Mário, a verdade é que a sua maligna presença continuava a pairar naquela atmosfera. Pelo menos era o que César pensava. Em tempos, admirara e amara Caio Mário. Mas depois Caio Mário nomeou-o

sacerdote especial de Júpiter e, com esse único golpe, impossibilitou-o, para toda a vida, de rivalizar com ele. Nada de ferro, nada de armas, nunca ver ninguém na hora da morte — e era o fim da carreira militar para o flamen Dialis! Membro automático do Senado, sem direito a disputar nenhuma das eleições para magistrado — e era o fim da carreira política para o flamen Dialis! O destino de César era ser respeitado sem nada ter feito para ganhar o respeito dos outros, era ser reverenciado sem nada ter feito para ganhar a reverência alheia. O flamen Dialis era uma criatura que pertencia ao Estado, hospedado, remunerado e alimentado pelo Estado, um prisioneiro da mos maiorum, das práticas estabelecidas pelo costume e pela tradição.

Porém, logo que os seus olhos encontravam os da tia Júlia, a revolta de César esfriava.

Irmã do seu pai e viúva de Caio Mário.

E a pessoa que mais amava no mundo, com um amor diferente do que dedicava à mãe.

De facto, amava-a mais do que à mãe, se o amor pudesse ser qualificado como um mero transporte de pura emoção. com a mãe era diferente: a mãe, ao contrário da tia, mantinha com ele um permanente relacionamento intelectual — e, a esse nível, era sua adversária, apoiante, crítica, companheira, igual. Ao passo que a tia Júlia o estreitava nos seus braços e beijava-o nos lábios e sorria para ele com aqueles ternos olhos cinzentos, inocentes da mais tênue condenação. Para ele, a vida sem uma daquelas mulheres, a mãe ou a tia, era algo de impensável.

Júlia e Aurélia escolheram sentar-se lado a lado no mesmo divã, pouco à vontade porque eram mulheres e as mulheres não se reclinavam nos divãs. Impedidas pelo costume de se instalarem confortavelmente, empoleiraram-se na beira do divã, com os pés balançando acima do chão e sem nada que lhes apoiasse as costas.

— Não podes trazer cadeiras para as mulheres? — perguntou César ao jovem Mário quando este trouxe almofadas para elas se encostarem.

— Obrigada, sobrinho, agora que temos encosto já estamos melhor — disse Júlia, sempre conciliadora. — Não creio que a casa tenha cadeiras suficientes para todas nós! Isto é uma conferência de mulheres!

Uma verdade incontestável, reconheceu César pesarosamente. O elemento masculino da família limitava-se agora a dois homens: o jovem Mário e César. Ambos sem pai.

Quanto às mulheres, havia mais. Se Roma pudesse estar presente naquela sala, teria desfrutado do espectáculo que era ver juntas duas das suas mais belas mulheres. Embora fossem

ambas altas e elegantes, Júlia possuía a graça inata dos Césares, ao passo que Aurélia tinha uma aparência enérgica e grave. Uma, Júlia, tinha um cabelo louro suavemente ondeado e uns grandes olhos cinzentos, e poderia ter posado para a estátua de Clélia no Fórum Romano. A outra, Aurélia, tinha um cabelo castanho muito brilhante e um tipo de beleza que, na sua juventude, levara muita gente a compará-la a Helena de Tróia. Sobrancelhas e pestanas escuras e uns olhos fundos que, segundo muitos dos seus pretendentes, eram cor de púrpura, e o perfil de uma deusa grega.

Júlia tinha agora 45 anos e Aurélia 40. Ambas tinham enviuvado em circunstâncias difíceis, embora muito diversas.

Caio Mário morrera da sua terceira e mais devastadora trombose, mas apenas depois de ter lançado e mantido uma orgia de sangue que ninguém esqueceria mais em Roma. Todos os seus inimigos — e alguns dos seus amigos — tinham morrido e os rostra do Fórum Romano tinham ficado a abarrotar de cabeças espetadas. Júlia vivia com esta tristeza no coração.

O marido de Aurélia, leal a Cina após a morte de Mário (a única alternativa adequada para quem tinha o filho casado com a filha mais nova de Cina), fora para a Etrúria recrutar tropas. Certa manhã de Verão, em Pisa, baixara-se para apertar as correias da bota e morrera. Segundo a autópsia, a causa da morte fora a ruptura de uma veia do cérebro; foi queimado numa pira, sem um único membro da família presente, e as cinzas enviadas para a viúva. Aurélia não sabia sequer que o marido tinha morrido quando o mensageiro de Cina lhe apareceu em casa com a urna funerária. O que tinha sentido, o que tinha pensado, ninguém sabia. Nem mesmo o filho, que assim se tornou chefe de família quando lhe faltava um mês para fazer 15 anos. Ninguém lhe viu uma lágrima e a sua expressão permaneceu inalterável. Porque ela era Aurélia, uma mulher fechada em si mesma, aparentemente mais ligada ao seu trabalho de senhoria de uma movimentada ínsula do que a qualquer ser humano, exceptuando o filho.

O jovem Mário não tinha irmãs, mas César tinha duas, mais velhas do que ele. Ambas eram parecidas com a tia Júlia; havia nítidos ecos de Aurélia no rosto de César, mas não nos rostos das suas duas filhas.

Júlia Major, a quem chamavam Lia, já tinha, aos 21 anos, uma expressão sombria. E não sem razão. O seu primeiro marido, um patrício sem dinheiro, de seu nome Lúcio Pinário, fora o amor da sua vida e por isso fora autorizada — ainda que com alguma relutância — a casar-se

com ele. Menos de um ano depois, deu à luz um rapaz. Porém, pouco tempo passado sobre o feliz acontecimento (que, ao contrário do que se esperava, não contribuiu em nada para que o carácter ou o comportamento do marido ganhassem sobriedade), Lúcio Pinário morreu em circunstâncias misteriosas. Aventou-se a hipótese de ter sido morto por algum dos seus supostos amigos, mas não foi possível encontrar provas. E Lia, deste modo, aos 19 anos, viu-se viúva e num tal estado de pobreza que foi forçada a voltar para a casa da mãe. Porém, entre o seu casamento e a viuvez, a identidade do paterfamilias tinha mudado, e, pelo que via agora, o seu irmão era muito menos sensível ou maleável do que o pai. Ela tem de voltar a casar, dizia César — mas com um homem escolhido por ele, porque, segundo as suas próprias palavras, se deixasse a irmã fazer o que quisesse, ela acabaria por escolher outro idiota.

Ninguém sabia como ou onde César teria encontrado Quinto Pédio, ainda que alguns suspeitassem da colaboração de Lúcio Decúmio, o qual, apesar de ser um modestíssimo membro da Quarta Classe, tinha muitos e bons contactos. A verdade é que, certo dia, César apareceu em casa com Quinto Pédio e, passado pouco tempo, casava a irmã viúva com este lerdo e honrado cavaleiro da Campânia, de famílias decentes mas sem sinal de nobreza. Não era um homem bem-parecido. Não dava nas vistas. E, tendo ele 40 anos, nem sequer era jovem. Mas era colossalmente rico e sentia uma gratidão quase patética por lhe ser permitido casar com uma encantadora jovem da mais alta nobreza patrícia. Lia engoliu em seco, olhou para o seu irmãozinho, então com 15 anos, e, com modos afáveis, aceitou o casamento; já nessa idade, César conseguia transformar o seu rosto e os seus olhos numa máscara que sufocava todas as discussões ainda antes de nascerem.

Afortunadamente, o casamento veio a ser bem sucedido. Lúcio Pinário podia ser um homem belo, vistoso e jovem, mas, como marido, tinha sido uma decepção. Lia descobria agora que havia muitas compensações no facto de ser a menina querida de um homem rico e com o dobro da idade dela. E à medida que o tempo foi passando, acabou por dedicar uma forte afeição àquele homem tão pouco atraente. Deu-lhe um filho e estava já tão habituada às delícias de uma vida luxuosa nas propriedades do marido, perto de Teano Sidicino, que, quando Cipião Asiágeno e, posteriormente, Sila, se instalaram nas cercanias, se recusou terminantemente a ir para casa da mãe, a qual, disso estava Lia certa, orientaria as suas tarefas, o seu regime alimentar, os seus filhos, enfim, toda a sua vida, de acordo com as ideias austeras que a caracterizavam. Como seria

de esperar, Aurélia foi buscá-la pessoalmente (ao que parece, depois de um inesperado encontro com Sila — um encontro de que pouco falara) e Lia acabou por ser despachada sem cerimónias para Roma. E infelizmente sem os filhos; Quinto Pédio preferira ficar com eles em Teano.

Júlia Minor, a quem chamavam Ju-Ju, casara no início daquele ano, pouco depois do seu décimo oitavo aniversário. Não teve a mínima hipótese de escolher um homem menos recomendável! Foi César quem lhe escolheu marido, embora ela se tivesse manifestado contra aquela arbitrária usurpação, pois considerava-se perfeitamente à altura de escolher um bom marido. É evidente que César venceu. Certo dia, apareceu em casa com outro pretendente colossalmente rico, desta feita um homem de uma velha família senatorial e ele próprio um senador das últimas filas, ou seja, dos mais humildes de todo o Senado. Provinha de Arícia, perto das terras de César em Bovilas, e esse facto tornava-o latino, o que era obviamente melhor que ser campaniano. Depois de ter visto Marco Ácio Balbo, Ju-Ju desposou-o sem um murmúrio de contestação; comparado com Quinto Pédio, podia considerar-se uma escolha razoável, pois tinha apenas 37 anos e, apesar de uma idade tão avançada, ainda era um homem bonito.

Como era senador, Marco Ácio Balbo possuía uma domus em Roma, para além de extensas quintas em Arícia. Ju-Ju podia portanto dar-se por feliz, se comparasse a sua situação com a da irmã: é que ela, pelo menos, vivia em Roma quase todo o ano! Estava grávida, mas a mãe não se comovera com a gravidez dela e obrigara-a também a ir a pé até casa de Caio Mário.

— As mulheres grávidas não devem ser tratadas como inválidas — dissera Aurélia. — É por isso que muitas morrem ao dar à luz.

— Mas tu dizias que elas morriam porque só comiam favas — contrapusera Ju-Ju, despedindo-se com algum pesar da liteira em que fora transportada da casa do marido, nas Carinas, para o edifício da mãe, no bairro de Subura.

— Essas também morrem de parto. Os físicos pitagóricos são um perigo.

Havia mais uma mulher na sala, apesar de nenhum laço de sangue — ou, pelo menos, nenhum laço de sangue próximo — a unir às pessoas presentes. Chamava-se Múcia Tércia e era a esposa do jovem Mário. Filha única de Cévola Pontifex Maximus, tinham- -lhe dado aquele nome para a distinguirem das suas duas famosas primas, as filhas de Cévola, o Augure.

Embora não fosse propriamente bela, Múcia Tércia já tinha tirado o sono a muitos homens. Tinha um tom de pele barrento e uns olhos demasiado separados e espessamente

cobertos por umas pestanas negras que eram mais longas nos cantos exteriores dos olhos, o que acentuava ainda mais a distância entre eles; embora não o dissesse a ninguém, aparava as pestanas nos cantos interiores dos olhos com uma tesoura de marfim do Velho Egipto. Múcia Tércia tinha total consciência da invulgaridade das suas atracções físicas. O nariz alongado e fino conseguia não ser uma desvantagem, ainda que os puristas preferissem que ele possuísse alguma saliência na ponta ou então uma fenda na cana. A boca também se apartava muito do ideal romano de beleza, pois era muito larga; quando sorria, parecia mostrar cem dentes, aliás todos perfeitos. Mas os lábios eram carnudos e sensuais e a pele era espessa e sedosa e fazia uma bela combinação com o cabelo ruivo-escuro.

César era um dos que a achava muito sedutora. Aos dezassete anos e meio, possuía já uma vasta experiência em questões de sexo. Não havia mulher no bairro de Subura que, através de sugestões mais ou menos veladas, não se tivesse mostrado disposta a ajudar um jovem tão belo nas suas primeiras experiências sexuais. E porcas foram as que se sentiram dissuadidas quando descobriram que César só ia para a cama com uma mulher depois de ela ter tomado um bom banho; espalhara-se celeremente a notícia de que o jovem César estava equipado com poderoso armamento e sabia usá-lo na perfeição.

O interesse que César sentia por Múcia Tércia era motivado, em grande parte, pelo enigma que ela representava; por muito que tentasse, dificilmente conseguiria penetrar na verdadeira personalidade daquela mulher. Ela era uma mulher que facilmente exibia o seu sorriso, e aquela centena de dentes perfeitos, mas o sorriso nunca era acompanhado por qualquer alteração no olhar; e quanto aos seus gestos ou expressões, nunca constituíam pistas para a descoberta do seu pensamento.

Estava casada há quatro anos, quatro anos de aparente indiferença, tanto da sua parte como da parte do jovem Mário. Falavam muito um com o outro, mas sempre dentro dos limites da mais estrita formalidade; nunca trocavam esses olhares de secreto entendimento que são comuns à maior parte dos casais; não se tocavam, nem mesmo quando não estava ninguém por perto; e não tinham filhos. Se aquela era uma união de que estavam ausentes os sentimentos, quem não sofria com isso era por certo o jovem Mário; os seus namoros e aventuras eram bem conhecidos. Mas que se passaria com Múcia Tércia, a quem nunca fora apontada nenhuma imprudência, quanto mais a tentação de infidelidade? Seria feliz, aquela mulher? Amaria o

marido? Ou odiá-lo-ia? Impossível saber e, no entanto, instintivamente, César sabia que ela era desesperadamente infeliz.

O grupo estava já convenientemente instalado e todos os olhos se fixavam agora no jovem Mário, o qual, perversamente, tinha optado por sentar-se numa cadeira. Para que o primo não o superasse, César também foi sentar-se numa cadeira, mas muito longe do filho de Caio Mário, que se encontrava no côncavo do U formado pelos três divãs; César sentou-se atrás da mãe, na abertura do U, e, por isso, não podia ver os rostos das duas mulheres que mais amava. Parecia-lhe muito mais importante poder ver o jovem Mário, Múcia Tércia e o chefe dos criados, Estrofantes, que fora convidado a assistir à reunião e que se encontrava de pé, perto da porta, depois de educadamente ter recusado a sugestão do jovem Mário para que se sentasse.

Molhando os lábios — um sinal invulgar de nervosismo —, o jovem Mário começou a falar.

— Ao princípio da tarde, Cneu Papírio Carbão e Marco Júnio Bruto fizeram-me uma visita.

— Ora aí está um estranho par — comentou César, que não queria que o discurso do primeiro fluísse sem interrupções; queria ver o jovem Mário um pouco atarantado.

O jovem Mário lançou-lhe um olhar irado, mas a ira que sentia não chegava para lhe perturbar o pensamento. Fora apenas uma coisa passageira.

Depois, César viu que o seu projecto se tinha frustrado. com efeito, o jovem Mário acrescentou logo de seguida:

— Vieram perguntar-me se eu estaria disposto a disputar o consulado ao lado de Cneu Carbão. Eu respondi que estava.

O espanto era geral. César viu a surpresa estampada nos rostos das irmãs, um súbito espasmo percorrendo a espinha da tia, uma expressão peculiar, mas indecifrável, nos notáveis olhos de Múcia Tércia.

— Mas, meu filho, tu nem sequer estás no Senado! — observou Júlia.

— Estarei a partir de amanhã. Perperna vai registar-me como membro do Senado.

— Tu nem sequer foste questor, quanto mais pretor!

— O Senado está disposto a dispensar os habituais requisitos.

— Mas não tens nem a experiência nem o conhecimento necessários! — persistiu Júlia,

com desespero na voz.

— O meu pai foi cônsul sete vezes. Eu cresci rodeado de cônsules e antigos cônsules.

Além disso, ninguém pode considerar Carbão inexperiente.

— Porque estamos aqui? — perguntou Aurélia.

O jovem Mário fitou a tia com o mais sério e apelativo dos olhares.

— Para discutirmos o assunto entre nós, é claro! — retorquiu, um tanto confuso.

— Isso não faz sentido! — exclamou Aurélia com brusquidão. — E não faz sentido porque tu já tomaste uma decisão e já disseste a Carbão que ias disputar a seu lado a eleição. Não valia a pena fazer-nos sair do calor das nossas casas para nos dar esta notícia. A esta hora, graças aos mexericos, já todos saberíamos da novidade.

— Isso não é verdade, tia Aurélia!

— Claro que é verdade! — atirou-lhe Aurélia.

Já muito vermelho no rosto, o jovem Mário virou-se para a mãe, o braço estendido num apelo.

— Mamã, não é verdade! Eu sei que disse a Carbão que aceitava, mas sempre tencionei ouvir o que a minha família tinha a dizer! Sempre tencionei fazer isso! Eu posso mudar de opinião!

— Hah! Não acredito que mudes! — retorquiu Aurélia. Os dedos de Júlia estreitaram o pulso de Aurélia.

— Está calada, Aurélia! Não quero que os malefícios da ira invadam esta sala.

— Tem toda a razão, tia Júlia: a ira é a emoção menos desejável neste momento — disse César, metendo-se entre a mãe e a tia. Desse novo e vantajoso local, fitou atentamente o primo.

— Por que razão disseste que sim a Carbão? — perguntou. Uma questão que não embaraçou o jovem Mário nem por um momento.

— Ora, César, podias considerar-me um pouco mais inteligente, não achas? — disse ele com desdém. — Eu respondi que sim pela mesma razão que tu terias dito que sim, se por acaso não usasses laena e apex.

— Entendo que penses que eu teria aceite, mas, na realidade, nunca teria aceite. In suo anno é a melhor maneira.

— É ilegal — disse inesperadamente Múcia Tércia.

— Não, não é — disse César antes que o jovem Mário pudesse responder. — É contra o costume estabelecido e mesmo contra a lex Villia annalis, mas não é propriamente ilegal. Só poderia tornar-se ilegal e, portanto, passível de julgamento em tribunal, se o teu marido usurpasse a posição em causa contra a vontade do Senado e do Povo. O Senado e o Povo podem legislar no sentido de anular a lex Villia. E é isso que vai acontecer. O Senado e o Povo vão aprovar a legislação necessária, o que significa que só Sila declarará ilegal a eleição do meu primo.

Por um momento, todos ficaram calados.

— Isso é o pior de tudo! — disse finalmente Júlia, com a voz embargada. — Vais ter de combater contra Sila.

— Eu acabaria sempre por combater contra Sila — retorquiu o jovem Mário.

— Mas não como representante do Senado e do Povo. Ser cônsul é aceitar a responsabilidade máxima. Tu vais chefiar os exércitos de Roma. — Uma lágrima corria pelo rosto de Júlia. — Vais ser o foco dos pensamentos de Sila e ele é o mais terrível dos homens! Não o conheço tão bem como a tua tia, mas conheço-o o suficiente. Cheguei mesmo a gostar dele, nos tempos em que ele cuidava do teu pai. Não sei se sabes, mas houve um tempo em que ele cuidou do teu pai. Obviava sempre a todas as situações embaraçosas em que o teu pai se via envolvido. Um homem mais paciente e perspicaz que o teu pai. E também um homem de alguma honra.

Mas o teu pai e Lúcio Cornélio partilhavam um factor muito importante. São homens — ou deveria dizer ”eram”?— que, quando tudo o mais falha, desde a constituição ao apoio popular, são capazes dos maiores excessos para alcançar os seus objectivos. Foi por isso que, em tempos idos, ambos marcharam sobre Roma. E é por isso que Lúcio Cornélio marchará sobre Roma uma vez mais, se por acaso Roma seguir este rumo, ou seja, se Roma te eleger cônsul. O facto de seres eleito significará, para ele, que Roma tenciona combatê-lo até ao fim, que não poderá haver uma resolução pacífica para o conflito. — Júlia suspirou, limpou a lágrima. — É Sila quem me faz desejar que mudes de opinião, meu querido Caio. Se tivesses a idade e a experiência dele, era possível que o derrotasses. Mas não tens. Não podes vencer. E eu perderei o meu único filho.

Aquele era o apelo de um adulto razoável e maduro, coisa que o jovem Mário não era.

Daí que a sua expressão, enquanto escutava o sentido discurso da mãe, não revelasse qualquer reacção. Preparava-se para lhe responder quando César o interrompeu uma vez mais.

— Pois bem, Mater — disse César. — Como a tia Júlia diz, tu conheces Sila melhor do

que qualquer de nós! Que achas dele?

Poucas eram as coisas que perturbavam Aurélia e não tinha a mínima intenção de revelar os pormenores da última situação que a deixara seriamente perturbada: aquele trágico e horrível encontro com Sila.

— É verdade. Eu conheço bem Sila. Aliás, como todos sabem, tive mesmo a oportunidade de o ver uma vez há não muito tempo. Mas, em tempos passados, eu era sempre a última pessoa que ele via antes de deixar Roma e a primeira pessoa que ele visitava quando regressava. Entre as suas idas e vindas, quase não o via. Isso é típico de Sila. No fundo, ele é um actor. Não pode viver sem teatro. E soube transformar uma situação que, de outro modo, seria perfeitamente inócua, em algo prenhe de significado. Era por isso que escolhia ver-me unicamente naqueles momentos. Isso dava mais cor e significado à minha presença na sua vida. Em vez de uma vulgar visita a uma senhora com quem gostava de falar de coisas relativamente banais, cada visita transformava-se num adeus ou numa recepção de boas-vindas. Creio que seria correcto dizer que, desse modo, ele acabava por me atribuir um significado invulgar.

César sorriu para a mãe.

— Não respondeste à minha questão, Mater — disse ele afavelmente.

— Eu sei que não — retorquiu aquela mulher extraordinária, sem denunciar perturbação ou culpa. —vou fazê-lo agora. — Olhou gravemente para o jovem Mário, e prosseguiu: — O que tens de compreender é que, se tiveres de enfrentar Sila na qualidade de representante do Senado e do Povo, ou seja, na qualidade de cônsul, acabarás por ter também, aos olhos de Sila, um significado invulgar. Sila utilizará o facto de seres novo e o facto de seres filho de Mário para ampliar o drama da sua luta pelo poder em Roma. E tudo isto, sobrinho, é muito pouco reconfortante para a tua mãe. Por amor dela, desiste desta ideia! Enfrenta Sila no campo de batalha, mas apenas como um qualquer tribuno militar.

— E tu que achas? — perguntou o jovem Mário a César.

— Acho... acho que sim, primo. Sé cônsul antes do tempo.

— Lia?

Lia lançou um olhar perturbado para a tia Júlia e retorquiu:

— Não, primo, por favor não aceites!

— Ju-Ju?

— Concordo com a minha irmã.

— Mulher?

— Deves seguir o que Fortuna mandar.

— Estrofantes?

O velho criado suspirou.

— Domine, não aceite!

Acenando ligeiramente com a cabeça, o jovem Mário sentou-se de novo e deixou cair o braço pelas costas altas da cadeira. Franziu a boca, expirou suavemente.

— bom, de qualquer modo, não tive grandes surpresas — disse. — As mulheres da minha família e o meu chefe dos criados exortam-me a que faça tudo no seu devido tempo e de acordo com o meu estatuto. Exortam-me ainda a que não ponha em perigo a minha reputação. Talvez a minha tia quisesse dizer que poria também em perigo a minha reputação. A minha mulher põe tudo nas mãos da deusa Fortuna — e serei eu um dos seus favoritos? E por fim o meu primo diz que devo ir em frente.

Levantou-se: era de facto uma presença imponente.

— Nãovou voltar atrás com a minha palavra. Se Marco Perperna concordar em fazer-me entrar para o Senado e se o Senado promulgar a legislação necessária, declarar-me-ei candidato ao cargo de cônsul.

— Mas, na verdade, não nos disseste porquê — comentou Aurélia. — Julguei que as razões eram óbvias. Roma está desesperada. Carbão não consegue encontrar nenhum colega à sua altura. Por isso se virou para o filho de Caio Mário. Roma ama-me! Roma precisa de mim! Essa é a razão! — replicou o jovem.

Apenas o mais velho e o mais leal dos criados teria tido a coragem de dizer o que Estrofantes disse, falando não só em nome da mãe angustiada, mas também em nome do falecido pai:

— É o teu pai que Roma ama, domine. Roma vira-se para ti por causa do teu pai. Roma não te conhece. A única coisa que sabe de ti é que és o filho do homem que a salvou dos Germanos, do homem que obteve as primeiras vitórias na guerra contra os Italianos, do homem que foi cônsul sete vezes. Se fores cônsul, será por seres filho de quem és e não por ti mesmo.

O jovem Mário adorava Estrofantes, e este sabia-o; tendo em conta as implicações

daquele discurso, pode dizer-se que o aceitou muito bem. Limitou-se a franzir os lábios, nada mais. Quando Estrofantes terminou, respondeu apenas:

— Eu sei. Mas cabe-me a mim mostrar a Roma que o jovem Mário é feito da mesma fibra que o seu querido pai.

César olhou para o chão e nada disse. Mas por que raio, perguntava para si mesmo, por que raio é que o velho não deu a laena e o apex do flamen Dialis a outra pessoa? Eu era capaz de lidar com esta situação! O jovem Mário, porém, nunca será capaz!

E assim, em fins de Dezembro, os eleitores reunidos nas suas Centúrias concentraram-se no Campo de Marte e elegeram o jovem Mário cônsul sénior e Cneu Papírio Carbão cônsul júnior. O facto de o jovem Mário ter tido muito mais votos que Carbão constituía uma indicação clara do desespero, dos medos e das dúvidas que se tinham apossado de Roma. Contudo, muito dos que votaram sinceramente sentiam que alguma coisa de Caio Mário devia ter ficado no filho e que, sob o comando do jovem Mário, a vitória contra Sila era uma forte possibilidade.

Num aspecto tiveram os resultados eleitorais conseqüências muito gratificantes: o recrutamento, sobretudo na Etrúria e na Úmbria, registou uma aceleração imediata. Os filhos e os netos de Caio Mário correram a alistar-se nas legiões do filho, sentindo-se de súbito muito mais animados, cheios de uma nova confiança. E quando o jovem Mário visitou as vastas propriedades do pai, foi saudado como um salvador, festejado, adorado.

Roma encheu-se de uma disposição festiva para assistir à tomada de posse dos novos cônsules no primeiro dia de Janeiro. E não ficou desapontada. O jovem Mário exibiu em todas as cerimónias uma felicidade transparente, uma felicidade que o tornava ainda mais querido de todos; tinha um ar magnificente, e sorria, acenava, saudava rostos conhecidos por entre a multidão. E como toda a gente sabia onde estava a sua mãe (aos pés da grave estátua do falecido marido, perto dos rostra), todos puderam ver o novo cônsul sénior deixar o seu lugar no desfile para ir beijar-lhe as mãos e os lábios. E para fazer uma garbosa saudação ao pai.

Talvez o povo de Roma precisasse de ter a juventude no poder neste momento crítico, pensou cinicamente Carbão. O que é certo é que já há muitos anos que não via uma multidão saudando de forma tão entusiástica um cônsul no primeiro dia do seu mandato. E por todos os deuses, concluiu Carbão, só espero que Roma não se venha a arrepender deste negócio eleitoral!

É que, até àquele momento, a atitude do jovem Mário se caracterizara pela maior

despreocupação; parecia considerar como um dado adquirido que tudo iria parar às suas mãos, que não teria necessidade de se esforçar, que todas as batalhas a haver estavam já ganhas.

Os augúrios não eram bons, embora os novos cônsules não tivessem testemunhado nada de desagradável durante a sua noite de vigília no Capitólio. O mau augúrio decorria de uma ausência — uma ausência tão importante que ninguém poderia esquecê-la ou ignorá-la. No ponto mais alto do monte Capitolino, onde, durante quinhentos anos, existira o grande templo de Júpiter, mais não havia agora do que uma pilha de detritos enegrecidos, irreconhecíveis. No sexto dia de Quinctilis do ano que findara, um incêndio que começara no interior da casa do Grande Deus tinha lavrado durante sete longos dias. Do templo, nada restava. Nada. O grande problema é que o templo fora construído numa época em que se recorria muito à madeira: por isso, só o pódio era de pedra. Os maciços tambores das suas colunas dóricas eram de madeira, tal como eram de madeira as paredes, os tectos, os painéis interiores. Só o seu descomunal tamanho e solidez, as raras e dispendiosas cores usadas na pintura, os gloriosos murais e a copiosa ornamentação dourada tinham levado os Romanos a considerar aquele templo como uma residência adequada para Júpiter, o mais poderoso de todos os deuses, que aliás não tinha outra; a ideia de o grande Júpiter ter a sua residência no alto da mais alta montanha — tal como sucedia com Zeus, o deus máximo dos Gregos — era absolutamente inaceitável para qualquer romano ou italiano.

Depois de as cinzas terem esfriado, os sacerdotes foram inspeccionar o local e deram com um monte de restos. Da gigantesca estátua de terracota do Deus, feita pelo escultor etrusco Vulca, durante o reinado do velho Tarquínio, não havia sinal. As estátuas de marfim da mulher de Júpiter, Juno, e da sua filha Minerva, também tinham desaparecido; o mesmo sucedera às estátuas dos dois misteriosos intrusos do templo, os deuses Término e Juventas, que se tinham recusado a mover-se do local quando o rei Tarquínio iniciara a construção do lar de Júpiter Optimus Maximus. O fogo tinha também consumido tábuas de leis e arquivos antiquíssimos, tal como os Livros Sibilinos e muitos outros documentos proféticos em que Roma confiava como os mais adequados guias em tempos de crise. Inúmeros tesouros feitos de ouro e prata tinham-se derretido, incluindo a sólida estátua de ouro de Vitória, dada por Hierão de Siracusa depois de Trasimene, e uma outra estátua maciça, de bronze dourado, de Vitória conduzindo uma biga — um carro puxado por dois cavalos. Os fragmentos de metal, distorcidos e cheios de impurezas,

encontrados no meio dos detritos tinham sido reunidos e entregues aos ferreiros para refinação, mas o metal que os ferreiros conseguiram extrair (e que foi rapidamente para o Tesouro, quando poderia ter sido usado para fazer outras obras artísticas) nunca poderia substituir os nomes imortais dos autores das esculturas perdidas — Praxíteles e Mirão, Estronguilião e Policleto, Escopas e Lisipo. A Arte e a História tinham sido consumidas pelas mesmas chamas que destruíram o lar terreno de Júpiter Optimus Maximus.

Os templos adjacentes tinham também sido atingidos pelo incêndio, em particular o templo de Ops, a misteriosa guardiã da riqueza pública de Roma, que não tinha rosto nem corpo; o templo teria de ser reconstruído e reconsagrado, tão grande fora o prejuízo.

O templo de Fé Pública também sofrera bastante. O calor do fogo próximo reduzira a cinzas todos os tratados e pactos afixados nas suas paredes interiores, bem como as faixas de linho atadas à mão direita de uma estátua muito antiga, que se pensava ser a própria Fé Pública.

O outro edifício afectado pelo incêndio era novo e fora construído em mármore e, por isso, precisava apenas de uma nova pintura. Tratava-se do templo dedicado à Honra e à Virtude erigido por Caio Mário para albergar os seus troféus de guerra, as suas condecorações militares e as ofertas que fizera a Roma. O que perturbava todos os Romanos era o significado da distribuição dos prejuízos: Júpiter Optimus Maximus era o espírito que guiava Roma; Ops era a prosperidade pública de Roma; Fé Pública era o espírito de boa-fé entre os Romanos e os seus deuses; e Honra e Virtude eram as duas principais características da glória militar de Roma. Daí que todos os Romanos se perguntassem a si mesmos: teria sido o fogo um sinal de que a supremacia de Roma chegara ao fim? Seria o fogo um sinal de que Roma estava acabada?

Desta forma, os cônsules daquele ano eram os primeiros a ser empossados sem a protecção de Júpiter Optimus Maximus. Um santuário provisório fora erigido sob um dossel, aos pés do pódio de pedra enegrecido que sustentava o antigo templo, e foi nesse local que os novos cônsules fizeram as suas oferendas e os seus juramentos.

com o seu cabelo claro escondido pelo apertado capacete de marfim, e o corpo oculto pelas sufocantes dobras da laena, César, o flamen Dialis, participou nos ritos, ainda que não tivesse qualquer papel activo a desempenhar. As cerimónias foram conduzidas pelo sacerdote-chefe da República, o Pontifex Maximus, Quinto Múcio Cévola, sogro do jovem Mário.

Enquanto assistia aos ritos, dois tipos diferentes de sofrimento perturbaram César: o

primeiro, causado pelo facto de a destruição do Grande Templo ter roubado ao sacerdote de Júpiter o seu lar religioso; o segundo, causado pela verificação de que nunca vestiria a toga de debrum púrpura do cônsul. Mas tinha aprendido a lidar com o sofrimento e, ao longo de todos os rituais, conseguiu manter a postura correcta e uma expressão que não denunciava nada do que ia no seu coração.

A reunião do Senado e a festa que se seguia já não se podiam realizar no templo de Júpiter Optimus Maximus: decorriam agora na Cúria Hostília que, para além de sede do Senado, era um templo convenientemente consagrado. Ainda que pela sua idade não pudesse entrar na Cúria Hostília, César, enquanto flamen Dialis, era automaticamente um membro do Senado, e por isso ninguém se opunha à sua entrada. Aí, escutou impassivelmente as breves e formais medidas que o jovem Mário tinha de tomar, na sua qualidade de cônsul sénior. Os diversos governos que iniciariam funções para os próximos doze meses foram distribuídos, por sorteio, aos pretores daquele ano e aos dois cônsules, a data da festa de Júpiter Latiaris no monte Albano foi fixada, e outros dias móveis de natureza pública ou religiosa foram também fixados.

Dado que, entre as deliciosas iguarias servidas após a reunião, poucas eram aquelas em que o flamen Dialis podia tocar, César instalou-se num local recolhido e tratou de ouvir o maior número possível de conversas. Entretanto, os senadores começavam a distribuir-se pelos diversos divãs. Os cargos exercidos ditavam as posições de alguns dos presentes na sala, em particular daqueles que eram magistrados, sacerdotes ou augures, mas a grande massa dos senadores tinha inteira liberdade para se instalar onde quisesse. Daí que muitos optassem por ficar junto de amigos, com eles disputando gulosamente as iguarias que a abastada bolsa do jovem Mário providenciara.

Aquela era uma assembleia escassa. Não estariam presentes mais de cem senadores, tantos eram os que já se tinham juntado a Sila. Por outro lado, nem todos os que tinham assistido à tomada de posse eram adeptos dos cônsules ou dos seus planos. Quinto Lutácio Catulo estava presente, mas não era adepto da causa de Carbão; o seu pai, Catulo César (que morrera durante o banho de sangue lançado por Mário) fora um inimigo implacável de Mário, e o filho era feito da mesma massa, embora não tão dotado ou instruído. Isto, reflectia o observador César, era devido ao facto de o sangue juliano do pai ter sido diluído pelo da mãe de Quinto Lutácio, uma Domícia

dos Domícios Aenobarbos — uma família famosa por muitas razões, mas não pelas capacidades intelectuais. César não gostava dele por razões que se prendiam com a mera aparência física; Catulo era muito baixo e magro e, tal como a mãe, tinha cabelo ruivo e sardas. Estava casado com a irmã do homem reclinado ao seu lado no mesmo divã, Quinto Hortênsio, e Quinto Hortênsio (outro nobre que permanecia em Roma mas que se dizia neutral) estava casado com a irmã de Catulo, Lutácia. com trinta e poucos anos, Quinto Hortênsio tornara-se o maior advogado de Roma dos tempos de Cina e Carbão, e era considerado por alguns a maior autoridade em leis que Roma alguma vez tinha produzido. Era um homem bastante atraente; o seu gosto pelos pequenos prazeres da vida era denunciado por um lábio inferior muito sensual; quanto ao seu gosto por belos rapazes, era evidente pela forma como olhava naquele instante para César. Habituado a olhares desses, César levou Hortênsio a desistir rapidamente de qualquer projecto: respondeu-lhe entortando os olhos e chupando os lábios todos para dentro. Hortênsio enrubesceu e virou-se imediatamente para Catulo.

Nesse momento, um criado abeirou-se de César, segredando-lhe que o seu primo pedia a sua presença no outro extremo da sala. César levantou-se do degrau onde se tinha agachado para melhor observar os presentes e, com um andar pouco elegante, por causa dos tamancos de sacerdote, dirigiu-se ao local onde se encontravam o jovem Mário e Carbão. Depois de beijar o primo na cara, sentou-se na beira do pódio curul atrás do divã.

— Não comes? — perguntou-lhe o primo.

— Não há muitas coisas que eu possa comer.

— Tens razão, esqueci-me — disse o jovem Mário, com a boca cheia de peixe. Engoliu o peixe e apontou para a enorme travessa que estava na mesa em frente do seu divã. — Não há nada que te impeça de comer aquilo — disse ele.

César olhou para a carcaça parcialmente desmembrada com muito pouco entusiasmo; era uma lampreia do Tibre.

— Obrigado — disse ele. — Mas nunca encontrei nenhuma virtude em comer merda.

Este comentário provocou o riso do jovem Mário, mas não destruiu o seu apetite por um peixe que se alimentava dos excrementos que saíam dos vastos esgotos de Roma; Carbão, notou César divertido, não tinha um estômago tão forte como o outro cônsul, pois a sua mão, que se abeirava de uma posta de lampreia, mudou subitamente de direcção para se fixar num

pequeno frango assado.

Claro que, naquele sítio, César dava muito mais nas vistas; porém, em compensação, também podia ver muito mais caras. Enquanto conversava sobre coisas sem importância com o primo, os seus olhos andavam numa azáfama, saltando de homem para homem. Roma, pensou, podia estar muito contente com a eleição de um cônsul sénior com 26 anos, mas alguns dos homens presentes naquele banquete não estavam nada contentes. Em particular os amigos de Carbão — Bruto Damasipo, Caninas, Marco Fânio, Censorino, Públio Burrieno, Públio Albinovano, o Lucaniano... Claro que havia alguns que estavam muitíssimo satisfeitos, como era o caso de Marco Mário Gratidiano e de Cévola Pontifex Maximus, mas ambos eram parentes do jovem Mário e tinham, por assim dizer, um capital investido na eleição e no êxito do desempenho do novo cônsul.

O jovem Marco Júnio Bruto apareceu do lado do divã ocupado por Carbão. César reparou que Carbão saudou o jovem com um fervor desusado; Carbão, normalmente, não condescendia em mostrar-se tão efusivo. O jovem Mário cedeu então o seu lugar a Bruto e foi à procura de companheiros mais divertidos. Bruto acenou de passagem para César, sem mostrar qualquer interesse por ele. Isso era o que as funções do flamen Dialis tinham de melhor; o sacerdote de Júpiter não despertava nenhum interesse porque, do ponto de vista político, era absolutamente insignificante. Carbão e Bruto deram início à sua conversa sem qualquer constrangimento.

— Creio que podemos congratular-nos com o nosso excelente plano — disse Bruto, enfiando os dedos no esqueleto da lampreia, nesse momento prestes a desintegrar-se.

— Huh — fez Carbão e, com uma careta, pôs de lado o frango, em que apenas mordiscara, e substituiu-o por pão.

— Ora! De vias estar mais animado!

— com quê? com ele? Ora, Bruto, ele é tão vazio como um ovoftacabado de chupar! Já vi que chegue dele neste último mês para saber que assim é. Ele é que vai ficar com os fasces no mês de Janeiro, mas sou eu quevou ter o trabalho todo.

— Não estavas à espera que as coisas fossem de outro modo, pois não?

Carbão encolheu os ombros e atirou o pão para cima da mesa; desde que César falara em merda que o seu apetite se evaporara.

— Ah, não sei... Talvez estivesse à espera de que ele ficasse mais sensato. No fim de contas, é filho de Mário e a mãe é da família dos Júlios. Uma pessoa pensa sempre que esses factos têm algum peso.

— E pelos vistos não têm, é isso?

— Têm tanto peso como o lenço usado da tua avozinha. O máximo que posso dizer dele é que é um ornamento útil — faz-nos parecer a todos muito bonitos e atraentes e é um bom chamariz para o recrutamento.

— Se calhar também é capaz de chefiar tropas — disse Bruto, limpando as mãos engorduradas a um guardanapo de linho que um escravo lhe passara.

— Se calhar. Mas aposto que não é. Tenciono seguir o teu conselho nessa área.

— Que conselho?

— Não lhe dar os melhores soldados.

— Ah. — Bruto deitou fora o guardanapo, sem se preocupar em ver se o criado silencioso que estava perto de César conseguiria apanhá-lo. — Quinto Sertório não está cá hoje. Eu ainda tinha esperanças de que ele viesse a Roma para assistir às cerimónias. É que, no fim de contas, o jovem Mário sempre é primo dele.

Carbão desatou a rir, e o seu riso não era um som agradável.

— Sertório, meu caro Bruto, abandonou a nossa causa. Deixou Sinuessa entregue ao seu destino, partiu para Telamão, recrutou uma legião de clientes etruscos de Caio Mário e embarcou para Tarragona, aproveitando os ventos de Inverno. Por outras palavras, apoderou-se do governo da Hispânia Citerior muito, muito cedo. Espera, sem dúvida, que haja já uma decisão em Itália quando o seu governo chegar ao fim.

— É um cobarde! — exclamou Bruto, indignado. Carbão fez um ruído grosseiro.

— Não, isso ele não é! Preferia considerá-lo um homem estranho. Nunca reparaste que ele não tem amigos? Nem sequer mulher. Mas não possui a ambição de Caio Mário. Todos temos de dar graças por isso. Se ele fosse tão ambicioso como Caio Mário, a esta hora já seria cônsul sénior.

— bom, acho uma pena que ele nos tenha abandonado. A sua presença no campo de batalha teria feito a diferença. Além de tudo o mais, ele sabe como Sila combate.

Carbão arrotou e levou a mão à barriga.

— Acho que mevou retirar para tomar um emético. O prodigioso sortido de comidas do nosso rapaz é demasiado suculento para o meu estômago.

Bruto ajudou o cônsul júnior a erguer-se do divã e conduziu-o a um recanto do salão, atrás do pódio, onde vários criados aguardavam os mais aflitos, dispondo, para o efeito, de uma apreciável quantidade de bacios e bacias.

Lançando um breve olhar, cheio de desprezo, para Carbão, quando este já não podia vê-lo, César decidiu que tinha ouvido a conversa mais importante daquele banquete de tomada de posse dos cônsules. Descalçou os tamancos, pegou neles e, calmamente, abandonou o salão.

Lúcio Decúmio estava escondido num recanto obscuro do vestíbulo da Casa do Senado e abeirou-se de César no momento em que este apareceu no vão da porta. Os seus braços estavam cheios de peças de roupa mais adequadas — botas decentes, uma capa com capuz, meias, calções de lã. César despiu imediatamente o traje de flamen Dialis. Atrás de Lúcio Decúmio, surgiu uma criatura formidável que pegou no apex, na laena e nos tamancos e os meteu numa saca de couro.

— O quê? Já regressaste de Bovilas, Burgundo? — perguntou César, atrapalhado com o frio enquanto se esforçava por calçar uma bota sem correias.

— É verdade, César.

— E como vão as coisas? Cardixa está bem?

— Tenho mais um filho.

Lúcio Decúmio soltou um risinho.

— Eu bem te disse, Pavo! Quando chegares a cônsul, já ele te terá dado uma equipa completa de guarda-costas!

— Eu nunca chegarei a cônsul — retorquiu César, pesaroso, enquanto olhava, pela janela, para os telhados da Basílica Emília, cobertos de neve.

— Disparate! Claro que chegarás a cônsul! — disse Lúcio Decúmio, envolvendo com as mãos o rosto de César. — Acaba já com essa tristeza! Nada no mundo te poderá deter a partir do momento em que tomares uma decisão! Nada, ouviste? — Lúcio Decúmio deixou cair as mãos e uma delas gesticulava já, impaciente, para Burgundo. — Põe-te já a caminho, minha bisarma germânica! Vá, vai à frente para abrires caminho para o senhor!

Aquele Inverno terrível continuou como tinha começado e parecia nunca mais ter fim.

O calendário estava agora em perfeita harmonia com as estações, ao fim de vários anos de exercício do cargo de Pontifex Maximus por Cévola; Cévola, tal como Metelo Dalmático, acreditava que devia haver uma harmonia total entre as datas e as estações, enquanto que o Pontifex Maximus que o antecedera, Cneu Domício Aenobarbo, fizera com que o calendário se adiantasse — tinha menos dez dias que o ano solar — porque, segundo as suas próprias palavras, tinha o maior desprezo por certos hábitos amaneirados dos Gregos.

Em Março, finalmente, o degelo começou e a Itália começou a acreditar que o calor voltaria aos campos e às casas. Adormecidas desde Outubro, as legiões acordaram e lançaram-se ao trabalho. Enfrentando os caminhos ainda cheios da neve do princípio de Março, Caio Norbano saiu de Cápua com seis das suas oito legiões e marchou ao encontro de Carbão, que estava de volta a Arimino. A meio do caminho, passou por Sila, que preferiu ignorá-lo; na Via Latina e depois na Via Flamínia, Norbano podia avançar facilmente apesar da neve e depressa chegou a Arimino. A sua chegada fez subir para trinta legiões e vários milhares de soldados de cavalaria as forças de Carbão — uma carga enorme para Roma e para o Ager Gallicus.

Mas antes de rumar a Arimino, Carbão tinha resolvido o mais premente dos seus problemas: arranjar o dinheiro para manter tantos soldados. Foram porventura o ouro e a prata obtidos a partir dos destroços do templo de Júpiter Optimus Maximus que lhe deram a ideia de como resolver o problema. De facto, a primeira coisa que fez foi apoderar-se desses lingotes de ouro e prata depositados entretanto no Tesouro, deixando no seu lugar uma nota promissória que rezava que Roma ficava a dever ao seu Grande Deus um determinado total de talentos de ouro e prata. Muitos dos templos de Roma tinham acumulado riquezas graças aos seus próprios esforços e, dado que a religião era parte integrante do Estado e, para mais, governada pelo Estado, Carbão e o jovem Mário trataram de pedir ”emprestado” algum do dinheiro detido por esses templos. Teoricamente, estes pedidos de empréstimo não eram inconstitucionais, ainda que, na prática, fossem mal vistos, pelo que raramente se recorria a eles. A verdade, porém, é que, nessa altura, muitos foram os baús cheios de moedas que saíram das casas-fortes dos templos. Nada escapou: os sestércios que eram dados a Juno Lucina pelo nascimento de um filho, menino ou menina, de um cidadão romano; os denários que eram dados a Juventas pelo crescimento feliz dos rapazinhos romanos, filhos de cidadãos; os muitos denários doados a Mercúrio depois de um homem de negócios ter molhado o seu ramo de loureiro na fonte sagrada; os sestércios que

eram dados a Vénus Libitina por morte de um cidadão romano; os sestércios que eram doados a Vénus Erucina por prostitutas bem sucedidas na vida — todo este dinheiro e muito mais foi requisitado para financiar a máquina de guerra de Carbão. O ouro e a prata em barras ou lingotes também foram levados e todas as oferendas de prata ou ouro doadas aos templos (desde que não fossem consideradas obras de arte) foram fundidas.

O pretor Quinto António Balbo, que não pertencia à família nobre dos Antónios, ficou com a tarefa de cunhar novas moedas e de pôr fora da circulação as velhas. Era possível que muitos considerassem aquela operação um sacrilégio, mas a verdade é que o valor total dos despojes era absolutamente impressionante. Assim, Carbão pôde deixar o jovem Mário a tomar conta de Roma e da campanha no Sul, e viajar para Arimino sem preocupações a atormentá-lo.

Embora nenhum dos campos estivesse consciente de que partilhava algo com o outro, a verdade é que Sila e Carbão tinham tomado uma resolução similar — aquela guerra civil não poderia arruinar a Itália, todos os mantimentos de homens e animais envolvidos nas hostilidades teriam de ser pagos com dinheiro na mão, as terras devastadas pelas manobras militares deviam ser reduzidas ao mínimo dos mínimos. A Guerra Italiana tinha deixado todo o país a um passo da extinção; o país não agüentaria outra guerra igual e, para mais, tão pouco tempo depois. E tanto Sila como Carbão sabiam disso.

Sabiam também que, aos olhos do povo, faltava àquela guerra a nobreza de propósitos e as férreas motivações que haviam abundado na Guerra Italiana. Esta fora uma luta entre estados italianos que queriam ser independentes de Roma e uma Roma que queria manter os estados italianos num certo grau de vassalagem. Mas quais eram verdadeiramente as motivações deste novo conflito? As motivações reduziam-se a isto: qual dos dois campos adversários acabaria por dominar e possuir Roma. Era uma luta pela supremacia travada entre dois homens, Sila e Carbão, e nenhuma propaganda conseguiria disfarçar esse facto. E o povo miúdo de Roma e de Itália também não se deixava enganar. Por isso, o país não podia ser submetido a uma provação extrema, nem o bem-estar econômico das comunidades romana e italiana podia ser afectado.

Sila ia buscar o seu dinheiro aos soldados, mas Carbão só podia recorrer aos deuses. E nas mentes de ambos pairava permanentemente um dilema tremendo: como pagar aquela dívida, depois de a guerra acabada?

Nada disto perturbava os pensamentos do jovem Mário, filho de um homem

fabulosamente rico e que crescera sem qualquer preocupação relacionada com dinheiro, fosse este para pagar alguma dispendiosa ninharia ou para pagar as legiões. Se o velho Caio Mário tinha falado com alguém acerca dos aspectos fiscais da guerra, esse alguém fora César, durante os meses em que César o ajudara a recuperar da segunda trombose. com o filho, aliás, Caio Mário raramente falava. Na altura em que mais precisara do filho, o jovem Mário estava na idade de se entusiasmar mais com os encantos de Roma do que as lições do pai. César, nove anos mais novo que o primo, tivera acesso a todas as recordações de Caio Mário. E César escutara-as avidamente e aprendera as lições. As lições que, desde que era sacerdote, de nada lhe serviam.

Quando o degelo começou, depois de meados de Março, o jovem Mário e a sua equipa de legados mudaram-se de Roma para um acampamento nas cercanias da pequena cidade de Ad Picta, na Via Labicana, um diverticulum que evitava os montes Albanos e se juntava à Via Latina num local chamado Sacriporto. Aí, numa planície aluvial, oito legiões de voluntários etruscos e úmbrios tinham estado acampadas desde o início do Inverno, sob um programa de treino tão rigoroso e intensivo quanto o frio permitia. Os centuriões destas legiões eram todos veteranos de Mário, e bons instrutores, mas, quando o jovem Mário chegou ao acampamento, em fins de Março, as tropas estavam ainda muito verdes. Não que o jovem Mário se preocupasse com isso; acreditava sinceramente que o mais inexperiente dos recrutas lutaria por ele como os mais duros dos soldados tinham lutado pelo seu pai. E enfrentava a tarefa de deter Sila com uma confiança ilimitada.

Havia homens no seu acampamento que compreendiam muito melhor que ele a grandeza e a dificuldade dessa tarefa, mas nenhum deles tentou esclarecer o cônsul e comandante sobre o assunto. Se lhes tivessem perguntado porquê, teriam respondido provavelmente que, sob uma capa feita de bazófia, o jovem Mário não possuía os recursos internos necessários para enfrentar uma verdade tão dura. Sendo o chefe, pelo menos de nome, o jovem Mário tinha de ser acarinhado e protegido, não poderia sofrer uma beliscadura.

Quando lhe chegaram informações da espionagem segundo as quais Sila se preparava para avançar, o jovem Mário exultou. Ao que parecia, Sila tinha enviado onze das suas dezoito legiões e quase todos os esquadrões de cavalaria, sob o comando de Metelo Pio, o Bacorinho, na direcção da costa adriática e de Carbão, que se encontrava em Arimino. O que deixava Sila apenas com sete legiões, uma força inferior àquela de que o jovem Mário dispunha.

— Posso derrotá-lo! — disse ele para o seu legado sénior, Cneu Domício Aenobarbo.
Casado com a filha mais velha de Cina, Aenobarbo aderira ao partido de Carbão, apesar de uma inclinação natural por Sila; estava demasiado apaixonado pela sua bela esposa e suficientemente dominado por ela para fazer o que ela muito bem entendesse. Procurava, por isso, ignorar o facto de a maior parte dos seus parentes próximos se mostrarem neutrais ou favoráveis a Sila.
e Agora que via o jovem Mário tão exultante, Aenobarbo sentia-se, pelo contrário, muito preocupado; talvez devesse começar a pensar na melhor maneira de fugir, e para onde, se o jovem Mário não estivesse à altura da sua jactância e não vencesse a velha raposa vermelha, Sila.
No primeiro dia de Abril, o jovem Mário, ainda com uma disposição excepcionalmente jovial, abandonou o acampamento com o seu exército, atravessou os antigos pilonos de Sacriporto e fez-se à Via Latina, rumando para sudeste, ou seja, para a Campânia e Sila. Não perdia tempo: havia duas pontes a atravessar, distando uma da outra pouco mais de oito quilômetros, e ele queria atravessá-las antes de encontrar o inimigo. Ninguém lhe deu nenhum conselho quanto à imprudência que era marchar ao encontro de Sila em vez de permanecer onde estava, e, embora tivesse viajado pela Via Latina dezenas de vezes, o Jovem Mário não era homem para se lembrar do terreno ou para ver o terreno em termos militares.
Na primeira ponte, sobre o rio Veregis, permaneceu atrás enquanto as suas tropas, muito animadas, a atravessavam. De súbito, apercebeu-se de que o terreno que se avizinhava era pior para o combate do que as cercanias dos pilonos de Sacriporto. Mas não parou. Na segunda ponte, sobre o leito, mais largo e torrencial, do Tolero, deu-se finalmente conta de que avançava a passos largos para uma região onde as suas legiões teriam dificuldades de manobra. Entretanto, os seus batedores surgiram com a informação de que Sila se encontrava a cerca de quinze quilômetros dali e que acabara de passar, a boa velocidade, pela cidade de Ferentino. Ao ouvir isto, o jovem Mário entrou em pânico.
— Creio que será melhor voltarmos para Sacriporto — disse ele a Aenobarbo. — Nesta região, não posso manobrar as tropas à minha vontade e, por outro lado, não posso desviar-me de Sila para procurar um terreno menos acidentado. Por isso, teremos de enfrentá-lo em Sacriporto. Não achas que é melhor?
— Se tu achas que é... — disse Aenobarbo, que estava consciente do efeito que uma

ordem de retirada teria naqueles soldados inexperientes, mas decidiu não dizer palavra. — Eu dou a ordem. Regressamos a Sacriporto.

— A toda a pressa! — exclamou o jovem Mário, cada vez menos autoconfiante e cada vez mais em pânico.

Aenobarbo olhou para ele, espantado, mas optou uma vez mais por não dizer nada. Se o jovem Mário queria que o seu exército ficasse exausto depois de uma retirada a toda a velocidade, por que haveria ele de contrariá-lo? Fosse como fosse, não conseguiriam vencer.

E assim, as oito legiões voltaram para Sacriporto em marcha redobrada e os milhares de jovens soldados não escondiam a sua perplexidade ao ouvirem os centuriões exortando-os a todo o momento para que marchassem mais depressa. Também o jovem Mário acabou por ser contaminado por esta pressa desesperada, surgindo no meio das suas hostes a dar ordens para que não abrandassem, sem pensar uma única vez que deveria informá-los de que não estavam a retirar, mas apenas a procurar um terreno mais apropriado para a batalha. O resultado foi que tanto as tropas como o comandante chegaram ao ansiado terreno numa condição mental e física que não lhes permitia tirar partido desse factor.

Tal como todos os seus pares, o jovem Mário aprendera a travar uma batalha. Porém, até esse momento, limitara-se a acreditar que a sagacidade e a destreza do seu pai surgiriam automaticamente na sua mente sempre que necessário; porém, em Sacriporto, rodeado pelos legados e pelos tribunos militares que aguardavam as suas ordens, não conseguia pensar, não conseguia encontrar em si um único resquício da sagacidade e da destreza do pai.

— Ora bem — disse por fim. — Disponham as legiões em xadrez — uma profundidade de oito homens de cada lado de cada quadrado, e mantenham duas legiões em linha, atrás, para servirem de reforço.

Estas não eram as ordens adequadas, mas ninguém tentou obter dele melhores ordens.

As suas tropas, sequiosas e ofegantes, não ficaram mais animadas antes da batalha, pois o jovem Mário não lhes fez o discurso habitual; em vez disso, instalou-se num extremo do campo e montou no cavalo, com os ombros curvados e o rosto denunciando a violência do seu dilema.

Discernindo o pouco afortunado plano de batalha do jovem Mário do alto de um monte entre o rio Tolero e Sacriporto, Sila suspirou, encolheu os ombros e mandou avançar as suas cinco legiões de veteranos, sob o comando do velho Dolabela e de Servílio Vátia. Quanto às duas

melhores legiões do antigo exército de Cipião Asiáfeno, manteve-as em reserva, sob a chefia de Lúcio Mânlio Torquato, enquanto ele permanecia no cume do monte, assistido por um esquadrão de cavalaria transformado em corpo de mensageiros e encarregado de levar as instruções do general para o campo de batalha caso uma mudança de táctica se tornasse necessária. com Sila estava nem mais nem menos do que o velho Lúcio Valério Flaco Princeps Senatus, o dirigente do Senado; Flaco tomara uma decisão definitiva no pino do Inverno: deixara Roma em meados de Fevereiro e fora juntar-se a Sila.

Quando viu o exército de Sila a aproximar-se, o jovem Mário sentiu que a calma regressava à sua mente, ainda que não o optimismo, e assumiu pessoalmente o comando da sua ala esquerda, sem fazer a mínima ideia do que estava a fazer ou do que devia fazer. Os dois exércitos encontraram-se a meio da tarde e, antes que tivesse passado uma hora, já os jovens camponeses etruscos e úmbrios que, cheios de entusiasmo, se tinham alistado nas hostes do jovem Mário, desatavam a fugir em todas as direcções, enquanto os veteranos de Sila destroçavam facilmente os que os enfrentavam. Uma das duas legiões que o jovem Mário manteve de reserva desertou em massa para as hostes de Servílio Vátia e ficou quieta e parada enquanto, a pouca distância, os seus camaradas eram massacrados.

Foi a visão dessa legião de desertores que acabou com o jovem Mário. Lembrando-se de que a formidável cidade-fortaleza de Preneste não ficava muito longe de Sacriporto, ordenou a retirada para essa cidade. Agora que já tinha algo de tangível para fazer, portou-se muito melhor e conseguiu evacuar as tropas da sua ala esquerda de forma razoavelmente ordenada. Comandando a ala direita de Sila, Ofela foi em perseguição do jovem Mário com uma rapidez e uma selvajaria que Sila, observando do cume do monte, aplaudiu calorosamente. Ao longo de mais de quinze quilômetros, Ofela perseguiu e fustigou, interceptou e retalhou os soldados que ficavam para trás, enquanto o jovem Mário procurava salvar o máximo de homens possível. Porém, quando as enormes portas de Preneste se fecharam atrás dele, contava apenas com sete mil dos seus soldados.

O eixo das tropas do jovem Mário tinha perecido no campo (quase nenhum soldado resistira), mas a sua ala direita, chefiada por Aenobarbo, conseguira fugir para Norba. Esta antiga fortaleza dos Volscos, fanaticamente leal à causa de Carbão, ficava no cume de uma montanha situada trinta quilômetros para sudoeste, e foi com alegria que abriu as portas das suas

inexpugnáveis muralhas para receber os dez mil homens de Aenobarbo. Mas não para receber Aenobarbo! Desejando aos seus exaustos soldados a melhor sorte para o futuro, Aenobarbo continuou na direcção da costa e, em Tarracina, embarcou para África, isto é, para o local mais afastado de Itália de que conseguiu lembrar-se depois de ter acalmado.

Ignorando que o seu legado sénior se tinha escapado, o jovem Mário mostrou a maior satisfação por dispor daquele abrigo em Preneste; Sila verificaria que era extremamente difícil, ou mesmo impossível, desalojá-lo daquela cidade. Situada a cerca de cinqüenta quilômetros de Roma, Preneste ficava num cume dos Apeninos; a sua situação geográfica permitira-lhe resistir a muitos assaltos ao longo dos séculos. Nenhum exército conseguiria apossar-se da fortaleza atacando-a por trás, onde o afloramento em que assentava se colava a picos ainda mais altos e abruptos; no entanto, podia ser abastecida por esse lado, pelo que era praticamente impossível reduzir à fome os eventuais sitiados. As nascentes não faltavam dentro da cidadela, e, nas vastas cavernas situadas debaixo do imponente santuário de Fortuna Primigénia, santuário que trouxera fama a Preneste, estavam armazenados muitos medimni de trigo, azeite e vinho, outros alimentos imperecíveis como certos queijos e passas de uva, e também as maçãs e as peras da última colheita.

Embora as suas raízes fossem latinas e o latim que falavam fosse considerado pelos seus orgulhosos cidadãos com o mais antigo e o mais puro, Preneste nunca se tinha aliado a Roma. Combatera do lado dos Aliados Italianos durante a Guerra Italiana, e continuava a defender, com alguma arrogância, que a sua cidadania era superior à de Roma — Roma era uma cidade nova-rica! A sua ferverosa adesão ao jovem Mário era portanto lógica; aos olhos do povo de Preneste, o jovem Mário era o oprimido enfrentando o poder vingativo de Sila; por outro lado, o facto de ser filho de quem era também contribuiu para o calor da recepção. Em sinal de agradecimento, o filho de Caio Mário mandou os seus soldados explorar os caminhos de cabras que havia em volta da cidadela, ordenando-lhes que trouxessem toda a caça e alimentos que encontrassem. Preneste tinha agora muitas bocas novas para alimentar.

— No Verão, o exército de Sila sentirá já tantas faltas que se verá obrigado a retirar; então, poderás partir — disse o supremo magistrado da cidade ao jovem Mário.

Uma profecia que não se cumpriu; menos de oito dias depois da batalha de Sacriporto, o jovem Mário e os habitantes de Preneste testemunharam os preparativos de um cerco demasiado

monumental para não fazer ceder a cidade. Os ribeiros que corriam pela montanha na direcção de Roma foram todos conduzidos para o rio Ânio, ao passo que aqueles que corriam na direcção oposta foram conduzidos para as águas do Tolero: Preneste transformava-se na linha divisória entre dois grandes rios. E pouco tempo depois, com uma velocidade que os sitiados consideraram inacreditável, uma enorme muralha com fosso começou a ser construída desde o Ânio até ao Tolero. Terminadas estas obras preparatórias do cerco, a única forma de entrar ou sair de Preneste seria através dos caminhos de cabras das montanhas do lado de trás da fortaleza. Desde que, como é evidente, esses caminhos fossem deixados sem protecção.

As notícias de Sacriporto voaram para Roma antes do ocaso desse dia fatal — mas muito secretamente. A disseminação geral teria de esperar pelo boato. As notícias chegaram através de um correio especial do próprio jovem Mário, o qual, mal chegou a Preneste, ditou apressadamente uma carta dirigida ao pretor urbano de Roma, Lúcio Júnio Bruto Damasipo. Dizia essa carta:

Tudo está perdido a Sul de Roma. Temos de esperar que Carbão, em Arimino, trave o tipo de guerra que Sila não esteja à altura de enfrentar, nem que seja pelo facto de ter muito menos homens que Carbão. As tropas de Carbão são muito melhores do que as minhas. A ausência de treino e experiência dos meus homens perturbou-os tanto que nem uma hora conseguiram resistir aos veteranos de Sila.

Sugiro-te que tentes preparar Roma para um cerco, ainda que isso possa parecer impossível num local tão vasto e tão dividido nas suas lealdades. Se crês que Roma se recusará a suportar um cerco, então o melhor será esperares por uma invasão de Sila dentro de pouco tempo (um intervalo entre mercados, no máximo), já que não há tropas que se oponham às suas entre o sítio onde estou e Roma. Não sei se é intenção dele ocupar Roma. A minha esperança é de que ele ponha de lado Roma e ataque Carbão. Pelo que ouvi ao meu pai sobre Sila, seria muito natural que ele formasse uma tenaz para esmagar Carbão, usando Metelo Pio como o outro braço da tenaz. Quem me dera saber. Mas não sei. Só sei que seria prematuro para Sila ocupar Roma nesta altura e não estou a ver Sila cometer esse erro.

É possível que não possa sair de Preneste tão cedo. A cidade recebeu-me de braços abertos — o seu povo nutre uma grande afeição por Caio Mário e não se recusou a socorrer o filho. Podes estar certo de que, logo que Sila avançar para a guerra contra Carbão, deixarei

Preneste e correrei a ajudar Roma. Se eu estivesse em Roma, talvez o povo concordasse em agüentar o cerco.

Para além disto, creio que chegou a hora de destruir todos os ninhos das víboras favoráveis a Sila dentro da nossa querida cidade. Mata-os a todos, Damásipo! Não permitas que o sentimento abrande a tua determinação. Os homens susceptíveis de apoiarem Sila impossibilitarão a resistência de Roma. Por isso, não poderão viver. Estando mortos os grandes que poderão opor-se-nos, os pequenos submeter-se-ão sem hesitar. Todos os homens que possam ajudar militarmente Carbão deverão deixar Roma imediatamente. E tu és um deles, Damásipo.

Quanto às víboras que têm de ser mortas, eis alguns nomes que me vêm à ideia. Sei que me estou a esquecer de muitos, por isso tenta lembrar-te de todos! O nosso Pontifex Maximus. O velho Lúcio Domício Aenobarbo. Carbão Arvina. Públio Antístio Vetus.

Bruto Damásipo cumpriu as ordens. Durante o breve mas vasto massacre que o velho Caio Mário tinha perpetrado antes de morrer, Quinto Múcio Cévola, o Pontifex Maximus, tinha sido apunhalado sem que ninguém conseguisse entender porquê. O homem que o apunhalara (o mesmo Fímbria que fora com Flaco, o cônsul substituto, para o Oriente, com a ordem de afastar Sila do contando da guerra contra Mitridates e que depois assassinara Flaco) não conseguira apresentar melhor desculpa do que dizer, no meio de risos, que Cévola merecia morrer. Mas Cévola não morreu, apesar de o ferimento ser grave. Duro e robusto, o Pontifex Maximus retomava os seus deveres públicos dois meses depois. Agora, contudo, não poderia haver escapatória. Embora fosse o sogro do jovem Mário, foi mortalmente ferido quando tentava abrigar-se no templo de Vesta. Estava totalmente inocente de traição ao jovem Mário.

O velho Lúcio Domício Aenobarbo, cônsul pouco tempo depois do seu irmão, o Pontifex Maximus que procedera a reformas, foi executado em sua casa. E sem dúvida que Pompeu, o Grande, teria dado a sua total aprovação se soubesse que, agora, não precisaria de sujar as mãos com o sangue do sogro; Públio Antístio também foi assassinado, e a mulher, enlouquecida pela dor, suicidou-se. Quando Bruto Damasipo chegou à conclusão de que livrara já a Roma de Carbão de todos os que poderiam representar um perigo, cerca de trinta cabeças

adornavam os rostra no baixo Fórum Romano; os homens que se consideravam neutrais (como Catulo, Lépido e Hortênsio) aferrolharam-se em casa e recusaram-se a sair, não fosse algum dos amigos de Damasipo achar que também eles deviam morrer.

Terminada a sua obra, Bruto Damasipo abandonou Roma a toda a pressa, tal como o seu colega pretor Caio Álbio Carrinas. Ambos foram juntar-se a Carbão. O pretor encarregado da cunhagem de moeda, Quinto António Balbo, também deixou Roma por essa altura, mas comandando uma legião; o seu objectivo era ir para a Sardenha e retirar o poder a Filipe.

Contudo, a mais estranha das deserções foi a de um tribuno da plebe, Quinto Valério Sorano. Grande erudito e conhecido filantropo, Sorano não pôde tolerar aquela matança, tanto mais que nem sequer havia provas da ligação das vítimas à causa de Sila. Mas como fazer um protesto público capaz de impressionar toda a cidade? E como poderia um homem destruir Roma? É que Quinto Valério Sorano tinha chegado à conclusão de que o mundo se tornaria um sítio melhor para viver se Roma deixasse de existir. Ao fim de algum tempo, encontrou uma solução. Subiu aos rostra e aí, rodeado pelos troféus ainda gotejantes de sangue de Bruto Damasipo, pôs-se a gritar bem alto o nome secreto de Roma.

— AMOR! — gritou ele até não poder mais.

Aqueles que ouviram e compreenderam desataram a correr para bem longe, tapando os ouvidos. O nome secreto de Roma não podia nunca ser pronunciado em voz alta! Roma e tudo o que ela representava desabariam como um prédio velho abalado por um terramoto. Quinto Valério Sorano acreditava nisso. Por isso, depois de ter gritado aos quatro ventos o nome secreto de Roma, Sorano fugiu para Óstia, sem perceber por que razão Roma continuava de pé sobre as suas sete colinas. De Óstia, esse homem marcado seguiu para a Sicília.

Virtualmente privada de governo, a cidade não se desintegrou. As pessoas continuaram a fazer a sua vida; os nobres neutrais espreitaram pelos postigos, sentiram que não havia perigo e voltaram a percorrer as ruas de Roma, ainda que de boca calada. Roma estava à espera de ver o que Sila faria.

Sila entrou de facto em Roma, mas tranqüilamente, e sem o exército atrás a protegê-lo.

Não havia nenhuma razão importante para que não entrasse em Roma, mas muitas razões importantes para que entrasse. A problemas como o seu império — e saber se renunciava ou não ao império no momento em que atravessasse o limite sagrado do pomerium — ligava

muito pouco. Naquela Roma sem rumo nem governo, que pessoas havia para o contestar, ou para o acusar de ilegalidades, ou para o impugnar de um ponto de vista religioso? Se regressava a Roma, tinha de ser como conquistador e senhor de Roma, com todos os poderes de que precisasse para repor a verdade relativamente à sua carreira passada. Por isso, atravessou o pomerium sem a mínima apreensão e tratou de devolver à cidade algo que se assemelhasse a um governo.

O mais importante dos magistrados que ficara em Roma era um dos dois irmãos Mágios de Eculano, um pretor; foi esse homem que Sila encarregou do governo, assistido dos edis Públio Fúrio Crassipes e Marco Pompónio. Quando soube que Sorano tinha proferido o nome secreto de Roma em voz alta, franziu a testa com um ar lúgubre e estremeceu; no entanto, foi com total serenidade que atentou nas cabeças espetadas em lanças à volta dos rostra, limitando-se a ordenar que retirassem as cabeças e providenciassem os ritos adequados. Não fez qualquer discurso ao povo, não convocou nenhuma reunião do Senado. Menos de um dia depois de ter entrado em Roma, regressava a Preneste. Deixava porém em Roma dois esquadrões de cavalaria sob o comando de Torquato — para ajudarem os magistrados a manter a ordem, disse ele brandamente.

Não fez qualquer diligência no sentido de ver Aurélia, que chegara a pensar nessa possibilidade; quando soube que Sila regressara a Preneste, Aurélia mostrou uma expressão de indiferença perante a família, em particular perante César, que sabia que o encontro da mãe com Sila, perto de Teano, fora extremamente significativo, mas que também sabia que ela nunca lhe contaria nada.

O legado encarregado do cerco a Preneste era o trânsfuga Quinto Lucrécio Ofela, cujas ordens vinham directamente de Sila.

— Quero o jovem Mário preso em Preneste para o resto da vida - dissera Sila a Ofela.

— Vais construir uma muralha com trinta pés de altura que vá desde as montanhas do lado do rio Ânio até às montanhas do lado do rio Tolero. A muralha terá uma torre fortificada, com sessenta pés de altura, de duzentos em duzentos passos. Entre a muralha e a cidade, escavarás um fosso com vinte pés de profundidade e vinte pés de largo, e no fundo porás stimuli tão espessos como os juncos das margens do lago Fucino. Quando o cerco estiver completamente montado, disporás acampamentos de homens nos locais certos, de forma a guardarem todos os caminhos

que saem de Preneste na direcção dos Altos Apeninos. Ninguém conseguirá entrar, ninguém conseguirá sair. Quero que aquele bonequinho arrogante perceba que Preneste será o seu lar enquanto for vivo. — Um sorriso amargo contorceu os cantos da boca de Sila, um sorriso que teria deixado à vista aqueles longos e ferozes caninos no tempo em que ele tinha dentes; mesmo assim, continuava a ser um sorriso tremendo. — Também quero que os cidadãos de Preneste percebam que vão ficar com o jovem Mário para o resto da sua vida, de maneira que vais dizer aos mensageiros que devem informá-los desse facto seis vezes ao dia. Uma coisa é socorrer um jovem encantador e com um nome famoso, outra coisa é perceber que esse jovem encantador e com um nome famoso trouxe a morte e o sofrimento a Preneste.

Quando Sila seguiu para Veios, a Norte de Roma, deixou Ofela com duas legiões a realizar este trabalho. E de facto realizaram um belo trabalho. Afortunadamente, a região era rica em tufo vulcânico, uma curiosa pedra, tão fácil de cortar como queijo, mas que ganhava a consistência de uma rocha depois de exposta ao ar. com este tipo de pedra, a muralha foi crescendo a um ritmo impressionante e o fosso entre a muralha e Preneste ia aumentando de dia para dia. A terra retirada para fazer o fosso foi usada depois para construir uma segunda muralha e, na vasta terra de ninguém que existia entre estas obras dos sitiantes, não foi deixado de pé nenhum arbusto, árvore ou objecto suficientemente alto para servir de aríete. Nas montanhas por detrás da cidade, foram também deitadas abaixo todas as árvores que existiam entre as muralhas e os acampamentos dos homens que agora guardavam os caminhos de cabras e impediam os Prenestianos de proceder a qualquer missão exploratória.

Ofela revelou-se um capataz duro e persistente; tinha uma reputação a fazer com Sila e aquela era a sua oportunidade. Por isso, não permitiu que os seus homens tivessem pausas ou descanso: só paravam para se queixar das dores nas costas ou nos músculos. Além disso, aqueles homens também tinham uma reputação a fazer com Sila; uma das legiões era a que abandonara o jovem Mário em Sacriporto, e a outra pertencera a Cipião Asiágeno. A sua lealdade era suspeita, pelo que uma muralha tão bem construída e um fosso tão bem escavado serviriam para mostrar a Sila que eram homens valorosos. Para o trabalho, não tinham mais que as mãos e os utensílios de escavação dos legionários; mas havia dez mil pares de mãos e ferramentas mais do que suficientes, e os centuriões eram peritos em cercos e nas suas construções. Organizar tão monumental tarefa não levantou grandes problemas a Ofela, um romano típico no que tocava à

eficiência e ao método.

Em dois meses, a muralha e o fosso estavam acabados. Tinha mais de doze quilômetros de comprimento e seccionavam a Via Prenestina e a Via Labicana em dois sítios, interrompendo dessa forma o trânsito nessas duas estradas e tornando-as inutilizáveis para lá de Túsculo e Bola. Os cavaleiros e senadores romanos cujas propriedades foram afectadas pelas fortificações não podiam fazer outra coisa senão esperar que o cerco acabasse — e amaldiçoaj o jovem Mário. Por outro lado, os pequenos proprietários da região exultaram ao verem os blocos de tufo; quando o cerco terminasse, a muralha viria abaixo e eles disporiam de um abastecimento inesgotável de material de construção para cercas, casas, celeiros e estábulos.

Em Norba, assistiu-se ao mesmo tipo de exercícios, ainda que Norba não exigisse obras tão monumentais. Mamerco fora enviado para as cercanias dessa cidade com uma legião de novos recrutas (mandados da região sabina por Marco Crasso) e lançara-se ao trabalho com a severa e discreta eficiência que o tinha ajudado, no passado, a enfrentar muitas situações perigosas.

Quanto a Sila, mal chegou a Veios, dividiu com Públio Servílio Vátia as cinco legiões de que dispunha. Vátia ficou com duas e marchou na direcção do litoral da Etrúria, ao passo que Sila e o velho Dolabela ficaram com as restantes três e subiram pela Via Cássia na direcção de Clúsio, mais para o interior. Estava-se no princípio de Maio e Sila sentia-se muito satisfeito com os progressos que tinha feito. Se Metelo Pio e a sua secção do exército (mais larga que as restantes) se portassem igualmente bem, Sila, no Outono, estaria numa excelente posição para ser o senhor de toda a Itália e de toda a Gália Italiana.

E como se estavam a portar Metelo Pio e as suas forças? Sila tinha ainda poucas notícias dos seus progressos no momento em que encetou a viagem para Clúsio, mas era enorme a sua fé no mais leal dos seus aderentes — para além de sentir uma viva curiosidade relativamente ao comportamento de Pompeu, o Grande. Deliberadamente, dera a Metelo Pio o maior dos exércitos. E também eram deliberadas as suas instruções para que Pompeu, o Grande, chefiasse cinco mil soldados de cavalaria, soldados de que não precisaria (e Sila sabia-o) para as suas manobras num terreno mais povoado e acidentado.

Metelo Pio marchara para a costa adriática com as suas duas próprias legiões (sob o comando do seu legado, Varrão Lúculo), seis legiões que haviam pertencido a Cipião, as três

legiões que pertenciam a Pompeu e os cinco mil soldados de cavalaria que Sila dera a Pompeu. Como seria de esperar, Varrão, o Sabino, seguia com Pompeu, sempre pronto a escutar e compreender (e também a passar para o papel) os pensamentos de Pompeu.

— Tenho de melhorar as minhas relações com Crasso — disse-lhe Pompeu enquanto atravessavam o Piceno. — Metelo Pio e Varrão Lúculo são fáceis de lidar — bom, e de qualquer modo eu gosto bastante deles. Mas Crasso é um brutamontes intratável. Muito mais difícil. Preciso dele do meu lado.

Montado num pônei, Varrão fitou durante um longo momento Pompeu, que montava o seu imponente Cavalo Público.

— Não há dúvida que aprendeste alguma coisa durante o Inverno que passámos com Sila! — disse ele, francamente surpreendido. — Nunca pensei ouvir-te dizer que querias manter boas relações com alguém! Exceptuando Sila, naturalmente.

— Sim, aprendi — admitiu Pompeu com um ar magnânimo. Os seus belos dentes brancos brilharam num sorriso de pura afeição. — Ora, Varrão! Eu sei que estou prestes a tornar-me o mais valioso assistente de Sila, mas sou capaz de compreender que Sila precisa de outros homens para além de mim! Ainda que tu possas ter razão — acrescentou ele com um ar pensativo. — Esta é a primeira vez na minha vida que estou em contacto com um comandante-chefe que não o meu pai. Penso que o meu pai era um grande, um enorme soldado. Mas só dava importância às suas terras. Sila é diferente.

— Em que aspecto? — perguntou Varrão, curioso.

— Ele não dá nenhuma importância à maior parte das coisas — incluindo todos nós, aqueles a quem ele chama seus legados, ou colegas, ou seja lá o que for que ele considere adequado nesta ou naquela altura. Não sei mesmo se dá alguma importância a Roma. Se há alguma coisa a que ele dê importância, essa coisa não é material. Dinheiro, terras — ou mesmo a sua auctoritas ou a qualidade da sua reputação pública. Não, essas coisas não são importantes para Sila.

— Então, o que é que é importante? — perguntou Varrão, fascinado com aquele fenômeno: um Pompeu que conseguia ver para além de si mesmo.

— Talvez apenas a sua dignitas — respondeu Pompeu. Varrão matutou no assunto. Teria Pompeu razão? Dignitas!

A mais intangível de todos as possessões de um nobre romano: dignitas. A auctoritas era a sua capacidade de influência política, a sua capacidade de influenciar a opinião pública e todas as instituições públicas, desde o Senado aos sacerdotes, passando pelo TeSouro.

Dignitas era outra coisa. Era algo de intensamente pessoal e muito privado, e, no entanto, estendia-se a todos os parâmetros da vida pública de um homem. Tão difícil de definir! Era por isso, evidentemente, que existia uma palavra para a designar. Dignitas era... a capacidade que um homem tinha de se elevar acima dos outros... a sua capacidade de glória? Dignitas eqüivalia àquilo que um homem era, enquanto homem e enquanto líder da sua sociedade. Era o total do seu orgulho, da sua integridade, da sua palavra, da sua inteligência, dos seus feitos, das suas capacidades, do seu conhecimento, da sua posição, do seu valor como homem... A dignitas sobrevivia à morte de um homem, era a única forma que ele tinha de triunfar sobre a morte. Sim, essa era a melhor definição. Dignitas era o triunfo de um homem sobre a extinção do seu ser físico. E, vendo as coisas sob esse prisma, Varrão achava a afirmação de Pompeu rigorosamente correcta. Se alguma coisa tinha importância para Sila, era a dignitas. Tinha dito que bateria Mitridates. Tinha dito que regressaria a Itália e que se vingaria. Tinha dito que devolveria à República a sua antiga e tradicional forma. E, se dizia, fazia. Se não fizesse o que prometia, a sua dignitas sairia diminuída; no banimento e no opróbrio oficial não podia haver dignitas. Por isso tinha de ir buscar a si mesmo a energia necessária para cumprir o que dizia. E, cumprida a sua palavra, ficaria satisfeito. Até lá, Sila não podia descansar. Não descansava.

— Ao dizeres isso — comentou Varrão — concedeste a Sila o maior dos louvores.

— Ha? — fez Pompeu, com a surpresa estampada nos olhos muito azuis.

— Quero dizer — acrescentou Varrão pacientemente — que me demonstraste que Sila não pode perder. Sila está a lutar por uma coisa que Carbão nunca conseguiria entender.

— Ah, sim, claro! Sem dúvida! — disse Pompeu, todo contente. Estavam já muito perto do rio Ésis, de novo no coração do feudo de Pompeu. A impetuosidade juvenil do ano anterior não tinha desaparecido, mas fora integrada por uma ampla superestrutura de novas e estimulantes experiências; por outras palavras, Pompeu tinha crescido. Na realidade, todos os dias crescia um pouco mais. A oferta do comando da cavalaria levara-o a interessar-se por um tipo de actividade militar a que nunca tinha dedicado muita atenção. Isso era tipicamente romano. Os Romanos acreditavam nas potencialidades da infantaria, considerando de certo modo a cavalaria como uma

força mais decorativa que útil, uma maçada, mais do que um trunfo. Varrão estava convencido de que os Romanos só utilizavam a cavalaria porque os seus inimigos o faziam.

Noutras eras, nos tempos dos reis de Roma e nos primeiros anos da República, o soldado a cavalo formara a elite militar, era a ponta de lança do exército romano. Assim nascera e crescera a classe dos cavaleiros — a Ordo Equester, como Caio Graco lhe chamara. Mas os cavalos tornaram-se extremamente dispendiosos — demasiado caros para que muitos homens os pudessem comprar particularmente. Deste facto nasceu o costume do Cavalo Público, a montada do cavaleiro comprada e sustentada pelo Estado.

Agora, muito tempo passado, o soldado de cavalaria romano tinha deixado de existir, excepto em termos sociais e económicos. O cavaleiro — homem de negócios ou proprietário de terras, membro da Primeira Classe das Centúrias — era a relíquia romana do soldado montado. E o Estado continuava a comprar cavalos para os seus mil e oitocentos cavaleiros séniores.

Habituado à exploração dos tortuosos meandros do pensamento, Varrão verificou que se desviara, e muito, da sua reflexão inicial, e a ela regressou resolutamente. Pompeu e o seu interesse pela cavalaria. Cavalaria que já não era romana. Sila trouxera aqueles soldados da Grécia e, portanto, não havia entre eles Gauleses; se os tivesse recrutado em Itália, a esmagadora maioria seria gaulesa, homens vindos das planícies do Pó, na Gália Italiana, ou do grande vale do Ródano, na Gália Transalpina. Daí que os homens de Sila fossem, na sua maior parte, Trácios, para além de algumas centenas de Galácios. Bons combatentes e tão leais quanto podiam ser homens que não eram romanos. No exército romano, tinham um estatuto de aliados, e podiam ser recompensados, no final de uma dura campanha, com a cidadania romana ou um bocado de terra.

Desde Teano Sidicino que Pompeu andava numa grande azáfama com a sua cavalaria, mantendo-se em estreito contacto com aqueles homens de calças e jaquetas de couro que brandiam longas danças e se defendiam com pequenos escudos redondos; as suas espadas também eram longas, mais adequadas ao combate a partir da sela do que as espadas curtas da infantaria. Pelo menos Pompeu tinha capacidade para pensar, disse Varrão para si mesmo enquanto avançavam na direcção do Ésis. Pompeu estava a descobrir as qualidades dos soldados-cavaleiros e a ponderar as possibilidades. Estava a planear. A ver se haveria alguma maneira de melhorar a sua actuação ou os equipamentos. Os soldados-cavaleiros de Pompeu distribuíam-se

por regimentos de quinhentos homens, consistindo cada regimento de dez esquadrões de cinqüenta homens, e eram chefiados pelos seus próprios oficiais; o único romano que os comandava era o general, neste caso Pompeu. Um Pompeu extremamente envolvido e fascinado — e decidido a comandá-los com um talento e uma competência invulgares para um romano. Se Varrão, em privado, pensava que uma parte do interesse de Pompeu decorria do muito sangue gaulês que lhe corria nas veias, era suficientemente sensato para não revelar a Pompeu essa sua teoria.

Era extraordinário! Ali estavam eles, o Ésis à vista, e o velho acampamento de Pompeu à sua frente. Voltavam ao ponto de partida, como se os muitos quilômetros que tinham percorrido se resumissem a nada. Uma jornada para ver um velho sem dentes nem cabelo, e que se caracterizara apenas por algumas batalhas menores e por muitas horas de marcha.

— Gostava de saber — disse Varrão, cismando — se os homens alguma vez perguntam a si mesmos o que é que andam a fazer nestas guerras.

Pompeu pestanejou, virou a cabeça para Varrão.

— Mas que questão mais estranha! Porque é que eles haviam de se perguntar o que quer que seja? Têm tudo feito! Eu faço-lhes tudo! Tudo o que têm a fazer é cumprir as ordens. — E fez uma careta para aquela hipótese revolucionária segundo a qual algum dos seus veteranos seria capaz de pensar.

Mas Varrão não estava com disposição de desistir.

— Ora, ora, Magno! Eles são homens — iguais a nós nesse aspecto, se não noutros. E, sendo homens, pensam. Ainda que muitos deles não saibam ler nem escrever. Uma coisa é nunca questionar as ordens, outra coisa é não perguntar o que andam para aqui a fazer.

— Não entendo isso — retorquiu Pompeu, que de facto não entendia.

— Magno, esse fenômeno chama-se curiosidade humana! Faz parte da natureza de um homem interrogar-se sobre as razões seja do que for! Mesmo que esse homem seja um soldado raso picentino que nunca foi a Roma e que não compreende a diferença entre Roma e Itália. Aquilo que fizemos até agora foi ir a Teano e voltar. Ali está o nosso velho acampamento. Não achas que alguns deles são capazes de estar a perguntar para si mesmos o que é que foram a fazer a Teano e porque é que regressámos menos de um ano depois?

— Ah, mas eles sabem a resposta! — retorquiu Pompeu, impaciente. — Além disso, são

veteranos. Se eles recebessem mil sestércios por cada quilômetro que fizeram nos últimos dez anos, podiam viver no Palatino e dedicar-se à criação de peixes decorativos. Até podiam mijar na fonte e cagar na horta do cozinheiro!

Saíste-me cá um excêntrico, Varrão! Nunca deixas de me surpreender — as coisas em que tu matutas! — Pompeu incitou o seu cavalo e desatou a descer a galope a última colina. De repente, soltou uma gargalhada tremenda, agitou as mãos num aceno; as suas palavras chegaram claramente aos ouvidos de Varrão. — O último a chegar é um ovo podre!

Ah, que criança!, pensou Varrão. Que estou eu a fazer aqui? Qual a minha utilidade?

Tudo isto é um jogo, uma imensa e magnificente aventura.

Talvez fosse isso mesmo, mas nessa noite, a altas horas, Metelo Pio convocou uma reunião com os seus três legados e Varrão, como sempre, acompanhou Pompeu. A atmosfera era de grande excitação: tinham chegado notícias.

— Carbão não está longe daqui — disse o Bacorinho. Fez uma pausa para pensar no que tinha dito e rectificou: — bom, pelo menos Carrinas está, e Censorino juntar-se-á a ele muito em breve. Aparentemente, Carbão pensou que oito legiões bastariam para deter os nossos progressos. Depois, deu-se conta da grandeza do nosso exército e enviou Censorino com mais quatro legiões. Vão chegar ao Ésis primeiro que nós e será aí que teremos de enfrentá-los.

— E Carbão? Onde é que ele está? — perguntou Marco Crasso.

— Continua em Arimino. Imagino que está à espera para ver o que Sila tenciona fazer.

— E de que modo o jovem Mário se comportará — disse Pompeu.

— É verdade — concordou o Bacorinho, erguendo as sobrancelhas. — No entanto, não nos compete a nós preocuparmo-nos com isso. Aquilo que nos compete fazer é vermo-nos livres de Carbão. Pompeu, este é o teu território. Achas que devemos levar Carrinas a atravessar o rio ou que devemos mantê-lo na outra margem?

— Isso na realidade não tem importância — disse Pompeu, calmamente. — As margens são praticamente iguais. Há imenso espaço para manobrar as tropas, alguma cobertura proporcionada pelas árvores, um bom terreno plano para uma batalha que envolva todos os homens, caso possamos provocá-la. — com um ar angélico, acrescentou docemente: — Tu é que tens de tomar uma decisão, Pio. Eu sou apenas o teu legado.

— bom, como o nosso objectivo é chegar a Arimino, faz mais sentido que conduzamos

os nossos homens para a outra margem — disse Metelo Pio, muito pouco perturbado. — Se conseguirmos obrigar Carrinas a uma retirada, não teremos de atravessar o Ésis para o perseguir. Segundo as nossas informações, dispomos de uma grande vantagem no que toca à cavalaria. Pompeu, se achas que o terreno e o rio o permitem, gostaria que fosses o primeiro a atravessar o rio e que mantivesses os teus soldados montados entre o inimigo e a nossa infantaria. Depois, conduzirei a infantaria para a outra margem, tu retirarás a cavalaria do caminho, e atacaremos. Não há muito que possamos fazer em termos de subterfúgios. Será uma batalha normal. No entanto, se conseguires dar a volta com a cavalaria de modo a colocá-la atrás do inimigo, depois de eu o ter atacado pela frente, então Carrinas e Censorino ficarão entalados e sofrerão uma derrota tremenda.

Ninguém levantou objecções a esta estratégia, que era imprecisa o suficiente para que se ficasse com a ideia de que Metelo Pio tinha algum talento como general. Quando foi sugerido que Varrão Lúculo comandasse as três legiões de veteranos de Pompeu, dando assim inteira liberdade a este para dirigir a sua cavalaria, Pompeu concordou sem hesitar.

— Eu comandarei o centro — disse Metelo Pio em conclusão. — Crasso comandará a ala direita e Varrão Lúculo a esquerda.

Como o dia estava bom e o terreno não estava demasiado molhado, as coisas correram praticamente como Metelo Pio planeara. Pompeu atravessou o rio facilmente e os combates de infantaria que se seguiram demonstraram a grande vantagem que as tropas veteranas representavam para um general quando soava a hora da batalha. Embora as legiões de Cipião fossem bastante inexperientes, Varrão Lúculo e Crasso conduziram soberbamente as cinco legiões de veteranos e a sua confiança acabou por contagiar os homens de Cipião. Carrinas e Censorino não tinham tropas veteranas e foram derrotados sem que Metelo Pio tivesse de se esforçar muito. O resultado final teria sido uma derrota fragorosa se Pompeu tivesse conseguido cair sobre a retaguarda do inimigo. Porém, ao dar a volta ao campo para o fazer, deparou com um novo factor. Carbão tinha chegado com mais seis legiões — e três mil cavalos — para impedir o avanço de Pompeu.

Carrinas e Censorino conseguiram retirar sem perderem mais do que três ou quatro mil homens, após o que acamparam perto de Carbão, a pouco mais de um quilômetro do campo de batalha. O avanço de Metelo Pio e dos seus legados deteve-se aí.

— Vamos voltar para o nosso primeiro campo, a sul do rio — disse Metelo Pio, tomando rapidamente uma decisão. — Prefiro que eles pensem que estamos com receio de avançar e também creio que nos convém manter uma boa distância entre as nossas tropas e as deles.

Apesar do resultado algo decepcionante da batalha, o moral entre os soldados era elevado; mais moralizados ainda estavam os chefes, que se reuniram ao crepúsculo na tenda do general. A mesa estava cheia de mapas, desordenadamente espalhados, o que indicava que o Bacorinho tinha estado a examiná-los atentamente.

— Muito bem — disse ele, erguendo-se atrás da mesa. — Quero que examinem isto e que vejam qual será o melhor processo para derrotarmos Carbão.

Juntaram-se todos à volta da mesa. Varrão Lúculo segurava num castiçal de cinco velas por sobre os mapas, feitos em pele de ovelha e cuidadosamente desenhados a tinta. O mapa representava a costa adriática entre Ancona e Ravena e também a região interior que se entendia para lá da crista dos Apeninos.

— Nós estamos aqui — disse o Bacorinho, apontando para um local a sul do Ésis. — Para norte, o próximo grande rio é o Metauro, um rio de travessia muito traiçoeira. Toda esta terra pertence ao Ager Gallicus — aqui — e aqui também — Arimino fica na parte norte do Ager Gallicus — alguns rios, mas nenhum, segundo este mapa, apresenta uma travessia difícil. Até que chegamos a este aqui — entre Arimino e Ravena, estão a ver? É o Rubicão, a nossa fronteira natural com a Gália Italiana. — O Bacorinho, metodicamente, procurava abordar todos os aspectos do problema. — Percebe-se perfeitamente porque é que Carbão se instalou em Arimino. Pode subir pela Via Emília na direcção da Gália Italiana, sem grandes problemas; pode seguir pela estrada do Sápis até à Via Cássia, em Arécio, e ameaçar Roma a partir do vale do alto Tibre; pode atingir a Via Flamínia e Roma ITÁLIA (NORTE) E GÁLIA ITALIANA (CENTRO SUL) dessa maneira; pode marchar junto à costa do Adriático até Piceno e, se necessário, deslocar-se até à Campânia através da Apúlia e do Sâmnio.

— Nesse caso, vamos ter de desalojá-lo — disse Crasso, constatando o óbvio. — É possível de se fazer.

— Mas há um obstáculo — disse Metelo Pio, franzindo o sobrolho. — Parece que Carbão já não está inteiramente confinado a Arimino. Carbão tomou a inteligente decisão de

enviar oito legiões, sob o comando de Caio Norbano, para Fórum Cornélios, na Via Emília — estão a ver? Não muito longe de Favência. Ora bem, Fórum Cornélios não dista muito de Arimino — talvez uns sessenta quilômetros.

— O que significa que ele poderia fazer regressar essas oito legiões a Arimino num dia só, em marcha rápida, se se visse obrigado a isso — disse Pompeu.

— Precisamente. Ou conduzi-las para Arécio ou Placência em dois ou três dias — disse Varrão Lúculo, que nunca perdia de vista a situação geral. — Temos Carbão instalado do outro lado do Ésis com Carrinas e Censorino — e dezoito legiões, mais três mil soldados de cavalaria. Há mais oito legiões em Fórum Cornélios, sob o comando de Norbano, e outras quatro, acompanhadas por vários milhares de soldados de cavalaria, defendendo Arimino.

— Preciso de uma estratégia global antes de avançar um passo que seja — disse Metelo Pio, olhando para os seus legados.

— É fácil — disse Crasso, fazendo lentamente as suas contas. — Temos de impedir que Carbão se junte a Norbano, temos de separar Carbão de Carrinas e Censorino, temos de separar Carrinas de Censorino. Temos de impedi-los a todos de se juntarem novamente. Aquilo que Sila disse. Fragmentação.

— Um de nós — eu, provavelmente — terá de conduzir cinco legiões para lá de Arimino. Depois, terá de isolar Norbano e de tentar ocupar a Gália Italiana — disse Metelo Pio, sempre de testa franzida. — Não será fácil.

— É fácil! — exclamou Pompeu, impaciente. — Repara — aqui é Ancona, o segundo melhor porto do Adriático. Nesta altura do ano, Ancona está cheia de navios à espera de partirem para o Oriente e para o comércio de Verão. Se levares as tuas cinco legiões para Ancona, Pio, poderás embarcá-las nesses navios e dirigi-las para Ravena. A viagem é fácil, com terra à vista e sem tempestades. Não são mais do que cem milhas — poderás fazer essa viagem em oito ou nove dias, mesmo que tenhas de remar. Se apanhares vento de feição — o que não é improvável nesta altura do ano — conseguirás fazer a viagem em quatro dias. — A sua mão estava fincada no mapa. — Uma marcha rápida de Ravena até Favência, e impedirás que Norbano volte a Arimino.

— Tudo isso terá de ser feito em segredo — disse o Bacorinho, com um brilho nos olhos. — Sim, sim, Pompeu, isto vai resultar! A eles nunca lhes passará pela cabeça que haverá

tropas nossas a caminho de Ancona — porque têm todos os seus batedores a norte do Ésis! Pompeu, Crasso, vocês vão ter de ficar aqui, fingindo que têm mais cinco legiões, até que Varrão Lúculo e eu possamos deixar Ancona. Depois, avançam. Tentam alcançar Carrinas, fazendo com que a coisa pareça séria. Se possível, mantenham-no parado — e a Censorino também. Carbão estará com eles de início, mas quando souber que eu desembarquei em Ravena, marchará na direcção de Norbano a fim de o ajudar. É claro que ele pode optar por ficar nesta região e enviar Carrinas ou Censorino para ajudar Norbano. Mas não creio. Carbão precisa de uma localização central.

— Ah, isto vai ser muito divertido! — exclamou Pompeu. Tal era o contentamento na tenda de comando que ninguém achou esta afirmação exagerada; nem mesmo Marco Terêncio Varrão, tranqüilamente sentado num canto a tirar notas.

A estratégia resultou. Enquanto Metelo Pio e Varrão Lúculo conduziam rapidamente as suas cinco legiões para Ancona, as outras seis, mais a cavalaria, fingiam que eram onze. Depois, Pompeu e Crasso abandonaram o acampamento e atravessaram o Ésis sem oposição; pelos vistos, Carbão decidira atraí-los a Arimino, planeando, sem dúvida, uma batalha decisiva num terreno que conhecia melhor.

Pompeu ia à frente, com a sua cavalaria, sempre no encalço da retaguarda de Carbão, constituída por cavalaria chefiada por Censorino; com uma regularidade satisfatória, lançava escaramuças contra essa retaguarda. Esta táctica irritava Censorino, que nunca fora um homem paciente; perto da cidade de Sena Gálica, deu meia-volta e fez-se ao combate, cavalaria contra cavalaria. Pompeu venceu; estava a desenvolver um verdadeiro talento para comandante de cavalaria. Censorino, ferido no seu orgulho, retirou então para Sena Gálica com a infantaria e a cavalaria — mas não por muito tempo. Pompeu tomou de assalto as modestas fortificações da cidade.

Censorino tomou então uma decisão sensata. Sacrificou o cavalo, saiu de Sena Gálica pelas portas traseiras da fortaleza e, com oito legiões de infantaria, seguiu para a Via Flamínia. Por esta altura, Carbão já sabia da indesejável presença do Bacorinho em Favência; Norbano, agora, não podia voltar para Arimino. E assim, Carbão marchou sobre Favência, deixando Carrinas segui-lo com mais oito legiões; em relação a Censorino, decidiu que ele teria de valer-se a si mesmo.

Porém, a meio da marcha, Bruto Damasipo veio ao seu encontro, com a notícia de que Sila tinha aniquilado o exército do jovem Mário em Sacriporto. Sila subia agora a Via Cássia, na direcção da fronteira da Gália Italiana, em Arécio, apesar de não ter mais do que três legiões. Nesse momento, Carbão alterou os seus planos. Só havia uma coisa a fazer. Norbano teria de defender a Gália Italiana sozinho, contra as arremetidas de Metelo Pio; Carbão e os seus legados tinham de deter Sila em Arécio, o que, em princípio, não seria difícil, dado que Sila dispunha apenas de três legiões.

Pompeu e Crasso souberam da vitória de Sila sobre o jovem Mário, mais ou menos na mesma altura em que Carbão soube, e saudaram-na com grande júbilo. Viraram então para oeste, a fim de perseguirem Carrinas e Censorino, cada um dos quais levava oito legiões para Carbão, que havia de esperá-los em Arécio. O ritmo da marcha era imparável, a perseguição determinada. Aquela não seria uma campanha adequada para a cavalaria, decidiu Pompeu quando se dirigia, com Crasso, para a Via Flamínia; de facto, iam entrar nas montanhas. Assim, mandou regressar ao Ésis a sua cavalaria e retomou o comando dos veteranos do pai. Pompeu apercebeu-se entretanto de que Crasso parecia gostar que fosse ele a comandar, desde que aquilo que Pompeu sugerisse não andasse longe do que aquela cabeça dura pensava.

Uma vez mais, foi a presença dos veteranos que fez a diferença; Pompeu e Crasso alcançaram Censorino num diverticulum da Via Flamínia, entre Fulgino e Espoleto, e nem sequer precisaram de travar batalha. Exaustas, esfomeadas e cheias de medo, as tropas de Censorino desintegraram-se. Censorino conseguiu reter apenas três das suas oito legiões e estes tão preciosos soldados tinham de ser salvos. com eles abandonou a estrada e cortou pelos campos na direcção de Arécio e de Carbão. Os homens das restantes cinco legiões tinham ficado de tal modo dispersos que nenhum deles conseguiu, posteriormente, integrar-se em novas unidades.

Três dias depois, Pompeu e Crasso detiveram Caninas à saída de Espoleto, uma grande e bem fortificada cidade. Desta feita, registou-se uma batalha, mas as tropas de Caninas portaram-se tão mal que ele se viu obrigado a fechar-se na cidade com três das suas oito legiões; das cinco legiões que perdeu, três fugiram para Túder, onde foram capturadas; as duas restantes desapareceram e nunca mais foram encontradas.

— Que maravilha! — exclamou Pompeu, exultante, em conversa com Varrão. — Já sei como é que mevou ver livre daquele pateta do Crasso!

Para se ver livre de Crasso, Pompeu sugeriu-lhe que levasse as suas três legiões para Túder a fim de cercar a cidade, deixando Pompeu sozinho a conduzir o cerco de Espoleto. Crasso dirigiu-se para Túder, todo contente por poder conduzir a sua própria campanha. E Pompeu montou o cerco a Espoleto com o mais elevado dos morais, sabendo que toda a glória iria para quem cercasse Espoleto, pois era o general Caninas em pessoa quem lá estava dentro. Infortunadamente, as coisas não lhe correram de feição! Astuto e ousado, Carrinas, aproveitando uma tempestade nocturna, escapuliu-se de Espoleto e pôs-se a caminho de Arécio, com três das suas legiões intactas.

Pompeu assumiu como um desaire pessoal a fuga de Carrinas; fascinado, Varrão ficou a saber como eram os ataques de cólera de Pompeu: chorava, mordia os nós dos dedos, anancava os cabelos, batia com os calcanhares e com os punhos no chão, partia chávenas e pratos, destruía cadeiras e outras peças de mobiliário. Até que, tal como a tempestade nocturna que tão benéfica fora a Caninas, a raiva de Pompeu amansou.

— Vamos ter com Sila! Vamos para Clúsio! — anunciou. — Despacha-te, Varrão! Não fiques para aí especado!

Abanando a cabeça, Varrão tratou de despachar-se.

Foi no princípio de Junho que Pompeu e os seus veteranos chegaram ao acampamento de Sila, nas margens do rio Clânis, encontrando o comandante-chefe algo irritado e desanimado. As coisas não lhe tinham corrido muito bem quando Carbão descera de Arécio na direcção de Clúsio, pois Carbão quase vencera uma batalha que resultara de um encontro casual e que, portanto, não poderia ter sido planeada. Só a presença de espírito de Sila, que decidiu parar com as hostilidades e retirar para um campo bem fortificado, tinha salvo o dia.

— Mas isso não interessa — disse Sila, agora muito mais animado. — Tu agora estás comigo, Pompeu, e Crasso não anda longe. O facto de os ter aos dois comigo vai alterar tudo. Carbão está acabado.

— E como é que as coisas correram com Metelo Pio? — perguntou Pompeu, pouco satisfeito por Sila ter mencionado Crasso.

— Metelo Pio assegurou a conquista da Gália Italiana. Obrigou Norbano a travar batalha nas cercanias de Favência, ao passo que Varrão Lúculo, que teve de fazer um longo caminho até Placência, encarregou-se de Lúcio Quíncio e Públio Albinovano perto de Fidência.

Tudo correu muitíssimo bem. O inimigo, ou dispersou, ou morreu.

— E Norbano? Que lhe aconteceu?

Sila encolheu os ombros; nunca se preocupava muito com o que acontecia aos seus inimigos militares depois de os ter derrotado e Norbano nunca fora seu inimigo pessoal.

— Imagino que foi para Arimino — retorquiu Sila, e virou-lhe as costas para dar instruções acerca do acampamento de Pompeu.

Crasso chegaria de Túder no dia seguinte, à frente de três legiões de homens furiosos; de facto, corria nas suas hostes o boato de que, após a queda de Túder, Crasso encontrara uma fortuna em ouro e ficara com ela, sem sequer pensar em dar algum aos seus soldados.

— Isso é verdade? — perguntou Sila, franzindo muito os sulcos que lhe percorriam o rosto e apertando tanto os lábios que estes quase não se viam.

Mas não havia nada que pudesse alterar a expressão bovina de Crasso. Limitou-se a abrir muito os olhos pachorrentos: parecia surpreendido, mas não preocupado.

— Não — respondeu. — Tens a certeza?

— Não havia nada para arrebanhar em Túder, a não ser uma quantas velhas, e nenhuma delas me agradou.

Sila atirou-lhe um olhar desconfiado, perguntando-se se Crasso não estaria a ser intencionalmente insolente; se assim era, não o poderia saber.

— Tu és tão astuto como sinuoso, Marco Crasso — disse Sila, por fim. —vou levar em conta a família de onde vens e a posição que ocupas e por isso opto por acreditar em ti. Mas toma bem atenção! Se descubro que, à custa do Estado, tiras proveito do meu trabalho e dos meus objectivos, nunca mais te quero ver à minha frente!

— Perfeitamente — retorquiu Crasso, aquiescendo, e logo se foi embora.

Públio Servílio Vátia tinha ouvido a conversa. Sorria agora para Sila.

— Não se pode gostar deste tipo — disse.

— Há poucos homens de quem eu goste — disse Sila, pondo o braço à volta dos ombros de Vátia. — És um homem com sorte, não és, Vátia?

— Porquê?

— Porque eu gosto de ti. Tu és um bom camarada — nunca excedes a tua autoridade e nunca discutes comigo. Fazes tudo o que te peço. — Sila bocejou tanto que os seus olhos se

alagaram. — Estou seco. Um copo de vinho, é disso que preciso!

Vátia, um homem elegante e atraente de tez mate, não pertencia aos patrícios Servílios; no entanto, a sua família era antiga o suficiente para passar nos mais rigorosos dos exames sociais; por outro lado, a sua mãe era uma das mais augustas Cecílias Metelas, filha de Metelo Macedónico — o que significava que Vátia era parente, mais ou menos próximo, das pessoas mais importantes de Roma. Era inclusivamente parente de Sila, pelo casamento. Sentia-se por isso perfeitamente à vontade com aquele braço pesado à volta dos ombros e foi assim que os dois se encaminharam para a tenda de comando; Sila já tinha bebido muito naquele dia e precisava de se equilibrar.

— Que vamos fazer com esta gente quando Roma for minha? — perguntou Sila enquanto Vátia lhe enchia uma taça com o seu vinho especial; Vátia serviu-se de uma garrafa diferente e tratou de misturar água bastante no vinho.

— Que gente, Sila? É a Crasso que te referes?

— Sim, é a Crasso que me refiro. E Pompeu Magno. — Os lábios de Sila abriram-se e franziram-se, deixando à mostra as gengivas. — Repara só, Vátia! Magno! com a idade que ele tem!

Vátia sorriu, sentou-se numa cadeira de desarmar.

— bom, se ele é demasiado jovem, eu sou demasiado velho. Eu devia ter sido cônsul há seis anos. Agora, suponho eu, nunca mais serei.

— Se eu vencer, serás cônsul. Não duvides. Eu sou um péssimo inimigo, Vátia, mas também sei ser um óptimo amigo.

— Eu sei, Lúcio Cornélio — disse Vátia, com um ar terno.

— Que farei com eles? — perguntou de novo Sila.

— com Pompeu, posso perceber a tua dificuldade. Não consigo imaginá-lo a regressar à inércia depois de terminada esta guerra. E não sei como conseguirás impedi-lo de aspirar a cargos para que não tem a idade necessária.

Sila riu-se.

— Mas não é cargos que ele quer! O que ele quer é a glória militar! E acho quevou tentar dar-lha. Ele pode ser-me muito útil. — Estendeu a taça para que Vátia a enchesse de novo, e acrescentou: — E Crasso? Que hei-de fazer com Crasso?

— Ah, esse sabe tratar de si mesmo — disse Vátia, servindo o vinho. — Vai ganhar muito dinheiro. É uma coisa que eu percebo. Quando o pai e o irmão, o Lúcio, morreram, Crasso deveria ter herdado mais do que uma viúva rica. A fortuna dos Licínios Crassos chegava aos trezentos talentos. Mas foi confiscada. A mão de Cina! Não lhe escapava nada. E o pobre Crasso não tinha nenhuma influência política, se comparado com Catulo.

Sila riu-se com desdém.

— Sim, pobre Crasso! Ele roubou o ouro de Túder, sei muito bem que roubou.

— Provavelmente — disse Vátia, com a maior calma. — Mas agora não podes perseguí-lo. Precisas dele! E ele sabe disso. É um risco irremediável.

A chegada das tropas de Pompeu e Crasso foi levada imediatamente ao conhecimento de Carbão. Perante os seus legados, mostrou uma expressão calma e não referiu uma única vez a hipótese de dar uma nova localização às suas tropas. Continuava a ter muito mais homens que Sila, e isso implicava que Sila não saísse do seu acampamento para provocar outra batalha. E enquanto Carbão esperava que os acontecimentos se consolidassem e lhe ditassem o que havia de fazer, chegaram notícias da Gália Italiana: Norbano e os seus legados Quíncio e Albinovano tinham sido derrotados, Metelo Pio e Varrão Lúculo haviam conquistado a Gália Italiana. Poucos dias depois, chegaram mais notícias da Gália Italiana: notícias mais deprimentes que as primeiras, ainda que talvez não tão importantes. O legado lucaniano Públio Albinovano tinha atraído Norbano e os restantes membros do seu comando a uma conferência em Arimino e assassinado todos eles à excepção de Norbano; depois, Albinovano entregara Arimino a Metelo Pio em troca de um perdão. Tendo expresso o desejo de viver no exílio algures no Oriente, Norbano pudera embarcar num navio. Só um legado escapara: Lúcio Quíncio, que se encontrava sob a custódia de Varrão Lúculo aquando dos assassínios.

O desalento abateu-se sobre o acampamento de Carbão; homens mais dados à acção, como Censorino, começaram a ficar inquietos. Mas Sila continuava a não provocar a batalha. Desesperado, Carbão resolveu dar trabalho a Censorino: teria de levar oito legiões para Preneste, a fim de acabar com o cerco montado ao jovem Mário. Dez dias depois de ter partido, Censorino regressava. Segundo ele, era impossível acabar com o cerco: as fortificações que Ofela construíra eram, pura e simplesmente, inexpugnáveis. Carbão enviou uma segunda expedição a Preneste, mas a única coisa que conseguiu foi perder dois mil bons soldados em conseqüência da

emboscada que Sila lhes montou. Finalmente, enviou uma terceira força, sob o comando de Bruto Damasipo, com a missão de encontrar uma estrada que atravessasse as montanhas e de entrar em Preneste através dos caminhos de cabras situados nas traseiras da fortaleza. Esta expedição também falhou; Bruto Damasipo olhou, perdeu todas as esperanças e regressou a Clúsio.

Nem mesmo as notícias de que o chefe samnita, Caio Pápio Mutilo, paralisado da cintura para baixo, reunira quarenta mil homens em Esérnia com a intenção de libertar Preneste, tiveram o poder de animar Carbão; a sua depressão agravava-se de dia para dia. A sua disposição nem sequer melhorou quando Mutilo lhe mandou uma carta, dizendo que a sua força seria afinal constituída por setenta mil homens, pois a Lucânia e Marco Lampónio iam- lhe enviar vinte mil homens e Cápua e Tibério Guta iam pôr à sua disposição mais dez mil.

Havia apenas um homem em que Carbão realmente confiava: o velho Marco Júnio Bruto, seu proquestor. Assim, no início de Julho, foi ter com o velho Bruto, mas continuava incapaz de tomar uma decisão que lhe permitisse ter alguma paz de espírito.

— Se Albinovano foi capaz de assassinar homens com quem tinha comido e rido durante meses a fio, como é que poderei confiar nos meus legados? — perguntou.

Caminhavam pela Via Principalis, uma das duas principais estradas dentro do campo, e suficientemente larga para lhes permitir manter uma conversa privada.

Pestanejando ligeiramente por causa do sol, o velho Bruto, com os seus lábios azulados, não lhe deu uma resposta rápida, capaz de o tranqüilizar; em vez disso, matutou no problema e, no momento de responder, disse, com um ar muito grave:

— Não creio que possas confiar, Cneu Papírio. Carbão soprou por entre os dentes, estremeceu.

— Por todos os deuses, Marco, que hei-de fazer?

— Por ora, nada. Mas creio que deves abandonar esta triste história antes que o assassínio se transforme numa alternativa desejável para um ou mais dos teus” legados.

— Abandonar.

— Sim, abandonar — insistiu o velho Bruto.

— Eles não mo vão permitir! — exclamou Carbão, tremendo agora.

— É provável que não. Mas eles não precisam de saber.vou começar a fazer os

preparativos. Entretanto, deveras dar a ideia de que a única coisa que te preocupa é o destino do exército samnita. — O velho Bruto levou a sua mão ao braço do general. — Não desesperes. Tudo vai ficar bem no fim.

Em meados de Julho, o velho Bruto tinha concluído os seus preparativos. A meio da noite, sem fazerem o mínimo ruído, ele e Carbão escapuliram-se do acampamento, sem bagagem nem criados ou animais, à excepção de uma mula carregada de lingotes de ouro inocentemente disfarçados com uma camada de chumbo, e uma bolsa cheia de denários para as despesas da viagem. com um ar de mercadores exaustos, seguiram para a costa etrusca e, em Telamão, embarcaram para África. Ninguém os molestou, ninguém manifestou o mínimo interesse pela mula ou pelos sacos que carregava. A deusa Fortuna, pensou Carbão no momento em que o navio se fez ao mar, estava do seu lado!

Devido à sua paralisia, Caio Pápio Mutilo não podia conduzir o exército formado por samnitas, lucanianos e capuanos. No entanto, viajou com a força samnita desde Esérnia até Teano Sidicino, onde a totalidade do exército ocupou os velhos acampamentos de Sila e Cipião. Depois, Mutilo regressou à sua casa de Teano.

A sua riqueza não parara de crescer desde a Guerra Italiana; agora, possuía villas em meia dúzia de localidades do Sâmnio e da Campânia e era mais rico do que nunca: uma compensação irônica — pensava ele, por vezes — para a perda de todos os movimentos e sensações abaixo da cintura.

Esérnia e Boviano eram as suas cidades favoritas, mas a mulher, Bastia, preferia viver em Teano, onde nascera. O facto de Mutilo não levantar objecções a esta separação quase constante devia-se exclusivamente ao seu estado físico; ele sabia que, como marido, pouco presumo tinha e, por isso, se a sua mulher, compreensivelmente, precisasse de algum consolo físico, seria melhor que o procurasse sem que ele estivesse presente. Mas, até então, não tinha ouvido qualquer boato sobre um eventual comportamento escandaloso da esposa; daí que pudesse concluir que Bastia, se não era, voluntariamente, tão continente como ele, pelo menos era de uma discrição exemplar. Não admira que, ao chegar à sua casa em Teano, Mutilo sentisse uma vontade muito grande de estar com Bastia.

— Não esperava ver-te — disse ela, perfeitamente à vontade.

— Não havia razão para tal, já que não te escrevi — disse ele num tom simpático. —

Pareces estar bem.

— Sinto-me bem.

— Tendo em conta as minhas limitações, posso dizer que também estou bem de saúde — prosseguiu ele, dando-se conta de que o encontro entre os dois se estava a revelar mais constrangedor do que esperara; Bastia mostrava-se distante, demasiado cortês.

— Que te trouxe a Teano? — perguntou ela.

— Tenho um exército nos arredores da cidade. Vamos combater contra Sila. Ou pelo menos vai o meu exército. Eu ficarei aqui, contigo.

— Até quando? — perguntou ela, educadamente.

— Até que tudo isto tenha um desfecho.

— Estou a ver — retorquiu ela, recostando-se na cadeira. Era uma mulher magnífica, na casa dos trinta, uma mulher que o fitava sem um átomo do desejo ardente que ele costumava encontrar nos olhos dela quando se tinham casado — no tempo em que ele fora um homem por inteiro. — Que posso fazer para que fiques mais confortável, marido? Há alguma coisa especial de que precises?

— Eu tenho o meu criado. Ele sabe o que fazer. Dispondo de um modo mais artístico as faixas de dispendiosa gaze que envolviam o seu corpo esplêndido, Bastia continuou a fitá-lo com aqueles olhos enormes e negros, tão grandes e tão negros que lhe haviam valido um epíteto homérico: A Dama dos Olhos de Camomila.

— És só tu para o jantar? — perguntou ela.

— Não, vêm também os meus três legados. Algum problema?

— Não, de modo nenhum. Vais ficar satisfeito com a ementa, Caio Pápio.

E tinha razões para ficar. Bastia era uma excelente dona de casa. Conhecia dois dos três homens que tinham vindo jantar com o comandante: Pôncio Telésino e Marco Lampónio. Telésino era um samnita de famílias muito antigas que, na altura da Guerra Italiana, era ainda demasiado jovem para poder ser um dos grandes chefes militares do Sâmnio. Agora com trinta e dois anos, era um homem bem-parecido e suficientemente atrevido para fitar a sua anfitriã com um apetite de que só ela poderia dar-se conta. O bom senso ordenou-lhe que ignorasse esse olhar; Telésino era um samnita e isso significava que odiava os Romanos mais do que poderia admirar alguma mulher.

Marco Lampónio era o chefe máximo da Lucânia e fora um inimigo portentoso de Roma durante a Guerra Italiana. Na casa dos cinqüenta, mostrava-se ainda pronto para a guerra, e desejoso de que o sangue romano corresse. Nunca mudam, estes italianos não romanos, pensou Bastia; destruir Roma significa mais para eles do que a vida, ou a prosperidade, ou a paz. Mais ainda do que os filhos.

O único dos três que Bastia nunca vira era campaniano como ela, o dirigente máximo de Cápua. Chamava-se Tibério Guta, e era um indivíduo gordo, abrutalhado, egoísta e tão ansioso por matar romanos como os outros.

Bastia abandonou o triclinium logo que o marido lhe deu autorização para se retirar, ardendo de raiva, uma raiva que ocultara cuidadosamente. Não era justo! As coisas estavam a correr tão bem, tão bem que até parecia que a Guerra Italiana nunca tinha acontecido, e afinal agora começava tudo de novo. Quisera gritar que nada iria mudar, que Roma iria reduzi-los a pó, a eles e às suas fortunas, uma vez mais; mas controlara-se o suficiente para não abrir a boca. Mesmo que eles se sentissem inclinados a acreditar nela, o patriotismo e o orgulho impedi-los-iam de arrepiar caminho.

A raiva consumia-a, a raiva negava-se a desaparecer. Caminhava de um lado para o outro da sua sala de estar, sufocando o desejo que tinha de bater naqueles homens, naqueles estúpidos homens. Especialmente no marido, dirigente da sua nação, aquele em que todos os Samnitas viam o chefe e o guia. E para onde os guiava ele? Para a guerra contra Roma. Para a ruína. Preocupar-se-ia ele com o facto de que, quando caísse, todos cairiam com ele? Claro que não! Ele era um homem por inteiro, com toda a imbecilidade nacionalista e vingativa de um homem. Um homem por inteiro e, no entanto, apenas metade de um homem. E a metade que lhe restava de nada lhe servia a ela, nem para a procriação nem para o prazer.

Bastia decidiu que tinha de conter-se: era demais aquela raiva que a abrasava. Tinha mordido os lábios, sentia uma gotinha de sangue nos lábios. Ardia, Bastia ardia.

Havia um escravo... Um daqueles gregos da Samotrácia com o cabelo tão negro que, à luz, ganhava um brilho azul, e fartas sobrancelhas que se uniam por sobre a cana do nariz, e olhos da cor de um lago da montanha... E uma pele tão suave, clamando por beijos... Bastia bateu palmas.

Quando o chefe dos criados apareceu, ela olhou para ele com o queixo espetado e os

lábios tão cheios e vermelhos como morangos.

— Os senhores que estão na sala de jantar têm tudo o que precisam?

— Sim, domina.

— Óptimo. Continua a atendê-los. E manda-me Hipólito. Preciso dele para uma coisa — disse ela.

A expressão do chefe dos criados permaneceu inalterável; como o seu senhor, ao contrário da senhora, não manifestava qualquer interesse em viver em Teano Sidicino, Bastia era mais importante para ele do que Mutilo. Era preciso que Bastia se sentisse feliz.

— Mandar-lhe-ei Hipólito imediatamente, domina — disse ele, fazendo tantas vénias quantas pôde até deixar os aposentos dela.

No tricünium, Bastia fora esquecida desde que se retirara.

— Carbão garante-me que tem Sila atado de pés e mãos em Clúsio — disse Mutilo aos seus legados.

— Acreditas nisso? — perguntou Lampónio. Mutilo franziu o sobrolho.

— Não tenho nenhuma razão para pensar o contrário, mas, como é evidente, não posso ter a certeza absoluta. Tens alguma razão para achar o contrário?

— Nenhuma, excepto que Carbão é um romano.

— Muito bem! Apoiado! — exclamou Pôncio Telésino.

— Os ventos da fortuna mudam — disse Tibério Guta de Cápua, com a boca e o queixo brilhando da gordura de um capão assado com recheio de castanha. — Por ora, lutamos por Carbão. Depois da derrota de Sila, podemos virar-nos contra Carbão e todos os romanos e dar cabo deles todos.

— Absolutamente — concordou Mutilo, sorrindo.

— Devíamos marchar sobre Preneste imediatamente — disse Lampónio.

— Devíamos ir já amanhã — observou logo Telésino. Mutilo abanou a cabeça.

— Não. Deixamos os homens descansar aqui mais cinco dias. Eles tiveram uma marcha muito dura e ainda têm de percorrer toda a Via Latina. É preciso que estejam frescos quando avistarem o cerco de Ofela.

Tomadas estas decisões — e dada a perspectiva de um relativo descanso nos cinco dias seguintes — o jantar terminou. Muito mais cedo do que o chefe dos criados previra. Ocupado na

cozinha, o chefe dos criados não deu pelo fim da reunião. E não estava na sala de jantar quando Mutilo chamou o seu criado germânico, a fim de o levar para o quarto da senhora.

Bastia estava nua, ajoelhada sobre as almofadas do seu divã, as pernas afastadas, e, entre as suas sedosas e brilhantes coxas, estava enterrada uma cabeça com um cabelo muito negro, asa de corvo; o corpo compacto e musculado que pertencia à cabeça estava estirado em cima do divã, num abandono tão completo que parecia pertencer a um gato dormindo um sono profundo. Os dois corpos só se tocavam no sítio onde a cabeça estava enterrada; os braços de Bastia estavam estendidos para trás, as mãos apertando as almofadas, e os braços dele caíam junto ao seu corpo.

A porta fora aberta silenciosamente; o escravo germânico parou, com o senhor ao colo, como se fossem dois noivos a entrar na sua nova casa, e aguardou pelas próximas instruções, com toda a resistência entorpecida que caracterizava esses homens, para sempre longe de casa, sem qualquer conhecimento de latim ou grego, permanentemente atormentados pela dor da perda e sempre incapazes de a exprimirem.

Os olhos do marido e da esposa encontraram-se. Nos dela, surgiu um clarão de triunfo, de júbilo; nos dele, a perplexidade, sem o paliativo amortecedor do choque. Os olhos de Mutilo pareciam não lhe obedecer; e assim percorreram aqueles seios gloriosos e a suavidade do ventre e assim se inundaram de lágrimas.

O jovem grego, totalmente absorvido pelo que estava a fazer, apercebeu-se de súbito de uma mudança, de uma tensão, na sua senhora, que nada tinha a ver com ele; por um momento, ergueu a cabeça. Como duas serpentes lançando-se sobre a vítima, as mãos dela aferraram-se ao cabelo negro e fizeram com que a cabeça voltasse à posição inicial.

— Não pares! — gritou ela. Incapaz de desviar os olhos, Mutilo reparou que o tecido, ingurgitado de sangue, dos mamilos dela, começava a inchar; as coxas moviam-se enquanto a cabeça cavalgava em cima delas. E então, diante do marido, Bastia gritou e gemeu todo o prazer do seu poderoso orgasmo. Aquele momento pareceu a Mutilo durar uma eternidade.

Satisfeita, Bastia largou a cabeça e esbofeteou o jovem grego, que caiu para o lado, dando então pela presença de Mutilo; o seu terror era tão grande que parecia não respirar.

— Não podes fazer nada com aquilo! — disse Bastia, apontando para a erecção do escravo, agora quase inexistente. — Mas não há nenhum problema com a tua língua, Mutilo!

— Tens razão, não há — disse ele, agora que todas as lágrimas tinham já secado. — A minha língua ainda é capaz de saborear e sentir. Mas não tem nenhum apetite por carne podre.

O escravo germânico levou-o então para o seu quarto e, com todo o cuidado, deitou-o na cama. Depois de ter cumprido todos os seus deveres, deixou Caio Pápio Mutilo sozinho. Nenhum comentário, nenhum sinal de compreensão, simpatia, nada. O que era afinal a maior das graças, pensou Mutilo enquanto enterrava o rosto na almofada. Parecia-lhe estar ainda a ver o corpo da mulher incendiado pelo desejo, os seios, os mamilos inchados, e aquela cabeça — aquela cabeça! Aquela cabeça... Abaixo da cintura, nem sinal de vida, nenhum sinal de vida nunca. Mas o resto do seu corpo conhecia tormentos e sonhos e ansiava por tudo o que o amor representava. Por tudo!

— Eu não estou morto! — disse ele para a almofada, sentindo as lágrimas regressar. — Não estou morto! Mas, por todos os deuses, quem me dera estar morto!

No final de Junho, Sila deixou Clúsio. Consigo levou as suas cinco legiões mais três de Cipião; deixou Pompeu a comandar, uma decisão que não deixara deslumbrados os seus outros legados. Mas, como Sila era Sila e ninguém discutia abertamente as suas decisões, tiveram de aceitar Pompeu.

— Limpa isto tudo — disse Sila a Pompeu. — Eles são mais que nós, mas estão desmoralizados. No entanto, quando descobrirem que eu me fui embora para não voltar, é certo e sabido que provocarão a batalha. Toma atenção a Damasipo, é o mais competente de todos. Crasso enfrentará Marco Censorino e Torquato terá de se haver com Carrinas.

— E Carbão? — perguntou Pompeu.

— Carbão é uma nulidade. São os seus legados quem comanda. Mas não percas tempo, Pompeu! Tenho outro trabalho para ti.

Não surpreendeu ninguém que Sila tivesse levado consigo os seus principais legados; nem Vátia nem o velho Dolabela teriam agüentado a humilhação de pedir instruções a um jovem de 23 anos. A partida de Sila surgiu na seqüência das notícias sobre os Samnitas. Precisava de se abeirar urgentemente da região de Preneste. Teria de tomar as necessárias disposições antes que os samnitas se aproximassem demasiado da cidade.

Tendo mandado esquadrinhar cuidadosamente toda essa região próxima de Roma, Sila sabia exactamente o que tencionava fazer. A Via Prenestina e a Via Labicana encontravam-se

agora impraticáveis devido à muralha e ao fosso construídos por Ofela, mas a Via Latina e a Via Ápia continuavam abertas e ligavam ainda Roma e o Norte com a Campânia e o Sul. Se queria ganhar a guerra, era vital que todos os acessos militares entre Roma e o Sul pertencessem a Sila; a Etrúria estava exausta, mas o Sâmnio e a Lucânia continuavam a ter muitos recursos, tanto humanos como alimentares.

A região entre Roma e a Campânia não era fácil. Junto à costa, os campos davam lugar aos Pauis Pontinos, que a Via Ápia, vinda da Campânia, atravessava, numa linha recta infestada de mosquitos, até que, perto de Roma, subia pelos flancos dos montes Albanos. Estes montes eram na realidade formidáveis montanhas nascidas de um velho vulcão que fendera e elevara a planície aluvial latina inicialmente existente. O monte Albano propriamente dito, centro dessa antiga actividade vulcânica, erguia-se entre a Via Ápia e uma outra estrada, mais interior, a Via Latina. A sul dos montes Albanos, uma outra cordilheira continuava a separar a Via Ápia da Via Latina, impedindo assim qualquer conexão entre essas duas grandes estradas desde a Campânia até um local muito próximo de Roma. Para a marcha militar, a Via Latina era sempre preferida à Via Ápia; os homens ficavam doentes quando marchavam pela Via Ápia.

Era portanto preferível que Sila se instalasse perto da Via Latina — mas num sítio de onde, se necessário, pudesse transferir rapidamente as suas forças para a Via Ápia. As duas estradas atravessavam os flancos exteriores dos montes Albanos, mas a Via Latina fazia-o através de um desfiladeiro que cavava uma brecha na escarpa oriental da cordilheira e que permitia que a estrada seguisse na direcção de Roma no espaço mais plano situado entre aquela escarpa e o próprio monte Albano. No local onde o desfiladeiro se abria na direcção do monte Albano, uma pequena estrada virava para oeste, dando a volta a este pico central, e ia juntar-se à Via Ápia, muito perto do lago sagrado de Nemi e do seu templo.

Foi nesse desfiladeiro que Sila se instalou, tratando logo de construir, em cada extremidade do mesmo, gigantescas muralhas fortificadas, de novo com blocos de tufo; desta forma, fechava a estrada secundária que conduzia ao lago Nemi e à Via Ápia. Ocupava agora o único sítio da Via Ápia onde todos os progressos, fosse em que direcção fosse, podiam ser detidos. Concluídas em pouco tempo as suas fortificações, colocou uma série de observadores na Via Ápia, a fim de se certificar de que nenhum inimigo tentava flanqueá-lo usando essa estrada, viesse ele de Roma ou da Campânia. Todas as suas provisões eram encaminhadas ao

longo da estrada secundária que conduzia à Via Ápia.

Na altura em que as hostes samnito-lucaniano-capuanas chegaram a Sacriporto, toda a gente chamava já a esse exército "os Samnitas", apesar da sua natureza heteróclita (reforçada ainda mais por soldados das legiões dispersas por Pompeu e Crasso que tinham decidido ingressar numa força que, para além de forte, tinha bons comandantes. Em Sacriporto, os samnitas optaram pela Via Labicana, mas logo descobriram que Ofela se encontrava protegido por uma segunda linha de fortificações, de onde não poderia ser desalojado. Brilhando nas alturas com uma mirídade de cores, Preneste parecia um local tão longínquo como o Jardim das Hespérides. Pôncio Telésino, Marco Lampónio e Tibério Guta inspeccionaram cuidadosamente as muralhas de Ofela, mas não encontraram nenhum ponto fraco; por outro lado, era impossível realizar uma marcha através dos campos com setenta mil homens sem um sítio concreto para onde ir. Reuniu então um conselho de guerra, do qual resultou uma mudança de estratégia; a única maneira de forçar Ofela a abandonar o seu abrigo era atacar Roma. Assim, o exército samnita seguiria pela Via Latina a caminho de Roma.

Regressaram então a Sacriporto e meteram pela Via Latina, na direcção de Roma. Mas depressa descobriram que Sila, protegido por enormes muralhas, controlava por completo a estrada. A fortaleza de Sila parecia, apesar de tudo, mais frágil que a de Ofela; daí que as hostes samnitas tivessem atacado. Atacado e falhado. Atacaram uma vez mais. Falharam uma vez mais. Do alto das suas muralhas, Sila troçava daquelas investidas, com tanto prazer como o que Ofela sentira.

Depois, surgiram notícias ao mesmo tempo animadoras e desagradáveis; os homens que tinham ficado em CMsio haviam lançado uma batalha contra Pompeu. A notícia triste era que tinham sofrido uma derrota tremenda; no entanto, os sobreviventes, cerca de vinte mil homens, marchavam agora para Sul, sob o comando de Censorino, Caninas e Bruto Damasipo. Carbão tinha desaparecido, mas a guerra, jurava Bruto Damasipo na sua carta a Pôncio Telésino, continuaria. Se a posição de Sila fosse atacada de ambos os lados ao mesmo tempo, ele acabaria por cair. Ele tinha de cair!

— Disparates! — disse Sila a Pompeu, a quem chamara para uma conferência no desfiladeiro logo que fora informado da vitória de Pompeu em Clúsio. — Podem pôr o monte Pélio em cima do monte Ossa que não conseguirão desalojar-me. Esta construção é

inexpugnável, é inatacável.

— Se estás tão confiante, para que precisas de mim? — perguntou o jovem, dissipado já o orgulho que sentira por ter sido convocado.

A campanha em Clúsio fora curta, implacável, decisiva; muitos dos soldados inimigos tinham morrido, muitos tinham sido feitos prisioneiros, e aqueles que tinham conseguido escapar distinguiam-se pela qualidade dos homens que haviam comandado a sua retirada; entre os homens que se tinham rendido não havia nenhum legado sénior, o que constituía uma grande decepção. A deserção de Carbão só chegara ao conhecimento de Pompeu depois de a batalha estar terminada. Foi com lágrimas nos olhos que tribunos, centuriões e soldados contaram a história aos homens de Pompeu. Uma terrível traição.

Logo a seguir à batalha, chegou a notícia da convocatória de Sila, que Pompeu recebeu com profundo deleite. Segundo as instruções de Sila, Pompeu teria de levar consigo seis legiões e dois mil soldados de cavalaria; que Varrão deveria acompanhá-lo, era evidente, ao passo que Crasso e Torquato teriam de permanecer em Clúsio. Mas que necessidade tinha Sila de mais tropas num campo que já estava a rebentar pelas costuras? De facto, o exército de Pompeu fora conduzido para um campo nas margens do lago Nemi, e portanto adjacente à Via Ápia!

— Ah, não, eu não preciso de ti aqui — disse Sila, apoiando-se no parapeito de uma torre de observação e perscrutando em vão na direcção de Roma; a sua visão tinha-se deteriorado muito desde que adoecera na Grécia, embora lhe desagradasse reconhecer isso. — Estou cada vez mais perto, Pompeu! Cada vez mais perto!

Pompeu, que normalmente não era um homem retraído, deu por si incapaz de fazer a pergunta que o perseguia: que tencionava Sila fazer quando a guerra acabasse? Como poderia manter a sua autoridade, como conseguiria proteger-se de futuras represálias? Não podia manter o seu exército eternamente: no momento em que este se desfizesse, Sila ficaria à mercê de todos os que tivessem a força e a influência suficientes para o chamar a prestar contas. E alguns desses homens poderiam muito bem ser aqueles que, no momento presente, se apresentavam como seus fiéis adeptos, aqueles que diziam ser capazes de o acompanhar até à morte. Quem sabia o que homens como Vátia e o velho Dolabela realmente pensavam? Ambos tinham idade para ser cônsules, ainda que as circunstâncias os tivessem impedido de o ser. Como poderia Sila defender-se? Os inimigos de um grande homem eram como a Hidra — por muitas cabeças que se

conseguisse cortar, havia sempre mais cabeças, cada vez mais ferozes e com dentes mais afiados.

— Se não precisas de mim aqui, Sila, onde é que precisas de mim? — perguntou Pompeu, confuso.

— Estamos no princípio de Sextilis — disse Sila, virando-se e encaminhando-se para a longa escadaria.

Nada mais foi dito até chegarem ao caos controlado que se vivia dentro das muralhas, onde os homens andavam numa azáfama constante, transportando pesadas cargas de rochas, óleo para aquecer e deitar por cima dos que tentassem subir por escadas, projécteis para as balistas e catapultas que espreitavam já no alto das muralhas, bem como lanças, setas e escudos.

— Estamos no princípio de Sextilis? — disse Pompeu, retomando a conversa, mal deixaram para trás o grosso dos soldados e entraram na estrada secundária que conduzia ao lago Nemi.

— Assim é, assim é! — disse Sila, com um ar surpreendido, e logo desatou a rir por causa da expressão de Pompeu.

Se Sila se estava a rir, então também ele deveria rir-se: e foi isso que Pompeu fez. A meio da risada, repetiu:

— Sim, de facto estamos no princípio de Sextilis. Fazendo um esforço para se controlar, Sila decidiu que já se tinha divertido o suficiente. Seria melhor acabar com as dúvidas e confusões daquele futuro Alexandre.

— Tenho um trabalho especial para ti, Pompeu — disse ele bruscamente. — Os outros vão ter de saber, mas por ora ainda é cedo. Eu quero que tu estejas bem longe quando a tempestade de protestos rebentar — porque essa tempestade não há-de faltar! Sabes, o que eu quero que tu faças é algo que eu só deveria pedir a um homem que, pelo menos, já tivesse sido pretor.

Cada vez mais excitado, Pompeu parou, pôs a mão no braço de Sila e virou-se para ele; os seus olhos, de um azul radioso, fixavam os olhos azuis aquosos de Sila. Encontravam-se agora num vale muito belo, e o ruído das actividades do campo era amortecido pelas encostas do vale, abundantemente guarnecidas de silvas, roseiras e amoreiras-pretas.

— Nesse caso, Lúcio Cornélio, porque é que me escolheste? — perguntou Pompeu, intrigado. — Tens tantos legados nessas condições! Vátia, Ápio Cláudio, Dolabela... Até mesmo

Mamerco e Crasso parecem mais apropriados... Porquê eu então?

— Não morras de curiosidade, Pompeu, que eu conto-te tudo! Mas primeiro, tenho de te dizer exactamente o que pretendo que faças.

— Sou todo ouvidos — disse Pompeu, exibindo uma calma soberba.

— Disse-te para trazeres seis legiões e dois mil soldados de cavalaria. É um exército respeitável. Vais levá-lo imediatamente para a Sicília e assegurar que a próxima colheita chegue às minhas mãos. Estamos em Sextilis, o que significa que as colheitas começarão muito em breve. A maior parte da frota cerealífera encontra-se ancorada em Putéolos. Centenas e centenas de navios vazios. Transportes prontos a ser usados, Pompeu! Amanhã seguirás pela Via Ápia na direcção de Putéolos, onde terás de chegar antes que a frota cerealífera parta. Terás o meu mandado e dinheiro suficiente para pagar o aluguer dos navios, além do que disporás de um império propretoriano. Conduz a tua cavalaria até Óstia, aí está ancorada uma frota mais pequena. Enviei já mensageiros aos portos de Tarracina e Âncio e disse a todos os pequenos proprietários de navios que se reunissem em Putéolos caso quisessem ser pagos por aquilo que, em circunstâncias normais, seria uma viagem inútil. Garanto-te que vais ter mais navios do que precisas.

Não sonhara ele em tempos com um encontro com um homem chamado Lúcio Cornélio Sila, tão próximo dos deuses como ele? E não se sentira a mais miserável das criaturas ao verificar que o divino Sila tinha tudo de um sátiro, e nada de um deus? Mas que importância tinha o aspecto de um homem, quando abrigava, nas suas duas mãos, um tão vasto armazém de sonhos? O velho Sila, bêbedo e cheio de cicatrizes, cujos olhos não conseguiam sequer ver Roma àquela distância, estava a oferecer-lhe o total comando de uma guerra! Uma guerra longe de todas as interferências, contra um inimigo que ficaria à sua inteira mercê... Ofegante, Pompeu ergueu a sua mão sardenta, os seus dedos curtos e ligeiramente arqueados e apertou a bela mão de Sila.

— Mas isso é maravilhoso, Lúcio Cornélio! Maravilhoso! Ah, podes contar comigo! Eu corro com Perperna Veientão e trago-te trigo que chegue para dez exércitos!

—vou precisar de mais trigo ainda — retorquiu Sila, libertando a sua mão; apesar da sua juventude e dos seus inegáveis atractivos, Pompeu não era de um tipo que agradasse fisicamente a Sila e este não gostava de tocar em homens ou mulheres que não o atraíssem fisicamente. — No final deste ano, Roma será minha. E se quero que Roma me receba de braços abertos, terei de garantir que ela não passe fome. O que significa que precisarei da colheita siciliana, da colheita

sarda — e, se possível, da colheita africana. Portanto, logo que tenhas a Sicília nas tuas mãos, deveras partir para a Província de África e fazer o que te for possível, Não chegarás a tempo de apanhar as frotas de Útica e Hadrumeto — julgo que estarás ainda muitos meses na Sicília antes de poderes partir para África. Mas a África tem de estar subjugada antes que voltes para Itália. Segundo as notícias que tenho, Fábio Adriano foi queimado vivo no palácio do governador durante uma revolta em Útica, mas entretanto Cneu Domício Aenobarbo — que se escapuliu em Sacriporto! — dominou todas as revoltas e agora controla a África para o inimigo. Se estiveres na Sicília Ocidental, a distância de Lilibeu a Útica é curta. Tens de conseguir dominar toda a África. Mas a verdade é que não tens nada ar de quem pode vir a fracassar.

Pompeu tremia de excitação; ofegante, sorria.

— Eu não te vou desapontar, Lúcio Cornélio! Prometo que nunca te desapontarei!

— Acredito em ti, Pompeu — disse Sila, sentando-se num tronco. — Mas o que é que tu estás a fazer aqui? Preciso de vinho! — acrescentou, lambendo os lábios.

— Este sítio aqui é bom, ninguém nos vê, ninguém nos ouve — disse Pompeu, tentando sossegá-lo. — Espera um pouco, Lúcio Cornélio! Euvou buscar-te vinho! Deixa-te estar sentado que eu já venho!

Como aquele era um local cheio de sombra, Sila deixou-se ficar sentado, com um sorriso nos lábios, pensando nalguma piada secreta. Ah, que belo dia aquele! Pompeu não demorou. Vinha a correr, mas respirava como se não tivesse corrido nada. Sila pegou no odre, esguichou vinho para dentro da boca com grande destreza, conseguindo engolir e inspirar ao mesmo tempo. Passou ainda algum tempo até se dar por satisfeito. Finalmente, exclamou:

— Ah, já me sinto melhor! Onde é que eu ia?

— Tu podes enganar algumas pessoas, Lúcio Cornélio, mas a mim não enganas. Tu sabes perfeitamente onde é que ias — disse Pompeu calmamente, sentando-se na relva em frente do tronco de Sila.

— Muito bem! Pompeu, tu és tão raro como uma pérola do oceano do tamanho de um ovo de pomba! E com toda a sinceridade te digo que estou muito contente por poder morrer muito antes de tu te transformares numa dor de cabeça para Roma — disse Sila, antes de pegar de novo no odre e recomeçar a beber.

— Eu nunca serei uma dor de cabeça para Roma — disse Pompeu, com um ar

inocente. — Serei apenas o Primeiro Homem de Roma — e não chegarei lá com discursos pretensiosos no Fórum ou no Senado.

— Então como é que chegarás?

— Fazendo o que me mandas fazer. Derrotando os inimigos de Roma no campo de batalha.

— Essa não é nova, meu rapaz — disse Sila. — Foi exactamente assim que eu fiz. E Caio Mário fez o mesmo.

— Sim, mas eu nãovou precisar de lutar pelas minhas comissões — disse Pompeu. — Roma vai pôr-se de joelhos para me dar todas elas!

Sila podia ter interpretado esta observação como uma censura ou mesmo como uma crítica aberta e directa; mas ele já conhecia bem o seu Pompeu e compreendia que a maior parte do que o jovem dizia era fruto do seu egotismo, que Pompeu não fazia a mínima ideia de como era difícil transformar aquela afirmação numa realidade. Por isso, tudo o que Sila fez foi suspirar e dizer:

— Estritamente falando, não te posso dar nenhum tipo de império. Não sou cônsul e não tenho o Senado ou o Povo ao meu lado para promulgar as minhas leis. Terás muito simplesmente de acreditar que, mal regresses, te darei oficialmente o império de pretor.

— Não duvido disso.

— Mas será que duvidas de alguma coisa?

— Não duvido de nada que me diga respeito directamente. Eu posso influenciar os acontecimentos.

— Faço votos para que nunca mudes! — disse Sila, após o que se inclinou um pouco para a frente, apertando as mãos entre os joelhos. — Muito bem, Pompeu, acabaram os cumprimentos. Agora ouve-me com muita atenção. Tenho mais duas coisas para te dizer. A primeira diz respeito a Carbão.

— Estou a ouvir — disse Pompeu.

— Carbão embarcou em Telamão com o velho Bruto. É possível que tenha ido para a Hispânia ou mesmo para Massília. Mas, nesta altura do ano, é mais provável que tenha ido para a Sicília ou para África. Enquanto estiver em liberdade, será ele o cônsul. O cônsul eleito. Isto significa que ele pode passar por cima do império de um governador, requisitar os soldados ou a

milícia do governador, convocar auxiliares, enfim, transformar-se num elemento fortemente perturbador enquanto o seu mandato não terminar. E ainda faltam alguns meses para que isso aconteça. Não te vou dizer exactamente o que projecto fazer depois de conquistar Roma, masvou dizer-te isto: é vital para os meus planos que Carbão esteja morto muito antes do final deste ano. E é vital que eu saiba que Carbão está morto! O teu trabalho consiste em localizar e matar Carbão. Da forma mais discreta possível — gostaria que a sua morte parecesse um acidente. Serás capaz de fazer isto?

— Sim — retorquiu Pompeu sem hesitar.

— Óptimo! Óptimo! — Sila remexeu as mãos e inspeccionou-as como se pertencessem a outra pessoa. — Agora vou entrar no último ponto, o qual tem a ver com a razão que me leva a entregar-te esta campanha, em vez de a entregar a um dos meus legados séniores — acrescentou, fitando atentamente o jovem. — Sabes porque é que tomei esta decisão? Chegas lá sem a minha ajuda?

Pompeu reflectiu, encolheu os ombros e disse:

— Tenho as minhas ideias, mas como não sei o que tencionas fazer em Roma, pode ser que esteja enganado. Quais são as tuas razões, afinal?

— Pompeu, tu és o único homem a quem posso confiar esta comissão! Se eu desse seis legiões e dois mil soldados de cavalaria a homens com a idade de Vátia ou Dolabela e os enviasse para a Sicília ou para África, o que é que os impedia de regressar a Roma com a intenção de me suplantar? Não teriam mais que esperar que eu me desfizesse do meu exército. A Sicília e a África não são campanhas que se façam em seis meses. Por isso, é muito provável que eu tenha de me desfazer do meu exército antes que tu regresses. Não posso manter um exército permanente em Itália. Não há dinheiro nem espaço para ele. E o Senado e o Povo de Roma nunca consentiriam. Portanto, tenho de manter sob vigilância todos os homens com idade e posição suficientes para serem meus rivais. É por isso que te mando a ti buscar as colheitas, a fim de que Roma, a ingrata Roma, não tenha de passar fome. Pompeu respirou fundo, pôs os braços à volta dos joelhos e fitou Sila nos olhos.

— E o que é que me vai impedir a mim de fazer isso, Lúcio Cornélio? Se sou capaz de dirigir uma campanha, decerto também sou capaz de pensar que te posso suplantar, não achas?

Esta questão não perturbou minimamente Sila; pelo contrário, desatou a rir.

— Ah, Pompeu, podes pensar o que quiseres! Mas Roma nunca te aceitaria! Nem por um segundo. Mas já era capaz de aceitar Vátia ou Dolabela. Eles têm a idade, as relações, os antepassados, a influência, os clientes. Mas um jovem de vinte e três anos, vindo do Piceno, que Roma nem sequer conhece? Nem pensar!

E assim deixaram o caso e seguiram cada um a sua direcção. Quando encontrou Varrão, Pompeu disse-lhe muito pouco: confiou-lhe apenas que teria de ir para a Sicília a fim de encaminhar as colheitas para Sila. Àquele observador infatigável da vida e da natureza, não falou de impérios, nem de homens mais velhos, nem da morte de Carbão, nem de muita outra coisa. A Sila, pediu apenas um favor: que o deixasse levar o seu cunhado, Caio Mémio, como legado-chefe. Mémio, vários anos mais velho que Pompeu, mas ainda sem idade para ser questor, tinha servido nas legiões de Sila.

— Fazes muito bem, Pompeu — disse-lhe Sila, com um sorriso. — É uma escolha excelente! Fica tudo em família!

O ataque simultâneo aos flancos norte e sul das fortificações de Sila veio a ocorrer dois dias depois de Pompeu ter partido com o seu exército para Putéolos e a frota cerealífera. Ondas de homens avançaram contra os dois flancos da muralha, mas pouco se fizeram sentir. Sila continuava a dominar a Via Latina e aqueles que o atacavam ao norte não conseguiam encontrar maneira de se juntar aos que o atacavam pelo lado sul. Ao alvorecer da segunda manhã após o ataque, os observadores das torres norte e sul deixaram de ver inimigos; tinham pegado em armas e bagagens e desaparecido durante a noite. Ao longo do dia, chegaram ao acampamento de Sila notícias de que os vinte mil homens de Censorino, Caninas e Bruto Damasipo seguiam pela Via Ápia rumo à Campânia, ao passo que o exército samnita avançava pela Via Latina na mesma direcção.

— Deixá-los ir — disse Sila, indiferente. — Julgo que vão voltar — unidos. E quando voltarem, estarei à espera deles na Via Ápia.

Em fins de Sextilis, os samnitas e o que restava do exército de Carbão juntaram as suas forças em Fregelas, onde deixaram a Via Latina e rumaram a leste através da garganta de Melfa.

— Vão para Esérnia pensar — disse Sila, decidindo que não era preciso segui-los mais.

— Basta colocar observadores na Via Latina, em Ferentino, e na Via Ápia, em Três Tabernas. Não preciso de mais informações. E, além disso, como não quero desperdiçar os meus batedores,

nãovou mandá-los espiar samnitas em território samnita como é o caso de Esérnia.

O foco dos acontecimentos mudou subitamente para Preneste, onde o jovem Mário, inquieto e cada vez menos popular dentro da cidade, resolveu abrir as portas e aventurar-se pela terra de ninguém. Na ponta mais ocidental da cordilheira, onde ficava a linha divisória entre os leitos do Tolero e do Ânio, começou a construir uma torre, pois pensava que era nesse ponto que a muralha de Ofela era mais frágil. Não havia uma única árvore de pé nas cercanias e, por isso, os defensores de Preneste tiveram de recorrer a casas e templos, que lhes forneceram a madeira, os pregos, as cavilhas, os painéis e as telhas de que precisavam.

A obra mais perigosa consistia em construir um caminho razoável entre o sítio onde a torre estava a ser erigida e o fosso de Ofela (caminho ao longo do qual a torre seria empurrada), pois os operários ficariam à mercê dos homens que vigiavam nas muralhas de Ofela; o jovem Mário escolheu os soldados mais jovens e rápidos para executar esse trabalho e deu-lhes um telhado improvisado para se abrigarem. Fora do alcance do inimigo, uma outra equipa, usando pranchas de madeira demasiado pequenas para servirem para a construção da torre, fabricavam uma ponte que seria lançada sobre o fosso quando chegasse a hora de empurrar a torre contra a muralha de Ofela. Entretanto, a construção da torre ia avançando e avançou ainda mais rapidamente a partir do momento em que foi possível criar um abrigo no seu interior para os soldados-operários.

Num mês a torre estava pronta, tal como o caminho e a ponte que a torre, empurrada por um milhar de pares de mãos, teria de percorrer. Mas Ofela também estava pronto, pois tivera muito tempo para preparar as suas defesas. A ponte foi colocada sobre o fosso a altas horas da noite, a torre deslizou, rangendo e gemendo, por um caminho coberto por uma mistura de gordura de ovelha e azeite; ao alvorecer, já a torre, vinte pés mais alta que a muralha de Ofela, se encontrava na posição desejada. No fundo da torre, suspensa de cordas endurecidas com pez, encontrava-se um poderoso aríete, feito com a viga-mestra da cella da Deusa do templo de Fortuna Primigénia, a primeira filha de Júpiter e talismã da sorte da Itália.

No entanto, os blocos de tufo da muralha conservavam ainda toda a sua dureza e foi em vão que o aríete bateu e rugiu contra a construção de Ofela; os elásticos blocos de tufo sofreram algum abalo chegaram mesmo a tremer e a vibrar, mas agüentaram perfeitamente até ao momento em que as catapultas de Ofela, disparando projécteis incendiários, propagaram o fogo

pela torre e puseram em fuga os atacantes que, vendo-se com os cabelos em chamas, deixaram imediatamente de arremessar lanças e setas. Ao cair da noite, a torre era uma ruína espalhada pelo fosso e aqueles que tinham tentado vencer a muralha ou estavam mortos ou estavam de novo em Preneste.

Durante o mês de Outubro, o jovem Mário tentou por várias vezes usar o fosso, dotado de uma ponte e cheio dos destroços da torre, como base; construiu um telhado entre a muralha de Ofela e o fosso para que os seus homens pudessem laborar em segurança; tentou primeiro abrir caminho debaixo da muralha, depois tentou abrir uma brecha na muralha e, por fim, tentou escalar a muralha. Mas nada disso resultou. O Inverno estava próximo e prometia uma vaga de frio tão intensa como a do ano anterior; Preneste sabia que tinha falta de alimentos e já amaldiçoava o dia em que abrira as suas portas ao filho de Caio Mário.

Afinal, o exército samnita não tinha ido para Esérnia. Os seus noventa mil homens tinham-se instalado nas escarpadas montanhas a sul do lago Fucino e passado quase dois meses a treinar e a procurar alimentos. Pôncio Telésino e Bruto Damasipo tinham-se encontrado com Mutilo em Teano, após o que apareceram com um plano para conquistar Roma de surpresa — e sem o conhecimento de Sila. É que, disse-lhes Mutilo, o jovem Mário teria mesmo de ser deixado à sua sorte. A única hipótese que eles tinham consistia em capturar Roma e levar Sila e Ofela a um cerco que se prolongaria por muito tempo e sobre o qual pairaria uma dúvida terrível — aqueles que viviam em Roma concordariam em juntar-se à causa samnita?

Havia um caminho através das montanhas, entre a garganta de Melfa e a Via Valéria.

Este caminho — mais um caminho de cabras que uma estrada — atravessava as montanhas a partir de Atina, nas costas da garganta de Melfa (um deserto), seguia por Sora, junto ao rio Líris, Treba, Subláceo, para finalmente atingir a Via Valéria, a menos de um quilômetro a leste de Vária, numa aldeia chamada Mandela. Era um caminho sem pavimento ou qualquer outra obra, mas existia há séculos e era através dele que os muitos pastores daquelas montanhas conduziam os seus rebanhos todos os Verões. Era também esse o caminho seguido pelos rebanhos quando iam para os matadouros do Campo Lanatário e do vale Camenaro, adjacentes ao monte Aventino, em Roma.

Se Sila tivesse parado um momento para se lembrar dos tempos em que marchara de Fregelas até ao lago Fucino, para ajudar Caio Mário a derrotar Silão e os Marsos, ter-se-ia por

certo lembrado desse caminho, pois utilizara-o entre Sora e Treba, e tê-lo-ia incluído nos seus planos. No entanto, Sila tinha-o usado apenas até Treba e nunca pensara se o caminho, depois dessa cidade, tinha ou não continuação. Estava assim eliminada a única hipótese que Sila tinha de fazer gorar a estratégia de Mutilo. Pensando que a única estrada aberta aos samnitas, caso planeassem atacar Roma, era a Via Ápia, Sila permaneceu no seu desfiladeiro da Via Latina e manteve-se vigilante, seguro de que não poderia ser surpreendido.

E enquanto Sila aguardava no desfiladeiro, os samnitas e os seus aliados avançavam pelo caminho das montanhas, sabendo que os habitantes daquelas regiões não gostavam de Roma e que os tentáculos da espionagem de Sila não chegariam a tão recônditas paragens. Passaram por Sora, Treba, Subláceo e chegaram, por fim, à Via Valéria, em Mandela. Estavam agora a apenas um dia de marcha de Roma: cerca de quarenta e cinco quilômetros de óptima estrada, desde a cidade de Tíbur, passando pelo vale do Ânio, e terminando no Campo Esquilino, sob a dupla muralha do Agger de Roma.

Mas aquele não era o melhor local para lançar um ataque a Roma. Por isso, quando o grande exército se abeirou da cidade, Pôncio Telésino e Bruto Damasipo meteram por um diverticulum que os levava à Via Nomentana, junto à Porta Colina. E aí, junto à Porta Colina, tinham, por assim dizer, à sua espera, o acampamento que Pompeu Estrabão construíra durante o cerco de Cina e Caio Mário a Roma. Ao cair da noite do último dia de Outubro, Pôncio Telésino, Bruto Damasipo, Marco Lampónio, Tibério Guta, Censorino e Carrinas estavam já confortavelmente escondidos no interior desse campo; na manhã seguinte, atacariam.

A notícia de que noventa mil homens ocupavam o antigo acampamento de Pompeu Estrabão nas imediações da Porta Colina foi comunicada a Sila no último dia de Outubro, já depois de a noite ter caído. Os mensageiros foram encontrá-lo ainda acordado, mas um tanto ébrio. Momentos depois, já os clarins soavam, os tambores rufavam, os homens erguiam-se estremunhados das suas enxergas e as tochas espalhavam a sua luz por todo o acampamento. Apresentando agora uma sobriedade glacial, Sila convocava os seus legados e fazia o ponto da situação.

— Eles conseguiram avançar sem que nós déssemos por isso — disse ele, com os lábios franzidos. — Como é que eles lá chegaram, não sei. O que sei é que os samnitas estão nas imediações da Porta Colina, prontos para atacar Roma. Marcharemos ao alvorecer. Temos trinta

quilômetros à nossa frente e uma parte do terreno é acidentada. Contudo, temos de chegar à Porta Colina a tempo de combater. — Virou-se para o comandante da sua cavalaria, Octávio Balbo. — Quantos cavalos tens no lago Nemi, Balbo?

— Setecentos — retorquiu Balbo.

— Então avança já. Segue pela Via Ápia a toda a velocidade. Chegarás à Porta Colina algumas horas antes da infantaria. Terás, por isso, de agüentá-los. Não me interessa o que tens de fazer ou como tens de o fazer! O que me interessa é que vás imediatamente para lá e que os mantenhas ocupados até eu chegar.

Octávio Balbo não perdeu tempo com conversas. Num ápice, saiu e, com um berro, pediu um cavalo.

Ficaram com Sila quatro legados — Crasso, Vátia, Dolabela e Torquato. Chocados, mas com a serenidade necessária à reflexão.

— Temos oito legiões aqui e estas oito legiões vão ter de se agüentar — disse Sila. — A proporção será de dois para um. Tomarei agora as minhas disposições porque não deve haver tempo para conferências depois de chegarmos à Porta Colina.

Sila calou-se, atentou naqueles homens. Qual deles se portaria melhor? Qual deles teria a força e a frieza necessárias para chefiar as tropas numa batalha que se anunciava desesperada? Pelo direito, tal chefia devia ir para Vátia e Dolabela, mas seriam eles os melhores homens! Os olhos de Sila demoraram-se em Marco Licínio Crasso, enorme, com a solidez de uma rocha, sempre calmo — consumido pela avareza, um verdadeiro ladrão, um vigarista —, sem princípios, sem ética, sem moral nenhuma. E, no entanto, dos quatro, era ele quem mais tinha a perder se aquela guerra fosse perdida. Vátia e Dolabela sobreviveriam, tinham suficiente influência política para sobreviver. Torquato era um bom homem, mas não um verdadeiro chefe.

Sila decidiu-se.

— Avançarei com duas divisões de quatro legiões cada — disse ele, batendo com as mãos nas coxas. — Ficarei com o comando máximo, mas não comandarei nenhuma das divisões. Para as distinguir melhor, chamar-lhes-ei divisão esquerda e divisão direita, e, a menos que altere as minhas instruções depois de chegarmos, será assim que elas combaterão. Esquerda e direita no campo de batalha. Nada de centro. Não tenho homens que cheguem. Vátia, tu comandas a esquerda, com Dolabela como lugar-tenente. Crasso, tu comandas a direita, com Torquato como

lugar-tenente.

Enquanto falava, Sila reparou em Dolabela, na raiva que ele estava a sentir; não valia a pena olhar para Marco Crasso: a sua expressão não denunciaria o que estava a sentir.

— É isto o que eu pretendo — disse ele asperamente, cuspindo as palavras porque estas se adaptavam mal a uma boca sem dentes. — Não tenho tempo para discussões. Todos compartilhamos a mesma sorte e as decisões finais estão tomadas. Agora façam o que lhes ordenei. Tudo o que espero de vocês é que combatam de acordo com as minhas instruções.

Dolabela deixou que os outros saíssem e virou-se para Sila.

— Queria falar contigo em privado, Lúcio Cornélio — disse.

— Se for rápido.

Embora fosse um Cornélio e parente afastado de Sila, Dolabela pertencia a um ramo dessa grande família sem o brilho dos Cipiões ou mesmo dos Silas; se tinha alguma coisa em comum com a maior parte dos Cornélios, era a fealdade — bochechas caídas, rosto enrugado, olhos demasiado juntos. Ambicioso e com reputação de depravado, ele e o seu primo direito, o jovem Dolabela, estavam decididos a obter uma maior proeminência para o seu ramo da família.

— Eu podia fazer gorar os teus planos, Sila — disse Dolabela. — Tudo o que tinha a fazer era tornar impossível a tua vitória amanhã. E imagino que compreendes que mudaria de partido logo que a oposição acreditasse que eu sempre estivera com eles.

— Despacha-te! — disse Sila no mais amistoso dos tons quando Dolabela parou para ver como reagira Sila àquele discurso.

— No entanto, desejo aceitar a tua decisão de promover Marco Crasso em meu detrimento. Mas com uma condição.

— Que condição?

— Que eu seja cônsul no próximo ano.

— Concedido! — exclamou Sila com a maior boa vontade. Dolabela pestanejou.

— Não estás zangado? — perguntou.

— Já nada me faz zangar, meu caro Dolabela — disse Sila, acompanhando o legado até à porta. — Neste momento, pouco me importa quem será o cônsul para o ano que vem. O que me importa neste momento é quem comanda no campo de batalha amanhã. E vejo que tinha razão em preferir Marco Crasso. Boa noite!

Os setecentos soldados de cavalaria comandados por Octávio Balbo chegaram às imediações do acampamento de Pompeu Estrabão a meio da manhã do primeiro dia de Novembro. Dadas as condições em que a cavalaria chegou àquele local, Balbo nada poderia fazer; os cavalos estavam arrasados, arquejantes, encharcados em suor, as cabeças pendentes, as bocas espumando; os cavaleiros tentavam confortá-los desapertando as cilhas e falando-lhes com carinho. Por este motivo, Balbo não parara demasiado perto do inimigo — deixá-los pensar que a sua força estava pronta para a acção! Assim, dispôs a cavalaria naquela que parecia ser uma formação de ataque e disse aos seus homens para brandirem as lanças e fingirem que gritavam mensagens para uma infantaria invisível colocada na sua retaguarda.

Era evidente que o ataque a Roma não tinha ainda começado. A Porta Colina erguia-se num majestático isolamento, com a ponte levadiça baixada e as suas duas imponentes portas de madeira de carvalho fechadas; as duas torres que a ladeavam estavam cheias de gente e as muralhas que dela partiam encontravam-se fortemente guarnecidas. A chegada de Balbo provocara uma súbita actividade no campo inimigo: viam-se já soldados saindo pela porta sueste e formando em linha para agüentarem uma investida da cavalaria de Balbo. Este não via sinal de cavalaria inimiga e fazia votos para que ela não aparecesse.

Cada cavaleiro levava um odre atado à traseira da sela, com água para o seu cavalo; enquanto a fila da frente continuava a fazer o seu teatro, dando a entender que o ataque estava iminente e que a infantaria vinha atrás dos cavalos, os outros soldados corriam a encher os odres nas várias fontes da vizinhança. A partir do momento em que houve a segurança necessária para saciar os animais, Octávio Balbo ordenou que isso fosse feito sem demora.

O teatro montado pela cavalaria teve tanto êxito que, quando Sila e a infantaria chegaram, quatro horas depois, ainda nada tinha acontecido. Os soldados de Sila estavam praticamente nas mesmas condições em que tinham chegado os cavalos; exaustos, as pernas tremiam-lhes por causa do esforço dispendido numa marcha veloz por trinta quilômetros de um terreno por vezes acidentado.

— bom, é evidente que não podemos atacar hoje — disse Vátia depois de Sila e os vários legados terem inspeccionado o terreno e verificado que tipo de batalha se ia travar ali.

— Porque não?

Vátia ficou estupefacto.

— Eles estão demasiado cansados para lutar! — Pode ser que estejam cansados, mas vão lutar! — retorquiu Sila.

— Não podes fazer isso, Lúcio Cornélio! Vais perder!

— Posso, sim, e nãovou perder — ripostou Sila com um ar severo. — Repara bem, Vátia: nós temos de combater hoje! Esta guerra tem de acabar e é aqui e agora que ela tem de acabar. Os samnitas sabem que fizemos uma marcha particularmente dura, os samnitas sabem que o dia de hoje lhes é mais favorável do que qualquer outro dia. Se não desencadearmos a batalha hoje, que é o dia em que eles crêem ter mais possibilidades de vencer, quem sabe o que poderá acontecer amanhã? Há alguma coisa que impeça os samnitas de pegar nas suas bagagens e desaparecer a meio da noite, a fim de escolherem outro local e outro dia? Há alguma coisa que os impeça de desaparecer durante meses? Até à Primavera, ou mesmo até ao Verão? Até ao Outono? Não, Vátia, temos de combater hoje. Porque hoje os samnitas estão doidos por nos ver mortos neste campo de batalha ao pé da Porta Colina.

Enquanto os seus soldados descansavam, comiam e bebiam, Sila percorreu as suas hostes a pé, a fim de lhes comunicar, de uma forma mais pessoal do que o habitual discurso numa tribuna, que tinham de encontrar no fundo de si mesmos toda a força e resistência necessárias para aquele combate. Que se esperassem mais tempo, a guerra poderia prosseguir indefinidamente. Muitos daqueles soldados estavam com ele há anos e podia-se dizer, sem fugir à verdade, que o adoravam. Mas mesmo as legiões que tinham pertencido a Cipião Asiágeno já se consideravam fiéis servidoras de Sila. Ele já não era a maravilhosa e divina criatura que, muitas campanhas antes, recebera a Coroa de Erva nas cercanias de Nola, mas era o general deles — e não estavam muitos daqueles soldados nas mesmas condições físicas de Sila, grisalhos, enrugados e com as articulações já um pouco gastas? Por isso, quando Sila foi ter com eles e lhes pediu que lutassem o melhor que sabiam, eles limitaram-se, muito laconicamente, a erguer as mãos e a dizer-lhe que não se preocupasse, que os samnitas não tinham escapatória possível.

Apenas duas horas antes que a escuridão começasse a cair, travou-se a batalha. As três legiões que tinham pertencido a Cipião Asiágeno formavam a maior parte da divisão esquerda de Sila; por isso, embora não assumindo o comando da esquerda, Sila preferiu ficar nessa área de operações. Em vez de montar a habitual mula, optou por um cavalo branco e disso informou os seus homens. Dessa forma, poderiam reconhecê-lo, e poderiam vê-lo sempre que ele estivesse na

sua zona da batalha. Escolhendo um outeiro que lhe proporcionava uma boa perspectiva do campo, Sila montou o seu cavalo branco e preparou-se para assistir ao desenrolar do conflito. Aqueles que estavam dentro da cidade, reparou, tinham aberto as portas da Porta Colina e erguido a ponte levadiça, embora ninguém tivesse saído para participar na batalha.

A divisão inimiga que se encontrava em frente da sua divisão esquerda era a mais poderosa, já que era inteiramente composta por samnitas e comandada por Pôncio Telésino; porém, era a menos numerosa das divisões inimigas — uma espécie de compensação, pensou Sila, tocando no seu ajudante com um pé, sinal de que este deveria conduzir em frente o seu cavalo. Como não era um bom cavaleiro, Sila não confiava naquela força da natureza e preferia que alguém a conduzisse. Sim, a sua esquerda estava a ceder, ele teria de ir até lá. Instalado num local mais baixo, Vátia provavelmente não conseguia ver que um dos seus piores problemas era a porta da cidade aberta; enquanto os samnitas avançavam, despedaçando inimigos com as suas espadas, alguns dos homens de Vátia, em vez de resistirem e combaterem, esgueiravam-se pela porta da cidade.

Um momento antes de se abeirar da confusão da batalha, Sila ouviu a mão do ajudante batendo no cachaço do cavalo e teve a presença de espírito suficiente para se inclinar para a frente e para se agarrar à crina do animal enquanto este corria a bom galope. Olhando de relance para trás, Sila percebeu o que se passara: dois lanceiros samnitas tinham arremessado as suas armas contra ele e, se não fosse a rapidez de reflexos do ajudante, poderiam tê-lo atingido. O ajudante, dando uma corrida, conseguiu agarrar-se à cauda do cavalo e fê-lo parar. Sila nada tinha sofrido.

Após um sorriso de agradecimento para o seu ajudante, Sila integrou-se no grosso da batalha, de espada na mão e um pequeno escudo de cavalaria para proteger o seu lado esquerdo. Encontrou alguns homens que conhecia e ordenou-lhes que fossem baixar a ponte levadiça — e Sila reparou, algo divertido, que esses homens cumpriram a sua ordem sem a mínima preocupação pelos que estavam por baixo quando a ponte caiu. A medida resultou; como não tinham para onde retirar, as legiões de Cipião agüentaram a carga, enquanto a única legião de veteranos presente dava início ao lento e. demorado trabalho de rechaçar o inimigo.

Sila não fazia a mínima ideia de como se estavam a portar Crasso e a ala direita; nem mesmo do outeiro os conseguira ver e, além disso, sabia que a ala esquerda era o seu ponto fraco.

Se alguém podia enfrentar os samnitas, esse alguém era Crasso, que dispunha de quatro legiões de veteranos.

A noite caiu, mas a batalha continuou, à luz de milhares de archotes erguidos pelos homens que se encontravam nas muralhas de Roma. Ganhando um novo alento, a ala esquerda de Sila recobrou o ânimo. Ele próprio continuava em pleno campo de batalha, incitando os homens de Cipião, os mais nervosos de todos, e lutando ele também contra os soldados inimigos, apoiado pelo seu ajudante, que impedia que o cavalo se tornasse um empecilho.

Talvez duas horas depois, a divisão samnita que se opunha à ala esquerda de Sila cedeu e retirou para dentro do acampamento de Pompeu Estrabão, onde mostrou estar demasiado exausta para resistir à invasão de Sila. Enrouquecidos de tanto gritar, Sila, Vátia e Dolabela ordenaram uma investida final e os seus homens despedaçaram literalmente os samnitas já no interior do acampamento. Pôncio Telésino caiu com a cara desfeita e, a partir desse instante, os seus homens perderam a coragem.

— Nada de prisioneiros — disse Sila. — Matem-nos a todos. com setas, se por acaso eles se juntarem e tentarem render-se.

Naquele momento, depois de uma batalha tão duramente travada, teria sido mais dificil convencer os soldados a poupar os seus inimigos. Por isso, os samnitas pereceram.

Só depois de ver os samnitas completamente desbaratados é que Sila, já montado na sua mula de confiança, encontrou um momento para pensar em Crasso. Mas da ala direita, nem sinal; tal como não havia o mínimo sinal do inimigo. Crasso e os seus adversários tinham desaparecido.

A meio da noite, chegou um mensageiro. Sila passava revista ao velho campo de Pompeu Estrabão, certificando-se de que todos aqueles corpos eram cadáveres, mas fez uma pausa para ouvir as eventuais notícias.

— É Marco Crasso quem te manda? — perguntou ele ao homem. — Sim — disse o mensageiro, que não parecia nada abatido.

— Onde está Marco Crasso?

— Em Antemnas.

— Em Antemnas?

— O inimigo pôs-se em fuga antes da noite cair e Marco Crasso foi no encalço deles. Em Antemnas houve nova batalha. E vencemos! Marco Crasso mandou-me porque precisa de

vinho e comida para os seus homens.

com um sorriso arreganhado, Sila deu imediatamente ordens aos seus homens para que arranjassem as provisões pedidas; depois, montado na sua mula, acompanhou os soldados e os animais que transportavam os alimentos até Antemnas, que ficava a poucos quilômetros dali. Ele e Vátia encontraram a cidade ainda em estado de choque, depois de, involuntariamente, ter sido palco de uma batalha que a deixara em ruínas. O fogo consumia já muitas casas e os soldados, com baldes de água, tentavam impedir que os incêndios alastrassem; por todo o lado se viam cadáveres, e os habitantes da cidade, em pânico, não hesitavam em pisá-los para fugirem ao fogo com os poucos haveres que tinham salvo.

Crasso aguardava no ponto mais extremo de Antemnas, onde reunira os sobreviventes do inimigo.

— São à volta de seis mil — disse ele a Sila. — Vátia ficou com os samnitas. Eu herdei os lucanianos, os capuanos e o que restou do exército de Carbão. Tibério Guta morreu no campo de batalha. Marco Lampónio, creio que escapou. E tenho Bruto Damasipo, Carrinas e Censorino entre os prisioneiros.

— bom trabalho! — disse Sila, exibindo as gengivas com o mais franco dos sorrisos. — O facto de eu te dar o comando não agradou a Dolabela e tive de prometer-lhe o consulado do próximo ano para que ele se portasse bem. Mas eu sabia que tu eras o homem certo, Marco Crasso!

Vátia virou-se para Sila, estupefacto.

— O quê? Dolabela exigiu isso? Cunnus! Mentula! Verpa! Fellator!

— Não te preocupes, Vátia, que também serás cônsul — sossegou-o Sila, mantendo o seu sorriso. — Dolabela não ganhará nada em ser cônsul. Quando tiver uma província para governar, será uma província longínqua, e passará o resto dos seus dias exilado em Massília, com todos os outros imbecis. — Apontando para as bestas de carga, virou-se então para Crasso: — Ora bem, Marco Crasso, onde é que tu e os teus homens vão comer?

— Se encontrar outro sítio para pôr os prisioneiros, creio que poderemos comer aqui — retorquiu o robusto Crasso, que não tinha nada o aspecto de quem tinha acabado de obter uma grande vitória.

— Eu trouxe a cavalaria de Balbo para escoltar os prisioneiros até à Villa Publica —

disse Sila. — Ao alvorecer já lá estarão todos reunidos.

Enquanto Octávio Balbo reunia os exaustos soldados inimigos que tinham sobrevivido à batalha de Antemnas, Sila chamou Censorino, Carrinas e Bruto Damasipo à sua presença. Apesar de derrotados, não havia sinal de derrota nas suas expressões.

— Aha! Pensavam que voltariam a combater um dia, não é verdade? — perguntou Sila, de novo com um sorriso, mas um sorriso sombrio. — Pois bem, meus amigos romanos, não vão voltar a combater. Pôncio Telésino está morto e eu mandei matar com setas os sobreviventes samnitas. Como vocês se aliaram aos samnitas e aos lucanianos, não posso considerá-los Romanos. Por isso, não serão julgados por traição. Serão executados. Imediatamente.

Assim, os três mais implacáveis inimigos de toda a guerra foram degolados num campo dos arredores de Antemnas, sem aviso nem julgamento. Os corpos foram atirados para a enorme vala comum que abrigava os inimigos mortos, mas Sila mandou pôr as cabeças numa saca.

— Catilina, meu amigo — disse ele a Lúcio Sérgio Catilina, que o acompanhara a Antemnas. — Pega nestas cabeças, encontra a cabeça de Tibério Guta, junta a cabeça de Pôncio Telésino quando voltares à Porta Colina, e depois leva-as a Ofela. Diz-lhe que as ponha, uma a uma, na sua mais poderosa peça de artilharia e que as arremesse, uma a uma, para dentro da cidade de Preneste.

O belo rosto moreno de Catilina ganhou um brilho e uma vivacidade novos.

— De bom grado, Lúcio Cornélio! Posso pedir-te um favor?

— Pede, mas não prometo nada.

— Deixa-me ir a Roma! Quero a cabeça de Marco Mário Gratidiano! Quando o jovem Mário vir a cabeça dele, ficará a saber que Roma é tua e que a sua carreira chegou ao fim. Sila pôs-se a abanar lentamente a cabeça — mas esse não era um sinal de recusa.

— Ah, Catilina, tu és um dos meus mais valiosos bens! Adoro-te! Mas Gratidiano é teu cunhado...

— Era — retorquiu calmamente Catilina, acrescentando: — A minha mulher morreu pouco tempo antes de eu me aliar a ti.

O que Catilina não dizia era que Gratidiano suspeitava que ele tinha morto a sua mulher a fim de poder manter sem problemas uma outra ligação.

— Pois muito bem. Gratidiano teria de desaparecer mais tarde ou mais cedo — disse

Sila, virando-lhe as costas com um encolher de ombros. — Acrescenta a cabeça dele à tua colecção, se achas que o jovem Mário vai ficar impressionado.

Tomadas estas decisões, Sila, Vátia e os legados que os tinham acompanhado juntaram-se então a Crasso e Torquato e aos soldados da ala direita, a fim de desfrutarem de um opíparo banquete, enquanto Antemnas ardia e Lúcio Sérgio Catilina se preparava, com a maior alegria, para cometer o seu medonho acto.

Parecendo não precisar de dormir, Sila regressou, depois do banquete, a Roma, mas não entrou logo na cidade. O seu mensageiro foi à frente, a fim de convocar uma reunião do Senado no templo de Belona, no Campo de Marte. A caminho de Belona, fez uma pausa para se certificar de que os seis mil prisioneiros estavam reunidos nos terrenos da Villa Publica (perto do templo de Beloifã) e para comunicar algumas instruções; depois disso, concluiu a sua jornada e desceu da mula, deixando-a nos desolados terrenos em frente ao templo a que sempre chamara ”Território Inimigo”.

Como seria de esperar, ninguém ousou ignorar a convocatória de Sila. Daí que cerca de cem homens esperassem por ele à entrada do templo. Estavam todos de pé; não tinham achado correcto ficar à espera de Sila sentados nos seus bancos desmontáveis. Havia alguns homens com uma expressão serena e descontraída: Catulo, Hortênsio, Lépido. Outros tinham um ar aterrorizado: um ou dois Flacos, um Fímbria, um membro da família Carbão com pouca importância. Mas a grande maioria tinha uma expressão de carneiros, uma expressão vazia mas retraída.

Vestido com a sua armadura mas sem capacete, Sila passou por aqueles homens como se eles não existissem e subiu ao pódio da estátua de Belona, a qual havia sido acrescentada ao templo depois de se ter tornado moda antropomorfizar os velhos deuses romanos; Sila e a deusa faziam um belo par: estavam ambos vestidos para a guerra e o olhar feroz e altivo da deusa assemelhava-se ao de Sila. A deusa, porém, não deixava de ter alguma beleza, ao passo que Sila não tinha nenhuma. Para quase todos os presentes, o seu aspecto constituiu um verdadeiro choque, ainda que nenhum ousasse demonstrá-lo. A peruca de caracóis ruivos estava ligeiramente de lado, a túnica escarlate estava suja, as manchas vermelhas do seu rosto ressaltavam entre resquícios de uma pele semelhante à dos albinos como se fossem lagos de sangue na neve. Muitos deles ficaram tristes, ainda que por razões diferentes: alguns porque o tinham conhecido bem e

gostavam dele, outros porque esperavam que o novo Senhor de Roma tivesse um aspecto mais saudável e atraente. Mas, em vez de parecer senhor fosse do que fosse, aquele homem assemelhava-se mais a um travesti fisicamente destroçado. Quando falava os seus lábios atabalhoavam-se e algumas das suas palavras dificilmente poderiam ser ouvidas. Até que os ouvidos se habituaram, pois o instinto de preservação constituía um poderoso estímulo para aquela audiência.

— Estou a ver que cheguei mesmo a tempo! — disse Sila. — O Território Inimigo está cheio de ervas daninhas. Está tudo a precisar de uma pintura nova e de uma boa lavagem. O caminho está reduzido a umas pequenas pedras espreitando no meio da terra. As lavadeiras usavam a Villa Publica para estender a roupa. Mas que belo trabalho que vocês têm feito em Roma! Imbecis! Biltres! Asnos!

O seu discurso continuaria provavelmente no mesmo tom — feroz, sarcástico, amargo.

Mas depois de ele ter gritado ”Asnos!”, as suas palavras foram afogadas por uma terrível cacofonia vinda dos lados da Villa Publica — gritos, berros, guinchos. Um barulho pavoroso! De início, fingiram todos que continuavam a ouvi-lo; mas depois, os gritos tornaram-se ainda mais horripilantes; os senadores começaram a mexer-se, a murmurar, trocando olhares aterrados.

Tão repentinamente como tinha começado, o alarido cessou.

— O quê? Os carneirinhos estão assustados? — troçou Sila. — Mas não há razão para estarem assustados! Aquilo que ouviram foi apenas o resultado dos castigos infligidos pelos meus homens a alguns criminosos. Dito isto, Sila desceu do pódio da estátua e abandonou num ápice o recinto em frente ao templo, parecendo não ver ninguém.

— Ele não está nada bem-disposto! — disse Catulo ao seu cunhado Hortênsio.

— com aquele aspecto, não é para admirar — comentou Hortênsio.

— Ele chamou-nos aqui unicamente para ouvirmos aqueles gritos de terror! — disse Lépido. — Quem é que ele mandou castigar?

— Os prisioneiros — disse Catulo.

E de facto assim era; enquanto Sila falava ao Senado, os seus homens tinham executado os seis mil prisioneiros com espadas e setas, na Villa Publica.

—vou passar a comportar-me o melhor possível em todas as ocasiões — disse Catulo a Hortênsio.

— Ora essa! Mas porquê? — perguntou Hortênsio, que era um homem muito mais positivo e arrogante que o cunhado.

— Porque Lépido tinha razão. Sila só nos chamou aqui para ouvirmos os gritos de terror dos seus adversários. O que ele diz não tem a mínima importância. Mas o que ele faz tem a máxima das importâncias para aqueles de entre nós que queiram viver. Teremos de nos comportar o melhor possível e de procurar não o aborrecer.

Hortênsio encolheu os ombros.

— Creio que estás a ter uma reacção exagerada, meu caro Quinto Lutácio. Dentro de algumas semanas já ele terá partido. Fará com que o Senado e as Assembleias legalizem os seus feitos e lhe concedam o seu império, após o que regressará às hostes dos consulares e Roma poderá prosseguir a sua vida normal.

— Achas mesmo que sim? — perguntou Catulo, com um estremecimento. — Como ele o fará não sei, mas tenho a sensação de que Sila vai estar no poder durante muito tempo. Sim, tenho a sensação de que vamos ter de agüentar aqueles irritantes olhos fixados em nós ainda durante muito tempo.

Sila chegou a Preneste no dia seguinte, o terceiro do mês de Novembro.

Ofela, depois de jubilosas saudações, apontou para dois homens tristes que se encontravam perto dali, sob prisão.

— Conhecem-nos? — perguntou.

— Creio que sim, mas não me lembro dos nomes deles.

— São dois tribunos júniores das legiões de Cipião. Na manhã a seguir à batalha da Porta Colina, apareceram aqui, galopando a toda a velocidade. Vinham com a história de que tínhamos perdido a batalha e de que tu estavas morto.

— E tu, não acreditaste neles, Ofela? Ofela desatou a rir.

— Eu já te conheço bem, Lúcio Cornélio! Para te matar, são precisos mais do que uns quantos samnitas! — E, com a elegância de um mágico tirando um coelho de um bacio, Ofela esticou o braço e mostrou a cabeça do jovem Mário.

— Ah! — disse Sila, examinando a cabeça atentamente. — Bonito rapaz, não era? Saía à mãe, é claro. Não sei a quem saía ele em perspicácia, mas com certeza que não era ao pai. — Satisfeito, Sila fez um gesto para que Ofela guardasse a cabeça. — Guarda-a, por ora. Então

Preneste rendeu-se?

— Rendeu-se momentos depois de eu ter disparado as cabeças que Catilina me trouxe.

As portas abriram-se num ápice e lá saíram eles a correr, agitando bandeiras brancas e dando punhadas no peito.

— O jovem Mário também?

— Ah, não! Esse meteu-se pelos esgotos, na esperança de escapar. Mas eu tinha todas as saídas tapadas há já alguns meses. Encontrámo-lo encostado a uma dessas saídas, com a espada espetada na barriga e o criado grego ao pé, a chorar — disse Ofela.

— Pois bem, ele é o último deles! — disse Sila, triunfante. Ofela lançou-lhe um breve e penetrante olhar; não era hábito de Lúcio Cornélio Sila esquecer-se fosse do que fosse!

— Mas ainda há um em liberdade — disse ele rapidamente, mas logo se arrependeu: Sila não gostava que lhe lembrassem que também ele podia ter lapsos!

Mas Sila ficou impassível. Um sorriso foi-se formando lentamente nos seus lábios.

— Estás a falar de Carbão, suponho eu...

— Sim, estou a falar de Carbão.

— Carbão também está morto, meu caro Ofela. O jovem Pompeu prendeu-o e executou-o por traição na agora de Lilibeu, em fins de Setembro. Um tipo notável, aquele Pompeu! Pensei que ia demorar meses a fio para organizar a Sicília e dar cabo de Carbão, mas fez tudo isso num só mês. E ainda arranjou tempo para me mandar a cabeça de Carbão por intermédio de um mensageiro especial! Mas de Pompeu recebi três cabeças: Carbão, o velho Bruto e Sorano.

— Sorano? Quinto Valério Sorano, o erudito, que foi tribuno da plebe?

— Esse mesmo.

— Mas porquê? Que fez ele? — perguntou Ofela, perplexo.

— Foi para os rostra e pôs-se a gritar o nome secreto de Roma — retorquiu Sila.

Ofela ficou de boca aberta.

— Júpiter! — exclamou, com um estremecimento.

— Felizmente — mentiu Sila, com a intenção de sossegar Ofela — o Grande Deus tapou os ouvidos de todas as pessoas que passavam pelo Fórum nesse momento e, por isso, Sorano gritou para surdos. Tudo está bem, meu caro Ofela. Roma sobreviverá.

— Ah, assim fico mais aliviado! — disse Ofela, ofegante, limpando o suor da testa. — Ouvi falar de estranhos actos, mas dizer o nome secreto de Roma, bom, isso excede tudo o que uma pessoa possa imaginar! — Nesse momento, lembrou-se de outra coisa; não se coibiu de perguntar: — Mas que faz Pompeu na Sicília, Lúcio Cornélio?

— Foi tratar da expedição da colheita de cereais.

— Sim, eu ouvi falar disso, mas confesso que não acreditei. Ele é um miúdo.

— Hummm... — concordou Sila, com um ar pensativo. — Porém, se o jovem Mário não foi buscar nada ao pai, já o mesmo não podemos dizer do jovem Pompeu! Herdou tudo o que Pompeu Estrabão tinha e dispõe de muitas outras coisas que o pai não tinha.

— Nesse caso, o miúdo deve regressar um dia destes — disse Ofela, não muito contente com aquela nova estrela do firmamento de Sila; ele que pensara não ter rival nesse firmamento!

— Ainda é cedo — disse Sila, num tom perfeitamente casual. — Mandei-o a África a fim de controlar essa província. Creio que é isso que ele está a fazer agora. — Apontou para a terra de ninguém, onde uma multidão de homens de aspecto miserável se aquecia ao sol quase invernoso. — Aqueles foram os homens armados que se renderam? — Sim. À volta de doze mil. Uma mistura — disse Ofela, contente com o facto de terem mudado de assunto. — Alguns romanos que pertenciam ao jovem Mário, muitos prenestinos e alguns samnitas. Queres inspeccioná-los mais de perto?

Parecia que Sila queria. Mas foi uma inspecção breve. Perdoou aos romanos e ordenou que prenestinos e samnitas fossem imediatamente executados. Depois, mandou que os sobreviventes de Preneste — velhos, mulheres, crianças — enterrassem os cadáveres na terra de ninguém. Deu uma volta pela cidade, já que nunca lá tinha estado, e ficou furioso ao ver que o jovem Mário tinha transformado numa ruína o templo de Fortuna Primigénia.

— Eu sou um favorito da deusa Fortuna — disse ele aos membros do conselho municipal que não tinham sido mortos na terra de ninguém. — E quero que a vossa Fortuna Primigénia tenha o templo mais esplêndido de toda a Itália. Mas terá de ser Preneste a custear as despesas.

No quarto dia de Novembro, Sila deslocou-se a Norba, embora soubesse da sorte da cidade muito antes de lá chegar.

— Eles concordaram em render-se — disse Mamerco, furioso.

— Só que, depois, incendiaram a cidade e todos morreram, uns assassinados, outros por suicídio. Mulheres, crianças, os soldados de Aenobarbo, todos os homens da cidade preferiram morrer a render-se. Lamento, Lúcio Cornélio. Não teremos prisioneiros em Norba.

— Não faz mal — disse Sila, indiferente. — Os despejos de Preneste foram suficientemente valiosos. Duvido que Norba tivesse algo de interessante para nos dar.

E, no quinto dia de Novembro, quando o Sol nascente começava a bater nas estátuas douradas dos telhados dos templos e a luz do alvorecer fazia com que a cidade parecesse menos miserável, Lúcio Cornélio Sila entrou em Roma. Foi pela Porta Capena que entrou, e em solene procissão. O seu ajudante conduzia o cavalo branco que lhe servira de montada durante toda a batalha da Porta Colina. Sila vestia a melhor das suas armaduras, com uma couraça de prata com os músculos desenhados e com um relevo que representava os seus soldados oferecendo-lhe a Coroa de Erva nos arrabaldes de Nola. Ao seu lado, e vestido com a toga de debrum púrpura, seguia Lúcio Valério Flaco, o Princeps Senatus, e, atrás dele, vinham os seus legados, aos pares, incluindo Metelo Pio e Varrão Lúculo, que haviam sido convocados quatro dias antes e que tinham feito uma dura viagem desde a Gália Italiana para estarem presentes naquele grandioso momento. De todos os homens que assumiam alguma importância para o futuro, só Pompeu e Varrão, o Sabino, não estavam presentes.

A escolta militar de Sila era constituída apenas pelos setecentos militares que o tinham salvo, derrotando os samnitas; o grosso do exército estava a deitar abaixo as muralhas da Via Latina, a fim de que esta pudesse ser de novo utilizada. Posteriormente, seria preciso deitar abaixo a muralha de Ofela e limpar vários acampamentos de uma grande quantidade de materiais de construção. Sila sabia o que ia fazer com os blocos de tufo de Preneste: ia utilizá-los na construção do novo templo de Fortuna Primigénia em Preneste. Não devia ficar de pé nem um sinal das hostilidades.

Muitas pessoas saíram de casa para o ver entrar na cidade; apesar dos perigos que isso pudesse significar, nenhum romano conseguiria resistir a um tal espectáculo, e aquele era na verdade um momento histórico. Muitos dos que o viram entrar em cima do seu cavalo branco, acreditaram sinceramente que estavam a assistir ao estertor da República; corriam insistentes boatos de que Sila tencionava coroar-se rei de Roma. De que outro modo poderia ele agarrar o

poder? É que o poder, depois do que Sila tinha feito, era algo que ele não poderia deixar escapar.

Os habitantes de Roma depressa repararam no esquadrão de cavalaria que vinha imediatamente atrás do último par de legados, erguendo bem alto as suas lanças; enterradas nessas lanças estavam as cabeças de Carbão e do jovem Mário, de Caninas e Censorino, do velho Bruto e de Mário Gratidiano, de Bruto Damasipo e de Pôncio Telésino, de Guta de Cápua e de Sorano — e de Caio Pápio Mutilo, dos Samnitas.

Mutilo tivera notícias da batalha da Porta Colina, um dia depois de esta ter terminado.

Chorava tão alto que Bastia foi ver o que se passava com o marido.

— Tudo perdido! Tudo perdido! — disse ele à mulher, esquecendo a forma como ela o insultara e atormentara, vendo nela apenas a única pessoa chegada que lhe restava no mundo. — O meu exército foi aniquilado! Sila venceu! Sila será o rei de Roma e o Sâmnio deixará de existir!

Enquanto acendia os poucos pavios de um pequeno candelabro, Bastia limitou-se a fitar o marido. Não fez qualquer movimento para o confortar, não disse nada que o consolasse; limitou-se a fitá-lo, os olhos muito abertos, quieta e calada. Mal acabou de acender o candelabro, o seu olhar encheu-se de um brilho diferente, um brilho de quem sabia muito bem o que havia de fazer naquela situação. A sua expressão tornou-se pétrea. Bateu as palmas.

— Sim, domina? — perguntou o chefe dos criados do vão da porta, fitando consternado o senhor.

— Vai buscar o criado germânico e prepara a liteira dele — disse Bastia.

— Domina? — perguntou o chefe dos criados, espantado.

— Não fiques para aí especado! Faz o que te mando! Imediatamente!

O homem engoliu em seco e desapareceu. com as lágrimas secando-lhe no rosto, Mutilo olhou estupefacto; para a esposa.

— Que significa isto?

— Quero-te fora daqui! — disse ela, de dentes cerrados. — Não quero que esta derrota caia sobre mim! Quero manter a minha casa, o meu dinheiro, a minha vida! Por isso, rua, Caio Pápio! Volta para Esérnia ou para Boviano — ou para outro sítio qualquer onde tenhas casa! Tudo menos esta casa! Não tenho a mínima intenção de cair contigo!

— Não pode ser verdade! — disse ele, ofegante.

— Mas é verdade! Rua!

— Mas eu estou paralisado, Bastia! Sou o teu marido e estou paralisado! Não há em ti um resto de compaixão, porque de amor sei que não há?

— Não te tenho amor, nem sinto a mínima compaixão por ti — ripostou ela, áspera e fria. — Foram as tuas estúpidas e vãs conspirações contra Roma que te roubaram o uso das pernas! Que me roubaram o homem com quem casei! Que me roubaram os filhos que podia ter tido! Que me roubaram todo o prazer que podia ter tido sendo parte da tua vida! Durante quase sete anos, vivi aqui sozinha, enquanto tu conspiravas e intrigavas em Esérnia. E quando finalmente condescendeste em visitar-me, fedias a merda e a mijo e passavas o tempo a dar-me ordens. Ah, não, Caio Pápio Mutilo, contigo nunca mais! Rua! E porque a sua mente não podia abarcar toda a miséria da sua situação, Mutilo não fez qualquer protesto quando o seu criado germânico o levantou do divã e o levou até à liteira. Bastia seguiu-o como uma imagem de uma Górgona, bela e diabólica, com uns olhos que podiam transformar um homem em pedra. com tanta pressa fechou a porta que a capa do marido ficou presa nela. O criado passou então Mutilo para o seu braço esquerdo e, com a mão direita, tratou de puxar a capa.

Caio Pápio Mutilo tinha no seu cinto uma adaga, uma recordação muda dos tempos em que fora um guerreiro samnita. Num ápice, tirou a adaga do cinto, comprimiu a cabeça contra a porta e cortou a garganta. O sangue espalhou-se por todo o lado, encharcou a porta e desceu pelos degraus; o criado germânico, aterrado, coberto de sangue, desatou aos gritos. Depressa se juntou gente à porta. A última coisa que Caio Pápio Mutilo viu foi a sua mulher, aquela imagem de Górgona, que tinha aberto a porta a tempo de receber o seu último jorro de sangue.

— Amaldiçoada sejas, mulher! — tentou ele dizer.

Mas ela não ouviu. Nem parecia chocada, assustada, surpreendida. Em vez disso, abriu a porta de par em par e gritou para o criado, desfeito em lágrimas.

— Trá-lo para dentro!

Quando o criado deitou o cadáver no chão da casa, Bastia ordenou-lhe:

— Corta-lhe a cabeça! É a minha prenda para Sila!

Bastia cumpria o que dizia: enviou a cabeça do marido a Sila com os seus cumprimentos. Mas a história que Sila ouviu da boca do chefe dos criados de Bastia, obrigado pela sua senhora a levar aquela macabra oferta ao vencedor, não abonou nada em favor de Bastia. Sila entregou a cabeça do seu velho inimigo a um dos tribunos militares que o assistiam e, com

uma expressão impassível, disse-lhe:

— Mata a mulher que me mandou isto. Quero essa mulher morta.

Assim, tinham já sido abatidas quase todas as cabeças que havia a abater. Exceptuando apenas Marco Lampónio, da Lucânia, todos os homens proeminentes que se tinham oposto ao regresso de Sila à Itália estavam já mortos. De facto, se o desejasse, Sila não teria grande dificuldade em intitular-se rei de Roma.

Mas Sila encontrara uma solução mais adequada a alguém que acreditava firmemente em todas as tradições de uma mos maiorum republicana. E assim, foi sem qualquer intenção de se tornar rei que Sila avançou pelo meio do Circus Maximus.

Estava velho e doente e, durante cinqüenta e oito anos, lutara contra uma conspiração de circunstâncias e acontecimentos que o impedira de gozar os prazeres da justiça e da recompensa, que lhe roubara o lugar a que tinha direito por nascimento e por capacidade. Não lhe tinham oferecido nenhuma hipótese de escolha, nenhuma oportunidade de prosseguir legalmente, honradamente, a sua ascensão do cursus honorum. De todas as vezes que o tentara fazer, alguém ou alguma coisa surgira no seu caminho, impossibilitando-o de adoptar uma postura conforme às leis. E por isso ele ali estava agora, seguindo na direcção errada ao longo do Circus Maximus completamente vazio, um destroço de cinqüenta e oito anos, as entranhas consumidas pelos fogos gémeos do triunfo e da derrota. Senhor de Roma. O Primeiro Homem de Roma. Finalmente a vingança. E, no entanto, as decepções da idade e da beleza perdida e também a morte que se aproximava tingiam a sua alegria da mais amarga tristeza, destruíam todo o prazer, exacerbavam a dor. Quão tardia, quão amarga, quão tortuosa fora a sua vitória...

Sila não pensava com amor ou idealismo na Roma que agora tinha à sua mercê; o preço que tivera de pagar fora demasiado alto. Também não desejava o trabalho que sabia que tinha de realizar. O que ele mais desejava era paz, sossego, a realização de mil e uma fantasias sexuais, bebedeiras sem fim, uma total ausência de trabalhos e responsabilidades. Mas por que razão não poderia ter essas coisas? Por causa de Roma, por causa do seu dever, porque não suportava a ideia de deixar tudo para trás quando ainda tinha tanto que fazer. A razão por que seguia na direcção errada, ao longo do Circus Maximus, residia no conhecimento do facto de que havia uma montanha de trabalho a realizar. E ele tinha de o realizar. Não havia rigorosamente mais ninguém à altura de o realizar.

Resolveu reunir o Senado e o Povo juntamente no baixo Fórum Romano e falar a ambos a partir dos rostra. Não lhes diria toda a verdade. Não era Escauro que dizia que ele era um indivíduo que se estava marimbando para a política? Sila não se lembrava. O certo é que era político o bastante para não dizer toda a verdade. Por isso, ignorou calmamente o facto de que fora ele quem expusera a primeira cabeça nos rostra — a cabeça de Sulpício, para assustar Cina.

— Esta prática hedionda que foi adoptada há tão pouco tempo, e recordo que, quando eu era pretor urbano, Roma ainda não a conhecia — e apontou para as cabeças espetadas nas lanças —, só cessará quando as boas tradições da mos maiorum forem totalmente restauradas e quando a velha e amada República voltar a erguer-se das cinzas a que foi reduzida. Ouvi dizer que tencionava tornar-me rei de Roma! Não, Quirites, não tenciono tal! Condenar-me a viver os anos que me restam no meio de intrigas e conspirações, rebeliões e represálais? Não, não farei tal! Trabalhei demasiado tempo e demasiado duramente ao serviço de Roma e ganhei por isso o direito a passar os meus últimos dias livre de cuidados e de responsabilidades — livre de Roma! Por isso, uma coisa lhes prometo, Senado e Povo de Roma: não me coroarei rei de Roma, nem desfrutarei um só momento do poder que terei de possuir até que o meu trabalho esteja concluído.

Talvez ninguém estivesse realmente à espera deste discurso, nem mesmo homens tão próximos de Sila como Vátia e Metelo Pio; porém, à medida que Sila foi avançando no seu discurso, alguns homens começaram a entender que Sila partilhara os seus segredos com outro homem — o Princeps Senatus, Lúcio Valério Flaco, que se encontrava nos rostra com ele e que não parecia nada surpreendido com aquelas palavras.

— Os cônsules estão mortos. — prosseguiu Sila, apontando as cabeças de Carbão e do jovem Mário. — Os fasces têm de voltar aos sacerdotes, têm de voltar ao seu divã no templo de Vénus Libitina até que sejam eleitos novos cônsules. Roma tem de ter um interrex e a lei é, nesse particular, muito específica. O chefe do Senado, Lúcio Valério Flaco, é o patrício sénior do Senado, da sua decúria, da sua família. — Sila virou-se para o Princeps Senatus. — Tu és o primeiro interrex. Por favor, assume esse cargo e realiza todos os teus deveres durante os cinco dias do teu interregno.

— Até agora, tudo bem — murmurou Hortênsio para Catulo. — Ele fez exactamente o que devia fazer: nomear um interrex.

— Tace! — atirou-lhe Catulo, que estava com dificuldade em entender tudo o que Sila dizia.

— Antes que o chefe do Senado assuma a presidência desta reunião — disse Sila, lenta e cuidadosamente —, há uma ou duas coisas que eu gostaria de dizer. Roma, sob a minha protecção, encontra-se segura e nada de mal acontecerá a quem quer que seja. Sucederá apenas que a lei voltará a ser aplicada. A República regressará aos seus dias de glória. Mas estas são coisas da competência do nosso interrex e por isso não me debruçarei mais sobre elas. O que eu realmente quero dizer é que fui muito bem servido por óptimos homens e que chegou a altura de lhes agradecer. Começarei por aqueles que não estão aqui hoje. Cneu Pompeu, que assegurou os abastecimentos de cereais da Sicília, e que, dessa forma, garantiu que Roma não passará fome este Inverno... Lúcio Márcio Filipe, que no ano passado assegurou os abastecimentos da Sardenha e que este ano teve de lutar contra o homem que foi enviado para o combater, Quinto António Balbo. E ele lutou contra António, que está morto. A Sardenha está segura... Na Ásia, deixei três homens esplêndidos a tratar dos assuntos da mais rica e preciosa província de Roma — Lúcio Licínio Murena, Lúcio Licínio Lúculo e Caio Escribónio Curió... E aqui, comigo, estão os homens que foram os meus mais leais seguidores em tempos de provação e desespero — Quinto Cecílio Metelo Pio e o seu legado, Marco Terêncio Varrão Lúculo, Públio Servílio Vátia, o velho Cneu Cornélio Dolabela, Marco Licínio Crasso...

— Por todos os deuses, a lista nunca mais tem fim! — resmungou Hortênsio, que só gostava de se ouvir falar e que odiava em especial os discursos em que a retórica era maltratada, como era o caso do discurso de Sila.

— Já acabou, já acabou! — disse Catulo, impaciente. — Vá, anda, Quinto, ele está a chamar o Senado para a Cúria, já não diz mais nada a estes tontos do Fórum! Vá, depressa!

Mas foi Lúcio Valério Flaco Princeps Senatus quem se sentou na cadeira curul, rodeado apenas pelo magro corpo de magistrados que permanecera em Roma e sobrevivera. Sila sentou-se à direita do pódio curul, provavelmente perto do sítio onde normalmente se sentaria, ou seja, perto da fila da frente dos consulares, ex-censores, ex-pretores. No entanto, não despira ainda a sua armadura, e esse facto mostrava que não abandonara o controlo dos procedimentos necessários.

— Nas Calendas de Novembro — disse Flaco com a sua voz ofegante — quase

perdemos Roma. Se não fosse o valor e a rapidez de acção de Lúcio Cornélio Sila, dos seus legados e do seu exército, Roma estaria agora nas mãos do Sâmnio e nós estaríamos agora a passar sob o jugo, tal e qual como fizemos depois das Forcas Caudinas. Muito bem, não preciso de me debruçar mais sobre este assunto! Sâmnio perdeu, Lúcio Cornélio venceu e Roma está segura.

— Ah, avança já com isso! — murmurou Hortênsio. — Por todos os deuses, o homem está cada vez mais senil!

Flaco avançou, algo irrequieto porque não estava confortavelmente instalado.

— No entanto, mesmo com a guerra terminada, Roma tem muitos outros problemas a atormentá-la. O Tesouro está vazio. Os cofres dos templos estão vazios. Nas ruas falta o comércio, no Senado faltam os senadores. Os cônsules estão mortos e, dos seis pretores que havia no início do ano, resta apenas um. — Fez uma pausa, respirou fundo e, heroicamente, tratou de dizer o que Sila lhe ordenara. — Na realidade, Pais Conscritos, Roma ultrapassou o ponto em que a governação normal é possível. Roma tem de ser guiada pela mão mais capaz. A única mão capaz de erguer a nossa amada Roma. O meu mandato de interrex dura cinco dias. Não posso convocar eleições. Suceder-me-á um segundo interrex que disporá também de cinco dias. É de esperar que ele possa convocar eleições. Mas pode acontecer que não e, em tal caso, isso terá de ser tentado por um terceiro interrex. E assim por diante. Mas esta frágil governação não nos serve, Senadores. Vivemos tempos de grandes, de profundas urgências, e só vejo um homem capaz de fazer aquilo que tem de ser feito. Mas ele não poderá fazer o que tem de ser feito se for cônsul. Por isso, proponho uma solução diferente — que submeterei ao Povo, nas suas Centúrias, a mais elevada das instituições votantes. Proporei ao Povo, nas suas Centúrias, que promulgue uma lex rogata nomeando e autorizando Lúcio Cornélio Sila como Ditador de Roma.

A Casa agitou-se; os homens olharam uns para os outros, estupefactos.

— O cargo de Ditador é um cargo antigo — prosseguiu Flaco. — E normalmente confinado à condução de uma guerra. No passado, a tarefa do Ditador consistia em assegurar a chefia de uma guerra quando os cônsules não o podiam fazer. E já passaram mais de cem anos desde que o último Ditador tomou o poder. Porém, a situação actual de Roma é uma situação por que nunca passámos noutros tempos. A guerra acabou. Mas a situação de emergência não

acabou. Aquilo que vos garanto, Senadores, é que Roma não poderá erguer-se unicamente com cônsules eleitos. Os remédios necessários não serão agradáveis de tomar e provocarão fortes ressentimentos. No final do seu ano no cargo, um cônsul pode ser obrigado a responder pelas suas acções perante o Povo ou perante a Plebe. Pode ser acusado de traição. Se tudo se virar contra ele, pode ser mandado para o exílio e as suas propriedades poderão ser confiscadas. Sabendo antecipadamente que é vulnerável a tais acusações, nenhum homem pode ter em si a força e a resolução de que Roma precisa neste momento. Um Ditador, porém, não teme a punição do Povo ou da Plebe. A natureza do cargo isenta-o de futuras represálias. Os seus actos, enquanto Ditador, ficam para sempre sancionados. Não pode ser julgado por nenhuma acusação. Escorado no conhecimento da sua imunidade, de que não pode ser vetado por uma tribuna da plebe ou condenado por qualquer assembleia, um Ditador pode utilizar toda a sua força e capacidade para pôr as coisas na ordem. Para fazer erguer a nossa amada Roma.

— Tudo isso me parece muito bem, Princeps Senatus — disse Hortênsio em voz alta.

— Mas os cento e vinte anos que decorreram desde que foi nomeado o último Ditador parecem ter afectado a tua memória! Um Ditador é proposto pelo Senado, mas tem de ser nomeado pelos cônsules. Nós não temos cônsules. Os fasces foram para o templo de Vénus Libitina. Um Ditador não pode ser nomeado.

Flaco suspirou.

— Não me estiveste a ouvir com atenção, pois não, Quinto Hortênsio? Eu disse que isso podia ser feito. Através de uma lex rogata aprovada pelas Centúrias. Quando não há cônsules para actuarem como executivos, o Povo, nas suas Centúrias, é o executivo. O único executivo, de facto. O interrex tem de recorrer ao Povo para executar a sua única função, que é organizar eleições curuis. O Povo, nas suas tribos, não é um executivo. Só as Centúrias o são.

— Muito bem, de acordo — disse Hortênsio. — Prossegue, Princeps Senatus.

— É minha intenção convocar para amanhã, ao alvorecer, a Assembleia das Centúrias. Propor-lhe-ei então que elabore uma lei nomeando Ditador Lúcio Cornélio Sila. A lei não precisa de ser muito complicada — de facto, quanto mais simples for, melhor. A partir do momento em que as Centúrias nomeiem legalmente o Ditador, todas as outras leis poderão ser ditadas por ele. O quevou pedir às Centúrias é que nomeiem e autorizem formalmente Lúcio Cornélio Sila como Ditador durante todo o tempo que lhe for necessário para cumprir a sua missão; que sancionem

todos os seus anteriores actos como cônsul e procônsul; que anulem todo o opróbrio oficial de que a sua pessoa foi vítima sob a forma de banimento ou exílio; que lhe garantam a imunidade no que toca a todos os seus actos como Ditador, em qualquer momento da sua missão; que protejam os seus actos enquanto Ditador do veto tribunício, da rejeição ou recusa formulada por qualquer Assembleia, da oposição do Senado e do Povo, seja qual for a forma que essa oposição assuma ou quaisquer que sejam os magistrados que a formulem, e do recurso para qualquer Assembleia ou corpo ou magistrados.

— Isso é melhor do que ser rei de Roma! — exclamou Lépido.

— Não é melhor. É apenas diferente — retorquiu Flaco, obstinadamente; Flaco demorara algum tempo a entender e aceitar o que Sila pretendia dele, mas agora estava já perfeitamente identificado com o projecto. — Um Ditador não tem de responder pelas suas acções, mas não governa sozinho. Tem os serviços do Senado e de todos os Comícios, enquanto instituições consultivas, tem o seu Senhor do Cavalo, e tem todos os magistrados que desejar eleger. Por exemplo: de acordo com o costume, os cônsules desempenham as suas funções sob o comando do Ditador.

Lépido falou bem alto.

— O Ditador serve apenas durante seis meses — disse. — Se os meus ouvidos estão a funcionar bem, julgo que aquilo que te propões pedir às Centúrias é que elas nomeiem um Ditador por tempo ilimitado. E isso não é constitucional, Princeps Senatus! Eu não sou contra a nomeação de Lúcio Cornélio Sila como Ditador, mas sou contra a possibilidade de ele exercer o cargo durante mais de seis meses, que é o prazo legal.

— Em seis meses, nem sequer poderei dar início ao meu trabalho — disse Sila, sem se levantar do seu banco. — Acredita em mim, Lépido. Eu não quero ficar um dia a mais do que o necessário neste terrível cargo, quanto mais toda a vida! Quando considerar que o meu trabalho está terminado, abandonarei o cargo de Ditador. Mas seis meses? Impossível.

— Impossível porquê? — perguntou Lépido.

— Pelo seguinte — retorquiu Sila. — As finanças de Roma estão num caos. Para as endireitar precisarei de um ano, talvez mesmo de dois. Temos vinte e sete legiões para desmobilizar; depois da desmobilização, teremos de lhes pagar e de lhes dar terra. Os homens que apoiaram os regimes ilegais de Mário, Cina e Carbão terão de ser procurados e terão de

perceber que não poderão fugir a uma justa punição. As leis de Roma são antiquadas, particularmente no que se refere aos tribunais e aos governadores das províncias. Os seus funcionários civis revelam a maior desorganização e são presas fáceis da letargia e da cupidez. Foi roubado tanto dinheiro e ouro e prata dos nossos templos que o Tesouro ainda possui duzentos e oitenta talentos de ouro e cento e vinte talentos de prata, mesmo depois da dissipação deste ano. O templo de Júpiter Optimus Maximus está reduzido a cinzas. — Suspirou bem alto. — Queres que continue, Lépido?

— Muito bem, concedo que a tua missão terá de demorar mais de seis meses. Mas o que é que te impede de seres nomeado todos os seis meses, enquanto tiveres de realizar o teu trabalho?

Sila exibiu um sorriso escarninho, um sorriso ainda mais terrível agora, apesar de lhe faltarem os seus longos caninos, apesar de não ter nenhum dos seus dentes.

— Ah, sim, Lépido, já estou a perceber! — exclamou. — Em cada período de seis meses, teríamos de perder três meses a tentar conciliar as Centúrias! Três meses que passaríamos a fazer exposições, explicações, desculpas, a apresentar belos quadros do nosso trabalho, a servirmo-nos indecentemente das bolsas de todos os cavaleiros-negociantes, três meses em que eu faria o papel da mais velha e miserável de todas as rameiras! — Sila ergueu-se e, de punhos cerrados, virou-se ameaçador para Marco Emílio Lépido. Na expressão de Sila lia-se um ódio que aqueles homens não viam desde que ele partira para a guerra contra o rei Mitridates. — Pois ouve-me bem, Lépido, ouve-me bem, tu que ficaste confortavelmente em casa enquanto nós andávamos em guerra, tu que casaste com a filha de um traidor que, esse sim, tentou impor-se como rei de Roma! Ouve bem o que eu digo: isto será à minha maneira ou não haverá maneira nenhuma! Estão a ouvir-me, miseráveis imbecis, miseráveis poltrões, miseráveis hipócritas? Querem que Roma se reerga das cinzas, mas, ao mesmo tempo, querem ter o imerecido direito de transformar a vida do homem que pretende fazer essa obra numa vida o mais miserável, o mais destroçada, o mais servil que se possa imaginar! Pois bem, Pais Conscritos, de uma coisa podem ficar certos — Lúcio Cornélio Sila está de volta a Roma, e, se ele quiser, se ele se propuser fazer isso, toda a Roma tremerá até se desfazer em ruínas! Nos campos latinos, tenho um exército que poderia ter trazido para esta cidade. Um exército ao qual poderia ordenar que invadisse os vossos odiosos esconderijos e que vos filassem a todos como os lobos fazem às ovelhas! Pois

bem, eu não fiz isso! Desde que entrei no Senado, tenho feito tudo para defender os vossos interesses. E continuo a fazer tudo para os defender. Pacificamente. com bons modos. Mas aviso-vos de que estão a abusar da minha paciência. Eu serei Ditador enquanto precisar de ser Ditador. Isto está entendido? Está entendido, Lépido?

O silêncio reinou como senhor absoluto durante longos momentos. Até mesmo Vátia e Metelo Pio permaneceram quietos, lívidos e receosos, de olhos fixos naquele monstro de garras afiadas que, a qualquer momento, parecia ir pôr-se a uivar para a lua? Ah, como poderiam eles ter-se esquecido do que existia dentro de Sila?

Lépido também o fitava de olhos muito abertos, lívido e receoso, mas o cerne do seu terror não era o monstro que vivia dentro de Sila; era na sua amada esposa, Apuleia, que estava a pensar, na sua muito querida Apuleia, mãe dos seus filhos — e filha de Saturnino, o qual tentara de facto tornar-se rei de Roma. Por que razão Sila se referira a ela no meio daquela impressionante explosão de palavras? Que tencionava ele fazer quando se tornasse Ditador?

Farta de guerras civis, da depressão econômica e das muitas legiões que a todo o momento percorriam a Itália de alto a baixo, a Assembleia das Centúrias aprovou uma lei que nomeava Lúcio Cornélio Sila como Ditador durante um período não especificado de tempo. Debatida em contio no sexto dia de Novembro, a lex Valeria dictator legibus scribundis et rei publicae constituendae entrou em vigor no dia 23 de Novembro. O seu texto não continha nenhuma indicação específica; como dava poderes praticamente ilimitados a Sila e considerava que ele não tinha de responder por nenhum dos seus actos, uma tal lei não precisava de especificar nada. Sila poderia fazer tudo o que desejasse.

Muitos dos habitantes da cidade estavam à espera de que Sila se lançasse em frenética actividade a partir do momento em que a sua nomeação fosse aprovada; no entanto, Sila não fez nada enquanto a nomeação não foi ratificada, três nundinae depois, de acordo com a lex Caecilia Didia.

Tendo passado a residir na casa que pertencera a Cneu Domício Aenobarbo (então refugiado em África), Sila, aparentemente, pouco mais fazia do que passear constantemente por toda a cidade. A sua casa fora destruída e incendiada depois de Caio Mário e Cina se terem apoderado de Roma: ia até lá inspeccionar o que restava dela, remexer sem pressas nos montes de entulho, mirar os belos contornos do Aventino a partir dessa zona do Gérmalo do Palatino. A

qualquer momento do dia, desde o alvorecer ao crepúsculo, podiam vê-lo sozinho no Fórum Romano, fitando o Capitólio ou a estátua de Caio Mário perto dos rostra, ou qualquer uma das outras estátuas mais pequenas de Mário, fosse na Casa do Senado, fosse no templo de Saturno. Passeava junto às margens do Tibre, desde o grande empório comercial dos Emílios, no porto de Roma, até ao Trigário, onde os jovens nadavam. Passeava desde o Fórum Romano até qualquer uma das dezasseis portas de Roma. Andava todo o dia acima abaixo, acima abaixo.

Não mostrava nunca o menor sinal de medo, fosse pela sua vida ou por qualquer situação difícil, nunca pedia a ninguém que o acompanhasse, nunca levava guarda-costas. Por vezes usava uma toga, mas a maior parte das vezes envolvia-se numa volumosa capa, mais fácil de usar e mais adaptada a um Inverno que se anunciava tão gelado como o anterior. Num dia inesperadamente quente, vestiu apenas a túnica e então era fácil ver como aquele homem era pequeno — embora as pessoas se lembrassem de que, em tempos idos, ele fora um homem de estatura média e bem constituído. Mas encolhera, as costas tinham-se encurvado, e ele arrastava-se como um octogenário. Trazia sempre aquela disparatada cabeleira e, agora que os surtos de irritação da pele estavam controlados, pintava as sobrancelhas e as pestanas, já embranquecidas, com stibium.

Ao fim de oito dias de espera da ratificação, aqueles que tinham presenciado o seu terrível acesso de fúria no Senado, mas não tinham sido, como Lépido, o objecto directo dessa fúria, começavam a sentir-se perfeitamente à vontade para falar com algum desprezo daquele velho que se fartava de passear. A memória é de facto curta.

— É um travesti! — disse Hortênsio a Catulo, fungando de riso.

— Ainda alguém o mata — disse Catulo, preocupado. Hortênsio riu mais abertamente.

— Ou então dá-lhe uma apoplexia e cai para aí no chão. — com a mão direita, Hortênsio agarrou o braço esquerdo do cunhado e abanou-o. — Sabes uma coisa? Não percebo por que razão estava com tanto medo! Ele está cá, mas não está cá! No fim de contas, Roma não tem capataz nenhum! Estranho, sem dúvida. Ele está desfeito, Quinto. Está senil.

Uma opinião que começava a prevalecer entre todas as classes à medida que os dias de espera iam passando e aquela figura tão pouco inspiradora de admiração era vista passeando pelas ruas de Roma, de peruca descaída e os olhos espalhafatosamente pintados com stibium. Também usaria esse pó para disfarçar as cicatrizes cor de amora? E murmurava sozinho, por vezes. E

abanava a cabeça. E, uma vez por outra, até gritava para ninguém. Estava velho e desfeito, o homem. Senil.

Fora precisa muita coragem para que um homem tão vaidoso expusesse, aos olhos de todos, as rudes realidades da velhice; só Sila sabia o quanto odiava o que a doença lhe tinha feito, só Sila sabia o quanto desejava voltar a ser o homem magnífico que, um dia, partira para combater o rei Mitridates. Porém, dissera ele para si mesmo, evitando o espelho, quanto mais depressa se dispusesse a mostrar a Roma aquilo em que se tinha tornado, tanto mais depressa conseguiria esquecer a imagem que o espelho reflectiria, caso ele se visse ao espelho. E, de facto, foi isso mesmo que aconteceu. Principalmente porque os seus passeios tinham um objectivo, não eram passeios de um velho tonto. Sila, nos seus passeios, pretendia ver que mudanças tinham ocorrido em Roma, aquilo de que Roma precisava, aquilo que ele tinha de fazer. E quanto mais caminhava, mais irado ficava — e mais excitado, porque estava nas suas mãos transformar aquela dama feia e andrajosa na beldade que, noutros tempos, fora.

Sila estava também à espera de algumas pessoas que eram importantes para ele, ainda que não considerasse que as amava, tão pouco que precisava delas — a mulher, os gémeos, a filha, já adulta, os netos, e também Ptolemeu Alexandre, o herdeiro do trono do Egipto. Durante muitos meses, tinham esperado pacientemente, sob a protecção de Crisógono, primeiro na Grécia, depois em Brindísio. Porém, em fins de Dezembro, estariam de volta a Roma. Durante algum tempo, Dalmática teria de viver na casa de Aenobarbo, mas a residência de Sila começara entretanto a ser reconstruída; Filipe — muito moreno e com um óptimo aspecto físico — chegara da Sardenha, convocara o Senado sem seguir qualquer procedimento oficial, e obrigara aquela assembleia de cobardes a votar fundos públicos inexistentes, para devolver a Sila aquilo que o Estado lhe retirara. Obrigado, Filipe!

No vigésimo terceiro dia de Novembro, a ditadura de Sila era formalmente ratificada e transformada em lei. E, nesse dia, quando acordou, Roma verificou que todas as estátuas de Caio Mário tinham desaparecido: a do Fórum Romano, a do Boário, a do Holitório, as que estavam em diversas encruzilhadas e praças ou em pedaços de terra vagos. Também tinham desaparecido os troféus expostos no seu templo à Honra e à Virtude, no Capitólio, danificado pelo fogo mas ainda habitável para armaduras inimigas, as bandeiras, os estandartes, todas as suas condecorações pessoais por valor e bravura, as couraças que usara em África, em Águas Séxtias,

em Vercelas, em Alba Fucência. Estátuas de outros homens também tinham desaparecido — Cina, Carbão, o velho Bruto, Norbano, Cipião Asiágeno —, mas talvez por serem muito menos que as de Caio Mário, o seu desaparecimento não chamou tanto as atenções. Das estátuas de Caio Mário, restavam os muitos plintos vazios com o seu nome apagado em todos eles, hermas com os órgãos genitais destruídos.

E, ao mesmo tempo, começavam a circular boatos sobre um outro e muito mais sério desaparecimento; havia homens que também tinham desaparecido! Homens que tinham apoiado fortemente Mário, ou Cina, ou Carbão, ou todos os três. Cavaleiros, na sua maior parte, homens com êxito nos negócios numa altura em que isso era difícil; cavaleiros que tinham obtido lucrativos contratos do Estado, ou emprestado a partidários, ou enriquecido de outra forma graças às suas ligações a Mário, a Cina, a Carbão, ou a todos os três. Não havia nenhuma certeza quanto ao desaparecimento deste ou daquele senador em particular; mas, subitamente, o total de homens desaparecidos era já demasiado grande para passar despercebido. Fosse por causa desta percepção de que algo se passava, fosse por um efeito secundário desta percepção, as pessoas já diziam que tinham visto esses homens a desaparecer; uns dez ou quinze homens, de aspecto corpulento, batiam à porta de um cavaleiro, entravam e, poucos momentos depois, saíam todos, com o cavaleiro no meio deles, e iam-se embora — ninguém sabia para onde!

Roma vivia numa atmosfera de desconfortável agitação, Roma começava a perceber que as peregrinações do seu velho senhor eram algo mais que vulgares passeios; aquilo que fora tristemente divertido ganhava agora um aspecto mais sinistro e as inocentes excentricidades de ontem transformavam-se nos suspeitos desígnios de hoje e nos aterradores objectivos de amanhã. Ele nunca falava para ninguém! Ele falava consigo mesmo! E permanecia num sítio um ror de tempo a olhar sabe-se lá para o quê! E gritara uma ou duas vezes! Que estava ele a fazer afinal? E por que razão o fazia?

Enquanto a apreensão crescia, as estranhas actividades daqueles grupos de homens, aparentemente inócuos, que batiam às portas dos cavaleiros, tornaram-se mais abertas. Eram vistos agora aqui e acolá, tomando notas, ou seguindo como uma sombra um influente banqueiro de Carbão ou um próspero corretor de Mário. E desapareciam homens com uma freqüência cada vez maior. E, um dia, um daqueles grupos bateu à porta de um senador pedarius que sempre votara a favor de Mário, de Cina, de Carbão. Mas o senador não desapareceu com eles. Quando

apareceu na rua, uma espada vibrou no ar e a sua cabeça caiu no chão com um ruído seco. O corpo jazia no chão, o sangue jorrando para a sarjeta, mas a cabeça, essa sim, tinha desaparecido.

Toda a gente achou então que o melhor era passar pelos rostra para contar as cabeças — Carbão, o jovem Mário, Carrinas, Censorino, Cipião Asiágeno, o velho Bruto, Mário Gratidiano, Pôncio Telésino, Bruto Damasipo, Tibério Guta de Cápua, Sorano, Mutilo... Não, não havia mais nenhuma cabeça! A cabeça do senador dos bancos de trás não estava lá. Tal como não estava lá nenhuma cabeça dos desaparecidos. E Sila continuava a passear pela cidade com a sua disparatada peruca sempre um bocado de lado e as sobrancelhas e as pestanas pintadas. Mas as pessoas que antes paravam e sorriam ao vê-lo — ainda que sorrissem de piedade —, sentiam agora um buraco terrível crescendo-lhes nas entranhas mal o avistavam ao longe e dispersavam atarantadas em todas as direcções excepto na dele ou disparavam a correr para bem longe. Onde quer que Sila estivesse, nunca havia ninguém por perto. Ninguém se punha a olhar para ele. Ninguém lhe sorria, nem que fosse por piedade. Ninguém o abordava. Ninguém o molestava. Ele deixava no seu rasto um suor frio generalizado, igual ao suor frio que provocavam os espectros saídos do mundus nos dies religiosi.

Nunca nenhuma grande figura pública de Roma estivera envolta em tanto mistério, nunca houvera uma grande figura pública cujos desígnios fossem tão opacos. O seu comportamento não era normal. Deveria ter subido aos rostra para contar a toda a gente, numa linguagem magnificente, quais eram os seus planos, ou para atirar areia retórica aos olhos do Senado. Deveria ter feito discursos que clarificassem os seus intentes, deveria ter proferido litanias de queixas e frases arrebicadas — deveria ter falado! Se não para toda a gente, pelo menos para alguém. Os Romanos não se sentiam inclinados a seguir o seu exemplo. Falavam, falavam, falavam. Os boatos imperavam. Mas Sila, esse, não falava. Apenas dava passeios, aqueles passeios solitários que não evidenciavam a mínima cumplicidade, que não revelavam o mínimo interesse por nada. E no entanto era ele, só podia ser ele, quem comandava os acontecimentos! Sim, aquele homem silencioso, aquele homem que não falava com ninguém, era de facto o senhor de Roma.

Nas Calendas de Dezembro, Sila convocou uma reunião do Senado, a primeira desde que Flaco falara. Ah, com que pressa os Senadores acorreram à Cúria Hostília! Sentindo-se mais frios ainda que o ar invernoso, com pulsações tão rápidas que nem seria possível contá-las, a respiração opressa, as pupilas dilatadas, as entranhas revolvendo-se. Amontoaram-se nos seus

bancos como gaivotas atemorizadas pela tempestade, procurando não olhar para o telhado da Cúria, com medo de que lhes acontecesse o mesmo que a Saturnino e aos seus amigos, que haviam sido mortos por uma chuva de telhas.

Nenhum daqueles homens era imune àquele terror inominável: nem mesmo Flaco Princeps Senatus, nem mesmo Metelo Pio, nem mesmo os favoritos militares de Sila, como Ofela, ou os intriguistas como Filipe e Cetego. E no entanto, quando apareceu, Sila tinha um aspecto tão inofensivo! Uma figura patética! A única excepção consistia no facto sem precedentes de ser acompanhado por vinte e quatro lictores, duas vezes mais do que um cônsul poderia ter ou do que qualquer outro ditador tivera.

— É tempo de vos comunicar as minhas intenções — disse Sila do seu assento de marfim, sem se levantar; a sala estava tão fria que as suas palavras eram acompanhadas por jactos de vapor branco. — Eu sou legalmente Ditador, e Lúcio Valério, o Chefe da Casa, é o meu Senhor do Cavalo. De acordo com as cláusulas da lei das Centúrias que me atribuiu este cargo, não sou obrigado a aceitar outros magistrados eleitos, se assim o desejar. Contudo, Roma sempre ligou a passagem dos anos aos nomes dos cônsules de cada ano e eu nada farei para que essa tradição seja anulada. Nem gostaria que as pessoas chamassem a este ano "O Ano da Ditadura de Lúcio Cornélio Sila". Por isso, decretarei que sejam eleitos dois cônsules, oito pretores, dois edis curuis e dofe edis plebeus, dez tribunos da plebe e doze questores. E a fim de dar experiência magisterial a homens demasiado jovens para serem admitidos no Senado, determinarei que sejam eleitos vinte e quatro tribunos dos soldados e nomearei três homens como moedeiros e outros três para tratarem das celas e prisões romanas.

Catulo e Hortênsio estavam de tal forma aterrorizados que tinham de apertar com toda a força os esfíncteres anais, não fossem deixar nos bancos algumas marcas da diarréia que lhes atormentava os intestinos; tremiam, mas escondiam as mãos para que os outros não vissem. Incrédulos, ouviam o Ditador dizer que iria realizar eleições para todos os magistrados! Tinham pensado que iriam ser alvejados com telhas ou postos em fila e decapitados, ou então que os mandariam para o exílio e lhes confiscariam todos os bens — estavam à espera de tudo menos daquilo! Estaria Sila inocente? Quem sabe, talvez não soubesse o que se passava em Roma! E, se

não sabia, quem era então o responsável pelos desaparecimentos e assassínios?

— Percebem com certeza — prosseguiu o Ditador, com aquela dicção irritantemente indistinta que a falta de dentes provocava — que, quando falo em eleições, não estou a pensar em candidatos. Dir-vos-ei — tal como direi aos vários Comícios — que homens devem eleger. A liberdade de escolha não é possível nestes tempos que vivemos. Eu preciso de homens que me ajudem a realizar o meu trabalho e esses homens têm de ser aqueles que eu quero e não os homens que os eleitores eventualmente quisessem impingir-me. Encontro-me portanto em condições de vos anunciar quais serão os homens que ocuparão todos estes cargos no próximo ano. Escriba, a minha lista! — Recebeu a folha de papel de um funcionário do Senado cuja única função parecia ser guardar a folha, enquanto outro secretário ergueu os olhos do seu trabalho, que consistia em escrever nas tábuas de cera, com um estilete, tudo o que Sila dizia.

— Ora bem. Os cônsules serão Marco Túlio Decula, cônsul sénior, e Cneu Cornélio Dolabela, cônsul júnior.

Não prosseguiu: uma voz ergueu-se para o interromper. Era Quinto Lucrécio Ofela.

— Não! Não! Vais dar o nosso precioso consulado a Decula? Não! Quem é Decula? Uma nulidade que ficou em Roma, longe de todos os perigos, enquanto os melhores homens de Roma lutaram por ti, Sila! Que fez Decula para se distinguir entre todos nós? Tanto quanto eu sei, ele nem sequer teve a oportunidade de limpar o teu podex com a esponja dele! Nunca vi manobra mais miserável, maliciosa e injusta! Quanto a Dolabela, posso entender — todos os teus legados conhecem o contrato que fizeste com ele, Sila! Mas quem é esse Decula? Que fez esse Decula para obter o consulado sénior? Não! Não pode ser!

Ofela parou para respirar. Sila falou então.

— O homem que escolhi para cônsul sénior é Marco Túlio Decula. E assim será.

— Nesse caso, não podes ser autorizado a escolher ninguém, Sila! Teremos candidatos e uma eleição como deve ser. E eu serei candidato!

— Não serás tal — disse calmamente o Ditador.

— Então tenta impedir-me! — gritou-lhe Ofela, abandonando a sala a toda a pressa.

Na rua, tinha-se juntado uma multidão, ansiosa por saber os resultados daquela primeira reunião do Senado desde que Sila era Ditador. Essa multidão não era formada por homens que criam ter algo a temer de Sila — esses, tinham ficado em casa. Era uma pequena multidão, mas apesar de

tudo uma multidão. Abrindo furiosamente caminho entre aquela gente, Ofela desceu à pressa os degraus do Senado a caminho do anfiteatro dos Comícios.

— Concidadãos romanos! — gritou. — Juntem-se à minha volta e oiçam o que eu tenho a dizer sobre este monarca inconstitucional que, voluntariamente, nomeámos nosso senhor! Ele diz que quer cônsules eleitos. Mas não há candidatos — apenas homens escolhidos por ele! Dois idiotas, dois indivíduos ineficientes e incompetentes — e um deles, Marco Túlio Decula, nem sequer é de família nobre! O primeiro da sua família a sentar-se no Senado, um senador dos bancos de trás que chegou a pretor sob o traiçoeiro regime de Cina e Carbão! E no entanto é ele o cônsul sénior, enquanto homens como eu não são recompensados!

Sila tinha-se levantado e encaminhara-se lentamente até ao pórtico, onde, pestanejando por causa da luz muito forte, seguiu com algum interesse o comportamento de Ofela. Sem chamarem a atenção para as suas pessoas, cerca de quinze homens de aspecto absolutamente normal começaram a juntar-se ao fundo dos degraus do Senado, mesmo em frente dos olhos de Sila.

E, lentamente, os Senadores começaram a sair da Cúria para ver e ouvir o que podiam, fascinados com a calma de Sila, e encorajados também por essa calma — afinal Sila não era o monstro que eles imaginavam, não era, nem podia ser!

— Pois bem, concidadãos romanos! — prosseguiu Ofela, com mais força na voz à medida que avançava no seu discurso. — Eu sou aquele que não se submete a estes insultos! Tenho mais direito a ser cônsul do que uma nulidade chamada Decula! E penso que os eleitores de Roma, se tiverem oportunidade de eleger alguém, acabarão por me preferir aos dois homens de Sila! Tal como haveria outros homens que os eleitores prefeririam se por acaso fizessem como eu, se tivessem a coragem de se apresentar como candidatos!

Os olhos de Sila encontraram-se com os olhos do chefe do grupo de homens vulgares; acentou, suspirou, encostou o seu corpo cansado contra um pilar próximo. Os homens de aspecto normal avançaram calmamente por entre a escassa multidão, aproximaram-se dos rostra, subiram e agarraram em Ofela. A sua afabilidade era apenas aparente; Ofela lutou desesperadamente, mas isso de nada lhe serviu. Inexoravelmente, dobraram-no até ele cair de joelhos. Depois, um deles pegou numa mancheia do cabelo de Ofela, recuou bastante e puxou até deixar a cabeça e o pescoço perfeitamente expostos. Então, uma espada golpeou os ares. O

homem que segurava no cabelo vacilou um pouco, apesar de ter os pés bem assentes, no momento em que a cabeça se separou do corpo de Ofela. Depois, ergueu a cabeça bem alto para que todos pudessem vê-la. Segundos depois, já o Fórum estava vazio de gente, à excepção dos senadores.

— Ponham a cabeça nos rostra — disse Sila, após o que regressou à sala.

Como autômatos, os senadores foram atrás dele.

— Muito bem, onde é que eu ia? — perguntou Sila ao seu secretário que, debruçado sobre as tábuas, murmurou o que tinha escrito. — Ah sim, ia aí! Obrigado! Tinha falado dos cônsules e ia começar com os pretores. Funcionário, a lista! — Sila estendeu a mão, pegou na lista e prosseguiu. — Obrigado! Avancemos... Mamerco Emílio Lépido Liviano. Marco Emílio Lépido. Caio Cláudio Nero. Cneu Cornélio Dolabela o Jovem. Lúcio Fufídio. Quinto Lutácio Catulo. Marco Minúcio Termo. Sexto Nónio Sufenate. Caio Papírio Carbão. Nomeio o jovem Dolabela praetor urbanus e Mamerco pretor peregrinus.

Uma lista verdadeiramente extraordinária! Era evidente que Lépido e Catulo, que, numa eleição normal, poderiam muito bem surgir nos primeiros lugares, não poderiam ser os preferidos, perante dois homens que tinham lutado activamente a favor de Sila. Mas a verdade é que Lépido e Catulo faziam parte da lista dos pretores, quando vários adeptos leais de Sila, com um alto estatuto senatorial e a idade certa, tinham sido preteridos! Fufídio era praticamente um desconhecido. E Nónio Sufenate era o filho mais novo da irmã de Sila. Nero era um Cláudio sem importância. Termo era um bom soldado, mas tão mau orador que se tornara o alvo preferido das piadas do Fórum. E só para irritar todos os partidos, o último lugar da lista dos pretores fora concedido a um membro da família Carbão que apoiara Sila mas que não se distinguira por nenhum feito! — Pois bem, tu estás na lista — segredou Hortênsio ao ouvido de Catulo. — Só espero que eu faça parte da lista do ano que vem. Ou do ano seguinte. Por todos os deuses, que farsa esta! Como é possível que o suportemos?

— Os pretores não têm importância — murmurou Catulo. — Vão fazer tudo para brilhar! Sila não é parvo, não vai dar o lugar errado ao homem errado. Quem me interessa, no meio disto tudo, é Decula. Um burocrata! Foi por isso que Sila o escolheu. Tinha mesmo de escolhê-lo, pois Dolabela fez chantagem com ele! A política do nosso Ditador será meticulosamente executada e Decula adorará todas as particularidades, todos os momentos, dessa

execução.

A reunião prosseguiu na maior monotonia. Um a um, os nomes dos magistrados eram lidos por Sila e nenhuma voz se erguia para protestar. Concluída a lista, Sila devolveu o papel ao funcionário do Senado e assentou as mãos nos joelhos. — Disse tudo o que queria dizer neste momento. Só me faltou dizer que tomei devida nota da escassez de sacerdotes e augures e que em breve legislarei para resolver o problema. Mas agora escutem-me com atenção! — rugiu ele, repentinamente, provocando um sobressalto geral. — Não haverá mais Religiosos eleitos! É o máximo da irreligiosidade fazer votações para determinar quem servirá os deuses! Transforma algo de solene e formal num circo político e permite a nomeação de homens que não têm qualquer tradição ou gosto pelos deveres sacerdotais. Se os seus deuses não forem adequadamente servidos, Roma não poderá prosperar. — Sila levantou-se então.

Uma voz ergueu-se. com um ar ligeiramente trocista, Sila deixou-se cair na sua cadeira de marfim.

— Queres falar, caro Bacorinho? — perguntou, usando a velha alcunha que Metelo Pio herdara do pai, pois este era chamado de Suíno.

Metelo Pio enrubesceu, mas ergueu-se com um ar muito determinado. Desde que chegara a Roma no quinto dia de Novembro, a sua gaguez — que quase não se fizera sentir nos últimos anos — não cessara de piorar. E ele sabia porquê. A razão era Sila. Que amava, mas temia. Contudo, Metelo Pio continuava a ser o filho de Metelo Pio Numídico, o Suíno, que por duas vezes preferira levar tremendas sovas no Fórum a renegar os seus princípios e que acabara por ir para o exílio para defender esses mesmos princípios. Cumpria-lhe, por isso, seguir as pisadas do pai e manter a honra da família. E a sua própria dignitas.

— Lú-Lú-Lúcio Cornélio, po-po-podes responder a uma per-per-pergunta?

— Estás a gaguejar! — exclamou Sila, quase cantando.

— É ver-ver-verdade. La-la-la-lamento.vou tentar — disse ele com os dentes cerrados.

— Tens conhecimento, Lú-Lú-Lúcio Cornélio, de que, em toda a Itália, tal como em Roma, têm sido mortos muitos homens, cujos bens e propriedades têm sido confiscados?

Todo o Senado escutava com a respiração suspensa, aguardando a resposta de Sila: saberia ele do que se passava? era ele o responsável por tudo aquilo?

— Sim, tenho conhecimento — retorquiu Sila.

Um suspiro colectivo, e todos se mexeram e remexeram nos bancos; o Senado sabia já do pior.

Metelo Pio, tenazmente, prosseguiu.

— Eu com-com-com-compreendo que seja necessário castigar os culpados, mas a ninguém foi concedido julga-julgamento. Poderias escla-escla-esclarecer a situação? Poderias, por exemplo, di-di-di-dizer-me que limites vais definir? Ou seja: há alguns homens a quem vai ser concedido julgamento? E quem diz se esses homens cometeram ou não traição, caso não se-se-sejam julgados num tribunal adequado?

— A minha ordem é para que esses homens morram, meu caro Bacorinho — disse o Ditador com voz firme. — Nãovou desperdiçar o dinheiro e o tempo do Estado com julgamentos de homens que são clara e inequivocamente culpados.

O Bacorinho voltou à carga.

— Então po-po-podes dar-me uma ideia de quem tencionas poupar?

— Receio bem que não — disse o Ditador.

— Então, se não sa-sa-sa-sabes quem vai ser poupado, poderás dizer-me quem tencionas punir?

— Sim, meu caro Bacorinho, isso já posso fazer.

— Nesse caso, Lú-Lú-Lúcio Cornélio, serias capaz de partilhar essa informação connosco? — concluiu Metelo Pio, profundamente aliviado por ter acabado.

— Hoje não — disse Sila. — Voltaremos a reunir-nos amanhã. Toda a gente regressou aos primeiros raios de sol do dia seguinte, mas poucos pareciam ter dormido em condições.

Sila estava à espera dos senadores, sentado na sua cadeira curul. Um escriba estava sentado a uma mesa com o estilete e as tábuas de cera, o outro segurava num rolo de papel. Logo que a reunião foi confirmada pelo sacrifício e pelos augúrios, Sila pediu o rolo. Olhou directamente para o pobre Metelo Pio, desfigurado pela inquietação.

— Esta — disse Sila — é uma lista de homens que ou já morreram como traidores ou morrerão em breve pela mesma razão. Os seus bens e propriedades pertencem agora ao Estado e serão vendidos em hasta pública. E qualquer homem ou mulher que encontre um dos homens que tem o nome nesta lista será protegido contra toda e qualquer retaliação se ele ou ela executar o indivíduo em questão. — O rolo de papel foi então entregue ao chefe dos lictores de Sila. —

Afixa este rolo nas paredes dos rostra — disse Sila. — Então todos os homens ficarão a saber a resposta à questão que só o meu querido Bacorinho teve a coragem de levantar, — Nesse caso, se eu vir um dos homens dessa lista, posso matá-lo? — perguntou ansioso Catilina; embora ainda não fosse senador, Sila tinha-lhe permitido assistir às reuniões do Senado. — Claro que podes, meu querido lambe-pratos! E ganhas dois talentos de prata se o fizeres! — disse Sila. — Legislarei ainda um programa de proscrições — como é evidente, não farei nada que não tenha a força da lei! A recompensa será incorporada na legislação e todas essas transacções serão inscritas nos livros, a fim de que a Posteridade venha a saber quem é que, nos nossos dias, lucrou.

Aquilo fora dito gravemente, mas homens como Metelo Pio não tiveram a mínima dificuldade em discernir a malícia de Sila naquelas palavras; como seria de esperar, homens como Lúcio Sérgio Catilina (se é que alguma vez conseguiam aperceber-se da malícia de Sila) não viram mais do que o óbvio.

”Catilina” significava precisamente ”aquele que lambia os pratos”. (N. do T.)

A primeira lista de homens prescritos incluía quarenta senadores e sessenta e cinco cavaleiros. Os nomes de Caio Norbano e de Cipião Asiágeno vinham à frente, com Carbão e o jovem Mário imediatamente a seguir. Carrinas, Censorino e Bruto Damasipo faziam parte da lista, mas isso já não sucedia com o velho Bruto. A maior parte dos senadores estavam já mortos. No entanto, o grande objectivo das listas era informar Roma acerca das confiscações; elas não referiam quem estava já morto ou quem vivia ainda. A segunda lista foi afixada nos rostra no dia seguinte e incluía duzentos cavaleiros. E uma terceira lista surgiu um dia depois, com duzentos e quinze nomes de cavaleiros. Pelos vistos, Sila tinha saldado as suas contas com o Senado; o seu verdadeiro alvo era a Ordo Equester.

A sua leges Corneliae acerca dos regulamentos e das actividades relacionadas com a prescrição era exaustiva. Contudo, o grosso dessas medidas surgiu por um período de apenas dois dias, no princípio de Dezembro, e, pelas Nonas desse mês, já estavam todas integradas numa directiva de Deculo, tal como Catulo tinha profetizado. Não havia contingência que não tivesse sido levada em conta. Todos os bens da família de um homem proscrito eram agora propriedade do Estado e não poderiam ser transferidos para o nome de um qualquer herdeiro inocente de transgressão; o testamento de um proscrito não podia ser válido e os herdeiros nele nomeados não podiam herdar; o proscrito podia ser legalmente executado por qualquer homem ou mulher

que o visse, fosse esse homem ou mulher livre, liberto, ou escravo; a recompensa pelo assassínio ou detenção de um proscrito era de dois talentos de prata, e o Tesouro pagá-la-ia com o dinheiro obtido com as confiscações e assiná-la-ia nos livros da contabilidade pública; um escravo com direito a tal recompensa seria libertado, e um homem liberto nessas condições seria integrado numa tribo rural; todos os homens — civis ou militares — que, depois de Cipião Asiágeno ter rompido a sua trégua, haviam apoiado Carbão ou o jovem Mário eram declarados inimigos públicos; qualquer homem que oferecesse apoio ou amizade a um proscrito era declarado inimigo público; os filhos e os netos dos proscritos eram impedidos de assumir um cargo curul e proibidos de comprar propriedades confiscadas ou de chegar à sua posse através de quaisquer outros meios; os filhos e os netos daqueles que já estavam mortos teriam o mesmo castigo que os filhos e os netos dos que, fazendo parte da lista, ainda se encontravam vivos. A última lei deste love, promulgada no quinto dia de Dezembro, declarava que o processo de proscrição cessaria no primeiro dia do mês de Junho seguinte. Seis meses depois.

Deste modo impôs Sila a sua ditadura, mostrando que era não só o senhor de Roma, mas também um mestre do terror e do suspense. Os muitos dias de agonia causados pela terrível doença de pele não tinham sido inteiramente consumidos pelos tormentos ou pelo estupor causado pela bebida; Sila tinha tido tempo para pensar em muitas e muitas coisas. Tinha tido tempo para pensar na melhor maneira de se tornar o senhor de Roma; no melhor procedimento a seguir logo que se tornasse senhor de Roma; na melhor maneira de criar uma atitude mental em todos os homens, mulheres e crianças que lhe permitisse fazer o que havia a fazer sem oposição, sem revolta. Não seria com soldados patrulhando as ruas que conseguiria os seus intentos, mas sim com sombras que penetrassem nos espíritos, com medos que conduziam à esperança tanto como ao desespero. Os seus apoiantes seriam gente anônima. Aqueles que, sorrateiramente, espreitavam o vizinho ou o amigo, aqueles que apressadamente se escondiam nas sombras da rua, mal o vizinho ou o amigo se virava para trás. Sila tencionava criar um clima, e não um tempo. com o tempo podiam os homens bem. Mas com os climas? Ah, os climas podiam revelar-Se insuportáveis.

E, enquanto coçava a pele da cara e a reduzia a farrapos de carne viva, tinha tido tempo para pensar na sua imagem futura: a de um homem velho, feio e decepcionado com a vida, a quem haviam dado o mais belo brinquedo do mundo: Roma. A quem haviam dado os homens e

mulheres de Roma, os cães e os gatos, os escravos e os libertos, a gente de baixa extracção e os cavaleiros e os nobres. No meio de tanta dor, Sila tinha tido tempo para atentar meticulosamente em todos os seus vivos ressentimentos, em todos os seus sombrios rancores. E para alcançar um intenso alívio através da congeminação, muito precisa, da sua vingança.

Agora, o Ditador já estava em Roma.

Agora, o Ditador já tinha nas suas mãos, nas suas jubilosas mãos, o seu novo brinquedo.

LUCIUS CoRNELLIUs SILLA

Tudo estava a correr muito bem, concluiu Lúcio Cornélio Sila no princípio de Dezembro. A maioria dos homens continuava hesitante perante a ideia de matar um proscrito, mas havia uns quantos, como Catilina, que não se coibiam em dar o exemplo. Por outro lado, o total em dinheiro e bens confiscados não parava de crescer. Evidentemente, eram o dinheiro, os bens e as propriedades que tinham levado Sila a escolher aquele caminho particular; de facto, as vastas somas de que Roma precisava para recuperar a solvência financeira teriam de vir de algum lado. Em circunstâncias mais normais, teriam vindo dos cofres das províncias, mas, devido às acções de Mitridates no Oriente e ao facto de Quinto Sertório ter conseguido restringir os rendimentos vindos das Espanhas, não seria possível retirar somas adicionais das províncias durante algum tempo. Portanto, Roma e a Itália teriam de ser as fontes únicas do dinheiro — com a ressalva de que a carga não poderia ser suportada pelo povo comum, nem por aqueles que tinham demonstrado inequivocamente a sua lealdade à causa de Sila.

Sila nunca gostara da Ordo Equester — as noventa e uma Centúrias da Primeira Classe que integravam os cavaleiros-homens de negócios, e especialmente as dezoito Centúrias de cavaleiros séniores que tinham direito ao Cavalo Público. Entre estes cavaleiros, havia muitos que tinham prosperado imenso sob as administrações de Mário, Cina e Carbão; e Sila decidiu que seriam precisamente estes homens quem haveria de pagar a conta da recuperação econômica de Roma. Uma solução perfeita!, pensou o Ditador, exultante de satisfação. com uma só cajadada matava dois coelhos: o Tesouro ficava cheio; os seus inimigos, pura e simplesmente, eram eliminados.

Além disso, tinha tempo para se dedicar a um dos seus outros ódios de estimação — o Sâmnio. Decidindo que o caso do Sâmnio teria de ser tratado da forma mais dura possível, enviou para essa infeliz região os mais cruéis dos seus homens: Cetego e Verres. E quatro legiões

de bons soldados.

— Não deixem nada de pé — disse ele. — Quero ver o Sâmnio completamente destroçado, de tal modo que mais ninguém queira viver nessas paragens, nem mesmo o mais velho e o mais patriota dos Samnitas. Deitem abaixo árvores, destruam campos, pomares e cidades. — Sila pôs um sorriso aterrador e acrescentou: — E cortem as cabeças a todas as papoilas mais viçosas...

Isso mesmo! Seria uma boa lição para o Sâmnio! E, ao mesmo tempo, Sila ficava livre de dois homens que, no ano seguinte, poderiam ser muito incômodos para ele. Cetego e Verres não voltariam tão depressa! É que, no Sâmnio, poderiam ganhar muito mais dinheiro do que aquele que mandariam para o Tesouro.

Talvez tivesse sido bom para outras regiões de Itália que a família de Sila tivesse chegado a Roma nesse instante, devolvendo-lhe uma normalidade de cuja necessidade ou falta ele não se apercebera. Em primeiro lugar, porque nunca pensara que, ao rever Dalmática, se sentisse tão fortemente perturbado; sentiu os joelhos a ceder e teve de sentar-se imediatamente, ficando a olhar para ela embasbacado, como se fosse um rapaz imberbe surpreendido com o aparecimento da mulher desejada e inatingível.

Muito bela — mas isso ele sempre soubera —, com os seus grandes olhos cinzentos e a pele morena, da mesma cor do cabelo, e aquela expressão amorosa que nunca parecia mudar ou esbater-se, por muito velho e feio que ele estivesse. E de súbito ali estava ela, sentada no colo dele, com os braços à volta daquele pescoço balofo, os seios encostados à cara dele, acariciando a cabeça cheia de marcas de crostas e beijando-a, sim, beijando-lhe a cabeça como se ele ainda tivesse o seu belo e glorioso cabelo ruivo, de que tanto se orgulhava em jovem — ah, a sua peruca, onde estava a sua peruca? Mas nesse momento já ela lhe puxava a cabeça para trás e beijava-o na boca e aquela doce e bela boca conseguia devolver a vida aos lábios velhos e franzidos de Sila... E a juventude voltava aos braços dele e, ao mesmo tempo que se levantava, erguia-a também e levava-a em triunfo para o seu quarto... Chegados ao quarto, Dalmática transformou-se, aos seus olhos, em algo mais que um triunfo. Talvez afinal eu seja capaz de amar, pensou ele, mergulhando no corpo dela.

— Ah, tive tantas saudades tuas! — disse ele.

— E eu tenho-te tanto amor — disse ela... — Dois anos... Foram dois anos.

— Mais do que dois mil anos.

. Porém, passado o primeiro fervor do reencontro, Dalmática transformou-se na esposa e examinou-o com um prazer imenso. — A tua pele está muito melhor! — Consegui o unguento de Morsimo.

— E já não faz comichão?

— Não, já não faz.

Depois, Dalmática tornou-se a mãe e não descansou enquanto ele não acedeu a acompanhá-la ao quarto das crianças para falar aos gémeos: Fausto e Fausta.

— Não estão muito mais crescidos desde o momento em que nos separámos — disse ele, soltando um suspiro. — Parecem-se com Metelo Numídico.

Ela deu um risinho.

— Eu sei... Pobrezinhos!

E o risinho de Dalmática selou aquele que fora um dos dias mais felizes de toda a vida de Sila: ela ria-se com ele!

Sem saberem por que razão a mamã e aquele velho engraçado se agarravam um ao outro de tanto rirem, os gémeos puseram-se a olhar para eles com um sorriso incerto até que, de tanto os verem rir, não resistiram e juntaram-se ao coro de gargalhadas. E embora não se pudesse dizer que Sila chegava a amá-los no meio daquela explosão de risos, pelo menos decidiu que os dois pequeninos eram criaturas simpáticas — apesar de serem parecidos com o tio-avô, Quinto Cecílio Metelo Numídico, o Suíno. Que o pai deles tinha assassinado. Que ironia!, pensou o pai de Fausto e Fausta: será uma espécie de castigo que os deuses me infligiram? Mas só os Gregos acreditam nisso, e eu não sou grego, sou romano. Além do mais, já estarei morto há muito tempo quando estes dois tiverem idade suficiente para castigar alguém.

Os restantes recém-chegados também estavam bem, designadamente a filha de Sila, Cornélia Sila, já viúva, e os seus dois filhos.

Pompeia, a menina, tinha agora oito anos e era uma criança completamente absorvida pela sua beleza, da qual tinha consciência plena. Aos seis anos de idade, o rapaz, Quinto Pompeu Rufo, prometia justificar totalmente o seu último nome, pois era vermelho em tudo: cabelo, pele, olhos, temperamento.

— E como está o meu convidado que não pode atravessar o pomerium e entrar em

Roma? — perguntou Sila ao seu chefe dos criados, Crisógono, que tivera a missão de cuidar do bem-estar da família.

Um pouco mais magro agora (não era uma tarefa fácil cuidar de tantas pessoas tão diferentes entre si, reflectiu Sila), o chefe dos criados ergueu os seus expressivos olhos negros para o tecto e encolheu os ombros.

— Temo, Lúcio Cornélio, que ele se recuse a permanecer fora do pomerium, a menos que tu o visites pessoalmente e lhe expliques as razões exactas. Eu bem tentei! Mas ele considera-me um lacaio, incapaz de merecer o seu desprezo, quanto mais a sua confiança!

Aquela era uma reacção típica de Ptolemeu Alexandre, pensou Sila enquanto saía da cidade a caminho da estalagem da Via Ápia, perto do primeiro marco miliário, onde Crisógono alojara o altivo e hipersensível príncipe do Egipto, o qual, apesar de se encontrar há três anos sob a custódia de Sila, só agora começava a tornar-se um pesado fardo.

”Afirmando ser um refugiado da corte do Ponto, o jovem príncipe aparecera em Pérgamo, pedindo a Sila que lhe concedesse asilo; Sila ficara fascinado. É que aquele jovem era nem mais nem menos do que Ptolemeu Alexandre, o Jovem, único filho legítimo do Faraó, o qual morrera tentando recuperar o trono no mesmo ano em que Mitridates capturara o filho, que vivia em Cos com os seus dois primos bastardos. Os três príncipes do Egipto tinham sido mandados para o Ponto e o Egipto caíra em poder do irmão mais velho do falecido Faraó, Ptolemeu Soter, por alcunha Latiro (que significava ”grão-de-bico”), o qual se atribuíra o título de Faraó.

Logo que vira Ptolemeu Alexandre, o Jovem, Sila compreendera por que razão o Egipto preferira ser governado pelo velho Latiro, o Grão-de-Bico. Ptolemeu Alexandre, o Jovem, era tão efeminado que chegava ao extremo de se vestir como uma reincarnação de ísis, com vaporosos tecidos atados e moldados à maneira das deusas helenizadas do Egipto, com uma coroa dourada sobre a sua cabeleira de caracóis dourados, e uma elaborada maquilhagem. Andava com requebros, lançava olhares amorosos aos homens, falava num tom afectado e ciciado, todo ele era uma vibração, um alvoroço feminino; e no entanto, pensava Sila com alguma perspicácia, sob aquela fachada efeminada vivia uma alma de aço.

Ptolemeu descrevera a Sila os três anos horríveis em que fora prisioneiro da corte daquele que era o mais militante de todos os heterossexuais, Mitridates; o rei do Ponto, que

acreditava sinceramente que os homens efeminados podiam ser ”curados”, sujeitara o jovem Ptolemeu Alexandre a uma infindável série de humilhações e degradações, com o intuito de libertar o pobre rapaz das suas inclinações. Mas a obra de Mitridates saldara-se por um rotundo fracasso. Obrigado a ir para a cama com cortesãs do Ponto e mesmo com vulgares prostitutas, Ptolemeu Alexandre não fora capaz de fazer nada com elas, a não ser baixar a cabeça e vomitar para o chão. Obrigado a usar armadura e a fazer marchas com uma centena de soldados que o escarneciam, caíra desmaiado depois de muito chorar; finalmente, bateram-lhe e açoitaram-no, mas, para sua grande surpresa, os soldados que o castigavam verificaram que um tal tratamento o excitava; levado a um tribunal na praça do mercado de Amiso, vestido com o que tinha de melhor e maquilhado a preceito, foi condenado a apanhar com uma chuva de fruta, ovos e legumes podres, e mesmo de pedras, mas a tudo resistiu sem mostrar arrependimento.

A sua grande oportunidade surgiu quando Mitridates começou a vacilar perante Sila e a corte se desintegrou. O jovem Ptolemeu Alexandre tinha fugido.

— Os meus primos bastardos preferiram ficar em Amiso, é claro — disse ele a Sila, no seu tom ciciado. — A atmosfera dessa corte abominável está mesmo bem para eles! Estavam doidos por se casar e casaram mesmo, com as filhas de Mitridates e de Antíoca, a esposa dele que é meio parta, meio selêucida. Pois bem, eles que fiquem com Ponto e com todas as filhas do rei! Ah, o que eu odeio aquela terra!

— E que queres de mim? — perguntara Sila.

— Asilo. Abrigo em Roma quando lá voltares. E, quando Latiro morrer, o trono egípcio. Ele tem uma filha, Berenice, que reina ao lado dele como rainha. Mas, como é evidente, ele não pode casar-se com ela — só poderia casar-se com uma tia, uma prima, ou uma irmã, e tias, primas e irmãs é coisa que ele não tem. Pela ordem natural das coisas, a rainha Berenice sobreviverá ao pai. O trono egípcio é matrilinear, o que significa que um rei só pode ser rei através do casamento com a rainha ou com a mais velha das princesas da linhagem. Eu sou o único Ptolemeu legítimo vivo. Os Alexandrinos — que são os únicos que têm voto na matéria, pois os Ptolemeus da Macedónia estabeleceram a sua capital aí e não em Mênfis — querem que eu suceda a Latiro e consentirão que eu me case com a rainha Berenice. Por isso, quando Latiro morrer, quero que me mandes para Alexandria, a fim de eu reclamar o trono — com a benção de Roma.

Sila reflectiu sobre o assunto por um momento, olhando divertido para Ptolemeu Alexandre. Depois, perguntou-lhe:

— Pode ser que cases com a rainha, mas serás capaz de lhe fazer filhos?

— Provavelmente, não — retorquiu o príncipe sem perder a compostura.

— Nesse caso, que sentido faz casares com ela? — perguntou Sila.

Ptolemeu Alexandre, pelos vistos, não enxergava sentido nenhum no casamento.

— Eu quero ser Faraó do Egipto, Lúcio Cornélio — disse ele solenemente. — O trono, por direito, é meu. O que possa acontecer ao trono depois da minha morte é irrelevante.

— E quais são os outros candidatos ao trono?

— Apenas os meus primos bastardos. Que agora são amigos de Mitridates e Tigranes. Eu consegui fugir quando um mensageiro de Mitridates nos veio dizer que tínhamos de ir os três para a corte de Tigranes, o qual está a alargar o seu reino conquistando a Síria. Suponho que o objectivo desta manobra era impedir que ficássemos sob protecção romana caso o Ponto caísse.

— Nesse caso, os teus primos bastardos podem não estar em Amiso.

— Estavam em Amiso quando eu fugi. Quanto ao que se passou depois, nada sei.

Sila pôs a sua pena de lado e fitou com um olhar frio e sombrio aquela carrancuda e arrebicada criatura.

— Muito bem, príncipe Alexandre, eu concedo-te asilo. Quando regressar a Roma, poderás acompanhar-me. Quanto à tua eventual conquista da Dupla Coroa do Egipto — bom, talvez seja melhor discutir o caso quando chegar o momento certo.

Mas o momento certo ainda não chegara e Sila antevia já que Ptolemeu Alexandre, o Jovem, lhe ia levantar certos problemas. Era evidente que Sila tinha um plano em mente; caso contrário, teria mandado imediatamente o jovem para Alexandria e para o tio Latiro e lavado daí as suas mãos. Mas ocorrera-lhe esse plano logo no primeiro encontro com o príncipe e agora só podia esperar dispor de suficiente tempo de vida para testemunhar os resultados do seu projecto; Latiro era muito mais velho que Sila e, no entanto, parecia gozar da melhor das saúdes. Alexandria tinha um clima saudável, era o que se dizia.

— No entanto, príncipe Alexandre — disse Sila depois de se ter instalado no melhor salão da estalagem —, eu não poderei hospedar-te a expensas de Roma enquanto o teu tio estiver vivo, e pode ser que viva muitos anos ainda. Nem mesmo num sítio como este.

Nos olhos negros do jovem surgiu uma chispa de fúria; Ptolemeu Alexandre ergueu-se como uma serpente pronta a atacar.

— Num sítio como este? Eu preferia voltar a Amiso do que ficar num sítio como este!

— Em Atenas — disse calmamente Sila — ficaste regiamente hospedado, a expensas dos Atenienses, mas isso deveu-se unicamente ao facto de o teu tio ter presenteado Atenas com imensas ofertas, depois de eu ter sido obrigado a saquear uma parte da cidade. bom, mas isso era com Atenas, unicamente. Tu não me custaste nada. O problema é que, aqui, podes custar uma fortuna, uma fortuna que Roma não conseguirá suportar. Por isso, ofereço-te duas hipóteses. Podes embarcar para Alexandria, a expensas de Roma, e fazer as pazes com o teu tio Latiro. Ou então negoceias um empréstimo com um dos banqueiros desta cidade, alugas uma casa e criados no Pinciano ou noutro local aceitável fora do pomerium e permaneces aqui até o teu tio morrer.

Era difícil dizer se Ptolemeu Alexandre estava pálido, tão pesada era a sua maquilhagem; mas Sila imaginou que sim, pois o jovem parecia ter perdido o ardor inicial.

— Eu não posso ir para Alexandria! O meu tio matava-me!

— Então negoceia um empréstimo.

— Está bem, eu faço isso! Mas diz-me como!

-— Eu mando-te Crisógono, ele dar-te-á todas as informações necessárias. É um campo que ele conhece muito bem. — Sila não se tinha sentado e encaminhava-se já para a porta. — A propósito, príncipe Alexandre: não poderás, em circunstância alguma, atravessar os limites sagrados de Roma.

— Morrerei de tédio!

Sila exibiu o seu famoso sorriso trocista.

— Duvido que morras de tédio, quando se souber que tens dinheiro e uma bela casa. A água dos rios encontra sempre o seu caminho para o mar. Alexandria fica muito longe de Roma e eu devo partir do princípio de que serás o rei legítimo depois de Latiro morrer. E a notícia da morte de Latiro ainda demorará algum tempo a chegar a Roma. Portanto, como Roma não tolera nenhum soberano reinante dentro dos seus limites, tu terás de permanecer no exterior desses limites. Não poderás infringir essa regra. Se a infringires, não precisarás de ir a Alexandria para ter uma morte prematura.

Ptolemeu Alexandre desatou num choro.

— És uma pessoa horrenda, uma pessoa odiosa!

Sila saiu nesse instante e encaminhou-se para a Porta Capena; enquanto caminhava, pensava naquela cena e, de quando em quando, soltava um risinho. Que pessoa horrenda e odiosa, aquele Ptolemeu Alexandre! Mas que útil que ele seria se Latiro fizesse o favor e tivesse o bom senso de morrer enquanto Sila fosse Ditador! Sila não se pode impedir de dar um saltinho de prazer ao pensar no que ia fazer quando o trono do Egipto ficasse vago.

Sila não se dava conta, enquanto caminhava, de que os seus risinhos e o seu pulo e a sua própria maneira de andar eram sinais de terror para todos os homens ou mulheres que por acaso o vissem passar. Nem podia dar-se conta: a sua mente estava em Alexandria, na lendária Alexandria.

No entanto, a questão que mais ocupava a mente de Sila era a religião. Como a maior parte dos Romanos, também ele não pensava no nome de um deus, fechava os olhos e visualizava imediatamente uma criatura humana — não, isso era o que os Gregos faziam, isso era ser-se grego. Naqueles tempos, era sinal de cultura e sofisticação mostrar Belona como uma deusa armada, Ceres como uma bela matrona levando um feixe de trigo, Mercúrio com um capacete com asas e sandálias igualmente com asas, porque uma sociedade helenizada era uma sociedade superior, porque uma sociedade helenizada desprezava uma visão dos deuses, por assim dizer, mais ”divina”, considerando que uma tal visão tornava os deuses primitivos, destituídos de uma aura intelectual, incapazes de comportamentos tão complexos como o comportamento humano. Para os Gregos, os deuses eram essencialmente seres humanos dotados de poderes sobre-humanos; os Gregos não conseguiam conceber um ser mais complexo que o homem. Assim, Zeus, que era o rei do panteão grego, funcionava como um censor romano — poderoso mas não omnipotente — e atribuía tarefas aos outros deuses, os quais se deleitavam em enganá-lo, em fazer chantagem com ele, enfim, em comportar-se de certo modo como tribunos da plebe.

Mas Sila, um romano, sabia que os deuses eram muito menos tangíveis do que os Gregos criam: não eram humanóides e não tinham olhos nas cabeças, nem mantinham conversas, nem possuíam poderes sobre-humanos, nem experimentavam a integração e a diferenciação dos processos de pensamento específicos de um homem. Sila, um romano, sabia que os deuses eram forças específicas que desencadeavam eventos específicos ou controlavam outras forças inferiores

a eles. Nutriam-se das forças vitais e por isso gostavam que lhes fossem sacrificadas criaturas vivas; necessitavam da ordem e do método no mundo vivo tanto como no seu próprio mundo, porque a ordem e o método no mundo vivo contribuíam para manter a ordem e o método nesse mundo de forças.

Havia forças que impregnavam despensas, armazéns, silos e celeiros e que gostavam de vê-los cheios — eram os Penates. Havia forças que permitiam que os navios navegassem e que velavam pelas encruzilhadas e que davam um sentido aos objectos inanimados — eram os Lares. Havia forças que velavam para que as árvores se desenvolvessem naturalmente, que as obrigavam a crescer com os ramos e as folhas elevando-se nos ares, enquanto as suas raízes se enterravam na terra. Havia forças que faziam com que a água doce e os rios descessem das alturas até ao mar. Havia uma força que a uns quantos homens dava sorte, a outros sorte nenhuma e à maior parte um pequeno quinhão de sorte — e essa força chamava-se fortuna. E a força chamada Júpiter Optimus Maximus era a soma de todas as outras forças, o tecido que as ligava a todas de uma forma que era lógica para essas forças, ainda que misteriosa para os homens.

Aos olhos de Sila, era evidente que Roma estava a perder o contacto com os seus deuses, com as suas forças. Senão, por que razão ardera o Grande Templo? Porque teriam ardido os seus precisos arquivos? Os livros proféticos? Os homens estavam a esquecer-se das coisas secretas, das fórmulas e dos padrões rigorosos que atraíam as forças divinas. A eleição de sacerdotes e augures perturbava o equilíbrio dos colégios sacerdotais, impedia os pequenos ajustamentos que só eram possíveis quando as mesmas famílias ocupavam as mesmas posições religiosas desde há muito, muito tempo, e para toda a eternidade.

Por isso, antes de canalizar as suas energias para uma restauração das débeis instituições e leis de Roma, deveria, em primeiro lugar, purificar o aether de Roma, estabilizar as suas forças divinas, permitir-lhes que exercessem a sua acção sem entraves. Como poderia Roma ter a sorte do seu lado se um dos seus filhos chegara ao ponto de cometer a enormidade de gritar o seu nome secreto? Como poderia Roma aspirar à prosperidade quando os homens saqueavam os seus templos e assassinavam os seus sacerdotes? Claro que Sila não se lembrava de que ele próprio desejara, em tempos, saquear os templos de Roma; lembrava-se apenas de que não o tinha feito, embora fosse combater um verdadeiro inimigo. Também não se lembrava do que sentia em relação aos deuses antes de a doença e o vinho o terem arruinado fisicamente.

No incêndio do Grande Templo havia uma mensagem implícita, disso estava ele certo.

E tinha-lhe cabido a ele deter o caos, anular a tendência para a mais completa desordem. Se assim não fosse, as portas que deveriam estar fechadas abrir-se-iam de par em par e as portas que deveriam estar abertas cerrar-se-iam.

Sila decidiu então chamar os sacerdotes e os augures à sua presença, no mais antigo dos templos de Roma, o templo de Júpiter Ferétrio, no Capitólio. Tão antigo que fora dedicado por Rómulo e construído com blocos de tufo, sem estuque nem decorações; tinha apenas duas colunas quadradas para suportar o pórtico e não continha nenhuma imagem. Sobre um simples pedestal quadrado, tão antigo como o templo, encontravam-se um vulgar bastão de prata e ouro tão longo como meio braço de um homem e uma quantidade de objectos de sílica, negros e vítreos. A única luz admitida no seu interior era a que penetrava pela porta e o templo cheirava a séculos e séculos de vida — a excrementos de rato, a bolor, a humidade, a pó. A sua única sala não tinha mais do que três por dois metros e por isso Sila ficou contente com o facto de o Colégio dos Pontífices e o Colégio dos Augures se encontrarem muito desfalcados.

O próprio Sila era augure. Também o eram Marco António, o jovem Dolabela e Catilina. Quanto aos sacerdotes, Caio Aurélio Cota era o que estava há mais tempo no seu Colégio; Metelo Pio vinha logo atrás, tal como Flaco, o Senhor do Cavalo e Princeps Senatus, e que era também o flamen Martialis. Catulo, Mamerco, o Rex Sacrorum Lúcio Cláudio, do único ramo dos Cláudios cujo nome próprio era Lúcio — e um pontífice que se sentia muito pouco à vontade, Bruto, o filho do velho Bruto, que não pensava noutra coisa senão na sua eventual proscrição.

— Não temos Pontifex Maximus — começou Sila. — Por outro lado, somos poucos. Podia ter escolhido um sítio mais confortável para nos reunirmos, mas suspeito que um pouco de desconforto não desagradará aos nossos deuses! Durante algum tempo, considerámo-nos superiores aos nossos deuses e, por isso, os nossos deuses estão infelizes. Consagrado no mesmo ano em que a nossa República nasceu, o nosso templo de Júpiter Optimus Maximus não foi devorado pelo fogo por mero acidente. Estou certo de que isso sucedeu porque Júpiter Optimus Maximus sente que o Senado e o Povo romanos o defraudaram, não lhe dando o que ele merecia. Não somos imaturos e crédulos ao ponto de aderirmos às crenças bárbaras na ira divina. O raio que mata uma pessoa ou o pilar que nos esmaga não passam de fenómenos naturais, limitando-se

a indicar a pouca sorte da pessoa atingida. Mas os fenómenos estranhos ou contrários às leis da natureza, os portenti, constituem uma indicação de que os deuses se sentem infelizes e o incêndio do Grande Templo é um terrível portentum. Se tivéssemos conservado os Livros Sibilinos, poderíamos descobrir mais coisas acerca do assunto. Mas os Livros Sibilinos foram também consumidos pelo fogo, tal como os nossos fasti dos cônsules, as Doze Tábuas originais e muito mais coisas.

Havia quinze homens presentes e o espaço era pouco para que orador e audiência se dispusessem adequadamente; por isso, Sila limitou-se a permanecer no meio deles e a falar num tom de voz normal.

— Como Ditador, a minha tarefa consiste em fazer regressar a religião de Roma à sua velha forma, e em fazer com que todos vocês trabalhem para a realização desse objectivo. Ora, eu posso promulgar as leis, mas cabe a vocês executá-las. Há um ponto em que não transijo, porque tenho tido sonhos, porque sou um augure e sei que estou certo. Para ser mais claro: invalidarei a lex Domitia de sacerdotiis, que o nosso Pontifex Maximus de há uns anos atrás, Cneu Domício Aenobarbo, teve tanto prazer em nos impor. E por que razão o fez? Porque sentiu que a sua família fora insultada e que ele próprio fora desprezado. Estas são razões baseadas no orgulho pessoal e não num espírito verdadeiramente religioso. Acredito que Aenobarbo Pontifex Maximus indispôs os deuses, e em especial Júpiter Optimus Maximus. Sendo assim, não haverá mais eleições de sacerdotes. Nem mesmo para o cargo de Pontifex Maximus.

— Mas o Pontifex Maximus sempre foi eleito! — exclamou Lúcio Cláudio, o Rex Sacrorum, surpreendido. — Ele é o Sacerdote Máximo da República! A sua nomeação tem de ser democrática!

— Pois eu respondo que não. A partir de agora, também ele será escolhido pelos seus colegas do Colégio dos Pontífices — disse Sila num tom que não admitia contestação. — E tenho toda a razão para tomar esta medida.

— Não sei... — ia a dizer Flaco, mas desistiu logo que os seus olhos encontraram o terrível olhar de Sila.

— Pois eu sei! Portanto, acabou-se a discussão! — O olhar de Sila passeou por todos aqueles rostos acabrunhados e calou todos os eventuais protestos. — Penso também que desagrada aos nossos deuses que haja tão poucos sacerdotes. Por isso, tenciono dar a cada um

dos colégios sacerdotais — tanto os principais como os secundários — um número maior de membros: quinze, em vez dos antigos dez ou doze. Já basta desta tortura de cada homem ter de fazer dois trabalhos ao mesmo tempo! Além disso, quinze é um número de sorte, o fulcro em torno do qual o treze e o dezassete — os números aziagos — giram. A magia é importante. A magia abre caminhos para as forças divinas avançarem. Acredito que os números têm uma magia muito forte. Por isso, desenvolveremos a magia para benefício de Roma, como é nosso dever sagrado.

— Talvez — ousou Metelo Pio — pu-pu-pudéssemos apresentar um ú-ú-único candidato a Pontifex Maximus... Dessa forma, mantinha-se o processo eleitoral.

— Não haverá processo eleitoral! — ripostou Sila. Seguiu-se um pesado silêncio. Nada mexia naquela estreita sala. Momentos depois, Sila reatou o seu discurso.

— Há um sacerdote que não vejo com bons olhos, por uma série de importantes razões. Estou a referir-me ao nosso flamen Dialis, o jovem Caio Júlio César. Depois da morte de Lúcio Cornélio Mérula, Caio Mário e o seu corrupto adepto Cina nomearam o jovem César sacerdote especial de Júpiter. Os homens que o escolheram, só por si, já são suficientemente sinistros! Infringiram o habitual processo de selecção, o qual deveria ter envolvido todos os colégios. Uma outra razão para a minha inquietação tem a ver com os meus próprios antepassados, pois o primeiro Cornélio que foi cognominado Sila era flamen Dialis. Mas o incêndio do Grande Templo é, de longe, a mais ominosa das razões. Por tudo isto, tratei de me informar acerca deste jovem e fiquei a saber que ele se recusou terminantemente a observar os regulamentos relacionados com o seu cargo antes de assumir a toga virilis. Desde então, tanto quanto sei, o seu comportamento tem sido ortodoxo. Ora, o modo como ele se comportou antes pode perfeitamente ter sido um sintoma da sua juventude. Mas aquilo que eu penso não é importante. Que pensa Júpiter Optimus Maximus? Isso é que é importante! Porque, meus colegas sacerdotes e augures, eu verifiquei que o incêndio do templo de Júpiter se extinguiu dois dias antes dos Idos de Quinctilis. Ora o flamen Dialis nasceu nesse mesmo dia do ano. Um presságio!

— Podia ser um bom presságio — disse Cota, que se preocupava com a sorte daquele flamen Dialis.

— Claro que podia — retorquiu Sila. — Mas não é a mim que me cabe dizê-lo. Na minha qualidade de Ditador, tenho liberdade para determinar o método pelo qual os nossos

sacerdotes e augures são nomeados, tenho liberdade para abolir as eleições. Mas o flamen Dialis é algo de diverso. São vocês todos quem tem de decidir da sua sorte. Vocês todos! Os feciais, os pontífices, os augures, os sacerdotes dos livros sagrados, até mesmo os epulones e os salii. Cota, encarrego-te da investigação, já que tu és o sacerdote com mais tempo de serviço. Dou-te um prazo até aos Idos de Dezembro, altura em que voltaremos a reunir-nos neste templo para discutirmos a posição religiosa do actual flamen Dialis. — Olhou gravemente para Cota. — Mas nada do que aqui se passou ou venha a passar deve chegar aos ouvidos de outras pessoas e, em especial, aos ouvidos do jovem César.

Terminada a reunião, Sila seguiu imediatamente para casa, soltando risinhos excitados e esfregando as mãos de contente. É que Sila tinha imaginado a mais maravilhosa das brincadeiras! O tipo de brincadeira que daria toda a força necessária a Júpiter Optimus Maximus. Uma oferenda! Uma vítima sacrificial viva, em honra de Roma — em honra da República, de que ele era o Sumo Sacerdote! Sila fora chamado a suplantar o Rex Sacrorum, a garantir que a República superasse os reis, e todos os reis tinham sido também Rex Sacrorum. Ah, que brincadeira soberba!, exclamou para si mesmo, chorando de riso. Oferecerei ao Grande Deus uma vítima que consentirá no sacrifício, e que continuará a sacrificar-se até à sua morte! Dotarei a República e o Grande Deus do melhor segmento da vida de um homem — oferecer-lhe-ei o seu sofrimento, a sua tristeza, a sua dor. E tudo isso com o consentimento dele. Porque ele nunca se recusará a ser sacrificado.

No dia seguinte, Sila publicou as primeiras das suas leis visando a regulamentação da religião do Estado, afixando-as nos rostra e nas paredes da Regia. De início, os freqüentadores desses locais pensaram que era uma nova lista de prescritos e, por isso, os caçadores de prêmios profissionais correram a ler os textos; mas logo abalaram, manifestando a sua decepção: afinal era uma lista dos actuais membros dos vários colégios sacerdotais, principais e secundários. Quinze membros para cada colégio, divididos algo ao acaso entre patrícios e plebeus (com os plebeus em maioria) e criteriosamente distribuídos pelas Famílias Famosas. Naquela lista, só havia nomes famosos: nada de Pompeus, Túlios ou Dídios! Mas sim Júlios, Servílios, Júnios, Emílios, Cornélios, Cláudios, Sulpícios, Valérios, Domícios, Múcios, Licínios, Antónios, Mânlios, Cecílios, Terêncios. Verificava-se também que Sila se tinha atribuído um cargo de sacerdote para complementar as funções de augure que já assumia — e que ele era o único homem que

dispunha dos dois cargos.

— Eu tenho de ter um pé nos dois campos — disse ele para si mesmo quando estudou o caso. — Eu sou o Ditador.

No dia seguinte, publicou uma adenda contendo um único nome. O nome do novo Pontifex Maximus. Quinto Cecílio Metelo Pio, o Bacorinho. O Sumo Gago.

O povo de Roma ficou horrorizado quando viu aquele nome aterrador nos rostra e na Regia — o novo Pontifex Maximus era Metelo Pio? Como poderia isso ser? Que se passava com Sila? Teria enlouquecido?

Uma delegação foi ter com ele à casa de Aenobarbo, uma delegação receosa e aflita, constituída por sacerdotes e augures, incluindo o próprio Metelo Pio. Por razões óbvias, Metelo Pio não era o porta-voz; gaguejava tanto ultimamente que ninguém queria passar pela aflição de o ver, frente a Sila, travando uma luta terrível com a sua própria afecção. O porta-voz era Catulo.

— Porquê, Lúcio Cornélio? — lamentou-se Catulo. — Não temos o direito de nos pronunciar sobre isto?

— Eu não que-que-que-quero o car-car-car-cargo! — disse o Bacorinho, gaguejando mais do que nunca, os olhos revirando-se nas órbitas, as mãos numa agitação imparável.

— Não podes fazer uma coisa destas, Lúcio Cornélio! — exclamou Vátia.

— É impossível! — gritou o cunhado de Sila, Mamerco. Sila deixou-os desabafar tudo antes de responder, sem sinal de emoção nem no rosto, nem nos olhos; mandava a brincadeira que congeminara que eles nunca se apercebessem de que era uma brincadeira. Era preciso que eles vissem sempre um Sila sério e grave. E ele estava de facto sério e grave! Estava mesmo! Júpiter tinha-lhe aparecido num sonho, a noite anterior, e dissera-lhe que estava encantado com aquela brincadeira maravilhosa, perfeita. E a delegação lá foi desabafando. Caiu então um silêncio feito de apreensão, um silêncio só interrompido pelo choro do Bacorinho.

— Na realidade — disse Lúcio Cornélio Sila num tom informal —, o meu cargo de Ditador permite-me fazer tudo o que quiser. Mas a questão não é essa. A questão é que eu sonhei que Júpiter Optimus Maximus veio ter comigo e me pediu, muito concretamente, que nomeasse Quinto Cecílio Pontifex Maximus.

Quando acordei, fui verificar os augúrios e concluí que eram muito propícios. A caminho do Fórum, quando fui afixar os pergaminhos nos rostra e na Regia, vi quinze águias

voando da esquerda para a direita ao longo do Capitólio. Nenhuma coruja piava, nenhum relâmpago atravessou os céus.

A delegação fitou Sila, mas depois baixou os olhos. Ele estava a falar a sério. E, pelos vistos, Júpiter Optimus Maximus também tinha falado a sério.

— Mas um ritual não pode conter um único erro! — exclamou Vátia. — Nenhum gesto, nenhuma acção, nenhuma palavra podem estar errados! Se alguma coisa é feita ou dita erroneamente, toda a cerimónia tem de recomeçar desde o princípio!

— Estou consciente disso — retorquiu afavelmente Sila.

— Lúcio Cornélio, com certeza que estás a ver o problema! — exclamou Catulo. — Pio gagueja em todas as frases que diz! Por isso, sempre que tiver de falar na sua qualidade de Pontifex Maximus, vamos ter de estar a ouvi-lo uma eternidade.

— Vejo o problema da forma mais clara possível — disse Sila com a maior seriedade.

— Lembra-te de que também eu terei de ouvi-lo durante uma eternidade. — Encolhendo os ombros, prosseguiu: — Que poderei eu dizer, a não ser que, provavelmente, se trata de um novo sacrifício que o Grande Deus nos pede, por nós não termos cumprido correctamente os nossos deveres perante os deuses? — Virou-se para Metelo Pio e envolveu nas suas mãos uma das mãos nervosas e inquietas do seu antigo legado. — É claro que podes recusar, caro Bacorinho. Não há nada nas nossas leis religiosas que te impeça de recusar.

E Bacorinho usou a mão que tinha livre para pegar numa dobra da toga e limpar os olhos e o nariz. Respirou fundo e disse:

— Eu aceito o cargo, Lúcio Cornélio, se é isso que o Grande Deus quer de mi-mi-mim.

— Ah, estão a ver?! — disse Sila, acariciando a mão do outro. — Quase não gaguejaste! Pratica, querido Bacorinho! Pratica!

Aquele era um momento extremamente perigoso: Sila quase não conseguia reprimir uma gargalhada. Por isso, despediu-se rapidamente da delegação e correu para o seu estúdio, onde se trancou. Os seus joelhos cederam; caiu em cima de um divã, envolveu o corpo com os braços e uivou de riso, enquanto lágrimas de alegria lhe corriam pela face. Não conseguindo respirar facilmente, rolou para o chão e aí ficou, guinchando, arquejando, as pernas pontapeando o ar, com tantas dores de tanto rir que chegou a pensar que ainda morria. Mas continuou a rir, seguro no conhecimento de que os augúrios tinham de facto sido propícios. E durante o resto do

dia, sempre que a expressão de nobre sacrifício do Bacorinho lhe vinha à lembrança, dobrava-se sobre si mesmo, acometido de novo paroxismo de riso; e com a mesma violência se ria sempre que se lembrava das expressões de Catulo, de Vátia, do seu cunhado. Que maravilha, que maravilha! Esta brincadeira jupiteriana era a justiça na sua máxima perfeição. Toda a gente tinha recebido exactamente o que merecia. Incluindo Lúcio Cornélio Sila.

Nos Idos de Dezembro, cerca de sessenta homens — membros de todos os colégios sacerdotais, tanto os principais como os secundários — comprimiam-se no reduzido espaço do templo de Júpiter Ferétrio.

— Já prestámos as devidas homenagens ao deus — disse Sila. — Creio que ele não se importará se nos reunirmos ao ar livre.

Sila sentou-se no muro baixo que separava o velho Asilo dos terrenos que se elevavam, de ambos os lados, na direcção dos montes gémeos do Capitólio e do Arx, e, com um gesto, indicou aos outros que deviam sentar-se na relva.

Aquela era uma das características mais estranhas da personalidade de Sila, pensou o desesperadamente infeliz Bacorinho: era capaz de dar a maior dignidade a coisas sem grande importância e, ao mesmo tempo, como sucedia agora, não tinha qualquer pejo em reduzir situações de uma extrema importância à mais absoluta informalidade. Para os visitantes e turistas do monte Capitólio — para os homens e mulheres que chegavam ofegantes ao alto dos degraus do Asilo ou dos degraus Gemonianos, tomando um atalho entre o Fórum Romano e o Campo de Marte —, aquele conjunto faria por certo lembrar os filósofos que passeavam com os seus discípulos, ou um velho pai do campo com todos os seus irmãos, sobrinhos, filhos e primos.

— Que tens a dizer-nos, Caio Aurélio? — perguntou Sila a Cota, que estava sentado a meio da primeira fila.

— Em primeiro lugar, Lúcio Cornélio, que esta foi, para mim, uma tarefa muito difícil — respondeu Cota. — Sabes com certeza que o jovem César, o flamen Dialis, é meu sobrinho...

— Também é meu sobrinho, ainda que por casamento e não por sangue — retorquiu calmamente o Ditador.

— Então, gostaria de te pôr uma questão. Tencionas proscrever os Césares?

Sem que o desejasse, Sila deu consigo a pensar em Aurélia; com ênfase, abanou a cabeça.

— Não, Cota, não tenciono fazer isso. Os Césares que foram meus cunhados há tantos anos atrás estão ambos mortos. Na realidade, nunca cometeram crimes contra o Estado, apesar de serem homens de Mário. Havia razões para isso. Mário ajudou financeiramente a família e eles sentiam-se ligados a ele pelos laços da gratidão. A viúva do velho Caio Mário é tia do rapaz e a irmã dela foi a minha primeira mulher.

— Mas proscreveste as famílias de Mário e de Cina.

— Sim, isso é verdade.

— Obrigado — disse Cota, com ar de quem se sentia aliviado. Pigarreou e prosseguiu:

— O jovem César tinha apenas treze anos quando foi solene e devidamente consagrado como sacerdote de Júpiter Optimus Maximus. Preenchia todos os critérios, excepto um: era um patrício com os pais ainda vivos, mas não se encontrava casado com uma mulher patrícia com ambos os pais vivos. No entanto, Mário arranjou-lhe uma noiva, com a qual o jovem se casou antes das cerimónias de tomada de posse e consagração. A noiva era a filha mais nova de Cina.

— Que idade tinha ela? — perguntou Sila, fazendo um sinal para o criado, que imediatamente lhe trouxe um chapéu de palha de abas largas. O chapéu, depois de convenientemente ajustado à cabeça, dava-lhe um ar dissimulado, realçando a manha do olhar: enfim, o aspecto de um verdadeiro patriarca da província.

— Tinha sete anos.

— Estou a ver. Um casamento de crianças, sem tirar nem pôr. Que nojo! Cina estava faminto de poder, não era?

— Sem sombra de dúvida — retorquiu Cota, pouco à vontade. — Seja como for, a verdade é que o rapaz não recebeu de braços abertos o seu cargo de flâmine. Insistiu que, enquanto não vestisse a toga de homem adulto, deveria dedicar-se às práticas que são comuns entre a juventude nobre romana. Por isso, não deixou de ir fazer os seus exercícios militares no Campo de Marte. Esgrimiu, lançou setas, arremessou lanças — e revelou muito talento em todas essas práticas. Segundo me disseram, costumava fazer algo de notável: cavalgava um cavalo muito veloz, no máximo do seu galope, com as mãos atrás das costas — e sem sela! Os velhos instrutores do Campo de Marte lembram-se muito bem dele e consideram que, dadas as suas naturais aptidões para o exército, é uma pena o rapaz ter sido nomeado flâmine. Quanto a outros pontos do seu comportamento, a minha fonte é a mãe dele — a minha meia-irmã Aurélia.

Segundo ela, o jovem César não aderia, nessa altura, ao regime alimentar estipulado, aparava as unhas com uma faca de ferro, mandava que lhe cortassem o cabelo com uma navalha de ferro e usava nós e fivelas no vestuário.

— Que aconteceu depois de ter vestido a toga virilis?

— Mudou radicalmente — disse Cota, expressando uma imensa surpresa. — A rebelião, se é que, de facto, foi rebelião, cessou por completo. Ele sempre cumprira os seus deveres religiosos com o maior escrúpulo. Porém, a partir desse momento, passou a usar permanentemente o apex e a laena e obedeceu a todas as proibições. A mãe diz que ele não passou a gostar mais do seu cargo, mas que acabou por aceitá-lo.

— Estou a ver — disse Sila, batendo ligeiramente com os calcanhares no muro. — bom, parece-me muito satisfatório o teu inquérito, Cota. A que conclusão chegaste acerca do jovem César e do seu cargo de flâmine?

Cota franziu o sobrolho.

— Há um problema. Se pudéssemos dispor agora de todos os livros proféticos que possuíamos, então o caso seria sem dúvida esclarecido. Mas não dispomos desses livros. Por isso, achámos que era impossível formular uma opinião conclusiva. Não há dúvida de que o rapaz é, legalmente, flamen Dialis, mas, do ponto de vista religioso, já não estamos tão certos.

— Porquê?

— Tudo depende do estatuto cívico da mulher de César. Cinila, como lhe chamam. Agora com doze anos. De uma coisa estamos absolutamente certos — o flamen Dialis é uma entidade dual que envolve tanto o marido como a mulher. Ela tem o título religioso de flaminica Dialis, ela tem de respeitar os mesmos tabus, ela tem de cumprir os seus próprios deveres religiosos. Se não preencher os critérios religiosos, então todo o flaminato ficará posto em causa. E nós chegámos à conclusão de que ela não preenche os critérios religiosos, Lúcio Cornélio.

— A sério? Como chegaram a essa conclusão, Cota? — Sila batia com mais força na parede, enquanto pensava noutra coisa. — O casamento foi consumado?

— Não, não foi. Cinila tem vivido com a minha irmã e a família da minha irmã desde que casou com o jovem César. E a minha irmã é uma nobre romana da maior decência — disse Cota.

Um breve sorriso aflorou aos lábios de Sila.

— Eu sei que ela é decente — disse.

— Sim, bom... — Cota mexeu-se, desconfortável, lembrando-se das discussões que houvera em sua casa a propósito da natureza da amizade entre Aurélia e Sila; por outro lado, estava consciente de que teria forçosamente de criticar uma das novas leis de prescrição de Sila. Mas mergulhou corajosamente no assunto, decidido a não deixar nada de lado. — Pensamos que César é o flamen Dialis, mas que a sua mulher não é a flaminica. Pelo menos, foi assim que interpretámos as tuas leis da proscrição, as quais, no caso dos filhos de menor idade dos prescritos, não dizem com clareza se esses filhos estão sujeitos à lex Minicia. O filho de Cina era maior quando o seu pai foi prescrito, logo a sua cidadania não estava em causa. Mas que dizer do estatuto de cidadão dos filhos de menor idade, e especialmente das raparigas? A tua lei implica a aplicação da lex Minicia, ou — como acontece quando um tribunal decide exilar alguém — será que a perda de cidadania por parte do pai o afecta apenas a ele? Era sobre isto que tínhamos de decidir. E, dada a severidade das tuas leis de proscrição no que toca aos direitos dos filhos e de outros herdeiros, chegámos à conclusão de que a lex Minicia de liberis deve ser aplicada.

— Meu caro Bacorinho, que tens tu a dizer? — perguntou, muito sério, Sila, ignorando inteiramente as implicações daquela obscuridade legislativa. — Demora o tempo que for preciso! Eu hoje não tenho mais nada que fazer.

Metelo Pio corou.

— Como diz Caio Cota, a lei relativa ao estatuto de cidadão de uma criança deve ser aplicada. Quando um dos pais não é cidadão romano, então a criança não pode ser cidadã romana. Por isso, a mulher de César não é uma cidadã romana e, por isso, segundo as leis religiosas, não poderá ser flaminica Dialis. — Brilhante! Brilhante! Disseste isso tudo sem te engasgares uma única vez, Bacorinho! — Os calcanhares de Sila batiam cada vez mais forte no muro. — Nesse caso, a culpa é toda minha, não é? Deixei uma lei aberta a interpretações em vez de definir todos os pormenores, como deveria ter feito. É isso, não é?

Cota respirou fundo.

— É — disse ele, heroicamente.

— É de facto verdade — disse Vátia, juntando a sua pequena acha para a discussão. — No entanto, estamos perfeitamente conscientes de que a nossa interpretação pode estar errada. Por isso, gostaríamos de saber qual a tua orientação.

— Muito bem — disse Sila, descendo do muro. — Parece-me que a melhor maneira de resolver este dilema é permitir que César case com uma nova flaminica. Embora o seu casamento tenha sido por certo confarreatio, do ponto de vista civil e religioso o divórcio é perfeitamente possível. Penso, por isso, que César deve divorciar-se da filha de Cina, pois esta não pode ser aceite pelo Grande Deus como sua flaminica.

— Uma anulação, por certo! — disse Cota.

— Um divórcio — retorquiu firmemente Sila. — Ainda que toda a gente possa jurar que o casamento não foi consumado — e, aliás, até podíamos mandar as Vestais examinar o hímen da jovem —, o problema é que, neste caso, estamos a lidar com Júpiter Optimus Maximus. Disseram-me vocês que as minhas leis estão abertas à interpretação. Na realidade, vocês chegaram mesmo ao ponto de as interpretar — sem me consultarem antes de tomar uma decisão. É aí que reside o vosso erro. Deviam ter-me consultado. Mas como não o fizeram, agora têm de suportar as conseqüências. Um divórcio diffarreatio. Cota estremeceu.

— Diffarreatio! Isso é terrível! — A tua dor faz-me chorar, Cota.

— Nesse caso, informarei o rapaz — disse Cota, com a boca seca.

Sila estendeu a mão.

— Não! — disse ele, bruscamente. — Não digam nada ao rapaz! Nada de nada! Digam-lhe apenas que vá a minha casa amanhã, antes do jantar. Prefiro ser eu próprio a dizer-lho. Entendido?

— Tens de ir falar com Sila, sobrinho — disse Cota a César e Aurélia, pouco tempo depois.

Tanto César como a mãe ficaram com um ar apreensivo, mas despediram-se de Cota sem um comentário. Mal o irmão saiu, Aurélia acompanhou o filho ao seu gabinete.

— Senta-te, mãe, por favor — disse-lhe ele com ternura. Ela sentou-se, mas na ponta da cadeira.

— Não estou a gostar disto — disse ela. — Por que razão é que ele te quererá ver em privado?

— Ouviste o que disse o tio Caio. Sila está a reformar as ordens religiosas e quer falar comigo na minha qualidade de flamen Dialis.

— Não acredito nisso — retorquiu a obstinada Aurélia.

Preocupado, César descansou o queixo na mão direita e examinou atentamente a mãe.

César não estava preocupado consigo mesmo, pois sabia que estava preparado para enfrentar tudo o que pudesse suceder-lhe. Não, era com ela que ele estava preocupado, com ela e com todas as mulheres da família.

A tragédia avançara inexoravelmente desde o momento em que o jovem Mário convocara a família para discutir a sua eventual aceitação do cargo de cônsul. Depois de um primeiro período, dominado por uma alegria e uma confiança que eram absolutamente artificiais, veio aquele Inverno terrível e, com ele, a lenta e progressiva queda do jovem Mário, até que se abriu sob os seus pés o abismo sem fundo que fora a derrota de Sacriporto. Ninguém o vira desde que se tornara cônsul, incluindo a mãe e a mulher. Uma amante tinha surgido na sua vida, uma bela romana de uma família de cavaleiros, Précia de seu nome, a qual monopolizou todos os momentos livres que o jovem Mário conseguia encontrar. Suficientemente rica para dispor de independência financeira, Précia, quando seduzira o jovem Mário, tinha já 37 anos e não revelava a mínima inclinação para o casamento. Havia casado aos 18 anos, mas apenas para obedecer aos ditames do pai, que morrera pouco tempo depois; Précia envolvera-se depois numa série de casos amorosos e o marido acabara por divorciar-se. O que lhe convinha perfeitamente, pois depressa começou a fazer o tipo de vida que mais lhe agradava: ser dona do seu próprio estabelecimento e amante de alguns interessantes nobres, os quais levavam amigos, problemas e intrigas políticas para o divã e para a cama dela, permitindo-lhe assim combinar a política com a paixão — uma combinação irresistível para Précia, tendo em conta as suas inclinações.

O jovem Mário fora o maior peixe que Précia apanhara na sua rede. Mas aquela mulher de 37 anos acabara por gostar muito dele. Divertiam-na as poses juvenis, fascinava-a o poder inerente ao nome Caio Mário, e agradava-lhe muito o facto de o jovem cônsul sénior a preferir à mãe, Júlia, e à mulher, Múcia. Por isso, abrira as portas da sua casa — uma casa enorme e decorada com muito gosto — a todos os amigos do jovem Mário, e a sua cama a um pequeno e selecto grupo que constituía o círculo mais próximo do cônsul sénior. Logo que Carbão (que ela odiava) partiu para Arimino, Précia tornou-se o principal conselheiro do jovem Mário, e imaginava mesmo que era ela, e não o jovem, quem de facto governava Roma.

Por isso, quando chegou a notícia de que Sila ia deixar Teano Sidicino e o jovem Mário anunciou que era tempo de se ir juntar às suas tropas em Ad Pictas, Précia gracejara com a ideia

de se tornar uma cortesã de acampamento guerreiro, acompanhando o jovem cônsul nas manobras da guerra. Mas o gracejo não deu qualquer fruto; o jovem Mário encontrou uma solução típica para o problema em que ela se tinha transformado: deixou Roma já de noite sem lhe dizer para onde ia. Mas Précia não chorou uma lágrima. Pelo contrário, tratou de procurar outra diversão.

Por tudo isto, nem a mãe, nem a mulher de Mário tinham tido oportunidade de se despedir dele, de lhe desejar a sorte de que ele por certo precisaria. Quando deram por isso, já ele tinha partido. E nunca mais voltaria. A notícia de Sacriporto só se espalhara por Roma depois de Bruto Damasipo (um homem demasiado ligado a Carbão para poder gostar de Précia) ter lançado o seu banho de sangue. Entre as suas vítimas, contava-se Quinto Múcio Cévola Pontifex Maximus, o sogro do jovem Mário e um bom amigo de Júlia.

— Foi o meu filho que mandou fazer isto — disse Júlia a Aurélia quando esta a procurou na esperança de que pudesse fazer alguma coisa.

— Ora, Júlia, que disparate! — retorquiu Aurélia, afável e terna. — Foi Bruto Damasipo, mais ninguém. — Eu vi a carta que o meu filho mandou de Sacriporto — disse Júlia, recuperando por um instante do choro e dos soluços. — Ele não conseguiu aceitar a derrota sem ter de ordenar esta miserável retaliação. E agora, como posso esperar que a minha nora volte a falar comigo?

César tinha-se escondido num recanto da sala e observava, com extrema concentração, os rostos das duas mulheres. Como podia o filho da tia Júlia ter feito uma coisa daquelas à mãe? Em particular, depois de o seu pai, já senil e louco, ter feito o que fez? Júlia estava presa numa teia de tristeza e dor, tão presa como uma mosca num bocado de âmbar. Mas a sua beleza, naquela postura estática em que ela estava, era ainda maior, e a dor parecia não se reflectir nos seus traços, como se tivesse refluído toda para o seu coração. Nem nos seus olhos se reflectia esse imenso sofrimento.

Nesse instante entrou Múcia; Júlia encolheu-se, tratou de evitar o olhar da nora.

Aurélia tinha-se sentado muito direita; os traços do seu rosto tinham ganho uma qualidade acerba, quase pétrea.

— Múcia Tércia, censuras Júlia pelo assassínio do teu pai? — perguntou.

— É claro que não — retorquiu a mulher do jovem Mário, sentando-se perto de Júlia o

suficiente para lhe poder envolver as mãos. — Júlia, por favor, olha para mim!

— Não posso!

— Mas tens de olhar para mim! Eu não tenciono mudar-me para casa de meu pai e viver com a minha madrasta. Nem quero ir para casa de minha mãe, onde teria de viver com os horrendos filhos dela. Quero ficar aqui, com a minha querida sogra.

E as coisas acabaram por se compor. Júlia e Múcia Tércia conseguiram ter alguma paz para continuar a fazer a sua vida normal, ainda que não recebessem notícias do jovem Mário, então cercado em Preneste, e que todas as notícias vindas dos vários campos de batalha fossem favoráveis a Sila. Se fosse filho de Aurélia, pensou César, o jovem Mário não se sentiria muito confortado por mandar notícias para a mãe, enquanto os dias em Preneste se arrastavam interminavelmente. Aurélia não era tão terna, tão carinhosa, tão clemente como Júlia — mas se Aurélia o fosse, concluiu César com um sorriso, então ele era muito capaz de se parecer com o jovem Mário! César possuía a capacidade de desapego da mãe. E também a sua dureza.

Mas as más notícias foram-se acumulando: Carbão fugira pela calada da noite; Sila obrigara os Samnitas a recuar; Pompeu e Crasso tinham derrotado os homens que Carbão abandonara em Clúsio; o Bacorinho e Varrão Lúculo controlavam a Gália Italiana; Sila entrara em Roma apenas por algumas horas a fim de nomear um governo provisório — e deixara Torquato com a cavalaria trácia, a fim de garantir o funcionamento desse governo provisório.

Mas Sila não fora visitar Aurélia, facto que fascinou o filho dela o suficiente para tentar levá-la a falar sobre o assunto. Do inesperado encontro que tivera com Sila em Teano Sidicino, Aurélia quase nada dissera; e agora ali estava ela, sempre calma, mas debatendo-se com o rompimento de uma tradição.

— Ele devia ter vindo visitar-te! — disse-lhe nessa altura César.

— Ele nunca mais me vai visitar — retorquiu Aurélia.

— Porque não?

— Essas visitas pertencem a outros tempos, a tempos diferentes destes.

— Pertecem a um tempo em que ele era suficientemente bonito para despertar paixões? — atirou-lhe o filho, deixando que o seu génio, rigidamente controlado, viesse de súbito ao de cima.

Mas ela reagiu glacialmente, lançando-lhe um olhar esmagador.

— Além de estúpido, ainda és grosseiro! Deixa-me! — disse ela. Ele deixou-a. E não mais voltou a tocar no assunto. O que Sila significava para a mãe, era assunto só dela.

Entretanto, souberam da torre que o jovem Mário construíra e do seu miserável fim, bem como das outras tentativas que fez para vencer o cerco de Ofela. Até que, no último dia de Outubro, chegou a terrível notícia de que noventa mil samnitas se encontravam no acampamento de Pompeu Estrabão, à saída da Porta Colina.

Os dois dias que se seguiram foram os piores dias da vida de César. Sufocando debaixo das suas vestes sacerdotais, impossibilitado de tocar numa espada ou de assistir à morte de quem quer que fosse, trancou-se no seu gabinete e começou a trabalhar num novo poema épico — em latim, não em grego —, optando pelo hexâmetro dactílico para tornar a sua tarefa mais difícil. O ruído da batalha chegava de forma nítida aos seus ouvidos, mas ele fazia o possível por se abstrair dele, entregando-se à construção de desvairados espondeus e expressões vazias, ansiando por estar no campo de batalha, admitindo para si mesmo que tanto lhe faria lutar por um lado como lutar pelo outro, o que lhe interessava era combater...

E depois de os ruídos da batalha se terem esbatido durante a noite, saiu disparado do seu gabinete e foi encontrar a mãe no escritório, debruçada sobre as suas contas. Parou no vão da porta, convulsionado por uma raiva imensa.

— Como posso eu escrever aquilo que não faço? — perguntou. — O tema da grande literatura não é a guerra, não são os guerreiros? Será que Homero perdeu o seu tempo com histórias ocas e floreados de estilo? Será que Tucídides considerou a arte da apicultura um assunto adequado à sua pena?

Aurélia sabia muito bem como acalmá-lo. Por isso, respondeu-lhe num tom rigorosamente neutral:

— Provavelmente não. — E logo regressou ao seu trabalho. E essa noite marcou o fim da paz.. O filho de Júlia estava morto — todos estavam mortos e Roma pertencia a Sila. O qual não vinha visitá-los nem mandava qualquer mensagem.

Toda a gente ficou rapidamente a saber que o Senado e a Assembleia das Centúrias o tinham nomeado Ditador. E toda a gente falava do caso a todo o momento. Mas foi Lúcio Decúmio quem informou César e o jovem Caio Macio, que vivia no outro apartamento térreo, acerca do mistério dos cavaleiros desaparecidos.

— Todos os homens que fizeram riqueza sob os governos de Mário, Cina ou Carbão, desapareceram. E não foi por acidente. Sorte para ti que o teu pai tenha morrido há alguns anos, Borbulha — disse Lúcio Decúmio para Caio Macio, que suportava a desagradável alcunha de Pústula — Borbulha — desde que começara a andar. — E tu também tens sorte pelo mesmo motivo, meu jovem Pavão — acrescentou, para César.

— Que queres dizer com isso? — perguntou Macio, intrigado.

— Quero dizer que andam para aí uns tipos, todos com um ar muito discreto, a caçar cavaleiros ricos — disse o zelador das encruzilhadas. — A maior parte desses tipos são homens libertos, mas não têm nada a ver com esses gregos linguarados que andam para aí e que por acaso até andam metidos uns com os outros. Não, a esses tipos chamam-lhes os não sei quê de Lúcio Cornélio, mas eu e os meus confrades chamamos-lhes Silanos. São os Silanos porque pertencem a Sila. Reparem bem no que lhes digo: essa gente não pode trazer nada de bom! E o que eu prevejo é que ainda lhes falta caçar um ror de cavaleiros ricos.

— Mas Sila não pode fazer uma coisa dessas! — disse Macio, com os lábios comprimidos.

— Sila pode fazer tudo o que lhe apetecer — disse César. — Ele tornou-se Ditador. É melhor do que ser rei. Os seus edictos têm força de lei e, além disso, não está preso à lex Caecilia Didia, que prevê um prazo de dezassete dias entre a promulgação e a ratificação. Nem sequer precisa de discutir as suas leis no Senado ou nas Assembleias. E não tem de responder pelas suas acções presentes, nem passadas. — Fez uma pausa e, com um ar pensativo, acrescentou: — No entanto, creio que Roma estaria condenada a morrer se por acaso não fosse dirigida agora com mão de ferro. Por isso, espero que tudo lhe corra bem. E espero que tenha a visão e a coragem para fazer tudo o que é preciso fazer.

— Aquele homem tem desplante suficiente para fazer tudo o que muito bem entender! — disse Lúcio Decúmio.

Vivendo no centro do bairro de Subura — a zona mais pobre e mais poliglota de Roma —, qualquer deles pôde verificar que as proscrições de Sila não tiveram na vida do bairro o mesmo efeito que tiveram em zonas como as Carinas, o Palatino, o alto Quirinal e o Viminal. Embora houvesse em Subura bastantes cavaleiros da Primeira Classe vivendo no meio de gente muito pobre, poucos eram os que tinham um estatuto acima do tribunus aerarius ou os que

tinham mantido contactos políticos agora considerados perigosos.

Quando foi publicada a primeira lista e se verificou que o nome do jovem Mário era o segundo, Júlia e Múcia Tércia foram ter com Aurélia; esta não deixou de ficar surpreendida porque normalmente era ela quem as visitava. Surpreenderam-na ainda mais as notícias sobre a lista, as quais não tinham ainda chegado a um local tão distante como era Subura; Sila não tinha mantido Júlia na expectativa quanto ao seu destino.

— O pretor urbano, o jovem Dolabela, trouxe-me a notícia — disse Júlia, estremecendo ao pronunciar aquele nome. — Que homem horrendo! Todos os bens do meu pobre filho foram confiscados. Não há nada que se possa salvar.

— A tua casa também foi confiscada? — perguntou Aurélia, lívida.

— Tudo. Aquele homem tinha uma lista de tudo. Todos os interesses mineiros na Hispânia, as terras da Etrúria, a nossa villa em Cumas, a casa de Roma, outras terras que Caio Mário comprara na Lucânia e na Umbria, os latifúndios, de trigo junto ao rio Brágada, na Província de África, as tinturarias de lã em Hierápole, as fábricas de vidro de Sídon. Nem a quinta de Arpino escapou. Agora pertence tudo a Roma e, segundo me informaram, todos esses bens serão postos em hasta pública.

— Oh, Júlia!

Mas Júlia, sendo a pessoa que era, conseguia ainda ter um sorriso, um sorriso que por momentos lhe iluminou os olhos.

— Ah, mas nem tudo são más notícias! Sila enviou-me uma carta que me autoriza a retirar cem talentos de prata do conjunto dos bens. Enfim, foi o cálculo que ele fez relativamente ao meu eventual dote, eventual porque Caio Mário nunca se preocupou em dar-me um dote. Porque, de facto, e os deuses bem o sabem, quando me casei com ele não tinha uma moeda! Mas terei direito aos cem talentos porque, segundo Sila, sou irmã de Julila. Por respeito por Julila, que foi mulher dele, Sila não quis ver-me na total penúria. Para dizer a verdade, a carta até tinha algum encanto.

— Parece ser muito dinheiro. Mas, depois de tudo o que tiveste, não é nada — disse Aurélia, muito tensa.

— Chega para comprar uma boa casa na Rua Longa ou na Alta Semita e para me proporcionar um rendimento razoável. Claro que os escravos irão com os bens, mas Sila

autorizou-me a ficar com Estrofantes. Ah, isso deixou-me tão contente! O pobre velhote já sofreu demais. — Parou por um momento, os olhos cheios de lágrimas, não por ela mas por Estrofantes. — Seja como for — prosseguiu —, creio quevou poder levar uma vida confortável. O mesmo não podem dizer as mães ou esposas de outros homens que vêm na lista. Essas não ficarão com nada.

— E tu, Múcia Tércia? — perguntou César. — És considerada como pertencendo aos Múcios ou aos Mários? — César não notava nela qualquer sinal de tristeza pela morte do marido, nem sequer um pouco de autocomiseração face à sua situação de viúva. Sabia-se que a tia Júlia sofria, e muito, ainda que ela nunca o mostrasse. Mas Múcia Tércia?

— Fui considerada como pertencendo aos Mários — disse ela. — Por isso perdi o meu dote. Os bens do meu pai sofreram uma forte redução nos últimos tempos. Aliás, no testamento dele, não havia nada para mim. E ainda que houvesse, a minha madrasta ter-se-ia encarregado de me afastar da posse de tudo. Quanto à minha mãe, está bem — Metelo Nepo é apoiante de Sila. Mas os dois filhos dela estão à minha frente, como seria de esperar. Eu e Júlia discutimos o problema quando vínhamos para aqui. Eu ficarei com ela. Sila proibiu-me de casar novamente, já que eu era mulher de um Mário. Não que eu quisesse voltar a casar. Não tinha a mínima intenção de o fazer.

— É um pesadelo! — exclamou Aurélia. Olhou para as suas mãos, sujas de tinta e um pouco inchadas nas articulações. Depois, acrescentou: — Provavelmente, também nós acabamos por ir parar à lista. O meu marido sempre apoiou Caio Mário. E apoiava Cina quando morreu.

— Mas esta ínsula está em teu nome, Mater. Como todos os Cotas apoiam Sila, a ínsula deverá continuar na tua posse — disse César. — Quanto a mim, pode ser que perca as minhas terras. Mas pelo menos, enquanto flamen Dialis, terei o meu salário pago pelo Estado e uma casa do Estado no Fórum. Suponho que Cinila perderá o seu dote.

— Julgo que os parentes de Cina perderão todos os seus bens — disse Júlia, com um suspiro. — Sila pretende acabar com todo o tipo de oposição.

— E que vai ser de Ânia? E da filha mais velha, Cornélia Cina? — perguntou Aurélia.

— Eu nunca gostei de Ânia. Foi fraca mãe para a Cinila e voltou a casar-se, com uma pressa indecente, após a morte de Cina. Por isso, atrevo-me a dizer que sobreviverá.

— Tens toda a razão. Está casada com Púpio Pisão Frugi há tempo suficiente para ser

considerada como membro da família Púpia — disse Júlia. — Eu soube muitas coisas através de Dolabela, ele estava ansioso por me dizer quem é que ia ser castigado! Cornélia Cina, coitada, é considerada como pertencendo aos Cneus Aenobarbos. Logo que Sila chegou, apossou-se da casa dela; e Ânia, por seu lado, não a quis receber. Creio que está a viver com uma velha tia, uma Vestal, na Via Recta.

— Ah, ainda bem que as minhas filhas se casaram com dois homens que pouco mais são que uns zés-ninguéns! — exclamou Aurélia.

— Eu também tenho as minhas notícias — disse César, para desviar as atenções das mulheres dos seus próprios problemas.

— Que notícias? — perguntou Múcia Tércia.

— Lépido deve ter tido uma premonição do que ia acontecer. Ontem, divorciou-se da mulher. Da filha de Saturnino, Apuleia.

— Ah, que coisa terrível! — exclamou Júlia. — Posso aceitar o facto de que aqueles que lutaram contra Sila devem ser castigados. Mas por que motivo hão-de os seus filhos e netos sofrer também? Toda essa história com Saturnino já se passou há tanto tempo! Sila não daria a mínima importância a Saturnino. Sendo assim, por que motivo fez Lépido uma coisa dessas à mulher? Ela deu-lhe três filhos esplêndidos, todos rapazes!

— Não lhe dará mais filhos a ele, nem a mais ninguém — disse César. — Apuleia meteu-se num banho quente e abriu as veias. E agora Lépido anda por aí chorando e soluçando, roído pela dor. Vejam só!

— Ah, mas ele sempre foi assim — disse Aurélia com desprezo. — Não nego que deve haver um lugar no mundo para os homens insignificantes, mas o problema de Marco Emílio Lépido é que ele acredita sinceramente que tem alguma substância dentro de si.

— Pobre Lépido! — suspirou Júlia.

— Pobre Apuleia — disse Múcia Tércia, num tom seco e duro.

Agora, porém, depois do que Cota lhes dissera, parecia que os Césares não seriam efectivamente prescritos. Os seiscentos iugera de Bovilas encontravam-se a salvo, César teria um censo senatorial. Não que ele precisasse de se preocupar com o censo senatorial!, pensou ele, com um ar de superioridade, enquanto via a neve caindo como se fosse uma cascata de pó. O flamen Dialis, de facto, era automaticamente membro do Senado.

Enquanto ele contemplava o súbito aparecimento do Inverno, a mãe observava-o. Uma pessoa notável, pensava Aurélia — e isso deve-se a mim, unicamente a mim, a mais ninguém. Mas apesar de ter muitas e excelentes qualidades, a verdade é que está longe de ser perfeito. Não é tão compreensivo, ou indulgente, ou terno, como o pai, ainda que tenha coisas do pai. Do pai, mas também minhas. É um homem tão brilhante sob tantos pontos de vista! Se há alguma coisa estragada cá em casa, basta chamá-lo que ele arranja tudo — canos, telhas, estuque, persianas, escoadouros, pinturas, madeira. E as melhorias que ele introduziu nos travões e nas gruas do nosso velho inventor! Até consegue escrever em hebreu e médio! E fala uma dúzia de línguas, porque conviveu com muitos estrangeiros nesta ínsula. Ainda rapaz, já era uma lenda no Campo de Marte, pelo menos é o que diz Lúcio Decúmio. Nada, monta, corre, como o melhor dos atletas. Os poemas e as peças que escreve — tão bons como os de Flauto e Énio, embora eu seja sua mãe e não devesse dizer uma coisa dessas. E domina a retórica como ninguém, segundo Marco António Gnifão. Como é que Gnifão disse? Ah, sim, disse que o meu filho consegue fazer chorar as pedras e irritar as montanhas. E percebe de leis. E consegue ler tudo num ápice, mesmo que a caligrafia seja horrenda! Não há mais ninguém em Roma que consiga uma coisa dessas: nem mesmo aquele prodígio, o Marco Túlio Cícero. Quanto a mulheres — ah, todas atrás dele! Em todo o bairro... não o largam, é uma loucura! Ele pensa que eu não sei, claro. Ele pensa que eu o julgo casto, que eu o imagino à espera da sua querida esposa. Pois bem, antes assim. Os homens são estranhas criaturas quando chegam ao momento de se tornar homens. Mas o meu filho não é perfeito. Apenas soberbamente dotado. Tem um temperamento terrível, mas esconde-o bem. Nalguns aspectos está demasiado virado para si mesmo e nem sempre é sensível aos sentimentos e às necessidades dos outros. Quanto à sua obsessão pela limpeza, bom, agrada-me que ele seja assim, tão niquento, tão picuinhas, mas também não sei onde é que ele foi buscar isso, a mim não foi com certeza. Recusa-se a ir para a cama com uma mulher se ela não vier directamente do banho e imagino que a inspecciona da cabeça aos pés. No bairro de Subura! No entanto, as mulheres são loucas por ele, e por isso essa mania até foi boa para o bairro: desde que ele fez 14 anos, que as mulheres deste bairro andam muito mais limpas! Catorze anos! Mas que precoce! Sempre desejei que o meu marido conhecesse outras mulheres durante os longos anos em que ele esteve fora, mas ele dizia-me sempre que não, que não queria outras mulheres, que preferia esperar por mim. Se havia coisa que eu não gostasse

nele, era essa. Porque, para mim, aquela atitude culpabilizava-me. Imagine-se: guardava-se para mim e, afinal, só muito raramente estava comigo. O meu filho nunca fará isso à sua mulher.

Espero que ela aprecie a sorte que tem. Sila. Sila mandou-o chamar. Quem me dera saber porquê. Quem me dera.

Aurélia despertou subitamente dos seus pensamentos: César, sentado à secretária, chamava-a e ria-se.

— Mas onde é que tu estás, mãe? — perguntou ele.

— Por todo o lado — respondeu ela, levantando-se, dando-se conta subitamente do frio. —vou pedir a Burgundo para trazer o braseiro, César. Este quarto está um gelo.

— Mas que exagerada! — retorquiu ele, ternamente.

— Não quero que vás ter com Sila a fungar e a espirrar — contrapôs Aurélia.

Mas no dia seguinte César estava perfeitamente bem: nem fungadelas, nem espirros. O jovem apresentou-se na casa de Cneu Aenobarbo uma boa hora antes do jantar, pois preferia esperar no átrio a chegar demasiado tarde. Como seria de esperar, o chefe dos criados — um grego de maneiras muito afectadas que o sujeitou a uma série de subtis e insinuantes olhares — informou-o de que chegara demasiado cedo.

— Não se importa de esperar um pouco? — perguntou-lhe o chefe dos criados. Dando-se conta de que o homem lhe provocava pele de galinha, César fez um breve aceno para lhe dizer que não se importava de esperar e virou imediatamente as costas àquele que, muito em breve, se tornaria famoso, àquele que toda a Roma conheceria como Crisógono.

Mas Crisógono não se ia embora; era evidente que ficara fascinado com César e que não resistira a tentar a sua sorte. César, pelo seu lado, teve o bom senso de não fazer o que lhe apetecia — partir-lhe os dentes todos. Momentos depois, porém, César teve uma inspiração decisiva: bruscamente, encaminhou-se para a varanda; o chefe dos criados detestava demasiado o frio para se dar ao trabalho de o seguir. Aquela casa tinha duas varandas. A que César escolhera, e onde fazia agora desenhos na neve para passar o tempo, não dava para o Fórum Romano, mas sim para o penhasco do Palatino na direcção da Clivus Victoriae. Mesmo acima encontrava-se a varanda de uma outra casa, a qual se projectava literalmente sobre a casa de Aenobarbo.

De quem era aquela casa? César fez um esforço para se lembrar. Ah, sim, era a casa de Marco Lívio Druso, assassinado no átrio dez anos antes. Então aquela é que era a casa onde

viviam todos aqueles órfãos, sob o rigoroso controlo de... de quem? Sim, sim, da filha daquele Servílio Cepião que morrera afogado ao regressar da sua província! Cneia? Sim, Cneia. Acompanhada pela mãe, aquela criatura capaz de assustar qualquer um, aquela temível mulher chamada Pórcia Liciniana! Naquela casa, viviam não sei quantos Servílios Cepiões e Pórcios Catões. Os Pórcios Catões do ramo inferior, do ramo Salónio. Descendentes de um escravo. Ah, ali estava um deles! César debruçou-se sobre a balaustrada de mármore para melhor ver um rapaz muito magro, quase esquelético, com um pescoço tão alto que fazia lembrar uma cegonha, e um nariz suficientemente grande para se tornar notado àquela distância. Uma cabeleira farta, escorrida, ruiva. Sim, aquele não podia enganar ninguém: pertencia à prole de Catão, o Censor!

Todos estes pensamentos indicavam um elemento da personalidade de César que Aurélia, durante o seu devaneio, não catalogara: ele adorava bisbilhotices e não se esquecia de nenhum mexerico.

— Ilustre sacerdote, o meu senhor está pronto a recebê-lo.

César virou-se com um sorriso e um aceno simpático para o rapaz que estava na varanda de Druso; divertido, reparou que o rapaz não lhe retribuiu o aceno. O jovem Catão, provavelmente, ficara demasiado espantado para retribuir a gentileza; e tinha razões para ficar espantado: com certeza que, na residência temporária de Sila, poucos seriam os que tinham tempo para manifestar simpatia ou amizade por um rapazito que era descendente de um proprietário rural tusculano e de um escravo celtibero.

Embora estivesse preparado para se avistar com o Ditador, César não deixou de se sentir chocado com o aspecto físico de Sila. Não admirava que ele não tivesse procurado a mãe! Se eu estivesse no lugar dele, também não a procurava, pensou César, avançando tão silenciosamente quanto os seus tamancos lhe permitiam.

A reacção inicial de Sila foi a de que estava perante uma pessoa totalmente desconhecida; mas isso devia-se à feia capa vermelho-púrpura e ao peculiar efeito criado pelo capacete de marfim de cor creme num homem com o crânio rapado.

— Tira essas roupagens — disse-lhe Sila e logo voltou a concentrar-se nos muitos papéis que tinha na secretária.

Quando voltou a olhar, o sacerdote tinha desaparecido. Em vez do sacerdote, era o seu filho que ali estava. Sila sentiu os pêlos dos braços e da nuca a arrepiar-se; emitiu um som como o

de ar saindo de um balão e tropegamente levantou-se. O cabelo muito louro, os olhos azuis muito grandes, o rosto alongado dos Césares, a notável estatura... Só então é que os olhos de Sila, nublados pelas lágrimas, puderam ver as diferenças: os ossos da face muito marcados, como os de Aurélia, e as covas sob os ossos, e a estranha e bela boca de Aurélia com aqueles vincos nos cantos. Mais velho que o jovem Sila, mais homem que rapaz. Oh, Lúcio Cornélio, meu filho, porque morreste?

Recompondo-se, Sila limpou as lágrimas.

— Por um momento pensei que eras o meu filho — disse ele,, com aspereza, e estremeceu.

— Ele era meu primo direito.

— Lembro-me que tu gostavas dele.

— E gostava, de facto.

— Gostavas mais dele do que do jovem Mário, disseste tu.

— Disse.

— E escreveste um poema sobre ele depois de ele morrer, mas disseste que o poema não era bom, por isso não mo mostraste.

— Sim, é verdade.

Sila deixou-se cair na cadeira, as mãos tremiam-lhe.

— Senta-te, meu rapaz. Aqui, onde a luz é melhor e eu posso ver-te. Os meus olhos já não são o que eram. — Sim, pensou Sila,vou deleitar-me com a sua visão! Foi o Grande Deus que mo mandou, o Grande Deus de quem ele é o sacerdote. — O teu tio Caio Cota explicou-te o motivo deste encontro?

— Disse-me apenas que me querias ver, Lúcio Cornélio.

— Trata-me por Sila, é assim que toda a gente me chama.

— E a mim todos me chamam César, até a minha mãe.

— Tu és o flamen Dialis. Uma súbita chama brilhou naqueles olhos inquietantemente familiares — porquê tão familiares, se os do seu filho eram muito mais azuis e alegres? Um olhar de raiva. Sofrimento? Não, sofrimento não. Raiva.

— Sim, sou o flamen Dialis — respondeu César.

— Os homens que te nomearam eram inimigos de Roma.

— Não o eram na altura em que me nomearam.

— Bem observado. — Sila pegou na sua pena de cana revestida a ouro, mas voltou a pô-la na secretária. — Tens uma esposa.

— Tenho.

— Que é filha de Cina.

— É, de facto.

— Consumaste o casamento?

— Não.

Sila levantou-se e encaminhou-se para a janela, aberta de par em par apesar do frio muito agreste. César sorriu ao pensar no que a sua mãe teria dito — ali estava mais um que não se preocupava com a violência dos elementos!

— Tomei a meu cargo a tarefa de restaurar a República — disse Sila, olhando pela janela para a estátua de Cipião Africano, em cima de uma alta coluna; àquela altitude, ele e o atarracado Cipião Africano encontravam-se ao mesmo nível. — Por razões que imagino que compreenderás, optei por começar pela religião. Nós perdemos os nossos velhos valores e precisamos de recuperá-los. Aboli a eleição de sacerdotes e augures, incluindo o Pontifex Maximus. Em Roma, a política e a religião encontram-se inextricavelmente ligadas, mas eu não quero que a religião esteja ao serviço da política, pois o contrário é que está certo.

— Eu compreendo essa posição — disse César, da sua cadeira.

— No entanto, creio que o Pontifex Maximus deveria ser eleito.

— Aquilo que tu crês, rapaz, não me interessa!

— Nesse caso, por que me chamaste?

— Certamente não foi para me aborreceres com a esperteza das tuas observações!

— Peço desculpa.

Sila virou-se e fitou-o com um olhar ameaçador.

— Não tens nem um bocadinho de medo de mim, pois não, rapaz?

E então, nos lábios de César, desenhou-se aquele sorriso — o mesmo sorriso! — que, ao mesmo tempo, atingia o coração e a mente dos outros.

— Em tempos, eu costumava esconder-me no tecto falso da nossa sala de jantar e via-te a conversar com a minha mãe. Os tempos mudaram e, com eles, todas as circunstâncias. Mas é

difícil ter medo de um homem de quem, de um momento para o outro, passei a gostar, porque descobri que ele, afinal, não era o amante da minha mãe.

Aquela observação fez com que Sila desatasse numa gargalhada pegada; o riso afastava as lágrimas que uma vez mais ameaçavam explodir.

— Sim, é verdade! Eu não era o amante da tua mãe. Tentei uma vez, mas ela era demasiado inteligente para me querer. A tua mãe pensa como um homem. Eu não trago sorte às mulheres, nunca trouxe. — Os olhos inquietos de Sila miraram César de alto a baixo. — Tu também não trarás sorte nenhuma às mulheres, embora vás ter muitas.

— Por que razão me chamaste, se não precisas das minhas opiniões? — perguntou César.

— Chamei-te porque é necessário corrigir certos procedimentos religiosos que não primam propriamente pela correcção. Segundo me disseram, tu nasceste no mesmo dia do ano em que se extinguiu o incêndio do templo de Júpiter.

— É verdade.

— E como interpretas isso?

— Como um bom augúrio.

— Infortunadamente, o Colégio dos Pontífices e o Colégio dos Augures não estão de acordo, jovem César. Tu e o teu cargo têm sido o principal tema dos seus debates nos últimos tempos. E os dois Colégios concluíram que uma determinada irregularidade no teu flaminato foi responsável pela destruição do templo do Grande Deus.

César tinha a alegria estampada no rosto.

— Ah, que bom que é ouvir-te dizer isso!

— Ha? Ouvir-me dizer o quê?

— Que eu não sou o flamen Dialis.

— Eu não disse isso.

— Disseste, sim!

— Interpretaste mal as minhas palavras. Tu és inequivocamente o flamen Dialis.

Quinze padres e quinze augures chegaram a essa conclusão e não emitiram qualquer dúvida.

A expressão de César não revela agora o menor sinal de alegria.

— Preferia ser soldado — disse ele, desabridamente. — Tenho mais qualidades de

soldado do que de sacerdote.

— O que tu preferes não interessa. O que interessa é aquilo que és. E aquilo que a tua mulher é.

César franziu a testa, intrigado, perscrutando algum sinal no rosto de Sila.

— É a segunda vez que mencionas a minha mulher.

— Tens de te divorciar dela — disse bruscamente Sila.

— Divorciar-me dela? Mas como, se não posso?

— Porque não?

— Porque casámos confarreatio.

— Mas existe uma coisa chamada diffarreatio.

— E por que motivo tenho de me divorciar dela?

— Porque ela é filha de Cina. Verificou-se que as minhas leis relativas aos homens proscritos e às suas famílias tinham uma deficiência no que toca ao estatuto de cidadão das crianças de menor idade. Os sacerdotes e os augures decidiram que, nesse caso, deveria ser aplicada a lex Minicia. O que significa que a tua mulher — que é flaminica Dialis — não é nem romana, nem patrícia. Portanto, não pode ser flaminica Dialis. Como o flaminato é uma entidade dual, a legalidade da posição dela é tão importante como a tua. Eis a razão por que tens de te divorciar.

— Não farei tal — retorquiu César, começando a enxergar uma possibilidade de escapar ao seu odiado cargo.

— Tu farás tudo o que eu te mandar fazer, rapaz! i — Não farei nada que ache que não devo fazer. Os lábios franzidos de Sila abriram-se lentamente.

— Eu sou o Ditador — disse ele num tom normal. — Tu vais divorciar-te da tua mulher.

— Recuso — replicou César.

— Se for preciso, obrigo-te.

— Como? — perguntou César, com um ar de desdém. — Os ritos do diffarreatio exigem o meu total consentimento e cooperação.

Tinha chegado o momento de meter na ordem aquela peste de rapaz: Sila teria de mostrar a César a besta fera que vivia dentro dele, o animal que uivava à luz da Lua. Mas no

instante em que a besta se preparava para exibir as suas garras, Sila percebeu porque é que os olhos de César lhe eram tão familiares. É que aqueles olhos eram iguais aos seus! Eram olhos que o fitavam com a frieza e a fixidez desprendida de uma serpente. E a besta fera encolheu as garras, impotente. Pela primeira vez na sua vida, Sila não conseguia submeter outro homem ao seu poder. A raiva que, naquele instante, deveria possuí-lo, não era raiva, porque logo se esfumara; obrigado a contemplar a sua própria imagem no rosto de outro homem, Lúcio Cornélio perdia todo o seu poder.

Tinha de lutar com palavras, apenas com palavras.

— Eu decidi consagrar-me à restauração da ética religiosa da mos maiorum — disse ele.

— Roma honrará e cuidará dos seus deuses exactamente da mesma maneira que o fez nos primórdios da República. Júpiter Optimus Maximus está descontente. Contigo — ou melhor, com a tua esposa. Tu és o sacerdote especial de Júpiter, mas a tua esposa é uma parte inseparável do teu sacerdócio. Tens de separar-te dessa mulher, porque ela é inaceitável. Tens de casar-te com outra. Tens de te divorciar da filha de Cina porque ela não é romana.

— Não me divorcio — replicou César.

— Nesse caso, terei de encontrar outra solução.

— Solução? Dou-te já uma — retorquiu num instante César. — Deixa que Júpiter Optimus Maximus se divorcie de mim. Cancela o meu flaminato.

— Na minha qualidade de Ditador, poderia fazer isso. O problema é que envolvi os colégios sacerdotais na discussão do caso. E como fiz isso, agora tenho de atender às suas conclusões.

— Nesse caso — disse calmamente César — parece que estamos num beco sem saída, não é?

— Não, não estamos nada. Há uma saída.

— Matar-me.

— Precisamente.

— As tuas mãos ficariam manchadas com o sangue do flamen Dialis.

— Não ficariam se por acaso fosse outra pessoa a matar-te. Eu não subscrevo a metáfora grega, Caio Júlio César. E os nossos deuses romanos também não. A culpa não pode ser transferida para outrem.

César reflectiu no que acabava de ouvir.

— Sim, creio que tens razão. Se conseguires que seja outra pessoa a matar-me, será sobre essa pessoa que a culpa recairá. — César ergueu-se e verificou que era alguns centímetros mais alto que Sila. — Nesse caso, a nossa entrevista chegou ao fim.

— Chegou. A menos que reconsideres.

— Não me divorciarei.

— Então farei com que sejas morto.

— Se puderes — disse César, e foi-se embora. Sila chamou-o.

— Esqueceste-te da laena e do apex, sacerdote!

— Fica com eles! São para o próximo flamen Dialis.

César forçou-se a ir directamente para casa, pois temia que Sila conseguisse recuperar rapidamente o equilíbrio. Apercebera-se claramente de que o Ditador perdera esse equilíbrio durante a entrevista; era evidente que muito poucas pessoas se atreviam a desafiar Lúcio Cornélio Sila.

O ar estava frio, demasiado frio e seco para que nevasse. E aquele gesto infantil impedia-o agora de se proteger do frio. Mas isso não era importante, de facto não era. Não morreria de frio por causa de um passeio entre o Palatino e Subura. Muito mais importante era o que faria a seguir. Porque Sila mandaria matá-lo, quanto a isso não tinha a mínima dúvida. Suspirou. Teria de fugir. Embora soubesse que era capaz de se defender, não tinha a mínima ilusão quanto à vitória de Sila, se por acaso permanecesse em Roma. No entanto, tinha pelo menos um dia de clemência; a máquina burocrática emperrava tudo, incluindo as acções do Ditador; ora, Sila teria primeiro de se encontrar com um daqueles grupos de homens de aspecto normal; e esse encontro ainda demoraria, pois Sila tinha uma agenda sobrecarregada: como César não deixou de reparar, a casa do Ditador estava cheia de clientes e não de assassinos pagos. A vida em Roma não era nada parecida com uma tragédia grega; não havia chefes gritando ordens veementes a homens que, como cães, ansiavam ver-se livres do açaimo. Sila só daria as suas ordens quando tivesse tempo. Mas isso não seria para já.

Quando chegou à casa da mãe, estava azul de frio.

— As tuas roupas? — perguntou Aurélia, boquiaberta de espanto.

— Ficaram na casa de Sila — conseguiu ele dizer. — Deixei-as para o próximo flamen

Dialis. Mater, ele mostrou-me a maneira de me ver livre do cargo!

— Conta-me — disse ela, levando-o para perto de um braseiro. César contou-lhe.

— Mas porquê, César? Porquê? — exclamou ela por fim.

— Ora, Mater, sabes bem porquê. Eu amo a minha mulher. Essa é a primeira razão. Durante todos estes anos, ela viveu connosco e procurou em mim o carinho e a atenção que nem o pai nem a mãe lhe podiam dar. De tal modo que acabou por achar que eu era a coisa mais maravilhosa que lhe sucedera em toda a sua vida. Como posso eu abandoná-la? Ela é filha de Cina! Uma indigente! Já nem sequer é romana! Mãe, eu não quero morrer. Viver como flamen Dialis é infinitamente melhor que morrer. Mas há coisas pelas quais vale a pena morrer. Princípios. Os deveres de um nobre romano, aqueles deveres que tu me ensinaste com tanto desvelo. Eu sou responsável por Cinila. Não posso abandoná-la! — César encolheu os ombros: parecia triunfante. — Além disso, encontrei a maneira de sair disto. Se eu recusar o divórcio, o Grande Deus não me poderá aceitar como seu sacerdote. Por isso, tenho de manter a minha recusa.

— Até que Sila consiga matar-te.

— Isso está nas mãos do Grande Deus, mãe, tu sabes que está. Acredito que Fortuna me ofereceu esta oportunidade e que eu não posso deixá-la fugir. O que eu tenho de fazer é permanecer vivo até que Sila morra. Depois de ele morrer, ninguém terá a coragem de matar o flamen Dialis e os colégios serão obrigados a libertar-me das grilhetas do sacerdócio. Mãe, eu não acredito que Júpiter Optimus Maximus me queira como seu flamen especial! Acredito, isso sim, que ele tem outras obras para eu fazer. Obras mais proveitosas para Roma.

Aurélia não discutiu mais.

— Dinheiro. Vais precisar de dinheiro, César. — E passou com as mãos pelo cabelo, como sempre fazia quando precisava de se lembrar onde tinha deixado este ou aquele dinheiro.

— Vais precisar de mais do que dois talentos de prata, porque esse é o preço de um homem proscrito. Se fores descoberto num esconderijo, precisarás de pagar muito mais que dois talentos para convencer

o informador a deixar-te partir. Três talentos devem chegar para uma situação dessas e para tu viveres normalmente. Mas onde é que euvou encontrar três talentos sem falar com banqueiros? Setenta e cinco mil sestércios... Eu tenho dez mil no meu quarto. E há as rendas,

posso cobrá-las esta noite. Quando os meus inquilinos souberem para o que é, pagam sem hesitar. Eles adoram-te, embora eu não perceba porquê — tu és tão difícil, tão teimoso! Caio Macio pode saber de alguma maneira de arranjar mais dinheiro. E imagino que Lúcio Decúmio deve guardar o seu pé-de-meia debaixo da cama...

E foi-se embora num ápice, falando sozinha. César suspirou, levantou-se. Era tempo de organizar a sua fuga. E teria de falar com Cinila antes de se ir embora, teria de lhe explicar tudo. Pediu ao chefe dos criados, Eutico, que fosse chamar Lúcio Decúmio. Ele próprio chamou por Burgundo.

O velho Caio Mário tinha legado Burgundo a César por testamento; na altura, César suspeitara que tal oferta não era mais do que um último elo da cadeia com que Caio Mário o atara de pés e mãos. As suas suspeitas iam mesmo no sentido de que, se por acaso deixasse de ser o padre especial de Júpiter, Burgundo deveria matá-lo. Mas a verdade é que César, com todo o seu encanto pessoal, acabara por fazer com que Burgundo deixasse de ser um homem de Mário e passasse a ser o seu homem; um outro facto contribuíra para isso: a criada de Aurélia, a descomunal Cardixa, uma gaulesa dos Arvernos, tinha capturado o coração de Burgundo. Germano de origem címbria, Burgundo fora capturado aos 18 anos, na seqüência da batalha de Vercelas. Tinha agora 37 anos e Cardixa ia nos 45. Um tema que divertia a família de César era a fecundidade de Cardixa: durante quantos anos mais seria aquela mulher capaz de dar à luz, à média de um filho por ano? Por ora, ia já nos cinco. Burgundo e Cardixa tinham sido emancipados no dia em que César vestira a sua toga de adulto, mas este rito formal de emancipação não alterara nada, a não ser o seu estatuto de cidadãos: agora, eram ambos romanos (ainda que, como é evidente, tivessem sido inscritos na tribo urbana de Subura e, por isso, os seus votos não valessem nada). Aurélia, que sempre fora simultaneamente poupada e justa nos pagamentos, atribuíra a Cardixa um salário razoável, e achava que Burgundo também valia bom dinheiro. Como as suas necessidades básicas eram da conta dos patrões, Burgundo e Cardixa, ao que se dizia, juntavam todos os sestércios possíveis para os filhos.

— Mas agora tens de levar as nossas poupanças, César — disse-lhe Burgundo no seu latim cheio de sotaque. — Vais precisar desse dinheiro.

César era alto para um romano, pois tinha um metro e oitenta e oito de altura, mas Burgundo tinha mais cinco centímetros de altura e era duas vezes mais largo que o seu amo. Ao

dizer aquilo a César, o seu rosto claro, um rosto feio segundo os padrões romanos pois tinha um nariz demasiado pequeno e estreito e uma boca demasiado grande, expressava a solenidade habitual da sua pessoa, ainda que os seus olhos azuis claros denunciassem o amor e o respeito que sentia por César.

César sorriu para ele e abanou a cabeça.

— Agradeço-te a oferta, mas a minha mãe vai conseguir arranjar o dinheiro necessário. Se não conseguir, bom, se não conseguir, aceitarei a tua oferta e pagar-te-ei com juros.

Lúcio Decúmio chegou entretanto, trazendo atrás de si uma revoada de neve; César tratou de dar as últimas instruções a Burgundo.

— Trata das nossas bagagens, Burgundo. Coisas quentes. Podes levar um bastão. Eu levo a espada do meu pai. — Ah, que bom que era poder dizer aquilo! Eu levo a espada do meu pai! Afinal havia coisas bem piores do que fugir à ira do Ditador.

— Eu sabia que aquele homem nos ia trazer complicações! — disse Lúcio Decúmio com um ar soturno, embora não referisse uma ocasião em que Sila, só com o seu olhar, o deixara perfeitamente arrepiado. — Eu mandei os meus filhos buscar dinheiro a casa. Terás dinheiro bastante — acrescentou Decúmio, cravando um olhar feroz nas costas de Burgundo. — César, com este tempo invernoso, tu não podes ir apenas com aquele gigante pateta! Eu e os rapazes vamos também!

César, que estava à espera daquilo, lançou-lhe um olhar que silenciava todos os protestos.

— Não, pai, eu não posso permitir isso. Quanto mais formos, tanto mais atenções atrairemos.

— Atrair atenções? — disse Lúcio Decúmio, espantado. — Como podes não atrair as atenções com aquele gigante tolo ao teu lado? Deixa-o ficar e leva-me a mim. A mim ninguém me vê, eu confundo-me com as paredes.

— Dentro dos limites de Roma, sim, é verdade que ninguém dá por ti — retorquiu César, sorrindo com muito afecto para Lúcio Decúmio. — Mas em plena região sabina, as coisas seriam diferentes: darias tanto nas vistas como os tomates de um cão! Eu cá me arranjarei com Burgundo. E sabendo que tu ficas cá a tomar conta das mulheres, posso partir muito mais descansado.

Como aquela era, de facto, a verdade, Lúcio Decúmio resignou-se.

— com as proscrições, é da máxima importância que haja alguém para proteger as mulheres. A tia Júlia e Múcia Tércia só nos têm a nós. Não creio que lhes possa acontecer alguma coisa, pois toda a gente em Roma adora a tia Júlia. Mas Sila não a adora, bem pelo contrário; portanto, terás de velar por elas. Quanto à minha mãe — acrescentou, com um encolher de ombros —, bom, quanto à minha mãe, ela é como todos nós sabemos, e isso tem tanto de bom como de mau para o caso de haver um confronto com Sila. Se as coisas mudarem — se, por exemplo, Sila decidir proscrever-me e proscrever, por minha causa, a minha mãe — serás tu quem terá de salvar a minha casa e a sua gente. — César pôs um sorriso de todo o tamanho e acrescentou: — Gastámos demasiado dinheiro a engordar os filhos de Cardixa para agora aparecer Sila e fazer lucro com eles!

— Meu querido Pavão, podes estar certo de que não lhes acontecerá nada!

— Obrigado, pai. — César lembrou-se nesse instante de outro assunto. — Só mais uma coisa: tens de nos alugar um casal de mulas e de ir buscar os cavalos ao estábulo.

Aquele era o segredo de César, o único aspecto da sua vida que era ignorado por todos; por todos, excepto Burgundo e Lúcio Decúmio. Na sua qualidade de flamen Dialis, não podia tocar num cavalo; porém, desde que Caio Mário lhe ensinara a montar, apaixonara-se pela sensação da velocidade e também por aquela rara sensação que era ter o corpo poderoso de um cavalo entre os seus joelhos e sob o seu comando. Embora a sua única riqueza fossem as valiosas terras que possuía, a verdade é que César tinha algum dinheiro seu, dinheiro em que Aurélia nunca pensaria em mexer. Obtivera esse dinheiro graças ao testamento do pai e, com ele, podia comprar o que quisesse sem ter de pedir a Aurélia. E foi assim que comprou um cavalo. Um cavalo muito especial.

César conseguira encontrar em si a força e a capacidade de renúncia para obedecer a todas as regras do seu flaminato. Como não ligava muito ao que comia, não lhe custara nada agüentar o monótono regime alimentar do flâmine. Já com as armas, era diferente: muitas vezes sentira o ardente desejo de pegar na espada do pai e de, com ela, se exercitar. Mas a única coisa de que não conseguira desistir era o seu amor pelos cavalos e pela arte de montar. Porquê? Por causa da associação entre duas criaturas vivas tão diferentes entre si e da perfeição que daí resultava. E foi assim que comprou um belíssimo cavalo castrado de pelagem castanha, tão veloz

como Bóreas, ao qual chamou Bucéfalo, o nome do lendário cavalo de Alexandre, o Grande. Este animal era a maior alegria da sua vida. Sempre que conseguia escapulir-se, ia sozinho a pé até à Porta Capena, onde o esperavam Burgundo e Lúcio Decúmio com Bucéfalo. Depois, era cavalgar, cavalgar velozmente pelas margens do Tibre, sem pensar em quedas ou quaisquer outros perigos, serpenteando entre os pacientes bois que puxavam as barcaças ao longo do rio — e depois, quando a corrida pelas praias deixava de o interessar, embrenhava-se pelos campos, saltando todos os muros que era preciso saltar, ele e o seu querido Bucéfalo, duas criaturas transformadas numa só. Muitos eram os que conheciam o cavalo, mas ninguém conhecia o cavaleiro; de facto, para essas ocasiões, César vestia-se como um galaciano e usava um lenço à maneira dos Médios, um lenço que lhe cobria a cabeça e quase todo o rosto.

As cavalgadas secretas introduziam também na sua vida um elemento de risco, o risco que, sem se dar conta, o atraía fortemente; de facto, ele não pensava naquilo em termos de risco, mas apenas como uma diversão, porque divertia-o imenso ludibriar Roma e pôr em perigo o seu flaminato. Embora honrasse e respeitasse o Grande Deus, sabia que tinha com ele uma relação absolutamente única; o seu antepassado Eneias nascera da deusa do amor, Vénus, e o pai de Vénus era Júpiter Optimus Maximus. Por isso Júpiter compreendia, Júpiter dava o seu consentimento, Júpiter sabia que o seu criado terreno tinha nas veias uma gota do divino ícore. César obedecia a todos os dogmas do seu flaminato o melhor que podia e sabia; mas o preço dessa obediência chamava-se Bucéfalo, a comunhão com uma outra criatura viva que, para ele, era mais preciosa que todas as mulheres de Subura. com elas, a soma era menos do que ele próprio. com Bucéfalo, a soma era mais, muito mais, do que ele próprio.

Pouco depois de a noite cair, já César estava pronto. Lúcio Decúmio e os seus dois filhos, puxando uma pequena carroça, tinham levado os setenta e seis mil sestércios que Aurélia conseguira arranjar até à Porta Quirinal, enquanto dois outros confrades do colégio, tão leais a César como Decúmio, haviam levado os cavalos desde os estábulos do Campo Lanatário até às portas da cidade, para lá das Muralhas Sérvias.

— Preferia que tivesses escolhido um cavalo que desse menos nas vistas. Ainda por cima, tens-te fartado de cavalgá-lo por todo o Lado — disse-lhe Aurélia sem mostrar o mínimo sinal da tremenda ansiedade que sentia.

César fitou-a boquiaberto e desatou a rir; logo que se recompôs da surpresa, limpou os olhos molhados e disse-lhe:

— Não posso crer, Mater! Há quanto tempo sabias do Bucéfalo ?

— É assim que lhe chamas? — retorquiu ela, zangada. — Pelos vistos, meu filho, a tua recusa do sacerdócio revela que tens ilusões de grandeza! — Nos seus olhos brilhou uma chispa de alegre divertimento. — Eu sempre soube, César. Até sei o dinheirão que deste por ele — cinqüenta mil sestércios! És um gastador incorrigível e não percebo onde é que foste arranjar o dinheiro. Eu é que não to dava!

César abraçou-a e beijou-a na testa larga e sem rugas.

— Pois bem, uma coisa te prometo: tu é que hás-de tratar das minhas contas! Mas estou curioso em saber como é que descobriste que eu tinha o Bucéfalo.

— Eu tenho muitas fontes de informação — retorquiu ela, sorrindo. — Ao fim de vinte e três anos em Subura, é natural. — Agora que o sorriso se esbatia, fitou-o com um olhar perscrutador. — Ainda não falaste com Cinila e ela está preocupada. Eu mandei-a para o quarto dela, mas, mesmo assim, apercebeu-se de que se passa qualquer coisa.

César suspirou, franziu o sobrolho, fitou a mãe como que a pedir-lhe ajuda.

— Que lhe hei-de dizer, mãe? Quanto lhe hei-de dizer?

— Diz-lhe a verdade, César. Ela tem doze anos.

Cinila ocupava aquele que fora o quarto de Cardixa, debaixo das escadas que davam para os andares de cima, no lado do edifício da Vicus Patricius; Cardixa vivia agora com Burgundo e os filhos num apartamento especial que César projectara e construíra, com a maior satisfação e sem ajuda de ninguém, por cima das casas dos criados.

Quando César entrou, Cinila estava sentada ao tear, trabalhando num tecido de cor parda e muito peludo, destinado ao seu guarda-roupa de flaminica Dialis, ao ver aquela cena e aquele tecido tão grosseiro, o coração de César deixou-se vencer por uma compaixão extrema.

— Ah, não é justo! — exclamou; e mal disse isto, pegou nela e levou-a para o único sítio disponível, a sua pequena cama, onde a sentou no seu colo.

César achava-a de uma beleza requintada, embora fosse demasiado jovem para encontrar atractivos numa rapariga que apenas começava a revelar os sinais da feminilidade; César gostava de mulheres bastante mais velhas que ele. Mas aquela criatura pequena, levemente

roliça e muito morena, não podia deixar de exercer um fascínio irresistível num homem que tinha passado toda a vida rodeado de gente alta, esguia e clara de tez. Os seus sentimentos em relação a Cinila eram algo de confuso, pois ela vivia há cinco anos em sua casa como se fosse sua irmã e, no entanto, era sua esposa; por outro lado, logo que Aurélia lho permitisse, ele levá-la-ia para a sua cama. Não havia qualquer elemento moral nesta confusão; quanto muito, quase seria uma questão de logística. O que perturbava César era o facto de aquela rapariga passar de súbito a ser sua mulher depois de ter sido sua irmã. Claro que todos os reis orientais casavam com as suas irmãs, mas César ouvira dizer que nos quartos das crianças dos Ptolemeus e dos Mitridates se ouviam ruídos de guerra e não de ternas brincadeiras, pois irmãos e irmãs se guerreavam como animais. Ao passo que ele nunca tivera qualquer guerra com Cinila, tal como não tivera com as irmãs verdadeiras; Aurélia nunca permitiria tais comportamentos.

— Vais-te embora, César? — perguntou Cinila.

Uma mecha de cabelo mais rebelde caía-lhe sobre a testa; César, com um gesto suave, tirou-lhe o cabelo da testa e continuou a afagar-lhe a cabeça como se ela fosse um gatinho de estimação,

com gestos ritmados, sensuais, capazes de acalmar qualquer pessoa. Ela fechou os olhos e encostou-se muito encostada à curva do braço dele.

— Ora esta, menina, agora não adormeças! — disse ele, de repente, abanando-a um pouco. — Bem sei que já devias estar na cama, mas tenho de falar contigo. Eu vou-me embora, é verdade.

— Que se tem passado nestes últimos tempos? Tem tudo a ver com as proscrições, é isso? Aurélia disse que o meu irmão fugiu para Hispânia.

— Sim, Cinila, em parte tem a ver com as proscrições; além disso, quem decide as proscrições é Sila. Eu tenho de me ir embora porque Sila diz que há uma dúvida no que toca ao meu sacerdócio.

Ela sorriu e o seu lábio superior, muito carnudo, ergueu-se e revelou uma dobra da sua superfície interior, um traço de Cinila que toda a gente achava encantador.

— Devias estar contente. Tu preferias não ser flamen Dialis.

— Ah, mas ainda sou o flamen Dialis — disse César com um suspiro. — Segundo os sacerdotes, o problema está em ti. — César fê-la sentar-se na ponta dos seus joelhos para que

pudesse olhá-la no rosto. — Tu conheces a actual situação da tua família, mas provavelmente não te apercebeste de que o teu pai, a partir do momento em que foi considerado um sacer — um prescrito —, deixou de ser cidadão romano.

— bom, eu compreendo por que motivo Sila pode tirar-nos todos os nossos bens, mas a verdade é que o meu pai morreu muito tempo antes do regresso de Sila a Itália — disse Cinila, que não era muito inteligente e precisava que lhe explicassem tudo. — Mas como é possível que nós tenhamos perdido a cidadania?

— Porque as leis de Sila retiram automaticamente a cidadania a uma pessoa e também porque alguns homens já estavam mortos quando Sila pôs os nomes deles nas listas dos proscritos. O jovem Mário, o teu pai, os pretores Caninas e Damásipo, e muitos outros, estavam já mortos quando foram proscritos. Mas esse facto não obstou a que perdessem os seus direitos de cidadão.

— Não acho justo.

— Concordo contigo, Cinila — disse César, e prosseguiu a sua explicação, sentindo que seria uma grande coisa se os deuses lhe tivessem dado o dom da síntese e da simplificação. — O teu irmão tinha atingido a maioridade quando o teu pai foi prescrito. Por isso, mantém o seu estatuto romano. Só não pode herdar os bens ou o dinheiro da família, nem exercer as funções de magistrado curul. Contigo, porém, as coisas são completamente diferentes.

— Porquê? Por eu ser uma rapariga?

— Não! Por tu seres ainda uma criança. A questão do sexo, neste caso, é irrelevante. A lex Minicia de liberis diz que os filhos de um casal formado por um romano e um não romano devem ficar com a cidadania do pai não romano. Isto significa — pelo menos, segundo a versão dos sacerdotes — que tu agora tens o estatuto de estrangeira.

Ela começou a tremer, mas não a chorar, e os seus enormes olhos negros fitavam César com dolorosa apreensão.

— Ah! Então isso quer dizer que eu já não sou tua esposa?

— Não, Cinila, não é nada disso. Tu és minha mulher até ao dia em que um de nós morrer, porque nós casámos segundo as praxes antigas. Não há nenhuma lei que proíba um romano de casar com uma não romana. Por isso, o nosso casamento não está em causa. Aquilo

que de facto está em causa é o teu estatuto de cidadã — e o estatuto de cidadão de todos os filhos de homens prescritos que, na altura da proscrição, eram menores. Percebeste?

— Creio que sim. — A expressão de Cinila revelava a mesma concentração. — Isso significa que os filhos que eu te der não serão cidadãos romanos?

— Precisamente. Pelo menos, enquanto vigorar a lex Micinia.

— Oh, César, isso é terrível! -É.

— Mas eu sou uma patrícia!

— Já não és, Cinila.

— Que posso fazer?

— Por ora, nada. Mas Sila sabe que tem de clarificar estes aspectos das suas leis. Esperemos, por isso, que o faça de modo a que os nossos filhos possam vir a ser romanos, ainda que tu não o sejas. — Os braços de César desprenderam-se um pouco dela. — Sila chamou-me hoje a sua casa e ordenou-me que me divorciasse de ti.

Agora sim, as lágrimas encheram os olhos de Cinila, silenciosamente, tragicamente.

Apesar de ter apenas 18 anos, César já estava acostumado às lágrimas das mulheres; de facto, já estava farto das lágrimas das mulheres, pois muitas tinham chorado quando ele se cansava delas ou quando elas descobriam que havia outra. Eram lágrimas que ele detestava, capazes de o fazer explodir. Embora estivesse habituado a controlar-se, a verdade é que as lágrimas das mulheres lhe provocavam sempre um acesso de fúria, com os resultados desastrosos que seria de esperar — para a mulher que chorava. Mas as lágrimas de Cinila eram a revelação da mais pura dor e toda a raiva de César estava concentrada em Sila, que era a causa daquelas lágrimas.

— Mas não há nenhum problema, amorzinho! — disse ele, aproximando-a mais de si.

— Eu nunca me divorciaria de ti! Nem que aparecesse Júpiter Optimus Maximus em pessoa e mo ordenasse! Nem que vivesse mil anos, não me divorciaria de ti!

Ela soltou um risinho e fungou e deixou que ele lhe secasse as lágrimas com o seu lenço.

— Vá, agora assoa-te! — ordenou ele. Ela assoou-se. — Pronto, já chega de lágrimas! Não há razão para chorares. Tu és a minha esposa e continuarás a sê-lo aconteça o que acontecer.

Cinila pôs um braço à volta do pescoço dele, encostou o rosto ao seu ombro e suspirou de felicidade.

— Ah, César, amo-te tanto! Custa-me tanto esperar até que seja mulher!

Aquela observação chocou-o. Tal como o facto de sentir os pequenos seios dela roçando-se por ele, pois vestia apenas uma túnica. Encostou o seu rosto ao cabelo dela, mas, delicadamente, foi-se desprendendo daquele abraço, pois não queria cometer nenhum acto que manchasse a sua honra.

— Júpiter Optimus Maximus não pode aparecer em pessoa — disse ela, como uma menina romana bem comportada que sabia as normas da religião. — Júpiter está em todo o lado onde está Roma — é por isso que Roma é a melhor e a maior!

— Terias dado uma boa flaminica Dialis!

— Faria um esforço. Por ti. — Cinila ergueu a cabeça para olhar para ele. — Se Sila te ordenou que te divorciasses e tu respondeste que não, isso quer dizer que ele tentará matar-te? É por isso que te vais embora, César?

— Ele tentará matar-me, disso não tenho dúvidas. É por isso que mevou embora. Se ficasse em Roma, ele não teria dificuldade nenhuma em matar-me. Sila tem muitos homens espalhados pela

cidade e ninguém conhece os seus nomes ou rostos. Mas se for para a província, terei mais hipóteses. — César fê-la cavalgar no seu joelho, como se o seu joelho fosse um cavalinho; era assim que brincava com ela desde que Cinila fora viver para sua casa, tinha ele 7 anos. — Não deves preocupar-te comigo, Cinila. Os fios da minha vida são muito resistentes — demasiado duros para as tesouras de Sila! Só tens de fazer uma coisa: mitigar as preocupações da minha mãe.

—vou tentar — disse ela, beijando-o no rosto; preferia beijá-lo na boca e dizer-lhe que já era crescida para o fazer, mas sentia-se demasiado insegura para tomar tal iniciativa.

— Óptimo! — disse ele. Depois, ergueu-a do seu colo e levantou-se. — Eu estarei de volta logo que Sila morra — disse César, e foi-se embora sem mais despedidas.

Quando chegou à Porta Quirinal, César encontrou Lúcio Decúmio e os seus filhos à espera. As duas mulas levavam o dinheiro em sacas equitativamente divididas, o que implicava que nenhuma delas levasse uma carga excessiva. Não havia bolsas de couro, normalmente usadas para guardar dinheiro, à vista; em vez disso, Lúcio Decúmio tinha guardado o dinheiro no forro falso daquilo que parecia ser — e eram! — sacos de livros cheios de pergaminhos.

— Não fizeste isto hoje, de um momento para o outro — comentou César com um

sorriso arreganhado. — É nisto que trabalha o teu pessoal do colégio?

— Olha, vai dizer isso ao teu cavalo. Mas primeiro, deixa-me dizer-te uma coisa. Quando for preciso pegar no dinheiro, deixa que seja Burgundo a fazê-lo — aconselhou Lúcio Decúmio, após o que se virou para o germano com um olhar tão feroz e poderoso que o gigante, involuntariamente, recuou. — Ouve lá, meu bruto, ouve-me com atenção: quando pegares naqueles sacos, tens de dar a impressão de que estás a levantar sacos de penas, ouviste?

Burgundo aquiesceu.

— Ouvi muito bem, Lúcio Decúmio. Penas.

— Agora põe o resto da bagagem em cima dos livros. Ah, e se o rapaz voar que nem o vento, tu faz-me o favor de não ficares para trás! Entendido?

César estava de pé junto ao cavalo, o seu rosto contra a cabeça do animal, segredando-lhe palavras carinhosas. E só deixou de falar

com ele, depois de Burgundo ter arrumado o resto da bagagem em cima das mulas.

com a ajuda do criado, César subiu para a sela.

— Cuida bem de ti, Pavo! — disse Lúcio Decúmio, com a voz embargada pela emoção, os olhos enchendo-se de lágrimas. Depois, ergueu a sua mão suja para César.

César, o fanático da limpeza, baixou-se, pegou na mão de Decúmio e beijou-a.

— Cuidarei, meu pai!

E num instante César e Burgundo desapareceram por entre o manto de neve.

A montada de Burgundo era o garanhão dos estábulos de César, um cavalo que custara quase tanto dinheiro como Bucéfalo. Era um cavalo de Neso, da linhagem dos cavalos da Média, e, por isso, muito mais corpulento que os cavalos dos povos do mar Mediterrâneo. Os cavalos nesinos eram uma raridade em Itália, pois só podiam ser usados para transportar cavaleiros de invulgar corpulência. Muitos tinham sido os agricultores e os mercadores que haviam desejado transformá-los em bestas de carga ou prendê-los a pesados arados ou carroças, já que eram mais velozes e inteligentes do que os bois. Porém, se lhes punham o jugo e os obrigavam a puxar uma carga, aqueles cavalos corriam o risco de morrer estrangulados; o movimento para a frente comprimia demasiado o arnês contra a traqueia do animal. Como animais de transporte de carga também eram inúteis; comiam tanto que não davam lucro. No entanto, um cavalo vulgar nunca poderia agüentar o peso de Burgundo; uma boa mula agüentaria, só que Burgundo tinha umas

pernas tão altas que, quando montava em mulas, os seus pés roçavam pelo chão.

César foi à frente, na direcção de Crustumério, debruçado sobre a cabeça de Bucéfalo para se proteger do vento — e que vento frio aquele!

Cavalgaram a bom ritmo durante toda a noite, a fim de se afastarem o mais possível de Roma, e só pararam quando a noite seguinte estava já próxima. Tinham chegado a Trebula, não muito longe do cume da primeira cordilheira. Era uma aldeia, mas possuía uma estalagem que servia também de taberna local; o local era por isso muito barulhento e quente, para além de estar sempre cheio de gente. César não ficou nada satisfeito com aquele ambiente sujo e descuidado.

— bom, de qualquer modo sempre temos um telhado e uma espécie de cama — disse ele a Burgundo depois de inspeccionar um quarto do andar de cima, onde teriam de dormir, acompanhados por vários cães pastores e seis galinhas.

Como seria de esperar, César e Burgundo atraíram as atenções dos clientes, gente que habitualmente se encontrava ali para beber vinho; a maior parte conseguiria regressar a casa no meio da neve, mas alguns (conforme confidenciou o estalajadeiro) passariam a noite no sítio onde caíssem de bêbedos.

— Temos chouriços e pão — disse o estalajadeiro.

— Venha o chouriço e o pão — retorquiu César.

— Vinho?

— Água — disse César com firmeza.

— Demasiado jovem para beber? — perguntou o estalajadeiro, pouco satisfeito com a resposta. Era no vinho que ele lucrava.

— A minha mãe matava-me se eu tocasse em vinho.

— E o teu amigo? Também não pode beber? Já não é nenhuma criança...

— Pois não, mas é atrasado mental e é melhor não lhe dar vinho pois os efeitos são tremendos — ele é capaz de arrasar um urso hircaniano e já deu cabo de dois leões que um pretor queria levar aos Jogos — disse César, com um ar muito sério, enquanto Burgundo mantinha uma expressão apática e ausente, como se não estivesse ali.

— Foge! — exclamou o homem e bateu em retirada.

Ninguém tentava importunar César quando Burgundo estava por perto. Daí que pudessem sentar-se no recanto mais sossegado daquela turbulenta taberna, onde assistiram ao

desporto local, o qual parecia consistir em encher de vinho o mais jovem dos bebedores e especular sobre quanto tempo ele agüentaria.

— Assim é a vida no campo! — comentou César, batendo no seu braço nu. — Quem vê estes labregos, não percebe como é possível que eles votem nas eleições romanas! E ainda por cima, os votos deles contam, porque pertencem a tribos rurais, ao passo que tipos sagazes e despertos para as coisas da política, mas com o infortúnio de terem nascido em Roma, têm votos que não valem nada. Não está certo!

— E nem sequer sabem ler — disse Burgundo, que aprendera a ler recentemente, graças às lições de César e Gnifão.

O seu sorriso, muito lento sempre, começava a formar-se nos lábios. — Ainda bem que assim é, César. Os nossos livros estão a salvo.

— Sem dúvida — disse César, batendo de novo no braço. — Este sítio está cheio de mosquitos!

— Metem-se cá dentro por causa do frio — disse Burgundo. — Aqui está tanto calor que até dava para cozer ovos.

Burgundo exagerava, mas a verdade é que estava um calor insuportável na taberna, o qual resultava do excesso de corpos metidos num espaço limitado e de um fogo que ardia exuberantemente numa lareira; não havia frio que resistisse àquelas achas de madeira, tão grandes como a cintura de um homem, àquelas chamas enormes que se elevavam na direcção do buraco por onde saía o fumo; não havia dúvida que os homens de Trebula, a quem não faltava lenha para queimar, odiavam o frio.

Se os recantos escuros estavam cheios de mosquitos, as camas abundavam em pulgas e percevejos; César passou a noite numa cadeira dura e de bom grado deixou a estalagem ao alvorecer. Atrás dele deixava muitas e variadas especulações sobre os motivos que o levavam a ele e ao seu gigantesco criado a viajar com um tempo assim — e sobre que tipo de homem seria ele.

— Gente arrogante! — comentou o estalajadeiro.

— Prescritos — sugeriu a esposa dele.

— Demasiado jovem para ser um prescrito — disse um indivíduo de aspecto urbano que chegara à estalagem no momento em que César e Burgundo partiam. — Além disso, se Sila andasse atrás deles, teriam um ar muito mais assustado!

— Então se calhar vai visitar alguém — disse a esposa.

— É muito provável — disse o estranho, parecendo de súbito inseguro. — É capaz de valer a pena investigar um pouco. Mas aqueles dois, ninguém os esquece, não é? Aquiles e Ajax! — exclamou, exibindo alguma instrução. — O que me surpreendeu foram os cavalos. Valiam uma fortuna! É gente com dinheiro.

— Provavelmente, o rapaz é proprietário da rosea rum, em Reate — disse o estalajadeiro. — Aposto que foi daí que vieram aqueles cavalos.

— Há qualquer coisa de Palatino naquele jovem — disse o recém-chegado, cujas suspeitas se avolumavam. — Deve pertencer a uma das Famílias Famosas. Sim, não há dúvida: é gente com dinheiro.

— Pois se é gente com dinheiro, olhe que ele não o traz! — atirou-lhe o estalajadeiro, já aborrecido com a conversa. — Sabe o que é que as mulas traziam? Livros! Uma dúzia de sacas com livros! É o que lhe digo: livros!

Um dia depois, enfrentando um tempo cada vez mais rigoroso à medida que iam subindo as montanhas em torno do monte Fiscelo, César e Burgundo chegaram a Nersas.

A mãe de Quinto Sertório era viúva há mais de trinta anos e parecia nunca ter tido marido. Sempre que a via, César não podia deixar de se recordar do falecido e muito lamentado Escauro Princeps Senatus, pois ela era pequena e franzina, com a pele incrivelmente enrugada e com muito pouco cabelo para uma mulher, e possuía um traço de uma beleza extrema: um par de olhos verdes de uma vivacidade inultrapassável. Era um mistério que uma mulher tão pequena e frágil tivesse dado à luz uma criança tão forte e grande como Quinto Sertório.

— O meu filho está bem — disse ela a César enquanto enchia a sua velha mesa de produtos do fumeiro e da despensa; como era costume no campo, todos se sentavam à mesa para comer. — Quinto Sertório não teve o mínimo problema em conquistar o governo da Hispânia Citerior, mas prevê que venha a ter muitos problemas agora que Sila é Ditador — disse ela, com uma risadinha jovial. — Ora, não faz mal, não faz mal! Ele vai dar muito mais trabalho a Sila do que o filho do meu primo Mário, pobre rapaz. O jovem Mário teve uma educação demasiado branda. Júlia é uma senhora encantadora. Mas demasiado branda. E o meu primo Mário esteve sempre fora e não acompanhou o rapaz. Tu também tiveste um pai assim, César, mas a tua mãe não é amiga de branduras, pois não?

— Não, Ria — retorquiu César, sorrindo para ela.

— Seja como for, a verdade é que Quinto Sertório gosta da Hispânia. Sempre gostou. Ele e Sila estiveram em Hispânia quando andaram a espiar entre os Germanos, já lá vão alguns anos. Ele disse-me que tinha uma mulher germânica em Osca. Uma mulher e um filho. Fico contente. De outro modo, não haveria ninguém depois de ele morrer.

— Quinto Sertório devia casar com uma mulher romana — disse César num tom austero.

Ria soltou um risinho cacarejado.

— Quem? O meu Quinto Sertório? Ora, ele não gosta de mulheres! A mulher germânica apanhou-o porque, para ele se meter na tribo, tinha de ter uma esposa. Não, ele não gosta de mulheres. — Ria franziu os lábios e abanou a cabeça. — Mas também não gosta de homens.

Durante algum tempo, a conversa girou em torno de Quinto Sertório e dos seus feitos.

Até que Ria se decidiu a falar do que César devia fazer.

— Eu recebia-te em minha casa com o maior agrado, mas as nossas ligações são demasiado conhecidas e tu não és o primeiro refugiado que eu recebo. O meu primo Mário mandou-me o rei dos Volcas Tectósagos, nem mais nem menos! Chamava-se Copilo. Um homem muito simpático! Muito civilizado, para um bárbaro. É claro que o estrangularam no Cárcer, depois do triunfo do meu primo Mário. Mas ainda cuidei dele durante uns bons anos e isso permitiu-me fazer um bom pé-de-meia. Foram quatro anos, acho eu... Sempre generoso, o meu primo Mário. Pagou-me uma fortuna por esse trabalho. E eu tê-lo-ia feito de graça. Copilo era uma boa companhia... Quinto Sertório não é homem de estar em casa. Gosta da guerra. — Encolheu os ombros, deu umas palmadas nos joelhos e abordou finalmente o que interessava. — Há um casal que eu conheço, que vive nas montanhas entre esta região e Amiterno. Eles ficam contentes por ganharem uns dinheiros extra, e vocês podem confiar inteiramente neles — disso não tenho a mínima dúvida. Eu mando-lhes uma carta e instruções logo que vocês estejam prontos para partir.

— Partimos já amanhã — disse César. Mas ela abanou a cabeça.

— Não, amanhã não! E depois de amanhã também não. Está uma grande tempestade e vocês não conseguem encontrar a estrada. Nem vão saber o que têm por debaixo dos pés! Ali o

teu criado germânico, quando der por isso, já está no fundo do rio sem sequer saber que estava a atravessar um rio! Vão ter de ficar comigo até que o Inverno abrande.

— Abrande?

— Depois das primeiras tempestades, que são as piores. É preciso que o gelo assente. Só então é que é seguro viajar, pois o gelo fica rijo e não há o perigo de se desfazer. É difícil para os cavalos, mas hão-de lá chegar. Deixa o teu criado ir à tua frente, pois os cascos do cavalo dele são tão grandes que o animal, além de pouco escorregar, sempre vai desbastando o terreno para o teu delicado cavalo avançar melhor. Imagina só: trazer um cavalo daqueles para estas bandas, no pino do Inverno! Falta-te bom senso, César!

— Foi o que a minha mãe me disse — retorquiu César, pesaroso.

— A essa é que não falta bom senso. Outra coisa: os Sabinos gostam de cavalos. E esse belo animal dá nas vistas. Ainda bem que, no sítio para onde vais, não há ninguém que dê pelo cavalo! — Ria fitou-o com um sorriso franco, revelando alguns dentes estragados. — Mas afinal só tens dezoito anos! Hás-de aprender!

No dia seguinte, César verificou que Ria tinha razão quanto ao tempo; a neve continuava a cair com a mesma intensidade e ia-se empilhando no chão, formando maciços montes. Se César e Burgundo não tivessem pegado em pás e mourejado umas boas horas, a confortável casa de pedra de Ria depressa teria ficado cercada de neve e nem mesmo Burgundo teria conseguido abrir a porta. Nevou ainda durante mais quatro dias. Depois, começaram a aparecer no céu algumas réstias de azul e o ar ficou muito mais frio.

— Gosto do Inverno aqui — disse Ria, ajudando-os a empilhar a palha no calor dos estábulos. — Em Roma, um Inverno frio é uma desgraça, e a verdade é que nesta década estamos a passar por um ciclo de Invernos frios. Mas aqui, pelo menos, é um Inverno limpo e seco, ainda que muito frio.

— Tenho de partir muito em breve — disse César.

— Tendo em conta as quantidades de comida que o teu criado e o cavalo dele comem, ficarei muito contente em vê-los pelas costas — disse a mãe de Sertório, com um riso grunhido.

— Mas não amanhã. Talvez depois de amanhã. Logo que seja possível viajar entre Roma e Nersas vocês deixarão de estar em segurança aqui. Se Sila se lembrar de mim — e é muito capaz de se lembrar, pois conheceu muito bem o meu filho — é certo e sabido

que a primeira coisa que fará será mandar os seus lacaios à minha casa.

Mas os hóspedes de Ria não partiriam tão cedo. Na noite anterior à partida, César adoeceu. Embora o tempo não estivesse exageradamente frio, a casa estava bem aquecida, pois possuía braseiros, dispostos contra as largas paredes de pedra, e boas e fortes persianas que a protegiam dos ventos. Apesar disso, César tinha frio, cada vez mais frio.

— Não estou a gostar disto — disse-lhe Ria. — Até oiço os teus dentes a baterem. E é mais do que uma simples sezão, pois já dura há demasiado tempo. — Pôs a mão na testa dele e recuou, assustada. — Tu estás a arder em febre! Não te dói a cabeça?

— Muito — murmurou ele.

— Então não sais daqui amanhã. Anda cá, meu gigante, leva o teu amo para a cama!

E César meteu-se na cama, consumido pela febre, abalado por uma tosse seca e por uma dor de cabeça perpétua, e incapaz de ingerir comida.

— Caelum grave et pestilens — disse a curandeira chamada para ver o doente.

— Não é uma sezão típica — disse a teimosa Ria. — Não é uma quarta, nem uma terça. E além disso, ele não sua.

— É uma sezão, sim, Ria. Mas é uma sezão fora do comum.

— Ah, então vai morrer!

— O rapaz é forte — disse a curandeira. — Faz com que ele beba. Não posso dar melhor conselho. Água misturada com neve.

Sila preparava-se para ler uma carta de África, enviada por Pompeu, quando lhe apareceu o chefe dos criados, Crisógono, muito alvoroçado.

— O que é que se passa? Estou ocupado, não vês? Quero ler esta carta!

— Domine, é uma senhora, uma senhora que quer vê-lo.

— Diz-lhe que desapareça!

— Não posso, domine!

Aquela resposta distraiu Sila da leitura da carta; surpreendido, fitou Crisógono.

— Nunca pensei que houvesse alguém capaz de te vencer e convencer, Crisógono! — disse ele, divertido. — Mas tu estás a tremer, homem! Ela mordeu-te?

— Não, domine — retorquiu o criado, que não tinha o mínimo sentido de humor. — Mas cheguei a pensar que era capaz de me matar.

— Ah, então tenho de vê-la! Disse-te o nome? É mortal?

— Ela disse que se chamava Aurélia. Sila estendeu o braço e observou-o.

— Olha! Ainda não estou a tremer!

— Mando-a entrar?

— Não. Diz-lhe que nunca mais quero vê-la — retorquiu Sila, mas não pegou de novo na carta de Pompeu; a carta já não lhe interessava.

— Domine, ela recusa-se a abandonar esta casa enquanto não o vir!

— Então manda os criados pô-la na rua.

— Já tentei fazer isso, domine. Mas eles recusaram. Nem com um dedo lhe tocaram.

— Pois fizeram bem! — Sila soprou, cerrou os olhos. — Está bem, Crisógono, manda-a entrar.

Aurélia não demorou.

— Senta-te — disse-lhe Sila.

Ela sentou-se. A luz forte do Inverno banhava-a sem mercê e, uma vez mais, Sila, ou os destroços do que ele fora, podia ver que o tempo não marcara ainda aquele rosto de traços perfeitos. No seu quartel-general de Teano, a luz era tão fraca que mal a enxergava. Por isso, agora, tirava a desforra. Aquela magreza poderia tê-la tornado menos bela; pelo contrário, ainda a tornava mais bela, e o tom róseo que lhe impregnava os lábios e as faces tinha-se esbatido, deixando que a pele ganhasse uma brancura de mármore. O cabelo não tinha encanecido; por outro lado, era evidente que ela não queria ficar com um ar mais jovem, pois continuava a usar o mesmo tipo de penteado austero, puxado atrás, num rolo. E os olhos eram tão belos, rodeados por espessas pestanas negras, sob umas sobrancelhas igualmente negras e fartas. Aqueles olhos que agora o fitavam gravemente.

— Vieste por causa do teu rapaz, imagino — disse ele, recostando-se na sua cadeira.

— Sim.

— Então fala! Estou a ouvir.

— Foi por causa de ele ser tão parecido com o teu filho? Abalado, Sila não conseguiu continuar a olhá-la nos olhos.

Fixou a carta de Pompeu até a dor desaparecer.

— Foi um choque quando o vi, é verdade. Mas não foi por isso que tomei aquela

decisão. — Os olhos dele voltaram a fixar-se nos dela, frios e poderosos.

— Eu gostava do teu filho, Lúcio Cornélio.

— Não será assim que levarás a água ao teu moinho, Aurélia. O meu filho morreu há muito tempo. Aprendi a viver com isso, mesmo quando pessoas como tu tentam aproveitar-se do facto.

— Nesse caso, sabes o que eu pretendo.

— Claro que sei. — Inclinou a cadeira para trás, pois não se sentia muito confortável naquela cadeira baixa e larga e com pernas recurvadas. — Queres que eu poupe o teu filho. Apesar de o meu não ter sido poupado.

— Não podes culpar-me ou culpar o meu filho por isso!

— Posso culpar quem eu quiser por tudo o que eu muito bem entender! Eu sou o Ditador! — gritou ele, com espuma ao canto dos lábios.

— Disparates, Sila! Tu acreditas nisso tanto como eu! Eu estou aqui para te pedir que poupes o meu filho, porque o meu filho não merece morrer, tal como não mereceu ser nomeado flamen Dialis.

— Concordo que ele não é o homem certo para esse cargo. Mas foi o cargo que lhe deram. E tu deves ter querido que ele desempenhasse esse cargo.

— Eu não queria que ele fosse flamen Dialis. O meu marido também não. Fomos informados da sua nomeação, nada mais. Pelo próprio Mário, no meio das suas atrocidades — disse Aurélia, erguendo o seu lábio em sinal de repulsa. — E foi também Mário quem disse a Cina que o meu filho devia casar com a filha dele. A última coisa que Cina queria era ver Cinila no cargo de flaminica Dialis.

Sila mudou de assunto.

— O teu rosto já não tem o mesmo tom rosado de outros tempos — disse ele. — Como tens uma cara ossuda, ficava-te bem.

— Ora, deixa-te de disparates! — atirou-lhe ela. — Eu não vim aqui para agradar aos teus olhos inquisidores, vim aqui para defender o meu filho!

— Gostaria muito de poupar o teu filho. Ele sabe o que tem a fazer. Divorciar-se da filha de Cina.

— Ele não se divorciará.

— E porque não? — gritou Sila, erguendo-se num impulso. — Porque não?

Um pouco de cor subiu pelas faces de Aurélia, avermelhou-lhe os lábios — Porque tu, grande imbecil, tu lhe mostraste que continuar casado é uma maneira de fugir a um cargo que ele abomina com todas as forças do seu ser! Divorciar-se dela e permanecer flamen Dialis por toda a vida? O meu filho preferia morrer!

Sila fitou-a boquiaberto.

— O quê?

— És um imbecil, Sila! Um imbecil! Ele nunca se divorciará dela!

— Não me chames imbecil!

— Chamo-te o que muito bem entender, velha relíquia! Velho poço de maldade!

Um silêncio estranho fez-se então entre os dois. A fúria de Sila esbateu-se, enquanto a dela crescia. Ele tinha-se virado para a janela, mas agora fitava-a de novo, com algo mais na sua mente do que a raiva ou a provação que ela representava.

— Comecemos do princípio — disse ele. — Diz-me porque é que Mário tornou o teu filho flamen Dialis se nenhum de vós o queria.

— Mário fez isso por causa da profecia — disse ela.

— Sim, eu sei dessa história. Cônsul sete vezes. Terceiro Fundador de Roma. Ele contava isso a toda a gente.

— Não contava tudo. Havia uma segunda parte que ele não contava. Só contou quando a sua mente começou a falhar. Contou ao filho, que contou a Júlia, que me veio contar a mim.

Sila sentou-se de novo, intrigado.

— Continua — disse ele.

— A segunda parte da profecia dizia respeito ao meu filho César. A velha Marta predisse que César seria o maior romano de todos os tempos. E Caio Mário também acreditou nisso. E nomeou

César flamen Dialis para o impedir de ir para a guerra e de fazer carreira política. —

Aurélia sentou-se, lívida.

— Porque um homem que não pode ir para a guerra e não pode disputar o consulado nunca será famoso — disse Sila, aquiescendo. Assobiou. — Muito esperto, aquele Mário! Brilhante! Se o teu rival for o flamen Dialis, tens a vitória garantida! Nunca pensei que aquela

velha besta fosse tão perspicaz.

— Ah sim, perspicácia não lhe faltava!

— É uma história interessante — disse Sila, pegando na carta de Pompeu. — Podes ir, já ouvi que chegue.

— Poupa o meu filho!

— Só se ele se divorciar.

— Ele nunca fará isso.

— Então não temos mais nada a dizer. Vai-te embora, Aurélia. Mais uma tentativa. Mais uma tentativa por César.

— Eu chorei por ti uma vez. Tu gostaste disso. Agora dou comigo desejando chorar por ti uma vez mais. Mas tu não gostarias dessas lágrimas. Porque eu estaria a chorar a morte de um grande homem. Porque aquele que eu vejo à minha frente desceu tão baixo que agora até persegue crianças. A filha de Cina tem doze anos. O meu filho, dezoito. Crianças! E no entanto, a viúva de Cina passeia-se impudentemente por toda a cidade porque agora é esposa de outro homem, e porque esse outro homem te apoia. O filho de Cina ficou sem dinheiro e não teve outra alternativa senão deixar o seu país. Outra criança. Enquanto a viúva de Cina prospera na vida. Mas ela não é nenhuma criança. — Aurélia sorriu-lhe com desprezo. — Ânia é ruiva, é claro. Terás ainda nessa cabeça velha e calva alguns dos cabelos de Ânia?

E dito isto, virou-lhe as costas e foi-se embora. Crisógono entrou então, tão agitado como antes.

— Quero que me encontres uma pessoa — disse Sila, com o ar mais preverso que podia ter. — Que encontres, Crisógono. Não quero o homem proscrito, nem morto.

Desejoso de saber o que transpirara da conversa entre o seu amo e aquela mulher extraordinária — ah, com certeza que tinha havido alguma coisa entre os dois, noutros tempos! —, o chefe dos criados suspirou para dentro (nunca se sabia como Sila reagiria, até mesmo a um suspiro) e disse muito baixinho:

— Uma transacção privada?

— Ora aí está um bom nome para o que eu quero! Isso mesmo, uma transacção privada. Dois talentos de recompensa para quem localizar Caio Júlio César, o flamen Dialis. O qual deve ser trazido à minha presença sem um único arranhão! Informa os teus homens

correctamente. Ninguém mata o flamen Dialis. Eu só o quero aqui, à minha frente. Entendido?

— Claro, domine — retorquiu o chefe dos criados, embora não fizesse nenhum movimento para se ir embora. Em vez disso, pigarreou delicadamente.

Sila voltara a atentar na carta de Pompeu, mas, perante aquela insistência, ergueu de novo a cabeça.

— O que há?

— Eu já fiz o esboço que me pediste, domine, na altura em que te perguntei se podia ser nomeado como o burocrata encarregado da administração das proscrições. Também já tenho um chefe de criados para me ajudar nas tarefas domésticas. Podes falar com ele quando quiseres, para o caso de concordares com a minha nomeação.

O sorriso de Sila não era nada agradável.

— E acreditas mesmo que vais poder fazer os dois trabalhos ao mesmo tempo? Isto é, se eu aceitar o chefe de criados que me propões.

— É preferível que eu faça os dois trabalhos, domine. Lê o meu esboço. Ele mostra de forma muito clara que eu entendo realmente a natureza desse trabalho administrativo. Porque hás-de dar o cargo a um profissional do Tesouro que se mostrará demasiado tímido para procurar clarificar os problemas e que estará demasiado preso aos métodos do Tesouro para tirar proveito dos aspectos mais comerciais do cargo?

—vou pensar no caso. Depois, comunico-te a minha decisão — disse Sila, pegando uma vez mais na carta de Pompeu. Impassível, viu o criado fazer a vénia e deixar a sala. Depois, pôs um sorriso amargo. Que criatura abominável! Que homem abjecto! E no entanto, era de um homem assim que a administração das proscrições precisava — um homem absolutamente abominável. Mas digno de confiança. Se o administrador fosse Crisógono, Sila podia ter a certeza de que não haveria liberdades desastrosas na administração. Sem dúvida que Crisógono arranjaria maneira de desviar algum lucro para os seus bolsos, mas ninguém estava em melhor posição do que Crisógono para saber que as coisas lhe correriam muito mal,

caso esses lucros se reflectissem pessoalmente em Sila. O aspecto comercial das proscrições tinha de ser conduzido de uma forma positiva e respeitável, pelo menos na aparência — venda de propriedades, encaminhamento de dinheiros, joalharia, mobiliário, obras de arte, interesses e acções. Sila não teria a mínima possibilidade de administrar tudo aquilo; por isso, alguém teria de o fazer. Crisógono tinha razão. Antes ele que um burocrata do Tesouro! com um desses burocratas, o trabalho nunca estaria feito. As coisas tinham de andar rápidas. Mas ninguém podia ter a mínima hipótese de dizer que Sila tinha lucrado com essas operações, à custa do Estado. Embora fosse um liberto, a verdade é que Crisógono era sobretudo um homem de Sila; e Crisógono sabia que o seu amo não teria a menor relutância em matá-lo caso ele errasse. Satisfeito com o facto de ter resolvido o dilema das proscrições, Sila começou finalmente a ler a carta de Pompeu.

A Província de África e a Numídia estão pacificadas e calmas. Foi um objectivo que realizei em quarenta dias. Parti de Lilibeu no final de Outubro com seis legiões e dois mil cavaleiros, deixando Caio Mémio à frente da Sicília. Achei que não havia necessidade de deixar uma guarnição militar na Sicília. Já tinha começado a reunir navios quando cheguei à Sicília e, no final de Outubro, havia mais de oitocentos navios à nossa disposição. Sempre gostei da boa organização, poupa-nos muito tempo. Antes de partir, enviei um mensageiro ao rei Bogud da Mauritânia, o qual se encontra desde há algum tempo em lol, com o seu exército. lol não fica tão longe como Tíngis. Bogud reina agora em lol e deixou um representante seu, Ascális, em Tíngis. Todas estas mudanças se devem às lutas na Numídia, onde o príncipe larbas usurpou o trono ao rei Hiempsal. O meu mensageiro instruiu o rei Bogud para que invadisse imediatamente a Numídia pelo lado ocidental. A minha estratégia consistia no seguinte: Bogud empurraria larbas para leste, onde eu estaria à sua espera e poderia facilmente destroçá-lo.

Distribuí os meus homens por duas divisões, deixando a primeira na velha Cartago e a segunda em Útica. Eu próprio comandei a segunda divisão. No momento em que desembarquei, sete mil homens de Cneu Aenobarbo vieram comunicar-me a sua submissão, o que me pareceu ser um bom augúrio. Aenobarbo decidiu travar a batalha imediatamente. Tinha medo de que desertassem mais homens do seu exército, caso não o fizesse. Instalou o seu exército na encosta de uma ravina, planeando emboscar-me a meio do meu caminho. Mas eu subi a um penhasco e vi o exército dele. Por isso

não caí na armadilha que ele tinha montado. Entretanto começou a chover (o Inverno é a estação das chuvas na Província de África) e tirei proveito do facto de que a chuva batia de frente nos soldados de Aenobarbo. Obtive uma grande vitória e os meus homens proclamaram-me imperador no campo de batalha. Mas Aenobarbo e três mil dos seus homens escaparam ilesos. Os meus homens iam já a meio da cerimónia de consagração do imperador quando eu os detive, dizendo-lhes que podiam fazer isso mais tarde. Eles deram-me razão. Por isso, corremos para o campo de Aenobarbo e matámo-lo a ele e a todos os seus homens. Permiti então que os meus homens me consagrassem finalmente imperador no campo de batalha.

Avancei então na direcção da Numídia, já que todos os insurrectos ainda em liberdade se tinham rendido. Executei-os em Útica. larbas, o usurpador, fugiu para Bula Régis — uma cidade junto ao curso superior do rio Bágrada —, pois soube que eu me aproximava vindo do leste, ao passo que Bogud vinha de oeste. Claro que cheguei a Bula Régis primeiro que o rei Bogud. Bula Régis abriu-me as portas no instante em que cheguei e entregou-me larbas. Executei-o imediatamente, tal como um outro chefe, de seu nome Masinissa. Devolvi ao rei Hiempsal o seu trono. Até tive tempo para caçar animais selvagens. Esta região abunda em animais selvagens de todos os tipos, desde elefantes até criaturas enormes parecidas com gatos. Estou a escrever-te esta carta do nosso acampamento na planície numidiana.

Tenciono regressar em breve a Útica, depois de ter submetido todo o Norte de África em quarenta dias, como já referi. Não é necessário guarnecer militarmente esta nossa província. Podes mandar um governador sem qualquer espécie de receio.vou embarcar com as minhas seis legiões e dois mil cavaleiros e partir para Tarento. Depois, marcharei com eles pela Via Ápia na direcção de Roma, onde gostaria que me fosse concedido um triunfo. Os meus homens consagraram-me imperador no campo de batalha, portanto tenho direito a um triunfo. Pacifiquei a Sicília e a África em cem dias e executei todos os teus inimigos. Também tenho uns belos despojos para exibir no meu desfile do triunfo.

Quando terminou a leitura, Sila chorava já de tanto rir, sem saber ao certo se as ingénuas confidências da missiva o divertiam mais do que a sua arrogância ou do que o cuidado posto nas informações (em particular, o facto de o Inverno ser a estação das chuvas naquela região africana ou o facto de Bula Régis ficar no curso superior do Bágrada) — com certeza que Pompeu sabia

que Sila tinha passado muitos anos em África e capturara sem qualquer auxílio o rei Jugurta...! Ao fim de apenas quarenta dias Pompeu sabia tudo. Quantas vezes dizia ele na carta que as suas tropas o tinham consagrado imperador no campo de batalha? Mas que palerma aquele!

Pegou numa folha de papel e escreveu a Pompeu; aquela era uma carta que nunca por nunca ditaria a um secretário.

Foi com grande prazer que recebi a tua carta e desde já te agradeço as interessantes informações que me dás sobre África. Gostaria de a visitar um dia, nem que seja para ver, com os meus próprios olhos, essas criaturas enormes parecidas com gatos de que tu falas na tua missiva.

Parabéns. Mas que rapaz despachado que tu és! Quarenta dias. Quarenta dias, ao que sei, foi o tempo que a Mesopotâmia demorou a ser inundada já lá vai um milênio.

Sei que posso confiar em ti quando dizes que a África e a Sicília não precisam de guarnições militares, mas, meu caro Pompeu, as formalidades têm de ser cumpridas. Ordeno-te, por isso, que deixes cinco das tuas legiões em Útica e que regresses apenas com uma. Não interessa qual: se tens uma legião favorita, trá-la contigo. A propósito de favoritos: está visto que és um dos favoritos de Fortuna!

Infortunadamente, não poderei autorizar-te a celebrar um triunfo. Embora as tuas tropas te tenham consagrado imperador no campo de batalha, os triunfos são reservados aos membros do Senado que atingiram o estatuto de pretor. Tu vencerás mais guerras nos anos que hão-de vir, por isso terás direito ao teu triunfo mais tarde.

Também queria agradecer-te o rápido envio do aparelho de comer, ver, ouvir e cheirar que pertenceu a Carbão. Não há nada como uma cabeça para convencer os homens de que outros homens acabaram na poeira do chão, isto para citar Homero. A força da minha asserção de que Carbão estava morto e de que Roma não tinha cônsules tornou-se imediatamente evidente. Que bela ideia a tua, a de meteres a cabeça em vinagre! Obrigado também por Sorano. E pelo velho Bruto.

Há apenas um pequeno pormenor, meu caro Pompeu. Preferia que tivesses tratado do caso de Carbão de uma maneira menos pública, já que estavas determinado a seguir um processo tão bárbaro. Começo a acreditar no que dizem as pessoas — no fundo de um homem do Piceno está sempre a Gália toda. A partir do momento em que resolveste sentar-te num tribunal com a

toga praetexta vestida e com cadeira curul e lictores, passaste a ser Roma. Mas a verdade é que tu não te comportaste como um romano. Depois de teres atormentado o pobre Carbão durante horas e horas debaixo de um sol abrasador, anunciaste, em tons de rei e senhor, que ele não merecia um julgamento e que, por isso, seria executado ali mesmo. Como lhe tinhas dado alojamento e o tinhas alimentado de forma atroz durante alguns dias antes desse deprimente acto público, o homem estava doente. No entanto, quando ele te pediu que o autorizasses a retirar-se, porque queria aliviar os intestinos antes de morrer, tu negaste-lhe a permissão! Segundo me disseram, o homem morreu enterrado na sua própria merda.

Como é que eu soube de tudo isto? Tenho as minhas fontes. Se não tivesse, duvido que fosse agora o Ditador de Roma. Tu és muito novo e cometeste o erro de pensar que eu, por querer que Carbão morresse, não tinha tempo nenhum para ele. Em parte, é verdade. Mas eu tenho todo o tempo do mundo para o consulado de Roma. E o que é verdade também é que Carbão, quando foi morto, era um cônsul eleito. De futuro, jovem Pompeu, é melhor que te lembres de que todas as honras são devidas ao cônsul, mesmo que o seu nome seja Cneu Papírio Carbão.

A propósito de nomes. Ouvi dizer que, com esse bárbaro episódio na agora de Lilibeu, ganhaste mais um nome. Um grande benefício para os infortunados que, nascendo sem um terceiro nome, se vêem condenados a um certo apagamento. Não é verdade, Pompeu Sem Terceiro Nome? Adulescentulus carnifex! O Miúdo Carniceiro. Acho que é um apelido maravilhoso para ti! Miúdo Carniceiro! És um carniceiro, tal e qual como o teu pai.

Repito: cinco das tuas legiões ficarão em Útica, onde aguardarão a chegada do novo governador. Tratarei de escolher alguém para esse cargo quando tiver tempo. Quanto a ti, podes regressar à vontade. Estou ansioso por te ver. Podemos ter uma conversa muito agradável sobre elefantes e eu juro quevou aproveitar as tuas lições sobre África e sobre as coisas africanas.

Tenho também de te mandar as minhas condolências pela morte de Públio Antístio Veto e da sua esposa, teus sogros. É difícil entender por que motivo Bruto Damásipo incluiu Antístio entre as suas vítimas. Mas é claro que Bruto Damásipo já está morto e não poderá explicar. Mandei-o executar. Mas em privado, Pompeu Miúdo Carniceiro. Em privado.

Ora aqui está uma carta que eu gostei realmente de escrever!, pensou Sila ao concluir a missiva. Porém, nesse mesmo instante, o seu semblante carregou-se. Começou a pensar no que

haveria de fazer com o Miúdo Carniceiro nos tempos mais próximos. É que aquele rapaz dificilmente largaria uma coisa a que se tivesse agarrado com unhas e dentes. Era o caso do triunfo. E um homem que era capaz de se instalar, no maior estadão, na praça pública de uma cidade não romana, e rodear-se de lictores e sentar-se na cadeira curul, e que depois se comportava como o mais bárbaro dos bárbaros, não ia apreciar as nuances de um protocolo triunfal. Talvez Sila se apercebesse de que o Miúdo Carniceiro era suficientemente esperto para reivindicar a consagração através de processos que minariam a sua recusa em conceder-lhe o triunfo; é que, nesse momento, Sila imaginava já intrigas e conspirações contra Pompeu. O seu sorriso voltava a iluminar-lhe o rosto e, quando o seu secretário entrou, o homem soltou involuntariamente um suspiro, tal era o alívio por ver o seu amo bem disposto.

— Ah, Flósculo! Chegaste mesmo no momento certo. Senta-te e pega nas tuas tábuas.

Estou tão bem disposto que me apetece tratar com a maior generosidade todo o género de pessoas, incluindo aquele indivíduo esplêndido que dá pelo nome de Lúcio Licínio Murena e que é o meu governador da Província da Ásia. Sim, sim, decidi perdoar-lhe todas as suas agressões contra o rei Mitridates e o facto de não ter obedecido às minhas ordens. Creio quevou precisar do indigno Murena; por isso, escreve-lhe a dizer que decidi que ele deve voltar a Roma o mais depressa possível a fim de celebrar um triunfo. Escreve também ao Flaco que está na Gália Transalpina e diz-lhe também que regresse imediatamente a fim de celebrar o seu triunfo. Ah, e cada um desses homens deve trazer consigo pelo menos duas legiões...

Sila estava imparável e o secretário fez todos os esforços possíveis para o acompanhar.

Da mente de Sila tinham desaparecido todas as recordações de Aurélia e daquela irritante entrevista; nem sequer se lembrava de que Roma tinha um flamen Dialis recalcitrante. Tinha de tratar primeiro do caso de um outro jovem, muito mais perigoso, e, para tal, teria de usar processos quase tão subtis como os que planeara para o jovem César — quase, mas não tão subtis. De qualquer modo, tinha de levar em conta que o Miúdo Carniceiro, quando tocava a defender os seus interesses, era sempre muito, muito esperto.

Em Nersas, como Ria previra, o tempo invernoso caracterizava-se agora por temperaturas baixas e um céu muito azul; porém, a Via Salária, que conduzia a Roma, encontrava-se aberta, tal como a estrada que ia de Reate a Nersas, e o caminho que percorria os cimos dos montes até ao vale do rio Aterno.

Mas nada disso interessava César, o qual vinha piorando de dia para dia. Na fase inicial, e mais lúcida, da sua doença, tentara levantar-se e sair, mas logo que se levantava era invadido por uma incontrolável vaga de fraqueza que o deitava por terra como se fosse uma criança aprendendo a andar. Ao sétimo dia, desenvolveu uma tendência para ficar adormecido e apático, a qual, gradualmente, se foi transformando num coma superficial.

Foi então que chegou à casa de Ria Lúcio Cornélio Fagita, acompanhado pelo desconhecido que vira César e Burgundo na estalagem de Trebula. Ria não pôde impedi-los de entrar, já que tinha mandado Burgundo cortar lenha.

— Tu és a mãe de Quinto Sertório e o homem que está naquela cama a dormir é Caio Júlio César, o flamen Dialis — disse Fagita, extremamente satisfeito.

— Ele não está a dormir. Ele não consegue deixar de dormir — disse Ria.

— Está a dormir.

— Há uma pequena diferença. Eu não consigo acordá-lo. Aliás, ninguém consegue. O rapaz está doente. com a pior das sezões. O que significa que vai morrer.

Aquela não era uma notícia agradável para Fagita, pois sabia que a recompensa pela cabeça de César só seria paga se a cabeça permanecesse ligada a um corpo vivo.

Tal como os outros esbirros de Sila que eram também os seus libertos, Lúcio Cornélio Fagita tinha muito poucos escrúpulos e nenhuma moral. Fagita, um grego alto e belo, na casa dos quarenta, e que preferira vender-se como escravo a procurar um meio de ganhar a vida na sua devastada terra natal, tinha-se agarrado a Sila como uma lapa e, como recompensa, fora nomeado chefe de um dos bandos que perseguiam os proscritos; quando lhe foi entregue o caso de César, havia já ganho um total de catorze talentos por matar homens incluídos nas listas. Se levasse César vivo, ganharia mais dois talentos; e Fagita não gostava da perspectiva de perder dinheiro.

No entanto, Fagita não revelou a Ria a natureza da sua comissão. Primeiro que tudo, pagou ao seu informador, que não largava a cama de César, para que o homem desaparecesse rapidamente. Neste caso, a morte não era uma boa coisa para os seus rendimentos. Mas talvez o rapaz tivesse dinheiro com ele. com alguma esperteza, pensou Fagita, talvez conseguisse arrancar dinheiro à velha contando-lhe uma história.

— Muito bem — disse ele, pegando na sua enorme faca. — De qualquer modo, posso

cortar-lhe a cabeça. E depoisvou a Roma receber os meus dois talentos.

— Toma mas é cuidado, citocacia! — gritou-lhe Ria, enfrentando-o corajosamente. — Há um homem que não tarda aí e que te mata num abrir e fechar de olhos se por acaso tocares no amo dele!

— O quê, aquela besta germânica? Então, ouve o que te digo: vai chamá-lo. Vá, vai lá chamá-lo, que eu sento-me aqui na beira da cama e faço companhia ao amo dele. — Fagita sentou-se ao lado da figura que jazia na cama, com a faca encostada à garganta de César.

Enquanto Ria corria pelos caminhos gelados a chamar por Burgundo, Fagita foi até à porta da frente e abriu-a; lá fora, estavam os seus capangas, os membros da sua decúria.

— O gigante germânico está cá. Matamo-lo se for preciso, mas é muito possível que alguns de nós fiquem com uns quantos ossos partidos. Por isso, só lhe damos luta se não tivermos outra hipótese. O rapaz está a morrer, não ganhamos nada com ele — explicou Fagita.

— O que euvou fazer é tentar sacar-lhes o máximo de dinheiro possível. Mas quando o fizer, preciso que vocês me protejam do germano. Entendido?

Fagita voltou para dentro de casa e estava sentado na cama, com a faca encostada à garganta de César, quando Ria regressou com Burgundo. Do peito de Burgundo cresceu um rugido tremendo, mas a verdade é que a gigantesca criatura não fez qualquer movimento na direcção da cama, limitando-se a ficar no vão da porta, cerrando e abrindo as suas mãos enormes.

— Ora muito bem! — disse Fagita num tom muito amistoso e sem qualquer receio. — Agora, velha,vou dizer-te o que deves fazer. Se tiveres dinheiro que chegue, eu posso deixar-te o rapaz com a cabeça em cima dos ombros. Os meus nove homens estão lá fora à minha espera, de maneira que eu posso cortar este belo pescoço e chegar ao caminho mais depressa que o teu gigante chegaria aqui. Entendido?

— Eu entendo, mas Burgundo não. Ele não fala uma palavra de grego.

— Mas que animal! Então eu negoceio contigo, avozinha. Quanto tens para me dar?

Por um momento, Ria ficou quieta, de olhos cerrados, perguntando a si mesma o que haveria de fazer. E como era tão prática como o seu filho, decidiu negociar com Fagitas para se ver livre dele. Se não o fizesse, César morreria antes que Burgundo conseguisse chegar à cama; e Burgundo e ela teriam a mesma sorte. Por isso, abriu os olhos e apontou para as sacas de livros que estavam empilhadas a um canto.

— Estás a ver aquelas sacas? Tens ali três talentos — disse ela.

Fagita olhou para as sacas e assobiou.

— Três talentos! Muito interessante!

— Pega nas sacas e vai-te embora. Deixa-o morrer em paz.

— Deixo, avozinha, está descansada. — Pôs os dedos entre os lábios e assobiou estridentemente.

Os seus homens entraram então aos tropeções, brandindo as espadas, pensando que iam lutar contra Burgundo. Para sua grande surpresa, todos os actores daquela cena estavam tão quietos como estátuas; mas a maior surpresa veio quando viram que o seu prêmio era constituído por livros.

— Por todos os deuses, mas que livros mais pesados! — disse Fagita ao pegar numa das sacas. — O nosso flamen Dialis é uma inteligência!

Três idas e vindas e as sacas de livros desapareceram. Da terceira vez que os seus homens entraram na casa, Fagita ergueu-se da cama e misturou-se rapidamente com eles.

— Adeuzinho! — disse ele, e desapareceu. Do caminho vieram sons de actividade, depois o barulho das patas dos cavalos nas lajes, e, finalmente, o silêncio.

— Devias ter-me deixado matá-los — disse Burgundo.

— Se eu tivesse deixado, o teu amo seria o primeiro a morrer — disse a velha, suspirando. — bom, eles não vão voltar enquanto não gastarem o dinheiro, mas hão-de voltar. Tens de levar César para as montanhas.

— Mas ele morre! — disse Burgundo, que começava a chorar.

— Pode ser que sim, pode ser que não. Mas se ficar aqui é que vai morrer pela certa.

O coma de César era pacífico: não delirava, não estava numa agitação constante, muito longe disso. O rapaz, pensou Ria, estava muito magro e abatido, e tinha feridas à volta da boca, causadas pelas febres, mas mesmo a dormir, mesmo dominado por aquele estranho sono, aceitava tudo o que lhe dessem a beber; por outro lado, como a sua imobilidade era relativamente recente, o seu peito não produzia ainda os ruídos que indicavam uma obstrução fatal.

— É pena termos perdido o dinheiro, porque eu não tenho um trenó e tu vais ter de levá-lo sem trenó. Conheço um homem que era capaz de me vender um, mas desde que Quinto Sertório foi proscrito que eu

não vejo a cor ao dinheiro. Se fiquei com esta casa, foi porque ela era o meu dote.

Burgundo ouviu estas palavras sem qualquer reacção; depois, revelou que, afinal, era capaz de ter boas ideias.

— Vende o cavalo dele! — disse e desatou a chorar. — Ah, ele vai ficar destroçado! Mas não temos outra saída.

— Muito bem, Burgundo! — disse Ria, animada. — Vai ser fácil vender o cavalo. Não pelo que ele vale, mas pelo menos ficamos com dinheiro suficiente para comprar o trenó e alguns bois e para pagar a Prisco e Gratídia pelo alojamento — mesmo que tu comas tanto como de costume!

O trenó — que, na realidade, era uma carroça com rodas e um estrado de pranchas polidas com as extremidades recurvadas — custou quatro mil sestércios e os dois bois que a puxavam mil sestércios cada. No entanto, o proprietário disse-lhes que estava interessado em readquirir a carroça e os bois no Verão seguinte, por quatro mil sestércios, o que lhe permitia obter um lucro de dois mil.

— És muito capaz de ter a carroça e os bois de volta antes do Verão — disse-lhe Ria, com um ar pesaroso.

Burgundo e Ria fizeram todos os possíveis para que César ficasse confortável no trenó, envolvendo-o com o maior número possível de mantas.

— Agora tem cuidado para que ele não dê muitas voltas! Caso contrário, ainda lhe saem os ossos pela pele — e ele é só pele e osso, coitado! com este tempo, a vossa comida aguenta-se durante muito tempo, isso sempre é uma ajuda. E tens de tentar dar-lhe leite da minha ovelha. E água também — disse-lhe Ria, qual professora de crianças. — Ah, quem me dera poder ir contigo! Mas já sou muito velha!

Ria ficou a vê-los avançando pelos prados cobertos de neve até que Burgundo e César, deitado no trenó, desapareceram; quanto à ovelha, Ria tinha-a dado, na esperança de que o leite contribuísse para a cura de César. Depois, quando deixou de os ver, voltou para casa e preparou-se para ofertar uma das suas pombas à deusa da família, Vénus, e uma dúzia de ovos a Telo e a Sol Indígete, que eram a mãe e o pai de tudo o que era italiano.

A jornada até à casa de Prisco e Gratídia demorou oito dias, pois os bois eram tremendamente lentos. Esta lentidão acabou por ser benéfica para César, pois ia naquele

transporte quase como se fosse numa cama; o trenó deslizava suavemente pelas terras cobertas de gelo graças à aplicação nas rodas de muitas camadas de cera. Deixaram o vale do rio Himela, onde ficava Nersas, mesmo na margem desse veloz curso de água, subindo por uma estrada que atravessava uma íngreme elevação; do outro lado, tinham uma descida igualmente íngreme até ao vale do Aterno.

Entretanto, algo de estranho se passou: César começou a melhorar logo que sentiu algum frio, depois de ter estado tanto tempo numa casa tão quente. Bebia algum leite (as mãos de Burgundo eram tão grandes que tinha a maior dificuldade em ordenhar a ovelha, felizmente um animal velho e paciente) e chegou mesmo a mastigar muito lentamente um pedaço de queijo que Burgundo lhe dera a chupar. No entanto, a prostração mantinha-se e, por outro lado, César não conseguia falar. Não encontraram casa nenhuma naquele caminho e, por isso, não puderam abrigar-se durante a noite; mas o frio era seco, o céu mantinha-se muito azul durante o dia e, à noite, enchia-se de profusas teias de estrelas.

O coma, entretanto, começou a desvanecer-se, para dar lugar à sonolência que o precedera; e, gradualmente, também essa sonolência acabou por se esfumar. Vendo as coisas por um determinado prisma, isso parecia ser uma melhoria, dizia Burgundo para si mesmo, fazendo as suas lentas conjecturas. Porém, ao olhar para César, Burgundo tinha a impressão de que alguma horrenda criatura do mundo dos mortos se apossara do seu amo e lhe chupara todo o sangue. De facto, César quase não conseguia erguer a mão. Conseguira falar uma vez, porque dera pela falta do seu querido cavalo.

— Onde está Bucéfalo? — perguntou. — Não vejo Bucéfalo!

— Tivemos de deixar Bucéfalo em Nersas, César. Podes ver com os teus próprios olhos que esta estrada não era para um cavalo daqueles. Mas não te preocupes. O cavalo está em segurança, ficou com Ria. — Burgundo achou que era melhor não lhe dizer a verdade, tanto mais que César acreditou nele.

Prisco e Gratídia viviam numa pequena quinta, a alguns quilômetros de Amiterno.

Tinham sensivelmente a mesma idade que Ria e eram pobres; os seus dois filhos, que poderiam ter contribuído para uma maior prosperidade da família, haviam sido mortos durante a Guerra Italiana. Filhas, não tinham. Por isso, quando leram a carta de Ria e Burgundo lhes entregou os três mil sestércios que lhe restavam, receberam de braços abertos os fugitivos.

— Se a febre subir, levo-o lá para fora — disse Burgundo ao casal. — É que, logo que ele deixou a casa de Ria e apanhou um bocado de frio, começou a ficar melhor. — Depois, apontando para o trenó e para os bois, acrescentou: — Podem ficar com aquilo. Se César sobreviver, não precisará nem do carro, nem dos bois.

Conseguiria César vencer a morte? Aquelas três pessoas que cuidavam dele não faziam a mínima ideia, pois os dias iam passando e as melhoras eram poucas. Por vezes o vento soprava forte e a neve parecia cair durante uma eternidade. Depois, o tempo voltava a ficar mais seco e mais frio, mas César parecia não dar por nada. A febre tinha baixado e, ao mesmo tempo, César saíra do coma, mas a verdade é que as grandes melhoras demoravam e o jovem flamen Dialis continuava com o mesmo aspecto de quem ficara sem pinga de sangue.

Em fins de Abril, começou o degelo e surgiu uma promessa de Primavera. Segundo diziam os habitantes daquela região de Itália, aquele fora o mais terrível Inverno de que tinham memória. Para César, fora o mais terrível Inverno de toda a sua vida.

— Creio — disse Gratídia, que era prima de Ria — que César acabará por morrer, a menos que possa ir para um sítio como Roma, onde há médicos e remédios e alimentos que nós, nas montanhas, não podemos ter. Não há sinal de vida no seu sangue. É por isso que ele não melhora. Não sei que remédios lhe dar e tu proíbes-me de ir a Amiterno buscar alguém para o ver. Por isso, Burgundo, creio que chegou a hora de ires a Roma contar à mãe dele o que se passa.

Sem uma palavra, Burgundo virou-lhe as costas e correu a pôr a sela no seu cavalo; Gratídia só teve tempo de lhe dar um naco de comida antes de ele partir.

— Eu já estava intrigada por não ter notícias — disse Aurélia, o rosto muito branco. Mordia no lábio inferior, como se o estímulo de uma pequena dor a ajudasse a pensar. — Não encontro palavras para te agradecer, Burgundo. Sem ti, o meu filho estaria certamente morto a esta hora. E temos de trazê-lo para Roma antes que ele morra de facto. Agora vai ter com Cardixa. Ela e os teus filhos estão cheios de saudades.

De nada lhe serviria ir falar de novo com Sila, disso estava Aurélia ciente. Se esse processo não resultara antes do Ano Novo, não era agora, quatro meses depois do Ano Novo, que ia resultar. As proscrições continuavam a assolar gente e bens — embora ultimamente com

menos virulência, ou assim parecia, e as leis começavam a sair; grandes leis ou leis terríveis: isso dependia da opinião daqueles com quem ela falava. Mas uma coisa era certa: Sila estava extremamente ocupado.

Quando soube que Sila mandara chamar Marco Púpio Pisão Frugi, alguns dias depois da sua entrevista, e que Sila ordenara a Pisão Frugi que se divorciasse de Ânia porque ela era a viúva de Cina, Aurélia chegou a ter uma réstia de esperança em relação ao futuro do filho. Porém, apesar de Pisão Frugi ter obedecido, divorciando-se rapidamente de Ânia, a verdade é que nada de especial aconteceu. Ria tinha-lhe escrito uma carta, dizendo que o dinheiro fora engolido por um homem a quem tinham posto um apelido por causa das grandes quantidades que podia engolir, e que César e Burgundo se tinham ido embora; mas Ria não mencionara a doença de César e Aurélia concluíra que tudo estava a correr bem.

—vou ter com Dalmática — decidiu por fim. — Talvez uma outra mulher me possa indicar a melhor maneira de abordar Sila.

A mulher de Sila, que chegara de Brindísio em Dezembro do ano anterior, quase não fora vista em Roma desde então. Corriam vários boatos: segundo uns, ela estaria doente; segundo outros, Sila não tinha tempo para a sua vida privada e, por isso, não dava a mínima atenção à mulher; mas ninguém murmurava que Sila a tinha substituído por outra pessoa. Assim sendo, Aurélia escreveu-lhe uma breve nota, pedindo uma entrevista, de preferência a uma hora em que Sila não estivesse em casa. Aurélia teve o cuidado de explicar que preferia que o Ditador não estivesse em casa pois tinha receio de irritá-lo. Perguntava também se seria possível que Cornélia Sila estivesse presente, pois gostaria de ver uma pessoa que em tempos conhecera tão bem; talvez

pudesse também aconselhá-la, pois debatia-se com um problema. De facto, o que pretendia, assim terminava a nota, era discutir esse problema.

Sila vivia já na sua casa com vista para o Circus Maximus, que entretanto fora reconstruída; a casa tresandava ainda a estuque fresco e a cal e a todo o tipo de tintas e tinha ainda o aspecto grosseiro que só o tempo atenua. Aurélia foi conduzida através de um vasto átrio para um peristilo ainda mais vasto, e finalmente até aos aposentos de Dalmática, que eram tão grandes como o apartamento de Aurélia. As duas mulheres conheciam-se mas nunca tinham sido amigas; Aurélia não entrava no círculo do Palatino, a que pertenciam as mulheres dos homens

mais poderosos de Roma, já que era senhoria de uma ínsula em Subura e estava sempre tão ocupada que não tinha tempo para aquelas reuniões fúteis em que as senhoras temperavam os mexericos com bolinhos e vinho doce misturado com água.

Dalmática, justiça lhe seja feita, também não pertencia a esse círculo. De facto, os muitos anos de clausura que o seu primeiro marido, Escauro Princeps Senatus, lhe tinha imposto, tinham-na feito perder todo o interesse por esse tipo de futilidades. Depois, viera o exílio na Grécia — um idílio com Sila em Éfeso, Esmirna e Pérgamo, os gémeos e, por fim, a terrível doença de Sila. Demasiadas preocupações, infortúnios, saudades da terra natal, sofrimento. Cecília Metela Dalmática nunca mais voltaria a sentir qualquer inclinação pelas actividades fúteis de muitas senhoras da sua classe: compras, actores de comédia, pequenas contendas, escândalos, ociosidade. Além disso, o seu regresso a Roma quase ganhara as proporções de um triunfo, pois Sila parecia amá-la mais do que nunca.

Contudo, Sila não confiava nela e, por isso, Dalmática nada sabia quanto à sorte do flamen Dialis, aliás, nem sequer sabia que Aurélia era a mãe do flamen Dialis. E Cornélia Sila apenas sabia que Aurélia fora uma presença constante da sua infância, que Aurélia era um elo apenas nas suas vagas recordações de uma mãe que bebia demasiado e que se matara, e nas recordações, bem mais nítidas, da sua querida madrasta, Élia. O seu primeiro casamento — com o filho do colega de Sila no seu consulado — terminara em tragédia: o marido morrera em tumultos ocorridos no Fórum, durante o período em que Sulpício fora tribuno da plebe; o segundo casamento, com o irmão mais novo de Druso, Mamerco, era um casamento feliz.

Cada uma das três mulheres apreciava a beleza das outras e, já que eram consideradas em Roma como três das mais belas mulheres da cidade, era fácil deduzir que todas elas sentiam ter suportado as corrosivas tempestades do tempo melhor do que a maioria das mulheres. com 42 anos, Aurélia era a mais velha; Dalmática tinha 37 anos; e Cornélia Sila ia apenas nos 26.

— Agora estás mais parecida com o teu pai — disse Aurélia a Cornélia Sila.

com os seus olhos demasiado azuis e cintilantes para serem parecidos com os de Sila, Cornélia desatou a rir.

— Ah, não digas uma coisa dessas, Aurélia! A minha pele está intacta e, além disso, não uso peruca!

— Pobre homem — disse Aurélia. — É uma verdadeira provação para ele.

— Assim é, de facto — concordou Dalmática, cuja formosura de morena era mais suave do que a imagem que Aurélia guardava dela, e cujos olhos acinzentados se mostravam agora muito mais tristes.

A conversa girou em torno de futilidades durante algum tempo, graças ao tacto de Dalmática, que evitou os temas desagradáveis que a sua enteada desejaria abordar. Como não era uma conversadora nata, Aurélia limitou-se a contribuir com um ou outro comentário insignificante.

Dalmática, que tinha um rapaz e uma rapariga do seu primeiro casamento e gémeos do segundo, estava preocupada com a filha mais velha, Emília Escaura.

— É a mais bela das raparigas! — disse ela, exultante e feliz. — Cremos que está grávida, mas ainda é um bocado cedo para se ter a certeza.

— com quem casou ela? — perguntou Aurélia; nunca estava a par dos casamentos.

— com Mânio Acílio Glábrio. Escauro insistiu que ficassem noivos desde muito cedo. Laços tradicionais entre as famílias.

— Glábrio? É boa pessoa — disse Aurélia num tom cuidadosamente neutral; em privado, considerava-o um homem demasiado presunçoso e espalhafatoso, o contrário do pai, uma excelente pessoa.

— Não passa de um presunçoso e adora dar nas vistas — comentou Cornélia Sila sem o mínimo embaraço.

— Ora, Cornélia! Está certo que Glábrio não fosse homem para ti, mas já o mesmo não podemos dizer de Emília Escaura — disse Dalmática.

— E como está a nossa querida Pompeia? — perguntou rapidamente Aurélia.

Cornélia Sila ficou radiante.

— Ah, está linda de morrer! Tem oito anos, já anda na escola. — Como era filha de Sila e tinha muito do desprendimento do pai, acrescentou: — Só é pena que seja de uma estupidez abismal! Já me dou por feliz se ela aprender latim que chegue para escrever uma nota de agradecimentos! De certeza que não vai conseguir aprender grego... De maneira que estou muito contente pelo facto de ela ser tão bonita. Para uma rapariga, é melhor ser bonita que brilhante.

— Claro que é bom ser-se bonita quando é preciso encontrar um marido, mas um dote

decente também ajuda — retorquiu secamente Aurélia.

— Ah, mas ela vai ter um dote em condições! — replicou a mãe de Pompeia. — O meu pai está riquíssimo e ela herdará uma parte dos bens dele e também uma parte dos bens dos Pompeus Rufos — os quais mudaram completamente em relação aos tempos em que fui viúva e vivi em casa deles! Nessa altura transformaram a minha vida na pior das provações! Mas agora, como eu tenho o meu pai ao meu lado, estão completamente diferentes! Além disso, têm medo que ele os proscreva.

— Façamos votos para que Pompeia encontre um óptimo marido — disse Dalmática, após o que olhou para Aurélia com um ar mais sério. — Estou muito contente por te ver, Aurélia, e espero que, a partir de agora, possa contar contigo como amiga, mas sei perfeitamente que não vieste cá apenas para me fazer uma visita de cortesia — tanto mais que tu és uma mulher famosa pela tua sabedoria e sensatez e por não te imiscuíres na vida de ninguém! Há algum problema, Aurélia? De que modo te posso ajudar?

Aurélia contou imediatamente a sua história, no estilo despojado que a caracterizava. Quanto à audiência, Aurélia não poderia censurá-la, pois as duas mulheres escutavam-na em absoluto silêncio.

— Temos de fazer qualquer coisa — disse Dalmática, mal Aurélia terminou. — Lúcio Cornélio tem demasiados assuntos a tratar e temo que ele não seja propriamente o mais afável dos homens. — Remexeu-se no seu assento, pouco à vontade. — Tu és amiga dele há muitos anos — disse ela, algo embaraçada. — Se tu não conseguiste influenciá-lo, custa-me a crer que eu consiga.

— Espero que isso não seja verdade — disse Aurélia num tom severo. — Sila visitava-me de quando em quando, mas garanto-lhes que não houve nada de menos próprio entre nós. Não era a minha suposta beleza que o atraía. Ainda que isto possa soar muito pouco romântico, a verdade é que aquilo que o atraía em mim era o meu senso prático.

— Acredito no que dizes — disse Dalmática, com um sorriso nos lábios.

Cornélia Sila tomou as rédeas da conversa.

— bom, mas tudo isso já se passou há muito tempo — disse ela bruscamente — e a vossa amizade de outros tempos já não exerce qualquer influência hoje. Tens toda a razão, Aurélia, quando dizes que não faz sentido encontrares-te de novo sozinha com o tata. Mas isso

não quer dizer que não devas vê-lo uma vez mais. E quanto mais depressa melhor. Neste momento, ele está numa pausa entre duas leis. Creio que o melhor será reunir uma delegação formal. Sacerdotes, parentes homens, Virgens Vestais e tu. Mamerco ajudará, eu falo com ele. Quais são os parentes de César mais próximos que não estejam nas listas de proscritos?

— Os Cotas — os meus três meio-irmãos.

— Óptimo, os Cotas vão contribuir para dar peso à delegação! Caio Cota é pontífice e Lúcio Cota é augure, e isso dá-lhes um peso religioso, para além do mais. Quanto a Mamerco, estou certa de que te apoiará. E vamos precisar de quatro Virgens Vestais. Ponteia, porque é a Chefe das Vestais. Fábia. Licínia. E a filha de César Estrabão, Júlia, que é parente de César. Conheces alguma das Vestais?

— Nenhuma delas. Nem sequer Júlia Estrabão — respondeu Aurélia.

— Não faz mal. Eu conheço-as a todas. Deixa o caso comigo.

— Que posso eu fazer para ajudar? — perguntou Dalmática, algo intimidada com a extrema eficiência da filha de Sila.

— A tua missão vai ser convencer o tata a receber a delegação amanhã à tarde — disse Cornélia Sila.

— Como? Ele anda tão ocupado!

— Disparate! És demasiado humilde e tímida, Dalmática. O tata faz tudo o que tu lhe pedires. O problema é que tu não pedes, de maneira que não fazes a mínima ideia do que ele adora satisfazer os teus pedidos. Pede-lhe hoje ao jantar, não tenhas medo — disse a filha de Sila. Depois, virando-se para Aurélia, assegurou-lhe. — Euvou arranjar as coisas para que a delegação esteja cá algum tempo antes da entrevista. Poderás falar com eles antes de entrares.

— Que achas que vista amanhã? — perguntou Aurélia, preparando-se para partir.

Cornélia Sila pestanejou, surpreendida, tal como Dalmática.

— Só perguntei — disse Aurélia, como que a desculpar-se — porque, da última vez, ele comentou o que eu trazia vestido. Negativamente, é claro.

— Porquê? — perguntou Cornélia Sila.

— Creio que achou que eu trazia uma roupa demasiado descolorida.

— Então veste cores vivas!

Mal chegou a casa, Aurélia pôs-se a remexer nos seus baús e a tirar vestidos que deixara

de usar há muitos anos porque os considerava demasiado provocantes para uma mãe de família da aristocracia romana. Azul? Verde? Vermelho? Rosa? Lilás? Amarelo? Pouco antes de sair, optou por camadas de rosa, mais escuras por baixo, o todo coberto por uma gaze do mais pálido rosa.

Cardixa abanou a cabeça.

— Assim ataviada, ficas tal e qual como quando o pai de César veio jantar com o teu tio Rutílio Rufo. E nem um dia mais velha!

— Ataviada, Cardixa?

— Sim, como os Cavalos Públicos na parada!

—vou já mudar de roupa!

— Ah, nem pensar! Não tens tempo para isso. Vai-te embora já. Lúcio Decúmio vai contigo — disse firmemente Cardixa, empurrando-a para a rua, onde Lúcio Decúmio a esperava com os seus dois filhos.

Como Lúcio Decúmio tinha suficiente bom senso para não se pronunciar sobre o aspecto de Aurélia e os seus dois filhos

não se pronunciavam sobre nada sem autorização do pai, a longa caminhada até ao extremo do Palatino decorreu em silêncio. Aurélia esperava e temia que chegassem notícias de Prisco e Gratídia; temia que viesse a notícia fatal, a notícia de que era demasiado tarde, de que César morrera, e cada momento sem notícias era um golpe mais no seu coração.

A verdade é que se espalhara nas redondezas da ínsula o boato de que César estava às portas da morte; a todo momento chegavam à casa de Aurélia pequenas oferendas, desde ramos de flores dos Mercados Cupedenis até peculiares amuletos dos Licianos que viviam no quinto andar, passando pelos sons lamentosos das orações especiais que vinham do piso dos Judeus. A maior parte dos inquilinos de Aurélia vivia na ínsula há anos e conhecia César desde bebê. Criança muito viva, conversadora e curiosa, César passeava de andar em andar, pondo à prova a dúbia (a sua mãe achava-a muito dúbia) qualidade que possuía em abudância, o encanto pessoal. Muitas das mulheres que ali viviam tinham sido suas amas-secas, davam-lhe a provar as suas iguarias nacionais, cantarolavam-lhe ladainhas nas suas próprias línguas até que, a certa altura, já ele cantava com elas — e César era extremamente musical — e tocava naqueles estranhos instrumentos, tanto os de cordas como os de sopro. Mais tarde, César e o seu melhor amigo,

Caio Macio, que vivia no outro piso térreo, alargaram os seus contactos para lá da ínsula, passando a fazer parte integrante da vida de Subura; e agora, a notícia da sua doença espalhava-se por todo o bairro e as oferendas vinham cada vez de mais longe.

Como hei-de explicar a Sila que César significa diferentes coisas para diferentes pessoas? Que ele é o mais romano dos homens e que, ao mesmo tempo, contém em si uma série de nacionalidades? Não é a questão sacerdotal que me interessa: o que me interessa é aquilo que César representa para toda a gente que ele conhece. César pertence a Roma, mas não à Roma do Palatino. César pertence à Roma de Subura e do Esquilino e, quando for um dos grandes de Roma, dará uma dimensão ao seu cargo que nenhum homem poderá igualar, unicamente por causa da vastidão da sua experiência, da sua vida. Só Júpiter sabe quantas raparigas — e mulheres tão velhas como eu! — já dormiram com ele, quantas incursões ele já fez com Lúcio Decúmio e aqueles rufiões do colégio das encruzilhadas, quantas vidas ele já influenciou, porque nunca está quieto, porque está sempre pronto a escutar, porque tudo lhe interessa. O meu filho tem apenas 18 anos. Mas eu também acredito na profecia, Caio Mário! Aos 40 anos, o meu filho será uma criatura formidável! E aqui e agora, perante todos os deuses, faço este voto: para salvar o meu filho, eu farei não importa o quê! Nem que tenha de ir ao mundo dos mortos e trazer o cão de três cabeças de Hades!

Claro que quando chegou à casa de Sila e foi conduzida para uma sala cheia de gente importante, Aurélia perdeu toda a eloqüência que os seus pensamentos prometiam; o seu rosto não revelava o que se passava na sua mente; tinha um ar apenas austero, severo. Intimidante.

Como Cornélia Sila prometera, estavam presentes quatro Vestais, todas elas mais novas que Aurélia; as Vestais entravam para a ordem com 7 ou 8 anos e só a deixavam ao fim de trinta anos: e nenhuma daquelas quatro mulheres, incluindo a Chefe, estava prestes a retirar-se. Traziam vestidos brancos com longas mangas dotadas de belas dobras, apanhadas por uma nervura longitudinal, e, por cima dos vestidos, usavam faixas também brancas e a corrente e a medalha da bulla de Vestal; nas cabeças, tinham coroas feitas de sete fiadas de lã enrolada, sobre as quais flutuavam finíssimos véus brancos. A vida que levavam, que não implicava o seqüestro mas obrigava à virgindade, transformava mesmo a mais jovem das Vestais numa presença poderosa; ninguém sabia melhor do que elas que a sua castidade significava a boa sorte de Roma e era nítido que elas tinham uma consciência muito clara do seu estatuto particular. Poucas eram as

contemplavam a possibilidade de quebrar os votos, já que quase todas entravam para a ordem ainda crianças e sentiam imenso orgulho pelas funções que desempenhavam na sociedade romana.

Os homens traziam a toga vestida: Mamerco com o debrum púrpura que agora podia usar, pois era praetor peregrinus; e os Cotas, demasiado jovens para usarem togas com debrum púrpura, vestiam togas inteiramente brancas. O que significava que Aurélia, com todos aqueles matizes de rosa, era a presença mais colorida naquela sala! Atormentada por esse facto, sentia-se rígida e emperrada e previa já que as coisas não iam correr bem.

— Estás com um aspecto magnífico! — segredou-lhe Cornélia Sila. — Já me tinha esquecido de que eras a mais bela das mulheres.

Basta que decidas trazer cá para fora essa beleza. Tu fecha-la bem fechada como se não existisse e, de repente, basta um pequeno toque... e ei-la cá fora, para todos verem!

— Será que os outros compreendem? Concordam comigo? — murmurou Aurélia, arrependida por não ter trazido um conjunto bege ou marfim.

— Claro que concordam. Em primeiro lugar, porque ele é o flamen Dialis. E, além disso, acham que ele é tremendamente corajoso. Imagina só: enfrentar o Ditador. Ninguém o enfrenta. Nem Mamerco. Eu às vezes dou-lhe luta. E olha que ele gosta. O tala, quero dizer. A maior parte dos tiranos gosta. Desprezam os cobardes, embora se rodeiem deles. Portanto, quem vai à frente da delegação és tu. E trata de enfrentá-lo!

— Foi sempre isso o que eu fiz — disse a mãe de César. Crisógono estava presente, falando com todos os membros da delegação no tom falso e melífluo que lhe era habitual, ainda que a untuosidade dos seus modos variasse conforme a importância ou qualidade de cada um dos seus interlocutores; começava a tornar-se conhecido como um dos homens que mais ganhava com as proscrições e a verdade é que já estava riquíssimo. Quando um criado veio ter com ele e lhe segredou qualquer coisa, Crisógono encaminhou-se para as grandes portas duplas que davam para o átrio de Sila e afastou-se para deixar a delegação entrar.

Sila esperava a delegação com uma disposição particularmente azeda, já que caíra numa armadilha montada por mulheres; por outro lado, sentia-se furioso por não ter conseguido resistir a essa armadilha. Não era justo! O que a mulher e a filha não tinham feito para conseguirem o que queriam! Primeiro, defenderam a sua causa; depois, tentaram persuadi-lo com mimos e

agrados; quando foi preciso, puseram um ar triste e melancólico ou deram-lhe a perceber que ficariam eternamente em dívida para com ele se vissem aquele insignificante pedido satisfeito — e que ficariam muito, muito aborrecidas, se ele não o satisfizesse. Dalmática não era a pior, de maneira nenhuma, ela ficara com aquele feitio de cãozinho a quem tinham batido desde que Escauro a condenara à clausura, mas Cornélia Sila era do seu sangue e de que maneira! Um virago! Como é que Mamerco conseguia suportá-la e ainda por cima ter um ar feliz?

Provavelmente porque evitava sempre os conflitos.

Aí estava uma atitude inteligente. Ah, o que nós não fazemos pela harmonia doméstica!

Incluindo aquilo que estou prestes a fazer.

No entanto, aquela reunião era pelo menos uma mudança, uma diversão na longa e cansativa rotina dos deveres ditatoriais. Ah, como tudo aquilo o entediava! Estava farto, farto, farto... Roma sempre o entediara. E o tédio levava-o a pensar nos prazeres proibidos, nas festas onde não podia ir, nos círculos onde não podia entrar... E em Metróbio. A sua imaginação conduzia-o sempre a Metróbio. Que ele não via — há quanto tempo? Quando teria sido a última vez? No meio da multidão, sim, vira-o no meio da multidão, mas onde? No seu triunfo? Na tomada de posse como cônsul? Nem disso conseguia lembrar-se?

Do que ele se lembrava claramente era da primeira vez em que vira o jovem Metróbio. Naquela festa em que se mascarara de Medusa, a Górgona, com uma grinalda de cobras vivas. A berraria que as cobras tinham provocado! Mas Metróbio não berrara, Metróbio, o jovem grego mascarado de Cupido, com o interior das coxas, muito suaves, pintadas de açafrão, e o mais belo rabo do mundo...

A delegação entrou. No local onde estava, para lá do enorme rectângulo azul da piscina, a meio da vasta sala, o olhar de Sila era ainda suficientemente forte para absorver todo o quadro. Talvez porque a sua mente estivera a pairar pelo mundo do teatro (concentrando-se em especial num actor), aquilo que Sila viu não foi uma delegação romana cerimoniosa e respeitável mas um esplêndido quadro vivo, chefiado por uma mulher esplêndida, vestida em todos os tons de rosa, a sua cor favorita. E que inteligente que ela fora, ao rodear-se de pessoas vestidas de branco e algumas delas com um pequeno nada de púrpura!

O mundo dos deveres ditatoriais evaporou-se nesse instante, tal como a disposição azeda de Sila. O seu rosto iluminou-se, todo o seu corpo vibrou deliciado.

— Ah, que maravilha! Isto é melhor do que uma peça, melhor do que os jogos! Não, não, não se aproximem mais! Fiquem desse lado da piscina! Aurélia à frente. Quero que pareças uma rosa, uma rosa muito alta e esbelta. As Vestais — para a direita, acho eu, mas a mais jovem pode ficar atrás de Aurélia, quero que Aurélia fique com um pano de fundo branco. Sim, isso mesmo, isso mesmo!

Agora, os outros: todos para esquerda. Isso. Mas acho que seria melhor que o jovem Lúcio Cota se postasse também atrás de Aurélia, porque ele é o mais jovem e, portanto, não deve ter nenhuma fala nesta peça. Gosto muito das pequenas sugestões de púrpura, mas francamente, Mamerco, tu estragas o efeito geral. Não devias ter vestido a praetexta, é púrpura a mais. De maneira que... sim, vais para a esquerda, para a ponta. Isso. — O Ditador levou a mão ao queixo e examinou-os atentamente; finalmente, aquiesceu. — Óptimo! Estou a gostar! Mas preciso de uma atmosfera mais mágica! Sim, porque afinal eu estou aqui sozinho, deste lado, pareço mesmo o Mamerco, até tenho praetexta e tudo, e estou com um ar tão pesaroso como o dele!

Bateu as palmas; Crisógono saiu de detrás da delegação e correu para o amo, fazendo várias vénias.

— Crisógono, manda vir os meus lictores em... em túnicas carmins... sim, túnicas carmins, nada de togas brancas... ah, e traz-me a cadeira egípcia! Sabes qual é. Aquela que tem crocodilos nos braços e áspides nas costas. E um pequeno pódio. Sim, preciso de um pequeno pódio! Coberto com um tecido... púrpura. Púrpura de Tiro, não quero imitações! Vá, homem, despacha-te!

A delegação — que não tinha dito palavra — preparou-se para uma longa espera, mas por alguma razão Crisógono era chefe-administrador das proscrições e chefe dos criados do Ditador. Em pouco tempo, realizava todas as instruções do encenador: de facto, instantes depois, entravam na sala vinte e quatro lictores, vestidos com túnicas carmins, com os fasces e a machadinha, os rostos estudadamente inexpressivos. Atrás deles vinha o pequeno pódio, transportado por quatro corpulentos escravos, que o colocaram precisamente no centro da sala, para lá da piscina, cobrindo-o depois com uma tapeçaria que de facto tinha sido tingida com púrpura de Tiro, tão escura que era quase negra. A cadeira chegou a seguir, uma magnífica cadeira de ébano com dourados; as serpentes das costas tinham rubis nos olhos e, nos olhos dos crocodilos das pernas, havia esmeraldas; finalmente, no centro das costas, brilhava um magnífico

escaravelho multicolorido.

Montado o cenário, Sila virou-se para os seus lictores.

— Gosto das machadinhas no meio dos feixes, por isso estou contente por ser o Ditador e por ter o poder de executar no interior do pomerium! Agora deixem-me ver... Doze para a minha esquerda e doze para a minha direita — em linha, mas próximos uns dos outros. Distribuam-se de maneira a que a distância entre os primeiros seja menor do que a distância entre os últimos... Isso, isso! — Virou-se então para a delegação, observou-a minuciosamente e, franzindo muito a testa, disse: — Há um problema! Não consigo ver os pés de Aurélia! Crisógono, vai buscar aquele banquinho de ouro que eu surripiei a Mitridates. Quero que ela fique sobre o banquinho. Depressa, homem, despacha-te!

Finalmente, Sila ficou satisfeito com o palco em que se iria dar a representação. Sentou-se na sua cadeira com crocodilos e serpentes, aparentemente esquecido de que deveria estar sentado numa cadeira curul, feita em marfim, e não naquela espaventosa cadeira egípcia. Não que qualquer dos presentes sentisse o mínimo impulso para o criticar; o que era preciso era que o Ditador se sentisse o melhor possível, que desfrutasse o mais possível daquele momento. É que o prazer do Ditador representava meio caminho andado para um veredicto favorável.

— Fala! — disse ele num tom retumbante.

— Lúcio Cornélio, o meu filho está a morrer.

— Mais alto, Aurélia! Estás a falar para a cavea!

— Lúcio Cornélio, o meu filho está a morrer! Eu vim com os meus amigos suplicar-te que lhe perdoes!

— com os teus amigos? Estas pessoas são todas tuas amigas? — perguntou ele, exagerando um pouco o tom divertido.

— Sim, são todas minhas amigas. Associaram-se à minha súplica para que tu deixes o meu filho voltar a Roma antes de morrer. — Aurélia enunciava de forma muito clara, representando para as últimas filas da cavea, decidida a executar na perfeição o seu papel. Se ele queria uma tragédia grega, pois teria uma tragédia grega! Estendeu os braços e os drapeados cor-de-rosa esvoaçaram ao afastar-se da sua pele branco-marfim. — Lúcio Cornélio, o meu filho tem dezoito anos! É o meu único filho! — Uma vibração especial na voz: tudo estava a correr bem.

Sim, tudo estava a correr bem, nem que fosse pela sua magnífica expressão! — Tu conheces o meu filho. Um deus! Um deus romano! Um descendente de Vénus e digno de Vénus! E com tal coragem! Não teve ele a coragem de te desafiar, a ti que és o homem mais poderoso do mundo? E houve da parte dele alguma demonstração de receio? Não!

— Ah, que maravilha! — exclamou Sila. — Não sabia que tinhas tanto talento, Aurélia! Continua, continua!

— Lúcio Cornélio, suplico-te! Poupa o meu filho! — Conseguiu dar meia-volta no pequeno banco de ouro e estendeu as mãos para Ponteia, na esperança de aquela mulher austera entendesse o papel que tinha de representar. — Peço-te, Ponteia, Chefe das Vestais de Roma, suplica pela vida do meu filho!

Felizmente que os outros presentes já tinham recuperado da estupefacção inicial, ou pelo menos faziam uma tentativa para recuperar. Ponteia estendeu os seus braços e o seu rosto ganhou uma expressão de sofrimento que não conhecia desde a infância.

— Poupa-o, Lúcio Cornélio! — exclamou. — Poupa-o!

— Poupa-o! — murmurou Fábia.

— Poupa-o! — gritou Licínia.

Nesse momento, a jovem Júlia Estrabão, desfeita em lágrimas, tornou-se o foco de todas as atenções.

— Por Roma, Lúcio Cornélio! Poupa-o por Roma! — atroou Caio Cota, com a mesma voz estentória que tornara o seu pai famoso. — Suplicamos-te, Lúcio Cornélio, poupa o jovem César!

— Por Roma, Lúcio Cornélio! — gritou Marco Cota.

— Por Roma, Lúcio Cornélio! — clamou Lúcio Cota.

Só restava Mamerco, que não conseguiu mais que uma voz sumida:

— Poupa-o!

Silêncio. Os dois lados fitavam-se, expectantes.

Sila endireitou-se na sua cadeira, com o pé direito para a frente e o pé esquerdo ligeiramente recuado, na pose clássica dos grandes romanos. Tinha o queixo todo franzido e a cabeça pendia, ameaçadora. Esperava. Até que por fim veio a resposta:

— Não!

As súplicas repetiram-se. E a rotunda recusa também:

— Não!

Ainda que fragilizada e angustiada, Aurélia, melhorando cada vez mais a sua representação, pediu uma terceira vez que a vida do seu filho fosse poupada. As mãos tremiam-lhe e, na voz, reflectia-se toda a força de um coração destroçado. Nesse momento já Júlia Estrabão perdera por completo o controlo de si mesma e, da sua boca, só saíam gemidos portentosos; Licínia, pelo seu lado, parecia
prestes a imitar a sua colega vestal. O coro de suplicantes voltou a erguer-se, até que, chegando à vez de Mamerco, se desvaneceu uma vez mais num quase murmúrio.

Um silêncio pesado impôs-se em toda a sala. Sila esperou um ror de tempo; parecia ter adoptado uma pose que, aos seus olhos, se assemelharia à de Zeus, imponente e ameaçadora, magnificente e portentosa. Por fim, levantou-se da cadeira e desceu até à extremidade do seu pequeno pódio, onde se postou com imensa dignidade, exibindo um cenho horrendo.

Depois, soltou um suspiro que, num teatro, teria sido facilmente ouvido na última fila da cavea, cerrou os punhos e ergueu-os na direcção das esplendorosas estrelas do tecto dourado.

— Muito bem, que seja feito como pretendem! — exclamou. — Euvou poupá-lo! Mas de uma coisa vos advirto: nesse jovem, eu vejo muitos Mários!

Depois, saltou como um cabrito do pódio para o chão e, com um passo leve e jovial, contornou a piscina.

— Ah, eu precisava disto! Magnífico, magnífico! Não me divertia tanto desde que dormi entre a minha madrasta e a minha amante! Ser Ditador não é nada agradável! Nem sequer tenho tempo de ir ao teatro! Mas isto é melhor do que qualquer peça que já vi e, além do mais, fui eu o protagonista! Foram todos muito bem. Excepto tu, Mamerco, estragaste tudo com a tua praetexta e com a tua vozinha. Estás demasiado rígido, homem! Tens de tentar entrar na personagem!

Abeirando-se de Aurélia, ajudou-a a descer do banquinho de ouro e abraçou-a uma série de vezes.

— Esplêndido, esplêndido! Parecia Ifigénia em Áulida, minha querida.

— Senti-me como uma peixeira num mimo.

Sila já se esquecera dos lictores, que continuavam nos seus postos, rodeando o trono vazio; o cargo de lictores nunca mais lhes reservaria uma surpresa tão grande!

— Vá, vamos para a sala de jantar, quero dar uma festa! — disse o Ditador, empurrando toda a gente do coro enquanto punha um braço sobre os ombros da aterrada Júlia Estrabão. — Não chores, minha tonta, está tudo bem! Foi apenas um pequeno divertimento em minha intenção — disse ele, empurrando Júlia Estrabão para Mamerco. — Vá, Mamerco, limpa estas lágrimas com o teu
lenço! — O braço de Sila encontrou então Aurélia. — Magnífico! Verdadeiramente magnífico! Devias vestir-te sempre de rosa.

Tão aliviada que sentia os joelhos tremendo, Aurélia fitou-o com um olhar feroz e disse-lhe com uma voz cavada:

— ”Eu nele vejo muitos Mários!” Devias ter tido: ”Eu nele vejo muitas Silas!” Estaria mais correcto. Ele não é nada parecido com Mário, mas por vezes é tremendamente parecido contigo.

Dalmática e Cornélia Sila estavam à espera lá fora, perfeitamente intrigadas; quando os lictores entraram não ficaram especialmente surpreendidas; porém, quando viram o pequeno pódio e a tapeçaria em púrpura de Tiro e a cadeira egípcia e, por fim, o banquinho de ouro maciço, uma estupefacção total tomou conta delas. Agora saíam todos a rir — e por que raio é que só Júlia Estrabão vinha a chorar? — e Sila abraçava Aurélia e o sorriso desta dir-se-ia ser eterno.

— Uma festa! — exclamou Sila, envolvendo o rosto da mulher com as mãos e beijando-a. — Vamos dar uma festa e euvou embebedar-me até cair!

Só passado algum tempo é que Aurélia se apercebeu de que nenhum daqueles actores encontrara algo de aviltante naquela inacreditável cena ou cometera o erro de menosprezar Sila por ter posto em cena aquele drama improvisado. No fundo, o efeito tinha sido precisamente o oposto; como não temer um homem que ligava tão pouco às aparências?

Nenhum dos participantes naquele teatro contou o que ali se passara, nenhum deles tentou tirar proveito do episódio ou do comportamento de Sila, fosse em jantares, em festas ou em reuniões de senhoras condimentadas com bolinhos e vinho doce misturado com água. Não por que temessem pelas suas vidas. Nada disso. Apenas porque ninguém pensava que Roma viesse alguma vez a acreditar que aquele drama fora efectivamente representado.

Quando César chegou a casa, pôde sentir imediatamente os resultados da peça em um

acto que a sua mãe protagonizara; Sila enviou-lhe o seu médico pessoal, Lúcio Túcio.

— Para ser sincera, não me parece que Sila seja um caso muito recomendável — disse Aurélia a Lúcio Decúmio. — É caso para pensar que, sem Lúcio Túcio, Sila seria a personificação da degradação física e mental.

— Lúcio Túcio é romano — disse Lúcio Decúmio. — O que já é qualquer coisa. Eu cá não confio nos físicos gregos.

— Os físicos gregos são muito perspicazes.

— Nas teorias, são. Tratam os doentes com novas ideias e não com as velhas receitas. Mas as velhas receitas são as melhores. Aranhas cinzentas trituradas e arganazes secos, não há melhor remédio!

— bom, Lúcio Decúmio, como tu dizes, este é mesmo romano! Como o médico de Sila saía nesse momento do quarto de César, Aurélia e Decúmio calaram-se. Túcio era um homem de baixa estatura, muito redondo de formas e com um ar simpático e lavado; fora cirurgião-chefe do exército de Sila e, por outro lado, fora ele quem tivera a ideia de mandar Sila para Edepso em conseqüência da doença deste.

— Creio que a curandeira de Nersas tinha razão. A doença do teu filho é uma daquelas sezões fora do comum — disse ele, com a maior alegria. — É um rapaz com sorte. Poucos são os homens que conseguem curar-se.

— Então ele vai curar-se? — perguntou Aurélia, ansiosa.

— Claro que vai. A crise já passou há muito tempo. Mas a doença deixou-lhe o sangue debilitado. É por isso que não tem cor e está tão fraco.

— Nesse caso, que temos de fazer? — perguntou Lúcio Decúmio, destemidamente.

— bom, os homens que perdem muito sangue por causa de uma ferida têm praticamente os mesmos sintomas que César — retorquiu Túcio, despreocupado. — Em tais casos, quando não morrem, vão melhorando gradualmente, de forma espontânea. Mas sempre achei que ajudava muito dar-lhes um fígado de ovelha uma vez ao dia. Quanto mais jovem for a ovelha, mais rápida é a recuperação. Recomendo que César coma um fígado de ovelha e beba três ovos de galinha misturados com leite de cabra, todos os dias.

— O quê? E não lhe damos nenhum remédio? — perguntou Lúcio Decúmio, desconfiado.

— Não são os remédios que vão curar César. Tal como os físicos gregos de Edepso, acredito que, na maior parte das situações, o regime alimentar é melhor que os remédios — disse firmemente Lúcio Túcio.

— Estás a ver? Afinal de contas, o homem é grego! — disse Lúcio Decúmio mal o médico partiu.

— Isso não interessa — retorquiu vivamente Aurélia. —vou seguir os conselhos dele pelo menos durante um intervalo entre mercados. Depois veremos. Mas a mim pareceu-me um bom conselho.

— Nesse caso,vou já ao Campo Lanatário — disse Decúmio, que amava César mais do que os seus próprios filhos. — Compro uma ovelha e peço que a matem à minha frente.

O verdadeiro problema viria a ser o paciente, que se recusava terminantemente a comer fígado de ovelha, e que odiou tanto o primeiro batido de ovos e leite que acabou por vomitá-lo. Aurélia decidiu então reunir a sua equipa de pseudo-enfermeiros.

— Mas será que o fígado tem de ser comido cru? — perguntou Murgo, o cozinheiro.

Aurélia pestanejou, surpresa.

— Não sei. Pensei que tinha de ser cru.

— Então o melhor será ir perguntar a Lúcio Túcio — disse o chefe dos criados, Eutico.

— César não é grande garfo. Ou seja: não é como aquelas pessoas que quase ficam em êxtase só de provar uma boa iguaria. Em comida, César tem um gosto razoável, mas não é niquento. No entanto, uma coisa em que eu sempre reparei é que ele é incapaz de comer coisas que apresentem um cheiro muito forte. É o caso dos ovos crus. bom, e quanto ao fígado cru...! Que fedor! Que nojo!

— E se eu cozinhasse o fígado? E quanto ao batido, podia juntar-lhe uma boa quantidade de vinho doce! — sugeriu Murgo.

— E como cozinhavas o fígado?

— Cortava-o em fatias finas, passava cada fatia por um pouco de sal e espelta e dava-lhes uma fritura ligeira com um lume muito forte.

— Muito bem, Murgo. Euvou mandar alguém a casa de Lúcio Túcio para que ele se pronuncie sobre a tua ideia — disse a mãe do doente.

A resposta não tardou:

— Ponham o que quiserem no batido de leite e ovos e, evidentemente, cozinhem o fígado!

Tomada esta medida, o paciente começou a tolerar o seu regime, embora sem demonstrar grande satisfação.

— Digas o que disseres da tua comida, a verdade é que está a dar resultado — comentou a mãe.

— Eu sei que está a dar resultado! Senão porque é que achas que eu como esta droga? — replicou o paciente, irritado.

Amanhecia; Aurélia sentou-se à cabeceira de César com uma expressão que dizia que ia ficar ali até obter algumas respostas.

— Muito bem, César. O que é que se passa contigo? com os lábios muito comprimidos, César olhou pela janela aberta da sala de estar, fitando o jardim que Caio Macio construíra.

— O que se passa é que eu me portei horrivelmente mal da primeira vez que fiz qualquer coisa sozinho — disse ele, por fim. — Enquanto toda a gente se comportava com uma coragem e uma ousadia notáveis, eu dormia. Não dizia palavra, não fazia nada. Os heróis foram Burgundo, Ria e a minha mãe.

Aurélia escondeu o seu sorriso.

— Talvez haja uma lição a tirar de tudo isto, César. Talvez o Grande Deus — de quem ainda és servo! — achasse que tinha de te dar uma lição que tu nunca quiseste aprender: que um homem não pode combater os deuses, e que os Gregos tinham razão quanto ao hubris. Um homem com hubris é uma abominação.

— Mas eu tenho assim tanto orgulho? Ao ponto de achares que tenho a doença do hubris?

— Sem dúvida. Tens uma imensidão de falso orgulho.

— Não vejo a mínima relação entre o hubris e aquilo que aconteceu em Nersas — disse César, obstinadamente.

— É aquilo a que os Gregos chamam hipotético.

— Julgo que queres dizer filosófico.

Como tinha uma instrução profunda, Aurélia não deu qualquer importância àquela tergiversação, e continuou.

— O facto de tu teres um orgulho e um autoconvencimento desmesurados constitui uma grave tentação para os deuses. Hubris significa que quem o possui se julga intocável perante os deuses e superior ao estatuto comum a todos os homens. E — como nós, Romanos, muito bem sabemos! — os deuses não mostram a um homem que ele se está a exceder através daquilo a que poderíamos chamar uma intervenção pessoal. Júpiter Optimus Maximus não fala aos homens com uma voz humana. E quanto ao Júpiter
Optimus Maximus que aparece aos homens em sonhos, bom, creio que isso não passa de uma fantasia própria de sonhos. Os deuses intervém de uma forma natural, os deuses castigam com coisas naturais. E tu foste punido com uma coisa natural — ficaste doente. E eu acredito que a seriedade da tua doença é um índice claro da amplidão do teu orgulho. Quase te matou!
— Tu atribuis a uma intervenção divina — retorquiu César — um evento que é meramente, desprezivelmente, animal. Eu acredito que o vector que conduziu tudo isto foi tão prosaicamente animal como o evento. E como nenhum de nós pode provar aquilo que defendemos, que interessa discutirmos o caso? O que interessa é que eu falhei na minha primeira tentativa para governar sozinho a minha vida. Limitei-me a ser um objecto passivo, rodeado de heroísmo por todos os lados, e nem uma ponta de heroísmo me calhou.
— Oh, César, mas será que tu nunca vais aprender? Nos lábios de César, surgiu o seu belo sorriso.
— Provavelmente não, Mater.
— Sila quer falar contigo.
— Quando?
— Logo que estejas em condições. Terei de lhe pedir uma entrevista.
— Então pode ser amanhã.
— Não. Depois das próximas nundinae.
— Amanhã. Aurélia suspirou.
— Amanhã.
César insistiu em deslocar-se até casa de Sila sem ninguém a ajudá-lo. Quando descobriu que Lúcio Decúmio vinha atrás dele, mandou-o para casa com uma firmeza que Lúcio Decúmio não ousou desafiar.
— Estou farto de mimos! Estou farto de asas protectoras! — disse ele num tom que

assustou os transeuntes. — Deixa-me só!

A caminhada era longa, mas César chegou a casa de Sila sem sintomas de cansaço; não havia dúvida que a convalescença estava a ser rápida.

— Pelo que vejo, vens de toga — disse Sila, sentado à sua secretária. Apontou para a laena e para o apex, cuidadosamente dispostos sobre um divã próximo. — Guardei-os para ti. Não tens outros?

— Pelo menos outro apex, não tenho. Esse que aí está foi uma oferta do meu querido benfeitor Caio Mário.

— O de Mérula não te servia?

— Eu tenho uma cabeça enorme — disse César, com um ar sério.

Sila deu uma risadinha.

— Não há dúvida que tens! — Sila mandara perguntar a Aurélia se César conhecia já a segunda parte da profecia e, tendo recebido uma resposta negativa, decidira que César não a ouviria da sua boca. Mas tencionava discutir o envolvimento de Mário naquilo tudo. As suas ideias tinham mudado radicalmente, graças a dois factores. O primeiro fora a informação de Aurélia acerca das circunstâncias em que César se tornara flamen Dialis; o segundo fora aquele drama em um acto, e a festa que se seguira, momentos que lhe tinham proporcionado um imenso prazer; sentira-se de tal forma retemperado com aquele teatro que, um mês depois, ainda dava consigo a pensar em determinados instantes da peça nos momentos menos apropriados; ganhara novas forças para se consagrar às suas leis.

Sim, naquele momento em que a magnificente delegação entrara no seu átrio com um ar soberbamente solene e teatral, Sila sentira-se transportado para fora de si mesmo — para longe da sua lúgubre carapaça, para longe de uma vida esvaziada de prazer e de leveza. Durante um curto espaço de tempo, a realidade desaparecera por completo e ele tinha mergulhado num cintilante e esplêndido quadro vivo. E desde esse dia voltara a conhecer a esperança; desde esse dia, sabia que aquele tormento teria um fim. Sabia que um dia ficaria livre, livre para fazer aquilo que desejava, mergulhar todo o seu ser e tudo o que nele havia de chocante num mundo de prazer, fascínio, ociosidade, artificialidade, diversões, num mundo de gente bizarra, de máscaras e travestis. Deixaria a rotina do presente e mergulharia num futuro muito diferente e infinitamente mais atraente.

— Fizeste um sem-número de erros quando fugiste, César — disse Sila num tom perfeitamente amistoso.

— Não preciso que mo digas. Tenho perfeita consciência disso.

— És demasiado belo para não seres notado e, além disso, tens um sentido natural do dramático — explicou Sila, contando com os dedos os pontos em que se baseava. — O criado germano, o cavalo, o teu belo rosto, a tua arrogância natural — preciso de continuar?

— Não — disse César, com um ar triste. — A minha mãe disse-me o mesmo. E muitas outras pessoas, também.

— Óptimo. Contudo, aposto que não te deram o conselho que eu te vou dar. E que se resume a isto: aceita o teu destino. Se és um homem fora do vulgar, se não podes passar despercebido na multidão, então não te metas a fazer excursões tresloucadas. A menos que faças como eu fiz uma vez, quando vesti a pele de um gaulês de aspecto terrífico. Quando regressei a Roma, trazia um daqueles colares de ouro que os Gauleses usam. Pensava que o colar me dava sorte. Mas Caio Mário tinha razão. O colar dava nas vistas, de um modo que não me agradava, que não me interessava. Por isso deixei de usar o colar. Eu era um romano, e não um gaulês — e a deusa Fortuna é que me favorecia, e não um colar de ouro inanimado, por muito bonito que ele fosse. Onde quer que tu vás, as pessoas hão-de dar por ti. Tal e qual como eu. Por isso, aprende a comportar-te dentro dos limites da tua natureza e da tua aparência. — Sila fez um ruído como que resmungando; parecia algo surpreendido. — Ah, mas que bem-intencionado que eu estou! Olha que é muito raro dar bons conselhos seja a quem for!

— Fico-te grato por isso — disse César, e estava a ser sincero. O Ditador ignorou o agradecimento.

— Quero saber quais foram, em tua opinião, as razões que levaram Caio Mário a tornar-te flamen Dialis.

César fez uma pausa para escolher as palavras, compreendendo que aquela resposta tinha de ser lógica e sem ponta de emoção.

— Caio Mário conviveu muito comigo depois de ter tido a segunda trombose — começou ele.

Sila interrompeu-o.

— Que idade tinhas então?

— Dez, quando tudo começou. Quase doze quando acabou.

— Continua.

— Eu estava interessado nos ensinamentos militares dele. Escutava-o com toda a atenção. Ele ensinou-me a montar, a servir-me da espada, a lançar uma lança, a nadar. — César pôs um sorriso irônico. — Naqueles tempos, eu tinha desmesuradas ambições militares.

— E por isso escutava-lo com toda a atenção.

— Sim, claro. E creio que Caio Mário ficou com a impressão de que eu queria ultrapassá-lo.

— E porque é que ele ficou com essa impressão?

— Porque eu lhe disse! — respondeu César, de novo com uma expressão triste.

— Muito bem. Agora vamos ao flaminato. Fala.

— Não posso dar-te uma resposta lógica quanto a esse ponto. A sério que não. Excepto que acredito que ele me nomeou flamen Dialis para eu não poder seguir uma carreira militar ou política. — disse César, muito constrangido. — Esta ideia não se baseia apenas nas minhas suposições. Caio Mário não estava bom da cabeça. É muito provável que o seu objectivo fosse esse.

— Muito bem — disse Sila, com uma expressão inescrutável. — Caio Mário está morto, por isso nunca saberemos a verdade. Contudo, e tendo em conta que a mente dele estava doente, a tua teoria adequa-se perfeitamente ao caracter dele. Caio Mário sempre teve medo de ser suplantado. Por velhos e grandes nomes. O seu nome era novo e ele sentia que fora injustamente discriminado precisamente por ser um Homem Novo. Pensa por exemplo na captura do rei Jugurta. Foi ele que ficou com os louros, como sabes. Mas afinal o trabalho foi todo meu! Se eu não tivesse capturado Jugurta, a guerra em África não terminaria tão cedo, nem de uma forma tão decisiva. O primo do teu pai, Catulo César, procurou repor a verdade nas suas memórias, mas essa sua tentativa foi abafada.

Nem mesmo que a sua vida dependesse disso, César não revelaria, por palavras ou por expressões, o que realmente pensava daquela espantosa versão da captura do rei Jugurta. Sila fora legado de Mário! Por muito brilhante que fosse a captura, os louros tinham de ir para Mário! Fora

Mário quem mandara Sila executar a missão, fora Mário quem comandara a guerra. E o general não podia fazer tudo sozinho — era por isso que tinha legados. Creio, pensou César, que estou a ouvir uma das primeiras versões, ainda em esboço, do que será a história oficial! Mário perdeu, Sila venceu. Por uma única razão. Porque Sila sobreviveu a Mário.

— Estou a ver — retorquiu César, sem mais.

com um andar um tanto arrastado, Sila encaminhou-se para o divã onde se encontrava o traje do flamen Dialis. Pegou no capacete de marfim com o espigão e o disco de lã, mexeu-lhe e remexeu-lhe.

— Está bem forrado — disse.

— É muito quente, Lúcio Cornélio, e eu não gosto de sentir o suor — disse César.

— Mudas freqüentemente o forro? — perguntou Sila, erguendo o capacete para cheirar o interior. — Cheira bem. Por todos os deuses, que mal que cheira um capacete militar! Já vi cavalos virarem o focinho por lhes darem de beber com um capacete militar.

Na expressão de César notou-se um vago sinal de enojamento. Contudo, encolheu os ombros e procurou ignorar.

— Exigências da guerra! — disse ele, ligeiro. Sila pôs um sorriso arreganhado.

— Será muito interessante ver como vais enfrentar tais exigências, rapaz! És um bocadinho picuinhas, não és?

— Em certas coisas, talvez — disse César, sensatamente. Sila deixou cair o apex de marfim no divã.

— com que então odeias este cargo, não é verdade?

— Odeio, sim.

— E Caio Mário tinha tanto medo de ti que te deu esse cargo. Para que tu ficasses preso de pés e mãos.

— Assim parece.

— Lembro-me de que, na tua família, diziam que tu eras muito esperto. Que lias um texto num abrir e fechar de olhos. É verdade?

-É.

Sila voltou num instante à secretária, remexeu nos seus papéis e tirou uma folha, que entregou imediatamente a César.

— Lê-me isso — disse.

César percebeu logo a escolha. A caligrafia era de tal modo execrável, as letras tão comprimidas e as linhas tão desordenadas que aquilo mais parecia um conjunto de rabiscos sem significado.

— Tu não me conheces Sila mas eu tenho uma coisa a dizer-te e que é o seguinte há um homem da Lucânia chamado Marco Aponto que tem uma rica propriedade em Roma e só quero que saibas que Marco Crasso pôs esse Apónio na lista das proscrições para ele poder comprar a propriedade muito barata tão barata que só lhe custou dois mil sestércios — um amigo.

César concluiu aquela fácil tradução e olhou para Sila com os olhos a piscar.

Sila desatou a rir.

— Bem me pareceu que era isso! O meu secretário também. Obrigado, César. Mas atenção: tu não viste o papel e, se o viste, não o leste!

— com certeza!

— O facto de uma pessoa não poder fazer tudo sozinha levanta imensos problemas — disse Sila, num tom sério. — Isso é o que o cargo de Ditador tem de pior. Tenho de recorrer a agentes — porque o meu trabalho é um trabalho de Hércules. O homem que aí é referido é alguém em quem confiei. Sim, eu sabia que ele era ganancioso, mas nunca pensei que desse tanto nas vistas.

— Toda a gente em Subura conhece Marco Licínio Crasso.

— Por causa dos seus incendiozinhos premeditados? As ínsulas que arderam?

— Sim. E por causa das suas brigadas de bombeiros que chegaram no exacto momento em que ele comprou a propriedade barata e que só então extinguiram o fogo. Crasso tornou-se o maior proprietário de terras de Subura. E também o mais impopular. Mas na ínsula da minha mãe é que ele não toca! — jurou César.

— Aliás, não vai tocar em mais nenhuma propriedade de prescritos — disse Sila num tom amargo e duro. — Ele prejudicou a minha reputação. Eu avisei-o! Ele não quis ouvir. De maneira que nunca mais quero vê-lo à minha frente. Ele que apodreça!

Tudo aquilo era muito estranho: mas que tinha César a ver com os problemas de um ditador? com os problemas que ele tinha com os seus agentes? Roma nunca mais teria um ditador! No entanto, aguardou, na esperança de que Sila revelasse onde queria chegar, e sentindo

que todos aqueles rodeios eram a maneira que Sila tinha de testar a sua paciência — e provavelmente também uma maneira de o atormentar.

— A tua mãe não sabe e tu também não, mas não ordenei que te matassem — disse o Ditador.

César abriu muito os olhos.

— Não? Mas não foi isso que Ria achou depois de Lúcio Cornélio Fagita lá ter estado em casa? Ele surripiou três talentos do dinheiro da minha mãe, pois, segundo ele, se não lhos dessem, matava-me. Acabas de me dizer quão horrível é ter de recorrer a agentes, precisamente porque eles são gananciosos. Pois isso aplica-se tanto aos principais agentes, como aos mais pequenos.

— Não mevou esquecer do nome. A tua mãe vai receber esse dinheiro — disse Sila, evidentemente furioso. — Mas não é isso que me interessa agora. O que me interessa agora é que eu não mandei matar-te! Ordenei que te trouxessem vivo, para que eu pudesse fazer-te as perguntas que te fiz agora.

— E depois matavas-me.

— Essa era a ideia inicial.

— E agora deste a tua palavra de honra de que não me matarás.

— Não mudaste de ideias quanto a um eventual divórcio, pois não?

— Não. Nunca me divorciarei.

— Ora bem. Isso deixa Roma perante um problema difícil. Eu não posso mandar matar-te, tu não queres o cargo, e não queres divorciar-te da filha de Cina porque isso constitui a única maneira de te livrares do cargo — ah, e por favor não me venhas com explicações grandiloqüentes acerca da honra, da ética e dos princípios! — De súbito, o rosto degradado tornou-se muito mais velho do que realmente era; os lábios, na boca sem dentes, vacilavam, desamparados; e Sila era Cronos à espera de devorar o seu próximo filho. — A tua mãe contou-te o que se passou?

— Contou-me apenas que me tinhas poupado. Sabes como ela é.

— É uma criatura extraordinária. Devia ter nascido homem. Aos lábios de César aflorou o mais encantador dos seus sorrisos.

— Muitas vezes dizes tu isso! Tenho de confessar que estou muito contente por ela não ser um homem.

— Também eu, também eu! Se ela fosse um homem, ficava-me com os louros todos! — Sila deu uma palmada nas coxas e curvou-se um pouco para a frente. — Portanto, meu caro César, tu continuas a ser um problema para todos os membros dos colégios sacerdotais. Que havemos de fazer contigo?

— Libertar-me do meu flaminato, Lúcio Cornélio. A outra hipótese era matar-me, mas desse modo não honrarias a tua palavra. Não creio que fosses capaz disso.

— Que te faz pensar que eu não o faria?

César ergueu as sobrancelhas.

— Eu sou um patrício, da mesma classe que tu! Mas, mais do que isso, pertenço aos Júlios. Tu nunca faltarias à tua palavra em relação a uma pessoa com tal linhagem.

— Assim é, assim é — disse o Ditador, recostando-se na cadeira. — Os membros dos colégios sacerdotais decidiram libertar-te do teu flaminato, como tu muito bem adivinhaste. Eu não posso falar pelos outros, mas posso dizer-te por que motivo eu quero libertar-te desse cargo. Penso que Júpiter Optimus Maximus não te quer para essas funções. Creio que ele tem outras coisas em mente para ti. É muito possível que o que sucedeu com o templo dele fosse a maneira que ele arranjou de se ver livre de ti. Não estou completamente certo disso. Mas sinto-o de uma forma espontânea e profunda. Caio Mário foi a mais longa provação da minha vida. Como uma Némesis grega. De uma ou de outra maneira, conseguiu sempre estragar os meus mais grandiosos dias. E por razões que eu não tenciono explorar, Caio Mário procurou, com todo o seu afinco, deixar-te preso com as mais fortes grilhetas. Pois ouve o que te digo, César! Se ele queria ver-te preso, eu só posso querer ver-te livre! Quero ser o último a rir. E tu és o último riso.

A César nunca lhe passara pela cabeça que a sua salvação dependeria daquele antagonismo, daquele quadro tão inesperado. Porque Caio Mário o prendera, Sila tinha de libertá-lo. Enquanto fitava atentamente Sila, César convenceu-se firmemente de que aquela era, de facto, a única razão da sua libertação. Sila queria ser o último a rir. Por isso, a derrota final fora de Caio Mário, e não de Sila.

— Eu e os meus colegas dos colégios sacerdotais pensamos que deve ter havido irregularidades nos rituais da tua consagração como flamen Dialis. Vários de entre nós — eu não,

mas muitos de nós — assistiram a essa cerimónia, e não há um único que esteja absolutamente certo de que não houve irregularidades. Tendo em conta os sanguinolentos horrores que se viveram nesses tempos, a dúvida é o suficiente para te libertarmos. Contudo, não poderemos nomear um outro flamen Dialis enquanto tu fores vivo, pois também podemos estar enganados e não ter havido nenhuma irregularidade. — Sila assentou as palmas das mãos na secretária. — É preferível arranjar uma cláusula que providencie
uma saída. Estar sem um flamen Dialis é uma grave inconveniência, mas Júpiter Optimus Maximus é Roma e, como tal, quer que as coisas sejam legais. Portanto, enquanto tu viveres, os outros flamines partilharão entre si os deveres de Júpiter.
César tinha de falar. Humedeceu os lábios.
— Parece-me uma decisão justa e prudente — disse.
— É o que nós pensamos. No entanto, esta medida significa que a tua qualidade de membro do Senado cessará logo que o Grande Deus manifestar o seu consentimento. Para obter o seu consentimento, darás a Júpiter Optimus Maximus o animal dele, um touro branco. Se o sacrifício correr bem, o teu flaminato acaba. Se não correr bem — bom, se não correr bem, teremos de repensar o caso. O Pontifex Maximus e o Rex Sacrorum presidirão ao sacrifício. — Pelos seus olhos frios e pálidos perpassou por um breve instante uma alegria antiga. — Mas serás tu a conduzir o sacrifício. Depois, ofereceremos um banquete a todos os colégios sacerdotais, no templo de Júpiter Estator, no alto Fórum Romano. Esta oferenda e o banquete assumem a natureza de um piaculum, para compensar as inconveniências que o Grande Deus terá de suportar, devido ao facto de ficar sem um sacerdote especial.
— Obedecerei com a maior satisfação a essas instruções — disse César formalmente.
— Se tudo correr bem, serás um homem livre. Poderás estar casado com quem muito bem entenderes. Até mesmo com a filha de Cina.
— Posso concluir que não houve qualquer mudança no estatuto de Cinila, não é verdade?
— Claro que não houve! Se houvesse, usarias a laena e o apex para o resto da tua vida! Desapontaste-me, meu rapaz! Isso é pergunta que se faça?
— Eu fiz essa pergunta, Lúcio Cornélio, porque a lex Minicia se aplica automaticamente à minha mulher e também aos meus filhos. Ora, eu não fui proscrito. Por isso, por que hão-de os

meus filhos sofrer?

— Sim, eu sei — disse o Ditador, nada ofendido com a franqueza de César. — Para proteger homens como tu é que euvou emendar a minha lei. A lex Minicia de liberis aplicar-se-á apenas aos filhos dos proscritos. Se esses proscritos tiverem a sorte de casar com um cidadão romano, então os seus filhos serão romanos. —

De sobrolho franzido, prosseguiu: — Estes casos deviam ter sido previstos. Mas não foram. É um dos problemas resultantes da necessidade de produzir tanta legislação num espaço de tempo tão curto. Mas a forma como o problema veio parar às minhas mãos deixou-me, publicamente, numa posição extremamente ridícula. E tudo por tua culpa, meu rapaz! E por culpa do parvo do teu tio, o Cota. A interpretação sacerdotal das minhas leis que tenham a ver com as outras leis de Roma, deve ser aplicada aos filhos dos prescritos.

— Fico muito satisfeito com isso — disse César, com um imenso sorriso. — Fico livre das garras de Caio Mário.

— Lá isso ficas — retorquiu Sila, o qual, de repente, ficou com um ar muito vivo e empreendedor; e, de facto, num instante saltou para um assunto completamente diferente. — Mitilene revoltou-se contra o tributo que deve a Roma. Por ora, é o meu proquestor Lúculo quem governa, mas mandei o meu pretor Termo com a missão de tomar as rédeas do governo da Província da Ásia. A sua primeira tarefa consistirá em dominar a revolta de Mitilene. Tu disseste que preferias a carreira militar e, por isso,vou mandar-te para Pérgamo, a fim de te integrares na equipa de Termo. Espero que te tornes notado, César — disse Sila, com a mais ameaçadora das expressões. — Da tua conduta como tribuno militar júnior depende o veredicto final sobre todo este caso. Na história romana, o mais reverenciado dos homens é o herói militar. Tenciono exaltar todos esses homens. Receberão privilégios e honras que não serão dados a outros. Se revelares coragem no campo de batalha, também exaltarei o teu valor. Mas se não te portares bem, far-te-ei descer tão baixo que até o próprio Caio Mário ficará surpreendido.

— Parece-me justo — disse César, deliciado com aquela missão.

— Mais uma coisa — disse Sila, com um olhar matreiro. — O teu cavalo. O animal que tu montaste quando eras flamen Dialis, contra todas as leis do Grande Deus.

César ficou paralisado.

— Sim?

— Ouvi dizer que tencionas readquirir o animal. Não o farás. Ordeno-te que montes uma mula. A mim, sempre me chegou uma mula. Por isso, se uma mula chega para mim, para ti também deve chegar.

Os olhos de César pareciam querer assassinar Sila. Mas... não!, disse Caio Júlio César para si mesmo, eu nãovou cair na tua armadilha, Sila!

— Crês, Lúcio Cornélio, que eu me considero demasiado bom para montar uma mula? — perguntou ele, em voz bem alta.

— Não faço a mínima ideia do conceito em que te tens!

— Pois digo-te que nunca vi melhor cavaleiro do que eu próprio — disse calmamente César. — Ao passo que tu, segundo o que se diz, és por certo um dos piores cavaleiros que já houve no mundo. Mas se uma mula é montada que chegue para ti, então é porque, para mim, uma mula chega e sobra. E agradeço sinceramente a tua compreensão. E a tua discrição.

— Nesse caso, podes ir — disse Sila, não se deixando perturbar. — Olha, e diz ao meu secretário para entrar.

Aquele instante em que quase perdera o controlo dos seus nervos fez com que César se sentisse menos grato com a sua liberdade do que normalmente se sentiria; a caminho de casa, deu consigo a pensar se Sila não teria estipulado aquela insignificante cláusula da mula exactamente para o espicaçar. Sila não queria a sua gratidão, não queria que o filho de Aurélia ficasse ligado a ele por qualquer tipo de servidão, por qualquer elo que seria mais próprio da relação entre um cliente e um senhor. Um Júlio devedor de um Cornélio? Isso era troçar da classe patrícia.

Apercebendo-se disto, César acabou por ficar com melhor impressão de Lúcio Cornélio Sila. Ele libertou-me em todos os sentidos! Devolveu-me a minha vida, para eu fazer com ela o que muito bem entenda. Ou possa fazer. Nunca gostarei dele. Mas houve tempos em que até gostei dele.

Lembrou-se de Bucéfalo e chorou.

— Sila é sensato, César — disse Aurélia, aprovando inteiramente as decisões de Sila. — A tua bolsa vai sofrer um rombo considerável. Tens de comprar um touro branco sem defeitos nem imperfeições, o que significa que terás de gastar pelo menos cinqüenta mil sestércios. O banquete que vais oferecer a todos os sacerdotes e augures de Roma custar-te-á o dobro. Depois, terás de comprar os teus equipamentos militares. E terás de suportar as tuas despesas na Província da Ásia, e, para mais, num meio que é dado a gastos excessivos. Lembro-me de o teu

pai dizer que os tribunos militares júniores desprezavam os colegas que não tinham dinheiro para pagar luxos ou extravagâncias. Tu não és rico. Os rendimentos das tuas terras foram-se acumulando desde que o teu pai morreu, pois não precisaste de gastar. Essa situação vai alterar-se. Readquirir o cavalo seria um peso dificilmente suportável. No fim de contas, tu nem estarás cá para montar o cavalo. Tens de montar uma mula até que Sila diga o contrário. E podes comprar uma esplêndida mula por dez mil sestércios.

O olhar com que fitou a mãe não era filial, mas da sua boca não saiu palavra. E se sonhasse com o seu cavalo e chorasse a sua ausência, guardaria essas coisas só para si.

O sacrifício expiatório realizou-se vários dias depois. Por essa altura, já César estava pronto para a sua jornada rumo à Província da Ásia, onde ficaria sob as ordens de Marco Minúcio Termo, governador da região. Embora o banquete decorresse no templo de Júpiter Estator, o ritual de compensação do Grande Deus tinha lugar no altar erigido ao fundo da escadaria do antigo templo de Júpiter Optimus Maximus, no Capitólio.

Foi o próprio César que, envergando uma toga (a laena e o apex tinham ficado à guarda dos sacerdotes até que pudessem ser depositados no novo templo de Júpiter), conduziu o seu belíssimo touro branco pelas Fauces Suburae e pelo Argileto. Embora pudesse ter-se limitado a decorar com fitas os esplêndidos cornos do animal, César resolvera manifestar o seu desdém pela poupança: por isso os cornos do touro estavam cobertos por espessa folha de ouro; à volta do cachaço, exibia grinaldas das mais exóticas e dispendiosas flores; e, entre os cornos, levava uma coroa das mais belas rosas brancas. Os cascos também tinham sido pintados a ouro e o rabo estava decorado com fitas de brocado de ouro entrelaçadas com flores. com César, vinham os seus convidados — os tios Cotas, Caio Macio, Lúcio Decúmio e os filhos, e a maior parte dos confrades do colégio das encruzilhadas. Todos envergavam toga. Aurélia não estava presente; as mulheres não podiam assistir a nenhum sacrifício em honra de Júpiter Optimus Maximus, que era um deus exclusivo dos homens romanos.

Os diversos colégios sacerdotais encontravam-se à espera à volta do altar, e os profissionais que haviam de executar o touro também lá estavam — popa, cultarius, escravos. Embora fosse costume drogar o animal antecipadamente, César recusara-se a seguir esse costume; em sua opinião, deveria proporcionar a Júpiter todas as oportunidades de manifestar o seu agrado ou desagrado. Um tal facto tornou-se imediatamente

evidente aos olhos de todos; o belo touro branco, sem qualquer defeito ou imperfeição na possante carcaça, exibia uns olhos muito vivos e uma passada enérgica, e dava à cauda com um ar importante — era óbvio que gostava de ser o centro das atenções.

— Estás louco, rapaz! — segredou-lhe Caio Aurélio Cota, depois de subirem a Clivus Capitolinus, já com uma larga multidão à vista. — Todos os olhos vão estar no animal e tu não o drogaste! Que vais fazer se ele se portar mal? Nessa altura será demasiado tarde!

— Ele vai portar-se bem — retorquiu serenamente César. — Ele sabe que depende de si o meu destino. É preciso que toda a gente veja que eu me curvo sem reservas à vontade do Grande Deus. — E, com um risinho entredentes, acrescentou: — Além disso, eu sou um dos favoritos de Fortuna, tenho a sorte pelo meu lado!

Toda a gente estava já concentrada em torno do altar. César encaminhou-se para o trípode de bronze com uma bacia de água, onde lavou as mãos; nisso foi imitado pelo Pontifex Maximus (Metelo Pio, o Bacorinho), pelo Rex Sacrorum (Lúcio Cláudio), e pelos outros dois principais flamines, Martialis (o Princeps Senatus, Lúcio Valério Placo) e Quirinalis (o recém-nomeado Mamerco). com os corpos e as roupas agora ritualmente puros, os sacerdotes ergueram as dobras das togas que caíam sobre os seus ombros e com elas taparam as cabeças. Logo que acabaram de o fazer, todos os outros presentes os imitaram.

O Pontifex Maximus encaminhou-se então para o altar.

— Ó poderoso Júpiter Optimus Maximus — se é que desejas que te invoque pelo teu nome, pois, se não o desejares, invocar-te-ei com o nome que pretendas ouvir —, atende o teu servo Caio Júlio césar, que foi teu flamen e que agora deseja compensar-te pela sua errônea nomeação, pela qual não foi responsável! — clamou o Bacorinho sem gaguejar uma única vez; depois, recuou e, com os olhos faiscando de raiva, olhou para Sila, que procurava manter uma cara séria; aquela exibição sem mácula custara ao Bacorinho dias e dias de treino, mais extenuante que todo o treino militar.

Os sacerdotes encarregados destes rituais começaram a retirar as flores e a folha de ouro do touro, transformando esta última, com todo o cuidado, numa bola imperfeita, e nem prestaram atenção a César que, nesse instante, avançou para o touro e colocou a sua mão no nariz rosado e húmido da sua oferenda. Os olhos rubi-escuros, rodeados por longas e espessas pestanas, tão incolores como o cristal, seguiram atentamente o seu gesto, e César pôde aperceber-

se de que o touro branco não manifestava o mínimo desagrado por causa da sua presença ou da sua mão.

Orou numa voz colocada muito acima do seu tom natural, a fim de que todos pudessem ouvir cada uma das suas palavras.

— Ó poderoso Júpiter Optimus Maximus — se é que desejas que te invoque pelo teu nome, pois, se não o desejares, invocar-te-ei com o nome que pretendas ouvir —, tu que assumes o sexo que muito bem entendes, tu que és o espírito de Roma, rogo-te que aceites esta oferta do teu animal sagrado, esta oferenda que te faço para te compensar da minha errônea nomeação como teu flamen. Rogo-te que me libertes dos meus votos e que me concedas a oportunidade de te servir de outro modo. Submeto-me à tua vontade, mas ofereço-te a melhor e mais poderosa e mais forte das criaturas vivas, sabendo que me concederás o que eu peço porque te ofereci exactamente aquilo que devia oferecer-te.

César sorriu para o touro, que olhava para ele com um ar de quem parecia entender o que se passava.

Os sacerdotes encarregados do ritual avançaram então; César e o Pontifex Maximus afastaram-se e cada um retirou um cálice de ouro de um trípode, ao passo que o Rex Sacrorum pegou numa bacia de ouro cheia de espelta.

— Peço silêncio! — atroou a voz de César.

Fez-se silêncio, um silêncio tão absoluto que era possível ouvir os ruídos da azáfama nas distantes lojas das arcadas do Fórum, trazidos por uma brisa quente e suave.

O flautista levou aos lábios o seu instrumento, feito com uma tíbia de um inimigo, e começou a tocar uma melodia triste, de forma a que não se ouvissem os ruídos vindos do Fórum.

Logo que o flautista começou a tocar, o Rex Sacrorum aspergiu o focinho e a cabeça do touro com espelta; o animal pareceu receber aquele aguaceiro de grãos como se fosse chuva; deitou a língua de fora e chupou os grãos que se tinham colado ao nariz.

O popa postou-se então em frente do touro, segurando o colossal maço junto ao corpo.

— Agone? Dou-lhe o golpe? — perguntou bem alto a César.

— Dá-lhe o golpe! — exclamou César.

Num ápice, o popa elevou o maço e descarregou-o com força e uma precisão absoluta

no meio dos meigos e desprevenidos olhos do touro. O animal caiu de borco sobre os joelhos da frente, com um impacte tão forte que se sentou no chão; a cabeça pendia e, lentamente, as partes traseiras do touro deslizaram para a direita, o que era um bom auspício.

Nu da cintura para cima, tal como o popa, o cultaris pegou nos chifres do touro com as mãos e ergueu a cabeça lassa do bicho na direcção do céu; os músculos dos seus braços contraíam-se num esforço extremo, porque a cabeça do touro pesava mais de vinte quilos. Depois, baixou a carga para que o focinho roçasse o chão.

— A vítima consente — disse ele a César.

— Então façam o sacrifício! — exclamou César.

O cultarius desembainhou o seu facalhão muito afiado e, enquanto o popa, pegando nos cornos do touro, erguia a cabeça na direcção do céu, o cultarius cortou-lhe a garganta com um único e profundo golpe. O sangue jorrou, mas sem esguichar em todas as direcções — o sacerdote era perito naquele trabalho. Ninguém — nem mesmo ele — ficou salpicado de sangue. O popa largou então a cabeça, deixando-a virada para a direita, e César entregou o seu cálice ao cultarius, o qual encheu o cálice com gestos tão precisos que nem uma gota ficou a escorrer pelo recipiente. Depois, foi a vez de Metelo Pio lhe entregar o seu cálice para que ele o enchesse.

Evitando o túrgido fluxo carmim que corria incessantemente das entranhas do touro, César e o Pontifex Maximus encaminharam-se na direcção das lajes do altar. Logo que aí chegou, César verteu o conteúdo do seu cálice, e disse:

— Ó poderoso Júpiter Optimus Maximus — se é que desejas que te invoque pelo teu nome, pois, se não o desejares, invocar-te-ei com o nome que pretendas ouvir —, tu que assumes o sexo que muito bem entendes, tu que és o espírito de Roma, aceita esta oferenda que te é feita em sinal de recompensa, e aceita
também o ouro dos cornos e das patas da tua vítima, e guarda-o para adornares o teu novo templo.

Depois, foi a vez de Metelo Pio esvaziar o seu cálice.

— Ó poderoso Júpiter Optimus Maximus — se é que desejas que te invoque pelo teu nome, pois, se não o desejares, invocar-te-ei com o nome que pretendas ouvir —, rogo-te que aceites a compensação oferecida por Caio Júlio César, que foi o teu flamen e que ainda é teu servo.

No momento em que Metelo Pio concluiu, sem qualquer percalço, a sua prece, ouviu-se um suspiro de alívio colectivo, suficientemente alto para abafar a triste melopéia do tibicen. O último a orar era o Rex Sacrorum, que aspergiu com a espelta que lhe restava os cintilantes borrifos de sangue do altar.

— Ó poderoso Júpiter Optimus Maximus — se é que desejas que te invoque pelo teu nome, pois, se não o desejares, invocar-te-ei com o nome que pretendas ouvir —, sou testemunha de que te foi oferecida a força vital da melhor, mais forte e mais poderosas das vítimas, e que tudo foi feito de acordo com o ritual prescrito, e que nenhum erro foi cometido. Segundo os termos dos acordos que nos ligam a ti, concluo, portanto, que estás satisfeito com a oferenda e com o ofertador, Caio Júlio César. Por outro lado, Caio Júlio César deseja queimar a sua oferenda para teu deleite e não pretende ficar com nenhum resto dela. Que Roma e todos os que vivem em Roma possam prosperar em conseqüência deste sacrifício.

E assim terminou o ritual. Sem um único erro, do princípio ao fim. Enquanto os sacerdotes e augures destapavam as cabeças e começavam a descer a Clivus Capitolinus, na direcção do Fórum, os profissionais dos rituais dos sacrifícios começaram a limpar o local. Usaram uma talha para içarem a enorme carcaça e para a depositarem na pira; depois, enquanto rezavam, lançaram uma tocha para a pira. Enquanto os escravos desses sacerdotes encarregados dos sacrifícios lavavam, com baldes de água, os últimos traços de sangue, um aroma muito peculiar espalhou-se pelos ares, uma mistura de carne assada e dos caros incenses que César comprara para rechear a pira. O sangue do altar só seria limpo depois de o touro ficar reduzido a cinzas. E a bola de ouro ia já a caminho do Tesouro. Nela ficariam inscritos o nome do doador e a natureza e a data da cerimónia em que ela fora oferecida.

O banquete que se seguiu, no templo de Júpiter Estator, teve pelo menos tanto êxito como o sacrifício; enquanto César passeava entre os seus convidados, exortando-os a passar um bom bocado e trocando graças e piadas, muitos eram os olhos que lhe diziam que ele nunca estivera tanto em evidência como naquele momento. Por cargo e nascimento, César era agora um competidor importante na arena política, e os seus modos, o seu porte, a expressão do seu belo rosto, tudo isso sugeria que ele era alguém que não se devia perder de vista.

— Ele tem qualquer coisa do teu pai — disse Metelo Pio a Catulo, todo entusiasmado com o facto de ter executado uma cerimónia sem tropeçar numa única palavra.

— Não admira — disse Catulo, fitando César com um desagrado instintivo. — O meu pai era um César. Belo rapaz, não é? bom, a sua beleza física ainda sou capaz de agüentar. Mas não sei se agüento a sua tremenda vaidade. Repara-me só nele! Muito mais novo que Pompeu! E, no entanto, pavoneia-se por aí como se fosse o dono do mundo.

O Bacorinho estava decidido a encontrar razões para tal comportamento.

— Se tu estivesses no lugar dele, como é que te sentias? Repara que ele acaba de se libertar do seu horrendo flaminato.

— Pode ser que venhamos a arrepender-nos de termos acedido às instruções de Sila para o libertarmos do flaminato — disse Catulo. — Estás a vê-lo agora? Ali, ao lado de Sila! Olha que dois!

O Bacorinho fitou-o, razoavelmente surpreendido; Catulo fora longe demais.

Esquecera-se por um momento de que o seu interlocutor não era Quinto Hortênsio, tão habituado estava à companhia e à atenção do cunhado. Mas Hortênsio não estava presente, porque Sila não o nomeara para nenhum cargo sacerdotal. E Catulo considerava indesculpável essa omissão. Tal como Quinto Hortênsio.

Sila, nesse momento, pensava em tudo menos no melindre de Catulo. O que ele queria era esclarecer alguns factos com César.

—- Não drogaste o animal. Foi um risco tremendo — disse Sila.

— Eu sou um dos favoritos de Fortuna — retorquiu César.

— O que é que te leva a concluir isso?

— Repara bem no que aconteceu nos últimos tempos! Fui libertado do flaminato. Antes disso, sobrevivi a uma doença que normalmente é fatal. Consegui escapar à tua sentença de morte.

E tenho tido imenso êxito com a minha mula, pois já consegui ensiná-la a imitar o mais aristocrático dos cavalos.

— A tua mula já tem um nome? — perguntou Sila, com um largo sorriso.

— Claro que tem. Chama-se Orelhas Caídas.

— E como se chamava o teu aristocrático cavalo?

— Bucéfalo.

Sila desatou a rir, mas não fez mais comentários; os seus olhos passearam por toda a

sala; depois, estendeu um braço para César.

— Para um rapaz de dezoito anos, fizeste tudo muito bem feito.

— Segui o teu conselho — retorquiu César. — Como não consigo passar despercebido no meio da multidão, decidi que o meu primeiro banquete tinha de ser digno do meu nome.

— Ah, mas que arrogante! És mesmo arrogante! Mas de facto é um banquete memorável. Ostras, salmonetes, lampreias, codornizes bebés — deve ter-te custado uma fortuna!

— Custou-me por certo mais do que eu posso pagar — disse calmamente César.

— Então és um perdulário — retorquiu Sila, tão calmamente como César.

César encolheu os ombros.

— O dinheiro é um instrumento, Lúcio Cornélio. Não me preocupa se tenho ou não dinheiro, se por acaso acreditas que a função do dinheiro é a acumulação. Eu creio que o dinheiro tem de circular. Caso contrário, estagna. E, com ele, estagna a economia. A partir de agora, o dinheiro que me vier parar às mãos será usado para apoiar a minha carreira pública.

— Ora aí está uma boa maneira de cair na bancarrota.

— Eu hei-de aguentar-me — disse César, despreocupadamente.

— Como, se és tão perdulário?

— É que eu gozo dos favores de Fortuna. Eu tenho sorte. Sila estremeceu.

— Eu gozo dos favores de Fortuna! Eu tenho sorte! Pode ser que sim, mas lembra-te de uma coisa — é preciso pagar um preço. Fortuna é uma amante ciumenta e exigente.

— São as melhores! — retorquiu César, e soltou uma gargalhada tão sonora que toda a sala se calou. Muitos dos homens presentes guardaram aquela memória de um César rindo a bom rir, não porque tivessem premonições, mas porque César possuía duas qualidades que eles invejavam — juventude e beleza.

Claro que César só podia deixar o banquete depois de ter saído o último convidado, e isso só veio a acontecer muitas horas depois; no final da festa, todos aqueles rostos, todos aqueles homens, encontravam-se já no seu arquivo mental, porque assim era o seu cérebro: armazenava tudo. Sim, eram gente interessante, foi o seu veredicto.

— Embora não encontrasse nenhum de quem gostasse de ser amigo — disse ele a Caio Macio, no dia seguinte. — Tens a certeza de que não queres vir comigo, Pústula? Não te esqueças

que tens de fazer dez campanhas.

— Não, obrigado. Não quero ir para tão longe.vou ficar à espera de uma comissão.

Espero que seja para a Gália Italiana.

As despedidas foram francamente cansativas. Embora desejasse dispensá-las, César suportou-as com a paciência que conseguiu reunir. O pior de tudo era que muita gente queria ir com ele, apesar da sua recusa categórica em levar mais alguém para além de Burgundo. Os seus dois servos pessoais eram novas aquisições — homens sem qualquer ligação à sua mãe.

Finalmente, as despedidas acabaram — Lúcio Decúmio, os seus filhos e os confrades do colégio das encruzilhadas, Caio Macio, os criados da mãe, Cardixa e os filhos, a irmã, Ju-Ju, a esposa, a mãe. César podia finalmente montar a sua obscura mula e partir.

AGOSTO DE 80 a.C.

QUINTUS CAECIUUS MÉTELLUS PIuS

Não tinham passado ainda dois meses quando Sila decidiu que Roma aceitara já, de forma satisfatória, a imposição das suas medidas de prescrição. A carnificina de Sila só marginalmente fora mais subtil que a de Mário, durante os poucos dias do seu sétimo consulado; com Sila, as ruas de Roma não ficaram tão manchadas de sangue e, por outro lado, não havia corpos empilhados no baixo Fórum Romano. Os cadáveres dos prescritos de Sila (as vítimas não tinham direito aos ritos funerários, nem ao enterro) eram arrastados até ao Tibre, presos sob o esterno por um gancho de talhante, e depois atirados ao rio; só as cabeças eram expostas no baixo Fórum Romano, à volta do perímetro da fonte pública conhecida sob o nome de lago Servílio.

Como o total de bens canalizados para o Estado por Crisógono, o administrador, não parava de crescer, foram promulgadas mais algumas leis: a viúva de um proscrito não podia voltar a casar-se e as máscaras de cera de Caio Mário e do jovem Mário, de Cina ou dos seus antepassados, ou de qualquer proscrito e dos seus antepassados, não podiam ser exibidas em nenhum funeral.

A casa de Caio Mário tinha sido vendida em hasta pública a Sexto Perquitieno, neto do homem que tinha feito a fortuna dessa família; Caio Mário havia construído a sua casa ao lado da casa do avô Perquitieno, de maneira que o neto Perquitieno aproveitara a antiga residência para fazer dela um anexo para as suas obras de arte.

Nos primeiros leilões conduzidos por Crisógono, as propriedades dos proscritos foram arrematadas a um preço razoável. Mas não havia muito dinheiro para gastar, pelo que, por altura do décimo leilão, os preços registavam já uma forte queda. Foi então que Marco Crasso começou a fazer as suas compras. Usava uma técnica perspicaz;
em vez de se virar para as melhores propriedades, preferia concentrar-se em propriedades menos atraentes e, assim, conseguia arrematá-las a preços muito baixos. A técnica de Lúcio Sérgio Catilina era mais brutal. Informava Crisógono de conversas ou acções que indiciassem traição e, desse modo, conseguiu que o seu irmão mais velho, Quinto, e o seu cunhado, Cecílio, fossem proscritos. O irmão foi mandado para o exílio, mas o cunhado morreu, e Catilina pediu ao Ditador que promulgasse uma lei especial para que pudesse herdar, argumentando que o seu nome não estava em nenhum dos testamentos e que, por outro lado, não era um herdeiro directo — os dois homens tinham filhos varões. Sila acedeu ao seu pedido e Catilina ficou rico sem ter gasto um único sestércio nos leilões.

Foi portanto num clima duplamente gelado que Sila celebrou o seu triunfo no último dia de Janeiro. Roma compareceu em massa para honrar o acontecimento, mas os cavaleiros ficaram em casa, aparentemente porque tinham medo de ir parar à próxima lista de prescritos, caso Sila ou Crisógono vissem as suas caras. O Ditador exibiu os despojos e os tributos da Ásia e do rei Mitridates, fazendo os possíveis e os impossíveis para camuflar o facto de que terminara aquela guerra de uma forma tão apressada quanto prematura; é que, tendo em conta a riqueza do inimigo, o produto do saque não podia deixar de ser decepcionante.

No dia seguinte, Sila realizou o que era mais uma exposição do que um triunfo, exibindo tudo o que conquistara ao jovem Mário e a Carbão; teve o cuidado de informar os espectadores de que os artigos expostos deveriam ser devolvidos aos templos e às pessoas que os tinham emprestado para a exposição. Nesse dia, os antigos exilados a quem tinham sido devolvidos os direitos de cidadania — homens como Ápio Cláudio Fulcro, Metelo Pio, Varrão Lúculo e Marco Crasso — desfilaram, não como senadores de Roma, mas como antigos exilados, embora Sila, obsequiosamente, os tivesse poupado ao ultraje de terem de pôr o Barrete da Liberdade, habitualmente usado pelos libertos.

Pelos vistos, como Sila pôde concluir no dia seguinte ao do seu triunfo, era mais difícil domar Pompeu do que levar Roma a aceitar pacificamente as proscrições. Pompeu ignorara as

instruções do Ditador e embarcara para Itália com todo o seu exército.

Em Tarento, enviara uma carta para Sila, em que o informava de que fora impotente para conter os seus leais soldados, que tinham embarcado todos, pois não queriam vê-lo partir com tão poucas tropas (sem explicar como é que conseguira reunir navios suficientes para embarcar cinco legiões e dois mil soldados de cavalaria); no final da missiva, voltava a pedir que Sila o autorizasse a celebrar um triunfo.

O Ditador mandou então um mensageiro à cidade de Tarento, com uma carta em que, pela segunda vez, negava a Pompeu o tão desejado triunfo. O mesmo mensageiro trouxe-lhe a resposta de Pompeu. Este pedia desculpa pelo comportamento refractário dos seus homens, reafirmando que não conseguia controlá-los. Ah, aqueles soldados malcomportados insistiam que o seu adorado general tinha direito à celebração do triunfo! Se o Ditador mantivesse a sua atitude negativa, aqueles soldados malcomportados eram muito capazes de tomar o caso nas suas próprias mãos e quem sabe se não decidiriam mesmo marchar na direcção de Roma! Como era evidente, acrescentava Pompeu, ele faria tudo o que estivesse ao seu alcance para impedir uma tal acção!

Sila enviou rapidamente uma segunda carta a Pompeu, contendo uma terceira recusa: TRIUNFO, NEM PENSAR! Já eram recusas a mais. As seis legiões e os dois mil cavaleiros de Pompeu abandonaram Tarento e marcharam para Roma. O seu amado general vinha com eles, unicamente para impedir os seus homens de desencadearem acções de que mais tarde pudessem arrepender-se, como ele afirmava numa outra carta para Sila.

O Senado manteve-se ao corrente de todos os episódios deste duelo, horrorizado com a presunção de um cavaleiro de 24 anos; por isso, aprovara um senatus consultum para apoiar todas as ordens e recusas de Sila. Daí que a resistência tenha atingido o auge quando Sila e o Senado foram informados de que Pompeu chegara a Cápua. Estava-se já em fins de Fevereiro, as tempestades de Inverno iam e vinham, e o Campo de Marte encontrava-se já cheio de soldados: as duas legiões pertencentes a Lúcio Licínio Murena, o ex-governador da Província da Ásia e da Cilícia, e as duas legiões pertencentes a Caio Valério Flaco, o ex-governador da Gália Transalpina. Murena e Flaco deveriam celebrar os seus triunfos muito em breve.

Logo a seguir à inevitável carta ordenando a Pompeu que se detivesse em Cápua (e informando-o de que, no Campo de Marte, estavam quatro legiões experimentadas na guerra), o

próprio Ditador deixou Roma na direcção de Cápua. com ele, seguiam Decula e o velho Dolabela, Metelo Pio Pontifex Maximus, Flaco Princeps Senatus e uma escola de lictores; não levavam nenhum séquito de soldados para os proteger.

Pompeu recebeu a carta de Sila antes de poder deixar Cápua. E a notícia de que havia quatro legiões acampadas em Roma deixou-o de tal forma surpreendido que não mais pôs a hipótese de deixar aquela cidade. Pompeu nunca tivera a intenção de declarar guerra a Sila; a marcha não passava de uma manobra, tendo por único objectivo conseguir a celebração do triunfo. A notícia de que o Ditador tinha quatro legiões com forte experiência de guerra à sua disposição caiu em cima de Pompeu como uma torrente de água gelada. É que ele sabia que aquilo era uma manobra, um logro — mas Sila saberia? Claro que não! Como poderia saber? Aos olhos de Sila, aquela marcha assemelhava-se à sua própria marcha a partir de Cápua, no ano em que fora cônsul. Pompeu estava positivamente apavorado.

Por isso, quando soube que Sila se aproximava sem nenhum exército a apoiá-lo, Pompeu abandonou a toda a pressa o seu campo e avançou pela Via Ápia — também sem exército. As circunstâncias daquele encontro tinham algo de parecido com as do seu primeiro encontro, nos baixios do rio Calor. Só que agora Sila não estava bêbedo, ainda que a sua montada continuasse a ser uma mula. Estava vestido com a toga praetexta, debruada a púrpura, e à sua frente vinham vinte e quatro lictores, tremendo nas suas túnicas carmins e empunhando os feixes com as machadinhas. Atrás de Sila, vinham mais trinta lictores — doze pertencentes a Decula, doze ao velho Dolabela e seis ao Princeps Senatus, que tinha um cargo de pretor. Daí que aquele encontro tivesse uma coloração muito mais digna e impressionante do que o encontro no rio Calor. Sim, de facto aquele era um encontro muito mais conforme às fantasias do pobre Pompeu.

Do que não havia dúvida era que a importância e a envergadura de Pompeu tinham crescido durante os vinte e dois meses que haviam transcorrido desde o seu primeiro encontro com Sila; chefiara uma campanha ao lado de Metelo Pio e Crasso, uma outra em Clúsio, com Sila e Crasso, e uma terceira, no estrangeiro, inteiramente só. Por isso, não hesitara em vestir a sua melhor armadura, revestida a ouro, brilhando quase tanto como o seu Cavalo Público, sempre vistosamente ataviado. O grupo do Ditador vinha a pé; como não desejava parecer mais marcial que os outros, Pompeu desmontou.

Sila trazia a sua Coroa de Erva; dessa forma muito pouco simpática, lembrava a Pompeu

que ainda não conseguira ganhar um tal troféu — aliás, nem sequer ganhara ainda uma Coroa Cívica! Apesar da disparatada peruca, apesar das cicatrizes que lhe cobriam o rosto, o Ditador conseguia, em todos os pormenores, ter o aspecto que se espera de um Ditador. E Pompeu apercebeu-se rapidamente disso. Os lictores afastaram-se para as bermas da estrada, permitindo assim que o jovem avançasse na direcção de Sila, que tinha parado e disposto o seu grupo de forma a ficar alguns passos à frente dos outros, mas não inteiramente isolado.

— Ave, Pompeu Magno! — exclamou Sila, erguendo a mão direita.

— Ave, Ditador de Roma! — exclamou Pompeu, exultante. Sila tinha-o tratado em público pelo terceiro nome que a si próprio atribuíra — agora já podia ser oficialmente Pompeu, o Grande!

Beijaram-se na boca, como era tradicional; na realidade, nenhum deles sentia a mínima atracção pelo outro para procederem de bom grado a esse gesto. com os lictores atrás, seguiram depois na direcção do campo de Pompeu.

— Já estás pronto a admitir que sou Pompeu, o Grande — comentou Pompeu, cheio de felicidade.

— O nome pegou — disse Sila. — Mas Miúdo Carniceiro também pegou.

— O meu exército está decidido a que eu tenha o meu triunfo, Lúcio Cornélio.

— O teu exército não tem esse direito, Cneu Pompeu Magno. Os braços sardentos, poderosos, de Pompeu agitaram-se.

— Mas que posso eu fazer! — exclamou. — Eles não ligam nenhuma aos meus conselhos!

— Ora, que disparate — atirou-lhe Sila. — com certeza que já percebeste, Magno, que as tuas cartas demonstraram que não és competente para controlar as tuas tropas.

Pompeu corou e a sua boca, já de si pequena, franziu-se tanto que quase não se via.

— Essa crítica não é justa! — exclamou.

— Pois justa é que ela é. Tu próprio admites isso em nada menos do que três cartas.

— A tua falta de compreensão é deliberada — exclamou Pompeu, muito vermelho. — Eles comportam-se assim porque me adoram!

— Adorem-te ou odeiem-te, a insubordinação é sempre insubordinação. Se eles fossem meus, dizimava-os.

— É uma insubordinação inofensiva — protestou Pompeu, desajeitadamente.

— Nenhuma insubordinação é inofensiva, como tu muito bem sabes. com o teu comportamento, estás a ameaçar o legalmente nomeado Ditador de Roma.

— Isto não é uma marcha sobre Roma, Lúcio Cornélio, é apenas uma marcha para Roma — tratou de explicar Pompeu. — Há uma diferença! Os meus homens querem apenas que eu receba aquilo que me é devido.

— Aquilo que te é devido, Magno, é aquilo que eu, enquanto Ditador de Roma, decidir dar-te. Tu tens vinte e quatro anos. Não és um senador. Concordei chamar-te por um belo nome: Magno. Melhor do que Magno, só há Máximo. E, para se conseguir ser Máximo, é preciso subir na escala social. Mas de Magno também se pode passar a epítetos inferiores: Parvo, Minuto, ou mesmo Pusilo — disse Sila.

Pompeu parou no meio da estrada e fitou Sila; o grupo que vinha atrás esqueceu-se de parar e aproximou-se o suficiente para ouvir o diálogo.

— Eu quero um triunfo — disse bem alto Pompeu, batendo com um pé.

— E eu digo-te que não poderás tê-lo — retorquiu Sila, tão alto como o outro.

O rosto largo e vermelho de Pompeu ganhou uma expressão ameaçadora e os seus lábios finos afastaram-se, revelando uns dentes brancos, muito pequenos.

— Pois lembra-te do que te vou dizer, Lúcio Cornélio Sila, Ditador de Roma: são mais aqueles que adoram o Sol nascente do que o Sol posto!

Por nenhuma razão que os fascinados ouvintes conseguissem entender, Sila desatou a rir. E riu-se, riu-se, riu-se, até às lágrimas, batendo com as mãos nas coxas e deixando cair e roçar pelo chão as muitas dobras da toga que segurava no braço esquerdo.

— Pois muito bem! — disse ele, quando conseguiu falar. — Celebra o teu triunfo! — E depois, agitado por novas gargalhadas, acrescentou: — Não fiques para aí especado, Magno, meu grande pateta! Ajuda-me a endireitar a toga!

— És um idiota, Magno — disse Metelo Pio a Pompeu logo que teve uma oportunidade de falar com ele em privado.

— Pois eu acho que fui muito inteligente — retorquiu Pompeu, enfatuadamente.

O Bacorinho, que ainda não fora cônsul, apesar de já estar quase na casa dos cinqüenta, estava bem conservado de aspecto; o cabelo castanho, encaracolado, só ganhara umas manchas

grisalhas nas têmporas e, nos cantos dos olhos, as rugas davam-lhe um ar ainda mais atraente. Mesmo assim, ao lado de Pompeu, Metelo Pio era, do ponto de vista da beleza física, uma insignificância. E tinha consciência disso. Uma consciência triste, mais do que invejosa.

— Foste tudo menos inteligente — insistiu o Bacorinho, contente por ver aqueles olhos azuis, muito brilhantes, abrindo-se de incredulidade. — Eu conheço o nosso chefe muito melhor que tu, e posso garantir-te que ele é mais inteligente do que nós os dois juntos. Se ele tem algum defeito, é um defeito de temperamento — e não de carácter! E esse defeito não perturba minimamente o brilho da sua mente! Nem afecta a realização das suas acções, como homem ou como Ditador.

Pompeu fez um ruído de troça.

— Oh, Pio, essa conversa não faz sentido! Defeito? Mas a que defeito te referes?

— Ao seu sentido do ridículo, é claro. Prefiro cha-cha-chamar-lhe sentido do ridículo a chamar-lhe sentido de hu-hu-hu-humor — atrapalhou-se o Bacorinho, de novo gaguejando, e parou por um momento para disciplinar a língua. — Estou a pensar em coisas como a minha nomeação para Pontifex Maximus, quando toda a gente sabe que eu tropeço nas palavras. É um tipo de partida a que ele não consegue resistir.

Pompeu procurou pôr um ar entediado.

— Não faço a mínima ideia de onde queres chegar, Pio. Nem do que isso tem a ver comigo.

— Magno, Magno! Ele não tem feito outra coisa senão rir-se à tua custa! Era aí que eu queria chegar. Ele sempre pensou que tu devias celebrar o teu triunfo — que lhe importa a ele a tua idade ou o teu estatuto de cavaleiro? Tu és um herói militar e ele rodeia os heróis militares das maiores honras! Mas Sila queria ver até que ponto o caso era importante para ti e até onde chegarias para obter o triunfo. Nunca devias ter ido atrás do engodo. O que acontece é que agora tu já estás devidamente classificado e inserido no sistema de contabilidade mental de Sila. Ou seja: ele já sabe que a tua coragem é quase tão grande como a tua auto-estima, isto para não falar da tua ambição. Quase. Mas não tão grande. Ele sabe agora que, quando as coisas dão para o torto, tu arrepias caminho.

— Eu arrepio caminho? Que queres dizer com isso?

— Sabes perfeitamente o que eu quero dizer.

— Eu ia marchar sobre Roma!

— Disparate! — disse o Bacorinho, sorridente. — Tu ias marchar para Roma. Tu próprio o disseste. E eu acreditei. Tal como Sila.

Confundido, Pompeu fitou o seu crítico, sem saber ao certo o que devia — ou o que podia — dizer.

— Eu ganhei o meu triunfo.

— Sim, é verdade. Mas ele vai fazer-te pagar um preço que não terias de pagar se por acaso te tivesses portado bem.

— Preço? Que preço? — Pompeu abanou a cabeça, como um animal que fica furioso e confuso por estarem a espicaçá-lo. — Não há dúvida que hoje estás com queda para enigmas!

— Pois descansa, que hás-de perceber a solução! — retorquiu o Bacorinho, tão obscuro como antes.

E de facto Pompeu percebeu a solução do enigma, mas só no dia do seu triunfo. As pistas estavam todas lá; o problema de Pompeu era a excitação em que se encontrava e que lhe toldava o entendimento. A data do seu triunfo foi fixada para o décimo segundo dia de Março. No sexto dia de Março, Caio Flaco, o ex-governador da Gália Transalpina, celebrou o seu triunfo pelas vitórias sobre as tribos gaulesas rebeldes; e, no nono dia de Março, foi a vez de Murena, o ex-governador da Província da Ásia, celebrar as suas vitórias na Capadócia e no Ponto. Por isso, quando chegou a vez de Pompeu, Roma já estava farta de desfiles vitoriosos. Poucas foram as pessoas que compareceram à cerimónia, nada que se assemelhasse a uma multidão. Depois do magnificente espectáculo proporcionado por Sila, durante dois dias, o desfile de Flaco despertara ainda algum interesse; Murena pouca gente cativara e Pompeu atraíra apenas uns quantos populares. É que ninguém conhecia aquele nome, ninguém sabia da sua juventude ou beleza, ninguém se importava com ele. Outro triunfo?, perguntou-se Roma, e, encolhendo os ombros, pura e simplesmente ignorou.

Contudo, ao partir da Villa Publica para o seu desfile, Pompeu não estava particularmente preocupado; a notícia correria célere e as pessoas viriam a correr de todas as direcções quando soubessem do que havia de especial naquele triunfo! Quando virasse a esquina do Circus Maximus com a Via Triunfal, toda a cidade de Roma estaria lá à sua espera. O seu

desfile era, em quase todos os aspectos, igual a todos os outros — em primeiro lugar, vinham os magistrados e os senadores, depois os músicos e os bailarinos, as carroças exibindo despejos de guerra e carros alegóricos representando vários incidentes da campanha, os sacerdotes e as vítimas sacrificiais, os cativos e os reféns, e por fim o general na sua quadriga, seguido pelo exército.

Até mesmo o traje de Pompeu era o que normalmente se vestia naquelas ocasiões — a toga púrpura bordada a ouro, a coroa de louros na cabeça, a túnica enfeitada com folhas de palma e coberta pela larga faixa púrpura. Mas quando chegou o momento de lhe pintarem o rosto com minim, recusou-se firmemente. Era vital para os seus planos que Roma visse a sua juventude e beleza, que Roma visse o seu rosto puro. A sua parecença com Alexandre, o Grande. Se o seu rosto ficasse transformado numa mancha vermelha, ninguém se aperceberia disso. Portanto, nada de miniml Mas a ausência de minim não era a principal diferença entre Pompeu e todos os outros generais triunfantes; a grande diferença residia nos animais que puxavam a antiga quadriga triunfal em que vinha Pompeu. Em vez dos habituais cavalos brancos, Pompeu escolhera quatro enormes elefantes africanos que capturara na Numídia. Quatro domadores de elefantes trabalhavam desde então — em

Útica e Tarento, na Via Ápia, em Cápua — para convencer os recalcitrantes paquidermes a servirem de bestas de carga, ainda que a carga fosse, para eles, muito leve. Um trabalho árduo e que não chegara ainda ao seu termo. De qualquer modo, Pompeu pôde iniciar o seu desfile num carro triunfal puxado por quatro elefantes. O seu companheiro no carro não conduzia: limitava-se a segurar numas rédeas ornamentadas, presas aos vistosos arreios usados por aquelas fabulosas criaturas. Os elefantes eram controlados pelos domadores, cada um dos quais se encontrava sentado entre um par de rugosos e maciços cachaços cinzentos, a mais de três metros do solo. Logo que a notícia se espalhasse — e havia de espalhar-se, rapidamente! —, a multidão aglomerar-se-ia nas ruas por onde passava o cortejo, para assistir àquele extraordinário espectáculo — o Novo Alexandre, puxado por animais que Roma incluía entre os mais sagrados. Elefantes! Elefantes gigantescos, com umas orelhas do tamanho de velas e patas com mais de dois metros de comprimento!

O cortejo partia da Villa Publica, no Campo de Marte, e seguia depois por uma rua estreita, com villae e edifícios de apartamentos de ambos os lados, que serpeava em torno da base

do monte Capitolino e que se aproximava das Muralhas Sérvias, sob os escarpados penhascos da ponta oeste do monte; era aí que ficava a Porta Triunfal, que o cortejo tinha de atravessar para entrar na cidade propriamente dita. Como o triunfo de Pompeu era o terceiro em seis dias, os senadores e os magistrados estavam já francamente cansados: daí que este primeiro contingente fosse escasso e desejasse acabar com aquilo rapidamente. Seguindo o exemplo dos que iam na frente do cortejo, músicos, bailarinos, carroças, carros alegóricos, sacerdotes, vítimas sacrificiais, cativos e reféns moviam-se também rapidamente. Pompeu depressa ficou para trás, pois a passada dos elefantes, como seria de prever, era excessivamente lenta.

Quando finalmente chegou à Porta Triunfal, a quadriga teve de parar. O exército — sem espadas nem lanças, mas com bastões envolvidos em folhas de louro — também parou. O carro triunfal era muito antigo (tão antigo que vinha da era etrusca e fora utilizado num sem-número de cerimónias) e, como todos os carros antigos, tinha um estrado muito mais baixo que os clássicos carros de guerra, de duas rodas, ainda usados por algumas tribos gaulesas; por isso, Pompeu não conseguia ver o que acontecia para lá dos majestáticos rabos do par de elefantes que se encontrava à sua frente. Ao princípio, limitou-se a bufar de impaciência; porém, depressa ficou farto de esperar e mandou o seu condutor à frente para ver o que se passava.

O condutor voltou num instante, com uma expressão horrorizada.

— Triunfador, os elefantes são demasiado grandes! Não conseguem passar pela porta!

Pompeu ficou de cara à banda. Sentiu um formigueiro percorrer-lhe a pele, gotas de suor formando-se na testa.

— Mas que disparate! — retorquiu.

— É verdade, Triunfador, é verdade! Os elefantes são tão grandes que não conseguem atravessar a porta — insistiu o condutor.

Pompeu, gloriosamente ataviado, desceu imediatamente do seu carro e correu para a porta. Os domadores dos dois paquidermes da frente estavam junto à porta, com um ar perfeitamente impotente. Mal viram Pompeu, correram para ele.

— A porta é muito pequena — disse um deles.

A caminho da porta, Pompeu imaginara uma solução: desatrelaria os elefantes e fá-los-ia passar um a um; agora, porém, podia ver o que não conseguira ver da quadriga; não era uma

questão de largura, mas sim de altura! Aquela porta — a única por onde podia passar um cortejo triunfal — era suficientemente larga para permitir a passagem de um exército, com oito soldados lado a lado, ou mesmo para permitir a passagem de um carro puxado por quatro cavalos lado a lado ou de um grande carro alegórico; mas não era suficientemente alta para deixar passar a cabeça de um velho e poderoso elefante africano.

— Muito bem — disse Pompeu, confiante. — Desatrelem-nos e conduzam-nos um a um. Mas é claro que têm de obrigá-los a baixar as cabeças.

— Eles não estão treinados para isso — disse um dos domadores.

— Isso importa-me tanto como eles não estarem treinados para cagar pelo buraco de uma agulha — atirou-lhes Pompeu, cujo rosto estava a ficar tão vermelho como se tivesse sido pintado com minim. — Façam o que lhes mando!

O primeiro elefante recusou-se a baixar a cabeça.

— Puxem-lhe pela tromba e façam-no passar — disse Pompeu.

Porém, por muito que lhe puxassem a tromba ou se pendurassem nas suas gloriosas presas, a verdade é que ninguém conseguia convencer o animal a curvar a cabeça; em vez disso, começou a ficar furioso. A sua inquietação acabou por contagiar os outros, dois dos quais estavam ainda atrelados ao carro. Estes começaram então a recuar, ameaçando assim os porta-estandartes de Pompeu, vestidos com peles de leão, que se encontravam imediatamente atrás.

Enquanto os domadores faziam o possível e o impossível para lhe obedecer, Pompeu continuava a berrar todas as obscenidades correntes na gíria militar e a proferir ameaças que deixavam os domadores a tremer de medo. Tudo em vão. Os elefantes eram demasiado grandes e demasiado rebeldes para atravessarem a Porta Triunfal.

Passara já mais de uma hora quando Varrão chegou ao local para ver o que se passava. Varrão, evidentemente, seguia na frente do cortejo, ao lado dos senadores.

Num instante, o amigo de Pompeu percebeu tudo. Sentiu uma vontade terrível de se atirar por terra e desatar a rir incontrolavelmente. Aí estava uma coisa que não podia fazer, se por acaso — e a expressão de Pompeu não deixava margem para dúvidas — queria viver.

— Manda Escápcio e alguns dos seus homens buscar cavalos aos Stabulae — atirou-lhe Varrão. — Acorda, Magno! Deixa-te de fantasias e pensa! O resto do desfile já chegou ao Fórum e ninguém sabe por que estás atrasado. Sila está no pódio de Castor, cada vez mais nervoso e

impaciente, e os organizadores do banquete em Júpiter Estator já estão como loucos!

A resposta de Pompeu foi desatar a chorar; e, chorando que nem uma Madalena, sentou-se nas lajes sujas, deixando assim num triste estado todos os seus atavios triunfais. Por isso, foi Varrão quem mandou buscar os cavalos e quem dirigiu o desatrelamento dos elefantes.

Entretanto, a cena complicara-se com a chegada de vários jardineiros do mercado da Via Recta, armados de pás e carrinhos de mão, e determinados a recolher aquele que era considerado o melhor adubo do mundo. Caminhando despreocupadamente entre as gigantescas pernas dos paquidermes, os jardineiros andavam numa azáfama infernal, recolhendo montes de esterco, tão grandes como rodas de queijo de Arpino. Enquanto gritava ordens e enxotava jardineiros, só a pressa e a compaixão impediam Varrão de dar largas à sua hilaridade. Até que, por fim, os domadores conseguiram dominar os elefantes e conduzi-los na direcção do Fórum Holitorium — ninguém poderia tê-los obrigado a seguir pelo mesmo caminho por onde tinham vindo, pois havia seis legiões a congestionar a estrada.

Entretanto, a primeira metade do desfile tinha parado no Fórum Romano, em frente da imponente fachada jónica do templo de Castor e Pólux — no qual se encontrava Sila, com o seu Senhor do Cavalo, os dois cônsules e alguns familiares e amigos. A cortesia e o costume obrigavam a que o triunfador fosse o homem mais importante tanto no cortejo como no banquete e, por isso, estes augustos chefes de Roma não participavam no desfile nem estariam presentes no banquete.

Toda a gente estava já nervosa, de tanto esperar; por outro lado, todos se queixavam do frio. Estava um bonito dia, mas soprava um vento norte gelado e o sol que chegava ao baixo Fórum não era suficientemente forte para derreter os pingentes de gelo que pendiam dos beirais do templo. Finalmente, Varrão regressou, subiu os degraus do templo de Castor e Pólux dois a dois e curvou-se para segredar qualquer coisa ao ouvido de Sila. Um acesso tremendo de riso despertou a atenção de todos os presentes, subitamente curiosos; depois, ainda a rir, Sila levantou-se e deslocou-se até à extremidade do pódio, a fim de falar à multidão.

— Esperem um pouco mais — gritou. — O nosso triunfador vem aí, finalmente!

Decidiu melhorar o aspecto do seu cortejo usando elefantes para puxar a sua quadriga, em vez de cavalos! Mas os elefantes não cabiam na Porta Triunfal e por isso ele teve de mandar vir cavalos!

— Sila fez uma pausa e exclamou, de forma perfeitamente audível: — Ah, quem me dera lá estar

para ver o espectáculo!

Risinhos abafados da multidão pontuaram este anúncio, mas só os homens que conheciam Pompeu — Metelo Pio, Varrão Lúculo, Crasso — expressaram livremente a sua hilaridade.

— O problema é que ofender Sila não é uma atitude inteligente — disse Metelo Pio para os que o rodeavam. — Há algo em Sila que já tive oportunidade de verificar repetidas vezes. Ele tem uma espécie de relação exclusiva com a deusa Fortuna. Para ver um homem humilhado, não precisa de fazer um grande esforço. A deusa fá-lo por ele. Sila é o grande favorito de Fortuna.

— Há uma coisa que eu não consigo perceber — disse Varrão Lúculo, intrigado. — Porque é que Pompeu não mediu a porta antes de optar pelos elefantes? Façamos-lhe justiça: ele costuma ser muito eficiente!

— Sim, ele é eficiente, mas só enquanto as suas fantasias não afogam o bom senso — disse Varrão, aproximando-se do grupo, ofegante; viera a correr desde a Porta Triunfal e subira a correr os degraus de Castor. — Pompeu estava tão entusiasmado com os elefantes que não lhe passou uma única vez pela cabeça que alguma coisa podia correr mal. Pobre Magno, estava desfeito.

— Para ser franco, tenho pena dele — disse Varrão Lúculo.

— Também eu. Ele já deve ter percebido o que eu lhe disse noutro dia — afirmou Metelo Pio, fitando atentamente o rosto vermelho de Varrão. — Como é que ele está a reagir?

— Já deve estar bem quando cá chegar — disse Varrão, demasiado leal para descrever o acesso de choro.

E de facto Pompeu conduziu o resto da sua parada triunfal com encanto e dignidade, ainda que fosse evidente, inclusivamente para o próprio, que as duas horas de espera tinham transformado o seu triunfo numa manifestação perfeitamente prosaica. Poucas pessoas assistiam nas ruas ao desfile; comparados com os elefantes, os cavalos eram uma atracção demasiado vulgar; e, para cúmulo do azar, Escápcio não conseguira arranjar melhor do que quatro medíocres cavalos baios, que se arrastavam pelo caminho.

Só quando entrou no templo de Júpiter Estator, onde decorria o banquete, é que Pompeu compreendeu por completo até que ponto os homens importantes de Roma se

divertiam com o seu fiasco. Na realidade, a provação começara antes, quando vinha a descer o Capitólio, logo após o encerramento da cerimónia do triunfo; Pompeu encontrara no caminho um grupo de gente aglomerada à volta da base da estátua de Cipião Africano, rindo desalmadamente. No entanto, quando se aproximou, toda a gente se desviou para que ele pudesse ver bem o que algum indivíduo mais espirituoso tinha escrito no plinto, com um pau de giz e em letras garrafais:

O Africano que está lá em cima Pelos elefantes tinha muita estima. O Carniceiro, miúdo e já cagão, P'los elefantes não tem devoção!

Dentro do templo de Júpiter Estator as coisas ainda correram pior. Alguns dos seus convidados limitaram-se a dizer com grande ênfase a palavra "Magno", quando se dirigiam a ele, mas outros fingiam um pequeno deslize na pronúncia e, em vez de "Magnus", diziam "Magus" — um ridículo sábio da Pérsia — ou faziam, deliciados, um trocadilho com "Manus" (mão), o qual poderia sugerir todo o tipo de interpretações (incluindo que Pompeu estaria sempre à mão de semear quando era preciso adular Sila ou que ele seria capaz de adular Sila usando a sua mão). Muito poucos, como Metelo Pio e Varrão Lúculo, mantiveram uma atitude cortês; uns quantos eram amigos e parentes de Pompeu, e estes ainda tornaram as coisas piores quando, mostrando-se muito indignados, desafiaram para a luta todos os que troçavam de Pompeu; alguns, como Catulo e Hortênsio, tornavam-se notados devido à sua ausência.

No entanto, Pompeu fez um novo amigo; nem mais nem menos do que Públio Cornélio Sila, que só muito recentemente descobrira que era sobrinho do Ditador. Foi Catilina quem lho apresentou.

— Não sabia que Sila tinha um sobrinho — disse Pompeu.

— Ele também não — retorquiu Públio Sila, com um ar divertido, e acrescentou: — Aliás, só muito recentemente é que eu soube.

Catilina desatou a rir.

— É verdade! — disse ele para Pompeu, agora obviamente confuso.

— É melhor esclarecerem-me — disse Pompeu, satisfeito por ouvir alguém rir por outra razão que não ele.

— Eu cresci pensando que era filho de Sexto Perquitieno — explicou Públio Sila. — Vivi na casa ao lado de Caio Mário durante toda a minha vida! Quando o meu avô morreu e o

meu pai herdou os seus bens, nenhum de nós suspeitava da verdade. Mas o meu pai era amigo de Cina e, por isso, quando as listas dos prescritos começaram a aparecer, pensou sempre que o seu nome ia
surgir à cabeça de uma delas. E tanto se ralou com isso que acabou por morrer.
Isto foi dito de uma forma tão despreocupada que Pompeu concluiu correctamente que não havia grande amor entre pai e filho — o que não era uma surpresa, tendo em conta que o velho Sexto Perquitieno (e pai de Públio Sila) fora odiado por quase toda a Roma.
— Estou fascinado — disse Pompeu.
— Eu descobri quem era quando me pus a vasculhar um baú cheio de documentos que pertencera ao meu avô — disse Públio Sila. — É que nesse baú encontrei os papéis da adopção! O meu pai fora adoptado pelo meu avô antes de o meu tio, o Ditador, ter nascido — ele nunca soube que tinha um irmão mais velho. De qualquer modo, achei que era melhor mostrar os papéis ao tio Lúcio antes que alguém pusesse o meu nome numa lista de proscritos!
— bom, de facto até tens parecenças com Sila — disse Pompeu, sorridente. — Julgo que não deve ter sido difícil convencê-lo.
— Não foi nada difícil! Não é mesmo um golpe de sorte? — perguntou Públio Sila, com o ar mais feliz deste mundo. — Agora, tenho toda a riqueza dos Perquitienos, safei-me das prescrições e, provavelmente, ainda herdo uma parte dos milhões do tio Lúcio.
— Crês que ele vai fazer de ti uma espécie de sucessor? Ao ouvir tal pergunta, Públio Sila não pôde impedir uns risinhos, para os quais, aliás, também contribuía o muito vinho que bebera.
— O quê? Eu? Suceder a Sila? Por todos os deuses, não! Eu, meu caro Magno, não tenho quaisquer ambições políticas!
— Já estás no Senado? Catilina meteu-se na conversa.
— Sila autorizou-nos a assistir às reuniões do Senado, mas oficialmente ainda não nos fez senadores. Públio Sila e eu pensámos que tu eras capaz de precisar de gente jovem e amiga à tua volta, de maneira que viemos até cá provar os comes e ver se te animávamos.
— Ainda bem que vieram — disse Pompeu, sinceramente grato.
— Não deixes que estes arrogantes defensores da mos maiorum te deitem abaixo — disse Catilina, dando palmadinhas nas costas de Pompeu.

— Alguns de nós estão verdadeiramente deliciados pelo facto de um jovem como tu ter tido um triunfo. Muito em breve estarás no Senado, disso podes estar certo. Sila tenciona encher o Senado de homens de quem os obcecados da mos maiorum não gostam!

E de repente Pompeu enfureceu-se.

— No que me diz respeito — disse ele, entredentes —, o Senado bem que pode desaparecer pelo seu próprio orifício acima! Eu sei perfeitamente o que pretendo fazer da minha vida e isso não inclui tornar-me membro do Senado! Antes de eu ajustar contas com essa instituição — ou antes de entrar nela, obviamente! —, pretendo provar que o Senado não pode impedir um homem notável de exercer o cargo ou a chefia que muito bem entender — e fá-lo-ei como cavaleiro, e não como senador!

Catilina ergueu uma das suas finas e negras sobrancelhas; quanto a Públio Sila, parecia não ter entendido o significado daquela observação.

Pompeu mirou a sala e, de súbito, todo o seu furor desapareceu para dar lugar a um sorriso radiante.

— Ah! Lá está ele! Também está sozinho no seu divã. Venham, venham comer comigo e com o meu cunhado Mémio. Mémio é a melhor das criaturas ao cimo da terra.

— Tu devias era estar a comer com todos os arrogantes defensores da mos maiorum que tiveram o desplante de aparecer cá hoje! — disse Catilina. — Compreenderíamos perfeitamente que te juntasses a Metelo Pio e aos seus amigos. Pois resolves deixar-nos com Caio Mémio! Vamos sentir-nos tão felizes com dois velhos Peripatéticos discutindo para que serve o umbigo de um homem.

— Pois é, mas esta é a minha festa triunfal e eu como com quem muito bem me apetecer — disse Pompeu.

No início de Abril, Sila publicou uma lista de duzentos novos senadores, prometendo que, nos próximos meses, sairiam mais. O primeiro nome da lista era Cneu Pompeu Magno, que, de imediato, foi ter com Sila.

— Eu não entro para o Senado! — exclamou ele, irado. Sila olhou fixamente para a sua visita, com um ar de espanto.

— Porquê? Sempre pensei que eras capaz de revolver meio mundo para entrar para o Senado!

A ira desapareceu imediatamente; o instinto de conservação ficou em primeiro plano no momento em que o jovem compreendeu como havia de levar Sila a ver um Pompeu completamente diferente da imagem que tinha dele; no fim de contas, já tinha feito um grande esforço para construir uma certa imagem em intenção de Sila — que lhe custava um esforço mais? Portanto, esfria, Magno! Esfria e planeia bem a coisa. Encontra uma razão em que Sila acreditará porque se ajusta à ideia que ele tem de mim. Não! Não! Dá-lhe uma razão que se ajuste à ideia que ele tem de si mesmo.

— Tudo isto tem a ver — disse o jovem, fitando a expressão séria e perplexa de Sila — com a lição que tu me deste com aquele maldito triunfo. — Respirou fundo. — Desde então, reflecti muito, Lúcio Cornélio. E compreendi que era demasiado jovem e que me faltava instrução. Por favor, Lúcio Cornélio, deixa-me encontrar o meu caminho para chegar ao Senado no devido tempo. Se eu entrar agora para o Senado, vão-se rir de mim durante anos! — O que, pensou Pompeu, é inteiramente verdade! Sim, porque eu nãovou entrar para o Senado numa altura em que todos se riem de mim. Eu entrarei para o Senado quando eles ficarem a tremer da cabeça aos pés só de me verem!

Sila encolheu os ombros.

— Taz como quiseres, Magno.

— Obrigado, eu prefiro assim, francamente. Esperarei até que faça qualquer coisa que os leve a esquecer-se dos elefantes. Por exemplo, assumir as funções de questor, de forma decente e conscenciosa, depois de fazer trinta anos.

Pompeu já falara demasiado; os olhos claros de Sila estavam agora francamente divertidos, como se a sua mente tivesse penetrado em Pompeu mais do que Pompeu queria. Mas Sila não disse mais que isto:

— Ora aí está uma óptima ideia! Eu retiro o teu nome antes de apresentar a minha lista à Assembleia Popular para ratificação.vou propor ao Povo a ratificação de todas as minhas leis mais importantes e começarei precisamente por esta. De qualquer modo, quero que estejas presente no Senado amanhã. É bom que todos os meus legados de guerra assistam ao princípio. Por isso, trata de aparecer.

Pompeu não faltou.

— Começarei — disse o Ditador com uma voz forte — por discutir a Itália e os

Italianos. De acordo com as promessas que fiz aos chefes italianos, farei com que todos os italianos sejam inscritos regularmente como cidadãos de Roma, com uma igual distribuição por todo o espectro das trinta e cinco tribos. Não poderá haver mais tentativas para impedir o acesso do povo italiano ao sufrágio universal, através da inclusão dos seus votos num número restrito de tribos seleccionadas. Dei a minha palavra de honra quanto a este ponto e honrarei a minha palavra.

Sentados lado a lado na bancada do meio, Hortênsio e Catulo trocaram um olhar significativo; nenhum deles apoiava aquela concessão de direitos a um povo que, segundo eles, valia tanto como um atacador de uma bota de um Romano.

Sila remexeu-se um pouco na sua cadeira curul.

— Lamentavelmente, verifico que é impossível honrar a minha promessa de distribuir os libertos de Roma pelas trinta e cinco tribos. Terão de permanecer inscritos na Esquilina ou na Suburana urbanas. Faço isto por uma razão específica: garantir que um homem que possui milhares de escravos não se sinta tentado, no futuro, a libertar um vasto número desses homens, sobrecarregando assim a sua própria tribo rural de clientes libertos.

— Espertalhão! — disse Catulo a Hortênsio.

— Não lhe escapa nada — murmurou Hortênsio. — Até parece que estava a pensar em Marco Crasso, que está a abarrotar de escravos!

Sila passou então à discussão das cidades e das terras.

— Brindísio, uma cidade que me tratou a mim e aos meus homens com as honras que merecíamos, será recompensada, ficando isenta de todos os direitos alfandegários e outros impostos.

— Uh! — fez Catulo. — com este decreto, Brindísio vai tornar-se o porto mais popular de Itália!

O Ditador recompensou algumas regiões, mas castigou muitas mais, embora segundo graus diversos; Preneste foi talvez a que mais sofreu, embora Sulmona, uma cidade menos importante, fosse arrasada; Cápua, pelo seu lado, voltou ao seu velho estatuto e perdeu todas as suas terras, que passaram a fazer parte do ager publicus romano.

Catulo deixou praticamente de ouvir Sila quando este ia a meio da infindável lista das cidades; de repente, porém, uma rude cotovelada de Hortênsio fê-lo regressar das nuvens.

— Quinto, ele está a falar de ti — disse Hortênsio.

— ...Quinto Lutácio Catulo, meu leal seguidor, por este meio te faço assumir a tarefa da reconstrução do templo de Júpiter Optimus Maximus no Capitólio. — Os lábios pregueados de Sila abriram-se num sorriso que lhe deixava à vista as gengivas; e, nos seus olhos, brilhou uma chama de desprezo e troça. — A maior parte dos fundos virá dos rendimentos gerados pelo nosso novo ager publicus. Mas espero que tu, meu caro Quinto Lutácio, completes esta fonte de rendimentos com os fundos da tua própria bolsa.

Literalmente de cara à banda, Catulo ficou quieto, paralisado por um medo imenso, pois compreendera que aquele era o castigo de Sila por ter permanecido em Roma, em total segurança, no tempo de Cina e Carbão.

— O nosso Pontifex Maximus, Quinto Cecílio Metelo Pio, deverá restaurar o templo de Ops, danificado pelo mesmo incêndio — prosseguiu calmamente Sila. — Contudo, este projecto terá de ser inteiramente financiado pelos fundos públicos, já que Ops é a manifestação da riqueza pública de Roma. No entanto, exijo que seja o próprio Pontifex Maximus a reconsagrar esse templo logo que a obra esteja concluída.

— O que nós nos vamos divertir com o gago! — comentou Hortênsio.

— Acabei de publicar uma lista contendo os nomes de duzentos homens que elevei ao cargo de senadores — prosseguiu Sila. — Cneu Pompeu Magno informou-me de que não deseja por ora integrar o Senado. O seu nome foi riscado.

Esta informação deixou o Senado na maior agitação; todos os olhos se viraram para Pompeu, que estava sozinho, perto das portas, muito satisfeito consigo mesmo, e com um ar sorridente e respeitável.

— Tenciono, no futuro, integrar mais cerca de cem homens no Senado. Dessa forma, o total de senadores aproximar-se-á dos quatrocentos, pois perdemos muitos senadores na década passada.

— Uma pessoa até é capaz de pensar que não foi ele quem matou muitos deles — comentou Catulo para Hortênsio. Mas nesse momento, Catulo já pensava nas avultadas somas que teria de arranjar para a construção do Grande Templo. O Ditador prosseguiu.

— Tentei ir buscar os meus novos membros do Senado às famílias senatoriais, embora

tenha incluído cavaleiros sem antecedentes senatoriais na sua família, desde que as suas linhagens honrassem o Senado. Não encontrarão arrivistas na minha lista! Contudo, no que toca a um dos tipos de novos senadores, ignorei todas as qualificações, desde o censo, totalmente não oficial, de um milhão de sestércios, até aos antecedentes familiares adequados. Estou a referir-me aos militares que revelaram um valor excepcional. Pretendo que Roma honre todos esses homens como fazia nos tempos de Marco Fábio Buteão. Nas gerações recentes, ignorámos por completo o herói militar. Pois bem, eu porei um termo a isso! Se um homem ganhar uma Coroa de Erva ou uma Coroa Cívica, entrará automaticamente para o Senado, seja ele quem for, ou sejam quais forem os seus antecedentes. Deste modo, o pouco sangue novo que deixei entrar no Senado será, pelo menos, sangue corajoso! E espero que venha a haver nomes famosos entre os premiados com as nossas principais coroas: não nos fica bem que os mais corajosos venham de famílias de que nunca ouvimos falar!

Hortênsio resmungou.

— Ora aqui está um édito popular!

Mas Catulo não conseguia abstrair-se da pesada carga financeira que teria de suportar; por isso, limitou-se a espreitar para o cunhado com um olhar que inspirava piedade.

— Só mais uma coisa e encerrarei esta reunião — disse Sila. — Cada um dos nomes da minha lista de novos senadores será apresentado à Assembleia do Povo, seja ele patrício ou plebeu, e pedirei a esse corpo que proceda à sua votação. — Levantou-se, e concluiu: — A sessão está encerrada.

— Como é quevou arranjar o dinheiro? — lamentava-se Catulo ao abandonar a Cúria Hostília.

— Não o arranjes — retorquiu calmamente Hortênsio.

— Mas tenho de o arranjar!

— Ele vai morrer, Quinto. Enquanto não morrer, terás de adoptar as tácticas necessárias para atrasar a coisa. Depois de ele morrer, quem é que se preocupa com o caso? Deixa ser o Estado a pagar.

— Tudo isto por causa do flamen Dialis — comentou Catulo, enraivecido. — Foi ele

quem causou o fogo, ele que pague o novo Templo!

Hortênsio, que era um perito em leis, não podia estar de acordo com aquela observação.

— Será bom que não te oiçam dizer uma coisa dessas! O flamen Dialis não pode ser considerado responsável por um fenômeno puramente acidental, a menos que tenha sido formalmente acusado e julgado num tribunal, tal como qualquer outro sacerdote. Sila não explicou por que razão o jovem César terá fugido de Roma, mas a verdade é que não o baniu. Nem apresentou nenhuma acusação formal contra ele.

— Ele é sobrinho de Sila por casamento!

— Precisamente, meu caro Quinto.

— Ah, cunhado, mas por que havemos nós de nos ralar com tudo isto? Há momentos em que me apetece pegar no meu dinheiro todo, vender as minhas propriedades e ir viver para Cirenaica — disse Catulo.

— Nós ralamo-nos porque o nosso nascimento assim o determina — retorquiu Hortênsio.

Os novos e antigos senadores reuniram-se dois dias depois para ouvir Sila anunciar que tencionava abolir a eleição dos censores, pelo menos durante os tempos mais próximos; conforme explicoft, a reorganização que ia operar nas finanças do Estado tornaria desnecessária a realização de contratos e, por outro lado, durante pelo menos mais uma década não faria sentido fazer censos da população.

— Nessa altura, poderão reexaminar a questão dos censores — disse o Ditador num tom grandioso. — Não estou a pensar legislar no sentido de acabar completamente com os censores.

Iria, contudo, fazer algo de especial relativamente aos homens da sua própria ordem, o Patriciado.

— Séculos passados sobre a primeira revolta plebéia — disse ele —, o estatuto de patrício acabou por ter muito pouco significado. Actualmente, a única vantagem que um patrício possui sobre um plebeu consiste na possibilidade de assumir certos cargos religiosos que estão vedados aos plebeus. Não considero este estado de coisas digno da mos maiorum. Um homem que nasceu patrício

possui uma linhagem que remonta de forma clara aos tempos anteriores aos reis. O

mero facto de existir mostra que a sua família serve Roma há mais de meio milénio. À luz do que acabo de dizer, creio que é justo que o patrício goze de alguma honra especial — menor talvez, mas exclusiva da sua classe. Assim, relativamente à idade necessária para disputar um cargo curul, seja ele o de pretor ou o de cônsul,vou legislar no sentido de que os patrícios o possam fazer com menos dois anos de idade que os plebeus.

— O que ele quer é salvaguardar os seus — disse o plebeu Marco Júnio Bruto à sua esposa, Servília, uma patrícia.

Servília encontrara o marido ligeiramente mais comunicativo naqueles tempos em que o perigo pairara sobre a sua cabeça. Desde que o sogro dela morrera em Lilibeu, em conseqüência das operações de limpeza lançadas por Pompeu, Bruto vivia no maior sobressalto. O seu pai viria a ser prescrito? E ele, seria prescrito? Como filho de um homem prescrito, não podia herdar nada e perderia tudo; e se fosse proscrito, perderia a vida. Mas o nome do velho Bruto não fazia parte da lista dos quarenta senadores proscritos e, desde essa primeira lista, não tinham sido publicados mais nomes de senadores. Bruto fazia votos para que o perigo tivesse passado — mas não podia estar completamente certo. Ninguém podia estar certo de nada! É que Sila não se esquecia de fazer, de quando em quando, algumas insinuações ameaçadoras.

Mas Bruto mostrava-se menos distante em relação a Servília porque pensava que, muito provavelmente, fora o seu casamento com ela que evitara a sua prescrição. Esta nova honra que Sila atribuía aos patrícios era apenas mais uma maneira de ele dizer que os patrícios constituíam uma classe especial, uma classe que merecia mais honras do que os mais ricos e poderosos plebeus de famílias consulares. E, no seio do Patriciado, haveria algum nome mais augusto do que o de Servílio Cepião?

— É pena — retorquiu Servília — que o nosso filho não possa ter um estatuto de patrício.

— O meu nome é suficientemente antigo e reverenciado para que o nosso filho possa orgulhar-se dele — replicou Bruto. — Nós, os Júnios Brutos, descendemos do fundador da República.

— Sempre achei estranho — disse calmamente Servília — que, sendo as coisas como tu as pões, os Júnios Brutos do nosso tempo não sejam patrícios. Porque o fundador da República era por certo

patrício. Tu costumas dizer que houve uma adopção por uma família plebéia, por uma questão de conveniência, mas uma família plebéia chamada Júnio Bruto só pode ter descendido de um escravo ou de um camponês pertencente a uma família patrícia.

Este discurso, que Bruto não pôde deixar de engolir, era mais um índice de que Servília já não era uma esposa calada e obediente. Servília tinha agora menos medo do divórcio e, ao mesmo tempo, sentia-se muito mais poderosa. O seu filho, agora com dois anos, era tudo para ela. Ao passo que o pai da criança não significava rigorosamente nada. Se tencionava preservar o estatuto do marido, era unicamente por causa do filho. Mas isso não implicava que tivesse de ter um comportamento obsequioso em relação ao marido, como acontecia antes da traição do velho Bruto.

— A tua irmã mais nova é que está bem — disse Bruto, com uma ligeira dose de malícia. — Uma patrícia casada com um patrício! Ela e Druso Nero acertaram em cheio!

— Druso Nero é um plebeu — disse Servília, com um ar altivo. — Pode ter nascido Cláudio, mas o meu tio Druso adoptou-o. Ele é um Lívio, com uma posição igual à tua.

— De qualquer modo, vaticino que há-de enriquecer.

— Druso Nero tem vinte anos e inteligência é coisa que ele desconhece. O nosso filho, só com dois anos, é mais inteligente do que ele — atirou-lhe Servília.

Bruto lançou-lhe um olhar cauteloso; já se tinha apercebido de que a mulher se dedicara ao filho de uma forma impressionante. Era o mínimo que se podia dizer: impressionante. Uma verdadeira leoa!

— Seja como for — disse Bruto, pacificamente — Sila dir-nos-á o que pretende depois de amanhã.

— Tens alguma ideia do que ele vai fazer?

— Só depois de amanhã é que poderei ter.

No dia em questão, Sila atacou o problema das eleições e dos cargos eleitos com uma expressão que não admitia controvérsias ou discussões.

— Estou farto de competições eleitorais realizadas à toa e na maior confusão — disse ele. — Legislarei, por isso, no sentido de fixar um procedimento correcto para as eleições. De futuro, todas as eleições decorrerão em Quinctilis, ou seja, cinco a seis meses antes de um eleito iniciar as suas funções. Durante o período de

espera, o curul ganhará uma nova importância no Senado. Os cônsules eleitos falarão imediatamente a seguir aos cônsules em funções, e os pretores eleitos usarão da palavra imediatamente após os pretores em funções. A partir de agora, o Princeps Senatus, os ex-censores e consulares falarão apenas depois do último pretor eleito. É um desperdício de tempo ouvir homens que já ocuparam determinados cargos antes de ouvirmos os homens que os ocupam ou que vão ocupá-los.

Todos os olhos se viraram para Flaco Princeps Senatus, fortemente afectado por este édito, mas ele permaneceu quieto, pestanejando ligeiramente, aparentemente nada perturbado.

Sila prosseguiu.

— As eleições curuis da Assembleia das Centúrias realizar-se-ão em primeiro lugar, no dia anterior aos Idos de Quinctilis. Depois, seguir-se-ão as eleições para questores, edis curuis, tribunos dos soldados e outras posições menores na Assembleia do Povo, dez dias antes das Calendas de Sextilis. E, finalmente, na Assembleia da Plebe, as eleições plebéias decorrerão numa data entre dois a seis dias antes das Calendas.

— Não está mal de todo — disse Hortênsio a Catulo. — Saberemos todos o nosso destino eleitoral muito antes do fim do ano.

— E gozaremos de uma nova importância — disse Catulo, satisfeito.

— Voltemos agora aos cargos propriamente ditos — disse Sila. — Depois de completar a minha lista de novos senadores, tenciono fechar a porta. A partir desse dia, a entrada no Senado só será possível através do cargo de questor, que um homem poderá disputar a partir do momento em que tenha trinta anos e nunca antes. Haverá vinte questores eleitos todos os anos, o que é um número suficiente para contrabalançar eventuais mortes de senadores e manter a Casa cheia. Há duas pequenas excepções que não afectarão os números globais: um homem eleito tribuno da plebe e que ainda não seja senador continuará a entrar para o Senado através do seu cargo. E um homem que tenha sido premiado com a Coroa de Erva ou com a Coroa Cívica será promovido ao Senado automaticamente.

Remexeu-se um pouco na cadeira e fitou o seu rebanho mudo.

— Serão eleitos oito pretores todos os anos. Um plebeu não poderá disputar a eleição de pretor enquanto não tiver feito trinta

e nove anos, mas um patrício poderá fazê-lo com menos dois anos de idade, como já

afirmei. Haverá um período de espera de dois anos entre a eleição de um homem como pretor e a sua eventual eleição como cônsul. Só será possível disputar o cargo de cônsul depois de se ter sido pretor. E reinstaurarei a lex Genucia com toda a força do seu texto inicial. Ou seja, de acordo com essa lei, um homem — patrício ou plebeu! — só poderá disputar o cargo de cônsul pela segunda vez depois de um período de espera de dez anos. Não permitirei que haja mais Caios Mários! E isso, todos acharam, era, de facto, excelente!

Porém, quando Sila apresentou a sua legislação para cancelar os poderes dos tribunos da plebe, a aprovação não foi tão forte, nem tão generalizada. Ao longo dos vários séculos de existência da República, os tribunos da plebe tinham vindo a ganhar cada vez mais poderes legislativos, transformando a sua Assembleia no mais poderoso dos corpos legislativos. Em muitos casos, o principal objectivo dos tribunos da plebe consistira em perturbar os poderes do Senado (em grande medida não inscritos nas leis) e em reduzir a importância dos cônsules.

— Tudo isso acabou — disse Sila, muito satisfeito. — De futuro, os tribunos da plebe ficarão com muito poucos direitos; ficarão nomeadamente com o direito a exercer o ius auxilii ferendi.

A sala ficou desde logo extremamente agitada; depois de muitos murmúrios e remexidas, os senadores, de cenho franzido e com um ar desolado, voltaram a fixar-se em Sila.

— Farei com que o Senado seja o corpo supremo! — atroou a voz de Sila. — Para tal, terei de tornar o tribunato da plebe impotente — e fá-lo-ei! Segundo as minhas novas leis, nenhum homem que tenha sido ou venha a ser tribuno da plebe poderá voltar a assumir um cargo de magistrado — ou seja, não poderá tornar-se edil, pretor, cônsul ou censor! E só poderá voltar a disputar o cargo de tribuno da plebe dez anos depois. Poderá exercer o ius auxilii ferendi, mas apenas na sua forma original, ou seja, resgatando um membro individual da Plebe das garras de um magistrado. Nenhum tribuno da plebe poderá considerar uma lei que ameace a Plebe como um todo abrangida por esse direito! Tal como não poderá integrar nesse direito um tribunal devidamente convocado e reunido!

Os olhos de Sila fixaram-se, estranhamente, em dois homens que não podiam disputar o cargo de tribuno da plebe porque eram patrícios — Catilina e Lépido.

— O direito de veto do tribuno da plebe — prosseguiu — será severamente restringido. O tribuno da plebe não poderá vetar decretos senatoriais, leis aprovadas pelo Senado, o direito

do Senado a nomear governadores provinciais ou comandantes militares, nem o direito do Senado de conduzir os negócios estrangeiros. Nenhum tribuno da plebe poderá promulgar uma lei na Assembleia da Plebe, a menos que tenha sido autorizado pelo Senado a apresentar um senatus consultum. Deixará de ter o poder de convocar reuniões do Senado.

Havia muitos rostos taciturnos e uns quantos furiosos; Sila, muito teatralmente, fez uma pausa, a fim de ver se havia alguém capaz de protestar de forma audível. Mas ninguém protestou. Sila pigarreou.

— Que tens a dizer, Quinto Hortênsio? Hortênsio engoliu em seco.

— Estou de acordo, Lúcio Cornélio.

— Há alguém que não esteja de acordo? Silêncio.

— Óptimo! — disse Sila, radiante. — Então, esta lex Cornelia entrará em vigor imediatamente!

— É horrível — disse Lépido a Caio Cota, pouco depois.

— Não podia estar mais de acordo.

— Nesse caso — perguntou Catulo — porque é que nos mostrámos tão submissos? Porque é que o deixámos avançar com aquilo? Como pode a República ser uma verdadeira República sem um tribunato da plebe activo e devidamente constituído?

— Então porque é que tu não falaste? — perguntou Hortênsio furioso, interpretando o comentário de Catulo como uma crítica directa à sua própria cobardia.

— Porque — retorquiu Catulo, com a maior franqueza — gosto de ter a cabeça bem agarrada aos ombros.

— E essa frase resume tudo — disse Lépido.

— Entendo a lógica que está por detrás daquilo tudo — disse Metelo Pio, que entretanto apanhara o grupo. — Muito inteligente! Um homem menos inteligente teria simplesmente abolido o cargo. Mas ele não fez nada disso! Não alterou o ius auxilii ferendi. O que ele fez foi limar os poderes acrescentados em tempos mais recentes. Por isso, poderá argumentar com êxito que não tem saído dos limites da mos maiorum — e esse tem sido o lema em tudo. De qualquer modo, não me parece que isto possa resultar. O tribunato da plebe é demasiado importante para demasiada gente.

— As medidas dele resultarão enquanto ele viver — comentou soturnamente Cota.

E foi neste tom soturno que o grupo se desfez. Ninguém estava muito feliz — mas, por outro lado, ninguém queria revelar os seus pensamentos e sentimentos secretos. Isso era demasiado perigoso!

Enfim, pensou Metelo Pio, sozinho, a caminho de casa, não há dúvida que o clima de terror de Sila continua a funcionar na perfeição.

Por altura dos jogos de Apoio, nos primeiros dias de Quinctilis, estas primeiras leis tinham já sido complementadas por outras duas: a lex Cornelia sumptuaria e a lex Cornelia frumentaria. A lei sumptuária era extremamente rigorosa, chegando ao ponto de fixar um máximo de trinta sestércios por cabeça nas refeições normais, e trezentos sestércios por cabeça nos banquetes. Certos artigos de luxo, como perfumes, vinhos estrangeiros, especiarias e jóias, eram fortemente taxados; o custo dos funerais e dos túmulos era limitado; e a púrpura de Tiro tinha de pagar um imposto muito elevado. A lei dos cereais era extremamente reaccionária. Abolia a venda de cereais baratos pelo Estado, embora Sila fosse demasiado astuto para proibir o Estado de vender cereais; a sua lei dizia apenas que o Estado não podia vender mais barato que os mercadores de cereais privados.

Tratava-se de um programa pesado e que de modo nenhum chegara ao fim. Talvez porque a cansativa elaboração de todas estas leis lhe tomara todo o tempo desde que celebrara o seu triunfo, o Ditador decidiu, de um momento para o outro, que era altura de gozar de alguns dias de repouso, durante os quais assistiria aos ludi Apollinares. Como era evidente, não era aos jogos que decorriam no Circus Maximus que ele queria assistir; o que ele queria era ir ao teatro, tanto mais que estava prevista a representação de dez ou onze peças no teatro de madeira provisoriamente montado no espaço do Circo Flamínio, no Campo de Marte. Entre os géneros teatrais, era a comédia que reinava. Plauto, Terêncio e Névio tinham várias peças no programa, mas também havia vários espectáculos conhecidos sob o nome de mimos, e esses eram os favoritos de Sila. A verdadeira comédia tinha um texto escrito, um texto de que os actores não podiam desviar-se; mas os mimos partiam de uma situação genérica que o elenco e o seu director exploravam de forma improvisada; além disso, os actores actuavam sem máscaras.

Talvez a recordação do seu breve interlúdio com a delegação de Aurélia o tivesse levado a entusiasmar-se com as representações previstas para os Jogos de Apolo; ou talvez a razão

estivesse no facto de um dos seus antepassados ter sido o fundador dos Jogos de Apolo; ou seria o desejo de ver o actor Metróbio? Trinta anos! Teria passado assim tanto tempo? Quando se conheceram, Metróbio era um rapaz e Sila celebrava o seu trigésimo aniversário, consumido por uma amarga frustração. com a entrada de Sila para o Senado, três anos depois, os seus encontros com Metróbio tornaram-se cada vez mais reduzidos e cada vez mais angustiantes.

A decisão de Sila de negar essa parte de si mesmo fora uma decisão reflectida, inexorável, firmemente baseada na lógica. Os homens públicos que admitiam ou que sucumbiam a uma preferência pelo seu próprio sexo eram execrados por isso. Nenhuma lei os forçava a retirar-se, embora houvesse várias leis sobre a questão, incluindo uma lex Scantinia que previa a pena de morte; essas leis, na sua maior parte, não eram usadas, pois havia uma certa tolerância entre os homens justos. A realidade era mais subtil. Não era preciso sequer afectar directamente a carreira pública de um homem. Bastava uma boa dose de piadas, desprezo, ditos espirituosos, troça, sarcasmo, para afectar drasticamente a dignitas de um homem. Os pares desse homem passariam a vê-lo como um ser inferior. E isso era o suficiente para que Sila recalcasse o seu desejo, mesmo que o desejo fosse muito forte — e era-o, de facto. As suas esperanças viravam-se para o momento em que havia de retirar-se — depois, dizia para si mesmo, não se preocuparia minimamente com o que os outros homens pudessem dizer dele. Depois, havia de ser ele mesmo, havia de se atirar impetuosamente a um prêmio que merecia. Quando se retirasse, os seus feitos seriam tangíveis e formidáveis e a sua dignitas estaria solidamente cimentada e nunca poderia ser afectada pelas derradeiras aventuras sexuais de um velho.

Ah, mas desejava tanto Metróbio! Metróbio que, provavelmente, não estaria interessado num homem velho e feio. Isso também contribuíra para a sua decisão de ir ao teatro. Antes saber agora do que quando chegasse o momento de se retirar. Antes deliciar-se agora com a visão do objecto amado, agora que os seus olhos ainda viam qualquer coisa, do que esperar pelos derradeiros anos e pela cegueira total.

No festival participavam várias companhias, incluindo uma que era dirigida por Metróbio, o qual, há cerca de dez anos, abandonara por completo a tragédia para se dedicar apenas à comédia. O seu espectáculo só estava previsto para o terceiro dia, mas Sila não deixou de comparecer nos dois primeiros dias, consagrados aos mimos, pois esse tipo de teatro divertia-o imenso.

Dalmática foi com ele, embora não pudesse sentar-se ao lado dos homens, ao contrário do que sucedia no Circo; no teatro, fora estabelecida uma rígida hierarquia, pois a sociedade romana não tinha boa opinião das representações teatrais. Cria-se que as mulheres podiam ser corrompidas se se sentassem ao lado dos homens para assistir a imoralidades e mesmo a cenas de nudez. As duas filas da frente da cavea semicircular, constituída por bancadas, eram reservadas aos membros do Senado; as catorze filas que ficavam atrás dessas costumavam ser reservadas para os cavaleiros do Cavalo Público. Este privilégio fora concedido aos cavaleiros séniores por Caio Graco. E Sila tivera um prazer imenso em acabar com esse privilégio. Assim, todos os cavaleiros eram agora obrigados a disputar os melhores lugares com todo o tipo de indivíduos de classes inferiores. As poucas mulheres que assistiam aos espectáculos sentavam-se ao fundo da cavea; ouviam bem o que os actores diziam, mas tinham dificuldade em ver o que quer que se passasse no palco. Na comédia formal (o tipo de teatro a que Metróbio se dedicava), todo o elenco usava máscaras e, por outro lado, não havia actrizes; mas, nos mimos de Ateia, os papéis femininos eram desempenhados por mulheres, e ninguém usava máscaras; muitas vezes, acontecia mesmo que ninguém usava roupas.

A peça do terceiro dia era uma das mais apreciadas de Flauto: O Soldado Vaidoso. O protagonista era desempenhado por Metróbio — que ridículo! Tudo o que Sila conseguia ver do seu rosto era a máscara grotesca, com a boca aberta, curvando-se num ridículo sorriso, embora as mãos fossem perfeitamente visíveis, tal como o corpo bem constituído e musculado, em que a armadura grega assentava na perfeição. Claro que, no final, para os agradecimentos, todo o elenco tirou as máscaras; Sila pôde ver finalmente o que os anos tinham feito a Metróbio. Muito pouco, embora o cabelo preto apresentasse belos salpicos grisalhos e, de ambos os lados do nariz estreito, bem grego, com a cana alta, houvesse uma ruga cavada.

Sila não podia chorar, ali, no meio da fila da frente. Queria chorar, mas tinha de combater as lágrimas. O rosto de Metróbio estava demasiado longe, separado dele pelo fosso vazio da orquestra. Sila não conseguia ver-lhe os olhos. Ah sim, conseguia distinguir duas manchas negras, mas não o que elas expressavam. Nem sequer percebia se aqueles olhos estavam a olhar para ele ou para algum amante, três filas atrás. Mamerco estava com Sila; este virou-se para o genro e, com algum constrangimento na voz, disse-lhe:

— Mamerco, agradecia que pedisses ao homem que representou o miles gloriosas que viesse ter comigo. Tenho a impressão de que o conheci em tempos, mas não estou certo disso. De qualquer modo, gostaria de felicitá-lo pessoalmente.

O público estava já a abandonar a estrutura de madeira provisória e as mulheres presentes encaminhavam-se para os seus maridos, se por acaso eram mulheres respeitáveis, ou preparavam-se para fazer negócio, se por acaso eram prostitutas. Diligentemente escoltadas por Crisógono — e cuidadosamente evitadas por aqueles que as reconheceram —, Dalmática e Cornélia Sila juntaram-se ao Ditador e a Mamerco no preciso momento em que Metróbio, ainda de armadura vestida, se abeirava de Sila.

— Foste muito bem, actor — disse o Ditador.

Metróbio sorriu, exibindo uma dentadura perfeita.

— Fiquei muito contente quando te vi entre o público, Lúcio Cornélio.

— Tu foste meu cliente em tempos, não foste?

— De facto, fui. Tu libertaste-me das minhas obrigações de cliente imediatamente antes de partires para a guerra contra Mitridates — disse o actor, cujos olhos em nada o traíam.

— Sim, lembro-me disso. Tu advertiste-me para as acusações que Censorino pretendia lançar contra mim. Pouco antes de o meu filho morrer. — O rosto destroçado franziu-se, e, com um esforço, procurou voltar ao normal. — Foi antes de eu ser cônsul.

— Foi um feliz acaso eu poder avisar-te — disse Metróbio.

— Um feliz acaso para mim.

— Tu sempre foste um dos favoritos de Fortuna.

O teatro já estava quase vazio; cansado daquela conversa banal, Sila virou-se para as mulheres e para Mamerco.

— Vão para casa — disse-lhes bruscamente. — Quero falar um bocado com o meu velho cliente.

Dalmática (que ultimamente não andava bem) parecia fascinada com o actor grego e os seus olhos não largavam o rosto dele. Então, Crisógono intrometeu-se nos devaneios dela; com um sobressalto, Dalmática virou-se e foi no encalço dos dois enormes escravos germanos, cujo trabalho consistia em abrir caminho para a mulher do Ditador, para onde quer que ela fosse.

Sila e Metróbio, já sozinhos, foram seguindo de longe o grupo, tão longe que não levantariam quaisquer suspeitas quanto ao seu verdadeiro relacionamento. Em circunstâncias normais, o Ditador teria sido logo rodeado por clientes e peticionários, mas tal era a sua sorte que ninguém se aproximou.

— Só este passeio — disse Sila. — Não te peço mais nada.

— Pede-me o que quiseres — disse Metróbio. Sila parou.

— Olha para mim, Metróbio, e vê o que o tempo e a doença fizeram de mim. O meu íntimo não mudou. Mas mesmo que tivesse mudado, eu já não servia para ti, nem para ninguém, a não ser para estas pobres e tontas mulheres que persistem em... ah, quem sabe no que elas persistem? Em ter pena de mim, muito provavelmente. Não creio que possa ser amor.

— Claro que é amor! — Metróbio agora estava perto, suficientemente perto para que Sila pudesse ver que aqueles olhos ainda o fitavam com amor, ainda o fitavam com ternura. E com um interesse muito vivo, não desgastado pela antipatia ou pela repulsa. Uma versão mais suave, mais pessoal, do olhar com que Aurélia o fitara em Teano Sidicino. — Sila, aqueles que alguma vez se deixaram enfeitiçar por ti nunca poderão libertar-se desse encantamento! Mulheres ou homens, não há qualquer diferença. Tu és único. Ao pé de ti, todos os outros perdem o brilho. Não é uma questão de virtude ou de bondade. — Metróbio sorriu. — Virtude ou bondade

são coisas que tu não tens! Talvez nenhum grande homem seja virtuoso. Ou bom. Os homens que possuem em abundância essas qualidades provavelmente nunca chegam a ser grandes. Já não me lembro de nada do que aprendi sobre Platão, por isso não sei ao certo o que ele e Sócrates pensavam sobre isto.

Pelo canto do olho, Sila reparou que Dalmática se virara para o espreitar a ele e a Metróbio. Porém, àquela distância, não poderia enxergar a expressão da mulher. Depois, Dalmática virou a esquina, e desapareceu.

— Aquilo que acabaste de dizer — perguntou o ditador — significa que, quando eu puder alijar a presente carga, poderás pôr a hipótese de viver comigo o resto dos meus dias? Já não tenho muito tempo, mas espero que pelo menos algum desse tempo possa ser meu, só meu, possa ser dedicado inteiramente à minha pessoa, e não a Roma. Se me acompanhares no meu retiro, prometo-te que não te penalizarei de forma nenhuma. E muito menos financeiramente.

Metróbio riu-se, abanando a sua cabeça, coberta por uma cabeleira escura e encaracolada.

— Oh, Sila! Como podes tu comprar aquilo que foi teu durante trinta anos?

As lágrimas assomaram aos olhos de Sila, que logo decidiu detê-las.

— Então, quando eu me retirar, acompanhar-me-ás?

— Assim farei.

— Quando esse momento chegar, chamar-te-ei.

— E será amanhã? No próximo ano?

— Já não faltará muito. Talvez dois anos. Esperas? — Espero.

Sila suspirou, um suspiro de felicidade, uma felicidade quase perfeita: uma felicidade demasiado breve, demasiado breve! Porque Sila lembrava-se de que, cada vez que vira Metróbio, nas últimas ocasiões, alguém que amava tinha morrido. Julila. O seu filho. Quem seria desta vez? Ora, tanto me faz!, pensou. Porque Metróbio é mais importante. Só o meu filho era mais importante, e já não vive. Se alguém tinha de morrer, então que fosse Cornélia Sila. Ou os gémeos. Mas nunca Dalmática! Fez um breve aceno para Metróbio, como se aquele tivesse sido o mais trivial dos encontros, e afastou-se.

Metróbio ficou a observá-lo enquanto se afastava, cheio de felicidade. Afinal sempre era verdade aquilo que os pequenos deuses da sua distante terra natal da Arcádia diziam: se um homem queria muito uma coisa, acabava sempre por consegui-la. E quanto mais alto fosse o preço, maior seria a recompensa. Só quando Sila desapareceu é que Metróbio regressou aos camarins.

Sila avançou lentamente, completamente só; caminhar sozinho pelas ruas de Roma era, para o Ditador, um luxo a que raramente tinha acesso. Como encontrar a força necessária para esperar por Metróbio?, pensava. Metróbio já não era um rapaz, mas continuava a ser o seu rapaz.

Sila ouviu vozes ao longe e abrandou ainda mais o passo, pois não queria que vissem o seu rosto naquele momento. É que, embora o seu coração estivesse inundado de esperança e antecipasse já uma felicidade radiosa, outros sentimentos o atormentavam: raiva, porque tinha de levar até ao fim aquele trabalho que não lhe dava qualquer prazer; e medo, medo de que Dalmática pudesse ser, agora, a vítima.

As duas vozes eram já perfeitamente audíveis e uma delas suplantava claramente a outra.

Sila conhecia-as bem. Que estranho!, pensou. Quão distinta pode ser a voz de um homem! Tirando semelhanças superficiais de altura e acento, podia dizer-se que não havia no mundo duas vozes iguais. Aquele homem de voz mais forte só podia ser Mânio Acílio Glábrio, marido de Emília Escaura, enteada de Sila.

— O que não há dúvida é que ele já deu cobertura a muitos excessos — dizia agora Glábrio, num tom vigoroso e, ao mesmo tempo, aristocraticamente desprendido. — As suas proscrições encaminharam para o Tesouro apenas treze mil talentos, e ele vangloria-se disso! Ele devia era enforcar-se de vergonha! A soma devia ter sido dez vezes maior! Propriedades que valiam milhões foram arrematadas por uns quantos milhares e a sua própria mulher é agora dona de propriedades que valiam cinqüenta milhões e que ela comprou por cinqüenta mil! Uma desgraça! Uma desgraça!

— Ouvi dizer que tu próprio fizeste algum lucro — disse uma outra voz familiar; era a voz de Catilina.

— Uma ninharia, não mais do que me era devido. Um patife! Um velho e horrendo patife! Como é que ele pôde ter o descaramento de dizer que as prescrições acabariam nas Calendas do mês passado — os nomes continuam a aparecer nos rostra, sempre que um dos seus esbirros ou parentes cobiça um pedaço mais apetecível da Campânia ou alguma terra à beira-mar! Reparaste que ele ficou para trás, para conversar com o tipo que fez o papel do soldado vaidoso? Ele não consegue resistir ao apelo do palco — ou à gentalha que se pavoneia no palco! É claro que essa atracção remonta à sua juventude, àqueles tempos em que ele não era melhor prenda que a mais reles prostituta que vende a rata nas redondezas de Vénus Erucina! Imagino que os maricas que andam para aí se fartam de rir dele quando se juntam em grupos e têm de decidir quem come quem! Nunca viste um comboio de maricas, todos agarrados uns aos outros a comerem-se? Pois Sila viu um ror deles!

— Cuidado com o que dizes, Glábrio — disse Catilina, um tanto constrangido. — Ainda acabas nas listas dos prescritos!

Mas Glábrio respondeu-lhe com uma gargalhada.

— Quem? Eu? Nem pensar! — exclamou, divertido. — Eu faço parte da família, sou genro de Dalmática! Nem mesmo Sila pode proscrever um membro da família, não sei se sabes.

As vozes foram-se esbatendo, à medida que os homens se afastavam, mas Sila deixou-se ficar onde estava, encoberto por uma esquina. O seu corpo parecia paralisado e, naqueles olhos frios como o gelo, fulgia um brilho sinistro. Então era aquilo o que se dizia? Tantos anos depois... Claro que Roma ignorava muito do que Glábrio sabia — mas era evidente que, dentro de algum tempo, Roma estaria a par de tudo o que Glábrio imaginasse ou soubesse. Quanto do que ele dizia seria apenas fruto de meros mexericos? Ou teria ele conseguido ler documentos e papéis que ao longo dos tempos fora arquivando? Sila entregava-se agora ao difícil labor de coligir todos os seus documentos escritos, pois tencionava escrever as suas memórias, tal e qual como Catulo César fizera dez anos antes. Por isso, tinha muitos desses documentos espalhados pelo seu gabinete e não era preciso ter um grande talento para os encontrar. Glábrio! Porque é que não pensara em Glábrio, um indivíduo que a todo o momento entrava e saía de sua casa? Nem todos os membros desse círculo privilegiado que o visitava tinham o nível de uma Cornélia Sila ou de um Mamerco! Glábrio! Quem mais poderia ter sido, senão ele?

As cinzas da sua raiva por ter de permanecer afastado de Metróbio atiçaram uma viva conflagração dentro da sua mente, alimentando-a de uma constante amargura. com que então não posso proscrever um membro da minha família?, pensou ele, despertando dos seus devaneios e pondo-se a caminho. De facto não posso — quanto a isso, tem ele razão. No entanto... não é preciso que seja uma proscrição... é muito capaz de haver um processo mais interessante...

Porém, mal tinha virado a esquina, deu de caras com Pompeu. Os dois homens recuaram, um tanto espantados.

— Magno? Sozinho? — perguntou Sila.

— Sim, por vezes ando sozinho — retorquiu Pompeu, acompanhando já o Ditador. — Estar só é um prazer.

— Concordo de todo o coração. Mas não me digas que estás farto de Varrão!

— Varrão pode tornar-se um verdadeiro pesadelo, especialmente quando começa a dissertar sobre Catão, o Censor, e as coisas antigas e os tempos em que o dinheiro tinha realmente valor. Embora eu prefira ouvi-lo dissertar sobre esses temas do que sobre a mão invisível do poder — disse Pompeu, com um sorriso de todo o tamanho.

— É verdade, eu tinha-me esquecido de que ele era amigo do velho Ápio Cláudio — disse Sila, muito contente por ter dado de caras com Pompeu e não com outra pessoa qualquer.

— Velho Ápio Cláudio? Mas por que raio é que, quando pensamos em Ápio Cláudio, vemos sempre um velho?

Pompeu riu-se.

— Porque esse já nasceu velho! Mas tu não andas a par das novidades, Sila! Ápio Cláudio já passou de moda. Agora, o homem de quem se fala é Públio Nigídio Fígulo. Um verdadeiro sofista. Ou será pitagórico? — Encolheu os ombros, sem ligar muito ao caso, e acrescentou: — Ah, não vale a pena cansar-me! Nunca consigo distinguir as escolas filosóficas!

— Públio Nigídio Fígulo! Esse é um velho e honrado nome, mas, para ser franco, nunca tinha ouvido dizer que um deles estivesse a dar nas vistas em Roma. Não será por acaso um bucólico?

— Não será propriamente um camponês, se é isso que queres saber. É como uma abóbora oca cheia de pevides: a gente mexe nela e ela chocalha, chocalha, chocalha... Pois o nosso homem, se alguém lhe toca com um dedo, nunca mais pára de falar... Falar, não, matraquear! É um grande especialista na adivinhação etrusca; sabe de tudo, desde relâmpagos a fígados. Conhece mais lóbulos hepáticos do que eu conheço figuras de estilo.

— Quantas figuras de estilo conheces tu, Magno? — perguntou Sila, extremamente divertido.

— Duas, creio. Ou serão três?

— Diz o nome delas.

— Color... e descriptio.

— São duas.

— Duas.

Caminharam em silêncio por um momento, ambos sorridentes, mas pensando em coisas completamente diferentes.

— Diz-me uma coisa, Pompeu. Que tal se sente um cavaleiro sem lugares reservados no teatro? — perguntou Sila.

— Eu não me queixo — retorquiu Pompeu, jovialmente. — Nuncavou ao teatro!

— Ah! Então onde é que estiveste esta noite?

— Fui até à Via Recta. Só pelo passeio. Sinto-me muito preso em Roma. Não gosto da

cidade.

— Estás sozinho em Roma, não é?

— Mais ou menos. A mulher ficou em Piceno — retorquiu Pompeu, com uma expressão algo amarga.

— Não gostas dela?

— Ah, ela serve, enquanto não aparecer melhor. Adora-me! Só que não está à altura do marido.

— Hum! Ela vem de uma família de edis.

— E eu venho de uma família consular. A minha esposa devia estar ao meu nível.

— Então divorcia-te e procura uma esposa consular.

— Detesto conversas de chacha, tanto com as mulheres como com os pais delas.

Nesse preciso momento, Sila teve uma inspiração extraordinária. De tal modo que parou a meio do caminho que levava do Velabrum à Viscus Tuscus, aos pés do Palatino.

— Por todos os deuses! — disse ele, com a voz entrecortada. — Por todos os deuses!

Pompeu parou também.

— Sim? — perguntou, educadamente.

— Meu querido jovem cavaleiro, tive uma ideia brilhante!

— É bom, ter ideias brilhantes.

— Ah, pára já com as tuas banalidades! Eu estou a pensar! Pompeu, obedientemente, calou-se, enquanto os lábios de Sila se revolviam sobre as gengivas desdentadas, como uma medusa flutuando no mar. Finalmente, Sila levou a mão ao braço de Pompeu e disse-lhe:

— Magno, vem ter comigo amanhã de manhã à terceira hora. — E, dando um saltinho de júbilo, afastou-se a grande velocidade.

Pompeu ficou onde estava, com a testa toda franzida. Até que por fim, também ele se pôs a caminho de casa, que ficava no bairro de Carinal.

Sila correu para casa como se as Fúrias o perseguissem; ali estava uma tarefa que realmente era do seu agrado!

— Crisógono! Crisógono! — berrou ele, mal entrou, deixando cair a sua toga como se fosse uma tenda a desmoronar-se.

O chefe dos criados apareceu imediatamente, com um ar ansioso — um ar bastante

freqüente nele nos últimos tempos, mas que Sila não notava.

— Crisógono, pega numa liteira e vai a casa de Glábrio. Quero que Emília Escaura venha ter comigo imediatamente.

— Lúcio Cornélio, vieste para casa sem os lictores!

— Oh, mandei-os embora antes de a peça começar. Às vezes são um estorvo horrível — disse o Ditador, impenitente. — Vá, agora vai buscar a minha enteada!

— Emília? Para que queres falar com Emília? — perguntou Dalmática, ao entrar na sala.

— Já vais ver — disse Sila, com um sorriso arreganhado. Dalmática lançou-lhe um olhar perscrutador.

— Sabes uma coisa, Lúcio Cornélio? Desde a tua entrevista com Aurélia e a delegação, tu estás diferente.

— De que forma?

Dalmática tinha dificuldade em responder àquela pergunta, talvez porque não queria desagradar-lhe. Porém, acabou por responder:

— Creio que é a tua disposição. Andas com uma disposição diferente.

— Mas melhorou ou piorou, Dalmática?

— Melhorou, sem dúvida. Tu agora estás... feliz.

— E estou mesmo! — disse ele, com uma voz feliz. — Eu já pensava que não teria direito a um fim de vida privado, mas ela devolveu-me a esperança. Ah, que dias felizesvou viver quando me retirar!

— Aquele actor... Metróbio. É teu amigo, não é?

Houve algo no olhar dela que o fez de ter-se; a sua despreocupação desapareceu imediatamente e, na sua mente, surgiu a imagem de Julila, com a espada dele enterrada no ventre, uma imagem que o impedia mesmo de ver Dalmática. O quê? Outra mulher que não queria partilhá-lo com ninguém? Como é que ela sabia? Que podia ela saber? Como é que as mulheres se apercebiam daquilo? Farejavam, como os cães?

— Conheci Metróbio era ele um rapaz — disse ele, sem mais, num tom que sugeria que as perguntas deviam cessar.

— Nesse caso, porque fizeste de conta que não o conhecias antes de ele vir ter contigo? — perguntou ela, intrigada.

— Porque ele passou a peça toda com uma máscara na cara — atirou-lhe Sila. — Já passaram muitos anos, eu não estava certo de que o conhecia. — Fatal como o destino! Ela tinha conseguido pô-lo à defesa, e isso era algo de que ele não gostava.

— Sim, claro — disse ela, lentamente. — Sim, claro.

— Agora vai-te embora, Dalmática, se fazes favor! Já desperdicei muito tempo desde que os Jogos começaram, tenho muito trabalho à minha espera.

Ela virou-lhe as costas, com um ar menos perturbado, e encaminhou-se para a porta.

— Só mais uma coisa — disse-lhe ele, antes de ela sair.

— Sim?

—vou precisar de ti quando a tua filha chegar, por isso deixa-te estar por perto.

Que estranho que ele estava ultimamente!, pensou ela, enquanto atravessava o vasto átrio, na direcção do jardim do peristilo e dos seus aposentos particulares. Susceptível, feliz, instável. Alegre num instante, deprimido logo de seguida. Como se tivesse de tomar uma decisão e não pudesse fazê-lo imediatamente, ele que odiava protelar fosse o que fosse. E aquele actor, aquele homem tão bem parecido... Que lugar ocupava ele na vida de Sila? Um lugar importante, por certo. Mas não fazia a mínima ideia dos motivos. Se por acaso houvesse alguma semelhança física, ainda que superficial, entre os dois, teria concluído que o actor era filho de Sila — sim, porque só um filho podia despertar as emoções que ela detectara no marido porque já o conhecia muito bem.

Quando Crisógono a foi informar de que Emília Escaura tinha chegado, Dalmática estava ainda absorta nestas conjecturas. Esquecera por completo que Sila tinha chamado a sua filha.

Emília Escaura estava no quarto mês de gravidez. Ganhara um brilho na pele e nos olhos que não enganava ninguém — sim, de facto, naquela grávida não havia o mínimo sinal de afecção física! Pena que, fisicamente, saísse ao pai, sendo, por isso, baixa e algo atarracada; no seu rosto, porém, havia ecos da beleza da mãe, além do que herdara os belos e vivos olhos verdes de Escauro.

Escaura, que não era uma rapariga inteligente, nunca aceitara o casamento da mãe com Sila, que detestava e temia. Passara por um mau bocado logo nos primeiros anos, nesse tempo em que Sila era ainda suficientemente atraente para que ela pudesse entender a paixão da mãe;

mas depois da doença que afectara Sila, Escaura considerava um verdadeiro enigma que a mãe continuasse tão apaixonada por ele como dantes. Como era possível que uma mulher, qualquer mulher, continuasse a amar um homem tão feio, tão horrendo e velho? Claro que Escaura se lembrava do pai: também ele era velho e feio. Mas não havia nele a degradação interior de Sila, uma degradação interior que ela pressentia, mas não conseguia descrever, porque para isso lhe faltava uma percepção aguda e uma inteligência apurada.

E agora eis que ele a chamava à sua presença e com tanta pressa que só tivera tempo de deixar uma mensagem rabiscada para o marido. O padrasto saudou-a afagando-lhe a mão e conduzindo-a para uma confortável cadeira — um comportamento que a deixou imediatamente de pé atrás e que a fez temer muitas coisas. Que se passaria naquela cabeça? Ele transbordava de alegria e estava tão prenhe de malícia como ela estava prenhe de criança.

Quando a mãe entrou, Sila tratou-a da mesma maneira que à filha: muita simpatia, muitos afagos, uma boa cadeira. Escaura teve a impressão de que ele estava a preparar convenientemente o

terreno para que elas aceitassem sem grandes protestos o que ele queria impor-lhes. E o que ele queria impor-lhes não era por certo uma ninharia. Não, de modo nenhum.

— E como está o pequeno Glábrio que vem a caminho? — perguntou ele à enteada, com os modos mais simpáticos deste mundo.

— Muito bem, Lúcio Cornélio.

— Quando é o grande acontecimento?

— Lá para o fim do ano, Lúcio Cornélio.

i — Hmmm! Que aborrecido! Ainda falta muito.

— Sim, Lúcio Cornélio, ainda falta muito.

Sila sentou-se e pôs-se a bater com os dedos nas costas da sua cadeira de sólido carvalho, com os lábios franzidos, o olhar perdido na distância. Depois, aqueles olhos que tanto temia fixaram-se nela; Emília Escaura estremeceu.

— És feliz com Glábrio? — perguntou ele de súbito. Escaura sentiu um sobressalto.

— Sou, Lúcio Cornélio.

— A verdade, rapariga! Eu quero a verdade!

— Sou feliz, Lúcio Cornélio, sinceramente feliz!

— Não terias escolhido outro homem, se por acaso te fosse dada essa oportunidade?

Escaura enrubesceu e baixou os olhos.

— Eu nunca senti qualquer inclinação por outro homem, se é isso que queres saber, Lúcio Cornélio. Mânio Acílio estava bem para mim.

— E continua a estar?

— Sim! Continua! — retorquiu ela, a voz à beira do desespero. — Porque fazes essas perguntas? Eu sou feliz! Eu sou feliz!

— É pena — disse Lúcio Cornélio Sila. Dalmática endireitou-se na cadeira.

— Marido, que significa isto? — perguntou. — Onde queres chegar com todas estas perguntas?

— Quero chegar ao seguinte, esposa: a união entre a tua filha e Mânio Acílio Glábrio não me agrada. Ele considera que é seguro criticar-me pelo simples facto de ser membro da minha família — disse Sila, mostrando toda a sua ira. — Ora isso significa, como é evidente, que eu não posso permitir que ele continue a pertencer à minha família.vou tratar do divórcio entre os dois. Imediatamente.

As duas mulheres fitaram-no boquiabertas; os olhos de Emília Escaura inundavam-se de lágrimas.

— Lúcio Cornélio, euvou ter um filho! Não posso divorciar-me dele! — exclamou ela.

— Podes, sim — disse o Ditador num tom perfeitamente casual. — Podes fazer tudo o que eu te ordenar. E eu ordeno-te que te divorcies de Glábrio imediatamente. — Bateu as palmas para chamar um secretário, Flósculo, que logo entrou segurando um papel. Sila pegou no papel e mandou o secretário sair. — Vem cá, rapariga. Assina aqui.

Emília Escaura levantou-se de um salto.

— Não!

Dalmática também se levantou.

— Sila, estás a ser injusto! — disse ela, furiosa. — A minha filha não quer divorciar-se.

O monstro exibiu as suas garras.

— Para mim, é absolutamente irrelevante o que a tua filha quer ou deixa de querer — disse ele. — Vamos, rapariga! Assina!

— Não! Não assino! Não assino!

Sila levantou-se tão rapidamente que nenhuma das mulheres deu por isso. Os dedos da sua mão direita cravaram-se então na cara de Emília Escaura, à volta da boca, e arrastaram-na literalmente até à secretária, enquanto ela berrava de dor e chorava freneticamente.

— Pára! Pára! — gritou Dalmática, tentando libertar o rosto da filha. — Por favor, deixa-a em paz! Ela está grávida, não podes fazer-lhe mal!

Os dedos dele apertaram ainda mais. — Assina — disse.

Ela não podia responder e a mãe chegara já a um estado em que não conseguia dizer nada.

— Assina — disse Sila de novo, com uma voz branda. — Assina ou mato-te, rapariga. Mato-te com o mesmo à-vontade com que matei os legados de Carbão. Julgas que me importa alguma coisa que estejas prenha de Glábrio? Até me agradava que perdesses a criança! Assina o divórcio, Emília, ou podes estar certa de que te corto os seios e te arranco o útero!

Ainda a chorar, toda convulsa, Emília assinou. Depois, Sila largou-a com o maior desprezo.

— Ora muito bem — disse ele, limpando a saliva que ela deixara na sua mão. — Nunca mais me voltes a irritar, Emília. Não é uma atitude sensata. Agora vai-te embora.

Dalmática puxou a rapariga para si e lançou um olhar de profundo ódio a Sila, um olhar que ele nunca lhe tinha visto. Sila pôs um ar de indiferença e voltou-lhes as costas.

Nos seus aposentos, Dalmática teve de tentar acalmar a histeria da filha e a raiva que a consumia a si mesma. Mas precisaram ainda de muito tempo para se acalmarem.

— Ouvi dizer que ele era capaz deste tipo de comportamento, mas foi a primeira vez que o vi assim — disse Dalmática, logo que se recompôs. — Ah, Emília, que pena! Euvou tentar fazê-lo mudar de ideias logo que possa olhar para ele sem o ódio que sinto agora.

Mas a rapariga, vencendo a apatia que costuma sobrevir após as grandes comoções, ergueu a mão num gesto definitivo:

— Não, mãe, não! Só ias piorar tudo!

— Que poderia Glábrio ter feito para provocar uma coisa destas?

— Disse qualquer coisa que não devia. Ele não gosta de Sila, isso sei eu. Está sempre a sugerir que Sila gosta de homens de uma forma que os homens não devem gostar.

Dalmática ficou branca.

— Mas que disparate! Oh, Emília, como pôde Glábrio ser estúpido a esse ponto? Sabes muito bem como são os homens! Quando não merecem esse estigma, são capazes de se portar como loucos!

— Eu não sei se ele não o merece — retorquiu Emília Escaura, segurando uma toalha fria e húmida contra o rosto, onde as marcas dos dedos do padrasto mudavam lentamente de cor, passando de um púrpura-avermelhado a um púrpura-escuro. — Sempre achei que havia nele muito de feminino.

— Minha querida, eu estou casada com Lúcio Cornélio há quase nove anos — disse Dalmática, que parecia ter encolhido. — E posso garantir-te que se trata de uma infâmia.

— Está bem, está bem, que seja como dizes! Não me interessa o que ele é ou deixa de ser! Só sei que o odeio! Animal!

— Euvou tentar fazer qualquer coisa logo que acalme. Prometo-te que vou.

— Não te exponhas mais à sua ira, mãe. Ele não vai mudar de ideias — disse Emília Escaura. — O que me preocupa é o meu bebê, só ele me importa.

Dalmática fitou a filha com um olhar dolorido.

— O mesmo posso dizer eu.

A toalha fria caiu no colo de Emília.

— Mãe! Também estás grávida?

— Sim. Só soube há pouco tempo.

— Que vais fazer? Ele sabe?

— Não, não sabe. E eu não farei nada que possa levá-lo a divorciar-se.

— Sabes o que sucedeu a Élia.

— Quem não sabe?

— Oh, mãe, mas isso muda tudo! Euvou portar-me o melhor possível! Ele não pode ter o mínimo pretexto para se divorciar de ti!

— Façamos votos — disse Dalmática, exausta — para que ele trate o teu marido melhor do que te tratou a ti.

— Ah, não, ele vai tratá-lo muito pior!

— Não necessariamente — disse a esposa de Sila, que o conhecia bem. — Tu foste a primeira pessoa que ele teve à sua frente. Muitas vezes, a sua primeira vítima satisfá-lo. Quando

Glábrio descobrir o que se passou, é muito provável que Sila já esteja suficientemente apaziguado para se mostrar clemente.

Se Sila não estava suficientemente apaziguado para se mostrar clemente, pelo menos dera já largas a grande parte da raiva causada pelas palavras indiscretas de Glábrio. E Glábrio era perspicaz o bastante para perceber que eventuais protestos tornariam a sua situação ainda mais perigosa.

— Não há necessidade de uma coisa destas — disse Glábrio a Sila. — Se te ofendi, farei tudo o que for necessário para reparar a ofensa. Garanto-te que tudo o que menos desejo é pôr a posição da minha mulher em perigo.

— Ah, a tua ex-mulher não corre perigo nenhum — disse Sila, sorrindo exultante. — Emília Escaura — que é um membro da minha família! — está em total segurança. Mas ela não pode, de maneira nenhuma, continuar casada com um homem que critica o seu padrasto e que espalha histórias acerca dele que são mentiras óbvias.

Glábrio humedeceu os lábios secos.

— A minha língua não traduziu os meus pensamentos.

— Pelo que ouvi dizer, tens uma língua demasiado rebelde... bom, mas isso é um problema teu, evidentemente. Contudo, de futuro, a tua língua ficará sem a protecção de poder clamar que és um membro da minha família. A tua língua ficará assim e tu irás tratar da tua vida, como qualquer outra pessoa. Não bani um único senador desde que publiquei a minha primeira lista. Mas não há nada que me impeça de mudar de ideias. Dei-te a honra de te nomear para o Senado antes de fazeres trinta anos, tal como fiz como muitos outros jovens de famílias e antepassados ilustres. Pois bem, por ora deixarei o teu nome entre o elenco de senadores e não numa lista nos rostra. A minha clemência futura dependerá unicamente de ti, Glábrio. Tens um filho teu no ventre da meia-irmã dos meus filhos, e essa é a única protecção de que dispões. Quando a criança nascer, mandar-ta-ei. Agora, podes sair.

Glábrio foi-se embora sem fazer nenhum reparo. Também não informou nenhum dos seus íntimos das circunstâncias que rodearam o seu precipitado divórcio. Nem das razões que o levaram a abandonar Roma e a instalar-se nas suas propriedades na província. O seu casamento com Emília Escaura não implicara para ele qualquer envolvimento emocional: ela satisfazia-o, e era tudo. Nascimento, dote, tudo como devia ser. Era possível que, com o tempo, o afecto se

consolidasse entre eles. Agora é que isso já não era possível. De quando em quando, Glábrio pensava em Escaura e sentia uma vaga mágoa, basicamente porque o seu filho nunca conheceria a mãe.

O que a seguir sucedeu em nada contribuiu para curar a ferida que se instalara no relacionamento entre Sila e Dalmática; como lhe fora ordenado, Pompeu foi ter com o Ditador na manhã seguinte.

— Tenho uma esposa para ti, Magno — disse Sila sem mais delongas.

Havia algo de um leão adormecido em Pompeu, uma qualidade que lhe permitia manter-se calmo e descontraído quando lhe aconteciam coisas em que pretendia pensar antes de agir ou falar.

Por isso, demorou o seu tempo a digerir aquela informação, com uma expressão que, embora não fosse defensiva, nem por isso denunciava o que lhe ia na cabeça. Sim, pensou Sila, observando-o atentamente, Pompeu era como um leão adormecido que se limitava a rolar sobre si mesmo, a mudar de posição para apanhar o calor de um qualquer sol metafórico e que lambia os beiços para retirar um bocado de carne esquecido entre os bigodes. Indolente mas perigoso. Sim, o melhor era amarrá-lo à família — Pompeu não era propriamente um Glábrio. Finalmente, Pompeu reagiu:

— É uma atitude muito amável da tua parte, Ditador! E quem é essa mulher?

— A minha enteada, Emília Escaura — disse Sila. — Uma patrícia. De uma óptima família, não encontrarias melhor se vivesses um milênio. Um dote de duzentos talentos. E já provou que é fértil. Está grávida de Glábrio. Divorciaram-se ontem. Percebo que é um tanto ou quanto inconveniente para ti ficares com uma esposa que está grávida de outro, mas também é verdade que a criança foi concebida de acordo com as normas. Escaura é uma boa rapariga.

Era manifesto que Pompeu não tinha ficado abalado nem desconcertado com aquela notícia; pelo contrário, estava radiante, ridiculamente radiante.

— Lúcio Cornélio, meu querido Lúcio Cornélio! Estou tão contente!

— Óptimo! — retorquiu Sila, vivamente.

— Posso vê-la? Creio que nunca a vi!

Um débil sorriso perpassou pelos lábios do Ditador, ao lembrar-se das nódoas negras à volta da boca de Emília Escaura; abanou a cabeça e disse:

— Espera dois ou três intervalos entre mercados, Magno. Depois vem ter comigo e eu caso-te com ela. Entretanto,vou fiscalizar a devolução de todo o seu dote e trazê-la para a minha casa.

— Que maravilha! — exclamou Pompeu, fora de si. — Ela já sabe?

— Ainda não, mas vai ficar muito contente. Embora tenha calado os seus sentimentos, a verdade é que está apaixonada por ti desde que assistiu ao teu triunfo — disse Sila, num tom muito afável.

Não havia dúvida: aquela lança penetrara bem fundo na pele do leão! Pompeu quase rebentava de prazer.

— Ah, que maravilha! — exclamou, e logo saiu, de facto com o aspecto de um felino que acabara de comer uma bela refeição.

Sila tinha de ir dar a notícia à mulher e à enteada. Uma tarefa que não lhe desagradava. Dalmática tratava-o de uma maneira muito diferente desde que aquele caso rebentara, destroçando uma tranqüilidade que durava há quase nove anos, e ele detestava as manifestações de desagrado da mulher; por isso, precisava de magoá-la.

As duas mulheres estavam na sala de estar de Dalmática e ficaram paralisadas de medo quando viram Sila entrar sem se fazer anunciar. A primeira coisa que Sila fez foi examinar o rosto de Emília Escaura, que estava ainda muito contundido e um pouco inchado sob o nariz. Só depois olhou para Dalmática. Na expressão da mulher não se notava sinal de ira ou repulsa, ainda que os olhos não conseguissem disfarçar reprovação. Parecia doente, pensou ele. Depois, lembrou-se de que as mulheres se refugiavam freqüentemente em doenças verdadeiras quando a raiva as consumia.

— Boas notícias — disse ele, com o ar mais jovial deste mundo.

As duas mulheres ficaram caladas.

— Tenho um novo marido para ti, Emília.

Chocada, Emília fitou-o com olhos apáticos, avermelhados pelas lágrimas.

— Quem? — pergunta ela, com uma voz débil.

— Cneu Pompeu Magno.

— Sila, francamente! — atirou-lhe Dalmática. — Recuso-me a acreditar que estás a falar a sério! Casar a filha de Escauro com esse imbecil picentino? A minha filha, que tem o sangue dos

Cecílios Metelos? Não consentirei!

— Tu não tens de ter opinião nesta matéria.

— Ah, quem me dera que Escauro fosse vivo! O que ele não diria!

Sila riu-se.

— Diria muita coisa, não é? Mas o que ele diria ou não diria acabaria por não ter importância nenhuma. Eu preciso de amarrar Magno com um laço mais forte do que a gratidão — porque gratidão é coisa que ele não conhece. E tu, enteada, és a única mulher da família que está disponível neste momento.

Dalmática estava cada vez mais pálida.

— Por favor, Lúcio Cornélio, não faças uma coisa dessas! Por favor!

— Eu estou grávida de Glábrio — murmurou Emília Escaura. — Pompeu quer casar comigo, mesmo assim?

— Quem, Magno? Magno não liga a isso! Nem que tu tivesses dezasseis maridos e dezasseis crianças — retorquiu Sila. — Ele reconhece imediatamente um bom negócio e tu és um bom negócio para ele. Dou-te vinte dias para ficares com a cara em condições. Depois casas com ele. Quando a criança nascer, mando-a para Glábrio.

Emília Escaura desatou de novo a chorar.

— Por favor, Lúcio Cornélio, não me faças isso! Deixa-me ficar com o bebê!

— Podes ter mais filhos com Magno. Agora deixa de te portar como uma criança pequena e enfrenta os factos! — O olhar de Sila fixou-se em Dalmática. — E isto que eu disse aplica-se também a ti, mulher!

Sila abandonou a sala, deixando Dalmática a confortar a filha.

Dois dias depois, Pompeu informou-o, por carta, de que se tinha divorciado e que gostaria de marcar uma data para o casamento.

”Tenciono ausentar-me de Roma até às Nonas de Sextilis”, respondeu-lhe Sila, também por carta. ”Por isso, creio que dois dias depois das Nonas de Sextilis estará bem. Podes apresentar-te em minha casa nessa data, mas não antes.”

Hércules Invicto era o deus do imperador triunfante e os seus domínios estendiam-se por todo o Fórum Boarium, o vasto espaço aberto, em frente da saída do Circus Maximus, em que decorriam os diversos mercados de carne. Era aí que o deus tinha o seu Grande Altar, o seu

templo, e também a sua estátua, uma estátua que só não estava nua no dia em que um general realizava o seu desfile vitorioso; nesse dia, a estátua era vestida com um traje adequado à cerimónia do triunfo. A zona possuía ainda outros templos dedicados a outros aspectos de Hércules, pois este era ainda o deus das azeitonas, dos plutocratas mercadores, e das viagens comerciais pessoalmente colocadas sob a sua protecção.

Numa proclamação a toda a cidade, Sila anunciou que, no dia da festa de Hércules Invicto, consagraria um décimo da sua fortuna privada a esse deus, em sinal de agradecimentos pelos favores concedidos em todas as suas actividades marciais. Uma vaga de satisfação percorreu a populaça que assistia à proclamação, pois o templo de Hércules Invicto não dispunha de um fundo financeiro: todo o dinheiro que lhe era ofertado acabava por ser gasto, em seu nome e em nome do general triunfante, numa festa pública dedicada a todos os homens livres de Roma. No dia anterior aos Idos de Sextilis — que era o dia da festa daquele deus —, eram instaladas em toda a cidade cinco mil mesas com comida, dando cada uma dessas mesas para mais de cem cidadãos ávidos de iguarias (o que não significava que houvesse meio milhão de indivíduos do sexo masculino livres em Roma — mas apenas que era difícil excluir do banquete as anciãs mais lépidas, as esposas mais determinadas e as crianças mais atrevidas). Uma lista da localização destas cinco mil mesas era junta à proclamação; como constituía um impressionante exercício em termos de logística, a festa era cuidadosamente planeada e executada, de forma a que os participantes permanecessem nos seus bairros e não transbordassem para bairros rivais, pois, dessa forma, poderiam causar rixas, distúrbios, crimes e motins.

Lançados os preparativos necessários, Sila partiu para a sua villa de Miseno, com a mulher, a filha, os filhos pequenos, os netos, a enteada e Mamerco. Dalmática evitava-o desde o rompimento do casamento de Emília Escaura com Glábrio. Porém, sempre que a via, ainda que de passagem, Sila tinha a clara sensação de que ela estava doente. Uns dias de repouso junto ao mar era o que ela estava a precisar. A sua comitiva era ainda engrossada pelo cônsul Decula, que fazia o esboço de todas as leis de Sila, e pelo ubíquo Crisógono.

Por causa destes dois últimos acompanhantes, só ao fim de alguns dias Sila teve oportunidade de passar algum tempo com a mulher, que continuava a fazer tudo para o evitar.

— Não vale a pena continuares a reprovar-me por coisas como o caso de Emília — disse ele, num tom razoável mas que não continha qualquer sugestão de arrependimento. —

Farei sempre aquilo que tiver de fazer. Já devias saber isso, Dalmática.

Estavam sentados num recanto da varanda que dava para o mar, refrescada por uma brisa suave e pela sombra de um renque de ciprestes. Apesar de a luz não ser muito intensa, era visível

que os ares saudáveis da região não tinham provocado melhoras em Dalmática; continuava a ter um ar abatido, uma tez de uma tonalidade cinza, e parecia ter muito mais idade do que os seus 37 anos.

— Eu sei — disse ela, em resposta àquela proposta de paz, mas não tão serena como desejaria. — Quem me dera poder aceitar isso! O problema é que, quando são os meus filhos que estão envolvidos, as coisas são diferentes.

— Glábrio tinha de ser afastado — retorquiu Sila. — E só havia uma maneira de fazer isso — separá-lo da minha família. Emília é jovem. Acabará por se refazer do choque. E Pompeu não é assim tão mau tipo.

— Está abaixo dela.

— Concordo. No entanto, preciso de tê-lo preso a mim. O casamento entre Pompeu e Emília também é uma maneira de dizer a Glábrio que não tenha mais o atrevimento de falar contra mim, pois eu até tenho o poder de dar a filha de Escauro a um qualquer Pompeu do Piceno. — Franzindo o sobrolho, acrescentou: — Deixa estar as coisas como estão, Dalmática! Tu não tens forças que cheguem para lutar comigo.

— Sei isso muito bem — disse ela, com uma voz sumida.

— Tu não estás bem, e eu começo a pensar que o teu estado não tem nada a ver com Emília — disse ele, mais afável. — Diz-me, o que é que se passa?

— Creio... Creio...

— Diz-me!

— Creio quevou ter outro filho.

— Júpiter! — exclamou ele, surpreendido. Mas depressa recuperou do espanto e fitou a mulher com um ar sombrio.

— Concordo que nenhum de nós desejaria um filho nesta altura — disse ela, abatida. — Receio ser demasiado velha.

— Se tu és demasiado velha, que hei-de eu dizer de mim? — E encolheu os ombros,

parecendo mais feliz. — Pois bem, o que está feito, está feito, e eu mereço tanta censura como tu. É claro que não queres abortar, pois não?

— Já nãovou a tempo, Lúcio Cornélio. Não seria seguro para mim, a criança já tem cinco meses. Não dei por nada. Francamente. Quando me apercebi de que estava grávida, já era demasiado tarde.

— Não foste vista por um médico? Por uma parteira?

— Ainda não. Ele levantou-se.

—vou mandar chamar Lúcio Túcio. Dalmática teve um sobressalto.

— Oh, Sila, por favor, não o chames! Ele foi cirurgião do exército, não sabe nada de mulheres!

— É melhor do que todos os teus malditos físicos gregos!

— Para tratar de homens, sim, sem dúvida. Mas eu preferia ser vista por uma física de Nápoles ou Putéolos.

Sila abandonou a luta.

— Pois bem, consulta quem quiseres — disse ele e, sem mais, abandonou a varanda.

Várias físicas e parteiras foram vê-la; todas concordaram que Dalmática estava esgotada, mas acrescentaram que, à medida que o tempo da gravidez fosse passando, se sentiria melhor.

E assim, nas Nonas de Sextilis, os escravos fizeram as malas e a comitiva partiu para Roma. Sila foi à frente, porque não tinha paciência para acompanhar o ritmo de caracol imposto pelas liteiras em que vinham as mulheres. Por isso, chegou à cidade dois dias antes do resto do grupo, mergulhando de imediato nos últimos pormenores da sua festa.

— Todos os padeiros de Roma foram contratados para fazer o pão e os bolos e os carregamentos especiais de farinha já foram entregues — disse-lhe Crisógono, com um ar enfatuado; Crisógono chegara a Roma ainda antes de Sila.

— E o peixe? Será todo fresco? com este calor...

— Está tudo tratado, Lúcio Cornélio. Mandei cercar uma secção do rio com redes e os peixes só estão à espera que os pesquem. Mil escravos começarão a tirar as tripas aos peixes e a cozinhá-los na manhã do banquete.

— E as carnes?

— A corporação dos abastecedores de carne garantiu-me que serão assadas no

momento. Leitões, galinhas, enchidos, anhos. Recebi uma mensagem da Gália Italiana, segundo a qual as primeiras maçãs e peras do ano chegarão a tempo — quinhentas carroças escoltadas por dois esquadrões de cavalaria descem, neste momento, a Via Flamínia. Os morangos de Alba Fucência estão a ser colhidos e conservados em gelo do monte Fiscelo. Chegarão a Roma na noite anterior à festa — também sob escolta militar.

— É uma pena que as pessoas roubem tanto quando se trata de comida — disse o Ditador, que, na sua juventude, fora suficientemente pobre e passara bastantes vezes fome para entender as motivações das pessoas nesse campo específico.

— Se fosse só pão e papas, não haveria razões para nos preocuparmos, Lúcio Cornélio — disse Crisógono, com um ar mais casual. — Normalmente só roubam as coisas que têm sabores novos ou temperos diferentes.

— Tens a certeza de que o vinho chega?

— Haverá vinho e comida a mais, domine.

— Espero que não seja vinho avinagrado!

— Todo o vinho é excelente. Os vendedores que podiam sentir-se tentados a vender uma ou outra ânfora envinagrada sabem muito bem quem é o comprador — retorquiu Crisógono, com um sorriso que evocava outros tempos. — Disse-lhes que se encontrássemos uma só ânfora de vinagre, acabavam todos crucificados, fossem eles cidadãos romanos ou não.

— É preciso que não haja o mínimo empecilho, Crisógono. O mínimo empecilho!

Mas os empecilhos, quando surgiram, não tinham qualquer ligação (ou assim parecia) com a festa; o problema era Dalmática, que chegou a Roma rodeada de todas as parteiras que Cornélia Sila encontrou nas cidades por onde tinham passado.

— Ela está a sangrar — disse a filha de Sila ao pai. ele fitou-a com uma expressão de evidente alívio.

— Vai perder a criança? — perguntou, impaciente.

— Parece que sim.

— Antes assim.

— Concordo que não será uma tragédia se perder a criança — disse Cornélia Sila, que não desperdiçava as suas energias irritando-se ou indignando-se com o pai; conhecia-o demasiado bem. — Mas o grande problema é a própria Dalmática, tata.

— Que queres dizer?

— Quero dizer que ela pode morrer.

Uma sombra negra de horror toldou-lhe os olhos, sem que a filha percebesse minimamente o que significava essa sombra; e, logo de seguida, abanando violentamente a cabeça, Sila exclamou:

— Sim, sim, ele é o arauto da morte! É sempre o preço mais alto que ele pede! Mas não me importa, não me importa!—

A expressão estupefacta de Cornélia Sila fê-lo cair em si mesmo. —- Mas ela é uma mulher forte, não morrerá — disse ele, bufando.

— Espero que não. Sila levantou-se.

— Ela não quis vê-lo, mas agora vai vê-lo. Quer queira, quer não.

— Quem?

— Lúcio Túcio.

Quando o antigo cirurgião entrou no gabinete de Sila, algumas horas depois, vinha com um ar grave. E Sila, que esperara todas essas horas sozinho, passara do horror inicial, o horror perante o facto de que, sempre que via Metróbio, algum dos seus entes queridos tinha de morrer, a fortes sentimentos de culpa e, finalmente, à resignação. A última coisa que queria era ver Dalmática, pois não acreditava que suportasse vê-la.

— Não trazes boas notícias, Túcio.

— Pois não, Lúcio Cornélio.

— Qual é exactamente o problema? — perguntou Sila.

— Parece haver uma impressão generalizada de que Dalmática está grávida e é isso certamente o que ela pensa — disse Lúcio Túcio. — Mas, francamente, duvido da existência de um feto no seu útero.

As manchas carmins das cicatrizes de Sila tinham-se tornado mais nítidas que o costume.

— Nesse caso, que tem ela no útero?

— As mulheres falam de hemorragias, mas a perda de sangue é demasiado lenta para que se trate de hemorragias — disse o médico, com a testa franzida. — Há algum sangue, mas misturado com uma substância que cheira mal e a que eu chamaria pus, se ela fosse um soldado

ferido. O meu diagnóstico é que se trata de alguma supuração interna, mas, com a tua permissão, Lúcio Cornélio, gostaria de dispor de outras opiniões.

— Faz o que muito bem entenderes — disse Sila, rispidamente. — Só te peço que as idas e vindas dos médicos não dêem nas vistas amanhã. Tenho um casamento amanhã. É claro que a minha mulher não poderá assistir, não é verdade?

— De maneira nenhuma, Lúcio Cornélio.

E foi assim que Emília Escaura, grávida de cinco meses do anterior marido, se casou com Cneu Pompeu Magno, na casa de

Sila, sem o apoio de nenhuma das pessoas que realmente a amavam. E embora, sob os seus véus vermelhos e cor de açafrão, Escaura chorasse amargamente, Pompeu, mal a cerimónia acabou, fez tudo para a acalmar e para lhe agradar, e com tanto êxito que, quando abandonaram aquela casa, já ela conseguia sorrir.

Devia ser Sila a informar Dalmática daquela inesperada reviravolta no comportamento de Escaura, mas Sila continuava a arranjar desculpas para não entrar nos aposentos da esposa.

— Creio — disse Cornélia Sila, que fazia as vezes do pai nestas circunstâncias — que ele não suporta ver-te tão doente. Sabes bem como ele é. Se o doente é alguém com quem não tem qualquer ligação, mostra-se completamente indiferente. Mas se é alguém que ele ama, não consegue enfrentar a situação.

Havia um cheiro a decomposição no vasto e arejado quarto de Dalmática; um cheiro que se tornava mais forte à medida que o visitante se aproximava da cama. Cornélia Sila sabia que a madrasta estava a morrer; Lúcio Túcio tinha razão: não era um bebê o que ela tinha no útero. Ninguém parecia saber o que dera ao seu pobre ventre os contornos de um arremedo de gravidez; mas toda a gente sabia que era algo de mórbido, de maligno. A pútrida descarga não cessava de fluir, impiedosa, daquele corpo, e ela ardia em febre, uma febre que nenhum remédio ou cuidado parecia poder abrandar. No entanto, Dalmática continuava consciente, e os seus olhos, brilhantes como duas chamas, fixavam-se, doloridos, na enteada.

— Eu não conto — disse ela, revolvendo a cabeça na almofada ensopada em suor. — Só quero saber como está a minha pobre Emília. Correu muito mal?

— De facto, até correu bem — disse Cornélia Sila, com surpresa na voz. — Acredites ou não, minha querida madrasta, a verdade é que estava com um ar feliz quando partiu para a sua

nova casa. Olha que Pompeu é um homem notável! Eu nunca o tinha visto de perto e, por outro lado, estava cheia de preconceitos contra ele, os preconceitos que qualquer Cornélio teria. Mas a verdade é que ele é um homem muito bem-parecido, muito mais atraente do que aquele idiota do Glábrio! E, pelos vistos, não lhe falta simpatia, nem encanto. De tal maneira que Escaura começou a cerimónia a chorar e, quando tudo acabou, parecia outra, muito mais animada. E tudo graças às palavras amorosas de Pompeu.

Garanto-te, Dalmática, que aquele homem tem muito mais qualidades do que eu pensava. Aposto que faria feliz qualquer mulher. Dalmática pareceu acreditar no que lhe dizia Cornélia.

— Correm muitas histórias acerca dele. Há uns anos atrás, quando ele era pouco mais que um miúdo, dizia-se que tinha relações com Flora — sabes de quem estou a falar?

— A famosa prostituta?

— Sim. Ela já não é nova, mas, segundo me disseram, continua a chorar por Pompeu, que, diz ela, lhe deixava as marcas dos dentes no corpo todo — não posso entender como é que ela gostava de uma coisa dessas, mas pelos vistos gostava! Ele cansou-se dela e passou-a a um dos seus amigos. A mulher ficou destroçada. Pobre criatura! Uma prostituta apaixonada é sempre tão ridícula!

— Pode ser que Emília Escaura acabe por agradecer ao tata por a ter libertado de Glábrio.

— Ah, o teu pai! Quem me dera que ele viesse ver-me!

Finalmente, chegou o dia anterior aos Idos de Sextilis; Sila doou a sua Coroa de Erva e as suas insígnias triunfais, pois esse era o costume quando um homem de renome militar procedia a um sacrifício na Ara Máxima do Fórum Boarium. Precedido pelos seus lictores e chefiando um desfile de membros do Senado, o Ditador caminhou desde a sua casa até aos Degraus de Caco e daí até aos terrenos onde costumavam decorrer os mercados de carne. Quando passou pela estátua do deus — nesse dia, vestido com trajes triunfais —, fez uma pausa para o saudar e orar. Depois, deslocou-se até ao Grande Altar, atrás do qual ficava o pequeno templo redondo de Hércules Invicto, uma velha estrutura dórica que gozava de alguma fama por possuir alguns frescos executados pelo famoso poeta trágico Marco Pacúvio.

A vítima, um gordo bezerro de pelagem creme, estava à espera, entregue aos cuidados

do popa e do cultarius, ruminando ervas aspergidas de substâncias entorpecentes e observando, com os seus meigos olhos castanhos, os frenéticos preparativos do banquete nos terrenos do mercado. Embora Sila usasse a sua Coroa de Erva, os outros membros do desfile tinham coroas de louros e, quando o jovem Dolabela — pretor urbano e, por isso, encarregado de tais cerimónias — deu início às suas orações

a Hércules Invicto, ninguém cobriu a cabeça. Por ser um estrangeiro, Hércules era adorado segundo a tradição grega, ou seja, de cabeça descoberta.

Tudo decorria sem qualquer problema. Como dador do bezerro e celebrante da festa pública, Sila baixou-se para apanhar algum do sangue com o skyphos, uma taça especial pertencente a Hércules. Porém, quando se agachou para encher a taça, uma forma pequena e negra intrometeu-se, tão furtiva quanto uma sombra, entre o Pontifex Maximus e o cultarius, mergulhou o focinho na poça de sangue que se espalhava pelas lajes e começou a lamber ruidosamente.

com um salto, Sila recuou e ergueu-se, ao mesmo tempo que emitia um grito de horror que parecia vindo das entranhas. A sua mão nervosa deixou cair o skyphos e a Coroa de Erva, já ressequida, deslizou-lhe pela cabeça e foi cair no meio do sangue. Nesse momento, já o pânico se espalhava mais depressa do que a poça de sangue que o cão preto, esfomeado, continuava a lamber. Os homens dispersavam em todas as direcções, alguns dando gritos estridentes, outros arrancando as coroas de louros, outros ainda arrancando mancheias de cabelo; ninguém sabia o que fazer, ninguém sabia como pôr um fim àquele pesadelo.

Foi Metelo Pio, o Pontifex Maximus, quem tirou o maço das mãos do estupefacto popa, com ele desferindo um golpe na cabeça do cão. O cão deu um único guincho e começou a rodopiar, executando algo que se assemelhava a uma dança circular, rangendo muito os dentes, até que, após o que parecia ter sido uma eternidade, caiu no meio da poça de sangue, o corpo ainda varado por convulsões e, lentamente, vomitando uma espuma ensangüentada, foi perdendo todo o sinal de vida.

Mais pálido ainda que Sila, o Pontifex Maximus deixou cair o maço.

— O ritual foi profanado! — exclamou com a mais poderosa voz que alguma vez lhe fora ouvida. — Pretor urbano, temos de começar tudo de novo! Senadores, controlem-se! E onde estão os escravos de Hércules, que deviam ter impedido a entrada do cão neste recinto?

O popa e o cultarius chamaram então os escravos do templo, que se tinham ido embora antes da cerimónia começar, atraídos pelas iguarias que começavam a ser distribuídas pelas mesas. com a peruca descaída, Sila encontrou finalmente forças para se baixar e pegar na sua Coroa de Erva, salpicada de sangue.

— Tenho de ir a casa tomar um banho — disse a Metelo Pio. — Estou sujo. De facto, estamos todos sujos e todos temos de ir tomar banho. Voltamos a encontrar-nos dentro de uma hora. — Depois, virando-se para o jovem Dolabela, disse-lhe, num tom menos simpático: — Depois de limparem toda essa porcaria e de atirarem ao rio a carcaça do bezerro e essa horrenda criatura, manda os viri capitules prender os escravos até amanhã. Depois, crucifica-os — e não lhes partas as pernas. É preciso que demorem dias a morrer. Aqui, no Fórum Boiaram, à vista do deus Hércules. Ele não os quer, porque eles fizeram com que este sacrifício fosse profanado por um cão.

Sujo, sujo, sujo, sujo: Sila repetia mentalmente essa palavra enquanto se dirigia para casa para tomar banho e vestir, desta feita, a toga praetexta — um homem não podia possuir mais do que um traje triunfal. Quanto à Coroa de Erva, limpou-a com as suas próprias mãos, chorando desoladamente porque, apesar dos seus gestos delicados, a coroa acabou por se desintegrar. O que restava da coroa, quando finalmente a pôs a secar sobre um pano branco, eram uns meros fragmentos desconexos. A minha corona graminea já não existe. Estou amaldiçoado. A minha sorte desapareceu. A minha sorte! Como posso eu viver sem a minha sorte? Quem mandou aquele rafeiro negro, quem o arrancou às regiões ínferas, quem o trouxe da região das trevas e o levou até ali? Quem me estragou este dia, agora que Caio Mário não o pode fazer? Metróbio? Estou a perder Dalmática por causa dele! Não, não é Metróbio...

Sila regressou então à Ara Máxima de Hércules Invicto, usando agora uma coroa de louros como todos os demais, avançando pelo caminho que os seus aterrados lictores iam implacavelmente abrindo por entre a multidão, que se aglomerava já para participar no banquete. Havia ainda umas quantas carroças puxadas por bois levando provisões para as mesas; os homens que as conduziam entraram em pânico, ao verem o cortejo de sacerdotes aproximar-se; correram a desviar os bois e a retirá-los do caminho; se um boi deixasse alguma bosta no caminho dos sacerdotes, estes ficariam sujos e o proprietário do boi seria muito provavelmente açoitado e

condenado a uma pesada multa.

Crisógono arranjara um segundo bezerro tão bonito como o primeiro e que se mostrava já muito entontecido, por causa da droga que o chefe dos criados de Sila lhe empurrara literalmente pelas goelas abaixo. A cerimónia voltou então ao princípio e, desta feita, tudo correu na perfeição. Os trezentos senadores presentes passaram toda a cerimónia a esquadrinhar o recinto, não fosse aparecer outro cão, e, por isso, pouca atenção prestaram ao ritual.

Uma vítima sacrificada em honra de Hércules Invicto não podia ser retirada da pira montada ao lado do Grande Altar do deus; por isso, tal como sucedera com o touro branco de César, também o bezerro ficou a ser consumido pelas chamas, enquanto as testemunhas dos horrendos eventos daquela manhã correram para casa logo que puderam. Só Sila não foi para casa. Tal como planeara, passeou pelas ruas da cidade, manifestando o voto de que a populaça pudesse partilhar a sua boa sorte. Mas como poderia ele manifestar um tal voto, se, por obra de um rafeiro negro, Fortuna deixara de o considerar seu favorito?

Construídas com pranchas montadas sobre armações, cinco mil mesas regurgitavam de comida e o vinho corria mais depressa que o sangue num campo de batalha. Desconhecendo o desastre ocorrido na Ara Máxima, mais de meio milhão de homens e mulheres empanturravam-se de peixe e fruta e bolos de mel, e enchiam os sacos que tinham trazido para que aqueles que haviam ficado em casa — incluindo os escravos — pudessem também festejar. Saudavam Sila com gritos de júbilo e invocações aos deuses e prometiam-lhe que se lembrariam dele nas suas orações, enquanto fossem vivos.

A noite caía quando Sila finalmente regressou à sua casa do Palatino, onde mandou embora os lictores com agradecimentos e a notícia de que poderiam festejar no dia seguinte, no seu recinto situado na esquina da Clivus Orbius.

Cornélia Sila estava à espera dele no átrio.

— Pai, Dalmática quer que vás vê-la! — disse-lhe.

— Estou exausto — atirou-lhe Sila, sabendo que nunca conseguiria enfrentar a sua mulher, a quem amava, mas não o suficiente.

— Por favor, pai, vai vê-la! Enquanto não te vir, ela não desiste daquela ideia imbecil que a tua conduta pôs na sua cabeça!

— Mas que ideia é essa? — perguntou ele, despindo a toga e encaminhando-se

rapidamente para o altar de Lares e Penates. Aí chegado, baixou a cabeça, partiu um torrão de sal na prateleira de mármore e depôs sobre o sal a coroa de louros.

A filha esperou pacientemente pelo fim daquela cerimónia.

— Mas que ideia imbecil é essa? — perguntou ele de novo.

— Ela pensa que está suja. Está constantemente a dizer que está suja.

Sila ficou como que petrificado, assaltado por todo o horror deste mundo, possuído por um sem-número de abomináveis sensações que não conseguia controlar nem suportar. Num repente, arremessou os braços, como se à sua frente estivessem assassinos e fitou a filha com os olhos de um tresloucado, dominado por uma loucura que a filha nunca lhe tinha visto em toda a sua vida.

— Suja! — berrou. — Suja!

Desatou a correr, desapareceu de casa.

Ninguém sabia onde passara a noite, embora Cornélia Sila tivesse mandado grupos armados de archotes procurá-lo no meio das ruínas das cinco mil mesas do banquete. Porém, aos primeiros raios de sol, Sila voltou a casa, vestido unicamente com a sua túnica; no átrio, deu com a filha, ainda à espera dele. Crisógono, que permanecera ao lado de Cornélia Sila durante toda a noite porque também ele estava muito assustado, avançou hesitante na direcção do amo.

— Ainda bem que estás aqui — disse Sila. — Informa todos os sacerdotes — maiores e menores! — de que devem ir ter comigo, dentro de uma hora, ao templo de Castor no Fórum.

— Pai? — perguntou Cornélia Sila, confusa.

— Hoje não quero conversas com mulheres. — Foi tudo o que ele lhe respondeu antes de se encaminhar para os seus aposentos.

Sila lavou-se escrupulosamente e rejeitou três togas debruadas a púrpura por as achar sujas; só a quarta lhe pareceu absolutamente limpa. Depois, precedido pelos lictores (quatro dos quais tiveram de mudar de toga, pois as que tinham estavam sujas), deslocou-se ao templo de Castor e Pólux, onde os sacerdotes esperavam apreensivos.

— Ontem — disse ele, sem preâmbulos —, ofereci um décimo de todos os meus bens a Hércules Invicto. Hércules Invicto é um deus de homens, apenas de homens. Nenhuma mulher pode aproximar-se do seu Grande Altar e, em memória da sua jornada ao Mundo Inferior, os cães não podem entrar nos

seus domínios, pois os cães são criaturas ctonianas, tal como todas as criaturas negras. Hércules é servido por vinte escravos, cujo principal dever consiste em velar para que não entrem nos seus domínios nem mulheres, nem cães, nem criaturas negras. Ontem, porém, um cão preto bebeu o sangue da primeira vítima que ofereci ao deus, o que constitui uma ofensa horrenda para qualquer deus — e também para mim. Que poderei eu ter feito, perguntei-me então, para incorrer em tal ofensa? Foi de boa fé que consagrei ao deus uma oferenda avultada e também uma vítima sacrificial que respeitava todas as normas estabelecidas. Foi de boa fé que esperei que Hércules Invicto aceitasse a minha oferenda e o meu sacrifício. Mas em vez disso, um cão preto bebeu o sangue do bezerro na Ara Máxima. E a minha Coroa de Erva foi poluída ao cair no sangue que o cão preto bebia.

Os noventa homens que Sila convocara escutavam-no como que paralisados, sentindo formigueiros na pele só de pensarem em tão grave profanação. Todos esses homens tinham assistido à cerimónia; depois, tinham recolhido a casa, horrorizados, e passado o resto do dia e da noite interrogando-se sobre o que poderia haver de errado naquilo tudo, sobre as razões que teriam levado o deus a manifestar tamanho desagrado em relação ao Ditador de Roma.

— Os livros sagrados desapareceram e não dispomos, por isso, de qualquer ponto de referência — prosseguiu Sila, perfeitamente consciente do que pensavam aquelas cabeças que tinha à sua frente. — Quis o deus que fosse a minha filha a agir como seu mensageiro. Ela preenchia todos os critérios: falou sem se aperceber da importância do que estava a dizer; e falou sem saber dos eventos que ocorreram em frente do Grande Altar de Hércules Invicto.

Sila deteve-se, perscrutando as primeiras filas, mas sem encontrar o rosto que procurava.

— Pontifex Maximus, vem cá! — ordenou ele, no tom formal de um sacerdote.

As filas da frente agitaram-se um pouco para dar passagem a Metelo Pio.

— Aqui estou, Lúcio Cornélio.

— Quinto Cecílio, tu estás intimamente envolvido nisto. Quero-te de costas para os outros, porque nenhum homem pode ver o teu rosto. Desejaria também ter esse privilégio, mas todos os presentes têm de ver o meu rosto. O que tenho a dizer é o seguinte: a minha esposa, Cecília Metela Dalmática, filha de um Pontifex Maximus e prima direita do nosso actual Pontifex Maximus, está... — Sila respirou fundo — ...está suja. No preciso momento em que a minha filha me disse isto, eu soube que essa era a verdade. A minha esposa está suja. O seu ventre está a

apodrecer. Eu sabia disso há algum tempo. Mas não sabia que o estado de saúde da pobre mulher poderia constituir uma ofensa aos deuses dos homens. Só fiquei a sabê-lo quando a minha filha falou. Hércules Invicto é um deus de homens. Tal como Júpiter Optimus Maximus. A mim, que sou um homem, foi-me confiado o governo de Roma. A mim, que sou um homem, foi-me confiada a tarefa de ajudar Roma a recuperar das guerras e das vicissitudes de muitos e muitos anos. Quem eu sou e aquilo que eu sou é o que importa. E nada na minha vida pode ser impuro. Nem mesmo a minha esposa. É isto que eu hoje posso concluir. Agora diz-me, Quinto Cecílio, Pontifex Maximus, são correctas as minhas conclusões?

Ah, o que o Bacorinho tinha crescido!, pensou Sila, o único que podia ver o seu rosto. Ainda ontem era ele que recebia todas as ordens e agora é ele o único que pode saber de tudo sobre os deuses e os homens!

— Sim, Lúcio Cornélio — disse Metelo Pio, num tom firme.

— Convoquei-os para que procedam à consulta dos auspícios e decidam o que deve ser feito — prosseguiu Sila. — Informei-os da situação e comuniquei-lhes aquilo em que acredito. Porém, de acordo com as leis que promulguei, não posso tomar nenhuma decisão sem vos consultar. E isto é reforçado pelo facto de que a pessoa mais afectada é a minha esposa. Naturalmente, não se pode inferir daqui que me servi desta situação para me ver livre da minha mulher. Eu não quero ver-me livre da minha mulher, isto que fique claro. Que fique claro nas vossas mentes e, através de vós, nas mentes de todos os Romanos. Tendo isso em conta, acredito que a minha mulher está impura e acredito que os deuses dos homens estão ofendidos. Pontifex Maximus, como chefe da nossa religião romana, que tens a dizer?

— Tenho a dizer que os deuses dos homens estão ofendidos — disse Metelo Pio. — Tenho a dizer que deves apartar a tua mulher de ti, que nunca mais deves olhar para ela e que não deves permitir que ela polua a tua residência ou a tua missão legalmente autorizada.

O rosto de Sila revelava uma profunda tristeza; isso era evidente para todos.

— Eu amo a minha mulher — disse ele, com voz grave. — Ela foi-me leal e fiel. Deu-me filhos. Antes de mim, foi a esposa leal e fiel de Marco Emílio Escauro e deu-lhe filhos. Não sei por que motivo os deuses dos homens exigem isto de mim, nem por que razão a minha mulher deixou de lhes agradar.

— A tua afeição pela tua mulher não está em causa — disse o Pontifex Maximus, seu

primo direito. — Nenhum de vós ofendeu necessariamente os deuses, tanto os deuses dos homens como os das mulheres. Será melhor dizer que a presença dela na tua casa ou a tua presença na vida dela, de uma forma que ignoramos, obstruiu ou distorceu os caminhos através dos quais a graça e os favores divinos são conduzidos até Roma. Em nome dos meus confrades sacerdotes, afirmo que nenhum de vós é merecedor de censura. Que não há qualquer falta, nem do teu lado, Lúcio Cornélio, nem da parte da tua mulher. O que é, é. E não há mais nada a dizer.

Virou-se então para a silenciosa assembleia e disse, com uma voz forte, grave e sem falhas:

— Eu sou o vosso Pontifex Maximus! O facto de eu falar sem gaguejar uma única vez é prova suficiente de que Júpiter Optimus Maximus me está a usar como seu porta-voz e de que ele me ofertou a sua língua. E por isso digo que a mulher deste homem está suja, que a sua presença na vida dele e na casa dele é uma afronta aos nossos deuses e que ela deve ser afastada da vida dele e da casa dele imediatamente. Não peço nenhuma votação. Se algum homem aqui presente discorda de mim, que o diga neste momento!

O silêncio foi profundo, como se afinal não houvesse ali nenhum homem.

Metelo Pio virou-se então para o Ditador.

— Ordenamos-te, Lúcio Cornélio Sila, que dês instruções aos teus criados para que retirem a tua esposa, Cecília Metela Dalmática,

da tua casa, e a levem para o templo de Juno Sospita, onde deve permanecer até morrer. Não deves de forma nenhuma e em nenhuma ocasião olhar para ela. E depois de ela ter sido levada para o templo, o Rex Sacrorum e o flamen Martialis que faz as vezes do flamen Dialis devem proceder aos ritos de purificação na casa de Lúcio Cornélio Sila.

Depois de ter coberto a cabeça com a toga, acrescentou:

— Ó Gémeos Celestiais, vós que vos chamais Castor e Pólux, ou os Dioscuros, ou os Deuses Penates, ou que podereis ter qualquer outro nome do vosso agrado, e que podeis ser deuses ou deusas ou não ter qualquer sexo, nós viemos reunir-nos no vosso templo porque precisamos da vossa intercessão junto do poderoso Júpiter Optimus Maximus — de quem podeis ou não ser filhos — e do triunfador Hércules Invicto. Pedimos-vos que testemunheis junto de todos os deuses que nós somos sinceros e que lutámos por corrigir o que quer que estivesse errado. Conforme os nossos acordos, que remontam à batalha do lago Regilo, aqui vos

prometemos um sacrifício de potros brancos gémeos logo que encontremos uma tão rara oferenda. Suplicamos-vos que veleis por nós, como sempre fizesteis.

Procedeu-se depois à observação dos auspícios, os quais confirmaram a decisão do Pontifex Maximus. A luz clara da manhã, que invadia o interior do templo através da porta aberta, tornou-se de repente sombria quando o sol se moveu na direcção do zénite; nesse mesmo instante, um misterioso vento gelado assobiou em torno do templo.

— Só mais uma questão antes de nos irmos — disse Sila. Os pés dos sacerdotes ficaram imediatamente quietos.

— Temos de substituir os Livros Sibilinos, pois embora dispunhamos do Livro de Vegos e Tagete, que se encontra em segurança no templo de Apoio, a verdade é que esse livro de nada nos serve no que respeita aos deuses estrangeiros, como é o caso de Hércules Invicto. Há muitas sibilas por todo o mundo e algumas delas estão ligadas por laços de sangue à Sibila de Cumas, que escreveu os seus versos em folhas de palma e os ofereceu ao rei Tarquínio Prisco. Pontifex Maximus, desejaria que encarregasses alguém de organizar uma busca por todo o mundo, tendo em vista encontrar os versos que estavam contidos nos nossos livros proféticos.

— Tens toda a razão, Lúcio Cornélio. Esse trabalho tem de ser feito — disse Metelo Pio, gravemente. — Escolherei um homem adequado para tal tarefa.

O Ditador e o Pontifex Maximus seguiram juntos para a casa do primeiro.

— A minha filha não vai reagir bem — disse o Ditador. — Mas se receber as ordens de ti, é possível que não me censure pelo que vai acontecer.

— Lamento muito tudo isto.

— Também eu — disse Sila com uma expressão infeliz. Cornélia Sila acreditou no pai, um facto que a surpreendeu tanto a ela como a ele.

— Acredito que a amas sinceramente, pai, e não penso tão mal de ti que chegue ao ponto de crer que queres ver-te livre dela.

— Como está ela? Está a morrer? — perguntou Metelo Pio, cheio de remorsos porque tinha sido ideia sua encerrar Dalmática no templo de Juno Sospita enquanto vivesse.

— Já está por pouco, segundo Lúcio Túcio. Ela tem um tumor.

— Então façamos de imediato o que tem de ser feito. Oito corpulentos carregadores de liteira levaram Dalmática do seu leito para o templo de Juno Sospita; no entanto, essa curta

viagem não se fez em silêncio, como a gravidade do momento exigiria. A leniência e dignidade com que a esposa de Sila se comportara durante toda a sua vida desapareceram no momento em que a informaram da decisão dos sacerdotes e em que ela se apercebeu de que nunca mais voltaria a ver Sila. Protestou, chorou, gritou o nome dele incessantemente enquanto a levavam, enquanto Sila se encerrava no seu gabinete, as mãos tapando os ouvidos, as lágrimas correndo-lhe pelo rosto. O preço a pagar. Mas tinha de pagá-lo por amor a Fortuna? Ou por amor a Metróbio?

Havia quatro templos seguidos, no exterior das Muralhas Sérvias, nos terrenos dos mercados de legumes: Pietas, Janus, Spes e Juno Sospita. Esta Juno não era uma das deusas que se ocupavam basicamente das mulheres grávidas, mas, para além de ser simultaneamente uma derivação guerreira da Grande Mãe de Pessinunte, Juno das Cobras de Lanúvio e Rainha dos Céus, ela era também a Salvadora das Mulheres. Talvez por causa deste último aspecto da sua identidade, as mulheres de Roma tinham, desde há muito tempo,
o hábito de lhe ofertar as páreas sempre que tinham um parto bem sucedido.

Na época da Guerra Italiana, quando o dinheiro escasseava e os escravos dos templos eram poucos, Metela Baleárica, que fora esposa de Ápio Cláudio Fulcro, sonhara que Juno Sospita lhe aparecera e se queixara amargamente de que o seu templo estava tão sujo que não podia viver nele. Então, Baleárica foi ter com o cônsul, Lúcio César, e pediu-lhe que a ajudasse a limpar o templo. Encontraram mais do que placentas apodrecidas; todo o templo era um pântano infecto e putrefacto, juncado dos restos de mulheres mortas, de cadelas mortas, de crianças mortas, e de ratos. Grávida na altura em que ela e Lúcio César se entregaram a tão repulsivo labor, Cecília Metela Baleárica morrera dois meses depois de ter dado à luz o seu sexto filho, Públio Clódio.

Desde então, porém, o templo resplandecia de limpeza; as páreas ofertadas eram colocadas num cesto devidamente estanque e levadas regularmente para serem ritualmente queimadas pela flaminica Dialis (ou, na presente época, por aquela que fazia as suas vezes).

Cornélia Sila preparara um recanto do templo para instalar a cama de Dalmática. Os carregadores da liteira levaram-na até à cama, horrorizados porque eram homens e tinham penetrado num templo de mulheres. Dalmática continuava a gritar por Sila, mas já com uma voz débil, perto do fim, e parecia não reconhecer o sítio onde estava.

Uma estátua pintada da deusa erguia-se sobre um plinto; usava sapatos com as biqueiras

viradas para cima, brandia uma lança e enfrentava uma serpente que se erguia para ela; mas o traço mais impressionante da sua imagem era a pele de cabra que lhe caía pelos ombros, atada à sua cintura, e com a cabeça e os cornos da cabra cobrindo o cabelo castanho-escuro da deusa como se fosse um capacete. Foi aí, à sombra desta bizarra imagem, que Cornélia Sila e Metelo Pio se sentaram, afagando as mãos de Dalmática para a ajudarem a vencer as mortais barreiras da dor e da perda. A espera foi breve, e revelou-se uma provação mais espiritual que física. A pobre mulher morreu a chamar por Sila, surda às respostas sensatas de Cornélia Sila e Metelo Pio.

Logo que morreu, o Pontifex Maximus ordenou aos agentes funerários que instalassem o lectus funebris no templo, já que ela não podia ser levada para a sua casa. Por outro lado, também não

podia ser exibida perante ninguém; puseram-na na tradicional posição vertical, completamente coberta por um tecido negro, debruado a ouro; rodeavam-na as carpideiras profissionais e, como pano de fundo, tinha aquela estranha deusa vestida com uma pele de cabra e empunhando uma lança perante uma serpente ameaçadora.

— Se fui eu que elaborei a lei sumptuária, então posso-me dar ao luxo de ignorá-la — disse Sila, logo após a morte da mulher.

Por isso, o funeral de Cecília Metela Dalmática custou cem talentos e foi acompanhado por mais de duas dúzias de actores que usavam as ancestrais máscaras de cera dos Cecílios Metelos e de duas famílias patrícias, os Emílios Escauros e os Cornélios Silas. Mas a multidão que encheu o Circo Flamínio (foi decidido que levar o seu corpo para dentro do pomerium seria imprudente, dado o seu estatuto impuro) deu menos atenção ao brilho das cerimónias do que a duas figuras vestidas de negro, os gémeos Fausto e Fausta, filhos de Dalmática, então com três anos, que davam a mão à sua gigantesca criada gaulesa.

Foi nas Calendas de Setembro que Sila atacou verdadeiramente a questão da revisão legislativa. O Senado estremeceu perante tão violenta investida.

— Os actuais tribunais caracterizam-se pela inépcia, pelo irrealismo e pelo desperdício de tempo — disse Sila, sentado na sua cadeira curul. — Nenhuma assembleia deveria reunir para assistir a processos civis ou criminais. Os procedimentos são demasiado longos, demasiado atreitos à manipulação política e demasiado influenciados pela fama ou pela popularidade do acusado; isto para não falar dos seus advogados de defesa. E um júri que pode chegar a conter

vários milhares de eleitores é um corpo tão pesado e difícil de manejar como é pouco judicioso.
Rejeitando assim, de forma clara, o tradicional julgamento numa das Assembleias, Sila prosseguiu.
— Darei a Roma sete tribunais permanentes. Traição, extorsão, peculato, suborno, contrafacção, violência e assassínio. Todos estes tribunais, excepto o último, têm algo a ver com o Estado ou com o Tesouro, e serão presididos por um dos seus pretores júniores, de acordo com sorteio efectuado para esse efeito. O último tribunal julgará todos os casos de homicídio, incêndio criminoso, feitiçaria, envenenamento, perjúrio e um novo crime a que chamarei homicídio
judicial, ou seja, exílio concretizado por intermédio da acção de um tribunal. É de esperar que este tribunal seja o que tem mais trabalho, apesar de o seu funcionamento ser o mais simples de todos. E será presidido por um homem que já foi edil, mas ainda não foi pretor. Os cônsules nomeá-lo-ão.
Hortênsio estava horrorizado, pois as suas maiores vitórias tinham sido obtidas numa das Assembleias, onde o seu estilo e capacidade para manipular multidões o tinham transformado numa lenda; júris pequenos eram demasiado íntimos para lhe servirem.
— Mas isso provocará a morte da genuína advocacia — exclamou.
— E que importância é que isso tem? — perguntou Sila, com um ar surpreendido. — Muito mais importante do que a advocacia é o processo judicial, e eu tenciono retirar os processos judiciais às Assembleias. Não tenhas ilusões quanto a este ponto, Quinto Hortênsio! No entanto, pedirei à Assembleia do Povo que aprove uma lei sancionando a instauração dos meus tribunais e, segundo o texto dessa lei, as três Assembleias deporão formalmente os seus direitos jurídicos nas mãos dos meus tribunais.
— Excelente — comentou o historiador Lúcio Cornélio Sisena. — Dessa forma, todos os homens que serão julgados pelos tribunais sê-lo-ão com o consentimento das Assembleias! Isso implica que um homem não poderá apelar para uma Assembleia depois de o tribunal ter pronunciado o seu veredicto.
— Exactamente, Sisena! Este procedimento torna o apelo nulo e sem valor e acaba com as Assembleias enquanto juizes de homens.
— Mas isso é abominável — gritou Catulo. — Não só abominável, como também

absolutamente inconstitucional! Todos os cidadãos romanos têm direito a apelar!

— Apelo e julgamento passam a ser uma e a mesma coisa, Quinto Lutácio — disse Sila.

— E assim ficará determinado no texto da nova constituição.

— A velha constituição era suficientemente boa para questões deste género!

— Em questões deste género, a história mostrou-nos a todos, de forma muito clara, que o texto da velha constituição fez com que não fossem condenados muitos homens que deveriam tê-lo sido, e unicamente porque uma qualquer Assembleia foi persuadida, por um qualquer artifício de retórica, a anular uma decisão legal de um tribunal. O capital político que era retirado de tais julgamentos e

apelos perante as Assembleias era algo de absolutamente odioso, Quinto Lutácio.

Actualmente, Roma é demasiado grande e demasiado movimentada para se deixar atolar em costumes e procedimentos inventados quando Roma pouco mais era que uma aldeia. Não nego a nenhum homem um julgamento justo. Na realidade, o que pretendo é dar a todos os homens julgamentos mais justos. E simplificar os procedimentos.

— E quanto aos júris? — perguntou Sisena.

— Os júris serão puramente senatoriais — mais uma razão para eu precisar de pelo menos quatrocentos homens no Senado. Os júris sempre foram uma pesada carga, e continuarão a sê-lo havendo, como haverá, sete tribunais. Contudo, tenciono reduzir o tamanho dos júris. O velho júri de cinqüenta e um homens será retido unicamente nos casos de grandes crimes contra o Estado. De futuro, o tamanho do júri dependerá do número de homens disponíveis e, se por qualquer razão, houver um número par de homens num júri, então um empate a nível de decisão será considerado como uma absolvição. O Senado encontra-se já dividido em decúrias de dez homens, cada uma das quais chefiada por um senador patrício. Usarei essas decúrias como a base para os júris, embora nenhuma decúria possa exercer permanentemente os seus deveres num tribunal particular. O júri para cada julgamento individual, em qualquer tribunal, será escolhido por sorteio, depois de a data do julgamento ter sido marcada.

- Apoiado! — exclamou o jovem Dolabela.

— Não apoiado! — exclamou Hortênsio. — Que acontece, por exemplo, se a minha decúria for escolhida para um júri e eu estiver ocupado a defender um cliente num outro julgamento?

— Pois num caso desses, terás de aprender a satisfazer os dois clientes, ou seja, o júri e o acusado, ao mesmo tempo — disse Sila, com um sorriso exultante. — As prostitutas fazem-no, Hortênsio! Por isso, não deves ter grande dificuldade em aprender...

— Quinto, por favor, cala-me essa boca — segredou-lhe Catulo.

— Quem decide o número de homens que devem pertencer a um determinado júri? — perguntou o jovem Dolabela.

— O presidente do tribunal — disse Sila. — Mas esse número terá de ser limitado. O critério a seguir terá de ser o número de decúrias disponíveis. Mas creio que um número entre vinte e cinco e trinta e cinco homens estaria bem. Nem todos os membros de uma decúria serão chamados ao mesmo tempo, porque isso faria com que o número de membros do júri fosse par.

— Cada um dos seis pretores júniores ficará com uma presidência de tribunal, atribuída por sorteio — disse Metelo Pio. — Isso significa que o velho sistema continuará a prevalecer no que toca à escolha de quem será pretor urbano e de quem será pretor externo?

— Não. Eu abolirei o sistema que dava o cargo de pretor urbano ao homem com mais votos e o cargo de pretor externo ao que vinha a seguir — retorquiu Sila. — De futuro, todos os oito cargos serão distribuídos puramente por sorteio.

Mas Lépido não estava interessado em saber com que atribuições ficaria cada um dos pretores; fez uma pergunta cuja resposta já conhecia, unicamente para obrigar Sila a formulá-la.

— Tencionas portanto impedir toda a participação dos cavaleiros nos tribunais?

— Absolutamente. com um breve intervalo, o controlo dos júris de Roma, desde os tempos de Caio Graco, sempre dependeu dos cavaleiros.vou acabar com isso! Caio Graco não se deu ao trabalho de incluir na sua lei uma cláusula que previsse o procedimento judicial contra um jurado cavaleiro acusado de corrupção. Mas eu farei com que os senadores sejam inteiramente responsabilizados perante a lei, isso vos garanto!

— Em que consistirá então a missão dos pretores urbano e externo? — perguntou Metelo Pio.

— Serão responsáveis por todos os litígios civis, — disse Sila —, bem como, no caso do pretor externo, pelos litígios criminais entre não romanos. Contudo,vou retirar ao pretor urbano e ao pretor externo o direito de pronunciar um veredicto num caso civil. Esse direito será

exercido por um único juiz, escolhido por sorteio de um painel de senadores e cavaleiros, e esse homem actuará como iudex. A sua decisão vinculará todas as partes, embora o pretor urbano ou externo possa decidir supervisionar todos os procedimentos.

Catulo decidiu-se a falar porque Hortênsio, ainda vermelho e furioso com a piada de Sila, não se atrevia a perguntar.

— De acordo com o actual texto da constituição, só uma Assembleia legalmente convocada poderá aprovar uma sentença de morte. Se tencionas retirar todos os julgamentos às Assembleias, isso

significa que darás aos teus tribunais o poder de formular uma sentença de morte?

— Não, Quinto Lutácio, não significa. Significa precisamente o contrário. A sentença de morte deixará de ser aplicada. As futuras sentenças limitar-se-ão a exílios, multas, e/ou confiscação de alguns ou todos os bens de um homem considerado culpado. As minhas novas leis também regularão as actividades do grupo que se debruçará sobre as indemnizações — esse grupo terá entre dois e cinco dos jurados escolhidos por sorteio mais o presidente do tribunal.

— Referiste sete tribunais — disse Mamerco. — Traição, extorsão, peculato, suborno, contrafacção, violência e assassínio. Mas já existe um tribunal para casos de violência pública previstos na lex Plautia. Tenho duas questões: primeira, que acontece a este tribunal? E segunda, que acontece em casos de sacrilégio?

— A lex Plautia deixa de ser necessária — disse Sila. Recostou-se na sua cadeira, com um ar satisfeito; o Senado parecia contente com a ideia de os procedimentos criminais serem retirados das mãos das Assembleias. — Os crimes de violência serão julgados, ou no meu tribunal específico para esses casos, ou então no tribunal de traição, para os casos em que a magnitude do crime o justifique. Quanto ao sacrilégio, as ofensas desse tipo são tão pouco freqüentes que não justificam o estabelecimento de um tribunal permanente. Um tribunal especial reunirá quando for necessário será presidido por um ex-edil. O seu comportamento, porém, será idêntico ao dos tribunais permanentes — não será possível apelar para as Assembleias. Se o caso tiver a ver com a eventual ausência de castidade por parte de uma Virgem Vestal, a sentença que prevê que a infractora seja enterrada viva será mantida. Mas o amante ou amantes da infractora serão julgados num outro tribunal e não incorrerão na pena de morte.

Sila pigarreou para logo prosseguir.

— Os nossos trabalhos, por hoje, estão praticamente acabados. Para terminar, gostaria de falar, em primeiro lugar, dos cônsules. Não é bom para Roma que os cônsules participem em guerras no estrangeiro. Esses dois homens, durante o ano em que exercem o seu cargo, deverão ser directamente responsáveis pelo bem-estar de Roma e de Itália, nada mais. Agora que os tribunos da plebe foram reconduzidos à sua merecida dimensão, espero que os cônsules se mostrem mais activos na promulgação de leis. Em segundo lugar, gostaria de falar da conduta no interior do Senado. De futuro, um homem poderá levantar-se para falar, se assim o desejar, mas deixará de poder andar de um lado para o outro enquanto fala. Terá de falar do lugar que lhe foi atribuído, sentado ou de pé. O barulho não será tolerado. Nada de aplausos, nada de bater com os pés, nada de chamamentos ou gritos. Os cônsules aplicarão uma multa de mil denários a qualquer homem que infringir as minhas novas normas de comportamento no interior do Senado.

Um pequeno grupo de senadores concentrou-se ao fundo dos degraus da Cúria Hostília depois de Sila ter encerrado a sessão; alguns deles (como Mamerco e Metelo Pio) eram adeptos indefectíveis de Sila, enquanto outros (como Lépido e Catulo) consideravam que Sila era o menor entre todos os males possíveis naquelas circunstâncias.

— Não há dúvida — comentou o Bacorinho — que estes novos tribunais livrarão os corpos legislativos de um pesado fardo. Deixaremos de perder tempo com as tentativas para levar a Assembleia da Plebe a reunir tribunais especiais, deixaremos de preocupar-nos por causa deste ou daquele cavaleiro que foi subornado. Sim, em minha opinião, estas reformas são boas.

— Oh, Pio, tu já és suficientemente velho para te lembrares de como correram as coisas depois de Cepião, o Cônsul, ter devolvido os tribunais ao Senado! — exclamou Filipe. — Eu estive sempre em júris, até mesmo durante o Verão! — E, virando-se para Marco Perperna, seu colega censor, acrescentou: — Tu lembras-te, com certeza!

— Lembro-me até demasiado bem — disse Perperna, enfaticamente.

— O vosso problema — disse Catulo — é que querem que o Senado controle os júris, mas já não gostam quando chega a vossa vez de servir. Se nós, membros do Senado, queremos dominar a estrutura global dos julgamentos, então temos de estar preparados para as coisas boas e para as coisas más.

— Agora não vai ser tão difícil como da outra vez — disse Mamerco, pacificamente. —

Agora somos mais.

— Ora, ora, tu és o genro do Grande Homem, ele puxa pelos teus cordelinhos e tu ganes como um cão ou bales como uma ovelha — atirou-lhe Filipe. — Nós nunca seremos suficientes! E, com tribunais permanentes, não poderá haver atraso. Dantes, pelo menos, podíamos agüentar as coisas, levando as Assembleias a ocupar-se dos casos durante uns tempos, enquanto nós tirávamos férias. Agora, tudo o que o presidente de um tribunal tem de fazer é sortear os seus jurados! E nós nem sequer saberemos antecipadamente se pertenceremos a um júri. Por isso, nunca poderemos planear nada. Sila diz que os sorteios só serão realizados depois de a data do julgamento ter sido marcada. Agora é que eu estou a perceber! Dois dias de lazer junto ao mar e pronto: toca a regressar a Roma para fazermos parte de um desses malditos júris!

— Os deveres dos júris deviam ter sido repartidos — disse Lépido. — Os tribunais importantes — extorsão e traição — deviam ficar sob o controlo do Senado. O tribunal consagrado aos homicídios podia funcionar adequadamente com jurados cavaleiros — provavelmente até funcionaria bem se os seus júris fossem sorteados entre os capite censi!

— O que tu queres dizer com isso — contestou acidamente Mamerco — é que os júris que julgam senadores devem ser compostos por senadores, ao passo que os júris que julgam o resto das pessoas, por acusações como feitiçaria ou envenenamento, não são suficientemente importantes para os senadores.

— Sim, não anda muito longe disso — replicou Lépido, sorrindo.

— O que eu gostaria de saber — disse o Bacorinho, considerando que já era tempo de mudarem de assunto — é o que ele pretende fazer ainda em termos de legislação.

—- Quase apostava que não será para nosso proveito — disse Hortênsio.

— Que disparate, Hortênsio — disse Mamerco, muito pouco perturbado por o terem considerado como uma marioneta nas mãos de Sila. — Tudo aquilo que ele fez até agora só reforçou a influência do Senado e contribuiu para devolver a Roma os antigos valores e costumes.

— Se calhar — disse Perperna, com um ar pensativo. — Já é demasiado tarde para voltar aos velhos processos e aos velhos costumes. Muito do que ele aboliu ou alterou esteve connosco o tempo suficiente para merecer ser associado ao resto da mos maiorum. Ultimamente,

a Assembleia da Plebe mais parece um clube de jogadores de dados. Essa situação não persistirá durante muito tempo, simplesmente porque não pode persistir. Os tribunos da plebe foram, durante séculos, os maiores legisladores de Roma.

— Sim, o que ele fez aos tribunos da plebe não é nada popular — disse Lépido. — Tens razão. A nova ordem de coisas na Assembleia da Plebe não pode persistir durante muito tempo.

Nas Calendas de Outubro, o Ditador provocou novos choques; alterou os limites sagrados de Roma nas vizinhanças do Fórum Boarium, aumentando-os mais de trinta metros: Roma ficava assim um tudo nada maior. Ninguém tinha mexido nas dimensões do pomerium desde os tempos dos reis de Roma; fazer uma coisa dessas era considerado como um sinal de realeza, era um acto não republicano. Mas esses preconceitos não deteram Sila. Alteraria os limites do pomerium, anunciou ele, porque, a partir de agora, o rio Rubicão passaria a ser a fronteira oficial entre a Itália e a Gália Italiana. Há muito que se pensava que esse rio deveria ser a fronteira, mas o rio Metauro fora o escolhido aquando da última decisão formal relativamente à divisão entre a Itália e a Gália Italiana. Portanto, acrescentou Sila, num tom brando e afável, podia-se dizer que ele tinha alargado o território de Roma dentro de Itália, o que justificava que marcasse o acontecimento acrescentando uns negligenciáveis trinta metros ao pomerium de Roma.

— Esta medida, no que me diz respeito, é excelente — comentou Pompeu para a sua nova (e já muito grávida) esposa.

Emília Escaura fitou-o confusa. — Porquê? — perguntou.

Emília abusava dos ”porquês”; se tivesse dado com um homem menos egotista, talvez o irritasse. Mas Pompeu adorava que ela lhe fizesse aquelas perguntas.

— Porque, minha querida rechonchudinha, tão rechonchuda que até parece que engoliu um melão gigante — disse ele, fazendo-lhe cócegas no ventre com um ar deliciado e malicioso — , eu possuo a maior parte do Ager Gallicus a sul de Arimino e, a partir de agora, toda essa região passa a pertencer oficialmente à Úmbria. Ou seja, eu agora sou um dos maiores proprietários de terras de toda a Itália, se não mesmo o maior. Não estou bem certo. Há homens que têm talvez mais terras, graças às suas propriedades na Gália Italiana: é o caso dos Emílios Escauros — a família do teu tata, meu querido pudinzinho — e dos Domícios Aenobarbos. Mas eu herdei a

maior parte das propriedades dos Lucílios na Lucânia, e, se acrescentar a metade sul do Ager Gallicus às minhas terras da Úmbria e do
Norte do Piceno, duvido que tenha um rival em toda a Itália! Há muito quem lamente a acção do Ditador, mas eu é que nãovou criticá-lo!
— Estou ansiosa por ver as tuas terras — disse ela, com um ar melancólico, pondo a mão sobre o ventre. — Prometeste que me levavas logo que eu estivesse em condições de viajar.
Estavam sentados lado a lado num divã; Pompeu virou-se para ela e, com um gesto suave, fê-la tombar sobre o divã; depois, apertou-lhe ternamente os lábios entre os dedos e beijou-lhe o rosto todo.
— Mais — pediu ela, extasiada, quando ele parou.
A cabeça dele debruçou-se sobre o rosto dela. Os olhos incrivelmente azuis de Pompeu pestanejaram.
— Quem é que é uma bacorinha glutona? Ha? Quem é? — perguntou. — A bacorinha glutona não devia portar-se assim, pois não?
Escaura desatou num risinho incontrolável e Pompeu não resistiu: começou a fazer-lhe cócegas porque adorava ouvi-la rir; porém, ao fim de um momento, já a desejava tanto que teve de levantar-se e afastar-se da mulher.
— Ah, que aborrecido que é este bebê! — exclamou ela, aborrecida.
— Já não temos de esperar muito, minha gatinha querida — conseguiu ele dizer, num tom razoavelmente jovial. — Depois de vir o Glábrio, havemos de fazer muitos bebês nossos.
Pompeu conseguira suportar a continência, pois estava decidido a não suscitar a mínima crítica ao seu comportamento como marido; queria que todos — e sobretudo os Cecílios Metelos, os arrogantes parentes de Emília Escaura — o considerassem o mais amável dos maridos. É que Pompeu desejava ardentemente ser integrado no clã.
Sabendo que o jovem Mário fora íntimo de Précia, Pompeu ganhara o hábito de visitar a sumptuosa casa da meretriz, pois considerava que não era nenhuma desonra provar os restos de outro homem, desde que esse homem tivesse sido famoso, possuísse muita influência política ou pertencesse à mais alta nobreza. Além do mais, Précia era uma verdadeira iguaria sexual, capaz de o satisfazer muito mais que Emília Escaura, quando chegasse a sua vez. As esposas serviam para uma actividade mais séria, que era fazer bebês, ainda que a pobre Antístia nem a essa alegria

tivesse tido direito.

Se Pompeu gostava do casamento, como de facto gostava, era porque possuía o feliz talento de deixar a esposa completamente enamorada. Rodeava-a de gentilezas e atenções, não se preocupava com o facto de dizer tontices (mesmo que houvesse outras pessoas por perto; Pompeu, nesse particular, só tinha problemas em relação a Metelo Pio Pontifex Maximus), e mantinha uma atitude jovial e bem-disposta que a predispunha a amá-lo. No entanto — e nisso, Pompeu era muito perspicaz —, permitia que a esposa se irritasse e chorasse e que o criticasse e castigasse. E se nem Antístia nem Emília Escaura se apercebiam de que ele as manipulava, pensando, pelo contrário, que eram elas que o manipulavam, então é porque tudo corria bem no melhor dos mundos; as duas partes ficavam satisfeitas e não havia contendas.

Pompeu sentia uma gratidão ilimitada em relação a Sila, pelo facto de lhe ter dado a filha de Escauro Princeps Senatus em casamento. Ele achava que estava perfeitamente à altura da filha de Escauro, mas o facto de um homem como Sila também o achar reforçava ainda mais a imagem positiva que Pompeu tinha de si mesmo. Claro que percebia que Sila queria prendê-lo através dos laços do casamento; e isso também contribuía para reforçar essa imagem positiva; aristocratas romanos como Glábrio podiam ser derrubados por causa de um capricho do Ditador, mas o Ditador estava suficientemente preocupado com Cneu Pompeu Magno para lhe dar o que tirara a Glábrio. Sila, aliás, podia ter dado a filha de Escauro ao seu próprio sobrinho, Públio Sila, ou a Lúculo, um homem que gozava dos seus favores.

Pompeu estava determinado a não integrar, por ora, o Senado, mas não tinha a mínima intenção de se ausentar do círculo do Ditador; aliás, os seus sonhos tinham tomado um rumo novo e já se imaginava a si mesmo tornando-se o único herói militar da história da República a arrebatar comandos proconsulares sem ter passado, pelo menos, pelo cargo de senador. Diziam-lhe que isso não podia ser feito. Tinham mesmo troçado dele, tinham-lhe atirado sorrisos de desdém. Mas troçar e desdenhar de Cneu Pompeu Magno eram actividades perigosas! Dentro de alguns anos, imaginava ele, faria com que esses homens pagassem! E não os mataria, como Mário teria feito, nem os condenaria à proscrição, como fizera Sila. Fá-los-ia sofrer de outra maneira: chamá-los-ia à sua presença e fá-los-ia sentir tanta inveja que o facto de se terem de mostrar simpáticos para com ele destruiria por completo o alto conceito em que se tinham. E isso

agradava muito mais a Pompeu do que vê-los mortos!

Assim, enquanto conseguia conter o seu desejo por aquele delicioso rebento da gens Emília, Pompeu contentava-se com muitas visitas a Précia e consolava-se a apreciar o ventre de Emília Escaura, que só voltaria a encher-se com os filhos que ele lhe fizesse.

Estava previsto que Emília Escaura tivesse a criança no princípio de Dezembro; porém, em fins de Outubro, entrou subitamente num doloroso trabalho de parto. Até então, a gravidez decorrera normalmente: por isso, aquele acidente fora um choque para toda a gente, incluindo os médicos. O esquelético prematuro morreu no dia seguinte e Emília Escaura não demorou muito tempo a segui-lo. Inexoravelmente, esvaiu-se em sangue e morreu.

A morte de Emília deixou Pompeu destroçado. Amara-a genuinamente, ainda que ao seu jeito dominador e promíscuo; se Sila tivesse remexido de alto a baixo toda a cidade, à procura da noiva certa para Pompeu, num esforço consciente para lhe agradar, não teria encontrado melhor que a bisonha, vagamente obtusa e completamente ingênua Emília Escaura. Sendo filho de um homem a quem chamavam O Carniceiro, e tendo ganho, ele próprio, a alcunha de Miúdo Carniceiro, Pompeu estivera exposto à visão da morte durante toda a sua vida e nunca se sentira condicionado pelos impulsos da compaixão ou da misericórdia. Se um homem, ou uma mulher, vivia, teria de morrer um dia. Nada era mais certo que isso. Quando a mãe morrera, choramingara um pouco, mas, antes da morte de Emília Escaura, só a morte do pai o afectara profundamente.

E, no entanto, quando viu o cadáver da mulher na pira funerária, Pompeu quase corria a juntar-se a ela; Varrão e Sila, que o agarraram, ficaram sem saber se tal impulso era total ou parcialmente genuíno, tal era o desespero e a loucura de que ele dava provas. Na verdade, nem o próprio Pompeu sabia. Tudo o que sabia era que a deusa Fortuna o premiara com a inestimável oferta da filha de Escauro e lhe roubara a prenda antes que ele pudesse gozá-la.

Chorando desoladamente, o jovem deixou Roma pela Porta Colina, pela segunda vez por causa de uma morte inesperada. Primeiro fora o seu pai, agora era Emília Escaura. Para um Pompeu do Norte do Piceno, só havia uma alternativa. Voltar para casa.

— Roma tem agora dez províncias — disse Sila, no Senado, um dia depois do funeral da enteada. Vestia o traje de luto senatorial: toga e túnica brancas, com a estreita faixa púrpura de cavaleiro, em vez da larga faixa púrpura de senador. Se Emília Escaura fosse sua filha, só ao fim de dez dias poderia, em princípio, ter voltado aos assuntos públicos; porém, a ausência de

qualquer ligação de sangue com a falecida obviava a que isso sucedesse. Uma coisa boa para ele: Sila tinha um programa com datas para cumprir.

— Eis as dez províncias em questão: Hispânia Ulterior, Hispânia Citerior, Gália Transalpina, Gália Italiana, Macedónia e Grécia, Ásia, Cilícia, África e Cirenaica, Sicília e ainda a Sardenha juntamente com a Córsega. Dez províncias para dez homens governarem. Se nenhum homem permanecer na sua província mais do que um ano, ficaremos com dez homens para dez províncias no início de cada ano: dois cônsules e oito pretores que acabam de concluir as suas funções.

O seu olhar fixou-se em Lépido, a quem parecia dirigir as suas próximas observações — aparentemente por razão nenhuma, a não ser o acaso.

— A partir de agora, cada governador disporá de um questor, excepto o governador da Sicília, que terá dois questores, um para Siracusa e outro para Lilibeu. Desta forma, dos vinte questores de que dispomos, ficaremos com nove para Itália e para Roma. É um número suficiente. Cada governador disporá também de uma equipa completa de funcionários públicos, desde lictores e mensageiros a escribas, amanuenses e contabilistas. Será dever do Senado — depois de consultar o Tesouro — atribuir a cada governador uma soma específica. Este estipêndio não será aumentado durante o ano de funções, aejam quais forem as razões invocadas para pedir o aumento. Esse será portanto o salário do governador e ser-lhe-á pago antecipadamente. com esse dinheiro, deverá ele pagar os custos inerentes ao seu cargo e também os salários da sua equipa. Por outro lado, o governador deverá apresentar, no final das suas funções, uma contabilidade detalhada e correcta. No entanto, se não gastar uma parte do seu estipêndio, não será obrigado a devolvê-la. O estipêndio é seu a partir do momento em que lhe é pago, e aquilo que faz com ele é unicamente da sua conta. Se desejar investi-lo em Roma, em seu próprio nome, antes de partir para a sua província, poderá perfeitamente fazê-lo. No entanto, terá de entender que, durante todo o ano em que estiver em funções, não receberá mais dinheiro! É ainda necessária mais uma advertência. Como passa a ser sua propriedade pessoal no momento em que lhe for pago, este estipêndio poderá vir a ser retido caso o novo governador tiver contraído dívidas. Advirto, pois, todos os potenciais governadores de que as suas carreiras públicas correrão perigo caso contraiam dívidas. Um governador que vá sem dinheiro para a sua província terá de enfrentar pesadas acusações quando regressar a Roma!

Depois de um breve e fulminante olhar pela sala, Sila retomou o asssunto.

—vou retirar às Assembleias o direito de discutirem os problemas relacionados com guerras, províncias e outros assuntos externos. A partir de agora, as Assembleias ficarão proibidas de discutir as guerras, as questões das províncias e outros assuntos externos, mesmo que em contio. Estes assuntos passarão a ser uma prerrogativa exclusiva do Senado. — Um outro olhar breve e fulminante e Sila prosseguiu. — De futuro, as Assembleias promulgarão leis e realizarão eleições. Nada mais. Não terão rigorosamente nada a dizer nas questões relativas a tribunais, assuntos externos ou matérias militares.

Um pequeno murmúrio começou a fazer-se ouvir na sala. A tradição estava do lado de Sila, mas desde os tempos dos Irmãos Gracos que as Assembleias eram usadas para obter comandos militares e províncias — ou mesmo para destituir homens nomeados pelo Senado dos seus comandos militares e governos de províncias. Fora o que sucedera ao pai do Bacorinho, quando Mário lhe retirara o comando de África; fora o que acontecera a Sila, quando Mário lhe retirara o comando da guerra contra Mitridates. Por isso, esta nova legislação era bem-vinda.

O olhar de Sila fixou-se então em Catulo.

— Os dois cônsules deverão ser mandados para as duas províncias que sejam consideradas mais instáveis ou em perigo. As províncias consulares e as províncias pretorianas serão atribuídas por sorteio. Roma terá de aderir a certas convenções se por acaso quiser manter o seu bom nome no estrangeiro. Se forem extorquidos navios ou frotas às províncias ou a reinos clientes, os custos

de tais extorsões terão de ser deduzidos do tributo anual. A mesma lei aplica-se à apropriação por Roma de soldados ou abastecimentos militares.

Marco Júnio Bruto, até então amedrontado, ganhou coragem.

— Se um governador estiver fortemente envolvido numa guerra na sua província, será obrigado a deixar o seu cargo no final do ano?

— Não — disse Sila. Fez silêncio por um momento, reflectindo, e acrescentou: — Até pode acontecer que o Senado não tenha outra hipótese senão mandar os cônsules do ano para uma guerra no estrangeiro. Se Roma se vir acossada de todos os lados, dificilmente poderá evitar uma tal solução. Só peço ao Senado que considere as suas alternativas muito cuidadosamente, antes de lançar os cônsules do ano para uma campanha no estrangeiro, ou antes de alargar o

período normal de funções de um governador.

Quando Mamerco ergueu a mão para falar, os senadores ficaram alerta; Mamerco era já conhecido pelas suas perguntas a Sila, que mais pareciam encomendadas por este; por isso, todos sabiam que Mamerco ia falar de algum assunto que Sila achava melhor introduzir através de uma pergunta.

— Posso levantar uma situação hipotética? — perguntou Mamerco.

— Absolutamente — disse Sila, com a maior cordialidade. Mamerco levantou-se. Como era, naquele ano, o pretor para os assuntos externos e tinha, portanto, um cargo curul, estava sentado no pódio, tal como todos os outros magistrados curuis, e por isso, quando se levantou, toda a gente podia vê-lo. As novas normas de Sila, proibindo os senadores de deixarem o seu lugar enquanto falavam, fazia com que só os homens que estavam no pódio curul pudessem ser vistos por toda a gente.

— Supúnhamos que, em determinado ano — começou cuidadosamente Mamerco —, Roma se vê efectivamente acossada de todos os lados. Suponhamos que os cônsules e os pretores do ano que pudermos ter em Roma terão de participar na guerra durante o período em que exercem o seu cargo. Ou que os cônsules do ano em questão não têm suficientes capacidades militares para irem combater. Suponhamos que não dispomos de todos os governadores — que um ou dois foram mortos por bárbaros ou que morreram por outras causas. Suponhamos que, no Senado, não há homens com

experiência ou capacidade, dispostos ou livres para assumirem um comando militar ou um cargo de governador. Tu proíbes as Assembleias de debaterem estes assuntos. Portanto, a decisão tem de caber inteiramente ao Senado. Sendo assim, que deverá fazer o Senado?

— Aí está uma óptima pergunta, Mamerco! — exclamou Sila, como se não fosse ele o seu autor. — Roma vê-se acossada de todos os lados. Não temos magistrados curais disponíveis. Não temos consulares ou ex-pretores disponíveis. Não encontramos nenhum senador com experiência ou capacidade. Mas Roma precisa de outro comandante militar ou governador. É isso, não é? Entendi bem a tua pergunta?

— É isso mesmo, Lúcio Cornélio — retorquiu Mamerco com um ar grave.

— Num caso desses — disse Sila, lentamente —, o Senado terá de ir procurar homens a hostes que não as suas, não é verdade? A situação que descreveste dificilmente encontraria uma

solução segundo os processos normais. Portanto, a solução terá de ser encontrada segundo processos anormais. Por outras palavras, é dever do Senado vasculhar Roma de alto a baixo para encontrar um homem de reconhecida capacidade e experiência; depois, deverá dar a esse homem todos os poderes legais para assumir um comando militar ou um cargo de governador.

— Mesmo que seja um liberto? — perguntou Mamerco, surpreendido.

— Mesmo que seja um liberto. Embora eu ache que seria mais provável que esse homem fosse um cavaleiro, ou talvez um centurião. Eu conheci um centurião que comandou uma perigosa retirada e que, por isso, foi premiado com a Coroa de Erva. E, posteriormente, foi-lhe concedida a toga debruada a púrpura de um magistrado curul. O seu nome era Marco Petreio. Sem ele, muitas vidas teriam sido perdidas e o exército de que ele fazia parte não teria voltado a combater. Marco Petreio foi nomeado senador e morreu honrosamente durante a Guerra Italiana. O seu filho é um dos meus novos senadores.

— Mas o Senado não tem poderes legais para dar a um homem que não pertença às suas hostes um império para comandar ou governar — objectou Mamerco.

— Segundo as minhas novas leis, o Senado terá poderes legais para fazer isso; e, de facto, em tais situações, teria mesmo de fazer isso — disse Sila. — Chamarei a este governador ou comando militar uma ”comissão especial” e concederei ao Senado a necessária autorização para atribuir tal ”comissão” a qualquer cidadão romano, ainda que seja um liberto. Além disso, o Senado poderá atribuir a esse homem o império que for considerado necessário.

— Qual é a ideia dele? — murmurou Filipe para Flaco Princeps Senatus. — Nunca na minha vida ouvi tal coisa!

— Gostava de saber, mas não sei — sussurrou Flaco.

Mas Sila sabia, e Mamerco adivinhava; aquele era mais um processo para prender Cneu Pompeu Magno, que se recusara a pertencer ao Senado, mas que, por causa dos veteranos do seu pai, continuava a constituir uma força militar tremenda. Não fazia parte dos planos de Sila permitir fosse a quem fosse uma nova investida contra Roma; decidira que, depois dele, ninguém voltaria a fazer isso. Portanto, se os tempos mudassem e se Pompeu se tornasse uma ameaça, tinha de haver um caminho aberto para que os seus consideráveis talentos pudessem ser legalmente aproveitados pelo Senado. Sila tencionava legislar aquilo que, no fundo, não passava

do mais puro senso comum.

— Resta-me definir traição — disse o Ditador alguns dias depois. — Antes da criação dos meus novos tribunais, havia vários tipos de traição, desde a perduelio à maiestas minuta — grandes traições, pequenas traições, traições médias. E aquilo que faltava a todas estas traições era uma verdadeira especificidade. De futuro, todas as acusações de traição serão julgadas no quaestio de maiestate, o meu tribunal permanente para os casos de traição. Tais acusações de traição, como irão ver, serão largamente limitadas aos homens a quem foram dados governos provinciais ou comandos em guerras no exterior. Se um civil romano comete traição dentro de Roma ou de Itália, esse homem será objecto do único julgamento por traição que uma Assembleia poderá conduzir. Mais concretamente: esse homem será julgado por perduelio nas Centúrias e terá, por conseguinte, de se confrontar com a antiga sentença — morrer atado a uma cruz suspensa de uma árvore aziaga.

Sila deixou que estas revelações penetrassem bem na mente dos seus ouvintes; ao fim de um momento, prosseguiu.

— Qualquer um e todos os comportamentos que infrinjam as regras que seguem serão considerados traição:

”Um governador provincial não poderá deixar a sua província.

”Um governador provincial não poderá permitir que os seus exércitos marchem para lá da fronteira provincial.

”Um governador provincial não poderá lançar uma guerra por sua iniciativa.

”Um governador provincial não poderá invadir o território de um rei cliente sem a autorização formal do Senado.

”Um governador provincial não poderá fomentar intrigas junto de um rei cliente ou junto de qualquer corpo de cidadãos estrangeiros, tendo em vista alterar o status quo de qualquer país estrangeiro.

”Um governador provincial não poderá recrutar tropas adicionais sem o consentimento do Senado.

”Um governador provincial não poderá tomar decisões ou promulgar editos dentro da sua província, susceptíveis de alterarem o estatuto da sua província, sem o consentimento formal do Senado.

”Um governador provincial não poderá permanecer na sua província mais de trinta dias após a chegada a essa província do seu sucessor, nomeado pelo Senado.

”É tudo — concluiu Sila, sorridente. — Quanto a coisas positivas, direi que um homem detendo um império continuará a deter esse império até atravessar os limites sagrados de Roma. Sempre foi assim. Reafirmo agora que assim continuará a ser.”

— Não estou a ver por que raio é que todas estas normas específicas são necessárias — comentou, irado, Lépido.

— Ora, francamente, Lépido — retorquiu Sila, com um ar entediado. — Quem é que tu tens à tua frente? Um homem chamado Sila, não é? Um homem que infringiu quase todas as normas da minha lista! Eu tinha justificações para o fazer! Eu tinha sido ilegalmente privado do meu império e do meu comando. Mas estou agora a promulgar leis que impossibilitarão qualquer homem de privar outro homem do seu império e do seu comando! Portanto, a situação em que eu me vi não pode voltar a acontecer. Portanto, aqueles que infringirem alguma das minhas normas serão culpados de traição. Nenhum homem poderá sequer alimentar a ideia de marchar sobre Roma ou de conduzir o seu exército para lá das fronteiras da sua província, na direcção de Roma. Os tempos em que essas coisas aconteciam morreram. E eu estou aqui para o provar.

No vigésimo sexto dia de Outubro, o sobrinho de Sila, Sexto Nónio Sufenate (o filho mais novo da irmã de Sila), deu início àqueles que viriam a ser os Jogos da Vitória, os ludi Victoriae, disputados todos os anos; estes jogos atingiam o seu auge no Circus Maximus, no primeiro dia de Novembro, aniversário da batalha da Porta Colina. Eram jogos interessantes, mas não propriamente magnificentes, excepto no que diz respeito ao facto de, pela primeira vez em doze décadas, incluírem o Jogo Troiano. A multidão adorava esse jogo porque era algo de novo — uma complexa série de manobras realizadas sobre uma montada por jovens que tinham necessariamente de ser nobres. A Grécia, contudo, não ficou nada contente com estes Jogos da Vitória. Sufenate tinha passado a Grécia a pente fino, para encontrar atletas, bailarinos, músicos e comediantes, de tal modo que os Jogos Olímpicos, disputados em Olímpia mais ou menos na mesma altura do ano, foram um desastre absoluto. E — escândalo dos escândalos! — o filho mais novo de António Orador, Caio António Híbrida, envergonhou toda a sua classe ao conduzir uma quadriga numa das corridas; a participação dos jovens nobres nos Jogos Troianos era

aplaudida, mas disputar corridas de quadrigas não era coisa para nobres.

Nas Calendas de Dezembro, Sila anunciou os nomes dos magistrados para o ano que se avizinhava. Ele próprio seria o cônsul sénior, sendo Quinto Cecílio Metelo Pio, o Bacorinho, o cônsul júnior. A lealdade era finalmente recompensada. O velho Dolabela ficava à frente da província da Macedónia e o jovem Dolabela governaria a Cilícia. Embora o sorteio lhe tivesse dado um bom questor, Caio Publício Maléolo, o jovem Dolabela insistiu em levar Caio Verres como seu legado sénior. Lúculo permanecia no Oriente, às ordens de Termo, o governador da Ásia, mas Caio Escribónio Curió voltava para Roma a fim de desempenhar o cargo de pretor.

Chegara o momento de Sila iniciar a mais dura de todas as suas tarefas — a concessão de terras aos seus veteranos. O Ditador tencionava, nos dois anos seguintes, desmobilizar cento e vinte mil homens pertencentes a vinte e três legiões. Durante o seu primeiro consulado, no final da Guerra Italiana, Sila distribuíra aos seus veteranos dessa guerra as terras rebeldes de Pompeus, Fésulas, Hádria, Telésia, Grumento e Boviano, mas esse fora um trabalho fácil, se comparado com o actual.

O programa foi meticulosamente preparado. As recompensas eram maiores ou menores consoante o número de anos que um homem servira, o posto que tinha e o seu valor pessoal. Os centuriões primus pilus das legiões que combateram Mitridates (todos eles, para mais, com muitas condecorações) recebiam, cada um, quinhentos iugera de terras de primeira qualidade, ao passo que os soldados rasos das legiões de Carbão que desertaram para se juntarem a Sila recebiam dez iugera de terras de menor qualidade.

Sila começou pelas terras confiscadas da Etrúria, nas zonas que tinham pertencido às cidades de Valaterras e Fésulas, uma vez mais penalizadas. Como a Etrúria tinha já uma tradição de oposição a Sila, este não concentrou de início os seus veteranos em comunidades fechadas de soldados; em vez disso, espalhou-os por uma larga região, pensando que, desse modo, seria fácil prevenir qualquer futura rebelião. Afinal, tal medida revelou-se errada. Valaterras revoltou-se imediatamente, fechou as portas depois de ter linchado muitos veteranos de Sila e preparou-se para agüentar o cerco. Como ficava situada no alto de uma íngreme ravina, Valaterras não se preocupava com a perspectiva de ter de agüentar um longo cerco. Sila deslocou-se ao local para lançar o assalto, mas, ao fim de três meses, ”concluiu que a submissão de Valaterras seria tarefa para muito tempo e regressou a Roma.

Contudo, aprendeu com esta lição e mudou de ideias quanto à melhor maneira de instalar os seus veteranos; assim, fez das suas últimas colônias coesos núcleos de ex-soldados, capazes de se associarem e lutarem sempre que a oposição local era mais dura. A sua única experiência ultramarina ocorreu na Córsega, onde instalou duas colônias separadas, na esperança de civilizar a ilha e eliminar a praga que desde há muito assolava a Córsega: o banditismo. Uma esperança fútil.

Os novos tribunais funcionavam bem, fornecendo o palco ideal para uma nova estrela das leis, o jovem Marco Túlio Cícero. Quinto Hortênsio (que triunfara numa atmosfera completamente diferente, a dos tribunais realizados pelas Assembleias) demorou algum tempo a habituar-se ao ambiente íntimo daqueles pequenos tribunais, instalados ao ar livre; para Cícero, pelo contrário, aquele era o ambiente perfeito. No final do ano anterior, Cícero surgiu sozinho, do lado da defesa, numa audiência preliminar perante o jovem Dolabela, que era pretor urbano. O objecto da audiência consistia em decidir se a soma de dinheiro conhecida sob o nome de sponsio devia ser depositada ou se o julgamento podia avançar sem tal depósito. Os adversários de Cícero eram temíveis — Hortênsio e Filipe. Mas Cícero venceu, Hortênsio e Filipe perderam e Cícero lançava-se numa carreira forense absolutamente imbatível.

Foi em Junho do ano em que Sila era cônsul sénior, que um nobre de vinte e seis anos, de família patrícia, Marco Valério Messala Nigro, pediu ao seu bom amigo Marco Túlio Cícero, então com a mesma idade, que defendesse um homem que, para além de amigo de Nigro, era seu cliente.

— É Sexto Róscio Júnior, de Améria — disse Messala Nigro a Cícero. — Foi acusado de ter assassinado o pai.

— Oh! — exclamou Cícero, surpreendido. — Tu és um bom advogado, meu caro Nigro. Porque não defendes o homem? O homicídio tem que se lhe diga, mas acaba sempre por ser muito fácil. Pelo menos, não há interferências políticas.

— Isso é o que tu pensas — disse Messala Nigro com um ar grave. — Este caso tem mais ciladas políticas que quantas estacas pontiagudas há num fosso! Só há um homem com hipóteses de o vencer, e esse homem és tu, Marco Túlio. Hortênsio ficou tão horrorizado que se negou a aceitar o caso.

Cícero endireitou-se na sua cadeira, uma luzinha de interesse brilhando nos olhos

escuros; usou então um dos seus artifícios preferidos: baixou a cabeça e lançou ao amigo um olhar penetrante, por debaixo das sobrancelhas.

— Um caso de homicídio com tantas complicações? Como é isso possível?

— Quem defender Róscio de Améria terá de atacar todo o sistema de proscrições de Sila — disse Messala Nigro. — Para que Róscio seja absolvido, será preciso provar que Sila e o seu sistema de proscrições estão absolutamente corrompidos.

A boca generosa de Cícero, com um lábio superior muito grosso, franziu-se numa assobiadela sem som.

— Por todos os deuses!

— Dizes bem. Ainda estás interessado?

— Não sei... — Cícero franziu o sobrolho, em guerra consigo mesmo; preservar a sua pele era o mais importante, mas um caso tão difícil como aquele constituía uma hipótese única de alcançar os louros por que ansiava. — Conta-me tudo, Nigro. Depois verei.

Nigro tratou de contar a sua história de forma a que Cícero se sentisse estimulado.

— Sexto Róscio tem a minha idade. Conheço-o desde os tempos de escola. Fizemos ambos as nossas seis campanhas sob as ordens de Lúcio César e, posteriormente, sob o comando de Sila, na Campânia. O pai de Róscio possuía a maior parte das terras de Améria, incluindo nada mais nada menos do que treze propriedades situadas nas margens do Tibre — terras fabulosamente ricas! O meu amigo é filho único, mas tem dois primos que são os verdadeiros vilões da trama. O velho Róscio deslocou-se a Roma no início do ano e foi assassinado em Roma. Não sei se foram os sobrinhos dele que o mataram e Róscio também não. É provável, mas não obrigatório — disse Messala Nigro, com um esgar. — A notícia do assassínio do velho Róscio chegou a Améria através de um agente dos primos, quanto a isso não há qualquer dúvida. E o que há de mais suspeito nesta história toda é que esse agente não contou nada ao pobre Róscio! Pelo contrário, contou apenas aos primos, que logo trataram de antoar uma cilada ao meu amigo para lhe roubarem todas as propriedades.

— Creio que começo a entender — disse Cícero, que possuía uma inteligência penetrante para tudo o que envolvesse a perfídia dos homens.

— Valaterras acabara de se revoltar e Sila encontrava-se nos arredores, conduzindo as primeiras fases do cerco. com ele, encontrava-se Crisógono.

Nigro não precisava de informar o amigo de quem era Crisógono; toda a gente em Roma conhecia o infame burocrata encarregado das listas, da contabilidade e de todas as questões relacionadas com as proscrições de Sila.

— Os primos seguiram então para Valaterras, onde Crisógono lhes concedeu uma entrevista. Crisógono mostrou-se interessado em fazer negócio com eles — mas por um preço elevadíssimo. Concordou em falsificar uma das velhas listas de prescritos, de forma a incluir nela o nome do falecido Róscio. Depois, como que por acaso, chegaria às suas mãos um relatório de rotina sobre o homicídio. Dessa forma, Crisógono lembrar-se-ia de que aquele era um nome proscrito. Isto foi o que transpirou. As propriedades do pai de Róscio — que valem à vontade seis milhões — foram imediatamente postas em hasta pública por Crisógono, que as arrematou a todas — e por apenas dois mil!

— Adoro esse vilão! — exclamou Cícero, com um ar tão alerta como o de um cão de caça.

— Pois eu odeio-o — retorquiu Messala Nigro.

— Sim, claro, é uma criatura abominável! Mas diz-me: que aconteceu depois?

— Tudo isto se passou antes mesmo de Róscio saber que o pai fora morto. Róscio só soube da morte do pai quando o segundo primo apareceu com a ordem de proscrição de Crisógono, expulsando-o depois das propriedades do pai. Crisógono ficou com dez das treze propriedades e instalou o segundo primo numa delas, como seu administrador e agente. As outras três propriedades, deu-as ao primeiro primo. Róscio teve, não um, mas dois choques — ficou de repente a saber que o pai não só tinha sido proscrito meses antes, como também fora assassinado.

— E ele acreditou nessa teia de mentiras? — perguntou Cícero.

— Completamente. Porque não haveria de acreditar? Qualquer pessoa com mais de dois sestércios na bolsa tinha medo de ir parar às listas, vivesse ela em Roma ou em Améria. Não admira que Róscio tenha acreditado! Por isso, abandonou sem oposição as suas terras.

— E quem é que começou a suspeitar do caso?

— Os velhos da cidade — disse Messala Nigro. — Um filho sabe menos do valor e da natureza do pai do que os amigos deste. É lógico. Os amigos de um homem conhecem-no sem

terem de passar pelos problemas emocionais que um filho sofre.

— Sem dúvida — concordou Cícero, que se dava muito mal com o seu próprio pai.

— De maneira que os amigos do velho convocaram uma reunião em que concluíram, acertadamente, que o pai Róscio nunca tivera a mínima simpatia por Mário, Cina ou Carbão. Concordaram em deslocar-se a Valaterras para terem uma audiência com o próprio Sila, em que lhe pediriam que anulasse a prescrição e autorizasse Róscio a herdar. Juntaram todas as provas disponíveis e seguiram para Valaterras.

— E que primo os acompanhou? — perguntou Cícero, sagazmente.

— Adivinhaste! — retorquiu Messala Nigro, sorridente. — Foram acompanhados pelo primeiro primo, que teve mesmo a audácia de assumir a chefia da missão! Entretanto, o segundo primo galopava a toda a pressa para Valaterras, a fim de avisar Crisónogo do que se passava. Foi por isso que a delegação não chegou sequer a ver Sila. Crisógono antecipou-se. Tomou nota de todos os pormenores — e de todas as provas, que eram muitas! — e prometeu-lhes que pediria ao Ditador que anulasse a proscrição. Não se preocupem!, disse-lhes ele. Não se preocupem que tudo vai acabar bem e Róscio poderá herdar aquilo a que tem direito.

— Nenhum deles suspeitou que estavam a falar com o verdadeiro proprietário de dez das treze propriedades? — perguntou Cícero, incrédulo.

— Nenhum, Marco Túlio.

— É um sinal dos tempos, não é?

— Temo bem que sim.

— Continua, por favor.

— Passaram dois meses. Ao fim desses dois meses, os amigos do velho Róscio perceberam que tinham sido enganados, pois nunca mais vinha a anulação da proscrição e, por outro lado, os dois primos viviam nas propriedades confiscadas como se fossem os donos delas. Após alguns inquéritos, concluíram que o primeiro primo era o proprietário de três delas e que Crisógono detinha as outras dez. Os velhos ficaram positivamente aterrados, pois pensaram que Sila participara activamente na vilania.

— Achas que participou? — perguntou Cícero.

Messala Nigro reflectiu por um momento e, finalmente, abanou a cabeça.

— Não, Cícero. Duvido que tenha participado.

— Porquê? — perguntou aquele que nascera para ser advogado.

— Sila é um homem duro. Para dizer a verdade, é um homem que me apavora. Diz-se que, na sua juventude, assassinou mulheres para lhes ficar com o dinheiro e que foi com esse dinheiro que conseguiu entrar para o Senado. No entanto, eu conheci-o razoavelmente quando estive no exército. Sim, é verdade que eu era demasiado jovem para me poder aproximar dele, mas também é verdade que ele andava sempre por perto, sempre atarefado, sempre preocupado com o correcto exercício das suas funções. Enfim, devo dizer que ele me impressionou. Achei-o aristocraticamente escrupuloso. Sabes o que quero dizer com isso?

Cícero sentiu a pele arrepiar-se-lhe, mas fingiu que estava à vontade. Sabia ele o que significava, para o nobre patrício Marco Valério Messala, a expressão ”escrúpulo aristocrático”? Ah, se sabia! Ninguém sabia melhor do que ele o que isso significava, pois Cícero era um Homem Novo e sentia uma profunda inveja em relação a patrícios como Messala Nigro e Sila.

— Creio que sim — disse ele.

— Na personalidade de Sila há um lado sinistro. Sim, é verdade que ele era capaz de me matar a mim, ou a ti, sem o mínimo remorso, se por acaso isso lhe conviesse. Mas, se o fizesse, fá-lo-ia pelas razões de um patrício. Não o faria para ficar com treze belas propriedades nas margens do Tibre. Se se lembrasse de ir a um leilão de propriedades prescritas e encontrasse terras baratas, era muito capaz de comprá-las. Mas conspirar para enriquecer ou para enriquecer os seus libertos, de uma forma desonrosa, quando a sua carreira estava em jogo? Não. Não creio que fosse capaz disso. A honra não é para ele uma palavra vã. Vejo-o nas suas leis, que penso serem leis honrosas. Posso não concordar com ele quando retira todos os poderes aos tribunos da plebe, mas a verdade é que ele tomou essa medida de uma forma legal e aberta. Ele é um patrício romano.

— Nesse caso, Sila não sabe de nada — disse Cícero, com um ar pensativo.

— Acredito que não.

— Continua, por favor, Marco Valério.

— Quando os velhos de Améria começaram a achar que Sila participara na conspiração, o meu amigo Róscio recuperou finalmente da mudez em que caíra. Porém, logo que começou a

falar, foi alvo de vários atentados. Por isso, há dois meses, fugiu para Roma e procurou abrigo junto de uma velha amiga do pai, a Vestal Metela Baleárica. A irmã de Metelo Nepos, não sei se conheces.

A sua outra irmã era a mulher de Ápio Cláudio Fulcro, aquela que morreu ao dar à luz aquela criança gigantesca, Públio Clódio.

— Continua, Nigro — pediu Cícero, afavelmente.

— O facto de Róscio conhecer pessoas tão importantes como os Metelo Nepos e uma Virgem Vestal retirada, da família dos Cecílios Metelos, parece que deixou os dois primos preocupados. Começaram a pensar que Róscio era capaz de conseguir avistar-se com Sila. Mas não se atreviam a matar Róscio, pois arriscavam-se a que os Cecílios Metelos exigissem um inquérito que lhes poderia ser fatal. Por isso, decidiram que era melhor destruir a reputação de Róscio, inventando provas de que ele matara o pai. Conheces um indivíduo chamado Erúcio?

O rosto de Cícero franziu-se em sinal de desprezo.

— Quem não conhece? É um acusador profissional.

— Pois bem. Erúcio foi encarregado de acusar Róscio do assassínio do pai. As testemunhas da morte do velho Róscio foram os seus escravos, os quais, como é evidente, também foram vendidos a Crisógono. Portanto, não há qualquer hipótese de eles aparecerem e contarem a verdade dos factos! E Erúcio está convencido de que nenhum advogado capaz assumirá a defesa de Róscio, pois ninguém ousaria dizer horrores do processo de proscrições.

— Pois ele que se cuide — retorquiu animadamente Cícero. —vou defender o teu amigo, Nigro.

— E não te preocupa o facto de teres, por isso mesmo, de afrontar Sila?

— Não! Que disparate! Claro que não! Eu sei exactamente o que devo fazer — e fá-lo-ei! Prevejo, aliás, que Sila acabará por me agradecer — disse Cícero, jovialmente.

Embora o tribunal dos homicídios já tivesse julgado outros casos, a verdade é que o julgamento de Sexto Róscio de Améria, acusado de parricídio, foi aquele que mais sensação causou. A lei de Sila estipulava que o tribunal fosse presidido por um ex-edil, mas, nesse ano, era um pretor, Marco Fânio, o presidente. Sem qualquer receio, Cícero contou a história de Róscio

no seu actio prima, não deixando qualquer dúvida de que o principal esteio da defesa era a corrupção que grassava a coberto das proscrições de Sila.

Até que chegou o derradeiro dia do julgamento, aquele em que Cícero deveria dirigir-se pela última vez ao júri. Havia uma cara nova nesse dia: Lúcio Cornélio Sila, que estava sentado na sua cadeira curul de marfim ao lado do presidente do tribunal.

A presença do Ditador não perturbou minimamente Cícero; pelo contrário, constituiu um estímulo para que ele se elevasse a uma eloqüência e a um brilhantismo que nunca antes alcançara.

— Há três culpados neste hediondo caso — disse Cícero, declamando não para o júri, mas para Sila. — Os primos Tito Róscio Capito e Tito Róscio Magno são obviamente culpados, ainda que personagens secundárias. Aquilo que fizeram, não o poderiam ter feito sem as proscrições. Sem Lúcio Cornélio... Crisógono — disse ele, fazendo uma pausa tão longa entre o segundo e o terceiro nomes que até mesmo Messala Nigro pensou, por momentos, que ele iria dizer ”Sila!”.

Cícero prosseguiu.

— Quem é exactamente este ”menino de ouro”? Este Crisógono? Permitam-me que lhes diga! É um grego. Não há qualquer desonra nisso. É um antigo escravo. Não há qualquer desonra nisso. É um liberto. Não há qualquer desonra nisso. É cliente de Lúcio Cornélio Sila. Não há qualquer desonra nisso. É rico. Não há qualquer desonra nisso. É poderoso. Não há qualquer desonra nisso. É administrador das proscrições. Não há qualquer desonra nisso — ha? o quê? O que é que eu disse? Peço o vosso perdão colectivo, Pais Conscritos! Estão a ver o que acontece quando uma pessoa se deixa embalar pela retórica? Eu deixei-me embalar, não há dúvida! Podia continuar a dizer ”Não há qualquer desonra nisso” durante horas! E vejam só que armadilha retórica eu teria montado a mim mesmo!

Perfeitamente lançado no seu discurso, Cícero fez uma pausa para se deleitar, de uma forma absolutamente consciente, com aquilo que estava a fazer.

— Permitam que eu me repita. Como tinha dito, ele é o administrador das proscrições.

E há nisso uma desonra monumental, gigantesca, olímpica! Estão todos a ver este esplêndido homem na sua cadeira curul — este modelo de todas as virtudes romanas, este general sem rival, este legislador que abriu novos caminhos à arte de governar, esta jóia preciosa na coroa da ilustre

gens Cornélia? Estão todos a vê-lo? Tão calmamente sentado, tão desprendido e soberano como Zeus? Estão todos a vê-lo? Pois olhem-no bem!

Então, Cícero virou as costas a Sila e espreitou para o júri por debaixo das suas sobrancelhas; era uma figura magra e pequena, mesmo envergando a toga; e, no entanto, ali, parecia crescer, parecia ter os músculos de Hércules e a majestade de Apolo.

— Há alguns anos atrás, este esplêndido homem comprou um escravo. Que viria a ser o chefe dos seus criados. Um excelente chefe de criados, como se veio a verificar. Quando a falecida esposa deste esplêndido homem se viu obrigada a fugir de Roma e a ir para a Grécia, o seu chefe dos criados estava lá para a ajudar e consolar. O chefe dos criados estava lá, tomando conta dos dependentes deste homem esplêndido — a mulher, os filhos, os netos, os criados —, enquanto o nosso grande Lúcio Cornélio Sila avançava, como um titã, pela península italiana. Ele confiava no seu chefe dos criados, o qual não traía essa confiança. E assim, o escravo foi liberto e, com a libertação, apropriou-se das primeiras duas partes de um nome poderoso — Lúcio Cornélio. De acordo com o costume, o seu último nome passou a ser aquele que era o seu nome original — Crisógono. O menino de ouro. Que foi acumulando honras, confiança, responsabilidades. Ele não era agora apenas o liberto, o chefe dos criados de uma grande casa, mas também o director, o administrador, o executante de um processo que foi criado para atingir dois objectivos: em primeiro lugarf aplicar um justo e correcto castigo a todos os traidores que seguiram Mário, que seguiram Cina, que seguiram mesmo um insecto tão pequeno como Carbão; em segundo lugar, usar os bens e propriedades dos traidores como o combustível de que a empobrecida Roma precisava para se aquecer de novo com as chamas da prosperidade.

Cícero passeou por um momento pelo espaço em frente da mesa de Marco Fânio, com o braço esquerdo erguido para segurar a toga e o braço direito caído junto ao corpo. Ninguém se mexia. Todos os olhos se fixavam nele. A atenção era tanta que ninguém parecia respirar naquela sala.

— Então que fez ele, este Crisógono? Enquanto mostrava uma cara falsamente sorridente e agradável ao patrão, usava de todas as suas manhas para exercer a sua vingança em relação a este ou àquele homem que o tinham insultado, a este ou àquele homem que o tinham prejudicado — pela calada da noite, com a pena do falsificador e a confiança do patrão, introduzia sub-repticiamente nas listas de prescritos os nomes dos homens cujas

propriedades cobiçava, conspirava com vermes e transformava-se num verme para enriquecer à custa do patrão e à custa de Roma. Ah, membros do júri, mas que astucioso era este homem! Quantas maquinações para não deixar rasto, quanta lisonja, quantos agrados, em frente do patrão, quanta perícia na manipulação do seu pequeno exército de parasitas — e com que engenho, com que engenho ele conseguiu que o seu nobre e ilustre patrão não suspeitasse sequer do que se passava! Porque foi isso que aconteceu. Tinham-lhe dado confiança e autoridade e ele abusou da confiança e da autoridade que lhe deram, da forma mais vil e mais desprezível que podemos imaginar!

As lágrimas corriam-lhe já pelas faces; Cícero soluçava, as mãos cravadas uma na outra, o corpo dobrado num paroxismo de dor.

— Ah, não posso olhar para ti, Lúcio Cornélio Sila! É triste que tenha de ser eu — eu, um homem simples e insignificante nascido nos campos latinos, eu, um grosseiro homem do campo, um campónio —, a tirar-te a areia dos olhos, a abrir-te os olhos para a... para a... ah, com que adjectivo poderemos qualificar adequadamente a perfídia, a deslealdade, do teu mais estimado cliente, Lúcio Cornélio Crisógono? Vil? Horrenda? Miserável? Mas nenhum destes adjectivos é suficientemente baixo para qualificar tal perfídia!

Cícero limpou as lágrimas.

— Porque tive de ser eu? Quem me dera que tivesse sido outra pessoa qualquer! Quem me dera que tivesse sido o teu Pontifex Maximus ou o teu Senhor do Cavalo — ambos grandes homens e cobertos de honras! Mas o acaso quis que fosse eu o escolhido. Eu não o desejava. Mas tive de aceitar. Porque, membros do júri, que pensam que eu preferia fazer? Poupar o grande Lúcio Cornélio Sila a esta agonia, nada dizendo sobre a deslealdade de Crisógono, ou poupar a vida de um homem que, embora acusado de parricídio, nada fez afinal que justificasse a acusação? Sim, têm razão! Eu tinha de provocar o constrangimento, a mortificação pública de um homem honrado, distinto, lendário — porque não podia apoiar a injusta condenação de um homem inocente. — Cícero endireitou-se. — Membros do júri, assim dou por concluída a minha defesa.

O veredicto foi o que se esperava: ABSOLVO. Sila levantou-se e encaminhou-se na direcção de Cícero, que, de repente, reparou que a multidão à sua volta encolhera drasticamente.

— Muito bem, meu jovem magrizela — disse o Ditador, estendendo a mão. — Mas que

belo actor que tu terias dado!

Tão exultante que tinha a sensação de andar nas nuvens, Cícero desatou a rir-se e cumprimentou fervorosamente o Ditador.

— Diz antes: que belo actor que eu sou! Porque, afinal, o que é um grande advogado senão um bom actor que trabalha com as suas próprias palavras?

— Nesse caso, prevejo que serás o Téspis dos tribunais de Sila!

— Desde que me perdoes as liberdades que tive de tomar neste caso, serei tudo aquilo que quiseres.

— Mas é evidente que te perdôo — disse Sila, num tom jovial. — Creio que posso perdoar quase tudo, se pensar que assisti a um belo espectáculo. E, com uma única excepção, meu caro Cícero, esta foi a melhor produção amadora a que assisti em toda a minha vida. Além disso, já há algum tempo que andava a pensar na melhor maneira de me ver livre de Crisógono. É que, não sei se sabes, eu não sou completamente parvo. Mas a verdade é que o caso podia revelar-se difícil. — O Ditador olhou à sua volta. — Onde está Sexto Róscio?

Sexto Róscio foi trazido à sua presença.

— Sexto Róscio, agora podes recuperar as tuas terras e a tua reputação e a reputação do teu falecido pai — disse Sila. — Lamento muito que a corrupção e venalidade de alguém em quem eu confiava te tivesse causado tanto sofrimento. Mas essa pessoa será castigada pelo que fez.

— Graças à qualidade excepcional do meu advogado, tudo acabou em bem, Lúcio Cornélio — disse Sexto Róscio, emocionado.

— Mas ainda falta o verdadeiro epílogo — disse o Ditador, fazendo um sinal aos seus lictores e seguindo com eles na direcção dos degraus que conduziam ao Palatino.

No dia seguinte, Lúcio Cornélio Crisógono, cidadão romano da tribo Cornélia, foi arremessado do alto da Rocha Tarpeia.

— Dá-te por feliz — disse-lhe Sila, momentos antes. — Eu podia ter-te retirado a cidadania e ordenar que te açoitassem e crucificassem. Vais ter uma morte romana porque, quando os tempos eram difíceis, cuidaste bem das mulheres da minha família. Mais não posso fazer por ti. Contratei-te porque sabia que eras um indivíduo desprezível. Mas nunca pensei que a azáfama da minha governação

me impedisse de vigiar-te. Mas a verdade, mais tarde ou mais cedo, vem sempre ao de cima. Adeus, Crisógono.

Os dois primos Róscios — Capito e Magno — desapareceram de Améria antes que os pudessem deter e julgar; nunca mais se soube deles. Quanto a Cícero, tornava-se de repente num homem famoso e, além disso, num herói. É que, antes dele, nunca ninguém travara um combate vitorioso contra um contender chamado ”prescrições”.

Libertado do seu flaminato e enviado para a Província da Ásia, a fim de cumprir os seus deveres militares, sob o comando do governador Marco Minúcio Termo, Caio Júlio César partiu para o Oriente um mês antes do seu décimo nono aniversário, acompanhado pelos seus dois novos criados e pelo seu liberto germano, Caio Júlio Burgundo. Embora a maior parte dos homens que seguiam para a Província da Ásia optassem pela via marítima, César decidira ir por terra, o que significava que tinha de percorrer uma distância superior a mil e duzentos quilômetros ao longo da Via Egnácia, desde Apolónia, na Macedónia Ocidental, até Calípolis, no Helesponto. Como era Verão, tanto pelo calendário como de acordo com as estações do ano, a jornada não foi desconfortável, embora os viajantes não pudessem dispor das estalagens que, em Itália, eram abundantes; aqueles que iam por terra para a Ásia costumavam acampar.

Visto que o flamen Dialis não estava autorizado a viajar, César vira-se forçado a viajar em pensamento; por isso, devorara todos os livros cuja acção se localizasse em terras longínquas e, dessa forma, acabara por construir uma imagem daquilo que o mundo poderia ser. Depressa se apercebeu de que o mundo não era afinal o que ele imaginava; a verdade, porém, é que a realidade era muito mais interessante do que tudo o que imaginara! Quanto ao acto de viajar — nem mesmo César, que era tão eloqüente, conseguia encontrar as palavras justas para o descrever. É que nele havia um viajante nato, dado à aventura, curioso, ansioso por tudo conhecer. Falava com toda a gente, desde pastores a mercadores, desde mercenários à procura de trabalho a chefes locais. O seu grego era Ático e superlativo, mas todas aquelas estranhas línguas que aprendera na infância, porque a ínsula da mãe albergava uma confusão de nacionalidades, eram-lhe agora extremamente úteis; não porque tivesse a sorte de encontrar gente que as falava, mas porque essa prática, iniciada na infância, lhe dera uma capacidade muito especial para entender todos os sotaques e termos estranhos; por isso tinha facilidade em compreender mesmo os mais estranhos dialectos do grego, tal como detectava,

logo à primeira, as palavras estrangeiras que haviam sido introduzidas no grego básico. O facto de poder comunicar com gentes de outras terras e línguas fazia dele um bom viajante.

Teria sido maravilhoso se pudesse montar Bucéfalo, mas a verdade é que a jovem mula Orelhas Caídas só na aparência era um corcel desprezível; havia momentos em que César imaginava que a mula possuía garras em vez de patas, de tão segura que ela se mostrava em terrenos acidentados. Burgundo montava o seu gigante de Neso e os dois criados seguiam em óptimos cavalos — se, por uma questão de honra, César estava determinado a montar apenas aquela mula, quem o visse acharia que essa opção era uma excentricidade, pois, se reparassem nos cavalos dos criados, compreenderiam que o patrão tinha dinheiro que chegasse para montar um bom cavalo. Que esperto era aquele Sila! Porque tocara no ponto certo — César adorava exibir-se, deslumbrar toda a gente com quem se cruzava. E, montando numa mula, era difícil deslumbrar quem quer que fosse!

A primeira parte da Via Egnácia era a mais agreste, pois a estrada, bem conservada apesar de não ter pavimento, subia pelas terras altas de Candávia, uma região que provavelmente pouco mudara desde os mais longínquos tempos. Uns quantos rebanhos e, uma vez, ao longe, um grupo de guerreiros montados que talvez fossem Escordiscos, foram todos os sinais de ocupação humana que os viajantes viram. A partir de Edessa Macedónia, onde os férteis vales e planícies constituíam um cenário mais agradável para se viver, os homens tornaram-se mais numerosos e as aldeias mais largas e mais perto umas das outras. Em Tessalónica, César hospedou-se no palácio do governador. Teve então oportunidade de tomar um banho quente — desde que deixara Apolónia, só pudera banhar-se em rios ou lagos, todos de água muito fria mesmo no Verão. Embora o governador o convidasse a permanecer mais tempo, César ficou apenas um dia em Tessalónica.

Filipos — que fora palco de várias batalhas famosas e que, recentemente, fora ocupada por um dos filhos do rei Mitridates — interessou-o muito, por causa da sua história e da sua posição estratégica nos flancos do monte Pangeu; mas mais interessante ainda era a estrada a leste da cidade, onde pôde detectar as possibilidades militares inerentes aos estreitos desfiladeiros, antes de o terreno se tornar mais plano e fácil. Até que, por fim, tinha à sua frente o golfo de Meias, rodeado de montanhas mas muito fértil; depois de um anel de cumes, vinha o Helesponto, mais do que um simples estreito. Fora aí que Hele caíra do Velo de Ouro, dando assim o seu

nome àquelas águas; aquele era também o local onde as Rochas Fragorosas quase afundaram o navio Argo e era também por ali que tinham passado os exércitos dos reis asiáticos, desde Xerxes a Mitridates, deixando para trás a Ásia e internando-se na Trácia. O Helesponto era a verdadeira encruzilhada entre o Oriente e o Ocidente.

Em Calípolis, César embarcou finalmente para efectuar a última parte da sua jornada. O navio tinha espaço suficiente para acomodar os cavalos, a mula e os animais de carga, e seguia directamente para Pérgamo. Sabia agora da revolta de Mitilene e do cerco que fora montado a essa cidade, mas as suas ordens eram claras: tinha de se apresentar em Pérgamo. Mas esperava que o enviassem para uma zona de guerra.

No entanto, o governador, Marco Minúcio Termo, tinha outra coisa em mente.

— É vital que contenhamos esta rebelião — disse ele ao seu novo tribuno militar júnior.

— Porque ela foi causada pelo novo sistema de tributação que o Ditador introduziu na Província da Ásia. Ilhas-estados como Lesbos e Quios estavam muito bem sob o domínio de Mitridates, e dariam tudo para acabar com Roma. Algumas cidades do continente sentem o mesmo. Se Mitilene consegue aguentar-se durante um ano, haverá por certo revoltas noutras cidades. Uma das dificuldades em conter Mitilene reside no seu duplo porto e no facto de nós não possuirmos uma boa esquadra. Por isso, Caio Júlio, quero que vás ver o rei Nicomedes da Bitínia, com a missão de lhe arrancar uma esquadra. Depois de reunires a esquadra, quero que a conduzas a Lesbos, onde a porás à disposição do meu legado, Lúculo, que foi encarregado do ataque.

— Terás de perdoar a minha ignorância, Marco Minúcio — disse César. — Mas quanto tempo é preciso para reunir uma esquadra e quantos navios devo reunir?

— bon, esse é um trabalho que demora uma eternidade — disse Termo, entediado. — E quanto aos navios, bon, reunirás tantos quantos os que o rei deixar reunir. Nicomedes é igual a todos os outros reis orientais.

O jovem franziu o sobrolho, muito pouco satisfeito com aquela resposta, e logo resolveu mostrar a Termo que possuía uma boa dose de arrogância natural (embora não destituída de atractivos).

— Isso não chega — disse ele. — Roma deve ter tudo o que achar por bem ter!

Termo não se conteve; desatou a rir.

— Ah, jovem César, tens muito que aprender! — exclamou. César não gostou. Apertou os lábios e pôs uma expressão muito parecida com a da mãe (que Termo não conhecia; se a conhecesse, teria compreendido César muito melhor).

— Pois bem, Marco Minúcio, porque não me dizes qual deverá ser a data de entrega da frota e que composição esta deve ter? — perguntou, num tom altivo. — Se mo disseres, tomarei por inteiro a responsabilidade de entregar a frota ideal na data ideal.

Termo ficou estupefacto e, por um momento, não soube o que responder. Mas achou curioso que não tivesse ficado irritado com a extrema presunção do jovem; e a verdade é que a arrogância de César, dessa feita, já não o fez rir. O governador da Província da Ásia acabou por acreditar que César se considerava realmente capaz de fazer o que prometia. O tempo e o rei Nicomedes encarregar-se-iam por certo de desfazer equívocos. Porém, tendo em conta a carta de Sila que César lhe entregara, Termo não deixava de achar interessante que César pudesse levar o seu equívoco até ao fim. Eis o que rezava a carta:

César é meu sobrinho devido a um dos meus casamentos. Porém, é preciso que fique muito claro que eu não quero que ele seja favorecido. Mais concretamente: não o favoreças de maneira nenhuma! Quero que ele tenha missões difíceis, quero que ele ocupe cargos difíceis. Ele possui uma inteligência invulgar,

associada a uma grande coragem, e é possível que se saia muito bem de tudo o que o mandares fazer.

No entanto, se excluir a conduta de César durante duas entrevistas que teve comigo, a sua história, até hoje, nada teve de notável, graças ao facto de ter sido flamen Dialis. Encontra-se agora liberto desse cargo, tanto legal como religiosamente. Mas isto significa que não fez serviço militar e, portanto, pode muito bem acontecer que o seu valor seja unicamente verbal.

Põe-no à prova, Marco Minúcia, e diz ao meu querido amigo Lúculo que faça o mesmo.

Se ele falhar, tens toda a minha autorização para o castigar como muito bem entenderes, ainda que o castigo possa ser cruel. Se ele não falhar, espero que lhe dês o que merece.

Tenho ainda um outro pedido a fazer, apesar de peculiar. Se, alguma vez, testemunhares ou souberes que César montou um animal melhor que a sua mula, cobre-o de ignomínia, mandando-o imediatamente para casa.

Lembrando-se do teor da carta, Termo, recuperando da sua profunda estupefacção,

disse num tom sereno — Muito bem, Caio Júlio.vou fixar-te uma data para a entrega e um número para os navios. Entregarás a frota a Lúculo, no porto a norte da cidade de Anatólia, nas Calendas de Novembro. Nessa altura, não terás, com toda a certeza, arrancado um único navio ao velho Nicomedes, mas como pediste uma data, eu estou a fixar-te a data ideal: as Calendas de Novembro. Se conseguires fazer isso, poderemos isolar ambos os portos antes do Inverno e infligir uma pesada derrota aos revoltosos. Quanto ao número de navios: quarenta. Pelo menos metade destes navios devem ser trirremes ou mesmo maiores. Mas já será uma grande sorte se conseguires trinta navios, dez dos quais trirremes.

Termo fitou-o com uma expressão grave.

— No entanto, jovem César, já que disseste o que disseste, acho que é meu dever avisar-te de que, se houver atrasos, ou se a frota não for a ideal, não serás louvado, bem pelo contrário, no meu relatório para Roma.

— Assim deve ser feito — retorquiu César, imperturbável.

— Por ora, podes instalar-te aqui no palácio — disse cordialmente Termo; embora Sila lhe tivesse dado inteira liberdade,

Termo não tinha o mínimo desejo de hostilizar um parente do Ditador.

— Não, obrigado. Eu parto ainda hoje para a Bitínia — disse César, encaminhando-se para a porta.

— Não é preciso exagerar, Caio Júlio!

— Talvez não. Mas é preciso partir já — retorquiu César e, pouco tempo depois, partia de facto.

Só ao fim de algum tempo é que Termo encontrou a concentração necessária para voltar ao seu trabalho de escritório. Mas que indivíduo extraordinário! Extremamente cortês e educado, mas com o toque que só os patrícios das grandes famílias pareciam ter; o jovem não deixara a mínima dúvida quanto ao facto de que gostava de todos os seus colegas e não se sentia superior a nenhum, embora, ao mesmo tempo, se soubesse superior a todos eles, excepto (talvez) a um Fábio Máximo. Impossível de definir, mas era assim mesmo que aquela gente era, especialmente os Júlios e os Fábios. E tão bem parecido! Não tendo qualquer inclinação pelo mesmo sexo, Termo reflectiu um pouco acerca da beleza de César; os homens que tinham esse tipo de beleza sentiam-se freqüentemente atraídos por outros homens. No entanto, concluiu

Termo, César não revelara, no seu comportamento, qualquer afectação, qualquer indício de menos masculinidade.

Mas os papéis que tinha na secretária clamavam pela sua atenção. Momentos depois, já se tinha esquecido por completo de Caio Júlio César e da sua esquadra impossível.

César avançou para o interior a partir de Pérgamo, sem permitir à sua minúscula comitiva uma noite de descanso nessa cidade. Seguiu o curso do rio Caico até à sua nascente, antes de atravessar uma elevada cordilheira e descer ao vale do rio Macesto, o qual, perto da costa, era conhecido pelo nome de Ríndaco. Segundo apurou junto de gente da região, era preferível não seguir o curso do Ríndaco. Em vez disso, rumou a Prusa. Tinham-lhe dito que era possível que o rei Nicomedes estivesse de visita à sua segunda maior cidade. A situação de Prusa, nos flancos de um imponente maciço coberto de neve, impressionou fortemente César. Mas o rei não se encontrava na sua residência. De modo que César teve de seguir o curso do rio Sangário, e, após uma curta incursão para oeste, avistou a capital, Nicomédia, como que adormecida sobre a sua vasta e abrigada enseada.

Tão diferente de Itália! A Bitínia tinha um clima suave, nunca muito quente, e era extremamente fértil, graças aos seus muitos rios, os quais, naquela época do ano, tinham todos caudais mais abundantes que os rios italianos. Era evidente que o rei dirigia um país próspero e que o seu povo não tinha falta de nada. Em Prusa, César não encontrara pobres; e em Nicomédia também não encontraria.

O palácio ficava situado numa colina, o ponto mais alto da cidade, embora dentro das magníficas muralhas. A primeira impressão que César teve do palácio foi a de uma pureza de linhas absolutamente grega, sendo que as cores e a concepção eram também gregas — para além de ser evidente que havia ali muita riqueza, apesar de Mitridates ter ocupado o reino durante vários anos, enquanto o rei bitínio se refugiava em Roma. Não se lembrava de alguma vez ter visto o rei em Roma, mas isso não era surpreendente; Roma não permitia que reis estrangeiros entrassem no pomerium, e, por isso, Nicomedes tinha alugado uma villa luxuosa no monte Pinciano e mantido aí todos os contactos necessários com o Senado.

À porta do palácio, César foi saudado por um homem extremamente efeminado, de idade indefinida, que o olhou de alto a baixo com indisfarçável interesse. Esse homem disse a um colega seu, tão efeminado quanto ele, que conduzisse os criados de César aos estábulos, a fim de

deixarem os cavalos e a mula, e levou César para uma antecâmara onde devia esperar até que o rei fosse informado da sua chegada e tomasse uma decisão quanto aos aposentos que devia dar-lhe. Quanto à possibilidade de ter imediatamente uma audiência com o rei, o chefe dos criados (pois esse era o cargo do homem) nada sabia.

A pequena sala onde César tinha de esperar era fresca e muito bela. Nas paredes não havia frescos; as paredes dividiam-se numa série de painéis com molduras de estuque e as cornijas eram douradas, a condizer com os remates e as pilastras dos painéis. Dentro dos painéis, a cor usada era um rosa suave; fora, era um vermelho-púrpura muito vivo. O chão era de mármore rosa e púrpura, e as janelas — que davam para o que parecia ser os jardins do palácio — pareciam molduras para as belas imagens do exterior: exóticos e requintados pátios, fontes, arbustos floridos. As flores eram tão luxuriantes que os seus perfumes chegavam à sala; César cerrou os olhos e respirou, deliciado, aquelas fragrâncias.

Só abriu os olhos porque ouviu vozes; vozes que vinham de uma porta meio-aberta: uma voz masculina, aguda e ciciada, e uma voz feminina, grave e sonora.

— Salta — dizia a mulher. — Vá, bebê, salta!

— Que disparate — dizia o homem. — Estás a degradá-lo!

— Agora rebola! Vá, bebê, deita e rebola — disse a mulher, rindo a bom rir.

— Vai-te embora — disse o homem.

— Muito bem, bebê! Muito bem — disse a mulher, que não parava de rir.

Talvez fosse falta de educação, mas César não se preocupou com isso; lentamente, foi-se pôr num sítio de onde pudesse ver aquilo que os seus ouvidos já tinham ouvido. A cena passava-se na sala ao lado — obviamente uma espécie de sala de estar privada — e era absolutamente fascinante. Envolvia um homem muito velho, uma mulher enorme, talvez dez anos mais nova, e um cão bastante velho e bastante gordo de uma raça pequena que César não reconheceu. O cão estava a fazer habilidades — punha-se de pé para pedir, deitava-se no chão e rebolava, fazia de morto com as quatro patas no ar. Enquanto executava os seus números, os olhos do cão não largavam a mulher, obviamente a sua dona.

O velho estava furioso.

— Vai-te embora! Desaparece — gritou. Como usava diadema na cabeça, César só podia deduzir que fosse o rei Nicomedes.

A mulher (a rainha, pois também usava um diadema) dobrou-se para pegar no cão, que desatou numa correria à volta dela para não ser apanhado e que, no meio da confusão que se seguiu, acabou por mordê-la no rotundo traseiro. Aí, o rei desatou a rir, o cão fez-se de morto novamente e a rainha ficou quieta a afagar as nádegas doridas, sem saber se havia de ficar furiosa ou se havia de rir. O riso acabou por vencer, mas só depois de o cão ter recebido um pontapé, desferido com toda a perícia entre o ânus e os testículos do animal. Este desatou a ganir e fugiu, com a rainha a correr desenfreadamente atrás dele.

Vendo-se sozinho (pelos vistos, não sabia que havia gente na antecâmara, nem lhe tinham comunicado a chegada de César), o riso do rei foi-se esbatendo. Sentou-se numa cadeira e suspirou. Parecia ser um suspiro de satisfação.

Tal como Mário e Júlia tinham sentido um choque quando viram pela primeira vez o pai daquele rei, também César examinava o rei Nicomedes com considerável surpresa. Alto, magro, curvado, usava um manto até aos pés, tingido com púrpura de Tiro, bordado a ouro e semeado de pérolas. Nos pés, usava umas sandálias douradas ornamentadas com pérolas que revelavam que ele pintava a ouro as unhas dos pés. Embora não usasse peruca — tinha o cabelo bastante curto e grisalho —, enfeitara o rosto com uma elaborada maquilhagem de creme e pó tão brancos como a neve, pintara cuidadosamente de negro as sobrancelhas e as pestanas, enchera de rosa as faces e dera aos lábios velhos um tom de carmim muito vivo.

— Julgo que Sua Majestade a rainha teve o que mereceu — disse César, irrompendo pela sala.

O rei da Bitínia esbugalhou os olhos. De repente, à sua frente, tinha um jovem romano, em traje de viagem, ou seja, uma armadura e um saiote de couro. Era muito alto e tinha uns ombros largos, mas, reparando bem, o resto parecia menos corpulento, excepto nas barrigas das pernas, fortes e musculadas, sobre uns tornozelos finamente desenhados, envolvidos pelas botas militares. Coroada por um cabelo ouro-pálido desgrenhado, a cabeça do romano era uma verdadeira contradição: o crânio era tão largo e redondo que parecia bulboso, ao passo que o rosto era alongado e pontiagudo. E que rosto aquele! Todo ele ossos — mas ossos esplêndidos, cobertos por uma pele muito suave e clara, e iluminados por um par de olhos grandes e profundos e bem espaçados. As sobrancelhas claras eram escassas, mas as pestanas, também

claras, eram espessas e longas; os olhos, só por si, pensou o rei, bastariam para desassossegar qualquer um, pois o azul-claro das íris era circundado por um azul tão escuro que parecia preto, o que dava às pupilas negras um toque penetrante, suavizado naquele instante pelo divertimento. Contudo, para o gosto do rei, tudo era pouco quando comparado com a boca do jovem, cheia mas sem exageros, e com cantos profundos, verdadeiramente deliciosos.

— Ora... olá! — disse o rei, endireitando-se a toda a pressa na cadeira, numa pose de feminina sedução.

— Ah, deixe-se disso — atirou-lhe César, sentando-se numa cadeira à frente do rei.

— És demasiado bonito para não gostares de homens — disse o rei; depois, com um ar melancólico, acrescentou: — Ah, quem me dera ter menos dez anos!

— Que idade tens? — perguntou César, com um sorriso, exibindo os seus dentes brancos e regulares.

— Sou demasiado velho para te dar o que desejaria dar-te!

— Agradecia que fosses mais claro — quanto à idade, evidentemente.

— Tenho oitenta anos.

— Dizem que um homem nunca é demasiado velho.

— Para olhar, não. Para fazer, sim.

— Dá-te por feliz por não estares à altura da ocasião — disse César, sorrindo ainda, sem qualquer constrangimento. — Se estivesses, teria de te dar uma surra — o que criaria um incidente diplomático.

— Ora, que disparate! — escarneceu o rei. — És demasiado bonito para gostares de mulheres.

— Na Bitínia, talvez. Em Roma, certamente que não.

— Nunca te sentiste tentado?

— Não.

— Ah, mas que desperdício!

— Conheço muitas mulheres que não pensam assim.

— Aposto que nunca amaste nenhuma delas.

— Amo a minha esposa — disse César. O rei pareceu arrumado.

— Ah, nunca compreenderei os Romanos! — exclamou. — Chamam bárbaros aos

outros, mas vocês é que não são civilizados.

Colocando uma perna sobre o braço da sua cadeira, César começou a dar ao pé ritmicamente.

— Conheço todo o Homero e todo o Hesíodo — disse ele.

— Um pássaro também é capaz disso, se o ensinares.

— Eu não sou um pássaro, rei Nicomedes.

— Quem me dera que fosses! Punha-te numa gaiola de ouro e passava o tempo a olhar para ti!

— Outro bicho de estimação? Podia morder-te!

— Pois morde — atirou-lhe o rei, mostrando-lhe o pescoço esquelético.

— Não, obrigado.

— Isto não nos leva a nada! — disse o rei, num tom irritado.

— Então entendeste a lição!

— Mas final quem és tu?

— O meu nome é Caio Júlio César e sou um tribuno militar júnior pertencente à equipa de Marco Minúcio Termo, governador da Província da Ásia.

— Estás aqui em missão oficial?

— Claro.

— Então porque é que Termo não me informou?

— Porque eu viajo mais depressa que arautos e mensageiros. Só não percebo por que razão o teu chefe dos criados não me anunciou — disse César, dando ainda ao pé.

Nesse instante, o chefe dos criados entrou na sala e ficou a olhar espantado para o visitante.

— Pensavas que o apanhavas, não? — perguntou o rei. — Pois bem, Sarpedon, podes tirar daí o sentido! Ele não gosta de homens. — A sua cabeça virou-se para César, com a curiosidade estampada nos olhos. — Júlio. Patrício?

— Sim.

— És parente do cônsul que foi morto por Caio Mário? Lúcio Júlio César?

— Ele era primo direito do meu pai.

— Então és o flamen Dialis!

— Fui o flamen Dialis. Pelos vistos, estiveste bastante tempo em Roma.

— Demasiado. — Dando-se conta de súbito que o chefe dos criados ainda estava na sala, o rei, franzindo o sobrolho, perguntou-lhe: — Já arranjaste aposentos para o nosso distinto hóspede, Sarpedon?

— Sim, meu rei.

— Então espera lá fora.

com uma série de vénias, o chefe dos criados abandonou a sala às arrecuas.

— Que vieste cá fazer? — perguntou o rei.

A perna de César desceu do braço da cadeira. Endireitando-se, César retorquiu:

— Vim cá para obter uma frota.

No rosto do rei não se notou nenhuma expressão particular.

— Hmm! Uma frota, ha? Quantos navios pretendes? E de que tipo?

— Esqueceste-te do ”quando”.

— E quando?

— Quero quarenta navios, metade dos quais trirremes ou maiores, que serão reunidos num porto à tua escolha em meados de Outubro — disse César.

— Dois meses e meio? Francamente! Porque é que não me cortas antes as duas pernas? — berrou Nicomedes, levantando-se num repente.

— Cortarei, se não obtiver o que quero. O rei voltou a sentar-se.

— Lembro-te, Caio Júlio, que este é o meu reino e não uma província de Roma — disse ele, mas a boca ridiculamente pintada era incapaz de exprimir a raiva que sentia. — Dar-te-ei o que puder dar e quando puder! Tu pedes! Não exiges!

— Meu caro rei Nicomedes — disse César, num tom amistoso. — Tu és um rato apanhado no meio do caminho por dois elefantes que vêm em sentido contrário — Roma e Ponto. — Os seus olhos tinham deixado de sorrir e Nicomedes lembrou-se de repente da hedionda imagem de Sila. — O teu pai morreu com uma idade demasiado avançada e, por isso, tu só pudeste subir ao trono quando já eras velho. Mas já és rei há tempo suficiente para perceberes que a tua, posição é muito, muito frágil — passaste tantos anos no exílio como neste palácio e, se estás aqui agora, podes agradecer a Roma, na pessoa de Caio Escribónio Curió. Se Roma, que fica muito mais longe do Ponto do que a Bitínia, sabe que o rei Mitridates não está de

modo nenhum acabado — e muito longe ainda da velhice! —, então tu também deves sabê-lo. A Bitínia é considerada um amigo e aliado do povo romano desde o tempo do segundo Prúsias e tu próprio te ligaste de forma inextricável a Roma. Evidentemente que estás muito melhor no teu trono do que no exílio. Isso significa que deves cooperar com Roma e com os pedidos de Roma. Caso contrário, os dois elefantes continuarão a avançar e tu, pobre ratinho, serás esmagado — pelas patas de um ou do outro.

O rei ficou paralisado, boquiaberto, os olhos esbugalhados. Depois de uma longa pausa em que pareceu não respirar, respirou fundo com um solavanco e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Não é justo! — exclamou e desfez-se em pranto. Exasperado, César levantou-se enquanto procurava um lenço na cava da manga da armadura; abeirou-se do rei e estendeu-lhe o lenço.

— Por favor, um pouco mais de compostura! Não te esqueças que és o rei da Bitínia! Apesar de ter começado informalmente, esta é uma audiência entre o rei da Bitínia e um enviado de Roma. E afinal o que é que eu vejo? Um rei tão arrebicado como uma saltatix tonsa e que desata a chorar quando ouve a verdade nua e crua! Eu não acho correcto da minha parte atormentar veneráveis avozinhos que, além do mais, também são reis clientes de Roma, mas, francamente, tu não mereces outra coisa! Vá, vai lavar a tua cara, rei Nicomedes. Reatamos depois a nossa conversa.

Dócil como um menino, o rei da Bitínia levantou-se e retirou-se. Num instante estava de volta, de cara lavada e acompanhado por vários criados trazendo bandejas com comidas e bebidas.

— Vinho de Quios! — exclamou o rei, sentando-se e sorrindo para César, aparentemente sem qualquer ressentimento. — Já tem vinte anos!

— Agradeço-te, mas prefiro água.

— Água?

O sorriso voltara aos olhos de César.

— Terá de ser. Eu não gosto de vinho.

— Então ainda bem que a água da Bitínia é das melhores — disse o rei. — Que vais comer?

César encolheu os ombros, indiferente à questão.

— Tanto me faz.

O rei Nicomedes olhava agora para o seu hóspede de maneira diferente; era um olhar perscrutador, mas onde não se notava a atracção que sentia pela beleza masculina. Procurava algo que estava para lá daquilo que previamente o fascinara em César, procurava algo de mais profundo.

— Que idade tens, Caio Júlio?

— Preferia que me tratasses por César.

— Está bem. Enquanto não começares a perder o teu belo cabelo — retorquiu o rei, mostrando que a sua longa permanência em Roma lhe permitira pelo menos aprender algum latim.

César riu-se.

— Concordo que é difícil ter um apelido que significa uma bela cabeleira! Só espero que, nesse particular, saia aos Césares, que nunca ficaram carecas, ao contrário dos Aurélios. — Fez uma pausa e acrescentou: — Fiz dezanove anos há pouco tempo.

— És mais novo que o meu vinho — disse o rei, maravilhado. — Então também tens sangue dos Aurélios? Por parte dos Orestes ou dos Cotas?

— A minha mãe à uma Aurélia dos Cotas.

— E és parecido com ela? Não te acho muito parecido com Lúcio César nem com César Estrabão.

— Tenho algumas coisas dela e outras do meu pai. Se queres encontrar o César que há em mim, pensa, não no irmão mais novo de Lúcio César, mas sim no irmão mais velho — Catulo César. Morreram os três após o regresso de Caio Mário.

— Sim, lembro-me bem. — Nicomedes sorveu o seu vinho de Quios com um ar pensativo; depois, comentou: — Verifiquei que os Romanos, normalmente, se sentem impressionados perante a realeza. Parecem adorar a filosofia republicana, mas, ao mesmo tempo, mostram-se impressionados perante a realidade da realeza. Mas tu não estás nada impressionado.

— Estaria, se Roma tivesse um rei — retorquiu simplesmente César.

— Por seres um patrício?

— Por ser patrício? — perguntou César, com um ar incrédulo. - Não! Eu sou um Júlio!

O que significa que a minha ascendência vai até Eneias, cujo pai era mortal, mas cuja mãe era Vénus — Afrodite.

— Tu descendes do filho de Eneias, Ascânio?

— Nós chamamos lúlo a Ascânio — disse César.

— O filho de Eneias e Creusa?

— Há quem diga que sim. Creusa morreu no incêndio de Tróia, mas o filho dela escapou com Eneias e Anquises e foi para o Lácio. No entanto, Eneias tinha um outro filho, de Lavínia, a filha do rei Latino. E esse filho também se chamava Ascânio, ou lúlo.

— Então de qual desses filhos de Eneias é que tu descendes?

— De ambos — retorquiu César com um ar sério. — É que eu acredito que houve apenas um filho — o enigma consiste em saber quem foi a sua mãe, pois toda a gente sabe que o pai foi Eneias. É mais romântico acreditar que lúlo era filho de Creusa, mas creio que é mais provável que ele fosse filho de Lavínia. Depois da morte do pai, lúlo fundou a cidade de Alba Longa, no monte Albano. lúlo morreu em Alba Longa e deixou a sua família — os Júlios — a governar. Nós somos os reis de Alba Longa e, depois de Alba Longa ter caído em poder do rei Sérvio Túlio de Roma, fomos levados para Roma como os seus principais cidadãos. Continuamos a ser os principais cidadãos de Roma, como é demonstrado pelo facto de sermos os celebrantes hereditários de Júpiter Latiaris, que é muito mais antigo do que Júpiter Optimus Maximus.

— Pensava que eram os cônsules que celebravam esses ritos — disse o rei Nicomedes, revelando o seu conhecimento das coisas romanas.

— Só no festival anual do deus, o que constitui uma concessão a Roma.

— Então se os Júlios são tão augustos, por que razão não se tornaram mais proeminentes durante os séculos da República?

— Por uma questão de dinheiro — disse César.

— Ah, dinheiro! — exclamou o rei, que parecia perfeitamente esclarecido. — Um problema terrível, César! Para mim também. É que eu não tenho o dinheiro necessário para te dar a tua frota — a Bitínia está falida.

— A Bitínia não está falida e tu vais dar-me a minha frota, ó rei dos ratos! Caso contrário, és esmagado! Quando a pata do elefante te cair em cima, ficas tal e qual uma bolacha!

— Eu não tenho a frota que tu queres!

— Nesse caso, por que raio estamos aqui a perder o nosso precioso tempo? — perguntou César, levantando-se. — Arruma já a tua taça e põe a máquina a andar! — E, agarrando o cotovelo do rei, acrescentou: — Vá, levanta-te! Vamos para o porto! Vamos ver os navios que temos!

Ofendido, Nicomedes abanou-se para se libertar daquela mão que o apertava.

— Agradecia que deixasses de me dizer o que devo ou não devo fazer!

— Só quando o fizeres!

— Está bem, eu faço! Eu faço!

— Tem de ser agora. O melhor momento é o momento presente.

— Amanhã.

— Amanhã podes já ter o elefante Mitridates no teu encalço.

— Essa é boa! Mitridates está na Cólquida e dois terços dos seus soldados estão mortos.

César sentou-se, com um ar interessado.

— Conta-me lá isso.

— Mitridates levou duzentos e cinqüenta mil homens, com o intuito de dar uma lição aos selvagens do Cáucaso por terem atacado a Cólquida. É mesmo típico de Mitridates! Não conseguiu entender que, levando tantos homens, acabaria forçosamente por ser derrotado. Os selvagens nem sequer precisaram de combater. O frio das altas montanhas fez o trabalho por eles. Dois terços dos soldados do Ponto morreram devido ao frio — disse Nicomedes.

— Roma não sabe disso — comentou César com um ar sério. — Porque não informaste os cônsules?

— Porque isto aconteceu há muito pouco tempo — e, além disso, não me cabe a mim informar Roma!

— Cabe, sim, porque és amigo e aliado de Roma. Segundo as últimas notícias que nos chegaram, Mitridates estaria em Cimério com a intenção de consolidar os seus domínios a norte do Euxino.

— Ele fez isso logo que Sila ordenou a Murena que deixasse o Ponto em paz — aquiesceu Nicomedes. — Mas a Cólquida não quis pagar tributo a Mitridates e foi assim que ele ficou a saber das incursões bárbaras.

— Muito interessante.

— Por isso, como vês, não há elefante nenhum. Os olhos de César faiscaram.

— Ai isso é que há! Um elefante ainda maior. Chama-se Roma. O rei da Bitínia não resistiu e desatou num riso desenfreado.

— Está bem! Eu desisto, eu desisto! Terás a tua frota!

A rainha Oradaltis entrou nesse momento, com o cão atrás, e, para sua surpresa, encontrou o marido de cara lavada e chorando de tanto rir. E também a uma distância decente de um jovem romano, de quem, em condições normais, estaria muito mais perto, tanto mais que o jovem, aos olhos da rainha, tinha todo o aspecto de quem não negaria uma maior proximidade.

— Minha querida, apresento-te Caio Júlio César — disse o rei, já mais calmo. — Um descendente da deusa Afrodite e muito melhor nascido do que nós. Acaba de me convencer a dar-lhe uma vasta e importante frota.

Oradaltis (que não nutria qualquer ilusão em relação a Nicomedes) inclinou regiamente a cabeça.

— Admira-me que não lhe tenhas dado todo o reino — disse ela, enchendo uma taça de vinho e pegando num bolo antes de se sentar.

O cão aproximou-se lentamente de César e foi postar-se aos seus pés, fitando-o com um olhar de adoração. Quando César se baixou para o afagar, o cão pôs-se de barriga para o ar para que ele o coçasse.

— Como é que ele se chama? — perguntou César, que gostava muito de cães.

— Sila — disse a rainha.

César lembrou-se nesse momento do pé da rainha desferindo um pontapé nas partes baixas de Sila e não pôde impedir as gargalhadas.

Ao jantar, ficou a saber da sorte de Nisa, filha única do rei e da rainha e herdeira do trono bitínio.

— Tem cinqüenta anos e nunca teve filhos — disse Oradaltis muito triste. — Naturalmente, não deixámos que Mitridates casasse com ela, mas, por causa disso, ele fez tudo para nos impedir de encontrar um marido adequado para a nossa filha. É uma tragédia.

— Poderei vê-la antes de me ir embora? — perguntou César.

— Isso não depende de nós — retorquiu Nicomedes, com um suspiro. — Quando fugi

para Roma, da última vez que Mitridates invadiu a Bitínia, deixei Nisa e Oradaltis aqui em Nicomédia. E Mitridates levou a nossa filha como refém. Nisa continua em seu poder.

— E Mitridates casou-se com ela?

— Cremos que não. Ela nunca foi bonita e já era demasiado velha para ter filhos. Se ela o tivesse enfrentado abertamente, ele era muito capaz de matá-la. Mas, segundo as últimas notícias que temos, Nisa está viva. Encontra-se em Cabeira, que é onde ele guarda as mulheres, incluindo filhas e irmãs, cujo casamento não autoriza — disse a rainha.

— Nesse caso, esperemos que, quando os dois elefantes chocarem, o elefante romano vença o outro. Mesmo que eu não esteja pessoalmente envolvido na guerra, envidarei todos os meus esforços

para que o comandante das operações descubra Nisa e a faça regressar à Bitínia.

— Ah, nessa altura já eu estarei morto — disse o rei.

— Não podes morrer antes de a tua filha voltar!

— Se ela alguma vez voltar, será mais uma marioneta do Ponto, essa é que é a realidade — disse Nicomedes amargamente.

— Nesse caso, será melhor deixares a Bitínia em testamento a Roma.

— Como o terceiro Átalo fez com a Ásia e Ptolemeu Apião com a Cirenaica? Nunca! — declarou o rei da Bitínia.

— Então, a Bitínia cairá em poder do Ponto. E o Ponto será vencido por Roma, o que significa que a Bitínia acabará sempre por se tornar romana.

— Só se eu não me puder opor.

— Não poderás — disse César gravemente.

No dia seguinte, o rei escoltou César até ao porto, onde insistiu na ausência de navios equipados para a guerra.

— Aqui seria impossível manter uma frota — comentou César, nada entusiasmado com o porto. — Sugiro que partamos para Calcedónia.

— Amanhã — disse o rei, cada vez mais encantado com o seu difícil hóspede.

,— Hoje — retorquiu firmemente César. — Qual é a distância? Sessenta quilômetros? Um dia não chegará.

— Vamos de barco — sugeriu o rei, que detestava viajar.

— Não, vamos por terra. Eu gosto de sentir o terreno. Caio Mário, que era meu tio por casamento, dizia-me que eu devia viajar por terra sempre que possível. Se no futuro, tiver alguma campanha aqui, já conhecerei bem a região. Ser-me-á muito útil.

— Então Mário e Sila são ambos teus tios por casamento.

— Sim. Como vês, tenho óptimos laços de parentesco — retorquiu solenemente César.

— Eu acho que tu tens tudo, César! Parentes poderosos, um elevado nascimento, uma notável inteligência, um óptimo corpo, e beleza. Ainda bem que eu não sou como tu.

— Porquê?

— Porque terás sempre inimigos. O ciúme — ou a inveja, se preferires usar este termo para descrever o desejo de ter as características
de outra pessoa, e não o amor — perseguir-te-á com tanta violência como as Fúrias perseguiram o pobre Orestes. Alguns invejarão a tua beleza, outros o teu corpo, outros o nascimento, outros ainda a inteligência. A maior parte invejará tudo. E quanto mais alto subires, pior será. Terás inimigos por todo o lado. E nem um amigo. Não poderás confiar em ninguém: nem nos homens, nem nas mulheres. César escutou aquilo com uma expressão séria.

— Sim, creio que tens razão — disse ele, sinceramente. — Que sugeres que faça?

— Houve um romano, outrora, nos tempos dos reis. Chamava-se Bruto — disse o rei, revelando uma vez mais os seus conhecimentos sobre Roma. — Bruto era muito inteligente. Mas escondia a inteligência sob uma fachada de estupidez, e daí o cognome que lhe deram. Por isso, quando o rei Tarquínio Soberbo lançou a sua carnificina, nunca lhe ocorreu matar Bruto. Que o depôs e assim se tornou o primeiro cônsul da nova República.

— E que executou os seus próprios filhos quando estes tentaram fazer regressar o rei Tarquínio Soberbo do exílio e restaurar a monarquia em Roma — disse César. — Pah! Eu nunca admirei Bruto. Nem o imitarei, fingindo que sou estúpido.

— Então terás de enfrentar o que te espera.

— Ah, sim, podes crer que enfrentarei!

— Já é demasiado tarde para partirmos hoje para Calcedónia — sugeriu o rei, astuciosamente. — Apetecia-me jantar cedo e continuar esta nossa maravilhosa e estimulante conversa. Podíamos partir ao alvorecer.

— Pois bem, partiremos ao alvorecer! — disse César, jovialmente. — Mas não daqui.

Eu vou-me embora dentro de uma hora. Se quiseres acompanhar-me, terás de te apressar.

E Nicomedes apressou-se, por duas razões: porque sabia que teria de vigiar atentamente aquele déspota; e porque estava perfeitamente apaixonado pelo jovem, o qual continuava a asseverar que não sentia qualquer atracção por homens.

Preparado para a viagem, o rei foi encontrar César montado numa mula.

— Uma mula?

— Uma mula — retorquiu César com um ar altivo.

— Porquê?

— Manias...

— Tu tens uma mula e o teu liberto tem um cavalo de Neso?

— É como vês.

com um suspiro, o rei, ternamente ajudado pelos criados, subiu para a sua carruagem de duas rodas, a qual conseguiu manter um bom ritmo, acompanhando de perto César e Burgundo.

Contudo, quando pararam para passar a noite em casa de um nobre, um homem tão velho que já não esperava voltar a ver o rei, César pediu desculpa a Nicomedes.

— Desculpa. Se a minha mãe estivesse aqui, diria que eu não parei para pensar. Tu estás muito cansado. Devíamos ter vindo de barco.

— É verdade que o meu corpo está destroçado — disse Nicomedes com um sorriso. — Mas a tua companhia devolve-me juventude.

A verdade é que, quando se juntaram para tomar o pequeno-almoço na manhã seguinte à sua chegada a Calcedónia (onde havia uma residência real), o rei estava muito animado e conversador, parecendo ter descansado já o suficiente.

— Como podes ver — disse ele, já no molhe do porto de Calcedónia —, tenho uma bela frota, embora escassa. Navios pequenos, mas todos em bom estado. Doze trirremes, sete quinquerremes e catorze navios sem convés. Aqui a tens. Tenho mais alguns navios em Crisópolis e Dascílio.

Bizâncio não participa no pagamento dos tributos do Bósforo?

— Já não. Outrora, eram até eles que arrecadavam os tributos; eram muito poderosos, tinham uma frota quase tão grande como a de Rodes. Mas depois da queda da Grécia e da Macedónia, tiveram de manter um forte exército para repelir os bárbaros trácios, que, aliás,

continuam a atacá-los. Simplesmente, Bizâncio não se podia dar ao luxo de ter uma esquadra e, ao mesmo tempo, um exército. Por isso, os tributos caíram todos sobre a Bitínia.

— E é por isso que os teus navios são todos tão pequeninos.

— E é por isso que eu tenho de guardar bem guardados os meus navios, pequeninos ou grandes! Posso doar a Roma dez trirremes e cinco quinquerremes, tendo em conta os navios que aqui estão e os que estão noutros portos. E dez navios sem convés. Quanto aos navios que faltam para completar a tua frota, terei de alugá-los.

— Alugá-los? — perguntou César, espantado.

— Claro. Como é que tu pensas que arranjamos navios?

— Como nós fazemos! Construindo-os!

— Isso é um desperdício. Mas que se há-de fazer: vocês, Romanos, são mesmo assim! — disse o rei. — Manter navios acostados quando não precisamos deles custa muito dinheiro. Por isso, nós, os povos da Ásia que falam grego e os Egeus, mantemos as nossas frotas a um nível mínimo. Se precisamos com urgência de mais navios, alugamo-los. E é isso que euvou fazer.

— Alugar navios a quem? — perguntou César, perplexo. — Se houvesse navios entre os povos egeus, claro que Termo já os teria reunido!

— É evidente que nãovou buscar os navios aos Egeus — retorquiu Nicomedes com desdém, deliciado por estar a ensinar alguma coisa àquele jovem tão inteligente e informado. — vou alugá-los à Paflagónia e ao Ponto.

— O quê? Mitridates aluga navios aos seus inimigos?

— E porque não? Eles agora têm os navios parados e isso sai-lhes muito caro. Por outro lado, Mitridates não tem neste momento soldados para os encher e não creio que planeie invadir a Bitínia ou a Província da Ásia este ano. Nem no próximo ano!

— Então quer dizer que atacaremos Mitilene com navios pertencentes ao reino a que Mitilene quer aliar-se — disse César, abanando a cabeça. — Extraordinário!

— Normal — retorquiu vivamente Nicomedes.

— E como fazes para os alugar?

— Uso um agente. Aquele em quem tenho mais confiança vive precisamente aqui, em Calcedónia.

César lembrou-se de que, se os navios iam ser alugados pelo rei da Bitínia para Roma os

usar, então deveria ser Roma a pagar a conta, mas como Nicomedes parecia encarar o caso como pura rotina, César, inteligentemente, calou-se; em primeiro lugar, porque não tinha dinheiro, mas também porque não estava autorizado a encontrar esse dinheiro. Seria melhor aceitar as coisas tal qual elas se apresentavam. Começava, porém, a perceber por que razão Roma tinha problemas nas suas províncias e com os seus reis clientes. Da sua conversa com Termo, concluíra que a Bitínia receberia um pagamento pela sua frota, num futuro indefinido. Perguntava-se agora quanto tempo teria a Bitínia de esperar pelo pagamento.

— Muito bem. Está tudo tratado — disse o rei, seis dias depois. — A tua frota estará à tua espera no porto de Abido no décimo quinto dia do vosso mês de Outubro. O que quer dizer que ainda faltam quase dois meses e, como é evidente, passarás esses dois meses comigo.

— É meu dever acompanhar o encaminhamento e a reunião dos navios — disse César, não porque quisesse evitar o rei, mas porque acreditava que aquele era, de facto, o seu dever.

— Não podes — disse Nicomedes.

— Porquê?

— Porque estas coisas não se fazem assim. Regressaram então a Nicomédia, sem qualquer oposição de César; quanto mais privava com o velho, mais gostava dele. E da mulher. E do cão.

Como tinha dois meses livres, César pensou visitar Pessinunte, Bizâncio e Tróia. Infortunadamente, o rei insistiu em acompanhá-lo a Bizâncio e em que fizessem a viagem por mar; por essa razão, César não chegou a visitar Pessinunte, nem Tróia; a viagem por mar, que em princípio não duraria mais de dois ou três dias, acabou por demorar quase um mês. O rei queria parar em todas as aldeias piscatórias e que os habitantes o vissem em toda a sua glória — embora, por deferência com César, sem maquilhagem.

Desde sempre grega, tanto em população, como do ponto de vista da sua natureza profunda, Bizâncio existia há seiscentos anos, na ponta de uma península montanhosa, no lado trácio do Bósforo, e possuía dois portos, um a norte e outro a sul. Tinha muralhas muito altas e poderosas e a sua riqueza manifestava-se claramente no tamanho e beleza dos seus edifícios, tanto os privados como os públicos.

O Bósforo Trácio era mais belo que o Helesponto — e mais majestático, pensou César, que já tinha passado o segundo destes estreitos. O facto de o rei Nicomedes ser o suserano da

cidade tornou-se evidente mal a barcaça real aportou; todos os homens importantes da cidade se aglomeravam no porto para o saudar. Contudo, César não deixou de reparar que mesmo ele era olhado por algumas pessoas com desconfiança e desagrado ou que alguns dos presentes não gostavam de ver o rei da Bitínia confraternizando tão exuberantemente com um romano. O que o levava a um outro

dilema. Até agora o relacionamento público entre César e o rei Nicomedes decorrera apenas dentro da Bitínia, onde o povo conhecia tão bem o rei que amava e compreendia todos os aspectos da sua pessoa. As coisas em Bizâncio eram completamente diferentes: ao fim de pouco tempo, já todos tinham concluído que César era o amante do rei da Bitínia.

Teria sido fácil refutar essa conclusão — bastar-lhe-ia fazer alguns comentários acerca de certos velhos patetas que faziam figuras muito tristes, insinuar aqui e acolá que regatear uma frota com um velho tonto era a tarefa mais maçadora deste mundo. O problema é que César não seria capaz de fazer uma coisa dessas; acabara por gostar de Nicomedes, excepto da forma que Bizâncio pensava, e não era capaz de magoar o pobre homem precisamente no ponto que, naquele momento, se apresentava mais vulnerável — o orgulho. Mas havia razões válidas para que César repusesse a verdade, e, em primeiro lugar, porque era o seu próprio futuro que estava em causa. César sabia para onde ia — sempre em frente, a caminho do topo. Já era mau ter de fazer essa dura escalada escondendo uma parte da sua natureza que era real; mas era muito pior fazê-lo no conhecimento de que as suspeitas, mormente neste caso, eram absolutamente injustificadas. Se o rei fosse mais novo, César teria feito sem dúvida uma declaração formal de que não tinha qualquer envolvimento com ele; apesar de Nicomedes condenar a intolerância romana relativamente à homossexualidade, considerando-a uma tendência não helénica ou mesmo bárbara, César, apesar de ser um indivíduo naturalmente afectivo e caloroso, teria lutado para desfazer qualquer tipo de ilusão. Porém, dada a idade avançada do rei, César temia que uma intervenção desse tipo provocasse em Nicomedes um sofrimento demasiado penoso. Em suma: depois da adolescência protegida e confinada a que se vira obrigado, César descobria que a vida era fonte de muitos dilemas para os quais nem sempre havia respostas adequadas.

O ressentimento dos Bizantinos em relação aos Romanos devia-se, obviamente, à ocupação da cidade por Fímbria e Flaco quatro anos antes, quando estes, nomeados pelo governo de Cina, tinham decidido avançar para a Ásia e para a guerra contra Mitridates, em vez

de irem para a Grécia lutar contra Sila. Aos Bizantinos pouco importava que Fímbria tivesse morto Flaco e que Sila tivesse castigado Fímbria; o problema é que a cidade tinha sofrido, e muito. E agora,
ali estava o seu suserano todo sorrisos e ternuras para com outro romano.
Assim, tendo chegado às conclusões a que podia chegar, César tratou de fazer o que era preciso para impressionar os Bizantinos e salvar tanto quanto possível o seu orgulho. A sua inteligência e educação constituíam uma grande ajuda, mas já não estava tão seguro quanto àquele elemento da sua natureza que a mãe detestava — o encanto. Essa qualidade conquistara os dirigentes da cidade e contribuíra decisivamente para atenuar os seus ressentimentos, mas, ao mesmo tempo, era provável que servisse para reforçar as ideias dos Bizantinos sobre as suas inclinações sexuais — um homem viril não era encantador.
Por isso, César lançou-se num ataque frontal. A primeira fase deste ataque consistiu na rejeição brutal de todo o assédio que lhe foi feito por outros homens; a segunda fase consistiu em descobrir a mais famosa cortesã de Bizâncio e fazer amor com ela de forma a deixá-la profundamente impressionada.
— É tão grande como um burro e tão insaciável como uma cabra! — confidenciou ela a todos os amigos e amantes habituais, exausta depois de um encontro com César. Sorridente, suspirou e esticou voluptuosamente os braços. — Ah, mas é maravilhoso! Há quantos anos eu não tinha um rapaz assim!
E a artimanha funcionou. Sem magoar o rei Nicomedes, cuja devoção pelo jovem romano passava a ser entendida como o que realmente era: uma paixão sem esperança.
Mas era tempo de regressar a Nicomédia, à rainha Oradaltis, ao cão Sila, àquele palácio louco a abarrotar de uma criadagem que adorava as intrigas e as disputas.
— Lamento imenso, mas tenho de ir — disse ele ao rei e à rainha, no seu último jantar juntos.
— Não lamentas mais do que nós — disse tristemente a rainha, enquanto afagava o cão com um pé.
— Voltas depois de Mitilene ser subjugada? — perguntou o rei. — Gostaríamos muito que viesses.
— Voltarei. Prometo que voltarei — disse César.

— Óptimo! — exclamou Nicomedes, satisfeito. — Mas agora, gostaria que me esclarecesses sobre um quebra-cabeças latino para o qual nunca encontrei resposta: por que razão cunnus é do género masculino e mentula do género feminino?

César pestanejou.

— O quê? Não sei!

— Ah, com certeza que há uma razão.

— Muito sinceramente, nunca pensei no assunto. Mas agora que chamaste a minha atenção para o caso, devo dizer que o acho muito peculiar.

— Cunnus devia ser cunna — são os órgãos genitais femininos! E mentula devia ser mentulus — porque, afinal, trata-se de um sinônimo de pénis! Não há dúvida: debaixo de toda a vossa jactância viril, há uma grande e desesperada confusão! As vossas mulheres são homens e os vossos homens, mulheres — disse o rei, radiante, recostando-se na cadeira.

— Não escolheste as palavras mais polidas para designar os órgãos genitais — disse César gravemente. — Cunnus e mentula são obscenidades. — A sua expressão mantinha a mesma seriedade à medida que ia falando. — Afinal, verifico agora que a resposta à tua pergunta é óbvia. Cunnus é do género masculino porque é masculino o sexo que cunnus pede. E inversamente no caso de mentula. O que está por detrás dessa inversão de géneros é isto: o que o pénis procura é um receptáculo feminino e o que a vagina quer é um visitante masculino.

— Disparates! — retorquiu o rei, com um estremecimento nos lábios.

— Sofismas! — comentou a rainha, dando aos ombros.

— Qual é a tua opinião, Sila? — perguntou Nicomedes ao cão, com o qual se dava muito melhor desde que César chegara — ou talvez fosse porque Oradaltis não o aborrecia tanto com o cão ultimamente.

César desatou a rir.

— Quando chegar a Roma,vou logo perguntar-lhe!

O palácio ficou desoladamente vazio depois da partida de César; os seus dois velhos residentes vagueavam como tontos pelas salas e até o cão andava triste.

— Ele é o filho que nunca tivemos — disse Nicomedes.

— Não! — retorquiu firmente Oradaltis. — Ele é o filho que nós nunca podíamos ter. Nunca.

— Por causa da predisposição da minha família?

— Não! Porque nós não somos romanos. Ele é romano.

— Talvez seja preferível dizer: ele é ele mesmo.

— Crês que voltará, Nicomedes?

Uma pergunta que pareceu deixar o rei mais animado. Retorquiu, confiante:

— Sim, creio que voltará.

Quando chegou a Abidos, nos Idos de Outubro, César encontrou a frota prometida ancorada no porto — dois enormes barcos pônticos com fileiras de dezasseis remadores, oito quinquerremes, dez trirremes e vinte galeras de boa construção mas com um aspecto pouco bélico.

"Como pretendes impor um bloqueio, e não lançar uma perseguição no mar", dizia o rei numa carta a César, "decidi que, no que respeita aos vinte navios de apoio, era preferível dar-te navios largos e com convés (na realidade, são navios mercantes reconvertidos), em vez das galeras de guerra sem convés que tu pediste. Se pretendes impedir os homens de Mitilene de terem acesso ao seu porto durante o Inverno, precisarás de navios resistentes, mais do que de galeras leves, pois estas têm de ser conduzidas para a margem sempre que rebenta uma tempestade. Os navios mercantes reconvertidos agüentam todos os ventos e tempestades. Quanto aos dois navios pônticos, achei que convinham aos teus propósitos, nem que fosse pelo facto de que têm um aspecto assustador. São navios capazes de romper todas as amarras; revelar-se-ão muito úteis quando atacares. Por outro lado, o comandante do porto de Sinope cedeu-os por um baixo preço: salários e comida para as tripulações (quinhentos homens em cada um deles). E isso porque o rei do Ponto não consegue arranjar trabalho para essa gente. A conta segue numa folha à parte."

A distância de Abidos, no Helesponto, à costa anatólia da ilha de Lesbos, poucos quilômetros a norte de Mitilene,.era de cerca de cem milhas. Segundo o piloto-chefe, demorariam entre cinco e dez dias, se o tempo se mantivesse propício e se todas as embarcações agüentassem bem o mar.

— Então será melhor certificarmo-nos de que as embarcações são boas — disse César.

Não habituado a trabalhar para um almirante (pois esse era o seu estatuto até chegar a Lesbos, supunha César) que insistia numa inspecção rigorosa dos navios antes que a expedição

começasse, o piloto-chefe chamou os três construtores de navios de Abidos e com eles examinou cuidadosamente todas as embarcações, com César atrás, importunando-os com um ror de questões.

— Enjoas no mar? — perguntou o piloto-chefe, desejoso de que a resposta fosse um sim.

— Que eu saiba, não — retorquiu César, surpreendido com a pergunta.

Dez dias antes das Calendas de Novembro, a frota de quarenta navios fez-se ao Helesponto, onde a corrente — que fluía sempre do Euxino para o Egeu — a levou, a um bom ritmo, até à embocadura sul do estreito: do lado trácio, ficava o promontório de Mastúsia; do lado asiático, ficava o estuário do rio Escamandro. Não muito longe do Escamandro ficava Tróia — a lendária cidade de ílio, de cujas ruínas o seu antepassado Eneias fugira, antes que Agamémnon pudesse capturá-lo. Pena que não pudesse visitar esse local fabuloso, pensou César; mas não fazia mal, por certo teria outras oportunidades.

O tempo manteve-se bon, disso resultando que a frota chegou à ponta norte de Lesbos seis dias mais cedo. Como queria chegar ao seu destino no prazo fixado, ou seja, as Calendas de Novembro, César consultou o piloto-chefe e decidiu atracar a frota na suave costa da pequena ilha de Cidoneia, de onde não podia ser visto de Lesbos. Não era o inimigo de Lesbos que o preocupava: o que ele queria era surpreender as tropas romanas. E fazer ver a Termo do que ele, César, era capaz.

— Tens uma sorte fenomenal — disse o piloto-chefe quando a frota se fez de novo ao mar, um dia antes das Calendas de Novembro.

— Porque dizes isso?

— Porque, para esta época do ano, nunca encontrei tão boas condições para a navegação — condições que se vão manter ainda durante vários dias.

—; bon, então, quando a noite cair, abrigar-nos-emos na primeira enseada que encontrarmos em Lesbos. Amanhã, ao alvorecer, eu seguirei num barco mais rápido para procurar o exército — disse César. — Não vale a pena levar toda a frota, enquanto eu não souber onde é que o comandante pretende fundeá-la.

César encontrou o seu exército pouco depois de o Sol ter nascido e dirigiu-se a terra para falar com Termo ou Lúculo, pois um

deles seria por certo o comandante. Pelos vistos, era Lúculo. Termo continuava em Pérgamo.

Encontraram-se no local onde Lúculo dirigia a construção de uma muralha e de um fosso que rodeavam a estreita e elevada língua de terra onde ficava situada a cidade de Mitilene. Dos dois, só César estava curioso; Lúculo estava apenas irritado, pois tinham-lhe dito unicamente que um tribuno desconhecido queria vê-lo: para ele, um oficial júnior desconhecido era sinônimo de aborrecimentos. A reputação de Lúculo crescera ao longo daqueles últimos anos, desde o momento em que se revelara o fiel questor de Sila, o único legado que concordara em marchar sobre Roma no tempo em que Sila fora cônsul. E, desde então, Lúculo fora sempre um adepto fiel de Sila, de tal modo que Sila lhe confiara missões que habitualmente só eram entregues a homens que já haviam sido pretores; Lúculo combatera contra o rei Mitridates e ficara na Província da Ásia depois de Sila regressar a Roma, agüentando a situação nessa região, enquanto o governador, Murena, se lançava numa guerra não autorizada contra Mitridates, na Capadócia.

César viu um homem esguio e rijo, com uma altura ligeiramente superior ao normal, e que tinha um andar algo rígido — não por ter qualquer problema nos ossos, mas, aparentemente, porque a sua mente era rígida. Não era um homem bonito — embora fosse, sem dúvida, um homem interessante. Tinha um rosto alongado e claro, coroado por uma cabeleira rija e ondeada de um castanho indefinido. Quando se aproximou o bastante para lhe ver a cor dos olhos, César descobriu que eram de um cinzento-claro, límpido, gelado.

As sobrancelhas do comandante arrepiaram-se num franzimento.

— Sim?

— Sou Caio Júlio César, tribuno militar júnior.

— Enviado pelo governador?

— Sim.

— Então? Que me queres? Não vês que estou ocupado?

— Trouxe-te a frota, Lúcio Licínio.

— A frota? Que frota?

— O governador ordenou-me que fosse buscar uma frota à Bitínia.

O olhar frio do outro fixou-o com atenção.

— Por todos os deuses! César limitava-se a esperar.

— Ora bem! Mas que belas notícias! Não sabia que Termo tinha mandado dois tribunos à Bitínia — disse Lúculo. — Quando é que ele te mandou? Em Abril?

— Tanto quanto eu sei, sou o único tribuno que foi à Bitínia.

— César... César... com certeza que não és aquele que ele mandou em Quinctilis!

— Sou.

— E já tens uma frota?

— Então vais ter de voltar à Bitínia, tribuno. O rei Nicomedes enganou-te. Deve ter-te dado os piores navios que ele lá tinha.

— Pelo contrário. Inspeccionei-os pessoalmente e devo dizer que são todos muito bons. São quarenta navios — dois com fileiras de dezasseis remadores, oito quinquerremes, dez trirremes e vinte navios mercantes reconvertidos, os quais, segundo o rei, agüentarão muito melhor um bloqueio de Inverno do que galeras sem convés — disse César, ocultando sabiamente o seu secreto gozo.

— Por todos os deuses! — exclamou Lúculo, examinando o tribuno militar júnior tão minuciosamente como se ele fosse uma criatura monstruosa exibida num circo. O canto esquerdo da sua boca parecia esboçar um sorriso e, nos olhos, o gelo derreteu-se um pouco. — Como é que conseguiste uma coisa destas?

— Sou um conversador persuasivo.

— Bem gostava de saber o que lhe disseste! Nicomedes é o maior forreta ao cimo da terra!

— Não te preocupes, Lúcio Licínio, que ele mandou a conta.

— Trata-me por Lúculo, porque aqui há pelo menos seis Lúcios Licínios. — O general começou a encaminhar-se para a praia. — Aposto que trazes a conta contigo! Quanto é que ele pede pelos navios com fileiras de dezasseis remadores?

— Apenas os salários e a alimentação das tripulações.

— Por todos os deuses! Onde está essa mágica frota?

— A cerca de uma milha a norte daqui. Pensei que era melhor vir à frente e perguntar-te se querias que a trouxesse para aqui ou se seria melhor que ela fosse bloquear imediatamente os portos de Mitilene.

Da expressão de Lúculo desaparecera já alguma da rigidez habitual.

— Creio que o melhor será dar-lhe trabalho imediatamente! — E esfregou as mãos de contentamento. — Ah, o choque que vai ser para Mitilene! Pensavam que iam ter o Inverno todo para armazenar provisões!

Quando os dois homens chegaram à embarcação onde viera César, Lúculo subiu imediatamente a bordo, mas César ficou parado.

— Então, tribuno? Não vens?

— Se assim o entenderes. Eu conheço mal a etiqueta militar, por isso não quero cometer erros — disse César, e estava a ser sincero.

— Entra, homem, vá!

Só quando os vinte remadores, dez de cada lado, começaram a rumar a norte, é que Lúculo voltou a falar.

— Conheces mal a etiqueta militar? Mas já vais longe dos dezassete anos, não vais, tribuno? Não disseste que eras um contubernalis.

Soltando um suspiro (pelos vistos, teria ainda de explicar muitas vezes o que se passara consigo), César disse, num tom informativo:

— Tenho dezanove anos, mas esta é a minha primeira campanha. Até Junho fui o flamen Dialis.

Mas Lúculo nunca pedia pormenores desnecessários. Era um homem demasiado ocupado e demasiado inteligente. Limitou-se a aquiescer, dispensando os desenvolvimentos que a maior parte dos interlocutores de César considerava indispensáveis.

— César... A tua tia não foi a primeira mulher de Sila?

— Sim.

— Então, ele favorece-te.

— Por ora.

— Bem respondido! Eu sou o mais fiel dos adeptos de Sila e estou a dizer-te isto como uma advertência que te devo, tendo em conta o teu parentesco com ele. Não permito a ninguém que o critique.

— Não ouvirás críticas da minha boca, Lúculo.

— Óptimo.

Um silêncio caiu entre os dois, rompido apenas pelo ruído uniforme dos vinte remos, mergulhando simultaneamente nas águas. Até que Lúculo, algo divertido, comentou:

— Adorava saber como é que conseguiste arrebanhar uma frota tão poderosa ao rei Nicomedes.

E o secreto gozo de César emergiu de repente à superfície de uma maneira que César não aprendera ainda a controlar; por isso, disse algo de indiscreto a alguém que não conhecia.

— O que aconteceu foi que o governador me irritou. Recusou-se a acreditar que eu conseguia ter quarenta navios, metade dos quais preparados para a guerra, nas Calendas de Novembro. Senti-me ferido no meu orgulho e deitei mãos à obra. E obtive os navios! Era o que o governador estava a pedir, por não acreditar que eu era capaz de cumprir a minha promessa.

Esta resposta irritou fortemente Lúculo; detestava ter homens excessivamente confiantes no seu exército, fosse a que nível fosse, e achara aquela declaração odiosamente arrogante. Tratou, por isso, de pôr o rapazito presunçoso no seu lugar.

— Conheço muito bem essa velha rameira maquilhada que dá pelo nome de Nicomedes — disse ele, numa voz capaz de fazer gelar qualquer um. — Evidentemente, tu és muito bonito e ele, bon, ele não é nada, mas mesmo nada inibido. Ele gostou de ti, não gostou? — Porém, como não tinha a mínima intenção de permitir que César respondesse, acrescentou imediatamente: — É claro que gostou! Pois bem, César, fizeste muito bem! É um gesto muito nobre, por Roma em primeiro lugar, à frente da nossa castidade! Julgo que ficarás conhecido como o palminho de cara que arrebatou quarenta navios. Ou deverei dizer: o rabinho?

Uma ira tremenda apoderou-se de César tão rapidamente que, para manter os braços quietos, teve de enterrar as unhas nas palmas das mãos; nunca na sua vida tivera de lutar tão arduamente consigo mesmo para se conseguir conter. Mas conseguiu. Por um preço que nunca esqueceria. Os seus olhos viraram-se para Lúculo, fixos e muito abertos. E Lúculo, apesar de já ter visto muitos olhares daqueles, empalideceu. Naquele momento, daria tudo para não estar ali; no entanto, com algum esforço, decidiu-se a agüentar a situação que ele próprio criara.

— Possuí pela primeira vez uma mulher — retorquiu César com uma voz calma e pausada — por volta dos meus catorze anos. São incontáveis as mulheres com quem já dormi, desde então. Isto significa que conheço muito bem as mulheres. E aquilo que me acusaste de fazer, Lúcio Licínio Lúculo, é precisamente o tipo de truque a

que as mulheres precisam de recorrer. As mulheres, Lúcio Licínio Lúculo, para obterem o que querem ou o que alguns homens querem delas, só dispõem de uma arma: os seus cunni. No dia em que eu precisar de recorrer a truques sexuais para alcançar os meus fins, podes crer, Lúcio Licínio Lúculo, que a ponta da minha espada ditará o meu fim. Tu possuis um nome notável. Porém, comparado com o meu, é menos do que nada. Manchaste a minha dignitas. Não descansarei enquanto não tiver limpo essa nódoa. Como consegui a frota é algo que não te diz respeito. Nem a ti, nem a Termo! No entanto, podes ter a certeza de que a obtive honradamente, e sem precisar de ir para a cama com o rei — ou, já agora, com a rainha. O aproveitamento do sexo para tais fins é algo de desprezível. Não é com tais métodos que alcanço os meus fins. Alcanço-os, pelo contrário, usando a minha inteligência — um dom que, assim me parece, poucos homens possuem. É, pois, muito provável que, possuindo esse dom, eu vá muito longe. Mais longe, provavelmente, que tu.

Tendo concluído o seu discurso, César virou as costas a Lúculo e pôs-se a observar as construções do cerco a Mitiline, agora já esbatidas pela distância. E Lúculo, estupefacto, dava graças aos deuses por aquela conversa decorrer em latim; de outro modo, os remadores teriam compreendido tudo. Ah, obrigado, Sila! Mas que vespão que tu nos mandaste! Sempre trará alguma vivacidade à calmaria destas nossas manobras! Ah, sim, ele levantará mais problemas que um milhar de Mitilenes!

César e Lúculo passaram o resto da viagem num silêncio absoluto: César recolhido nos seus pensamentos e Lúculo revolvendo a cabeça, a pensar na melhor maneira de se retractar sem sacrificar a boa opinião que tinha de si mesmo — porque era absolutamente inconcebível que ele, o oficial que comandava as hostes romanas naquela guerra, descesse ao ponto de pedir desculpa a um tribuno militar júnior. E, no final da curta jornada, como não conseguira ainda encontrar uma solução satisfatória, subiu a escada do navio mais próximo, fazendo de conta que César não existia.

Quando já se encontrava no convés, esticou o braço direito, com a palma da mão para fora, para deter a subida de César.

— Não te incomodes, tribuno — disse ele, friamente. — Regressa ao meu acampamento e integra-te nele. Eu não quero ver-te.

— Posso procurar os meus criados e os cavalos?

— Evidentemente.

Burgundo, que conhecia o seu senhor melhor que ninguém, ficou certo, ao vê-lo, de que algo correra muito mal durante o pouco tempo em que ele estivera afastado da frota; no entanto, tinha suficiente bom senso para não fazer qualquer observação acerca da expressão rígida e vítrea de César, enquanto se dirigiam, por terra, para o acampamento de Lúculo.

Quanto a César, fez essa jornada sem dar por nada do que se passava à sua volta; nem reparou na situação e configuração do acampamento quando lá chegou. Uma sentinela indicou-lhe a via principalis e informou-o de que a residência dos tribunos militares júniores era o segundo edifício à direita. Ainda não era meio-dia, mas parecia-lhe que a manhã durara um milhar de horas; o tipo de cansaço que sentia naquele momento era inteiramente novo para ele — obscuro, aterrador, indecifrável.

Como aquele era um acampamento permanente — ou que, pelo menos, duraria até à Primavera seguinte —, os seus habitantes encontravam-se instalados mais sólida e confortavelmente do que era costume. Para os soldados, havia um sem-número de barracas de madeira de aspecto resistente, cada uma das quais dava para oito homens; para os não combatentes, havia barracões, também de madeira, que albergavam oitenta homens; para o general, havia uma casa tão grande que quase parecia uma mansão, construída com tijolos secados ao sol; para os legadores séniores, havia uma casa idêntica; para os oficiais de posto médio, fora construído um edifício com uma altura de quatro pisos, também em tijolo; e, finalmente, os tribunos militares júniores dispunham do mesmo tipo de edifício, só que mais pequeno.

César abriu a porta, hesitante, ouvindo logo as vozes dos colegas no interior, enquanto os seus criados e animais esperavam na rua.

De início pouco conseguiu ver do interior, mas os seus olhos adaptavam-se facilmente às mudanças de luz e, por isso, pôde dar-se conta da cena antes que alguém reparasse nele. Havia no meio da sala uma mesa de madeira enorme, à volta da qual estavam sentados sete jovens, com as botas em cima do tampo. César não os conhecia; essa era uma das conseqüências de ter sido flamen

Dialis. Depois, um jovem de rosto agradável e corpo possante, que estava do outro lado da mesa, olhou para a porta e viu César.

— Olá! — disse ele, jovialmente. — Quem quer que tu sejas, entra!

César entrou com muito mais segurança do que efectivamente sentia, pois a acusação de Lúculo ainda o perturbava; os sete jovens que, nesse momento, se viraram para ele, viram um terrífico Apoio, nunca um Apoio lírico. Lentamente, foram retirando os pés da mesa. Depois daquela saudação inicial, todos se calaram. Limitavam-se a olhar para ele, fixamente.

Depois, o jovem que o saudara levantou-se e foi ter com ele, de mão estendida.

— Aulo Gabínio — disse ele, rindo-se. — Não ponhas um ar tão importante, homem! Já temos gente importante que chegue!

César cumprimentou-o fortemente.

— Caio Júlio César — disse, mas não conseguia retribuir o sorriso. — Julgo que é aqui quevou ficar. Sou tribuno militar júnior.

— Nós sabíamos que eles haviam de arranjar um oitavo tribuno — disse Gabínio, virando-se para os outros. — Pois é isso que somos: tribunos militares júniores! A escória da terra é um tormento constante para o nosso general! Ah, sim, de vez em quando trabalhamos! Mas como não nos pagam, o general não insiste muito. Olha, acabámos de almoçar. Ainda há alguma comida. Mas antes, vem conhecer os teus colegas de martírio.

Nesse momento, já os outros se tinham levantado todos.

— Caio Octávio. — De baixa estatura, mas dotado de um físico musculoso, Caio Octávio possuía um tipo de beleza grego, com a sua cabeleira castanha e olhos cor de avelã. Só as orelhas de abano destoavam naquele rosto. O seu aperto de mão era agradavelmente firme.

— Públio Cornélio Lêntulo. Podes tratá-lo por Lêntulo, sem mais. — Obviamente um dos ”importantes” de que Gabínio falara, e um Cornélio típico — tez morena, um rosto muito pouco atraente. Parecia inseguro mas determinado em vencer essa insegurança — inseguro, mas pertinaz.

— Este é o Lêntulo especial — Lúcio Cornélio Lêntulo Nigro. Chamamos-lhe Nigro, é claro. — Outro dos ”importantes”, outro Cornélio típico. Mais arrogante que o Lêntulo sem mais.

— Lúcio Márcio Filipe Júnior. Chamamos-lhe Lippus, e é cá um lesma! — A alcunha não era simpática nem justa, pois Lippus não tinha os olhos remelosos; pelo contrário, possuía uns olhos magníficos, grandes, negros, sonhadores, e o seu rosto era muito mais atraente do que

o do pai Filipe — isso vinha-lhe evidentemente da avó, uma Cláudia, com quem se parecia. Dava imediatamente a impressão de ser uma criatura naturalmente plácida; e o seu aperto de mão era suave, embora não frágil.

— Marco Valério Messala Rufo, Conhecido como Rufo, o Vermelho. — Não, aquele não pertencia à classe dos ”importantes”, apesar de o seu nome patrício ser muito, muito importante. Neste caso, a alcunha era inteiramente justificada — todo ele vermelho: cabelos, pele, olhos. Mas não parecia ser homem capaz de ficar vermelho de raiva, bem pelo contrário.

— E, em último lugar, como de costume, porque é o que se vê menos: Marco Calpúrnio Bíbulo.

Bíbulo era o mais altivo de todos, talvez por ser, de longe, o mais pequeno, tanto em altura como em constituição física. Os seus traços prestavam-se naturalmente a uma expressão de superioridade, pois os ossos do rosto eram salientes, tal como o seu nariz abatatado, muito romano; os lábios moldavam-se num esgar grave e as sobrancelhas eram rigorosamente direitas, sobre uns olhos proeminentes, de um tom cinzento-pálido. O cabelo e as sobrancelhas eram de um louro tão desmaiado que quase parecia branco: por isso parecia mais velho, ele que afinal só tinha 21 anos.

Acontece, por vezes, que, num primeiro encontro, dois indivíduos se detestam imediatamente, sem que haja, para tal aversão, qualquer fundamento, seja em factos palpáveis, seja na lógica. Foi isso exactamente o que se passou entre Caio Júlio César e Marco Calpúrnio Bíbulo mal trocaram o seu primeiro olhar. O rei Nicomedes falara de inimigos — ali estava um, disso estava César certo.

Gabínio foi buscar a oitava cadeira e colocou-a junto à mesa, entre a sua e a de Octávio.

— Senta-te e come — disse ele.

—vou sentar-me, mas desculpa quanto ao comer. Não tenho fome.

— Vinho! Bebe uma taça!

— Nunca toco em vinho. Octávio soltou um risinho.

— Ah, vais adorar isto aqui! — exclamou. — Só se vê é gente a vomitar!

— Tu és o flamen Dialis! — exclamou o filho de Filipe.

— Eu fui o flamen Dialis — disse César, sem qualquer intenção de aprofundar o assunto. Um segundo depois, porém, pensou melhor e acrescentou: — bon, se eu lhes contar a

história agora, nunca mais me importunam com perguntas. — E narrou a história num estilo muito vivo, escolhendo tão bem as palavras que os seus colegas — nenhum deles com tendências eruditas, bem pelo contrário — se aperceberam rapidamente de que o novo tribuno era um intelectual, ou mesmo um erudito.

— Mas que história! — disse Gabínio quando César terminou.

— Nesse caso, ainda estás casado com a filha de Cina — disse Bíbulo.

— Sim.

— E agora — comentou Octávio, com um riso desabrido — estamos empatados no velho combate, Gabínio! com César, são quatro os patrícios! Vitória ou morte!

Os outros lançaram-lhe um olhar fulminante; Octávio aquietou-se.

— Acabas de chegar de Roma? — perguntou Rufo.

— Não. Da Bitínia.

— Que foste fazer à Bitínia? — perguntou Lêntulo.

— Fui buscar uma frota para o assalto a Mitilene.

— Aposto que aquele velho maricas do Nicomedes gostou de ti. — atirou-lhe Bíbulo, malicioso. Sabendo que uma questão daquelas revelava uma falta de tacto e educação que ofenderia a maior parte dos seus colegas, Bíbulo procurara resistir-lhe; contudo, a tentação fora mais forte.

— Gostou, de facto — retorquiu friamente César.

— E conseguiste a frota? — insistiu Bíbulo.

— Naturalmente — replicou César, com uma altivez que Bíbulo, por muito que fizesse, nunca conseguiria imitar.

Bíbulo riu-se: um riso ácido, como a sua expressão.

— Naturalmente? Não quererás dizer por acaso confra-naturalmente?

Ninguém viu muito bem o que a seguir se passou. Quando os outros seis deram por isso, já César tinha dado a volta à mesa e pegado em Bíbulo, mantendo-o a alguma distância de si e com os pés bem acima do chão. O efeito era francamente cômico. Bíbulo dava aos braços, tentando alcançar o rosto sorridente de César; mas os braços eram demasiado pequenos para lhe causar sequer um arranhão. Uma cena que parecia ter saído do mais inspirado dos mimos.

— Se não fosses tão insignificante como uma pulga — disse César — levava-te lá para

fora e esmagava-te essa cara contra as lajes do chão. Infelizmente, Pulex, isso seria considerado homicídio. Mas tu és demasiado insignificante para que eu te transforme em polpa. Por isso, aconselho-te a que não te metas no meu caminho, miserável lêndea! — Segurando Bíbulo ainda bem alto, César procurou um sítio onde o pôr — um armário com quase dois metros de altura. Sem parecer fazer um grande esforço, atirou com Bíbulo para cima do armário, evitando airosamente os pontapés deste. — Dá aos pés aí em cima, Pulex!

Feito isto, César saiu.

— Ora aí está um bom nome para ti, Bíbulo! Pulex! — disse Octávio, rindo. — A partir de agora, chamar-te-ei Pulex! Bem mereces a alcunha! Que achas, Gabínio?

— Eu preferia chamar-lhe Podex! — exclamou Gabínio, vermelho de raiva. — Que te levou a dizer aquilo, Bíbulo? Veio completamente despropósito e só serviu para que ficássemos todos mal vistos! — Lançando um olhar feroz para os outros, acrescentou: — Não me interessa o que vocês vão fazer, mas euvou ajudar César a descarregar as bagagens.

— Ajudem-me a descer — pediu Bíbulo, no alto do armário.

— Não contes comigo — retorquiu Gabínio, com um ar de troça.

Nenhum dos outros tribunos se ofereceu para ajudar Bíbulo; este teve de se atirar do alto do armário, pois o móvel era demasiado frágil e instável para que ele pudesse descer agarrando-se aos rebordos. Para além de uma monumental raiva, Bíbulo experimentava também uma mistura de perplexidade e mortificação — Gabínio tinha razão. O que é que o levara a dizer aquilo? Que ganhara com aquilo? Portara-se como um grosseirão, perdera a estima dos companheiros e nem sequer tinha o consolo de ter vencido a contenda.

César obtivera uma vitória fácil, e com honra, pois não batera num homem mais pequeno e fraco, limitando-se a pôr a nu essa pequenez e fraqueza. Era natural que Bíbulo sentisse inveja em relação aos homens de elevada estatura e forte compleição física — eram coisas que ele não tinha, em absoluto. E o mundo, como ele muito bem sabia, pertencia aos homens grandes, aos homens imponentes. Só o aspecto físico de César — aquele rosto, aquele corpo, aquela altura — chegara para o pôr fora de si; e ainda por cima, o homem falava bem e sabia escolher as palavras certas! Não era justo!

Bíbulo ficou sem saber quem mais odiava — se ele próprio, se Caio Júlio César. O homem que tinha tudo. Da rua vinham gargalhadas, demasiado estrondosas para que Bíbulo não

sentisse vontade de ir espreitar. Lentamente, foi-se encostar ao vão da porta e, furtivamente, lançou uma olhadela. Lá estavam eles, os seus seis colegas tribunos, estourando de riso, enquanto o homem que tinha tudo, no meio deles, montava uma mula! Bíbulo não conseguia ouvir o que César dizia, mas sabia que as palavras eram espirituosas, divertidas, encantadoras, irresistíveis, fascinantes, interessantes, soberbamente escolhidas, mágicas.

"Pois bem!", disse ele para si mesmo enquanto, com passos furtivos, regressava à privacidade do seu quarto. "Ele nunca mais se há-de ver livre desta pulga!"

com a chegada do Inverno, o cerco a Mitilene entrou num período lento, aquele período em que os sitiantes nada faziam, a não ser esperar que os sitiados morressem à fome; por isso, Lúcio Licínio Lúculo teve finalmente tempo para escrever ao seu muito estimado Sila.

Nutro grandes esperanças de que isto acabe na Primavera, graças a um acontecimento surpreendente, de que falarei mais abaixo. Em primeiro lugar, gostaria que me concedesses um favor. Se conseguir concluir esta missão na Primavera, posso voltar a Roma? Já passou tanto tempo, meu caro Lúcio Cornélio, e, francamente, preciso de voltar a ver Roma — e de te voltar a ver a ti. O meu irmão, Varrão Lúculo, já tem agora a idade e a experiência necessárias para ser um edil curul, e eu

gostaria de partilhar a edilidade curul com ele. Não há mais nenhum cargo que dois irmãos possam partilhar a contento de todos. Pensa só nos jogos que nós vamos dar! Isto para não falar dos prazeres. Eu estou com 38 anos, o meu irmão tem 36 — quase a idade dos pretores, e, no entanto, ainda não fomos edis. O nosso nome exige que sejamos edis. Por favor, deixa-nos assumir este cargo, e depois deixa-me ser pretor logo que possível. Mas se achares que a minha pretensão é insensata ou imerecida, é evidente que compreenderei.

Na Província da Ásia, as coisas parecem estar a correr bem a Termo; caso contrário, não me teria dado o cerco de Mitilene — assim mantém-me ocupado e longe dele. Não é mau tipo. As populações locais gostam dele, porque ele tem paciência para ouvir as suas longas histórias sobre as razões por que não podem pagar o tributo; e eu gosto dele, porque, depois de ter escutado com tanta paciência, insiste em que paguem o tributo.

Estas duas legiões que tenho aqui são compostas por homens muito difíceis. Murena comandou-os na Capadócia e no Ponto e, antes dele, comandou-os Fímbria. Demonstram uma independência de espírito de que não gosto nada e tenho um trabalho imenso para os pôr na

ordem. É claro que estão ressentidos com o teu edicto. Nunca mais poderão voltar a Itália por terem apoiado o assassínio de Flaco por Fímbria. Regularmente, manddtn-me uma delegação pedindo que esse edicto seja anulado. Não vão a lado nenhum e, neste momento, já me conhecem suficientemente bem para compreender que os dizimarei a todos se me derem o mínimo pretexto para o fazer. São soldados de Roma e, portanto, farão o que eu lhes mandar. Não há nada que mais me irrite do que um soldado ou um tribuno júnior pensar que tem voto seja em que matéria for — mas já voltarei a este assunto.

Parece-me agora que Mitilene estará já muito por baixo na Primavera, altura em que tenciono lançar um assalto frontal. Disporei de várias torres, e portanto é natural que o assalto seja um êxito. Se conseguir submeter esta cidade antes do Verão, toda a Província da Ásia ficará quieta e mansa.

A principal razão da minha confiança reside no facto de que possuo uma frota verdadeiramente extraordinária. Uma

frota — imagina só — de Nicomedes! Termo enviou o teu sobrinho (por casamento)

Caio Júlio César à Bitínia, com a missão de arrancar uma frota a Nicomedes antes do fim de Quinctilis. Termo escreveu-me a informar-me disso, mas nenhum de nós esperava pela frota antes de Março ou mesmo Abril do próximo ano. Mas, pelos vistos, Termo teve a audácia de se rir da confiança do jovem César nas suas capacidades. Por isso, César virou-se para Termo todo empertigado e, com o ar mais arrogante deste mundo, pediu-lhe que lhe indicasse, com todos os pormenores, a dimensão da frota e a data de entrega. Quarenta navios, metade dos quais quinquerremes ou trirremes, a entregar nas Calendas de Novembro. Estas foram as ordens que Termo deu ao seu arrogante interlocutor.

Pois queres crer que César apareceu no meu acampamento, precisamente nas Calendas de Novembro, com uma frota estupenda, uma frota que qualquer romano dificilmente conseguiria arrancar a uma pessoa do género de Nicomedes? Incluindo dois navios com fileiras de dezasseis remadores, pelos quais não tenho de pagar mais do que os salários e a comida da tripulação! Quando vi a conta, fiquei de boca aberta — bon, é verdade que a Bitínia acabará por ter algum lucro, mas não é um lucro desmedido, bem pelo contrário. É evidente que me sinto obrigado a devolver a frota logo que Mitilene caia em nosso poder. E a pagar a conta. Espero poder pagá-la com os despojos, mas se estes não forem tão avultados como prevemos, há alguma

possibilidade de convenceres o Tesouro a conceder-me um empréstimo especial?
Devo acrescentar que o jovem César se mostrou arrogante e insolente quando me entregou a frota. Vi-me obrigado a pô-lo no seu lugar. É evidente que ele só poderia ter conseguido uma frota tão boa, e em tão curto espaço de tempo, de uma maneira: dormindo com aquele velho maricas. E foi isso que eu lhe disse, para o pôr no seu lugar. Mas duvido que haja no mundo algum modo de pôr César no seu lugar! Virou-se para mim como uma serpente venenosa e informou-me de que não precisava de recorrer a truques de mulheres para obter o que quer que fosse — e que, no dia em que o fizesse, a sua espada ditaria o seu fim. Deixou-me perfeitamente intrigado quanto à melhor maneira de o disciplinar — e esse é um problema que, como tu sabes, normalmente não me atormenta. Concluí que talvez os colegas dele fizessem o trabalho por mim. Lembras-te deles, com certeza — deves tê-los visto antes da partida. Gabínio, dois Lêntulos, Octávio, Messala Rufo, Bíbulo e o filho de Filipe.
Parece que Bíbulo, o pequenino, tentou pô-lo na ordem. Coitado! Acabou em cima de um armário que fazia dois dele! Entretanto, assiste-se a uma divisão nítida entre os tribunos militares júniores. César conquistou Gabínio, Octávio e o filho de Filipe. Rufo mostra-se neutral. E os dois Lêntulos e Bíbulo odeiam-no. Há sempre problemas com os jovens durante as operações de cerco, o que é natural, pois são períodos em que não acontece nada. Por outro lado, é difícil, até para mim, obrigá-los a trabalhar. Mas César atrai mais problemas do que o habitual. Detesto ter de me incomodar com militares de tão baixo posto, mas houve alturas em que não tive outra alternativa. César é insuportável. Demasiado bonito, demasiado confiante nas suas capacidades, demasiado consciente da sua (infelizmente) grande inteligência.
Mas façamos-lhe justiça: é um verdadeiro trabalhador. Nunca pára. Não sei como, mas a verdade é que, em todo o acampamento, não há soldado que não o conheça — e, o que é pior, todos gostam dele. O problema é que escapa a todo e qualquer controlo. Os meus legados até já o evitam, porque ele só aceita ordens para fazer um trabalho se achar que o trabalho vai ser bem feito. E infortunadamente as suas ideias são sempre as melhores! Ele é um daqueles tipos que já tem tudo planeado na cabeça antes de se avançar para uma batalha ou para uma obra. O resultado é que, a maior parte das vezes, os meus legados passam pelas maiores vergonhas.
Até agora, só encontrei uma maneira de abalar a sua confiança — referindo-me à forma como ele conseguiu a sua magnífica frota por um preço tão baixo. E funciona num certo sentido,

porque ele fica desvairado de raiva. Mas crês que ele me responde como eu desejaria — atacando-me fisicamente e dando-me assim um pretexto para eu o levar a tribunal marcial? Não! É demasiado inteligente e autocontrolado para fazer uma coisa dessas. Não gosto dele, claro. E tu? Ele teve o descaramento de me dizer que o meu nascimento, comparado com o dele, é menos que nada!

Mas já chega de tribunos júniores. Devia tentar falar de homens mais importantes — legados séniores, por exemplo. Mas, francamente, não me consigo lembrar de nada que tenha interesse.

Soube que serviste de casamenteiro há pouco tempo e que deste a Pompeu, o Miúdo Carniceiro, uma esposa muito acima da sua posição. Pois uma coisa te peço, se tiveres tempo: arranja-me uma esposa. Tenho andado longe de Roma desde que fiz trinta anos. E agora, quase com idade para ser pretor, não tenho esposa e, muito menos, um filho varão. O problema é que eu prefiro bom vinho, boa comida e muita diversão ao tipo de mulher com que um Licínio Lúculo tem de casar-se. Além disso, gosto de rapariguinhas, e não há ninguém tão necessitado de dinheiro que me dê em casamento uma filha de treze anos! Se descortinares alguém, informa-me. O meu irmão recusa-se redondamente a fazer de casamenteiro; por isso, podes imaginar como fiquei contente ao saber que te tinhas iniciado nesse nobre ofício.

Recebe a minha estima e as minhas saudades, meu querido Lúcio Cornélio.

Em fins de Março, Marco Minúcio Termo chegou de Pérgamo e concordou que Lúculo devia atacar. Quando lhe contaram todos os pormenores relacionados com a frota bitínia de César, desatou numa gargalhada pegada, embora Lúculo não estivesse em condições de ver o lado divertido da questão; com efeito, já estava farto de ouvir queixas sobre os seus indisciplinados e briguentos tribunos militares júniores.

Havia, contudo, uma lei militar muito antiga e que nunca precisara de ser formulada por escrito: se um homem constitui uma fonte permanente de conflitos, o melhor será dar-lhe, na próxima batalha, um lugar tal que a sua morte seja certa. E ao fazer os seus planos para o assalto a Mitilene, Lúculo decidiu precisamente seguir esta antiga lei militar. César teria de morrer. Era Lúculo quem comandava por inteiro as hostes romanas; Termo estaria presente apenas na qualidade de observador.

Não era incomum um general reunir todos os seus oficiais, fosse qual fosse o seu posto,

para uma prelecção final; mas, em Lúculo, isso era uma raridade — daí que a sua convocatória provocasse muitos comentários. Não que os outros oficiais achassem estranho ver os tribunos júniores presentes; de facto, aqueles oito eram invulgarmente conflituosos e o general não tinha confiança neles — daí que precisassem bem de ouvir as palavras do chefe. Normalmente, os tribunos júniores serviam, essencialmente, como mensageiros, sob a direcção dos tribunos legionários. Foi isso mesmo que Lúculo decidiu no final do seu conselho de guerra. Mas não em relação a todos. De acto, a única excepção a essa regra era César, a quem Lúculo disse, no tom mais frio deste mundo:

— Tu só me tens dado problemas, mas reparei que gostas de trabalhar. Decidi, por isso, dar-te o comando de uma coorte especial, formada pelos piores elementos de entre os fimbrianos. Manterei de reserva essa coorte até ao momento em que detectar o mais poderoso foco de resistência da cidade. Depois, mandá-la-ei combater precisamente para essa secção da batalha. Como comandante, terás de levar esses homens a inverter a situação.

— És um homem morto — comentou Bíbulo, complacentemente, depois do conselho.

— Não sou tal! — retorquiu César, jovialmente, cortando um cabelo com a espada e outro com a adaga.

Gabínio, que tinha por César grande afeição, estava preocupado.

— Mas que mentula que tu me saíste! Nunca vi mentula assim, que desse tanto nas vistas — disse ele. — Se calasses essa báca e não desses nas vistas, não terias sido escolhido para comandar a coorte. Ele nunca deveria ter dado tais funções a um júnior, quanto mais a um júnior que faz a sua primeira campanha. Todos os soldados dele são fimbrianos, condenados ao exílio para toda a vida. Pois ele juntou precisamente os mais refractários e pôs-te a ti a comandá-los! Se queria dar-te o comando de uma coorte, então deveria ter escolhido homens das legiões de Termo.

— Eu sei, eu sei — retorquiu César, pacientemente. — Que hei-de eu fazer? Estou condenado a ser um mentula que dá nas vistas! Ora pergunta às mulheres do acampamento e vais ver o que elas te dizem...!

A ironia de César provocou risinhos nuns e olhares sombrios noutros; aqueles que o detestavam talvez lhe tivessem perdoado mais facilmente se, durante o Inverno, ele não houvesse ganho

uma invejável reputação entre as mulheres que seguiam o acampamento — tanto mais que ele introduzira uma novidade que as divertia e espicaçava: a felizarda teria de ser um modelo de higiene.

— Não estás mesmo preocupado? — perguntou Rufo, o Vermelho.

— Não — disse César. — Eu tenho sorte e talento. Espera e verás. — Meteu cuidadosamente a espada e a adaga nas respectivas bainhas e dirigiu-se depois para o seu quarto. Ao passar por Bíbulo, fez-lhe uma cócega sob o queixo. — Não tenhas medo, Pulex — disse ele. — És tão pequenino que o inimigo nem vai dar por ti.

— Se ele não fosse um tipo tão convencido, talvez o suportasse melhor — disse Lêntulo a Lêntulo Nigro ao subirem para os seus quartos.

— Ele há-de deixar de ser um convencido — disse Nigro.

— Então espero lá estar para ver, quando isso acontecer — retorquiu o outro, tremendo só de pensar no que esperava César. — Vai ser terrível amanhã, Nigro.

— Sobretudo para César — disse Nigro, com um sorriso de satisfação. — Lúculo vai transformá-lo a ele e à sua coorte num alvo fácil para as setas inimigas.

Havia seis torres montadas junto às muralhas de Mitilene, cada uma das quais suficientemente grande para permitir a passagem de centenas de soldados até ao cimo das muralhas; por outro lado, os soldados podiam movimentar-se de forma suficientemente rápida para atacarem em massa os defensores e arremessá-los do alto das muralhas. Infelizmente para Lúculo, os defensores estavam conscientes de que tinham menos hipóteses de resistir a um tal assalto do que de vencer uma batalha campal fora das muralhas.

A meio da noite, Lúculo acordou com a notícia de que todas as portas da cidade estavam abertas e que sessenta mil homens tinham saído para ocupar posições no espaço entre as muralhas de Mitilene e o fosso e as torres que ele construíra.

Num instante, ouviu-se o toque das trombetas e o atroar dos tambores e o acampamento romano, obedecendo às ordens de Lúculo para que se aprontasse para a guerra, transformou-se no palco de uma frenética actividade. Lúculo dispunha agora das quatro legiões da Ásia, pois Termo trouxera as duas que faltavam; estas duas últimas legiões não tinham pertencido ao exército de Fímbria e, por isso, poderiam voltar a Roma com Termo, logo que este concluísse o seu mandato como governador. A sua presença no acampamento acabou

por avivar na memória dos fimbrianos a inevitabilidade da sua condenação ao exílio e por atiçar ainda mais o seu descontentamento. Agora que a batalha campal se tornava inevitável, Lúculo temia que os fimbrianos não combatessem. O que tornava ainda mais imperativo que a coorte de César fosse separada do resto do exército.

Lúculo tinha vinte e quatro mil homens contra os sessenta mil de Mitilene. Porém, entre os soldados de Mitilene, não havia apenas guerreiros experimentados: como sempre acontecia nos combates contra as forças sitiantes, os sitiados recorriam a todos os homens, e inclusivamente aos velhos e às crianças.

— Sou um idiota! Devia ter pensado nesta possibilidade! — exclamou Lúculo, furioso, em conversa com Termo.

— E como é que eles souberam que nós íamos atacar hoje? — perguntou Termo.

— Espiões. Provavelmente algumas das mulheres do acampamento — disse Lúculo. — Mandarei matá-las mais tarde. — Depois, voltando a debruçar-se sobre o que interessava, acrescentou: — O pior de tudo é que ainda está demasiado escuro para podermos ver de que modo é que eles se distribuíram. Tenho de mantê-los longe até conseguir elaborar um plano.

— Tu és um táctico brilhante, Lúculo — disse Termo. — Apesar disto, vai tudo correr bem.

De madrugada, Lúculo subiu a uma das suas torres, instalada junto às suas próprias muralhas, e observou as formações do inimigo; as tropas de Lúculo encontravam-se já na terra de ninguém, aglomeradas do outro lado do seu fosso, de onde haviam sido retiradas à pressa centenas de milhar de estacas pontiagudas. Lúculo não queria que os soldados romanos morressem empalados se por acaso o seu exército fosse obrigado a recuar. Havia desde já um factor positivo: naquela batalha, não haveria escapatória possível. As muralhas de Lúculo impediriam as suas tropas de abandonar o campo. Não que ele tivesse previsto isso; os fimbrianos, quando estavam decididos a lutar, eram tão bons como quaisquer soldados que tinha comandado.

Antes de o Sol nascer, Lúculo deslocou-se à terra de ninguém, rodeado pela sua cadeia de comando, a quem indicava as últimas instruções.

— Não posso falar aos soldados, eles nunca me ouviriam — disse ele, tenso. — Por isso, tudo depende da vossa atenção neste momento. E da vossa total obediência. Como ponto

de orientação, usarão a grande porta norte de Mitilene, pois fica mesmo no centro da nossa esfera de operações. O meu exército distribuir-se-á sob a forma de um quarto crescente, com as alas esquerda e direita mais avançadas que o centro. Porém, no meio da concavidade, na exacta direcção da porta norte, quero que haja um pico. Este pico avançará à frente de todas as outras unidades, a passo, sendo a porta norte o seu objectivo. A minha táctica consiste em usar esse pico, de forma a dividir as hostes inimigas em duas partes e a encerrar cada uma dessas partes dentro dos arcos do crescente. Isto significa que os homens devem manter integralmente a formação inicial, ficando as pontas das alas praticamente ao mesmo nível que o pico central. Como não tenho cavalaria, tenho de pedir aos homens que se encontram nas pontas do crescente que se comportem como alas de cavalaria. Devem atacar em peso e depressa.

Cerca de setenta homens estavam reunidos à sua volta. Lúculo tivera de subir para uma pequena caixa, a fim de que todos o pudessem ver. Os centuriões das coortes também estavam presentes. A certa altura, o olhar de Lúculo fixou-se em César e no centurião pilus prior que comandava essa coorte de rebeldes que, originalmente, Lúculo pensara transformar em pasto das setas inimigas. Lúculo lembrava-se bem do nome do pilus prior — Marco Sílio, um indivíduo arrogante, agressivo e grosseiro que chefiava sempre as delegações dos fimbrianos que, regularmente, lhe iam pedir a revogação da pena de exílio. Aquele não era o momento azado para Lúculo se vingar; do que ele precisava, era de tomar uma decisão ditada pelo bom senso. E tinha duas hipóteses: ou esta coorte ia para a dianteira do pico central (e, nesse caso, seria certo que quase todos os seus homens morreriam), ou então ficava escondida na retaguarda de uma das duas curvas do crescente, onde pouco poderia fazer para além de servir de reforço. Mas Lúculo depressa tomou a sua decisão.

— César e Sílio — colocam a vossa coorte na dianteira do pico central e avançam para a porta norte. Logo que cheguem à

porta, agüentam a vossa posição aconteça o que acontecer. — E prosseguiu com as suas instruções.

— Que os deuses me ajudem! Aquele cunnus deu-me um menino como comandante! — resmungou Sílio para César, pelo canto da boca, enquanto aguardava que Lúculo terminasse. César não se irritou com o comentário, pois respeitava um centurião tão experiente na arte da guerra como era Sílio. Em vez disso, riu-se.

— Preferes ser comandado por um menino que aprendeu a combater com Caio Mário ou por um legado que só na aparência é bom militar, pois, no fundo, nem sabe distinguir a frente da rectaguarda?

Caio Mário! Esse era o nome que fazia bater mais forte os corações de todos os soldados romanos. Marco Sílio fitou o seu comandante com um olhar perscrutador, e mesmo um pouco mais brando.

— E qual é a tua relação com Caio Mário? — perguntou.

— Caio Mário era meu tio. E acreditava em mim — disse César.

— Mas esta é a tua primeira campanha! A tua primeira batalha! — contestou Sílio.

— Tu sabes tudo, não sabes, Sílio? Então, já que sabes tudo, acrescenta isto aos teus conhecimentos: eu nãovou deixar ficar mal os teus homens. Mas se vocês me deixarem ficar mal, podem ter a certeza de que os mando açoitar a todos — disse César.

— Negócio fechado! — retorquiu prontamente Sílio, afastando-se para comunicar as instruções do comando aos seus centuriões júniores.

O general Lúculo não gostava de perder tempo. Logo que os seus oficiais puseram os soldados em formação, deu ordens para avançar. Era evidente para Lúculo que o inimigo não tinha nenhum plano de batalha; de facto, os soldados de Mitilene limitavam-se a esperar, numa grande aglomeração, sob as suas muralhas; e quando o exército romano começou a avançar, não fizeram qualquer tentativa para carregar. Esperariam pelo asssalto; só depois combateriam. Mitilene estava convicta da sua vitória, unicamente porque tinha muito mais soldados.

Tão astuto como era truculento, Sílio apressou-se a espalhar a notícia pelos seus seiscentos homens: o comandante era um menino que por acaso também era sobrinho de Caio Mário — e Caio Mário acreditara nas suas capacidades.

César avançava sozinho, à frente do estandarte, segurando com o braço esquerdo o enorme escudo retangular. Tinha ainda a espada embainhada; Mário dissera-lhe que a espada só devia ser desembainhada no último momento, porque, acrescentara ele, ”um homem, quando avança para o combate, seja em passo de corrida ou em passo normal, não pode olhar para o chão”. E dissera-lhe ainda: ”Se levares a espada na tua mão direita e tropeçares num buraco ou numa rocha, o mais natural é que acabes por ficar bastante ferido.”

César não tinha medo, nem mesmo nos recessos mais secretos do seu ego, e não lhe passava pela cabeça que pudesse morrer naquela batalha. Depois, deu-se conta de que os seus homens estavam já a entoar um cântico:

"Nós — somos — os fim — bria — nos! Cui — da — do — com — os fim — bria — nos! Nós — apanhámos — o rei — do — Ponto! Nós — somos — os melhores — do — Mundo!"

Fascinante!, disse César para si mesmo enquanto as hordas de Mitilene iam ficando cada vez mais próximas. Há quatro anos que Fímbria morrera, quatro anos em que aqueles homens tinham lutado sob o comando de dois Licínios, de Murena e, finalmente, Lúculo. Fímbria era um fora-da-lei. E, apesar disso, aqueles soldados permaneciam-lhe fiéis. Eles não são — e suspeito que nunca serão — os licinianos. Não faço ideia de como se sentiram sob o comando de Murena. Mas o que sei é que odeiam Lúculo! bon, mas quem é que não odeia Lúculo? Não passa de um aristocrata emproado! E não acredita que é bon, que é útil, que os seus soldados gostem dele. Está completamente equivocado.

No momento exacto, César deu ordem ao corneteiro para tocar o sinal de arremessar as lanças; e manteve a calma necessária para não se baixar repentinamente quando mais de mil lanças assobiaram sobre a sua cabeça. Essas mil lanças, arremessadas em duas séries, afectaram fortemente os homens de Mitilene. Chegara o momento de avançar!

César desembainhou a espada e brandiu-a no ar, enquanto ouvia o peculiar ruído de seiscentas espadas a serem desembainhadas no mesmo momento. Depois, avançou calmamente na direcção do inimigo, tão calmamente como um senador avançando para uma multidão do Fórum, sem pensar uma única vez no que pudesse estar a acontecer nas suas costas. O gládio, uma arma pequena, dotada de dois gumes, muito afiada, não era uma arma que se pudesse fazer girar à volta da cabeça e arremessar depois contra o inimigo; César usava-a correctamente, ou seja, ao nível das virilhas, com a lâmina formando a hipotenusa do triângulo e a terrível ponta virada para cima e para o inimigo. Golpear e entranhar, entranhar e golpear.

O inimigo não gostava desta forma de ataque, dirigido precisamente às preciosas partes baixas dos soldados, e a coorte dos turbulentos fimbrianos não parava de avançar, dando aos homens de Mitilene poucas hipóteses de brandir e desferir as suas espadas. O choque fê-los recuar e a pressão romana manteve-os recuados o tempo suficiente para que o pico de Lúculo se

enterrasse profundamente nas hostes inimigas.

Momentos depois, porém, ganharam coragem e atiraram-se à luta de todas as maneiras possíveis: todos eles odiavam profundamente Roma e estavam decididos a morrer para que a sua amada Mitilene não voltasse a cair nas mãos dos Romanos.

César depressa descobriu que muito do ardor guerreiro era uma questão de teatro.

Quando um militar inimigo vinha lutar connosco, não devíamos mostrar terror nem ceder terreno; se o fizéssemos, perderíamos psicologicamente o confronto e as nossas hipóteses de morrer tornavam-se muito maiores. Atacar, atacar, atacar sempre. Fazer crer aos outros que éramos invencíveis: se fizéssemos isso, quem recuava era o inimigo. E César era perito nisto, pois possuía óptimos reflexos e uma visão extremamente apurada. E de tal modo se envolveu na luta que, durante muito tempo, combateu sem parar para pensar no que estaria a suceder por detrás dele.

Por outro lado, descobriu que, mesmo no mais ardoroso combate, havia lugar para a inteligência; ele era o comandante da coorte e, no entanto, quase se esquecera de que ela existia.

Mas como havia ele de se virar para trás e ver o que se passava sem apanhar com uma espadeirada inimiga? Como chegar a um local de onde pudesse ter uma visão clara da situação? O seu braço

estava a ficar algo cansado, embora a posição baixa e o pouco peso da espada não lhe provocasse a fadiga que acometia já o inimigo, o qual dispunha de armas muito mais pesadas; de facto, os soldados inimigos brandiam as suas espadas de forma cada vez mais desvairada e desferiam os seus golpes de um modo cada vez menos entusiástico.

Perto de César, via-se já uma pilha de cadáveres de inimigos; então, depois de um súbita explosão de violência para se libertar dos vivos que estavam por perto, César aproveitou a oportunidade para saltar para o alto daquele monte de cadáveres. As suas pernas, naquelas circunstâncias, podiam transformar-se num ponto fraco; mas a pilha era suficientemente vasta para que, ao chegar ao cimo, pudesse virar-se sem precisar de se preocupar com as pernas.

Os seus homens desataram aos vivas quando o viram e isso deixou-o imensamente feliz.

Mas havia um problema: a sua coorte encontrava-se isolada; o pico de Lúculo tinha feito o seu trabalho, mas não fora convenientemente apoiada pela retaguarda. Somos uma ilha no meio do inimigo, pensou César. Graças a Lúculo. Mas nós vamos agüentar-nos, nós não vamos morrer!

Descendo da pilha de cadáveres com uma série de desenfreados saltos que confundiram o inimigo, César postou-se ao lado de Marco Sílio, dando instruções.

— Estamos isolados. Manda tocar o sinal de ”formar quadrado” — disse ele ao corneteiro da coorte, que combatia ao lado do porta-estandarte.

As suas instruções foram cumpridas com uma precisão e uma rapidez extraordinárias — ah, mas que belos soldados aqueles! César e Sílio deram então uma volta pelo quadrado, incitando os homens e providenciando para que os pontos mais fracos fossem reforçados.

— Se eu tivesse aqui a minha mula, podia ficar a saber num instante o que se está a passar em todo o campo — disse César a Sílio. — Mas um tribuno júnior encarregado de uma simples coorte não tem direito a ter uma montada. É um erro!

— Não há nada mais fácil — disse Sílio, que agora sentia o maior respeito por César. Deu um assobio e logo apareceu uma dúzia de soldados de reserva. — Vamos fazer-te uma tribuna com homens e escudos!

Momentos depois, já César estava no alto de uma coluna humana, formada por quatro homens, dispostos aos pares e cobrindo as cabeças com os seus escudos.

— Cuidado com as lanças inimigas! — gritou-lhe Sílio. Apesar de a batalha continuar a ser violentamente disputada, era já evidente que a táctica de Lúculo estava basicamente correcta; de facto, dava a impressão de que o inimigo acabaria por ser esmagado pelas alas romanas, que se iam inexoravelmente fechando.

— Dá-me o estandarte — gritou César. O porta-estandarte atirou-lho imediatamente e César agitou-o na direcção de Lúculo, que se via nitidamente daquela altura, montado num cavalo branco. — Pelo menos assim informamos o nosso general de que estamos vivos e de que mantemos a nossa posição como nos foi ordenado — disse César a Sílio logo que desceu. — Obrigado pela tribuna. Ainda é difícil saber quem vencerá.

Momentos depois, os homens de Mitilene lançaram uma ofensiva generalizada contra o quadrado de César.

— Não vamos agüentar — disse Sílio.

— Vamos, sim, Sílio! Faz com que toda a gente se mantenha firme nos seus postos — disse César. — Vamos, Sílio, faz o que eu digo!

com Sílio atrás dele, César abriu caminho até ao ponto onde o ataque era mais violento;

e aí, sentindo o desespero do inimigo, lançou-se impetuosamente na luta, desferindo golpes à esquerda e à direita. Era evidente que, para o inimigo, aquela coorte fora-da-lei constituía o alvo ideal: aqueles romanos tinham de morrer, para servir de exemplo para o resto do campo. César sentiu alguém ao seu lado; depois, ouviu a respiração opressa de Sílio e viu um sabre abatendo-se sobre ele. Como conseguiu afastar o inimigo com o seu escudo e evitar o golpe que teria aberto a cabeça a Sílio, César nunca compreendeu — só compreendeu que o fez e que depois matou o homem com a sua adaga, embora, com o mesmo braço, segurasse ainda o escudo.

Este incidente pareceu ser o sinal de uma reviravolta; de facto, depois dele, a pressão do inimigo começou a enfraquecer e a coorte de César, ao fim de algum tempo, pôde continuar o seu avanço. Até que, por fim, atingiram a porta da cidade; os fimbrianos, exultantes, viraram-se então para a distante muralha romana — agora, nada nem ninguém conseguiria desalojá-los!

E de facto assim aconteceu. Cerca de uma hora antes do pôr do Sol, Mitilene estava derrotada, deixando trinta mil cadáveres no campo, a maior parte dos quais cadáveres de velhos e de rapazes. Implacavelmente justo, Lúculo ordenou então a execução de todas as mulheres de Lesbos que havia no acampamento romano, enquanto, ao mesmo tempo, autorizava as mulheres de Mitilene a deslocar-se ao campo de batalha, a fim de recolherem e enterrarem os seus mortos.

César deu-se conta de que seria preciso um mês para apagar os destroços da batalha e que esse era um trabalho mais duro do que a preparação para a peleja. Entretanto, a sua coorte — que agora o acompanhava permanentemente — decidira que, de facto, ele era digno da protecção que Caio Mário lhe havia concedido (é evidente que César não lhes dissera que essa protecção já se tinha manifestado sob a forma de um flaminato) e que merecia inteiramente ser seu comandante. Vários dias antes da cerimónia em que o general, Lúculo, e o governador, Termo, concederam condecorações militares àqueles que se tinham distinguido na batalha, o centurião pilus prior Marco Sílio fora ter com Lúculo e Termo, perante os quais jurara formalmente que César tinha salvo a sua vida e que não cedera um palmo de terreno ao inimigo; e jurara mais: que fora César quem salvara a coorte de uma morte certa.

— Se tivesse sido uma legião, terias ganho a Coroa de, Erva — disse Termo, ao colocar a coroa de folhas de carvalho na cabeça loura de César. — Mas como só estava envolvida uma coorte, o máximo que Roma te pode dar é a coroa cívica. — Após um momento de reflexão, acrescentou: — Sabes com certeza, Caio Júlio, que a concessão da Coroa Cívica te promove

automaticamente a senador e te dá acesso a outras distinções, de acordo com as novas leis da República. Pelos vistos, Júpiter Optimus Maximus estava mesmo decidido a fazer-te entrar para o Senado! O lugar que perdeste ao deixares de ser flamen Dialis é-te agora devolvido.

César foi o único homem a receber tão elevada honra naquela batalha. Por outro lado, a sua coorte foi premiada com phalerae para adornar o seu vexillum; a Marco Sílio foi concedido um conjunto de nove phalerae de ouro que ele exibia, muito orgulhoso, na dianteira da sua couraça de couro. Sílio já tinha nove phalerae de prata (que agora adornavam a parte de trás da sua couraça), cinco armillae de prata e dois torques de ouro suspensos das correias dos ombros.

—vou dar isto a Sila — disse Sílio a César, enquanto recebiam na tribuna, juntamente com os outros militares condecorados, as saudações do exército. — Ele pode ter-nos negado a possibilidade de voltar para casa, mas foi suficientemente justo para nos conceder as condecorações. — E, olhando com admiração para a coroa de folhas de carvalho de César, acrescentou: — És um verdadeiro soldado, menino. Nunca vi melhor.

E esse comentário, disse César para si mesmo mais tarde, era um elogio mais valioso do que todas as congratulações e trivialidades que Lúculo, Termo e os legados lhe tinham dirigido durante o banquete dado em sua honra. Gabínio, Octávio, Lipo e Rufo estavam muito felizes com o que sucedera. Quanto aos dois Lêntulos, estavam muito calados. Mas Bíbulo, que não era um cobarde mas que não ganhara nada pois limitara-se a servir de mensageiro durante a batalha, não conseguia estar calado.

— Eu devia ter adivinhado — disse ele, amargamente. — O que tu fizeste, qualquer um de nós poderia ter feito. Bastava que tivéssemos a sorte de nos vermos na mesma situação que tu. Mas a sorte vai toda para ti, César. Sob todos os aspectos.

César desatou a rir-se, jovialmente, enquanto afagava Bíbulo sob o queixo, um gesto que se tornara um hábito; foi Gabínio quem acabou por protestar.

— Quando dizes isso, Bíbulo, estás a negar a César o mérito das suas acções — disse ele, irado. — César pôs-nos a todos a um canto, e de duas maneiras: com o trabalho que realizou durante o Inverno e com o trabalho, muito mais duro, que realizou durante a batalha! Sorte? A sorte, meu tacanho, meu pateta invejoso, não é para aqui chamada!

— Oh, Gabínio, não te deves aborrecer com ele — disse César, que não tinha a mínima

dificuldade em mostrar-se cortês, e que sabia que isso ainda irritava mais Bíbulo, tanto que quase o deixava a chorar. — Há sempre um elemento de sorte. Mas trata-se de uma sorte especial! É um sinal dos favores de Fortuna, por isso ela só pertence aos homens com capacidades superiores. Sila tem sorte. É ele o primeiro a dizê-lo. Mas esperem e verão! A sorte de César tornar-se-á por demais conhecida!

— E a de Bíbulo, pura e simplesmente, não existirá — disse Gabínio, mais calmo.

— Provavelmente — retorquiu César, num tom que indicava que o assunto em causa o deixava completamente indiferente.

Termo, Lúculo e os seus legados, oficiais e tribunos, regressaram a Roma em finais de Junho. O novo governador da Província da Ásia, Caio Cláudio Nero, chegara entretanto a Pérgamo e Sila autorizara Lúculo a regressar, informando-o, ao mesmo tempo, de que ele e o irmão, Varrão Lúculo, seriam edis curuis no ano seguinte.

"Quando chegares a Roma", concluía a carta de Sila, "já serás edil curul. Quanto ao meu papel como casamenteiro, peço-te desculpa, mas não quero voltar a desempenhá-lo — pelos vistos, a minha proverbial sorte não me acompanha nesse terreno particular. Já deves saber que a esposa de Pompeu morreu. Além disso, meu caro Lúculo, se gostas de rapariguinhas novas, não será melhor seguires esse caminho, apesar de menos próprio? É que, mais tarde ou mais cedo, acabarás por encontrar um nobre arruinado, desejoso de te vender a sua filhinha. Mas que acontecerá quando ela crescer? É que todas crescem, não sei se sabes!".

Se Lúculo não tinha nenhuma noiva à sua espera em Roma, Marco Valério Messala Rufo, mal chegou, teve de tratar de um casamento, não do seu, mas do da sua irmã. Quando ele ainda se encontrava no Oriente, Valéria Messala mandara-lhe angustiadas missivas em que o informava de que o marido se divorciara dela. Embora ela continuasse a jurar que amava o marido com todo o seu ser, o divórcio provara claramente que o marido não nutria por ela ponta de afeição. Porquê, ninguém entendia. Valéria Messala era bela, inteligente, bem educada e nada maçadora; não gostava de mexericos, não era gastadora e não andava atrás de outros homens.

Um dos mais ricos plutocratas da cidade morrera em fins de Junho e os seus dois filhos, para honrarem a sua memória, organizaram uns magníficos jogos no Fórum Romano. Estavam previstos combates entre vinte pares de gladiadores, vestidos com os seus trajes ornamentados a prata; não seriam, porém, vinte os combates, mas apenas dois, cada um dos quais envolvendo dez

pares de gladiadores — os organizadores dos jogos tinham preferido o estilo trácio ao estilo gaulês, que eram os únicos dois estilos de luta praticados nessa época. Desejoso de se divertir, Sila não podia faltar. Por isso, os dois irmãos resolveram instalar o Ditador num lugar especial, no meio da fila da frente, onde Sila podia estar à vontade, sem se sentir esmagado pela multidão.

Não havia nada na mos maiorum que impedisse as mulheres de assistir a este tipo de jogos, podendo mesmo sentar-se ao lado dos homens; os jogos fúnebres tinham mais a ver com circo do que teatro. E o primo de Valéria, Marco Valério Messala Nigro, que acabara de obter um belo triunfo, por ter contratado Cícero para defender Róscio de Améria, pensou que talvez Valéria animasse um pouco se a levasse a ver os jogos.

Sila encontrava-se já instalado no seu lugar de honra quando os primos chegaram. Os lugares estavam já quase todos ocupados e os primeiros dez pares de gladiadores encontravam-se já no seu ringue com o chão coberto de serradura, exercitando os músculos, enquanto esperavam que os irmãos dessem início aos jogos com as orações e o sacrifício escolhidos para agradar ao falecido. Quando uma lotação esgotava, era muito útil ter amigos bem nascidos, e especialmente ter uma tia que fosse simultaneamente uma ex-vestal e a filha de Metelo Baleárico. Sentada ao lado do irmão, Metelo Nepo, da mulher deste, Licínia, e do primo Metelo Pio o Bacorinho (que era cônsul nesse ano, e logo uma personagem extremamente importante), a ex-vestal Cecília Metela Baleáricf tinha guardado dois lugares que ninguém se atrevera a disputar.

Para lá chegarem, Messala Nigro e Valéria Messala tinham de abrir caminho entre os que ocupavam a segunda fila e, portanto, imediatamente atrás do Ditador. Sila, como toda a gente notara, estava com um ar bem-disposto e descansado, talvez porque o tacto e a eficiência de Cícero lhe tinham permitido mitigar os ressentimentos causados pelas proscrições e eliminar um problema chamado Crisógono. O Fórum estava a abarrotar de gente: o povo miúdo empoleirava-se mesmo nos telhados e nos lanços de escadas, ao passo que os elementos mais importantes da cidade ocupavam as bancadas de madeira à volta do ringue, um quadrado com uma vedação de cordas e cerca de doze metros de lado.

Em Roma, quem chegasse atrasado a um espectáculo arriscava-se a ouvir os maiores impropérios por parte daqueles que já estavam confortavelmente sentados; Messala Migro não dava a mínima importância

aos protestos, mas a pobre Valéria sentia-se obrigada a pedir desculpa a toda a gente. A certa altura, deu consigo mesmo atrás do Ditador de Roma; aterrorizada perante a possibilidade de o incomodar, fixou os olhos na nuca e nos ombros de Sila, convencida de que, desse modo, evitaria tocar-lhe. Sila tinha a sua ridícula peruca, como seria de esperar, e usava uma toga praetexta, com debrum púrpura. Viera acompanhado dos seus vinte e quatro lictores, todos eles agachados no chão em frente da primeira fila. Ao passar por ele, Valéria reparou num fio de lã púrpura que se colara às dobras brancas da toga, no ombro esquerdo de Sila; e não hesitou: puxou o fio de lã.

Sila nunca mostrara o mínimo resquício de medo quando se encontrava entre multidões: parecia sempre acima dessas coisas, como se desconhecesse o perigo. Porém, ao sentir aquele toque leve no ombro, Sila assustou-se, saltou da cadeira e virou-se tão rapidamente que Valéria, muito mais assustada que ele, recuou e acabou por pisar os pés do espectador que estava atrás dela. Ainda com uma ligeira névoa de terror toldando-lhe os olhos, Sila deu de caras com uma mulher tomada de pânico, uma mulher ruiva, de olhos azuis e juvenilmente bela.

— Peço imensa desculpa, Lúcio Cornélio — conseguiu ela dizer; depois, molhando os lábios, procurou explicar a sua conduta. Procurando ter uma aparência mais descontraída, mostrou-lhe o fio de lã e disse: — Estás a ver? Estava no teu ombro. Pensei que, se o tirasse, talvez ficasse com um bocadinho da tua sorte. — Os olhos dela encheram-se de lágrimas que, resolutamente, tentou controlar, e a sua bela boca começou a tremer. — É que eu preciso tanto de sorte!

Sorrindo para a jovem sem abrir os lábios, Sila pegou-lhe na mão e fechou-lha com ternura, para que ela guardasse a inocente causa de tanto medo.

— Fica com o fio de lã. Faço votos para que te dê sorte! — disse ele, e voltou a sentar-se.

Porém, ao longo dos jogos gladiatoriais, Sila não parou de se virar para trás, espreitando Valéria e o grupo com que ela estava; e Valéria, apercebendo-se perfeitamente daqueles olhares inquisidores, sorria para ele nervosamente, enrubescia e desviava o olhar.

— Quem é ela? — perguntou Sila ao Bacorinho quando a multidão, satisfeita com os magníficos combates, começou a dispersar.

É claro que todo o grupo de Valéria (e muitas outras pessoas) tinha reparado nos olhares de Sila. Por isso, Metelo Pio não fingiu qualquer espanto.

— Valéria Messala — disse. — Prima de Nigro e irmã de Rufo, que está prestes a chegar do cerco de Mitilene.

— Ah! — disse Sila, acenando com a cabeça. — Tão bem nascida quanto bela. O marido divorciou-se dela há pouco tempo, não foi?

— Inesperadamente e por nenhuma razão aparente. Ela ficou destroçada.

— Estéril? — perguntou o homem que, em tempos, se divorciara por a esposa ser estéril.

A expressão do Bacorinho denunciava algum desdém pelo ex-marido de Valéria.

— Duvido muito, Lúcio Cornélio. Aposto que ela não teve filhos meramente por falta de uso.

— Hmm! — Sila reflectiu por um instante e, depois, muito animado, disse a Metelo Pio:

— Ela tem de vir jantar comigo amanhã. Diz a Nigro e a Metelo Nepos que venham. E tu também vens, é claro. Mas não quero mais mulheres no jantar.

Mal chegou a Roma, o tribuno militar júnior Marco Valério Messala Rufo foi chamado à presença do Ditador, que lhe falou sem rodeios. Estava apaixonado pela irmã de Rufo e queria casar com ela.

— Que podia eu responder? — perguntou Rufo ao seu primo Nigro.

— Espero que tenhas respondido: ”Encantado”!

— Foi isso mesmo que respondi.

— Óptimo!

— Mas o que é que sente a minha pobre irmã? Ele é tão velho e feio! Nem tive oportunidade de perguntar a Valéria se ela sentia alguma coisa por ele!

— Valéria será feliz, Rufo. Ele pode não ser nenhuma beldade, mas é o rei não oficial de Roma — e é tão rico como Creso! Para Valéria, um tal casamento, se não for outra coisa, será pelo menos um bálsamo para a ferida de um divórcio imerecido — argumentou Nigro. — Isto para não falar das vantagens que o casamento trará para todos nós! Creio que ele está a pensar nomear-me pontífice; e, para ti, reserva-te um cargo de augure. Por isso, bico calado e dá graças aos deuses!

Rufo seguiu o sensato conselho do primo, tanto mais que ficou a saber que a irmã

achava Sila um homem atraente e agradável e queria realmente casar-se com ele.

Convidado para o casamento, Pompeu encontrou um momento para conversar em privado com o Ditador.

— Quem me dera ter só metade da tua sorte — disse o jovem, com um ar deprimido.

— De facto, não tens tido muita sorte com as tuas esposas, pois não? — perguntou Sila, deliciado com o casamento e a boda e mostrando a melhor das disposições em relação a toda a gente.

— Valéria é uma bela mulher — concedeu Pompeu. Os olhos de Sila dançaram.

— Só e abandonado, Pompeu?

— Isso mesmo, por Júpiter!

— Mas Roma está cheia de belas aristocratas, Pompeu! Porque não escolhes uma e pedes a mão dela ao seu tata?

— Eu não tenho jeito para esse género de campanhas.

— Disparates! Tu és jovem — és rico — és bonito — e és famoso — disse Sila, que gostava de enumerar as bases dos seus argumentos. — Pede uma mulher em casamento, Magno! É tudo o que tens a fazer: pedir! Só um pai muito esquisito é que seria capaz de te dizer que não.

— Não tenho jeito para esse género de campanhas — repetiu Pompeu.

Os olhos que, um momento antes, dançavam nas órbitas, examinavam agora o jovem com não pouca astúcia; Sila sabia perfeitamente por que razão Pompeu não se atrevia a pedir uma mulher em casamento. Tinha medo de que a sua origem pesasse demasiado na balança, pois era com uma jovem patrícia que desejava casar-se. Pompeu ambicionava o melhor para si; por outro lado, como tinha de si mesmo uma opinião exageradamente elevada, era de prever que não se contentasse com casamentos inferiores. Porém, o facto de ser um Pompeu do Piceno impedia-o de avançar: quem sabe se não seria recusado? Em suma:

o que Pompeu queria era que fosse o pai da jovem a pedir a mão dele. E, até agora, nenhum pai se dispusera a fazê-lo.

De repente, Sila teve uma inspiração, o mesmo tipo de inspiração que o levara a dotar Roma de um Pontifex Maximus gago.

— Importavas-te se fosse uma viúva? — perguntou ele, os olhos dançando de novo.

— Desde que não seja tão velha como a República...!

— Julgo que deve ter uns vinte e cinco anos.

— É aceitável. A mesma idade que eu.

— Mas não tem dote.

— A origem interessa-me muito mais do que o dote.

— A origem dela — retorquiu Sila com um ar feliz — é absolutamente esplêndida, tanto por parte do pai, como por parte da mãe. Origens plebéias, mas magníficas!

— Quem é? — perguntou Pompeu, debruçando-se para Sila. — Quem é?

Sila desceu do divã e ficou a olhar para ele com um ar algo vacilante.

— Espera que eu volte da lua-de-mel, Magno. Depois vem ter comigo e volta a perguntar-me.

Para Caio Júlio César, o regresso a Roma significara um triunfo que, provavelmente, nunca encontraria igual. Além de estar livre, estava vingado. Tinha ganho uma importante coroa pelo seu comportamento no campo de batalha.

Sila mandou-o chamar imediatamente e César encontrou o Ditador com a melhor das disposições; a entrevista teve lugar pouco antes do casamento de Sila — de que toda a Roma falava já, embora não houvesse ainda nada de oficial. Foi por isso que César não se referiu uma única vez ao casamento.

— Muito bem, meu rapaz! Excedeste-te a ti mesmo!

Que responder àquilo? Depois do que Lúculo lhe dissera, César decidira que nunca mais se mostraria ingênuo, fosse com quem fosse.

— Espero que não, Lúcio Cornélio! Fiz o melhor que pude, mas posso fazer muito melhor!

— Não duvido. Basta olhar para ti. — Sila lançou-lhe um olhar especialmente malicioso — Disseram-me que, na Bitínia, conseguiste uma frota de uma excelência sem paralelo.

César não conseguiu evitar um ligeiro enrubescimento.

— Fiz o que me mandaram. Exactamente o que me mandaram — retorquiu ele, com uma expressão tensa.

— O assunto ainda te deixa nesse estado? — perguntou Sila.

— A acusação de que me prostituí para obter a frota não tem o mínimo fundamento.

— Deixa-me dizer-te uma coisa, César — disse o Ditador, cujo rosto parecia mais

jovem e agradável do que da última vez que César o vira, mais de um ano antes. — Nós fomos ambos vítimas de Caio Mário. Mas tu, pelo menos, estás completamente livre dele aos... vinte anos?

— Sim, vinte anos — disse César.

— Pois eu tive de suportá-lo até aos cinqüenta. Portanto, podes dar-te por feliz. E, se isto te serve de consolação, devo dizer-te que me estou perfeitamente marimbando para o facto de um homem dormir com quem quer que seja: o que me interessa é que ele sirva bem Roma.

— Não, não me serve de consolação — atirou-lhe César. — Porque eu não seria capaz de vender a minha honra: nem por Caio Mário, nem por ti, nem por Roma!

— Nem mesmo por Roma?

— Se Roma é aquilo que eu penso, nunca me pediria que vendesse a minha honra.

— Sim, de facto essa é uma boa resposta — retorquiu Sila, aquiescendo. — Só é pena que não corresponda inteiramente à realidade. Roma, como tu descobrirás, pode ser uma rameira tão viciosa como a maior das rameiras. Tu não tens tido uma vida fácil, embora a minha tenha sido muito mais dura. Mas tu és como eu, César. Vejo-o tão bem! Tal como a tua mãe, aliás. O estigma é uma realidade. E tu vais ter de viver com ele. Quanto mais famoso fores, quanto mais eminente for a tua dignitas, tanto mais Roma falará do caso. De mim também disseram que assassinei mulheres para poder entrar para o Senado. A diferença existente entre nós não é uma diferença de natureza, mas de ambição. Eu só queria ser cônsul e depois consular, e talvez censor. Era aquilo a que eu tinha direito. Quanto ao resto, fui empurrado a fazê-lo, sobretudo por Caio Mário.

— Eu não quero mais do que isso — retorquiu César, surpreendido.

— Interpretaste-me mal. Eu não estou a falar de cargos, mas sim de ambição. Tu, César, queres ser perfeito. Não permites que te aconteça nada que possa tornar-te menos perfeito. Não é a injustiça do estigma que te apoquenta — porque aquilo que te faz sofrer é o facto de esse estigma te desviar da tua perfeição. Honra perfeita, carreira perfeita, folha de serviços perfeita, reputação perfeita. In suo armo sempre e sob todos os aspectos. E porque exiges a ti próprio a perfeição, exigirás a perfeição a todos os que te rodeiam — e quando eles se revelarem imperfeitos, rejeitá-los-ás. A perfeição consome-te tanto quanto me consumiu a mim a luta por aquilo a que tinha direito.

— Eu não me considero perfeito!

— Eu não disse isso. Ouve-me com atenção! Eu disse que tu queres ser perfeito. Que tu queres ser a personificação do escrúpulo. E isso não mudará. Tu não mudarás. Mas quando tiveres de mudar, farás tudo o que for preciso para mudar. E sempre que não te achares perfeito, odiarás essa ausência de perfeição — e odiar-te-ás a ti mesmo. — Sila pegou num papel. — Este é o decreto quevou afixar amanhã nos rostra. Ganhaste a Coroa Cívica. De acordo com as minhas leis, isso dá-te direito a entrar para o Senado, a ter um lugar especial no teatro e no circo, e a ser saudado com uma ovação de pé sempre que apareceres com a Coroa. Deverás usá-la no Senado, no teatro e no circo. A próxima reunião do Senado é daqui a quinze dias. Espero ver-te na Cúria Hostil.

E a entrevista chegava ao fim. Porém, quando chegou a casa, César encontrou outro galardão atribuído por Sila: um jovem e magnífico garanhão de pelagem castanha. Atada à crina vinha uma nota: ”Não precisas de continuar a montar uma mula, César. Tens a minha total autorização para montar este cavalo. No entanto, ele não é completamente perfeito. Repara nas suas patas.”

César foi ver as patas do cavalo e desatou a rir. É que os cascos do garanhão, caso invulgar num cavalo, dividiam-se em dois dedos, um pouco como as patas de uma vaca.

Lúcio Decúmio tremeu ao ver aquilo.

— Devias castrá-lo! — disse ele, sem entender a razão de tanto riso. — É melhor que ele não deixe descendência!

— Pelo contrário — disse César, limpando os olhos, pois chorara de tanto rir. — Não é grande montada, pois não pode ser ferrado. Mas o jovem Dedos vai estar comigo em todas as batalhas! E quando não for comigo para a guerra, estará a cobrir as minhas éguas em Bovilas. Lúcio Decúmio, este cavalo traz sorte! Tenho de ter sempre um Dedos. Porque assim nunca perderei uma batalha.

A mãe apercebeu-se imediatamente de que havia algo de diferente no filho e interrogava-se por que razão estaria ele tão triste. Tudo lhe correra tão bem! Tinha regressado com a coroa cívica e coberto de louvores. Nem sequer tinha gasto tanto dinheiro quanto ela temia; o rei Nicomedes dera-lhe ouro, e recebera uma elevada percentagem dos despojos de Mitilene precisamente por ter ganho a Coroa Cívica.

— Não compreendo — disse Caio Macio, sentado no chão do jardim, com as mãos sobre os joelhos, fitando César, sentado ao seu lado. — Dizes que a tua honra foi desacreditada e, no entanto, recebeste um saco de ouro do velho rei. Não foi um erro da tua parte?

Aquela pergunta, vinda de outra pessoa, não teria sido tolerada por César. Mas Macio era seu amigo desde a infância. César respondeu-lhe, com um ar pesaroso:

— Teria sido, se a acusação tivesse surgido antes do ouro. Quando o velho me deu o ouro, tratava-se, muito simplesmente, de um presente dado pelo anfitrião a um visitante. Exactamente o que qualquer rei cliente deve dar a um enviado oficial do seu patrono, Roma. Da mesma forma que paga o seu tributo, o rei cliente concede naturalmente presentes aos enviados de Roma. — E, encolhendo os ombros, acrescentou: — Eu recebi o presente com gratidão, Pústula. A vida nas campanhas de guerra é dispendiosa. Eu não tenho gostos caros, mas uma pessoa é obrigada a contribuir para o rancho, para os jantares especiais e para os banquetes, para luxos que todos perseguem. Os vinhos têm de ser os melhores, as comidas são ridiculamente requintadas — e não interessa se os meus gostos em bebidas e comidas são baratos. Por tudo isto, o ouro foi muito importante para mim. Depois de Lúculo me ter dito o que disse, ainda pensei devolver o ouro. Mas apercebi-me de que, se o fizesse, magoaria o rei. Como é evidente, não lhe podia dizer o que Lúculo e Bíbulo me disseram.

— Sim, estou a perceber — retorquiu Caio Macio, suspirando. — Sabes, Pavo, estou tão contente por não ter de ser senador ou magistrado. É muito mais agradável ser um vulgar cavaleiro dos tribuni aerarii!

César não podia compreender a posição do amigo e, por isso, não fez qualquer comentário. Em vez disso, voltou ao tema chamado Nicomedes.

— Eu comprometi-me a regressar à Bitínia — disse. — E isso só servirá para aumentar os boatos. Quando eu era flamen Dialis, pensava que ninguém ligava nenhuma aos feitos de pessoas como os tribunos militares júniores. Verifico agora que a realidade é muito diferente. As pessoas adoram mexericos! Só os deuses sabem a quantas pessoas Bíbulo não terá contado a história que ele próprio inventou! Mas também não ponho as mãos no fogo por Lúculo. Ou pelos Lêntulos, já agora. É mais que certo que algum deles contou a história a Sila, enchendo-a de pormenores picantes.

— Sila tem-te favorecido — disse Macio, com um ar pensativo.

— É verdade. Embora, francamente, eu não perceba porquê.

— Se tu não percebes, então que direi eu?! — Jardineiro inveterado, Macio reparou em duas folhas minúsculas de uma minúscula erva e apressou-se a arrancar a intrusa. — Seja como for, César, parece-me que terás de esperar que essa história seja esquecida. E acabará por ser. É o que acontece a todas as histórias.

— Sila diz que não. Macio torceu o nariz.

— Provavelmente porque as histórias que se contam acerca dele não foram esquecidas. Francamente, César! Vocês são muito diferentes: ele é mau, é perverso. Tu, não. Nunca poderias sê-lo.

— Eu sou capaz de matar, Pústula. Todos os homens são.

— Eu não disse que tu não eras, Pavo. A diferença é que Sila é um homem mau e tu não és — insistiu Caio Macio, e daí não arredou pé.

Após o casamento, Sila e Valéria partiram para a lua-de-mel na villa de Miseno. Mas o Ditador estava de volta para a reunião do Senado, para a qual César fora convocado. Aos 20 anos, César era um dos mais novos senadores de Sila. Senador pela segunda vez aos 20 anos! Aquele deveria ter sido o dia mais maravilhoso da sua vida: entrar num Senado cheio, com a coroa de folhas de carvalho na cabeça, e ver todos os senadores — incluindo consulares tão veneráveis como Flaco Princeps Senatus e Marco Perperna — levantar-se e aplaudi-lo vigorosamente, no que era a única excepção às novas regras de conduta que Sila aprovara para o Senado!

Em vez disso, o jovem César deu consigo a examinar atentamente todos os rostos, à procura de um sinal de troça ou desprezo, perguntando-se até que ponto a história se teria espalhado e quem é que, entre aqueles homens, estaria a pensar mal dele. A sua entrada no Senado acabou por ser uma agonia; e o pior ainda foi quando subiu para a última fila — a fila dos pedarii, onde pensava que devia sentar-se — e Sila lhe gritou que se sentasse com os homens da fila do meio, aquela onde ficavam os heróis de guerra. Claro que alguns senadores soltaram uns risinhos; mas eram risinhos ternos, provocados apenas pelo embaraço do jovem. César, porém, como seria de esperar, tomou-os como troça, de tal forma que, nesse momento, teria dado tudo para poder refugiar-se no canto mais escuro da sala. Contudo, apesar de tudo isso, nem uma lágrima lhe molhou os olhos.

Quando chegou a casa, depois da reunião (uma reunião particularmente maçadora), encontrou a mãe à sua espera na sala de entrada. Aquilo não era habitual em Aurélia: raramente deixava o seu gabinete. Nervosa, Aurélia esperara pacientemente pelo filho, sem fazer a mínima ideia de como abordar um assunto que, sabia-o bem, ele não desejava discutir. Tudo teria sido menos penoso se ela fosse uma criatura com facilidade de conversação. Mas não era esse o seu caso. Por isso, manteve-se em silêncio enquanto ele se desembaraçava da toga. Depois, quando o viu encaminhar-se para os seus aposentos, sentiu que aquele era o momento de dizer qualquer coisa, pois, caso contrário, não mais o veria até ao dia seguinte e o melindroso assunto não seria abordado.

— César — disse ela, e calou-se.

Desde que ele vestira a toga de adulto que era seu costume tratá-lo pelo apelido, sobretudo porque, para ela, ”Caio Júlio” era o seu marido. Além disso, César era para ela, em grande parte, um estranho: esse era o preço que estava agora a pagar por ter mantido entre os dois uma grande distância, convencida de que o excesso de afeição ou solicitude poderia ser prejudicial para o filho.

Ele parou e virou-se para a mãe, com uma sobrancelha ligeiramente erguida.

— Mãe?

— Senta-te. Quero falar contigo.

Ele sentou-se, com uma expressão levemente inquisitiva, como se ela não pudesse ter nada de importante para lhe dizer.

— César, que aconteceu no Oriente? — perguntou ela, sem mais rodeios.

Agora, a expressão de César era, ao mesmo tempo, inquisitiva e divertida.

— Cumpri o meu dever, ganhei uma Coroa Cívica e os elogios de Sila — retorquiu.

Aurélia fitou-o com a sua bela boca franzida pela zanga.

— Tu não és homem de subterfúgios, César.

— Não se trata de subterfúgios, mãe.

— Mas também não me disseste o que eu preciso de saber! Ele começava a retrair-se e o seu olhar era agora um gelo.

— Não te posso dizer aquilo que não sei.

— Podes dizer-me mais do que disseste.

— Acerca de quê?

— Acerca do problema.

— Que problema?

— O problema que eu encontro em todos os teus movimentos, em todos os teus olhares, em todos os teus subterfúgios.

— Não há problema nenhum.

— Não acredito.

Ele levantou-se, com a intenção de se retirar para os seus aposentos.

— O que tu acreditas ou não, é contigo, Mater. Não há problema nenhum.

— Senta-te!

Ele sentou-se, com um leve suspiro.

— César, eu acabo por descobrir. Mas preferia que fosses tu a contar-me.

César inclinou a cabeça, cerrou os seus longos dedos, fechou os olhos. Depois, suspirou de novo e encolheu os ombros.

— Eu obtive uma frota magnífica do rei Nicomedes da Bitínia. Pelos vistos, foi um feito absolutamente invulgar. O problema é que, posteriormente, começaram a dizer que eu tinha obtido a frota por ter tido relações sexuais com o rei. Por isso, as pessoas falam de mim não pela minha coragem, ou eficiência, ou mesmo astúcia, mas sim porque, pretensamente, vendi o meu corpo para alcançar os meus fins — disse ele, de olhos ainda fechados.

Aurélia não se desfez em compreensão, não soltou nenhuma exclamação de horror, não pôs uma máscara de indignação. Pelo contrário: não disse nada, até que o filho se sentiu obrigado a abrir os olhos e a fitá-la. Os seus olhares encontraram-se: os olhares de dois iguais, de duas pessoas notáveis que achavam uma na outra mais sofrimento que consolo, mas que, no entanto, estavam preparadas para enfrentar a causa desse sofrimento.

— Um grande problema — disse ela.

— Um estigma imerecido.

— É evidente.

— E eu não posso lutar contra isso, Mater!

— Vais ter de lutar, meu filho.

— Então diz-me como!

— Tu sabes como, César.

— Não sei, mãe, francamente não sei! — retorquiu ele, gravemente, com uma expressão que denunciava claramente a sua incerteza. — Tentei ignorar os boatos, mas isso é muito difícil, pois sei o que toda a gente está a pensar.

— Qual é a fonte desses boatos? — perguntou ela.

— Lúculo.

— Ah, estou a ver... Era de prever que acreditassem nele.

— E acreditaram, de facto.

Durante um longo momento, Aurélia nada disse. Ponderava bem o caso. E César pôde uma vez mais maravilhar-se com a capacidade que a mãe tinha de controlar os seus sentimentos, de se distanciar das questões pessoais. Finalmente, Aurélia começou a falar lenta e cuidadosamente, pesando bem todas as palavras que dizia.

— Tens de ignorar os boatos: esse é o primeiro passo, e o mais importante. Se discutires o caso com alguém, estarás a pôr-te na defensiva. E revelarás a importância que ele tem para ti. Pensa um pouco, César. Tu sabes que essa é uma acusação séria, tendo em conta a tua carreira política futura. Mas tu não podes permitir que os outros percebam que dás importância à gravidade da acusação! Por isso, deves ignorá-la para o resto dos teus dias.

O melhor do caso é que aconteceu agora e não daqui a dez anos. Um homem de trinta anos teria muito mais dificuldade em enfrentar este problema. Deves estar grato por isso. Muita coisa acontecerá nos próximos dez anos. Mas a nódoa não poderá voltar a surgir. O que tens de fazer, meu filho, é lutar duramente para apagar essa nódoa. — Um sorriso iluminou-lhe os olhos.

— Até agora, tens tido aventuras unicamente com mulheres do bairro de Subura. Mulheres do povo. Sugiro-te, César, que comeces a pensar em aventuras mais elevadas, do ponto de vista da escala social. Não percebo porquê, mas a verdade é que tu produzes um efeito extraordinário nas mulheres! Por isso, a partir de agora, os teus pares devem ficar a conhecer os teus êxitos. Quero dizer com isto que deves concentrar-te nas mulheres que contam, nas mulheres proeminentes da nossa sociedade. Não as cortesãs como Précia, mas as mulheres nobres. As grandes senhoras.

— O quê? Desflorar uma série de Domícias e Licínias? — perguntou ele, com um sorriso largo.

— Não! — exclamou ela, vivamente. — Raparigas solteiras, nunca! Nem pensar! As tuas aventuras devem ser com as esposas de homens importantes.

— Edepol! — exclamou o filho.

— Combate o fogo com o fogo, César. Não há outra maneira. Se os teus casos amorosos não chegarem ao conhecimento público, toda a gente pensará que tens aventuras com homens. Por isso, as tuas aventuras deverão ser tão escandalosas quanto possível. É preciso que fiques conhecido como o homem de Roma que mais facilmente leva as mulheres a cometer adultério. Mas escolhe as tuas presas com muito cuidado. — Aurélia abanou a cabeça, perplexa com as recordações que lhe surgiam naquele momento. — Em tempos que já lá vão, Sila era conhecido por deixar as mulheres completamente doidas. Pelo menos numa ocasião pagou um duro preço — quando Dalmática ainda estava casada com Escauro. Sila evitou-a escrupulosamente, mas mesmo assim Escauro castigou-o, impedindo-o de ser eleito pretor. Graças a Escauro, Sila teve de esperar seis anos para ser eleito.

— Estás a tentar dizer-me quevou fazer inimigos?

— Estarei? Não, não estou. Porque creio que os problemas de Sila surgiram precisamente pelo facto de ele não ter permitido que Dalmática enganasse o marido. Se Sila tivesse acedido aos apelos de Dalmática, Escauro teria tido muito mais dificuldade em vingar-se. Um homem de quem toda a gente se ri dificilmente suscita admiração. Compaixão, sim. Escauro venceu o confronto porque Sila lhe permitiu manter uma aparência nobre — a aparência do marido clemente, mas que pode continuar a olhar para toda a gente de cabeça levantada. Por isso, quando escolheres uma mulher, deves ter a certeza de que quem ficará a perder será o marido. Não escolhas uma mulher que seja capaz de te recusar — e, sobretudo, nunca escolhas uma mulher capaz de te seduzir e enganar até ao momento em que, publicamente, manifeste a sua rejeição.

César fitava a mãe com um respeito profundo, um respeito absolutamente novo, que a sua expressão traduzia eloqüentemente.

— Mater, tu és a mulher mais extraordinária ao cimo da terra! Onde é que foste buscar

tanta sabedoria sobre as coisas do mundo? És tão vertical e virtuosa como Cornélia, a mãe dos Gracos, e, no entanto, acabas de dar ao teu filho o mais terrível dos conselhos!

— A razão é simples: já vivo há muitos anos em Subura — disse ela, satisfeita. — Mas há outra razão, mais importante: tu és meu filho, e foste difamado. Aquilo que faço por ti não o faria por mais ninguém, nem mesmo pelas tuas irmãs. Se fosse preciso, era capaz de matar por tua causa. Mas matar não resolveria o problema que temos entre mãos. Por isso, acho preferível matar algumas reputações. Olho por olho, dente por dente.

César tinha vontade de a abraçar, mas os velhos hábitos de relacionamento entre os dois eram mais fortes: limitou-se a pegar na mão dela e a beijá-la.

— Agradeço-te muito, Mater. Eu também seria capaz de matar por ti, com a mesma facilidade e prazer. — Nesse momento, lembrou-se do conselho da mãe e estremeceu até de contentamento. — Ah, estou desejoso que Lúculo se case! Lúculo e aquele monte de esterco do Bíbulo!

No dia seguinte, César teve de confrontar-se uma vez mais com as mulheres, ainda que num contexto muito diverso dos casos amorosos.

— Júlia mandou-nos chamar — disse-lhe Aurélia, antes que ele pudesse partir para o Fórum Romano.

Lembrando-se de que ainda não tinha achado tempo para se encontrar com a sua querida tia, César não levantou qualquer objecção.

O dia estava agradável e quente, mas, àquela hora matutina, a caminhada desde Subura ao Quirinal era um verdadeiro prazer. César e Aurélia subiram a Vicus ad Malum Punicum, a rua que conduzia ao templo de Quirino, na Alta Semita. Aí, no encantador recinto de Quirino, encontrava-se a macieira púnica, plantada por Cipião Africano depois da sua vitória sobre Cartago. Ao lado dela, havia duas murtas muito antigas, uma para os plebeus, outra para os patrícios. Porém, durante os caóticos eventos que se tinham seguido à Guerra Italiana, a murta patrícia começara a mirrar, encontrando-se agora praticamente morta, ao passo que a murta plebéia estava ainda florescente. Pensava-se que aquele fenômeno significava a morte do Patriciado; daí que, ao ver a murta seca e mirrada, César sentiu-se triste. Porque é que não tinham plantado uma nova murta patrícia?

Os cem talentos com que Júlia ficara, graças a autorização especial de Sila, tinham-lhe

permitido arranjar uma residência muito confortável, situada num caminho entre a Alta Semita e as Muralhas Sérvias. Era uma casa bastante grande e tinha a virtude de ter sido construída há pouco tempo; o rendimento de Júlia chegava perfeitamente para as suas necessidades diárias e para pagar aos escravos. Podia mesmo dar-se ao luxo de alojar e sustentar a nora, Múcia Tércia. Mas isso era escasso consolo para César e Aurélia, que lamentavam a mudança de vida a que Júlia fora obrigada.

A tia de César tinha quase 50 anos, mas nada nela parecia ter mudado. Apesar de estar agora mais pobre, isso não a levara a agarrar-se ao seu tear; pelo contrário, continuava a dedicar os seus tempos livres a obras de caridade. Embora o Quirinal não fosse propriamente um bairro pobre, continuava a. encontrar famílias necessitadas de ajuda, por razões que iam desde os hábitos alcoólicos à doença. Uma mulher mais presunçosa e sem tacto teria por certo sido rejeitada, mas não era esse o caso de Júlia: Júlia tinha a habilidade necessária para enfrentar aqueles casos; e todo o Quirinal sabia onde devia dirigir-se quando havia problemas.

Naquele dia, porém, Júlia não estava disponível para as suas obras de caridade. Ela e Múcia Tércia aguardavam com ansiedade a chegada dos familiares.

— Recebi uma carta de Sila — disse Múcia Tércia. — Diz que devo voltar a casar-me.

— Mas isso viola as suas próprias leis sobre as viúvas dos prescritos! — exclamou Aurélia, perplexa.

— Àquele que faz as leis não é nada difícil violá-las — disse César. — Basta um decreto especial e a coisa está feita.

— E quem é o teu marido? — perguntou Aurélia.

— O problema é esse — retorquiu Júlia, a testa franzida. — Sila não lhe disse. Pela leitura da carta, não se percebe sequer se ele tem alguém em mente ou se pretende que Múcia encontre marido.

— Deixem-me ver a carta — disse César. Leu a missiva num instante e devolveu-a. — Ele não se descose! Apenas te ordena que cases.

— Eu não quero casar-me outra vez! — exclamou Múcia Tércia.

Todos ficaram calados por um momento. Finalmente, César teve uma ideia:

— Escreve a Sila e diz-lhe isso mesmo. De uma maneira muito educada, mas, ao mesmo tempo, muito firme. E depois espera pelo que ele fizer.

Múcia tremeu.

— Mas eu não posso fazer isso!

— Podes. Sila adora que as pessoas o contestem.

— Que os homens o contestem, talvez. Mas não a viúva do jovem Mário.

— Que queres que eu faça, tia? — perguntou César a Júlia.

— Não tenho a mínima ideia — admitiu Júlia. — Como tu és o único homem da família, achei que devias ser informado.

— Não queres mesmo voltar a casar? — perguntou ele a Múcia.

— Não, César, não quero.

— Então, na minha qualidade de paterfamilias, irei escrever a Sila.

Nesse preciso instante, o velho chefe dos criados, Estrofantes, irrompeu, ofegante, pela sala.

— Domina, tens uma visita — disse ele a Júlia.

— Ah, que aborrecimento! — exclamou ela. — Diz que não estou, Estrofantes.

— Ele disse que queria ver Múcia Tércia.

— Ele, quem? — perguntou César.

— Cneu Pompeu Magno. César pôs um ar soturno.

— Pelos vistos, é ele o marido!

— Mas eu nunca o vi! — exclamou Múcia Tércia.

— Nem eu — disse César. Júlia virou-se para ele.

— Que havemos de fazer?

— Vamos recebê-lo, tia Júlia. — E César acenou para o velho criado. — Diz-lhe que entre.

O chefe dos criados voltou então ao átrio, onde se encontrava o visitante, transbordando de impaciência e de perfume de rosas.

— Segue-me, Cneu Pompeu — disse Estrofantes, cansado de tanta corrida.

Desde o casamento de Sila que Pompeu aguardava notícias sobre a misteriosa noiva. Esperava que Sila o mandasse chamar mal regressasse a Roma, mas tal não aconteceu. Finalmente, incapaz de esperar mais um segundo que fosse, foi ele próprio ter com Sila, decidido a arrancar-lhe a ansiada notícia.

— Que notícia? — perguntou Sila com um ar inocente.

— Sabes perfeitamente! — rosnou Pompeu. — Tu disseste que ias arranjar-me uma noiva!

— Disse, sim senhor! — retorquiu Sila, rindo-se satisfeito com a situado. — Ah, francamente! A impaciência da juventude!

— E quando é que me dizes quem é a noiva, vicioso torturador?

— Não me chames nomes, Magno! Não chames nomes ao Ditador!

— Quem é ela? Sila rendeu-se.

— A viúva do jovem Mário, Múcia Tércia — disse ele. — Filha de Cévola Pontifex Maximus e de Licínia, a irmã de Crasso Orador. Mas ela tem muito mais sangue dos Múcios Cévolas do que dos Licínios Crassos, porque o avô materno dela era irmão do avô paterno. E, como é evidente, ela é parente chegada das filhas de Cévola, o Augure, que se chamaram Múcia Prima e Múcia Secunda — daí terem-lhe chamado Múcia Tércia, embora haja cinqüenta anos de diferença entre ela e as outras duas. A mãe de Múcia Tércia ainda é viva. Cévola divorciou-se dela por adultério
com Metelo Nepos, com quem ela veio a casar-se mais tarde. Portanto, Múcia Tércia tem dois meios-irmãos que são Cecílios Metelos — Nepos Júnior e Célere. Um belo quadro de parentescos, não achas, Magno? com tão boa linhagem, não é justo que fique viúva o resto da vida, pois não? E, para mais, viúva de um proscrito! O meu querido amigo Bacorinho, que é primo dela, tem-me andado a atazanar o juízo por causa disso. — Sila recostou-se na sua cadeira.

— Então, Magno, achas que ela serve?

— Se serve? — retorquiu Pompeu, ofegante de excitação. — Não podia ser melhor!

— Óptimo — disse Sila. A montanha de trabalho que tinha sobre a secretária parecia chamá-lo; Sila debruçou-se sobre alguns dos papéis. Ao fim de um momento, ergueu a cabeça e lançou a Pompeu um olhar perplexo. — De que estás à espera, Magno? Eu escrevi a Múcia Tércia, dizendo-lhe que devia casar-se de novo. Por isso não há qualquer impedimento — disse Sila. — Vá, deixa-me só. Ah, e não te esqueças de me convidar para o casamento!

Pompeu correu a casa para tomar banho e mudar de roupa; enquanto isso, os seus criados puseram-se em acção para descobrir onde moraria agora Múcia Tércia. Conhecida a morada, Pompeu dirigiu-se imediatamente a casa de Júlia, deslumbrando toda a gente com a

brancura da sua toga e espalhando à sua volta um intenso odor a perfume de rosas. A filha de Cévola! A sobrinha de Crasso Orador! Parente dos mais importantes Cecílios Metelos! Isso significava que os filhos que ela lhe havia de dar seriam parentes de algumas das mais importantes famílias de Roma! Ah, que lhe interessava a ele que ela fosse viúva do jovem Mário! Nem que ela fosse tão feia como a Sibila de Cumas, havia de ser sua esposa!

Feia? Mas ela não era nada feia! Era uma mulher muito estranha e muito bela. Cabelo ruivo-escuro, olhos verdes-escuros, uma pele muito branca, impecável. Ah, e aqueles olhos? Não havia outros iguais em todo o mundo! Ah, mas que delícia de mulher! Pompeu apaixonou-se loucamente por ela ao primeiro olhar, ainda antes de terem trocado uma única palavra.

Não admira, pois, que quase não tivesse reparado nas outras pessoas que estavam na sala, mesmo depois de as ter cumprimentado. Foi buscar uma cadeira, sentou-se ao lado de Múcia Tércia e, muito nervoso, pegou-lhe na mão.

— Sila diz que vais casar comigo — disse Pompeu, sorrindo para ela com os seus dentes brancos e uns olhos azuis muito brilhantes.

— Eu não sabia de nada — disse ela, sentindo, inesperadamente, que a sua antipatia começava a dissipar-se, e isso porque aquele homem exultava de felicidade, além de ser, de facto, muito atraente.

— Pois foi o que Sila decidiu — retorquiu Pompeu, ofegante de excitação. — Mas tens de admitir que ele se preocupa em fazer o melhor para todos nós.

— É natural que penses assim — interveio Júlia, num tom gélido.

— Não creio que tenhas razões de queixa! Afinal, tratou-te melhor do que a todas as outras viúvas de prescritos — replicou, com muito pouco tacto, o apaixonado, de olhos postos na futura esposa.

Júlia quase lhe respondia que Sila fora o responsável pela morte do seu único filho. Mas reflectiu um pouco e calou-se: aquele parvo, pensou, estava demasiado ligado a Sila para poder ver o outro lado da questão.

Quanto a César, sentado a um canto da sala, examinava atentamente Cneu Pompeu Magno, que nunca antes vira. Pelo aspecto, não era um verdadeiro Romano: as marcas gaulesas, comuns aos Picentinos, eram demasiado óbvias no nariz arrebicado, no rosto largo, na covinha do queixo. Quanto ao que dizia, não tinha nada de romano, isso era mais que certo; era espantosa

a sua total ausência de subtileza. Miúdo Carniceiro. A alcunha assentava-lhe bem.

— Que achas dele? — perguntou Aurélia a César, a caminho de Subura, sob o sol do meio-dia.

— Seria mais adequado perguntar: que acha Múcia dele?

— Ah, gostou imenso dele. Muito mais do que alguma vez gostou do jovem Mário.

— Também não era difícil, Mater.

— Não.

— A tia Júlia vai sentir-se muito só, sem ela.

— É verdade. Mas Júlia tem sempre muito que fazer. Acabará por encontrar novas ocupações.

— É pena ela não ter netos.

— A culpa é toda do jovem Mário! — retorquiu acerbamente Aurélia.

Estavam quase a chegar à Vicus Patricius quando César voltou a falar.

— Mãe,vou ter de voltar à Bitínia — disse ele.

— À Bitínial Mas isso não é sensato, meu filho!

— Eu sei. Mas dei a minha palavra ao rei.

— Uma das novas regras de Sila não obriga todos os senadores a pedir autorização sempre que queiram deixar a Itália?

— Obriga, sim.

— Então, ainda bem — retorquiu Aurélia, satisfeita. — Deves mostrar a maior franqueza quanto ao destino da tua viagem. E, para além de Burgundo, deves levar Eutico.

— Eutico? — César parou para olhar para ela. — Mas Eutico é o teu chefe dos criados! Como é que te vais arranjar sem ele? E por que raio é que ele há-de ir comigo?

— Eu cá me arranjarei sem ele. E acho que ele deve ir contigo porque Eutico é natural da Bitínia. Deves dizer ao Senado que o teu liberto, que, para além do mais, é o teu chefe dos criados, tem de se deslocar à Bitínia para tratar dos seus negócios e que tu tens de acompanhá-lo, como é dever de qualquer patrão que se preze.

César desatou a rir.

— Sila tem toda a razão! Tu de vias ter sido um homem. E és tão romana! Tão subtil! Atiro-lhes à cara com o verdadeiro destino da minha viagem, em vez de fingir quevou à Grécia, o

que seria errado, pois acabaria por ser descoberto na Bitínia. Sim, porque as mentiras são sempre descobertas. — Nesse instante, ocorreu-lhe um outro pensamento. — A propósito de subtileza. Aquele Pompeu é tudo menos subtil, não achas? Quando ele disse aquilo à tia Júlia, só me apeteceu dar-lhe um murro em cheio naquela cara! E, por todos os deuses, que fanfarrão que ele é!

— Um fanfarrão em tudo, suspeito — disse Aurélia.

— Ainda bem que o conheci — disse César, com um ar grave. — Ele mostrou-me que a nódoa que afecta a minha reputação pode vir a revelar-se uma boa coisa.

— Que queres dizer com isso?

— Até agora, nada nem ninguém conseguiu pôr Pompeu no lugar que lhe compete. Ele tem um lugar nesta sociedade — mas um lugar que não é tão elevado nem tão digno como ele pensa.

As circunstâncias ajudaram-no a construir uma imagem de si mesmo que tem pouco a ver com a realidade. Até agora, foi-lhe dado tudo o que ele quis. Até mesmo uma noiva muito acima dos seus méritos. Por isso, ele habituou-se a pensar que as coisas hão-de ser sempre assim. Mas é evidente que não serão. Um dia, as coisas hão-de correr-lhe terrivelmente mal. E ele achará a lição intolerável. Eu, pelo menos, já aprendi a lição.

— Achas mesmo que Múcia está acima dos méritos dele?

— Porquê? Tu não achas? — perguntou César, surpreendido.

— Não, não acho. O nascimento dela é irrelevante para o caso. O que é importante é que Múcia foi a esposa do jovem Mário, e foi-o porque o pai, por conveniência, a deu em casamento a um filho de um Homem Novo. Ora, Sila não esquece esse género de coisas. Não esquece, nem perdoa. Ele deslumbrou aquele simplório com o nascimento dela. Mas não lhe explicou todas as razões que o levavam a dar Múcia em casamento a um homem que lhe é inferior.

— Astucioso!

— Sila é uma raposa, como todos os homens ruivos desde Ulisses.

— Então é uma boa ideia eu afastar-me de Roma.

— Até que Sila deixe o poder?

— Até que Sila deixe o poder. Ele diz que isso acontecerá depois de organizar as

eleições para os cônsules de daqui a dois anos. Ou seja, talvez dentro de onze meses, se ele realmente realizar as suas pretensas eleições em Quinctilis. Os cônsules do próximo ano serão Servílio Vátia e Ápio Cláudio. Mas não sei em quem é que ele está a pensar para daqui a dois anos. Catulo, provavelmente.

— E Sila ficará em segurança, depois de deixar o poder? — perguntou Aurélia.

— Absolutamente — asseverou César.

LUCIUS UCINIUS LOCULUS

— Terás de ir para Hispânia — disse Sila a Metelo Pio. — Quinto Sertório está a apossar-se rapidamente de todo o território.

Metelo Pio fitou o seu chefe com um ar algo reprovador.

— Não contes comigo! — disse ele, num tom razoável. — Quinto Sertório tem a-a-amigos entre os Lusitanos e é muito forte a oeste de Bétis, ma-ma-mas tu tens bons governadores em ambas as províncias hispânicas.

— Terei mesmo? — retorquiu Sila, agastado. — Pois já não tenho! Acabo de receber a notícia de que Sertório derrotou Lúcio Fufídio. E porquê? Porque esse louco que dá pelo nome de Fufídio foi estúpido ao ponto de lhe oferecer batalha. Quatro legiões! Apesar de ter quatro legiões, Fufídio não conseguiu vencer Sertório, que só tinha sete mil homens, sendo apenas um terço deles Romanos!

— Sim, claro, ele trou-trou-trouxe Romanos da Mauritânia, na Primavera passada — disse Metelo Pio. — Os outros, são Lusitanos?

— Selvagens, meu caro Bacorinho! Não valem um caracol debaixo da sola de uma coliga romana! Mas, pelos vistos, são capazes de derrotar Fufídio!

— Oh... Edepol!

Por uma razão que o Bacorinho nunca enxergara, aquela imprecação moderada produzia sempre em Sila um efeito hilariante: ria até mais não. Só ao fim de algum tempo é que o Ditador conseguiu controlar-se o suficiente para abordar de forma mais desenvolvida o melindroso assunto das Hispânias.

— Repara, Bacorinho, que eu conheço Quinto Sertório há muito tempo. Tal como tu, aliás! Se Carbão tivesse conseguido mantê-lo em Itália, talvez eu não tivesse obtido a vitória da Porta Colina porque, provavelmente, era derrotado muito antes disso. Sertório tem pelo menos

tanto valor como Caio Mário e a Hispânia é, desde há
muito tempo, a sua terra de eleição. O ano passado, quando Lusco conseguiu expulsá-
lo de Hispânia, pensei que o miserável se transformasse num mercenário mauritano e nunca mais
voltasse a causar-nos problemas. Pensei mal. E pensei mal, porque Sertório começou por
conquistar Tíngis ao rei Ascális e acabou por matar Pacciano, ficando com as suas tropas
romanas. Agora, está de volta à Hispânia Ulterior, e já conseguiu transformar os Lusitanos em
militares tão bons como os Romanos. Por tudo isto, terei de te nomear governador da Hispânia
Ulterior — e deveras partir logo no Ano Novo e não na Primavera. — Sila pegou numa folha e
estendeu-a a Metelo Pio com um ar exultante. — Terás oito legiões! Pelo menos para essas oito
legiões não terei de arranjar terras... E, se partires em fins de Dezembro, poderás embarcar
directamente para Gades.

— Um grande cargo — comentou o Pontifex Maximus com genuína satisfação, pois
não lhe desagradava nada afastar-se de Roma durante uns bons anos — mesmo que isso
significasse que tinha de enfrentar Sertório. Não teria cerimónias religiosas para realizar, não
perderia mais noites de sono por causa da sua gaguez. De facto, bastava-lhe sair de Roma para
que o seu problema desaparecesse imediatamente — sempre fora assim. Entretanto, lembrou-se
de outra coisa. — E quem vais nomear para o governo da Hispânia Citerior?

— Marco Domício Calvino, acho eu.

— E Curió? É um bo-bo-bo-bom general.

— Para Curió estou a pensar em África. Calvino é o homem ideal para te apoiar numa
campanha difícil e demorada. Curió era capaz de se revelar demasiado independente — disse Sila.

— Sim, sim, estou a perceber.

— Calvino poderá levar seis legiões. O que dá um total de catorze legiões. com certeza
que chegam e sobram para domar Sertório!

— Num abrir e fechar de olhos — disse o Bacorinho, entusiasmado. — Nã-nã-não
temas, Lúcio Cornélio! A Hispânia está se-se-segura!

Sila desatou a rir, de novo.

— Mas por que hei-de eu temer, Bacorinho? Por que hei-de eu preocupar-me? Quando
tu voltares, meu caro Bacorinho, já eu estarei morto!

Chocado, Metelo Pio estendeu as mãos abertas num gesto de protesto.

— Francamente, Lúcio Cornélio! Que disparate! Tu és um homem relativamente jovem!

— De acordo com uma profecia, eu morrerei no auge da fama e do poder — disse Sila, sem demonstrar medo nem pesar. — Deixarei o poder no próximo Quinctilis, Pio, e retirar-me-ei para Miseno para uma última e gloriosa aventura, recheada de todas as folganças possíveis e imagináveis. Não será uma longa aventura, masvou gozar todos os seus momentos!

— Os profetas são algo de anti-romano — replicou Metelo Pio com um ar austero. — Ambos sabemos que as suas profecias erram mais do que acertam.

— Não é o caso deste profeta — disse firmemente Sila. — Era um profeta caldeu e adivinho do rei dos Partos.

Metelo Pio achou mais sensato deixar-se de contestações; em vez disso, lançou-se numa longa discussão sobre a campanha hispânica.

Para dizer a verdade, o trabalho de Sila era agora praticamente nulo. A enxurrada legislativa terminara e a nova constituição parecia em condições de resistir a todos os afrontamentos, mesmo depois de Sila deixar o poder; a distribuição de terras pelos seus veteranos, um dos principais escolhos da sua governação, parecia ter chegado a uma fase de absoluta acalmia; e até Volaterras tinha finalmente caído em poder dos Romanos. Apenas Nola — o mais antigo e encarniçado inimigo de Roma, entre todas as cidades de Itália — continuava a resistir ao ímpeto romano.

Sila fizera o que pudera, e descuidara muito pouco. O Senado era agora um corpo dócil, as Assembleias estavam praticamente impotentes, os tribunos da plebe não passavam de figuras decorativas, os seus tribunais eram um êxito popular porque eram muito mais práticos que os antigos tribunais, e os futuros governadores das províncias estavam rigorosamente controlados. O Tesouro estava cheio e os seus burocratas eram implacavelmente obrigados a seguir uma conduta honesta. Se a Ordo Equester pensava que a perda de mil e seiscentos cavaleiros, vítimas das proscrições, não era lição que chegasse, Sila tratou de a esclarecer, retirando aos cavaleiros do Cavalo Público todos os seus privilégios sociais e permitindo o regresso a Roma a todos os homens exilados por tribunais com júris constituídos por cavaleiros.

Como seria de esperar, havia peculiaridades nas suas leis. As mulheres não deixaram de ser penalizadas uma vez mais, quando ele proibiu qualquer mulher culpada de adultério de se

voltar a casar. O jogo (que Sila detestava) estava proibido, excepto nos torneios de pugilismo ou atletismo, torneios que, como ele muito bem sabia, não atraíam multidões. Mas a principal peculiaridade era o tratamento reservado aos funcionários públicos, que Sila desprezava, pois considerava-os desorganizados, desleixados, preguiçosos e corruptos. Por isso, regulou todos os aspectos do trabalho dos funcionários públicos de Roma: secretários, escriturários, escribas, contabilistas, arautos, lictores, mensageiros, os assistentes sacerdotais chamados calatores, os homens que lembravam aos outros homens os nomes de terceiros — nomenclatores — e todos aqueles que não tinham funções precisas e que, por isso, se chamavam apparitores. De futuro, nenhum destes homens poderia saber em que serviço ficaria quando os novos magistrados assumissem funções; nenhum magistrado poderia requisitar um funcionário específico. Os sorteios seriam feitos com três anos de antecedência e nenhum grupo serviria em princípio o mesmo tipo de magistrado.

Sila encontrou novas formas de importunar o Senado, depois de ter banido todas as demonstrações ruidosas de aprovação ou reprovação e de ter alterado a ordem pela qual os senadores falavam; promulgou uma lei que afectava severamente os rendimentos de certos senadores mais necessitados, limitando o total de dinheiro que as delegações provinciais podiam gastar quando vinham a Roma entoar os cânticos de louvor a um ex-governador, o que implicava que estas delegações, ao contrário do que sucedera noutros tempos, não poderiam dar dinheiro a certos senadores mais necessitados dele.

Era todo um programa de leis que cobria todos os aspectos da vida pública romana, tal como muita da vida romana até então privada. Toda a gente sabia dentro de que parâmetros se podia mover — quanto podia gastar, quanto podia receber, quanto pagava para o Tesouro, com quem podia casar, onde seria julgado e por que acusação seria julgado. Um empreendimento gigantesco e que parecia ter sido realizado por um único homem, sem ajuda de mais ninguém. Se os cavaleiros tinham caído em desgraça, os heróis militares tinham subido a alturas raramente vistas. A Assembleia da Plebe e os seus tribunos tinham perdido todo o poder, mas o Senado acumulara poderes. Os parentes próximos dos proscritos estavam na mó de baixo, mas homens como Pompeu, o Grande, estavam claramente na mó de cima. Os advogados que se tinham distinguido nas Assembleias (como Hortênsio) não eram mais que uma sombra de si mesmos; ao passo que os advogados que se distinguiam na atmosfera mais

íntima dos tribunais (como Cícero) atingiam os cumes da glória.

— Não admira que Roma ainda esteja com a cabeça à roda, apesar de eu não ouvir uma única voz contestando Sila — disse o novo cônsul, Ápio Cláudio Fulcro, ao seu colega no consulado, Públio Servílio Vátia.

— E uma das razões para essa ausência de contestação é que muitas das leis foram ditadas pelo bom senso — retorquiu Vátia. — Até nisso Sila é espantoso!

Ápio Cláudio aquiesceu sem entusiasmo, mas Vátia não interpretou mal aquela apatia; o seu colega não estava bem desde que regressara do inevitável cerco de Nola — pelo seu aspecto, dir-se-ia que tinha estado em Nola um ror de tempo. Além disso, Fulcro estava viúvo e tinha seis filhos famosos pela sua indisciplina e pela desagradável tendência de travarem verdadeiras batalhas campais em público.

Compacedendo-se dele, Vátia deu-lhe umas ternas palmadinhas nas costas.

— Ora, Ápio Cláudio, olha para o teu futuro com mais esperança! Tem sido um caminho longo e árduo, mas finalmente chegaste ao teu destino!

— Só chegarei ao meu destino quando tiver restaurado a fortuna da minha família — retorquiu Ápio Cláudio, com um ar taciturno.

— Aquele miserável do Filipe tirou-me tudo o que eu tinha para dar a Cina e a Carbão. E Sila não me devolveu nada.

— Devias ter-lhe falado disso — disse Vátia. — Não te esqueças que ele tinha muito que fazer. Porque é que não compraste propriedades durante as prescrições?

— Não te esqueças que eu estava em Nola nessa altura — retorquiu o infeliz Ápio Cláudio.

— No próximo ano irás governar uma província. Isso resolverá todos os problemas.

— Se a minha saúde agüentar.

— Oh, Ápio Cláudio! Deixa-te de tristezas! Por todos os deuses, ainda hás-de viver muitos anos!

— Não sei — replicou Fulcro, pessimista. — com a sorte que eu tenho, ainda me mandam para a Hispânia Ulterior, para substituir Pio.

— Prometo-te que isso não acontecerá — disse Vátia, tentando consolá-lo. — Se tu não defenderes os teus interesses junto de Sila, fá-lo-ei por ti! Pedir-lhe-ei que te dê a Macedónia. A

Macedónia sempre foi um bom sítio para juntar umas sacas de ouro e para arranjar importantes contratos locais. Isto para não falar da possibilidade de vender a cidadania a gregos ricos.

— Pensava que já não havia disso — disse Ápio Cláudio.

— Há sempre homens ricos, mesmo nos países mais pobres do mundo. Fazer dinheiro é algo que faz parte da natureza de alguns homens. Nem mesmo os Gregos, com todo o seu idealismo político, conseguiram erradicar os ricos! Nem mesmo a República de Platão conseguiria extingui-los!

— É o caso de Crasso, não é?

— Ora aí está um exemplo magnífico! Qualquer homem teria mergulhado na total obscuridade depois de Sila lhe ter virado as costas. Mas não o nosso Crasso!

Pulcro e Vátia encontravam-se na Cúria Hostília, onde decorria a reunião inaugural do Senado do Dia de Ano Novo, porque o templo de Júpiter Optimus Maximus não fora ainda reconstruído e os templos de Júpiter Stator e Castor eram demasiado pequenos para abrigar tantos senadores.

— Xiu! — fez Ápio Cláudio. — Sila vai falar.

— Pais Conscritos — começou o Ditador, com uma voz jovial —, posso dizer que, basicamente, está tudo feito. Era minha intenção confessa pôr Roma de pé e promulgar novas leis que cumprissem as normas da mos maiorum. Foi isso que fiz. Mas continuarei a ser o Ditador até Quinctilis, altura em que organizarei as eleições para os magistrados do próximo ano. Isto, já vocês sabem. Contudo, acredito que alguns de vós são capazes de pensar que um homem com tanto poder dificilmente se submeteria à ideia de demitir-se. Repito, por isso, que deixarei o cargo de Ditador depois das eleições de Quinctilis. Isto significa que os magistrados do próximo ano serão os últimos escolhidos pessoalmente por mim. Nos anos futuros, todas as eleições serão livres, abertas a tantos candidatos quantos os que pretenderem disputá-las. Há quem tenha reprovado o facto de o Ditador escolher os seus magistrados, apresentando tantos nomes quanto os cargos que é preciso preencher. Porém — como sempre defendi! — o Ditador tem de trabalhar com homens preparados para o apoiarem de alma e coração. Não podemos confiar que o eleitorado escolha os melhores homens, pois, muitas vezes, nem sequer escolhe os homens que merecem os cargos devido à sua posição ou experiência. Por isso, na qualidade de Ditador, tenho escolhido os homens com quem desejo trabalhar e que, de

um ponto de vista moral e ético, mereciam os cargos. É o caso do meu querido Pontifex Maximus, Quinto Cecílio Metelo Pio. Ele continua a ser digno do meu apreço, pois, neste momento, está já a caminho da Hispânia Ulterior, onde irá combater aquele criminoso que dá pelo nome de Quinto Sertório.

— Está a divagar — disse Catulo, cinicamente.

— Porque não tem nada para dizer — disse Hortênsio.

— A não ser que se demite em Quinctilis.

— E olha que eu começo a acreditar nele.

Mas esse primeiro dia do ano, que começara tão auspiciosamente, iria acabar com más notícias, chegadas, com bastante atraso, de Alexandria.

Ptolemeu Alexandre, o Novo, vira finalmente chegar a sua hora no início do ano anterior, o segundo ano do reinado de Sila. De facto, recebera nessa altura a notícia de que o rei Ptolemeu Soter Grão-de-Bico tinha morrido e que a sua filha, a rainha Berenice, reinava agora sozinha. No entanto, de acordo com a lei egípcia, Berenice não podia ocupar o trono sem ter um rei a seu lado. Os emissários de Alexandria pediram então a Lúcio Cornélio Sila que concedesse ao Egipto um novo rei, na pessoa de Ptolemeu Alexandre, o Novo.

— Que acontece, se eu recusar? — perguntou Sila.

— Se tu recusares, o rei Mitridates e o rei Tigranes conquistarão o Egipto — respondeu o chefe da delegação. — O trono tem de ser ocupado por um membro da dinastia ptolemaica. Se Ptolemeu Alexandre não for coroado rei e faraó, teremos de pedir a Mitridates e a Tigranes que nos entreguem o mais velho dos dois bastardos, Ptolemeu Filadelfo, a quem puseram o apelido de Auleta por causa da sua voz aflautada.

— Percebo perfeitamente que um bastardo possa assumir o título de rei. Mas quanto ao título de faraó: poderá assumi-lo legalmente? — perguntou Sila, revelando assim que estudara a história da monarquia egípcia.

— Se ele fosse filho de uma mulher vulgar, por certo que não — foi a resposta. — Contudo, Auleta e o irmão são filhos de Ptolemeu Soter e da princesa Arsínoe, a concubina real, que era a mais velha das filhas legítimas do rei da Nabateia. Tem sido um costume de todos os pequenos reis da Arábia e da Palestina enviar as filhas mais velhas para o Egipto, onde se tornam

concubinas do faraó, pois esse é um destino mais augusto e respeitável do que casar com outros pequenos reis — e, por outro lado, esse contrato proporciona uma maior segurança aos seus pais, os quais precisam da cooperação egípcia para realizarem as suas actividades comerciais no Sinus Arabicus e nos diversos desertos.

— Estás portanto a dizer-me que Alexandria e o Egipto aceitariam um dos bastardos ptolemaicos por a sua mãe ser de estirpe regia?

— Se não podermos dispor de Ptolemeu Alexandre, isso será inevitável, Lúcio Cornélio.

— Marionetas de Mitridates e de Tigranes — disse Sila, com um ar pensativo.

— Como as esposas deles são filhas de Mitridates, também isso será inevitável. Tigranes encontra-se demasiado perto da fronteira egípcia para que nós possamos exigir que os bastardos de Ptolemeu se divorciem dessas jovens. Tigranes invadir-nos-ia em nome de Mitridates. E o Egipto cairia. Nós não somos suficientemente fortes, do ponto de vista militar, para enfrentar uma guerra de tal magnitude. Além disso, as jovens têm suficiente sangue ptolemaico para poderem aceder ao trono. Isto no caso — disse o chefe da delegação, com um ar melífluo — da filha de Ptolemeu Soter e de uma outra concubina, a filha do rei de Idumeia, não chegar à idade adulta; é que Auleta poderia ainda casar-se com essa jovem, pois metade do seu sangue é ptolemaico, tal e qual como acontece com Auleta.

Sila, de repente, pareceu animado, e pronto a resolver o caso.

— Deixem as coisas comigo. Euvou tratar do assunto. Não podemos permitir que a Armênia e o Ponto controlem o Egipto!

Sila tomara as suas deliberações há já muito tempo; por isso, partiu sem demora para a villa do monte Piciano onde residia Ptolemeu Alexandre.

— Chegou o grande dia — disse o Ditador ao seu refém, agora com trinta e cinco anos.

— Grão-de-Bico está morto? — perguntou logo Ptolemeu Alexandre.

— Morto e enterrado. A rainha Berenice reina sozinha.

— Então, tenho de partir já! — exclamou Ptolemeu Alexandre, muito agitado. — Tenho de partir já! Não há tempo a perder!

— Podes partir quando eu te der autorização, nem antes, nem depois — disse Sila, secamente. — Senta-te e ouve-me com atenção.

O rei sentou-se e todos os seus drapejamentos deslizaram com ele, moldando-se à

cadeira, cobrindo-a por completo; os olhos tinham um estranho aspecto, rodeados pelos traços de stibium que aplicara nas pálpebras inferiores e superiores, traços alongados na direcção das têmporas, ao jeito do antigo Olho do Egipto, o wadjet; como também tinha pintado de preto as espessas sobrancelhas e embranquecido a área entre as sobrancelhas e a linha negra das pálpebras superiores, Sila concluiu que era absolutamente impossível saber o que os régios olhos de Ptolemeu Alexandre realmente expressavam. O efeito geral, decidiu, era claramente sinistro — mas, provavelmente, essa era a intenção do rei.

— Não podes falar a um rei como falas a um inferior — disse Sua Majestade, com um ar superior.

— Todos os reis do mundo são meus inferiores. — respondeu Sila num tom desdenhoso. — Eu governo Roma! Isso torna-me o homem mais poderoso entre os rios do Oceano e do Índico. Por isso, vais ouvir-me — e sem interrupções! Podes ir para Alexandria e assumir o trono. Mas mediante certas condições. Entendido?

— Que condições?

— Que faças o teu testamento e o deixes no templo das Virgens Vestais, aqui em Roma. Um testamento simples. Caso morras sem filhos legítimos, legarás o reino do Egipto a Roma.

Ptolemeu Alexandre fitou-o boquiaberto.

— Mas eu não posso fazer uma coisa dessas!

— Podes fazer tudo o que eu mandar! Se quiseres reinar em Alexandria, é claro. Esse é o meu preço. O Egipto passará a ser romano se morreres sem filhos legítimos.

Os olhos do rei, realçados por aquela moldura impressionante, agitavam-se numa dança nervosa, e os lábios pintados de carmim

— carnudos e provocantes — mexiam-se num jeito que trouxe à memória de Sila a boca de Filipe. — Muito bem, concordo com o teu preço — disse Ptolemeu Alexandre, encolhendo os ombros. — Não aceito os preceitos da velha religião egípcia. Portanto, que importância terá isso para mim depois de morto?

— Muito bem dito! Excelente raciocínio! — disse Sila, entusiasmado. — Trouxe o meu secretário comigo. Vamos tratar do documento imediatamente. com todos os selos reais e o teu sinete pessoal, evidentemente. Não quero contestações dos Alexandrinos depois da tua morte. — Sila bateu as palmas para chamar um criado do rei e ordenou-lhe que trouxesse o secretário.

Enquanto esperavam, Sila virou-se para o rei e disse-lhe, no tom mais descontraído deste mundo:

— Ah, falta falar de outra condição.

— Que condição? — perguntou Ptolemeu Alexandre, entediado.

— Pelo que sei, tens num banco de Tiro uma soma de dois mil talentos de ouro, que foram depositados pela tua avó, a rainha Cleópatra III. Mitridates levou o dinheiro que ela depositou em Cos, mas não tocou no de Tiro. E o rei Tigranes ainda não conseguiu subjugar as cidades da Fenícia. Está demasiado ocupado com os Judeus. Deixarás esses dois mil talentos de ouro a Roma.

Bastou ao rei olhar de relance para Sila, para perceber que não valia a pena discutir; uma vez mais, com um encolher de ombros, anuiu ao que o Ditador de Roma pretendia.

Flósculo, o secretário de Sila, entrou nesse momento, e Ptolemeu Alexandre mandou um dos seus escravos buscar os selos régios e o seu sinete pessoal. Instantes depois, o testamento estava pronto.

— Terei de ser eu a deixar o testamento no templo das Virgens Vestais, porque tu não podes entrar no pomerium — disse Sila, levantando-se.

Dois dias depois, Ptolemeu Alexandre, o Novo, deixou Roma com a delegação que viera buscá-lo, e embarcou para África em Putéolos; era mais fácil atravessar o mar Mediterrâneo nesse local e, depois, seguir perto da costa africana, desde a província romana até Cirenaica e de Cirenaica até Alexandria. Além do mais, o novo rei dos Egípcios queria manter-se o mais longe possível de Mitridates e Tigranes e tinha muito pouca confiança na sua sorte.

Na Primavera seguinte, chegou a Roma uma mensagem urgente de Alexandria; um agente romano (disfarçado de comerciante)
informava que o rei Ptolemeu Alexandre II sofrera um desastre. Chegara em segurança após uma longa viagem e casara-se imediatamente com a sua meia-irmã e prima direita, a rainha Berenice. Durante exactamente dezanove dias, fora rei do Egipto, dezanove dias durante os quais, ao que parecia, desenvolvera um ódio cada vez maior pela esposa. Um ódio tão poderoso que, ao décimo nono dia do seu reinado, Ptolemeu Alexandre assassinara a esposa, irmã e prima. Mas ela reinara durante muito tempo com o pai e os cidadãos de Alexandria adoravam-na. Nesse mesmo dia, os Alexandrinos invadiram o palácio, prenderam o rei e desfizeram-no literalmente em bocados — uma espécie de festa e celebração para todo o povo, encenada na praça principal

de Alexandria. O Egipto encontrava-se agora sem rei nem rainha e num estado de absoluto caos.

— Magnífico! — exclamou Sila, ao ler a carta do agente. Enviou imediatamente a Alexandria uma delegação de senadores romanos, chefiada pelo consular e ex-censor Marco Perperna, que apresentaria aos Egípcios o testamento do rei Ptolemeu Alexandre II. No regresso, os seus enviados deveriam passar por Tiro e levantar o ouro.

Desde esse dia e até ao Dia de Ano Novo do terceiro ano do reinado de Sila, nada mais se soube, nem sobre a delegação, nem sobre os destinos do Egipto.

— Toda a nossa viagem foi perseguida pela má sorte — disse Marco Perperna. — Naufragámos em Creta e fomos aprisionados por piratas. Depois, tivemos de esperar dois meses até que as cidades da Grécia Peloponésia pagassem os resgates. Finalmente, tivemos de concluir a viagem rumando a Cirene e seguindo depois a costa líbia até Alexandria.

— Num navio pirata? — perguntou Sila, consciente da gravidade das notícias, mas com uma imensa vontade de rir; Perperna parecia ter envelhecido de repente e tinha um ar verdadeiramente aterrado!

— Adivinhaste. Num navio pirata.

— E que aconteceu quando chegaste a Alexandria?

— Nada de bon, Lúcio Cornélio. Nada de bom! — retorquiu Perperna, com um suspiro. — Verificámos que os Alexandrinos tinham agido com celeridade e eficiência. Eles sabiam muito bem quem haviam de chamar, depois de terem executado o rei Ptolemeu Alexandre.

— Quem é que eles chamaram?

— Os dois filhos bastardos de Ptolemeu Soter Grão-de-Bico. Pediram ao rei Tigranes da Síria que lhes devolvesse os dois jovens — o mais velho para governar o Egipto, o mais novo para reinar em Chipre.

— Uma decisão inteligente, mas não propriamente inesperada — disse Sila. — Continua.

— Quando chegámos a Alexandria, o rei Ptolemeu Auleta estava já no trono e a sua esposa, filha do rei Mitridates, fora já coroada como rainha Cleópatra Trifena. O outro irmão, a quem os Alexandrinos decidiram chamar Ptolemeu, o Cipriota, foi nomeado regente de Chipre. A mulher, outra filha de Mitridates, foi com ele.

— Como se chama ela?

— Mitridatidis Nisa.

— Tudo isso é ilegal — comentou Sila, com um ar preocupado.

— Segundo os Alexandrinos, é totalmente legal!

— Continua, Perperna, continua! Conta-me o pior.

— bon, como é evidente, mostramos-lhes o testamento. E informámos os Alexandrinos de que estávamos ali para anexar formalmente o reino do Egipto, o qual passaria a ser mais uma província do Império Romano.

— E que disseram eles, Perperna?

— Riram-se na nossa cara, Lúcio Cornélio. Recorrendo a diversos métodos, os seus peritos em leis trataram de demonstrar que o testamento era inválido. Depois, apontaram para o rei e para a rainha sentados nos seus tronos e disseram-nos que já tinham encontrado herdeiros legítimos.

— Mas eles não são legítimos!

— Foi o que eu lhes disse. Mas eles responderam-me que os reis não eram legítimos unicamente segundo a lei romana. Segundo a lei egípcia, que parece consistir de normas fabricadas consoante o impulso do momento, apenas para fundamentar o que os Alexandrinos têm em mente, o rei e a rainha são legítimos.

— Perante isso, que fizeste, Perperna?

— Que podia eu fazer, Lúcio Cornélio? Alexandria estava a abarrotar de soldados! Demos graças aos nossos deuses romanos por conseguirmos sair sãos e salvos do Egipto.

— Tens toda a razão — disse Sila, serenamente, pois achava que aqueles acontecimentos não eram dignos da sua irritação. —

No entanto, a verdade é que o testamento é válido. O Egipto, agora, pertence a Roma.

— Tamborilou com os dedos na secretária. — Infelizmente, no momento presente Roma pouco poderá fazer. Mandei catorze legiões para Hispânia e não quero aumentar as despesas do Tesouro, lançando outra campanha. E sobretudo agora que Tigranes assola a maior parte da Síria e não depara com qualquer obstáculo na vizinhança, pois os herdeiros do trono parto andam envolvidos numa guerra civil. Ainda tens o testamento?

— Claro, Lúcio Cornélio.

— Então amanhã informarei o Senado do que aconteceu e devolverei o testamento às Vestais, onde ficará até ao dia em que Roma puder anexar o Egipto pela força — pois creio que só pela força conseguiremos chegar à posse da nossa herança.

— O Egipto é fabulosamente rico.

— Isso não é novidade para mim, Perperna! Os Ptolemeus possuem o maior tesouro do mundo e governam um dos países mais ricos do mundo. — A expressão de Sila indicava que a reunião estava acabada, mas ainda disse, como se de repente se tivesse lembrado de outra coisa:

— Pelo que me contaste, devo concluir que não trouxeste os dois mil talentos de ouro, não é verdade?

— Ah, não, Lúcio Cornélio, claro que trouxe! — retorquiu Perperna, chocado. — Os banqueiros entregaram-me o ouro mal lhes mostrei o testamento. Passámos por Tiro no regresso, como ordenaste.

Sila desatou a rir a bandeiras despregadas.

— Muito bem, Perperna! Assim, quase que posso perdoar-te o teu fracasso em Alexandria! — Levantou-se, esfregando as mãos de contentamento. — É uma boa contribuição para os dinheiros do Tesouro. E o Senado vai dar-se conta disso. Pelo menos, a pobre Roma não teve de pagar uma embaixada sem receber uma compensação financeira adequada.

Todos os reis orientais estavam a criar problemas — essa era uma das conseqüências que Roma tinha de suportar depois das suas guerras intestinas, que tinham impossibilitado Sila de permanecer no Oriente o tempo suficiente para reduzir Mitridates e Tigranes à absoluta impotência. Assim, mal Sila embarcou para Roma, Mitridates tentou anexar a Capadócia e Lúcio Licínio Murena (então governador da Província da Ásia e da Cilícia) declarou-lhe guerra imediatamente — sem o conhecimento ou a permissão de Sila, e em contravenção do Tratado de Dárdano. Durante algum tempo, Murena teve um êxito notável na condução da guerra, mas uma excessiva autoconfiança levou-o a uma série de desastrosos confrontos com Mitridates, nas terras do Ponto. Sila viu-se então obrigado a enviar o velho Aulo Gabínio para o Oriente, a fim de convencer Murena a regressar às províncias romanas. Sila tencionava punir Murena pelo seu comportamento aventureiro, mas entretanto surgiram os problemas com Pompeu e acabou por não o fazer; por isso, o Ditador autorizou Murena a regressar e a celebrar um triunfo, porque queria pôr Pompeu no seu devido lugar.

Nos seis anos entretanto transcorridos, Tigranes expandira o seu reino da Armênia para sul e para oeste, chegando a terras pertencentes ao rei dos Partos e desintegrando rapidamente o reino da Síria. Tigranes teve noção das suas possibilidades quando soube que o velho rei Mitridates dos Partos estava demasiado doente para invadir a Síria (conforme fora seu projecto) — e demasiado doente para impedir os bárbaros denominados Masságetas de conquistarem todas as suas terras a norte e a leste da Partia, e para impedir um dos seus filhos, Gotarzes, de ocupar Babilônia.

Como Tigranes pré vira em tempos, a morte do rei Mitridates dos Partos provocou uma guerra de sucessão complicada pelo facto de o velho ter três rainhas oficiais — duas meias-irmãs pelo lado paterno, e a terceira, nada mais nada menos do que uma filha de Tigrane chamada Automa. Enquanto diversos filhos de diversas mães lutavam pelo que restava da Partia, uma outra satrapia vital para o reino declarou a sua independência — a riquíssima Elimaide, banhada pelos afluentes orientais do Tigre, os rios Coaspes e Pasítigre; os portos desassoreados do delta do Tigres-Eufrates estavam assim perdidos, tal como a cidade de Susa, uma das residências reais dos Partos. Mas os filhos de Mitridates pouco se preocuparam com isso e continuaram a sua guerra.

O mesmo fez Tigranes. A sua primeira acção (no ano em que Caio Mário morreu) consistiu em invadir sucessivamente os pequenos reinos de Sofena, Gordiena, Adiabena e, finalmente, Osdroena. Conquistados estes quatro pequenos estados, Tigranes ficava a ser o senhor de todas as terras da margem oriental do Eufrates, desde Tomisa até Europo; possuía ainda as importantes cidades de Amida, Edessa e Nisibis, e eram seus todos os tributos cobrados ao longo

do grande rio. Porém, em vez de entregar empreendimentos comerciais tão interessantes como a colecta de impostos ao seu próprio povo, os Armênios, Tigranes tratou de subjugar os Árabes Esquenitas, que controlavam as regiões áridas entre o Eufrates e o Tigre a sul de Osdroena, e impôs tributos a todas as caravanas que passassem por esse território. Embora os Esquenitas fossem nômadas, Tigranes levou-os para Edessa e Garras e nomeou-os colectores dos impostos do Eufrates em Samosata e Zeugma. O rei dos Esquenitas, Abgar, era agora cliente de Tigranes, e as populações de língua grega de todas as cidades que o rei da Armênia subjugara foram obrigadas a emigrar para as zonas da Armênia onde, até então, a língua grega nunca fora

falada. Tigranes queria desesperadamente ser o rei civilizado de um reino helenizado — e que melhor forma de helenizar um reino do que implantar colônias falantes do grego dentro das suas fronteiras?

Em criança, Tigranes fora refém do rei dos Partos e vivera em Seleucia-no-Tigre, muito longe da Armênia. Por altura da morte do pai, Tigranes era o único filho vivo, mas o rei dos Partos exigira um preço muito alto para libertar o jovem Tigranes — 70 vales na zona mais rica da Armênia, a chamada Atropatene Média. Agora, porém, Tigranes já podia marchar sobre a Atropatene Média e recuperar os 70 vales, abundantes em ouro, lápis-lazúli, turquesa e pastos férteis.

No entanto, depois de tantas terras conquistadas, Tigranes confeluiu que não tinha suficientes cavalos de Neso para os seus catafractos, que eram cada vez em maior número. Os catafractos eram estranhos soldados de cavalaria, vestidos da cabeça aos pés com cota de malha — tal como os cavalos, que precisavam de ser corpulentos para agüentar com tanto peso. Por isso, nos anos seguintes, Tigranes invadiu a própria Média, a região onde ficava Neso, e anexou-a. Ecbatana, a residência real de Verão dos reis dos Partos — e, antes deles, dos reis da Média e Pérsia, incluindo Alexandre, o Grande —, foi incendiada, e o seu magnífico palácio saqueado.

Três anos tinham entretanto transcorrido. Enquanto Sila avançava lentamente pela península italiana, Tigranes virou as suas atenções para o Ocidente e atravessou o Eufrates na direcção de Comagena. Não encontrando qualquer oposição, ocupou todas as terras do Norte da Síria entre os montes Amanos e os montes
Líbanos, incluindo a poderosa Antioquia e a metade inferior do vale do rio Oronte. Conseguiu mesmo conquistar uma parte da Cilícia Pedia, a zona à volta da costa oriental do Sinus Issicus.

A Síria era um território fortemente helenizado e os seus habitantes, para além de terem o grego como língua dominante, haviam sofrido uma poderosa influência dos costumes gregos. Logo que estabeleceu a sua autoridade na Síria, Tigranes levou algumas das comunidades da região para Triganocerta, a nova capital dos seus domínios, recentemente construída. Os mais favorecidos eram os artífices — o rei levou-os a todos para Triganocerta. Contudo, Tigranes compreendeu a necessidade de proteger estes deslocados gregos da sanha das populações nativas, de origem e língua média; por isso, ameaçou com a pena de morte todos aqueles que

discriminassem os novos cidadãos.

E enquanto Sila legislava para que Roma o nomeasse Ditador de Roma, Tigranes adoptava formalmente o título por que ansiava desde há muito tempo — rei dos reis. A rainha da Síria, Cleópatra Selene — irmã mais nova de Ptolemeu Soter Grão-de-Bico e, a certa altura da sua vida, sua esposa —, que conseguira ocupar o trono sírio graças a vários casamentos com Selêucidas, foi levada de Antioquia e obrigada a viver nas mais humildes condições, numa pequena aldeia junto ao Eufrates; o seu lugar no palácio de Antioquia foi ocupado pelo sátrapa Magadates, que passaria a governar a Síria em nome de Tigranes, o rei dos reis.

Rei dos reis, pensou Sila, com um sorriso cínico; todos aqueles dirigentes orientais se julgavam reis dos reis. Até mesmo — assim parecia — os dois filhos bastardos de Ptolemeu Soter Grão-de-Bico, que agora reinavam no Egipto e em Chipre com as suas esposas, filhas de Mitridates. Porém, o testamento de Ptolemeu Alexandre II era genuíno; ninguém o sabia melhor do que ele, porque testemunhara o acto. Mais tarde ou mais cedo, o Egipto pertenceria a Roma.

Para já, pensava Sila, devia permitir que Ptolemeu Auleta reinasse em Alexandria; mas, jurava ele, aquele fantoche de Mitridates e Tigranes não teria um momento de paz! O Senado de Roma enviaria regularmente delegações a Alexandria, as quais exigiriam a Ptolemeu Auleta que se demitisse e entregasse o Egipto a Roma.

Quanto ao rei Mitridates do Ponto — facto indubitavelmente curioso: o rei do Ponto perdera duzentos mil homens devido ao horrendo frio do Cáucaso! —, teria de ser desencorajado uma vez mais de qualquer ideia de anexação da Capadócia. Depois de se ter queixado, numa carta a Sila, de que Murena saqueara e incendiara quatrocentas aldeias ao longo do rio Hális, Mitridates planeava conquistar a bacia capadócia do Hális; para que esta conquista parecesse legítima, deu ao rei Ariobarzanes da Capadócia uma nova noiva, precisamente uma das suas filhas. Quando Sila descobriu que a noiva tinha apenas quatro anos, enviou um mensageiro à corte de Mitridates, ordenando-lhe, em nome de Roma, que abandonasse imediatamente a Capadócia, com ou sem noiva. O mensageiro regressara há pouco tempo, com uma carta em que Mitridates se comprometia a fazer o que lhe era ordenado — e informado Sila de que ia mandar uma embaixada a Roma para ratificar o Tratado de Dárdano.

— Ele que diga à embaixada para não se demorar pelo caminho! — disse Sila para si

mesmo, enquanto esperava pela esposa. Quando Valéria entrou, ainda o ouviu comentar: — Se a embaixada demora, é muito capaz de não me encontrar aqui — ainda vai ter de negociar com o Senado!

— O quê, meu querido? — perguntou Valéria, surpreendida.

— Nada. Dá-me um beijo.

Os beijos de Valéria eram como ela: agradáveis. Até esse momento, Sila achara aquele quarto casamento uma experiência agradável. Mas não estimulante. Em parte, como sabia, isso devia-se à sua idade e também à doença que o afectava; mas a principal causa era a escassa sensualidade de Valéria, a qual, tal como a generalidade das aristocratas romanas, era demasiado inibida na cama para se entregar ao tipo de jogos sexuais que agradavam ao Ditador. Sila sentia que o seu fogo estava a apagar-se: mais uma razão para precisar de ser estimulado! Por que razão uma mulher que amava loucamente um homem não se entregava sem restrições aos apetites sexuais desse homem?

— Creio — disse Varrão, que era o infortunado interlocutor a quem Sila pusera essa questão — que as mulheres são recipientes passivos, Lúcio Cornélio. As mulheres foram feitas para receber, desde o pénis do homem ao bebê. E aquele que recebe é passivo. Tem de ser passivo! De outra forma, o acto de receber não poderia ser estável. Acontece o mesmo com os animais. O macho é o
participante activo e a única maneira de se libertar dos seus desejos excessivos é fornicar com muitas fêmeas.

Varrão pretendia informar Sila de que Pompeu vinha a Roma para uma curta visita e perguntar-lhe se desejaria encontrar-se com o seu jovem amigo. Porém, em vez de ser Sila a dar a audiência, parecia que era o contrário que se passava. De tal modo que Varrão não conseguira ainda expor os motivos da sua visita.

As sobrancelhas pintadas de negro mexeram-se expressivamente.

— Queres dizer com isso, meu caro Varrão, que um marido decente deve fornicar com metade das fêmeas de Roma?

— Não, não, claro que não! — retorquiu Varrão, surpreendido. — Todas as mulheres são passivas e, por isso, mesmo fornicando com tantas mulheres, um homem nunca poderia ficar satisfeito!

— Devo concluir, portanto, que para um homem satisfazer inteiramente os seus desejos carnais, terá de procurar os seus parceiros sexuais entre outros homens. É isso? — perguntou Sila, com uma expressão séria.

— Oh! Ah! Hmmm! — fez Varrão, retorcendo-se como uma centopeia a quem tivessem espetado um alfinete no meio. — Não, Lúcio Cornélio, claro que não! De modo nenhum!

— Nesse caso, que há-de um marido decente fazer?

— Como sabes, eu sou um estudioso dos fenômenos naturais, mas devo dizer-te que não tenho a preparação necessária para responder a tais questões — balbuciou Varrão, já arrependido por ter ido visitar aquela incômoda criatura. O problema é que Sila ficara a adorá-lo desde que ele lhe tratara da doença de pele e mostrava-se ofendido se ele não o visitasse.

— Acalma-te, Varrão, eu estava só espicaçar-te — disse Sila, rindo-se.

— Contigo, nunca se sabe, Lúcio Cornélio. — Varrão molhou os lábios e começou a pensar nas palavras que deveria usar para anunciar a visita de Pompeu da forma mais favorável; Varrão, a quem não faltava inteligência, sabia perfeitamente que os sentimentos do Ditador em relação a Pompeu eram ambivalentes.

— Ouvi dizer — referiu Sila, sem fazer a mínima ideia de que o seu interlocutor se debatia com a escolha das palavras mais adequadas para formular uma única frase — que Varrão Lúculo conseguiu ver-se livre da sua irmã adoptiva — e tua prima, ao que creio.

— Estás a falar de Terência? — perguntou Varrão, e o seu rosto iluminou-se. — Ah, sim! Foi um verdadeiro golpe de sorte!

— Há muito tempo que não via uma mulher rica como Terência ter tantos problemas para encontrar um marido — disse Sila, com um sorriso largo, pois adorava todo o tipo de mexericos.

— bon, o problema não é bem esse — retorquiu Varrão, contemporizando com aquela inclinação do Ditador. — É sempre possível encontrar um homem desejoso de se casar com uma mulher rica. O problema de Terência — que é a maior megera de Roma, disso não há dúvida!— é que ela recusou sempre os homens que a família lhe propôs.

O sorriso de Sila transformara-se num esgar.

— Ou seja: preferiu ficar em casa e transformar a vida de Varrão Lúculo num verdadeiro tormento.

— Talvez. Embora eu creia que ela gosta bastante dele. O problema de Terência está na sua natureza — e se Terência nasceu assim, que há-de ela fazer?

— Mas então o que é que aconteceu? Amor à primeira vista?

— Não, de modo nenhum. O casamento foi proposto pelo conhecido vigarista Tito Pompónio, que agora usa o cognome de Ático por causa da sua afeição por Atenas. Pelos vistos, ele e Marc6 Túlio Cícero conhecem-se há muitos anos. Desde que tu promulgaste as tuas normas, Ático visita Roma pelo menos uma vez por ano.

— Eu sei disso — disse Sila, que não perseguia as manobras financeiras de Ático, tal como não perseguia as de Crasso. Na realidade, Crasso caíra em desgraça perante o Ditador unicamente por causa da forma como manipulara as prescrições.

— Seja como for, a reputação de Cícero no mundo das leis firmou-se indiscutivelmente. Ao mesmo tempo, porém, as suas ambições cresceram. O problema é que a sua bolsa estava vazia. Precisava, portanto, de casar com uma herdeira. Só que, muito provavelmente, teria de casar-se com uma criatura sem qualquer distinção nem beleza, enfim, com uma das muitas horrendas filhas dos menos saudáveis dos nossos plutocratas. Foi então que Ático sugeriu Terência. — Varrão deteve-se para olhar inquisitivamente para Sila. — Conheces bem Marco Túlio Cícero? — perguntou.

— Conheci-o muito bem quando ele era ainda um rapaz. O meu falecido filho — que teria, se fosse vivo, a idade de Cícero — era amigo dele. Nessa altura, Cícero era considerado um prodígio. Porém, entre a morte do meu filho e o caso de Sexto Róscio de Améria, contactei com ele apenas durante a Guerra Italiana, pois ele era um contubernalis do meu comando na Campânia. A maturidade não mudou nada nele. A única diferença é que ele encontrou o seu meio natural. Continua tão pedante, tagarela e vaidoso como sempre foi. Mas essas são grandes qualidades para um advogado! No entanto, admito de bom grado que, no que toca à retórica, Cícero é magnífico. E tem uma cabeça extraordinária! O seu maior problema é um distante parentesco com Caio Mário. São ambos de Arpino.

Varrão anuiu.

— Ático foi então falar com Varrão Lúculo, que se mostrou de acordo para interceder junto de Terência. E para sua grande surpresa, Terência anuiu em encontrar-se com Cícero! Ouvira falar das suas proezas nos tribunais e disse a Varrão Lúculo que estava decidida a casar-se com um homem que se revelasse capaz de aceder à fama. E Cícero, em sua opinião, tinha tudo para se tornar famoso.

— Que tal é o dote dela?

— Impressionante! Duzentos talentos.

— Os pretendentes deviam fazer bicha! E é natural que alguns deles fossem atraentes. Começo a sentir respeito por Terência, pois deve ter conseguido escapar a alguns dos mais hábeis caçadores de fortunas de Roma — disse Sila.

— Terência — disse o primo dela, sem qualquer inibição — é feia, azeda, impertinente e avara. Tem vinte e um anos e continua solteira. Eu sei que as raparigas devem obedecer ao seu pater famílias e casar com quem lhes mandam casar, mas, francamente, não há nenhum homem — vivo ou morto! — capaz de vergar Terência!

— E Varrão Lúculo, coitado, é tão bom homem! — comentou Sila, extremamente divertido.

— Precisamente.

— Mas ias no encontro de Terência com Cícero...

— Sim. Eles encontraram-se e — espanto dos espantos! — ela concordou em casar com ele.

— Afortunado Cícero! Não há dúvida: ele é um dos favoritos de Fortuna. O dinheiro da mulher vai fazer-lhe muito jeito.

— Isso é o que tu pensas, Lúcio Cornélio — retorquiu Varrão. — Na realidade, Terência não deixou que ninguém fizesse o contrato de casamento por ela. E, assim, conseguiu manter o controlo absoluto sobre a sua riqueza, embora concordando em providenciar o dote de todas as filhas que venha a ter e em contribuir para o financiamento das carreiras dos filhos. Mas quanto a Cícero... bon, Cícero nunca será capaz de levar a melhor sobre Terência!

— Que tal é o nosso Cícero, hoje em dia?

— Simpático. Creio que está mais satisfeito interiormente. Mas continua vaidoso. Insuportavelmente presunçoso no que toca à excelência do seu intelecto. Está convencido de que

não tem um único rival à sua altura. bon, e, por outro lado, deseja avidamente subir na escala social... Odeia que lhe lembrem que Caio Mário era seu parente, ainda que distante! Se Terência fosse uma dessas filhas sem distinção dos nossos plutocratas, creio que ele não teria posto a hipótese de se casar com ela. Nem para ela teria olhado. Mas a mãe dela era uma patrícia e foi casada em tempos com Quinto Fábio Máximo, o que significa que Fábia, a Virgem Vestal, é meia-irmã de Terência. Portanto, Terência servia-lhe às mil maravilhas. — Varrão estava com um ar enojado, ao falar de tudo aquilo. — Cícero é um ícaro, Lúcio Cornélio. Quer voar até ao reino do sol — o que é uma pretensão perigosa quando se é um Homem Novo e não se tem um sestércio na bolsa.

— Não sei o que é que os ares de Arpino têm, mas a verdade é que os homens de Arpino são todos assim — comentou Sila. — Ainda bem para Roma que esse Homem Novo de Arpino não tem capacidades militares!

— Bem pelo contrário, ao que sei.

— Ah, sim, sem dúvida! Quando Cícero foi meu contubernalis, dei-lhe as funções de secretário. Ficava branco só de ver uma espada! Mas nunca tive um secretário tão eficiente! Quando é o casamento?

— Só depois de Varrão Lúculo e o irmão celebrarem os ludi Romani, em Setembro. — Varrão riu-se. — Andam tão ocupados com os jogos que não têm tempo nem cabeça para mais nada! Já andam para aí a dizer que vão ser os melhores jogos dos últimos cem anos, pelo menos!

— Pena que eu não esteja em Roma para assistir aos jogos — disse Sila, sem qualquer demonstração de tristeza.

Por um momento, os dois homens calaram-se e Varrão aproveitou para falar do assunto que o levara a visitar Sila.

— Lúcio Cornélio, já sabes que Cneu Pompeu Magno vem a Roma dentro de pouco tempo? — perguntou ele, hesitante. — Ele gostaria de visitar-te, mas sabe que estás muito ocupado.

— Mas, para Magno, arranjo sempre tempo — disse Sila, jovialmente. Lançando um olhar penetrante a Varrão, perguntou-lhe:

— Ainda andas atrás dele, com uma pena e uma folha, a tomar nota de todas os peidos

que ele dá?

Varrão ficou vermelho; mesmo as coisas mais inocentes podiam suscitar a Sila comentários daqueles — Sila era absolutamente imprevisível. Acharia ele que seria mais proveitoso se Varrão gastasse o seu tempo a tomar nota dos feitos (ou dos peidos) de Lúcio Cornélio Sila? Humildemente, respondeu-lhe:

— Sim, de quando em quando. Isso começou de forma acidental, porque estávamos juntos quando a guerra rebentou e eu não fiquei imune ao entusiasmo de Pompeu. Ele disse que eu devia escrever história e não história natural. E eu aceitei o conselho. Escrevo história. Mas não sou o biógrafo de Pompeu!

— Uma boa resposta, sim senhor!

Não admira que Varrão, ao deixar a casa do Ditador, tivesse de parar para limpar o suor que lhe escorria pela cara. Falava-se muito do leão e da raposa que existiam em Sila; mas, pessoalmente, Varrão achava que o pior animal que Sila albergava em si era um gato vulgar.

No entanto, Varrão tinha-se saído bem. Quando Pompeu chegou a Roma com a sua esposa e se hospedou na casa da sua família, nas Carinas, Varrão pôde dizer-lhe que Sila gostaria muito de o ver e que lhe concederia tempo suficiente para terem uma demorada e agradável conversa. Fora isso mesmo o que Sila dissera — ainda que com alguma ironia pelo meio. Uma demorada e agradável conversa com Sila poderia transformar-se num passeio de funâmbulo sobre um fosso cheio de carvões em brasa.

Ah, mas a presunção e a vaidade da juventude! Pompeu, ainda com 26 anos, correu a visitar Sila sem apreensões nem dúvidas.

— Então que tal vai a vida de casado? — perguntou o Ditador, com modos suaves.

Pompeu mostrou um sorriso radiante.

— Maravilhosa! Gloriosa! Que bela mulher que tu me arranjaste, Lúcio Cornélio! Bela, educada, doce. Está grávida. Deve dar-me o meu primeiro filho no final deste ano.

— Um filho, ha? Tens a certeza que vai ser um rapaz, Magno?

— Absoluta.

Sila deu um risinho.

— bon, Magno, como tu és um dos favoritos de Fortuna, tenho de concluir que será mesmo um rapaz. Cneu Júnior... O Carniceiro, o Miúdo Carniceiro e o Bebê Carniceiro.

— Essa é boa! — exclamou Pompeu, nada ofendido.

— Vocês estão a estabelecer uma tradição — disse Sila com um ar grave.

— Isso não há dúvida! Três gerações!

Pompeu recostou-se, satisfeito. Depois, conforme Sila reparou, os seus grandes olhos azuis tingiram-se de uma expressão diversa; a felicidade desapareceu, para dar lugar à concentração, como se Pompeu matutasse em algo. Sila não disse nada. Limitou-se a esperar que Pompeu desabafasse.

— Lúcio Cornélio...

— Sim?

— Aquela lei que tu promulgaste — aquela lei que permite ao Senado procurar um comandante militar fora das suas hostes, caso não encontre nenhum entre os senadores...

— A comissão especial?

— Essa.

— O que é que tem?

— Essa lei aplica-se a mim?

— Poderá aplicar-se.

— Mas só se não houver voluntários no Senado.

— Não é isso que a lei diz, Magno. A lei diz: ”se não houver nenhum comandante capaz e experimentado entre os voluntários do Senado”.

— E quem é que decide isso?

— O Senado.

Seguiu-se um breve silêncio. Até que Pompeu comentou, aparentemente sem qualquer intenção especial:

— Seria bom ter muitos clientes dentro do Senado.

— É sempre bom ter muitos clientes, Magno.

Mas nesse momento, e de forma transparente, Pompeu decidiu mudar de assunto.

— Quem serão os cônsules para o próximo ano? — perguntou.

— Catulo será de certeza. Mas ainda não decidi se vai ser o cônsul sénior ou o cônsul júnior. Há um ano atrás, julgava que já tinha decidido. Mas agora já não tenho a certeza.

— Catulo é como Metelo Pio — um rigorista.

i — Talvez. Mas não tão velho nem tão inteligente, infelizmente. — Achas que Metelo Pio vai conseguir derrotar Sertório?

— De início é capaz de ter dificuldades — disse Sila, sorrindo. — Mas não tenhas o Bacorinho em tão pouco apreço, Magno. Ele demora algum tempo a funcionar. Mas quando começa a funcionar não há quem o agarre.

— Pah! Não passa de uma velha! — retorquiu Pompeu, com desdém.

— Olha que, no meu tempo, conheci muitas velhas valentes, Magno!

Mas Pompeu não desistia.

— E quem será o outro cônsul? — perguntou.

— Lépido.

— Lépido! — perguntou Pompeu, boquiaberto de espanto.

— Não aprovas?

— Não digo que não aprove, Lúcio Cornélio. Aliás, acho mesmo que aprovo! Só que não pensava que estivesses para aí virado. É que ele não tem sido muito obsequioso contigo...

— E é isso que tu pensas? Pensas que eu só dou grandes cargos aos homens que me lambem as botas?

Tenho de lhe fazer justiça: este rapaz nunca tem medo, pensou Sila. E tanto não tinha que continuou, para grande divertimento de Sila.

— Não, não é isso que penso. Mas a verdade é que nunca deste grandes cargos a homens que reprovaram claramente a tua conduta. Como é o caso de Lépido.

— E por que raio havia de fazê-lo? — perguntou Sila, aparentemente surpreso. — Não sou idiota ao ponto de dar grandes cargos a homens que desejem prejudicar-me!

— Nesse caso, porquê Lépido?

— Euvou retirar-me antes de ele assumir o seu cargo. E Lépido — disse Sila, intencionalmente — quer subir, quer subir muito alto. Ocorreu-me que talvez fosse melhor torná-lo cônsul enquanto estou vivo.

— É um bom homem.

— Porque me pôs em causa publicamente? Ou apesar disso? Mas Pompeu não estava preparado para aprofundar a questão.

Por isso, não passou do seu ”é um bom homem”. Na verdade, embora achasse que a

nomeação de Lépido era uma decisão algo excêntrica, Pompeu não estava especialmente interessado no assunto. Interessava-o muito mais a lei de Sila sobre as comissões especiais. Quando soube da lei, pensou que talvez ela tivesse alguma coisa a ver consigo; porém, nessa altura, não lhe passou pela cabeça fazer qualquer pergunta nesse sentido a Sila. Agora, quase dois anos depois de a lei ter sido promulgada, achava mais apropriado averiguar do que perguntar. Era evidente que o Ditador tinha feito bem. Já era difícil a um senador alcançar os seus objectivos, quanto mais a um não senador.

Durante o caminho de regresso a casa, Pompeu não parou de pensar no assunto. Em primeiro lugar, teria de estabelecer uma facção Centro do Senado. Depois, teria de criar um grupo mais pequeno, capaz de — em troca de alguma coisa, evidentemente — manobrar a seu favor, de uma forma activa e constante. E mesmo capaz de se entregar a actividades ilícitas. O problema era: por onde começar?

A meio das Escadas das Arenas, Pompeu parou, virou-se e voltou para trás na direcção da Clivus Victoriae, subindo os degraus dois a dois, o que era sem dúvida uma proeza para quem vestia uma toga. Filipe! Começaria por Filipe!

Lúcio Márcio Filipe percorrera já um longo caminho desde o dia em que visitara Caio Mário e lhe dissera que ele, Filipe, acabara de ser eleito tribuno da plebe e estaria disposto a fazer alguma coisa em seu favor, por um determinado preço, naturalmente. Só Filipe sabia quantas vezes havia já mudado de partido. O que os outros sabiam era que Filipe conseguira sempre sobreviver, e mesmo melhorar a sua reputação. Na altura em que Pompeu decidiu visitá-lo, Filipe era simultaneamente consular e ex-censor, e um dos anciãos do Senado. Muitos eram os homens que o detestavam, poucos o que gostavam dele sinceramente, mas a verdade é que continuava a ser um indivíduo poderoso; fosse de que maneira fosse, a verdade é que conseguira persuadir a maioria de que era um homem não só com uma reputação firmada, mas também com uma influência política decisiva.

Filipe achou a sua entrevista com Pompeu divertida e, ao mesmo tempo, merecedora de atenção e reflexão; embora, até então, nunca tivesse tido nenhum relacionamento particular com o protegido de Sila, Filipe estava perfeitamente consciente de que aquele jovem exigia de Roma uma apurada vigilância. Além disso, Filipe encontrava-se uma vez mais com sérios problemas

financeiros, ainda que, desta feita, estes tivessem nascido de circunstâncias totalmente novas. As proscrições de Sila tinham-se revelado extremamente frutíferas para quem quisesse comprar propriedades a preços baratos: foi isso o que sucedeu com Filipe, pois, com alguns milhares, comprou terrenos que valiam milhões. Porém, como muitos homens da sua classe, Filipe não era um administrador eficiente; o dinheiro parecia fugir-lhe das mãos e faltava-lhe habilidade para dirigir convenientemente os seus empreendimentos rurais — bem como a habilidade para escolher subordinados dignos de confiança.

— Em suma, Cneu Pompeu, eu sou o oposto de homens como Marco Licínio Crasso, o qual, não só não perdeu um único sestércio, como continua a acumular milhões. Os funcionários dele tremem só de o ver. Os meus, quando me vêem, põem um sorriso matreiro.

— Precisas de um Crisógono — disse o jovem com o seu sincero olhar azul e a sua expressão franca, aberta, atraente.

Filipe, que sempre fora atreito a engordar, ficara ainda mais flácido e cheio com a idade, e os seus olhos castanhos estavam quase enterrados entre as pálpebras inchadas. Esses olhos fixavam-se agora naquele jovem conselheiro com espanto e aborrecimento: Filipe não estava habituado a que lhe dessem conselhos com aquele ar de quem sabia tudo.

— Crisógono acabou empalado nos rochedos aguçados sob a Rocha Tarpeia!

— Apesar do destino que teve, a verdade é que Crisógono foi, para Sila, um elemento extremamente valioso — disse Pompeu. — Ele morreu porque enriquecera à custa das proscrições — e não por ter roubado directamente o seu patrono. Durante os muitos anos em que trabalhou para Sila, foi verdadeiramente infatigável. Acredita no que te digo, Lúcio Márcio, precisas de um Crisógono.

— Pode ser que precise de um Crisógono, mas não faço a mínima ideia de como o encontrar.

— Se assim desejares, tentarei encontrar-te um bom administrador.

Os olhos submersos pela gordura pareciam saltar.

— Ah sim? E por que razão te dispões a isso, Cneu Pompeu?

— Trata-me por Magno — disse Pompeu, impaciente.

— Magno.

— Porque preciso dos teus serviços, Lúcio Márcio.

— Trata-me por Filipe.

— Filipe.

— E como poderei eu servir-te, Magno? Tu és muito mais rico que a maior parte dos ricaços de Roma — até mesmo mais rico que Crasso, aposto! Tens... vinte e poucos anos, e já és famoso como comandante militar, isto para não falar do facto de teres caído, e de que maneira, nas graças de Sila — o que não é nada fácil. Eu, por exemplo, bem tentei, mas nunca consegui.

— Sila vai deixar o poder — disse Pompeu, sem subterfúgios. — E quando ele deixar o poder, eu voltarei à obscuridade. Especialmente se tivermos homens como Catulo e os Dolabelas nos cargos mais altos. Eu não sou membro do Senado. Nem tenciono ser.

— Isso é curioso — disse Filipe, pensativo. — Tiveste uma boa oportunidade. Sila pôs o teu nome no topo da sua primeira lista. Mas tu desperdiçaste essa oportunidade única.

— Cá tenho as minhas razões.

— Imagino que sim! Imagino que sim!

Pompeu levantou-se da sua cadeira e encaminhou-se até à janela aberta do gabinete de Filipe, o qual, por causa da peculiar situação da casa de Filipe (empoleirada, por assim dizer, perto da curva da Clivus Victorae) dava, não para um jardim de peristilo, mas para uma vasta zona, desde o baixo Fórum Romano até ao penhasco do Capitólio. E aí, um pouco acima da arcada onde se encontravam
as magnificentes efígies dos Doze Deuses, começava a erguerse um edifício majestoso; era o Tabulário de Sila, um gigantesco arquivo onde ficariam depositadas todas as tábuas das leis de Roma, bem como os registos contabilísticos e administrativos. Outros homens, pensou Pompeu com desdém, prefeririam construir uma basílica, ou um templo, ou um pórtico, mas Sila optava por um monumento à burocracia de Roma! Sim, Sila não permitia que a sua imaginação tivesse sequer um esboço de asas. O seu espírito prático, comum a todos os patrícios, era a sua grande fraqueza.

— Ficaria muito contente se conseguisses arranjar-me um Crisógono — disse Filipe, para quebrar o longo silêncio. — O único problema é que eu não sou um Sila! Portanto, duvido muito que consiga controlar uma tal criatura.

— Filipe, tu não és um homem brando e indulgente, a não ser na aparência — disse o Mestre do Tacto. — Se eu te arranjar o homem certo, estou certo de que conseguirás controlá-lo.

O teu único problema é não saberes escolher as pessoas certas.

— E porque hás-de tu prestar-me esse favor, Magno?

— Ah, esse não é o único favor que tenciono prestar-te — disse Pompeu, virando as costas à janela com um sorriso que lhe iluminava todo o rosto.

— Não é?

— Pelo que vejo, o teu principal problema consiste na manutenção de um fluxo monetário decente. Tens muitas propriedades, bem como várias escolas para gladiadores. Mas nada disso é administrado eficientemente e, por isso mesmo, não tens tanto rendimento como seria de esperar. Um Crisógono alcançaria rapidamente esse objectivo! No entanto, como tu és um homem famoso pelos teus hábitos requintados e dispendiosos, é muito provável que, mesmo extraindo um maior rendimento de todas as propriedades e escolas, nem sempre consigas satisfazer as tuas necessidades.

— Ora aí está uma maneira admirável de pôr o problema — comentou Filipe, que se apercebia agora de que estava a gostar imenso daquela conversa.

— Por isso mesmo, eu estaria disposto a aumentar os teus rendimentos, oferecendo-te um milhão de sestércios por ano — disse Pompeu de uma maneira perfeitamente neutral. Filipe não podia deixar de reagir com o maior espanto.

— Disseste um milhão!

— Desde que o mereças.

— E que teria eu de fazer para o merecer?

— Terias de criar uma facção favorável a Cneu Pompeu Magno dentro do Senado. Uma facção com suficiente poder para me dar aquilo que eu quisesse e quando o quisesse. — Pompeu, que nunca sofrera de timidez, culpabilidade ou qualquer tipo de autocensura, não teve, naquele momento, a mínima dificuldade em enfrentar o olhar de Filipe.

— E porque é que não entras para o Senado e crias tu a tua própria facção? Sai muito mais barato!

— Eu recuso-me a pertencer ao Senado. Por isso, essa via está posta de parte. Além disso, se fosse eu a criar a minha facção, teria de partir do nada. Por isso, é muito melhor fazê-lo nos bastidores. Nunca ocorrerá aos senadores que eu possa ter outros interesses relativamente ao que se passa no Senado, para além do interesse específico de um genuíno patriota romano.

— Não há dúvida que és muito perspicaz! — exclamou Filipe, num tom apreciativo. — Será que Sila conhece todos os lados da tua personalidade?

— Creio bem que sim. Creio mesmo que foi por minha causa que ele incluiu a comissão especial nas suas leis sobre comandos e governos de províncias.

— Achas que ele criou a comissão especial porque tu te recusaste a integrar o Senado?

— Sim, é isso que eu acho.

— E é por isso que me queres pagar uma óptima maquia para eu criar uma facção pró-Magno dentro do Senado. Quanto a isso, não tenho nada a apontar. O problema é que criar uma facção dentro do Senado custar-te-á muito mais dinheiro do que aquele que me vais pagar. Por uma razão muito simples: eu não tenciono pagar da minha bolsa aos outros homens eventualmente necessários. O dinheiro que me vais pagar só sairá da minha bolsa para as minhas despesas pessoais.

— Isso parece-me perfeitamente justo — retorquiu Pompeu serenamente.

— Há muitos senadores necessitados entre os pedarii. Não te custarão muito dinheiro, porque só precisarás deles para as votações. Mas será necessário comprar alguns bons oradores dos bancos
da frente, e também mais uns quantos dos bancos do meio. — Filipe fez uma pausa e, com um ar pensativo, acrescentou: — Caio Escribónio Curió é relativamente pobre. Tal como o Cornélio Lêntulo que foi adoptado — Cneu Cornélio Lêntulo Clodiano. Ambos desejariam ser cônsules, mas nenhum deles tem o dinheiro necessário. Há uma série de Lêntulos no Senado, mas Lêntulo Clodiano é o mais velho do ramo. É ele que controla os votos dos senadores dos últimos bancos que pertencem à clientela dos Lêntulos. Curió é uma verdadeira potência — um homem muito interessante. Mas, para os comprares, terás de gastar muito dinheiro. Provavelmente um milhão para cada. Isto se Curió se vender. Acredito que se venda por um preço muito alto, mas não de uma forma cega e total. No entanto, Lúcio Gélio Poplicola era capaz de vender a mulher, os pais e os filhos por um milhão.

— Preferia pagar-lhes uma soma anual, como farei contigo — disse Pompeu. — Um milhão podia comprá-los agora, mas creio que ficariam mais contentes se soubessem que, todos os anos, receberiam um quarto de milhão. Em quatro anos, teriam um milhão. Mas euvou precisar deles por mais tempo.

— És generoso, Magno. Insensatamente generoso, diriam alguns.

— Insensato é coisa que não sou — atirou-lhe Pompeu. — Os serviços que me vão prestar terão de compensar o dinheiro gasto!

Durante algum tempo discutiram os problemas práticos levantados pelos pagamentos e, nomeadamente, as somas necessárias para levar os senadores dos bancos de trás a votar em Pompeu. Porém, a certa altura, Filipe recostou-se na cadeira, pensativo e silencioso.

— Que se passa? — perguntou Pompeu, algo ansioso.

— Há um homem que não podes dispensar. O problema é que ele já granjeou tanta riqueza que nem sabe o que fazer ao dinheiro. É praticamente impossível comprá-lo e ele não deixa de se aproveitar desse facto.

— Estás a pensar em Cetego.

— Precisamente.

— Que hei-de fazer para o conquistar?

— Não faço a mínima ideia.

Pompeu levantou-se com um ar enérgico e decidido.

— Então acho melhor ir vê-lo.

— Não! — exclamou Filipe, alarmado. — Cetego é um patrício da família Cornélio e um indivíduo tão susceptível e melindroso que ficaria a odiar-te. Não, com ele não se pode lidar directamente. Deixa o caso comigo. Euvou sondá-lo.

Dois dias depois, Pompeu recebeu uma mensagem de Filipe. Continha uma única frase: ”Dá-lhe Précia, que ele será teu.”

Pompeu segurou na nota junto à chama de uma vela até que o papel começou a arder.

Tremia de raiva. Ah sim, aquilo era mesmo de Cetego! O pagamento que exigia era a humilhação do futuro benfeitor! Sim, porque no fundo aquilo que Cetego exigia era que Pompeu se tornasse um proxeneta ao seu serviço.

O relacionamento de Pompeu com Múcia Tércia diferia em muito da forma como lidava com Emília Escaura — ou com a sua primeira esposa, Antístia. Esta terceira esposa estava muito acima das anteriores. Primeiro que tudo, era inteligente. Em segundo lugar, era enigmática; Pompeu nunca conseguia saber o que ela realmente pensava. Em terceiro lugar, era absolutamente maravilhosa na cama — uma verdadeira surpresa! Afortunadamente, Pompeu

nunca cometera a asneira de lhe chamar pudinzinho ou pote de mel; não que isso não lhe tivesse passado pela cabeça — só que havia algo na expressão dela que o impedira de pronunciar tais expressões. Ainda que Pompeu não gostasse do jovem Mário, não podia esquecer que ela fora esposa dele e que essa experiência tivera sem dívida uma influência decisiva na personalidade de Múcia Tércia. Além disso, era filha de Cévola e sobrinha de Crasso Orador. Os seis anos que vivera com Júlia também contavam muito. Por isso, instintivamente, Pompeu chegara à conclusão de que Múcia Tércia devia ser tratada, não como uma escrava, mas como uma pessoa igual a ele.

Por isso, nesse dia, quando foi ter com Múcia Tércia, procedeu como de costume: deu-lhe um demorado beijo, procurando com a sua língua a língua dela, e afagou-lhe suavemente e apaixonadamente os mamilos. Depois, correu a sentar-se num sítio onde pudesse apreciar o rosto dela, com um sorriso de quem estava subjugado pelo amor e pela devoção. E, depois desses preliminares, foi direito ao assunto.

— Sabias que eu em tempos tive uma amante em Roma? — perguntou.

— Qual delas? — foi a resposta de Múcia Tércia, solene e desprendida; a esposa de Pompeu raramente sorria.

— Então conhece-las a todas — disse ele, sem qualquer problema.

— Só conheço as duas mais famosas: Flora e Précia.

Era evidente que Pompeu já se tinha esquecido de que Flora alguma vez existira; por um momento ficou com um ar de total espanto, mas depois desatou a rir.

— Flora? Oh, isso já foi há uma eternidade!

— Précia — disse Múcia Tércia, numa voz perfeitamente neutra — também foi amante do meu primeiro marido.

— Sim, eu sabia.

— Soubeste antes ou depois de a teres feito tua amante?

— Antes.

— E não te importaste?

Pompeu queria mostrar que também era capaz de dar respostas rápidas. Por isso, retorquiu:

— Se não me importei de casar com a viúva dele, porque haveria de me importar de

dormir com a sua ex-amante?

— Sim, tens razão — respondeu Múcia Tércia, aproximando várias meadas de lã da luz para as inspeccionar melhor. O seu trabalho, um bordado, permaneceu no ventre grávido. Finalmente, escolheu o mais pálido dos tons, cortou uma porção de fio e, depois de molhar a ponta e de a enrolar entre os dedos, fez entrar o fio com facilidade pelo largo buraco de uma agulha. Só depois de terminada esta tarefa é que voltou a dar atenção ao marido. — Que me queres dizer acerca de Précia?

—vou criar uma facção no Senado.

— É uma decisão sensata — comentou ela, enfiando a agulha no tecido grosseiro em que se notava já um colorido e complicado desenho. — Por quem começaste, Magno? Filipe?

— Absolutamente correcto! És espantosa, Múcia!

— Espantosa, não. Experiente — disse ela. — Cresci rodeada de conversas sobre política.

— Filipe comprometeu-se a criar essa facção — prosseguiu Pompeu. — Mas há uma pessoa difícil de comprar.

— Cetego — disse ela, começando agora a preencher um arabesco previamente desenhado.

— Correcto uma vez mais. Cetego.

— É um elemento necessário.

— Foi o que Filipe me disse.

— E qual é o preço de Cetego?

— Précia.

— Ah, estou a ver. — O arabesco ia sendo preenchido a bom ritmo. — Filipe encarregou-te da missão de comprar Précia para o Rei dos Senadores das Últimas Bancadas. É isso, não é?

— É mesmo — disse Pompeu, encolhendo os ombros. — Ela deve ter falado bem de mim, pois caso contrário Filipe teria dado esse trabalho a outra pessoa.

— Fala melhor de ti do que de Caio Mário Júnior.

— A sério? — perguntou Pompeu, com uma expressão radiante. — Óptimo!

Múcia Tércia parou com o seu trabalho; os olhos verdes, muito fundos, tão separados,

tão semelhantes aos de uma corça, fixaram-se, inescrutáveis, no seu amo e senhor.

— Continuas a visitá-la, Magno?

— Não, claro que não! — retorquiu Pompeu, indignado. Uma indignação que depressa se esbateu. Depois, com um olhar interrogativo, perguntou-lhe: — Importavas-te se eu a visitasse?

— Não, claro que não — disse ela, retomando o trabalho. Pompeu ficou vermelho de raiva.

— O quê? Então não tinhas ciúmes?

— Claro que não.

— tntão não me amas! — exclamou ele, levantando-se num ápice e caminhando apressadamente pela sala.

— Por favor, Magno, senta-te.

— Tu não me amas! — exclamou ele, de novo. com um suspiro, Múcia Tércia largou o bordado.

— Senta-te, Cneu Pompeu! É claro que te amo!

— Se me amasses, terias ciúmes! — atirou-lhe ele, enfiando-se de novo na cadeira.

— Eu não sou uma pessoa ciumenta. No que toca ao ciúme, as coisas são assim: ou se é ciumento, ou não se é. E por que razão havias de querer que eu fosse ciumenta?

— Porque isso seria um sinal de que gostavas de mim.

— Não, seria apenas um sinal de que era ciumenta — replicou ela, com uma lógica magnífica. — Não te esqueças de que eu cresci num ambiente familiar extremamente perturbado. O meu pai amava
loucamente a minha mãe e ela também o amava. Mas ele nunca deixou de ter ciúmes dela. E ela sofria com isso. De tal forma que o ciúme do meu pai acabou por empurrá-la para os braços de Metelo Nepo, que não é um homem ciumento. E ela agora é feliz.

— Isso é uma advertência para que eu não tenha ciúmes de ti?

— De modo nenhum — disse ela, placidamente. — Eu não sou a minha mãe.

— Gostas de mim?

— Sim, muito.

— Gostavas do jovem Mário?

— Não, nunca gostei. — Múcia Tércia já tinha usado o primeiro fio; precisava agora de cortar outro. — Caio Mário não era carinhoso. Tu és carinhoso, deliciosamente carinhoso. E essa é uma qualidade que vale bem o meu amor.

Pompeu ficou tão satisfeito com a resposta que voltou imediatamente ao assunto inicial.

— O meu problema, Múcia, é saber como hei-de fazer este trabalho! Trabalho de procurador... De procurador? Ora, deixemo-nos de eufemismos! Trabalho de proxeneta!

Ela soltou um risinho. Maravilha das maravilhas, ela ria-se!

— Não há dúvida que este caso te deixa numa posição difícil, Magno.

— Que devo fazer?

— Segue a tua natureza. Toma conta do caso e faz o que tens a fazer. Tu só perdes o controlo dos acontecimentos quando paras para pensar ou quando te preocupas com o teu aspecto. Por isso, não pares para pensar — e deixa de te preocupar com o teu aspecto. De outro modo, vais estragar tudo.

— Achas então que devo ir ter com ela e pedir-lhe, sem rodeios, que seja amante de Cetego.

— Precisamente. — Múcia Tércia, depois de enfiar de novo a agulha, ergueu os olhos para o marido, com um vago sorriso. — Mas os meus conselhos têm um preço, meu querido Magno.

— Ai têm?

— Têm, sim. Quero que me contes, com todos os pormenores, o teu encontro com Précia.

Como se veio a verificar, as negociações com Précia surgiram no momento certo.

Agora que já não tinha amantes como o jovem Mário ou Pompeu, Précia caíra num marasmo de que dificilmente sairia, já que à sua vida faltavam estímulos ou interesses poderosos. Confortavelmente instalada e decidida a manter a sua independência, era agora demasiado velha para se entregar a uma paixão física avassaladora. Como acontecia com muitas das suas confrades (menos famosas todas) na arte do amor, Précia tornara-se uma especialista na simulação. Era também uma astuta juíza de carácteres, para além de extremamente inteligente. Daí que encarasse todos os seus encontros sexuais a partir de uma posição superior de poder, segura da sua capacidade para agradar, e segura do domínio que exercia sobre a sua presa. Do que mais gostava

era de imiscuir-se em assuntos de homens, naqueles assuntos que pouco ou nada tinham a ver com o mundo das mulheres. E sobretudo gostava de se intrometer em questões políticas. Era um bálsamo para o intelecto e para o humor.

Quando lhe foram anunciar a presença de Pompeu, não cometeu o erro de concluir que ele pretendia reatar a ligação, embora por momentos isso lhe tivesse passado pela cabeça, já que a mulher dele estava grávida.

— Meu querido Magno! — disse ela, extremamente afável, mal viu Pompeu.

O jovem beijou-lhe as mãos antes de se sentar numa cadeira, a alguma distância do divã onde ela estava reclinada. Enquanto se sentava, suspirou de uma forma tão artificial que Précia não se pôde impedir de sorrir.

— Como tens passado, Magno? — perguntou ela.

— E tu, Précia? — disse ele. — A mesma perfeição de sempre, pelo que vejo! Mas será que já houve alguém capaz de te considerar a ti e ao teu ambiente menos do que perfeito? Mesmo quando a visita é inesperada?

O tablinum de Précia — ela dava-lhe o nome que um homem teria dado — era um espectáculo deslumbrante de azul muito claro, creme e a quantidade exacta de dourado. Quanto a ela — todos os dias se levantava para uma toilette tão completa como demorada e, quando terminava, bem podia dizer que se transformara numa obra de arte. Naquele dia, usava uma quantidade de drapejados de um verde-salva muito suave e penteara a sua cabeleira ouro-pálida ao jeito de Diana, a Caçadora, dispondo-a em camadas disciplinadamente sobrepostas e ornando-a de anéis que pareciam absolutamente naturais, apesar de terem resultado de um apurado trabalho em frente do espelho. A sua face, de traços belos e suaves, não exibia qualquer maquilhagem; Précia era demasiado inteligente para cobrir com pinturas os dotes naturais que Fortuna lhe proporcionara e que ainda eram bem visíveis apesar dos seus 40 anos.

— Tens estado bem? — perguntou Pompeu.

— Bem de saúde. Muito mal de humor.

— Porquê?

Ela encolheu os ombros, amuada.

— Achas que tenho motivos para me sentir feliz? Tu já não apareces! Nem tu nem ninguém com interesse.

— Voltei a casar.

— com uma mulher muito estranha.

— Múcia, estranha? Sim, creio que sim. Mas gosto dela.

— Era de crer.

Pompeu procurava uma maneira de dizer o que tinha a dizer, mas era incapaz de encontrar um jeito que lhe agradasse. Daí que se tivesse calado. Précia fitava-o com um ar trocista, meio-sentada, meio-deitada no divã. Os olhos dela — considerados o seu mais belo traço, pois eram muito grandes e de um azul deslumbrante — pareciam dançar ao ritmo desse escárnio.

— Já estou farto disto! — exclamou Pompeu de repente. — Eu sou um emissário, Précia! Não te vim ver por minha causa, mas por causa de outra pessoa.

— Ah! Que intrigante!

— Tens um admirador.

— Tenho muitos admiradores.

— Mas nenhum como este.

— E o que é que o torna assim tão diferente? bom, para já há uma coisa que o torna diferente: conseguiu convencer-te a servir de intermediário!

Pompeu corou.

— Eu fui apanhado no meio disto tudo, e, francamente, odeio o que estou a fazer! Mas preciso dele e ele não precisa de mim. Foi por isso que vim. Por causa dele.

— Já disseste isso.

— Deixa-te de ironias, mulher! Já basta o que basta! O homem em causa é Cetego.

— Cetego! Olá! — disse Précia, com um ar satisfeito.

— É um homem muito rico e mimado e um verdadeiro malandro — disse Pompeu. — Ele podia perfeitamente ter tratado do assunto, mas diverte-o usar-me como intermediário.

— O preço dele é esse — disse ela. — Obrigar-te a fazer o papel de proxeneta.

— Não há dúvida.

— Deves odiá-lo.

— Responde-me! Sim ou não?

— Já não me queres, Magno?

— Não, já não te quero.

— Então a minha resposta a Cetego é sim. Pompeu levantou-se.

— Pensei que ias responder que não.

— Noutras circunstâncias, teria adorado. Mas a verdade é que me sinto mortalmente entediada, Magno. Cetego é uma potência no Senado e eu gosto de me dar com homens poderosos. Além disso, prevejo que ele pode proporcionar-me uma nova fonte de poder. Farei com que todos aqueles que procuram favores junto de Cetego, só os alcancem se me cortejarem. Uma bela perspectiva!

— Grr! — fez Pompeu, e virou-lhe as costas.

No estado em que estava, Pompeu achou preferível não ir anunciar o desfecho do caso directamente a Cetego; em vez disso, optou por visitar Lúcio Márcio Filipe.

— Précia está de acordo — disse ele, sem mais comentários.

— Excelente, Magno! Mas porquê esse ar tão infeliz?

— Porque ele fez de mim um proxeneta.

— Oh, tenho a certeza de que não foi intencional!

— Pois tenho a certeza que foi!

Na Primavera desse ano, Nola caiu em poder dos Romanos. Durante quase doze anos, essa cidade da Campânia, de origem e tradições samnitas, resistira a Roma e a Sila, suportando sucessivos cercos, a maior parte dos quais comandados pelo cônsul júnior desse ano, Ápio Cláudio Pulcro. Foi, por isso, lógico que Sila tivesse mandado Ápio Cláudio aceitar formalmente a submissão de Nola, tal como foi lógico que Ápio Cláudio sentisse grande prazer em anunciar aos magistrados da cidade os pormenores das condições invulgarmente duras impostas por Sila. Tal como Cápua, Fésulas e Volaterras, Nola deixaria de ter territórios; estes seriam todos integrados no ager publicus romano. Por outro lado, a cidadania romana seria recusada aos homens de Nola. O sobrinho do Ditador, Públio Sila, passava a ter inteira autoridade sobre a área, o que constituía uma nova humilhação para a cidade, já que, no ano anterior, Públio Sila revelara uma crueldade sem par ao tratar dos complexos problemas de Pompeios, crueldade que só contribuíra para piorar esses problemas.

Para Sila, porém, a submissão de Nola era um sinal. Podia afastar-se com a sua sorte intacta, depois de Nola, a cidade onde obtivera a sua Coroa de Erva, ter sido reduzida à mais total

impotência. Por isso, durante os meses de Maio e Junho, tudo o que Sila possuía na sua casa de Roma foi sendo transportado para Miseno; entretanto, em Miseno, os operários andavam numa grande azáfama, pois era preciso concluir rapidamente algumas obras adjacentes à villa de Sila: um pequeno teatro, um parque belíssimo, onde nem sequer faltavam pequenos vales cheios de flores silvestres, bem como quedas-d'água e muitas fontes, uma piscina enorme e várias salas adicionais, aparentemente destinadas a festas e banquetes. Isto para não falar dos seis aposentos reservados para convidados, de uma tal opulência que toda a cidade não falava de outra coisa: quem é que Sila iria convidar? O rei dos Partos?

Chegou então o mês de Quinctilis e a última das eleições de Sila, que de eleições não tinham nada. Para grande pesar de Catulo, seria ele o cônsul júnior; o cônsul sénior era Marco Emílio Lépido, um nome que ninguém esperava, já que Lépido mantivera uma postura de total independência desde que Sila se tornara Ditador.

No início desse mês, Valéria Messala e os gémeos partiram para a Campânia; a villa estava já preparada para os receber. Em Roma, ninguém previa surpresas. Sila partiria tal como tinha chegado: com uma aura de absoluta respeitabilidade e rodeado da maior solenidade. Roma estava prestes a perder o seu primeiro ditador em cento e vinte anos e o primeiro ditador que se mantivera no cargo por mais de seis meses.

Os ludi Apollinares, jogos que haviam sido organizados pela primeira vez pelo remoto antepassado de Sila, decorreram entretanto;

as pretensas eleições foram também realizadas. E, um dia depois das eleições curuis, uma imensa multidão concentrou-se no baixo Fórum Romano para assistir à cerimónia em que Sila abandonaria a missão que a si próprio impusera. Sila preferia que a cerimónia fosse pública, em vez de decorrer no espaço fechado do Senado. Despedir-se-ia de Roma nos rostra, uma hora depois do alvorecer.

E fê-lo com uma dignidade e uma majestade impressionantes; despediu-se em primeiro lugar dos seus vinte e quatro lictores com extrema cortesia e com presentes muito dispendiosos (para Sila); depois, dos rostra, falou para a multidão; finalmente, acompanhado pelos eleitores, encaminhou-se para o Campo de Marte, onde assistiu à revogação da lei de Flaco Princeps Senatus que o nomeava Ditador. Concluídas todas as cerimónias, regressou a casa como um cidadão privado, destituído de imperium e de auctoritas oficial.

— Mas gostaria que alguns de vós assistissem à minha partida de Roma — disse ele aos cônsules Vátia e Ápio Cláudio, a Catulo, Lépido, Cetego, Filipe. — Estejam na Porta Capena amanhã, uma hora depois do alvorecer. Venham assistir à minha despedida de Roma.

Os outros obedeceram-lhe à letra — e outra coisa não seria de esperar. Sila era agora um privatus destituído de todo o poder magisterial, mas fora Ditador durante tanto tempo que os homens de Roma dificilmente conseguiam imaginá-lo sem poder. Sila seria sempre perigoso enquanto fosse vivo.

Assim, todos os magistrados que Sila convocara apareceram à hora certa na Porta Capena; faltavam os três protegidos de Sila que ele mais favorecera — Lúculo, Mamerco e Pompeu — mas unicamente porque não se encontravam em Roma. Lúculo fora em viagem para tratar dos seus jogos, previstos para Setembro, Mamerco encontrava-se em Cumas e Pompeu regressara ao Piceno para assistir ao nascimento do seu primeiro filho. Mais tarde, quando soube dos acontecimentos ocorridos na Porta Capena, Pompeu deu-se por feliz por ter estado ausente de Roma na altura; Lúculo e Mamerco sentiram precisamente o oposto.

O mercado situado à entrada da Porta Capena estava cheio de gente que se entregava às mais diversas actividades — vender, comprar, traficar, ensinar, passear, namoriscar, comer. Claro que o

grupo vestido com togas debruadas a púrpura suscitou a curiosidade de toda aquela gente; ouviram-se os habituais insultos aos membros da classe dominante, mas os senadores curuis já tinham ouvido insultos desses muitas vezes e, por isso, não lhes deram a mínima importância. Reuniram-se sob o imponente arco da Porta Capena e aí esperaram, conversando para matar o tempo.

Pouco tempo depois, começaram a ouvir os acordes de uma estranha música — gaitas, pequenos tambores, flautas, executando uma inconfundível toada em honra de aço. A multidão que enchia o mercado ficou imediatamente possuída de uma excitação incontrolável.

Estupefactas, as pessoas abriram alas para que o cortejo passasse. À frente vinham prostitutas, cobertas de flores e vestidas com togas de um vermelho muito vivo, agitando festivas pandeiretas, enquanto retiravam das cavidades das togas as pétalas de rosas com que juncavam o chão. A seguir, vinham anões e criaturas monstruosas, alguns com os rostos cobertos de argila ou pintados, outros usando máscaras enfeitadas com chifres e sinos, pulando e saltando sobre as

pernas deformadas, vestidos com centuculi, capas de cores muito vivas que faziam lembrar fragmentos de arco-íris. A seguir vinham os músicos: alguns pouco mais vestiam do que flores, outros apresentavam-se como sátiros fogosos ou como excêntricos eunucos. No meio do cortejo, rodeado por crianças que não paravam de rir e de dançar, encontrava-se um burro muito gordo, embriagado, com os cascos pintados de dourado, uma coroa de flores no pescoço e as orelhas espetadas espreitando pelos buracos de um chapéu de aba larga, enfeitado com uma grinalda. Em cima do burro, que tinha por sela uma manta púrpura, vinha Sila, tão bêbedo como o animal, segurando na mão uma taça de ouro que a todo o momento derramava vinho, vestido com uma túnica de púrpura de Tiro bordada a ouro, e adornado com flores à volta do pescoço e em cima da cabeça. Ao lado do burro, vinha uma mulher muito bela — ou melhor, um homem travestido; o seu espesso cabelo negro tinha alguns salpicos grisalhos e o seu físico pouco feminino fora vestido com uma túnica de mulher semitransparente, cor de açafrão; segurava uma enorme garrafa dourada e sempre que Sila lhe apresentava a taça, ele corria a enchê-la, derramando mais algum vinho pelo chão.

O caminho que conduzia à Porta Capena terminava por uma descida: por isso, ao aproximar-se da Porta, o cortejo ganhou alguma velocidade. Sila desatou então a gritar que parassem e todos os foliões assim fizeram e de tal maneira que se atiraram para o chão berrando e guinchando, as mulheres esperneando e exibindo os seus órgãos sexuais pintados de vermelho. O burro, atordoado com o vinho, tropeçou e foi chocar contra o muro de uma fonte; Sila vacilou e só não caiu porque o homem travestido o agarrou e ajudou a descer; Sila deixou-se envolver por aqueles braços fortes e, lentamente, deslizou pelo corpo do outro até sentir os pés no chão. O antigo Ditador encaminhou-se então na direcção do estupefacto grupo de senadores curuis, mas ainda parou a meio para apreciar as belas pernas de uma das mulheres que esperneavam no chão; depois de as apreciar demoradamente, baixou-se e meteu um dedo no cunnus da mulher, deixando-a ainda mais hilare e, pelo menos aparentemente, num paroxismo orgástico.

Enquanto a escolta recuperava a calma e se reunia de novo, cantando, tocando e dançando — para grande alegria da multidão —, Sila abeirou-se dos cônsules, abraçado ao seu belo acompanhante e erguendo a taça de vinho numa efusiva saudação.

— Tacete! — gritou Sila para os bailarinos e os músicos. Estes calaram-se

imediatamente. Mas nenhuma outra voz quebrou o silêncio.

— Ora bem! Finalmente chegou! — exclamou ele para ninguém em particular: talvez para o céu. — O meu primeiro dia de liberdade!

A taça dourada descrevia círculos no ar e a boca pintada exibia as gengivas no mais largo e feliz dos sorrisos. Coroado pela absurda peruca arruivada, o seu rosto estava inteiramente pintado de branco, de tal forma que as cicatrizes não se notavam. Mas o efeito não era talvez o que ele previra, pois o contorno vermelho da boca espalhara-se pelas muitas rugas que a rodeavam; assim, aquela boca mais parecia uma ferida ainda sangrando e as rugas assemelhavam-se a costuras vermelhas, aplicadas sem grande cuidado. No entanto, isso não impedia que Sila sorrisse, sorrisse, sorrisse sempre. Estava completamente embriagado e estava-se marimbando para isso.

— Durante mais de trinta anos — disse ele para os espantados Vátia e Ápio Cláudio — neguei a minha natureza. Neguei a mim mesmo o amor e o prazer: de início por causa do meu nome e da minha ambição e, mais tarde, quando o meu nome estava firmado e a minha ambição satisfeita, por causa de Roma. Mas tudo isso

acabou. Acabou para sempre! Para sempre! Aqui e agora vos devolvo Roma — a vocês, míseras e presunçosas criaturas, a vocês, que na cabeça só têm vermes! Podem voltar a descarregar as vossas raivas contra o nosso pobre país — podem eleger os homens errados, podem esbanjar os dinheiros públicos, podem pensar apenas nos vossos egos gigantescos e não levar em conta o dia de amanhã! Daqui a trinta anos, vocês e aqueles que vos hão-de suceder terão transformado Roma numa ruína sem redenção possível!

A sua mão afagou o rosto do homem que o apoiava: um afago terno e íntimo.

— Sabem com certeza quem é este homem, porque freqüentam o teatro. É Metróbio. O meu rapaz. Sempre e para sempre o meu rapaz! — E virou-se para ele, puxou para si a cabeça escura e beijou-o na boca.

Depois, com soluços e risinhos, deixou que Metróbio o ajudasse a montar de novo o burro. O aparatoso cortejo voltou a formar-se e, lentamente, foi-se afastando; muita da gente do mercado viera até à Porta Capena despedir-se com efusivas saudações.

Nenhum dos senadores sabia para onde olhar, especialmente depois de Vátia ter rompido num choro convulsivo. Entregues a si mesmos, foram dispersando, sozinhos ou aos

pares. Ápio Cláudio não deixou Vátia, tentando confortá-lo.

— Não acredito no que vi — disse Cetego a Filipe.

— Acho que devemos acreditar — retorquiu Filipe. — Foi por isso que ele nos convidou para este cortejo de travestis. De que outro modo poderia ele libertar-nos das amarras com que nos prendeu?

— Libertar-nos? Que queres dizer?

— Não ouviste o que ele disse? Durante mais de trinta anos, negou a sua natureza. Enganou-me. Enganou todos os homens importantes de Roma. E que vingança requintada para alguém que foi pobre na infância! Roma foi controlada, dirigida e restaurada por um doente. Fomos trapaceados por um palhaço. Ah, o que ele se deve ter rido!

E riu-se, de facto. Riu-se durante todo o caminho até Miseno, transportado numa liteira ornada de flores, com Metróbio ao seu lado e acompanhado pelos seus adoradores de Baco, todos eles convidados a permanecer na sua villa o tempo que quisessem.

Entretanto, o desfile tinha sido engrossado por Róscio, o comediante, Sorex, o mimo, e por muitas outras estrelas menos famosas do mundo do teatro.

Os foliões invadiram a villa recentemente renovada, a mesma que outrora fora a digna residência de Cornélia, a mãe dos Gracos, e espalharam-se irreverentemente pelos portais consagrados, com Sila no meio deles, montando ainda o seu burro bêbedo.

— Liber Pater! — chamavam-lhe os adoradores de Baco, mandando-lhe beijos e executando langorosos trinados com as gaitas e as flautas; e ele, semiconsciente do muito vinho que bebera, cacarejava de riso, relinchava de riso, berrava de júbilo.

A festa prolongou-se por uma semana. Uma festa invulgar pelas enormes quantidades de comida e bebida que foram consumidas e pelo número de intrusos que se juntaram aos convivas, vindos de todas as aglomerações próximas. O anfitrião, sempre folgando e bebendo, recebeu com o maior prazer todos os intrusos, guiando-os por entre a bacanal, mostrando-lhes orgias sexuais de que a maior parte deles nem sequer ouvira falar.

Apenas Valéria ficara à margem daquilo tudo, por opção própria; mal vira o marido naquela figura, fugira para os seus aposentos e fechara-se à chave para dar largas a um infindável pranto. Metróbio, porém, conseguiu convencê-la a abrir a porta.

— As coisas nem sempre serão tão insuportáveis como agora — disse-lhe ele. — Há

muito que ele ansiava por isto. Deves desculpá-lo. Dentro de dias, estará a pagar por todos estes excessos, ficará horrivelmente doente e sem a mínima vontade de dar festas.

— Tu és o amante dele — disse Valéria, que nada mais sentia senão uma sombria e desesperada confusão.

— Sou amante dele há mais anos do que aqueles que tens — retorquiu afavelmente Metróbio. — Pertenço-lhe. Sempre pertenci. Mas tu também lhe pertences.

— O amor entre homens é nojento!

— De modo nenhum! Quando dizes isso, estás a repetir aquilo que ouviste ao teu pai, ao teu irmão, aos teus primos. Como podes saber se o amor entre homens é ou não nojento? Que sabes tu da vida, tu que, como todas as mulheres aristocratas, foste obrigada a viver confinada a um triste isolamento? A minha presença não significa que ele não precise de ti, tal como a tua presença não significa que ele não precise de mim. Se quiseres ficar aqui, terás de aceitar o facto de que, na vida de Sila, sempre houve — e continua a haver — muitos amores!

— De facto, não tenho muito por onde escolher — disse ela, quase que para si mesma.

— Ou volto para casa do meu irmão ou fico aqui e aprendo a suportar estas desenfreadas festividades.

— É isso mesmo — disse ele, sorrindo para ela com compreensão e afecto. Depois, Metróbio debruçou-se sobre ela e acariciou-lhe a nuca; ele sabia que aquela carícia ia acalmar a tensão que invadira a orgulhosa patrícia.

— És demasiado bom para ele — disse Valéria, surpreendida consigo mesma.

— Tudo o que eu sou a ele o devo — retorquiu gravemente Metróbio. — Se não fosse ele, eu não seria mais do que um vulgar actor.

— bom, parece que não tenho outra alternativa senão juntar-me a este circo! Afastar-me-ei no auge das orgias, pois não estou preparada, nem tenho as forças necessárias, para participar em tais festanças! Quando achares que ele precisa de mim, chama-me.

E assim deixaram o caso. Como Metróbio previa, oito dias depois do início da farra, Sila começou a sentir-se doente e os foliões foram mandados para casa. O mimo Sorex e o comediante Róscio escapuliram-se para os seus aposentos e aí ficaram por mais algum tempo, enquanto Valéria, Metróbio e Lúcio Túcio procuravam minorar os danos que aquela explosão de

vinho e sexo provocara em Sila. Este mostrava-se por vezes grato e simpático; outras vezes, porém, era muito difícil ajudá-lo.

Contudo, ao fim de algum tempo, o ex-Ditador acabou por recuperar alguma tranqüilidade e saúde; entregou-se então à tarefa de escrever as suas memórias; seria um canto de triunfo, segundo disse, a Roma e a homens como Catulo César e ele próprio, e um assassínio metafórico de gente como Caio Mário, Cina, Carbão e todos aqueles que os tinham apoiado.

No final desse ano e dos consulados de Vátia e Ápio Cláudio, o regime de Sila em Miseno estava já tão bem definido e instalado que toda a villa cumpria os seus ciclos sem qualquer espécie de sobressalto. Durante uns dias, escrevia as suas memórias, desatando numa gargalhada pegada sempre que a sua pena produzia uma frase mais cáustica sobre Caio Mário; ao escrever sobre a guerra contra Jugurta, quase delirava de prazer — o que não admira, pois podia agora deixar escrito, preto no branco, que a guerra fora ganha porque ele cometera o feito de capturar Jugurta e que Mário abafara deliberadamente esse facto. Depois, Sila arrumava a pena e o papel e, durante alguns dias, lançava-se numa orgia de comédias e mimos ou dava uma festa gigantesca que se prolongava por vários dias. Entre a escrita, o teatro e os bacanais, entregava-se a outras actividades, todas elas ditadas pela sua sempre fértil imaginação, incluindo caçadas simuladas em que as presas eram rapazes e raparigas nus, concursos que premiavam as mais bizarras posições nas relações sexuais, elaboradas charadas em que os convidados podiam usar todo o tipo de figurinos e adornos. Dava festas com jogos e concursos, festas nuas à luz do luar, festas durante o dia, na enorme piscina de mármore, onde os foliões podiam assistir, deliciados, às evoluções aquáticas de jovens nus. Parecia não haver fim para a sua imaginação ou para a sua paixão pelas novidades sexuais de todo o tipo; só não permitia práticas que envolvessem crueldade ou animais — ao descobrir, certa vez, que um dos seus convidados tinha inclinações desse tipo, mandou-o expulsar imediatamente.

No entanto, era evidente que o seu bem-estar físico estava a deteriorar-se. Após o Ano Novo, os seus desejos sexuais pareciam ter esfriado por completo; em fins de Fevereiro, já não havia nada que o estimulasse. E desde então, o seu humor e disposição levaram uma reviravolta total.

Apenas um dos seus amigos nobres procurou a companhia de Sila, após a sua mudança

para Miseno: Lúculo. Lúculo estivera em África, com o irmão, no mês de Quinctilis, dirigindo pessoalmente a captura de animais para os jogos que ambos organizavam. Quando regressou a Roma, em meados de Sextilis, encontrou a cidade em grande alvoroço, por causa das notícias que vinham de Miseno. Como amigo de Sila, Lúculo viu-se obrigado a ouvir uma sucessão interminável de críticas ao comportamento do antigo Ditador.

— Vocês que o julgam, olhem primeiro para vocês mesmos — respondia-lhes Lúculo, furioso. — Sila tem direito a fazer tudo o que quiser!

Porém, só alguns dias depois da conclusão dos ludi Romani, em Setembro, é que Lúculo conseguiu ter algum tempo livre para visitar Sila; encontrou-o num dos seus mais lúcidos intervalos,

trabalhando nas memórias e todo contente com o que estava a fazer à reputação e aos feitos de Caio Mário.

— Tu és o único que me visita, Lúculo — disse ele, com uma breve chama do velho Sila brilhando-lhe nos olhos chorosos e assolados pelo sofrimento.

— Ninguém tem o direito de te criticar — disse Lúculo, com as narinas muito abertas.

— Tu deixaste tudo por causa de Roma.

— Sim, é verdade. E não nego que foi duro. Mas, meu querido amigo, se eu não tivesse negado a minha natureza durante tanto tempo, agora não estaria a gozar tanto com todos estes excessos!

— E, pelo que vejo, não faltam os atractivos — comentou Lúculo, seguindo atentamente os movimentos de uma rapariguinha que dançava nua em honra de Sila; era ainda uma menina em que despontavam os primeiros sinais da puberdade.

— Ah, pois, tu gostas delas novinhas, não é? — disse Sila, com uma risadinha. Depois, agarrando-o pelo braço, aconselhou-o: — Não te vás já embora. Depois da dança, podes levá-la a dar um passeio.

— E que fizeste às mães delas?

— Nada. Comprei-as às mães. Lúculo ficou. E voltaria muitas vezes.

Porém, em Março, adormecidos os desejos da carne, dir-se-ia que para sempre, Sila tornou-se um verdadeiro martírio para aqueles que o rodeavam: até mesmo para Metróbio e Valéria, que já tinham aprendido a trabalhar em equipa. Sem saber como, Valéria estava grávida.

Grávida de Sila, assim esperava. Mas não podia dizer-lho e temia que chegasse o dia em que a gravidez se tornasse visível. Ficara grávida, com toda a certeza, na passagem do ano, quando Lúculo trouxera uns estranhos cogumelos que, segundo ele, encontrara em África. Todos os amigos mais chegados de Sila os tinham comido. Tal como Valéria. Do que se passara depois, Valéria tinha uma recordação muito vaga, como se tivesse vivido um pesadelo: mas lembrava-se de que houvera uma orgia e de que fora possuída por todos os homens presentes, desde Sila a Sorex e mesmo Metróbio. Valéria sabia que a sua gravidez só podia ter tido origem nessa noite; desde que se descobrira grávida que o medo era o seu companheiro certo de todos os momentos. Os acessos de fúria de Sila eram algo de horrendo: durante horas gritava e vociferava e tinha de ser rigorosamente vigiado para que
não fizesse mal a qualquer pessoa que se atravessasse no seu caminho, desde as crianças que usava como brinquedos sexuais para os seus amigos até às velhas que faziam todo o trabalho de limpeza da casa; como mantinha a seu lado alguns membros da sua antiga guarda, aqueles que o impediam de dar largas à sua fúria assassina sabiam perfeitamente que estavam a pôr em risco a sua própria vida.

— Não podemos permitir que ele mate pessoas! — exclamou Metróbio.

— Ah, daria tudo para que Sila conseguisse aceitar o que se está a passar com ele! — disse Valéria, que não parava de chorar.

— Mas tu também não estás bem, Valéria.

Era imprudente fazer tal comentário com uma voz meiga; tão imprudente que Valéria não se conteve e, pela primeira vez, contou a história que tanto a atormentava. Metróbio lembrava-se também da noite da orgia.

— Sabe-se lá! Se calhar, aindavou ser pai — comentou ele, rindo-se deliciado. — As hipóteses são de um para quatro.

— Cinco.

— Quatro, Valéria. A criança não pode ser de Sila.

— Ele mata-me!

— Não te atormentes, Valéria — disse o actor. — Vive a tua vida normalmente. Não digas nada a Sila. O futuro é impenetrável.

Alguns dias depois, Sila começou a sentir dores constantes na região do fígado. Andava

de um lado para o outro do átrio, incapaz de se sentar, incapaz de se deitar, incapaz de descansar. O seu único consolo era a pequena piscina de mármore branco perto do seu quarto, na qual se banhava; mas, depois, tudo voltava ao mesmo, e era vê-lo de novo arrastando-se pelo átrio, incessantemente, lamentando-se e chorando. Tão grande era o seu tormento que, por vezes, queria bater com a cabeça nas paredes do átrio; era preciso agarrá-lo para não o fazer.

— O imbecil que despeja o bacio dele começou a espalhar a história de que Lúcio Cornélio está a ser comido por vermes — disse Túcio, o médico, a Metróbio e Valéria, mostrando o maior desdém por tais boatos. — Francamente! É tão grande a ignorância desta gente acerca da forma como o corpo funciona e de como evolui uma doença que, quando oiço uma destas, quase me apetece embebedar-me! Antes das dores, Lúcio Cornélio urinava na latrina. Mas agora é obrigado a usar o bacio. Ora sucede que a urina vem cheia de vermes.

Acham que consigo convencer os criados de que os vermes são uma coisa natural, de que toda a gente os tem, de que eles vivem nas nossas entranhas, de que eles nos acompanham durante toda a vida? Não, claro que não!

— Os vermes não comem? — murmurou Valéria, lívida como cal.

— Só comem aquilo que nós já comemos — retorquiu Túcio. — É mais que certo que, quando chegar a Roma,vou ouvir a mesma história outra vez. Os criados são os mexeriqueiros mais eficientes que há no mundo.

— bom, pelo menos parece que podemos ficar mais sossegados — disse Metróbio.

— Não é caso para isso — disse Lúcio Túcio. — As histórias que os criados contam são completamente falsas. No entanto, a realidade é muito, muito séria. A urina de Sila é mais doce que mel e a pele dele cheira a maçãs maduras.

Metróbio fez uma careta.

— Mais doce que mel? Como é que sabes? Provaste a urina dele?

— Na realidade provei, mas só depois de recorrer a um velho truque que me foi ensinado por uma feiticeira quando eu era criança. Pus uma porção de urina num prato lá fora e, num instante, o prato encheu-se de insectos de todo o tipo. Lúcio Cornélio está a urinar mel concentrado.

— E a perder peso a olhos vistos — disse Metróbio. Valéria já não agüentava estar calada por mais tempo: tinha de fazer a pergunta que a atormentava.

— Lúcio Túcio, ele está a morrer?

— Está, sim — retorquiu Lúcio Túcio. — Para além do mel — não sei o que isso significa, mas sei que é mortal —, o fígado está muito afectado. Demasiado vinho.

Os olhos negros encheram-se de um brilho causado pelas lágrimas; Metróbio apressou-se a limpá-los. Os seus lábios tremiam. com um suspiro, comentou:

— Sim, era de esperar.

— Que havemos de fazer? — perguntou a esposa.

— Esperar pelo fim. Apenas isso. — Valéria e Metróbio ficaram calados, vendo Lúcio Túcio afastar-se a caminho do quarto do doente. Depois, Metróbio, com uma voz em que não havia sombra

de tristeza, disse algo de muito triste. — Amei-o durante muitos, muitos anos. Há muito tempo atrás, pedi-lhe que ficasse comigo, apesar de isso significar que eu trocaria uma vida confortável por uma vida dura. Ele declinou a minha proposta.

— Ele amava-te demasiado para aceitar que tu passasses a levar uma vida dura — disse Valéria, que tinha uma visão da vida muito sentimental.

— Não! Ele estava apaixonado pela ideia do seu nascimento patrício. Sabia para onde ia e isso era muito mais importante do que a minha pessoa. — Metróbio virou-se para ela, olhou-a bem de frente e perguntou-lhe: — Ainda não compreendeste que o amor significa coisas diferentes para as pessoas e que o amor que se dá nem sempre é retribuído da mesma maneira? Eu nunca o censurei. Como podia censurá-lo se nunca estive na sua pele? E, por fim, depois de me ter rejeitado tantas vezes, reconheceu a nossa ligação perante os seus colegas. ”O meu rapaz!”, disse ele. Não me importava de voltar a passar o que passei, só para o ouvir dizer de novo tais palavras, perante homens como Vátia e Lépido!

— Ele não chegará a conhecer o meu filho.

— Duvido mesmo que chegue a dar-se conta da tua gravidez. As terríveis dores que atormentavam Sila esbateram-se passado algum tempo. Porém, logo que se sentiu melhor, teve de resolver um caso inesperado: a difícil situação financeira em que se encontrava a cidade de Putéolos. Situada não muito longe de Miseno, Putéolos era dominada pela família Grânio; durante muitas gerações, os Grânios haviam sido os banqueiros e os magnatas da marinha de Putéolos e sempre se tinham considerado os senhores da cidade. Desconhecendo a magnitude

dos excessos (e das doenças) de Sila, um dos magistrados da cidade pediu-lhe uma audiência. Queixava-se o magistrado de que um tal Quinto Grânio devia ao tesouro da cidade uma avultada maquia, mas que se recusava a pagar. O magistrado pedia por isso a Sila que intercedesse junto de Grânio.

Se o nome de Caio Mário era aquele que, entre todos os nomes do mundo, deixava Sila mais enfurecido, poderia perfeitamente dizer-se que o nome de Grânio vinha logo a seguir. De facto, havia laços de sangue e casamento entre os Mários e os Gratídios e os Túlios de Arpino e os Grânios de Putéolos; a primeira mulher de Caio Mário fora uma Grania. Por esta razão, vários Grânios foram proscritos e aqueles que não foram proscritos mantinham-se muito quietos e sossegados, não fosse Sila lembrar-se da sua existência. Entre os felizes Grânios que tinham escapado à sanha de Sila, contava-se este Quinto Crânio. Sila ordenou imediatamente aos seus guardas que fossem buscá-lo a Putéolos e o trouxessem à sua presença.

— Eu não devo tais somas! — exclamou Quinto Grânio, com o ar e a postura de quem não seria demovido.

Sentado numa cadeira curul, vestido com a toga praetexta, fitou o outro com o mais feroz dos olhares.

— Farás o que os magistrados de Putéolos te ordenarem! Pagarás! — atirou-lhe.

— Não, não pagarei! Putéolos que me ponha em tribunal, para que o caso seja devidamente julgado! — ripostou Grânio.

— Pagarás, sim, Grânio!

— Não pago!

O génio imprevisível de Sila, tão molestado ultimamente, desintegrou-se por completo. Ergueu-se tremendo de raiva, com as mãos cerradas.

— Paga, Grânio, ou mandarei estrangular-te aqui e agora!

— Tu podes ter sido o Ditador de Roma — retorquiu Quinto Grânio com o maior desdém. — Mas agora não tens mais autoridade sobre mim do que eu tenho sobre ti! Por isso, volta para as tuas farras e deixa que Putéolos resolva sozinha os seus problemas!

A boca de Sila abriu-se para gritar aos seus guardas que estrangulassem Grânio, mas da boca nenhum som saiu; sentiu uma onda de fraqueza percorrer-lhe o corpo todo e, depois, uma náusea horrível que o fez vacilar. Fazendo um grande esforço para se manter de pé, lá acabou por

murmurar:

— Estrangulem este indivíduo!

Mas antes que o capitão dos guardas pudesse mexer-se, a boca de Sila abriu-se de novo, mas desta feita para que dela jorrasse uma enorme gota de sangue que se desfez em salpicos pelo chão à sua volta; Sila limitava-se a emitir uma estranha cacofonia enquanto dos seus lábios escorria um fio de sangue. Segundos depois, uma nova onda de fraqueza e náuseas apossou-se dele; e, com ela, veio um novo jorro de sangue, que, desta feita, deslizou na direcção dos seus joelhos; ao verem aquilo, todos os homens presentes desataram a gritar e a fugir em todas as direcções — em todas as direcções,

excepto na direcção de Sila, pois também os soldados estavam convencidos de que o antigo Ditador estava a ser lentamente comido por vermes.

Instantes depois, chegava Lúcio Túcio, acompanhado de Metróbio e de Valéria, lívida de terror. Sila jazia no chão, vomitando sangue. O seu amante segurou-lhe na cabeça e a esposa, sem saber o que fazer, agachou-se junto a ele, tremendo, febril. Túcio gritou para os criados, pedindo que lhe trouxessem todas as toalhas que houvesse na casa; os criados entraram com as toalhas e ficaram de olhos esbugalhados ao dar com aquela cena: salpicos de sangue espalhavam-se pelo chão da sala e o seu amo era violentamente convulsionado pelos vómitos, ao mesmo tempo que tentava falar, e as suas mãos enclavinhavam-se no braço sujo de sangue de Metróbio.

Esquecido por todos, Quinto Grânio não ficou naquela casa por muito mais tempo.

Enquanto os guardas de Sila dispersavam aterrados e o seu capitão tentava encorajá-los a acudir ao amo, o banqueiro de Putéolos abandonou a villa e regressou à sua cidade.

O sangue jorrou ainda da boca de Sila por muito tempo; finalmente, foi possível erguê-lo do chão e levá-lo para a sua cama. Metróbio, que o levou nos seus braços, apercebeu-se de como era leve aquele peso. Os guardas de Sila fugiram entretanto, deixando aos criados aterrorizados a tarefa de pôr alguma ordem no caos em que se tornara aquela casa.

O pior de tudo, pensava Sila, que continuava inteiramente consciente e se dava conta de tudo o que estava a acontecer, era que o sangue se acumulava na sua garganta e quase o sufocava; mesmo quando não sentia ânsias de vomitar, sabia que o sangue estava lá, à espera, enchendo-lhe o esófago, roçando-lhe a garganta. Um pavor tremendo apossou-se dele; num frenesim de medo e impotência, agarrou-se a Metróbio como um náufrago se agarra a um pedaço de cortiça no

meio do oceano, os olhos postos naquele rosto amado, olhos desesperados, angustiados, aflitos; só com os olhos podia agora falar, pois o sangue ameaçava voltar a jorrar. Pelos cantos dos olhos, Sila conseguia ver o lívido rosto de Valéria, tão lívido que os olhos muito azuis sobressaíam de uma forma assustadora, bem como a expressão férrea do médico.

É isto a morte?, perguntou a si mesmo, sabendo que era. Mas eu não quero morrer assim! Não quero morrer a vomitar sangue e sufocar no meu próprio sangue, não quero morrer sujo e incapaz de disciplinar o meu corpo; quero ter uma morte admirável, em tudo controlada, uma morte que seja um exemplo de dignidade romana. Eu fui o rei de Roma, embora sem coroa. Eu fui coroado com a erva de Nola. Eu fui o maior homem entre os rios Oceano e Índico. Quero que a minha morte esteja à altura de todos esses feitos! Que a minha morte não seja um pesadelo de sangue, de silêncio, de medo!

Pensou em Julila, que morrera sozinha num mar de sangue. E em Nicrópole, que morrera com menos sangue mas numa maior agonia. E em Clitumna, que morrera com o pescoço e os ossos partidos. Em Metelo Numídico, com o rosto escarlate, sufocando, sufocando — ah, eu não sabia como isso era horrível! Em Dalmática, gritando por ele no templo de Juno Sospita. No seu filho, a luz da sua vida, o filho de Julila, que significara para ele mais do que qualquer outra pessoa, mais do que tudo... Também ele morrera sufocado.

Tenho medo. Tanto medo! Nunca pensei que viesse a ter medo. É inevitável, não há fuga possível, em breve tudo estará acabado, e eu nunca mais voltarei a ver, a ouvir, a sentir, a pensar. Serei ninguém. Nada. Não há sofrimento nesse mundo futuro. É o mundo da total ignorância. Do sono eterno. Eu, Lúcio Cornélio Sila, que fui o rei sem coroa de Roma, mas que fui coroado com a erva de Nola, deixarei de existir, excepto na memória dos homens. Pois essa é a única imortalidade que existe: ser lembrado pelo mundo dos vivos. Por pouco não acabava as minhas memórias. Só me faltava um livro, um pequeno livro. Mas o que escrevi chegará para que os futuros historiadores me julguem. Chegará para matar Caio Mário para toda a eternidade. Ele não conseguiu escrever as suas memórias. Eu consegui. Portanto, venci. Eu venci! E, de todas as minhas vitórias, a vitória sobre Caio Mário é a mais importante.

Durante cerca de uma hora, a hemorragia prosseguiu imparável, fazendo-o sofrer horrivelmente; mas depois voltou a passar e Sila pôde descansar. Lutando denodadamente para não perder a consciência, podia agora olhar para Metróbio, Valéria e Lúcio Túcio com uma

clareza de visão que não sentia há muitas luas, como se tivesse recuperado o mais valioso dos sentidos para testemunhar a sua própria morte nas expressões daqueles que melhor conhecia. Finalmente, conseguiu falar.

— O meu testamento. Manda chamar Lúculo, ele deve lê-lo depois da minha morte. Ele é o meu executor e o tutor dos meus filhos.

— Já o mandei chamar, Lúcio Cornélio — retorquiu meigamente o actor grego.

— Dei-te o que merecias, Metróbio?

— Sempre me deste o que eu merecia, Lúcio Cornélio.

— Eu não sei o que é o amor. Aurélia dizia que eu sabia, mas que não tinha consciência desse saber. Não estou certo de que ela tivesse razão. Há algumas noites atrás, sonhei com Julila e com o nosso filho. Ele veio ter comigo e pediu-me que fosse fazer companhia à mãe. Eu não me apercebi do que esse sonho significava. Chorei, chorei apenas. A ele, sim, a ele amei-o. Amava-o mais do que a mim próprio. Ah, o que eu chorei a sua perda! A dor que a sua morte me deixou!

— Essa dor vai acabar, meu querido Lúcio Cornélio.

— Mais uma razão para desejar a morte.

— Há alguma coisa que desejes?

— Paz, apenas paz. Uma sensação de... realização.

— Tu és um homem realizado, Lúcio Cornélio.

— O meu corpo.

— O teu corpo, Lúcio Cornélio?

— Os Cornélios são enterrados. Mas eu não quero ser enterrado, Metróbio. Está escrito no testamento, mas deves dizer a Lúculo que é isso mesmo que eu quero. Se o meu corpo for parar a um túmulo, quem sabe se as cinzas de Caio Mário não virão cobri-lo, ao meu túmulo? Eu deitei-as fora, deitei fora as cinzas de Caio Mário. Não devia ter feito isso. Quem sabe se elas não estão à minha espera, à espera que eu morra para me irem sujar o túmulo? Atirei-as para o Ânio, vi-as desfazerem-se nos redemoinhos como se fossem teias de aranha reduzidas a pó. Mas então começou a soprar um vento muito forte, e algumas cinzas, que o rio ainda não tragara, voaram, voaram, espalharam-se pelas margens. Nem todas as cinzas foram levadas pelo rio. Quem me diz que elas não estão à minha espera? Tenho de ser cremado. Tens de dizer a Lúculo que é isso que eu quero, que quero ser cremado. Quero que as minhas cinzas sejam reunidas num abrigo onde

não entre o ar, e que sejam metidas dentro de um vaso selado com cera, pois assim Caio Mário não conseguirá tocar-lhes. Eu serei o único Cornélio a ser cremado.

— Assim será feito, prometo-te.

— Cremado, Metróbio! Faz com que Lúculo cumpra a minha vontade!

— Assim farei, Lúcio Cornélio. Assim farei.

— Quem me dera saber o que é o amor!

— Mas tu sabes o que é o amor, claro que sabes! O amor levou-te a negar a tua natureza e a dedicar toda a tua vida a Roma.

— Isso é amor? Não, não pode ser. Esse amor é tão seco como o pó. Tão seco como as minhas cinzas. O único Cornélio a ser cremado, não enterrado.

As veias ingurgitadas e rompidas não tinham ainda acalmado; momentos depois, um novo vómito assolou-lhe a garganta: era o primeiro de uma longa série de vómitos que durou horas. Sila perdera grande parte da sua força vital e os intervalos de lucidez começaram a rarear. Sempre que conseguia falar, pedia a Metróbio que não permitisse que nenhuma partícula das odiadas cinzas de Mário o viessem manchar; depois, perguntava o que era o amor e por que razão nunca o conhecera.

Lúculo chegou a tempo de assistir à sua morte, embora Sila não estivesse já em condições de lhe dizer fosse o que fosse, pois perdera a consciência há algum tempo. Os estranhos olhos de Sila, agora já sem cor, rodeados por um círculo escuro, e as pupilas muito negras, tinham perdido o ar ameaçador que sempre os caracterizara: agora, não eram mais que uns olhos sem vida, esmagados pela dor e pela exaustão. A respiração, não se ouvia já; só com um espelho colocado frente aos lábios era possível detectá-la. A pele branca não podia estar mais branca, depois de tanto sangue perdido. Mas as cicatrizes vermelhas brilhavam, o crânio calvo perdera toda a tensão e estava todo encarquilhado, como se fosse um mar varrido pelo vento, e a boca caía desolada sobre os maxilares e o queixo. Depois, uma mudança trespassou-lhe os olhos; as pupilas começaram a expandir-se, alastrando pelas íris e confundindo-se por fim com o negro do fundo das órbitas. A luz de Sila evolava-se nesse instante; todos os que estavam por perto se deram conta do fatal momento e, incrédulos, viram um brilho dourado espalhar-se pelos olhos esbugalhados do antigo Ditador.

Lúcio Túcio debruçou-se sobre Sila e fechou-lhe os olhos. Metróbio pôs as moedas em

cima dos olhos, para que estes permanecessem fechados, enquanto Lúculo metia na boca do morto uma
moeda de um denário, o dinheiro com que pagaria a viagem na barca de Caronte.
— Teve uma dura morte — disse Lúculo, fazendo o impossível por controlar-se.
Metróbio chorava.
— Foi dura toda a sua vida. Como poderia a morte não o ser?
— Escoltarei o seu corpo até Roma, onde terá um funeral de Estado.
— Ele estaria de acordo com isso. Mas é preciso que seja cremado.
— Será cremado.
Depois de falar com Lúculo, Metróbio, atoleimado pela dor, foi à procura de Valéria, que não encontrara coragem para assistir aos últimos momentos do marido.
— Acabou — disse ele.
— Eu amava-o — disse ela, com uma voz quase inaudível. — Sei que toda a cidade de Roma pensa que eu casei com ele por conveniência, para que a minha família fosse cumulada de honras. Mas ele era um grande homem e foi muito bom para mim. Eu amava-o, Metróbio! Eu amava-o com verdadeiro amor!
— Acredito no que dizes, Valéria — retorquiu Metróbio, sentando-se ao pé dela e acariciando-lhe a mão, com um ar ausente.
— Que vais fazer agora, Metróbio? — perguntou ela. Despertando do estupor em que se encontrava, Metróbio olhou para a mão dela, uma mão fina, branca, com dedos longos. Muito parecida com a mão de Sila. Não admirava: ambos eram patrícios romanos.
— Vou-me embora — respondeu ele.
— Depois do funeral?
— Não, não posso assistir ao funeral. Imagina só a cara de Lúculo se me visse no meio dos acompanhantes!
— Mas Lúculo sabe quão importante tu eras para Sila! Ele sabe! Sabe melhor que ninguém!
— Trata-se de um funeral de Estado, Valéria. Não será permitida nenhuma manifestação susceptível de diminuir a sua dignidade. Portanto, não será tolerada a presença de um vulgar actor grego que é mais conhecido pelo seu rabo. — Metróbio apercebeu-se de toda a

amargura que esse comentário continha; depois, encolhendo os ombros, acrescentou: — Francamente, não creio que Lúcio Cornélio gostasse de me ver lá. Quanto a Lúculo, bom, Lúculo é um grande aristocrata. Miseno permitiu-lhe satisfazer alguns dos seus impulsos menos admiráveis. Ele gosta de desflorar meninas. — O rosto moreno pareceu de súbito enojado. — Pelo menos os vícios de Sila eram, por assim dizer, normais! Ele suportava o vício de Lúculo, mas seria incapaz de imitá-lo!

— Para onde vais?

— Para Cirenaica. Para longe do mundo. Para a magnífica solidão de Cirenaica.

— Quando?

— Esta noite. Depois de Lúculo ter partido com o féretro de Sila. Quando toda a gente estiver a dormir nesta casa.

— E como vais para Cirenaica?

— Apanharei um barco em Putéolos. Estamos na Primavera. No porto de Putéolos, há muitos barcos que vão para África, para Hadrumeto. Em Hadrumeto, alugarei o meu próprio transporte.

— Tens dinheiro para isso?

— Tenho. Sila não podia deixar-me nada no testamento, mas deu-me mais do que o suficiente. Era um homem estranho. Extremamente sovina, excepto com as pessoas que amava. com essas, era o oposto. O mais triste de tudo é que, mesmo no fim, tenha duvidado da sua capacidade de amar. — Metróbio ergueu uns olhos tristes para o rosto de Valéria. — E tu, Valéria? Que vais fazer?

— Tenho de voltar para Roma. Depois do funeral, terei de ir viver para casa do meu irmão.

— Essa é capaz de não ser uma boa ideia. Tenho uma melhor. Nos olhos azuis dela, afogados em lágrimas, não poderia haver o mínimo vestígio de malícia; Valéria fitou-o com genuína perplexidade.

— O quê?

— Vem comigo para Cirenaica. Lá poderás ter o teu filho. Eu assumirei a paternidade. Não me interessa quem te engravidou. Lúculo foi um dos cinco homens que teve relações

contigo e sabe tão bem como eu que Sila não podia ser o pai da criança. Creio que Roma, para ti, significará desgraça. Lúculo denunciar-te-á. Será uma forma de te desacreditar. Não te esqueças que, entre os seus iguais, só tu poderás acusá-lo de práticas que os seus colegas condenariam.

— Por todos os deuses, nunca tinha pensado nisso!

— Tens de vir comigo.

— Não me deixarão ir!

— Não é preciso que Lúculo e os outros saibam. Direi a Lúculo que estás demasiado doente para poderes acompanhá-lo, mas que te mandarei para Roma antes do funeral. Lúculo está demasiado ocupado para se lembrar das suas fraquezas e, por outro lado, não sabe que tu estás grávida. Por isso, Valéria, se tens de fugir, o melhor é fugir já.

— Tens razão. É evidente que ele acabaria por denunciar-me.

— Podia mesmo contratar alguém para te matar.

— Oh, Metróbio!

— Vem comigo, Valéria. Logo que ele parta, abandonaremos esta casa. Ninguém nos verá partir. E ninguém descobrirá o que te sucedeu. — Metróbio pôs um sorriso irônico. — No fim de contas, eu não passava do rapaz de Sila. Ao passo que tu, uma Valéria Messala, eras a esposa dele. Estavas muito acima de mim!

Mas ela não achava que estivesse acima dele. Há meses que o amava secretamente, ainda que compreendesse que ele nunca poderia retribuir esse amor.

— Euvou contigo — respondeu-lhe.

Metróbio afagou-lhe a mão, radiante; depois, deixando-a, disse-lhe:

— Óptimo! Por ora, deixa-te estar aqui. É preciso que Lúculo não te veja. Junta algumas coisas, mas não de mais: apenas aquilo que uma mula possa levar. Leva unicamente vestidos vulgares. Ah, e apenas capas que tenham capuz! Quem te vir, tem de pensar que és minha mulher e não a viúva de Lúcio Cornélio Sila.

Valéria Messala ficou sozinha no seu quarto, pensando num futuro que seria muito diferente de tudo o que esperara. Embora não tivesse compreendido bem a ameaça que poderia representar para Lúculo, sabia que tinha razões para estar grata ao actor. Partir com Metróbio poderia significar a dor de o ver amar homens, quando ela ansiava pelo seu amor; mas Metróbio educaria o seu filho como se fosse dele e ela poderia oferecer-lhe um lar; quem sabe se ele não

acabaria por apreciar mais a vida familiar do que frágeis aventuras com outros homens? Sim, não havia dúvida, antes partir com ele do que sofrer a agonia de nunca mais o ver!

Ou do que ser morta! Valéria sempre temera o frio e altivo Lúculo: verificava agora que, afinal, tinha razões para isso.

Levantou-se e começou a procurar, nos seus muitos baús cheios de ricos trajes, os vestidos mais vulgares. Não tinha nenhum dinheiro, mas as suas jóias eram magníficas. Metróbio, pelos vistos, tinha muito dinheiro; por isso, as jóias seriam o dote dela. Uma garantia contra as dificuldades que o futuro pudesse trazer. Cirenaica! Longe do mundo. A magnífica solidão de Cirenaica. Se assim fosse, que maravilha!

O funeral de Sila reduziu o seu triunfo à mais total insignificância. Duzentas e dez liteiras, carregadas de murta, olíbano, caneleira, balsamina, nardo e outras plantas aromáticas — oferta das mulheres de Roma — eram transportadas por carregadores trajando de negro. E como o cadáver de Sila, devido à perda de sangue, ficara tão encolhido e mumificado que não podia ser exposto, um grupo de escultores tratou de construir, com caneleira e olíbano, uma efígie de Sila, a qual foi colocada sobre o esquife, precedida por um lictor feito com as mesmas plantas. Havia carros alegóricos representando todos os aspectos da sua vida, excepto os primeiros trinta e três anos, pouco recomendáveis, e os últimos meses, ainda menos recomendáveis. Num desses carros alegóricos, via-se Sila diante das muralhas de Nola, recebendo a Coroa de Erva das mãos de um centurião; noutro, obrigava o cobarde rei Mitridates a assinar o Tratado de Dárdano; noutros, vencia batalhas, promulgava leis, capturava Jugurta, executava os prisioneiros depois da batalha da Porta Colina. Um carro especial exibia os mais de dois mil diademas e coroas, feitos de ouro puro, que lhe haviam sido dados por cidades, tribos, reis e países de todo o Mundo. Noutros carros, decorados a preto e dourado e puxados por magníficos cavalos pretos, vinham os seus antepassados; e os seus dois gémeos, Fausto e Fausta, vinham nas primeiras filas do séquito.

O dia estava sufocante, e o céu, coberto de nuvens, era um presságio de chuva. Mas o maior cortejo fúnebre que Roma jamais vira deixou a casa que dava para o Circus Maximus e encaminhou-se pelo Velabrum até parar no Fórum Romano, onde Lúculo — um magnífico e famoso orador — fez o panegírico do falecido do alto dos rostra, ao lado do engenhoso esquife,

onde o cadáver horrendamente murado jazia num compartimento especial, e sobre cuja tampa se via o Sila de olíbano e caneleira precedido do lictor. Pela segunda vez em três anos, Roma chorava a sorte dos dois gémeos; daí que a multidão tivesse rompido em aplausos quando Lúculo anunciou que seria o tutor das crianças e que, nessa qualidade, nunca permitiria que lhes faltasse nada. A tristeza enchia de lágrimas todos os olhos; se assim não fosse, Roma teria reparado que Fausto e Fausta revelavam já, tanto no físico como no rosto, uma grande parecença com o tio-avô materno, o imponente mas feio Quinto Cecílio Metelo Numídico. A quem o pai deles pusera a alcunha de Suíno. E que o pai deles assassinara, num acesso de raiva depois de Aurélia ter rejeitado as suas propostas amorosas.

Como que por encanto, as nuvens negras não derramavam chuva; e o desfile pôde prosseguir o seu caminho, desta feita pela Clivus Argentarius, através da Porta Fontinalis, atrás da qual ficava a mansão que outrora pertencera a Caio Mário, até chegar ao Campo de Marte. O túmulo de Sila aguardava, em sumptuoso isolamento, na Via Lata, adjacente ao campo onde se reunia a Assembleia das Centúrias. À nona hora desse dia, o esquife foi depositado no alto da enorme pira, constituída por gravetos e achas e pelo conteúdo das duzentas e dez liteiras de plantas aromáticas. Ao transfomar-se em cinzas, o cadáver de Sila espalharia pela cidade o mais fragrante dos aromas.

No preciso instante em que as tochas começavam a incendiar os gravetos da base da pira, levantou-se um vento portentoso; a pequena montanha desfez-se com um estrondo e o incêndio deflagrou com tal violência que os acompanhantes tiveram de afastar-se, protegendo os rostos com as mãos. Então, quando o fogo se extinguiu, os céus libertaram a chuva, um aguaceiro fortíssimo que fez esfriar rapidamente a madeira calcinada; por isso, as cinzas de Sila foram recolhidas instantes depois do holocausto. Tudo o que restava de Sila coube num requintado vaso de alabastro, ornamentado com ouro e pedras preciosas; Lúculo prescindiu do abrigo que Sila pedira, a fim de que os seus restos nunca pudessem ser contaminados por uma partícula que fosse das cinzas de Caio Mário; de facto, com aquela chuva incessante, nem uma única partícula de pó flutuava no ar.

O vaso contendo as cinzas foi cuidadosamente depositado dentro do túmulo, construído e esculpido com mármores multicoloridos, redondo na forma e suportado por colunas estriadas, coroadas com o novo tipo de

capitel que Sila trouxera de Corinto e popularizara — decorado com delicadas folhas de acanto. O seu nome, os títulos e os feitos foram inscritos num painel que dava para a estrada; e, debaixo dessa inscrição, lia-se um epitáfio muito simples, que o próprio Sila formulara:

O MELHOR DOS AMIGOS • O PIOR DOS INIMIGOS — Ainda bem que tudo isto acabou — disse Lúculo para o irmão enquanto se encaminhavam para casa, sob a violenta tempestade, encharcados até aos ossos e tremendo de frio.

Lúculo estava preocupado: Valéria Messala não aparecera em Roma. O irmão dela, Rufo, bem como os primos, Nigro e Metelo Nepos, e a tia-avó, a antiga Vestal, começavam a ficar agitados; Lúculo fora obrigado a informá-los de que mandara um mensageiro a Miseno; mas o mensageiro voltou sem Valéria — mas com a notícia de que Valéria desaparecera.

Quase um mês depois, Lúculo ordenou uma busca; todo o litoral próximo da villa foi passado a pente fino, bem como todos os bosques e pomares entre Nápoles e Sinuessa. A última esposa de Sila tinha desaparecido. Tal como as suas jóias.

— Foi roubada e assassinada — decidiu Varrão Lúculo. Lúculo, que, apesar de amar o irmão, não lhe contava tudo sobre a sua vida íntima, respondeu-lhe com o silêncio. A sua sorte parecia ser tão grande como a de Sila. De facto, não tinha demorado muito tempo a aperceber-se de que Valéria Messala poderia tornar-se perigosa para a sua pessoa e, em particular, para a sua carreira. Valéria sabia demasiado acerca dele, ao passo que ele, afinal, não sabia praticamente nada acerca dela. Por isso, teria de matá-la. Providencialmente, alguém o tinha feito por ele! A deusa Fortuna favorecia-o, disso não tinha dúvidas.

O desaparecimento de Metróbio não o preocupou rigorosamente nada — se é que alguma vez se deu ao trabalho de pensar nisso. Abundavam em Roma os actores homossexuais — por isso, quem daria pela falta de Metróbio? Lúculo estava muito mais preocupado com o facto de já não ter acesso ao abastecimento ilimitado de rapariguinhas vendidas pelas mães. Ah, as saudades que teria de Miseno!

GAIUS JUUUS CAESAR

CAIUS JULIUUS CAESAR

— Um patife não, um monstro! — lamentou-se Eutico. — Sessenta quilômetros por dia!

— E estás com sorte, Eutico. Isto é só o princípio. Ele até tem facilitado as coisas.

Principalmente por tua causa.

— Quero ir para casa!

Burgundo abeirou-se do chefe dos criados e, com os modos desajeitados que o caracterizavam, deu-lhe uma palmadinha nas costas.

— Eutico, tu sabes perfeitamente que não podes voltar para casa! — O chefe dos criados, ao ouvir isto, estremeceu, e o seu rosto transformou-se num esgar em que sobressaíam os olhos, enormes e algo ausentes, dominados por verdadeiro horror. — Vá lá, limpa essas lágrimas e tenta andar um pouco. É melhor sofrer com ele do que voltar para casa e enfrentar a ira da mãe — brrr! Além disso, ele não é tão insensível como tu pensas. Precisamente neste momento, está a ver se arranja um belo banho quente para o teu belo e dolorido rabo.

Eutico sobreviveu, embora não tivesse a certeza de que sobreviveria à viagem por mar.

César e a sua pequena comitiva levaram nove dias a percorrer os quase seiscentos quilômetros entre Roma e Brindísio, onde o imparável jovem conduziu os seus infortunados companheiros para um navio antes mesmo que eles tivessem tempo para lhe pedir alguns dias de descanso. De Brindísio seguiram para a aprazível ilha de Corcira e aí tomaram outro navio para Butroto, no Epiro; depois, seguiram por terra até Atenas, atravessando Acarnânia e Delfos. Mas o caminho até Atenas era um caminho de cabras grego e não uma estrada romana; um caminho que subia e descia pelas altas montanhas, e que se tornava especialmente difícil quando atravessava as florestas húmidas da região.

— É evidente que nem mesmo nós, os Romanos, conduzimos exércitos por caminhos destes — comentou César quando entraram no impressionante vale de Delfos, que era mais um colo cheio de cultivos no meio de um imponente maciço. Mas César teve de concluir a sua ideia antes de se entregar à contemplação daquela paisagem magnífica. — Mas não mevou esquecer deste caminho. Um exército poderia usá-lo, se fosse constituído por homens intrépidos. E ninguém descobriria que vinha aí um exército, porque ninguém acreditaria! Hmmm!

César gostava de Atenas e Atenas gostava dele. Ao contrário da maior parte dos nobres seus contemporâneos, César não solicitava a hospitalidade dos proprietários de mansões ou quintas; contentava-se com estalagens e, quando não as havia, com um acampamento junto à estrada. Em Atenas, encontrara uma estalagem razoável, sob a encosta leste da Acrópole. Porém, mal se tinha acomodado, recebeu um recado para que se apresentasse imediatamente em casa de

Tito Pompónio Ático. César não conhecia o homem, embora (como toda a gente em Roma) conhecesse a história do famoso desastre financeiro que Ático e Crasso tinham sofrido no ano seguinte à morte de Caio Mário.

— Insisto que fiques em minha casa — disse-lhe o cortês Ático, um verdadeiro homem de sociedade que, apesar dos erros da juventude, era um perspicaz juiz dos seus pares. Bastou-lhe olhar para César para entender as informações que lhe tinham chegado — sim, não havia dúvida, aquele rapaz viria a ter muita importância em Roma.

— É demasiada generosidade da tua parte, Tito Pompónio — retorquiu César, com um sorriso franco. — No entanto, prefiro manter a minha independência.

— Independência, em Atenas, pode significar comida envenenada e camas sujas — respondeu Ático.

O fanático da limpeza mudou logo de ideias.

— Obrigado, Ático, euvou mudar-me para a tua casa. O meu séquito é pequeno — dois libertos e quatro criados.

— Tenho espaço que chega e sobra para a tua comitiva.

E assim ficou decidido. Tal como ficaram decididos alguns jantares sociais e umas quantas expedições turísticas; César pôde descobrir uma Atenas que pedia uma estada mais demorada do que a prevista. Apesar de ser conhecido como um epicurista e um amante do luxo, Ático não fora ainda amolecido por esse tipo de vida. Por isso, não se coibiu de acompanhar César em difíceis escaladas de penhascos e montanhas de interesse histórico e em velozes cavalgadas nas planícies de Maratona. Juntos foram a Corinto e a Tebas, juntos apreciaram as margens pantanosas do lago Orcómeno, onde Sila vencera duas batalhas decisivas contra os exércitos de Mitridates, juntos exploraram os caminhos que permitiram a Catão, o Censor, cercar o inimigo em Termópilas — e que permitiram ao inimigo cercar a última posição de Leónidas.

— Forasteiro, vai dizer aos Espartanos que aqui morremos, obedientes ao seu comando — leu César, na pedra que celebrava a coragem de Leónidas. Virou-se depois para Ático e afirmou: — Toda a gente pode citar esta inscrição, mas a verdade é que aqui, no local onde a batalha foi travada, a frase tem uma ressonância completamente diferente da que tem quando a lemos numa folha de papel.

— Ficarias contente se fosses lembrado por idênticos feitos, César?

O belo e alongado rosto ganhou uma dureza repentina.

— Nunca! Foi um gesto estúpido e fútil, um desperdício de homens corajosos. Eu serei lembrado, Ático, mas não por gestos estúpidos ou fúteis. Leónidas era um rei espartano. Eu sou um patrício romano da República. O único significado que a vida dele teve reside na forma como a desperdiçou, ou seja, na sua morte. O significado da minha vida residirá naquilo que eu hei-de fazer em vida. Não interessa comovou morrer, desde que morra como um Romano.

— Acredito em ti.

Porque era naturalmente um erudito e possuía uma educação notável, César verificou que tinha muito em comum com Ático, cujos gostos eram intelectuais e ecléticos. Verificaram, aliás, que tinham gostos similares em literatura e arte, e passavam horas a discutir uma peça de Menandro ou uma estátua de Fídias.

— -"No entanto, não ficaram muitas pinturas de qualidade na Grécia — disse Ático, abanando com tristeza a cabeça. — Aquilo que Múmio não levou para Roma depois de ter saqueado Corinto — isto para já não falar do que Emílio Paulo fez em Pidna! —, acabou por desaparecer nas décadas que se seguiram. Se quiseres ver as melhores pinturas do mundo, terás de ir à casa de Marco Lívio Druso, em Roma.

— Suponho que Crasso é o seu actual proprietário.

Ático fez um esgar de reprovação; detestava Crasso, apesar de terem sido colegas nas actividades especulativas.

— Aposto que empilhou os quadros nalguma cave, onde ficarão até que alguém lhe diga que valem mais do que a venda de escravos no mercado ou que umas quantas ínsulas compradas por um pechincha.

César pôs um sorriso largo.

— Pois é, meu caro Ático, nem todos podemos ser homens de cultura e gostos refinados! Há espaço no mundo para os Crassos.

— No mundo haverá, mas não em minha casa!

— Tu não és casado — disse-lhe César no final da sua estada em Atenas. César tinha as suas próprias ideias quanto às razões que haviam levado Ático a evitar a prisão do matrimónio, mas uma tal afirmação não tinha nada de ofensivo, pois a resposta não precisava de ser explícita. No rosto alongado, ascético e austero de Ático, notou-se um ligeiro beicinho.

— Não, César, não sou casado. Nem tenciono casar-me.

— Ao passo que eu sou casado desde os treze anos. E com uma rapariga que ainda não tem idade suficiente para partilhar a minha cama. Estranho destino!

— Mais estranho do que é costume! Eu sei que casaste com a filha mais nova de Cina. E sei que não te divorciarias dela, nem mesmo que Júpiter Optimus Maximus to pedisse.

— Nem mesmo que Sila mo pedisse, queres tu dizer! — retorquiu César, rindo a bom rir. — Foi um episódio muito feliz. Escapei à rede de Caio Mário — com a conivência activa de Sila! — e deixei de ser o flamen Dialis.

— A propósito de casamentos... dás-te com Marco Túlio Cícero? — perguntou Ático.

— Não. É claro que ouvi falar dele, mas não privo com ele.

— Vocês tem muitas coisas em comum, mas suspeito que não se dariam bem um com o outro — disse Ático, com um ar pensativo. — Cícero é muito susceptível no que toca às suas capacidades intelectuais e, por isso, odeia rivais. E o problema é que tu, do ponto de vista intelectual, és muito capaz de ser superior a ele.

— Que tem isso a ver com o casamento?

— É que acabei de lhe arranjar uma esposa.

— Magnífico — disse César, sem grande interesse.

— É Terência. A irmã adoptiva de Varrão Lúculo.

— Uma mulher terrível, segundo ouvi dizer.

— Sem dúvida. Porém, do ponto de vista social, é muito melhor do que ele alguma vez poderia esperar.

César tomou uma decisão; era tempo de partir, agora que as conversas do anfitrião pareciam ter perdido qualquer objectivo. Mas o convidado sabia por que razão isso acontecera. César sabia que as preferências sexuais daquele plutocrata romano que se auto-exilara iam para rapazes novos; daí que tenha convivido com ele com uma reserva que não se coadunava com a sua natureza aberta. Era pena. De outro modo, aquele primeiro encontro teria sido o princípio de uma longa e profunda amizade.

À saída de Atenas, César tomou a estrada militar, construída pelos Romanos, que atravessava a Beócia e a Tessália e o desfiladeiro de Tempe; mantendo sempre um ritmo desenfreado, César e a comitiva fizeram uma rápida e informal saudação a Zeus, ao verem ao

longe o pico do monte Olimpo. Em Dio, embarcaram novamente e seguiram de ilha em ilha, até chegarem ao Helesponto. Daí a Nicomédia era uma viagem de três dias.

Quando chegaram ao palácio de Nicomédia, tiveram uma recepção apoteótica. O rei e a rainha já tinham perdido todas as esperanças de o voltar a ver, especialmente depois de terem sabido que César, mal terminara a campanha de Mitilene, partira para Roma com o exército de Termo e Lúculo. Mas foi Sila, o cão, quem melhor exprimiu toda a alegria que a chegada de César provocou no palácio. O animal não parava de correr pelo palácio, ladrando e ganindo; saltava para o colo de César, depois corria de novo para os reis, como que a dizer-lhes quem tinha chegado, e finalmente voltava para o colo de César; as cabriolas do cão quase remetiam para um segundo plano os abraços e beijos reais.

— Só lhe falta falar — disse César quando, por fim, o cão o deixou afundar-se numa cadeira; o animal já estava tão cansado que se contentou em deitar-se aos seus pés, produzindo uma série de ruídos estrangulados. César baixou-se para fazer festas na barriga do cão. — Sila, meu velho, nunca pensei que pudesse ficar tão feliz por ver essa cara tão feia!

Nessa noite, depois de se ter instalado no seu quarto e de se ter deitado nu na sua cama, César deu consigo a reflectir nos seus pais e no relacionamento que tinha tido com eles. Sim, os seus pais tinham sido para ele figuras particularmente distantes. Um pai que raramente estava em casa — e, quando estava, parecia mais interessado em manter uma espécie de guerra não declarada contra a esposa do que em estabelecer algum tipo de relação com os filhos; e uma mãe que era rigorosamente justa, impiedosamente crítica e incapaz de qualquer manifestação física de afecto. Talvez fosse por

isso que o seu pai — concluía César, agora que estava longe de Roma e, por isso, numa posição mais favorável para proceder a essa análise — se mostrava tão insatisfeito com o comportamento da mãe — talvez fosse por causa da frieza da mãe, da distância que ela impunha. O que César não conseguia ver era que a verdadeira razão para a insatisfação do pai residia na dedicação que a mãe votava ao seu trabalho — um trabalho que ele considerava indigno de uma mulher da sua classe. Porque nunca tinham conhecido verdadeiramente Aurélia, a senhoria de uma ínsula, César e as suas irmãs não faziam ideia de que esse aspecto da vida da mãe tinha sido uma causa determinante na insatisfação do pai. Em vez disso, consideravam que a atitude do pai era perfeitamente compreensível, pois também eles tinham sentido a falta dos abraços e beijos da

mãe; na realidade, nenhum deles poderia saber até que ponto as noites de amor dos pais tinham sido gratificantes para ambos. Quando recebeu a notícia da morte do pai (comunicada pelo homem que transportava as suas cinzas), a primeira reacção de César foi correr para a mãe, desejoso de a abraçar e consolar. Mas Aurélia afastou-se dele, dizendo-lhe, num tom severo, que se lembrasse de quem era e se deixasse de tais manifestações. César sentira-se magoado até ao momento em que percebeu, de forma muito clara, que herdara da mãe aquela distância em relação às coisas e às pessoas, e que não poderia esperar dela outro tipo de comportamento.

E talvez isso — pensava César agora — não fosse mais do que um sinal de algo em que já tinha reparado — o facto de as crianças quererem sempre dos seus pais coisas que os pais não desejavam dar-lhes ou que eram incapazes de lhes dar. Ele sabia que a mãe era uma pérola inestimável. Tal como sabia que a amava muito. E que lhe devia muito pelo facto de ela denunciar todos os seus pontos fracos — isto para não falar dos conselhos, muito pouco maternais porque revelavam um conhecimento ímpar das coisas do mundo, que ela lhe dera ao longo da vida.

E no entanto — e no entanto... Que bom que era ser recebido com abraços e beijos e uma afeição sem limites, como Nicomedes e Oradaltis tinham feito com ele naquele dia! César não chegava ao ponto de desejar conscientemente que os seus pais fossem parecidos com aquele casal; limitava-se a sentir o desejo de que aqueles tivessem sido os seus pais.

Mas esta ideia só durou até ao pequeno-almoço da manhã seguinte, quando a luz do dia revelou tudo o que ela tinha de absurdo. Fitando o rei Nicomedes, César sobrepôs a cara do seu pai à do rei (por deferência em relação a César, Nicomedes não se tinha pintado) e sentiu uma enorme vontade de rir. Quanto a Oradaltis, bom, Oradaltis podia ser rainha, mas não tinha um décimo da realeza de Aurélia. Não, não era uns pais assim que ele queria. O que ele queria era uns avós assim.

César chegara a Nicomédia em Outubro e não tencionava partir tão cedo, para grande prazer do rei e da rainha, que acediam a todos os seus pedidos, desde visitar Górdio e Pessinunte até passar uns dias nas ilhas de Proconeso, onde César queria ver as pedreiras de mármore.

Porém, ao fim de dois meses, precisamente em Dezembro, César recebeu um pedido para que fizesse algo de muito difícil e extremamente estranho.

Em Março desse ano, o novo governador da Cilícia, o jovem Dolabela, deixara Roma

com destino à sua província, na companhia de dois outros nobres romanos e uma comitiva de funcionários públicos. O mais importante dos seus dois companheiros era o seu legado sénior, Caio Verres; o menos importante era o seu questor, Caio Publício Maléolo, escolhido por sorteio para tais funções.

Tendo-se tornado um dos novos senadores de Sila, em conseqüência da sua eleição como questor, Maléolo não era de modo nenhum Homem Novo; houvera cônsules na sua família, havia imagines no seu átrio. No entanto, a sua família tinha pouco dinheiro; só depois de algumas boas compras decorrentes das proscrições é que a família pôde depositar algumas esperanças na carreira de Caio, então com 30 anos; esperava-se que Caio conquistasse o consulado, restaurando assim o velho estatuto da família. Sabendo que o salário de Caio seria baixo e que este precisaria de bastante dinheiro para manter um estilo de vida idêntico ao de Dolabela, a mãe e as irmãs venderam as suas jóias e entregaram todo o produto da venda a Maléolo; a bolsa deste já ia meio cheia, mas ele tencionava enchê-la até acima mal chegasse à sua província. Finalmente, a mãe e as irmãs deram-lhe o maior dos tesouros da família, uma magnífica baixela de ouro e prata. Segundo elas, a sua posição só poderia sair reforçada se, ao oferecer um banquete ao governador, usasse a baixela da família.

Infortunadamente, Caio Publício Maléolo não era tão desenvolto ou esperto como os seus antepassados; a sua excessiva ingenuidade não augurava nada de bom para quem ia ocupar um dos primeiros cargos da comitiva de Dolabela. O legado sénior, Caio Verres, a quem não faltava esperteza, tratou de conhecer bem Maléolo e, uma vez vencida essa etapa, rodeou-o de tanta simpatia e tais amabilidades que Maléolo acabou por considerá-lo como a melhor das pessoas ao cimo da terra.

Viajavam juntamente com outro governador, Caio Cláudio Nero, que seguia para a Província da Ásia; patrício da família Cláudio, Nero tinha mais riqueza, mas muito menos inteligência, do que o prolífico ramo da família que recebera o cognome de Fulcro.

A cobiça voltava a dominar Caio Verres. Embora (graças ao conhecimento que tinha da zona) se tivesse saído muito bem dos negócios com os bens e propriedades dos prescritos da região de Benevento, havia nele uma genuína paixão por obras de arte que os dinheiros de Benevento não tinham saciado. Os prescritos de Benevento eram magnatas incultos, gente que dava tanta importância a uma insípida cópia, das que se faziam em Nápoles, de um qualquer

conjunto de ninfas, como a um Praxíteles ou a um Mirão. De início, Verres esperara com ansiedade pela prescrição do neto de Sexto Perquitieno, cuja reputação como apreciador de obras de arte não tinha paralelo entre os cavaleiros, e cuja colecção, graças às suas actividades como colector de impostos na Ásia, era talvez ainda melhor que a de Marco Lívio Druso. Só que, conforme veio a saber-se, o neto de Perquitieno era sobrinho de Sila — e a colecção de obras de arte do avô permaneceu em seu poder.

Apesar de não pertencer a uma família distinta — o pai era um pedarius dos bancos de trás do Senado, o primeiro Verres a pertencer a esse corpo —, Caio Verres subira na vida graças a um apurado faro para questões de dinheiro e uma grande habilidade para convencer alguns homens importantes do seu presumível valor. Enganara facilmente Carbão, mas nunca conseguira enganar Sila, ainda que este não tivesse qualquer escrúpulo em usá-lo para arrasar o Sâmnio. Infelizmente para Verres, o Sâmnio tinha tão poucas obras de arte como Benevento; esse lado do carácter insaciavelmente avaro de Verres continuava a não encontrar satisfação alguma.

Decidiu então que teria mesmo de ir para o Oriente, um mundo helenizado onde não faltavam as estátuas e as pinturas, desde Alexandria a Olímpia, desde o Ponto a Bizâncio. Por isso, quando Sila procedeu ao sorteio para os governadores do ano seguinte, Verres pesou bem as suas possibilidades e optou por cultivar a amizade do jovem Dolabela. O primo deste, o velho Dolabela, encontrava-se na Macedónia — uma província muito interessante, no que respeitava às obras de arte —, mas o velho Dolabela era um homem duro e tinha os seus próprios interesses. Caio Cláudio Nero, que ia para a Província da Ásia, era demasiado legalista — logo, era um homem que não lhe convinha. Desse modo, a única hipótese de Verres era acompanhar o governador da Cilícia, o jovem Dolabela. O homem certo para Caio Verres, pois este Dolabela era um indivíduo ganancioso, sem qualquer espécie de ética e um adepto secreto de viciosas festas, que envolviam as rameiras mais ordinárias e sujas que fosse possível encontrar e certas substâncias susceptíveis de ampliar a sensualidade e o prazer sexual. Muito antes de partirem para o Oriente, já Verres se tinha transformado no grande fornecedor de que Dolabela precisava para satisfazer os seus vícios secretos.

Que sorte!, pensou Verres, triunfante: ele tinha os favores de Fortuna! Homens como o jovem Dolabela havia poucos e eram ainda menos aqueles que subiam a postos tão altos. Se o

velho Dolabela não tivesse sido tão útil a Sila, do ponto de vista militar, o mais novo dos Dolabelas dificilmente teria chegado a pretor e a governador de uma província. E o facto de ter chegado ao pretorado e ao governo de uma província não obstavam a que Dolabela vivesse num medo constante; por isso, quando encontrou um homem como Verres, tão simpático, compreensivo e disposto a alimentar-lhe os vícios, Dolabela suspirou de alívio.

Enquanto o grupo viajou com Cláudio Nero, Verres controlou-se implacavelmente — pôde assim resistir ao impulso de furtar algumas obras de arte que viu em santuários ou ágoras da Grécia. Em Atenas, sobretudo, passou por uma difícil provação, já que toda a cidade estava cheia de tesouros; em Atenas, o problema chamava-se Tito Pompónio Ático, essa gigantesca aranha que dominava o centro da teia romana que envolvia Atenas. Graças à sua elevada posição financeira, aos seus laços de sangue com os Cecílios Metelos e às muitas ofertas que fizera a Atenas, Ático era

verdadeiramente um intocável; por outro lado, era bem conhecida a sua inflexível posição de condenação daquela espécie de Romanos que se dedicava ao roubo de obras de arte.

Porém, a partida de Atenas significava a separação dos dois grupos e Cláudio Nero, que, por natureza, não tinha qualquer simpatia pela Grécia, estava ansioso por chegar a Pérgamo. Assim, o navio de Cláudio Nero rumou tão depressa quanto pôde à Província da Ásia, ao passo que o navio de Dolabela seguiu na direcção da pequena ilha de Delos.

Antes de Mitridates ter invadido a Província da Ásia e a Grécia, nove anos antes, Delos fora o epicentro mundial do negócio da escravatura. Todos os grandes negociantes de escravos tinham uma representação em Delos; era também por Delos que passavam os piratas que forneciam a maior parte dos escravos à ponta oriental do mar Mediterrâneo. Na antiga Delos, chegara-se ao ponto de negociar a compra e venda de vinte mil escravos por dia, embora isso não implicasse um cortejo infindável de navios carregados de escravos, capaz de transformar o espaçoso e cômodo porto Mercantil no mais ruidoso e frenético dos mercados. Os negócios eram feitos com papéis — assim se transferia a propriedade dos escravos em troca de dinheiro. Só escravos muito especiais eram transportados até Delos; a ilha era unicamente um centro de intermediários.

Houvera em tempos uma vasta população ítalo-romana em Delos, bem como muitos alexandrinos e um número considerável de judeus; a maior edificação da ilha era a ágora romana,

onde os negociantes romanos e italianos tinham instalado os seus escritórios. Quando Verres lá chegou, a ágora estava absolutamente desfigurada e deserta, tal como a parte ocidental da ilha, onde se concentrava a maior parte das casas. Nas encostas do monte Cinto, encontravam-se os templos dos deuses importados por Delos durante o tempo em que estivera submetida aos Ptolemeus do Egipto e aos Selêucidas da Síria. Um santuário de Artemisa, irmão de Apolo, ficava muito perto do mais pequeno dos dois portos, o porto Sagrado, a que ancoravam apenas os navios de peregrinos. Para norte, situava-se o imponente e maravilhoso templo de Apolo — enorme, muito belo, e contendo algumas das maiores obras de arte conhecidas. E, entre o templo de Apolo e o lago Sagrado, encontravam-se os leões de mármore branco de Naxos, postados ao longo do Caminho Processional que unia o templo ao lago.

Verres ficou louco de prazer mal chegou a Delos: ninguém conseguiria impedi-lo de proceder às suas explorações. Andou de templo em templo, maravilhando-se com a imagem de Artemisa de Éfeso, cujos seios descaídos e estéreis tinham a configuração de testículos de touro; ficou estupefacto a olhar para a deusa Ma de Comona, ou para Hécate Sidonina, ou ainda para Serápis Alexandrina; ficou literalmente babado a apreciar as imagens em ouro e marfim, os tronos orientais carregados de pedras preciosas, cujos ocupantes, assim pareciam, deviam sentar-se de pernas cruzadas. Mas foi no templo de Apolo que encontrou as duas estátuas a que não conseguiu resistir — um grupo em que o sátiro Mársias tocava flauta para um extasiado Midas e um furibundo Apolo, e uma imagem em ouro e marfim de Letona, com os seus divinos bebés ao colo, a qual, ao que se cria, era obra de Fídias, mestre da escultura criselefantina. Como se tratava de duas obras pequenas, Verres e quatros dos seus criados penetraram furtivamente no templo a meio da noite, tiraram-nas dos plintos, envolveram-nas ternamente em mantas e esconderam-nas na zona do porão do navio destinada às bagagens de Caio Verres.

— Ainda bem que Arquelau e, muitos anos depois, Sila, saquearam esta ilha — comentou, muito satisfeito, Verres, para Maléolo, ao romper do dia. — Se o comércio de escravos tivesse continuado florescente em Delos, seria muito mais difícil passear por ela sem ser detectado a fazer umas pequenas aquisições, mesmo nos mercados nocturnos.

Um tanto espantado, Maléolo ficou a perguntar para si mesmo o que quereria Verres dizer com aquilo; olhou para o rosto perversamente belo do suposto amigo, mas isso não o encorajou, bem pelo contrário, a fazer qualquer pergunta. Menos de meio dia depois, ficou a

saber. De facto, levantara-se de súbito um vento muito forte que impedira a partida do navio; ainda antes que o vento começasse a soprar, já os sacerdotes de Apolo se dirigiam a Dolabela, queixando-se de que dois dos maiores tesouros do templo haviam sido roubados. E como tinham visto Verres a apreciá-los demoradamente, a afagá-los, a medi-los com os olhos, a empurrá-los ligeiramente das bases, acusaram Verres do roubo. Como gostava de Verres, Maléolo não se sentia muito à vontade para ir contar a Dolabela o que Verres lhe dissera; apesar disso, porém, cumpriu o seu dever. E Dolabela insistiu para que Verres devolvesse as obras.

— Foi aqui que Apolo nasceu, Verres! — disse ele, tremendo. — Não podes roubar nada aqui. Caso contrário, seremos todos mortos por uma epidemia.

Frustrado e dominado por uma raiva imensa, Verres ”devolveu” as imagens, arremessando-as do alto do navio para as lajes do porto. Aí jurou que Maléolo pagaria pelo que tinha feito. Mas ninguém ouviu a sua jura. De facto, para grande surpresa de Maléolo, Verres foi ter com ele para lhe agradecer o que tinha feito.

— Eu sou louco por obras de arte! É um problema terrível para mim. Não consigo controlar-me — disse-lhe Verres, conseguindo mostrar uns olhos chorosos e afeiçoados. — Obrigado, Maléolo! Muito obrigado!

No entanto, a sua loucura por obras de arte não voltaria a deparar com obstáculos. Em Ténedo (que Dolabela quis visitar por causa do papel desempenhado por essa ilha na guerra contra Tróia), Verres apropriou-se da estátua do próprio fundador da ilha, Tenos, uma bela estátua de madeira, tão antiga que a sua configuração só muito remotamente podia ser considerada humana. A sua nova técnica era tão cândida como imperativa: ”Eu quero esta imagem, portanto ela tem de ser minha!”, dizia ele, e corria para o porão do navio, enquanto Dolabela e Maléolo abanavam a cabeça e nada respondiam, pois não queriam provocar rupturas numa equipa que deveria manter-se unida e que ainda tinha uma longa missão à sua frente. Em Quios e Éritras, voltou a haver saque; por outro lado, Verres continuava a mostrar-se extremamente prestimoso para com Dolabela e Maléolo; a este último, fizera-o já mergulhar no mesmo tipo de corrupção a que Dolabela não conseguira resistir. Por isso, quando Verres decidiu roubar todas as obras de arte do templo de Hera em Samos, não lhe foi muito difícil convencer Dolabela a alugar mais um navio — e a ordenar ao almirante Caridemo, de Quios, que, à frente de um quinquerreme, escoltasse a frota do novo governador da Cilícia durante o resto da viagem.

Era preciso defender todos aqueles tesouros da cobiça dos piratas! Halicarnasso perdeu algumas estátuas de Praxíteles — e essa foi a última incursão de Verres na Província da Ásia, nessa altura já tão furiosa como o mais furioso dos ninhos de vespas. Mas a Panfília perdeu o belíssimo Harper de Aspendo e a maior parte do conteúdo do templo de Artemisa, em Perga — aí, considerando a estátua da deusa uma obra de fraca execução, Verres contentou-se em surripiar a capa de ouro de Artemisa, que depois fundiu, transformando-a em lingotes, que eram muito mais fáceis de transportar.

E assim chegaram finalmente a Tarso, onde Dolabela tratou de se instalar no seu palácio e Verres tratou de requisitar uma vila para sua habitação pessoal, onde poderia deleitar-se com todos os tesouros que pilhara. Verres era um apreciador de arte genuíno: não tinha a mínima intenção de vender uma que fosse daquelas obras. O problema era que, em Caio Verres, as obsessões e a amoralidade do coleccionador fanático atingiam um nível nunca visto.

Caio Publício Maléolo também tratou de arranjar uma bela casa, situada nas margens do rio Cidno; retirou das bagagens a baixela de ouro e prata e os seus sacos de dinheiro, pois tencionava aumentar a sua fortuna emprestando dinheiro a juros exorbitantes àqueles que não pudessem pedir empréstimos a fontes mais legítimas. Verres mostrou-se extremamente compreensivo, quando Maléolo lhe revelou as suas intenções. E, além de compreensivo, incrivelmente prestimoso.

Ao fim de pouco tempo, já Dolabela mergulhara num estado de permanente torpor sensual; dificilmente poderia dedicar-se aos assuntos de Estado com os pensamentos constantemente toldados pelas cantáridas e outras drogas afrodisíacas que Verres lhe fornecia; daí que, na prática, o governo da província fosse exercido pelo legado sénior e pelo questor.

Mostrando suficiente bom senso para não tocar nas obras de arte de Tarso, Verres concentrou-se na sua vingança. Era tempo de dar cabo de Maléolo.

A primeira etapa nesse sentido consistiu em abordar um tema que calava fundo nos corações de todos os Romanos — a elaboração de um testamento.

— Eu deixei o meu testamento nas Vestais, antes de partir — disse Verres, particularmente atraente à luz das velas, que dava ao seu cabelo suavemente encaracolado um tom de ouro velho. — Também fizeste isso, não fizeste, Maléolo?

— Eu? Não, não fiz — retorquiu Maléolo, perturbado. — Confesso que nunca tal coisa

me passou pela cabeça.

— Mas isso é uma loucura, meu caro! — exclamou Verres. — Quando um homem está longe de casa, tudo lhe pode acontecer! Piratas, doenças, naufrágios! Lembra-te de Servílio Cepião, que naufragou quando regressava a Roma, há vinte e cinco anos — ele era um questor, tal e qual como tu! — Verres deitou mais vinho na bela taça de prata dourada de Maléolo. — Tens de fazer testamento, Maléolo!

E de tal modo Verres conduziu as coisas que Maléolo já estava, momentos depois, completamente embriagado — enquanto que Verres fazia na perfeição o papel de bêbedo. Quando o legado sénior decidiu que o pobre questor já estava suficientemente toldado para conseguir ler o que lhe desse a assinar, Verres pediu papel e uma pena, escreveu as disposições que Caio Publício Maléolo lhe ditou e, por fim, ajudou-o a assinar e a selar. O testamento foi guardado num escaninho da secretária de Maléolo e rapidamente esquecido pelo seu autor. O qual, quatro dias depois, morreu de uma obscura doença a que os físicos de Tarso, após muitas conferências, decidiram chamar envenenamento por comida. E Caio Verres, encontrando o testamento, ficou surpreso e encantado ao descobrir que o seu amigo questor lhe deixara tudo o que possuía, incluindo a baixela da família.

— Mas que história mais triste! — disse ele a Dolabela, com o ar mais triste deste mundo. — É um belo legado, mas preferia que o pobre Maléolo continuasse entre nós.

Apesar da névoa afrodisíaca em que mergulhara, Dolabela detectou alguma hipocrisia naquelas palavras, mas limitou-se a falar do problema que era arranjar rapidamente um outro questor.

— Mas não precisas de fazer isso — retorquiu Verres, jovialmente. — Eu fui questor de Carbão e portei-me tão bem que consegui ser seu proquestor quando ele foi governar a Gália Italiana. Nomeia-me proquestor.

E, deste modo, os assuntos da Cilícia — e os dinheiros públicos da Cilícia — passaram para as mãos de Caio Verres.

Durante todo o Verão, Verres trabalhou industriosamente, mas não para o bem da Cilícia; os benefícios iam todos para as suas actividades, em particular o empréstimo de dinheiro, que herdara de Maléolo. No entanto, a sua colecção de arte não acolhera nenhum novo tesouro. Nem mesmo Verres, apesar do cargo que ocupava e do poder que tinha, sentia confiança

suficiente para se lançar numa série de roubos nas cidades e nos templos da própria região que controlava. Por outro lado — pelo menos enquanto Cláudio Nero fosse governador —, também não podia reatar o saque da Província
da Ásia; a ilha de Samos enviara uma irada embaixada a Pérgamo, queixando-se a Cláudio Nero da pilhagem do santuário de Hera; mas Nero respondeu-lhes, com evidente pesar, que não estava no seu poder castigar ou disciplinar o legado de outro governador; por isso, os Samianos teriam de apresentar a sua queixa ao Senado de Roma.

Foi em fins de Setembro que Verres teve uma inspiração; e não perdeu tempo em transformar a fantasia em realidade. Tanto a Bitínia como a Trácia abundavam em tesouros; assim sendo, porque não alargar a sua colecção de arte à custa da Bitína e da Trácia? O primeiro passo consistiu em convencer Dolabela a nomeá-lo seu embaixador em missão especial e a dar-lhe cartas de apresentação para o rei Nicomedes da Bitínia e para o rei Sadala da Odrísia Trácia.

No princípio de Outubro, Verres deu início à sua viagem, partindo de Ataleia, no Helesponto. Esta estrada evitava a Província da Ásia e, por outro lado, possuía alguns templos, de onde Verres podia roubar algum ouro, já que não abundavam neles grandes obras de arte.

Aquela era uma embaixada de vilões; Verres não queria gente honesta e vertical ao seu lado. Tratou por isso de escolher com todo o cuidado os seus homens, incluindo os seis lictores a que, na sua qualidade de embaixador com estatuto de propretor, tinha direito; era preciso que toda a comitiva colaborasse com ele nas suas nefastas empresas. O seu principal assistente era um funcionário sénior da eqmpa de Dolabela, um tal Marco Rúbrio; Verres e Rúbrio tinham já tratado de muitos negócios em conjunto, designadamente quando era preciso fornecer a Dolabela as prostitutas ordinárias e sujas de que ele tanto gostava. Quanto aos escravos, eram uma mistura de homens corpulentos e enormes, encarregados de surripiarem as estátuas mais pesadas, e de homens minúsculos, capazes de se introduzirem em qualquer casa ou templo sem que ninguém desse por eles. Quanto aos escribas, o seu trabalho consistiria unicamente em catalogar tudo o que ele roubasse.

A viagem por terra foi decepcionante, pois Pisídia e a zona da Frígia que Verres atravessou fora já completamente saqueada pelos generais de Mitridates, nove anos antes. Chegou a pensar em dirigir-se a Pessinunte (o que implicaria uma volta maior), onde talvez conseguisse surripiar alguma coisa, mas, por fim, resolveu dirigir-se directamente para Lampsaco,

no Helesponto. Aí, poderia
requisitar um dos navios de guerra da Província da Ásia para o escoltar; depois, poderia seguir ao longo da costa da Bitínia, pilhando o que muito bem entendesse, para o que precisaria de um bom navio de carga.

O Helesponto era terra-de-ninguém. Tecnicamente pertencia à Província da Ásia, mas as montanhas da Mísia constituíam uma barreira importante, de tal modo que o estreito tinha mais a ver com a Bitínia do que com Pérgamo. Lampsaco era o principal porto do lado asiático do estreito, praticamente em frente da Calípolis Trácia; era em Lampsaco que acampavam os diversos exércitos que atravessavam o Helesponto. Por tudo isso, Lampsaco era um vasto e movimentado porto, ainda que muita da sua prosperidade econômica dependesse da abundância e excelência do vinho produzido na região vizinha.

Nominalmente sob a autoridade do governador da Província da Ásia, a cidade há muito que gozava de independência, já que Roma se contentava com um tributo. Tal como sucedia em todos os portos prósperos do mar Mediterrâneo, também em Lampsaco havia uma colônia de mercadores romanos. No entanto, era entre os nativos, os Gregos Focenses, que se encontravam os homens mais ricos da cidade. Nenhum dos nativos de Lampsaco possuía a cidadania romana; eram, todos eles, socii, aliados.

Antes de partir, Verres estudara diligentemente todas as cidades por onde esperava passar; por isso, quando chegou a Lampsaco, sabia muito bem qual era o estatuto da sua embaixada e qual o dos cidadãos mais proeminentes. A cavalgada romana que começou nas colinas que rodeavam a cidade e só terminou no porto causou tal agitação que muitos populares desataram a fugir em pânico; seis lictores precediam a importante personagem romana, acompanhada também por vinte criados e por cem soldados da cavalaria ciliciana. No entanto, ninguém fora avisado na cidade da chegada de Verres e ninguém sabia quais poderiam ser as suas intenções.

Um tal lanitor era o etnarca-chefe desse ano; ao saber que uma embaixada romana estava à sua espera na ágora, lanitor correu para lá, acompanhado de alguns dos outros anciãos da cidade.

— Não sei ainda quanto tempovou ficar — disse Caio Verres, com um ar simpático, superior mas nada arrogante. — Mas gostaria que me arranjasses acomodações adequadas para

mim e para a minha comitiva.

Era impossível, explicou lanitor, algo hesitante, encontrar uma casa suficientemente grande para albergar tanta gente, mas era evidente que ele próprio poderia hospedar o embaixador, os seus lictores e criados pessoais, enquanto que os soldados e os outros criados seriam instalados noutras casas. lanitor apresentou então os seus colegas do governo da cidade, incluindo um tal Filodamo, que fora etnarca-chefe de Lampsaco quando Sila lá estivera.

— Ouvi dizer — segredou Marco Rúbrio a Verres, enquanto eram conduzidos à casa de lanitor — que Filodamo tem uma filha que é tão bela e virtuosa que o velho resolveu fechá-la à chave. Chama-se Estratonice.

Verres não era nenhum Dolabela no que toca a apetites carnais. Gostava que as suas mulheres fossem verdadeiras Galateias, tão puras e perfeitas como as estátuas e pinturas que admirava. Por isso, quando se encontrava fora de Roma, tendia a passar longos períodos de abstinência sexual, pois não se contentava com mulheres inferiores, nem mesmo com cortesãs tão famosas como Précia. Daí que só pensasse casar-se quando encontrasse uma noiva de imaculada beleza e esplêndida linhagem — uma nova Aurélia. Aquela viagem ao Oriente serviria para que cimentasse a sua fortuna e para que, desse modo, pudesse negociar uma aliança matrimonial proveitosa com alguma Cecília Metela ou Cláudia Pulcra. Uma Júlia teria sido melhor, mas não havia Júlias solteiras.

Não admira, pois, que Verres estivesse há meses sem qualquer envolvimento sexual, nem que esperasse envolver-se com alguma mulher em Lampsaco. Rúbrio, contudo, estava decidido a descobrir as fraquezas de Verres — para além do seu gosto exacerbado por obras inanimadas — e, por isso, mal chegara à cidade, tratara de conhecer alguns dos mexericos locais. E assim descobriu que Filodamo tinha uma filha, Estratonice, que, pelos vistos, era a reincarnação de Afrodite.

— Investiga um pouco mais — retorquiu Verres, sem mais comentários; depois, com o mais encantador (e falso) dos seus sorrisos, encaminhou-se para a porta de lanitor, onde o etnarca-chefe o esperava em pessoa para lhe dar as boas-vindas.

Rúbrio aquiesceu e dirigiu-se imediatamente para a casa que lhe fora destinada, muito menos imponente que a do amo; o que não admirava, pois Rúbrio não passava de um pequeno oficial, sem qualquer possibilidade de aceder a um estatuto de embaixador.

Depois do almoço, Rúbrio voltou a casa de lanitor e pediu um encontro privado a Verres.

— Estás confortável aqui? — perguntou Rúbrio.

— Mais ou menos. Claro que não é uma villa romana. É pena que os cidadãos mais ricos de Lampsaco não sejam romanos. Odeio ter de recorrer a gregos! É gente demasiado simples para o meu gosto. Este lanitor só come peixe — ao almoço, não vi nem um ovo! E quanto a aves, bom, nem sei se as há por cá! Mas o vinho era esplêndido. Então, já sabes mais alguma coisa quanto a Estratonice?

— Não foi nada fácil, Caio Verres. Ao que parece, a rapariga é o supra-sumo da virtude, mas talvez porque o pai e o irmão a guardam como Tigranes guarda as mulheres do seu harém.

— Nesse caso, terei de ir jantar com Filodamo, Rúbrio abanou a cabeça.

— Não acredito que ele te apresente a filha, Caio Verres. Lampsaco é a mais greco-focense das cidades. Os gregos focenses não mostram as mulheres da família aos convidados.

As duas cabeças aproximaram-se, uma, loura-acastanhada, a outra, negra-agrisalhada, e o volume da conversa desceu ao nível do segredo.

— O meu assistente Marco Rúbrio — disse Verres a lanitor depois da saída do outro — está muito mal alojado. Quero que ele seja melhor instalado. Ouvi dizer que, depois de ti, o cidadão mais importante de Lampsaco é um tal Filodamo. Agradecia-te, por isso, que pedisses a Filodamo que recebesse Marco Rúbrio na sua casa.

— Na minha casa não entram vermes! — disparou Filodamo, quando lanitor lhe contou o que Verres queria. — Quem é esse Marco Rúbrio? Um miserável funcionário romano! Eu, que já hospedei cônsules e pretores romanos, incluindo o grande Lúcio Cornélio Sila?! De facto, todos os romanos que recebi em minha casa eram mais importantes que o próprio Caio Verres! Porque, afinal, quem é esse homem, lanitor? Um mero assistente do governador da Cilícia!

— Por favor, Filodamo! — suplicou lanitor. — Faz isto por mim! Pela nossa cidade! Este Caio Verres é um indivíduo mau e cruel, disso não tenho dúvidas! E tem cem soldados de cavalaria. Em Lampsaco, nem metade desses soldados conseguiríamos juntar!

Filodamo acabou por ceder e Rúbrio transferiu-se para casa dele. Mas o velho depressa percebeu que fizera mal. Mal se instalou, Rúbrio pediu que lhe fosse apresentada a bela e famosa filha de Filodamo; como lhe fosse negado esse privilégio, tratou imediatamente de revolver a casa

de alto a baixo, à procura da jovem. Dado que as buscas se revelaram infrutíferas, Rúbrio chamou Filodamo à sua presença, como se este fosse seu criado.

— Vais dar um banquete em honra de Caio Verres esta mesma tarde — e podes servir tudo menos peixe! O peixe pode ser um bom alimento, mas ninguém agüenta comer só peixe toda a vida! Sendo assim, quero cabrito, galinha, outras aves, muitos ovos e o melhor dos vinhos.

Filodamo conseguiu controlar-se.

— Mas não foi nada fácil — disse ele ao filho, Artemidoro.

— É Estratonice que eles querem — retorquiu Artemidoro, furibundo.

— Também me parece. Mas este Rúbrio apareceu-me tão depressa cá em casa que não tive tempo para a fazer sair. E agora não posso tirá-la de cá. Há romanos por todo o lado.

Artemidoro queria estar presente no banquete em honra de Verres, mas o pai, atentando na expressão transtornada do filho, percebeu que a presença dele só serviria para piorar a situação; e tanto insistiu com ele que o filho acedeu ir comer a outro lado. Quanto a Estratonice, o melhor que o pai e o irmão poderiam fazer seria fechá-la no seu próprio quarto, acompanhada de dois corpulentos criados.

Caio Verres chegou com os seus lictores, que ficaram de guarda na porta da frente, ao passo que um grupo de soldados foi mandado para a porta das traseiras. E logo que se instalou confortavelmente no seu divã, o embaixador romano pediu a Filodamo que fosse buscar a filha.

— Não posso fazer isso, Caio Verres — retorquiu firmemente o velho. — Esta é uma cidade focense, o que significa que as nossas mulheres não podem ser apresentadas a forasteiros.

— Mas eu não quero que ela venha comer connosco, Filodamo — disse Verres, pacientemente. — Eu só quero ver esse exemplo de perfeição de que toda a tua cidade focense fala.

— Não sei o que poderão dizer, pois nunca ninguém a viu — retorquiu Filodamo.

— Então é porque os teus criados falam... Vai buscá-la, velho!

— Não posso fazer isso, Caio Verres.

Estavam presentes mais cinco convidados: Rúbrio e quatro colegas seus; mal Filodamo deu aquela resposta, desataram todos a gritar que a queriam ver. E, a cada recusa de Filodamo, voltavam a gritar, cada vez mais alto.

Quando veio o primeiro prato, Filodamo aproveitou a oportunidade para sair da sala e

pedir a um criado que fosse buscar Artemidoro. Depois, regressou imediatamente à sala de jantar, onde se viu obrigado a reafirmar obstinadamente a sua recusa. Rúbrio e dois dos seus colegas levantaram-se então para ir procurar a jovem, mas Filodamo meteu-se à frente deles. Havia uma ânfora de água quente sobre um braseiro perto da porta; essa água quente era depois deitada em bacias, onde se punham tigelas com comida, a fim de que esta não esfriasse. Rúbrio pegou na ânfora e despejou água a ferver por cima da cabeça de Filodamo. Enquanto os criados, horrorizados, fugiam em todas as direcções, os gritos de sofrimento do velho misturaram-se com os gritos de alegria dos romanos, que logo se lançaram em busca de Estratonice.

No meio desta confusão de gritos, outros gritos se ouviram. Artemidoro e vinte dos seus amigos tinham chegado à porta da casa, onde depararam com os lictores de Verres. O chefe da decúria, um tal Cornélio, tinha toda a confiança de um lictor na sua própria inviolabilidade; nunca lhe passou pela cabeça que Artemidoro e o seu grupo pudessem recorrer à força para os tirar dali. E talvez não o houvessem feito, se Artemidoro não tivesse ouvido os horripilantes gritos do pai. Os lampsacanos avançaram em massa. Vários lictores sofreram pequenos ferimentos, mas Cornélio morreu com o pescoço partido.

Os participantes no banquete dispersaram quando Artemidoro e os seus amigos irromperam pela sala de jantar, com varapaus nas mãos e um ódio de morte nos rostos. Mas Caio Verres não era nenhum cobarde. Ordenando desdenhosamente aos invasores que se afastassem, deixou a casa na companhia de Rúbrio e dos outros funcionários, para encontrar, logo à saída, um lictor morto e cinco outros muito assustados. Imediatamente se fizeram à estrada, levando o cadáver de Cornélio.

Nessa altura já toda a cidade começava a agitar-se. lanitor esperava Verres e os outros romanos à porta da sua casa. Ficou aterrado quando viu o que os romanos traziam, mas nem por isso deixou de os admitir em sua casa — e, prudentemente, trancou a porta. Artemidoro ficara em casa para tratar das queimaduras do pai, mas dois dos seus amigos conduziram o resto do grupo para a praça da cidade, convocando toda a gente para a luta. Todos os gregos estavam fartos de Caio Verres e nem mesmo um fervoroso discurso de Públio Técio (o mais importante romano da cidade) conseguiu demovê-los da decisão de retaliarem. A multidão que, entretanto, se formara, quase levava atrás de si Técio e o seu convidado Caio Terêncio Varrão, quando se pôs em marcha na

direcção da casa de lanitor.

Aí chegados, os revoltosos exigiram que os deixassem entrar, lanitor recusou. Então, tentaram arrombar a porta com um aríete improvisado; como isso não resultasse, decidiram incendiar a casa. Num instante, juntaram achas e gravetos e deitaram-lhes fogo. Só a chegada de Públio Técio, Caio Terêncio Varrão e outros residentes romanos de Lampsaco impediu o desastre; os seus discursos veementes esfriaram as cabeças dos revoltosos, levando-os a entender que a imolação de um embaixador romano teria conseqüências muito mais graves que a violação de Estratonice. Por isso, o fogo (que já chamuscara boa parte da fachada da casa de lanitor) foi apagado e os homens de Lampsaco regressaram às suas casas.

Um homem menos arrogante que Caio Verres teria fugido da cidade à primeira oportunidade; mas Caio Verres não tinha a mínima intenção de fugir — em vez disso, sentou-se calmamente à secretária de lanitor e escreveu a Caio Cláudio Nero, governador da Província da Ásia, determinado a não se deixar intimidar por uns quantos gregos miseráveis.

”Quero que venhas a Lampsaco e que julgues dois socii, Filodamo e Artemidoro, pelo assassínio de um lictor-chefe de um embaixador romano”, dizia a sua carta.

No entanto, a carta de Verres só chegou às mãos do governador depois de este ter recebido um relatório pormenorizado que Públio Técio e Caio Terêncio Varrão se tinham apressado a elaborar.

”Não irei de modo nenhum a Lampsaco”, respondeu Cláudio Nero. ”O meu legado sénior, Caio Terêncio Varrão, que está muito acima de ti, contou-me a verdadeira história dos factos. É pena que não tenhas sido imolado. Tu és o que o teu nome, Verres, diz — um porco.”

A raiva com que Verres escreveu uma segunda missiva acrescentou veneno e poder à sua pena; esta carta era para Dolabela — e chegou a Tarso em apenas sete dias, levada por um dos seus soldados, o qual tinha tanto medo das eventuais represálias de Verres, que, para obter vários cavalos frescos ao longo do caminho, não se coibiu de matar.

— Vai imediatamente a Pérgamo. E rápido — ordenou Verres ao seu superior, sem manifestar o mínimo respeito por ele. — Obriga Cláudio Nero a vir a Lampsaco, a fim de julgar e executar os socii que assassinaram o meu lictor-chefe. Se não o fizeres, terei muito que contar em Roma sobre certas orgias e drogas. Estou a falar a sério, Dolabela. E podes dizer a Cláudio Nero que, se ele não vier a Lampsaco para condenar estes fellatores gregos, acusá-lo-ei também de

práticas sórdidas. E convence-te de uma coisa, Dolabela: tudo farei para que as minhas acusações se traduzam por uma condenação formal. Nem que tenha de morrer por isso!

Quando as notícias de Lampsaco chegaram à corte do rei Nicomedes, a situação tinha chegado a um impasse; Caio Verres continuava a viver em casa de lanitor e a deslocar-se livremente pela cidade. Por outro lado, Verres ordenara a lanitor que informasse os anciãos de Lampsaco de que permaneceria na cidade enquanto o caso não fosse resolvido; finalmente, toda a gente sabia que Cláudio Nero viria de Pérgamo para julgar o pai e o filho.

— Quem me dera poder fazer qualquer coisa! — exclamou o rei, falando com César sobre o caso.

— Lampsaco está sob a alçada da Província da Ásia e não da Bitínia — retorquiu César.

— Só podes actuar por via diplomática e não creio que isso possa ser grande ajuda para os dois infortunados socii.

— Caio Verres é um rapinante de primeira, César. No princípio do ano, assaltou santuários por toda a Província da Ásia. Depois, roubou o Harper de Aspendo e a capa de ouro de Artemísia, em Perga.

— Pois é. com homens assim, como é que as províncias podem manter boas relações com Roma? — comentou César.

— com aquele homem, nada está seguro; incluindo, pelos vistos, as filhas virtuosas de importantes socii gregos.

— Mas afinal o que é que Verres está a fazer em Lampsaco?

Nicomedes estremeceu.

— Lampsaco é apenas uma etapa, César! Porque a intenção dele é viajar até à Bitínia! Traz cartas de apresentação para mim e para o rei Sadala da Trácia. O governador Dolabela concedeu-lhe o estatuto de embaixador. Imagino que o verdadeiro objectivo de Verres é roubar as nossas estátuas e pinturas.

— Não ousará tal, enquanto eu estiver aqui — retorquiu César, para acalmar o rei.

O rosto do velho rei iluminou-se.

— Era isso que eu ia dizer. Queria propor-te uma coisa, César: concordarias em ir a Lampsaco como meu embaixador, a fim de que Cláudio Nero compreenda que a Bitínia está a seguir o caso com toda a atenção? Eu não me atrevo a fazer isso — a minha presença poderia ser

interpretada como uma ameaça de guerra, mesmo que eu não levasse escolta militar. É que as minhas tropas encontram-se muito mais perto de Lampsaco do que as tropas da Província da Ásia.

Antes que Nicomedes terminasse, já César se tinha apercebido dos problemas por que passaria se acedesse ao pedido do rei. Se fosse a Lampsaco observar os acontecimentos em nome do rei da Bitínia, toda a Roma concluiria que, afinal, ele sempre tinha um relacionamento muito íntimo com Nicomedes. No entanto, dificilmente poderia deixar de ir a Lampsaco.

— Euvou a Lampsaco, mas não devo dar a impressão de que estou a actuar em teu nome — disse ele, gravemente. — O destino dos dois socii está inteiramente nas mãos do governador da Província da Ásia, o qual não apreciaria a presença de um privatus romano de vinte e um anos, afirmando ser o representante do rei da Bitínia.

— Mas eu preciso de saber o que acontece em Lampsaco, através de alguém com a distância suficiente para não exagerar! Por outro lado, como tu és romano, é evidente que não alinharás automaticamente ao lado dos gregos! — protestou Nicomedes.

— Eu não disse que não ia. Eu vou. Irei, porém, como um privatus romano, nada mais — como alguém que, por acaso, estava perto e que é unicamente movido pela curiosidade. Dessa forma, ninguém se aperceberá de que a Bitínia está metida no caso e eu poderei dar-te um relatório pormenorizado dos acontecimentos. Depois, se achares necessário, poderás apresentar uma queixa formal

ao Senado de Roma e, como é evidente, contarás com o meu testemunho.

César partiu no dia seguinte, levando apenas por companhia Burgundo e quatro criados; com tão pouca companhia, poderia dar a impressão de que não ia com um objectivo definido, mas que, muito simplesmente, andava a viajar. Embora envergasse um conjunto de couraça e saiote de couro, o seu traje favorito para montar, levava na bagagem a toga, a túnica e os sapatos senatoriais; por outro lado, tivera o cuidado de levar consigo o escravo encarregado de fazer novas Coroas Cívicas com folhas de carvalho. Apresentar-se-ia em Lampsaco em toda a majestade que lhe fora conferida pelos seus feitos — mas apenas em seu nome pessoal e não em nome do rei da Bitínia.

Foi no final de Dezembro que César partiu para Lampsaco, usando a mesma estrada que Verres percorrera. Quando lá chegou, ninguém deu por ele; a cidade estava toda no porto,

assistindo à chegada da imponente frota de Cláudio Nero e Dolabela. Nenhum dos governadores estava satisfeito, bem pelo contrário: Dolabela, porque estava nas mãos de Verres, e Cláudio Nero porque as actividades clandestinas de Dolabela ameaçavam comprometê-lo. Os seus rostos soturnos não se alegraram quando souberam que não teriam alojamentos condignos, pois lanitor continuava a hospedar Verres e, em Lampsaco, para além de lanitor, só Filodamo, o réu, possuía uma mansão adequada para chefes romanos. Públio Técio resolvera o problema, mandando embora de sua casa um colega e oferecendo-a a Cláudio Nero e Dolabela.

Quando Cláudio Nero recebeu Verres (que já estava à sua espera na casa de Técio), ficou a saber que deveria presidir ao tribunal — e aceitar que Verres fosse advogado de acusação, testemunha, membro do júri e um embaixador cujo estatuto oficial, propretoriano, não fora minimamente afectado pelos acontecimentos de Lampsaco.

— Isso é ridículo! — exclamou Cláudio Nero, na presença de Dolabela, Públio Técio e do legado Caio Terêncio Varrão.

— Que queres dizer? — perguntou Verres.

— A justiça romana é famosa. Aquilo que tu propões é uma fraude. Eu saí-me muito bem das minhas funções de governador! Como as coisas estão neste momento, é muito provável que seja substituído já na Primavera. O mesmo pode ser dito do teu superior, Cneu Dolabela. Eu não posso falar em nome de Dolabela — Cláudio Nero olhou de relance para o silencioso Dolabela, que evitou o seu olhar —, mas, quanto a mim, tenciono deixar a minha província com a reputação de ter sido um dos seus melhores governadores. Este caso será provavelmente o último que terei de resolver e essa é mais uma razão para que eu não permita uma fraude!

O atraente rosto de Verres pareceu incendiar-se de raiva.

— Quero uma condenação rápida! — exclamou. — Quero que aqueles dois gregos sejam açoitados e degolados! Eles assassinaram um lictor romano no cumprimento do dever! Se permanecerem sem castigo, a autoridade de Roma ficará ainda mais minada, numa província que continua a desejar ser governada pelo rei Mitridates!

Aquele era sem dúvida um bom argumento; no entanto, não foi por isso que Cláudio Nero acabou por ceder. O problema de Cláudio Nero era que não tinha a força de carácter suficiente para resistir a Verres num confronto daqueles. com excepção de Públio Técio e do seu

convidado Caio Terêncio Varrão, Verres conseguira atrair as simpatias de toda a colônia romana de Lampsaco, levando-a mesmo a assumir uma posição exacerbada, o que constituía um mau prenúncio para a futura paz da cidade. O quadro transformara-se: tratava-se agora de um confronto entre Romanos e Gregos, com uma vingança pelo meio. Cláudio Nero era pura e simplesmente incapaz de resistir às pressões que exerciam sobre ele.

Entretanto, César conseguira encontrar hospedagem numa pequena estalagem perto do porto. Esta estalagem, que deixava muito a desejar, albergava sobretudo marinheiros: fora a única que o aceitara, pois ele era romano e, como tal, uma criatura odiosa aos olhos dos gregos. Se não estivesse tanto frio, teria de bom grado acampado; se não estivesse determinado a manter a sua independência, teria sem dúvida procurado abrigo na casa de um romano. Portanto, não tinha outra alternativa senão ficar na estalagem do porto. Quando ele e Burgundo foram dar um passeio, fazendo horas para uma ceia que se anunciava horrível, já os arautos da cidade andavam pelas ruas, anunciando que o julgamento de Filodamo e Artemidoro decorreria no dia seguinte, na praça do mercado.

No dia seguinte, César preparou-se para assistir ao julgamento sem qualquer pressa; queria fazer uma entrada em cena absolutamente grandiosa e, por isso, teria de esperar que todas as pessoas se reunissem para o julgamento. E, de facto, quando apareceu na praça do mercado, não deixou de criar alguma sensação — sim, porque ele era um nobre romano, um senador, um herói de guerra, que, além do mais, não estava ligado por qualquer laço de lealdade a nenhum dos participantes romanos. Estes não o reconheceram, tanto mais que César não envergava agora a laena e o apex, mas sim uma toga branca com a larga faixa púrpura de senador no ombro direito da túnica e os sapatos de couro castanhos de senador. Além disso, tinha uma coroa de folhas de carvalho na cabeça, o que obrigou todos os romanos, incluindo os governadores, a levantar-se e a aplaudir a chegada de César.

— Sou Caio Júlio César, sobrinho de Lúcio Cornélia Sila, o Ditador — disse ele, com um ar perfeitamente ingênuo, estendendo a mão direita. — Estou em viagem e acabei de saber do que se passava! Pensei que era melhor aparecer, para o caso de precisares de mim no júri.

Como seria de esperar, o nome suscitou o reconhecimento imediato, mais por causa do cargo de flamen Dialis do que pelo cerco de Mitilene; aqueles homens não estavam em Roma

quando Lúculo regressou e por isso não conheciam em pormenor a rendição de Mitilene. Os préstimos de César como eventual membro do júri foram recusados, mas arranjaram-lhe rapidamente uma cadeira para se sentar, pois, para além de ser herói de guerra, era sobrinho do Ditador.

O julgamento começou. Não havia falta de cidadãos romanos para integrarem o júri, pois Dolabela e Cláudio Nero haviam trazido um grande número de oficiais subalternos, para além de toda uma corte de soldados romanos aquartelados em Pérgamo — estes soldados eram fimbrianos, os quais reconheceram imediatamente César, saudando-o com o maior júbilo. Mais uma razão para que nenhum dos governadores ficasse satisfeito com a presença de César.

Embora Verres tivesse organizado a acusação, o papel de advogado de acusação era desempenhado por um residente romano, um usurário que precisava dos lictores de Cláudio Nero para realizar cobranças difíceis — e que sabia que se não aceitasse tal papel os lictores deixavam de apoiá-lo. Todos os lampsacanos gregos se concentraram à volta do perímetro do tribunal, murmurando,

lançando olhares furiosos, erguendo de quando em quando um punho cerrado. Apesar disso, nenhum deles se propôs defender Filodamo e Artemidoro que, por isso mesmo, se viram obrigados a ser os seus próprios advogados de defesa num julgamento que obedecia a leis estranhas aos seu povo.

Tudo aquilo era uma fraude, do princípio ao fim, pensou César, com uma expressão que não denunciava os seus pensamentos. Cláudio Nero, o presidente do tribunal, não fez qualquer esforço para dirigir o julgamento; ficou calado todo o tempo e deixou que Verres e Rúbrio presidissem de facto. Dolabela e Verres faziam parte do júri e, a todo o momento, faziam comentários em voz alta favoráveis ao último. Quando os assistentes gregos se aperceberam de que o tribunal não iria dar a Filodamo e Artemidoro o tempo suficiente para se defenderem, começaram a gritar insultos aos romanos; mas havia quinhentos fimbrianos armados na praça, mais do que o suficiente para abafar qualquer tentativa de revolta.

O veredicto, pronunciado ao fim de pouco tempo, não era veredicto nenhum: o júri ordenou a realização de novo julgamento, porque essa era a única forma de a maior parte dos jurados reprovar as arbitrariedades, sem sofrerem as conseqüências da fúria de Verres.

Quando ouviu o veredicto, Verres ficou em pânico. Subitamente, apercebeu-se de que,

se Filodamo e Artemidoro não morressem rapidamente, poderiam muito bem levar o caso a Roma, com toda uma cidade revoltada a apoiá-los — e, possivelmente, com um senador romano e herói de guerra testemunhando a seu favor; Verres tinha ficado com a clara impressão de que Caio Júlio César não estava do seu lado. O jovem não revelara os seus pensamentos, fosse por comentários ou por esta ou aquela expressão, mas isso, por si só, já prenunciava oposição. E César era parente de Sila, o Ditador de Roma! Também era possível que Caio Cláudio Nero recuperasse a sua coragem, caso Verres fosse julgado num tribunal romano dentro de Roma; as alegações que Verres pudesse apresentar então sobre o comportamento pessoal de Cláudio Nero seriam entendidas com uma mera campanha para denegrir uma importante testemunha.

Os pensamentos de Cláudio Nero não andavam muito longe dos de Verres — isso tornou-se notório quando ele anunciou que o novo julgamento decorreria no Verão seguinte, ou seja, numa altura em que haveria já um novo governador na Província da Ásia — e um novo governador na Cilícia. Apesar da morte de um lictor romano, Filodamo e Artemidoro tinham, de repente, uma excelente oportunidade para permanecerem livres. E se permanecessem livres, iriam a Roma e acusariam Caio Verres. Isso tornou-se claro quando Filodamo se dirigiu ao júri.

— Nós, os socii — disse ele —, sabemos que nos encontramos sob a custódia de Roma e que temos de responder pelos nossos actos perante o governador, os seus legados e oficiais, e, através dele, perante o Senado e o Povo de Roma. Compreendemos que, se não nos sujeitarmos às normas romanas, haverá certamente represálias e muitos de nós sofrerão. Mas que havemos nós, súbditos estrangeiros de Roma, de fazer, quando Roma permite que um homem que não é mais do que um assistente de um governador cobice as nossas filhas e tente seqüestrá-las para satisfazer os seus perversos desígnios? Eu e o meu filho não fizemos mais do que defender a minha filha e a sua irmã de um indivíduo grosseiro e cruel! Nenhum de nós tencionava matar fosse quem fosse e não foram mãos gregas que desferiram o primeiro golpe. Eu fui queimado com água a ferver na minha própria casa, quando tentava impedir os companheiros de Caio Verres de me arrancarem a minha filha para a violentarem e desonrarem. Se o meu filho e os seus amigos não tivessem chegado entretanto, podem ter a certeza de que a minha filha teria sido violentada e desonrada. Caio Verres não se comportou como um elemento civilizado de um povo civilizado. Comportou-se como o bárbaro que realmente é.

O veredicto prevendo um novo julgamento, pronunciado por um júri totalmente romano, o qual, para mais, fora pressionado por Dolabela e Verres para que optasse pela condenação, encorajou a multidão grega a manifestar-se: e foi sob vaias, assobios e gestos irados, que Cláudio Nero e o seu tribunal abandonaram, a toda a pressa, a praça do mercado.

— Vais marcar o novo julgamento para amanhã — disse Verres a Cláudio Nero.

— Para o próximo Verão — retorquiu Cláudio Nero sem muito vigor.

— Não se quiseres ser cônsul, meu amigo — disse Verres. — Deitar-te-ei abaixo com o maior prazer: não duvides disso! A sorte que te espera é a mesma de Dolabela. Faz o que te digo ou então prepara-te para enfrentar as conseqüências. Se Filodamo e Artemidoro me acusarem em Roma, ver-me-ei obrigado a acusar-vos, a ti e a Dolabela, muito antes de os gregos lá chegarem. Farei com que ambos sejam condenados por extorsão. O que significa que nenhum de vós poderá testemunhar contra mim.

O novo julgamento realizou-se no dia seguinte. Verres não dormiu: acompanhado de Dolabela, passou essa noite a subornar os membros do júri mais facilmente subornáveis e a ameaçar os mais resistentes ao dinheiro.

E foi o trabalho realizado nessa noite que fez pender a balança. Por uma pequena maioria, o júri considerou Filodamo e Artemidoro culpados do assassínio de um lictor romano. Cláudio Nero ordenou a sua imediata execução. Mantida à distância pela corte de fimbrianos, a multidão grega assistiu impotente à execução da pena. Os condenados foram despidos e açoitados. O velho estava já inconsciente quando lhe cortaram a cabeça. Mas Artemidoro manteve todas as suas faculdades até ao fim; chorava, não pela sua triste sorte ou pela do pai, mas pelo destino que aguardava a sua pobre irmã.

Terminada a execução, César embrenhou-se sem medo pela densa multidão de lampsacanos, todos eles em pranto e mais do que revoltados. Nenhum outro romano se aproximou deles; escoltados por fimbrianos, Cláudio Nero e Dolabela encaminhavam-se já para o porto. Mas César tinha uma ideia em mente. Não demorou muito tempo a perceber quais eram os homens verdadeiramente influentes no meio daquela multidão. E foi com esses homens que ele falou.

— Lampsaco não é suficientemente grande para lançar um motim — disse-lhes ele. —

No entanto, a vingança é possível. Não julguem todos os Romanos por esta lamentável amostra e contenham a vossa revolta. Dou-vos a minha palavra de honra de que, logo que regresse a Roma, levarei o governador Dolabela a tribunal e farei com que Verres nunca seja eleito pretor. Não o farei para acumular prendas ou honras, mas unicamente para minha satisfação pessoal.

Depois, dirigiu-se à casa de lanitor, pois queria falar com Caio Verres antes que ele deixasse Lampsaco.

— Ora aqui está ele, o herói de guerra! — exclamou alegremente Verres quando César entrou.

Verres estava já a preparar as coisas para se ir embora.

— Estás a pensar ficar com a rapariga? — perguntou César, sentando-se confortavelmente numa cadeira.

— Naturalmente — disse Verres, anuindo para um escravo que lhe mostrava uma estatueta. — Sim, essa é boa. Podes encaixotá-la. — A sua atenção concentrou-se em César. — Estás ansioso por conhecer a causa de toda esta confusão, não é verdade?

— Estou cheio de curiosidade. Ela deve ser mais bela que Helena.

— É o que parece.

— Será loura? Sempre achei que Helena deve ter sido loura.

O cabelo louro é o melhor.

Verres olhou para a cabeleira loura de César com um ar apreciativo e passou com a mão pelo cabelo.

— E nós que o digamos!

— Para onde tencionas ir, depois de Lampsaco, Caio Verres? As sobrancelhas fulvas ergueram-se.

— Para Nicomédia, é claro.

— Não te aconselho — disse César, mantendo um tom afável.

— Ah sim? Porquê? — perguntou Verres, falsamente despreocupado.

César baixou por um momento os olhos, pondo-se a examinar as unhas.

— Dolabela vai sofrer um rude golpe logo que eu regresse a Roma, o que acontecerá na Primavera deste ano ou do próximo. Eu próprio o acusarei. E também te acusarei a ti. A menos que regresses à Cilícia imediatamente.

Os olhos azuis de César ergueram-se; os olhos cor de mel de Verres fixaram-nos. Por um longo momento, nenhum dos homens se mexeu.

— Já sei quem é que tu me fazes lembrar: Sila! — disse por fim Verres.

— Ah sim?

— É por causa dos olhos. Não são tão aguados como os de Sila, mas vocês têm o mesmo olhar. Será que vais tão longe como Sila?

— Isso está nas mãos dos deuses. Mas espero que ninguém me force a ir tão longe como Sila.

Verres encolheu os ombros.

— Pois muito bem, César, eu não sou nenhum Caio Mário, por isso não sou eu quem te vai forçar.

— É evidente que não és nenhum Caio Mário — concordou César, calmamente. — Caio Mário foi um grande homem, antes de a sua mente ceder. Mas... já decidiste para onde vais, depois de Lampsaco?

—vou para a Cilícia, com Dolabela — retorquiu Verres, encolhendo uma vez mais os ombros.

— Ora aí está uma decisão inteligente! Queres que mande alguém ao porto para informar Dolabela? Detestaria vê-lo embarcar, deixando-te para trás.

— Se é esse o teu desejo — disse Verres, num tom indiferente. César foi então dizer a Burgundo que fosse ter com Dolabela e lhe comunicasse a novidade. Ao regressar à sala, deu de caras com lanitor; ao lado do etnarca-chefe da cidade, encontrava-se uma mulher, ou melhor, uma forma vaga de mulher, já que a cobriam pesadas vestes.

— Então esta é que é Estratonice? — perguntou Verres, impaciente.

lanitor limpou as lágrimas e respondeu.

— Sim, é ela.

— Deixa-nos a sós com ela, grego, lanitor desapareceu nesse mesmo instante.

— Queres que a dispa, enquanto tu ficas a uma distância razoável para te aperceberes de todos os seus atributos de um só relance? — perguntou César.

— Prefiro ser eu a fazê-lo — retorquiu Verres, aproximando-se da rapariga; ela não emitira até então o mínimo som, nem esboçara qualquer tentativa de fuga.

O capuz da pesada capa da jovem caía-lhe sobre o rosto, tapando-o quase por completo.

Como um Mirão ansioso por ver os resultados da moldagem de um bronze, Verres fez cair a capa com uma mão trêmula. E ficou a olhar, a olhar, a olhar.

Foi César que quebrou o silêncio; desatou a rir, e riu tanto que até chorou.

— Eu estava a adivinhar! — disse ele quando pôde, procurando um lenço.

O corpo da pobre Estratonice era rigorosamente disforme. Os seus olhos eram estreitas fendas, o nariz arrebitado parecia

dominar o rosto, o crânio, achatado atrás, era semicalvo, povoado de uma esparsa cabeleira arruivada, as orelhas eram minúsculas e, para cúmulo, tinha um lábio leporino.

Vermelho de raiva, Verres deu meia-volta e desapareceu.

— Não percas o teu navio — gritou-lhe César. — Não quero ser eu a espalhar este desfecho por toda a cidade de Roma!

Logo que Verres abandonou a casa, César adoptou uma atitude mais sóbria.

Aproximou-se da muda e imóvel criatura, pegou na capa e, ternamente, vestiu-lha.

— Não te preocupes, minha pobre menina — disse ele, sem saber ao certo se ela não seria, por acaso, surda. — Estás em segurança. — Chamou então por lanitor, que não tardou. — Sabias disto, não é verdade, etnarca?

— Sabia, sim.

— Nesse caso, porque é que não contaste a verdade, se sabias que o pai e o irmão nunca o fariam? Afinal, morreram para nada!

— Eles morreram porque acharam que a morte era a única alternativa — retorquiu lanitor.

— E que vai acontecer a esta pobre criatura?

— Alguém há-de tratar dela.

— Em Lampsaco, quantas pessoas sabiam disto?

— Apenas os anciãos.

Incapaz de encontrar argumentos para contestar uma posição tão inflexível, César deixou a casa de lanitor e partiu para Nicomédia.

Caio Verres seguiu a toda a pressa para o porto, abalado ainda por tão tremendo choque. Como é que aqueles gregos estúpidos tinham ousado pregar-lhe uma partida daquelas?

Tinham escondido a rapariga como se ela fosse uma Helena de Tróia, quando afinal não passava de uma Górgona.

Dolabela não ficou nada contente quando percebeu que teria de demorar a sua partida por causa dos muitos caixotes e baús que Verres trazia; Cláudio Nero já tinha partido e, com ele, os fimbrianos.

— Quin taces! — rosnou Verres, quando o seu superior lhe perguntou onde estava a bela Estratonice. — Deixei-a em Lampsaco. Ela e a cidade estão bem uma para a outra.

Dolabela sentia já os efeitos de um longo período sem as estimulantes orgias em que se viciara; Verres não teve dificuldade em voltar às boas graças do seu superior e passou a viagem de Lampsaco a Pérgamo a fazer planos. Faria com que Dolabela regressasse ao seu estado habitual e passaria o resto da sua comissão em Tarso gastando o estipêndio que lhe fora concedido em Roma. com que então César pensava que ia pôr o governador da Cilícia em tribunal! Pois estava muito enganado! Verres chegaria primeiro! Logo que Dolabela regressasse a Roma, Verres contrataria um advogado de acusação prestigiado e, graças ao seu testemunho, Dolabela seria condenado ao exílio para toda a vida. E não haveria ninguém para contestar os livros de contabilidade que Verres tencionava apresentar ao Tesouro. Pena que não tivesse conseguido chegar à Bitínia e à Trácia, mas, de qualquer modo, não se tinha saído nada mal.

— Ao que parece — disse ele para Dolabela, mal deixaram Pérgamo —, Mileto possui a melhor lã do mundo, para além de tapetes e tapeçarias de uma qualidade rara. Paremos em Mileto, Dolabela. Pode ser que leve alguma coisa.

— O que me custa a perceber é o facto de aqueles dois socii terem morrido rigorosamente para nada — disse César a Nicomedes e Oradaltis. — Porquê? Por que razão não mostraram a rapariga a Verres? Se o tivessem feito, não haveria problemas! Por que raio é que transformaram aquilo que poderia ter sido uma comédia, para mais com Verres no papel de bufão, numa tragédia digna de um Socles?

— Foi o orgulho que os moveu — retorquiu Oradaltis, com lágrimas nos olhos. — E talvez também a honra.

— Ainda seria compreensível se a rapariga tivesse nascido perfeita. Mas eles sabiam que ela era assim de nascença. Por que não a mostraram? Ninguém os teria condenado por isso.

— César, a única pessoa que podia ter-te esclarecido morreu na praça do mercado de Lampsaco — disse Nicomedes. — Deve ter havido uma boa razão, pelo menos na mente de Filodamo. Um voto feito a algum deus, uma esposa e mãe decidida a guardar para si a filha, um sofrimento auto-infligido... sabe-se lá! Se soubéssemos todas as respostas, a vida não teria mistérios. Nem tragédias.

— Eu podia ter chorado quando a vi. Em vez disso, desatei a rir que nem um louco. Ela não perceberia o meu riso, mas Verres percebia. Por isso ri. Ele há-de ouvir o meu riso na sua cabeça durante anos e, sempre que o ouvir, há-de ter medo de mim.

— Estou surpreendido por ele não nos ter visitado — disse o rei.

— Não vos visitará — disse César, com alguma satisfação. — Caio Verres pegou nas suas coisas e voltou a correr para a Cilícia.

— Porquê?

— Pedi-lhe que o fizesse.

O rei resolveu não esmiuçar esta questão. Em vez disso, comentou:

— Gostavas de ter impedido a tragédia, não é verdade?

— Claro. É desesperante vermos uns quantos idiotas cometendo crimes em nome de Roma e não podermos fazer nada. Mas uma coisa te juro, Nicomedes: quando tiver a idade e a autoridade necessárias, não permitirei que tais coisas aconteçam!

— Não precisas de jurar. Eu acredito.

Esta conversa sobre os acontecimentos de Lampsaco decorreu antes que César pudesse subir aos seus aposentos, para se refazer dos estragos da jornada, invulgarmente penosos. Nas três noites que passara na estalagem do porto, acordara com uma prostituta nua ao seu lado; e o traidor que vivia dentro do seu corpo mostrara tão pouco discernimento que, libertando-se, por via do sono, do controlo da mente, acabara por desfrutar intensamente aqueles momentos. O resultado final desse descontrolo fora uma infestação de piolhos púbicos. A descoberta do enxame dessas minúsculas criaturas provocara em César tão grande horror e nojo que, desde então, deixara de ingerir comida; e só um grande melindre quanto aos efeitos que certas substâncias poderiam ter nas suas partes genitais o impedira de usar tudo o que lhe ofereceram para matar os bichos. E tão resistentes eram os piolhos que tinham sobrevivido a vários

mergulhos em todos os cursos de água que César encontrara entre Lampsaco e Nicomédia.

Enquanto conversava com o rei, César não conseguia estar quieto um segundo, pois sentia as horrendas criaturas em todas as partes do corpo onde tinha pêlos.

Até que, já desesperado, César levantou-se de um ápice.

— Desculpa, Nicomedes, mas tenho de me ver livre de uns visitantes indesejáveis — disse ele, tentando um tom ligeiro.

— Chatos? — perguntou o rei, a quem não escapava nada, e que agora podia falar à vontade pois a rainha já se tinha retirado.

— Estou fora de mim! Malditos bichos! Nicomedes acompanhou-o aos seus aposentos.

— Só há realmente um processo para evitar essa bicharada quando viajamos — disse o rei. — É doloroso, especialmente da primeira vez, mas garanto-te que resulta.

— Que processo é esse? Farei tudo o que for preciso! Nem que tenha de andar em cima de brasas! — exclamou César.

— Aviso-te, porém, de que certos homens da tua muito peculiar sociedade te acusarão de efeminado — comentou Nicomedes, com alguma maldade.

— Tudo é preferível a ter de suportar estas pestes. Diz-me que processo é esse!

— O processo é arrancar-te todos os pêlos do corpo. Debaixo dos braços e nas virilhas e também no peito, se tiveres pêlos no peito. Se quiseres, mando-te o homem que trata de mim e de Oradaltis.

— Manda-o imediatamente! — César passou com a mão pelo cabelo. — E o meu cabelo, também tem de ser rapado?

— Também tens bichos desses no cabelo?

— Não me parece, mas sinto comichão por todo o lado.

— Os visitantes do cabelo são diferentes dos outros. Nunca pensei que os pudesses apanhar, pela simples razão de que és muito alto. Os piolhos do cabelo não conseguem subir, por isso as pessoas que os apanham têm sempre a mesma altura ou menos altura que o anfitrião original dos mesmos. — Nicomedes desatou a rir. — Podias apanhá-los se dormisses com o Burgundo, por exemplo! A menos que tu e as tuas rameiras de Lampsaco tenham dormido com as cabeças coladas.

— As rameiras de Lampsaco atacaram-me enquanto dormia, mas garanto-te que não tiveram sossego desde o momento em que acordei!

Uma conversa extraordinária, sem dúvida, mas César ainda viria a agradecer aos deuses muitas vezes por ter tido essa conversa. Se arrancar os pêlos era a medida necessária para afastar as horrendas criaturas, então arrancá-los-ia sempre que necessário!

O escravo que Nicomedes lhe mandou era um especialista na matéria; em circunstâncias diferentes, César ter-lhe-ia proibido tão íntima tarefa, pois o homem não podia ser mais efeminado.

Porém, era tão grande o seu sofrimento que estava ansioso por se submeter às sábias mãos do escravo.

— Hoje, tiro apenas uns quantos. É melhor repartir a depilação por vários dias — ceceou Demétrio.

— Não, não! Vais tirá-los todos hoje! — retorquiu César. — Afoguei todos os que pude no banho, mas suponho que deixaram ovos. Deve ser por isso que não consegui libertar-me desta bicharada toda!

Estupefacto, Demétrio protestou:

— Mas isso não é possível! É extremamente doloroso!

— Os pêlos todos! — replicou César.

E Demétrio obedeceu. César, aparentemente, não sofria. Para além de ser muito corajoso, tinha uma forte autodisciplina; preferia morrer a mostrar o mínimo sinal que fosse de sofrimento. E quando a provação acabou e as dores se esbateram, sentiu-se extremamente bem. E gostava de ver o seu corpo sem pêlos no enorme espelho de prata que Nicomedes tinha colocado nos seus aposentos. Um corpo macio, suave, livre. Incrivelmente nu. E, fosse lá pelo que fosse, ainda mais masculino. Que estranho!

Sentindo-se como um escravo que acabava de ser liberto, dirigiu-se nessa noite para a sala de jantar desfrutando do seu novo prazer, um prazer tão intenso que lhe iluminava ainda mais o rosto e os olhos; o rei Nicomedes olhou para ele deslumbrado. César respondeu-lhe com uma piscadela de olho.

Durante dezasseis meses, César permaneceu na Bitínia ou viajou pelos territórios próximos, num idílio que recordaria como o mais belo período da sua vida, pelo menos até aos

seus 53 anos, altura em que viveu um período ainda mais maravilhoso. Visitou Tróia, a fim de prestar homenagem ao seu antepassado Eneias, deslocou-se a Pessinunte várias vezes, tal como a Bizâncio e a muitos outros sítios; só não foi a Pérgamo e a Tarso, onde Cláudio Nero e Dolabela permaneciam, afinal, por mais um ano.

Para além do seu relacionamento com Nicomedes e Oradaltis, que sempre se revelou extremamente gratificante para ele, a principal alegria desse período decorreu da visita que fez a um homem de que mal se lembrava: Públio Rutílio Rufo, seu tio-avô do lado materno.

Nascido no mesmo ano que Caio Mário, Rutílio Rufo tinha agora 79 anos e há muito tempo que vivia, em honroso exílio, na cidade de Esmirna. Continuava tão activo como um homem de 50 anos e tão jovial como um rapaz, perspicaz e acutilante como sempre e com um sentido de humor tão desenvolvido como o do seu amigo e colega Marco Emílio Escauro Princeps Senatus.

— Sobrevivi a toda essa gente — disse Rutílio Rufo com genuína satisfação, depois de os seus olhos e a sua mente terem aprovado o aspecto do seu belo sobrinho-neto.

— Isso não te deprime, tio?

— Porque haveria de deprimir-me? Bem pelo contrário: alegra-me! Sila continua a escrever-me, pedindo-me que regresse a Roma. E todos os governadores e oficiais que ele manda para estas paragens aparecem-me cá em casa a transmitir-me esse mesmo pedido.

— Mas o tio não vai.

— Não, nãovou. Gosto da minha chlamys e das minhas sandálias gregas como nunca gostei da minha toga. Além disso, sou muito mais considerado em Esmirna do que alguma vez fui em Roma. Roma é uma cidade ingrata e selvagem, meu jovem César — ah, és tão parecido com Aurélia! Como está ela? A minha pérola do oceano encontrada nos lodaçais de Óstia... Era assim que eu lhe chamava! Está viúva, não é? Que pena! Sabes, fui eu que arranjei o casamento dos teus futuros pais. E embora tu provavelmente não saibas, fui eu quem se lembrou de Marco António Gnifão para ser teu pedagogo. Tu ainda eras um bebê, mal tinhas deixado os cueiros. Já nessa altura te consideravam um prodígio. E agora eis-te aqui, com vinte e um anos, senador por duas vezes e o mais afamado herói de guerra de Sila! Muito bem!

— Faltaria à verdade, se aceitasse o epíteto do mais afamado herói de guerra de Sila — retorquiu César, sorridente.

— Mas és! Eu sei que és! Eu posso estar em Esmirna, mas sei de tudo. Sila escreve-me. Sempre me escreveu. E quando estava a tratar dos problemas da Província da Ásia, visitava-me freqüentemente — fui eu que lhe dei o modelo para a reorganização que ele lançou. Baseado no programa que Escauro e eu aplicámos já lá vão muitos anos. É triste que Sila esteja doente. Mas, pelos vistos, a doença não o impediu de tratar da saúde a Roma!

Rutílio Rufo manteve aquela mesma veia durante muitos dias, saltando de assunto em assunto, com a leveza de um coração bondoso e o interesse de um mexeriqueiro nato, tal e qual um velho mas ágil pássaro a quem os anos não tinham retirado a plumagem nem a capacidade de voar a grande altura. Se tinha um tema favorito, esse era Aurélia; César contou-lhe peripécias da vida da mãe que ele não conhecia, com um amor que era notório e um estilo gracioso; em contrapartida, ficou a saber muitas coisas que desconhecia acerca da mãe. Contudo, Rutílio Rufo pouco falou da relação de Aurélia com Sila, sobretudo porque recusava toda e qualquer especulação; mas provocou as gargalhadas de César, quando lhe contou a confusão que nascera a propósito de qual das suas sobrinhas daria à luz um bebê ruivo de um pai ruivo.

— Caio Mário e Júlia estavam convencidos de que seriam Aurélia e Sila, mas afinal foram Lívia Drusa e Marco Catão.

— Ah, sim, agora me lembro, a tua mulher era uma Lívia!

— E a mais velha das minhas duas filhas casou com Cepião, o Cônsul, aquele que roubou o ouro de Tolosa. Portanto, meu jovem, tu ainda és parente dos Servílios Cepiões.

— Francamente! Não sei nada sobre a minha família!

— Por muito sangue dos Rutílios que tenha, olha que é uma gente muito, muito chata! Ah, mas agora conta-me a história do flaminato que Caio Mário te impôs.

César, que tencionava ficar em Esmirna apenas uns dias, acabou por ficar dois meses; eram tantas as coisas que Rutílio Rufo queria saber e tantas as coisas que queria contar, que não haveria tempo que chegasse para todas as suas conversas. Foi com lágrimas nos olhos que César se despediu do velho tio-avô.

— Nunca te esquecerei, tio Públio.

— Volta cá um dia, César! E escreve-me, não te esqueças. De todos os prazeres que a vida ainda me pode dar, nenhum poderá igualar uma correspondência frutuosa e agradável com um homem tão letrado como tu.

Mas todos os idílios têm um fim e o idílio de César encontrou o seu fim quando recebeu uma carta de Tarso, em Abril do ano em que Sila morreu; encontrava-se então em Nicomédia.

— Públio Servílio Vátia, que foi cônsul o ano passado, é o novo governador da Cilícia — disse César ao rei e à rainha. —

E quer que eu seja o seu legado júnior. Parece que Sila recomendou pessoalmente o meu nome.

— Isso não significa que tenhas de ir — disse Oradaltis sem perder tempo.

César sorriu — Nenhum romano tem de fazer seja o que for, e isso aplica-se desde os pontos mais altos aos pontos mais baixos da pirâmide social. O serviço é voluntário, seja em que instituição for. Mas há certos argumentos que tendem a influenciar as nossas decisões, ainda que o serviço seja sempre voluntário, pelo menos teoricamente. Se eu quiser seguir uma carreira pública, teria de servir em dez campanhas ou então durante seis anos seguidos. E eu não quero que me acusem de tentar escapar àquelas leis que não estão escritas!

— Mas tu já és senador!

— Sou senador unicamente por causa da minha carreira militar. E isto, por sua vez, significa que terei de continuar a minha carreira militar.

— Então tens mesmo de ir-te embora — disse o rei.

— Imediatamente.

—vou arranjar-te um navio.

— Não. Euvou por terra, pelas Portas Cilicianas.

— Nesse caso, vais levar uma carta de apresentação minha dirigida, ao rei Ariobarzanes da Capadócia.

Um rebuliço tomou conta do palácio, por causa dos preparativos da viagem de César; entretanto, o cão não fazia outra coisa senão chorar — o pobre Sila sabia o que aquela azáfama significava.

E, uma vez mais, César teve de prometer que voltava. Os seus dois velhos amigos não o largaram enquanto não o ouviram formular tal promessa; e, por fim, deixaram-no completamente desarmado, oferecendo-lhe Demétrio, o depilador.

Contudo, antes de partir, César tentou de novo convencer o rei Nicomedes de que, depois da sua morte, o melhor destino para a Bitínia seria tornar-se uma província romana.

—vou pensar nisso — retorquiu Nicomedes, e não passou disso.

César nutria poucas esperanças de que o velho rei decidisse a favor de Roma; os acontecimentos de Lampsaco estavam ainda demasiado frescos nas mentes não romanas — e quem poderia censurar o rei por ele não querer deixar o seu reino a gente como Caio Verres?

Eutico regressou entretanto para Roma e para Aurélia; César viajava com cinco criados (incluindo Demétrio, o depilador) e com Burgundo, e, como sempre, raramente parava para descansar. Atravessou o rio Sangário e seguiu na direcção de Ancira, a maior cidade da Galácia. Conheceu aí um homem muito interessante, um tal Deiotaro, chefe dos Tolistobógios, um dos povos da Galácia.

— Nós agora somos um povo muito jovem — disse Deiotaro. — Há vinte anos, o rei Mitridates assassinou toda a nobreza galaciana. O nosso povo ficou sem chefes. Na maior parte dos países, isso teria provocado a desintegração do povo, mas nós, os Galacianos, sempre preferimos uma confederação informal a uma união rigorosa. Por isso sobrevivemos até que os filhos dos antigos chefes cresceram.

— Mitridates não voltará a apanhar-vos — disse César, que achava aquele gaulês tão manhoso quanto inteligente.

— Pelo menos enquanto eu for chefe do meu povo — disse Deiotaro, com um ar grave. — Eu, pelo menos, tive a vantagem de passar três anos em Roma. Por isso sou mais sofisticado que o meu pai — que morreu no massacre.

— Mitridates voltará a tentar.

— Não duvido.

— E não te sentirás tentado a atacá-lo?

— Nunca! Ele ainda é um homem vigoroso, com muitos anos à sua frente! O seu problema é que parece incapaz de perceber aquilo que eu já percebi há muito tempo — que Roma acabará sempre por vencer. Eu prefiro manter uma posição de amigo e aliado de Roma.

— Aí está uma decisão sensata, Deiotaro.

César seguiu então na direcção do rio Hális, avançando junto ao seu preguiçoso curso até que o monte Argeo dominou os céus; daí a Eusebeia Mazaca eram apenas sessenta e poucos quilômetros, ao longo da bacia do Hális.

É claro que César se lembrava das muitas histórias que Caio Mário lhe contara acerca daquele país, da cidade de cores muito
vivas situada no sopé do gigantesco vulcão extinto, do palácio muito azul onde ele se encontrara com Mitridates. Mas, agora, Mitridates não saía de Sinope e o rei Ariobarzanes encontrava-se razoavelmente instalado no trono da Capadócia.
Razoavelmente ou nem tanto, pensou César depois de se ter encontrado com o rei. Por uma razão que desconhecia, os reis da Capadócia tinham sido sempre fracos, ao contrário do que sucedia com os reis do Ponto. E Ariobarzanes não era excepção à regra. Era evidente que estava ainda aterrado com Mitridates e não deixou de salientar que o Ponto tinha levado todos os tesouros do palácio e da capital. Nem os pregos de ouro das portas do palácio tinham escapado à voracidade de Mitridates.
— Mas é evidente — disse César ao tímido rei, um homem de baixa estatura e com um ar vagamente sírio — que a perda de duzentos mil soldados no Cáucaso obrigará Mitridates a manter-se quieto durante muitos anos. Não há general que resista a uma perda tão grande — tanto mais que se tratava de veteranos de uma boa campanha.
— Sim, eram bons veteranos. Tinham lutado pela conquista da Ciméria e das terras a norte do mar Euxino, no Verão anterior.
— E com êxito, segundo me disseram.
— Sem dúvida. O filho de Mitridates, Macares, ficou em Panticapeo, como sátrapa.
Uma boa escolha. Creio que a sua principal Tarefa consiste em recrutar um novo exército para o pai.
— Que prefere soldados cítios e roxolanianos.
— São muito melhores que mercenários. O Ponto e a Capadócia têm um problema: os seus povos nativos não são bons militares. Eu continuo a ter de recorrer a mercenários sírios e judeus, mas Mitridates tem, desde há trinta anos, hordas de guerreiros bárbaros à sua disposição.
— Não tens nenhum exército actualmente, rei Ariobarzanes?
— Actualmente não preciso de um exército.
— E se Mitridates avança sem avisar?
— Nesse caso, terei de deixar uma vez mais o meu trono. A Capadócia, Caio Júlio, é muito pobre. Demasiado pobre para se dar ao luxo de manter um exército regular.

— Tens um outro inimigo. O rei Tigranes. Ariobarzanes fez um esgar de infelicidade.

— Nem me lembres desse nome! Os seus êxitos na Síria roubaram-me os meus melhores soldados. Os judeus voltaram todos para o seu país a fim de o defenderem.

— Nesse caso, não achas que seria melhor vigiar pelo menos o Eufrates e o Hális?

— Não temos dinheiro — retorquiu o rei, obstinado. Quando se fez à estrada, César ainda ia a abanar a cabeça.

Que podia ele fazer quando um soberano se considerava derrotado antes mesmo de a guerra começar? Depressa se apercebeu de que o país possuía muitas vantagens naturais, que permitiriam ao rei Ariobarzanes precipitar-se de surpresa sobre eventuais invasores: de facto, aquela era uma região que parecia ser constituída unicamente por picos altíssimos ou bizarros desfiladeiros, tal como Caio Mário lhe contara. Eram locais maravilhosos, tanto do ponto de vista militar como do ponto de vista estético; no entanto, para o rei, o interesse daquelas montanhas residia apenas no facto de fornecerem casas baratas e prontas a habitar aos seus trogloditas.

— Quais são as tuas impressões, agora que já viste tanto mundo? — perguntou César a Burgundo, enquanto se embrenhavam nas profundezas das Portas Cilicianas, entre pinheiros imensos e ruidosas cascatas.

— O que eu penso é que Roma e Bovilas, Cardixa e os meus filhos, são mais grandiosos do que todas as cascatas ou montanhas — retorquiu Burgundo.

— Preferias ir para casa, meu velho amigo? Se quiseres, mando-te para casa — disse César.

Mas Burgundo abanou a cabeleira loura.

— Não, César, eu quero ficar — pôs um sorriso largo, e acrescentou: — Cardixa matava-me se te acontecesse alguma coisa.

— Mas não me vai acontecer nada, Burgundo!

— Então experimenta dizer-lhe isso a ela.

Quando César chegou a Tarso, antes de fins de Abril, Públio Servílio Vátia estava já tão confortavelmente instalado no palácio que parecia ter vivido ali toda a sua vida.

— Estamos muito contentes por ter sido ele o escolhido — disse Morsimo, capitão da guarda do governador da Cilícia e um dos etnarcas de Tarso.

com o cabelo já grisalho (tinham passado vinte anos desde que acompanhara Caio

Mário à Capadócia), Morsimo fora apresentar as boas vindas a César. Sentia mais lealdade em relação àquele jovem do que em relação a qualquer governador romano; é que César era sobrinho dos seus dois heróis, Caio Mário e Lúcio Cornélio Sila: faria tudo o que fosse possível para ajudar o jovem.

— Parece que a Cilícia sofreu imenso sob o governo de Dolabela e Verres — disse César.

— Foi um horror. Dolabela estava quase sempre drogado e Verres fazia o que muito bem lhe apetecia.

— Não fizeram nada para expulsar Tigranes da Pedia Oriental?

— Nada de nada. Verres estava demasiado ocupado com as suas actividades de usura e extorsão. Isto para não falar das pilhagens de que os templos foram alvo.

— Processarei Dolabela e Verres logo que regresse a Roma. Por isso, precisarei da tua ajuda para reunir provas.

— Dolabela, quando tu regressares a Roma, já deverá estar no exílio — disse Morsimo.

— Chegaram notícias de Roma segundo as quais o filho de Marco Emílio Escauro e de Dalmática já processou Dolabela e que Caio Verres está a cobrir-se de glória, fornecendo ao jovem Escauro todas as provas de que este precisa. Mas soubemos mais: o próprio Verres vai testemunhar no tribunal!

— Manhoso fellator! Isso significa que eu não conseguirei fazer nada contra ele. No fundo, pouco importa quem processa Dolabela — o que é preciso é que ele apanhe o justo castigo. Se lamento não ser eu a processá-lo, é porque o meu cargo de sacerdote atrasou a minha vida e fez-me chegar demasiado tarde aos tribunais e porque uma vitória contra Dolabela e Verres tornar-me-ia famoso. — Fez uma pausa, e acrescentou: — Vátia vai combater o rei Tigranes?

— Duvido, César. Ele está cá especificamente para eliminar os piratas.

Uma informação que o próprio Vátia se encarregou de confirmar quando César conseguiu uma entrevista com ele. Contemporâneo exacto de Metelo Pio, o Bacorinho (o qual, além do mais, era seu primo direito), Vátia tinha agora 50 anos. Nove anos antes, Sila quisera que Vátia fosse cônsul com Cneu Octávio Rusão, mas Cina derrotara-o nessa eleição, e Vátia, tal como Metelo Pio, tivera de esperar vários anos

pelo consulado a que, por nascimento, tinha direita. O prêmio para a sua total lealdade a Sila fora o governo da Cilícia; preferira essa província à outra província consular, a Macedónia, a qual, por conseguinte, fora entregue ao seu colega no consulado, Ápio Cláudio Fulcro.

— Mas Fulcro não chegou a pisar solo macedónio — disse Vátia a César. — Adoeceu em Tarento e regressou a Roma. Felizmente que isto aconteceu antes de o velho Dolabela ter deixado a Macedónia, onde permanecerá até que Ápio Cláudio melhore.

— Que se passa com Ápio Cláudio?

— Tudo o que sei é que os problemas dele não são de agora. Já não estava bem durante o nosso consulado — por muito que eu tentasse, nunca conseguia pô-lo bem disposto! Mas ficou tão pobre que tinha de aceitar o governo de uma província. Se não chegar a governar a Macedónia, não conseguirá recuperar a sua fortuna.

César pôs um ar intrigado, mas guardou os seus pensamentos para si mesmo.

Pensamentos que tinham a ver com as limitações inerentes a um sistema que, na prática, levava um governador de uma província a enveredar pelo crime administrativo: com efeito, a tradição permitia ao governador vender cidadanias, realizar contratos que lhe fossem favoráveis, desviar dinheiros dos tributos e não pagar impostos nem taxas. O Senado e o Tesouro transigiam, oficiosamente, com estas actividades, pois essa era, apesar de tudo, uma maneira de manter os custos pagos por Roma a um nível decente — por isso era tão difícil formar um júri de senadores capaz de condenar um governador por extorsão. O problema é que, se uma província era explorada, o ódio em relação a Roma aumentava e, com esse ódio, vinham promessas de ajustes de contas para um futuro mais ou menos próximo.

— É verdade que vamos combater os piratas, Públio Servílio? — perguntou César.

— É verdade, sim — retorquiu o governador, rodeado por pilhas de papéis; era notório que ele gostava das suas tarefas de escritório, embora não fosse um homem especialmente ganancioso, nem precisasse de aumentar a sua fortuna através da exploração de uma província. Tanto mais que a guerra contra os piratas seria um bom meio de arrecadar legitimamente tesouros que haviam sido conquistados ilegalmente.

— Infelizmente — prosseguiu Vátia — terei de atrasar a minha campanha, por causa dos estragos que as actividades do meu antecessor causaram nesta província. Terei de consagrar este ano todo aos problemas internos.

— Nesse caso, não precisas de mim, pois não? — perguntou César, demasiado jovem para gostar da perspectiva de uma carreira militar passada à secretária.

— Ai isso é que preciso! — retorquiu, enfaticamente, Vátia. — Preciso de ti para me arranjares uma frota.

César sentiu como que um sobressalto.

— bom, já tenho alguma experiência na matéria.

— Eu sei. Foi por isso que pensei em ti. Vai ter de ser uma grande frota, suficientemente grande para poder ser dividida em várias flotilhas, se necessário. Já lá vai o tempo em que os piratas usavam navios pequenos e abertos como os hemioliai, ou os myoparones. Actualmente, possuem trirremes e birremes — até mesmo quinquerremes! — e agrupam-se em frotas, sob o comando de almirantes — strategoi, como lhes chamam. Os seus navios cruzam os mares como quaisquer outros navios, com as bandeiras ornadas a ouro e púrpura. Vivem nos seus esconderijos como reis, servindo-se de bandos de libertos para alcançarem os seus objectivos. Têm arsenais inteiros de armas e dinheiro suficiente para desfrutar de todos os luxos a que um homem rico tem acesso em Roma. Lúcio Cornélio explicou claramente ao Senado por que razão me mandava para uma região tão remota e tão pouco importante como a Cilícia. É aqui que os piratas têm as suas principais bases: portanto, é por aqui que temos de começar.

— Eu poderia descobrir os esconderijos dos piratas. Tenho a certeza de que não seria difícil. Tal como a obtenção de uma frota, aliás.

— Não será necessário, César. Nós já conhecemos a localização das principais bases. Coracésio é famosa — mas tão bem fortificada, graças à natureza e ao número de soldados, que duvido que alguém possa conquistá-la. Por isso, tenciono começar pelas regiões mais remotas do meu território — ou seja, pela Panfília e pela Lícia. Há um pirata chamado Zenicetes que controla todo o golfo da Panfília, incluindo Ataleia. Ele será o primeiro a sentir a ira de Roma.

— No próximo ano? — perguntou César.

— Provavelmente — respondeu Vátia. — Mas nunca antes de fins do Verão, creio. Não posso começar uma guerra contra os piratas, enquanto a Cilícia não voltar ao normal e enquanto eu não tiver a certeza de que possuo uma força naval e militar capaz de derrotar o inimigo.

— Prevês portanto que ocuparás este cargo ainda por vários anos.

— Sim. O Ditador e o Senado garantiram-me que ninguém me pressionará. Terei tantos

anos quantos os que se revelarem necessários. Lúcio Cornélio retirou-se já, é claro, mas não acredito que o Senado vá contra os seus desejos.

César lançou-se ao trabalho de reunir uma frota sem grande entusiasmo; teria de esperar mais de um ano pelas acções militares propriamente ditas e, pelo que vira do carácter de Vátia, tinha a certeza de que, quando a guerra viesse, Vátia não mostraria a iniciativa nem a rapidez que a campanha exigia. Apesar de não sentir qualquer simpatia por Lúculo, César não tinha a mínima dúvida de que Vátia era muito inferior ao seu primeiro comandante, tanto em inteligência como em habilidade.

No entanto, aquela era uma oportunidade de fazer mais viagens, e isso sempre constituía uma compensação. A potência naval da ponta oriental do mar Mediterrâneo era Rodes; por isso, seguiu para Rodes em Maio. Era de crer que Rodes, que sempre fora leal a Roma (nove anos antes, desafiara com êxito o rei Mitridates), contribuísse com navios, comandantes e tripulações, mas não com soldados; os Rodenses não abordavam navios inimigos e transformavam sempre os confrontos navais em batalhas idênticas às travadas em terra.

Felizmente, Caio Verres não tivera tempo para visitar Rodes; daí que César tivesse sido muito bem recebido e que os dirigentes da ilha estivessem dispostos a manter conversações. O grande problema destas conversações tinha a ver com o eventual pagamento de Roma. Vátia achava que nenhuma das cidades, ilhas e comunidades aliadas a quem fossem pedidos navios, tinha direito a um pagamento em dinheiro; considerava ele que todos os contribuintes beneficiariam directamente da extinção dos piratas e que, por isso, deveriam associar-se à campanha sem qualquer contrapartida. César, naturalmente, via-se obrigado a negociar dentro dos parâmetros definidos pelo seu superior.

— Experimentem ver as coisas da seguinte maneira — disse ele, tentando convencer os chefes de Rodes. — Um êxito nesta guerra significa despojes riquíssimos, bem como a possibilidade de se verem livres dos ataques dos piratas. Roma não pode pagar-lhes, mas vocês receberão uma parte dos despojes e essa será, sem dúvida, uma boa compensação. Rodes é amiga e aliada do povo romano. Para quê pôr em perigo esse estatuto? Na realidade, só há duas alternativas — participação ou não participação. E vocês têm de decidir entre essas duas alternativas.

Rodes cedeu. César conseguiu os seus navios, que ficaram prometidos para o Verão do ano seguinte.

De Rodes seguiu para Chipre, sem se dar conta de que o navio por que passou e que rumava ao porto de Rodes, transportava uma preciosa carga romana: nem mais nem menos do que Marco Túlio Cícero, farto de um ano de casamento com Terência e das delicadas negociações, que conduziu com êxito em Atenas, quando o seu irmão mais novo, Quinto, se casou com a irmã de Tito Pompónio Ático. Da sua união com Terência acabara de nascer uma menina, Túlia, e por isso Cícero pudera partir de Roma com a certeza de que a mulher estava totalmente ocupada com a criança. Em Rodes, vivia o mais famoso professor de retórica de todo o mundo, Apolónio Mólon, e Cícero pretendia visitar a sua escola. Precisava de férias, precisava de estar longe de Roma, dos tribunais, de Terência e da vida que levava. Tinha problemas de afonia e sabia que Apolónio Mólon defendia que o aparelho vocal e físico de um orador devia ser tão bom como as suas capacidades mentais. Embora odiasse viajar e temesse que a sua ausência de Roma perturbasse a sua carreira jurídica, Cícero ansiava por aquele exílio auto-imposto, longe de amigos e família. Era tempo de descansar.

César é que não podia descansar — e uma pessoa com o seu temperamento dificilmente se sentia atraída pelo repouso. Desembarcou em Pafos, onde residia o regente de Chipre, Ptolemeu, o Cipriota, o irmão mais novo do rei do Egipto, Ptolemeu Auleta. Grande esbanjador de fortunas, o regente passara muito tempo nas cortes de Mitridates e Tigranes; este facto tornou-se particularmente visível na primeira entrevista que César teve com ele. Não só não compreendia nada, como não estava interessado em nada. A sua educação parecia ter sido totalmente negligenciada e, por outro lado, as suas preferências sexuais latentes tinham encontrado total liberdade desde o instante em que terminara a custódia daqueles dois reis — daí que o seu palácio não fosse muito diverso do de Nicomedes. com a diferença de que Ptolemeu, o Cipriota, era um homem de quem dificilmente se podia gostar. Os Alexandrinos tinham-se apercebido claramente de todos os seus defeitos; por isso, embora concordando com a sua nomeação, fizeram-no acompanhar de uma dúzia de eficientes burocratas. Como César descobriu, eram estes homens que realmente governavam Chipre, em nome da potência colonizadora, o Egipto.

Depois de ter evitado engenhosamente as propostas amorosas de Ptolemeu, o Cipriota,

César canalizou as suas energias para os burocratas de Alexandria. Não era fácil negociar com tais homens (que, além do mais, detestavam Roma). Não encontravam nada na campanha de Vátia que pudesse interessar a Chipre; e, por outro lado, tinham ficado muito ofendidos por Vátia ter mandado um legado júnior com apenas 21 anos.

— A minha juventude — retorquiu César, altivamente — não vem ao caso. Eu sou um herói de guerra condecorado. Sou senador numa idade em que, pela via normal, não se entra para o Senado. E, finalmente, sou o primeiro assistente militar de Vátia. Devem dar-se por felizes pelo facto de eu ter aceite vir a Chipre!

Os burocratas tomaram nota desta resposta, mas nem por isso se mostraram mais flexíveis. Não era argumentando como um político que César conseguiria convencê-los.

— Chipre também é afectada pela pirataria. Ora, se todos os países que são vítimas das depredações dos piratas se unirem, será fácil eliminar de uma vez por todas essa ameaça! A frota de Públio Servílio Vátia tem de ser suficientemente grande; só assim poderá actuar como uma rede, arrastando os piratas para um local de onde não possam sair vivos. Os despojes serão extremamente significativos e, por outro lado, Chipre poderá finalmente negociar livremente com os outros mercados do mar Mediterrâneo. Como sabem, os piratas da Cilícia e da Panfília impedem actualmente Chipre de fazer comércio com esses mercados.

— Chipre não precisa de fazer comércio com os outros mercados do mar Mediterrâneo — disse o chefe dos Alexandrinos. —

Tudo o que Chipre produz pertence ao Egipto e vai para o Egipto. Não toleramos piratas nos mares entre Chipre e Egipto.

César voltou então ao palácio, para uma segunda entrevista com o regente Ptolemeu.

Desta feita, porém, a sorte acompanhou-o; o regente estava acompanhado pela mulher, Mitridatidis Nisa. Se César conhecesse o aspecto físico das mulheres da corte do Ponto, teria concluído que aquela jovem era um membro típico da sua casa — alta e larga, cabelo louro, olhos verdes com traços dourados. Era encantadora, mas os seus encantos tinham mais a ver com a voluptuosidade e o colorido de feições e carácter do que com a beleza propriamente dita; fosse como fosse, César sentiu-se imediatamente atraído por ela. Nisa, por seu turno, ficou fascinada com o romano — e não o escondeu. E quando a infrutífera e estúpida entrevista com Ptolemeu, o Cipriota, terminou, Nisa deu o braço ao convidado do marido e acompanhou-o até ao local

onde a deusa Afrodite nascera da espuma do mar, para se lançar numa divina sucessão de estragos terrenos.

— Ela é minha antepassada. Uma bisavó é avó duas vezes. Ela é minha bisavó trinta e nove vezes — disse César, encostado à balaustrada de mármore branco que rodeava o local onde a deusa teria nascido.

— Ela, quem? Afrodite? Não pode ser!

— Mas é. Eu descendo dela através do filho, Eneias.

— A sério? — Os olhos ligeiramente protuberantes estudavam o rosto dele, como se procurassem algum sinal daquela impressionante linhagem.

— O mais possível, princesa.

— Nesse caso, pertences ao Amor... — ronronou a filha de Mitridates, tocando com um dedo no braço bronzeado de César.

César foi sensível ao toque, embora não o demonstrasse.

— É a primeira vez que mo dizem, princesa, mas tens toda a razão — disse ele, sorridente, fitando a jóia do horizonte, onde a safira do mar se encontrava com a água-marinha do céu.

— com tal linhagem, só podes pertencer ao Amor!

César virou a cabeça para olhar para ela e os seus olhos ficaram praticamente ao mesmo nível dos dela, pois Nisa era quase tão alta como ele.

— É incrível — disse ele, numa voz terna — que o mar produza muito mais espuma aqui do que em qualquer outro sítio. —

Apontou para norte e depois para sul, e acrescentou: — Estás a ver? Para lá dos limites da balaustrada, não há espuma nenhuma!

— Segundo se diz, foi ela que fez com que a espuma ficasse toda aqui.

— Nesse caso, a espuma é a essência de Afrodite — deixou cair a toga e baixou-se para desapertar as sandálias senatoriais. — Logo, tenho de tomar banho na essência dela, princesa.

— Se não fosses um bisneto, ainda que remoto, da deusa, dir-te-ia para teres cuidado — disse a princesa, observando-o.

— Porquê? Há alguma proibição religiosa?

— Não, tomar banho aqui não é propriamente proibido. Digamos antes que é

imprudente. A tua longínqua bisavó tem afogado muita gente aqui.

César regressou incólume do seu mergulho para descobrir que Nisa estava deitada, com os olhos fechados, sobre um lençol que improvisara com as suas vestes. Na mão, trazia ainda uma bolha de espuma; baixou-se então para depositar a espuma no suave mamilo de Nisa e desatou a rir quando ela se ergueu, sobressaltada e cheia de frio.

— Foste tocada por Vénus — disse ele, deitando-se ao lado dela, molhado e revigorado pelas carícias daquela misteriosa espuma. Tinha acabado de ser ungido por Vénus, a qual, aliás, tratara de arranjar tudo como convinha, pondo a seu lado aquela mulher soberba, que se oferecia ao seu prazer e que, ainda por cima (para além de ser filha de um grande rei), e como ele pôde verificar quando a penetrou, era virgem. O amor e o poder combinavam-se, naquele amplexo sem par.

— Fui tocada por Vénus — disse ela, espreguiçando-se como um gato.

— Conheces o nome romano de Afrodite — disse o descendente da deusa, radiante de felicidade.

— Roma tem um braço muito longo...

A felicidade de César esbateu-se nesse momento, mas não por causa do que ela dissera — unicamente porque a magia tinha acabado.

César levantou-se, ele que não gostava de ficar deitado a conversar depois de fazer amor.

— Então, Mitridatidis Nisa, poderei contar com a tua influência para me ajudares a arranjar a frota? — perguntou ele, com um risinho cuja causa não iria explicar à princesa.

— És tão bonito! — disse ela, deitada sobre o cotovelo, a cabeça inclinada sobre a mão. — Sem pêlos, como um deus.

— Tal como tu.

— Todas as mulheres da corte se depilam, César.

— E os homens?

— Não! Porque dói!

Ele desatou a rir. com a túnica já vestida, tratou de calçar os sapatos e depois deu início à difícil tarefa de dispor a toga sem ajuda.

— Vamos, mulher, levanta-te! — disse ele, jovialmente. — Precisamos de arranjar uma

frota e de convencer o teu marido de que só estivemos a olhar para a espuma do mar.

— Oh, que marido! — disse ela, começando a vestir-se. — Ele liga lá ao que nós fizemos ou deixámos de fazer! Reparaste, com certeza, que eu era virgem!

— Impossível não reparar.

Os olhos verdes dela brilharam muito.

— Se eu não estivesse em condições de te ajudar, nem para mim terias olhado!

— Isso é falso, princesa — retorquiu ele, tranqüilamente. — Em tempos, fui acusado de ter recorrido a um estratagema sexual para obter uma frota, e o que disse nessa altura continua a ser verdade — preferia matar-me com a minha espada a ter de usar truques de mulheres para alcançar os meus fins. Mas tu, minha querida e encantadora princesa, tu és uma prenda da deusa. O que torna tudo muito diferente.

— Não te irritei?

— De modo nenhum. Acho que foi uma reacção sensata da tua parte. Donde te veio essa sensatez? Do teu pai?

— Talvez. É um homem inteligente. Mas também é muito parvo.

— Porquê?

— Porque é incapaz de escutar os conselhos dos outros — retorquiu Nisa, virando-se para o acompanhar até ao palácio. — Estou muito contente por teres vindo a Pafos, César. Já estava farta de ser virgem.

— E por que me escolheste a mim?

— Porque tu descendes de Afrodite. Portanto, és mais do que um mero mortal. Eu sou filha de um rei! Portanto, não posso entregar-me a um homem qualquer, mas apenas a um homem de sangue real e divino.

— Sinto-me muito honrado com a distinção, princesa.

As negociações tendo em vista a obtenção da frota demoraram ainda algum tempo, mas César pouco se importou com isso. Todos os dias ia com Nisa em peregrinação ao local onde Afrodite nascera e todos os dias se banhava na essência da deusa antes de oferecer alguma da sua própria essência à esposa de Ptolemeu, o Cipriota, que assim trocava a tristeza da sua ligação marital pelo prazer do amor com César. Era evidente que os burocratas de Alexandria tinham muito mais respeito por Mitridatidis Nisa do que pelo marido dela — o que talvez tivesse a ver

com o facto de o rei Tigranes não se encontrar muito longe dali, precisamente na Síria, do outro lado do mar. O Egipto estava suficientemente longe para se considerar em segurança, mas Chipre era um caso completamente diferente.

César despediu-se da filha de Mitridates com muito afecto e também com muita tristeza, uma tristeza que o perseguiria ainda por muito tempo. Para além do prazer físico que sentira com ela, descobriu que gostava da segurança que ela inconscientemente demonstrava, que apreciava o facto de ela considerar que estava ao mesmo nível de qualquer homem importante, precisamente por ser filha de um grande rei. César sabia que as mulheres romanas não tinham uma imagem tão elevada de si mesmas; as mulheres romanas estavam longe de se imaginar com o mesmo poder que os homens. Por tudo isso, ao deixar Pafos, ofereceu a Mitridatidis Nisa um camafeu representando a deusa, requintadamente executado a partir de uma pedra rara e muito cara. O dinheiro era pouco, mas César não podia deixar de lhe dar uma recordação do seu amor.

Compreendendo tudo isto, Nisa sentia-se extremamente feliz, como confidenciou numa carta à irmã mais velha, Cleópatra Trifena, que se encontrava em Alexandria:

Creio que nunca mais voltarei a vê-lo. Ele é o tipo de homem que só vai a algum lado ou faz alguma coisa por uma excelente razão, e, quando digo razão, quero dizer uma razão masculina. Creio que ele é capaz de me ter amado um pouquinho. Mas isso nunca o faria regressar a Chipre. Nenhuma mulher conseguirá interpor-se entre ele e os seus objectivos.

Nunca tinha conhecido um romano, mas sei que em Alexandria há muitos; por isso, é provável que conheças alguns. Será que ele é diferente por ser romano? Ou apenas por ser ele mesmo? Talvez tu me possas dizer. Embora adivinhe desde já a tua resposta.

Do que mais gostei nele foi do seu carácter extremamente firme; e da sua calma, absolutamente invulgar. Foi claramente graças à minha ajuda que conseguiu a sua frota. Eu sei, eu sei que ele me usou! Mas há momentos, minha querida Trifena, em que uma pessoa não se importa de ser usada. Ele gostou de mim um pouquinho. Deu o devido valor à minha linhagem. E não há mulher ao cimo da terra capaz de resistir ao seu riso.

Foi um interlúdio muito agradável. Ah, as saudades que eu já tenho daquele malandro!

Mas não te preocupes comigo. Por uma questão de segurança, tomei o remédio mal ele partiu. Se eu estivesse verdadeiramente casada, talvez me sentisse tentada a não tomar nada — o sangue

dos Césares é melhor do que o dos Ptolemeus. Mas tomei — e por isso não terei um filho dele. Provavelmente, nunca terei filhos de ninguém.

Custa-me que estejas a passar por problemas, custa-me que não nos tenham dado a instrução necessária para entendermos a situação no Egipto. Claro que o nosso pai, Mitridates, e o nosso tio, Tiçranes, não se preocuparam com as dificuldades por que nós pudéssemos passar. Nós somos apenas um meio para eles firmarem os seus interesses no Egipto, pois temos suficiente sangue ptolemaico para reivindicar o trono. Mas o que ninguém conhecia era o poder que os sacerdotes do Egipto têm sobre o povo, ou melhor, sobre o povo de origem integralmente egípcia e não macedónia. É como se houvesse duas nações chamadas Egipto: as terras de Alexandria Macedónia e o Delta, por um lado, e as terras do Nilo Egípcio, por outro.

Minha querida Trifena: penso que devias tentar encetar as tuas próprias negociações com os sacerdotes egípcios. O teu marido, Auleta, não é homem capaz de gostar de outros homens, pelo que é mais que certo que virás a ter filhos. Tens de ter filhos! Mas, segundo a lei egípcia, só poderás tê-los depois de teres sido coroada e ungida, e só poderás ser coroada e ungida depois de os sacerdotes egípcios se disporem a oficiar. Eu sei que os Alexandrinos, perante a embaixada de Roma, fingiram que tu já estavas coroada e ungida — porque sabiam que Marco Perperna e os outros embaixadores eram uns ignorantes no que toca às leis e aos costumes egípcios. Mas o povo do Egipto sabe que tu ainda não foste confirmada como rainha. Auleta é idiota, falta-lhe capacidade intelectual e, politicamente, é um desastre. Mas tu e eu saímos ao nosso pai — não nos faltam os dotes.

Vai ter com os sacerdotes e enceta as negociações. No teu próprio nome. Estou convencida de que não conseguirás nada — nem mesmo ter filhos — enquanto os sacerdotes não forem dominados. Auleta prefere acreditar que é mais importante do que eles e que os Alexandrinos têm poder que chegue para derrotarem os sacerdotes quando for preciso. Está errado. Ou talvez eu deva dizer que Auleta acredita que é mais importante ser rei macedónio do que ser faraó egípcio — acredita que, sendo rei, acabará forçosamente por ser faraó. Pela leitura das tuas cartas, pude concluir que tu não caíste nessa armadilha. Mas isso não chega. Tens também de negociar. Os sacerdotes sabem que os nossos maridos são os últimos da linhagem e que entronizar soberanos rivais de sangue egípcio, ao fim de quase mil anos de invasões estrangeiras e de governantes estrangeiros, seria mais perigoso que sancionar o último dos

Ptolemeus. Creio, por isso, que o que eles realmente pretendem é que vocês se mostrem deferentes, que aceitem as suas posições. É isso mesmo que deves fazer, minha querida Trifena. E obriga o teu marido a seguir o teu exemplo. No fim de contas, são eles quem tem a custódia dos labirintos do tesouro do faraó, dos rendimentos do Nilo e do povo egípcio. O facto de o Grão-de-bico ter conseguido saquear Tebas, já lá vão sete anos, não tem o mínimo interesse para o caso. Ele foi coroado e ungido, ele foi faraó. E Tebas não é o Nilo todo!

Entretanto, continua a tomar o remédio e não entres em conflito, nem com o teu marido, nem com os Alexandrinos. Enquanto eles permanecerem teus aliados, terás uma base para negociares com os sacerdotes de Mênfis.

Em fins de Sextilis, Caio Júlio César regressou a Tarso, entregando a Vátia os acordos para o fornecimento de navios e tripulações, assinados com todos os territórios e cidades navais importantes da região. Vátia ficou visivelmente contente, em especial com o acordo firmado com Chipre. Mas ele não tinha mais missões militares para o seu jovem subordinado e, por outro lado, acabara de receber a notícia da morte de Sila.

— Nesse caso, Públio Servílio — disse César —, gostaria de regressar a Roma, com a tua autorização.

Vátia franziu o sobrolho.

— Porquê?

— Por várias razões — retorquiu César, sem qualquer inibição. — A primeira, e mais importante, é que não te sirvo para muito — a menos que tenciones lançar uma expedição para expulsar Tigranes da Pedia Oriental e da Capadócia Eufrática.

— Não recebi ordens nesse sentido, Caio Júlio — replicou Vátia. — Eu estou aqui para governar esta província e para eliminar a ameaça dos piratas. A Capadócia e a Pedia Oriental vão ter de esperar.

— Compreendo. Nesse caso, não tens missões militares para mim num futuro próximo. As outras razões para o meu regresso a Roma são pessoais. Tenho um casamento para consumar e uma carreira nos tribunais à minha espera. Por causa do flaminato, serei obrigado a iniciar tardiamente a minha carreira de advogado. Tenciono ser cônsul quando chegar a hora. Tenho direito a isso, por nascimento. O meu pai foi pretor, o meu tio foi cônsul, o meu primo Lúcio também foi cônsul. Os Júlios estão uma vez mais em primeiro plano.

— Muito bem, Caio Júlio, podes regressar a Roma — disse Vátia, que era sensível a tais argumentos. — Terei todo o prazer em louvar-te perante o Senado e em classificar a tua missão de obtenção da frota como serviço de campanha.

A morte de Sila marcou o fim das relações amistosas entre os cônsules Lépido e Catulo. Homens de naturezas muito diversas, entraram em conflito mal Sila morreu; Catulo queria que Sila tivesse um funeral de Estado, ao passo que Lépido recusava o gasto de fundos públicos para enterrar alguém que tinha muito mais do que era preciso para pagar o funeral. Foi Catulo que venceu a batalha que se travou então no Senado; Sila foi inumado com dinheiros do Tesouro, desse mesmo Tesouro que ele afinal enchera.

Mas Lépido não deixou de contar com apoios e Roma começava já a assistir ao regresso daqueles que Sila obrigara a fugir.

Marco Perperna Variento e o filho de Cina, Lúcio, chegaram a Roma pouco depois do funeral de Sila. Perperna Variento conseguira furtar-se às proscrições, apesar de ser ele quem ocupava a Sicília quando Pompeu lá chegou — provavelmente porque não se tinha oposto a Pompeu e porque não tinha dinheiro suficiente para se tornar um proscrito interessante. O jovem Cina, como seria de esperar, estava sem dinheiro. Mas agora que o Ditador morrera, os dois homens formavam o núcleo das facções secretamente opostas à política e às leis do Ditador e, muito naturalmente, preferiam Lépido a Catulo. Sendo o cônsul sénior e famoso por ter enfrentado Sila no Senado, Lépido considerava-se numa excelente posição para abrandar a severidade de algumas das leis de Sila, tanto mais que os seus adeptos senatoriais eram agora em maior número do que os de Catulo.

— Quero — disse Lépido ao seu grande amigo Marco Júnio Bruto — ficar na História como o homem que tornou as leis de Sila mais aceitáveis para todos — inclusivamente para os seus inimigos.

A deusa Fortuna favorecera-os a ambos. A última lista de magistrados de Sila incluía Bruto como pretor, e, quando os cônsules e pretores assumiram funções no primeiro dia do ano anterior, o sorteio para determinar os executivos das províncias tinha sido favorável a Lépido e a Bruto; Lépido ficara com a Gália Transalpina e Bruto com a Gália Italiana, e deveriam iniciar as suas funções de governadores depois de terminado o prazo dos seus cargos actuais — ou seja, no primeiro dia do ano seguinte. A Gália Transalpina já não era há algum tempo governada por um

cônsul, mas duas coisas contribuíram para alterar essa situação: a guerra na Hispânia contra Quinto Sertório (que não estava a correr bem) e o estado em que se encontravam as tribos gaulesas, muito próximas da revolta e que, por isso, constituíam uma ameaça para as vias terrestres que conduziam à Hispânia.

— Vamos poder governar as nossas duas províncias como uma equipa — dissera Lépido a Bruto mal o sorteio acabara. — Euvou declarar guerra às tribos rebeldes, enquanto tu organizas a Gália Italiana, de forma a poderes abastecer-me de víveres ou fornecer-me qualquer outro apoio que eu precise.

Assim, tanto Lépido como Bruto esperavam que os governos das respectivas províncias lhes trouxessem muita actividade e não
menores compensações. Logo que Sila morreu, Lépido avançou com o seu programa de abrandamento das leis mais duras de Sila, enquanto Bruto, presidente do tribunal que estudava os casos de violência, aprofundou as emendas às leis de Sila para esse tribunal, introduzidas no ano anterior pelo pretor de Sila, Cneu Octávio. Aparentemente com o consentimento de Sila, Cneu Octávio obrigara alguns dos homens que tinham feito grandes lucros com as proscrições a devolver todas as propriedades obtidas pela violência, força ou intimidação — o que, evidentemente, significava também a retirada dos nomes dos proprietários originais das listas de proscritos. Aprovando as medidas de Cneu Octávio, Bruto continuou o seu trabalho com entusiasmo.

Em Junho, já depois de as cinzas de Sila terem sido encerradas no túmulo do Campo de Marte, Lépido anunciou ao Senado que pediria a sua aprovação para uma lex Aemilia Lépida que devolvia algumas das terras que Sila retirara a várias cidades da Etrúria e da Úmbria para distribuir pelos seus veteranos.

— Como todos sabem, Pais Conscritos — disse Lépido a um Senado particularmente atento —, regista-se uma considerável agitação a norte de Roma. Em minha opinião — e na opinião de muitas outras pessoas! —, essa agitação deriva basicamente das medidas do nosso falecido Ditador, tendo em vista a punição das comunidades da Etrúria e da Úmbria, punição que se traduziu pela retirada a essas comunidades de quase todas as terras pertencentes às suas cidades. O Senado mostrou de forma muito clara que nem sempre apoiava as medidas do Ditador, quando se opôs à pretensão dele de proscrever todos os cidadãos das cidades de Arrécio

e Volaterras. E devemos sentir-nos honrados pelo facto de termos conseguido dissuadir o Ditador de tomar tal medida, tanto mais que o incidente ocorreu quando ele tinha chegado ao auge do seu poder. Mas não pensem que a minha nova lei tem algo de bom para oferecer a Arrécio e a Volaterras! Essas duas cidades apoiaram activamente Carbão, o que significava que, de mim, não poderão esperar rigorosamente nada. Não, as comunidades com que estou preocupado são aquelas que, quando muito, se viram obrigadas a albergar as legiões de Carbão. Estou a falar de cidades como Espolécio e Clúsio, que estão ressentidas contra Roma por terem perdido as suas terras, quando afinal nunca deram provas de traição! Elas foram muito simplesmente as vítimas impotentes de uma guerra civil, cidades que, involuntariamente, se viram envolvidas nela por acção de um dos contendores.

Lépido fez uma pausa para estudar as bancadas da Cúria Hostília e ficou satisfeito com o que viu. Prosseguiu então, agora com um pouco mais de sentimento na voz.

— Não estamos a discutir aqui os casos das comunidades que apoiaram activamente Carbão. Ora, devo salientar que as terras dessas cidades traidoras chegam e sobram para instalar os soldados de Sila. com muito poucas excepções, a Itália é agora profundamente romana, os seus cidadãos têm agora os direitos e os deveres de todos os romanos e encontram-se distribuídos pelas trinta e cinco tribos. No entanto, há muitas zonas da Etrúria e da Úmbria que continuam a ser tratadas como se fossem aliados rebeldes de outros tempos, daqueles tempos em que era costume confiscar as terras públicas de determinadas regiões. Mas como pode Roma usurpar as terras de Romanos que cumprem a lei e os seus deveres? É uma contradição! E nós, Pais Conscritos, não podemos continuar a permitir tais práticas. Se o fizermos, teremos de enfrentar novas rebeliões na Etrúria e na Úmbria — e Roma não se pode dar ao luxo de manter mais uma guerra civil, quando depara com tantas ameaças exteriores! Actualmente, temos de reunir dinheiro para apoiar as catorze legiões que lutam contra Quinto Sertório. E, obviamente, o nosso precioso dinheiro tem de ir quase todo para aí. A minha lei, devolvendo terras a cidades como Clúsio e Tuder, acalmará o povo da Etrúria e da Úmbria antes que seja demasiado tarde.

Catulo levantou-se então para contestar vigorosamente aquela medida, no que foi seguido pelos elementos mais conservadores e pró-Sila, tal como Lépido esperara.

— Este é apenas um primeiro passo para futuras acções! — exclamou Catulo, furioso.

— Marco Emílio Lépido tenciona ir destruindo aos poucos a nossa recente constituição! E, para

tal, começa precisamente com medidas que sabe que agradarão ao Senado! Mas eu afirmo que não podemos permitir que tal aconteça! Todas as medidas que ele consiga mandar para o Povo, acompanhadas de um senatus consultum, serão mais um passo para ele concretizar o seu objectivo final!

Porém, nem Cetego, nem Filipe, se levantaram para apoiar Catulo e Lépido sentiu que ia vencer. Estranho, talvez, que não tivessem apoiado Catulo; no entanto, por que razão haviam de pôr em causa uma tal oferta? Por isso, ainda antes de ter conseguido obter um senatus consultum de aprovação para esta lei sobre as terras seqüestradas, avançou com mais uma medida.

— É dever do Senado acabar com o embargo, decretado pelo nosso falecido Ditador, à venda pública de cereais a um preço inferior ao cobrado pelos mercadores privados — disse ele firmemente, e com as portas da Cúria Hostília bem abertas, para que aqueles que estavam no exterior o pudessem ouvir. — Pais Conscritos, eu sou um homem são e decente! Não sou um demagogo. Como cônsul sénior, não tenho a mínima necessidade de cortejar os nossos cidadãos mais pobres. A minha carreira política atingiu o seu zénite — ou seja, não sou alguém que está a subir. Posso perfeitamente pagar o preço que os mercadores privados me pedirem, seja ele qual for. Por outro lado, não pretendo com isto dizer que o nosso falecido Ditador estava errado quando fixou o preço dos cereais públicos ao mesmo nível que o preço pedido pelos mercadores privados. Creio que o nosso falecido Ditador não se apercebeu das conseqüências, nada mais. Porque, na realidade, o que é que aconteceu? Os mercadores privados subiram os seus preços, precisamente por não haver uma política governamental capaz de os obrigar a manter preços baixos! Porque afinal, Pais Conscritos, quem é o homem de negócios que consegue resistir à perspectiva de obter maiores lucros? Será que a humanidade e a generosidade ditam as suas acções? É claro que não! Um homem dedica-se aos negócios para obter um lucro para si mesmo e para os seus sócios, e, a maior parte das vezes, é demasiado míope para poder ver que, quando sobe o preço do seu produto mais do que o mercado pode agüentar, já está a minar a sua base de lucro.

”Peço-lhes, portanto, membros desta Casa, que dêem à minha lex Aemilia Lépida frumentaria a vossa aprovação oficial, permitindo-me assim apresentá-la ao Povo para ratificação. Pretendo que regressemos ao nosso velho método, testado e comprovado, e que consiste no

seguinte: o Estado venderá cereais à população mais pobre pelo preço fixo de dez sestércios o modius. Em anos de abundância, esse preço permitirá mesmo ao Estado a obtenção de um lucro razoável, e, como os anos de abundância são mais do que os de escassez, o Estado, a longo prazo, não sofrerá financeiramente por causa disso.

O cônsul júnior Catulo voltou a levantar-se para manifestar a sua oposição. Desta feita, porém, dispôs de um apoio mínimo; tanto Cetego como Filipe estavam inequivocamente a favor da medida de Lépido. Dessa forma, o senatus consultum foi dado na mesma sessão em que Lépido o pediu. Lépido podia agora promulgar a sua lei na Assembleia do Povo. A sua reputação subia entretanto a novas alturas e, sempre que aparecia em público, era premiado com calorosas saudações.

No entanto, com a sua lex agraria relativa às terras seqüestradas, as coisas passaram-se de maneira diferente; a lei parecia estar condenada a não sair do Senado e, apesar de Lépido a pôr à votação em todas as sessões, continuava a não dispor dos votos suficientes para obter um senatus consultum — o que, de acordo com a constituição de Sila, implicava que não poderia apresentar a lei a uma Assembleia.

— Mas eu nãovou desistir — disse ele a Bruto, num jantar em casa deste.

Lépido comia em casa de Bruto regularmente, pois achava a sua casa insuportavelmente vazia. Quando as proscrições começaram, Lépido, como a maior parte dos romanos da classe alta, teve fortes receios de ser uma das suas vítimas; permanecera em Roma durante os anos de Mário, Cina e Carbão — e estava casado com a filha de Saturnino, aquele que, em tempos, tentara coroar-se rei de Roma. Fora a própria Apuleia que lhe sugerira que se divorciasse. Tinham três filhos, e era de extrema importância que a fortuna da família permanecesse intacta para os dois filhos mais novos; o mais velho fora adoptado pelos Cornélios Cipiões e tinha tudo a seu favor, pois essa família era muito próxima de Sila e sempre estivera do seu lado. Cipião Emiliano (assim chamado em honra do seu famoso antepassado) era já um adulto na altura em que Apuleia sugeriu o divórcio, e o segundo filho, Lúcio, tinha dezoito anos. O mais novo, Marco, tinha apenas nove anos. Embora adorasse Apuleia, Lépido divorciou-se dela para defender os filhos, prevendo, no entanto, que voltaria a casar-se com ela quando a situação melhorasse. Mas Apuleia tinha nas veias o sangue do pai, Saturnino; convencida de que a sua presença nas vidas do ex-marido e dos filhos deixá-los-ia sempre em perigo, suicidou-se. A sua morte foi um golpe terrível

para Lépido, que, na realidade, nunca recuperou emocionalmente dessa perda. Por isso, sempre que podia, passava
as suas horas de lazer na casa de outro homem e, em particular, na casa do seu melhor amigo, Bruto.

— Tens toda a razão! Não devemos nunca desistir! — disse Bruto. — A nossa perseverança acabará por desgastar o Senado.

— Seria preferível que a resistência do Senado se desgastasse rapidamente — comentou o terceiro comensal, sentado numa cadeira diante do lectus medius.

Os dois homens olharam para a mulher de Bruto, Servília, com um interesse temperado por um considerável respeito; valia sempre a pena ouvir o que ela tinha para dizer.

— Que queres dizer com isso, exactamente? — perguntou Lépido.

— Quero dizer que Catulo está a preparar-se para a guerra.

— Como é que descobriste uma coisa dessas? — perguntou Bruto.

— Mantendo os meus ouvidos bem atentos — retorquiu ela, sem qualquer expressão no rosto. Depois, sorriu, no seu jeito secreto e fechado. — Fui visitar Hortênsia esta manhã. Por alguma razão ela é irmã do nosso maior advogado — tal como ele, adora falar. Catulo gosta muito dela e por isso conta-lhe muitas coisas — coisas que ela revela facilmente, desde que se tenha habilidade para lhas arrancar.

— E tu, evidentemente, tens essa habilidade — comentou Lépido.

— É um facto. Mas, mais importante que a minha habilidade, é o meu interesse. A maior parte das amigas dela prefere mexericos, enfim, coisas de mulheres, mas Hortênsia gosta muito mais de falar de política. Por isso faço o possível por visitá-la freqüentemente.

— Conta-nos mais, Servília — disse Lépido, confuso com o que ela dissera. — Catulo está a preparar-se para que guerra? Para a guerra na Hispânia Citerior? Ele será o governador dessa região no ano que vem e por isso disporá de um novo exército. De modo que não me parece ilógico que ele esteja a preparar-se para a guerra, como tu dizes.

— Esta guerra não tem nada a ver com a Hispânia, nem com Sertório — retorquiu a mulher de Bruto. — Catulo tem falado da guerra na Etrúria. Segundo Hortênsia, ele vai tentar convencer o Senado a armar mais legiões para enfrentar a agitação que se vive na Etrúria.

Lépido sentou-se, muito direito, no lectus medius.

— Mas isso é uma loucura! Só há uma maneira de manter a paz na Etrúria: devolver às comunidades locais uma boa parte do que Sila lhes tirou!

— Têm-se mantido em contacto com os chefes da Etrúria? — perguntou Servília.

— Naturalmente.

— com os duros ou com os moderados?

— com os moderados, suponho eu, se entendermos que os duros são os chefes de cidades como Volaterras e Fésulas.

— Sim, era nesses termos que eu estava a pensar.

— Agradeço-te muito esta informação, Servília. Podes estar certa de que redobrarei os meus esforços para manter a estabilidade na Etrúria.

Lépido redobrou de facto os seus esforços, mas não conseguiu impedir Catulo de exortar o Senado a que lançasse um plano de recrutamento, tendo em vista a obtenção das legiões que considerava necessárias para abafar a revolta nascente na Etrúria. No entanto, a atempada advertência de Servília permitiu a Lépido conquistar apoios entre os pedarii e entre senadores séniores dos últimos bancos, como Cetego; daí que o Senado se mostrasse algo indiferente ao apaixonado discurso de Catulo.

— Na realidade, Quinto Lutácio — disse Cetego a Catulo—, estamos mais preocupados com a ausência de amizade entre ti e o teu cônsul sénior do que com as hipotéticas revoltas na Etrúria. Parece-nos que adoptaste uma política inflexível de oposição a tudo o que o nosso cônsul sénior defende. Acho isso muito triste, depois de todo o trabalho que Lúcio Cornélio Sila teve para forjar novos laços de cooperação entre os vários membros e facções do Senado.

Esmagado, Catulo desistiu. Mas não por muito tempo. As circunstâncias vieram a provar que ele tinha razão, destruindo todas as possibilidades de Lépido obter o senatus consultum para a sua lei que devolvia muitas das terras seqüestradas. De facto, no final de Junho, os cidadãos de Fésulas atacaram os aquartelamentos militares que rodeavam a cidade, expulsaram os veteranos das suas terras, e mataram todos aqueles que ofereceram resistência.

As mortes de várias centenas de legionários leais a Sila não podiam ser ignoradas; e Fésulas não podia sair impune daquela rebelião. Numa altura em que devia virar as suas atenções para a preparação das eleições de Quintcilis, o Senado, preocupado com questões inteiramente diversas, esqueceu-se

por completo das eleições. Como a constituição de Sila previa, tinha já sido feito o sorteio para determinar que cônsul conduziria as votações curuis (Lépido fora o escolhido); mas nada mais foi feito. Em vez disso, o Senado instruiu os dois cônsules para que recrutassem quatro novas legiões e avançassem sobre Fésulas.

A sessão estava prestes a terminar quando Lúcio Márcio Filipe se levantou e pediu para falar. Lépido, que era o detentor dos fasces durante o mês de Quinctilis, fez o seu primeiro grande erro: decidiu permitir que Filipe falasse.

— Meus caros colegas senadores — disse Filipe, com a sua voz estentórea —, rogo-vos que não ponham um exército que seja nas mãos de Marco Emílio Lépido! Eu não peço. Rogo! Porque não tenho a mínima dúvida de que o nosso cônsul sénior está a preparar uma revolução — tem estado a preparar uma revolução desde que tomou posse! Antes de o nosso querido Ditador morrer, ele não disse nem fez nada. Mas mal o nosso querido Ditador morreu, Lépido avançou. Recusou-se a apoiar a concessão de fundos do Estado para o funeral de Sila! É claro que perdeu — mas eu nunca acreditei que pudesse vencer! Usou o debate em torno do funeral como um sinal para todos os seus apoiantes de que estava disposto a lançar uma política de traição. E tratou de aplicar essa política! Propôs que devolvêssemos as terras seqüestradas a gente que merecera esse castigo! E quando viu que o Senado estava a protelar a sua proposta, procurou adular todas as classes abaixo da segunda, usando um truque a que todos os demagogos recorreram, desde Caio Graco ao sogro de Lépido, Saturnino — legislou no sentido de o Estado vender cereais baratos! Roma não devia, segundo ele, gastar um único sestércio com o funeral do seu maior cidadão! Mas Roma deveria gastar rios de dinheiro para que os seus inúteis proletarii tivessem cereais baratos!

Lépido não era o único homem estupefacto com este ataque; todo o Senado estava quieto e calado, tal era o choque. Mas Filipe prosseguiu no mesmo tom violento.

— Pois bem, colegas senadores, é a este homem que querem dar quatro legiões? É este homem que querem mandar para a Etrúria? Pois bem, eu recuso-me a deixar-vos fazer uma coisa dessas!

Primeiro que tudo, porque as eleições curais têm de ser disputadas em breve e, de acordo com o sorteio, é ele quem tem de as organizar. Portanto, Lépido deve permanecer em Roma para cumprir o seu dever, e não andar por aí a recrutar soldados! Lembro que vamos ter as

nossas primeiras eleições livres ao fim de vários anos, e que é imperativo que as realizemos a tempo e na mais estrita legalidade. Quinto Lutácio Catulo é perfeitamente capaz de recrutar um exército e de conduzir a guerra contra Fésulas ou quaisquer outras comunidades etruscas que possam aliar-se a Fésulas. É contra as leis de Sila que os dois cônsules se ausentem de Roma para travarem uma guerra. Como é evidente, foi para impedir que isso acontecesse que o nosso querido Ditador introduziu a sua cláusula da comissão especial! Desse modo, ficámos com os meios constitucionais necessários para darmos o comando da guerra ao homem mais competente num determinado momento, mesmo que esse homem não seja um membro do Senado. E afinal, vejo o Senado concedendo um comando que é vital a um homem que não tem um passado militar satisfatório! Quinto Lutácio é um homem experiente, sabemos que ele é competente em questões militares. Mas Marco Emílio Lépido? Que experiência tem ele? Que provas deu ele da sua excelência militar? Além disso, repito, é um revolucionário em potência. Não podem dar-lhe legiões e mandá-lo travar uma guerra contra uma região que ele quis favorecer, em detrimento de Roma! Lembrem-se das palavras de Lépido a favor dessa região, pois essas palavras indiciavam já uma intenção traiçoeira!

Lépido escutara com espanto o início daquele discurso; porém, passado um momento, e movido por súbita determinação, virou-se para o seu escriba e tirou-lhe a tábua de cera e o estilete; o escriba limitou-se a tomar notas durante o resto do discurso de Filipe. Lépido levantou-se por fim para responder, segurando na tábua.

— Que motivo te leva a dizer tais coisas, Filipe? — perguntou, não concedendo a Filipe a cortesia de o tratar pelo nome todo. — Confesso que não faço a mínima ideia de que motivo é esse, mas não tenho a mínima dúvida de que tens um motivo! Quando o Grande Tergiversador desta casa se levanta, para pronunciar um dos seus magnificentes discursos, podem ter a certeza de que, por detrás do seu belo estilo, existe sempre um motivo muito concreto! Aposto que alguém lhe pagou para mudar, uma vez mais, de partido!

E vejam quão rico ele se tornou! — quão gordo! — quão satisfeito! — quão atolado num lodaçal de voluptuosidade! — e sempre à custa de alguém que precisa de um porta-voz no Senado!

Lépido ergueu um pouco a tábua de cera e lançou um olhar grave aos senadores silenciosos. Pôde ver então que até mesmo Catulo estava espantado com o discurso de Filipe.

Não, quem estava por detrás de Filipe não era Catulo, nem nenhum membro da sua facção.

— Abordarei as questões segundo a ordem por que foram levantadas. Primeiro: a minha passividade antes de o Ditador morrer. Isso não é verdade! Como todos os que aqui estão sabem muito bem! Façam um pequeno esforço de memória!

”Segundo: a votação dos fundos públicos para pagar o funeral do Ditador. Sim, é verdade, opus-me. Tal como muitos outros homens. E porque não? Será que não podemos discordar?

”Terceiro: Filipe disse que a minha oposição teria sido um sinal lançado aos meus adeptos — mas será que eu os tenho? — de que alteraria tudo o que Lúcio Cornélio Sila fez: nunca ouvi tamanho disparate! Tentei promulgar duas leis, consegui promulgar apenas uma. Mas será que dei alguma indicação de que tenciono alterar todo o corpo de leis aprovado por Sila? Ouviram-me criticar o novo sistema de tribunais? Ou os novos regulamentos sobre os funcionários públicos? Os novos regulamentos do Senado? O processo eleitoral? As novas leis sobre a traição, que limitam as acções dos governadores provinciais? Ou as que restringem as funções das Assembleias? Ou as que afectaram severamente o tribunado da plebe? Não, Pais Conscritos, ninguém me ouviu criticar essas leis! Porque eu não tenciono alterá-las!”

Esta última frase foi berrada a plenos pulmões, de tal modo que muitos dos senadores se assustaram. Lépido fez uma pausa para que todos pudessem recuperar, e prosseguiu.

— Quatro: a alegação de que a minha lei, que devolve algumas das terras seqüestradas — algumas, não todas! — aos seus proprietários originais, constitui uma traição. Também isso é um disparate pegado. A minha lex Aemilia Lépida não prevê a devolução de terras a cidades ou regiões culpadas de traição. Prevê apenas a devolução de terras a cidades ou regiões cuja participação na guerra foi inocente ou involuntária.

Lépido baixou a voz, dando-lhe mais vibração.

— Meus colegas senadores, reflictam um momento, por favor! Se queremos uma Itália verdadeiramente unida e adequadamente romana, temos de deixar de infligir os velhos castigos que impusemos aos Aliados Italianos, a homens que, de acordo com a lei, são agora tão romanos como nós! Se Lúcio Cornélio Sila errou nalguma coisa, podem crer que foi aí. Num homem da sua idade era talvez compreensível. Mas é imperdoável para a maior parte de nós, que somos pelo menos 20 anos mais novo, que pensemos da mesma maneira que ele. Lembro-lhes que Filipe é

também um homem idoso, com os preconceitos ultrapassados dos homens da sua idade. Quando foi censor, mostrou bem os seus preconceitos, ao recusar-se a fazer aquilo que Sila, afinal, acabou por fazer — distribuir equitativamente os novos cidadãos romanos pelas trinta e cinco tribos.

Lépido começava a dominá-los: o argumento da idade fora bem usado, porque aquele Senado era agora muito mais jovem do que há dez anos atrás. Sentindo que conseguira controlar a sua ansiedade, Lépido prosseguiu.

— Quinto: a lei dos cereais. Esta lei também veio pôr as coisas no seu devido lugar. A lei anterior estava manifestamente errada. Acredito que, se tivesse sido Ditador por um período mais longo, Lúcio Cornélio Sila acabaria por ter compreendido o que eu compreendi e por ter feito o que eu fiz — vender cereais mais baratos às classes mais baixas. Os mercadores de cereais estavam dominados pela ganância. Ninguém pode negar isso! E o Senado mostrou-se sensato ao entender que por detrás da minha lei havia apenas uma coisa chamada bom senso. A minha lei foi aprovada e, dessa forma, prevenimos revoltas e cenas de violência, que poderiam muito bem acontecer já na próxima colheita. Porque a questão é esta: nós não podemos retirar ao povo miúdo um privilégio que existe há tanto e tanto tempo que acabou por ser visto como um direito!

”Sexto: a minha função enquanto cônsul escolhido para supervisionar as eleições curuis. Sim, é verdade que, por sorteio, fui eu o designado, e que, de acordo com a nossa nova constituição, só eu poderei organizar as eleições curuis. Mas, Pais Conscritos, não fui eu que pedi que me investissem das funções de recrutamento de um novo exército, não fui eu que pedi o comando da guerra contra Fésulas! Foram vocês que mo ordenaram! Por vossa livre e espontânea vontade! Eu não lhes solicitei rigorosamente nada! Não vos ocorreu — tal como não me ocorreu a mim! — que deveríamos tratar primeiro das eleições e depois da revolta de Fésulas. Confesso que pensei que deveria tratar primeiro de dominar a revolta e só depois realizar as eleições curais. Temos ainda muito tempo até ao final do ano para organizar eleições. Afinal, estamos ainda no princípio de Quinctilis.

”Sétimo: o facto de os dois cônsules se ausentarem de Roma por razões militares não vai expressamente contra as leis de Sila. Mesmo que a guerra seja travada fora de Itália. Segundo Lúcio Cornélio Sila, o primeiro dever dos cônsules é cuidar de Roma e de Itália. Nem eu, nem Quinto Lutácio Catulo, excederemos a nossa autoridade. A cláusula que prevê a comissão

especial e um comandante não senatorial só poderá ser invocada se nenhum dos magistrados legalmente eleitos e nenhum dos outros senadores competentes estiver disponível para conduzir uma guerra.

”E, finalmente, ponto número oito: por que razão serei eu menos qualificado do que Quinto Lutácio Catulo para comandar uma guerra? Ambos servimos no exército durante a Guerra Italiana, como legados. Nenhum de nós deixou Roma durante os anos de Cina e Carbão. Ambos mantivemos uma honesta e intransigente neutralidade, que Lúcio Cornélio, muito claramente, não penalizou — e, de facto, reparem que nós fomos os últimos cônsules escolhidos pessoalmente por ele! A nossa experiência militar é grande. Não haverá maneira de adivinhar qual dos dois poderá brilhar mais na guerra contra Fésulas. Mas o que interessa a Roma é que ambos alcancemos o mesmo brilho, não é verdade? A prática normal entre os Romanos diz que, se os cônsules desejarem assumir o comando militar por directiva do Senado, então os cônsules deverão fazê-lo. Os cônsules receberam do Senado directivas nesse sentido. E obedeceram. Não há mais nada a dizer.”

Mas Filipe não se deu por vencido. Sem demonstrar frustração nem raiva, conduziu o debate, com sábio engenho, para um lamento contra a óbvia inimizade que se manifestava entre os cônsules, sustentando as suas afirmações com um número infindável de exemplos concretos, desde meros apartes a confrontos importantes. O Sol já se tinha posto (o que significava que, tecnicamente, o Senado teria de pôr termo às suas deliberações), mas nem Catulo, nem Lépido, desejavam adiar a decisão para o dia seguinte; por isso, os funcionários do Senado acenderam torchas e Filipe continuou o seu discurso. A sua intervenção fora muito bem pensada. Quando Filipe chegou ao momento das propostas, os senadores já estavam dispostos a concordar com o que quer que fosse, desde que os deixassem ir para a casa comer e dormir.

— O que eu proponho — disse ele, por fim — é que cada um dos cônsules preste um juramento no sentido de que nenhum deles fará do seu exército um instrumento de vingança contra o outro. Não peço grande coisa! Mas ficarei muito mais tranqüilo se souber que os cônsules estão dispostos a fazer tal juramento.

Lépido levantou-se, exausto.

— O que eu penso da tua proposta, Filipe, é que se trata, sem a mínima dúvida, da coisa mais idiota que já ouvi! No entanto, se isso deixar o Senado mais satisfeito e se contribuir para que eu e Quinto Lutácio realizemos as nossas tarefas de forma mais expedita, então serei o primeiro a concordar com tal juramento.

— Estou inteiramente de acordo contigo, Marco Emílio — disse Catulo. — E agora, podemos ir todos para casa?

— Qual era a ideia de Filipe? — perguntou Lépido a Bruto, no dia seguinte, ao jantar.

— Francamente, não sei — retorquiu Bruto, abanando a cabeça.

— Tens alguma ideia, Servília? — perguntou o cônsul sénior.

— Não, de facto não tenho — respondeu ela, com um ar intrigado. — O meu marido contou-me em traços gerais o que sucedeu a noite passada, mas creio que ficaria com uma ideia mais concreta se me fornecessem uma cópia da acta da sessão.

Lépido tinha em tão boa conta as opiniões políticas de Servília que não se opôs minimamente a tal pedido. Comprometeu-se, assim, a dar-lhe uma cópia do documento na manhã seguinte, antes de deixar Roma para recrutar as suas quatro legiões.

— Começo a achar — disse Bruto — que não tens qualquer hipótese de melhorar a sorte das cidades etruscas e úmbrias que não estiveram directamente envolvidas na guerra de Carbão. Há demasiados Filipes no Senado e esses homens não querem ouvir o que tu tens a dizer.

A pacificação de pelo menos uma parte da Úmbria era algo que interessava sobremaneira a Bruto, pois ele era o maior proprietário de terras da região, a seguir a Pompeu; Bruto não queria colônias de soldados perto das suas terras. Terras que se situavam, na sua maior parte, nas redondezas de Espolécio e Igúvio, duas áreas que haviam sido seqüestradas. O facto de as terras pertencentes a estas duas cidades não terem recebido colônias de veteranos devia-se a dois factores: a lentidão das comissões nomeadas para tratar da distribuição de terras aos veteranos, e a partida de catorze das velhas legiões de Sila para Hispânia, vinte meses antes. Fora este segundo factor que permitira a Lépido avançar com a sua legislação; se todas as vinte e três legiões de Sila tivessem permanecido em Itália, a fim de serem desmobilizadas de acordo com o plano inicial, Espolécio e Igúvio teriam já muitas terras ocupadas por veteranos.

— O que Filipe disse ontem constituiu para mim um verdadeiro choque! — disse Lépido, vermelho de raiva, só de pensar na intervenção de Filipe. — Francamente, não consigo entender aqueles idiotas! Eu pensava que, depois da minha resposta a Filipe, ficariam todos convencidos — eu limitei-me a recorrer ao bom senso, Servília, nada mais que bom senso! E, no entanto, deixaram que Filipe os enrolasse, levando-os a aprovar aquele juramento ridículo. E lá tivemos nós de ir jurar, esta manhã, no Semo Sancus Dius Fidius!

— O que significa que eles estão prontos a deixar-se enrolar uma vez mais — disse ela.

— O que me preocupa é que tu não estarás no Senado para contrariar o velho tergiversador, da próxima vez que ele falar — e falará! Ele está a tramar alguma.

— Não sei por que razão lhe chamamos velho — disse Bruto, que tinha tendência para se afastar dos problemas em discussão. — O homem não é assim tão velho: tem cinqüenta e oito anos. E embora tenha um ar de quem pode ir desta para melhor de um momento para o outro, aposto que isso não acontecerá tão cedo. Seria demasiado bom para ser verdade!

Mas Lépido estava farto deste tipo de digressões e especulações, e, de súbito, resolveu abordar coisas mais sérias.

— Euvou para a Etrúria recrutar o exército — disse ele. — E gostaria que fosses ter comigo o mais depressa possível, Bruto. Planeámos trabalhar como uma equipa no próximo ano, mas penso que será melhor começarmos já. Não há nada no teu tribunal que não possa esperar pelo próximo ano e por um novo juiz e, por isso, proporei que assumas as funções de meu legado sénior imediatamente.

Servília fitou-o com um olhar preocupado.

— Será sensato recrutar os teus homens na Etrúria? — perguntou. — Porque não os recrutas na Campânia?

— Porque Catulo foi mais rápido do que eu e ficou com a Campânia. Seja como for, as minhas terras e os meus contactos estão na Etrúria e não a sul de Roma. Eu sinto-me bem na Etrúria, conheço muito mais gente.

— Mas é isso que me perturba, Lépido. Suspeito que Filipe é capaz de se aproveitar desse facto e continuar a lançar dúvidas sobre as tuas verdadeiras intenções. Repara que tu vais recrutar homens precisamente numa região em que a revolta fervilha.

— Filipe que faça o que quiser! — retorquiu Lépido, com o maior desdém.

O Senado deixou Filipe fazer o que queria. Nos primeiros dias de Sextilis, já o recrutamento avançava a bom ritmo e Filipe achou que era seu dever manter uma vigilância apurada sobre Lépido, recorrendo, ao que parecia, a uma rede muito larga e eficiente de agentes. Não perdeu tempo a vigiar Catulo na Campânia; as suas quatro legiões estavam a engrossar rapidamente com veteranos de Sila, fartos da vida civil e da agricultura, desejosos de uma nova campanha não muito longe de casa. O grande problema era a Etrúria: os homens aí recrutados não eram veteranos de Sila. Pelo contrário: eram jovens inexperientes da região ou então veteranos que tinham combatido por Carbão e pelos seus generais e conseguido escapar quando se dera a rendição. A maior parte dos homens de Sila instalados na Etrúria preferiram manter-se nas suas colônias, a fim de as protegerem; outros tinham entretanto seguido para a Campânia, a fim de se alistarem nas legiões de Catulo.

Durante todo o mês de Setembro, Filipe perorou no Senado, enquanto Catulo e Lépido, com os recrutamentos concluídos, canalizavam todas as suas energias para o treino dos soldados. Então, nos primeiros dias de Outubro, Filipe conseguiu convencer o Senado a exigir a Lépido que regressasse a Roma para organizar as eleições curuis. A ordem do Senado foi enviada para o acampamento de Lépido, nos arredores de Saturnia, e a resposta de Lépido foi para Roma pelo mesmo mensageiro.

”Não posso sair daqui na conjuntura actual. Ou esperam por mim ou nomeiam Quinto Lutácio para me substituir”, dizia apenas a mensagem de Lépido.

O Senado ordenou então a Quinto Lutácio Catulo que regressasse a Roma — mas não para organizar as eleições; não fazia parte dos planos de Filipe conceder tal graça a Lépido, e Cetego tinha-se aliado tão firmemente a Filipe que tudo o que este queria era aprovado por três quartos do Senado.

Entretanto, nada fora feito para submeter Fésulas; a cidade fechara as suas portas e esperava, satisfeita com o facto de Roma não conseguir chegar a acordo quanto ao que devia fazer.

Uma segunda ordem foi enviada a Lépido, indicando-lhe que devia regressar a Roma imediatamente para organizar as eleições; Lépido voltou a recusar. Filipe e Cetego informaram então os senadores de que deveriam considerar que Lépido estava a fomentar uma revolta, tanto mais que tinham provas dos seus acordos com os elementos refractários da Etrúria e da Úmbria

— além do que o seu legado sénior, o pretor Marco Júnio Bruto, estava também envolvido.

Servília enviou imediatamente uma carta a Lépido:

Creio que consegui finalmente descobrir os verdadeiros motivos da actuação de Filipe, embora não tenha conseguido encontrar nenhuma prova capaz de fundamentar as minhas suspeitas. No entanto, uma coisa é certa: esses motivos a que me refiro estão a unir duas pessoas — Filipe e Cetego.

estudei exaustivamente a cópia do primeiro discurso de Filipe e conversei com todas as mulheres que pudessem saber alguma coisa. Excepto com aquela detestável Précia, a qual, pelos vistos, é agora a rainha da alcova de Cetego, e, ao que parece, em situação de exclusividade. Hortênsia não sabe de nada porque, segundo creio, o marido dela, Catulo, de nada sabe. No entanto, acabei por obter uma pista absolutamente vital, numa conversa com Júlia, a viúva de Caio Mário — por aqui podes ver até onde levei o meu inquérito!

Múcia Tércia, em tempos nora de Júlia, está agora casada com aquele jovem de Piceno, Cneu Pompeu, que teve a ousadia de se cognominar de Magno. Não é membro do Senado, mas é muito rico e arrogante e está ansioso por dar nas vistas. Tive de ter o máximo cuidado, para não dar a Júlia a impressão de que andava à cata de informações, mas Júlia é uma pessoa franca e aberta, desde que confie no seu interlocutor; por outro lado, como o pai do meu marido sempre foi leal a Caio Mário (acompanhando-o mesmo no exílio durante o primeiro consulado de Sila), ela acolheu-me com a maior simpatia e, por isso, não foi difícil obter informações.

Júlia detesta Filipe desde o momento em que este se vendeu a Caio Mário, já lá vão muitos anos; pelos vistos, Caio Mário mostrava o maior desprezo por Filipe, ainda que se servisse dele. Por isso, na minha terceira visita (achei melhor obter a total confiança de Júlia, antes de me referir de forma mais explícita a Filipe), conduzi a conversa para a actual situação e para os motivos que Filipe poderia ter para te perseguir. Júlia disse-me então que, pelo que ouvira a Múcia Tércia, parecia que Filipe era agora um empregado de Pompeu! Tal e qual como Cetego!

Detive aí o meu inquérito. Não era necessário continuar. Desde o seu primeiro discurso que Filipe não pára de falar da cláusula especial que autoriza o Senado a procurar um comandante militar ou um governador fora das suas hostes. Confesso que fiquei confusa com a possível relação entre esta insistência de Filipe e a actual situação! Até que, calmamente, passei em revista

o comportamento de Filipe durante os últimos trinta anos. E comecei a ver mais claro.
Concluí que Filipe não tem feito outra coisa senão trabalhar para patrões; e Pompeu é mais um patrão. Filipe não é um Caio Graco, nem um Sila; não tem em mente uma estratégia grandiosa para manipular o Senado e levá-lo a afastar-vos a todos desta campanha contra Fésulas e a nomear Pompeu. Ele deve saber muito bem que o Senado não fará isso em nenhuma circunstância — o Senado possui actualmente um número suficiente de militares capazes. Se os dois cônsules falhassem — e, nesta altura, é difícil ver por que razão tu ou Catulo poderiam falhar —, Lúculo estaria pronto a tomar conta da campanha: é pretor este ano e, portanto, já tem o império.
Não, Filipe está apenas a lançar a confusão para ter uma oportunidade de lembrar ao Senado que a cláusula da comissão especial existe. E, muito possivelmente, Cetego apoia-o porque também está preso na rede de Pompeu. Não por falta de dinheiro, obviamente! Mas o dinheiro não é a única razão para um homem se comportar dessa maneira e as razões de Cetego podem ser todas.
Portanto, meu caro Lépido, parece-me que, até certo ponto, tu és uma vítima meramente incidental, que a tua coragem em defender aquilo em que acreditas, mesmo que vás contra a corrente, forneceu a Filipe um alvo que ele pode usar para justificar as maquias certamente colossais que Pompeu lhe está a pagar. Filipe está muito simplesmente a constituir um grupo de pressão favorável a um homem que não é senador, mas que considera útil e proveitoso ter uma facção forte dentro do Senado, porque pode vir um dia em que o Senado precise dos seus serviços.
Para ser justa e sincera, devo dizer que posso estar completamente enganada. Mas, francamente, não creio que esteja.
— O que a tua mulher diz faz muito mais sentido do que tudo o que já ouvi — disse Lépido ao marido da sua correspondente, depois de ter lido a carta em voz alta.
— E eu concordo com Servília — disse Bruto, espantado. — Duvido que esteja enganada. Raramente se engana.
— Sendo assim, que hei-de fazer? Regressar a Roma como um menino bem comportado, realizar as eleições curuis e passar depois à obscuridade — ou fazer o que os chefes etruscos pretendem de mim e conduzi-los contra Roma numa rebelião aberta?

Esta era uma questão que Lépido já se tinha posto muitas vezes desde que aceitara o facto de que Roma nunca lhe permitiria devolver à Etrúria e à Úmbria a normalidade e a prosperidade. O orgulho era um factor importante neste seu dilema, tal como uma certa compulsão para se salientar no meio da multidão, ainda que essa multidão fosse composta por consulares romanos. Desde a morte da sua mulher que deixara de dar grande valor à vida; já não pensava sequer na verdadeira razão do suicídio da mulher — o seu desejo de que os filhos nunca viessem a sofrer represálias políticas. Cipião Emiliano e Lúcio estavam com ele de alma e coração e o jovem Marco era ainda uma criança; Marco cumprira a tradição da família Lépido, pois fora o único dos rapazes que nascera com o âmnio cobrindo-lhe o rosto e toda a gente sabia que tal fenómeno significava que ele seria um dos favoritos de Fortuna ddurante uma longa vida. Portanto, por que razão haveria Lépido de se preocupar com o destino dos seus filhos?

Para Bruto, o dilema era outro, embora não temesse a derrota. Não, o que atraíra Bruto à conspiração etrusca era o culminar de oito anos de casamento com a patrícia Servília: oito anos em que ela o considerara um indivíduo sem nada de interessante ou especial, incapaz de a empolgar, uma criatura sem espinha dorsal, um homem desprezível. Bruto não a amava, mas, vendo que os seus amigos e colegas mostravam um apreço cada vez maior pelas opiniões políticas dela, apercebeu-se de que, sob a sua capa de mulher, vivia uma personagem única, uma criatura cuja aprovação era importante para ele. Na actual situação, por exemplo, Servília escrevera, não para ele, mas para o cônsul, Lépido. Ignorara-o. Não lhe dera qualquer importância. E isso humilhava-o. Tal como a humilhava a ela, como Bruto agora percebia. E, para que ela sentisse apreço por ele, teria de fazer algo de corajoso, algo que se tornasse notado, algo que se baseasse em princípios elevados.

Daí que Bruto tenha respondido à questão de Lépido, em vez de a evitar.

— Creio que deves fazer o que os chefes etruscos pretendem e conduzir a Etrúria e a Úmbria contra Roma.

— Muito bem — retorquiu Lépido. — Farei isso. Mas não antes do Ano Novo, altura em que ficarei livre daquele estúpido juramento.

Quando chegaram as Calendas de Janeiro, Roma não tinha magistrados curuis; as eleições não se tinham realizado. No último dia do ano velho, Catulo reunira o Senado para o informar de que, no dia seguinte, teria de mandar os fasces para o templo de Vénus Libitina e

nomear o primeiro interrex. Este magistrado supremo provisório denominado interrex mantinha-se em funções durante apenas cinco dias, como guardião e zelador de Roma; tinha de ser patrício, chefe da sua decúria de senadores e, no caso do primeiro interrex, o patrício mais velho do Senado. Ao sexto dia, sucedia-lhe nas funções de interrex o segundo mais velho patrício do Senado que fosse também chefe da sua decúria; o segundo interrex tinha autoridade para organizar eleições.

Assim, às primeiras horas do dia de Ano Novo, o Senado nomeou formalmente Lúcio Valério Flaco Princeps Senatus primeiro interrex e os homens que tencionavam disputar as eleições para cônsules e pretores trataram de angariar rapidamente apoios. O interrex enviou uma breve mensagem a Lépido, ordenando-lhe que abandonasse o seu exército e regressasse a Roma, e lembrando-lhe o juramento segundo o qual nunca viraria as suas legiões contra o seu colega.

Ao meio-dia do terceiro dia do mandato de Flaco Princeps Senatus, Lépido enviou-lhe a resposta.

Gostaria de te lembrar, Princeps Senatus, de que agora sou procônsul, não cônsul. E de que cumpri o meu juramento, ao qual já não estou vinculado, pois sou procônsul, e não cônsul. Abandono de bom grado o meu exército consular, mas lembro-te de que agora sou procônsul e que me foi concedido um exército proconsular; logo, não abandonarei o meu exército proconsular. Como o meu exército consular consistia de quatro legiões e o meu exército proconsular consiste também de quatro legiões, é óbvio que não tenho de abandonar nada. Contudo, estou disposto a regressar a Roma desde que:

seja reeleito cônsul;

todo e qualquer iugerum das terras seqüestradas de toda a Itália seja devolvido ao seu proprietário original;

os direitos e as propriedades dos filhos e netos dos proscritos lhes sejam devolvidos;

os poderes dos tribunos da plebe sejam inteiramente restaurados.

— Depois de ler esta carta — disse Filipe aos membros do Senado —, até o membro mais estúpido deste Senado pode perceber quais são as intenções de Lépido! Para lhe darmos o que ele quer, teríamos de destroçar toda a constituição que Lúcio Cornélio Sila com tanto afinco elaborou; e Lépido sabe muito bem que não faremos uma coisa dessas. Esta sua resposta equivale a uma declaração de guerra. Peço portanto ao Senado que aprove um senatus consultum de ré

publica defendendo.

Mas uma tal proposta implicava um debate apaixonado; por isso, o Senado só aprovou o senatus consultum no último dia do mandato de Flaco como primeiro interrex. Terminado este mandato, a autoridade para defender Roma contra Lépido foi formalmente conferida a Catulo, a quem foi ordenado que regressasse ao seu exército e se preparasse para a guerra.

No sexto dia de Janeiro, Flaco Princeps Senatus terminou as suas funções e o Senado nomeou o segundo interrex: Ápio Cláudio Fulcro, que continuava em Roma a recuperar da sua longa doença. E como se sentia já muito melhor, apressou-se a reunir a Assembleia das Centúrias e a organizar as eleições curuis. Estas, conforme anunciou, decorreriam dentro das Muralhas Sérvias, mais precisamente no Aventino, num prazo de dois dias; o local ficava fora do pomerium, mas encontrava-se adequadamente protegido contra qualquer eventual acção militar de Lépido.

— É estranho — disse Catulo a Hortênsio, antes de partir para a Campânia — que, ao fim de tantos anos sem o privilégio das eleições livres, deparemos agora com tantas dificuldades para realizar eleições. É como se estivéssemos a acostumar-nos a que tomem todas as decisões por nós, com uma mãe faz com o seu bebê.

— Isso que estás a dizer não faz o mínimo sentido — retorquiu Hortênsio, indignado.

— Quando muito, poderei conceder que se trata de uma coincidência extraordinária que, no nosso primeiro ano de eleições livres, tenhamos apanhado com um cônsul que desrespeitou os princípios que deveriam presidir ao seu comportamento. Não te esqueças que estamos agora a realizar as eleições e que a governação de Roma voltará a ser o que sempre foi!

— Nesse caso, façamos votos para que os eleitores façam uma escolha pelo menos tão sensata como as de Sila! — replicou Catulo, ofendido.

Mas coube a Hortênsio a última palavra.

— Estás a esquecer-te, meu caro Quinto, de que foi Sila quem escolheu Lépido!

De uma maneira geral, os chefes do Senado (incluindo Catulo e Hortênsio) ficaram satisfeitos com a sensatez demonstrada pelos eleitores. O cônsul sénior era um homem idoso, de hábitos sedentários mas reconhecida capacidade, Décimo Júnio Bruto, e o cônsul júnior era precisamente Mamerco. Tornou-se claro que os eleitores tinham a mesma elevada opinião que Sila em relação aos Cotas, pois, no ano anterior, Sila escolhera Caio Aurélio Cota para um dos

lugares de pretor, e, neste ano, os eleitores voltaram a incluir um Cota, Marco Aurélio, entre os pretores; por sorteio, ficou com o cargo de praetor peregrinus.

Tendo permanecido em Roma para ver quem vencia as eleições, Catulo ofereceu imediatamente o supremo comando da guerra contra Lépido aos novos cônsules. Como previra, Décimo Bruto recusou, invocando a idade e a falta de uma experiência militar adequada; Mamerco viu-se obrigado a aceitar. com 44 anos, Mamerco possuía uma bela folha de serviços militares e servira sob as ordens de Sila em todas as suas campanhas. No entanto, acontecimentos imprevistos e a acção de Filipe conspiraram contra Mamerco. Lúcio Valério Flaco, o Princeps Senatus, colega de Caio Mário no seu penúltimo consulado, morreu subitamente um dia depois de ter terminado o mandato de interrex, e Filipe propôs que Mamerco fosse nomeado Princeps Senatus provisório.

— Não podemos passar sem um Chefe do Senado no momento actual — disse Filipe —, apesar de caber aos censores elegê-lo. Por tradição, é o patrício sénior do Senado, mas, legalmente, os censores têm o direito de nomear o senador patrício que consideram mais apto para o cargo. O nosso senador patrício sénior é agora Ápio Cláudio Pulcro, que não goza de boa saúde e que, de qualquer modo, está a caminho da Macedónia. Precisamos de um Chefe do Senado que seja jovem e robusto — e que esteja em Roma! Enquanto não elegermos os censores, sugiro que nomeemos Mamerco Emílio Lépido Liviano como Princeps Senatus provisório. Sugiro também que permaneça em Roma até que a normalidade seja restabelecida. Logo, Quinto Lutácio Catulo deverá manter o seu comando contra Lépido.

— Mas euvou governar a Hispânia Citerior! — retorquiu Catulo.

— Impossível — replicou Filipe. — Proponho que ordenemos ao nosso bom Pontifex Maximus Metelo Pio que assuma as funções de governador da Hispânia Citerior até que a situação em Roma se normalize. Só então poderemos mandar um novo governador para a Hispânia Citerior.

Como toda a gente era favorável a que o Pontifex Maximus continuasse longe de Roma e das cerimónias religiosas, Filipe conseguiu o que queria. O Senado autorizou Metelo Pio a governar a Hispânia Citerior, tal como a sua própria província, nomeou Mamerco Princeps Senatus provisório e confirmou Catulo no comando da guerra contra Lépido. Decepcionado, Catulo seguiu para a Campânia a fim de comandar as suas legiões, enquanto Mamerco, tão

decepcionado quanto ele, permaneceu em Roma.

Três dias depois, chegou a notícia de que Lépido estava a mobilizar as suas quatro legiões e que o seu legado Bruto seguira para a Gália Italiana a fim de instalar as suas duas legiões em Bonónia, no cruzamento entre a Via Emília e a Via Ânia, de onde partiriam para ir reforçar o exército de Lépido. Revoltadas por terem perdido todas as suas terras públicas, era de prever que Clúsio e Arécio oferecessem a Bruto toda a assistência de que precisava na sua marcha para se juntar a Lépido — e que bloqueassem todas as tentativas de Catulo para prevenir a marcha de Bruto. Entretanto, Filipe desferia o seu ataque.

— O nosso comandante supremo no campo de batalha, Quinto Lutácio Catulo, continua a sul de Roma — na realidade, ainda não deixou a Campânia. Lépido deixou já Saturnia e avança para sul — disse Filipe. — E estará em condições de impedir o nosso comandante-chefe de enfrentar Bruto na Gália Italiana. Além disso, imagino que o nosso comandante-chefe precisará das suas quatro legiões para conter Lépido. Nesse caso, que podemos fazer contra Bruto, que mantém nas suas mãos a chave do êxito de Lépido? Temos de enfrentar Bruto — mas temos de enfrentá-lo de uma maneira inteligente! Mas como? De momento, não temos outras legiões mobilizadas em Itália, e as duas legiões da Gália Italiana pertencem a Bruto. Nem sequer temos um Lúculo para mobilizar rapidamente pelo menos duas legiões, pois Lúculo seguiu para a Província da África, de que é o actual governador.

Os senadores escutaram estas palavras com um ar sombrio; compreendiam agora que o tempo da guerra civil não tinha acabado só porque Sila se tornara Ditador e lutara, com as suas leis, para impedir que outro homem marchasse sobre Roma. Sila estava morto há menos de um ano e eis que surgia já outro homem disposto a impor a sua vontade àquele infortunado país, e eis que surgiam regiões inteiras da Itália pegando em armas contra a cidade a que os Italianos tinham querido pertencer integralmente. Talvez houvesse, entre aqueles que não se pronunciavam, alguns senadores suficientemente honestos para reconhecerem que era, em grande parte, por sua culpa que Roma se encontrava no actual impasse; mas se os havia, nenhum deles revelou os seus pensamentos. Em vez disso, todos olhavam fixamente para Filipe, como se ele fosse um salvador, e todos esperavam que ele encontrasse uma saída.

— Há um homem capaz de conter Bruto imediatamente — disse Filipe, com um ar de superioridade. — Esse homem dispõe das tropas do pai — e, evidentemente, das suas próprias

tropas! Esses soldados trabalham para ele nas suas propriedades do Norte do Piceno

Décimo Bruto ia a abrir a boca para dar o seu consentimento, mas Mamerco, pondo a mão no braço do velho cônsul, impediu-o de fazê-lo.

— Concordarei com a apresentação dessa moção ao Senado, Décimo Júnior — disse ele. — Mas só depois de Lúcio Márcio Filipe ter clarificado uma frase do seu discurso! Filipe disse, ”reunir as suas antigas legiões”, mas não especificou quantas são as legiões! Por muito brilhante que seja a carreira militar de Pompeu, a verdade é que ele não é um membro do Senado! Não podemos autorizá-lo a reunir, em nome de Roma, todas as legiões que ache necessárias. Penso, por isso, que a moção deve especificar o número exacto de legiões que esta casa autoriza Cneu Pompeu a reunir. E que essas legiões não deverão ser mais do que duas. Bruto, o governador da Gália Italiana, tem duas legiões de soldados relativamente inexperientes, que constituem a guarnição permanente dessa província. Pompeu não precisará de mais do que duas legiões de experientes veteranos para derrotar Bruto.

Esta inteligente oposição de Mamerco não agradou a Filipe — mas a sensatez impunha-lhe que concordasse; Mamerco era um daqueles indivíduos lentos, mas persistentes, que acabavam sempre por ganhar uma forte influência sobre os senadores — e, além do mais, estava casado com a filha de Sila.

— Peço mil desculpas ao Senado! — exclamou Filipe. — Admito que a minha proposta pecou por desleixo. E agradeço ao nosso estimado Princeps Senatus e cônsul júnior a sua atempada intervenção. É evidente que eu estava a pensar em duas legiões. Peço-te, por isso, Décimo Júnior, que apresentes a moção à votação do Senado, incluindo nela o número de legiões — duas.

A moção foi posta à votação — e ninguém votou contra. Cetego esticara os braços e bocejara — esse era o sinal para que todos os seus adeptos dos bancos de trás votassem a favor da moção. E como a moção estava directamente relacionada com assuntos de guerra, a resolução senatorial tinha força de lei — em matéria de guerra e assuntos exteriores, as diversas Assembleias do Povo Romano não tinham de se pronunciar.

Depois de tantas e tão apuradas manobras políticas, aquela foi uma guerra tão breve quanto patética — se é que mereceu sequer o nome de guerra. Apesar de Lépido ter começado a marchar na

direcção de Roma muito antes de Catulo ter deixado a Campânia, Catulo conseguiu chegar primeiro que ele a Roma, tendo ocupado imediatamente o Campo de Marte. Quando Lépido quis atravessar o rio em Transtiberim (pois descera a Via Aurélia), Catulo já tinha bloqueado todas as pontes, forçando assim Lépido a seguir para norte, na direcção da Ponte Mulviana. Por isso, os dois exércitos acabaram por encontrar-se no lado nordeste da Via Lata, sob as Muralhas Sérvias do Quirinal; foi nesse local que decorreu a maior parte da batalha. Graças a alguns confrontos mais ferozes, aquilo que mais parecia um tumulto desordenado pôde aceder ao estatuto de batalha; Lépido, porém, revelou-se um péssimo táctico, incapaz de conduzir os seus homens de uma forma lógica e, naturalmente, incapaz de vencer.

Ao fim de uma hora de combates, Lépido retirou para a Ponte Mulviana, com Catulo atrás dele. A norte de Fregenas, parou e ofereceu de novo combate, mas apenas para assegurar a sua fuga para Cosa. De Cosa, conseguiu fugir para a Sardenha, acompanhado por vinte mil soldados de infantaria e mil e quinhentos soldados de cavalaria. Lépido tencionava reestruturar o seu exército na Sardenha e regressar depois a Itália para tentar impor os seus objectivos. com ele seguiram o seu filho do meio, Lúcio, o ex-governador (fiel a Carbão) Marco Perperna Veiento, e o filho de Cina. No entanto, o filho mais velho de Lépido, Cipião Emiliano, recusou-se a deixar a Itália. Barricou-se, com uma legião, dentro da velha e formidável fortaleza do monte Albano, a norte de Bovilas, e preparou-se para o cerco.

Mas o muito falado regresso de Lépido a Itália não veio nunca a dar-se. O governador da Sardenha era um velho aliado de Lúculo, um tal Lúcio Valério Triário, e resistiu ferozmente à invasão de Lépido. Em Abril desse infortunado ano, Lépido morria na Sardenha; afirmavam os seus soldados que morrera de desgosto — um desgosto que com ele vivia desde a morte da esposa. Perperna Veiento e o filho de Cina embarcaram então para a Ligúria e daí seguiram, com os seus vinte mil soldados de infantaria e os mil e quinhentos cavaleiros, para a Hispânia e Quinto Sertório. com eles seguiu Lúcio, filho de Lépido.

O filho mais velho de Lépido, Cipião Emiliano, revelou-se o mais competente dos rebeldes em termos militares, suportando o cerco em Alba Longa durante bastante tempo. Até que se viu obrigado a render-se; cumprindo ordens do Senado, Catulo executou-o.

Se a ignomínia dominara até então todos os acontecimentos, os que estavam para vir — e que envolveram Bruto — seriam ainda muito piores. Sem ter notícias de Lépido, Bruto

manteve as suas duas legiões da Gália Italiana no importante cruzamento de Bonónia; dessa forma, permitiu que Pompeu o apanhasse facilmente. O jovem Pompeu, agora com 28 anos, já tinha as suas tropas mobilizadas quando Filipe lhe garantiu a comissão especial. Porém, em vez de conduzir as suas duas legiões de Piceno até Arimino e, posteriormente, ao longo da Via Emília, Pompeu preferiu descer a Via Flamínia na direcção de Roma. No cruzamento desta estrada com a Via Cássia, a norte de Arécio, tomou a Via Cássia. Dessa forma, impediria Bruto de se juntar a Lépido — se é que alguma vez Bruto pensou que poderia fazer tal coisa.

Quando soube que Pompeu avançava pela Via Cássia e estava já próximo, Bruto retirou-se para Mutina. Esta grande cidade, dispondo de magníficas fortificações, tinha um sem-número de clientes dos Emílios (tanto dos Emílios Lépidos como dos Emílios Escauros). Daí que tenha recebido Bruto de braços abertos. Pompeu não demorou a atacar Mutina. A cidade suportou o ataque até que Bruto soube da derrota e fuga de Lépido, bem como da sua morte na Sardenha. Quando percebeu que as tropas de Lépido se iam pôr ao serviço de Quinto Sertório, Bruto caiu no mais profundo desespero — e, em vez de obrigar Mutina a novas provações, rendeu-se.

— Foi uma decisão sensata — disse-lhe Pompeu logo que entrou na cidade.

— Sensata e oportuna — disse Bruto, cansado. — Não creio, Cneu Pompeu, que seja, por natureza, um militar.

— E não és, de facto.

— Mas aceitarei com dignidade a minha morte.

Os belos olhos azuis de Pompeu abriram-se mais do que o costume.

— A tua morte? — retorquiu o jovem, espantado. — Isso não faz sentido, Marco Júnio Bruto! Tens toda a liberdade para te ires embora!

Agora era a vez de Bruto abrir muito os olhos.

— Estás a falar a sério, Cneu Pompeu?

— Claro! — retorquiu Pompeu, jovialmente. — Mas isso não quer dizer que tenhas liberdade para reorganizar a resistência. Podes, muito e simplesmente, regressar a casa.

— Nesse caso, e com a tua autorização, Cneu Pompeu,vou para as minhas terras da Úmbria Ocidental. O meu povo precisa de calma.

— Inteiramente de acordo! A Úmbria também é a minha terra. Porém, mal Bruto

atravessou a porta ocidental de Mutina, Pompeu chamou um dos seus legados, um homem chamado Gemínio, um picentino de humilde condição e baixo estatuto militar; Pompeu detestava ter por subordinados homens que, de algum modo, pudessem estar ao seu nível social e militar.

— Surpreende-me que o tenhas deixado partir — comentou Gemínio.

— Eu tinha de o deixar partir! A minha posição perante o Senado ainda não é tão alta que me permita ordenar a execução de um Júnio Bruto, sem que disponha, para tal, de provas esmagadoras. Isto apesar de eu ter um império propretoriano. Logo, cabe-te a ti descobrir essas provas esmagadoras.

— Diz-me o que pretendes, Magno, e será feito.

— Bruto disse que ia para as suas propriedades da Úmbria. No entanto, seguiu para norte, mais precisamente pela Via Emília! Parece que se enganou no caminho, não é verdade? bom, pode ser que tenha pensado em seguir por algum atalho. Ou então vai à procura de mais tropas. Quero que o sigas imediatamente, com um bom destacamento de cavalaria. Cinco esquadrões devem chegar — disse Pompeu, palitando os dentes com uma fina lasca de madeira.

— Suspeito que ele foi à procura de mais soldados, provavelmente em Régio Lépido. A tua tarefa consiste em prendê-lo e executá-lo caso detectes algum movimento traiçoeiro. Dessa forma, não poderá haver dúvidas de que ele é duplamente traidor e ninguém em Roma levantará objecções à sua morte. Entendido, Gemínio?

— Perfeitamente.

Mas Pompeu não explicou a Gemínio o principal motivo que o levara a dar aquela segunda oportunidade a Bruto. O Miúdo Carniceiro ansiava pelo comando da guerra contra Sertório e as suas hipóteses seriam muito maiores se conseguisse encontrar um pretexto para não desmobilizar as suas tropas. Se conseguisse mostrar que a Gália Italiana era um território potencialmente rebelde, ser-lhe-ia fácil manter-se nessa província com o seu exército, depois de terminada a guerra. Estaria longe o suficiente para não significar uma ameaça para Roma e, no entanto, continuaria com os seus soldados mobilizados. Pronto para seguir para Hispânia.

Gemínio fez exactamente o que lhe mandaram. Quando Bruto chegou à cidade de Régio Lépido, a norte de Mutina, os habitantes receberam-no calorosamente. Como o nome indicava, a cidade abundava em clientes dos Emílios Lépidos; e, como seria de esperar, ofereceu-

se para lutar ao lado de Bruto, caso este o desejasse. Mas antes que Bruto tivesse oportunidade de responder, já Gemínio e os seus cinco esquadrões irrompiam pela cidade. Pouco depois, no fórum de Régio Lépido, Gemínio declarou Marco Júnio Bruto inimigo de Roma e cortou-lhe a cabeça.

Depois, enviou a cabeça para Pompeu, juntamente com uma lacónica mensagem, em que Gemínio afirmava ter surpreendido Bruto a organizar uma nova insurreição, acrescentando que, em sua opinião, a Gália Italiana se encontrava extremamente instável.

Pompeu redigiu num instante o seu relatório para o Senado:

Nas actuais circunstâncias, considero ser meu dever instalar na Gália Italiana as minhas duas legiões de veteranos. Fiz dispersar os soldados comandados por Bruto; embora considerando-os desleais, o único castigo que lhes infligi foi retirar-lhes as armas e armaduras. E as suas duas águias, como é evidente. Considero que o comportamento de Régio Lépido é um sintoma da agitação geral que reina a norte da fronteira e espero que isto seja fundamento suficiente para a minha decisão de permanecer aqui.

Não vos enviei a cabeça do traidor Bruto porque, na altura da sua morte, ele era um governador com um império propretoriano, e não creio que o Senado desejasse expô-la nos rostra. Em vez disso, enviei as cinzas do seu corpo e da sua cabeça para a viúva, a fim de que esta proceda a um funeral adequado. Espero não ter errado neste ponto. Não era minha intenção executar Bruto. Foi ele próprio que se condenou a tal sorte.

Poderei respeitosamente pedir que o meu império seja prolongado? Posso desempenhar uma função útil, aqui na Gália Italiana,

defendendo a estabilidade da província em nome do Senado e do Povo de Roma.

O Senado, sob a hábil direcção de Filipe, considerou os homens que tinham participado na rebelião de Lépido como sacer; porém, como os horrores das prescrições ainda se faziam sentir, não ordenou represálias contra as suas famílias. A viúva de Marco Júnio Bruto, que já recebera o tosco vaso de barro contendo as cinzas do marido, podia dormir descansada. A fortuna do seu filho, então com seis anos, estava segura, embora tivesse ainda de lutar muito para que ele não fosse alvo de ódios políticos quando crescesse.

Servília descreveu ao filho a morte do pai, de forma a que a criança entendesse que não deveria nunca sentir a mínima admiração pelo assassino, Cneu Pompeu Magno, e que em caso

algum deveria apoiá-lo. O rapaz escutou atentamente todas as palavras da mãe, aquiescendo com um ar solene. É possível que a notícia da morte do pai tivesse produzido nele algum choque: mas, se assim foi, ninguém deu por tal.

A criança não dava ainda mostras do crescimento próprio da sua idade: continuava magrinho e enfezado, com uma estatura inferior ao normal, e uma expressão de perpétuo amuo. com cabelos e olhos muito escuros e um tom de pele oliváceo, ganhara um certo encanto próprio da idade que a mãe, com os seus olhos superlativamente parciais, confundia com uma beleza imorredoira. Quanto ao tutor, dizia que a criança demonstrava grandes capacidades na leitura, na escrita e na matemática (embora calasse que o menino não possuía sinal de originalidade ou imaginação). Servília, naturalmente, não tinha a mínima intenção de mandar Bruto para a escola, com os outros rapazes; Bruto era demasiado sensível, demasiado inteligente, demasiado precioso — sabe-se lá o que lhe poderia acontecer no meio daqueles rapazes todos!

Apenas três familiares tinham ido apresentar condolências a Servília, embora dois deles, para sermos exactos, não passassem de parentes afastados.

Depois de mortos os pais, os avós e outros familiares chegados, o tio Mamerco, a única pessoa viva a elas ligada por vínculos de sangue, tinha deixado os seis órfãos do seu irmão e da sua irmã a cargo de uma prima de Servílio Cepião e da mãe desta. Estas duas mulheres, Cnéia e Pórcia Liciniana, não podiam deixar

de apresentar condolências à viúva — uma cortesia que Servília teria perfeitamente dispensado. Cnéia continuava a ser a triste e apagada criadita de uma mãe dominadora; agora que estava quase a chegar aos trinta, mostrava-se ainda mais seca de carnes do que quando era adolescente. Pórcia Liciniana, naturalmente, dominou toda a conversa. Tal como sempre fizera ao longo da sua vida.

— Pois é verdade, Servília, nunca pensei que ficasses viúva tão cedo. Que pena! — disse a megera. — Achei espantoso que Sila tivesse poupado o teu marido e o teu sogro, não os incluindo nas listas dos prescritos, mas sempre pensei que Sila fez isso por causa de ti. Teria sido horrível — mesmo para Sila! — proscrever o sogro da sobrinha do seu próprio genro, ainda que ele tivesse razões para o fazer. O velho Bruto esteve sempre ao lado de Caio Mário e de Carbão; ao lado, não, agarrado a eles, como uma lapa. O teu casamento com Bruto salvou-vos aos dois. Pois era de crer que o filho tivesse aprendido a lição! Mas não, não aprendeu. Lançou-se numa

aventura, com aquele idiota do Lépido! Qualquer pessoa com um mínimo de bom senso teria percebido que aquilo não dava nada!

— Tem toda a razão — disse Servília, lívida.

— Lamento imenso também o que aconteceu — disse Cnéia, sem mais nem menos, unicamente porque achava que tinha de dizer qualquer coisa.

Mas o olhar que Servília lançou àquela pobre criatura não continha nenhum sinal de amor ou de compaixão; Servília desprezava-a, embora odiasse muito mais a mãe.

— Que vais fazer agora? — perguntou Pórcia Liciniana.

— Casar-me de novo o mais depressa possível.

— Casar de novo! Mas isso não é adequado a uma pessoa da tua posição! Eu nunca mais voltei a casar, depois de enviuvar.

— Provavelmente porque ninguém a pediu em casamento — retorquiu Servília, afavelmente.

Apesar de ser uma criatura insensível, Pórcia Liciniana não deixou de sentir o ferrão venenoso que havia naquela observação; ergueu-se majestaticamente e, com igual majestade, declarou:

— Cumpri o meu dever: apresentei as minhas condolências. Vamos, Cnéia, são horas de irmos andando. Não devemos atrapalhar Servília, Ela precisa de estar à vontade para procurar um novo marido.

”Pois bons ventos te levem, velha verpa!”, disse Servília para si mesma mal as duas saíram.

A terceira visita de Servília era tão pouco desejada como as outras: tratava-se do mais jovem dos seis órfãos, Marco Pórcio Catão, meio-irmão de Servília, pois eram filhos da mesma mãe, a irmã de Druso e Mamerco.

— O meu irmão Cepião teria vindo, se pudesse — disse o jovem Catão, com a sua voz áspera. — Mas está fora de Roma, com o exército de Catulo: ele é contubernalis, não sei se conheces o termo.

— Conheço — retorquiu Servília com um ar gentil, demasiado gentil para não conter uma boa dose de troça.

Mas Marco Pórcio Catão era muito menos susceptível que Pórcia Liciniana: daí que

tivesse ignorado a troça. Era já um homem, aos 16 anos, mas, tal como a sua irmã Pórcia, continuava a viver com Cnéia e Pórcia Liciniana. Mamerco vendera a casa de Druso há alguns anos, por ser demasiado grande; agora viviam todos na casa do pai de Catão.

Embora o nariz muito saliente e aquilino constituísse um óbice segundo os padrões de beleza romanos, a verdade é que Catão era um jovem muito atraente, de pele clara e ombros largos. Os seus olhos, grandes e expressivos, eram de um cinzento muito suave; o cabelo, cortado muito rente, era de um ruivo com tons acastanhados; a boca, por fim, era belíssima. No entanto, Servília achava-o o maior dos monstros — espalhafatoso, lento a aprender, insensível, e a mais quezilenta das criaturas desde que começara a andar e a falar; enfim, um verdadeiro tormento para os irmãos mais velhos.

Separavam-nos dez anos de idade e pais diferentes, mas não só; Servília era uma patrícia cuja família remontava aos tempos dos reis de Roma, ao passo que o ramo familiar de Catão remontava a uma escrava celtibera, Salónia, que fora a segunda mulher de Catão, o Censor. Para Servília, esta mancha que a mãe introduzira na sua própria família e na família do marido era absolutamente intolerável; daí que a mera visão dos seus três irmãos mais novos a deixasse furiosa e envergonhada. Perante Catão, não disfarçava tais sentimentos; no entanto, perante Cepião, suspostamente seu irmão inteiro (embora ela soubesse que não o era), tinha de reprimi-los. Por uma questão de decência. Uma decência podre!

Não que Catão sentisse qualquer estigma social; mostrava-se extremamente orgulhoso do seu avô, o Censor, e considerava a sua linhagem impecável. Como a Roma nobre perdoara a Catão, o Censor, este segundo casamento (motivado por uma vingança contra o seu enfatuado e pretensioso filho do primeiro casamento, com uma Licínia), o jovem Catão podia ter esperanças quanto a uma carreira no Senado e, muito provavelmente, quanto ao consulado.

— O tio Mamerco, pelos vistos, escolheu-te o marido errado — comentou Catão.

— Isso é falso — retorquiu Servília, sem levantar a voz. — O meu marido estava perfeitamente bem para mim. No fim de contas, sempre era um Júnio Bruto. Plebeu, talvez, mas rigorosamente nobre de ambos os lados.

— Porque será que tu não consegues ver que a linhagem de uma pessoa é muito menos importante que os seus feitos? — perguntou Catão.

— Não é menos importante, bem pelo contrário.

— Não passas de uma insuportável pretensiosa!

— Pois é isso mesmo que eu sou. E dou graças aos deuses por ser assim.

— Hás-de arruinar o teu filho.

— Isso é o que vamos ver.

— Deixa-o crescer um pouco mais, que eu passo-o para debaixo da minha asa. Vais ver como lhe arranco todas as pretensões sociais!

— Só por cima do meu cadáver.

— Não tens qualquer hipótese de me impedir. O rapaz não pode ficar agarrado às saias da mãe para toda a vida! Como ele não tem pai, sou eu que estou in loco parentis.

— Não será por muito tempo. Euvou voltar a casar.

— Uma nobre romana não deve voltar a casar! Sempre pensei que tu gostarias de imitar Cornélia, a mãe dos Gracos!

— Sou demasiado sensata para isso. Uma nobre romana, de linhagem patrícia, deve ter um marido capaz de garantir a sua proeminência na sociedade. Um marido tão nobre quanto ela, é claro.

Ele deu um riso relinchado.

— Não me digas que vais casar com um pateta como o Druso Nero!

— A minha irmã Lila é que está casada com Druso Nero.

— Detestam-se um ao outro.

— Choro lágrimas de sangue pelos dois.

— Pois euvou casar com a filha do tio Mamerco — disse Catão, com um ar todo inchado.

Servília olhou muito fixamente para o meio-irmão e depois desatou a rir com um ar trocista.

— Ai isso é que não vais! Emília Lépida está prometida em casamento a Metelo Cipião. O contrato foi feito há vários anos, quando o tio Mamerco estava com o pai de Metelo, Metelo Pio, no exército de Sila. E comparado com Metelo Cipião, tu não és nada!

— Não faz diferença. Pode ser que Emília Lépida esteja prometida a Metelo Cipião. Só que ela não gosta dele. Têm disputas a todo o momento. E para quem é que ela se vira quando ele a magoa? Para mim, evidentemente! Casarei com ela: disso podes estar certa!

— Não haverá nada debaixo do sol capaz de abater a tua inacreditável prosápia? — perguntou ela.

— Se há, nunca dei por isso — retorquiu ele, imperturbável.

— Não te preocupes, um dia hás-de dar.

Catão deu mais um dos seus risinhos relinchados.

— Isso era o que tu querias!

— Não é uma questão de querer, mas de saber. Eu sei que essa tua prosápia há-de evaporar-se, um dia.

— A minha irmã Pórcia já está arrumada — disse Catão, não porque quisesse mudar de assunto, mas simplesmente porque queria dar aquela informação.

— com um Aenobarbo, não é? O jovem Lúcio?

— Correcto. Vai casar com o jovem Lúcio. Gosto dele! É um tipo com as ideias certas!

— Uma nulidade como tu!

— Vou-me embora — disse Catão, levantando-se.

— Bons ventos te levem! — disse Servília, mas desta feita em voz alta.

E foi assim que Servília se foi deitar essa noite na sua cama vazia, mergulhada numa mistura de tristeza e determinação. com que então não aprovavam a sua intenção de se voltar a casar! com que então achavam que ela estava acabada!

— Pois estão enganados! — disse ela em voz alta, e adormeceu. Na manhã seguinte, foi visitar o tio Mamerco, com quem mantivera sempre uma boa relação.

— És o executor do testamento do meu marido — disse ela. — Quero saber o que vai acontecer ao meu dote.

— O dote continua a ser teu, Servília. Mas agora que és viúva, não vais precisar dele. Marco Júnio Bruto deixou-te dinheiro suficiente para viveres confortavelmente e o filho dele é agora um jovem abastado.

— Tio, eu não gostaria de viver sozinha o resto da vida. Quero voltar a casar. Isto é, se por acaso me arranjares um marido adequado.

Mamerco pestanejou.

— Uma decisão rápida, Servília!

— Não tenho tempo a perder.

— Não podes voltar a casar-te nos próximos nove meses, Servília.

— Isso dá-te tempo para me encontrares um bom marido — disse a viúva. — Terá de ser um homem pelo menos tão bem nascido e tão rico como Marco Júnio, mas de preferência mais novo.

— Que idade tens?

— Vinte e sete.

-"- Um homem de trinta anos era o que te convinha, não?

— Era o ideal, tio Mamerco.

— Mas não um caçador de fortunas, é claro. Ela ergueu muito as sobrancelhas.

— Nem pensar, tio! Mamerco sorriu.

— Está bem, Servília.vou começar a fazer as minhas sondagens. Não deve ser difícil. Tens uma linhagem superlativa e um dote de duzentos talentos e, além disso, és fértil. Nem tu nem o teu filho serão uma carga financeira para o teu novo marido. Sim, creio que conseguiremos arranjar-te uma boa situação!

— A propósito, tio — disse ela, ao levantar-se para sair. — Sabes que o jovem Catão anda de olho na tua filha?

— O quê?

— O jovem Catão anda de olho em Emília Lépida.

— Mas ela já está comprometida — com Metelo Cipião!

— Foi o que eu disse a Catão, mas, pelos vistos, ele não considera esse compromisso como um impedimento. Claro que eu não acredito que Emília Lépida tenha alguma vez pensado em trocar Metelo Cipião por Catão. Mas faltaria aos meus deveres se não te informasse do que o jovem Catão anda por aí a dizer.

— bom, é verdade que eles são bons amigos — disse Mamerco, algo perturbado. — Mas ele tem a mesma idade que Emília Lépida! Normalmente, as raparigas não se interessam por rapazes da mesma idade.

— Repito, tio: não sei se ela está interessada em Catão. Tudo o que eu digo é que Catão está interessado nela. Corta o mal pela raiz, tio, corta o mal pela raiz!

Pois isto pôr-te-á no teu lugar, Marco Pórcio Catão!, disse Servília para si mesma, ao sair para a sossegada rua do Palatino onde viviam Mamerco e Cornélia Sila. Como te atreves a olhar

para tão alto? Sim, porque a filha de Mamerco é uma patrícia, tanto do lado paterno como do lado materno!

E lá foi ela para casa, toda contente consigo mesma. Em certos aspectos, Servília não lamentava a reviravolta que a sua vida sofrera, por causa da viuvez; embora, na altura do casamento, não tivesse achado Marco Júnio Bruto demasiado velho, ao fim de oito anos de casada já o considerava um homem velho para ela; e isso deixava-a desesperada, pois poderia significar que não voltaria a ter filhos. Um filho já era bastante, mas não havia dúvida de que várias raparigas constituiriam um bom contributo; se tivessem bons dotes, encontrariam maridos interessantes, os quais podiam ser muito úteis, politicamente, para o seu filho. Sim, a morte de Bruto fora um choque para ela. Mas não sofria por isso.

Foi o próprio chefe dos criados que lhe abriu a porta.

— Que se passa, Dito?

— Tens uma visita, domina.

— Ao fim de tantos anos, grego imbecil, já devias saber anunciar melhor as visitas! — atirou-lhe ela, desfrutando do involuntário estremecimento de medo do criado. — Que visita é essa?

— Ele disse que se chamava Décimo Júnio Silano.

— Ele disse que se chamava Décimo Júnio Silano. Portanto: ou ele é quem diz que é, ou então não é! Em que ficamos, Epafrodito?

— É Décimo Júnio Silano.

— Levaste-o para o meu gabinete?

— Sim.

Servília encaminhou-se para o seu gabinete, ainda vestida com a sua palia preta, esforçando-se por se lembrar do homem que teria aquele nome. Era da mesma Família Famosa que o seu falecido marido, mas do ramo que fora cognominado Silano, porque o primeiro homem a usar essa alcunha, ao contrário do malicioso e feio Silano, de cuja boca saía água em todas as fontes de Roma, era, aparentemente, muito bonito. Possuindo a mesma reputação que os Mémios, os Júnios Silanos continuavam a ser particularmente bonitos.

Estendendo a sua mão à viúva, Silano disse-lhe que viera visitá-la para lhe apresentar as condolências e para lhe oferecer toda a assistência de que ela precisasse.

— Imagino que deve ser uma situação muito difícil para ti — concluiu ele, um tanto constrangido e corado.

Aquele rosto só podia ser de um Júnio Silano: cabelo louro, olhos azuis e muito, muito atraente. Servília gostava de homens bonitos e louros. Deixou que a mão dele envolvesse a sua não mais do que a decência recomendava e depois virou-se e colocou a sua palia nas costas da cadeira do falecido marido, revelando as vestes negras que usava por baixo. Aquela cor ficava-lhe bem pois tinha uma tez muito clara, embora os olhos e o cabelo fossem de um negro tão azeviche como as suas roupas de viúva. Por outro lado, sabia vestir-se bem, com requinte mas sem exageros; daí que o espantado Silano encontrasse uma Servília tão elegante como a que conhecera muito tempo antes.

— Não sei se te conheço, Décimo Júnio... — disse ela, fazendo um gesto para que ele se sentasse no divã, enquanto ela própria se sentava numa cadeira.

— Conheces, de facto, Servília. Mas já foi há tanto tempo... Conhecemo-nos num jantar em casa de Quinto Lutácio Catulo, pouco tempo antes de Sila se ter tornado Ditador. Não falámos muito, mas lembro-me de que tinhas dado à luz um filho pouco tempo antes.

O rosto dela iluminou-se.

— Ah, sim, claro! Desculpa a minha indelicadeza! — Levou a mão à cabeça, com um ar triste. — Mas já me aconteceu tanta coisa desde então...!

— Não penses nisso — disse ele, afectuosamente; depois, calou-se, de olhos postos no rosto dela.

Servília pigarreou delicadamente.

— Posso oferecer-te vinho?

— Não, obrigado.

— Vejo que não trouxeste a tua mulher, Décimo Júnio. Como está ela?

— Eu não tenho mulher, Servília.

— Ah!

Sob a capa de um rosto sedutoramente secreto, Servília não parava de pensar. Ele gostava dela! Não havia dúvida: ele gostava dela! E, pelos vistos, já há algum tempo! Além do mais, era um homem honrado. Sabendo que ela era casada, não se aventurara a desenvolver o seu relacionamento com ela ou com o marido. Mas agora que ela enviuvara, queria ser o primeiro,

queria afastar desde já todos os outros concorrentes. Era um homem bem nascido, mas... seria rico? Era o filho mais velho, já que tinha o primeiro nome da família, Décimo: Décimo era o primeiro nome do filho mais velho, entre os Júnios Silanos. Parecia ter 30 anos, e assim era de facto. Mas seria rico? O melhor era investigar.

— Estás no Senado, Décimo Júnio?

— Entrei este ano. Sou questor urbano.

Óptimo, óptimo! Pelo menos tinha um censo senatorial.

— Onde ficam as tuas terras, Décimo Júnio?

— Ah, por todo o lado. As minhas principais propriedades ficam na Campânia — vinte mil iugera junto ao Volturno, entre Telésia e Cápua. Mas também tenho terras junto ao Tibre, uma grande propriedade no golfo de Tarento, uma villa em Cumas e outra em Larino — disse ele, desejoso de a impressionar.

Servília encostou-se um nada na sua cadeira e suspirou muito baixinho. Aquele homem era muito rico. Extremamente rico.

— Como está o teu filho? — perguntou.

Essa era uma obsessão que ela não conseguia esconder — mal lhe falavam no filho, os seus olhos ganhavam um estranho brilho e o seu rosto enchia-se de uma paixão que não se coadunava com os traços naturalmente enigmáticos — Sente a falta do pai, mas creio que compreende. Décimo Júnio Silano levantou-se.

— É tempo de eu ir andando, Servília. Posso voltar?

Os olhos dela semicerraram-se e um tremor agitou-lhe as fartas pestanas negras. As faces coloriram-se de um tênue rosa e um ligeiro sorriso alegrou-lhe a boca.

— Claro, Décimo Júnio. Ficaria muito contente.

Ora aqui tens, Pórcia Liciniana!, disse ela para si mesma, exultante, enquanto conduzia Silano até à porta. Encontrei já um marido e ainda não sou viúva há um mês! Ah, a surpresa que o tio Mamerco vai ter!

Um mês depois da morte de Marco Júnio Bruto, Lúcio Márcio Filipe escreveu a seguinte carta a Cneu Pompeu Magno:

É verdade que ainda estamos na segunda metade do ano, mas, fazendo um balanço, podemos dizer que as coisas estão a correr extremamente bem. Esperava manter Mamerco

permanentemente em Roma, mas, após a notícia das mortes de Bruto e Lépido, recusou-se a acreditar que o seu cargo de Princeps Senatus o obrigava a ficar em Roma por mais tempo e pediu ao Senado que o autorizasse a preparar-se para a guerra contra Sertório. Os nossos bodes senatoriais depressa se transformaram em ovelhas, dando a Mamerco as quatro legiões pertencentes a Catulo, que se encontravam em Cápua à espera de desmobilização. Catulo, apresso-me a acrescentar, está muito satisfeito com os resultados da sua pequena campanha contra Lépido; imerecidamente, ganhou uma notável reputação militar, sem precisar de ir mais longe que o Campo de Marte; com tal reputação, não lhe foi difícil convencer o Senado a dar a Mamerco o governo da Hispânia Citerior e o comando da guerra contra Sertório.

É possível que Mamerco seja o homem de que a Hispânia precisa. Portanto, tenho de fazer com que ele não chegue lá nunca. Porque pretendo conseguir para ti uma comissão especial na Hispânia, antes que Lúculo tenha tempo de voltar de África. Afortunadamente, creio que acaba de me chegar às mãos o instrumento necessário para frustrar as ambições de Mamerco. Ele — claro que se trata de um homem! — é um dos vinte questores deste ano, e chama-se Caio Élio Estaieno. Além disso, foi integrado, por sorteio, no exército do cônsul! Por outras palavras: tem estado em Cápua a trabalhar para Catulo desde o início do seu mandato, e, de futuro, trabalhará para Mamerco.

Olha que é difícil encontrar maior vilão, meu caro Magno! Até agora, só encontrei um igual a ele — Caio Verres, o qual, depois de ter assegurado a condenação e o exílio do jovem Dolabela, testemunhando contra ele no processo movido pelo jovem Escauro, se pavoneia agora por Roma ao lado da mulher com quem recentemente se casou, uma Cecília Metela, nem mais nem menos! A filha de Metelo Caprário, o Bode, e irmã daqueles três promissores jovens que são, infelizmente, o melhor que os Cecílios Metelos produziram nesta geração. Uma verdadeira proeza.

Mas voltando ao que interessa. Abordei o nosso vilão, Caio Élio Estaieno, e garanti os seus serviços. Não chegámos a falar de uma maquia específica, mas é certo e sabido que ele não vai sair barato. Fará, no entanto, o que lhe for ordenado. Disso estou certo. A ideia dele é fomentar um motim entre as tropas algum tempo depois de Mamerco se ter instalado em Cápua — o tempo suficiente para se perceber que Mamerco é o motivo do motim. Ousei referir que aqueles soldados eram veteranos de Sila e que, por isso, dificilmente se virariam contra o genro

do seu amado Sila, mas Estaieno desatou a rir das minhas dúvidas. Um riso tão confiante e sincero que logo as minhas apreensões se evaporaram. De qualquer modo, só podemos esperar grandes coisas de um homem que conseguiu ser adaptado pelos Élios e que tudo faz para que as pessoas o tratem por Peto, em vez de Estaieno! Impressiona todo o género de homens, mas em especial os das classes baixas, que aprovam o seu estilo oratório e se deixam inflamar facilmente por ele.

Como conto agora com a oposição de Estaieno ao comando de Mamerco, tive de mudar de estratégia — sempre que encontro Mamerco, pergunto-lhe por que razão continua ele em Roma, em vez de seguir para Cápua, onde já deveria estar a preparar as tropas. Creio que, o mais tardar em Setembro, Mamerco será vítima de uma gigantesca revolta. E logo que me cheguem notícias desse motim, tratarei de insistir junto do Senado para que opte pela cláusula da comissão especial.

Felizmente, as coisas nas Hispânias vão de mal a pior, o que só me facilita o meu trabalho. Portanto, sê paciente e mantém-te animado, meu caro Magno! A coisa acabará por acontecer. E acontecerá mais cedo do que poderíamos esperar. Tão cedo que poderás atravessar os Alpes antes que as neves cubram e bloqueiem os desfiladeiros.

O motim, que ocorreu no início do mês de Sextilis, foi preparado de uma forma muito inteligente por Caio Élio Estaieno — não houve sangue derramado, nem confrontos amargos, e impregnava-o uma tal sinceridade que a sua vítima, Mamerco, se viu sem vontade de disciplinar os soldados. Uma delegação fora ter com ele e anunciara, com inquebrantável firmeza, que as legiões só iriam para Hispânia se fossem comandadas por Cneu Pompeu Magno, porque acreditavam que só Cneu Pompeu Magno conseguiria vencer Quinto Sertório.

— E talvez — disse Mamerco, no Senado, onde apresentou o seu relatório, tão abalado pelo choque que só podia estar a ser sincero — eles tenham razão! Confesso que não os censuro. Deram provas do maior respeito. Soldados com uma tal experiência de guerra têm normalmente um faro muito apurado para este tipo de questões. E, por outro lado, eles conhecem-me bem. Se eles pensam que eu não posso vencer Quinto Sertório, então devo perguntar a mim mesmo se realmente terei possibilidades de o vencer. Se eles acham que Cneu Pompeu Magno é o único homem à altura para tal missão, então devo perguntar a mim mesmo se por acaso não terão razão.

Estas palavras calmas e sinceras produziram um profundo efeito nos senadores, os quais — mesmo os das bancadas da frente — se sentiam, não indignados, mas inclinados ao debate. O que tornou tudo muito mais fácil para Filipe.

— Pais Conscritos, — começou ele, com amor na voz —, é tempo de enfrentarmos a situação na Hispânia sem paixão, nem preconceitos. Confesso que foi para mim uma experiência notável escutar o nosso inteligente cônsul júnior, o nosso Princeps Senatus, Mamerco Emílio Lépido Liviano! Permitam-me, pois, que prossiga no mesmo tom comedido e ponderado.

Filipe virou-se, olhando para todos os rostos que conseguia ver da sua posição no lado esquerdo da primeira fila.

— Foi fácil entender os primeiros êxitos de Quinto Sertório, depois de ter regressado a Hispânia para se juntar aos Lusitanos, já lá vão três anos e meio. Homens como Lúcio Fufídio tinham-no em pouca conta e, por isso, avançaram precipitadamente para as batalhas. Quando o nosso Pontifex Maximus, Quinto Cecílio Metelo Pio, chegou à Hispânia Ulterior, e o seu colega Marco

Domício Calvino chegou à Hispânia Citerior, todos nós sabíamos que ia ser difícil bater Quinto Sertório. Na primeira campanha, o legado de Sertório, Lúcio Hirtuleio, atacou as seis legiões de Calvino apenas com quatro mil homens! — e esmagou Hirtuleio. Calvino morreu no campo de batalha. Tal como a maior parte dos seus soldados. Sertório movimentou-se então contra Pio, embora preferisse concentrar-se no melhor legado de Pio, Tório. Tório morreu no campo de batalha e as suas três legiões sofreram grandes baixas. O nosso querido Pio viu-se obrigado a retirar para Olisipo, junto ao rio Tejo, com Sertório no seu encalço. Era sua intenção passar o Inverno em Olisipo.

”No ano seguinte, ou seja, o ano passado, não se registaram grandes batalhas. Mas também não houve grandes êxitos! Pio passou o tempo a tentar escapar às garras de Sertório, enquanto Hirtuleio devastou a Hispânia Central, estabelecendo a ascendência de Sertório entre as tribos celtiberas. Sertório já tem os Lusitanos na palma da mão e são muitas as possibilidades de que conquiste toda a Hispânia — exceptuando as terras entre o rio Bétis e as montanhas Orospeda, onde Pio concentrou tantas forças que Sertório dificilmente se sentirá tentado a atacá-lo.

”Mas o governador da Gália Transalpina do ano passado, Lúcio Mânlio, pensou que

conseguiria desferir um rude golpe em Sertório. Por isso, atravessou os Pirenéus e avançou pela Hispânia Citerior com quatro legiões. Hirtuleio enfrentou-o junto ao rio Ebro e infligiu-lhe uma tal derrota que Lúcio Mânio foi obrigado a retirar imediatamente para a sua província. Onde, como depressa descobriu, já não podia considerar-se em segurança! Hirtuleio seguiu-o e infligiu-lhe uma segunda derrota.

”Este ano não tem sido melhor para nós, Pais Conscritos. A Hispânia Citerior ainda não recebeu o seu governador e a Hispânia Ulterior continua sob o governo de Pio, o qual não conseguiu mover-se para oeste do Bétis, nem para norte das Orospeda. Sem oposição, Quinto Sertório atravessou o desfiladeiro de Consabura, penetrou na Hispânia Citerior e instalou a sua capital em Osca — reparem que ele teve a audácia de organizar a sua ocupação dos territórios de Roma ao longo das posições romanas! Possui uma capital oficial e um senado — e até mesmo uma escola, onde tenciona ensinar Latim e Grego aos filhos dos chefes bárbaros, para que eles possam vir a ser os chefes da Hispânia Sertoriana!

Os seus magistrados possuem títulos romanos, o seu senado é composto por trezentos homens. E agora, conta com o apoio de Marco Perperna Veiento e das forças de Lépido que conseguiram fugir da Sardenha.”

Nada disto era novo; toda a gente conhecia bem aqueles factos. Mas nunca ninguém os condensara num discurso breve, desapaixonado e firme. O Senado soltou um suspiro colectivo e deixou-se afundar nos bancos, acometido de total impotência.

— Pais Conscritos, nós temos de enviar um governador para a Hispânia Citerior! Nós bem tentámos, mas Lépido impediu que Quinto Lutácio seguisse para esse território; por outro lado, um motim impediu o nosso Princeps Senatus de o fazer. Não tenho a mínima dúvida de que este governador terá de ser um homem muito especial. O seu primeiro dever será fazer a guerra; só depois governará! De facto, podemos dizer que o seu primeiro dever será o seu único dever! Das catorze legiões que acompanharam Pio e Calvino, há dois anos e meio, parece que só existem sete, e todas elas se encontram com Pio, na Hispânia Ulterior. Na Hispânia Citerior há soldados — mas pertencem a Quinto Sertório. Não há ninguém nessa província capaz de se lhe opor.

”O homem que mandarmos para a Hispânia Citerior terá de levar um exército consigo — não podemos retirar tropas a Pio. E nós temos o núcleo desse exército instalado em Cápua —

quatro boas legiões, compostas, na sua maior parte, por veteranos de Sila. Os quais afirmaram, de forma muito clara, que só iriam para Hispânia se fossem comandados por Cneu Pompeu Magno. Que não é senador, mas cavaleiro."

Filipe fez uma longa pausa para que estas últimas palavras penetrassem bem no espírito dos senadores. Quando recomeçou, o seu tom de voz era mais vivo e prático.

— Portanto, meus colegas senadores, temos uma sugestão, graças ao exército de Cápua — Cneu Pompeu Magno. No entanto, a lei de Lúcio Cornélio Sila estipula que, antes de aceitarmos tal sugestão, devemos ver se existe no Senado alguém que queira assumir o comando e que possua as qualificações militares necessárias para o assumir. Gostaria, pois, de saber se existe tal homem neste Senado.

Virou-se para o pódio curul e olhou para o cônsul sénior.

— Décimo Júnio Bruto, queres o comando?

— Não, Lúcio Márcio, não quero. Sou demasiado velho e demasiado fraco em questões de guerra.

— Mamerco?

— Não, Lúcio Márcio, não quero. O meu exército recusou-me.

— Pretor urbano?

— Mesmo que o meu cargo me permitisse deixar Roma durante mais de dez dias, a minha resposta seria negativa — retorquiu Cneu Aufídio Orestes.

— Pretor externo?

— Não, Lúcio Márcio, não quero — disse Marco Aurélio Cota. Após o qual, mais seis pretores declinaram a proposta. Filipe virou-se então para as filas da frente e começou a perguntar aos consulares.

— Marco Túlio Decula?

— Não.

— Quinto Lutácio Catulo?

— Não.

E assim continuou — todas as respostas eram negativas, Filipe fez de conta que perguntava a si mesmo, e respondeu:

— Não, não quero! Sou demasiado velho, demasiado gordo — e um desastre, do ponto

de vista militar.

Virou-se então para todo o Senado.

— Há alguém nesta casa que se sinta qualificado para assumir este alto comando? Caio Escribónio Curió, por exemplo?

Curió teria adorado responder que sim: mas Curió fora comprado e a honra ditava a sua resposta.

— Não.

Havia, entre os presentes, um senador muito jovem que teve de agarrar as pernas e morder na língua para permanecer quieto e silencioso; mas não foi difícil conter-se, porque sabia que Filipe nunca concordaria com a sua nomeação. Caio Júlio César só chamaria as atenções para a sua pessoa se tivesse algumas garantias de que a sua nomeação poderia ser aceite.

— Nesse caso — disse Filipe —, temos de recorrer à comissão especial e a Cneu Pompeu Magno. Todos nós ouvimos estas respostas negativas dos nossos colegas senadores. É possível que, entre os senadores e promagistrados que se encontram actualmente no estrangeiro, haja homens adequados para este comando. Mas nós não podemos esperar mais tempo! A situação tem de ser enfrentada agora, pois, caso contrário, perderemos as Hispânias! E parece-me evidente que o único homem disponível e adequado a tais funções é Cneu Pompeu Magno! Que é cavaleiro, e não senador. Mas tem experiência militar desde os dezasseis anos, e desde os vinte e um anos que conduz as suas próprias legiões em sucessivas batalhas! O nosso falecido Ditador preferia-o a todos os outros homens. E com razão! O jovem Pompeu Magno tem experiência, talento, um número infindo de soldados veteranos e os interesses de Roma no coração.

”Dispomos dos meios constitucionais para nomear este jovem governador da Hispânia Citerior com um império proconsular, para o autorizar a comandar as legiões que acharmos adequadas e para tolerar o seu estatuto de cavaleiro. No entanto, gostaria de pedir que, ao entregarmos a Pompeu Magno esta comissão especial, não sugeríssemos que o consideramos como alguém que já assumiu as funções de cônsul. Non pró consule, sed pró consulibus — que ele não seja visto como um cônsul depois do seu ano em funções, mas sim como alguém que actua em nome dos cônsules do ano. Dessa forma, ele não poderá esquecer-se de que a sua comissão é efectivamente especial.”

Filipe sentou-se; Décimo Júnio Bruto, o cônsul sénior, levantou-se.

— Membros desta casa, proponho uma divisão. Aqueles que são a favor da concessão de uma comissão especial com um império proconsular e seis legiões a Cneu Pompeu Magno, cavaleiro, deverão colocar-se à minha direita. Aqueles que se opõem, deverão colocar-se à minha esquerda.

Ninguém se colocou à esquerda de Décimo Bruto. Nem mesmo o muito jovem senador Caio Júlio César.

QUINTUS SERTÓRIUS

Pompeu não tinha ninguém com quem partilhar as novidades quando a carta de Filipe chegou a Mutina; e o mesmo sucedeu quando, nos Idos de Sextilis, recebeu as directivas do Senado. Continuava a tentar convencer Varrão de que a expedição a Hispânia seria interessante e benéfica para um promissor estudioso dos fenômenos naturais e artificiais, mas as respostas de Varrão às suas muitas missivas revelavam pouco entusiasmo. Os filhos de Varrão estavam numa idade que ele achava deliciosa e, por isso, não tinha o mínimo desejo de se ausentar de Roma por um período de tempo que, com toda a certeza, seria longo.

O novo procônsul que nunca fora cônsul estava muito bem preparado e sabia perfeitamente como haveria de proceder. Em primeiro lugar, escreveu ao Senado para o informar de que levaria três das quatro legiões que tinham pertencido a Catulo e depois a Mamerco, e três legiões constituídas pelos seus próprios veteranos. No entanto — acrescentava —, a guerra que Metelo Pio estava a travar na Hispânia Citerior não parecia privilegiar o ataque e, por outro lado, desde que Metelo Pio fora para essa região, a tónica mudara da Hispânia Ulterior para a Hispânia Citerior; por isso, pedia ao Senado que ordenasse a Metelo Pio que desse uma das suas sete legiões a Pompeu. Finalmente, o seu valoroso cunhado, Caio Mémio, era agora tribuno dos soldados com Metelo Pio, mas, no ano seguinte, seria já demasiado velho para disputar o cargo de questor; seria possível autorizar Caio Mémio a disputar o cargo de questor in absentia e a integrar depois a equipa de Pompeu como questor para a Hispânia Citerior?

O assentimento do Senado (que Filipe dominava agora a seu belprazer) chegou antes de Pompeu deixar Mutina, fortalecendo a sua convicção de que o Senado lhe daria tudo o que quisesse. Pai de um rapaz com quase dois anos de idade e de uma menina que nascera naquele ano,

Pompeu deixara Múcia Tércia na sua fortaleza de Piceno depois de ter comunicado à esposa e aos criados que ela não deveria visitar Roma durante a sua ausência. A campanha seria longa e Pompeu não via qualquer interesse em expor a bela e enigmática esposa a certas tentações.

Embora tivesse já reunido mil cavaleiros das suas antigas unidades de cavalaria, Pompeu tencionava recrutar mais cavaleiros na Gália Transalpina, e essa era uma das razões que o levava a ir para a Hispânia por terra. Além disso, era um péssimo marinheiro, tinha medo do mar e não confiava nos transportes marítimos para chegar a tempo e em boas condições à sua nova província, apesar de os ventos de Inverno favorecerem a viagem.

Todos os mapas haviam já sido estudados, todos os mercadores e viajantes que costumavam usar a estrada para a Hispânia haviam sido inquiridos. A Via Domícia, no entanto, apresentava um sem-número de dificuldades, como Pompeu teve oportunidade de verificar.

Marco Perperna Veiento, acompanhado pelo que restava do exército de Lépido, passara, meses antes, por essa mesma estrada a caminho da Hispânia, e fizera o possível por fomentar a inimizade contra Roma na região. Daí resultou que todas as principais tribos da Gália Transalpina se tivessem revoltado — os Hélvios, os Vocôncios, os Salúvios, os Volcas Arecomicos.

Para Pompeu, esta agitação tribal significaria uma série de atrasos na sua marcha para a Hispânia, pois a Gália Transalpina estava cheia de povos hostis a Roma e que eram temíveis guerreiros. Não tinha dúvidas quanto ao seu êxito no confronto com esses povos, mas queria desesperadamente chegar a Hispânia antes do Inverno; se queria ser ele, e não Metelo Pio, a ganhar a guerra, não poderia demorar um ano a chegar a Hispânia — e essa era uma perspectiva muito provável, dada a agitação na Gália Transalpina. Todos os desfiladeiros ao longo dos Alpes se encontravam guardados por alguma das tribos revoltosas; os Salúvios, caçadores de cabeças, controlavam a cordilheira dos Alpes Marítimos, os Vocôncios ocupavam o vale do rio Druência e o desfiladeiro do monte Genebra, os Hélvios guardavam as regiões médias do vale do Ródano, e os Volcas Arecomicos controlavam a Via Domícia, sob o maciço central de Cebena.

Claro que juntaria louros à sua coroa, se acabasse com todas estas insurreições bárbaras — mas louros de pouca qualidade. Aquelas tribos estavam entre ele e Sertório. Logo, a questão era esta: como evitar uma demorada e dispendiosa viagem pela Gália Transalpina?

A resposta ocorreu-lhe antes de deixar Mutina, na primeira metade de Setembro: evitaria

as estradas habituais, abrindo uma nova estrada. O maior dos afluentes do rio Pó era o Dúria Maior, que descia com rapidez e violência extremas desde os picos mais elevados, os picos situados entre as planícies da Gália Italiana Ocidental e os lagos e rios que corriam na Gália Comata Oriental — o lago Lemano, o alto Ródano e o poderoso rio Reno, que separava as terras dos Gauleses das terras dos Germanos. A belíssima fenda esculpida nas montanhas pelo Dúria Maior fora desde sempre conhecida como o vale dos Salássios, por ser habitada pela tribo gaulesa com esse nome; uma geração antes, fora encontrado ouro no leito desse rio e os prospectores romanos não perderam tempo — no entanto, os Salássios resistiram tão fortemente a esta intrusão romana que, desde então, as tentativas para explorar o ouro da região não tinham passado da cidade de Eporédia, que ficava praticamente no princípio do vale.

Porém, segundo se dizia, do ponto mais alto do vale dos Salássios partiam dois caminhos que atravessavam os Alpes Peninos. Um deles era um caminho de cabras que conduzia às montanhas mais altas e a uma cidade da tribo dos Veragros denominada Octoduro e que, depois, acompanhava o curso do Ródano até este entrar na ponta oriental do lago Lemano; devido à sua altitude (mais de três mil metros), este caminho só era praticável durante o Verão e o princípio do Outono, além de que era demasiado traiçoeiro para permitir a passagem de um exército. O segundo caminho ficava a uma altitude de cerca de dois mil metros e era suficientemente largo para receber carroças e outros transportes, embora não dispusesse de pavimento, nem contasse com qualquer vigilância romana; conduzia às nascentes do rio Isara e às terras dos Alóbroges e depois ao Ródano, sensivelmente a meio do seu curso em direcção ao mar Mediterrâneo. Os Germanos Címbrios tinham fugido por esse caminho depois de terem sido derrotados por Caio Mário e Catulo César em Vercelas, embora os seus progressos tivessem sido lentos e muitos dos seus soldados tivessem sido mortos pelos Alóbroges, e também pelos Ambarros, mais a oeste.

Durante a primeira entrevista que teve com um grupo de Salássios pró-Romanos, Pompeu desistiu da hipótese do caminho mais elevado; mas o outro caminho interessou-o fortemente. Era um caminho suficientemente largo para os transportes — logo, também o seria para as suas legiões e, assim esperava, para a sua cavalaria. O tempo real estava atrasado cerca de um mês em relação ao calendário: por isso, poderia atravessar os Alpes Graias no pino do Verão se por acaso se pusesse

a caminho no início de Setembro, e, por outro lado, as hipóteses de haver neve a dois mil metros de altitude eram mínimas. Decidiu não usar carroças para o transporte de bagagens, confiando que conseguiria provisões e equipamento na zona de Narbona, na ponta mais extrema das províncias gaulesas; por isso, requisitou todas as mulas que houvesse — os animais transportariam as cargas que fosse necessário transportar.

— Vamos marchar a um ritmo rápido, por muito difícil que seja o terreno — disse ele ao seu exército, ao alvorecer do dia em que partiram. — Quanto menos notícias tiverem os Alóbroges sobre a nossa marcha, tanto maiores serão as nossas possibilidades de não nos vermos envolvidos numa guerra que eu preferia não travar. Teremos de chegar aos Pirenéus antes que esteja fechado o caminho menos elevado que conduz à Hispânia! A Gália Transalpina pertence moralmente aos Domícios Aenobarbos — e, no que me diz respeito, podem perfeitamente ficar com ela! O que eu quero é estar na Hispânia Citerior no Inverno. E estaremos na Hispânia Citerior no Inverno!

Ao chegar ao ponto mais alto do vale dos Salássios, em fins de Setembro, o exército meteu pelo menos elevado dos dois caminhos possíveis — e, surpreendentemente, deparou com muito pouca oposição tanto a nível do terrreno, como a nível dos povos que viviam na zona. Pompeu desceu depois ao vale do Isara e às terras dos ferozes Alóbroges — apanhados de surpresa, os Alóbroges nem tiveram tempo de brandir as lanças. Só quando chegou ao Ródano é que Pompeu deparou com uma oposição organizada. Eram os Hélvios, que viviam na margem ocidental do grande rio e em parte do maciço de Cebena. No entanto, Pompeu não teve a mínima dificuldade em vencê-los — acabando mesmo por ficar com reféns, o que era uma boa maneira de garantir o bom comportamento da tribo, no futuro. Os Vocôncios e Salúvios que tiveram a coragem de se aventurar pelas planícies do Ródano acabaram por ter a mesma sorte — tal como, aliás, os Volcas Arecomicos, depois de o exército de Pompeu ter atravessado os pântanos entre Arelate i
e Nemauso. Vencido o último perigo, Pompeu juntou as várias centenas de reféns e mandou-os para Massília, onde ficariam sob a custódia romana.

Antes do Inverno, tinha já atravessado os Pirenéus e instalara-se num magnífico acampamento entre os civilizados Indígenas, perto da cidade de Empórias. Pompeu estava já na Hispânia Citerior, mas apenas a poucos quilômetros da fronteira. O procônsul que nunca fora

senador — e muito menos cônsul — decidiu então escrever ao Senado, contando as suas aventuras desde que deixara a Gália Italiana, e dando um realce especial à sua coragem e ousadia — como se via pelo facto de ter aberto um novo caminho através dos Alpes — e à facilidade com que derrotara a oposição gaulesa.

Sem dispor da ajuda de Varrão, que dava sempre um retoque final à sua prosa chã e muito limitada, Pompeu escreveu depois ao outro procônsul, Metelo Pio, o Bacorinho, que se encontrava na Hispânia Ulterior.

Cheguei a Empórias e instalei o meu acampamento de Inverno. Tenciono passar o Inverno a preparar os meus soldados para as campanhas do próximo ano. Julgo que o Senado te enviou já instruções no sentido de me dares uma das tuas legiões. O meu cunhado Caio Mémio já deve ter sido eleito questor. Ele deverá ser o meu questor e poderá chefiar a legião que me vais dar.

É claro que a melhor maneira de derrotar Quinto Sertório será através de um esforço conjunto. Foi por isso que o Senado não nomeou nenhum de nós sénior. Nós seremos co-comandantes e trabalharemos em conjunto.

Passei muito tempo a falar com homens que conhecem a Hispânia e elaborei uma grande estratégia para o próximo ano. Sertório não pretende penetrar na Hispânia Ulterior a leste do Bétis, porque essa região está já muito romanizada, para além de ser muito habitada. Ou seja, é uma região com poucos selvagens, e só os selvagens gostam de Sertório.

Cabe-te a ti, Quinto Cecília, controlar a Hispânia Ulterior — e será bom que não faças nada capaz de levar Sertório a invadir as tuas terras a leste do Bétis. Euvou expulsá-lo do litoral da Hispânia Citerior este ano. Não será uma campanha difícil do ponto de vista dos abastecimentos, pois o litoral possui bons terrenos agrícolas e cereais de muito boa qualidade. Marcharei para sul na Primavera, atravessarei o rio Ebro e seguirei na direcção de Nova Cartago, onde deverei chegar sem problemas a meio do Verão. Caio Mémio levará a sua legião e marchará a partir do Bétis, passará por Ad Fraxino e Eliocroca e seguirá para Nova Cartago, a qual, como é evidente, continua a ser nossa. Embora isolada do resto da Hispânia Citerior pelas forças de Sertório. Depois de as forças de Caio Mémio e as minhas se terem reunido em Nova Cartago, regressaremos a Empórias, a fim de passarmos o Inverno; no regresso, trataremos de reforçar as diversas cidades costeiras por onde passarmos.

No ano seguinte, expulsarei Sertório do interior da Hispânia Citerior e obrigá-lo-ei a ir para sul e oeste, para as terras dos Lusitanos. No terceiro ano, Quinto Cecília, juntaremos os nossos dois exércitos e esmagá-lo-emos junto ao rio Tejo.

Quando Metelo Pio recebeu esta comunicação, em meados de Janeiro, retirou-se para o seu gabinete, na casa que ocupava na cidade de Hispális, a fim de a estudar atentamente e no maior recolhimento. Não se riu; o conteúdo da carta era demasiado sério. Mas não deixou de pôr um sorriso amarelo, sem saber que Sila recebera, em tempos, uma carta que não era muito diferente daquela, cheia de informações sobre uma região que Sila conhecia muito melhor que Pompeu. Por todos os deuses, o miúdo carniceiro tinha uma confiança ilimitada em si mesmo! Ah, e o ar superior dele!

Tinham passado já três anos desde que Metelo Pio e as suas oito legiões haviam chegado à Hispânia Ulterior, três anos em que Sertório conseguira superá-lo a todos os níveis. Ninguém tinha mais respeito por Quinto Sertório e pelo seu legado Lúcio Hirtuleio do que Metelo Pio, o Bacorinho. E ninguém sabia melhor do que ele como seria difícil — mesmo para um Pompeu — vencer Sertório e Hirtuleio. No que lhe dizia respeito, a tragédia residia no facto de que Roma não lhe tinha dado tempo suficiente. Segundo a fábula de Esopo, o vencedor da corrida era aquele que seguia a um ritmo lento, mas firme; e Metelo Pio era a personificação desse ritmo lento e firme. Curara as suas feridas e reorganizara as suas forças de modo a absorver as perdas de uma legião, e instalara-se depois na sua província sem lançar qualquer provocação contra

Sertório. Fizera-o de forma perfeitamente deliberada. É que, enquanto esperava e reunia as informações da espionagem sobre os movimentos de Sertório, ia pensando na melhor estratégia. Não acreditava que fosse impossível derrotar Sertório; mas acreditava que Sertório não poderia ser vencido por métodos ortodoxos. E estava cada vez mais convencido de que a solução para aquela guerra residia, pelo menos parcialmente, na instauração de uma rede de espionagem mais astuciosa e sinuosa — uma rede de espionagem capaz de impedir Sertório de antecipar os movimentos das suas tropas. Seria uma missão difícil, já que os nativos eram a chave para a espionagem — tanto para a sua, como para a de Sertório. Mas não era uma missão impossível! E Metelo Pio estava a tentar encontrar a melhor maneira de conduzir essa missão a bom porto.

Mas agora tinha de contar com Pompeu — Pompeu, que entrara na cena espanhola,

dotado de um império idêntico ao dele, conferido pelo Senado (ou melhor, por Filipe), e convencido de que os seus talentos eram muito superiores aos de Sertório, Hirtuleio e Metelo Pio todos juntos. Pois bem, disse Metelo Pio para si mesmo, o tempo ensinaria a Pompeu aquilo que ele não queria, por ora, aprender; o tempo e algumas derrotas. Ah, não havia dúvida de que o jovem era corajoso como um leão — mas o Bacorinho conhecia Sertório desde os 18 anos e sabia que também Sertório era corajoso como um leão. E, mais importante ainda, Sertório era o herdeiro militar de Caio Mário; Sertório sabia da arte da guerra como poucos homens em toda a história de Roma. No entanto, Metelo Pio começava a ter noção das fraquezas de Sertório e estava quase certo de que a sua principal fraqueza residia na imagem que fazia de si mesmo. Se conseguisse minar essa auto-imagem mítica, teria por certo Sertório nas suas mãos.

Mas Metelo Pio estava convencido de que não seria através da oposição militar de um Cneu Pompeu Magno que Sertório conheceria a derrota.

O seu filho entrou nesse momento, depois de ter batido à porta e pedido para entrar; Metelo Pio era um firme defensor das regras de etiqueta. Conhecido por toda a gente como Metelo Cipião (embora em privado o pai o tratasse por Quinto), o seu nome inteiro era, no entanto, majestático: Quinto Cecílio Metelo Pio Corneliano Cipião Nasica. Agora com 19 anos, juntara-se no ano anterior à equipa do pai, com as funções de contubernalis; estava extremamente satisfeito pelo facto de (tal como o pai fizera com o avô) poder fazer o seu treino militar sob as ordens do pai. Este laço paternal não era, porém, um laço de sangue, já que Metelo Pio adoptara o filho mais velho da irmã da sua esposa Licínia, casada com Cipião Nasica. O facto de a mais velha das Licínias ter um ror de filhos e de a mais nova ser estéril era, para o Bacorinho, um verdadeiro mistério. Mas eram coisas que aconteciam e, quando aconteciam, um homem podia divorciar-se, ou então, caso amasse a esposa estéril (como acontecia com o Bacorinho), podia ter filhos adoptivos.

De um modo geral, o Bacorinho estava satisfeito com o resultado desta adopção, embora preferisse que o rapaz fosse um pouco mais inteligente e muito menos arrogante. Mas era de esperar que fosse arrogante — Cipião Nasica, o verdadeiro pai, também o era. Alto e bem constituído, Metelo Cipião possuía uma certa altivez de expressão que usava como substituto para a beleza que não tinha. Os seus olhos eram de um tom cinzento-azulado e o cabelo revelava-se muito fraco — logo, não era nada parecido com o pai adoptivo. E se alguns dos seus

contemporâneos (como o jovem Catão) achavam que Metelo Cipião andava sempre com um ar importante, a verdade é que ele tinha algumas razões para se sentir importante. Uma dessas razões era o casamento que fora combinado entre os seus pais e os pais de Emília Lépida, Mamerco e a sua primeira esposa, uma Cláudia Pulcra. Apesar de os dois jovens terem zangas constantes, a verdade é que ambos gostavam muito um do outro.

— Uma carta de Cneu Pompeu Magno, que está em Empórias — disse Metelo Pio ao filho, mostrando-lhe a carta, mas sem qualquer intenção de lha dar a ler.

A expressão de superioridade de Metelo Cipião pareceu afirmar-se ainda mais; com um ar desdenhoso, retorquiu:

— É um verdadeiro ultraje.

— Num certo aspecto, é um ultraje. Mas o conteúdo desta carta animou-me muito. O nosso brilhante prodígio militar pensa que Sertório, em termos militares, não passa de um burro — enfim, alguém que está muito abaixo dele!

— Ah, estou a ver — disse Metelo Cipião, sentando-se. — Pompeu pensa que vai dar cabo de Sertório numa única campanha! É isso, não é?

— Não, não, meu filho! Em três campanhas! — retorquiu o Bacorinho, afavelmente.

Sertório passou o Inverno na sua nova capital, Osca, juntamente com o seu principal legado, Lúcio Hirtuleio, com outro legado extremamente capaz, Caio Herénio, e com Marco Perperna Veiento, que chegara a Hispânia há relativamente pouco tempo.

Quando Perperna chegou, as coisas não correram bem, pois Perperna pensava que os seus vinte mil homens de infantaria e os mil e quinhentos soldados de cavalaria permaneceriam sob o seu comando.

— Não posso permitir uma coisa dessas — foi a resposta que ouviu de Sertório.

Perperna sentiu-se ultrajado.

— Mas estes são os meus homens, Quinto Sertório! É uma prerrogativa minha dizer o que lhes vai acontecer e como devem ser usados! E o que eu digo é que eles ainda me pertencem!

— Porque estás a tentar imitar Cepião, o Cônsul, antes da batalha de Arausio? — perguntou Sertório. — Nem penses nisso, Veiento! Na Hispânia, só há um comandante-chefe e cônsul — eu!

Mas esta conversa não pôs um termo ao conflito. Perperna continuou a afirmar alto e

bom som que Sertório não tinha o direito de lhe recusar um estatuto idêntico ao dele, nem de ficar com o seu exército.

Sertório decidiu então levar o caso ao seu senado.

— Marco Perperna Veiento pretende combater a presença romana na Hispânia como uma entidade separada e com um estatuto idêntico ao meu — disse ele. — Não acatará as minhas ordens, nem seguirá as minhas estratégias. Peço-lhes, Pais Conscritos, que informem este homem de que, se não quiser ser meu subordinado, deverá deixar a Hispânia.

O senado de Sertório informou Perperna, mas nem por isso este se submeteu. Certo de que o direito e os costumes estavam do seu lado, convocou uma assembleia do seu exército. E os seus homens disseram-lhe, de forma muito clara, que era Sertório quem tinha razão. Serviriam Quinto Sertório, e não Perperna.

E foi assim que Perperna se viu obrigado a ceder. Toda a gente (incluindo Sertório) ficou com a impressão de que cedera de bom grado e de que não guardava qualquer ressentimento. Porém, sob uma máscara de placidez, Perperna continuava a arder de raiva, mantendo bem acesas as chamas do seu ultraje. É que, em termos romanos, estava exactamente ao mesmo nível de Quinto Sertório: ambos tinham sido pretores e nenhum deles fora cônsul.

Ignorando que, interiormente, Perperna se mantinha hostil ao seu comandante, Sertório avançou, nesse Inverno, com a sua estratégia para a campanha do ano seguinte.

— Não faço a mínima ideia de quem seja este Pompeu — disse o comandante-chefe, sem excessivas preocupações. — No entanto, depois de ter estudado a sua carreira, cheguei à conclusão de que não será difícil vencê-lo. Se eu tivesse achado que Carbão era capaz de vencer Sila, teria obviamente permanecido em Itália. Carbão tinha alguns homens valorosos — Carrinas, Censorino, Bruto Damasipo. Porém, quando desertou, deixou um comando e um exército profundamente desmoralizados — e foi contra esses homens que Pompeu combateu. E se formos a ver as primeiras batalhas de Pompeu, torna-se óbvio que ele nunca enfrentou um general verdadeiramente capaz ou um exército animado de um espírito indestrutível.

— Tudo isso vai mudar — disse Hirtuleio, com um sorriso arreganhado.

— Claro que vai. Como é que lhe chamam? Miúdo Carniceiro, não é? Pois comigo não terá direito a tal epíteto!vou chamar-lhe apenas ”Miúdo”! É um indivíduo presunçoso e

inconsciente e não tem o mínimo respeito pelas instituições romanas. Se tivesse, não estaria aqui com um império idêntico ao da velha da Hispânia Ulterior. Pompeu manipulou de tal forma o Senado que conseguiu um comando a que não tinha direito, seja qual for a cláusula especial que Sila possa ter introduzido nas suas leis. Portanto, cabe-me a mim pô-lo no seu lugar. Um lugar que não é tão elevado como ele pensa.

— Tens alguma ideia do que ele poderá fazer? — perguntou Herénio.

— Ah, deve fazer o que é lógico — retorquiu Sertório, com um ar jovial. — Tentará conquistar-nos a costa leste.

— E a velha? — perguntou Perperna, que adoptara de bom grado a alcunha que Sertório inventara para Metelo Pio.

— bom, por enquanto ainda não deu sinais de si, pois não? Mas se a chegada de Pompeu o encorajar, a solução é simples: prendemo-lo na sua própria província. Espalhamos os Lusitanos pelas suas fronteiras ocidentais. Isso obrigá-lo-á a deixar o Bétis e a instalar a sua residência junto ao Anas; então, se se sentir tentado a ajudar Pompeu, terá pela frente uma marcha de mais de cento e cinqüenta quilômetros. Mas não creio que ele venha a sentir tal tentação. A velha é muito cautelosa, detesta aventuras. E por que raio haveria ele de cansar-se a ajudar um miúdo que conseguiu arrancar ao Senado um império idêntico ao dele? A velha é uma rigorosa defensora das tradições e das normas, Perperna. Cumprirá sempre o seu dever perante Roma, seja qual for o homem que Roma lhe mande. Mas não fará mais do que isso. E, quando vir uma multidão de Lusitanos do outro lado do Ánas, o seu primeiro dever consistirá precisamente em conter esses intrusos. E ele cumprirá o seu dever. Mas não fará mais do que isso.

Terminada a reunião, Sertório foi dar de comer à sua corça branca. Este animal, mágico por causa da raridade da cor, tinha ganho uma importância inusitada aos olhos dos seus soldados espanhóis, que o consideravam uma prova dos poderes mágicos de Sertório, concedidos por intervenção divina. Sertório não perdera com a idade a facilidade de trato com os animais selvagens e, da segunda vez que se instalara na Hispânia, tinha já consciência do profundo efeito que esse seu jeito provocava nos povos nativos. A corça branca, ao que parece órfã, aparecera-lhe dois anos antes nas montanhas da Hispânia Central, ainda muito pequena e medrosa;

deslumbrado pela sua beleza, fora ter com ela de joelhos, sem parar para pensar no que estava a fazer, preocupado apenas em envolvê-la com os seus braços e confortá-la. Mas os seus soldados hispânicos murmuraram de espanto uns para os outros e, a partir desse dia, passaram a vê-lo com outros olhos. Estavam convencidos de que a corça branca era nem mais nem menos do que uma encarnação da mais importante das suas deusas, Diana, a qual mostrara assim a Sertório a consideração que tinha por ele, erguendo-o acima de todos os outros homens. E ele percebera quem era a corça branca! De outro modo, não teria ido ter com ela de joelhos, em humilde adoração.

A corça branca estava com ele desde esse dia. Seguia-o como um cão. Não permitia que mais nenhum outro homem ou mulher se aproximasse dela — só Sertório o podia fazer. Por outro lado — mais mágico ainda! — a corça nunca crescera: continuava pequenina, muito bonita, com olhos cor de rubi, fazendo cabriolas à volta

de Sertório, para que este a abraçasse e beijasse. Dormia sempre ao seu lado, coberta por uma pele de ovelha. Estava sempre com ele, até mesmo nas campanhas. Durante as batalhas, Sertório atava-a a uma estaca, num lugar seguro, pois, se a deixasse em liberdade, ela tentaria pela certa ir ter com ele ao campo de batalha; e Sertório não queria pôr em perigo a vida da corça — se ela morresse, os seus soldados espanhóis concluiriam que a deusa o tinha abandonado.

Na verdade, também ele acabara por admitir que a corça branca era um sinal de uma qualquer bênção divina; cada vez acreditava mais nisso — como seria de esperar, chamava-lhe Diana, e, sempre que falava com ela, referia-se a si mesmo como ”o papá”.

— Vem cá ao papá, Diana! — chamava ele.

E Diana vinha a correr ao seu encontro, pedindo-lhe afagos e beijos. Ele ajoelhava-se, abraçava aquele corpo trêmulo, beijava a cabecita macia e, com uma mão, acariciava-lhe a orelha — uma carícia que ela adorava. Sertório punha-a sempre na rua quando tinha conferências com os seus legados; a corça ficava muito triste, sem perceber por que razão o papá a castigara. Terminadas as reuniões, Sertório ia buscá-la: e ao frenesim de culpa e contrição com que ela o saudava, respondia ele com mais e mais abraços e muitos sussurros amorosos; só depois de completamente acalmada é que ela acedia a comer. Porventura compreensivelmente, Sertório pensa mais na sua Diana do que na sua mulher germana e no filho de ambos — a corça fora-lhe enviada pelos deuses; a mulher e o filho, não. Havia só um ser que ele amava mais do que Diana:

a sua mãe, a quem não via há sete anos.

Enquanto a corça branca afocinhava, toda contente, na sua ração de erva seca (em Osca, no Inverno, os pastos ficavam cobertos de neve e gelo), Sertório sentou-se num penedo e procurou descobrir o que se passaria na mente de Pompeu. Um miúdo! Acreditaria Roma sinceramente que um miúdo de Piceno conseguiria derrotá-lo? Quando se levantou, tinha já concluído que Roma e o Senado haviam sido ludibriados pelas artimanhas de Filipe. É que Sertório continuava a manter contactos com certas figuras de Roma — e não se tratava de personalidades obscuras ou apagadas. Mesmo sob o regime de Sila, havia muitos descontentes que, secretamente, conseguiam manter viva a sua luta; eram alguns desses homens que mantinham Sertório informado. Desde a nomeação de

Pompeu que o teor dessas informações se alterara um pouco; alguns homens importantes começavam a sugerir que se Quinto Sertório vencesse o novo campeão do Senado, Roma talvez o aceitasse de bom grado como Ditador.

Mas Sertório pensara entretanto noutro aspecto do problema; por isso chamou Lúcio Hirtuleio à sua presença.

— É absolutamente necessário que consigamos manter a velha na Hispânia Ulterior — disse ele a Hirtuleio. — Receio que os Lusitanos não constituam uma força capaz de desencorajar Metelo Pio. Quero que, na Primavera, tu e o teu irmão levem o exército hispânico para Lamínio. É em Lamínio que vão montar o vosso acampamento. Então, se a velha decidir ajudar o miúdo, tu farás com que ela fique quietinha. Se Metelo Pio tentar sair da sua província atravessando o Anas ou o Bétis, terás de lhe cortar o caminho.

O exército hispânico era constituído por quarenta mil lusitanos e celtiberos, a quem Sertório e Hirtuleio, não sem grande esforço, tinham ensinado a combater como legiões romanas. Sertório possuía outras forças Hispânicas, mas mantivera as suas características nativas — eram guerrilheiros magníficos, grandes especialistas em emboscadas; sabia, porém, desde o princípio, que se quisesse derrotar Roma, teria de ter também legiões romanas convenientemente treinadas. Muitos romanos e italianos tinham-se alistado nas suas hostes após a derrota de Carbão, mas esses homens não chegavam. Daí que Sertório tivesse sido obrigado a criar um exército espanhol.

— E estarás em condições de enfrentar Pompeu sem a nossa ajuda? — perguntou Hirtuleio.

— Será fácil, com os homens de Perperna.

— Então não te preocupes com a velha. Eu e o meu irmão não a deixaremos sair da Hispânia Ulterior.

— Não te esqueças disto — disse Metelo Pio a Caio Mémio, antes que este iniciasse a sua marcha para Nova Cartago. — As tuas tropas são mais preciosas do que a tua própria pele. Se as coisas correrem mal — ou seja, se Pompeu tiver menos êxito do que aquele que espera —, leva os teus homens para um abrigo suficientemente forte, para uma fortaleza capaz de impedir qualquer ataque inimigo. Tu és um militar em quem se pode confiar e lamento ter de te perder. Mas o mais importante é que tenhas sempre em mente os teus homens.

com uma expressão solene no seu belo rosto, o novo questor de Pompeu, que também era seu cunhado, conduziu a sua legião para leste, atravessando a região que era considerada como a mais rica e fértil do mundo — mais rica do que a Campânia, do que o Egipto, do que a Província da Ásia. Dotada de um clima moderado, sem os excessos de calor ou frio de outras paragens, de rios com cursos abundantes, alimentados por neves perpétuas e profundos solos aluviais, a Hispânia Ulterior era um verdadeiro celeiro, verde na Primavera e no princípio do Verão, dourado durante as fartas colheitas. O gado era gordo e produtivo, as águas abundavam em peixe.

Caio Mémio era acompanhado por dois homens que não tinham nada a ver com Romanos ou Ibéricos: um tio e um sobrinho com pouca diferença de idade, e ambos com o mesmo nome — Kinahu Hadasht Byblos. O seu sangue era fenício, mas, oficialmente, eram cidadãos da grande cidade portuária de Gades, a qual fora fundada por uma colônia fenícia, cerca de mil anos antes, e que mantinha ainda os costumes e as raízes púnicas. O domínio dos Cartagineses não fora difícil de aceitar, já que os Cartagineses eram também de origem púnica. Depois tinham chegado os Romanos, e o povo de Gades afeiçou-se a eles; Gades prosperou e, gradualmente, os nobres da cidade foram compreendendo que o destino da sua cidade estava indissociavelmente ligado ao destino de Roma. Qualquer povo civilizado do mar Mediterrâneo era preferível ao domínio das tribos bárbaras da Hispânia Oriental e Central, e, agora, o principal receio dos Gaditanos era que Roma abandonasse a Hispânia. Essa era a razão por que o tio e o sobrinho tinham decidido acompanhar Caio Mémio — fariam tudo o que estivesse ao seu alcance para o ajudar. Mémio confiara-lhes de bom grado todas as tarefas relacionadas com o

abastecimento das tropas, além de os usar como intérpretes e fontes de informação. Como não conseguia pronunciar correctamente o seu nome púnico, e porque eles falavam muito bem latim, ainda que com o ceceio característico da sua língua materna, o novo questor de Pompeu tinha-lhes posto a alcunha de Balbo, que apontava precisamente para os seus problemas de pronúncia; embora Mémio não percebesse bem porquê, a verdade é que o tio e o sobrinho ficaram extremamente satisfeitos com o facto de lhes ter sido atribuído um cognome latino.

— Cneu Pompeu disse-me que deveria passar por Ad Fraxino e Eliocroca — disse Mémio ao mais velho dos Balbos. — Crês que é esse o caminho correcto?

— Creio que sim, Caio Mémio — retorquiu Balbo, cujos maxilares salientes e nariz aquilino proclamavam a sua origem semítica, tal como os olhos escuros e muito grandes. — Seguiremos o curso do Bétis praticamente até às suas nascentes orientais, depois atravessaremos as montanhas Orospeda, na sua zona mais baixa. É uma zona de nascentes de rios, mas se marcharmos de Ad Fraxino para Basti, poderemos meter por uma estrada que contorna as nascentes e conduz directamente a Eliocroca. De Eliocroca, desceremos rapidamente até ao Campo Espartário. É esse o nome que os Romanos dão às planícies dos Contestanos, à volta de Nova Cartago. As outras alternativas possíveis não apresentam qualquer vantagem.

— Encontraremos alguma oposição importante, durante a nossa marcha?

— Não haverá nenhuma oposição até atravessarmos as montanhas Orospeda. Mas depois... sabe-se lá!

— Os Contestanos estão connosco ou contra nós? Balbo encolheu os ombros.

— com as tribos ibéricas, não pode haver certezas! Os Contestanos sempre viveram perto de homens civilizados, e isso é capaz de contar. Mas Sertório também é civilizado e, no entanto, há muitos hispânicos que o admiram!

— Então o melhor é não nos preocuparmos: logo se verá o que acontece — disse Mémio, e não mais se preocupou com o caso; o que interessava, para já, era que chegassem a Eliocroca.

Antes de Caio Mário ter aberto as minas nas cordilheiras entre o Bétis e o Anas (que vieram a chamar-se montanhas Marianas, em sua homenagem), as montanhas Orospeda haviam sido a principal fonte do chumbo e da prata explorados por Roma. Em conseqüência disso, a parte sul das montanhas escasseava em florestas — e por essa zona Mémio teria de passar.

Mémio tinha de percorrer uma distância de quase quinhentos quilômetros, menos trezentos que Pompeu; porém, como o seu terreno era mais difícil, Mémio iniciara a sua marcha algum tempo antes de Pompeu, mais precisamente em meados de Março. Em fins de Abril, e sem grandes pressas, desceu as montanhas Orospeda e atingiu a pequena cidade de Eliocroca, na margem sul do rio Tader; o Campo Espartário espraiava-se diante dele.

Encontrando-se na Hispânia há já demasiado tempo para poder confiar nos povos nativos, Mémio juntou as suas tropas o mais que pôde e marchou com intenções fortemente defensivas na direcção de Nova Cartago, que ficava cerca de cinqüenta quilômetros a sudoeste. Depressa verificou que fizera bem em optar por uma postura defensiva. Não muito longe da estrada que partia de Eliocroca, os Contestanos estavam à sua espera; prometeu então a Júpiter Optimus Maximus o sacrifício de um bezerro, caso conseguisse manter a sua legião intacta até chegar a um local seguro. Este local seguro era obviamente Nova Cartago; Caio Mémio não punha sequer a hipótese de se instalar noutro sítio qualquer. Teria de ser mesmo na península de Nova Cartago.

Aqueles cinqüenta quilômetros mais pareceram cem. Mémio mandou a sua cavalaria gaulesa à frente, a fim de guardar a estrada que ligava o continente à península, considerando que dificilmente poderia vencer se por acaso os Contestanos o interceptassem nesse estreito ponto. Saíra de Eliocroca a boa velocidade, deparara com as tribos contestanas alguns quilômetros depois, avançara em seguida cuidadosamente, com as suas cortes formando um quadrado na estrada. Sendo soldados de infantaria e não estando habituados a batalhas campais, os Contestanos não conseguiriam vencer uma tal formação. Quando chegou ao estreito, verificou que não havia soldados inimigos por perto e atravessou-o calmamente e em segurança, e com a sua legião intacta.

Enviou então o mais velho dos Balbos a Gades, num barco particularmente precário e que tresandava a garum, a salmoura em que eram conservados os peixes; a carta que Balbo levava para Metelo Pio, apesar de ficar impregnada daquele cheiro, era extremamente importante. Explicava a situação, pedia ajuda e avisava Metelo Pio de que Nova Cartago não agüentaria até ao Inverno se entretanto não recebesse alimentos. Finalmente, confiou ao mais novo dos Balbos uma missão muito mais perigosa: penetrar as agitadas tribos instaladas a norte de Nova Cartago e tentar chegar a Pompeu.

Pompeu deixou os arredores de Empórias no início de Abril, pois os seus conselheiros locais informaram-no de que o volume do Ebro estaria já muito reduzido em finais desse mês, o que lhe permitiria atravessá-lo a pé sem problemas.

Resolvera satisfatoriamente o problema dos seus legados, nomeando apenas picentinos ou italianos e escolhendo como legados séniores Lúcio Afrânio e Marco Petreio, ambos viri militares de Piceno que há já vários anos estavam sob o comando de Pompeu. O colega de César em Mitilene, Aulo Gabínio, descendia de uma família picentina; Caio Cornélio não pertencia aos Cornélios patrícios; e Décimo Lélio não tinha qualquer parentesco com os Lélios que se tinham notabilizado sob os comandos de Cipião Africano e Cipião Emiliano. Militarmente, todos eles tinham já dado provas do seu valor ou então prometiam seriamente dá-las; socialmente, porém, apenas Aulo Gabínio (cujos pai e tio eram senadores) podia nutrir esperanças de subir em Roma sem um forte apoio de Pompeu.

A marcha começou muito bem. Descendo rapidamente pela costa, Pompeu e as suas seis legiões e os mil e quinhentos cavaleiros atingiram Dertosa, na margem norte do Ebro, sem encontrarem oposição. Quando começaram a atravessar o Ebro, duas legiões comandadas por Herénio tentaram interceptá-los, mas depressa bateram em retirada; Pompeu, mais confiante e seguro do que nunca, avançou para sul com o maior dos optimismos. Porém, não muito tempo depois, Herénio reapareceu, desta feita reforçado por duas legiões de Perperna. Contudo, quando viram os soldados da frente destroçados pelas tropas de Pompeu, Herénio e Perperna ordenaram uma retirada rápida.

Os batedores de Pompeu eram excelentes. Enquanto Pompeu continuava a avançar a bom ritmo, trouxeram-lhe a notícia de que Herénio e Perperna se tinham refugiado na grande cidade inimiga de Valência, a mais de cento e cinqüenta quilômetros a sul da posição de Pompeu. Como Valência ficava nas margens do rio Túris e as vastas planícies do Túris eram muito ricas e intensamente cultivadas, Pompeu aumentou ainda mais o seu ritmo. Quando chegou a Sagunto — perto da embocadura de um pequeno rio que ficava no meio de uma região muito pobre —, ficou a saber, através dos seus batedores, que Sertório estava demasiado longe para poder ajudar Herénio e Perperna. Receando aparentemente que Metelo Pio invadisse o Norte da Hispânia a partir da nascente do Tejo, Sertório colocara o seu exército um pouco mais a norte, nas margens

do rio Saio, em Segôncia, onde poderia interceptar o Bacorinho. Uma decisão muito engenhosa, pensou Pompeu, mas devias estar mais perto de Herénio e Perperna, meu caro Sertório!

Estava-se já em meados de Maio, e Pompeu começava a aperceber-se de que o longo Verão das terras baixas ibéricas era terrivelmente quente. Apercebia-se também de que os seus homens bebiam imensa água e devoravam num instante as suas rações. Faltavam ainda muitos meses para as colheitas e os celeiros das cidades por onde tinha passado poucos cereais tinham fornecido às suas tropas. Aquela costa, que, pelo que vira nos mapas e pelo que os seus conselheiros lhe tinham dito, deveria ser extremamente rica, nada tinha a ver com a Itália; Pompeu sempre achara a costa do Adriático pobre e subpovoada: pois o litoral leste da Hispânia era muito pior.

Embora leal a Roma, Sagunto não tinha cereais para lhe dar. Os piratas tinham assaltado os seus celeiros e o povo da cidade tinha os alimentos racionados até às próximas colheitas. Valência e as planícies do Túris chamavam-no; Pompeu desfez o acampamento e reatou a marcha.

Se a visão dos formidáveis penhascos das terras do interior dava apenas uma pálida imagem das dificuldades por que passaria qualquer exército para atravessar a Hispânia Central, então Sertório, acampado em Segôncia no princípio de Maio, não poderia nutrir qualquer esperança de chegar a Valência antes de fins de Junho — e isso, conforme os batedores garantiram a Pompeu, só se Sertório aprendesse a voar! Incapaz de admitir que outro general fosse capaz de conduzir mais depressa os seus homens, Pompeu acreditou nos seus batedores, que podiam de facto ter essa opinião — mas que, provavelmente, trabalhavam secretamente para Sertório. Fosse como fosse, menos de um dia depois de ter deixado Sagunto, Pompeu ficou a saber que Sertório e o seu exército se encontravam já entre ele e Valência — e que, nesse preciso momento, estavam a atacar a cidade de Lauro, leal a Roma!

Pompeu dificilmente poderia ter entendido que Sertório conhecia todas as voltas, todos os vales, todos os desfiladeiros e todos os caminhos entre o mar Mediterrâneo e as montanhas da Hispânia Ocidental — e que Sertório conseguia avançar por essas regiões com uma velocidade incrível, porque todas as aldeias por onde passava lhe davam todos os seus alimentos e incentivavam-no com um amor

que se confundia com a adulação. Nenhum Celtibero ou Lusitano aceitava a presença romana na Hispânia; todos os Celtiberos e Lusitanos sabiam que Roma estava na Hispânia unicamente para explorar as riquezas da região. O facto de Sertório, o homem que reavivara as suas esperanças, ser um romano, era considerado, pelos povos nativos, como uma dádiva dos seus deuses. De facto, quem melhor poderia combater os Romanos, senão um Romano?

Quando os batedores lhe disseram que Sertório tinha apenas duas pequenas legiões, Pompeu ficou estupefacto. A desfaçatez! O desplante! Cercar uma cidade romana apenas com duas legiões, e com seis óptimas legiões romanas e mil e quinhentos cavaleiros a pouca distância! Só visto: contado, ninguém acreditaria! Pompeu avançou então para Lauro, febril e exultante porque a deusa Fortuna não esperara muito para pôr um inimigo como Sertório no seu caminho.

Um olhar frio e desapaixonado para Lauro e para as tropas de Sertório, do alto de uma boa posição a norte da pequena planície, foi mais do que suficiente para fortalecer a confiança de Pompeu. Cerca de quilômetro e meio a leste das muralhas de Lauro ficava o mar, ao passo que, para oeste, ficava um monte bastante alto mas com um cimo plano. Para alguém que estudasse a situação do ponto onde estava Pompeu, a conclusão era fácil: o monte a oeste da cidade era a base ideal para conduzir as operações. E, no entanto, Sertório tinha pura e simplesmente ignorado esse monte! Tomando rapidamente uma decisão, Pompeu conduziu a bom ritmo o seu exército na direcção do monte, seguro de que aquela posição magnífica já não lhe escapava.

Montando o seu enorme Cavalo Público branco, o general de 29 anos postou-se à frente das suas tropas, a fim de que os sitiados de Lauro pudessem vê-lo.

Embora perscrutasse atentamente o monte até chegar ao sopé, só no derradeiro momento é que Pompeu reparou que o cimo plano do mesmo estava a abarrotar de lanças. E, de repente, o ar foi fendido por vaias, apupos e gritos de escárnio: Sertório e os seus homens gritavam-lhe que tinha de ser mais rápido se quisesse conquistar um monte a Quinto Sertório!

— Ó miúdo, com que então nem te passou pela cabeça que eu sabia o que tu querias! — atroou uma voz vinda do cimo. — És demasiado lento! Pensas que és tão esperto como Africano e tão corajoso como Horácio Cocles, não é, miúdo? Pois bem, fica sabendo que Quinto Sertório te acha um amador! Não sabes o que é ser soldado! Mas não te vás embora, miúdo, e deixa que um profissional te ensine!

Pompeu, que não era estúpido ao ponto de atacar Sertório numa posição inexpugnável, não teve outra hipótese senão retirar-se. Olhando sempre em frente, consciente de que a sua face ardia, ordenou aos seus homens que recuassem com ele e só parou quando chegou ao ponto de onde partira. O sol já tinha passado o zénite, mas ainda havia muito tempo para tentar uma outra manobra. E mandava o orgulho que Pompeu ensaiasse uma outra manobra.

Lutando por controlar as suas emoções, arquejante, Pompeu voltou a estudar a cena.

Um pouco mais abaixo, os seus soldados sorviam as últimas pingas de água dos odres que os burros carregavam; conversavam uns com os outros, enquanto expunham as cabeças suadas aos fortes raios solares e se inclinavam, cansados, sobre as lanças ou os escudos. Conversavam sobre o seu belo e jovem general e a humilhação que sofrera, perguntando-se se aquela seria a primeira campanha que o seu belo e jovem general iria perder. E arrependidos por não terem feito testamento, antes de partirem para a guerra.

Pompeu não quisera Afrânio ou Petreio ao seu lado; e os mais novos, como Aulo Gabínio, ainda menos. Mas agora pedia a Afrânio e Petreio que fossem ter com ele. Quando os dois legados lá chegaram, postando-se ao lado de Pompeu, este apontou com um pau para o distante monte.

— Estão a ver onde está Sertório? — perguntou Pompeu, ainda que retoricamente apenas; não estava à espera de uma resposta. — Está ocupado com as muralhas. Creio que está a tentar sapá-las. O acampamento dele é ali. Ah, estou a ver que ele já desceu o monte! Ele não quer o monte, o que ele realmente quer é a cidade. Mas eu nãovou cair na armadilha outra vez! — disse ele, de dentes cerrados. — A distância que temos de marchar antes de entrarmos em combate com ele é de cerca de quilômetro e meio, e o seu exército ocupa mais ou menos metade dessa distância — muito pouco espaço, o que é vantajoso para nós. Se quiser ter alguma hipótese, terá de apertar ainda mais o seu exército quando nos vir avançar — e temos de partir do princípio que ele pensa que tem alguma hipótese, pois, caso contrário, não estaria ali. Pode dispersar para oeste ou leste, ou em ambas as direcções ao mesmo tempo. Imagino que dispersará nas duas direcções: era o que eu faria. — Esta última observação saiu-lhe sem querer; Pompeu corou muito, mas prosseguiu o seu discurso despreocupadamente. — Avançaremos sobre ele com as nossas alas projectando-se à frente do nosso centro, com a cavalaria distribuída equitativãmente pelas pontas das alas, e a infantaria — uma legião para cada ala — formando a parte mais densa

das alas, junto ao centro, onde colocarei as outras quatro legiões. Quando um exército avança por um terreno plano, o inimigo dificilmente se apercebe da distância entre as alas e o centro, e nós alargaremos essa distância à medida que nos formos aproximando. Se Sertório, como parece, me tem em pouca conta, não acreditará que eu seja capaz de possuir alguma astúcia militar. Até ao momento em que as minhas alas o envolverem, impedindo a sua fuga para oeste ou para leste. Encostá-lo-emos às muralhas. Não terá saída possível.

Afrânio ousou fazer uma observação.

— Acho que vai resultar — disse. Petreio aquiesceu.

— Também acho — disse.

Pompeu não precisava de mais confirmações. Mandou que os corneteiros tocassem para formar e alinhar e deixou que Afrânio e Petreio fossem comunicar as suas ordens aos outros legados e aos centuriões-chefes. Entretanto, tratou de chamar seis arautos montados.

Quando Afrânio e Petreio voltaram para ao pé dele, já era demasiado tarde (além do que daria demasiado nas vistas) para dissuadi-lo do que fizera; estupefactos, Afrânio e Petreio viram os arautos afastar-se e pediram a todos os deuses que a nova manobra de Pompeu resultasse.

Enquanto o exército dava início à sua marcha, os arautos, sob a bandeira da paz, aproximaram-se dos limites do acampamento de Sertório. Aí chegados, berraram a sua mensagem para os habitantes de Lauro, que se espalhavam pelas muralhas.

— Povo de Lauro! — gritavam. — Juntem-se todos nas vossas muralhas e vejam como Cneu Pompeu Magno vai ensinar a este renegado que se intitula romano que espécie de homem é um verdadeiro romano! Venham ver a derrota fragorosa que Cneu Pompeu Magno vai infligir a Quinto Sertório!

Ah, sim, aquilo ia resultar!, pensava Pompeu, cavalgando de novo à frente do seu exército. As suas alas iam-se alargando cada vez mais à medida que as legiões avançavam — e, no entanto, Sertório continuava parado. Os seus homens iam ficar cercados! Sertório e todos os seus soldados morreriam, morreriam! Ah sim, Sertório ficaria a conhecer, da forma mais dolorosa e definitiva, a raiva de Cneu Pompeu Magno!

Os seis mil homens que Sertório mantivera em reserva, completamente escondidos dos batedores de Pompeu, bem como dos seus olhos, tinham entretanto caído sobre a retaguarda desprotegida de Pompeu e estavam já a destroçá-la sem que a vanguarda desse por isso. Quando

deu por isso, Pompeu nada pôde fazer para impedir o desastre. As suas alas estavam agora tão longe que já não podia fazê-las voltar para trás; por outro lado, começavam já a lutar contra os homens de Sertório sob as muralhas de Lauro — muralhas apinhadas de gente, devido às proclamações dos arautos. Depois de terem falhado várias tentativas para voltar para trás, o máximo que Pompeu e os seus legados podiam fazer era lutar freneticamente para que as quatro legiões do centro formassem em quadrado. Para piorar ainda mais a situação, esquadrões da cavalaria sertoriana, vindos das traseiras da cidade, atacavam agora as pontas das alas de Pompeu, ameaçando o próprio comandante. Os desastres sucediam-se uns aos outros.

,Mas as legiões veteranas que Pompeu chefiava eram constituídas por homens corajosos e possuíam centuriões experientes; combateram com denodo, apesar de terem as bocas secas devido à falta de água e os corações apertados porque alguém conseguira superar o seu belo e jovem general, coisa que eles nunca tinham julgado possível. Graças àqueles homens, Pompeu e os seus legados conseguiram por fim formar o quadrado e mesmo instalar um acampamento.

Pelo crepúsculo, Sertório retirou, deixando Pompeu a ultimar o seu acampamento no meio de pilhas de cadáveres. E no meio de vaias e apupos, que agora vinham não só dos soldados de Sertório, mas também dos cidadãos de Lauro. Pompeu nem podia refugiar-se para chorar sozinho; sentia-se demasiado mortificado para tapar a cabeça com a sua capa escarlate de general e chorar debaixo dela. Em vez disso, obrigou-se a distribuir sorrisos e palavras de encorajamento pelos seus soldados, animando os homens que se queixavam
da sede e do calor, pensando como e onde poderia arranjar água, incapaz de imaginar uma maneira de se libertar da vergonha que sentia.

À primeira luz do alvorecer, mandou um mensageiro a Sertório, pedindo-lhe tempo para tratar dos mortos. Sertório acedeu a tal pedido, e com tanta generosidade que Pompeu teve tempo de mudar o acampamento para um local bem abastecido de água potável. No entanto, acometido de profunda depressão, deixou aos seus legados a tarefa de contar e enterrar os mortos em profundas valas; não havia madeira para queimar os cadáveres, nem tão pouco qualquer tipo de combustível. Enquanto os legados executavam esse trabalho, Pompeu retirou-se para a sua tenda de comando; entretanto, os soldados que não estavam feridos — poucos, muito poucos — construíram uma boa fortaleza à volta do seu campo, para manter Sertório à distância após o termo do armistício. Só ao pôr do Sol é que Afrânio ousou pedir uma audiência. Vinha só.

— Ainda vamos demorar muito tempo a enterrar todos os mortos — disse o legado sénior, num tom perfeitamente normal.

O general falou, também no mesmo tom.

— Quantos mortos temos, Afrânio?

— Dez mil soldados de infantaria, sete mil cavaleiros.

— E feridos?

— Cinco mil feridos graves e quase todos os outros com cortes, arranhões, nódoas negras. Os cavaleiros que sobreviveram estão bem, mas faltam-lhes montadas. Sertório preferiu matar-lhes os cavalos.

— Isso significa que agora disponho apenas de quatro legiões de infantaria — uma das quais seriamente ferida — e oitocentos cavaleiros sem cavalos.

— Sim, é isso.

— Ele abateu-me como se abate um cão.

Afrânio nada disse; limitou-se a fitar a parede de couro da tenda com olhos inexpressivos.

— Ele é primo de Caio Mário, não é? -É.

— Suponho que isso explica tudo.

— Suponho que sim.

Durante um longo momento, os dois homens não disseram mais nada. Foi Pompeu que, finalmente, quebrou o silêncio.

— Como hei-de explicar isto ao Senado? — perguntou ele, num murmúrio, numa queixa.

Afrânio olhou para o rosto do comandante e viu um homem com cem anos de idade.

Sentiu por Pompeu uma compaixão profunda, pois gostava dele sinceramente, como amigo e como comandante. Mas havia algo que o alarmava mais do que a tristeza que sentia pelo amigo e comandante, e que era a sua súbita convicção de que se Pompeu não fosse apoiado, se não lhe fosse devolvida a confiança e a arrogância que o caracterizavam, tudo nele desabaria. Aquele velho de rosto abúlico era alguém que Afrânio nunca tinha visto.

— Se fosse a ti — retorquiu Afrânio —, deitaria as culpas para Metelo Pio. Diria que ele se recusou a sair da sua província para te apoiar. E triplicaria o número de soldados de Sertório.

Pompeu recuou horrorizado.

— Não, Afrânio! Não! Eu não poderia fazer uma coisa dessas!

— Porquê? — perguntou Afrânio, surpreendido; um Cneu Pompeu Magno atormentado por dilemas morais ou éticos era alguém que também desconhecia.

— Porque — disse Pompeu com uma voz paciente —vou precisar de Metelo Pio, se quiser salvar alguma coisa nesta comissão hispânica. Perdi quase um terço das minhas forças e não posso pedir ao Senado mais soldados enquanto não obtiver pelo menos uma vitória. E também porque é possível que algum habitante de Lauro visite Roma. Se contar a história do que aqui se passou, toda a gente acreditará nele. E finalmente porque, embora eu não seja um sábio, nem um adivinho, acredito firmemente que essa verdade surgirá precisamente no pior momento.

— Compreendo! — exclamou Afrânio, profundamente aliviado; Pompeu não estava a sentir escrúpulos morais ou éticos, estava muito simplesmente a ver os factos tal e qual como eram. — Nesse caso, já sabes o que tens de explicar ao Senado — acrescentou, confuso.

— Sim, sim, eu sei! — atirou-lhe Pompeu, irritado. — Só não sei como explicar! Não sei que palavras usar! Varrão não está cá e só ele sabe usar as palavras exactas!

— Creio — disse Afrânio, delicadamente — que as tuas próprias palavras são provavelmente as palavras adequadas para notícias deste tipo. Os especialistas de literatura do Senado concluirão que escolheste um estilo simples para narrar a verdade nua e crua — e, se queres saber, é assim mesmo que aquelas cabeças funcionam. Quanto aos outros — bom, os outros não são especialistas de nada, e por isso não encontrarão nada de errado nas tuas palavras.

Esta análise lógica e pragmática foi o bastante para animar Pompeu, pelo menos superficialmente. As camadas mais profundas do seu ego, as mais cruelmente laceradas, pois englobavam o orgulho, a dignitas, a confiança, e muitas e complexas auto-imagens, demorariam mais tempo a cicatrizar; algumas camadas, provavelmente, ficariam feridas para sempre.

Pompeu sentou-se para escrever o seu relatório ao Senado, enquanto o fedor a carne putrefacta continuava a penetrar-lhe as narinas. Não se furtou sequer a reconhecer que tinha cometido um acto irreflectido ao mandar os arautos comunicar as suas proclamações aos cidadãos de Lauro. Não omitiu que tinha usado uma táctica errada no campo de batalha. Enviou então o rascunho, cheio de emendas, ao seu secretário, que o copiaria com uma caligrafia

incomparavelmente melhor e sem erros de ortografia ou gramaticais. Mas Pompeu não tinha ainda concluído a sua missiva, pois a batalha de Lauro não acabara ainda.

Passaram 16 dias. Sertório continuou a atacar Lauro, enquanto Pompeu permaneceu quieto no seu acampamento. Ele sabia que esta inércia não podia durar para sempre; a comida estava a acabar e os seus cavalos e mulas estavam a ficar cada vez mais magros. No entanto, não podia retirar — não com Lauro cercada e Sertório fazendo o que muito bem lhe apetecia. Não tinha outra hipótese senão procurar alimentos. Depois de terem sido ameaçados com sevícias, os seus batedores juraram-lhe que os campos a norte estavam completamente livres de patrulhas sertorianas; e assim, Pompeu mandou uma vasta e bem armada expedição de cavalaria procurar alimentos na direcção de Sagunto.

Os homens tinham saído há menos de duas horas quando Pompeu recebeu um desesperado pedido de ajuda: os homens de Sertório estavam a surgir de todos os lados, matando os cavaleiros um a um. Pompeu enviou uma legião inteira para salvar os cavaleiros e, as horas seguintes, passou-as a andar de um lado para o outro no alto da sua fortaleza, olhando insistentemente para norte.

Os arautos de Sertório trouxeram-lhe o veredicto ao pôr do Sol.

— Vai para casa, miúdo! Volta para Piceno, miúdo! Não vês que agora estás a combater homens a sério! Não passas de um amador! Estás a gostar de combater contra um profissional? Queres saber como estão os teus exploradores de alimentos, miúdo? Estão mortos, miúdo! Todos mortos! Mas desta vez não precisas de te preocupar com o seu enterro! Quinto Sertório trata disso e não te leva nada! Ficou com as armas e as armaduras deles, em troca do serviço! Vai para casa, miúdo! Vai para casa!

Aquilo só podia ser um pesadelo. Aquilo não podia estar a acontecer! De onde podiam ter surgido as forças sertorianas, se nenhum dos soldados que combatera no campo de batalha (nem mesmo a cavalaria que se ocultara atrás das muralhas) abandonara o cerco a Lauro?

— Não eram legionários, nem cavaleiros, Cneu Pompeu — disse o chefe dos batedores, tremendo ainda de pavor. — Eram os guerrilheiros de Sertório. Aparecem sem ninguém esperar, montam emboscadas, matam. E depois de matarem, desaparecem de novo.

Completamente desencantado com os seus batedores hispânicos, Pompeu mandou executá-los e jurou que, de futuro, usaria apenas batedores picentinos; seria preferível recorrer a

homens em quem tinha confiança, ainda que não conhecessem a região. Essa era a primeira lição que a guerra da Hispânia lhe tinha ensinado; a primeira, mas não a última — é que ele não ia voltar para Piceno! Ia ficar na Hispânia e havia de vencer Sertório, nem que isso lhe custasse a morte! Combateria o fogo com o fogo, a pedra com a pedra, o gelo com o gelo. Por muitos erros que fizesse, por muitas armadilhas tácticas em que aquela brilhante personificação do mal o fizesse cair, não desistiria. Dezasseis mil dos seus soldados estavam mortos, tal como quase toda a cavalaria. Mas ele manter-se-ia firme até ao último homem, até ao último cavalo.

O Cneu Pompeu Magno que retirou lentamente de Lauro, no final de Sextilis, com os gritos da cidade devastada ecoando-lhe nos ouvidos, era um homem muito diferente daquele que marchara para sul, na Primavera, tão convencido da sua importância, tão confiante e tão descuidado. O novo Cneu Pompeu era mesmo capaz de escutar, com um ar interessado, as vozes estentórias dos arautos sertorianos que comunicavam aos seus soldados o hediondo destino que aguardava as mulheres de Lauro quando chegassem aos seus novos proprietários, na longínqua Lusitânia. Depois de Sagunto,

nenhum representante de Sertório se preocupou sequer em seguir os passos de Pompeu; rumando a norte, Pompeu passou por Sebelácio, por Intibílio, atravessou o Ebro. Em menos de 30 dias, Pompeu conduziu os seus homens, exaustos e esfomeados, para o acampamento de Inverno em Empórias, e não mais deu um passo naquele horrendo ano. Especialmente depois de ter sabido que Metelo Pio vencera precisamente a batalha que ele deveria ter travado — e que a vencera brilhantemente.

Foi depois de ter falado com Balbo Sénior e de ter lido a carta de Mémio que Metelo Pio começou a pensar na melhor maneira de libertar Mémio da prisão de Nova Cartago. Também tinha havido mudanças no homem a quem Sertório tratava desdenhosamente por velha: mudanças provocadas pelo duro golpe que o Senado lhe infligira, ao conceder ao Miúdo Carniceiro um império idêntico ao seu. Talvez só um insulto tão monumental como este fosse capaz de despir a armadura defensiva do Bacorinho, pondo a nu um interior que era tão frio como o mais frio metal. Não admirava que Metelo Pio, no mais fundo de si mesmo, fosse um homem assim — bastaria pensar no exemplo do seu pai, um homem dotado de uma coragem extraordinária, de uma altivez incrível e de uma teimosia que, por vezes, era confundida com imbecilidade. Metelo Numídico fora ilegalmente afastado da guerra contra Jugurta por Caio

Mário, o qual voltaria, por várias vezes, a adoptar medidas ilegais para o rebaixar (pelo menos era assim que Metelo Pio via o caso). Caio Mário conseguira ainda que Metelo Pio ficasse unicamente com uma reputação de devoção filial, já que tivera de lutar duramente para que o seu pai regressasse do exílio infligido por Caio Mário. E precisamente no momento em que Metelo Pio se podia congratular por ser um dos homens mais estimados por Sila, eis que aparecia aquele Pompeu, aquele miúdo de 22 anos com um exército muito maior e melhor que o seu.

O seu escrúpulo em seguir as mais elevadas normas de decência de um nobre romano impedia-o de recorrer a meios baixos para fazer ressaltar a insignificância de Pompeu. E por isso, e sem que ele se apercebesse, um novo e melhor general começava a libertar-se da velha armadura que o Bacorinho impusera a si mesmo. Fazer ressaltar a insignificância de Pompeu, vencendo mais batalhas e batalhas mais decisivas, era algo de irrepreensível, era uma vingança decente e correcta, porque era o que um nobre romano podia e devia fazer quando era espicaçado por um novo-rico de Piceno. Ou por um novo-rico de Arpino, tanto fazia!

Tendo aprendido há muito tempo a lição que Pompeu só agora aprendera, Metelo Pio escolheu os seus batedores entre os seus próprios soldados romanos e também entre os homens de Gades, que temiam os bárbaros ibéricos muito mais do que os Romanos. E foi graças a esses batedores que Metelo Pio ficou a saber onde se encontravam Lúcio Hirtuleio e o seu irmão mais novo, pouco tempo depois de eles se terem instalado com o exército hispânico nas proximidades de Lamínio, na região centro-sul da Hispânia. com um dos seus novos e corrosivos sorrisos, o Bacorinho encostou-se na sua cadeira e apreciou cuidadosamente a sua estratégia, antes de fazer — mentalmente, como seria de esperar de um nobre romano — um gesto obsceno na direcção de Lamínio e de jurar que, nos dez anos seguintes, não cometeria nunca a estupidez de se aventurar até às nascentes do Anas ou do Bétis. Hirtuleio que apodrecesse de total inactividade!

Metelo Pio tinha-se instalado junto ao Anas, muito perto da sua embocadura, pensando que seria mais sensato deixar que os Lusitanos percebessem que ele estava em óptimas condições para os enfrentar, do que permanecer numa confortável residência, junto ao Bétis, mais de cento e cinqüenta quilômetros a leste. No entanto, tinha ”trabalhado tanto nesse sentido que sentia agora que as defesas da sua província estavam em óptimo estado para resistir à muralha lusitana, sem que a sua presença junto ao Anas se tornasse necessária. Por outro lado, acreditava que

bastariam duas das suas seis legiões para guarnecer as suas fortificações.

A velha da Hispânia Ulterior sabia já perfeitamente quem eram os informadores de Sertório; por isso, tratou de pôr em prática a sua nova política de espionagem — informando esses homens, com o ar mais inocente deste mundo, de que ia abandonar a sua posição no Baixo Anas. Não, não ia para as nascentes do Anas ou do Bétis — ou seja, para os braços de Lúcio Hirtuleio, em Lamínio —, mas sim para Nova Cartago, a fim de libertar Caio Mémio. Iria atravessar o Bétis, de Itálica para Hispális, depois seguiria pelas margens do rio Singílis na direcção do maciço do Solório; atravessaria o flanco noroeste deste maciço e, depois de passar por Basti e Eliocroco, avançaria finalmente para o Campo Espartário.

Poucos dias depois, os informadores comunicavam estas notícias a Hirtuleio.

Na realidade, Metelo Pio poderia perfeitamente ter seguido esse trajecto; mas o importante era que Hirtuleio acreditasse piamente naquilo. O Bacorinho sabia que Herénio, Perperna e Sertório estavam inteiramente concentrados em dar uma lição a Pompeu e que Sertório tinha absoluta confiança na capacidade de Hirtuleio para impedir que o Bacorinho saísse da sua pocilga provincial. Mas Nova Cartago ficava muito longe dessa pocilga e poderia ser o ponto de partida para uma marcha para norte e para uma tentativa para libertar Pompeu das terras de Lauro; as cinco legiões de que o Bacorinho disporia fariam, muito possivelmente, pender a balança para o lado de Pompeu. Portanto, as forças de Hirtuleio teriam de interceptar a marcha de Metelo Pio.

Pio esperava que Hirtuleio decidisse deixar Lamínio e entrasse pelas planícies entre o Anas e o Bétis. Longe dos penhascos que dariam sempre a vitória ao general sertoriano, Hirtuleio seria facilmente derrotado. Nenhum general sertoriano confiava nas populações da Hispânia Ulterior a leste do Bétis e por isso Sertório nunca tentara invadir essa área. Por isso, quando soube das notícias sobre a eventual marcha de Metelo Pio, Hirtuleio percebeu que tinha de interceptá-lo antes que Metelo Pio atravessasse o Bétis e entrasse em território seguro. Claro que o movimento mais prudente, por parte de Hirtuleio, teria sido seguir para o Norte da Hispânia Ulterior e interceptar Metelo Pio no Campo Espartário, pois essa era uma zona fiel a Sertório.

Mas Hirtuleio era demasiado matreiro para fazer o que seria lógico; se deixasse a Hispânia Central e se deslocasse para um local tão distante, o Bacorinho não tinha mais que dobrar o ritmo da marcha, atravessar o desfiladeiro de Lamínio e escolher o caminho mais rápido para se juntar a

Pompeu em Lauro.

Hirtuleio só podia fazer uma coisa: descer até às planícies entre o Anas e o Bétis e deter Metelo Pio antes que ele atravessasse o Bétis. Mas Metelo Pio marchava mais rapidamente do que Hirtuleio pensava e encontrava-se já perto de Itálica e do Bétis quando Hirtuleio e o seu exército se encontravam ainda a um dia de marcha. E por isso Hirtuleio tratou de apressar-se, pois não queria que a sua presa se escapulisse para o outro lado do rio.

Era o mês de Quinctilis e o Sul da Hispânia era assolado pela primeira grande vaga de calor desse Verão; o Sol, ao nascer por detrás das montanhas Solório, queimava já as terras que ainda não tinham recuperado da mortandade do dia anterior, tanto mais que a humidade da noite não era muita. Mostrando uma extrema solicitude para com os seus soldados, Metelo Pio deu-lhes tendas espaçosas, arejadas e umbrosas, encorajou-os a usar panos embebidos em água fria das nascentes para refrescar as frontes e as nucas, obrigou-os a beber bastante água e, por fim, forneceu a todos eles um novo equipamento, que deveriam usar em todas as batalhas — um odre cheio de água fria, atado ao cinto.

Enquanto o sol impiedoso fazia cintilar a floresta de lanças de Hirtuleio, que se aproximava rapidamente, vindo pela estrada do norte, Metelo Pio mantinha os seus homens à sombra das tendas e certificava-se de que havia suficientes tinas de água fria para manter os panos sempre molhados. Só se moveu no último momento — mas os seus soldados estavam frescos e bem dispostos, e enquanto ocupavam as suas posições discutiam a melhor maneira de se ajudarem, a meio da batalha, se por acaso precisassem de beber.

O exército ibérico tinha já percorrido quinze duros quilômetros sob aquele sol impiedoso. Embora bem abastecido de burros transportando água, não tivera tempo para parar e beber antes da batalha. com aqueles homens exaustos e sequiosos, Hirtuleio não tinha qualquer hipótese de vencer. A certa altura, ele e Metelo Pio chegaram mesmo a combater um contra o outro — uma ocorrência rara em batalhas, desde os tempos de Homero — e embora Hirtuleio fosse mais novo e mais forte, o seu adversário, fresco e sem sede, conseguiu desfeiteá-lo. A batalha acabou por separá-los, mas Hirtuleio ficou com uma ferida na coxa e Metelo Pio com a glória. Ao fim de uma hora, a batalha estava acabada. O exército ibérico dispersou e fugiu para oeste, deixando no campo muitos soldados mortos ou exaustos; Hirtuleio teve de atravessar o

Anas e seguir para a Lusitânia antes de conseguir deter os seus homens.

— Não é uma maravilha? — perguntou Metelo Pio ao filho, enquanto observavam a poeira levantada pelas patas dos cavalos, a oeste de Itálica.

— Tata, tu é que és uma maravilha! — exclamou o jovem, esquecendo-se de que já era demasiado crescido para usar um diminutivo próprio de crianças.

O Bacorinho sentiu-se inchar.

— E agora vamos a um bom banho no rio e a um belo sono, antes de marcharmos para Gades — disse ele, todo contente, enquanto imaginava as cartas que havia de mandar para o Senado e para Pompeu.

Metelo Cipião fitou-o, espantado.

— Gades? Porquê Gades?

— Claro que vamos para Gades! — retorquiu Metelo Pio. — Vamos embora, rapaz, já para a sombra! Não quero que ninguém apanhe uma insolação! Preciso de todos os meus homens. Que me dizes a uma longa viagem por mar, para fugir a este calor?

— Uma longa viagem por mar? Para onde?

— Para Nova Cartago, evidentemente. Para libertarmos Caio Mémio.

— Pai, não há dúvida que és mesmo brilhante!

E um comentário daqueles, pensou o Bacorinho enquanto conduzia o filho para a sombra da tenda do comando, era tão excitante como as efusivas saudações e os gritos de ”Imperator!” com que o seu exército o premiara depois da batalha ter terminado. Ele tinha conseguido! Tinha infligido uma derrota decisiva ao melhor general de Quinto Sertório.

A frota que partiu do porto de Gades era enorme e dispunha de uma escolta magnífica, já que o governador requisitara todos os navios de guerra existentes na província. Os navios de carga iam a abarrotar de cereais, azeite, peixe conservado em sal, carne seca, grão-de-bico, vinho, até mesmo sal — era preciso que Nova Cartago não morresse de fome por causa dos dois cercos que lhe eram movidos: o dos Contestanos, por terra, e o dos piratas, por mar.

Depois de reabastecer Nova Cartago, Metelo Pio distribuiu os legionários de Caio Mémio pelos navios vazios e subiu calmamente pela costa oriental da Hispânia Citerior, divertido com o facto de a frota pirata ter dispersado mal vira os seus navios. Naquelas mesmas águas, vários anos antes, os piratas tinham derrotado Caio Cota. Mas, pelos vistos, os piratas de agora

não sentiam apetite nenhum por este Bacorinho almirante.

Como seria de esperar de um exemplar nobre romano, o Bacorinho ia entregar Caio Mémio e a sua legião a Pompeu. Claro que poderia aproveitar a oportunidade para cantar de galo discretamente e mostrar alguma compaixão perante a ignominiosa campanha de Pompeu... O Bacorinho considerava que Pompeu merecia isso — pois não tentara ele deslustrar o seu nome?

Logo após ter passado pela grande fortaleza pirata de Diânio, a frota ancorou numa enseada deserta a fim de passar a noite; a certa altura, viram um bote vindo de Diânio encaminhar-se na sua direcção: era o mais novo dos Balbos que vinha no bote, cheio de novidades.

— Ah, que bom que é estar de novo entre amigos! — exclamou ele, no seu latim ceceado, para Metelo Pio, Metelo Cipião e Caio Mémio (já para não falar do tio, felicíssimo por vê-lo são e salvo).

— Estou a ver que não conseguiste entrar em contacto com o meu colega Cneu Pompeu — disse Metelo Pio.

— Pois não, Quinto Cecílio. Não consegui ir mais longe que Diânio. Toda a costa, desde a foz do Sucro até ao Táder, está cheia de homens de Sertório, e o meu aspecto não engana ninguém — vê-se logo que sou de Gades. Teria sido capturado e torturado. Em Diânio há muita gente de aspecto púnico e, por isso, achei que era mais sensato permanecer na cidade e escutar atentamente todas as conversas.

— E que ouviste tu, Balbo Minor?

— Ah, não ouvi apenas! Também vi! Uma coisa extremamente interessante — disse o sobrinho Balbo, com um brilho nos olhos. — Há dois intervalos entre mercados, uma frota aportou a Diânio. Uma frota que viera do Ponto e que pertencia ao rei Mitridates.

Ao ouvirem aquilo, o interesse dos romanos redobrou.

— Continua — disse Metelo Pio, numa voz baixa.

— A bordo do navio-almirante vinham dois enviados do rei, ambos desertores romanos — creio que foram legados das tropas de Fímbria. Lúcio Mágio e Lúcio Fânio.

— Vi esses nomes nas listas dos proscritos de Sila — disse Metelo Pio.

— Vieram oferecer a Quinto Sertório três mil talentos de ouro e quarenta grandes

navios de guerra. Sertório veio ter com eles, quatro dias depois da chegada da frota.

— E qual era o preço? — rosnou Caio Mémio.

— Quando se tornar Ditador de Roma, Quinto Sertório deverá confirmar a autoridade de Mitridates em relação a todas as possessões que já conquistou e permitir-lhe expandir ainda mais o seu reino.

— Quando Sertório se tornar Ditador de Roma? — disse Metelo Cipião, estupefacto.

— Isso nunca acontecerá!

— Calma, meu filho! Deixa Balbo Minor continuar — disse o pai, que guardava para si mesmo o ultraje que sentia.

— Quinto Sertório concordou com a proposta do rei, mas com uma condição — que a Província da Ásia e a Cilícia permanecessem territórios romanos.

— E Mágio e Fânio aceitaram isso?

— Segundo a minha fonte, aceitaram. Suponho que já estavam à espera de uma tal condição, pois Roma não quer perder nenhuma das suas províncias. Aceitaram em nome do rei, embora acrescentando que o rei teria de ouvir os termos do acordo das suas bocas antes de dar a sua confirmação oficial.

— A frota pôntica ainda está em Diânio?

— Não, Quinto Cecílio. Ficou apenas nove dias.

— Houve algum ouro ou alguns navios que tivessem mudado de mãos?

— Ainda não. Só na Primavera. Mas Quinto Sertório mandou ao rei provas da sua boa fé.

— Sob que forma?

— Ofereceu ao rei uma centúria de guerrilheiros hispânicos, sob o comando de Marco Mário, um jovem por quem tem grande estima.

O Bacorinho franziu o sobrolho.

— Marco Mário? Quem é?

— Um filho ilegítimo de Caio Mário. Caio Mário fez esse filho a uma mulher da Betúria, quando foi governador propraetore da Hispânia Ulterior. Já lá vão 48 anos.

— Então esse Marco Mário já não é nenhum jovem — disse Caio Mémio.

— Ah, sim, claro! Desculpem, enganei-me! — disse Balbo, muito atrapalhado.

— Por todos os deuses, homem! Um engano é um engano, não é nenhum crime! — disse o Bacorinho, divertido. — Continua!

— Marco Mário nunca saiu da Hispânia. Embora fale bem latim e tenha tido uma boa educação — Caio Mário sabia da sua existência e tratou de o ajudar —, a verdade é que sempre se mostrou favorável à causa dos bárbaros hispânicos. Tornou-se, aliás, o melhor dos comandantes da guerrilha de Sertório — especializou-se nesse tipo de guerra.

— E Sertório mandou-o ensinar a Mitridates a arte das emboscadas e dos ataques súbitos — comentou Metelo Cipião. — Obrigado, Quinto Sertório!

— E o dinheiro e os navios serão entregues em Diânio? — perguntou Metelo Pio.

— Precisamente. Na Primavera, como disse.

Esta extraordinária notícia constituiu um bom manancial para as reflexões e para a caneta de Metelo Pio, enquanto se dirigia para Empórias. Nunca pensara que as ambições de Sertório pudessem ir além da sua entronização como rei romanizado de todas as Hispânias; a sua causa sempre lhe parecera absolutamente inseparável da causa dos nativos.

— Mas — disse ele a Pompeu, mal chegou a Empórias — creio que chegou a hora de olharmos para Quinto Sertório com muito mais atenção. A conquista da Hispânia é apenas o seu primeiro passo. Se tu e eu não conseguirmos detê-lo, ele chegará às portas de Roma com o seu belo diadema branco nas mãos, preparado para a coroação. Rei de Roma! E aliado de Mitridates e Tigranes.

Dada a gravidade de tais notícias, Metelo Pio não pudera espetar a sua faca venenosa nas feridas claramente abertas de Pompeu. Olhara de relance para o rosto vazio e os olhos vazios do Miúdo Carniceiro e percebera logo que, em vez de lhe recordar os desastres, teria de o submeter a um exaustivo tratamento espiritual e mental. Numídico, o pai, teria dito que a sua própria honra lhe impunha que espetasse a faca, mas Pio, o filho, vivera demasiado tempo à sombra do pai para ter uma ideia tão refinada da sua honra.

com o objectivo de restaurar a periclitante auto-imagem de Pompeu, o Bacorinho tomou a engenhosa decisão de mandar o filho, criatura sem tacto e demasiado arrogante, à Gália Narbonense, acompanhado de Aulo Gabínio — os dois recrutariam cavaleiros e cavalos nesse território; conversou com Caio Médio e pediu-lhe que o ajudasse naquela missão; por fim, mandou Afrânio e Petreio reorganizar o esquelético exército de Pompeu. Durante alguns dias,

evitou falar ou pensar nas últimas campanhas; as notícias de Diânio ajudaram-no muito, pois não se falava noutra coisa.

Finalmente, com Dezembro à porta e a necessidade de regressar rapidamente à sua província, a velha da Hispânia Ulterior foi direita ao assunto.

— Não acho que seja proveitoso fixarmo-nos em acontecimentos que pertencem ao passado — disse ele, vivamente. — O que nos deve preocupar são as campanhas do próximo ano.

Pompeu sempre gostara de Metelo Pio, mas teria preferido que ele o deixasse em carne viva, que ele cantasse de galo, que ele exultasse; poderia então contestar as suas opiniões e odiar a sua pessoa. Mas a genuína bondade e a sincera consideração de Pio só contribuíam para o deixar ainda mais embaraçado e triste. Era evidente que o Bacorinho não o considerava suficientemente importante para merecer o seu desprezo. Aos olhos do Bacorinho, pensava Pompeu, ele não passava de mais um tribuno militar júnior que levara um bom tombo da primeira vez que conduzira sozinho uma campanha, e que agora tinha de ser levantado do chão, limpo e ajudado a subir de novo para o cavalo.

Contudo, esta atitude significava, pelo menos, que podiam conferenciar amistosamente.

Antes da derrota infligida por Sertório, Pompeu teria conduzido aquela que, muito obviamente, ia ser uma conferência de guerra; agora, porém, limitava-se a esperar que Metelo Pio apresentasse um plano.

— Desta vez — disse o Bacorinho — marcharemos os dois na direcção do Sucrão e de Sertório. Nenhum de nós tem um exército suficientemente grande para conduzirmos sozinhos uma tal operação. Contudo, eu não posso atravessar Lamínio porque Hirtuleio e o seu exército estarão lá à minha espera. Portanto, terei de seguir por caminhos muito secundários e o mais furtivamente possível. Claro que a notícia da minha marcha acabará por chegar a Sertório e, obviamente, a Hirtuleio. Mas Hirtuleio terá de deixar Lamínio para me deter e só o fará quando Sertório lho ordenar. Sertório é o maior dos autocratas em questões militares.

— Nesse caso, que caminho tomarás? — perguntou Pompeu.

— Seguirei para oeste, através da Lusitânia — retorquiu jovialmente o Bacorinho. — E acabarei por me fixar em Segóvia.

— Segóvia! Mas isso fica no fim do mundo!

— É verdade. Mas, dessa forma, estarei a lançar areia para os olhos de Sertório e a evitar Hirtuleio. Sertório pensará que euvou para o Alto Ebro e que tentarei conquistar a região enquanto ele estiver ocupado contigo. Então, mandará Hirtuleio para me deter, porque Hirtuleio, encontrando-se em Lamínio, estará muito mais perto de Segóvia do que ele.

— Que queres que eu faça, exactamente? — perguntou o novo e muito mais humilde Pompeu.

— Quero que fiques neste acampamento até Maio. Eu demorarei dois meses a chegar a Segóvia; por isso, terei de me fazer ao caminho muito antes de ti. Quando iniciares a tua marcha, avança com a maior cautela. O ponto mais vital de toda a estratégia consiste no seguinte: é preciso que eles pensem que tu estás a avançar com um objectivo definido e em total independência em relação a mim. E que não chegues ao Túris e a Valência antes do fim de Junho.

— Sertório não tentará deter-me em Sagunto ou Lauro?

— Duvido. Ele não faz o mesmo território duas vezes. E tu agora já conheces bem Sagunto e Lauro.

Pompeu ficou vermelho, mas nada disse. O Bacorinho prosseguiu como se não tivesse notado nenhuma mudança no rosto de Pompeu.

— Não, desta feita ele deixar-te-á chegar ao Túris e a Valência, porque, para ti, são regiões desconhecidas. Herénio e o traidor Perperna continuam a ocupar Valência, mas não creio que eles fiquem na cidade e que te deixem cercá-la. Sertório não gosta de parar nas cidades costeiras; prefere as suas inexpugnáveis fortalezas da montanha.

Metelo Pio fez uma pausa para estudar o rosto de Pompeu, agora branco de novo, e ficou profundamente contente ao ver que havia nos olhos dele um manifesto interesse. Óptimo! Pompeu estava a reagir bem!

— De Segóvia, marcharei até ao Sucrão, onde espero que Sertório tentará levar-te ao confronto.

com um ar intrigado, Pompeu matutou naquelas palavras. O Bacorinho apercebia-se de que a cabeça de Pompeu continuava a funcionar na perfeição — o único problema dele era que já não possuía a confiança de outros tempos, o que o impedia de fazer os seus próprios planos. Pois bem: umas quantas vitórias e essa confiança voltaria! A natureza de Pompeu era o que era — não podia ser outra. Mas podia levar uns bons golpes.

— Mas uma marcha de Segóvia até ao Sucrão conduzir-te-á à região mais seca de toda a Hispânia! — protestou Pompeu. — É um deserto! E até que chegues ao Sucrão, terás pela frente apenas montanhas, nunca vales! É uma marcha horrenda!

— É por isso que euvou fazê-la — retorquiu Metelo Pio. — Até agora, nunca houve ninguém que escolhesse voluntariamente essa rota. E Sertório não estará por certo à espera de que eu tome uma opção dessas. O que eu espero é que consiga chegar ao Sucrão antes de os seus batedores darem pela minha presença. — Os seus olhos castanhos vigiavam Pompeu com prazer.

— Tu estudaste exaustivamente os teus mapas e relatórios, Pompeu. Caso contrário, não conhecerias tão bem a geografia.

— É verdade, Quinto Cecílio. Fiz um estudo exaustivo. Não que o estudo possa substituir a experiência, mas é o melhor que uma pessoa pode fazer enquanto não tem experiência — retorquiu Pompeu, satisfeito com o elogio do outro.

— Mas tu já vais tendo alguma experiência, Pompeu! Não te preocupes com isso — disse Metelo Pio, afectuosamente.

— Experiência negativa — murmurou Pompeu.

— Cneu Pompeu, nenhuma experiência é negativa, se conduzir a um êxito final.

Pompeu suspirou e encolheu os ombros.

— Suponho que sim. — Olhou para as mãos, e acrescentou: — Onde queres que eu esteja quando chegares ao Sucrão? E quando achas que vais chegar a esse rio?

— Sertório não se deslocará para norte do Sucrão, na direcção do Túris — disse Metelo Pio. — É possível que Herénio e Perperna tentem deter-te em Valência ou algures na região do Túris, mas creio que as suas ordens serão no sentido de irem apoiar Sertório, na zona do Sucrão. Procurarei estar nas proximidades de Sertório em fins de Quinctilis. Isso significa que, se tu chegares ao Túris em fins de Junho, terás de arranjar uma boa desculpa para permanecer na zona sem fazer nada durante um mês. Aconteça o que acontecer, não continues a marchar para sul para combater Sertório antes do final de Quinctilis! Se o fizeres, eu não estarei lá para te apoiar. O objectivo de Sertório é afastar-te por completo da guerra — assim, ficaria com muito mais soldados para me enfrentar. Eu não resistiria.

— Mas, o ano passado, resististe e venceste, Quinto Cecílio.

— Provavelmente devido a circunstâncias extraordinárias. Aliás, espero que Sertório

veja o caso assim. De qualquer modo, se por acaso eu tiver de combater contra Hirtuleio e voltar a vencê-lo, farei o possível para que Sertório não saiba de nada, até que possa juntar as minhas forças às tuas.

— Parece que na Hispânia é difícil ocultar seja o que for a Sertório. Diz-se que ele ouve tudo.

— Sim, é isso que se diz. Mas eu também já estou na Hispânia há alguns anos e posso garantir-te que Sertório está a perder algumas das suas vantagens. Portanto, Cneu Pompeu, anima-te! Anima-te porque nós venceremos!

Talvez houvesse algum exagero se se dissesse que o estado de espírito de Pompeu melhorara consideravelmente depois de a velha da Hispânia Ulterior o ter deixado; mas não havia a mínima dúvida de que melhorara alguma coisa e de que a sua confiança aumentara. Tratou logo de se juntar a Afrânio e Petreio, a fim de dar os últimos toques na reestruturação do seu exército. Ainda bem, pensou, que tinha insistido em ficar com uma das legiões do Bacorinho! Sem essa legião, não poderia lançar a sua campanha. O número exacto dos seus soldados oferecia-lhe duas alternativas: cinco legiões com um número de soldados inferior ao normal, ou quatro legiões com um número de soldados normal. Pompeu, que estava longe de ser um ignorante em matérias militares, preferiu as cinco legiões, pois eram mais fáceis de manobrar do que quatro. Era-lhe difícil olhar os seus soldados nos olhos — era a primeira vez que o fazia, desde a sua derrota! Porém, para sua grande surpresa, verificou que nenhum deles o recriminava pela morte de tantos e tantos camaradas. (Em vez disso, pareciam firmemente determinados a cortar as pernas a Sertório e mostravam-se tão receptivos como sempre às ordens do seu belo e jovem general.

Como o Inverno nas terras baixas era suave e invulgarmente seco, Pompeu consolidou as suas novas unidades, conduzindo-as numa breve marcha pelo Ebro e levando-as a conquistar algumas das cidades de Sertório — Biscárgis e Celsa foram duas vitórias retumbantes. Então, e como o mês de Março se aproximava do fim, Pompeu retirou de novo para Empórias e deu início aos preparativos para a sua expedição junto ao litoral.

Uma carta de Metelo Pio informou-o, entretanto, de que Sertório, depois de ter recebido os seus quarenta navios de guerra e os três mil talentos de ouro em Diânio, partira para

a Lusitânia com Perperna, a fim de ajudar Hirtuleio a treinar mais homens, pois era preciso que o exército ibérico recuperasse a sua antiga força. Por isso, deixara Herénio à frente da cidade de Osca.

A rede de espionagem de Pompeu melhorara consideravelmente, graças aos esforços dos Balbos (agora ao seu serviço). Por outro lado, os seus batedores picentinos estavam a portar-se melhor do que ele alguma vez esperara.

Pompeu só deu início à sua marcha nos primeiros dias de Maio, avançando com extrema cautela. Ele, que era um homem do campo, não deixou de reparar, quando atravessou o Ebro em Dertosa, que aquele vale muito rico e cultivado tinha um aspecto demasiado seco para aquela época do ano, e que o trigo, para além de mais esparso do que seria de esperar, ainda não espigara.

Do inimigo não havia sinal, mas esse facto não deixou Pompeu propriamente exultante.

Pelo contrário, levou-o a ter ainda mais cuidado, a manter uma atitude defensiva. Passou por Sagunto e Lauro a toda a pressa; Sagunto continuava a aguentar-se, mas Lauro era uma ruína de que a vida se ausentara. Em fins de Junho, depois de ter enviado uma mensagem para Metelo Pio em Segóvia, chegou ao vale mais vasto e fértil do rio Túris; na margem sul deste rio, ficava a cidade de Valência, enorme e muito bem fortificada.

Aí, depois de parar nas estreitas planícies entre o rio e a cidade, Pompeu descobriu que Herénio e Perperna estavam à sua espera. Segundo as informações dos batedores picentinos, tinham mais homens do que ele, embora o número de legiões fosse o mesmo: trinta mil homens contra os vinte mil de Pompeu. A maior vantagem de Herénio e Perperna residia na cavalaria; segundo os seus batedores, deveriam ser uns mil cavaleiros gauleses. Apesar de Metelo Cipião e Aulo Gabínio terem feito os possíveis e os impossíveis para recrutar cavaleiros na Gália Narbonense, Pompeu não tinha mais do que quatrocentos cavaleiros.

Pelo menos podia ter a certeza de que as informações dos seus batedores eram verdadeiras. E quando os batedores lhe garantiram que o seu trabalho na Hispânia pouco diferia do que faziam em Itália, Pompeu acreditou neles. Assim, seguro de que não haveria cortes sertorianas preparadas para flanquearem a sua formação ou para caírem sobre a sua retaguarda, Pompeu ordenou ao seu exército que atravessasse o Túris. E que se preparasse para a batalha no outro lado do rio.

O rio era mais um declive do que um fosso abrupto e por isso a sua travessia não apresentava quaisquer dificuldades — o seu leito era duro como pedra e a água dava pelo tornozelo. Não havia
qualquer vantagem táctica em atacar por um lado ou por outro — daí que a batalha tivesse ganho a forma de uma colisão convencional e que a vitória pendesse certamente para o lado mais destemido e confiante. A única inovação que Pompeu usou foi motivada pela sua deficiência ao nível da cavalaria; pensando, e bem, que Perperna e Herénio usariam a sua superioridade em cavalos e cavaleiros para atacar os seus flancos, Pompeu colocara soldados dispondo das antiquadas lanças usadas pelas falanges no exterior das suas alas, e ordenara a esses homens que espetassem essas temíveis armas (tinham quatro metros e meio de comprido) não nos cavaleiros, mas sim nos cavalos.

Foi uma batalha rijamente travada e particularmente longa. Herénio, que, como general, estava muito longe de Sertório ou Hirtuleio, só demasiado tarde se apercebeu de que as coisas lhe estavam a correr mal; Perperna, postado a oeste de Herénio, ignorava todas as suas ordens. Na realidade, antes de a batalha começar, os dois homens não tinham chegado a acordo quanto à forma de a conduzir; acabaram por lutar como duas entidades distintas, embora Pompeu só se tivesse apercebido disso depois da batalha.

A batalha terminou com uma pesada derrota para Herénio, mas não para Perperna. Decidindo que era preferível morrer, já que Sertório insistia em associá-lo àquele traiçoeiro e odioso Perperna, Herénio suicidou-se em pleno campo de batalha; as três legiões e a cavalaria sob o seu comando, ao verem o general morto, perderam todo o ânimo de que precisavam. Vinte mil homens morreram. Entretanto, Perperna e dezoito mil sobreviventes retiraram para o Sucrão, onde se encontrava Sertório.

Lembrando-se dos avisos de Pio de que não deveria atingir o Sucrão antes do fim de Quinctilis, Pompeu não se lançou em perseguição de Perperna. Aquela vitória, tão decisiva e clara, curara o seu ego ferido. Que maravilha, ouvir de novo os seus homens saudando-o efusivamente! E vê-los fazendo merecidas coroas com as águias e os estandartes!

Valência, evidentemente, encontrava-se agora praticamente sem defesas — entre os seus habitantes e a vingança romana, havia apenas as suas muralhas. Assim sendo, Pompeu tratou de examiná-las minuciosamente, chegando à conclusão de que eram tantas as fragilidades daqueles

muros que facilmente alcançaria os seus objectivos. Algum trabalho de sapa, um incêndio propagado a uma
secção dos muros que era de madeira, a intercepção do abastecimento de água — isso bastou para que Valência se rendesse. com alguma da cautela que recentemente aprendera, Pompeu retirou todos os alimentos da cidade e escondeu-os numa pedreira abandonada, sob uma camada de turfa; depois, enviou todos os cidadãos de Valência para o mercado de escravos de Nova Cartago — e por mar, já que a frota romana da Hispânia Ulterior (graças à presciência de um certo Bacorinho romano) vinha a passar por aquelas águas e ninguém dera ainda pelos quarenta trirremes de Sertório. E seis dias antes do fim de Quinctilis, Pompeu marchou na direcção do Sucrão, onde encontrou Sertório e Perperna instalados em dois acampamentos separados, na margem mais próxima do rio.

Pompeu tinha agora de enfrentar um perturbante dilema. Não tivera notícias de Metelo Pio e, por isso, não podia concluir que os reforços estavam por perto. Tal como acontecera nas margens do Túris, também aqui a configuração física da paisagem não reservava nenhuma vantagem táctica a Sertório; não havia montes por perto, nem florestas, nem bosques, nem ravinas, o que significava que Sertório não tinha onde esconder a sua cavalaria ou os guerrilheiros. A cidade mais próxima era a pequena Sétabe, nove quilômetros a sul do rio, o qual era mais largo que o Túris e conhecido pelas suas areias movediças.

Se esperasse por Metelo Pio para travar a batalha — e faltava saber se Metelo Pio viria a caminho —, Sertório poderia retirar para uma zona que lhe fosse mais propícia ou adivinhar que Pompeu estava à espera de reforços. Por outro lado, Sertório tinha muito mais soldados que ele — cerca de quarenta mil contra vinte mil. Devido às perdas de Herénio, nenhum dos lados tinha agora muitos cavaleiros.

Foi o medo de que Metelo Pio não viesse que levou Pompeu a lançar a batalha — pelo menos foi isso que ele disse para si mesmo, recusando-se a admitir que o seu velho e cobiçoso ego lhe estava a segredar que, se combatesse agora, não teria de partilhar os louros com um Bacorinho. A batalha contra Herénio e Perperna fora apenas um prelúdio a este confronto com Sertório e Pompeu ansiava por apagar na memória as feridas causadas por Sertório. Sim, a sua confiança voltava a ser o que sempre fora! Assim, ao alvorecer do penúltimo dia de Quinctilis, depois de ter construído um formidável acampamento na sua retaguarda, Cneu

Pompeu Magno avançou com as suas cinco legiões e os seus 400 cavaleiros para a planície onde estavam instalados Sertório e Perperna e ordenou-lhes que formassem para travar mais uma batalha decisiva.

Nas Calendas de Abril, Quinto Cecílio Metelo Pio, o Bacorinho, deixara a sua confortável residência dos arredores de Itálica, na margem ocidental do Bétis, e iniciara a sua marcha na direcção do rio Anas. com ele, iam as suas seis legiões — um total de trinta e cinco mil homens — e mil cavaleiros numídios. Como o aristocrata fluido que lhe corria nas veias não apresentava qualquer contaminação de sangue campesino, Pio não reparou que as terras cultivadas por onde passou não tinham um aspecto tão verdejante como noutros anos. A sua coluna de abastecimentos levava uma abundante quantidade de cereais e todos os outros alimentos indispensáveis para variar a dieta dos seus homens e mantê-los de boa saúde.

Quando chegou ao Anas, a uma zona situada a mais de 200 quilômetros da foz, não tinha nenhuma muralha de lusitanos à sua espera; ficou muito satisfeito com esse facto, pois significava que os lusitanos não sabiam onde ele parava e continuavam à sua espera no litoral. Naquelas margens remotas do rio não havia localidades importantes, mas apenas pequenas aldeias que cultivavam os solos do vale do Anas. A notícia da sua presença acabaria por descer o rio e chegar aos ouvidos dos lusitanos; porém, quando estes chegassem àquela zona do Anas, já ele estaria muito longe do rio. Podiam persegui-lo, mas não o apanhariam!

A longa coluna romana serpenteou depois pelas suaves montanhas mais a norte, seguindo a bom ritmo na direcção de Turmúlio, nas margens do Tejo. Registaram-se entretanto algumas escaramuças de carácter puramente local, mas esses frágeis adversários foram rechaçados pelos romanos como moscas chicoteadas pela cauda de um cavalo. Como Segóvia era o seu penúltimo destino, o Bacorinho não seguiu o curso do Tejo, continuando, em vez disso, a marchar para norte, através de campos e matagais.

A estrada que seguia não passava de um caminho de terra batida, absolutamente primitivo — no entanto, entre todos os caminhos disponíveis, era sem dúvida o mais fácil, pois a sua altitude pouco variava e não chegava nunca aos mil metros. Como não conhecia aquela região, o Bacorinho estava positivamente fascinado com a paisagem e exortava a sua equipa de cartógrafos e geógrafos a fazer mapas e descrições minuciosas de tudo o que vissem. Habitantes havia poucos; e aqueles com que os romanos se cruzavam eram mortos

imediatamente.

Seguiram depois por magníficas florestas de carvalhos, faias, olmos e bétulas, abrigando-se assim do tórrido calor. A vitória contra Hirtuleio, no ano anterior, tinha dado um novo ânimo aos soldados e levado o general a tomar uma nova atitude em relação ao conforto dos seus homens. Decidido a que eles não sofressem mais do que o necessário — e consciente de que dispunha de muito tempo —, a velha da Hispânia Ulterior impôs um ritmo de marcha que dificilmente os deixaria cansados — uma boa refeição e uma noite bem dormida bastavam para lhes restaurar as forças.

Após ter passado por duas elevadas cordilheiras, a coluna romana deparou com as terras que conduziam ao Douro, o qual, entre os principais rios das Hispânias, era o menos conhecido dos Romanos. Se tivesse seguido esse caminho, Pio teria ido parar à grande e próspera Salamântica; no entanto, virou para nordeste e contornou as colinas das montanhas à sua direita, pois não queria provocar a tribo dos Vetónios, cujas jazidas de ouro tinham levado o grande Aníbal a saquear Salamântica 145 anos antes. E, nas Calendas de Junho, Quinto Cecílio Metelo Pio montou o seu acampamento nas proximidades de Segóvia.

Apesar de tudo, Hirtuleio tinha-o seguido até Segóvia. O que não era muito surpreendente, pois Lamínio ficava a apenas trezentos quilômetros de Segóvia, ao passo que Metelo Pio precisara de cobrir uma distância de novecentos quilômetros. Era possível que algum habitante de Turmúlio, junto ao Tejo, tivesse enviado uma mensagem a Sertório, dizendo-lhe que os romanos tinham passado — mas que não iam seguir o curso do Tejo. Sertório (como a velha previra) concluíra que o objectivo romano era o Alto Ebro, um estratagema para afastar Sertório da costa leste e de Pompeu, ou então uma tentativa genuína para atacar as regiões mais leais a Sertório. Hirtuleio recebera ordens para interceptar a velha antes que ela conseguisse chegar ao reino de Sertório. De uma coisa estava Pio certo: eles não tinham adivinhado para onde ele realmente ia. Para conseguir adivinhar isso, Sertório teria de ter uma opinião muito melhor acerca das capacidades — e da subtileza! — da velha.

A primeira coisa a fazer era instalar o exército num acampamento superiormente fortificado. Prudente como sempre, Metelo Pio ordenou aos seus homens que escavassem e construíssem muros com as armaduras postas — uma carga extra de que nenhum legionário gostava, só que Hirtuleio estava por perto. Como se fossem uma vasta colônia de insectos, os

seus homens lançaram-se ao trabalho a um ritmo frenético. Os carros, os bois, as mulas e os cavalos foram trazidos para dentro do campo, enquanto as bandeiras vermelhas eram colocadas e a vigilância prosseguia; depois, os animais ficaram a cargo de um número muito reduzido de homens, pois os não combatentes também eram precisos para o trabalho. Trinta e cinco mil homens labutaram com tal lógica e organização que o acampamento ficou pronto num dia; cada lado media quilômetro e meio de comprimento, as fortalezas reforçadas com madeira tinham uma altura de oito metros, havia torres em cada duzentos passos e o fosso diante das muralhas tinha mais de seis metros de profundidade. Só quando os quatro portões feitos com sólidos toros foram fechados e as sentinelas se postaram nos seus lugares é que o general se permitiu suspirar de alívio; o seu exército estava seguro contra qualquer ataque.

No entanto, aquele dia não deixou de registar incidentes. Lúcio Hirtuleio não agüentou a ideia de ver a velha confortavelmente protegida por trincheiras, muralhas e paliçadas, e lançou uma incursão de cavalaria a partir do seu próprio acampamento, com o objectivo de obrigar a velha a desistir das suas construções. Mas Metelo Pio tinha aprendido muito ao longo daqueles três anos e meio na Hispânia; tinha aprendido, nomeadamente, a pensar como o inimigo. Daí que, antes de chegar a Segóvia, tivesse mandado à frente seiscentos dos seus cavaleiros numídios, ordenando-lhes que se posicionassem num local onde um possível agressor não os pudesse ver. A incursão mal tinha começado e logo os cavaleiros numídios saíram do seu esconderijo, obrigando Hirtuleio a recuar a toda a pressa para o seu acampamento.

Durante os oito dias de um nundinum, nada mais aconteceu. Os homens puderam descansar, dormir sossegadamente, passar os dias numa mescla de exercícios e divertimentos — enfim, sentiam que nenhuma força inimiga ousaria perturbar a sua tranqüilidade.

Saindo da sua tenda de comando, situada na junção da via praetoria com a via principalis, num pequeno monte de onde o general podia ver para além das muralhas, Metelo Pio passeava pelas duas ruas principais, metia por caminhos ladeados por tendas de couro de vaca ou cabanas de colmo, e falava com todos os seus homens, explicando-lhes cuidadosamente o que ia fazer a seguir, dando-lhes uma imagem de extrema confiança.

Pio não era um homem caloroso e não se sentia muito à vontade a dialogar com os seus subordinados ou inferiores; no entanto, não era frio ao ponto de recalcar por completo os seus afectos. Desde a batalha do Bétis, em que ele cuidara dos seus soldados com tanto escrúpulo, que

estes olhavam para ele com outros olhos: de início timidamente, mas agora de uma forma cada vez mais aberta. E olhavam para ele com amor, e diziam-lhe quão gratos se sentiam por ele lhes ter dado a oportunidade de obterem aquela vitória — uma vitória alcançada graças aos seus cuidados, graças à sua capacidade de previsão. Pouco lhes importava que as razões para tantos cuidados fossem eminentemente práticas, baseadas não no eventual afecto que Pio sentia por eles, mas no desejo de derrotar Hirtuleio. Eles acreditavam no afecto de Pio. Porque afinal tinham-no visto andar na maior azáfama, emocionado, atarantado, cuidando deles como uma galinha cuida dos filhos, como uma velha avó, como a velha, que era a alcunha que Sertório lhe tinha posto, por troça; porque afinal o general tinha deixado transparecer um interesse pessoal pelo bem-estar dos seus soldados.

Desde então, tinham viajado com ele de Gades a Empórias e voltado a Gades; depois, tinham marchado com ele novecentos quilômetros, por uma região desconhecida, infestada de bárbaros; e, em todas as circunstâncias, o general fizera tudo o que lhe era possível para que eles estivessem em segurança. Por isso, quando chegaram a Segóvia, Pio tinha perdido já toda a sua antiga frieza, e compreendido que a época, a sua própria mente e uma atitude adequadamente romana, atenta a todos os pormenores, lhe tinham permitido construir um exército do qual se separaria com lágrimas nos olhos. Aqueles homens pertenciam-lhe. Aquilo com que tinha dificuldade em lidar era o facto de que ele também lhes pertencia. Isso era algo que o seu filho não conseguia aceitar — daí que tivesse a maior dificuldade em acompanhar o pai naqueles passeios pelo acampamento. Metelo Cipião era sobretudo uma criatura pretensiosa e afectada e não um defensor das tradições e das distâncias. Por isso não conseguia aceitar o afecto daqueles que não eram seus pares — no fundo, só aceitava o afecto daqueles a quem o ligasse o sangue ou a adopção.

Quando o general conduziu os seus homens para o combate contra Lúcio Hirtuleio, os soldados já tinham percebido por que razão ele tinha apinhado seis legiões e mil cavaleiros num acampamento pequeno para tanta gente. Pio queria que Hirtuleio pensasse que ele só dispunha de cinco pequenas legiões e que construíra um acampamento tão bem fortificado porque o seu exército fora obrigado a viajar sem todos os adjuntos de que precisava; Pio pedira mesmo aos seus cavaleiros numídios que fizessem comentários a esse respeito enquanto expulsavam a cavalaria de Hirtuleio.

Seguindo deliberadamente o exemplo de Cipião Africano, Pio, quando procedeu à formação, escolheu o tipo de terreno que qualquer general escolheria se por acaso estivesse à frente de tropas mal equipadas e absolutamente desanimadas — um terreno semeado de pequenos cursos de água, com algumas irregularidades, recheado de arbustos e pequenas árvores. E era evidente, aos olhos de Hirtuleio, que, para enfrentar o poderoso exército inimigo, constituído por quarenta mil soldados soberbamente armados, Metelo Pio fora obrigado a estreitar o seu centro. Para compensar isto, alargara muito as suas alas; nas pontas das alas, a cavalaria numídia parecia comportaj-se como se não tivesse ninguém a controlá-la. Quando os seus batedores o informaram de que o exército da velha tinha deixado o acampamento, Hirtuleio não sabia ainda se aquele seria de facto o melhor momento para travar a batalha. No entanto, ao ver o inimigo e o terreno em que formara, fez um grunhido de desprezo e de imediato ordenou aos seus soldados que se preparassem para a batalha.

As alas da velha atacaram desde logo o exército de Hirtuleio, e isso era exactamente o que ele queria. Avançou então contra aquele desprotegido centro, decidido a abrir um rombo nele e a fazer entrar rapidamente três legiões que, posteriormente, atacariam a retaguarda inimiga. Mas no momento em que o exército ibérico se meteu entre as duas estranhas alas, Metelo Pio lançou a sua armadilha. Os seus melhores homens estavam escondidos dentro das alas; alguns deles, de súbito, foram reforçar o centro; outros foram para os flancos. Antes que tivesse tempo para tentar

libertar-se, Lúcio Hirtuleio deu consigo no meio de um turbilhão de homens confusos e perdeu a batalha. Ele e o irmão mais novo morreram no campo de batalha, e os soldados de Metelo Pio, cantando cânticos de triunfo, reduziram a pó o exército que Sertório tanto amava. Poucos foram os soldados que sobreviveram; e esses fugiram para a Lusitânia, levando as horrendas notícias da derrota, e não mais combateram por Quinto Sertório. Os lusitanos que em vão tinham esperado por Pio na foz do Anas, depois de o terem seguido durante algum tempo, acabaram por decidir invadir a Hispânia Ulterior, chegando mesmo a atravessar o Bétis. Porém, quando se espalhou a notícia da sorte do exército ibérico, disseram adeus à sua grande oportunidade de se libertarem dos Romanos e dispersaram pelas florestas.

Segóvia, que era pouco mais do que uma aldeia empoleirada num penhasco, não agüentou as investidas de Pio mais do que um dia. Todo o seu povo foi morto e os seus edifícios

foram incendiados. Metelo Pio não queria nenhum habitante vivo — porque alguém poderia avisar Sertório de que o exército ibérico fora dizimado.

Logo que os seus centuriões acharam os soldados em condições de partir, Metelo Pio deu início à marcha na direcção do rio Sucrão. Mandava o tempo que atravessasse o formidável maciço que ficava para lá de Segóvia, sem que pensasse sequer em contorná-lo: o Juga Carpetana (como era chamado) era difícil mas não impossível de atravessar, nem mesmo para os carros puxados pelos bois, e, por outro lado, não se tratava de um caminho muito longo — menos de 40 quilômetros. Depois de Segóvia, surgiram as cidades de Miaco e Sertóbriga; Metelo Pio e o seu exército passaram muito ao largo, para que os seus habitantes fossem levados a confundi-los com o exército ibérico que, se por acaso tivesse saído vitorioso, estaria nesse momento a regressar a Lamínio.

Depois, foi uma cansativa jornada por uma região tão árida que até os rebanhos de ovelhas pareciam evitá-la. No entanto, viam-se de quando em quando leitos quase secos de rios, e era possível explorar as suas águas subterrâneas. Por outro lado, a distância até ao alto Sucrão não era demasiada — não seria por isso que o exército da Hispânia Ulterior correria riscos. O calor, evidentemente, era colossal e, quanto a sombras, nem sinal. Mas Metelo Pio marchava apenas de noite, pois estava lua cheia, e, de dia, obrigava os seus homens a dormir à sombra das tendas.

Pio nunca chegou a entender que instinto o levou a passar para a margem norte logo que viu o Sucrão; é que, a pouca distância dali, numa zona inferior do curso, o leito do rio era um verdadeiro atoleiro de cascalho arenoso — se o exército tivesse passado aí, teria demorado muito mais tempo a chegar à outra margem. Assim sendo, as suas legiões estavam já na margem norte quando, pouco antes do ocaso, ele e os seus homens ouviram, a alguma distância, o ruído inconfundível de uma batalha. Era o penúltimo dia de Quinctilis.

Desde o alvorecer até uma hora antes do pôr do Sol, Quinto Sertório observou as legiões de Pompeu formadas para a batalha, perguntando-se, à medida que o dia ia passando, se Pompeu manteria a sua decisão de combater ou marcharia dali para fora. Era esta última alternativa que Sertório almejava; logo que virasse costas, Pompeu perceberia que tinha cometido um erro terrível. Mas o miúdo não saía dali — ou era demasiado esperto e sabia muito bem o que estava a fazer, ou então tinha alguma divindade a seu lado, convencendo-o a esperar durante horas sob aquele sol escaldante.

As coisas não estavam a correr bem a Sertório, apesar das muitas vantagens que possuía — a facilidade com que as suas tropas suportavam o calor, muita água para beber e tomar banhos, um conhecimento profundo da região circundante. No entanto, não tinha recebido nenhuma notícia de Lúcio Hirtuleio, para além de uma nota muito breve dizendo que Metelo Pio não estava em Segóvia, mas que esperaria 30 dias para ver se a velha aparecia e que, passados esses 30 dias, iria ter com Sertório. Por outro lado, os seus batedores, colocados nos montes mais elevados da região, não tinham visto nenhuma coluna de poeira avançando pelo vale ressequido do Sucrão. Logo, não havia nenhum sinal de que Hirtuleio viesse a caminho. Mas o pior de tudo é que Diana tinha desaparecido.

A pequena corça branca tinha viajado com ele desde Osca, sem que a desordem e o caos da marcha a perturbassem, sem que o sol quente a fizesse sofrer (um sol que deveria ter deixado as suas marcas nela, pois era albina, mas que, afinal, não lhe causara nenhum mal — e esse era mais um sinal das suas origens divinas). Só que, quando Sertório se instalou junto ao Sucrão, deixando Herénio e Perperna numa boa posição perto de Valência para amortecerem o avanço de Pompeu, Diana desapareceu. Certa manhã, ao acordar, não encontrou Diana ao seu lado, enroscada sob a pele de ovelha.

Nesses primeiros instantes da manhã, Sertório não se preocupou com a ausência da corça. O animal tinha recebido um apurado treino e, por isso, nunca sujava o interior das tendas ou das residências com a urina ou os excrementos — daí que Sertório tivesse pensado que ela saíra para fazer as suas necessidades fisiológicas. Porém, quando ele ia tomar o pequeno-almoço, ela aparecia sempre, para comer com ele. Só que, desta feita, a corça não apareceu.

E há 33 dias que não aparecia. Cada vez mais alarmado, Sertório desatou a procurá-la nas redondezas, sem dizer nada a ninguém. Até que se viu obrigado a perguntar a alguns membros do seu exército se a tinham visto. A notícia espalhou-se como fogo por mato seco — e, a certa altura, já todo o acampamento, acometido de verdadeiro pânico, andava à procura de Diana; Sertório vira-se obrigado a fazer uma severa comunicação aos seus soldados, indicando que a disciplina tinha de ser mantida mesmo que ela tivesse desaparecido.

O pequeno animal tinha um significado portentoso para aquele exército e em especial para os soldados ibéricos. À medida que os dias foram passando sem que houvesse da corça o mínimo sinal, o moral dos homens foi decaindo; um tal desânimo foi ainda ampliado pelo

estúpido desastre de Valência, motivado pela recusa de Perperna em associar-se aos esforços do leal Herénio. Sertório sabia perfeitamente que o erro fora de Perperna, mas os seus homens estavam convencidos de que fora o desaparecimento de Diana que provocara aquela derrota. A corça branca era a sorte de Sertório — e a sua sorte tinha desaparecido.

Estava quase o Sol no ocaso quando Sertório deu ordem de batalha ao exército, seguro de que as suas tropas estavam em muito melhores condições para combater do que as tropas de Pompeu, as quais se encontravam sob um sol impiedoso há já longas horas. O próprio Pompeu comandava a ala direita e Lúcio Afrânio a esquerda; quanto ao centro, era comandado por um legado que Sertório pensava ser novo na Hispânia, pois nenhum dos seus batedores conseguira identificá-lo. A batalha de Lauro, no ano anterior, confirmara o desdém que Sertório sentia em relação às capacidades

de comando de Pompeu; por isso, optou por combater contra a ala de Pompeu,

deixando a Perperna a tarefa de enfrentar Afrânio; o centro pertencia também a Sertório.

De início, a batalha correu magnificamente para Sertório — sobretudo quando Pompeu foi levado para fora do campo de batalha, com a carne da coxa desfeita por uma lança farpada. No campo, deixou o seu Cavalo Público, morto pela mesma lança. Apesar das valorosas tentativas do jovem Aulo Gabínio para reconstruir a ala direita, a verdade é que esta, vendo-se sem chefe, começou a recuar.

Infortunadamente, Perperna estava a sair-se muito mal com Afrânio, que conseguira abrir um buraco nas suas linhas e atingido mesmo o acampamento inimigo. Sertório viu-se obrigado a ir salvar Perperna e só conseguiu expulsar Afrânio do acampamento depois de ter sofrido pesadas baixas. A noite caíra entretanto, mas a batalha continuava à luz da lua cheia e dos archotes; Sertório estava decidido a só parar o confronto quando conseguisse assegurar uma boa posição para vencer na manhã seguinte.

Assim, quando as hostilidades finalmente foram interrompidas, Sertório tinha boas razões para estar confiante em relação ao dia seguinte.

—vou pendurar a carcaça do miúdo numa árvore para que os pássaros venham comê-la — disse ele, com um sorriso perverso. Depois, com um ar ansioso, desesperado, perguntou: — E Diana? Diana ainda não apareceu, pois não?

Não, Diana ainda não tinha aparecido.

À primeira luz do dia, a batalha recomeçou. Pompeu continuava no seu posto de comando, deitado numa maca, suportada, à altura dos ombros, por alguns dos seus homens mais altos. Restaurado durante a noite, o seu exército juntou-se numa formação cerrada; era óbvio que Pompeu tinha dado ordens para que os seus homens corressem riscos mínimos — precisamente o género de inimigo que Sertório mais detestava.

Até que, pouco depois do alvorecer, um novo rosto e um novo exército penetraram no campo de batalha: Quinto Cecílio Metelo Pio, vindo de oeste e atravessando as hostes de Perperna como se elas não existissem. Pela segunda vez em menos de vinte e quatro horas, o acampamento de Perperna caía. Metelo Pio avançou então na direcção do acampamento de Sertório. E, para este, era tempo de fugir.

Enquanto ele e Perperna retiravam apressadamente, Sertório teria sido ouvido a lamentar-se:

— Se aquela velha maldita não tem aparecido, o miúdo não me escapava! — teria ele dito.

A retirada terminou nos contrafortes a oeste de Sétabe. Aí, extraindo alguma ordem daquele caos, Sertório, procurando ignorar Perperna, contou as suas perdas — talvez quatro mil homens ao todo — e integrou os homens das cortes mais afectadas (sobretudo as pertencentes a Perperna) em cortes com falta de efectivos. Perperna, quando soube disto, pensou apresentar um protesto formal, mas bastou-lhe olhar para o rosto severo e o olho estropiado de Sertório para desistir das suas intenções. Ficaria para mais tarde.

E foi nos contrafortes onde se refugiou que Sertório recebeu finalmente a notícia de que Lúcio e Caio Hirtuleio tinham sido mortos em Segóvia e de que o exército ibérico havia sido dizimado. Um golpe terrível, e um golpe que Sertório nunca esperara. E sobretudo quando o inimigo era a velha da Hispânia Ulterior! Não, Sertório nunca contara com a esperteza da velha, que dera tantas e tão estranhas voltas que nunca ninguém suspeitara das suas intenções, que passara ao largo de Miaco e Sertóbriga para dar a impressão de que era Hirtuleio, que depois marchara à luz da lua e sem levantar poeira para não denunciar a sua presença!

Os meus soldados ibéricos têm razão, pensou. Quando Diana desapareceu, a minha sorte evaporou-se. A deusa Fortuna já não me favorece. Se é que alguma vez me favoreceu.

O miúdo e a velha, segundo o informaram, tinham decidido evidentemente que não

valia a pena continuar a marchar para sul; depois de terem limpo o campo de batalha e pilhado todos os alimentos da infeliz Sétabe, os seus exércitos tinham seguido para norte. Pois bem, essa era uma decisão acertada. Sextilis não tardava e tinham ainda um longo caminho a percorrer até ao acampamento de Inverno do miúdo. Mas que tencionaria a velha fazer? Voltaria à Hispânia Ulterior, ou acompanharia o miúdo até ao acampamento? Consciente de uma horrível lassidão que não sabia como combater, Quinto Sertório decidiu que lambera já as suas feridas o suficiente para que elas sarassem; iria atrás da velha e do miúdo e provocaria todos os danos que pudesse sem incorrer numa confrontação directa.

O seu acampamento estava já desfeito e o exército preparado para partir, quando duas crianças da região se aproximaram dele timidamente, com os pés nus ainda mais sujos de terra e lama que os corpos igualmente nus e os narizes e as orelhas perfurados por reluzentes brincos de ouro em forma de bola. Entre as duas crianças, com uma corda ao pescoço, encontrava-se uma corça com a pelagem muito suja, tão suja de terra e lama que parecia castanha. As lágrimas brotaram irreprimíveis do único olho são de Quinto Sertório — que acto tão nobre, tão bondoso! A gente da região, sabendo da perda da sua bela corça branca, viera oferecer-lhe uma outra corça, o animal de estimação daquelas crianças.

Sertório agachou-se, virando para as crianças apenas a parte do seu rosto que não fora desfigurada. Para sua grande surpresa, o animal que as crianças traziam começou a saltar e a tentar libertar-se; os animais nunca tinham medo de Quinto Sertório, bem pelo contrário!

— Trouxeram-me o vosso animal de estimação? — perguntou ele, afavelmente. — Obrigado, obrigado! Mas eu não posso ficar com ele.vou lutar contra os Romanos, portanto ele ficará muito melhor convosco.

— Mas esta é a tua corça! — retorquiu uma das crianças.

— A minha corça?! Não! A minha corça era branca!

— E esta também é branca — disse a criança, raspando um pouco da lama que cobria a pelagem do bicho. — Estás a ver?

Nesse momento, a corça conseguiu libertar-se da corda e correu para Sertório. com a face direita molhada pelas lágrimas, Sertório abraçou-se ao animal e encheu-o de beijos. Não conseguia separar-se dele. — Diana! A minha Diana! Diana, Diana!

Quando as crianças se foram embora, acompanhadas por um escravo que levava um

grande saco de ouro para os pais delas, Quinto Sertório deu um banho à corça na nascente mais próxima e inspeccionou-a de alto a baixo, com um desvelo maternal. Fosse qual fosse a razão do seu desaparecimento, a verdade é que a vida selvagem não lhe tinha trazido nada de bom. Um felino atacara-a, pois ela trazia ainda as marcas profundas e semicuradas das garras de ambos os lados da rabadela, como se tivesse sido atacada por trás e atirada ao chão. Só a deusa sabia como é que ela conseguira escapar. As suas pequenas patas estavam gastas e ensangüentadas, as orelhas estavam rasgadas nas pontas, e havia sinais de
feridas no focinho. As crianças tinham-na encontrado quando conduziam o rebanho da família para o pasto. A corça correra para as crianças e descansara o focinho nas mãos de uma delas, suspirando de alívio, tremendo muito.

— Pois bem, Diana — disse Sertório, instalando-a numa caixa, numa das carroças do exército. — Espero que tenhas aprendido a lição! O mundo selvagem é para os selvagens! Estavas com o cio quando fugiste? Ou foram os cães do campo que te assustaram? De futuro, minha menina, vais viajar assim. Não suporto a ideia de te voltar a perder.

A notícia espalhara-se mais depressa que um bando de pássaros levantando vôo; Diana voltara! E, com ela, voltara a sorte de Quinto Sertório.

Pompeu e Metelo Pio deixaram Valência, seguindo para norte, na direcção de Sagunto.

Os alimentos que tinham pilhado em Sétabe (não havia mais nada para pilhar) foram um acrescento bem-vindo aos seus então reduzidos abastecimentos, tal como a comida que Pompeu escondera na pedreira perto de Valência. Tinham acordado marchar juntos ao longo da costa leste, até Empórias; por outro lado, Metelo Pio passaria esse Inverno na Gália Narbonense — embora os seus homens não se tivessem queixado do desvio de mil e quinhentos quilômetros, o Bacorinho pensou que outra marcha de setecentos e cinqüenta quilômetros seria demasiado para um ano só. Além disso, queria estar no auge da acção na Primavera e sabia que o aniquilamento do exército hispânico manteria a sua província a salvo de quaisquer ataques dos Lusitanos.

Sagunto enviara uma delegação para os informar de que faria o possível por ajudá-los e que permanecia entranhadamente romana. O que não surpreendia ninguém — fora a dedicação de Sagunto (e também de Massiliote) a Roma que desencadeara a segunda guerra púnica contra Cartago, um século e meio antes. Mas a cidade tinha poucos alimentos para lhes dar — e os dois generais não tiveram dificuldade em acreditar nisso. A colheita fora pobre porque as chuvas de

Inverno e da Primavera não tinham ajudado as espigas a encher-se de grãos.
Era portanto imperioso que os dois exércitos seguissem tão depressa quanto possível para o Ebro, onde as colheitas eram mais tardias e mais ricas. Se conseguissem lá chegar em fins de Sextilis,
a colheita seria deles e não de Sertório. Por isso, agradeceram à embaixada de Sagunto e mandaram-na para a sua cidade; Metelo Pio e Pompeu não ficariam nem um dia em Sagunto.
A coxa de Pompeu estava a sarar, mas lentamente; as farpas da lança tinham rasgado tendões e músculos, e Pompeu teria ainda de esperar algum tempo até que os novos tecidos se consolidassem. O Bacorinho não deixou de reparar que a perda do Cavalo Público parecia afectá-lo muito mais do que a ferida da perna ou o feio aspecto que a sua bela perna tinha agora. O que não admirava, pensou ele, pois um cavalo era muito mais belo que a perna de um homem.
Pompeu não encontraria ali um cavalo igual àquele: os cavalos hispânicos eram pequenos, mal alimentados e mal tratados.
O moral do miúdo estava uma vez mais muito por baixo. E com razão. Metelo Pio não só fora a razão determinante para a vitória no Sucrão, como também aniquilara o melhor general e o melhor exército de Sertório. Até mesmo Lúcio Afrânio, Marco Petreio e o novo legado de Pompeu, Lúcio Titúrio Sabino, tinham tido melhor sorte que Pompeu. Claro que era verdade que todo o veneno de Sertório se abatera sobre Pompeu; mas ele sabia que não tinha estado à altura de tamanho desafio. E agora, conforme lhe disseram os batedores, o renegado vinha atrás deles, espreitando sem dúvida uma próxima oportunidade. As suas unidades de guerrilha tinham já entrado em acção, perseguindo todas as unidades inimigas enviadas em missões de exploração de alimentos; mas a sabedoria de Pompeu, nestas questões, igualara já a de Metelo Pio, e, por isso, os dois exércitos pouco sofreram. Em contrapartida, poucos víveres conseguiram arrecadar nessas surtidas.
Então — aparentemente, por um mero acidente — deram com o exército de Quinto Sertório nas planícies costeiras, logo após terem passado Sagunto. E Sertório decidiu oferecer-lhes batalha, certificando-se antes de que ele e as suas próprias legiões combateriam Pompeu. Pompeu é que era o elo fraco do inimigo, e não Metelo Pio.
A estratégia revelou-se errada. Sertório teria feito melhor se tentasse conter Metelo Pio e deixasse Pompeu a cargo de Perperna; Pompeu apareceu no campo de batalha deitado na sua

maca, pois não queria que dissessem dele o mesmo que haviam dito de Aquiles: que se enfiara na tenda enquanto os seus aliados combatiam.

As hostilidades começaram às primeiras horas da tarde e, quando terminaram, já a noite tinha caído. Apesar de ligeiramente ferido no braço, Metelo Pio tinha ganho o dia. Provocara a perda de cinco mil homens do lado de Perperna, mas sofrera muito poucas baixas. O azar de Pompeu continuava a persegui-lo: toda a sua cavalaria foi morta e as suas baixas elevavam-se a seis mil — legião e meia. Pompeu e Pio podiam clamar vitória unicamente por causa das baixas de Perperna e dos três mil homens que morreram nas hostes de Sertório.

— Ele vai Voltar ao alvorecer — disse o Bacorinho, muito jovial, quando foi ver como estava Pompeu.

— Não, estou convencido de que vai retirar — retorquiu Pompeu. — As coisas não lhe correram bem e, quanto a Perperna, foi um desastre.

— Ele vai voltar, Cneu Pompeu. Eu conheço-o bem.

Ah, que tormento, que ódio! Aquele maldito Bacorinho conhecia-o bem!

E, como seria de esperar, o Bacorinho tinha razão. Sertório voltou de manhã, decidido a vencer. Desta feita rectificou os seus erros, concentrando as suas energias em Metelo Pio, cujo campo atacou aos primeiros alvores. Mas a velha já estava à espera dele. Tinha colocado Pompeu e os seus homens no seu próprio campo e foi assim que, sem grande dificuldade, desfeiteou Sertório. Metelo Pio, que parecia ter rejuvenescido nos últimos tempos, perseguiu então Sertório até Sagunto, onde este se refugiou com o exército; enquanto isso, Pompeu era levado de maca para a sua tenda.

Apesar da vitória, a batalha provocara em Pompeu uma dor pessoal. Caio Mémio, seu cunhado, amigo e questor, fora morto — era o primeiro dos seus legados a perecer numa batalha. Enquanto Pompeu chorava, escondido a um canto de uma carroça, Metelo Pio comandava a marcha para norte, deixando que Sertório e Perperna fizessem o que muito bem entendessem — provavelmente exerceriam represálias sobre os habitantes de Sagunto. Mas não ficariam lá muito tempo, disso estava ele certo: Sagunto não tinha comida para os seus habitantes, quanto mais para um exército.

No final de Sextilis, os dois exércitos romanos chegaram ao Ebro; mas a colheita já se encontrava nos celeiros das imponentes

fortalezas sertorianas, nas montanhas, enquanto que as planícies tinham sido incendiadas, não passando agora de um deserto negro. Sertório não se demorara em Sagunto. Fora mais rápido que Pompeu e Pio e, antes que o inimigo viesse, devastara as suas possíveis fontes de alimentos.

Empórias e as terras dos Indigentes também não estavam melhor; dois Invernos de ocupação pelo exército de Pompeu tinham feito engordar as bolsas do povo, mas as colheitas eram escassas.

—vou mandar o meu questor Caio Urbínio à Hispânia Ulterior, a fim de recrutar tropas bastantes para que as minhas terras possam ficar em segurança — disse o Bacorinho. — Mas se quisermos acabar com Sertório, terei de estar perto de ti na Primavera. Por isso, e como pensámos, o melhor será eu ir para a Gália Narbonense.

— Mas as colheitas aí também não são boas.

— É verdade. Mas há muitos anos que não têm lá nenhum exército instalado e por isso creio que hão-de ter o suficiente para os meus homens — retorquiu o Bacorinho. Franzindo o sobrolho, prosseguiu: — O que mais me preocupa é o que tu vais fazer. Não creio que haja aqui alimentos suficientes para os teus soldados — e se eles não se alimentarem bem durante o Inverno, chegarão à Primavera magros e sem forças.

— Euvou partir para o Alto Douro — replicou Pompeu calmamente.

— Por todos os deuses!

— É uma região que fica demasiado longe das cidades de Sertório. Por isso, deverá ser mais fácil dominar as fortalezas locais do que conquistar cidades como Calagorre ou Yareia. O Ebro pertence a Sertório de uma ponta a outra. Mas o Douro não. Os poucos nativos em que confio disseram-me que a região não é tão alta como os Pirenéus, longe disso. E, por outro lado, o frio é muito menor.

— Nessa região vivem os Vaceus, que é um povo guerreiro.

— Mas todos os povos das Hispânias o são, Metelo Pio! — retorquiu, fatigado, Pompeu, mudando a posição da perna.

O Bacorinho aquiesceu, com um ar pensativo.

— Sabes uma coisa, Pompeu: quanto mais penso na tua ideia, mais gosto dela! Vai! Mas parte depressa, pois o Inverno poderá dificultar a travessia do Alto Ebro.

— Não te preocupes, eu escaparei ao Inverno. Mas primeiro — disse ele, com um ar triste — tenho de escrever uma carta.

— Para Roma e para o Senado.

— Isso mesmo, Pio. Para Roma e para o Senado. — Os olhos azuis, mais velhos e circunspectos nos últimos tempos, fixaram os olhos castanhos do Bacorinho. — Só quero perguntar-te uma coisa: deixar-me-ás escrever e falar em teu nome?

— Absolutamente! — retorquiu Metelo Pio.

— Tens a certeza de que não preferes escrever a tua carta?

— Tenho. É melhor que sejas tu a escrever. Foi a ti que aqueles especialistas de divã deram a comissão especial. Eu não passo de um velho e vulgar governador que teve de enfrentar uma guerra terrível. Eles não me ligam nenhuma, sabem perfeitamente que eu sou um dos seus velhos criados. É a ti que eles não conhecem, Magno. É em ti que eles provavelmente não confiam. Porque tu não és um deles. Escreve-lhes! E mete-lhes um bom susto, Magno!

— Não te preocupes, é isso que euvou fazer. O Bacorinho levantou-se.

— Pois bem,vou partir amanhã de manhã para Narbona. Quanto mais depressa partirmos, menos comeremos da tua comida.

— Não queres pelo menos retocar a minha prosa? Varrão costumava fazer-me isso.

— Não, eu não! — retorquiu o Bacorinho, rindo. — Eles conhecem muito bem o meu estilo literário. Dá-lhes algo que eles nunca tenham visto antes.

E foi isso mesmo que Pompeu fez.

Para o Senado e o Povo de Roma:

Escrevo esta carta em Empórios, nos Nonos de Outubro do ano do consulado de Lúcio Octávio e Caio Aurélio Cota. Nos Idos de Outubro, inicio a minha marcha até ao rio Douro e à sua confluência com o rio Pisoraca, onde existe uma cidade chamada Septimanca, no meio de férteis montanhas. Espero passar aí o Inverno, dando aos meus homens o conforto e os alimentos de que precisam. Felizmente, já não tenho tantos homens como tinha há dois anos, quando cheguei a Empórios. Disponha apenas de quatro legiões,

cada uma das quais com menos de quatro mil homens, e já não tenho cavalaria.

Porque é que tenho de levar os meus catorze mil homens a atravessar um território hostil e a marchar setecentos e cinqüenta quilômetros para lhes proporcionar um bom

acampamento de Inverno? Porque não há nada que comer na Hispânia Oriental. É essa a razão. Nesse caso, porque é que não compro comida à Gália ou à Gália Italiana, tanto mais que os ventos, nesta época do ano, favorecem as viagens dos navios dessas regiões até à Hispânia? Porque não tenho dinheiro. Não tenho dinheiro para comprar comida, nem para pagar aos navios. É essa a razão. Não tenho outra hipótese senão roubar comida às tribos nativas, as quais, assim espero, não deverão resistir ao assalto de catorze mil romanos esfomeados. É por isso que tenho de me deslocar para tão longe — porque nessas regiões as tribos devem ser tão fracas que não resistirão aos nossos ataques. Para obter comida no Ebro, teria de conquistar uma das fortalezas de Sertório — e não tenho condições para tal. Quanto tempo demorou Roma a submeter a Numância? E a Numância é um galinheiro, se comparada com Calagorre ou Clúnia. Além disso, a Numância não era comandada por um general romano.

Sabem, através das minhas cartas, que não tive boas campanhas nestes dois últimos anos, embora o meu colega Quinto Cecília Metelo Pio Pontifex Maximus tenha registado êxitos notáveis. É preciso algum tempo para nos habituarmos a Quinto Sertório. Este é o país dele. Ele conhece-o e conhece o seu povo. Eu não. Fiz o melhor que podia. Não creio que outra pessoa no meu lugar pudesse ter feito melhor. O meu colega Pio teve de esperar três anos para arrancar a sua primeira vitória. Eu, pelo menos, colaborei em duas vitórias neste segundo ano, quando as minhas forças e as de Pio se juntaram para derrotar Sertório junto ao rio Sucrão e, depois, perto de Sagunto.

Eu e o meu colega Pio acreditamos que venceremos. Não tenho a mínima dúvida de que venceremos. Mas, para vencermos, precisamos de alguma ajuda de Roma. Precisamos de mais legiões. Precisamos de dinheiro. Não digo ”mais dinheiro” porque, até agora, não recebi dinheiro nenhum. E creio que o meu colega Pio também não recebeu nenhum, para além do estipêndio que lhe foi concedido para o seu primeiro ano como governador. Parece que vos estou já a ouvir: alcança umas quantas vitórias, saqueia umas quantas cidades e logo terás dinheiro. Pois bem, isso não é possível na Hispânia. Não há dinheiro na Hispânia. Quando conquistamos uma cidade, o saque resume-se a alguns víveres. Não há dinheiro. Caso estejam confusos com a minha escrita,vou repetir: NÃO HÁ DINHEIRO. Quando me mandaram para aqui, deram-me seis legiões e mil e quinhentos cavaleiros e dinheiro suficiente para pagar a toda a gente e para pagar abastecimentos durante meio ano. Isso foi há dois anos. O meu tesouro de

guerra ficou vazio ao fim de meio ano. Isso foi há ano e meio. E o dinheiro acabou-se. E não vieram mais tropas.

Sabem — eu sei que sabem, porque eu e o meu colega Pio os informámos nas nossas cartas — que Quinto Sertório fez um pacto com o rei Mitridates do Ponto. Sertório concordou em aceitar todas as conquistas do rei Mitridates e em permitir mais conquistas ao reino do Ponto a partir do momento em que se torne Ditador de Roma. Devem entender, portanto, que Quinto Sertório não vai parar quando se tornar rei da Hispânia. Ele tenciona ser também rei de Roma — seja qual for o título que atribua a si mesmo. Há apenas duas pessoas em condições de detê-lo. Eu e o meu colega Pio. Digo isto porque somos nós que estamos aqui e porque temos hipóteses de o deter. Mas não podemos detê-lo com aquilo que temos. Sertório possui todo o potencial humano que a Hispânia pode oferecer e tem a capacidade de transformar os bárbaros hispânicos em bons soldados romanos. Eu e o meu colega Pio não podemos recrutar soldados na Hispânia. Ninguém no seu juízo perfeito se juntaria aos nossos exércitos. Não temos dinheiro para pagar aos nossos homens. Nem sequer temos comida para lhes dar. E — os deuses são minhas testemunhas!— não há despojos para partilhar.

Eu posso derrotar Sertório. Se não o puder fazer de outra maneira, então serei como a gota de água que desgasta a mais dura das pedras, até ao momento em que esta se transforma numa concha vazia, que uma criança pode partir com um martelo de brinquedo. O meu colega Pio sente exactamente o mesmo que eu. Mas eu só poderei vencer Sertório, se Roma me enviar mais soldados e mais cavalaria. E ALGUM DINHEIRO. Os meus homens não recebem há ano e meio e eu estou a dever tanto aos mortos como aos vivos. Trouxe muito do meu dinheiro comigo, mas gastei-o todo em abastecimentos.

Não apresento desculpas pelas minhas baixas. Elas são o resultado de erros de previsão e da deficiente informação que recebi em Roma. Disseram-me, entre outras coisas, que seis legiões e mil e quinhentos cavaleiros chegariam perfeitamente para abater Sertório. Pois eu devia ter trazido dez legiões e três mil cavaleiros. Então, tê-lo-ia vencido no primeiro ano e Roma estaria agora mais rica em homens e em dinheiro. É nisto que vocês, cambada de sovinas, devem reflectir.

E aqui vai mais uma coisa para que vocês reflictam um pouco. Se eu não puder permanecer na Hispânia e se o meu colega Pio, por isso mesmo, ficar reduzido ao seu cantinho

da Hispânia, que acham que vai acontecer? O que vai acontecer é que eu voltarei para Itália. E arrastarei Quinto Sertório e os seus homens atrás de mim, como se fossem a cauda de um cometa. Portanto, pensem maduramente no que acabei de lhes dizer. E mandem-me algumas legiões e cavalaria. E ALGUM DINHEIRO.

A propósito: Roma está a dever-me um Cavalo Público.

A carta chegou a Roma em fins de Novembro, um tempo de mudanças no Senado reorganizado de Sila. Os cônsules do ano estavam a chegar ao fim do seu mandato e os cônsules eleitos para o ano seguinte esperavam já ansiosos pelas transmissão do poder. Por causa da doença crónica de Lúcio Octávio, apenas um cônsulj Caio Aurélio Cota, ocupava a cadeira curul. Mamerco Princeps Senatus leu a carta de Pompeu aos senadores silenciosos — a leitura de cartas fora um dos privilégios que Sila não retirara ao chefe do Senado.

Foi Lúcio Licínio Lúculo, cônsul sénior eleito para o ano seguinte, que se levantou para responder; o seu colega júnior era o irmão do meio do actual cônsul, Marco Aurélio Cota, e nenhum dos Cotas queria responder àquela carta tão crua e perturbante.

— Pais Conscritos, a carta que acabam de ouvir é um relatório de um soldado e não uma insidiosa missiva de um qualquer político!

— Um relatório de soldado? O que eu acho é que o seu autor é tão incompetente a escrever como a comandar um exército — replicou Quinto Hortênsio, apertando o nariz como que para evitar algum fedor.

— Ora, Hortênsio, cala-me essa boca! — atirou-lhe Lúculo, farto de ouvir tais comentários. — Francamente! Não estou nada interessado em ser interrompido pelas observações elegantes de um general de trazer por casa! Quando conseguires deixar o teu divã e abandonar os teus belos peixinhos e fores, em vez disso, lutar contra Quinto Sertório, não só abrirei alas para que tu passes, como deixarei o chão juncado de pétalas de rosa! Mas enquanto a tua espada não for tão acerada como a tua língua, deixa ficar a língua onde ela deve ficar — atrás dos teus dentinhos gulosos!

Hortênsio cedeu, ainda que com um ar muito azedo.

— Como eu estava a dizer, não se trata de uma insidiosa missiva de um qualquer político. E não nos poupa a nós, os políticos. Por outro lado, também não poupa o seu próprio autor. Não apresenta desculpas para os seus fracassos e o que nos diz sobre as batalhas vencidas

e perdidas é corroborado pelas cartas que temos recebido regularmente de Quinto Cecílio Metelo Pio.

”Ora bem: eu nunca estive na Hispânia. Alguns de vocês conhecem a região, mas a maior parte está no mesmo barco que eu — nada sabe da Hispânia. Em tempos que já lá vão, a Hispânia Ulterior tinha a fama de ser uma região proveitosa para o governador — uma região rica, pacífica, embora cheia de bárbaros nas suas fronteiras. No entanto, as guerras contra os bárbaros eram coisa fácil para os governadores. A Hispânia Citerior nunca gozou da mesma reputação — os ganhos eram poucos e os povos nativos mantinham-se numa agitação constante. Portanto, o governador da Hispânia Citerior só podia esperar do seu governo uma bolsa vazia e muitos problemas com as tribos das montanhas.

”No entanto, tudo mudou com a chegada de Quinto Sertório. Ele já conhecia bem a Hispânia, porque acompanhara Caio Mário nas suas missões, porque fora tribuno militar de Tito Dídio — e durante esse tribunato, não sei se estão lembrados, Quinto Sertório, apesar de ser ainda um jovem, ganhou a Coroa de Erva. E quando este homem notável e temível regressou a Hispânia, como um rebelde mariano que procurava vingar-se, a província citerior tornou-se literalmente ingovernável e a província ulterior ficou ingovernável a oeste do Bétis. Como diz a carta de Cneu Pompeu, o excelente governador da Hispânia Ulterior precisou de quase três anos para vencer uma batalha contra um dos apoiantes de Sertório, Hirtuleio — e não contra o próprio Sertório. Há uma coisa de que a carta não nos censura: não nos censura por termos deixado a Hispânia Citerior sem governador durante quase dois anos, por causa das lutas intestinas em Itália. Isso, Pais Conscritos, foi o mesmo que dar a província citerior de bandeja a Sertório!”

Lúculo fez uma pausa para olhar directamente para Filipe, que tinha a cabeça ligeiramente dobrada e sorria com todos os seus dentes. Lúculo detestava estar a fazer o trabalho de Filipe; mas era preferível ser ele a fazê-lo, do que alguém que até o mais estúpido dos senadores identificasse como um dos apoiantes de Pompeu.

— Quando o Senado deu a comissão especial a Cneu Pompeu Magno, eu estava a governar a Província de África e vocês não conseguiram encontrar um senador capaz e interessado em assumir a tarefa de vencer Quinto Sertório. Mandaram Cneu Pompeu para a Hispânia com seis legiões e mil e quinhentos cavaleiros. Pois digo-lhes, com toda a franqueza,

que eu me teria recusado a ir para a Hispânia com menos de dez legiões e três mil cavaleiros — os números que Cneu Pompeu considera adequados. Os números correctos!

”Se examinarmos a folha de serviços militares de Pompeu, só podemos concluir uma coisa: é absolutamente impressionante. E Pompeu é jovem e, por isso, flexível e adaptável, qualidades que os homens perdem depois dos entusiasmos da juventude. Contra qualquer outro inimigo de Roma, seis legiões e mil e quinhentos cavaleiros teriam sido, provavelmente, suficientes. Mas Quinto Sertório é um caso muito especial. Não vimos ninguém como ele desde Caio Mário e, pessoalmente, acho-o melhor general que Mário. Por isso, as derrotas iniciais de Pompeu não têm nada de surpreendente. Como poderia ter a sorte pelo seu lado, se enfrentou uma das melhores cabeças que Roma alguma vez produziu? Duvidam disso? Pois não duvidem! Não duvidem, porque é a pura verdade!

”No entanto, até mesmo as melhores cabeças militares têm uma maneira específica e reconhecível de pensar. O governador da Província Ulterior, o nosso bom Pio, já se encontra na Hispânia há tempo suficiente para começar a entender a forma como Sertório pensa. Dou os meus parabéns a Pio por isso. Francamente, eu não acreditava que ele tivesse essa capacidade! No entanto, sozinho, não conseguirá bater Sertório. O teatro de guerra é demasiado vasto — é como a Itália durante a Guerra Italiana. Um homem não pode estar a Norte e a Sul ao mesmo tempo e, entre as duas regiões, fica uma barreira montanhosa extremamente seca.

”Vocês mandaram outro homem — um mero cavaleiro a quem puseram uma espécie de coroa militar sem nome — para governar a Província Citerior. Como é que era a tua frase, Filipe? Ah, sim, já me lembro: non proconsule, sed pró consulibus. Deram-lhe a entender que o enviavam para a Hispânia adequadamente acompanhado e adequadamente remunerado. Ah, nada de mal-entendidos: eu sei muito bem que ele estava ansioso por ocupar esse cargo! Se nós tivéssemos 29 anos de idade e fôssemos já veneráveis veteranos, estaríamos exactamente como ele: desejosos de obter um tal cargo! Ele estava tão ansioso por ir para a Hispânia que até era capaz de ter aceite menos soldados! Era muito capaz de ter levado apenas quatro legiões e quinhentos cavaleiros! Tinha-vos saído muito barato...”

— Foi pena não termos feito isso — comentou Catulo. — As baixas dele já são superiores a quatro legiões e quinhentos cavaleiros!

— Escuta o que Lúculo tem a dizer! — exclamou Hortênsio.

— E isto — disse Lúculo, ignorando desta vez os cunhados — leva-me ao cerne do problema. Como pode Roma esperar deter um homem como Quinto Sertório, se Roma não quer enviar o dinheiro ou os homens necessários para o deter? Nem mesmo um Quinto Sertório conseguiria resistir a Pompeu e Pio, se cada um destes comandasse dez legiões e três mil cavaleiros! A carta de Pompeu acusa este Senado da perda da guerra — e eu concordo com essa opinião! Como pode o Senado esperar por milagres, se não paga aos mágicos para os fazerem? Não há dinheiro, nem reforços — isto assim não pode continuar! Esta casa tem de arranjar dinheiro para pagar às poucas legiões de que Pompeu e Pio dispõem e tem também de arranjar dinheiro para dar a Pompeu pelo menos mais duas legiões. Quatro seria melhor.

Caio Cota falou da cadeira curul.

— Concordo com tudo o que disseste, Lúcio Licínio. Só que não temos dinheiro, Lúcio Licínio. O problema é só esse: não há dinheiro.

— Se não há dinheiro, então teremos de arranjá-lo. Seja de que maneira for — replicou Lúculo.

— Arranjá-lo como? — perguntou Caio Cota. — Há três anos que não recebemos rendimentos significativos da Hispânia e, desde que os Contestanos se revoltaram, deixámos de receber rendimento algum. A Província Ulterior não pode extrair os tesouros mineiros das montanhas Marianas, nem da parte sul das montanhas Orospeda. E agora a Província Citerior não pode extrair os minérios da região de Nova Cartago. Os tempos em que o Tesouro recebia de Hispânia vinte mil talentos em ouro, prata, chumbo e ferro, já acabaram — tal como as minas. Além disso, os acontecimentos dos últimos quinze anos reduziram os nossos rendimentos da Província da Ásia ao seu mais baixo nível nos últimos cinqüenta e cinco anos, ou seja, desde que herdámos a região. Estamos em guerra na Ilíria, na Macedónia e na Gália Transalpina. Chegaram-nos mesmo boatos de que o rei Mitridates se está a levantar de novo, embora ninguém possa ter uma certeza. E quando Nicomedes da Bitínia morrer, a situação no Oriente ainda se tornará mais precária.

— Negar dinheiro e tropas aos nossos governadores da Hispânia, porque prevemos determinados eventos do outro lado do Nosso Mar, os quais poderão nunca acontecer, é uma atitude absolutamente idiota, Caio Cota! — retorquiu Lúculo.

— Não, Lúcio Lúculo, não é! — atirou-lhe Cota, furioso. — Eu não preciso de fazer

previsões de qualquer espécie para saber que não temos dinheiro para mandar para a Hispânia, quanto mais tropas! Cneu Pompeu e Quinto Pio têm de se arranjar com os meios de que dispõem!

O rosto alongado de Lúculo exibia a mais dura das expressões.

— Nesse caso — disse ele, num tom gélido — podem contar com um novo cometa nos céus de Roma. A cabeça do cometa será leal a íloma, pois será constituída por um Pompeu completamente desfeito, correndo a toda a pressa para Roma com o seu exército reduzido a pó. Mas quanto à cauda... ah, meus senhores, que cauda! A cauda será Quinto Sertório e os bárbaros da Hispânia que ele mantém sob o seu jugo. E não se esqueçam de que essa cauda, durante o seu trajecto, atrairá os Volcas, os Salúvios, os Vocôncios, os Alóbroges, os Hélvios e também os Bóios e os ínsubres da Gália Italiana — isto para não falar dos Lígures e dos Vagienos!

Um silêncio absoluto saudou este feroz comentário.

Decidindo que era tempo de infringir a norma de Sila, Filipe levantou-se e, deliberadamente, encaminhou-se para o meio da Cúria Hostília. Daí, olhou para toda a gente, desde o pálido Cetego às figuras encolhidas de Catulo e Hortênsio. Depois, virou-se para o pódio curul e fitou o desconcertado Caio Cota, cujo rosto reflectia bem o seu estado de espírito.

— Sugiro, Pais Conscritos — disse Filipe —, que convoquemos os chefes do Tesouro e os especialistas em impostos, para vermos como poderemos arranjar uma soma considerável, apesar de o nosso honrado cônsul dizer que não a temos. Sugiro também que tratemos de arranjar algumas legiões e um ou ou dois esquadrões de cavalaria.

Quando Pompeu chegou às proximidades de Septimanca, nas terras dos Vaceus, achou a cidade mais pequena do que imaginara, baseado nas indicações dos seus informadores. No entanto, toda a região parecia muito próspera. Septimanca ficava situada numa fraga sobre o rio Pisoraca — uma situação não propriamente invulnerável. Daí que a cidade se rendesse sem oferecer resistência. Rodeado por intérpretes, Pompeu tratou de acalmar os receios dos cidadãos de Septimanca e procurou convencer os chefes da zona de que pagaria mais tarde tudo o que lhes levasse e de que os seus homens se comportariam dignamente.

Clúnia, alguns quilômetros a norte da nascente do Douro, era a fortaleza mais ocidental de Sertório; porém, algumas das localidades situadas a sul da mesma nascente tinham sabido da sorte de Segóvia e mandado embaixadas a Septimanca, para assegurar a Pompeu a sua lealdade a

Roma e oferecer-lhe tudo o que precisasse. Assim, depois de uma conferência com os seus legados, intérpretes e chefes locais, Pompeu mandou Lúcio Titúrio Sabino e quinze coortes construir o acampamento de Inverno em Termes, uma cidade que, apesar de celtibera, já não estava disposta a apoiar Sertório.

Na realidade (como Pompeu disse a Metelo Pio, numa carta de votos de bom Ano Novo), a avalancha só agora começava a formar-se. Se, nas campanhas do ano seguinte, conseguissem afectar significativamente Sertório, haveria muito mais cidades como Septimanca e Termes, desejosas de se submeterem ao poder romano. A guerra prosseguiria então no reino de Sertório, a região do Ebro; não haveria mais expedições para a costa oriental.

A Primavera chegou cedo ao Alto Douro e Pompeu não perdeu mais tempo. Deixando o povo de Septimanca e Termes a fazer as suas sementeiras (contando já com os romanos, que poderiam voltar no Inverno seguinte), as quatro legiões subiram o Pisoraca até Palância, que se tinha declarado a favor de Sertório, unicamente porque a cidade rival, Septimanca, aderira à causa romana.

Metelo Pio também deixou a Gália Narbonense bastante cedo, subindo o Ebro com a intenção de se vir a juntar a Pompeu. Contudo, a sua tarefa mais importante consistia em desimpedir a estrada entre o Ebro e a Hispânia Central, para que as tropas romanas pudessem usá-la sem problemas; por isso, quando chegou ao Saio, um grande afluente do Ebro que nascia no Juga Carpetana, resolveu seguir o seu curso e submeter, uma a uma, todas as cidades situadas nas suas margens. Concluída esta breve e animada campanha, Metelo Pio dispunha já de uma estrada rápida que dava acesso à sua própria província; por outro lado, impedia dessa forma Sertório de chegar às nascentes do Tejo e do Anas, o que implicava uma separação total das tribos da Lusitânia.

Palância revelou-se um osso duro de roer. Por isso, Pompeu instalou o seu cerco da mesma forma que Cipião Emiliano perante Numância — como tratou de informar a cidade, através de um verdadeiro bombardeamento de proclamações lidas pelos arautos. Em jeito de retaliação, Palância pediu ajuda a Sertório, que se encontrava em Osca; Sertório respondeu positivamente, cercando os sitiantes com o seu exército. Era evidente que Sertório não queria conflitos com a velha da Província Ulterior — daí que tivesse ignorado as suas conquistas nas margens do Saio; Sertório estava mais certo do que nunca de que Pompeu era o elo frágil da

corrente romana.

Nenhum dos lados estava interessado numa confrontação directa em Pflância. Pompeu procurava submeter a cidade e Sertório tentava infligir o maior número possível de baixas nas hostes de Pompeu. Assim, enquanto Pompeu ia empilhando toros e achas junto às portentosas muralhas de madeira de Palância, Sertório lançava algumas incursões, matando uns quantos soldados inimigos de cada vez. E a evolução foi tal que, no início de Abril, Pompeu acabou por retirar, permitindo que Sertório ajudasse a cidade a reparar a secção das muralhas que tinha ardido.

Um mês depois, Pompeu e Metelo Pio encontraram-se defronte de uma das mais fortes cidades fiéis a Sertório: Calagorre, no Alto Ebro.

com o Bacorinho, vinham um baú cheio de dinheiro para Pompeu e duas novas legiões, mais seis mil homens formados em coortes, destinados a completarem as legiões já existentes. E, acompanhando todas estas dádivas de Roma, vinha a melhor de todas as dádivas: o novo proquestor de Pompeu, nem mais nem menos do que Marco Terêncio Varrão.

Ah, a felicidade que Pompeu sentiu ao ver aquela calva brilhante, com a franja de cabelo escuro por sobre as orelhas! O jovem general chorou ao ver o amigo e aquelas lágrimas, não as escondeu de ninguém.

— Eu já tinha partido quando Varrão e os teus reforços chegaram a Narbona — disse o Bacorinho, agora que estavam os três reunidos na tenda de Pompeu, bebendo uma taça de vinho misturado com água. — Mas encontrei-o à saída do vale do Saio. E é com todo o prazer que te anuncio, Magno, que também eu recebi um baú cheio de dinheiro.

Pompeu respirou fundo, aliviado.

— Então quer dizer que a minha carta resultou ,— disse ele para Varrão.

— Resultou?! — exclamou Varrão, rindo. — Eu diria que provocou um verdadeiro incêndio no Senado! Um incêndio como nunca foi visto, desde que Saturnino se declarou rei de Roma! Gostava que tivesses visto a cara dos senadores, quando Lúculo começou a enumerar as tribos gaulesas que se agarrariam à cauda do cometa de Sertório, quando ele te perseguisse até Roma!

— Lúculo? — perguntou Pompeu, estupefacto.

— Sim, Magno. Lúculo foi o teu grande defensor.

— Mas porquê? Não fazia a mínima ideia de que Lúculo gostava de mim.

— Provavelmente não gosta. Mas julgo que receava que o mandassem para a Hispânia, a fim de te substituir. Ele é um óptimo militar, mas a última coisa que desejava era vir para a Hispânia. Aliás, quem é que, no seu juízo perfeito, deseja vir para a Hispânia?

— Tens toda a razão — retorquiu o Bacorinho, sorrindo.

— Portanto, agora tenho seis legiões e tanto eu como Metelo Pio temos dinheiro — disse Pompeu. — Mas quanto é que eles nos deram, Varrão?

— O suficiente para pagar aos vivos e aos mortos o que lhes devem e para pagar aos vivos uma parte deste ano. Mas só uma parte. Lamento imenso, Magno. Foi o máximo que Roma conseguiu arranjar.

— Daria tudo para saber onde é que Sertório guarda o seu tesouro! Se soubesse, atacaria imediatamente essa cidade e não descansaria enquanto o dinheiro dele não fosse parar ao meu baú! — disse Pompeu.

— Duvido que Sertório possua grandes fundos, Magno — replicou o Bacorinho, abanando a cabeça.

— Ora essa! Então ele não recebeu três mil talentos de ouro do rei Mitridates, há cerca de um ano?

— Recebeu. Mas aposto que já os gastou. Não te esqueças de que ele não recebe rendimentos regulares de nenhuma província e não dispõe de escravos para trabalharem nas minas. E as tribos hispânicas também não têm dinheiro.

— Sim, suponho que tens razão.

Seguiu-se um breve e confortável silêncio. Metelo Pio rompeu-o subitamente, como se tivesse tomado uma decisão em que andava a matutar há muito tempo. Respirou tão profundamente que Pompeu e Varrão se viraram para ele, intrigados.

— Magno, tenho uma ideia — disse ele.

— Sou todo ouvidos.

— Já vimos que a Hispânia está numa situação de grande pobreza, situação que envolve tanto os Hispânicos como os Romanos. Até mesmo os Púnicos de Gades estão a passar mal. A riqueza é um sonho inatingível para a maior parte dos homens que vivem na Hispânia. Ora

sucede que eu tenho um pequeno tesouro que pertence à Província Ulterior e que se encontra num baú, na residência do governador em Castulo, desde que Cipião Africano o pôs lá. Não percebo porque é que nenhum dos nossos mais gananciosos governadores o surripiou, mas a verdade é que ele ainda lá está. São cem talentos de moedas de ouro, cunhadas por Asdrúbal, o cunhado de Aníbal.

— Foi por isso que ninguém as levou — disse Varrão, com um sorriso irônico. — Como poderiam ver-se livres de moedas de ouro cartaginesas sem levantar suspeitas?

— Tens razão.

— Portanto, tens cem talentos de moedas de ouro cartaginesas — disse Pompeu. — Mas que tencionas fazer com elas?

— Para dizer a verdade, tenho um pouco mais do que isso. Também tenho vinte mil iugera de primeira qualidade nas margens do Bétis, que foram confiscadas por um Servílio Cepião a um nobre local, por este não ter pago os impostos. Essa propriedade pertence a Roma há décadas e tem dado sempre algum dinheiro. Pompeu percebeu onde Pio queria chegar.

— Vais oferecer o ouro e a terra como recompensa a todos aqueles que traírem a causa de Quinto Sertório.

— Absolutamente correcto.

— É uma ideia brilhante, Pio! Quer queiramos quer não, será muito difícil esmagar Sertório no campo de batalha. Ele é demasiado inteligente. E possui reservas enormes de homens, homens que não se preocupam com o facto de ele não lhes pagar. Tudo o que esses homens querem é acabar com o domínio de Roma. Mas também é verdade que há sempre homens gananciosos em todos os exércitos ou capitais. Se ofereceres uma tal recompensa, estarás a introduzir a guerra dentro das próprias hostes de Sertório. Será uma bela guerra de nervos! Trata já disso, Pio! Trata já disso!

Pio não perdeu tempo. Os seus arautos espalharam a notícia por todos os cantos da Hispânia: cem talentos de moedas de ouro e vinte mil iugera de primeira qualidade para o felizardo que, através das suas informações, contribuísse directamente para a morte ou para a captura de Quinto Sertório.

Metelo Pio e Pompeu depressa ficaram a conhecer a dura reacção de Sertório. com

efeito, mal soube da notícia da recompensa, Sertório substituiu a sua guarda pessoal romana por um destacamento dos mais leais dos seus soldados nativos de Osca. Depois, dispensou os seus apoiantes romanos e italianos, os quais, como seria de esperar, se sentiram particularmente magoados. Como se atrevia Sertório a pensar que um romano ou um italiano poderia traí-lo?! Entre os romanos e italianos que tinham ficado mais ofendidos com tal decisão, contava-se Marco Perperna Veiento.

No meio desta guerra de nervos, a guerra no campo de batalha prosseguia inexoravelmente. Funcionando agora como uma equipa, Pompeu e Metelo Pio conquistaram algumas das cidades de Sertório, No entanto, Calagorre não caiu. Sertório e Perperna, com trinta mil homens, cercaram os sitiantes, lançando incursões traiçoeiras, ao jeito do que Sertório fizera com Pompeu durante o cerco de Palância. Por fim, foi a falta de abastecimentos, e não as incursões de Sertório, que obrigou Pompeu e Metelo Pio a desistir do cerco a Calagorre; as suas doze legiões já não tinham alimentos.

Os abastecimentos constituíam um problema perpétuo, devido à fraca colheita do ano anterior. E quando a Primavera deu lugar ao Verão e o Verão, invulgarmente quente, deu lugar à época das colheitas, um desastre inesperado e estranho veio perturbar seriamente a guerra de usura que Pompeu e Metelo Pio estavam decididos a travar. Toda a ponta ocidental do mar Mediterrâneo foi assolada por uma impressionante escassez de alimentos: no Inverno e na Primavera, as chuvas tinham sido raras; depois, quando os cereais começavam a amadurecer, veio um dilúvio que se estendeu desde a África aos Alpes, desde o oceano Atlântico à Macedónia e à Grécia. A colheita, pura e simplesmente, não existia: não existia em África, na Sicília, na Sardenha, na Córsega, em Itália, na Gália Italiana, na Gália Transalpina, na Hispânia Citerior. Só na Hispânia Ulterior sobreviveram algumas colheitas, embora sem a abundância habitual.

— O nosso único conforto — disse Pompeu a Bacorinho, em fins de Sextilis — é que Sertório também vai ficar sem comida.

— Mas os celeiros dele estão cheios, graças às colheitas dos anos anteriores — retorquiu o Bacorinho, com um ar soturno. — Ele vai sobreviver mais facilmente do que nós.

— Eu podia voltar para o Alto Douro — disse Pompeu, num tom dubitativo. — Mas, francamente, não creio que a região possa alimentar seis legiões.

c Metelo Pio tomou então uma decisão.

— Tendo em conta as circunstâncias, acho que devo regressar à minha província, Magno. Aliás, não creio que precises de mim na próxima Primavera. Não precisarás da minha ajuda para fazer aquilo que falta fazer na Hispânia Citerior. Não haverá comida para os meus homens na Hispânia Citerior, mas se conseguires introduzir-te nalgumas das principais fortalezas de Sertório, não terás dificuldade em abastecer os teus homens. Eu posso levar duas das tuas legiões para a Hispânia Ulterior e instalá-las num acampamento durante o Inverno. Se as quiseres de volta na Primavera, eu mando-tas — mas se achas que não terás comida suficiente para tanta gente, eu fico com elas. Será difícil, mas a Província Ulterior é a região menos afectada a oeste da Cirenaica. Podes ter a certeza de que os homens que eu levar serão bem alimentados.

Pompeu aceitou a oferta e Metelo Pio avançou, com oito legiões, para a sua própria província, muito mais cedo do que planeara ou desejava. As quatro legiões com que Pompeu ficou foram imediatamente enviadas para Septimanca e Termes, enquanto Pompeu, permanecendo com Varrão e a cavalaria no Baixo Ebro (graças ao dilúvio, os pastos para os cavalos tinham deixado de ser um problema e, por isso, Pompeu ia mandar os seus cavaleiros para Empórias, onde passariam o Inverno sob o comando de Varrão), tratou de escrever ao Senado e ao Povo de Roma pela segunda vez. E apesar de agora poder contar com Varrão, decidiu não lhe pedir para rever a carta.

Para o Senado e o Povo de Roma:

Estou ciente de que a escassez de cereais deve estar a afectar Roma e a Itália tanto como me está a afectar a mim. Mandei duas das minhas legiões para a Província Ulterior, com o meu colega Pio, pois essa província encontra-se em melhores condições do que a Hispânia Citerior. O objectivo desta carta não é pedir comida. Seja lá como for, hei-de conseguir manter os meus homens vivos, tal como hei-de conseguir desgastar Sertório até à sua derrota. O objectivo desta carta é pedir dinheiro. Estou ainda a dever aos meus homens cerca de um ano de saldos e estou cansado de nunca ter uma provisão para o futuro.

Embora me encontre na ponta mais ocidental do mundo, sei muito bem o que se passa noutras paragens. Sei que Mitridates invadiu a Bitínia no princípio da Primavera, logo após a morte do rei Nicomedes. Sei que as tribos do Norte da Macedónia, de uma ponta à outra da Via Inácia, se revoltaram. Sei que os piratas impedem as frotas romanas de trazer cereais da Macedónia Oriental e da Província da Ásia — o que contribui ainda mais para a actual crise de

abastecimentos. Sei que os cônsules deste ano, Lúcio Lúculo e Marco Cota, foram obrigados a deixar Roma para lutar contra Mitridates. Sei que Roma recebe inúmeros pedidos de dinheiro. Mas também sei que ofereceram ao cônsul Lúculo setenta e dois milhões de sestéricos para que ele arranjasse uma frota — e que ele declinou tal oferta. Portanto, têm pelo menos setenta e dois milhões de sestércios escondidos debaixo de alguma laje do Tesouro, não é verdade? O que realmente me deixa furioso é isto: é que vocês se preocupam mais com Mitridates do que com Sertório. Pois eu não. Mitridates é um soberano oriental cuja verdadeira força se resume aos números. Mas Sertório é um romano. A sua força é essa. E eu sei qual dos dois preferia combater. De facto, preferia que me tivessem oferecido a missão de abater Mitridates. Ficaria exultante com tal oferta, depois desta ingrata missão na Hispânia.

Não posso continuar na Hispânia sem uma parte dos setenta e dois milhões de sestércios. Sugiro-lhes, pois, que levantem essa laje do Tesouro e retirem alguns sacos para mim. Se não o fizerem, a alternativa é simples. Desmobilizarei os meus soldados aqui na Hispânia Citerior — todos os homens das quatro legiões que tenho comigo — e deixá-los-ei entregues à sua sorte. Daqui até Roma é um longo caminho. Sem a estrutura de comando e o conforto de saberem que são conduzidos, creio que poucos deles optarão por regressar a casa. A maioria fará aquilo que eu próprio faria, se me visse na mesma situação. Irão ter com Quinto Sertório e alistar-se-ão nos seus exércitos, porque Sertório alimentá-los-á e pagar-lhes-á regularmente. Cabe-vos decidir. Ou mandam o dinheiro ou eu desmobilizo as minhas tropas.

A propósito: ainda não me pagaram o meu Cavalo Público.

Pompeu recebeu o dinheiro que pretendia: os senadores eram capazes de entender um ultimato — sobretudo quando a linguagem usada era tão directa e incisiva. Roma sofreria com essa decisão, mas também era verdade que Roma não estava em condições de enfrentar uma invasão de Quinto Sertório, sobretudo se este contasse com o apoio das quatro legiões de Pompeu. E a carta de Pompeu produziu um choque tão salutar que até Metelo Pio acabou por receber dinheiro. Agora, os dois generais romanos só precisavam de encontrar comida.

As duas legiões de Pompeu regressaram por fim da Hispânia Ulterior, trazendo com elas uma enorme coluna de abastecimentos. E Cneu Pompeu Magno pôde assim retomar a sua guerra de usura contra Sertório. Conquistou finalmente Palância, e seguiu depois para Cauca, a cujos habitantes pediu que abrigassem e socorressem os soldados doentes ou feridos. Os habitantes de

Cauca acederam a tal pedido; mas os soldados de Pompeu não estavam nem doentes, nem feridos — e, mal entraram na cidade, dominaram-na com a maior facilidade. As fortalezas de Sertório foram caindo uma atrás da outra, entregando os seus abastecimentos em cereais a Pompeu.

Quando chegou o Inverno, só Calagorre e Osca continuavam sertorianas.

Pompeu recebeu nessa altura uma carta de Metelo Pio.

Estou deliciado com as últimas notícias, Pompeu. A tua campanha deste ano já chegou para dar cabo de Sertório. As vitórias no campo podem ter sido minhas, mas a determinação foi sempre tua. Não cedeste nem desististe em momento algum, e nunca deste espaço de manobra a Sertório. E tu foste sempre o alvo, o único alvo, de Sertório, ao passo que eu tive a sorte de enfrentar em primeiro lugar Hirtuleio, um bom general, mas sem a classe de Sertório, e depois Perperna, que não passa de um medíocre.

No entanto, gostaria de deixar aqui lavrado um louvor aos soldados das nossas legiões.

Esta foi a mais ingrata e amarga de todas as guerras de Roma e os nossos homens tiveram de passar por provações tremendas. E, no entanto, nenhum de nós teve de enfrentar motins ou qualquer tipo de descontentamento — apesar de atrasos de anos nos pagamentos, apesar de não haver qualquer possibilidade de saque. É verdade que saqueámos cidades. Porém, que fizemos nós nessas cidades? Fizemos o que fazem os ratos: andar de um lado para o outro, feitos loucos, à procura de uns míseros grãos. Sim, Cneu Pompeu, nós dispusemos de dois exércitos maravilhosos, e eu gostaria de ter a certeza de que Roma os recompensará como merecem. Mas não tenho a certeza. Roma não pode ser derrotada. Pode perder batalhas, mas nunca uma guerra. Talvez as nossas magníficas tropas sejam a grande mola que nos fez ganhar esta guerra — bastará pensarmos na sua lealdade, no seu bom comportamento e na sua inquebrantável determinação em lutar até ao fim. De nós, generais e governadores, espera-se que nos comportemos assim; mas, vendo bem as coisas, creio que os louros devem ir para os soldados de Roma.

Não sei quando planejas regressar a Roma. É possível, suponho eu, que o Senado te retire esta comissão especial, já que foi o Senado a dar-ta. Quanto a mim, continuo a ser o governador nomeado pelo Senado para a Província Ulterior, e não tenho qualquer pressa em regressar a Roma. Será mais fácil para o Senado prorrogar o meu mandato do que procurar um novo governador. Por isso, pedirei que o meu governo seja prorrogado por mais dois

anos, pelo menos. Antes de me ir embora, gostaria de deixar a minha província numa situação estável, e em segurança perante as possíveis investidas dos Lusitanos.

Não desejo, quando regressar a Roma, lançar-me em mais um conflito — neste caso, um conflito com o Senado para obter terras para os meus veteranos. No entanto, não permitirei que os meus homens não sejam recompensados. Portanto, o que tenciono fazer é instalar os meus homens na Gália Italiana, mas na outra margem do Pó, onde há vastas extensões férteis e pastos de muito boa qualidade, actualmente em poder dos Gauleses. Não se trata propriamente de terras romanas e, por isso, o Senado não está interessado nelas; de maneira que a solução será lutar contra os Insubres e conquistá-las. Já discuti o caso com os meus centuriões, que se mostraram extremamente satisfeitos. Os meus soldados não terão de ficar à espera anos a fio, enquanto as comissões agrárias e os burocratas estudam o problema e conversam e congeminam listas e conversam e estudam a distribuição de terras e conversam uma vez mais, para, no fim, não fazerem nada. Quanto mais conheço o trabalho destas comissões, mais convencido fico de que a única coisa que uma comissão é capaz de organizar é uma catástrofe.

Faço sinceros votos de que tudo te corra pelo melhor, meu caro Magno.

Pompeu passou esse Inverno entre os Vascões, uma tribo poderosa que ocupava a ponta ocidental dos Pirenéus, e cujos membros se sentiam agora profundamente desencantados com Sertório. Porque os Vascões se revelaram bons amigos dos seus soldados, Pompeu ordenou ao exército que construísse uma fortaleza para aquela gente; mas, antes, obrigou a tribo a jurar que Pompaelo (assim se chamava a nova cidade) seria sempre leal ao Senado e ao Povo de Roma.

Para Quinto Sertório, aquele foi um Inverno especialmente amargo. Talvez ele soubesse, desde o princípio, que a sua era uma causa perdida; o que sabia, com toda a certeza, era que nunca fora um dos favoritos de Fortuna. Mas não era capaz de admitir conscientemente essas realidades de forma tão clara. Em vez disso, dizia para si mesmo que as coisas tinham corrido bem enquanto conseguira

convencer os inimigos de que não o venceriam no campo de batalha. A sua queda ocorrera depois de a velha e o miúdo terem entendido o estratagema e adoptado a estratégia de evitar os confrontos directos. Uma estratégia que vinha dos tempos do general Fábio.

A oferta de um prêmio para quem o traísse tinha-o deixado destroçado, pois Quinto Sertório era um romano e sabia que o demônio da cupidez podia encontrar guarida mesmo no

mais razoável e decente dos homens. Já não tinha confiança em nenhum dos seus aliados romanos ou italianos, educados nas mesmas tradições que ele, ao passo que os seus amigos hispânicos permaneciam inocentes dessa mácula que a civilização trazia consigo. Sempre alerta quando via alguém pegar numa faca ou quando topava com uma expressão estranha, Sertório ia sofrendo um desgaste psicológico que lhe bulia fortemente com os nervos. Consciente de que o seu novo comportamento devia parecer estranho ou invulgar aos olhos dos amigos hispânicos, Sertório lutava com todas as suas forças para controlar os acessos de mau humor; e, como nem todas as suas forças lhe bastaram, acabou por recorrer ao vinho — o vinho deixava-o mais tranqüilo.

Então — e esse foi o mais rude golpe de toda a sua vida — chegou-lhe a notícia de que a mãe tinha morrido. A maior das traições. Mesmo que os corpos ensangüentados da sua mulher germana e do seu filho, a quem recusara uma educação romana, tivessem sido depostos aos seus pés, Sertório não teria chorado tanto por eles como chorou por Maria, sua mãe. Durante dias, fechou-se no seu quarto, tendo unicamente por companhia a corça branca, Diana, e um sem-número de garrafas. Tantos anos de separação! E agora perdia-a para sempre! Para sempre! E isso fazia-o sentir-se culpado.

Quando finalmente as lágrimas secaram, Sertório era outro homem: um homem duro, implacável. Aquele que, até então, fora a personificação da cortesia e da bondade, tornara-se ríspido e desconfiado, mesmo em relação aos seus amigos hispânicos; e nem mesmo os amigos mais chegados escapavam aos seus insultos. Dir-se-ia que sentia fisicamente a perda de poder a que Pompeu, eficientemente, o submetia; dir-se-ia que sentia no corpo e na alma a desintegração daquele que fora o seu mundo. Até que, alimentado pelos insidiosos fantasmas do álcool, Sertório se transformou

em pasto fácil da paranóia. Quando soube que alguns dos chefes nativos estavam a retirar sub-repticiamente os seus filhos da famosa escola que fundara em Osca, irrompeu pela colunata do edifício, acompanhado pela sua guarda pessoal, e logo ali matou muitas das crianças que restavam. Era o princípio do seu fim.

Marco Perperna Veiento não esquecera, nem perdoara, a forma como Sertório lhe retirara o comando do seu exército; por outro lado, não suportava a superioridade natural daquele renegado mariano, daquele homem das montanhas sabinas. Sempre que travavam uma batalha,

Perperna tinha oportunidade de confirmar que, como general, possuía muito menos talento que Sertório. Além disso, os soldados sentiam uma espécie de adoração por Sertório — e, por ele, não sentiam nada. Ah, mas com que dificuldade chegara à conclusão de que não conseguiria ultrapassar Sertório em nada! Excepto, como se veio a verificar, no capítulo da traição.

A partir do momento em que soube da recompensa oferecida por Metelo Pio, o destino de Perperna ficou traçado. E, para mais, a sorte estava do seu lado — o facto de Sertório ter agora um comportamento permanentemente violento tornava tudo mais fácil.

Perperna ofereceu um banquete: segundo disse, resolvera convidar os seus amigos romanos e italianos porque era preciso romper, de vez em quando, com a monotonia de um acampamento de Inverno. E, como seria de esperar, convidara também Sertório. Só teve a certeza de que Sertório viria quando viu o rosto desfigurado espreitar pela porta. Perperna correu para ele e conduziu-o sem delongas até ao locus consularis do seu próprio divã. Depois, deu ordens aos seus escravos para que servissem ao chefe supremo vinho sem mistura.

Todos os homens presentes tinham colaborado na conspiração; daí que múltiplas emoções dominassem a atmosfera daquela festa, com predomínio do medo e da apreensão. Para combater tais emoções, os conspiradores não paravam de beber; de tal modo que, a certa altura, Perperna pensou que ninguém estaria suficientemente sóbrio quando fosse preciso dar o golpe. A pequena corça branca, naturalmente, viera com o seu dono — Sertório, agora, nunca a abandonava. O animal instalou-se no divã, entre Sertório e Perperna, para grande indignação deste. Por isso, logo que pôde abandonar o lectus medius, empurrou o meio-romano e meio-espanhol Marco

António para o seu lugar. Indivíduo de compleição atarracada, filho de uma camponesa local e de um dos grandes Antónios, este Marco António nunca fora reconhecido pelo pai e não herdara dele a habitual generosidade dos Antónios.

O barulho foi aumentando e as conversas foram-se tornando cada vez mais grosseiras e António era talvez o mais grosseiro e barulhento dos bêbedos. Sertório, que detestava a linguagem obscena e todo o tipo de piadas, furtou-se a participar nesse tipo de conversas. Abraçado a Diana, bebia, bebia sem parar, com um ar ausente. A certa altura, um dos convivas fez um comentário especialmente grosseiro e toda a gente, menos Sertório, desatou a rir; Sertório, pelo contrário, fez um esgar de nojo. Temendo que ele se levantasse e deixasse imediatamente a

festa, Perperna, tomado de pânico, deu o sinal previsto, embora, no meio de tanto barulho, não tivesse a certeza de que fora ouvido.

Perperna atirou para o chão a sua taça de prata, e com tanta força que a taça fez um estrondo metálico e saltou bem alto no ar. Seguiu-se imediatamente um silêncio absoluto. Mas António mostrou-se muito mais rápido do que Sertório, o qual, além de estar bêbedo, nunca suspeitara de nada; tirou da sua túnica uma enorme adaga de legionário romano, atirou-se a Sertório e desferiu-lhe um golpe profundo no peito. Diana desatou aos guinchos e, muito atarantada, fugiu. Sertório tentou então levantar-se. Mas todos aqueles homens correram para ele e deitaram-no de novo sobre o divã, para que António desferisse mais alguns golpes com a sua adaga. Sertório não gritou; mas, se tivesse gritado, ninguém teria vindo ajudá-lo; a sua guarda fora assassinada momentos antes.

Ainda aos guinchos, a corça branca subiu para o divã enquanto os assassinos se afastavam, satisfeitos; o animal começou então a cheirar freneticamente o dono, coberto de sangue, já cadáver. Aquela era mesmo uma tarefa para que Perperna se sentia qualificado! Apanhando a adaga que Marco António deixara cair, mergulhou-a no lado esquerdo de Diana, imediatamente atrás da perna dianteira. A corça branca afundou-se num ápice em cima do cadáver de Sertório. E quando o exultante grupo pegou no antigo chefe para o arremessar para a rua como se fosse um móvel velho, Diana não foi esquecida. Pegaram nela e atiraram-na para ao pé do adorado dono.

Pompeu soube do sucedido através de um processo que, mais tarde, consideraria previsível; na altura, porém, tal processo pareceu-lhe profundamente repugnante. É que Marco Perperna Veiento tinha-lhe mandado, e a toda a pressa, a cabeça de Sertório. com o medonho troféu, vinha uma nota que informava Pompeu de que ele e Metelo Pio deviam a Perperna cem talentos de ouro e vinte mil iugera de terra. Acrescentava a nota que uma segunda carta fora enviada a Metelo Pio, para o mesmo efeito.

Pompeu respondeu unicamente em seu nome e ordenou a um mensageiro que levasse a Metelo Pio, o mais rapidamente possível, uma cópia da sua carta:

Não sinto qualquer alegria por saber que Quinto Sertório morreu às mãos de um verme como tu, Perperna. Ele era um sacer, mas merecia um melhor fim, às mãos de uma criatura mais nobre que tu.

Sinto a maior das alegrias em negar-te a recompensa, a qual não foi oferecida em troca de uma cabeça. A. recompensa foi oferecida a quem fornecesse informações susceptíveis de nos levarem a capturar ou a matar Quinto Sertório. Se a cópia do nosso anúncio de recompensa que tiveste oportunidade de ver não especificava o fornecimento de informações, então terás de deitar as culpas ao escriba. Mas uma coisa é certa: todos os anúncios que eu vi incluíam esse pormenor. Tu, Perperna, descendes de uma família consular, pertenceste ao Senado de Roma e foste pretor. Logo, tinhas obrigação de ser mais previdente.

Como suponho que sucederás a Quinto Sertório no comando das tropas deste, é com grande alegria que te forneço a informação de que a guerra só acabará quando o último traidor for morto e o último insurrecto vendido como escravo.

Quando a Hispânia soube da morte de Quinto Sertório, os seus apoiantes nativos fugiram para a Lusitânia e para a Aquitânia; até mesmo alguns dos seus soldados romanos e italianos abandonaram Perperna. Imperturbável, Perperna reuniu todos os que ficaram com ele e, em Maio, aventurou-se a sair de Osca e a enfrentar Pompeu, cuja carta o deixara furibundo. Quem pensava ele que era, aquele novo-rico picentino, para responder em nome de um Cecílio Metelo? É que o Cecílio Metelo nem sequer se dignara responder-lhe!

A batalha não foi propriamente uma batalha. Perperna topou com uma das legiões de Pompeu, que procurava alimentos na região a sul de Pompaelo; os soldados de Pompeu encontravam-se dispersos e, além disso, tinham várias dúzias de carros de bois a estorvar-lhes os movimentos. Vendo o último exército sertoriano a carregar sobre eles, fugiram para os confins de uma íngreme garganta. Perperna, entusiasmado, seguiu-os. Só quando todos os homens de Perperna estavam no interior da garganta é que Pompeu lançou a sua armadilha; milhares de soldados abandonaram então os seus esconderijos e lançaram-se sobre os homens de Perperna, massacrando facilmente o último exército de Sertório.

Alguns soldados encontraram Perperna escondido numa moita; levaram-no a Aulo Gabínio que o conduziu imediatamente a Pompeu. Cinzento de terror, Perperna tentou salvar a pele, oferecendo a Pompeu todos os papéis privados de Quinto Sertório — os quais, choramingava ele, confirmariam que havia em Roma muitos homens importantes ansiosos por verem Sertório vencer e reconstruir Roma segundo princípios marianos.

— Mas que raio é que isso será? — perguntou Pompeu, com uma expressão pétrea, os

olhos azuis inexpressivos.

— O quê?

— Os princípios marianos.

— Por favor, Cneu Pompeu, suplico-te! Deixa-me dar-te esses papéis e verás como tenho razão!

— Muito bem. Dá-me então esses papéis — disse Pompeu, laconicamente.

Extremamente aliviado, Perperna disse a Aulo Gabínio onde estavam os papéis (que trouxera consigo de Osca, pois temia deixá-los na cidade) e esperou com indisfarçável impaciência pelos preciosos documentos. Dois soldados apareceram finalmente com um grande baú, que foram pôr aos pés de Pompeu.

— Abram-no — disse Pompeu.

O general baixou-se e remexeu nos rolos e papéis durante muito tempo, lendo um ou outro dos documentos, aquiescendo para si mesmo enquanto murmurava. Olhou apenas de relance para a maior parte do conteúdo do baú; mas alguns dos papéis mais pequenos que também olhou de relance fizeram-no erguer muito as sobrancelhas. Levantou-se quando o baú ficou vazio e uma enorme pilha de documentos se acumulava desordenadamente sobre a erva molhada.

— Peguem neste lixo e queimem-no aqui e agora, à minha frente — disse Pompeu a Aulo Gabínio.

Perperna fitou-o boquiaberto, mas nada disse. Quando o conteúdo do baú era já uma fogueira, Pompeu fez um sinal na direcção de Gabínio, com um ar de profunda satisfação.

— Mata esse verme — disse.

Perperna foi morto com uma espada de legionário romano e a guerra da Hispânia acabou no momento em que a sua cabeça caiu e rolou pelo chão empapado de sangue.

— Acabou-se Perperna — disse Aulo Gabínio. Pompeu encolheu os ombros.

— Pois bons ventos o levem! — disse.

Ambos tinham estado a olhar para a cabeça de Perperna, já separada do corpo, os olhos esbugalhados num estupor trespassado do mais profundo horror; por fim, Pompeu virou costas e encaminhou-se para os outros legados, que sabiam que não deviam intrometer-se se o chefe não lhes desse ordens nesse sentido.

— Tinhas de queimar os papéis? — perguntou Gabínio.

— Sim, sim. Tinha mesmo de queimá-los.

— Não teria sido melhor levá-los para Roma? Só assim seria possível castigar todos os traidores.

Pompeu abanou a cabeça e desatou a rir.

— O quê? Para manter o tribunal que julga os casos de traição ocupado durante os próximos cem anos? — perguntou. — Por vezes, é mais sensato guardarmos as coisas só para nós. Um traidor não deixa de ser traidor porque os papéis que o denunciavam se desfizeram em cinzas.

— Não entendo o que queres dizer.

— Quero dizer que eles vão continuar a ser traidores, Aulo Gabínio. Toda a sua vida, continuarão a ser traidores.

Embora a guerra tivesse acabado, Pompeu era um homem demasiado meticuloso para pegar nas bagagens e regressar a Roma com a cabeça de Perperna espetada numa lança. Preferia deixar tudo resolvido, o que, basicamente, significava matar todos aqueles que, em sua opinião, pudessem vir a revelar-se uma ameaça ou um perigo concreto no futuro. Entre os que morreram, contavam-se a mulher e o filho germanos de Sertório, que Pompeu encontrou em Osca, quando aceitou a capitulação dessa importante fortaleza. O homem de 30 anos que lhe foi apresentado como filho de Sertório parecia-se suficientemente com este para que tal versão fosse credível; no entanto, o homem não falava latim e comportava-se como qualquer indivíduo da tribo dos Ilergetes.

Ao saberem da morte de Sertório, Clúnia e Uxama arrependeram-se da sua submissão a Pompeu, fecharam as portas e prepararam-se para agüentar o cerco. Pompeu sentiu a maior alegria em atacá-las. Clúnia pouco resistiu. Uxama também. E também Calagorre acabou por cair. Quando entraram na cidade, os militares romanos descobriram, estupefactos, que os homens de Calagorre tinham comido as suas mulheres e os filhos para agüentarem o cerco; Pompeu mandou executar todos os Calagorrenses e ordenou depois que a cidade e toda a região à volta fossem incendiadas.

É evidente que ao longo de todo este período, a comunicação entre o general vitorioso e Roma se manteve. Nem todas as cartas, porém, eram oficiais; nem todos os documentos eram

destinados ao conhecimento público; entre os principais correspondentes de Pompeu contava-se Filipe, que continuava a dominar o Senado. Os cônsules do ano eram dois clientes secretos de Pompeu, Lúcio Gélio Poplicola e Cneu Cornélio Lêntulo Clodiano, o que implicava que Pompeu lhes podia pedir que garantissem a cidadania romana aos hispânicos que o tinham apoiado significativamente. No topo da lista de Pompeu vinha o mesmo nome estrangeiro escrito duas vezes: Kinahu Hadasht Byblos, tio e sobrinho, com 33 e 28 anos respectivamente, importantes cidadãos de Gades, príncipes dos mercadores púnicos. Mas não lhes foi atribuído o nome de Pompeu, pois o general não queria que Roma ficasse inundada de Cneus Pompeus mais isto ou mais aquilo, vindos da Hispânia. O tio e o sobrinho de Gades tornaram-se assim clientes de um dos mais recentes legados de Pompeu, Lúcio Cornélio Lêntulo, primo do cônsul. E assim entraram na vida e nos anais romanos como Lúcio Cornélio Balbo Maior e Lúcio Cornélio Balbo Menor.

Mas Pompeu não tinha pressas. As minas à volta de Nova Cartago foram reabertas e os Contestanos castigados por terem morto Caio Mémio: a irmã de Pompeu estava agora viúva. Teria de resolver esse problema logo que regressasse a Roma! Lentamente, a província da Hispânia Citerior foi ganhando uma unidade real. Pompeu deu-lhe uma burocracia devidamente organizada, uma estrutura fiscal, normas e leis sucintas e todos os outros acessórios necessários para que a região se tornasse realmente romana.

Até que, nesse Outono, Cneu Pompeu Magno se despediu da Hispânia, fazendo encarecidos votos de nunca mais voltar. Tinha recuperado a autoconfiança e a boa opinião que tinha de si mesmo; no entanto, sempre que voltasse a travar uma batalha, lembrar-se-ia de Sertório e sentiria, por certo, um estremecimento; e estava decidido a só voltar a travar uma guerra se tivesse mais umas quantas legiões que o inimigo. E nunca, nunca mais voltaria a combater contra outro romano!

No alto da passagem dos Pirenéus, o general vitorioso deixou os seus troféus, incluindo a armadura que pertencera a Quinto Sertório e a armadura que Perperna trazia na hora da sua morte. Ficaram firmemente presas a postes altos com cruzetas, as pteryges ondeando ao sabor do soturno vento das montanhas, uma lembrança muda, para todos aqueles que se dirigiam da Gália para a Hispânia, de que não valia a pena entrar em guerra com Roma. Ao lado dos diversos troféus, Pompeu erigiu um marco em que foi inscrito o seu nome, o seu título, a sua comissão, o

número de cidades que conquistara e os nomes dos homens que haviam sido recompensados com cidadania romana.

Depois, desceu até à Gália Narbonense e passou aí o Inverno, banqueteando-se com camarões e salmonetes. Tal como a sua guerra, aquele ano conhecera uma reviravolta positiva: as colheitas eram boas em ambas as Hispânias — mas, na Gália Narbonense, eram abundantes.

Não queria chegar a Roma antes de meados do ano. Não porque sentisse, consciente ou inconscientemente, algum resquício de fracasso, mas apenas porque não sabia o que fazer a seguir, para onde ir a seguir, que pilar da tradição e da veneração romanas havia de deitar abaixo.

No vigésimo oitavo dia de Setembro, faria 35 anos — não, Pompeu já não era o menino de rosto fresco que as legiões adoravam. Precisava por isso de encontrar um objectivo que se adequasse a um homem, e não a um rapaz. Mas que objectivo? Algo que o Senado odiasse dar-lhe: quanto a isso não tinha dúvidas.

Sentia que a resposta vogava nas labirínticas regiões da sua mente que ele se recusava a explorar. Mas, mesmo assim, não conseguia chegar a uma conclusão.

Até que se resolveu a pôr de parte todos esses pensamentos. Havia coisas mais imediatas a fazer, como abrir a nova estrada que descobrira nos Alpes — abri-la, pavimentá-la, consolidá-la. Como se havia de chamar, essa estrada? Via Pompeia? Hum, soava-lhe bem! Mas quem é que queria morrer deixando como monumento à sua glória o nome de uma estrada? Não, era melhor morrer deixando apenas o nome. O nome, nada mais: Pompeu, o Grande. Sim, o nome bastava — porque no nome estava tudo.

MARCUS CRASSUS

César não via qualquer razão para se apressar a regressar a casa depois de ter concluído a sua missão junto de Públio Servílio Vátia; daí que o seu regresso se tivesse transformado numa verdadeira viagem de exploração, em particular das regiões da Província da Ásia e da Lícia que ainda não conhecia. Contudo, estava de regresso a Roma em fins de Setembro do ano em que Lépido e Catulo foram cônsules. E encontrou uma Roma profundamente apreensiva quanto à conduta de Lépido, que deixara a cidade para recrutar soldados na Etrúria, antes de fazer aquilo que devia — organizar as eleições curais. Havia uma atmosfera de guerra civil — ninguém falava de outra coisa.

Mas a guerra civil — real ou imaginária — não estava entre as grandes prioridades de

César. Antes de tudo o mais, tinha questões pessoais a tratar.

A mãe parecia não ter envelhecido rigorosamente nada. No entanto, havia nela alguma mudança: sentia-se que estava muito triste.

— Porque Sila morreu! — acusou o filho, com um tom de desafio na voz que fazia lembrar os tempos em que pensara que Sila era o amante da mãe.

— Sim.

— E porquê? Tu não lhe deves nada!

— Devo-lhe a tua vida, César.

— A minha vida?! Mas se ele pôs em perigo a minha vida!

— Tenho pena que ele tenha morrido — retorquiu Aurélia, secamente.

— Pois eu não.

— Nesse caso, é melhor mudarmos de assunto.

com um suspiro, César recostou-se na sua cadeira, reconhecendo a sua derrota. Aurélia fitava-o de cabeça erguida e queixo

espetado: um sinal de que não cederia um palmo, ainda que os argumentos do filho fossem os mais brilhantes e incisivos.

— É tempo de consumar o meu casamento, Mater. Aurélia franziu o sobrolho.

— Ela acaba de fazer dezasseis anos.

— Concordo que é demasiado jovem para se casar. Mas Cinila está casada há nove anos, o que torna a sua situação completamente diferente. Quando cheguei, percebi pelo seu olhar que ela está preparada para partilhar a minha cama.

— Sim, creio que tens razão, meu filho. Embora o teu avô, num caso destes, tivesse dito que a união de dois patrícios apresenta muitos perigos no que toca ao nascimento dos filhos. Eu preferia que ela crescesse um pouco mais antes de ter de enfrentar uma gravidez.

— Cinila não terá problemas, mãe.

— Nesse caso, quando será?

— Esta noite.

— Mas acho que deverá haver primeiro uma espécie de reforço dos laços do matrimônio. Um jantar em família, por exemplo. As tuas duas irmãs estão em Roma.

— Não vai haver jantar nenhum. Nem jantar, nem comentários, nem confusões.

E não houve, de facto. Aurélia não falou no assunto à nora, a qual, quando se encaminhava para o seu pequeno quarto, se viu detida por César.

— Hoje, o caminho é outro, Cinila — disse César, pegando-lhe na mão e conduzindo-a na direcção do quarto dele.

Cinila ficou pálida.

— Ah! Mas eu não estou preparada!

— Para isto, nunca nenhuma rapariga está preparada. É uma boa razão para tratarmos disto rapidamente. Depois, poderemos conversar tudo o que quiseres.

Fora uma boa ideia não lhe dar tempo para pensar, ainda que, durante aqueles quatro longos anos, ela não tivesse pensado noutra coisa. César ajudou-a a despir-se e, porque era doentiamente arrumado, dobrou cuidadosamente as vestes dela, desfrutando aqueles sinais de ocupação feminina de um quarto onde não entrara nenhuma mulher desde que Aurélia, após a morte do marido, o abandonara. Cinila sentou-se na beira da cama, vendo-o arrumar as suas roupas; porém, quando ele começou a despir-se, fechou os olhos.

Depois de arrumar a sua própria roupa, César sentou-se ao lado dela e pegou-lhe nas mãos e levou-as até ao seu sexo.

— Sabes o que vai acontecer, Cinila?

— Sei — disse ela, com os olhos ainda fechados.

— Então olha para mim.

Os enormes olhos negros abriram-se, fitaram temerosamente o rosto dele, que estava sorridente e, pensou ela, cheio de amor.

— Que bonita que tu és e que bem feita! — disse ele, acariciando-lhe os seios, cheios e firmes, com uns mamilos que eram quase da cor da pele fulva. com um suspiro, Cinila ergueu as suas mãos para acariciar a mão dele.

Então César abraçou-a e beijou-a. Ah, que maravilha!, pensou ela, há quanto tempo sonhava com aquilo e, afinal, era muito melhor do que nos sonhos! Abriu os seus lábios para ele, beijou-o também, acariciou-o, deu consigo deitada ao lado dele na cama, o corpo estremecendo deliciado ao contacto com o corpo dele. A pele de César, reparou, era tão sedosa como a dela, e isso proporcionava-lhe um prazer muito intenso, uma sensação de volúpia.

Embora Cinila soubesse na perfeição o que ia acontecer, a imaginação não poderia ser

nunca um sucedâneo para a realidade. Amara-o durante tantos e tantos anos, transformara-o de tal forma no foco da sua vida, que ser sua esposa não só aos olhos da lei, mas também pela entrega dos corpos, era algo de glorioso. Tinha valido a pena esperar tanto tempo, aquela longa espera contribuíra ainda mais para a sua expectativa e exaltação. Sem pressas, César assegurou-se de que ela estava absolutamente preparada para o receber, e não lhe fez nenhuma daquelas coisas que pertenciam a reinos mais sofisticados do que os sonhos das rapariguinhas virgens. Magoou-a um pouco, mas não o bastante para esfriar a sua crescente excitação; senti-lo dentro dela era a melhor de todas as coisas e quis senti-lo dentro dela até que um espasmo mágico e absolutamente inesperado a invadiu dos pés à cabeça. Aí estava algo de que ninguém lhe tinha falado. O que era aquilo? Cinila encontrou depressa uma resposta — era o que prendia as mulheres ao casamento. Sim, aquele prazer.

Quando se levantaram, ao alvorecer, para comer pão acabado de sair do forno e beber água da cisterna, encontraram a sala de jantar cheia de rosas e também uma garrafa de um vinho leve e doce numa mesinha.

Nos candelabros, estavam penduradas pequenas bonecas de lã e espigas de trigo. Passado um bocado, surgiu Aurélia para os beijar e lhes desejar os melhores votos; e, logo a seguir, todos os criados, um a um, e Lúcio Decúmio e os filhos.

— Que bom que é estar finalmente e realmente casado! — disse César.

— Estou completamente de acordo — retorquiu Cinila, que estava tão bela e tão alegre como qualquer noiva deveria estar após a noite de núpcias.

Caio Macio, o último a chegar, achou a celebração profundamente comovente.

Ninguém conhecia melhor do que ele a intensa actividade sexual de César; sim, César possuíra já muitas mulheres, mas aquela mulher era diferente, era a sua esposa. E era maravilhoso verificar que César não estava nada desapontado. Pondo-se no lugar de César, Caio Macio duvidava que alguma vez pudesse dar algum prazer a uma rapariga da idade de Cinila, depois de ter vivido com ela como irmã durante nove longos anos. Mas é claro que César era feito de uma matéria mais dura — tais pormenores não o afectavam.

Foi na primeira reunião do Senado a que César assistiu que Filipe conseguiu convencer os senadores a ordenar a Lépido que regressasse a Roma para organizar as eleições curais. E, na segunda reunião, ouviu a leitura da resposta negativa de Lépido, a que se seguiu a aprovação do

decreto senatorial ordenando o regresso a Roma de Catulo.

Porém, entre a segunda e a terceira reuniões, César recebeu a visita do seu cunhado, Lúcio Cornélio Cina.

— Vai haver guerra civil — disse o jovem Cina. — E eu gostaria que tu estivesses do lado dos vencedores.

— Do lado dos vencedores?

— Sim, do lado de Lépido.

— Lépido não vai vencer, Lúcio. Não pode vencer.

— com o apoio da Etrúria e da Úmbria, não pode perder!

— Não pode perder, não pode perder...! Ora, Lúcio, isso é mesmo o tipo de coisas que as pessoas sempre disseram desde o princípio do mundo. Eu só conheço uma pessoa que não pode perder.

— E quem é essa pessoa? — perguntou Cina, já aborrecido com aquela conversa.

— Eu próprio.

Uma afirmação que Cina considerou extravagantemente divertida; desatou a rir incontrolavelmente.

— Mas que ave rara que tu me saíste, César! — disse ele, já recomposto.

— Ave rara, ave rara, não serei. Quando muito um galináceo, que não tem nada de raro. Ou, quem sabe, talvez seja um costado de carneiro pendurado num gancho de talhante.

— Nunca sei quando é que estás a brincar ou a falar a sério — retorquiu Cina, algo inseguro.

— Isso é porque eu raramente brinco.

— Francamente, César! Não me digas que estavas a falar a sério quando disseste que eras o único homem que não podia perder!

— Estava, sim, Lúcio. Estava a falar muito a sério.

— Não vais apoiar Lépido?

— Nem que ele estivesse já às portas de Roma, Lúcio.

— Pois bem, acho que fazes mal. Euvou apoiá-lo.

— Não te censuro. A Roma de Sila reduziu-te à miséria.

E o jovem Cina partiu imediatamente para Saturnia, onde se encontrava Lépido com as

suas legiões. Assinada desta feita por Catulo, em nome do Senado, a segunda ordem foi enviada a Lépido e este recusou-se uma vez mais a regressar a Roma. Antes de Catulo partir para a Campânia e para as suas próprias legiões, César pediu-lhe uma entrevista.

— Que queres? — perguntou friamente o filho de Catulo César; nunca gostara daquele jovem demasiado belo e demasiado dotado.

— Quero integrar a tua equipa, caso haja guerra.

— Eu não te quero na minha equipa.

A expressão de César alterou-se radicalmente nesse preciso instante: o seu olhar era agora idêntico ao feroz olhar que Roma só encontrara em Sila.

— Para me usares, Quinto Lutácio, não precisas de gostar de mim.

— E como haveria de te usar? Ou, para ser mais claro, em que medida é que me poderias ser útil? Já ouvi dizer que te tinhas aliado a Lépido.

— É mentira!

— Não foi o que me disseram. O jovem Cina foi falar contigo antes de deixar Roma e, pelos vistos, chegaram a um acordo quanto ao apoio a Lépido.

— O jovem Cina veio desejar-me os seus melhores votos, ou seja, veio cumprir o seu dever de cunhado depois de o casamento da irmã ter sido consumado.

Catulo virou-lhe as costas.

— Podes ter convencido Sila da tua lealdade, César, mas nunca me hás-de convencer de que és outra coisa senão um indivíduo quezilento e conflituoso. Não te quero, porque não quero na minha equipa pessoas cuja lealdade seja suspeita.

— Pois muito bem, primo: quando — e se! — Lépido avançar, eu lutarei por Roma. Se não for como membro da tua equipa, então será noutra qualidade qualquer. Sou um patrício romano, pertenço à mesma família que tu, e não sou cliente, nem apoiante de ninguém. — A meio do caminho para a porta, César parou. — Será bom que metas na tua cabeça que eu sou um homem que há-de obedecer e respeitar sempre a Constituição de Roma. Serei cônsul quando tiver a idade necessária para tal — mas não porque um perdedor como Lépido resolveu tornar-se Ditador de Roma. Lépido não tem coragem, nem força, para tal. Nem tu, Catulo.

E foi assim que César permaneceu em Roma enquanto toda a situação se encaminhava rapidamente para uma rebelião aberta. O senatus consultum de ré publica defendendo foi

aprovado, Placo Princeps Senatus morreu, o segundo interrex realizou eleições e Lépido, finalmente, marchou sobre Roma. Juntamente com vários milhares de outros romanos dos mais diversos níveis sociais, César, equipado para a guerra, apresentou-se a Catulo, no Campo de Marte; foi integrado num grupo de várias centenas de militares que controlaria a Ponte de Madeira que ligava Transtiberim à cidade. Como Catulo não queria atribuir um comando àquele jovem que já obtivera uma Coroa Cívica, César cumpriu o seu dever como qualquer outro soldado. Não participou em nenhuma acção guerreira e, quando a batalha junto às Muralhas Sérvias terminou, foi pura e simplesmente para casa, sem se preocupar sequer em apresentar-se como voluntário para a perseguição a Lépido.

A arrogância e o desdém de Catulo não foram esquecidos. Mas Caio Júlio César era paciente nos seus ódios; a vez de Catulo
havia de chegar, um dia, o dia certo. Até lá, Catulo teria de esperar.

Para grande pesar de César, quando regressou a Roma, depois da sua longa viagem, encontrou o jovem Dolabela já exilado e Caio Verres pavoneando-se pela cidade com o ar mais virtuoso e probo deste mundo. Verres estava agora casado com a filha de Metelo Caprário — e era muito popular junto dos cavaleiros eleitores, que consideravam o facto de ele ter testemunhado contra o jovem Dolabela como um grande cumprimento a uma Ordo Equester em vias de reabilitação — ali estava um senador que não tinha medo de acusar um dos seus colegas senadores!

No entanto, César fez saber, através de Lúcio Decúmio e de Caio Macio, que estaria disposto a defender em tribunal qualquer habitante do bairro de Subura; e, durante os meses que levaram à queda de Lépido e Bruto e à ascensão de Pompeu, trabalhou numa série de casos particularmente humildes, mas em que obteve um êxito a cem por cento. A sua reputação no mundo dos tribunais começou a afirmar-se e os entendidos em advocacia e retórica iam já assistir a todos os processos em que ele participava — na sua maior parte, processos julgados nos tribunais presididos pelo pretor urbano ou pelo pretor para as questões externas, mas ocasionalmente também processos envolvendo homicídios, julgados no tribunal destinado unicamente a esse efeito. Por muito que Catulo tentasse difamá-lo, a verdade é que as pessoas não o queriam ouvir; e isso porque gostavam do que César dizia — e da maneira como o dizia — em tribunal.

Quando algumas das cidades da Macedónia e da Grécia Central foram ter com ele, pedindo-lhe que processasse o velho Dolabela (o qual regressara do seu longo governo porque Ápio Cláudio Pulcro o fora finalmente substituir), César anuiu. Aquele seria o seu primeiro julgamento realmente importante, pois decorreria no quaestio de repetundae — o Tribunal de Extorsão — e envolveria um homem de boas famílias e com forte influência política. Pouco sabia sobre as circunstâncias que tinham caracterizado o governo do velho Dolabela; daí que tivesse decidido entrevistar todas as eventuais testemunhas e reunir provas de forma meticulosa. Os seus clientes, etnarcas de várias cidades, adoravam-no, pois César tinha com eles um trato aberto e agradável, além de nunca esquecer que aqueles homens deviam ser tratados de acordo com a sua elevada posição social. Mas o que mais espantou os etnarcas foi a extraordinária memória de César — nunca se esquecia do que lhe diziam e, por vezes, fixava a sua atenção em afirmações aparentemente vulgares mas que, afinal, eram muito mais importantes do que os seus clientes pensavam.

— Gostaria, no entanto, de lhes fazer desde já uma advertência — disse ele aos seus clientes, no dia em que o julgamento começou. — O júri é inteiramente formado por senadores e as simpatias do Senado vão todas para Dolabela. Ele foi considerado um bom governador porque conseguiu dominar os Escordiscos. Não creio que consigamos ganhar.

E não ganharam. Apesar de as provas serem muito fortes, aquele júri senatorial acabaria forçosamente por ignorá-las — e por ignorar a soberba oratória de César. Daí que o veredicto fosse ABSOLVO. César não apresentou quaisquer desculpas aos seus clientes, nem estes se mostraram desapontados com o trabalho dele. Tanto a apresentação do caso como os discursos de César foram considerados como os melhores de toda uma geração e muitos foram aqueles que lhe pediram que publicasse as suas intervenções.

— As tuas intervenções hão-de tornar-se textos de estudo para os estudantes de retórica e leis — disse Marco Túlio Cícero, depois de lhe ter pedido cópias, — É claro que foste injustamente derrotado, mas estou muito contente por ter regressado a Roma a tempo de encontrar um advogado melhor que Hortênsio e Caio Cota.

— Também estou muito contente, Cícero. Uma coisa é ser elogiado por Cetego, outra coisa é ouvir um advogado do meu nível pedir-me cópias do meu trabalho — retorquiu César, sinceramente satisfeito com o interesse de Cícero.

— Não podes ensinar-me nada no capítulo da oratória — disse Cícero, começando, inconscientemente, a afastar-se dos cumprimentos e louvores. — Mas podes ter a certeza de que estudarei com toda a atenção a forma como investigaste o teu caso e como apresentaste as provas. — Subiam os dois o Fórum, e Cícero não parava de falar. — O que mais me fascina é a forma como consegues projectar a tua voz. É que, na conversação normal, tu tens uma voz baixa! Mas quando falas para uma multidão, consegues colocá-la bem lá no alto e torná-la, ao mesmo tempo, perfeitamente clara! Quem é que te ensinou isso?

— Ninguém — retorquiu César, surpreendido. — Reparei apenas que os homens com vozes baixas tinham mais dificuldade em fazer-se ouvir. E, como eu gosto de ser ouvido, uso uma voz de tenor em tais circunstâncias.

— Apolónio Molão, com quem estudei nestes últimos dois anos, diz que o tipo de voz depende do comprimento do pescoço. Quanto mais alto for o pescoço, mais baixa e grave será a voz. E, realmente, tu tens um pescoço enorme! Felizmente — acrescentou ele, complacentemente — o meu pescoço tem o tamanho certo.

— É pequeno — disse César.

— Médio — replicou Cícero.

— Estás com bom aspecto, Cícero. E engordaste. Bem precisavas de engordar um pouco.

— Sinto-me bem. E estou doido por voltar aos tribunais. No entanto — acrescentou Cícero, com um ar pensativo —, acho que será melhor não te defrontar. Há certos titãs que nunca deveriam confrontar-se. O que me apetece é lutar com gente como Hortênsio e Caio Cota.

— Esperava melhor da parte deles — disse César. — Se o júri não tivesse tomado já uma decisão antes de o julgamento começar, Hortênsio e Caio Cota teriam perdido. Achei-os descuidados e inábeis.

— Totalmente de acordo. Caio Cota é teu tio, não é?

— É. Mas isso não tem importância. Nós gostamos de lutar um contra o outro.

Pararam para comprar um pastel de carne a um vendedor, que há anos montara a sua tenda perto da residência do flamen Dialis.

— Creio — disse Cícero, engolindo o seu pastel (o célebre advogado adorava aquele tipo de iguarias) — que permanecem muitas dúvidas legais quanto ao teu flaminato. Não te

sentes tentado a tirar proveito dessas dúvidas e a instalar-te naquela espaçosa e cômoda residência? — perguntou ele, apontando para a casa do flamen Dialis. — Disseram-me que vives num apartamento em Subura. Não é a melhor morada para um advogado com as tuas capacidades, César!

César estremeceu ao ouvir aquilo, atirou um resto do pastel para um pássaro, e declarou:

— Nem que vivesse no mais mísero casebre do Esquilino, me sentiria tentado a voltar para aquela casa!

— Pois quanto a mim, estou muito contente por viver no Palatino — disse Cícero, atacando um segundo pastel. — O meu irmão, Quinto, tem a velha casa da família nas Carinas — acrescentou ele, com um ar importante, como se a sua família tivesse aquela casa há várias gerações, quando, na realidade, a comprara era ele um rapaz. — A propósito de absolvições: sabes o que é que Quinto Calídio disse depois de um júri o ter condenado no Tribunal de Extorsão?

— Creio que perdi esse julgamento. O que é que ele disse?

— Disse que não tinha ficado surpreendido com o veredicto, porque, nos tempos que correm, subornar um júri custa trezentos mil sestércios, e ele não possuía esse dinheiro!

— Nesse caso, será melhor afastar-me do Tribunal de Extorsão!

— Sobretudo enquanto Lêntulo Sura for o chefe dos jurados. Como Públio Cornélio Lêntulo Sura fora o chefe do júri no caso do velho Dolabela, César ergueu muito as sobrancelhas.

— Aí está uma coisa que me convinha saber, Cícero!

— Meu caro, eu sei de tudo o que se passa nos nossos tribunais! — disse Cícero, erguendo uma mão num gesto grandiloqüente. — Quando quiseres saber alguma coisa, vem ter comigo.

— Irei, sim! — retorquiu César. Depois, cumprimentou Cícero e encaminhou-se para o seu bairro, o desprezado bairro de Subura.

Quinto Hortênsio saiu de detrás de uma coluna e aproximou-se de Cícero, ao mesmo tempo que via César afastando-se rapidamente.

— Ele portou-se muito bem! — comentou Hortênsio. — com mais alguns anos de experiência, é muito capaz de disputar os nossos louros!

— Não é de experiência que ele precisa, meu caro Hortênsio. É de um júri honesto! Se

o júri que absolveu Dolabela fosse honesto, os teus louros ter-se-iam transformado em pó, esta manhã!

— Antipático!

— Mas olha que a coisa não vai durar muito.

— Que coisa?

— Os júris compostos unicamente por senadores.

— Ora essa! O Senado voltou a controlar tudo e controlará tudo para sempre.

— O que acabas de dizer é um verdadeiro disparate. Há um movimento nítido em Roma no sentido de serem devolvidos aos tribunos da plebe os poderes que tinham noutros tempos. E quando isso acontecer, Quinto Hortênsio, os júris voltarão a ser constituídos por cavaleiros.

Hortênsio encolheu os ombros.

— Isso não me afecta, Cícero. Sejam os jurados senadores ou cavaleiros, um suborno será sempre um suborno — quando necessário.

— Eu não suborno os meus júris — retorquiu gravemente Cícero.

— Eu sei que não subornas. E César também não. Mas é um costume aceite, meu caro, é um costume aceite!

— Um costume que não pode deixar nenhum advogado satisfeito. Quando eu ganho um julgamento, gosto de saber que o ganhei devido aos meus méritos, e não graças ao dinheiro que o meu cliente me deu para repartir pelos jurados.

— Se é isso que pensas, então não passas de um tonto. E não te vais agüentar por muito tempo mais!

O rosto agradável, mas sem a clássica beleza romana, de Cícero, exibiu a mais pétrea das expressões. Os olhos castanhos encheram-se de um brilho feroz.

— Aguentar-me-ei muito mais tempo que tu, Hortênsio! Muito mais tempo! Não duvides disso!

— Eu sou demasiado forte para que alguém possa deitar-me abaixo.

— Isso foi o que Anteu disse antes de Hércules o ter erguido do chão. Ave, Quinto Hortênsio.

Em fins de Janeiro do ano seguinte, Cinila deu à luz uma menina, Júlia, uma bonequita

delicada e muito branca deixou os pais encantados.

— Um rapaz representa uma grande despesa, minha querida esposa — disse César. — Ao passo que uma rapariga é um trunfo político de inigualável valor, sobretudo quando a sua linhagem é patrícia tanto do lado materno como paterno, e quando dispõe de um bom dote. É impossível saber o que um rapaz virá a fazer na vida. Mas quanto às raparigas, as coisas são diferentes. E, quanto a nossa Júlia, ela é perfeita. Vai ser como a avó Aurélia: vai ter um sem-número de pretendentes!

— Não vejo grandes perspectivas quanto ao dote — disse a mãe, que tinha tido um parto difícil, mas estava a recuperar bem.

— Não te preocupes, minha querida Cinila! Quando Júlia chegar à idade de casar, não terá de esperar pelo dote!

Aurélia estava no seu elemento: encarregada de tratar do bebê, apaixonara-se de imediato pela deliciosa criatura. Era o seu quinto neto: Lia tivera dois rapazes dos seus dois casamentos e Ju-Ju tivera um rapaz e uma rapariga. Mas nenhum desses netos vivia em sua casa. E, além disso, não eram filhos do seu filho, da luz da sua vida.

— Ela vai ter olhos azuis, porque nasceu com eles muito pálidos — disse Aurélia, deliciada com o facto de Júlia se parecer com o pai. — E o cabelo não tem mais cor que o gelo!

— Ainda bem que lhe encontras cabelo! — retorquiu César com um ar grave. — Para mim, ela é completamente careca. O que não é um bom sinal, pois todos os Césares têm cabeleira farta!

— Ora, que disparate! Claro que a menina tem cabelo! Espera que ela faça um ano e logo vais ver se não tem cabelo! Vai ser um cabelo mais parecido com a prata do que com o ouro. A minha queridinha!

— A mim, parece-me tão feia como a pobre Cnéia.

— César! Francamente! É um recém-nascido! E vai sair a ti!

— Mas que sorte a minha! — replicou César, deixando a filha e a avó.

César encaminhou-se para a mais afamada estalagem da cidade, na esquina do Fórum Romano com a Clivus Orbius; recebera uma mensagem segundo a qual os seus clientes do caso Dolabela estavam de novo em Roma e ansiosos por falar com ele.

— Temos outro caso para ti — disse o chefe dos visitantes gregos, Ifícrates de

Tessalónica.

— Lisonjeiam-me — retorquiu César, com um ar intrigado. — Mas quem é que vocês querem processar? Ápio Cláudio Fulcro é governador há tão pouco tempo que, com toda a certeza, ainda não fez nada de ilegal...! E mesmo assim, seria extremamente difícil convencer o Senado a autorizar o julgamento de um governador ainda em funções.

— Trata-se de um estranho caso, que nada tem a ver com governadores macedónios — retorquiu Ifícrates. — Nós queremos processar Caio António Híbrida, pelas atrocidades que cometeu quando era prefeito de cavalaria, no tempo de Sila, já lá vão dez anos.

— Por todos os deuses! Querem processá-lo ao fim de tanto tempo?!

— Não estamos à espera de ganhar, César. Não é esse o objectivo da nossa missão. Simplesmente, a nossa experiência com o mais velho dos Dolabelas levou-nos a concluir que alguns dos romanos que nos têm visitado são pouco melhores que animais. E creio que é tempo de Roma ter consciência disso. As petições não servem para nada. Ninguém se dá ao trabalho de lê-las. E muito menos o Senado. Os processos por traição ou extorsão são espectáculos para elites — só as classes altas de Roma se dão ao trabalho de lá ir. O que nós queremos é chamar a atenção dos cavaleiros e mesmo das classes baixas. Pensámos, por isso, que um julgamento no Tribunal de Homicídios seria o melhor para o efeito pretendido — trata-se de um local que todas as classes freqüentam. E quando nos reunimos para escolher o melhor dos casos, lembrámo-nos imediatamente de Caio António Híbrida.

— Que fez ele? — perguntou César.

— Híbrida era o prefeito de cavalaria encarregado dos distritos de Téspias, Elêusis e Orcomeno durante o tempo em que Sila ou parte do seu exército estiveram na Beócia. Mas a sua actividade militar foi muito reduzida. Em vez disso, deliciava-se com prazeres horrendos — tortura, mutilações, violações de mulheres, homens, rapazes, raparigas, e assassínios.

— Híbrida?

— Sim, Híbrida.

— bom, eu sempre soube que ele era um António típico — mais tempo bêbedo que sóbrio, gastador inveterado, louco por excessos envolvendo mulheres ou comida. — No rosto de César, desenhou-se uma expressão de nojo. — Mas tortura? Mesmo num António, não é coisa usual. Os Aenobarbos é que são famosos por essas tendências!

— Dispomos de provas absolutamente incontestáveis, César.

— Suponho que Híbrida foi buscar essa tendência ao lado da mãe. Ela não era romana, embora sempre tenha ouvido dizer que era uma mulher decente. Uma apuliana. Mas os Apulianos não são bárbaros e aquilo que vocês me contaram são actos perfeitamente bárbaros! Nem mesmo Caio Verres iria tão longe!

— As nossas provas são absolutamente incontestáveis — repetiu Ifícrates. A sua expressão deixou transparecer alguma malícia. —

Mas ouve o que te vou dizer, e talvez compreendas o nosso empenho. Nos mais altos círculos de Roma, só acreditarão em nós a partir do momento em que toda a cidade de Roma fale do caso. E para que isso aconteça, é preciso que toda a cidade de Roma veja, com os seus próprios olhos, as nossas provas.

— Têm testemunhas que foram vítimas de Híbrida?

— Dúzias delas, se necessário. Pessoas sem a mínima mancha na sua reputação. Pessoas de elevada posição social. Algumas sem olhos, outras sem orelhas, algumas sem línguas, outras sem mãos, ou pés, ou pernas, ou órgãos genitais, ou úteros, ou braços, ou pele, ou narizes — e, por vezes, sem vários destes órgãos. Aquele homem é um animal. Ele e os seus amigos, mas os seus amigos não nos interessam, porque eram de baixa extracção.

César tinha um ar absolutamente enojado.

— Nesse caso, as vítimas sobreviveram.

— A maior parte sobreviveu, é verdade. António pensava que aquilo que fazia era uma arte. E a arte consistia em infligir todas as dores e mutilações possíveis sem que a vítima morresse. A maior alegria de António era passar por uma das suas cidades, alguns meses depois, e ver que as suas vítimas ainda estavam vivas.

— bom, vai ser um caso difícil para mim, mas não sinto a mínima hesitação quanto a aceitá-lo — retorquiu gravemente César.

— Difícil? Porquê?

— Porque o irmão mais velho de Híbrida, Marco, está casado com uma prima minha em segundo grau — Júlia, a filha de Lúcio César, que foi cônsul e que viria a ser assassinado por Caio Mário. Eles têm três filhos — sobrinhos de Híbrida e meus primos em terceiro grau. O problema, Ifícrates, é que um advogado em Roma fica mal visto se acusar membros da sua

própria família.

— Mas a tua prima não está casada com Híbrida! Logo, a tua ligação com Híbrida é muito tênue.

— É verdade e é por esse motivo que eu aceito o caso. Mas haverá muita gente a criticar-me. Unicamente porque existe uma ligação de sangue entre mim e os três filhos de Júlia.

Foi com Lúcio Decúmio que César preferiu falar: antes falar com Decúmio do que com Caio Macio ou outra pessoa qualquer, próxima do seu nível social.

— Tu dás conta de tudo o que se passa, pai. Mas sabias de alguma história deste género?

Dotado de um físico que o fizera parecer mais velho quando era novo e que, agora que era velho, o fazia parecer mais novo, os anos pareciam não passar por Lúcio Decúmio; César não sabia ao certo a sua idade: calculava que Decúmio devia andar à volta dos sessenta.

— Sim, ouvi uns zunzuns, nada mais. Os escravos dele não duram mais de seis meses lá em casa, mas nunca ninguém os vê enterrados. Eu fico sempre desconfiado quando oiço histórias dessas. Desaparecem, mas não há enterros, nem nada. Normalmente, o que isso quer dizer é que os patrões praticam todo o tipo de maldades nos seus escravos.

— Não há coisa mais desprezível do que a crueldade para com um escravo!

— É natural que penses assim, César. Tiveste a melhor mãe do mundo, ela deu-te a melhor das educações.

— Mas estas coisas não devem ter nada a ver com a educação de uma pessoa! — retorquiu César, furioso. — Por certo têm a ver com a natureza de uma pessoa: é algo que nasce com elas. Sou capaz de entender tais atrocidades quando são praticadas por bárbaros — os seus costumes, tradições e deuses exigem deles coisas que nós, Romanos, banimos há já muitos séculos. Imaginar que um nobre romano — um António! — sente prazer em infligir tais sofrimentos... ah, por todos os deuses, pai, é difícil de acreditar!

Mas Lúcio Decúmio deu-lhe uma resposta sensata.

— Basta olhares à tua volta, César. Sabes isso muito bem. Talvez não vejas coisas tão horríveis, é claro, mas isso é porque as pessoas têm medo de ser denunciadas. Pensa um pouco! Este António Híbrida é um nobre romano, como tu dizes. Os tribunais protegem-no. A sua própria classe protege-o. Por que raio é que ele há-de ter medo, a partir do momento em que começa a cometer tais actos? O que impede a maior parte das pessoas de começar é o medo de

serem apanhadas. Porque, se forem apanhadas, é muito natural que sejam castigadas. E quando mais alto um homem sobe, maior será a sua queda. Só que, por vezes, há homens com poder e influência suficientes para fazer o que muito bem entende, para ser o que muito bem entende. É o caso de António Híbrida. Não há muitos como ele, seja onde for. Não há muitos! Mas há sempre alguns, César. Há sempre alguns.

— Sim, tens razão. Claro que tens razão. — As pálpebras cerraram-se, cansadas, enquanto César tentava alinhar os seus pensamentos. — O que tu me estás a dizer é que tais homens devem ser castigados. É isso, não é?

— Claro. A menos que queiras que haja muitos como Híbrida. Se permitires que um escape ao castigo, aparecem logo mais dois a fazer o mesmo.

— Então não há dúvida: ele vai ter mesmo de prestar contas. E não vai ser nada fácil.

— Pois não.

— Para além desses horríveis boatos sobre o desaparecimento dos escravos, que mais sabes acerca dele, pai?

— Não muito. Sei que é um homem odiado por muita, muita gente. Os comerciantes odeiam-no. Tal como o povo miúdo. Quando ele dá um beliscão numa rapariguinha que passa, belisca-a sempre com muita força, põe a rapariga a chorar.

— E que faz a minha prima Júlia no meio de tudo isto?

— Pergunta à tua mãe, César, não a mim!

— Eu não posso perguntar isso à minha mãe, Lúcio Decúmio! Lúcio Decúmio pensou um pouco no caso e aquiesceu.

— Pois não, César, não podes perguntar. — Fez uma nova pausa para reflectir. — bom, uma coisa é certa: essa Júlia é uma mulher muito parva — não tem nada a ver com as outras Júlias da tua família, que eram e são todas inteligentes! O António que está casado com ela não é o melhor dos homens, não sei se me faço entender. Mas também não é cruel. É um tipo sem cabeça. E os miúdos dele deviam ter levado uns bons pontapés no rabo e nunca levaram!

— Queres dizer que os filhos dele são mal-educados?

— São tão mal-educados como um urso da floresta.

— Deixa-me ver... Marco, Caio, Lúcio. Ah, quem me dera saber um pouco mais acerca da minha família! Não dou atenção às conversas das mulheres, esse é que é o problema. A minha

mãe podia contar-me tudo num instante... Mas ela é demasiado inteligente, perguntava-me logo por que razão é que eu estou tão interessado e depois tentava convencer-me a não aceitar o caso. E, por fim, acabávamos a discutir. É preferível que ela saiba que eu aceitei o caso, quando tudo estiver já consumado. — Suspirou, parecia triste. — Mas conta-me mais coisas acerca dos sobrinhos de Híbrida.

Lúcio Decúmio fez um esforço para se lembrar, comprimiu os lábios.

— Eu costumo vê-los aqui em Subura. Não deviam andar por aqui sem pedagogo nem criados, mas andam. Sozinhos, sem ninguém por perto. Roubam comida das lojas, mais para atormentar as pessoas do que por terem faltas em casa.

— Que idades têm eles?

— Não te posso dizer ao certo, mas Marco tem aspecto de ter doze anos. Mas de cabeça é como se tivesse cinco. Por isso, é capaz de ter uns sete ou oito. E os outros dois são mais pequenos.

— São todos umas bestas, os Antónios. Ouvi dizer que o pai dos miúdos não tem muito dinheiro.

— Está sempre à beira do abismo, César.

— Nesse caso, se eu processar Híbrida, será horrível para eles.

— Pois será.

— Mas tenho de aceitar o caso, pai. — Eu sei, eu sei!

— Do que preciso é de algumas testemunhas. De preferência, libertos que queiram testemunhar. Ele aqui deve fazer as mesmas coisas que fez na Macedónia. E nem todas as suas vítimas serão escravos que desapareceram misteriosamente.

— Euvou investigar, César.

Mal ele entrou, as mulheres da casa aperceberam-se de que havia problema; mas nem Aurélia nem Cinila fizeram qualquer tentativa para descobrir o que se passava com César. Em circunstâncias mais normais, Aurélia tê-lo-ia certamente feito; mas o bebê ocupava-a muito mais do que alguma vez admitira ser possível, e, por isso, não conseguiu decifrar a expressão do filho. E, ao mesmo tempo, perdeu uma oportunidade única para tentar dissuadi-lo de acusar Caio António Híbrida, cujos sobrinhos eram primos de César.

O Tribunal de Homicídios era o foro lógico, mas quanto mais pensava no caso, menos

César gostava da ideia de um julgamento nesse tribunal. Em primeiro lugar, porque o presidente era o pretor Marco Júnio Junco, que detestara a sua nomeação para um tribunal que, em princípio, devia ser confiado a um ex-edil (mas nenhum ex-edil se apresentara como voluntário para presidir ao tribunal); César tivera já um desagradável confronto com Júnio Junco, num julgamento ocorrido em Janeiro. A outra grande dificuldade residia
no facto de os litigantes não serem romanos. Era muito difícil conseguir um veredicto favorável, quando os queixosos eram estrangeiros e o réu era um romano de elevado nascimento e posição social. Os seus clientes bem podiam dizer que não se importavam de perder o caso. Só que César sabia que um juiz como Junco faria o possível para que um tal julgamento tivesse o mínimo de repercussões na sociedade — era mesmo capaz de reunir o tribunal num local afastado, de forma a evitar uma vasta audiência. E o pior de tudo era que o tribuno da plebe Cneu Sicínio andava a monopolizar as audiências do Fórum, reivindicando a restauração de todos os poderes que, em tempos, haviam pertencido aos tribunos da plebe. Não se falava de outra coisa, em especial desde que Sicínio se tinha saído com uma afirmação que não escapara a nenhum diletante literário que gostasse de coleccionar citações mais ou menos ridículas de políticos.

— Mas por que raio — perguntou-lhe o cônsul Caio Escribónio Curió, exasperado — é que tu nos importunas, a mim e ao meu colega Cneu Octávio, aos pretores, aos edis, aos teus camaradas tribunos da plebe, a Públio Cetego, a todos os nossos consulares e homens famosos, a banqueiros como Tito Ático? Nem os pobres questores escapam! E, no entanto, nunca dizes uma palavra contra Marco Licínio Crasso? Marco Crasso não será porventura digno do teu veneno? Ou será por acaso Marco Crasso quem está por detrás das luas diatribes? Vá lá, Sicínio, pára um momento com os teus latidos, e diz-me, sinceramente, por que raio é que só deixas Crasso em paz?

Sabedor de que Curió e Crasso estavam desavindos, Sicínio pôs um ar de quem estava a reflectir maduramente na questão, antes de dar uma resposta.

— Porque Marco Crasso tem palha à volta dos seus dois cornos — respondeu ele, no tom mais sério deste mundo.

A vastíssima audiência desatou numa gargalhada pegada, apreciando todas as nuances da frase. Um touro com palha à volta de um chifre era algo bastante comum; a palha era um aviso

de que o animal podia parecer manso, mas que, a todo o momento, podia correr para uma pessoa e escorneá-la com aquele mesmo chifre. Quanto aos touros com palha à volta dos dois cornos, as pessoas fugiam deles como de leprosos. Como Marco Crasso tinha um ar imperturbavelmente bovino e a constituição física de um touro,
aquela observação colava-se-lhe na perfeição; mas o que fizera rir as pessoas fora um outro sentido subjacente à frase: é que Marco Crasso era tão touro, em termos sexuais, que, em vez de um chifre, possuía dois.
Estando as coisas neste pé, como seria possível atrair muitos dos adeptos de Sicínio ao julgamento? Como seria possível dar ao julgamento a audiência que ele merecia? E enquanto César matutava nestas questões, os seus clientes regressaram à Boécia para reunir provas e testemunhas, de acordo com as instruções que César lhes dera; vários meses passaram entretanto, os clientes regressaram a Roma e César ainda não tinha levado o caso ao tribunal de Junco.
— Não compreendo! — exclamou Ifícrates, decepcionado. — Se continuamos assim, acabará por não haver julgamento nenhum!
— Tenho o pressentimento de que encontraremos um processo melhor — disse César.
— Tem paciência, Ifícrates, espera um pouco mais. Prometo-te que tu e os teus colegas não terão de esperar em Roma durante muito tempo. As testemunhas, estão bem escondidas?
— O melhor possível. Tal e qual como tu ordenaste. Numa villa dos arredores de Cumas.
Até que, no princípio de Junho, surgiu a solução para todos os problemas. César tinha resolvido passar pelo tribunal do praetor peregrinus, Marco Terêncio Varrão Lúculo. O irmão mais novo do homem que a maior parte dos Romanos considerava ser o seu mais brilhante concidadão era muito parecido com Lúculo — e muito devotado a ele. Separados na infância pelas vicissitudes da sorte, o elo entre os dois irmãos não tinha enfraquecido; pelo contrário, tornara-se muito mais forte. Lúculo atrasara a sua subida ao longo do cursus honorum para que pudesse ser edil curul juntamente com Varrão Lúculo, e os dois tinham organizado jogos tão extraordinários que, passados alguns anos, Roma continuava a falar deles. Generalizara-se a ideia de que os dois Lúculos se tornariam cônsules num futuro próximo; além de aristocratas, eram extremamente populares entre os eleitores.
— Que tal te está a correr hoje o dia? — perguntou-lhe César, sorridente; César gostava

do praetor peregrinus, em cujo tribunal defendera muitos pequenos casos com uma confiança e uma liberdade que poucos outros juizes permitiriam. Varrão Lúculo, além de ser uma sumidade em leis, era um homem de uma integridade extrema.

— Verdadeiramente entediante — retorquiu Varrão Lúculo, retribuindo o sorriso.

Por alguma razão desconhecida, a brilhante ideia de César nascera e amadurecera entre a sua pergunta e a resposta de Varrão Lúculo; isso era habitual nele — a repentina resolução de um problema difícil, ao fim de meses e meses de debates interiores.

— Quando é que partes de Roma para os tribunais rurais?

— É costume o praetor peregrinus ir para o litoral da Campânia logo que o Verão começa a tornar-se insuportável em Roma — disse Varrão Lúculo, com um suspiro. — No entanto, desta vez, parece quevou ter de ficar em Roma pelo menos mais um mês.

— Então fica, Varrão Lúculo! Demora-te em Roma o mais possível! — disse César.

Varrão Lúculo pestanejou, surpreendido. Onde estava César, que já não o via? Sim, de facto aquele jovem que tanto admirava, e a quem reconhecia invulgares capacidades de advogado, tinha pura e simplesmente desaparecido.

— Já sei o quevou fazer! — dizia César, momentos depois, a Ifícrates, no salão privado de uma estalagem, alugado por este último.

— Que vais fazer? — perguntou aquela importante figura de Tessânica, impaciente.

— Eu sabia que tinha razão em esperar, Ifícrates! Não vamos recorrer ao Tribunal de Homicídios! E não vamos acusar Caio António Híbrida de nenhum assassínio ou tentativa de assassínio!

— Não vamos?! — retorquiu Ifícrates, estupefacto. — Mas esse era o objectivo da nossa acção!

— Não, o objectivo da vossa acção é criar uma forte comoção em toda a cidade de Roma. E não conseguiremos fazer isso no tribunal de Junco. Aliás, o tribunal de Junco fugiria sempre ao público que Sicínio tem no Fórum. Junco acabaria por fechar-se no recanto menos arejado da Basílica Pórcia ou da Opimia, onde as pessoas desmaiariam por causa do calor. Só ficariam as pessoas que tinham mesmo de ficar. O júri odiar-nos-ia e Junco despacharia o julgamento num instante, pressionado por jurados e por advogados.

— Mas qual é alternativa?

César inclinou-se um pouco para o seu interlocutor.

—vou apresentar este caso ao praetor peregrinus. Ou seja, será uma acção cível e não uma acção criminal — disse ele. — Em vez de acusar Híbrida de homicídio, processá-lo-ei pelos danos decorrentes da sua conduta, enquanto foi prefeito de cavalaria na Grécia, há dez anos atrás. E tu depositaras um sponsio enorme nas mãos do praetor peregrinus — uma soma muito maior que toda a fortuna de Híbrida. Poderás arranjar dois mil talentos? E estarás preparado para os perder, caso alguma coisa corra mal?

Ifícrates respirou fundo.

— Sim, de facto é uma soma enorme. Mas nós estamos preparados para gastar o que for preciso. O importante é que Roma perceba que tem de deixar de nos atormentar com homens como Híbrida — ou como o velho Dolabela. Sim, César, nós arranjaremos os dois mil talentos. Teremos de fazer um esforço, mas conseguiremos arranjá-los aqui em Roma.

— Muito bem. Depois, depositaremos os dois mil talentos em sponsio, a fim de movermos a acção cível contra Caio António Híbrida. Só isso já chegará para causar uma forte sensação. E demonstrará a toda a cidade de Roma que estamos seriamente empenhados no caso.

— Híbrida não conseguirá arranjar um quarto dessa soma.

— Tens toda a razão, Ifícrates. Mas o praetor peregrinus pode dispensar o depósito do sponsio se considerar que há razões suficientes para reunir um tribunal. E Varrão Lúculo é um homem justo. Estou certo de que prescindirá do sponsio de Híbrida.

— Mas se nós ganharmos e Híbrida não tiver depositado os seus dois mil talentos, o que é que acontece?

— Acontece que terá de arranjar o dinheiro! Porque terá de pagar precisamente essa soma! É assim que se processa uma acção cível, de acordo com as leis romanas.

— Ah, já estou a perceber! — Ifícrates recostou-se na sua cadeira e juntou os braços à volta dos joelhos. Sorridente, acrescentou: — Se ele perder, ficará tão pobre como um mendigo. E terá de deixar Roma completamente falido. E nunca mais terá dinheiro para voltar. É isso, não é?

— Precisamente. Nunca mais poderá voltar a Roma.

— Em contrapartida, se nós perdermos, ele fica com os nossos dois mil talentos, não é?

— Isso mesmo.

— Achas que vamos perder, César?

— Acho que vamos ganhar.

— Então porque é que me disseste que alguma coisa podia correr mal? Porque é que disseste que tínhamos de estar preparados para a perda de tão elevada soma?

com a testa muito franzida, César tentou explicar àquele grego de Tessalónica aquilo que ele, um romano dos quatro costados, tinha aprendido desde a infância.

— Porque a lei romana não é tão perfeita como parece. Muitas coisas dependem do juiz e, de acordo com as leis de Sila, o juiz, neste caso, não poderá ser Varrão Lúculo. Mas eu confio inteiramente na integridade de Varrão Lúculo e espero que ele escolha um juiz capaz de estudar o caso de uma forma desapaixonada. Mas há um outro risco. Por vezes, um advogado brilhante consegue encontrar, nesta ou naquela lei, um buraco capaz de deixar entrar um oceano inteiro — e Híbrida será defendido pelos melhores advogados de Roma. — Uma tensão muito forte percorria todo o corpo de César; as suas mãos nervosas, enquanto procurava explicar aquelas questões ao seu cliente, quase ganhavam o aspecto de garras. — Se eu tive inspiração para encontrar uma solução para o nosso problema, é muito natural que outros tenham inspiração suficiente para encontrar uma solução para o problema de Híbrida! É por isso que homens como eu gostam tanto da actividade legal, quando os juizes e os processos são imunes à corrupção e aos preconceitos! Apesar de acharmos que temos toda a razão, apesar de considerarmos que preparámos exemplarmente o nosso caso, temos sempre de levar em conta que o nosso adversário pode ser brilhante. Imagina que Cícero seria o advogado de defesa! Aí tens um magnífico advogado de defesa! Claro que ele recusará um caso destes, quando souber o seu conteúdo. Mas Hortênsio não levantará problemas. Finalmente, não te esqueças de que um dos lados tem de perder. Nós estamos a lutar por um princípio e essa é a mais perigosa de todas as motivações para quem disputa um processo.

—vou consultar os meus colegas e amanhã dar-te-ei uma resposta — disse Ifícrates.

A resposta era a esperada — César devia pedir ao praetor peregrinus que reunisse o tribunal para estudar uma acção cível

contra Caio António Híbrida. Acompanhado dos seus clientes, César deslocou-se então ao tribunal de Varrão Lúculo, onde depositou o sponsio de dois mil talentos, a soma que era exigida a Híbrida como indemnização pelos danos causados.

Varrão Lúculo ficou petrificado ao ouvir o que César tinha para lhe dizer; depois, abanou a cabeça, estupefacto, e tratou de examinar o documento passado pelo banco.

— Não há dúvida — disse ele para César. — Isto é mesmo a sério.

— Absolutamente, praetor peregrinus.

— Porque não pensaste no Tribunal de Extorsão?

— Porque a acção não envolve nenhuma extorsão. Envolve assassínio — mas mais do que assassínio! Envolve torturas, violações e mutilações. Passados tantos anos, os meus clientes não pretendem uma acção criminal. O que querem é uma indemnização em nome dos cidadãos de Téspias, Elêusis e Orcomeno a quem Caio António Híbrida causou danos irreparáveis. Essas pessoas ficaram incapacitadas para o trabalho, para ganharem a sua vida, para se casarem ou terem filhos. Os outros cidadãos de Téspias, Elêusis e Orcomeno, viram-se na obrigação de sustentar essas pessoas — e isso tem-lhes custado uma fortuna que, segundo eles, deverá ser Caio António Híbrida a pagar. Esta é uma acção cível, praetor peregrinus, destinada a obter uma indemnização pelos prejuízos causados.

— Nesse caso, deverás apresentar as tuas provas por carta, para que eu possa decidir se há motivos para reunir o tribunal.

— Apresentarei perante o tribunal e o juiz que escolheres os testemunhos de oito vítimas ou testemunhas das atrocidades. Seis dessas pessoas são habitantes de Téspias, Elêusis e Orcomeno. As outras duas vivem em Roma: uma é um cidadão liberto, a outra é um cidadão sírio.

— Por que razão convocas testemunhas romanas, advogado?

— Porque quero mostrar ao tribunal que Caio António Híbrida continua a dedicar-se às suas horrendas práticas, praetor peregrinus.

Duas horas depois, Varrão Lúculo aceitava a acção e depositava o sponsio. Caio António Híbrida foi imediatamente convocado para comparecer no tribunal no dia seguinte.

Depois, Varrão Lúculo nomeou o seu juiz. Públio Cornélio Cetego. César ficou exultante, mas a sua expressão não denunciou os seus sentimentos.

Magnífico! O juiz era um homem tão rico que baseava todo o seu poder no facto de que ninguém poderia comprá-lo, um homem tão cultivado e refinado que chorava quando um peixe de estimação ou um cachorro morriam, um homem que cobria a cabeça com a toga para

não ver matar uma galinha no mercado. E um homem que não gostava nada dos Antónios,
Acharia Cetego que um seu colega senador devia ser protegido, fosse qual fosse o crime? Ou a acção cível? Não! Cetego não era desses! No fim de contas, não havia, naquele julgamento, a possibilidade de o réu perder a cidadania romana ou ser condenado ao exílio. Aquele era um mero litígio civil: o que estava em causa era o dinheiro da indemnização.

A notícia espalhou-se num ápice pelo Fórum Romano; uma multidão começou a formar-se, momentos depois de César ter aparecido no tribunal do praetor peregrinas. César aproveitou a oportunidade para estimular o interesse das pessoas, discorrendo sobre as atrocidades que Híbrida praticara; a multidão foi crescendo cada vez mais, ansiando já pelo início do julgamento. Seria possível que houvesse homens capazes de tais atrocidades? Capazes de esfolarem outros homens, capazes de dilacerarem os órgãos genitais de uma mulher, de tal forma que esta nunca mais conseguira urinar normalmente?

Mas as notícias também chegaram rapidamente à casa de César. Ele apercebeu-se disso mal viu a mãe.

— Será verdade o que me contaram, César? — perguntou ela, irada. — Vais processar Caio António Híbrida? Não é possível! Há um laço de sangue entre vocês!

— Não há qualquer laço de sangue entre mim e Híbrida.

— Os sobrinhos dele são teus primos!

— Essas crianças são filhos do irmão de Híbrida. Existe de facto um laço de sangue, mas é com a mãe dessas crianças. A consangüinidade só poderia contar se os meus primos fossem filhos de Híbrida. E não são. Aliás, Híbrida nem sequer tem filhos!

— Não podes fazer uma coisa destas a uma Júlia!

— Mãe, lamento que a família se veja envolvida num caso destes, mas a verdade é que não há nenhuma Júlia directamente envolvida.

— Os Júlios Césares aliaram-se pelo casamento aos Antónios! Isso é razão suficiente!

— Não, não é! E uma tal aliança só revela uma grande estupidez da parte dos Júlios Césares! Os Antónios não passam de uns rústicos grosseiros, de uns vadios que para nada servem! E repara bem no que te digo, mãe: eu nunca permitiria que uma Júlia da minha própria família se casasse com um António! — retorquiu César, virando-lhe as costas.

— Reconsidera, César, por favor! Muita gente reprovará a tua acção!

— Não, mãe, não contes com isso.

O resultado deste confronto foi uma desconfortável refeição, algumas horas depois.

Incapaz de suportar estar no meio de dois adversários tão ferozes, Cinila correu para o quarto da filha logo que pôde, inventando que a filha estava com cólicas, dores de dentes, irritações de pele e mais uma quantidade de doenças próprias das crianças. César e Aurélia ficaram sozinhos, ignorando-se mutuamente, os dois de queixo espetado.

Houve de facto algumas vozes que se ergueram para reprovar César. No entanto, César, ao aceitar aquele caso, não estava a abrir um precedente. Pelos tribunais de Roma tinham passado já muitos outros casos em que a consangüinidade era muito mais forte do que as objecções técnicas que homens como Catulo apontaram na acção movida contra Caio António Híbrida.

Claro que Híbrida não podia ignorar a intimação; daí que estivesse à espera no tribunal do praetor peregrinus, com uma comitiva de rostos famosos, incluindo Quinto Hortênsio e o tio de César, Caio Aurélio Cota. De Marco Túlio Cícero não havia sinal, nem mesmo entre a audiência; até ao momento em que Cetego deu início ao julgamento, como César pôde ver pelo canto do olho. Cícero ia lá perder um escândalo daqueles! Especialmente quando fora escolhida a opção legal de uma acção cível.

César reparou imediatamente que Híbrida não estava à vontade. Corpulento, musculado, com um pescoço tão grosso como uma coluna, Híbrida era um António típico; o cabelo castanho-arruivado, encaracolado, e os olhos castanhos, eram tão antoninos como o nariz aquilino e o queixo proeminente, com uma boca pequena e carnuda no meio. Antes de saber das atrocidades de Híbrida, César olhava para aquele rosto abrutalhado e dizia para si mesmo que aquela era mesmo a cara de um indivíduo que bebia em excesso, que comia em excesso e que procurava compulsivamente

o sexo. Agora percebia melhor. Aquele era o rosto de um verdadeiro monstro.

As coisas começaram mal para Híbrida quando Hortênsio escolheu jogar a cartada de que a acção deveria ser recusada por aquele tribunal, alegando que, se as acusações fossem

realmente tão graves como o seu oponente queria fazer crer, o tribunal criminal seria o local ideal para o julgamento. Varrão Lúculo mostrava-se o mais impassível que podia, já que só queria intervir se o seu juiz lho pedisse expressamente. E Cetego dificilmente tomaria essa atitude. Mais tarde ou mais cedo ficaria com a presidência daquele tribunal e por isso nunca mostrara o mínimo interesse em ser juiz de casos menores. E este não era um caso menor, bem pelo contrário. Era muito natural que lhe repugnasse ouvir tamanhas atrocidades, mas pelo menos não corria o risco de se aborrecer mortalmente. Daí que tivesse enfrentado inteligentemente Hortênsio e que, usando sabiamente a sua autoridade, tivesse conduzido as coisas como mais lhe convinha.

Ao meio-dia, Cetego estava já pronto para ouvir as testemunhas, cujo aparecimento provocou uma verdadeira sensação no tribunal. Ifícrates e os seus companheiros tinham escolhido as vítimas, pensando nos efeitos mais imediatos, mais teatrais, e também na compaixão que poderiam suscitar. A mais comovente das testemunhas era um homem que, na realidade, não podia testemunhar; Híbrida retalhara-lhe a cara — e cortara-lhe a língua. Mas a sua esposa testemunhou por ele — uma magnífica testemunha, já que o ódio lhe refinava a eloqüência. Cetego escutou-a atentamente, enquanto fitava o pobre marido, suando as estopinhas, lívido como a cal. Ouvida esta testemunha, Cetego encerrou os trabalhos desse dia, pedindo aos deuses que agüentasse os vômitos até chegar a casa.

Mas foi Híbrida quem tentou ter a última palavra. Ao deixar o tribunal, deteve César, agarrando-o pelo braço.

— Onde é que foste buscar estes desgraçados? — perguntou ele, compondo uma expressão de dolorida perplexidade. — Deves ter passado o mundo a pente fino! Mas fica sabendo que o teu estratagema não vai resultar. Porque, afinal, quem é aquela gente? Um punhado de marginais, de vilões! Um mero punhado de desgraçados, desejosos de receberem uma pesada indemnização romana, em vez de continuarem na vadiagem, sobrevivendo à custa das esmolas gregas!

— Um mero punhado? — rugiu César, reduzindo ao silêncio a ruidosa multidão que se afastava e que, de repente, se virou para o ouvir. — É tudo o que tens a dizer? Pois ouve bem o que eu te digo, Caio António Híbrida: um já seria demais! Apenas um já seria demais! Apenas um homem, ou uma mulher, ou uma criança, desfigurado de maneira tão horrível, já seria demais!

Apenas um homem, ou uma mulher, ou uma criança, espoliado da sua juventude, da sua beleza, do seu orgulho em estar vivo, já seria demais! Vai-te embora! Vai para casa!

Caio António Híbrida foi para casa, descobrindo, surpreendido, que nenhum dos seus advogados desejava acompanhá-lo. Até o seu irmão arranjara uma desculpa para não o acompanhar. No entanto, não ia sozinho; ao seu lado, vinha um homem gordinho e atarracado que se tornara seu amigo desde que Híbrida entrara para o Senado, ano e meio antes. Esse homem era Caio Élio Estaieno, uma criatura que não pensava noutra coisa senão em arranjar aliados poderosos, em comer à mesa dos outros e em acumular mais e mais dinheiro. Recebera algum dinheiro de Pompeu no ano anterior, quando fora questor de Mamerco e provocara um motim — ah, claro que não fora um motim sangrento! Tudo correra às mil maravilhas e ninguém suspeitara dele.

— Vais perder — disse ele a Híbrida, quando entraram na bela mansão deste último, situada no Palatino.

Híbrida não estava com disposição para o contestar.

— Eu sei quevou perder.

— Mas não seria agradável se ganhasses? — perguntou Estaieno, com um ar sonhador.

— Dois mil talentos é o prêmio para quem ganhar.

—vou ter de arranjar dois mil talentos. E ficarei falido para o resto da vida.

— Não necessariamente — disse Estaieno, com malícia na voz. Sentou-se na cadeira dos clientes de Híbrida e olhou à sua volta. — Ainda tens daquele vinho de Quios? — perguntou.

Híbrida pegou numa garrafa e encheu duas taças. Depois de estender uma taça ao seu convidado, sentou-se. Bebeu um bom gole de vinho e olhou fixamente para Estaieno.

— Estás a tramar alguma — disse ele. — O quê?

— Dois mil talentos é muito dinheiro. Aliás, mil talentos já é muito dinheiro.

— É verdade. — A boca pequena e carnuda abriu-se, revelando os dentes pequenos e muito brancos de Híbrida. — Eu não sou nenhum idiota, Estaieno! Já percebi onde queres chegar. Se te der metade dos dois mil talentos, garantes-me que me livro desta. É isso, não é?

— Exactamente.

— Pois bem: concordo. Tu livras-me disto e recebes mil talentos.

— E nem sequer vamos ter muito trabalho — disse Estaieno, com um ar pensativo. —

Tens de agradecer a Sila. Mas como ele está morto, não se importa que me agradeças a mim.

— Não me atormentes mais. Conta-me o que vai na tua cabeça!

— Ah, claro! Esqueci-me que preferes atormentar os outros a ser atormentado. — Tal como muitos homens nulos a quem de repente é dada uma posição de poder, Estaieno era incapaz de esconder o prazer que isso lhe proporcionava, embora soubesse que, depois de encerrado o caso, a sua amizade com Híbrida terminaria. Por muito êxito que o seu estratagema tivesse. Mas que lhe interessava aquela amizade? Mil talentos era prêmio suficiente. E, fosse como fosse, que ganharia ele tendo por amigo uma criatura como Híbrida?

— Então, Estaieno? Conta-me ou vai-te embora!

— O ius auxilii ferendi — disse apenas Estaieno. — Sim. E então?

— A função original dos tribunos da plebe, é a única função que Sila não lhes retirou — salvar um membro da plebe das mãos de um magistrado.

— O ius auxilii ferendil — exclamou Híbrida, espantado. Por um momento o seu rosto iluminou-se. Mas depressa as sombras voltaram. — Não. Eles não vão fazer uma coisa dessas — disse.

— Pode ser que façam — replicou Estaieno.

— Não Sicínio! Ele nunca estaria de acordo! Basta que haja um veto no colégio para que os outros nove tribunos da plebe não possam fazer nada. E Sicínio não estará de acordo, Estaieno. Ele pode ser o maior chato do mundo, mas não é subornável.

— Sicínio — disse Estaieno, com o ar mais feliz deste mundo — não é popular junto dos seus colegas. Os seus nove colegas, a quem ele roubou toda a influência que tinham no Fórum, estão fartos, mais que fartos dele! De facto, ainda anteontem ouvi dois deles ameaçá-lo de que o atiravam da Rocha Tarpeia, se ele não se calasse de vez com as suas reivindicações.

— Queres dizer então que Sicínio podia ser intimidado?

— Sim. Sem a mínima dúvida. Claro que vais ter de encontrar uma boa soma até amanhã de manhã, porque nenhum deles aceitará participar nas nossas manobras se não receber uma recompensa adequada. Mas isso podes tu fazer — tanto mais que ganharás mil talentos se os conseguires convencer.

— E quanto achas quevou ter de gastar?

— Nove vezes cinqüenta mil sestércios. Dá quatrocentos e cinqüenta mil sestércios. Consegues arranjar esse dinheiro?

— Posso tentar.vou pedir ao meu irmão. Ele não quer escândalos na família. E há mais algumas fontes. Sim, Estaieno, creio que consigo arranjar essa soma.

E assim tudo ficou combinado. Caio Élio Estaieno teve uma noite muito atarefada, visitando sucessivamente os nove tribunos da plebe que lhe interessavam — e entre os quais se contavam Marco Atílio Bulbo, Mânio Aquílio, Quinto Curió e Públio Popílio. Quem ele não visitou foi Cneu Sicínio.

O julgamento deveria recomeçar duas horas após o nascer do dia; antes disso, porém, já o Fórum Romano andava na maior agitação: os freqüentadores do Fórum estavam positivamente em transe, na expectativa de um dia cheio de peripécias. Mal o dia nasceu, Cneu Sicínio viu-se cercado e dominado pelos seus nove colegas do tribunado da plebe. Estes levaram-no então para o alto do Capitólio, onde o moeram de pancada. Depois, conduziram-no até à ponta da Rocha Tarpeia e deixaram-no ver bem os afloramentos pontiagudos que havia ao fundo do precipício. E gritaram-lhe que tinha de acabar com aquela agitação perpétua em torno da restauração dos poderes dos tribunos da plebe. E obrigaram-no a jurar que, de futuro, faria exactamente o que os seus nove colegas lhe mandassem. Por fim, Sicínio foi recambiado para casa numa liteira.

Momentos depois de Cetego ter aberto o segundo dia de audiências, nove tribunos da plebe irromperam pelo tribunal de Varrão Lúculo, gritando que um membro da Plebe estava a ser detido, contra sua vontade, por um magistrado.

— Rogo-vos que recorram ao IMS auxilii ferendi! — exclamou Híbrida, de braços estendidos, com um ar compungido.

— Marco Terêncio Varrão Lúculo, um membro da Plebe pediu-nos que exercêssemos o recurso ao ius auxilii ferendü — disse Mânio Aquílio. — Assim sendo, devo informar-te de que vamos exercer esse recurso!

— Isto é um ultraje! — gritou Varrão Lúculo, erguendo-se num ápice. — Eu não vos autorizo a exercerem esse direito! Onde está o décimo tribuno?

— Ficou em casa, porque está muito doente — retorquiu Mânio Aquílio, com um sorriso trocista. — Mas podes mandá-lo buscar. Ele não vetará a nossa decisão.

— Estão a transgredir a lei! — berrou Cetego. — Isto é um ultraje! Uma vergonha! Um

escândalo! Quanto é que Híbrida lhes pagou?

— Libertem Caio António Híbrida! Caso contrário, pegaremos em todos os homens que se opõem à sua libertação e atirá-los-emos da Rocha Tarpeia! — gritou Mânio Aquílio.

— Estás a impedir que se faça justiça! — retorquiu Varrão Lúculo.

— Como tu muito bem sabes, Varrão Lúculo, num tribunal de um magistrado nunca há justiça! — atirou-lhe Quinto Curió. — Um homem não é um júri! Se queres processar Caio António, então fá-lo num tribunal criminal, onde o ius auxilii ferendi não pode ser exercido!

César não se mexeu, nem tentou protestar. Os seus clientes juntaram-se atrás dele, muito agitados. Impassível, César virou-se para eles e disse-lhes com a maior das calmas:

— Eu sou um patrício e não um magistrado. Devemos deixar o praetor peregrinus resolver o caso. Não digam nada!

— Muito bem, levem o vosso membro da Plebe! — disse Varrão Lúculo, enquanto segurava Cetego.

— Nesse caso — disse Caio António Híbrida, rodeado pelos nove tribunos da plebe —, deverá ser-me pago o sponsio depositado pelos clientes do nosso advogado César, que tanto gosta dos Gregos.

A farpa da referência aos Gregos cravou-se no espírito de César, levando-o a reviver imediatamente todo o sofrimento causado pelos boatos acerca do seu relacionamento com Nicomedes. Sem a mínima hesitação, avançou pelo meio dos tribunos da plebe e agarrou com toda a força o pescoço de Híbrida. Este sempre se considerara um verdadeiro Hércules, mas a verdade é que não conseguia libertar-se daquelas mãos poderosas nem responder, fosse de que forma fosse, à violência do agressor. Foram precisos sete homens (Varrão Lúculo e seis lictores) para arrancar César. Entre a multidão, alguns homens começaram logo a falar do estranho comportamento dos nove tribunos da plebe. De facto, nenhum deles mexeu um dedo para ajudar Híbrida.

— O julgamento está encerrado! — berrou Varrão Lúculo com toda a sua força. — Dadas as circunstâncias, não há nenhuma acção em julgamento! Eu, Marco Terêncio Varrão Lúculo, assim o declaro! Os queixosos podem levar o seu sponsio. E vão todos para casa!

— O sponsio! O sponsio pertence a Caio António! — gritou uma outra voz, a voz de Caio Élio Estaieno.

— Não pertence a Híbrida! — berrou Cetego. — O caso foi encerrado pelo praetor peregrinus e o sponsio encontra-se sob a sua jurisdição! O sponsio será devolvido a quem o depositou! Quanto a isso, não há a menor dúvida judicial!

— Levem o vosso membro da Plebe e deixem o meu tribunal!

— gritou Varrão Lúculo, perfeitamente fora de si, aos tribunos da plebe. — Vá, rua! Todos para a rua! É assim que defendem a causa do tribunado da plebe? Desfigurando, de uma maneira escandalosa, aquela que foi a sua função original? Pois fiquem sabendo uma coisa: farei tudo o que estiver ao meu alcance para manter os tribunos da plebe amordaçados para sempre!

Os nove homens foram-se embora com Híbrida, com Estaieno atrás deles lamentando a perda do sponsio. Híbrida não parava de afagar o pescoço magoado.

Enquanto a multidão excitada dispersava, Varrão Lúculo e César olharam um para o outro.

— Teria gostado muito que estrangulasses aquele animal, mas espero que compreendas que não podia permitir uma coisa dessas — disse-lhe Varrão Lúculo.

— Compreendo, sim — retorquiu César, ainda tremendo. — E eu que pensava que conseguia controlar-me! Não sou um homem facilmente excitável. Mas não posso permitir que um sabujo como Híbrida faça insinuações acerca da minha virilidade.

— É evidente — retorquiu secamente Varrão Lúculo, lembrando-se do que o seu irmão afirmara sobre tal assunto.

César lembrou-se também nesse instante de que estava perante o irmão de Lúculo, mas decidiu que Varrão Lúculo era perfeitamente

capaz de ter as suas próprias opiniões, sem se deixar influenciar por boatos.

— Mas vejam só o descaramento daquele verme! Por todos os deuses! Então não é que ele queria o sponsio! — disse Cícero, aproximando-se agora que a violência tinha acabado.

— De facto, é preciso muito descaramento! — concordou César, apontando para o homem mutilado e para a sua esposa.

— É nojento! — exclamou Cícero, sentando-se nos degraus do tribunal, enquanto limpava o suor com um lenço.

— bom, pelo menos conseguimos salvar os vossos dois mil talentos — disse César a Ifícrates, que rondava, hesitante, o seu advogado. — E, se vocês queriam criar alguma agitação

em Roma, não há dúvida que o conseguiram. Creio que o Senado passará a ter muito mais cuidado com os governadores que manda para a Macedónia. Agora volta para a tua estalagem e leva estes pobres infelizes contigo. Só lamento que os seus concidadãos se vejam obrigados a gastar fortunas para os ajudar. Mas eu tinha-te avisado.

— Não é isso que eu lamento — retorquiu Ifícrates, afastando-se. — O que eu lamento é que não tenhamos conseguido castigar Caio António Híbrida.

— Não conseguimos arruiná-lo financeiramente — retorquiu César. — Mas ele terá de abandonar Roma. Tão cedo não se atreverá a aparecer em público nesta cidade.

— Acham — perguntou Cícero — que Híbrida subornou mesmo os nove tribunos da plebe?

— Não tenho a mínima dúvida! — atirou-lhe Cetego, cuja fúria custava a amansar. — Por muito pouco que eu goste de Sicínio, tenho de reconhecer que ele é uma excepção. Os outros tribunos da plebe deste ano são absolutamente miseráveis!

— E por que não haviam de ser miseráveis? — perguntou César, cuja fúria amansara já por completo. — O cargo deles nada tem de glorioso actualmente. Os tribunos da plebe encontram-se num beco sem saída.

— O que eu gostava de saber é quanto Híbrida teve de pagar por nove tribunos da plebe — disse Cícero, que não queria abandonar a linha dos seus pensamentos.

Cetego franziu os lábios.

— Deve ter pago cerca de quarenta mil por cada tribuno. Os olhos de Varrão Lúculo dançaram-lhe nas órbitas.

— Como é que podes estar tão certo disso, Cetego? Como é que sabes?

O rei dos senadores das últimas bancadas esqueceu por fim a sua ira; a ira, ainda que desculpável, era algo que não convinha ao seu estilo. E tratou de responder ao praetor peregrinus com as sobrancelhas muito erguidas e a sua característica fala arrastada.

— Meu caro praetor peregrinus, no que toca à ganância dos senadores, não há nada que eu ignore! Podia fazer-te uma lista com o preço de todos os senadores subornáveis. E, quanto àqueles miseráveis, não tenhas dúvidas: quarenta mil é o seu preço.

E, como Híbrida depressa descobriu, foi mesmo esse o preço que Caio Élio Estaieno pagou por cada tribuno; ou seja, tinha ficado com noventa mil sestércios para si.

— Devolve-me o dinheiro! — gritou o homem que gostava de torturar e mutilar os seus semelhantes. — Devolve-me o dinheiro, Estaieno, ou arranco-te os olhos com os meus próprios dedos! Porque só gastaste trezentos e sessenta mil sestércios! E eu não ganhei os dois mil talentos!

— Não te esqueças — retorquiu Estaieno, com um sorriso perverso e muito pouco impressionado com aquelas ameaças — de que fui eu quem tive a ideia do recurso ao ius auxili ferendi. Por isso, acho que devo ficar com os noventa mil sestércios. Quanto a ti... bom, quanto a ti, o melhor é agradeceres aos deuses por não teres perdido toda a tua fortuna!

O julgamento que não chegou a sê-lo teve um impacte que ainda se fez sentir por algum tempo. Várias foram as suas conseqüências, e duradouras. Uma delas foi que o Colégio dos Tribunos da Plebe desse ano ficou nos anais dos cronistas políticos como o mais infame de sempre; outra foi que a Macedónia passou a ser governada por homens responsáveis (ainda que belicosos); Cneu Sicínio nunca mais reivindicou a restauração dos poderes dos tribunos da plebe; a fama de César como advogado não parou de crescer; e Caio António Híbrida ausentou-se de Roma e das localidades freqüentadas pelos Romanos durante vários anos. De facto, fez uma pequena viagem até à ilha de Cefalénia, no mar Jónio, onde verificou que era o único homem civilizado (se é que tal qualificativo lhe podia ser aplicado) em toda a região e descobriu vários túmulos incrivelmente antigos repletos de tesouros — punhais requintadamente cinzelados e embutidos, máscaras feitas de ouro puro, frascos de electro, taças de cristal de rocha e uma grande quantidade de jóias. Tesouros que valiam muito mais que dois mil talentos. Tesouros que bastavam para lhe garantir o consulado mal regressasse a Roma, mesmo que, para isso, tivesse de comprar todos os votos.

No ano seguinte, nenhum acontecimento importante ocorreu na vida de César, que permaneceu em Roma e continuou a sua carreira de advogado com um êxito notável. No entanto, Cícero não se encontrava em Roma nesse ano. Eleito questor, calhou-lhe por sorteio a cidade de Lilibeu, na Sicília Ocidental, onde trabalharia sob as ordens do governador, Sexto Peduceu. Como a questura implicava que passava a ser membro do Senado, Cícero preferia deixar Roma (embora quisesse ficar em Itália e tivesse ficado furioso com o seu azar) e entregar-se com entusiasmo ao seu trabalho, relacionado basicamente com o abastecimento de cereais. Aquele era um ano pobre, mas os cônsules tinham enfrentado eficazmente a escassez anunciada;

haviam comprado enormes quantidades de cereais armazenados na Sicília, que depois venderam a preços baixos em Roma, recorrendo à promulgação de uma lex frumentaria.

Como quase todos os literatos, Cícero adorava escrever e receber cartas, e fora um ávido correspondente durante muitos anos. Mas durante a sua estada na Sicília Ocidental, tinha então trinta e um anos, que a sua arte epistolar atingiu o auge — ainda que, praticamente, tivesse apenas um correspondente: o erudito plutocrata Tito Pompónio Ático. Graças a Ático, a solidão de muitos meses em Lilibeu foi aliviada por um fluxo constante de informações e mexericos acerca de tudo e de toda a gente em Roma.

Afirmava Ático numa missiva enviada já perto do final da missão siciliana de Cícero:

Ao contrário do que muitos previam, não houve nenhum motim provocado por falta de alimentos. E isto, unicamente porque Roma teve muita sorte com os cônsules deste ano. Tive oportunidade de conversar com o irmão de Caio Cota, Marco, que será cônsul no próximo ano. Nesta nação de homens inteligentes, perguntei, porque é que o povo miúdo ainda é obrigado, de quando em quando, a uma dieta de painço e nabos? Creio que já é tempo, acrescentei, de Roma enfrentar os agricultores privados da Sicília e das nossas outras províncias cerealíferas e de os obrigar a vender ao Estado em vez de ficarem à espera que os mercadores privados lhes paguem mais, pois que, normalmente, isso implica que os cereais fiquem armazenados na Sicília, em vez de virem para Roma, onde o povo miúdo passa fome. Reprovo absolutamente o açambarcamento, quando isso afecta o bem-estar de uma nação cheia de homens inteligentes. Marco Cota escutou-me com imensa atenção e prometeu fazer alguma coisa a esse respeito no próximo ano. Como eu não tenho qualquer interesse nos negócios cerealíferos, posso perfeitamente mostrar-me patriótico e altruísta neste particular. E pára de rir, se fazes favor, Marco Túlio.

Quinto Hortênsio, o mais presunçoso dos nossos edis plebeus numa geração, proporcionou-nos uns jogos magníficos. Para além da distribuição gratuita de cereais à arraia-miúda. É que ele quer ser cônsul quando chegar o seu ano! Claro que a tua ausência faz com que ele se esteja a sair muito bem nos tribunais, mas o jovem César tem-lhe pregado muitos sustos e, freqüentemente, rouba-lhe os louros. Hortênsio não gosta nada disso e, ainda outro dia, ouviram-no dizer que adoraria que César também se fosse embora de Roma por uns tempos. Mas estes disparates típicos de Hortênsio não são nada, se comparados com o banquete que ele ofereceu

por ocasião da sua tomada de posse (sim, finalmente aconteceu!) como augure. E que serviu ele? Pavão assado! Sim, leste bem: pavão assado! Os pássaros (seis, no total) foram assados e trinchados e, depois, os cozinheiros, não faço ideia como, devolveram todas as penas aos bichos. De tal modo que os pavões chegaram à mesa em bandejas de ouro, exibindo toda a sua bela plumagem, com as caudas abertas como leques e as cristas levantadas. Foi um verdadeiro espectáculo e outros gastrónomos como Cetego, Filipe e o cônsul sénior do próximo ano, Lúculo, ficaram tão impressionados que devem ter pensado em suicidar-se. No entanto, meu caro Marco, a degustação das aves foi um verdadeiro anticlímax. Uma velha bota do exército tem, com toda a certeza, melhor sabor, além do que é muito mais fácil de mastigar.

A morte de Ápio Cláudio Fulcro, na Macedónia, o ano passado, conduziu a uma situação particularmente divertida. Aquela família não parece ter muita sorte, pois não? Primeiro foi o sobrinho Filipe que, quando era censor, tirou tudo o que pôde a Ápio Cláudio; depois, Ápio Cláudio não se mostrou suficientemente empreendedor para fazer boas compras nos leilões das proscrições; a seguir, ficou doente e não pôde ir para a sua província; e, para cúmulo, quando finalmente foi para a Macedónia, portando-se excelentemente em termos militares, morreu antes de conseguir consolidar a sua fortuna.

Evidentemente, todos conhecemos de sobejo os seis filhos que deixou. São um horror!

Em especial os mais novinhos. Mas Ápio Cláudio, o filho mais velho, está a revelar-se muito inteligente e empreendedor. Primeiro, mal o pai virou costas, deu a irmã mais velha, Cláudia, em casamento a Quinto Márcio Rei, apesar de ela não ter dote nenhum. Ou me engano muito, ou Rei pagou os olhos da cara por ela! Tal como todas as Cláudias Pulcras, ela é um verdadeiro encanto, e isso deve ter ajudado. É de crer que Rei se dê por feliz com este matrimônio, já que, das três filhas de Ápio Cláudio, esta é a única que tem fama de ser simpática.

Três rapazes é sempre um problema, quanto a isso ninguém tem dúvidas. E a adopção é uma hipótese que não se põe. O rapaz mais novo (que se atribuiu o nome de Públio Clódio — tal e qual) é uma criatura tão repelente e selvática que ninguém quer adoptá-lo. Caio Cláudio, o rapaz do meio, é idiota. Também ninguém o quer. De maneira que o jovem Ápio Cláudio, apenas com 20 anos, vê-se obrigado a financiar não só a sua carreira no Senado, mas também as carreiras dos outros dois irmãos. O dinheiro com que Quinto Márcio Rei contribuiu para a família é capaz de ser apenas uma gota no deserto dos Cláudios Fulcros.

Mas a verdade, meu caro Marco Túlio, é que o jovem Ápio Cláudio se tem saído muitíssimo bem. Sabendo que qualquer pai de família com um mínimo de juízo o recusaria, decidiu procurar uma noiva rica e tratou de cortejar — imagina quem! Nem mais nem menos do que aquela solteirona enfezada que dá pelo nome de Servília Cneia! Estás a ver quem é? Aquela rapariga que foi contratada por Escauro e Mamerco para viver com os seis órfãos de Druso. Não só não tinha dote, como ainda por cima era filha da mais horrenda criatura de Roma, uma Pórcia Liciniana. Mas parece que, entretanto, Escauro e Mamerco lhe providenciaram um dote de duzentos talentos, a que teria direito logo que os órfãos de Druso crescessem. E estes já estão bem crescidos!

Marco Pórcio Catão, o mais novo, já está com 18 anos, vive em casa do pai e declarou a sua independência.

Quando percebeu que aquele rapazinho de 20 anos estava interessado em casar-se com ela, Servilia Cneia não perdeu tempo. Ao que parece, vai já nos 32 e ainda é donzela. Não acredito no boato segundo o qual Cneia se barbeia! A mãe barbeia-se, é verdade, mas isso toda a gente sabe. Para Ápio Cláudio, o melhor do negócio foi que a sua sogra, a referida Pórcia Liciniana, se retirou para uma simpática villa junto ao mar, a qual, segundo se diz, lhe foi oferecida por Escauro e Mamerco no momento em que contrataram a filha. De maneira que Ápio Cláudio não tem de viver com a sogra. Os duzentos talentos vieram mesmo a calhar!

Mas ainda não te contei o melhor. E o melhor é que Ápio Cláudio casou a sua irmã mais nova, Clodila, imagina só com quem! com Lúculo! Diz ele, e diz Lúculo, que a rapariga tem 15 anos. Eu dava-lhe 14, mas pode ser que esteja enganado. Mas que negócio, ha?! Graças a Sila, Lúculo é fabulosamente rico e, além disso, é ele quem controla as fortunas dos Divinos Gémeos. Ah, não, não quero dizer com isto que o nosso honrado e vertical Lúculo é capaz de deitar a mão às fortunas de Fausto e Fausta — mas há algo que o impeça de guardar os juros na sua bolsa?

E assim, graças à espantosa energia e ao notável espírito de iniciativa deste jovem de 20 anos, a fortuna da família Ápio Cláudio Fulcro tomou um novo e surpreendente rumo. Toda a cidade de Roma se ri, mas não deixa de sentir sincera admiração pelo rapaz. O nosso Ápio Cláudio merece, sem dúvida, a nossa atenção! Públio Clódio, que tem 14 anos — bom, então Clodila tem mesmo 15 —, constitui já uma verdadeira ameaça, e o seu irmão mais velho não conseguirá discipliná-lo. É muito bonito e precoce, é um perigo com as raparigas e está sempre

pronto para todo o tipo de patifarias. Creio, porém, que é intelectualmente brilhante, de modo que é muito capaz de assentar e de vir a ser um modelo para os nobres patrícios romanos.

E que mais te hei-de contar? Ah, sim. Aquela famosa frase de Cneu Sicínio acerca de Marco Crasso — aquela da palha nos dois cornos de Crasso! — tem muito mais razão de ser do que nós pensámos na altura. Soube-se há pouco tempo que Sicínio tinha uma dívida brutal para com Crasso há uma série de anos. De modo que a tal frase continha ainda outra nuance. Faenum é ”palha” e faenerator é ”todo aquele que empresta dinheiro”. A palha que envolvia os cornos de Crasso era o dinheiro que este emprestara a Sicínio! Roma ficou a saber desta nova nuance porque Sicínio está falido e não tem dinheiro para pagar a dívida. Eu não sabia que Crasso emprestava dinheiro. Infelizmente, ninguém lhe pode pegar. Empresta apenas a senadores e não cobra juros. Foi a maneira que ele encontrou de arranjar uma clientela senatorial. Creio que valerá a pena seguir com atenção os movimentos do nosso amigo Crasso. Mas não lhe peças dinheiro emprestado, Marco! A ausência de juros é uma grande tentação, mas Crasso exige o pagamento da dívida quando muito bem lhe apetece e manda que lhe paguem imediatamente. Se não lhe pagas, estás arrumado. E não há nada que os censores (se nós tivéssemos censores) possam fazer, porque ele não cobra juros. Quod erat demonstrandum: ele não pode ser considerado um usurário. É apenas um indivíduo muito, muito simpático, que gosta de ajudar os seus amigos senadores que se vêem em apuros.

E creio que é tudo. Terência está bem, tal como a pequena Túlia. Que bela menina que tu tens! O teu irmão está na mesma. Quem me dera que ele se desse melhor com a minha irmã! Mas creio que tanto eu como tu já desistimos de tentar melhorar aquele casamento. Pompónia é um virago e Quinto um verdadeiro camponês com isso quero dizer que ele é teimoso, frugal e orgulhoso. E quer ser o senhor da casa.

Espero que tudo te corra bem. Escrever-te-ei uma vez mais antes de partir para o Epiro, onde o meu rancho continua florescente. É claro que a região é demasiado húmida para os rebanhos de ovelhas — as patas das ovelhas apodrecem. Mas as pessoas interessam-se tanto pelo fabrico de lã que acabam por esquecer-se de que o mundo consome uma quantidade enorme de couro de vaca. Não há dúvida: o investimento no gado é muito subestimado.

Em fins de Sextilis, César recebeu uma mensagem urgente da Bitínia. O rei Nicomedes estava a morrer e pedia-lhe que fosse vê-lo. Era precisamente disso que César precisava; Roma

estava a tornar-se um sítio cada vez mais sufocante e os tribunais não saíam do habitual ramerrão. E embora as notícias da Bitínia não fossem agradáveis, a morte de Nicomedes não era nada de inesperado.

Um dia depois de ter recebido a mensagem de Oradaltis, César estava pronto para partir.

Burgundo, como sempre, acompanhá-lo-ia. Demétrio, o depilador, e Brasidas, o espartano que fazia as suas Coroas Cívicas com folhas de carvalho, também tinham de ir com ele. Agora, com efeito, era natural que César se rodeasse de um maior fausto para viajar — a sua importância na sociedade romana tinha aumentado, o que implicava que precisasse de um secretário, de vários escribas, de vários criados pessoais e de uma pequena escolta dos seus próprios libertos. Daí que a sua comitiva fosse constituída por vinte pessoas: a viagem ia sair-lhe cara. No entanto, César, com 25 anos apenas, era senador há já cinco anos.

— Mas não pensem — disse Burgundo para os novos membros da comitiva — que vão viajar calma e confortavelmente. Quando Caio Júlio arranca, ninguém o apanha!

Nicomedes vivia ainda quando César chegou à Bitínia; no entanto, era já demasiado tarde para que o velho rei conseguisse recuperar da sua doença.

— É apenas velhice, nada mais — disse a rainha Oradaltis, chorando. — Ah, a falta que ele me vai fazer! Sou mulher dele desde os quinze anos. Como é quevou conseguir passar sem ele?

— Conseguirás passar sem ele, porque tens de passar sem ele — retorquiu César, secando as lágrimas. — O teu velho Sila ainda tem muita vida, vai fazer-te companhia. Pelo que me disseste, Nicomedes aceita de bom grado a morte. Eu compreendo-o. Também eu receio chegar a uma idade em que já não servimos para nada.

— Ele meteu-se na cama, à espera de morrer, já lá vão dez dias — disse Oradaltis. — Os físicos dizem que ele pode morrer a qualquer momento. Hoje, amanhã, daqui a um mês. Ninguém sabe.

Quando viu a figura definhada do rei na enorme cama de madeira entalhada, César não acreditou que Nicomedes passasse daquele dia. O corpo do rei mais não era agora que pele e osso. Perdera todas as suas características físicas: estava tão seco e mirrado como uma maçã de Inverno. Mas quando César disse o seu nome, abriu imediatamente os olhos, estendeu os braços

e, enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces, um sorriso grato desenhou-se nos seus lábios.

— Vieste! — exclamou, com uma voz surpreendentemente forte.

— Tinha de vir! — retorquiu César, sentando-se na beira da cama para pegar nas mãos esqueléticas do rei. — Quando me pedes para vir, eu venho.

Agora que tinha a companhia de César, o qual o levava da cama para o divã e do divã para uma cadeira num sítio ensolarado e sem correntes de ar, Nicomedes animou-se. No entanto, as suas pernas já não tinham vida e estava tão fraco que ficava a cochilar a meio de uma frase e, quando acordava, momentos depois, já não se lembrava do tema da última conversa. Não conseguia já ingerir alimentos sólidos; limitava-se a beber leite de cabra, misturado com vinho fortificado e mel — mas babava-se tanto que acabava por beber muito pouco. É curioso, pensou o susceptível e imaculado César, que quando uma coisa destas acontece a pessoas que nos são queridas, nós não tenhamos as reacções habituais. De facto, não sinto qualquer espécie de repulsa. Não sinto a mínima tentação de chamar um criado para o limpar. Pelo contrário: é para mim um prazer cuidar dele. Não me importava sequer de despejar o seu bacio.

— Tiveste notícias da tua filha? — perguntou-lhe César, num dos seus melhores dias.

— Não directamente. Mas parece que ainda é viva e que está bem, na cidade de Cabeira.

— Não podes negociar com Mitridates para que ela volte à Bitínia?

— O preço é o reino, César. Sabes bem disso.

— Mas se ela não voltar, não haverá herdeiro.

— A Bitínia tem um herdeiro aqui mesmo — disse Nicomedes.

— Em Nicomédia? Quem é?

— Eu pensei deixar-te a Bitínia em testamento.

— A mim?

— Sim, a ti. Serias o rei da Bitínia.

— Não, meu querido amigo, isso não é possível.

— Darias um grande rei, César. Não gostavas de governar a tua própria terra?

— A minha terra é Roma, Nicomedes, e, como todos os Romanos, eu fui educado na crença de que a República é o melhor dos sistemas.

O lábio inferior do rei tremeu.

— Não consigo sequer tentar-te?

— Não.

— A Bitínia precisa de um homem jovem e muito forte, César. Não encontro ninguém melhor do que tu.

— Há alguém melhor: Roma.

— E romanos como Caio Verres.

— Tens razão. Mas também há romanos como eu. Roma é a única resposta possível, Nicomedes. A menos que prefiras o Ponto.

— Tudo é preferível ao Ponto!

— Então deixa a Bitínia a Roma.

— Podes fazer-me o testamento segundo os preceitos romanos?

— Claro.

— Então, fá-lo, César. Deixarei o meu reino a Roma.

Em meados de Dezembro, o rei Nicomedes in da Bitínia morreu. Uma das suas mãos repousava na mão de César; a outra, na mão da esposa. No entanto, não chegou a acordar do seu longo sonho para se despedir daqueles que mais amava.

O testamento foi enviado para Roma, logo que César recebeu uma resposta do Senado, confirmando que o governador da Província da Ásia, Marco Júnio Junco, se deslocaria à Bitínia para tratar da incorporação deste reino na Província da Ásia, após a morte do rei; como César tencionava permanecer em Nicomédia até que o rei morresse, seria ele quem deveria informar Junco do triste desenlace.

A notícia de que Junco seria o primeiro governador da Bitínia constituiu para César uma profunda decepção: o primeiro governador da Bitínia não era um homem compreensivo ou sequer simpático.

— Quero que sejam inventariados todos os tesouros e obras de arte existentes no reino — disse César à viúva. — E também o conteúdo do tesouro, o tamanho e as características da frota e do exército, e todas as armaduras, espadas, lanças, peças de artilharia e engenhos de cerco que a Bitínia possui.

— Assim farei. Mas porquê, César? — perguntou Oradaltis, intrigada.

— Porque se o governador da Província da Ásia quiser enriquecer à custa da Bitínia, só assim poderei saber. Nem que ele desvie uma só lança ou um só dracma, é preciso que eu saiba

— retorquiu César, com um ar soturno. — Se ele o fizer, processá-lo-ei e garantirei a sua condenação! Enquanto estiveres a fazer o teu inventário, precisarás de ter pelo menos seis dos mais importantes cidadãos romanos nas tuas terras: eles testemunharão que o teu inventário está correcto. Dessa forma, o inventário será uma prova tão forte que nem mesmo um júri senatorial poderá ignorá-la.

— Que os deuses me valham! — disse a rainha. — Achas que corro perigo?

— Não. Mas se puderes mudar-te para outro local e para uma casa privada, levando contigo tudo o que quiseres, creio que poderás viver em paz e conforto para o resto da tua vida. De qualquer modo, é melhor que deixes Nicomédia e que não vás nem para Calcedónia, nem para Prusa.

— Não gostas nada desse Marco Júnio Junco.

— Não gosto mesmo nada.

— É outro Caio Verres?

— Duvido, Oradaltis. É apenas um indivíduo venal, igual a tantos outros. Sendo ele o primeiro representante de Roma na Bitínia, imagino que tentará roubar tudo aquilo que pense que Roma o deixa levar — disse César, calmamente. — Roma pedir-lhe-á um inventário de todas as riquezas, mas aposto que a tua lista e a lista dele não vão coincidir. E essa será a melhor altura para o apanharmos!

— E ele não suspeitará da existência de um inventário? César riu-se. — Não, ele não! Os reinos orientais, habitualmente, não são tão meticulosos com essas coisas — só Roma o é. Claro que, sabendo que eu estou aqui, ele pensará que eu já desviei alguma coisa. Por isso, nunca lhe passará pela cabeça que eu possa ter conspirado contigo para o apanhar.

Em finais de Dezembro, o plano de César tinha já sido posto em prática. A rainha fora viver para a pequena aldeia piscatória de Reba, à entrada do Bósforo, nas margens do Euxino. Nicomedes possuía nessa aldeia uma villa privada e Oradaltis considerou que essa era a residência ideal para uma rainha retirada.

— Quando Junco pretender anexar a villa, mostra-lhe uma cópia do título de propriedade e informa-o de que o original está em poder dos teus banqueiros. A propósito: já escolheste os teus banqueiros?

— Eu tinha pensado nos banqueiros de Bizâncio. É a cidade mais próxima de Reda.

— Excelente! Bizâncio não pertence à Bitínia e, portanto, Junco não poderá investigar as tuas contas, nem poderá deitar a mão aos teus fundos. Informa também Junco de que o conteúdo da villa é inteiramente teu, pois constitui uma parte do teu dote. Dessa forma, ele não poderá levar nada do que tens dentro da villa. Por isso, não incluas no inventário nenhuma das coisas que levares! Se há alguma pessoa com direito a fazer dessas coisas o que muito bem entender, essa pessoa és tu.

— Tenho de pensar em Nisa também — disse a velha rainha, com um ar tristonho. — Sabe-se lá! Pode ser que um dia ela volte para mim.

Chegou entretanto a notícia de que Junco vogava já no Helesponto e estaria em Nicomédia passados alguns dias; segundo o seu mensageiro, tencionava parar em Prusa para inspeccionar a cidade. César conduziu a rainha para a sua villa, certificou-se de que o tesouro lhe concedia dinheiro bastante para que ela mantivesse um rendimento adequado, depositou os fundos de Oradaltis e o inventário nos bancos de Bizâncio que ela escolhera e, por fim, embarcou, nessa cidade, com a sua comitiva. Seguiria junto à costa trácia da Propôntide rumo ao Helesponto, evitando assim encontrar-se com Marco Júnio Junco, o governador da Província da Ásia — e agora também governador da Bitínia.

César não ia directamente para Roma. Em vez disso, seguiu para Rodes, onde tencionava estudar com Apolónio Molão durante um ou dois anos. Cícero convencera-o de que as aulas com Molão contribuiriam decisivamente para o refinamento da sua oratória, embora estivesse consciente de que a oratória de César alcançara já um nível óptimo. Ao contrário de Cícero, não sentia saudades de Roma, nem sentia a falta da família. Apesar de a companhia da família ser algo de muito agradável e tranqüilizante, a mulher, a filha e a mãe estariam em Roma quando ele voltasse. Nunca lhe passou pela cabeça que uma ou mais dessas pessoas lhe pudessem ser arrancadas pela morte enquanto ele estivesse fora.

Aquela era uma viagem dispendiosa e César recusara-se a receber o dinheiro que Nicomedes e Oradaltis lhe queriam dar. Pedira apenas uma recordação e os reis tinham-lhe dado uma esmeralda genuína da Cítia, muito melhor que as pedras do Sino Arábico, que eram mais pálidas e sombrias; tratava-se de um cabochão do tamanho de um ovo de galinha e tinha os perfis do rei

e da rainha da Bitínia gravados. Aquela era uma recordação invendável. No entanto,

César nunca se preocupava com dinheiro. Para já, tinha o suficiente, e, quanto ao futuro, estava convencido de que as coisas acabariam por arranjar-se; este tipo de atitudes provocava na mãe de César a maior perturbação. E, de facto, uma coisa era certa: uma comitiva de vinte pessoas e navios contratados significavam dez vezes mais despesas do que as viagens anteriores!

Em Esmirna, César passou algum tempo com Públio Rutílio Rufo e foi com grande prazer que ouviu as histórias do velho tio acerca de Cícero, que o visitara no regresso de Rodes a Roma.

— Um tipo espantoso de novo-rico! — foi o veredicto de Rutílio Rufo. — Nunca se sentirá feliz em Roma, embora adore a cidade. Eu diria que ele é como o sal da terra — um indivíduo decente, afectuoso e ultrapassado.

— Percebo o que queres dizer — anuiu César. — O problema, tio Públio, é que ele tem uma cabeça soberba e uma ambição extraordinária.

— Tal e qual como Caio Mário.

— De modo nenhum — retorquiu firmemente César. — Ele não é outro Caio Mário.

Em Mileto, César ficou a saber que Verres tinha roubado as meltores lãs, tapeçarias e tapetes que a cidade possuía, e aconselhou o etnarca a apresentar queixa ao Senado de Roma.

— Mas tiveste sorte — disse-lhe César, preparando-se para embarcar rumo a Halicarnasso. — Tiveste sorte por ele não te ter roubado as obras de arte e não ter pilhado os teus templos. Foi isso o que ele fez por todo o lado.

O navio que alugara em Bizâncio era um belo cargueiro de quarenta remos, com a popa alta e saliente pois era aí que ficavam os dois grandes remos de comando, e possuindo, a meia-nau, uma cabina para seu uso pessoal. Trinta cavalos e mulas — incluindo o cavalo de Neso e o seu querido Dedos — foram acomodados nos estábulos, situados entre a cabina de César e a popa. Como não viajavam mais de cinqüenta milhas sem descansarem num porto, os preparativos para reatar a viagem provocavam sempre a maior confusão, pois os cavalos e as mulas eram levados de novo para bordo e instalados no estábulo.

Mileto não se comportou de maneira diferente de Esmirna, de Pitane e da outra meia-dúzia de cidades costeiras por onde tinham passado. Toda a gente que estava no porto sabia que aquele navio fora alugado por um senador romano — e não havia ninguém que se mostrasse indiferente. Ali vinha ele! Aquele jovem encantador, vestido com a sua imaculada toga, que

caminhava como se fosse o dono do mundo! E não seria mesmo o dono do mundo? Afinal, ele era um senador romano! Claro que alguns dos membros menos importantes da sua comitiva não deixaram de alimentar as conversas: daí que todos os freqüentadores do porto de Mileto soubessem que César era um aristocrata de elevada linhagem e um homem brilhante, além do que fora ele quem convencera o rei Nicomedes da Bitínia a deixar o seu reino a Roma. Não admira que César se sentisse especialmente contente quando as pranchas de embarque eram retiradas e as âncoras subidas, e o navio se fazia de novo ao mar.

Mas como estava um belo dia e o mar estava calmo e a brisa enfunava a grande vela de linho, dispensando mesmo o trabalho dos remadores, o capitão garantiu a César que chegariam a Halicarnasso no dia seguinte.

Sete ou oito milhas a sul de Mileto, a ponta de um promontório avançava mar dentro; o navio de César vogava placidamente entre o promontório e uma ilha esbatida pela distância.

— É Farmacussa — disse o capitão, apontando para a ilha. O navio passou perto da ilha, e bastante longe de laso, a cidade fronteira no continente, tomando um rumo que contornaria a próxima península dessa costa retalhada. Farmacussa era uma ilha muito pequena e tinha a forma de um par de seios de mulher, ainda que assimétricos, pois o monte situado a sul era maior que o outro.

— Vive alguém na ilha? — perguntou César.

— Nem sequer um pastor mais o seu rebanho.

Estavam quase a passar a ilha quando uma bela galera de guerra emergiu atrás do maior dos montes, avançando rapidamente na direcção do navio de César.

— Piratas! — gritou o capitão, lívido.

César, que se virara para ver o navio, aquiesceu.

— Sim. E estou a ver outra galera. Quantos homens vêm na da frente? — perguntou.

— Combatentes? Pelo menos cem, armados até aos dentes.

— E na de trás?

O capitão esticou o pescoço.

— É um navio maior. Talvez cento e cinqüenta.

— Nesse caso, não recomendas que resistamos, pois não?

— Não, senador, por todos os deuses! — retorquiu o homem, assustado. — Matar-nos-

iam num abrir e fechar de olhos! É de crer que pretendam um resgate, pois sabem com toda a certeza que não levamos uma carga valiosa.

— Quer dizer então que eles sabem que vem alguém a bordo capaz de lhes proporcionar um bom resgate?

— Eles sabem tudo, senador! Têm espiões em todos os portos à volta do Egeu. Aposto que os espiões deixaram ontem Mileto e foram contar aos piratas que o nosso navio trazia um senador romano.

— Então, a base dos piratas é Farmacussa?

— Não, senador. Se a base deles fosse Farmacussa, Mileto e Priena correriam com eles com a maior facilidade. Eles devem ter-se escondido na ilha apenas por alguns dias — à espera de uma vítima. E não precisam de esperar muito. Há sempre um navio interessante a passar por perto. Estamos com pouca sorte. Como estamos no Inverno e o Inverno costuma trazer tempestades, sempre pensei que escaparíamos aos piratas. Mas infelizmente o tempo tem estado demasiado bom!

— Que vão eles fazer connosco?

— Vão levar-nos para a base deles e esperar pelo resgate.

— E onde crês que será essa base?

— Na Lícia, provavelmente. Algures entre Patara e Mira.

— É muito longe daqui.

— Vários dias de viagem.

— Porque é que escolheram uma região tão distante?

— Porque é absolutamente segura — aquilo é um paraíso para os piratas! Centenas de enseadas e vales ocultos! Nessa região, há pelo menos trinta grandes colônias de piratas.

César mantinha um ar imperturbável, apesar de as duas galeras se encontrarem já muito próximas do seu navio. Podia ver os homens armados alinhados nas amuradas e ouvir os seus gritos.

— Depois de ter sido resgatado, há alguma coisa que me impeça de voltar com uma frota e capturá-los a todos?

— Nunca encontrarás a enseada certa, senador. Há centenas de enseadas e são todas igualzinhas. Aquilo é um bocado como o velho labirinto de Cnossos, só que linear em vez de

quadrado.

César chamou um dos seus criados pessoais e pediu calmamente a sua toga. O homem, aterrorizado, voltou num instante com a toga. César deixou então que ele o vestisse. Nesse momento, apareceu Burgundo.

— Combatemos, César?

— Não, claro que não. Uma coisa é combater quando a situação nos é remotamente favorável, outra é combater quando tudo indica que lutar eqüivale ao suicídio. Vamos portar-nos calmamente, Burgundo. Ouviste?

— Ouvi.

— Então diz a toda a gente que não quero heroísmos tontos. — César voltou-se para o capitão. — Portanto, em tua opinião nunca conseguirei localizar a enseada certa.

— Nunca, senador. Muitos foram já os que tentaram, mas em vão.

— Em Roma, levaram-nos a acreditar que Públio Servílio Vátia nos tinha libertado dos piratas quando conquistou a Isáuria. A sua campanha teria sido tão grandiosa que Vátia passou mesmo a chamar-se Vátia Isáurico.

— Os piratas são como as abelhas, César. Se fizeres fumo, elas desaparecem. Mas logo que o ar fica limpo, voltam todas.

— Estou a ver. Então, quando Vátia — ou melhor, Vátia Isáurico! — acabou com o reino de Zenicetes, o rei dos piratas, estava apenas a tirar a espuma da superfície. É isso, não é, capitão?

— Sim e não. O rei Zenicetes era apenas um dos chefes piratas. Quanto aos Isauros...

— O capitão encolheu os ombros. — bom, quanto aos Isauros, os homens que viajam por estas águas nunca compreenderam por que razão um grande general romano lançou uma guerra contra uma tribo do interior, uma tribo constituída por selvagens da Pisídia, pensando que estava a desferir um rude golpe na pirataria! É possível que alguns netos dos Isauros se tenham juntado aos piratas, mas os Isauros estão demasiado longe do mar para se dedicarem à pirataria.

Os dois navios de guerra estavam agora ao lado do cargueiro e os piratas começavam já a subir a bordo deste último.

— Ah! Aí vem o chefe — disse César, sempre imperturbável.

Um homem jovem e muito alto, vestido com uma túnica feita com púrpura de Tiro e

pesadamente adornada com bordados a ouro, abriu caminho entre as suas hostes e subiu a prancha até à popa do cargueiro. Não estava armado e o seu aspecto não era, de modo nenhum, marcial.

— Bons dias! — disse César.

— Estarei certo em pensar que tu és o senador romano Caio Júlio César, vencedor da Coroa Cívica?

— Absolutamente certo.

Os olhos verdes do chefe dos piratas estreitaram-se; depois, levou a mão, com as unhas muito bem tratadas, ao cabelo louro, elegantemente encaracolado.

— Estás muito calmo, senador — disse o pirata; o sotaque do seu grego indicava que talvez fosse de uma das ilhas do arquipélago das Espóradas.

— Não vejo qualquer razão para não estar calmo — retorquiu César, erguendo as sobrancelhas. — Presumo que me permitirás pagar o resgate pela minha pessoa e pelos meus homens. Por isso, é natural que esteja calmo.

— Tens razão. Mas mesmo assim os meus cativos costumam borrar-se todos de medo.

— Não este cativo!

— bom, tu és um herói de guerra. — O que é que se vai passar agora... como é mesmo o teu nome?

— Polígono, — O pirata virou-se para espreitar os seus homens, que tinham reunido a tripulação do cargueiro num grupo e os vinte membros da comitiva de César noutro grupo. Tal como o chefe, os restantes piratas tinham um cuidado extremo com o seu aspecto; alguns usavam cabeleiras, outros tinham o cabelo em cachos, o que significava que usavam tenazes quentes para produzir tal efeito, outros ainda estavam tão maquilhados como rameiras; em contrapartida, havia alguns que preferiam usar o cabelo muito rente e exibir um ar másculo. Todos, porém, estavam extremamente bem vestidos.

— O que é que se vai passar agora? — repetiu César.

— A tua tripulação vai para o meu navio. Alguns dos meus homens irão remar para o teu navio e seguiremos todos para sul o mais depressa possível. Ao pôr do Sol já teremos passado Cnido,

mas não pararemos. Daqui a três dias estarás em total segurança na minha residência,

onde ficarás como meu convidado até que o teu resgate seja pago.

— Não seria mais fácil se permitisses que alguns dos meus criados deixassem o navio aqui? Uma pequena embarcação podia levá-los de volta a Mileto. Mileto é uma cidade muito rica: não deveria ser difícil levantar o meu resgate. A propósito: em quanto importa o meu resgate?

O chefe ignorou a segunda questão; quanto à primeira, abanou a cabeça e disse:

— Não, não pode ser. O nosso último resgate veio de Mileto e foi há pouco tempo. Nós preferimos distribuir a carga porque, por vezes, os homens resgatados demoram muito tempo a pagar às comunidades que aceitam emprestar-lhes o dinheiro necessário. Agora é a vez de Xanto e de Patara — na Lícia. Por isso, quando chegarmos a Patara, mandaremos os teus criados pedir o dinheiro. — Polígono agitou um nada a cabeça, fazendo flutuar os caracóis. — Quanto à soma — são vinte talentos de prata.

César recuou, horrorizado.

— Vinte talentos de prata? — exclamou, furioso. — Eu só valho isso?

— É o preço corrente para senadores. Todos os piratas concordaram quanto a isso. E tu és demasiado novo para seres um magistrado.

— Mas eu sou Caio Júlio César! — replicou o cativo, altivamente. — Não estás a compreender! Eu não sou apenas um patrício, sou também um Júlio! E que significa ser um Júlio? Significa que eu descendo da deusa Afrodite, através do seu filho Eneias. A minha linhagem é consular e hei-de ser cônsul quando chegar a hora. Eu não sou um mero senador! Ganhei uma Coroa Cívica, intervenho no Senado, sento-me na bancada do meio do Senado e, quando entro no Senado, todos os homens — incluindo os consulares e os censores! — têm de se levantar para me aplaudir. Vinte talentos de prata? Eu valho cinqüenta talentos de prata!

Polígono, fascinado, escutou-o com atenção; nunca tinha apanhado um cativo assim! Tão seguro de si mesmo, tão destemido e... tão arrogante! No entanto, havia algo naquele belo rosto de que Polígono gostava — seria o brilho dos olhos? Estaria aquele Caio Júlio César a troçar dele? Mas por que raio é que o cativo havia de troçar dele, se, dessa forma, se veria obrigado a pagar mais do que o dobro do resgate proposto? Sim, ele estava a falar a sério — tinha de estar! No entanto... aquele brilhozinho nos olhos não enganava!

— De acordo, majestade! Cinqüenta talentos de prata! — disse Polígono, também com

um brilho suspeito nos olhos.

— Ah, assim está melhor! — retorquiu César, e virou-lhe costas.

Três dias depois — três dias em que não encontraram nenhuma frota, fosse ela de Rodes ou de qualquer outra cidade, patrulhando os mares —, a equipa de César desembarcou numa enseada defronte de Patara. Polígono tinha vindo na sua própria galera; César não mais o vira. Reapareceu, porém, quando foi preciso embarcar a comitiva de César num barco mais pequeno.

— Podes mandar apenas um membro da tua comitiva — disse o chefe dos piratas. — Um chega para levantar o resgate.

— Um criado não chega para um homem da minha importância — retorquiu César, impassível. — Ficarei apenas com três homens: o meu criado pessoal Demétrio e dois escribas. Se tiver de esperar muito tempo, precisarei de escribas para copiarem a minha poesia. Ou talvez venha a escrever uma peça. Uma comédia! Sim, devo ter imenso material para uma comédia. Ou talvez uma farsa.

— Quem é que conduz a tua gente?

— O meu liberto Caio Júlio Burgundo.

— O gigante? Um homenzarrão! Valia uma fortuna, se fosse escravo.

— E valeu, quando era escravo. Ele vai ter de levar o seu cavalo de Neso — prosseguiu César, meticuloso. — E os outros também precisam das suas montadas. Faço questão que os meus homens cheguem a Patara em condições condignas.

— Podes fazer questão em relação ao que quiseres, majestade. Mas os cavalos são demasiado bons.vou ficar com eles.

— Isso é que não vais! — atirou-lhe César. — Como vais receber cinqüenta talentos de resgate, podes passar perfeitamente sem os cavalos. Eu ficarei apenas com o meu Dedos — a menos que as tuas estradas tenham pavimento... O Dedos não é um cavalo ferrado e, por isso, não pode viajar em estradas pavimentadas.

— Estás a falar a sério ou quê? — disse Polígono, espantado.

— Desembarca os cavalos, Polígono — retorquiu César.

Os cavalos foram desembarcados. Burgundo ficou muito triste por deixar César nas mãos daqueles vilãos e com tão poucos criados, mas sabia que não valia a pena contestar as

decisões do seu amo. A sua missão era encontrar o resgate.

E a viagem prosseguiu rumo à Lícia Oriental, junto à costa mais solitária e desolada do mundo. Não havia estradas, nem aldeias, mas apenas as portentosas montanhas de Solima, com os seus cumes permanentemente cobertos de neve, caindo a pique sobre o mar. As enseadas surgiram sem que César contasse: minúsculos pedaços de areia no flanco de uma montanha, faixas de uma areia amarela-avermelhada subindo por um penhasco amarelo-avermelhado. Mas nem um só sinal de alguma colônia pirata! Que intrigante! César não abandonou a popa desde que o navio passara o rio em que ficavam Patara e Xanto, examinando atentamente a configuração daquela estranha costa.

Ao pôr do Sol, as duas galeras e o cargueiro viraram na direcção de uma das inúmeras (e todas idênticas) enseadas. Só quando chegou à praia é que César conseguiu ver o que ninguém poderia ver do mar; o penhasco escarpado que servia de pano de fundo à enseada eram afinal dois penhascos; o rebordo de um deles ocultava o espaço que havia entre os dois; e, por detrás dos dois penhascos, ficava uma bacia enorme de terra baixa. O covil dos piratas!

— Estamos no Inverno e os cinqüenta talentos que vamos receber vão-nos permitir passar umas belas férias. Não precisaremos de nos fazer ao mar, quando surgirem as primeiras tempestades da Primavera — disse Polígono, juntando-se a César, que avançava já por entre o espaço entre os penhascos.

Os homens de Polígono estavam já a puxar para a praia as galeras e o cargueiro, usando roletes colocados sob a proa. Depois, enquanto César e Polígono assistiam ao longe às operações, os piratas puxaram os navios pela praia e por entre os penhascos; o seu destino, para já, era o vale oculto, onde ficariam assentes em esteios.

— Fazem sempre isto? — perguntou César.

— Só não fazemos quando prevemos para breve uma nova saída. Mas isso é muito raro. Normalmente, quando andamos à caça, não paramos a meio para vir a casa.

— Vocês estão muito bem organizados — disse César, com sincera admiração na voz.

A bacia de terra baixa teria cerca de dois quilômetros e meio de largura e à volta de um quilômetro e meio de comprido e possuía uma configuração mais ou menos oval. No ponto mais afastado para quem vinha da praia, uma pequena cascata caía das alturas para uma lagoa; a lagoa dava origem a um regato que serpenteava até chegar à enseada, embora, do mar, ninguém o

pudesse ver. Os piratas tinham aberto um estreito canal para o regato, no fim da praia, sob os penhascos.

Uma cidade com boas construções e uma organização perfeita ocupava a maior parte do vale. Casas de pedra, com três e quatro pisos, ladeavam ruas de cascalho, vários silos e armazéns, de proporções muito razoáveis, surgiam defronte do local onde os navios eram arrumados, e uma praça com um templo constituía o centro da vida comunitária.

— Quantas pessoas vivem aqui? — perguntou César.

— Incluindo esposas, amantes e crianças — e amantes masculinos para alguns dos homens! —, serão cerca de... mil... mil e quinhentos. E também há os escravos.

— Quantos escravos?

— Dois mil, à volta disso. Nós não trabalhamos — disse Polígono, todo orgulhoso.

— Surpreende-me o facto de não haver nenhuma revolta quando os homens estão ausentes. Ou será que as mulheres e os tais amantes masculinos são temíveis guerreiros?

O chefe dos piratas riu-se desdenhosamente.

— Nós não somos parvos, senador! Os escravos estão sempre agrilhoados. E se não têm qualquer possibilidade de sair daqui, porque haveriam eles de se revoltar?

— Isso não me impediria de tentar um levantamento — retorquiu César.

— Serias apanhado quando regressássemos. Quando partimos para a caça, não deixamos nenhum navio em terra.

— Talvez fosse eu a apanhar-vos quando vocês regressassem.

— Nesse caso, ainda bem que não saímos daqui enquanto o teu resgate não chegar!

Não, senador, tu não vais conseguir nenhum levantamento.

— Oh! — disse César, com um ar desapontado. — Quer dizer que te vou pagar cinqüenta talentos e nem sequer me ofereces alguma diversão feminina, enquanto espero? Eu com homens não me levanto, mas sou muito famoso com mulheres.

— Aposto que és, se essa é a tua preferência — disse Polígono, com um risinho. — Mas não temas a solidão! Se quiseres mulheres, tê-las-ás.

— Tens alguma biblioteca neste belo refúgio?

— Temos alguns livros, mas não somos propriamente eruditos. Os dois homens

estavam a chegar a uma mansão.

— Esta é a minha casa. É aqui que vais ficar. Prefiro ser eu a vigiar-te. Terás os teus próprios aposentos, como é evidente.

— O que eu gostava era de umbom banho!

— Terás umbom banho, senador, porque, na minha casa, há todos os confortos do Palatino!

— Preferia que me tratasses por César.

— Assim farei, César.

Os aposentos do cativo eram suficientemente grandes para acomodarem também Demétrio e os dois escribas. César não teve de esperar muito tempo por um magnífico banho, à temperatura exacta, um pouco mais que lépido.

— Demétrio, vais ter de me barbear e de me depilar todos os dias, enquanto eu estiver aqui — disse César, penteando as suaves ondas do seu cabelo louro-claro. Depois, arrumou o espelho, feito de ouro e com incrustações de gemas. — Há uma fortuna nesta casa — disse ele, abanando a cabeça.

— Eles roubaram muitas fortunas — comentou Demétrio.

— E armazenaram muitas dessas fortunas nalguns destes edifícios. Alguns deles, de facto, não são habitados — retorquiu César, encaminhando-se para a sala de jantar, onde Polígono o esperava.

A comida era excelente e variada, e o vinho soberbo.

— Tens um óptimo cozinheiro — disse César.

— Reparei que pouco comes e que não bebes vinho — disse Polígono.

— Não tenho qualquer paixão por iguarias ou bebidas. A minha única paixão é o meu trabalho.

— Então e as mulheres?

— As mulheres — retorquiu César, enquanto lavava as mãos — são trabalho.

— Nunca ouvi chamar isso às mulheres! — disse Polígono, rindo. — És um excêntrico, César. Só um excêntrico concentra toda a sua paixão no trabalho. — Polígono afagou a barriga e, com um ar deleitado, apreciou o odor do vinho que tinha na sua taça de cristal de rocha. — Quanto a mim, a única

coisa de que gosto na pirataria é a vida deliciosa que me proporciona quando não estou no mar. Mas, acima de tudo, gosto de umbom vinho!

— Não desgosto do sabor do vinho — retorquiu César. — Mas detesto a sensação de perder o controlo das minhas faculdades mentais. E já reparei que meia taça de vinho misturado com água é o suficiente para me afectar.

— Mas quando uma pessoa acorda, sente-se tão bem que o dia não lhe pode correr mal! — exclamou Polígono.

César pôs um sorriso malicioso.

— Não necessariamente.

— Que queres dizer?

— Por exemplo, meu caro: euvou acordar completamente sóbrio e com a minha saúde em perfeito estado, na manhã do dia em que chegar aqui, à frente de uma frota, e conquistar esta cidade e levar-vos a todos sob minha custódia. Posso garantir-te que quando te vir agrilhoado, sentir-me-ei muito melhor do que quando acordar! Mas até isso é relativo. Porque no dia em que te crucificar, Polígono, sentir-me-ei melhor do que nunca!

Polígono desatou a rir incontrolavelmente.

— César, és o convidado mais divertido que já alguma vez tive nesta casa! Adoro o teu sentido de humor!

— É muito simpático da tua parte, teres essa opinião. Mas olha que não te vais rir tanto quando eu te crucificar.

— Isso não pode acontecer. Nunca.

— Pode, sim, e vai acontecer.

Polígono, um verdadeiro espectáculo de ouro e púrpura, com as mãos cheias de anéis e o peito cintilando de colares, recostou-se no seu divã e desatou de novo a rir.

— Julgas que não te vi na popa do teu navio, observando a costa? Essa tua ideia é um disparate, César! Ninguém consegue voltar cá!

— Tu consegues.

— Mas isso é porque já fiz este caminho um milhar de vezes. Nas primeiras cem vezes, perdi-me sempre ou quase sempre.

— Acredito. O problema é que tu és muito -menos inteligente que eu.

Aquele comentário feriu tanto como uma punhalada. Polígono sentou-se muito direito e respondeu secamente:

— Sou suficientemente inteligente para capturar um senador romano e para lhe arrancar cinqüenta talentos!

— O teu ovo ainda não chocou.

— Se o ovo não chocar, vai ficar aqui até apodrecer! Pouco depois deste exaltado diálogo, Polígono deixou o seu prisioneiro sozinho. Ao regressar aos seus aposentos, César tinha uma bela rapariga à sua espera, um presente que ele muito apreciou — depois de a ter mandado a Demétrio para que este a lavasse a preceito.

Durante quarenta dias, César permaneceu no esconderijo pirata; ninguém limitava a sua liberdade de movimentos, ninguém o impedia de falar com quem quisesse. A sua fama espalhou-se num ápice pela cidade e, ao fim de pouco tempo, já toda a gente sabia que ele tencionava voltar e capturar e crucificar todos os habitantes do vale.

— Não, não, apenas os homens! — disse César, com um sorriso encantador, às mulheres que foram ter com ele para indagarem das suas intenções. — Como é que eu poderia crucificar mulheres tão belas?

— Nesse caso, que farás connosco? — perguntou a mulher que estava à frente do grupo, lançando-lhe um olhar convidativo.

— Vendo-vos. Quantas mulheres e crianças vivem aqui?

— Mil.

— Mil. Se o preço médio que derem por vocês no mercado de escravos for de mil e trezentos sestércios por cabeça, poderei pagar a dívida quevou contrair por causa do resgate e ainda terei dinheiro para distribuir um pequeno lucro pelos meus credores. Mas as mulheres e as crianças deste vale são muito mais bonitas do que é costume numa comunidade pequena, e, por isso, espero conseguir um preço médio de dois mil sestércios por cabeça. Ou seja: as pessoas que vão emprestar o dinheiro do meu resgate terão um lucro muito, mas mesmo muito razoável!

As mulheres desataram aos risinhos; ah, que homem encantador aquele!

De facto, toda a gente o adorava. Era tão simpático, tão jovial, tão bem-humorado! E nunca mostrava o mínimo sinal de medo ou depressão. Brincava com toda a gente e eram tão freqüentes os seus apartes acerca do

que faria com os homens, as mulheres e as crianças, quando voltasse, que esse tema de conversa quase se transformou num motivo de constante divertimento. Os olhos dele brilhavam, os lábios contraíam-se, quando falava disso — e divertia-se tanto como os seus interlocutores. A primeira rapariga que com ele dormiu tratou logo de falar das suas proezas como amante; daí que muitas das mulheres da cidade tentassem seduzi-lo. No entanto, os homens depressa descobriram que ele mostrava os maiores escrúpulos ao seleccionar as mulheres com quem dormia: nunca ia para a cama com uma mulher que tivesse uma ligação permanente com outro homem.

— Os únicos homens que eu corneio são os meus pares — explicava ele, com um ar superior, um aristocrata dos pés à cabeça.

— Amigos? — perguntavam os homens, rindo à gargalhada.

— Inimigos — retorquia César.

— E nós não somos teus inimigos?

— São. Mas não são meus pares: são escumalha, escumalha pura e simples! — respondia ele.

Ao ouvirem tal, os piratas riam a bandeiras despregadas, deliciados com aqueles insultos bem-humorados.

Até que, certa tarde, enquanto almoçava com Polígono, o chefe dos piratas, com um suspiro triste, anunciou:

K-vou ter saudades tuas, César.

— Ah! Já temos o resgate!

— O teu liberto trá-lo amanhã.

— E como é que ele vai dar com isto? com certeza que tens de guiá-lo até aqui. Foste tu que me disseste que ninguém conseguia encontrar este refúgio.

— O teu liberto tem andado acompanhado por alguns dos meus homens. Quando o último talento foi depositado na última saca, mandaram-me uma mensagem. Chegam amanhã por volta do meio-dia.

— E depois posso ir-me embora?

— Podes.

— E o navio que aluguei?

— Também pode ir.

— E o capitão? E os marinheiros?

— Virão também com os meus homens. Partem à hora do crepúsculo, para oeste.

— Então incluíste o aluguer do meu barco no teu preço.

— Claro que não! — retorquiu Polígono, espantado. — O capitão levantou dez talentos para pagar o aluguer do navio e os salários da tripulação.

— Ah! Mais uma dívida que eu tenho de pagar!

Como estava previsto, Burgundo chegou a meio do dia seguinte, o quadragésimo dia de cativeiro de César.

— Cardixa permitirá que eu continue a ser o pai dos seus filhos — disse Burgundo, limpando as lágrimas. — Estás com muitobom aspecto, César.

— Eles são óptimos anfitriões, Burgundo. Quem é que pagou o resgate?

— Patara pagou metade e Xanto outra metade. Não ficaram nada contentes, mas não se atreveram a recusar. Ainda estão recordados de Vátia.

— Hão-de receber o seu dinheiro de volta. E mais cedo do que pensam.

Toda a cidade dos piratas se foi despedir de César. Algumas mulheres choravam. Polígono também.

— Nunca terei outro cativo como tu! — disse o chefe dos piratas, com um suspiro.

— Nunca ouvi maior verdade — retorquiu César, com um sorriso. — A tua carreira como pirata acabou, meu amigo. Eu voltarei antes da Primavera.

Como sempre, Polígono achou tal observação extremamente divertida. Enquanto observava as manobras do navio para rumar a oeste, lembrava-se do humor de César e não conseguia conter o riso. A luz era pouca, àquela hora.

— Não pares, capitão! — gritou o chefe dos piratas. — Se paras, apanhas logo com a minha escolta!

E, de facto, passado pouco tempo, surgia por detrás dos penhascos uma hemiolia, um navio tão rápido como os mais rápidos.

Porém, ao alvorecer, o navio pirata já não encontrou o navio de César e voltou para trás, pois estava mesmo em frente de Patara.

— bom, agora vamos ter de acalmar os receios daqueles que emprestaram o dinheiro — disse César. Olhou para o capitão e acrescentou: — A propósito, capitão, tens desde já a minha

garantia

de que te pagarei os dez talentos que tiveste de arranjar para resgatar o navio e a

tripulação.

O capitão, obviamente, não acreditava que César conseguisse alguma vez pagar-lhe.

— Uma viagem infeliz! — lamentou-se.

— Prevejo que, quando esta viagem acabar e regressares a Bizâncio, serás o mais feliz

dos homens — disse César. — Mas agora leva-me ao porto de Patara.

A sua visita a Patara foi muito breve. César queria partir no dia seguinte, esperando

apenas que todos os cavalos e mulas voltassem a bordo. E, no dia seguinte, César não esperou

um segundo.

— Vamos, capitão, despacha-te!

— Para Rodes?

— Para Rodes, claro.

A viagem demorou três dias, com uma paragem em Telmesso na primeira noite e outra

em Cauno, na segunda. César recusou-se a desembarcar os animais em qualquer dessas cidades.

— Eu estou com muita pressa e eles não vão morrer por não saírem do navio — disse

ele. — Ah, é certo que tenho sorte! A deusa Fortuna sempre me favoreceu! Graças à minha

actividade como angariador de frotas, sei exactamente onde devo ir e com quem devo falar

quando chegarmos a Rodes!

E tanto sabia que, menos de duas horas depois de ter aportado ”à ilha, estava já reunido

com os homens com quem lhe interessava falar.

— Preciso de uma frota de dez trirremes e de cerca de quinhentos homens experientes

— disse ele ao grupo de Rodenses reunidos nas instalações do capitão do porto.

— Para quê? — perguntou o jovem almirante Lisandro.

— Para me acompanhar até ao quartel-general de Polígono, o chefe dos piratas. Quero

capturar aquela gente.

— Polígono? Nunca encontrarás o esconderijo dele!

— Encontrarei, sim — replicou César. — Vamos, emprestem-me a frota! Rodes ficará

com uns belos despojos!

O seu entusiasmo e confiança não chegariam para convencer os homens de Rodes a

participar naquele perigoso plano; foi a autoridade de César que mais pesou na decisão de Rodes de lhe conceder os dez trirremes e quinhentos soldados. Os homens de Rodes conheciam-no de há muito e, por outro lado, César pôde
ainda beneficiar da fama que Vátia deixara na ilha. Apesar de o rei Zenicetes ter deitado fogo ao seu esconderijo no alto do monte Termesso quando Vátia chegou para o capturar, Rodes sentia o maior respeito por Vátia; mostrando-se imperturbável perante o que parecia ser a perda de um saque magnífico, Vátia limitou-se a esperar que as cinzas arrefecessem e, depois, joeirou os destroços, a fim de reunir os metais preciosos que, sob a acção do calor, se tinham fundido. Se Vátia fizera isso, então era muito natural que o seu legado César fizesse algo de semelhante. Daí que os homens de Rodes concluíssem que valeria a pena apostar naquele jovem senador romano.
A frota descansou na foz do rio Patara, na última noite antes de começar a busca do esconderijo de Polígono; César foi até à cidade e ordenou a todos os navios mercantes vazios que seguissem na esteira da frota rodense. E, durante todo o dia seguinte, manteve-se na popa do seu navio alugado, examinando atentamente a costa recortada por minúsculas praias.
— Antes de Polígono deixar Patara — disse ele ao capitão — eu já fazia ideia de como seria o aspecto da costa e das pequenas enseadas, pois ouvira os piratas falar sobre o assunto. Por isso, tratei de definir claramente a que reentrâncias chamaria enseadas. com essa definição na cabeça, limitei-me a contar todas as reentrâncias que considerava enseadas.
— Quanto a mim, procurei pontos de referência: rochas no meio do mar, com esta ou aquela forma, montanhas de aspecto estranho, esse tipo de coisas — disse o capitão, suspirando. — Mas já me perdi!
— Os pontos de referência podem ser uma decepção, pois a memória dos homens falha muitas vezes quando segue esse processo. Os números são melhores — retorquiu César, sorridente.
— E se te enganaste na contagem?
— Não me enganei.
E, de facto, não se tinha enganado. A pequena praia em que os quinhentos soldados de Rodes desembarcaram era igual a todas as outras. A frota ancorara, durante toda a noite, a oeste da praia, sem que ninguém a detectasse. Polígono não espalhara sentinelas pelas proximidades. Tinha as suas quatro galeras de guerra no interior do esconderijo, prontas para qualquer

eventualidade; por isso, considerava-se em segurança. Mas acabava o Sol de nascer e já ele e os seus homens estavam presos com as grilhetas com que, antes, agrilhoavam os escravos.

— Não podes dizer que não te avisei — disse César a Polígono.

— Ainda não fui crucificado, romano!

— Mas serás. Serás!

— Como encontraste o nosso esconderijo?

— Aritmética. Contei todas as pequenas enseadas desde Patara até aqui. — César virou-se, acenando para o almirante Lisandro, de Rodes. — Vem, Lisandro, vamos ver que espécie de riquezas Polígono arrecadou.

Muitas e variadas riquezas, foi o que encontraram. Não só os celeiros estavam praticamente cheios, como também os outros armazéns de víveres tinham recheio suficiente para alimentar as cidades de Xanto e Patara durante o resto do Inverno e toda a Primavera. Um dos maiores edifícios da cidade estava a abarrotar de tecidos e púrpuras extremamente valiosos, de mesas de madeira de cidreira de veios raríssimos, de divas dourados, de cadeiras requintadas. Um outro edifício continha uma infinidade de baús cheios de moedas e jóias. Muitas das jóias eram de fabrico egípcio: luxuriosos trabalhos com faiança, berilo, cornalina, ónix, sardónica, lápis-lazúli e turquesa. Um pequeno baú, mal foi aberto, revelou vários milhares de pérolas do oceano, algumas das quais tão grandes como ovos de pomba e outras de cores muito raras.

”— Para dizer a verdade, não estou surpreendido — disse Lisandro. — Polígono assola estes mares há vinte anos e é um açambarcador famoso. Do que eu não sabia é que ele também costumava piratear os mares entre Chipre e o Egipto!

— Concluíste isso por causa das pérolas e das jóias?

— Claro. Pérolas e jóias destas não há noutro sítio.

— E os alexandrinos de Chipre tiveram o desplante de me dizer que os seus navios viajavam em total segurança!

— Eles não gostam que os estrangeiros saibam das suas fraquezas.

— Não precisei de muito tempo para perceber isso — retorquiu César, com um suspiro de satisfação. — Pois muito bem, Lisandro: vamos repartir os despojos!

— Para sermos rigorosos, César, nós somos apenas teus agentes. Desde que nos pagues

o aluguer dos navios e os salários dos homens, os despojos são todos teus — retorquiu Lisandro.

— Alguns serão, mas não todos, meu amigo. Não quero que, no Senado, me façam perguntas a que tenha de responder com mentiras ou meias-verdades. Por isso, levarei mil talentos em moedas para o Tesouro de Roma, quinhentos talentos em moedas para mim, e uma mancheia destas pérolas, se posso escolher as que mais me agradarem. Sugiro que as restantes moedas e todas as jóias vão para Rodes: é a parte que lhe é devida. Podes vender os móveis e os tecidos, mas gostaria que a soma realizada fosse empregue na construção de um templo em Rodes, em honra da minha antepassada Afrodite.

Lisandro pestanejou, surpreendido.

— Mas esse é um gesto extremamente generoso, César! Por que não ficas com as pérolas todas? Ficarias sem problemas de dinheiro para o resto da vida!

— Não, Lisandro. Ficarei apenas com umas quantas. Gosto da riqueza como qualquer outro homem, mas a riqueza excessiva pode tornar-nos avarentos. — César debruçou-se sobre o baú das pérolas e escolheu as pérolas de que mais gostava: vinte com as cores escuras e iridescentes do lago Asfaltita, na Palestina; uma pérola com o tamanho, a cor e a forma de um morango; uma dúzia com a cor da lua cheia no tempo das colheitas; uma pérola gigante, com uma sombra de púrpura; e seis de um creme-prateado perfeito.

— Pronto, já escolhi! Não as poderei vender. Se tentasse vendê-las, provocava a maior agitação em toda a cidade de Roma. Mas posso dá-las a certas mulheres, quando tiver necessidade disso.

— A tua fama de homem generoso vai espalhar-se num ápice.

— Por favor, Lisandro, nem uma palavra sobre a minha generosidade! Estou a falar a sério! A minha continência nada tem a ver com generosidade. Tem a ver, muito simplesmente, com a minha reputação em Roma e com um voto que eu fiz de que nunca me exporia a acusações de extorsão ou de roubo dos bens de Roma.

— Encolhendo os ombros, acrescentou: — Além disso, quanto mais dinheiro tenho, mais gasto!

— E Patara e Xanto?

— Recebem as mulheres e as crianças para venderem como escravos e toda a comida que está aqui armazenada. A venda dos escravos render-lhes-á muito mais do que pagaram pelo

meu resgate. A comida será um bônus. Mas, com a tua permissão, levarei mais dez talentos para pagar ao capitão do meu navio. Ele também
teve de pagar um resgate. — Pondo a mão no ombro de Lisandro, César conduziu-o até à rua. — Os navios de Xanto e Patara estarão aqui pelo crepúsculo. Posso sugerir que embarques a parte do despojo que reservámos para Rodes, antes que eles cheguem? De qualquer modo, mandarei os meus funcionários fazer um inventário de tudo. E o dinheiro de Roma terá de ir para o seu destino sob escolta.
— Que queres que se faça com os piratas?
— Embarca-os em navios de Patara ou Xantos e leva-mos para Pérgamo. Eu não sou um magistrado curul e, portanto, não tenho o poder de executar homens nas províncias. Isso significa que tenho de levar os piratas para Pérgamo e pedir ao governador autorização para fazer o que lhes prometi — crucificá-los.
— Nesse caso, embarcarei a parte do despojo destinada a Roma nas minhas galeras. É pequena carga. Logo que os mares estejam seguros — no início do Verão, talvez —, mandarei o dinheiro para Roma. — Lisandro lembrou-se, entretanto, de outra coisa. — Quatro dos meus navios escoltar-te-ão até Pérgamo. Acabas de dar tantas riquezas a Rodes que Rodes terá sempre o maior prazer em assistir-te em tudo.
— Basta que te lembres do que fiz! Quem sabe se um dia não precisarei de que me retribuas este favor! — retorquiu César.
Os piratas estavam a ser levados para a praia; Polígono, o último da infindável fila, saudou gravemente César.
— Mas que amantes do luxo, estes piratas! Nunca vi gente assim! — disse César, abanando a cabeça. — Sempre imaginei os piratas como gente suja, sem instrução, belicosa. Mas estes homens não eram nada disso. Pelo contrário, eram gente simpática.
— É evidente — disse Lisandro. — Exagera-se muito quanto à sua suposta selvajaria. Quantas vezes precisam eles de combater para fazerem as suas pilhagens, César? Raramente. E quando combatem é sob o comando dos seus próprios almirantes, que são de facto notáveis. Os pequenos piratas, como Polígono, não atacam frotas. Limitam-se a atacar navios mercantes que viajam sem escolta. Os piratas que atacam em frotas encontram-se normalmente no mar de Creta. Mas quando se vive no esconderijo de Solima, como Polígono, tende-se a pensar que estamos

permanentemente a salvo de qualquer ameaça. É que Solima e os outros esconderijos de piratas são, literalmente, reinos independentes.

— Rodes podia fazer mais do que faz para deter a ameaça dos piratas — disse César.

Mas Lisando abanou a cabeça e riu-se.

— É Roma que deves censurar, quanto a esse ponto! Foi Roma que insistiu que devíamos reduzir a nossa frota, quando Roma tomou a seu cargo a vigilância da ponta oriental do nosso grande mar. Roma pensava que conseguiria policiar tudo e todos, incluindo as linhas de navegação. Mas Roma é demasiado parcimoniosa — e nunca gasta o dinheiro que é preciso. Rodes encontra-se actualmente sob o domínio de Roma. Por isso, fazemos o que nos mandam. Se lançássemos, isoladamente, uma guerra para erradicar os piratas, Roma pensaria que estava a chocar o seu próprio Mitridates.

E o que Lisandro dizia, reflectiu César, era a pura verdade.

Marco Júnio Junco não se encontrava em Pérgamo quando César atingiu o rio Caico e aportou àquela cidade; o mês de Março estava a chegar ao fim, o que significava que o Inverno ainda não acabara, embora a viagem ao longo da costa tivesse decorrido sem qualquer incidente assinalável. A cidade de Pérgamo tinha um aspecto magnífico, empoleirada no cimo de um monte, mas, mesmo do rio, podiam ver-se resquícios de neve e gelo nos telhados dos templos e nos beirais dos palácios.

— Onde está o governador? Em Éfeso? — perguntou César quando encontrou o proquestor, Quinto Pompeu (mais próximo, pelo sangue, do ramo Rufo do que do ramo Pompeu).

— Não, ele está em Nicomédia — retorquiu Pompeu — E euvou para lá também. Aliás, tiveste sorte em encontrar-me porque eu estava de partida. Temos tido muito que fazer na Bitínia. Vim a Pérgamo buscar roupas mais leves para o governador. Nunca esperámos que fizesse mais calor em Nicomédia do que em Pérgamo.

— Ah, em Nicomédia faz sempre mais calor — disse César num tom grave, conseguindo abster-se de perguntar ao proquestor da Província da Ásia se não tinha coisas mais urgentes a fazer do que ir buscar roupas frescas para Junco. — Pois bem, Quinto Pompeu — prosseguiu ele, afável —, se quiseres, eu levo as roupas ao governador. Tenho um pequeno trabalho para ti antes de partires. Estás a ver aqueles navios?

— Sim — retorquiu Pompeu, francamente aborrecido por um homem mais novo lhe dizer o que devia ou não fazer.

— Há cerca de quinhentos piratas a bordo que vão ter de ficar encarcerados algures durante alguns dias. Eu tenho de ir à Bitínia pedir a Marco Júnio a autorização formal para os crucificar.

— Piratas? Crucificar?

— Isso mesmo. Capturei uma fortaleza pirata na Lícia — com a ajuda de dez navios da marinha rodense, devo acrescentar.

— Então podes ficar aqui e tratar dos teus miseráveis prisioneiros! — atirou-lhe Pompeu. — Eu peço ao governador a tua autorização formal!

— Lamento imenso, Quinto Pompeu, mas não é assim que as coisas são feitas — replicou gentilmente César. — Eu sou um privatus e era um privatus quando capturei os homens. Por isso, terei de ver o governador pessoalmente. A Lícia é uma parte da sua província e por isso tenho de ser eu a explicar-lhe as circunstâncias da captura. É isto o que a lei manda.

A discussão ainda durou um bocado, mas sabia-se de antemão quem ganharia. E César não tardou a partir para Nicomédia numa veloz galera rodense, deixando Pompeu a tratar dos prisioneiros.

Tudo está já tão mudado que eu quase não reconhecia o palácio, pensou César, enquanto esperava na antecâmara pelo atarefado Marco Júnio Junco. Os dourados ainda lá estavam, os frescos e outros objectos de arte que só poderiam ser removidos provocando danos óbvios também lá estavam, mas certas estátuas e pinturas que ele tão (bem conhecia e de que tanto gostava já tinham desaparecido de corredores e salas.

A luz começava a esbater-se quando Junco irrompeu pela antecâmara dentro; era evidente que tinha feito uma pausa para o jantar, antes de atender um colega senador.

— César! Que agradável voltar a ver-te! Que se passa? — perguntou o governador, estendendo a mão.

— Ave, Marco Júnio. Tens andado muito ocupado.

— Tenho, de facto. Tu conheces este palácio como a palma da tua mão, não é verdade?

— As palavras eram suficientemente brandas, mas a insinuação era clara.

— Como fui eu quem te anunciou a morte do rei Nicomedes, deves saber que assim é.

De facto, conheço muito bem este palácio.

— Mas não tiveste a gentileza de esperar por mim.

— Eu sou um privatus, Marco Júnio. Se esperasse por ti, acabaria apenas por te atrapalhar. E é melhor não atrapalhar um governador, quando tem à sua frente uma tarefa tão importante como incorporar uma nova província nos domínios de Roma — disse César.

— Nesse caso, que vieste cá fazer agora? — Junco olhava para o seu visitante com nítido rancor, pois estava ainda bem lembrado dos seus confrontos no Tribunal de Homicídios — os quais, na sua maior parte, tinham sido vencidos por César.

— Fui capturado por piratas ao largo de Farmacussa, há dois meses.

— bom, isso acontece a muitos de nós. Presumo que conseguiste arranjar dinheiro para o resgate: caso contrário, não estarias hoje aqui. Mas eu nada posso fazer para te ajudar a recuperar o dinheiro do resgate, César. No entanto, se assim o desejares, pedirei à minha equipa que apresente uma queixa ao Senado.

— Isso posso eu fazer sozinho — retorquiu César, num tom simpático. — Eu não me vim queixar, Marco Júnio. Vim apenas pedir a tua autorização para crucificar quinhentos piratas.

Junco ficou embasbacado.

— O quê?

— Como já percebeste, eu paguei o resgate pelos meus próprios meios. Depois, fui a Rodes, requisitei uma frota e alguns soldados, voltei à fortaleza dos piratas e capturei-a.

— Tu não tinhas o direito de fazer uma coisa dessas! Eu é que sou o governador! Só eu tenho direito a fazer operações desse tipo! — atirou-lhe Junco.

— Se eu mandasse uma mensagem para Pérgamo e se, de Pérgamo, te trouxessem essa mensagem até aqui, o Inverno teria passado e Polígono, o pirata, teria desaparecido da sua base para lançar de novo as suas acções. Eu posso ser um privatus, mas actuei como se espera que actuem todos os membros do Senado de Roma: fiz com que os inimigos de Roma tivessem o castigo merecido.

Esta rápida resposta obrigou Junco a fazer uma pausa; tinha de encontrar uma réplica adequada.

— Nesse caso, mereces louvor, César.

— É o que eu acho.

— E pedes-me autorização para crucificar quinhentos homens fortes e gozando de boa saúde? Não, não posso fazer isso! Os teus cativos são meus agora. Vendê-los-ei como escravos.

— Dei-lhes a minha palavra de honra de que seriam crucificados — retorquiu César, com os lábios quase cerrados.

— Deste a tua palavra de honra àquela gente? — perguntou Junco, sinceramente surpreendido. — Mas eles não passam de bandidos e ladrões!

— Mesmo que fossem bárbaros ou macacos, Marco Júnio! Jurei que havia de crucificá-los. Sou um romano e a palavra de um romano é sagrada. Tenho de cumprir o que prometi.

— Não te competia a ti prometer fosse o que fosse! Como salientaste, tu és um privatus. Concordo que agiste correctamente ao castigar os inimigos de Roma. Mas cabe-me a mim dizer o que deve ou não acontecer aos prisioneiros que se encontram na minha esfera de auctoritas. Eles serão vendidos como escravos. E esta é a minha última palavra quanto a este assunto.

— Estou a ver — disse César, com os olhos vítreos. E levantou-se.

— Um momento! — exclamou Junco. César virou-se para ele.

— Sim?

— Presumo que houve despojos...!

— Houve.

— Onde estão? Em Pérgamo?

— Não.

— Não podes ficar com os despojos!

— Não fiquei. A maior parte do saque foi para Rodes, que forneceu os navios e os homens para a operação. Uma parte foi para os cidadãos de Xanto e Patara, que providenciaram os cinqüenta talentos para o meu resgate. Quanto à minha parte, doei-a a Afrodite, pedindo a Rodes que construísse um templo em honra da deusa. E a parte de Roma vai neste momento a caminho de Roma.

— E a minha parte?

— Não sabia que tinhas direito a uma parte, Marco Júnio.

— Eu sou o governador da província!

— O saque foi proveitoso, mas nada do outro mundo. Polígono não era tão rico como o rei Zenicetes.

— Quanto mandaste para Roma?

— Mil talentos em moedas.

— Então não foi assim tão mau!

— Para Roma, foi bom. Para ti, não — replicou César, mantendo um tom afável.

— Como governador da província, competia-me a mim mandar a parte de Roma para o Tesouro!

— E quanto lhe tiravas?

— A parte que cabia ao governador!

— Nesse caso — replicou César, sorrindo —, sugiro-te que peças ao Tesouro a parte que te cabe dos despojos.

— É o que farei! Não penses que não faço!

— Nunca pensaria uma coisa dessas, Marco Júnio.

— E vou-me queixar ao Senado da tua arrogância, César! Porque, de moto próprio, assumiste as competências que cabem ao governador!

— É verdade — disse César, encaminhando-se para a saída. — Mas ainda bem que o fiz. Caso contrário, o Tesouro ficaria com menos mil talentos.

César alugou um cavalo e seguiu por terra para Pérgamo, a tal velocidade que Burgundo e Demétrio dificilmente conseguiam acompanhá-lo. Nem uma pausa fez para descansar: a raiva era tanta que nem ligava à cabeça esgotada e aos músculos doridos. Apenas sete dias depois de ter deixado Pérgamo, César estava de volta — e dois dias antes da galera de Rodes, que atravessava ainda o Helesponto.

— Já está tudo tratado! — exclamou ele, com uma expressão jubilosa, para o proquestor Pompeu. — Espero que tenhas feito as cruzes! Não tenho tempo a perder!

— As cruzes? — perguntou Pompeu, espantado. — Porque haveria eu de mandar fazer as cruzes, se Marco Júnio tenciona vender os piratas?

— Sim, essa era a sua primeira intenção — retorquiu César, num tom descontraído. — Mas depois de eu lhe ter explicado que dera a minha palavra de honra de que eles seriam crucificados, Marco Júnio compreendeu que tinha de mudar de ideias. Por isso, vamos tratar já

das cruzes! Há dois meses que eu devia estar a estudar com Apolónio Molão. O tempo voa, Pompeu! Vá, vamos tratar das cruzes!

O perplexo proquestor viu-se de súbito numa azáfama que nunca conhecera sob o comando de Junco; no entanto, a sua pouca energia não deixava César satisfeito e César acabou por comprar madeira e por ordenar aos piratas que fizessem as suas próprias cruzes.

— E façam-nas bem feitas, escumalha, porque vão ficar pendurados nelas! Não há pior sorte do que passar dias a fio numa cruz à espera da morte, só porque a cruz não está bem feita!

— Porque é que o governador não nos quis vender como escravos? — perguntou Polígono, que era muito desajeitado em trabalhos braçais e que, por isso, sentia a maior dificuldade em construir a sua cruz. — Sempre pensei que seria essa a sua decisão.

— Pois enganaste-te — retorquiu César, tirando-lhe as cavilhas da mão e começando a prender a cruzeta à viga principal. — Como é que conseguiste chegar onde chegaste como pirata, Polígono? És de uma incompetência total!

— Alguns homens — retorquiu Polígono, apoiando-se numa pá — têm carreiras gloriosas precisamente por serem incompetentes.

César levantou-se, pois já terminara a cruz.

— Não é o meu caso! — disse ele.

— Já me tinha apercebido disso — disse Polígono, com um suspiro triste.

— Vá, começa a cavar!

— Para que é aquilo? — perguntou Polígono, deixando que César lhe tirasse a pá, enquanto apontava para uma pilha de calços de madeira.

— São calços! — retorquiu César, enquanto, com a pá, fazia voar a terra à sua volta. — Quando esta cova estiver suficientemente profunda para agüentar com o peso da cruz e do homem, a cruz será enterrada nela. Mas como a terra aqui é pouco firme para agüentar a cruz, fixaremos calços no chão à volta da base. Quando vocês estiverem mortos, a cruz sairá facilmente logo que tiremos os calços. Dessa forma, o governador poderá utilizar estes maravilhosos instrumentos de morte com o próximo grupo de piratas que eu capturar.

— A falar e a trabalhar ao mesmo tempo, não ficas sem ar?

— Tenho ar suficiente para trabalhar e falar ao mesmo tempo. Vá, Polígono, ajuda-me a enterrar a tua cruz na cova... Isso! — César recuou um pouco. — Agora, trata de aplicar os

calços. Como vês, a cruz está inclinada. — Arrumou a pá e pegou num maço.

— Não, não, do outro lado! Do lado onde a cruz está inclinada! Olha que de engenheiro não tens nada!

— Posso não ter nada de engenheiro — disse Polígono, com um sorriso franco —, mas não podes negar que sou esperto: até pus o meu carrasco a fazer-me a cruz!

César riu-se.

— E achas que não me apercebi disso, amigo? No entanto, há um preço a pagar. Há sempre um preço a pagar, como qualquerbom pirata deve saber.

A diversão tinha acabado. Polígono fitou fixamente César.

— Um preço?

— Os outros terão as pernas partidas. Morrerão depressa. Mas tu, em contrapartida, terás um pequeno descanso para os pés, para que o corpo não te pese muito. O que quer dizer, Polígono, que vais demorar dias a morrer!

Quando a galera rodense que seguira César desde Nicomédia entrou no rio que conduzia ao porto de Pérgamo, os remadores ficaram estupefactos e intimidados com o que viram. Em Rodes também havia execuções, mas a justiça ao estilo romano não entrara nos costumes da ilha; Rodes era um amigo e aliado, mas não pertencia a nenhuma província romana. Por isso, para aqueles homens, a visão de quinhentas cruzes plantadas num baldio entre o porto e o mar era tão estranha como monstruosa. Um campo de homens mortos — todos excepto um, o chefe, cuja cabeça estava ironicamente adornada com um diadema. O chefe dos piratas ainda gritava e gemia.

Quinto Pompeu permanecera em Pérgamo, pois só queria deixar a cidade quando César também partisse. O que o impedia de partir era a visão daquelas cruzes, como que uma floresta construída por um homem, em que todas as árvores eram iguais. As crucificações não eram invulgares — era assim que os escravos eram executados. Invulgar, isso sim, era uma crucificação em massa. E, no entanto, ali estava uma crucificação em massa, com as cruzes dispostas em filas, com espaços uniformes entre si. E o homem que conseguira organizá-la e executá-la em tão pouco tempo não poderia ser ignorado. Tal como não poderia ficar com o controlo de Pérgamo, mesmo que não oficialmente. Por isso, Quinto Pompeu preferiu esperar até que a frota de César partisse para Rodes e Patara.

Quando chegou a Nicomédia, o proquestor encontrou o governador perfeitamente extasiado; Junco tinha descoberto um esconderijo nos subterrâneos do palácio, cheio de barras de ouro; obviamente, guardara logo o ouro nos seus baús, ignorando que César e Oradaltis o tinham colocado ali de propósito.

— Pois bem, Pompeu, tu trabalhaste muito duramente na incorporação da Bitínia na Província da Ásia — disse-lhe Junco, com um ar magnânimo. — Por isso, acederei ao teu pedido. A partir de agora, podes usar o cognome de Bitínico.

Como este anúncio deixou Pompeu (Bitínico) num êxtase quase idêntico ao do governador, os dois homens foram jantar com a melhor das disposições.

Foi Junco quem primeiro falou de César, ainda que só no final do jantar.

— É o mentula mais arrogante que alguma vez encontrei! — disse Junco. — Negou-me uma parte dos despojos e, depois, teve a ousadia de me pedir autorização para crucificar quinhentos homens saudáveis que pelo menos me renderão algum dinheiro quando os vender no mercado de escravos!

Pompeu fitou-o fixamente, de queixo caído.

— Vender?!

— Sim, vender! Qual é o problema?

— Marco Júnio! Tu ordenaste que os piratas fossem crucificados!

— Não ordenei nada!

Pompeu (Bitínico) estava perfeitamente atrofiado.

— Cacat!

— Qual é o problema? — repetiu Junco, alarmado.

— César chegou a Pérgamo sete dias depois de ter falado contigo. E disse-me que tu o tinhas autorizado a crucificar os homens. Admito que fiquei um bocado surpreendido, mas nunca me passou pela cabeça que ele estivesse a mentir! Marco Júnio, ele crucificou todos os piratas!

— O quê?! Ele não se atrevia a fazer uma coisa dessas!

— Atreveu-se, sim, Marco Júnio! E com tal segurança, com tal descontracção...! Até me dava ordens, como se eu fosse seu criado! Eu disse-lhe que estava surpreendido com a tua autorização, mas ele reagiu com a maior calma e sem o mínimo sinal de desconforto ou culpa! com toda a franqueza, Marco Júnio, eu acreditei em tudo o que ele disse! E tu também não

mandaste nenhuma mensagem — acrescentou ele, engenhosamente.

Júnio estava mais que furioso; chorava até.

— Aqueles homens valiam dois milhões de sestércios! Dois milhões, Pompeu! E ele mandou mil talentos para o Tesouro sem sequer me informar disso antecipadamente, sem sequer me oferecer uma parte dos despojos! Agora,vou ter de pedir a minha parte ao Tesouro e tu sabes muito bem como é o Tesouro! Já terei muita sorte se a decisão do Tesouro beneficiar o meu bisneto! Enquanto ele — o fellator! — deve ter ficado com milhares de talentos! Milhares!

— Duvido — retorquiu Pompeu (Bitínico), tentando olhar para todo o lado menos para o desolado Junco. — Falei com o capitão dos navios de Rodes e, ao que parece, César deu mesmo todos os despojos a Rodes, Xantara e Patara. Havia grandes riquezas, mas nada comparado com um tesouro egípcio. Os Rodenses crêem que César ficou com muito pouco. Um dos libertos de César disse que ele gostava de dinheiro, mas que dava mais valor à sua carreira política do que ao dinheiro. Disse-me o mesmo homem, com um sorriso manhoso, que César nunca seria incomodado pelo Tribunal de Extorsão. Por outro lado, parece que ele tinha mesmo prometido aos piratas que os crucificaria, enquanto esperava pelo resgate. Pode vir a ser difícil provar que César ficou com o que quer que fosse dos despojos, Marco Júnio.

Junco limpou as lágrimas e assoou-se.

— E também não posso provar que ele levou alguma coisa de Nicomédia ou de qualquer outra cidade da Bitínia. Mas tenho a certeza que levou! Deve ter levado! Eu já conheci muitos homens virtuosos e posso jurar que César não é um deles, Pompeu! É demasiado convencido e arrogante para ser virtuoso! Age como se fosse o dono do mundo!

— Segundo o chefe dos piratas, que o achava uma criatura muito estranha, César agiu como se fosse o senhor do mundo mesmo durante o cativeiro. Dava-se ao luxo de insultar toda a gente com o humor mais requintado! O resgate foi fixado em vinte talentos mas César ficou furioso e respondeu que valia pelo menos cinqüenta talentos! E obrigou-os a subir o resgate para cinqüenta talentos!

— Sim, ele falou-me em cinqüenta talentos! Mas eu estava demasiado furioso com ele para reparar nisso! — disse Junco, abanando a cabeça. — Mas essa história do resgate é capaz de explicar tudo, Pompeu. Só posso tirar uma conclusão: o homem é louco! Cinqüenta talentos é o

resgate de um censor. Sim, o homem só pode ser louco.

— Ou talvez quisesse intimidar os cidadãos de Xanto e Patara, para que pagassem rapidamente — disse Pompeu.

— Não! Ele é louco! A sua loucura é alimentada pela vaidade. Ele sempre foi assim. — Uma expressão azeda veio perturbar a contenção de Junco. — Mas os motivos dele são irrelevantes. O que eu quero é que ele pague pelo que me fez! Ah, não posso crer! Dois milhões de sestércios!

Se César sentia alguma apreensão por causa das inimizades que as suas actividades estavam a provocar, a verdade é que o ocultava perfeitamente; quando o seu navio chegou finalmente a Rodes, pagou generosamente ao capitão, alugou uma casa confortável mas despretensiosa nos arredores da cidade e deu início às suas aulas com o grande Apolónio Molão.

Como esta vasta e independente ilha, situada perto da Província da Ásia, era uma encruzilhada na ponta oriental do mar Mediterrâneo, estava constantemente a receber notícias, boatos e mexericos; por isso, um estudante romano de visita a Rodes estava sempre a par do que sucedia em Roma ou da evolução dos acontecimentos em qualquer parte do mundo romano. Assim, César pôde saber da carta de Pompeu ao Senado e da reacção do Senado — incluindo a vibrante defesa de Pompeu feita por Lúculo; e soube também que o cônsul sénior do ano anterior, Lúcio Octávio, morrera em Tarso, pouco depois de ter chegado a essa cidade para governar a Cilícia. Mas era demasiado cedo para saber o que o Senado planeava fazer quanto à sua substituição. O testamento do rei da Bitínia agradara a todos os habitantes de Roma, desde as classes mais baixas às mais altas, mas, como César veio a saber em Rodes, nem toda a gente apoiara a integração da Bitínia na Província da Ásia; e as divergências não tinham terminado só porque Junco fora encarregado da incorporação da Bitínia. Lúculo e Marco Cota, os actuais cônsules, defendiam que a Bitínia fosse uma província separada, dotada do seu próprio governador, e Marco Cota gostaria de exercer esse cargo no ano seguinte.

Mas os cidadãos de Rodes interessavam-se mais pelas notícias locais; o que estava a acontecer no Ponto e na Capadócia tinha para eles uma importância muito maior do que os acontecimentos em Roma ou em Hispânia. Constava que depois de o rei Tigranes ter invadido a Capadócia, quatro anos antes, não ficara ninguém em Euzebeia Mazaca, pois o rei deportara todos os seus habitantes e

instalara-os em Triganocerta; o rei capadócio, que deixara uma má impressão a César, alguns anos antes, vivia no exílio em Alexandria desde a invasão; fora para Alexandria porque, segundo ele, Tarso ficava demasiado perto de Tigranes e Roma era demasiado cara para a sua bolsa.

Corriam insistentes boatos de que o rei Mitridates estava a mobilizar um novo e poderoso exército no Ponto, pois ficara furioso com a notícia de que a Bitínia caíra em poder de Roma; ninguém conhecia os pormenores dessa mobilização, mas uma coisa era certa: Mitridates continuava dentro das suas fronteiras.

Marco Júnio Junco também era alvo de boatos e mexericos. Dizia-se dele que confiscara os bens de alguns dos mais importantes cidadãos romanos da Bitínia — em particular, os residentes em Heracleia, no Euxino — e que o Senado já havia recebido queixas formais contra ele. Alegavam os queixosos que Junco andava a pilhar os principais tesouros do país.

Depois, no início de Junho, toda a Província da Ásia tremeu de medo; o rei Mitridates deixara o Ponto, atravessara a Paflagónia e acabara de chegar a Heracleia, na fronteira da Bitínia. Chegara a Roma a notícia de que o rei do Ponto tencionava conquistar a Bitínia. O sangue, a origem e a proximidade ditavam que a Bitínia pertencia ao Ponto, e não a Roma, e o rei Mitridates não descansaria enquanto o antigo reino de Nicomedes estivesse em poder de Roma! Porém, ao chegar a Heracleia, o vasto exército do Ponto deteve-se e aquietou-se; como de costume, depois de ter lançado o desafio a Roma, Mitridates recuara, e agora estava quieto e parado, esperando pela resposta de Roma.

Marco Júnio Junco e Quinto Pompeu (Bitínico) regressaram rapidamente a Pérgamo, onde passaram mais tempo a escrever longos relatórios para o Senado do que a preparar a Província da Ásia para uma nova guerra contra o Ponto. Sem nenhum governador na Cilícia, depois da morte de Lúcio Octávio, as duas legiões estacionadas em Tarso não fizeram qualquer movimento para ajudar a Província da Ásia e Junco também não as requisitou. As duas legiões de fimbrianos, estacionadas em Éfeso e Sardes, foram chamadas a Pérgamo, mas daí não saíram. Dizia-se que Junco queria defender a sua pele, e não a Bitínia.

César não pôs sequer a hipótese de se deslocar a Pérgamo, pois estava mais preocupado com as notícias de que a Província da Ásia não queria negociar com Mitridates, mas também não queria combatê-lo — a menos

que o governador desse ordens nesse sentido. Mas o governador não dava ordens nenhumas. As colheitas começariam em Quinctilis, na parte sul da província, e em Sextilis, na parte norte. No entanto, Junco continuava a não fazer nada. Nem sequer requisitava cereais para os seus soldados, numa altura em que a guerra era cada vez mais provável.

Em Sextilis, chegou a Rodes a notícia de que os dois cônsules, Lúculo e Marco Cota, haviam sido autorizados pelo Senado a negociar com Mitridates; de súbito, a Bitínia tornava-se uma província separada, governada por Marco Cota, ao passo que a Cilícia ia para Lúculo. Ninguém podia prever a sorte da Província da Ásia, pois o seu governador não passava de um pretor, rodeado pelos dois cônsules do ano. Lúculo e Marco Cota estavam acima de Junco e, por isso, este teria de fazer o que lhe mandassem. Mas Junco não agradava a Lúculo porque, para além de ineficiente, tivera desde sempre uma conduta censurável. As coisas estavam a correr muito mal para Junco.

Alguns dias depois, César recebeu uma carta do irmão de Lúculo, Varrão Lúculo.

Roma vive um clima de grande agitação, como podes imaginar. Escrevo-te, César, porque te encontras neste momento fora disto tudo e porque eu preciso de passar os meus pensamentos para o papel e não sou um cultor de diários e porque, de todos os meus eventuais correspondentes, é a ti que prefiro. Vejo-me obrigado a permanecer em Roma aconteça o que acontecer, a menos que os dois cônsules morram, e como o cônsul sénior é meu irmão e o cônsul júnior é teu tio, nenhum de nós desejaria que isso acontecesse. E por que razão sou obrigado a permanecer em Roma? Porque fui eleito cônsul sénior para o próximo ano! Excelente, ha? O meu colega júnior é Caio Cássio Longino — umbom homem, acho eu.

Comecemos pelas notícias locais. Provavelmente já sabes que o nosso mútuo amigo Caio Verres seduziu de tal modo o eleitorado e os encarregados dos sorteios que conseguiu ser pretor urbano. Mas sabes, por acaso, que conseguiu transformar esse cargo, normalmente ingrato, em algo de lucrativo? Depois de o plutocrata Lúcio Minúcia Basílio ter morrido sem deixar testamento, Verres teve de julgar as pretensões do parente mais próximo à herança. Este parente é um sobrinho, um tal Marco Sátrio. Mas imagina só quem contestou as pretensões de Sátrio? Nem mais nem menos do que Hortênsio e Marco Crasso, a quem Basílio alugara algumas propriedades particularmente ricas. Pois Hortênsio e Crasso foram ter com Verres e alegaram que Basílio ter-lhes-ia deixado essas propriedades se por acaso tivesse feito um

testamento! E Verres apoiou as pretensões deles! Hortênsio e Crasso ficaram mais ricos, Sátrio mais pobre. Quanto a Caio Verres, não é de crer que tenha agido por bondade, pois não?

Claro que este ano também temos um chato entre os nossos dez tribunos da plebe. O espécime deste ano é um homem muito peculiar, Lúcio Quíncio. Tem 50 anos, venceu na vida à custa de muito esforço, gosta de se vestir com uma túnica de púrpura de Tiro quando não é obrigado a usar a toga e, nos modos e no discurso, é de uma afectação absolutamente execrável. O colégio de tribunos ainda não tinha um dia de vida e já Quíncio arengava às multidões do Fórum sobre a restauração de todos os poderes do tribunado; entretanto, no Senado, todo o seu veneno se virava para o meu irmão.

Mas Quíncio agora já está muito mais calmo e bem-comportado. O meu querido irmão Lúculo enfrentou-o com a maior das habilidades, recorrendo, para usar os termos dele, a um ataque em duas frentes. Por um lado, atirou o tribuno da plebe do ano passado, Quinto Opímio, aos cães — os cães eram Catulo e Hortênsio, que processaram Opímio pelos seus constantes abusos de autoridade e conseguiram aplicar-lhe uma multa igual a toda a sua fortuna. Opímio ficou arruinado e foi obrigado a retirar-se da vida pública. Por outro lado, Lúculo, de uma forma branda e razoável, mas constante, tratou de incutir no espírito de Quíncio a ideia de que se não se calasse e moderasse o seu tom, acabaria por ser atirado aos cães Catulo e Hortênsio e apanharia uma multa tal que ficaria como Opímio. Este exercício demorou algum tempo, mas deu os melhores resultados.

Se pensas que, devido à tua ausência, caíste no esquecimento, estás completamente enganado, meu caro César. Toda a cidade de Roma fala do teu namoro com os piratas e da crucificação a que os condenaste, contra as ordens do governador. Parece que te estou a ouvir perguntar: O quê? Então em Roma já se sabe disso? Pois sabe! E não foi por Junco ter falado! O proquestor de Junco, aquele

Pompeu que teve o descaramento de acrescentar o cognome de Bitínico ao seu vulgaríssimo nome, escreveu a toda a gente a contar a história. Aparentemente, a intenção dele era fazer de Junco o herói da história. Mas os caprichos do povo são de tal ordem que toda a gente — até mesmo Catulo! — te considera o verdadeiro herói de toda aquela trama. Na realidade, chegou-se mesmo a falar em conceder-te uma Coroa Naval, mas Catulo não estava preparado para ir tão longe e lembrou os Pais Conscritos de que tu actuaste como um privatus e

que, por isso, não tinhas direito a receber uma condecoração militar.

Os piratas têm sido alvo de muitas discussões no Senado, este ano, mas, por favor, põe o teu ênfase mental na palavra ”discussão”. Ou porque Filipe parece atacado de uma letargia permanente, ou porque Cetego tem comparecido muito pouco às reuniões, ou porque Catulo e Hortênsio estão mais interessados nos tribunais do que no Senado, enfim, poderão ser muitas as razões, mas uma coisa é certa: o Senado, este ano, está uma verdadeira lesma. Tomar uma decisão? Oh, é impossível! Apressar as coisas? Oh, é impossível!

De qualquer modo, em Janeiro, o nosso preíor Marco António moveu mundos e fundos para que lhe fosse dada uma comissão especial, tendo em vista a erradicação da pirataria do Nosso Mar. A sua principal razão para pedir esta comissão especial parece ser o facto de, há trinta anos, o seu pai, o Orador, ter sido encarregado de uma missão idêntica. Não há dúvida que a pirataria atingiu níveis alarmantes e que, nestes tempos de escassez de cereais, temos de proteger as cargas de cereais que vêm do Oriente para Itália. No entanto, a maior parte de nós sentiu uma grande vontade de rir ao imaginar António — que não parece ser um monstro como o seu irmão Híbrida, mas que é certamente um idiota e um incapaz — com um comando tão importante como o da erradicação da pirataria de uma ponta à outra do Nosso Mar.

Para além de discussões intermináveis, nada mais aconteceu. Excepto que Metelo, o filho mais velho de Caprário (que é pretor este ano), também achou boa a ideia de Marco António e tratou de mover as suas influências para obter aquele comando. Quando tais influências se transformaram numa ameaça para António, com quem achas que António foi falar? Imagina só: com Précia! Sim, essa mesma, a amante de Cetego. Ela possui um domínio absoluto sobre Cetego — tão absoluto que, quando alguém precisa do apoio de Cetego, a primeira coisa que faz é cortejar Précia. Temos de concluir que Précia deve ter uma secreta inclinação por cretinos corpulentos e robustos — mais mentula que mente —, porque foi António quem ficou com o cargo! Metelo retirou-se da arena, com a sua auto-estima completamente desfeita, mas, ou me engano muito, ou voltará à luta um dia destes. Cetego estava tão interessado em apoiar António, que este acabou por conseguir um império ilimitado nos mares e um império proconsular em terra. Disseram-lhe que podia recrutar uma legião de tropas terrestres, mas que, quanto à frota, teria de requisitá-la às cidades portuárias da zona onde estivesse a combater. Este ano, será a ponta ocidental do Nosso Mar.

A crermos nas queixas das cidades portuárias ocidentais que o Senado começou já a receber, Marco António é melhor a extorquir dinheiro do que a erradicar piratas. Até agora, os seus feitos contra os piratas são incomparavelmente menores que os teus! Travou uma batalha ao largo da Campânia, clamando que obtivera uma grande vitória, mas, até agora, não vimos nenhuma prova dessa vitória, ou seja, não vimos um único esporão de navio ou um único prisioneiro. Creio que ameaçou Lipara e rugiu com toda a sua força nas Baleares, mas a costa oriental da Hispânia continua firmemente nas mãos dos piratas aliados de Sertório e a Ligúria ainda está por domar. De acordo com as queixas, Marco António gasta a maior parte do seu tempo e das suas energias em brigas e numa vida de luxo. No próximo ano — diz ele no último relatório que enviou ao Senado — irá para a ponta oriental do Nosso Mar, para Giteu, no Peloponeso. A partir desta base, acrescenta, atacará os mares de Creta, onde vogam as grandes frotas piratas. No fundo, acho que ele vai para Giteu porque Giteu é famosa pelo seu magnífico clima e pelas suas belas mulheres.

Mas agora vamos ao caso Mitridates.

A notícia de que o rei Nicomedes tinha morrido só chegou a Roma em Março — atrasada pelas tempestades de Inverno, ao que parece. O testamento foi imediatamente guardado no templo das Vestais e, por outro lado, Junco já tinha recebido instruções para incorporar a Bitínia na Província da Ásia logo que tu o informasses da morte do rei; daí que o Senado tivesse concluído que tudo deveria estar a correr como previsto. Porém, pouco depois, recebemos uma carta formal do rei Mitridates, dizendo que a Bitínia pertencia a Nisa, a idosa filha de Nicomedes, e que, por isso, marcharia sobre Nicomédia para dar o trono a Nisa. Ninguém levou a sério essa ameaça; há muito que não havia notícias da filha de Nicomedes. Enviámos então a Mitridates uma mensagem bastante dura, informando-o de que não reconhecíamos nenhum pretendente ao trono da Bitínia e ordenando-lhe que se mantivesse dentro das suas fronteiras. Normalmente, quando o ameaçamos ele fica com medo; daí que nunca mais se tenha pensado no caso.

Na realidade, houve alguém que continuou a pensar no caso: o meu irmão. Lúculo viveu tantos anos no Oriente que desenvolveu um faro muito apurado: e cheirava-lhe a guerra. Tentou mesmo falar no Senado da eventualidade de uma guerra — os senadores aproveitaram para dormir uma soneca. A província que Lúculo vai governar no próximo ano é a Gália Italiana.

Quando viu que era esse o resultado do sorteio do Dia de Ano Novo, ficou deliciado! O que mais temia, nesse momento, era que o Senado retirasse o governo da Hispânia Citerior a Pompeu e lho desse a ele! Foi por isso que ele defendeu Pompeu com tanto vigor — Lúculo queria tudo, menos ir para a Hispânia Citerior!

Porém, em fins de Abril, quando soube que Lúcio Octávio morrera em Tarso, o meu irmão pediu que lhe dessem o governo da Cilícia e que a Gália Italiana fosse atribuída a um dos seus pretores. Ia haver guerra contra Mitridates, insistiu ele. E como é que o Senado reagiu a estes presságios? com a maior letargia! com bocejos! Quem visse aqueles senadores, era capaz de pensar que afinal Mitridates não tinha massacrado oitenta mil pessoas na Província da Ásia, há apenas quinze anos! Ou que não tinha dominado toda a região, até que Sila correu com ele! Os senadores discutiram, discutiram, discutiram... Mas não conseguiram chegar a nenhuma conclusão.

Quando chegou a notícia de que Mitridates chegara a Heracleia com trezentos mil homens, era natural que acontecesse qualquer coisa, não era? Pois bem, nada aconteceu. O Senado não conseguiu chegar a acordo sobre o que deveria ser feito, quanto mais sobre quem deveria ir para o Oriente — a certa altura, Filipe levantou-se e sugeriu que o comando fosse entregue a Pompeu Magno! O qual (façamos-lhe justiça) está muito mais interessado em recuperar a sua reputação, que tão abalada ficou na Hispânia.

Por fim, o meu pobre irmão tomou uma decisão que o levou a sentir o maior desprezo por si mesmo — foi ter com Précia. Como podes imaginar, a sua abordagem dessa mulher foi completamente diferente da de Marco António. Lúculo é demasiado senhor do seu nariz para adular seja quem for e demasiado orgulhoso para pedir. Por isso, em vez de lhe oferecer presentes caros, suspiros lânguidos ou declarações de amor eterno, não usou de rodeios e foi direito ao assunto. O Senado, disse-lhe, estava cheio de tontos e ele estava farto de gastar o seu latim com aquela gente. Em contrapartida, sempre ouvira dizer que Précia era uma criatura não só bem educada, como também extremamente inteligente. Perceberia ela porque é que era necessário que alguém fosse negociar com Mitridates o mais depressa possível? Perceberia ela que a melhor pessoa para essa tarefa era Lúcio Licínio Lúculo? Se de facto percebia, importar-se-ia por acaso de dar um pontapé no traseiro de Cetego, para que este fizesse qualquer coisa para melhorar a situação? Pelos vistos, ela adorou que lhe dissessem que era mais inteligente e mais

polida do que qualquer membro do Senado (e é natural que tenha atirado à cara de Cetego que os senadores eram todos uns tontos!), pois deve ter dado a Cetego um pontapé monumental — e, num ápice, as coisas mudaram no Senado!

O governo da Gália Italiana foi entregue a um pretor (ainda por nomear) e a Cilícia foi entregue ao meu irmão. com ordens de seguir para o Oriente durante o seu consulado e de assumir as funções de governador da Província da Ásia no primeiro dia do próximo ano, sem abandonar a Cilícia. Estava previsto que Junco permanecesse na Província da Ásia, mas tal decisão foi cancelada. Junco volta para Roma no final do ano; houve tantas queixas quanto à sua conduta no pobre reino da Bitínia que o Senado acabou por se mostrar unânime no que toca a este caso.

Há apenas uma legião de tropas em Itália. Os seus homens estavam a ser recrutados e treinados para irem para Hispânia, mas afinal irão para o Oriente, com Lúculo. O pontapé que Précia deu em Cetego foi tão forte que os Pais Conscritos aprovaram a soma de setenta e dois milhões de sestércios para que Lúculo reunisse uma frota, ao passo que Marco António não recebeu dinheiro nenhum. Marco Cota foi nomeado governador da nova província romana da Bitínia, mas ele tem a marinha bitínia à sua disposição e, por isso, está perfeitamente bem quanto a navios —

daí que não lhe tivessem dado nenhum dinheiro! A que estado chegámos nós, César, se uma mulher tem já mais poder que os cônsules ?

O meu querido irmão cobriu-se de glória, recusando a oferta dos setenta e dois milhões de sestércios. Disse que as medidas que Sila tomara na Província da Ásia bastavam para as suas necessidades — requisitaria a sua frota às várias cidades e distritos da Província da Ásia e, depois, deduziria o seu custo dos tributos. Como há muito pouco dinheiro nos nossos cofres, os senadores agradeceram sinceramente ao meu irmão.

Estamos a chegar ao fim de Quinctilis e Lúculo e Marco Cota partirão para o Oriente dentro de menos de um mês. Felizmente que, segundo a constituição de Sila, os cônsules eleitos para o ano seguinte têm mais poder do que o pretor urbano; por isso, sou eu e Cássia que ficaremos à frente de Roma, em vez dessa horrenda criatura que dá pelo nome de Caio Verres.

A viagem decorrerá totalmente por mar — o que não é nada de especial, pois só há uma legião para transportar —, porque, no Verão, é mais rápido ir por mar do que atravessar a

Macedónia. Creio também que o meu irmão não quer ser detido por nenhuma campanha a oeste do Helesponto, como aconteceu com Sila. Ele acredita que Curió é capaz de enfrentar uma invasão da Macedónia pelas tropas do Ponto — o ano passado, Curió e Coscónio, na Ilíria, funcionaram como uma equipa e com tão bons resultados que esmagaram os Dárdanos e os Escordiscos e Cario está agora a lançar incursões contra os Bessos.

Lúculo deve chegar a Pérgamo em fins de Setembro. O que acontecerá depois, não posso prever. Nem o meu irmão.

Espero que tenhas ficado actualizado, César. Escreve-me, manda-me todas as notícias que tenhas — não creio que Lúculo tenha tempo para me manter informado!

A carta provocou em César um suspiro consternado; de repente, os exercícios respiratórios e a retórica tinham perdido todo o interesse. No entanto, não recebera nenhuma ordem de Lúculo e duvidava que alguma vez viesse a receber. Tanto mais que a sua história com os piratas já era conhecida em toda a Roma. Lúculo teria aprovado a proeza — mas não o seu autor. Lúculo gostava das coisas burocraticamente limpas, oficialmente claras. Um aventureiro privatus usurpando a autoridade do governador era coisa que não lhe agradava, por muito que compreendesse as razões de César.

Será que os nossos desejos têm influência na realidade?, pensava César no dia seguinte. Poderá um homem influenciar os acontecimentos através do poder dos seus desejos não expressos? Ou será tudo obra de Fortuna? Pois eu tenho sorte, sou um dos favoritos de Fortuna. E ei-la de novo comigo, a minha sorte. Uma grande oportunidade! E oferecida num momento em que ninguém poderá deter-me. bom, ninguém a não ser gente como Junco. Mas essa gente não conta.

Rodes insistia agora que Mitridates tinha lançado não uma, mas três invasões, cada uma das quais com origem em Zela, no Ponto, onde ele tinha o seu quartel-general e treinava os seus vastos exércitos. Era ele quem dirigia o grosso do exército, chefiando trezentos mil soldados de infantaria e cavalaria que desciam a costa da Paflagónia na direcção da Bitínia, e contando com o apoio dos seus primos Hermócrates e Taxiles — e de uma frota de mil navios (muitos dos quais piratas) sob o comando de um outro primo, Aristónico. Porém, um segundo exército comandado pelo sobrinho do rei, Diofanto, avançava pela Capadócia na direcção da Cilícia; esse exército integrava cem mil soldados. Havia ainda um terceiro exército, composto também por cem mil

homens, sob o comando de um outro primo de Mitridates, Eumaco, e do filho bastardo de Caio Mário, Marco Mário, que Sertório enviara para a corte do Ponto. Esta terceira força tinha ordens para penetrar na Frígia e tentar invadir a Província da Ásia pela porta das traseiras.

É pena, lamentou César, que Lúculo e Marco Cota não tenham podido saber destas notícias a tempo; as duas legiões que pertenciam à Cilícia estavam já a caminho de Pérgamo, por mar, cumprindo assim as ordens de Lúculo e deixando a Cilícia sem protecção nenhuma contra a invasão de Diofanto. Portanto, não havia nada a fazer excepto esperar que os acontecimentos obrigassem Diofanto a abrandar o seu ímpeto; encontraria pouca oposição na Capadócia, graças ao rei Tigranes.

As duas legiões de fimbrianos encontravam-se já em Pérgamo com o cobarde Junco e não havia qualquer probabilidade de que Junco as mandasse para Sul, para enfrentar Eumaco e Marco Mário; Junco queria as legiões para protegerem a sua fuga quando a Província da Ásia caísse em poder de Mitridates pela segunda vez em menos de quinze anos. E, sem umbom exército e umbom general para os comandar, os habitantes da Província da Ásia não resistiriam. Não podiam resistir. O mês de Sextilis estava a chegar ao fim, mas Lúculo e Marco Cota tinham ainda pelo menos um mês de viagem à sua frente — e esse mês, pensou César, revelarse-ia absolutamente vital para a Província da Ásia.

”Não há mais ninguém”, disse César para si mesmo.

O outro lado de César respondeu: ”Mas ninguém me agradecerá se eu tiver êxito.”

”Eu não faço isso para me agradecerem, mas por uma questão de satisfação pessoal.”

”Satisfação? Que queres dizer com isso?”

”Quero dizer que tenho de provar a mim mesmo que posso fazê-lo.”

”Não te vão adorar como adoraram Pompeu Magno.”

”Claro que não! Pompeu Magno é um picentino, sem importância alguma, nunca poderia ser um perigo para a República. Falta-lhe o sangue. Sila tinha o sangue. E eu também.”

”Sendo assim, por que hás-de correr riscos? Ainda acabas condenado por traição — e não vale a pena dizeres que não há traição nenhuma! Não é preciso que haja. As tuas acções serão alvo de todo o tipo de interpretações. Mas qual será a interpretação dominante?”

A de Lúculo.”

”Precisamente! Há muito que Lúculo te considera um indivíduo conflituoso e desordeiro. E continuará a considerar-te assim, se fizeres o que pensas fazer. Apesar de teres ganho uma Coroa Cívica. E não te congratules por teres tomado a sensata decisão de dar a maior parte dos despojos dos piratas — porque ainda ficaste com uma fortuna que não declaraste, e homens como Lúculo suspeitarão sempre disso.”

”Mesmo assim, tenho de o fazer.”

”Então, procura fazê-lo como um Júlio, e não como um Pompeu! Nada de fanfarras, nada de espalhafato, nada de gritos, nada de te mostrares inchado, mesmo que tenhas todo o êxito deste mundo!”

”Ou seja: o cumprimento do dever, sem qualquer alarido, unicamente para minha satisfação pessoal.”

Isso mesmo.”

César chamou Burgundo.

— Amanhã de manhã partimos para Prieno. Tu, eu e os dois escribas mais discretos. Um cavalo e uma mula para cada um de nós — ou melhor, para mim são três: o Dedos e um cavalo ferrado, tal como uma mula. Tu e eu precisaremos de armaduras e armas.

Longos anos ao serviço de César tinham imunizado Burgundo contra a surpresa.

— E Demétrio? — perguntou.

— Como não estarei muito tempo longe, não precisarei dele. Além disso, é preferível que fique aqui. É um mexeriqueiro.

— Apanhamos o próximo barco para Prieno ou alugamos um?

— Aluga. Pequeno, leve e muito rápido.

— Mais rápido que os navios piratas?

César sorriu. i — É evidente, Burgundo. Uma vez já me chegou.

A viagem durou quatro dias — Cnido, Mindo, Brânquidas, Prieno, na foz do rio Meandro. Foi a viagem por mar de que César mais gostou, uma viagem rápida num navio leve e veloz, impulsionado por cinqüenta remadores que remavam ao ritmo de um tambor, com os músculos peitorais e os ombros fortemente desenvolvidos por anos e anos desse mesmo exercício; o navio levava uma segunda tripulação e os homens revezavam-se antes de se sentirem cansados, comendo e bebendo sem restrições no intervalo do trabalho.

Chegaram a Prieno às primeiras horas da manhã e César foi logo ter com o etnarca, um homem de nome etíope, Mémnon.

— Presumo que não serias agora etnarca, depois de Mitridates ter reinado na Província da Ásia, se tivesses simpatizado com a sua causa — disse César, dispensando as habituais cortesias. — Portanto, devo perguntar-te: agrada-te a ideia de Mitridates voltar a dominar a tua cidade?

Mémnon recuou, surpreendido.

— Não, César! Claro que não!

— Óptimo. Nesse caso, Mémnon,vou pedir-te um grande esforço e no mais breve prazo.

— Tentarei. Que queres?

— Quero que convoques as milícias de Prieno e que peças a todas as cidades e comunidades, desde Halicarnasso a Sardes, que façam o mesmo. Quero o máximo de homens possível, o mais rapidamente possível. Quatro legiões, e todas elas comandadas pelos seus oficiais habituais. O ponto de encontro será Magnésia, junto ao Meandro, daqui a oito dias.

Mémnon julgou perceber o que se passava. E ficou radiante.

— Ah, finalmente! Finalmente o governador fez alguma coisa!

— Ah, sim, claro — retorquiu César. — Colocou-me à frente das milícias da Ásia, embora infelizmente não possa dispensar-vos mais militares romanos. Isto significa, Mémnon, que a Província da Ásia terá de lutar com os seus próprios meios e homens, em vez de ficar à espera de que as legiões romanas recebam os louros.

— Já não era sem tempo! — disse Mémnon, com um brilho marcial no olhar.

— É o que eu acho também. As milícias locais, treinadas pelos romanos e equipadas pelos romanos, são normalmente muito subestimadas. Mas, depois disto, garanto-te que as coisas mudarão.

— E quem vamos combater? — perguntou Mémnon.

— Contra um general do Ponto chamado Eumaco e um renegado hispânico chamado Marco Mário, que não tem nada a ver com o meu tio, o grande Caio Mário — mentiu César, que não queria que a sua milícia ficasse impressionada com aquele nome.

Mémnon tratou imediatamente de convocar as milícias asiáticas, sem pedir qualquer documento oficial, sem sequer se perguntar se César era realmente quem e o que dizia ser. Quando César espicaçava os outros, ninguém parava para lhe fazer perguntas.

Nessa noite, depois de se retirar para os seus aposentos em casa de Mémnon, César conferenciou com Burgundo.

— Meu velho amigo, não estarás a meu lado nesta campanha — disse ele. — E não vale a pena protestares que Cardixa deixará de te falar se tu não me protegeres! Preciso de ti para uma tarefa mais importante do que ficar a ver uma batalha sem nada poder fazer, porque não és um legionário romano, nem um miliciano local. Preciso que vás a Ancira falar com Deiotaro.

— O nobre da Galácia — disse Burgundo, aquiescendo. — Sim, lembro-me bem dele.

— E ele deve lembrar-se de ti. Nem mesmo entre os Gauleses da Galácia há homens tão altos e corpulentos como tu. Tenho a certeza de que ele sabe mais do que eu acerca dos movimentos de Eumaco e Marco Mário, mas não é para o avisares que eu quero que vás. Quero que lhe digas que estou a organizar um exército de milicianos asiáticos e quevou tentar atrair as forças pônticas ao Meandro. Algures junto ao Meandro, espero montar-lhes uma armadilha e derrotá-los. Se o conseguir, eles retirarão para a Frígia antes de tentarem uma nova invasão. Quero que digas a Deiotaro que ele nunca terá uma oportunidade melhor de correr de vez com o exército pôntico: mas é preciso que ele o apanhe na Frígia, enquanto se recompõe. Por outras palavras: diz-lhe que eu e ele agiremos como uma equipa. Se eu, na Província da Ásia, e ele, na Frígia, cumprirmos bem as nossas tarefas, então não haverá invasão da Província da Ásia ou da Galácia este ano.

— E como vou, César? Quer dizer, com que aspecto?

— Acho que devias ter o aspecto de um deus da guerra, Burgundo. Veste a armadura dourada que Caio Mário te deu, põe as maiores penas púrpuras que encontres no mercado na crista do teu capacete e canta uma canção germana, daquelas mais guerreiras, tão alto quanto puderes. Se encontrares soldados do Ponto, passa pelo meio deles como se eles não existissem. Tu, com o teu cavalo de Neso, serás a personificação do terror marcial.

— E depois de ter falado com Deiotaro?

— Voltas para ao pé de mim, seguindo o curso do Meandro.

Os cem mil soldados pônticos que tinham partido com Eumaco e Marco Mário de Zela,

no Ponto, tinham como primeira prioridade a infiltração na Província da Ásia. No entanto, para seguirem uma linha mais ou menos directa entre Zela e qualquer remota localidade frígia significaria atravessar a Galácia; ora Mitridates não se sentia muito seguro relativamente à Galácia: uma nova geração de chefes surgira entretanto, substituindo aquela que ele assassinara num banquete, cerca de trinta anos antes. Por outro lado, a autoridade pôntica sobre a Galácia era algo de muito tênue. Seria necessário um dia enfrentar aquela nova geração de Galacianos, descendentes de Gauleses, mas não era essa a sua primeira prioridade. Mitridates reservara os melhores soldados para as suas próprias divisões e, por isso, os soldados comandados por Eumaco e Marco Mário caracterizavam-se por uma grande falta de experiência guerreira. Uma campanha ao longo do Meandro contra comunidades desorganizadas de gregos asiáticos daria experiência e confiança às tropas.

Em conseqüência destas cogitações, o rei do Ponto manteve Eumaco e Marco Mário consigo enquanto avançava pela Paflagónia. Mitridates estava soberbamente equipado para esta investida contra Roma; nos celeiros pônticos, havia dois milhões de medimni de trigo, e um medimnus dava para produzir dois pães de meio quilo por dia durante trinta dias. Tinha, portanto, nos seus silos, trigo suficiente para alimentar todo o seu povo e todos os seus exércitos durante vários anos. Daí que não estivesse minimamente preocupado com o facto de levar consigo para a Paflagónia mais cem mil homens. Também não estava preocupado com os pormenores relativos ao transporte destas enormes quantidades de cereais e de outros víveres; isso era tarefa para os seus subordinados — estes, assim pensava Mitridates, limitar-se-iam a dar as ordens certas a outros subordinados, os quais executariam o transporte. Na realidade, estes diversos subordinados não tinham nem o treino nem a imaginação necessários para fazer aquilo que um praefectus fabrum executava com a maior naturalidade — ainda que nenhum general romano alguma vez tivesse posto sequer a hipótese de movimentar um exército com mais de dez legiões ao longo de tão extensas distâncias.

Consequentemente, quando Eumaco e Marco Mário separaram os seus cem mil homens dos trezentos mil homens de Mitridates, os abastecimentos eram já tão escassos que o rei se viu obrigado a mandar longas filas de homens buscar mais víveres para o exército; estas longas filas tinham de se deslocar muitos quilômetros para encontrar os alimentos precisos e, depois, regressavam com pesadas cargas aos ombros. O que implicava que muitos dos seus soldados

estavam permanentemente exaustos, por terem de trabalhar como carregadores. Disseram então ao rei que a frota levaria abastecimentos para Heracleia; em Heracleia, o problema ficaria resolvido.

No entanto, Heracleia não resolvia o problema de Eumaco e Marco Mário, que deixaram o grosso do exército para descerem o curso do rio Bileo, atravessaram uma cordilheira e emergiram no vale do Sangário. Nesta fértil região da Bitínia, já puderam comer em condições, à custa dos agricultores locais, mas depressa tiveram de partir para as terras altas, densamente florestadas e onde os vales cultivados eram poucos e pequenos.

Não admira, pois, que Eumaco e Marco Mário tivessem acabado por separar-se, devido à sua incapacidade para alimentar os cem mil soldados pônticos.

— Não vais precisar do exército todo para enfrentar uns quantos gregos asiáticos — disse Marco Mário a Eumaco. — E por certo não precisarás de cavalaria. Por isso,vou ficar no trio Tembris com alguns dos soldados de infantaria e com toda a cavalaria. Cultivaremos a terra e faremos batidas para encontrar comida. E esperaremos as tuas notícias. Mas faz por regressar no Inverno — e põe metade dos habitantes da Província da Ásia a trabalhar como carregadores! O Alto Tembris não fica muito longe das terras dos Tolistobógios Galacianos e, por isso, atacá-los-emos e aniquilá-los-emos na Primavera. Dessa forma, teremos muita comida da Galácia para comer no próximo Inverno.

— Não creio que o rei meu primo gostasse de te ouvir apoucar a sua gloriosa aventura militar, falando dela apenas em termos de comida — retorquiu Eumaco, mas sem qualquer altivez ou arrogância; tinha demasiado medo de Mitridates para conhecer a altivez ou a arrogância.

— O rei teu primo precisa desesperadamente de uma boa orientação romana: seria a única forma de ele saber, antecipadamente, como é difícil alimentar tantos homens numa marcha tão longa — replicou Marco Mário, imperturbável. — Mandaram-me para aqui para vos ensinar a arte da emboscada, mas, até agora, tudo o que fiz foi comandar um exército. E eu não sou um comandante profissional. Mas tenho algumbom senso e o que obom senso diz é que metade desta força tem de permanecer algures junto de um rio, que é onde há terras boas para cultivar e para arrecadar alimentos. É pena que o rei não goste de falar de uma campanha em termos de

comida! Se queres saber a minha opinião, sempre te digo que ele nem sequer vive na mesma terra que nós!

Perderam entretanto mais algum tempo enquanto Marco Mário se reinstalava, pois Eumaco recusou-se a partir enquanto não tivesse a certeza do local onde encontraria Mário, no seu regresso. E, assim, foi já em Setembro que Eumaco e os seus cerca de cinqüenta mil soldados de infantaria atravessaram as montanhas Díndimo e seguiriam depois um dos afluentes do Meandro. Naturalmente, quanto mais desciam o curso do rio, melhores eram as terras e os cultivos, o que era um estímulo para avançarem até que toda aquela rica região do mundo pertencesse de novo ao rei Mitridates do Ponto.

Como a maior parte das principais cidades ao longo do sinuoso rio ficava na sua margem sul, Eumaco seguiu pela margem norte, servindo-se de uma estrada pavimentada que principiava na cidade de Trípolis. Prometendo aos soldados que poderiam entregar-se ao saque e à pilhagem logo que a Província da Ásia estivesse segura, Eumaco passou por Nisa, a primeira grande cidade que encontraram, e continuou a seguir o curso do Meandro na direcção de Trales. Era impossível manter os homens completamente juntos durante a marcha, já que era preciso encontrar comida freqüentemente, e, por vezes, certas atracções, como um suculento rebanho ou um bando de gordos gansos, desencadeavam uma verdadeira caçada generalizada, provocando, nas tropas, uma agitação incontrolável.

De facto, aquele avanço, plácido e agradável, ao longo de terras muito produtivas, introduzira na marcha um elemento de festa. Os batedores que inspeccionavam a região duas vezes por dia, voltavam sempre com a mesma notícia: nenhum sinal de oposição. O que era natural, pensou Eumaco desdenhosamente, pois, a sul de Pérgamo, não havia nenhum foco de resistência! Todas as legiões romanas (até mesmo as da Cilícia) estavam aquarteladas nos arredores de Pérgamo, com a missão de protegerem a preciosa pessoa do governador; todos os generais pônticos sabiam disso há já algum tempo e Marco Mário confirmara-o, enviando batedores ao Caico.

Eumaco sentia-se tão seguro que nem sequer ficou preocupado quando, certa noite, os seus batedores não voltaram à hora habitual, uma hora antes do ocaso. A cidade de Trales estava agora mais perto deles do que Nisa, e as suaves ondulações do vale, por onde serpenteava o

Meandro, ganhavam àquela hora do dia uma coloração dourada, cobertas do restolho das colheitas. Eumaco deu ordens para passarem ali a noite. Não havia fortificações, não havia qualquer organização naquele improvisado acampamento; os homens limitaram-se a espalhar-se por aquelas terras junto ao rio, tagarelando, discutindo, lutando pelos melhores sítios.

Era já muito tênue a luz do dia quando quatro legiões de milicianos asiáticos, numa formação esplendidamente romana, caíram de surpresa sobre o exército pôntico, que ceava calmamente, provocando uma verdadeira carnificina. Embora houvesse dois pônticos para cada miliciano asiático, as tropas pônticas foram apanhadas tão desprevenidas que não ofereceram resistência.

Porque tinha cavalos e porque se instalara na ponta mais afastada do acampamento em relação ao ataque de César, Eumaco e os seus legados conseguiram fugir; sem se preocuparem com a sorte do exército, correram para o rio Tembris e para Marco Mário.

No entanto, a sorte não estava, nesse ano, do lado do rei Mitridates. Eumaco chegou ao Tembris a tempo de ver Deiotaro e os Tolistobógios atacarem o exército invasor de Marco Mário. Tratava-se essencialmente de uma batalha entre cavaladas. No entanto, não chegou a ser uma batalha renhida; os recrutas sármatas e cítios que se tinham alistado no exército do Ponto lutavam bem na estepe, mas tinham a maior dificuldade em manobrar no abrupto vale do Alto Tembris. Milhares desses recrutas morreram.

Em Dezembro, o que restava do exército frígio conseguira regressar a Zela sob o comando de Eumaco; Marco Mário fora procurar Mitridates, pois preferia contar pessoalmente ao rei o que sucedera do que enviar um relatório.

A milícia asiática ficou exultante e associou-se a toda a população do vale do Meandro nas celebrações da vitória, que duraram muitos dias.

No seu discurso às tropas antes da batalha, César tinha ressaltado o facto de que a Província da Ásia se estava a defender com os seus próprios meios, que Roma estava muito longe e não podia naquele momento ajudá-la, que, desta feita, a sorte da Província da Ásia dependia inteiramente dos Gregos Asiáticos. Falando no grego coloquial da região, espicaçou de tal modo os sentimentos de patriotismo e auto-suficiência que os vinte mil homens da Lídia e da Caria que conduzia acabaram por transformar a batalha contra Eumaco numa vulgar razia. Durante quatro nundinae, César treinara-os e disciplinara-os, durante quatro nundinae imbuíra-os da consciência

do seu próprio valor, e os resultados desse trabalho corresponderam em pleno às suas expectativas.

— Este ano, não aparecerão mais exércitos pônticos — disse ele a Mémnon, durante a celebração da vitória em Trales, dois dias após a derrota de Eumaco. — Mas no próximo ano é natural que apareçam. Ensinei-vos o que devem fazer e como o devem fazer. Agora, cabe aos homens da Província da Ásia defenderem-se a si mesmos. Roma terá tanto que fazer noutras frentes, que não poderá canalizar legiões ou generais para a Província da Ásia. Mas vocês agora sabem que são capazes de enfrentar sozinhos o inimigo.

— E isso, devemo-lo a ti — disse Mémnon.

— Não, de modo nenhum! Tudo o que vocês precisavam era de alguém que vos organizasse e atirasse para a frente e eu tive a sorte de estar disponível.

Mémnon inclinou a cabeça.

— Tencionamos construir um templo a Vitória o mais perto possível do local da batalha; fala-se já numa pequena colina nos arredores de Trales. Autorizas-nos a erigir uma estátua tua dentro do templo para que as pessoas nunca esqueçam quem as conduziu?

Mesmo que Lúculo estivesse presente e vetasse tal pedido, César não teria declinado tão singular honra. Trales ficava muito longe de Roma e não era uma das principais cidades da Província da Ásia; poucos (ou nenhuns) romanos da sua classe visitariam um templo a Vitória que, para além de não ser antigo, não deveria possuir grandes obras de arte. Mas uma tal honra, para César, tinha um grande significado. Aos 26 anos, teria uma estátua, adornada com todas as insígnias de um general, no interior de um templo dedicado a Vitória. Porque, aos 26 anos, conduzira um exército ao triunfo.

— Ficaria extremamente satisfeito — retorquiu ele, num tom grave.

— Nesse caso, pedirei a Glauco que te vá ver amanhã, a fim de tomar nota das tuas medidas. Glauco é umbom escultor. Trabalha nos estúdios de Afrodisíade, mas, como pertence à milícia, agora está cá connosco.vou pedir-lhe também que traga o pintor, para que este faça alguns esboços coloridos. Depois, poderás partir, caso tenhas algo a fazer noutro sítio qualquer.

César tinha de facto coisas a fazer noutro sítio. A principal era deslocar-se a Pérgamo, para falar com Lúculo antes que as notícias da vitória de Trales chegassem aos seus ouvidos por

outras vias. Como Burgundo regressara da Galácia sete dias antes da batalha, podia mandá-lo escoltar os dois escribas e o seu precioso Dedos até Rodes. Viajaria sozinho até Pérgamo.

Fez os cento e setenta e cinco quilômetros de seguida, parando apenas para mudar de cavalo; e mudou freqüentemente de cavalo,

de forma a conseguir fazer quinze quilômetros por hora, durante o dia, e dez quilômetros por hora, durante a noite. A estrada era romana e encontrava-se embom estado, e, embora a lua estivesse em quarto minguante, o céu não apresentava qualquer nuvem: sim, a sorte estava pelo seu lado. Tendo partido de Trales às primeiras horas do dia seguinte ao final da festa, chegou a Pérgamo nesse mesmo dia, três horas depois do ocaso. O mês de Outubro estava a chegar a meio.

Lúculo recebeu-o imediatamente. César considerou significativo que Lúculo o recebesse sem a companhia de Marco Cota, seu tio, que também estava no palácio do governador; contudo, a favor do cônsul, havia o facto de também não ter recorrido à companhia de Junco.

César estendeu a mão mas Lúculo rejeitou o cumprimento. O cônsul, aliás, nem o mandou sentar; a entrevista decorreu com os dois de pé.

— Que te traz aqui, César? Encontraste mais piratas? — perguntou Lúculo, num tom gélido.

— Piratas, não — retorquiu César, num tom sério. — Encontrei um exército de Mitridates. Desceu o Meandro e era constituído por cinqüenta mil homens. Soube da chegada desse exército antes de tu chegares ao Oriente, mas achei que não valia a pena informar o governador, cujo acesso à informação é melhor que o meu, mas que, apesar disso, nada tinha feito para defender o vale do Meandro. Por isso, pedi a Mémnon de Prieno que convocasse todas as milícias asiáticas — o que, como sabes, ele pode fazer, desde que seja instruído nesse sentido por Roma. E ele não tinha a mínima razão para pensar que eu não estava a agir em nome de Roma. Em meados de Setembro, os chefes das cidades da Lídia e da Caria tinham reunido uma força de vinte mil homens, que treinei e preparei para a guerra. O exército pôntico entrou na província na segunda metade de Setembro. Sob o meu comando, a milícia asiática derrotou o príncipe Eumaco perto da cidade de Trales, há três dias. Quase todos os soldados pônticos foram mortos ou capturados, embora o príncipe Eumaco tenha conseguido escapar. Soube, entretanto, que um outro exército pôntico, chefiado pelo espanhol Marco Mário, tinha pela frente os

Tolistobógios, chefiados pelo tetrarca Deiotaro. Deveras receber em breve notícias sobre a vitória, ou a derrota, de Deiotaro. É tudo — concluiu César.

O rosto alongado de Lúculo, com os seus gélidos olhos cinzentos, não exibiu qualquer espanto.

— Creio que já chega, César! Porque não notificaste o governador? Não tinhas maneira de saber o que ele estava ou não estava a planear!

— O governador não passa de um idiota incompetente e corrupto. Sei muito bem como ele é. Quando ele quisesse fazer alguma coisa — e duvido que quisesse —, seria já demasiado tarde. Eu sabia disso. E foi por isso que não o informei. Não queria que ele estorvasse os meus movimentos, porque sabia que podia fazer o que era preciso muito melhor do que ele.

— Excedeste a tua autoridade, César. De facto, não tinhas nenhuma autoridade para exceder.

— É verdade. Portanto, não excedi nada.

— Isto não é uma competição de sofistica!

— Se calhar era melhor que fosse. Que queres que eu diga? Eu não sou velho, Lúculo, mas já conheço bem estes indivíduos que Roma manda para as suas províncias, dotados de império, e não creio que Roma seja melhor servida pela obediência cega a homens como Junco, Dolabela ou Verres, do que é por homens como eu, com ou sem império. Eu percebi o que havia a fazer e fi-lo. Devia acrescentar: fi-lo, sabendo que ninguém me agradeceria. Fi-lo, sabendo que seria repreendido, ou talvez mesmo levado a tribénal por uma pequena traição.

— Segundo as leis de Sila, não há traições pequenas.

— Nesse caso, por uma grande traição.

— Por que razão vieste ver-me? Para me rogar clemência?

— Preferia morrer!

— Tu não mudas!

— Para pior, não mudo.

— Não posso concordar com o que fizeste.

— Não esperava que concordasses.

— Mas, mesmo assim, vieste ver-me. Para quê?

— Para informar o magistrado comandante, como é meu dever.

— O teu dever como membro do Senado de Roma, presumo eu — disse Lúculo. — Embora devesses ter tido o mesmo comportamento para com o governador. No entanto, não sou injusto e já compreendi que Roma tem razões para te agradecer a tua rápida acção. Em circunstâncias similares, é possível que eu tivesse agido da mesma maneira — desde que garantisse, antecipadamente, que não estava a afrontar o império do governador. Para mim, o império de um homem é muito mais importante do que as suas qualidades. Censuraram-me alguns pelo facto de o rei Mitridates ter lançado esta terceira guerra contra Roma, invocando que, se isso estava a acontecer agora, era porque eu me tinha recusado a ajudar Fímbria a capturar Mitridates em Pitane, permitindo dessa forma que Mitridates fugisse. Tu terias colaborado com Fímbria, baseado na ideia de que os fins justificam os meios. Mas eu considerei que não podia reconhecer o representante de um governo romano ilegal. Os meus princípios levaram-me a recusar a ajuda a Fímbria. Os meus princípios levam-me a apoiar todo e qualquer romano investido de um império. E, para concluir, devo dizer que te acho muito parecido com um outro jovem que também tem ideias fantásticas e que dá pelo nome de Cneu Pompeu, autocognonimado de Magno. Mas tu, César, és muitíssimo mais perigoso do que qualquer Pompeu. Tu nasceste para ser chefe.

— Que estranho — interrompeu César. — Eu disse exactamente essas palavras. Sem tirar nem pôr.

Lúculo lançou-lhe um olhar intimidante.

— Não te vou processar, César, mas também não te vou propor para nenhuma condecoração. A batalha travada em Trales será referida em termos muito breves nos meus despachos para Roma. Direi que foi travada pela milícia asiática, sob comando local. O teu nome não será mencionado. Aliás, nem sequer te nomearei para a minha equipa, nem permitirei que qualquer outro governador te escolha para as suas equipas.

César escutara tudo isto com um ar inexpressivo e ausente, mas quando Lúculo, com um gesto abrupto, indicou que a entrevista tinha acabado, a expressão de César alterou-se. Era uma expressão firme e obstinada.

— Não estou interessado em que refiras o meu nome como comandante da milícia

asiática. Mas faço questão que refiras o meu nome durante toda a campanha no Meandro. Se não for recrutado, não poderei reivindicar esta campanha, a minha quarta campanha. Estou decidido a servir em dez campanhas antes de disputar o cargo de questor.

Lúculo fitou-o espantado.

— Mas tu não precisas de disputar esse cargo! Já estás no Senado!

— De acordo com a lei de Sila, tenho de ser questor antes de ser pretor ou cônsul. E, antes de ser questor, tenciono levar a cabo dez campanhas.

— Há muitos homens que foram eleitos questores e que nunca fizeram as dez campanhas obrigatórias. Já não estamos nos tempos de Cipião Africano e Catão, o Censor! Ninguém se vai dar ao trabalho de contar as tuas campanhas quando o teu nome surgir nas eleições questoriais.

— No meu caso — insistiu César — haverá sempre alguém interessado em contar as minhas campanhas. A forma como hei-de conduzir a minha vida está traçada. Não receberei nada por favor; tudo o que receber, será contra uma forte oposição. Sou melhor que os outros e superarei todos. Mas nunca o farei, isso te juro, inconstitucionalmente. Seguirei o cursus honorum exactamente como a lei prescreve. E se eu tiver servido em dez campanhas, obtendo na primeira a Coroa Cívica, quando disputar o cargo de questor, serei o candidato mais qualificado. Estarei no primeiro lugar para ser eleito: e esse é o único lugar que acho aceitável depois de tantos anos como senador.

com os seus olhos pétreos, Lúculo fitou aquele belo rosto, aqueles olhos tão parecidos com os de Sila, e compreendeu que não podia esticar mais a corda.

— Por todos os deuses, a tua arrogância não conhece limites! Está bem, eu referirei o teu nome nos relatórios sobre a campanha e sobre a batalha.

— Tenho esse direito.

— Um dia ainda tropeças, César!

— Impossível! — retorquiu César, rindo-se.

— São observações desse género que te tornam detestável.

— Não percebo porquê, se estou a dizer a verdade.

— Só mais uma coisa.

Prestes a partir, César virou-se e enfrentou de novo o cônsul.

— Sim?

— Este Inverno, o procônsul Marco António vai mudar o seu teatro de comando contra os piratas da ponta ocidental do Nosso Mar para a ponta oriental. Julgo que tenciona concentrar-se nos mares de Creta. O seu quartel-general será em Giteu, onde alguns dos seus legados se encontram já a trabalhar — Marco António tem de reunir uma vasta frota. Ora, tu és precisamente o melhor de todos nós no que toca à obtenção de frotas. Eu sei-o por causa das tuas actividades na Bitínia e Vátia Isáurico também o sabe, por causa das tuas actividades em Chipre. Rodes ficou por duas vezes a dever-te favores! Se queres acrescentar mais uma campanha ao teu currículo, apresenta-te imediatamente em Giteu. O teu posto — conforme direi a Marco António — será de tribuno militar júnior e ficarás hospedado em casa de um cidadão romano de Giteu. Se eu souber que resolveste fazer as coisas à tua maneira ou que excedeste o teu estatuto júnior de alguma forma, juro-te, Caio Júlio César, que te levarei ao tribunal militar de Marco António! E não penses que não consigo convencê-lo! Depois de teres processado o irmão dele, Marco António ficou-te com um ódio de morte! Claro que podes recusar a comissão. Tens esse direito, como cidadão romano. Mas é a única comissão militar que vais conseguir, depois de eu escrever umas quantas cartas. Eu sou o cônsul. Isso significa que o meu império é superior a qualquer outro império, incluindo o do cônsul júnior — por isso, escusas de tentar obter uma comissão junto do teu tio, César!

— Estás a esquecer-te — retorquiu César, afavelmente — de que o império aquático de Marco António é ilimitado. Creio que, no mar, ele tem mais poder que o cônsul sénior do ano.

— Nesse caso, farei o possível por não vogar nas mesmas águas que ele — retorquiu Lúculo, já farto. — Vai ver o teu tio Cota antes de partires.

— O quê? Então não me dás dormida?

— A única dormida que eu te daria, César, foi a que pertenceu a Procrustes.

Momentos depois, dizia César ao seu tio, Marco Aurélio Cota:

— Eu sabia que a guerra contra Eumaco me provocaria problemas. Mas nunca pensei que Lúculo fosse tão longe. Ou talvez deva dizer que pensava que seria perdoado ou julgado por traição. Em vez disso, Lúculo preferiu retaliações pessoais, com o objectivo de afectar a minha carreira.

— Eu não tenho qualquer influência nas decisões dele — retorquiu Marco Cota. —
Lúculo é um autocrata. Mas tu és igual a ele.

— Não posso ficar, tio. Tenho ordens para partir imediatamente. Irei para Rodes,
suponho eu, depois de me instalar em Giteu e tem de ser numa casa de um cidadão romano!
Francamente,
as exigências do teu colega sénior são extraordinárias! Terei de mandar os meus libertos
para casa, incluindo Burgundo. Lúculo não me autorizou a viver em Giteu com um mínimo de
condições.

— Muito curioso! Desde que tenha bastante dinheiro na bolsa, até mesmo um
contubernalis pode viver como um rei. E imagino — disse Marco Cota, com um ar malicioso —
que, depois das tuas escaramuças com os piratas, podes dar-te ao luxo de viver como um rei.

— Não, tio, fiquei sem nada. Foi uma decisão inteligente, escolher António. Os
Antónios não gostam nada de mim. — César suspirou. — E imagina só: deu-me um cargo júnior!
Eu que devia ser pelo menos tribunus militum, mesmo que não eleito!

— Se queres que gostem de ti, César... oh, mas que disparate! Para quê dar-te conselhos?
Conheces mais respostas do que eu conheço perguntas, e sabes muito bem como conduzir a tua
vida. Se estás com problemas, foi porque os procuraste — e com total consciência do que estavas
a fazer.

— Admito que sim, tio. Mas agora tenho de ir. Preciso de arranjar um quarto nesta
cidade, antes que todas as hospedarias fechem as portas. Como vai o tio Caio?

— Não prorrogou o seu governo da Gália Italiana, apesar de a província precisar de um
governador. Caio já fez que chegue. E espera triunfar.

— Desejo-te sorte para a Bitínia, tio.

— Suspeito quevou precisar muito dela — retorquiu Marco Cota.

Foi em meados de Novembro que César chegou à pequena cidade portuária de Giteu,
no Peloponeso, verificando, desde logo, que Lúculo não perdera tempo; toda a gente sabia já da
sua vinda e dos termos que Lúculo lhe impusera para cumprir mais uma campanha.

— Mas que raio é que tu fizeste? — perguntou-lhe o legado Marco Mânio, que estava
encarregado da organização do quartel-general de António.

— Chateei Lúculo — disse apenas César.

— Não podias ser um bocadinho mais claro?

— Não.

— Que pena! Morro de curiosidade! — Mânio descia a estreita rua pavimentada ao lado de César. — Pensei que era melhor mostrar-te primeiro a casa onde vais ficar. Por acaso até nem é má de todo. É uma velha mansão, pertencente a dois velhos viúvos romanos, chamados Aprónio e Canuleio. As esposas deles eram irmãs — mulheres de Giteu — e, quando a segunda irmã morreu, mudaram-se os dois para aquela casa. Quando chegaram as ordens foi logo neles que pensei, porque eles têm imenso espaço livre e vão estragar-te com mimos. São uns velhos doidos, mas muito simpáticos. Embora tu não vás ficar em Giteu por muito tempo. Olha que não invejo a tua missão, andar atrás dos gregos a pedir-lhes barcos! Mas como os teus papéis dizem que és o melhor de todos na matéria, quer-me parecer que vais conseguir.

— Pois a mim também me quer parecer quevou — concordou César, com um sorriso.

Obter navios de guerra no Peloponeso não era uma missão propriamente desagradável para um homem que mergulhara a fundo na leitura dos clássicos gregos: seria Pilos realmente arenosa? As muralhas de Argos teriam sido realmente construídas por titãs? Havia uma espécie de encantamento intemporal no Peloponeso que tornava o presente irrelevante, como se os deuses mais não fossem que crianças de colo, quando comparados com as gerações de homens que ali tinham vivido. E embora fosse um especialista em criar inimizades entre os grandes de Roma, sempre que lidava com homens mais humildes César suscitava afectos imediatos.

A sua missão foi correndo lentamente durante o Inverno, mas a um ritmo que, na opinião de César, António dificilmente poderia criticar. Em vez de aceitar promessas, o melhor angariador de frotas do mundo requisitava todos os navios de guerra que visse e depois obrigava as cidades a assinar contratos garantindo a construção de galeras e a sua entrega em Abril, no porto de Giteu. Marco António, pensava César, não estaria pronto para nada antes de Abril, já que não deveria partir de Massília antes de Março.

Em Fevereiro, a equipa do Grande Homem começou a preparar cuidadosamente a sua chegada e César — com os olhos abertos de espanto e uma tremura de raiva nos lábios — ficou com uma ideia mais concreta de como eram as campanhas de Marco António. Dado que Giteu não possuía, supostamente, uma boa residência para o chefe, a equipa pensou construir uma

residência na praia banhada pelo golfo de Lacónia, em frente da bela ilha de Cítera. A residência devia possuir piscinas, quedas-d'água, fontes, banhos de chuveiro, aquecimento central e interiores revestidos a mármore multicolor, mármore que teria, naturalmente, de ser importado.

— Não vão conseguir acabá-la antes do Verão — disse César a Mânio. — Não seria melhor oferecer ao Grande Homem hospedagem na casa de Aprónio e Canuleio?

— Ele não vai ficar nada contente quando vir que a casa não está pronta — retorquiu Mânio, que achava a situação tão divertida como César. — Mas olha que os habitantes locais estão a adoptar uma atitude muito grega e muito louvável, tendo em conta o dinheiro que a cidade está a gastar na construção daquela monstruosidade sibarítica: estão a pensar alugá-la por somas astronômicas a todas as grandes personalidades que por aqui passem depois de António se ir embora.

— Podes crer que tratarei de espalhar o mais possível a fama desta monstruosidade sibarítica — disse César. — No fim de contas, este é um dos melhores climas do mundo, ideal para uma longa cura de repouso ou para a prática secreta dos vícios mais indecentes.

— Francamente, gostava que eles recuperassem o dinheiro gasto! — disse Mânio. — Quanto dinheiro mal gasto! Atenção: eu não disse aquilo que acabaste de ouvir!

— O quê? O que é que disseste? — gritou César, com a mão atrás do ouvido, fingindo-se de surdo.

Quando Marco António chegou, encontrou o porto de Giteu cheio de navios de todo o tipo (César aceitara mesmo navios mercantes, pois sabia que António tinha uma legião de tropas de terra para transportar) e a sua villa apenas meio pronta. No entanto, não havia nada que pudesse afectar a sua disposição freneticamente jovial; bebera tanto e tão pouco que, desde que deixara Massília, não conseguira ter um momento de sobriedade. Tanto quanto o seu fascinado legado Marco Mânio e o seu tribuno militar júnior Caio Júlio César podiam entender, a ideia que António tinha de uma campanha consistia em assaltar os órgãos genitais do máximo número possível de mulheres com uma arma que, segundo constava, era particularmente poderosa. Uma vitória, no léxico deste tipo de campanha, significava os gemidos de protesto femininos perante o vigor do bombardeamento e o tamanho do aríete.

— Por todos os deuses! Mas que imbecil! E que incompetente! — disse César para as

paredes do seu confortável quarto, na
casa de Canuleio e Aprónio. Não se atreveria a fazer um tal comentário perante ouvidos humanos.

Claro que César tivera o cuidado de insistir junto de Marco Mânio para que referisse as suas actividades de angariador de frotas nos relatórios enviados ao Senado; por isso, quando recebeu uma carta da mãe em fins de Abril, poucos dias depois de António ter chegado, pôde suspirar de alívio, pois ficou a saber que podia deixar Giteu com mais uma campanha no currículo.

O tio mais velho de César, Caio Aurélio Cota, regressado da Gália Italiana no início desse ano, morrera na véspera do seu triunfo. Deixando — para além de muitas outras coisas — uma vaga no Colégio dos Pontífices, ele que era o pontífice com mais tempo de permanência no cargo. E embora Sila tivesse promulgado que o colégio devia ser formado por oito plebeus e sete patrícios, por altura da morte de Caio Cota continha nove plebeus e apenas seis patrícios, devido à necessidade de Sila premiar este ou aquele homem com um cargo de pontífice ou de augure. Normalmente, quando um pontífice plebeu morria, o colégio substituía-o por outro plebeu; porém, tendo em vista restaurar os números previstos pela lei, os membros do colégio decidiram cooptar um patrício. E escolheram precisamente César.

Tanto quanto Aurélia podia saber, a escolha de César decorria do facto de que nenhum elemento da família Júlia era membro do Colégio dos Pontífices ou do Colégio dos Augures desde os assassínios de Lúcio César (um augure) e César Estrabão (um pontífice), trinta anos antes. Havia a ideia generalizada de que o filho de Lúcio César preencheria a próxima vaga do Colégio dos Augures, mas (segundo Aurélia) ninguém pensara alguma vez em César para o Colégio dos Pontífices. O informador de Aurélia era Mamerco, que lhe dissera ainda que a decisão não fora unânime; Catulo opusera-se, tal como Metelo, o filho mais velho de Caprário. Porém, depois de muitos augúrios e de uma consulta aos livros proféticos, César venceu.

A parte mais importante da carta da mãe era uma mensagem de Mamerco. Dizia este que, se César quisesse assegurar o seu pontificado, deveria regressar a Roma para a consagração e a tomada de posse o mais depressa possível; caso contrário, era possível que Catulo levasse o colégio a mudar de ideias.

Registada a sua quinta campanha, César juntou as suas bagagens sem o mínimo pesar.

As únicas pessoas de quem sentiria saudades
eram os seus anfitriões, Aprónio e Canuleio, e o legado Marco Mânio.
— Embora deva confessar — disse ele a Mânio — que gostaria de ver aquela
monstruosidade sibarítica no máximo da sua glória.
— Ser pontífice é muito mais importante — retorquiu Mânio, que só agora começava a
aperceber-se da importância de César; aos olhos de Mânio, César sempre parecera um indivíduo
prático e despretensioso, louco por trabalho e extremamente eficiente. — Que vais fazer depois
de assumires o teu lugar no colégio?
— Procurar um propretor humilde com uma guerra difícil entre mãos — disse César.
— Lúculo agora é procônsul, o que significa que não pode dar ordens aos outros governadores.
— Hispânia?
— Não. A Hispânia daria demasiado nas vistas. Os relatórios que o Senado recebe vêm
quase todos de lá. Não,vou ver se Marco Ponteio precisa de um jovem e brilhante tribuno militar
na Gália Transalpina. Ele é um vir militaris. E os viri militarii são sempre homens sensatos.
Ponteio não se preocupará com o que Catulo pensa de mim. Vai querer, muito simplesmente,
que eu trabalhe. Nada mais. — De repente, havia alguma tristeza na sua expressão. — Mas há
outras prioridades. A primeira de todas é processar Marco Júnio Junco.vou levá-lo ao Tribunal de
Extorsão.
— Junco? Não sabes o que sucedeu? — perguntou Mânio.
— O que é que sucedeu?
— Junco morreu! Não chegou a voltar a Roma. Naufragou.
Aquele homem era trácio, mas não era trácio. No ano em que César deixou Giteu para
assumir o seu pontificado, este trácio que não era trácio fez e entrou na cena da História.
Tinha uma origem respeitável, ainda que sem nada de ilustre. O pai, um campaniano de
Vesúvio, fora um daqueles homens que, ao abrigo da lex Plautia Papiria, promulgada durante a
Guerra Italiana, recebera a cidadania romana por não ter pegado em armas contra Roma.
Na história familiar do jovem (uma história essencialmente campesina), não havia nada
que pudesse explicar a paixão que ele sentia pela guerra e por tudo o que fosse militar. Mas o
certo é que o pai percebeu desde logo que este seu segundo filho se alistaria nas legiões mal
fizesse 17 anos. Contudo, como gozava de alguma

influência, o pai conseguiu um lugar de cadete para o filho na legião que Marco Crasso recrutara para Sila, depois de este ter desembarcado em Itália e lançado a sua guerra contra Carbão.

O rapaz, sob um regime marcial, não deixou de desenvolver rapidamente as suas capacidades, a tal ponto que se distinguiu em batalha ainda antes de fazer 18 anos; foi então transferido para uma das legiões de veteranos de Sila e, pouco tempo depois, era promovido a tribuno militar júnior. No final da última campanha, na Etrúria, propuseram-lhe a desmobilização, mas ele preferiu alistar-se no exército de Caio Coscónio, enviado para a Ilíria para submeter as tribos dos Delmatas.

De início, ficara fascinado com a região e com o tipo de guerra praticado. Rapidamente acrescentou várias armillae e phalerae ao seu já extenso rol de condecorações militares. Até que Coscónio ficou parado durante dois anos por causa de um cerco; a cidade portuária de Salonas não se rendia, nem combatia. Para aquele jovem, o cerco de Salonas constituía uma perda de tempo, algo de intoleravelmente entediante. Mas o seu rumo estava traçado: queria seguir uma carreira no exército como vir militaris — um Homem Militar. Caio Mário começara como um Homem Militar... e acabara por ser cônsul sete vezes! E, no entanto, via-se agora obrigado a passar meses e meses nas cercanias de uma massa inerte de tijolo, sem fazer nada, sem ir para lado nenhum.

Pediu a sua transferência para a Hispânia, porque, como muitos dos seus companheiros, sentia-se fascinado pelas proezas de Sertório. Contudo, o legado que comandava a sua legião, muito pouco compreensivo, recusou o seu pedido. O tédio, porém, era de tal modo insuportável, que o jovem apresentou um segundo pedido de transferência. E, pela segunda vez, o seu pedido foi recusado. Após este choque, a sua conduta deteriorou-se. Ganhou fama por insubordinação, por beber, por se ausentar do acampamento sem autorização. Mas tudo isso se desvaneceu quando Salonas caiu e o general Coscónio começou a colaborar com Caio Escribónio Curió, governador da Macedónia, numa gigantesca operação destinada a obter a submissão total dos Dárdanos. Ah, agora já lhe agradava mais!

O incidente que levou à queda do jovem foi classificado como insurreição e o legado pouco compreensivo revelou-se, afinal, um inimigo secreto. O jovem — tal como muitos outros — foi levado

ao tribunal militar de Coscónio e julgado pelo crime de motim. O tribunal deu as acusações como provadas. Se ele não fosse um cidadão romano, a sentença teria automaticamente consistido em açoitamento e execução. Mas como era romano e oficial com um estatuto de tribuno júnior — e possuía muitas condecorações importantes —, o tribunal ofereceu-lhe duas alternativas. Perderia a sua cidadania, evidentemente; mas podia escolher entre ser açoitado e condenado a um exílio permanente, e tornar-se gladiador. Compreensivelmente, optou pela segunda hipótese. Assim, poderia pelo menos ir para casa. Sendo originário da Campânia, sabia tudo o que era preciso saber sobre gladiadores; as escolas de gladiadores concentravam-se à volta de Cápua.

Enviado para Aquileia, com mais sete homens condenados pelo mesmo motim e que tinham escolhido igual destino, foi comprado por um negociante e mandado para Cápua, onde seria vendido em hasta pública. Contudo, não era sua intenção revelar o seu antigo estatuto romano. O pai e o irmão mais velho não gostavam dos combates entre gladiadores e nunca iam a jogos funerários; poderia por isso viver relativamente perto da quinta do pai sem que a família suspeitasse sequer da sua nova vida. Por isso, resolveu escolher umbom nome, um nome curto, com um som marcial e evidentes conotações guerreiras: Espártaco. Sim, que bem soava aquele nome! Espártaco! E nesse momento jurou que Espártaco se tornaria um gladiador famoso, que seria procurado por todos os apreciadores de combates de Itália, que seria um herói de Cápua, recebido sempre em triunfo, com as raparigas da cidade penduradas nos seus braços, e com muitos, muitos convites para jantar nas casas ilustres da cidade.

No mercado de Cápua, foi vendido ao lanista de uma escola famosa, propriedade do consular e ex-censor Lúcio Márcio Filipe; percebia-se por que razão o tinham comprado: era alto, tinha um corpo magnificamente desenvolvido — as barrigas das pernas, as coxas, o peito, os ombros e os braços —, um pescoço como o de um touro, uma pele bronzeada, tão suave como a de uma rapariga, embora com algumas cicatrizes muito interessantes; além disso, tinha uma bela cabeça, com cabelo louro e olhos acinzentados; e movia-se com uma certa graça principesca, tinha, enfim, um porte verdadeiramente régio. O lanista, que pagou cem mil sestércios por ele, em nome de Filipe (o qual, naturalmente, não estava presente:

Filipe nunca vira nenhum dos quinhentos gladiadores que tanto lucro lhe davam), pensou, mal viu Espártaco, que aquele era um gladiador nato. Filipe, com ele, não poderia perder.

Havia apenas dois estilos de gladiador, o trácio e o gaulês. Examinando Espártaco, o lanista teve dificuldade em decidir que tipo de treino o jovem deveria seguir, se o trácio, se o gaulês. Normalmente, era o físico do homem que ditava a resposta; mas Espártaco era um espécime tão esplêndido que tanto poderia ser um lutador trácio como um lutador gaulês. Contudo, os gauleses tinham habitualmente mais cicatrizes e corriam maiores riscos de mutilações perpétuas; e o preço pago fora muito elevado. Daí que o lanista tivesse optado pelo estilo trácio. Era preciso que Espártaco mantivesse intacto aquele belo corpo: assim, logo que ganhasse fama, o seu preço não pararia de subir. Tinha uma cabeça nobre, por isso ficaria melhor sem nada em cima dela. E os lutadores trácios não usavam capacete.

Os treinos começaram. O lanista, que era um homem cauteloso, certificou-se primeiro de que as proezas atléticas de Espártaco eram o que aquele corpo prometia. Só depois encomendaria a armadura, revestida a prata e com relevos de ouro. Espártaco usava uma tanga escarlate, presa na cintura por um cinturão de couro preto, e empunhava o sabre encurvado de um cavaleiro trácio. As canelas eram protegidas por grevas que chegavam às coxas, o que o impedia de se mover tão rápida e seguramente como o seu adversário, o Gaulês — e precisava de mais inteligência e de capacidade de coordenação para ultrapassar tais obstáculos. No braço direito, usava uma manga de couro, incrustada de escamas metálicas, e segura por correias que eram atadas ao peito e à volta do pescoço; a manga chegava ainda à sua mão direita, até aos nós dos dedos. O seu equipamento era completado por um pequeno escudo redondo.

Tudo foi fácil para Espártaco. Claro que havia já algum mistério à volta dele (os sete militares condenados pelo mesmo tribunal tinham tido destinos diversos), já que ele nunca falara da sua carreira militar e o que o agente de Aquileia dissera na sua carta era extremamente vago. No entanto, falava o latim e o grego da Campânia, era razoavelmente instruído e mostrava ter conhecimentos muito precisos de como funcionava um exército. O lanista começou a ficar preocupado, prevendo que aquele homem lhe ia trazer complicações. Todo ele era um guerreiro: até mesmo nos treinos,

com uma espada de madeira e um escudo de couro. O primeiro braço adversário que partiu em vários sítios podia perfeitamente ter sido um deslize; porém, depois de muitos ossos partidos — de tal modo que cinco doctores tiveram de ficar inactivos durante vários meses —, o lanista mandou-o chamar.

— Presta bem atenção ao que te vou dizer — disse o homem, num tom razoável. —
Tens de ver o combate na arena como um jogo e não como uma guerra. Isto é um desporto! Os Etruscos inventaram-no há um milhar de anos e, ao longo dos séculos, a tua profissão sempre foi considerada como uma profissão honrosa e altamente especializada. Que, aliás, só existe em Itália. Quando um homem morre, os seus parentes organizam, não os jogos que Aquiles celebrou em honra de Pátroclo, e que consistiam em corridas, saltos, pugilismo e luta, mas sim uma competição particularmente solene, com o aspecto de um desporto guerreiro e o objectivo de premiar o homem atleticamente mais capaz.
O jovem gigante escutou aquilo com um rosto inexpressivo, mas o lanista reparou que a sua mão direita não parava de abrir e fechar, como que ansiando pelo toque da espada.
— Estás a ouvir-me, Espártaco?
— Sim, lanista.
— O doctor é o teu treinador e não o teu inimigo. E deixa-me que te diga, umbom doctor é muito difícil de arranjar! Graças ao teu excessivo entusiasmo, tenho agora menos cinco doctores do que há um mês atrás e não encontro substitutos à sua altura. Ah, sim, claro que eles vão sobreviver! Mas dois deles ficaram completamente incapacitados para o exercício da sua profissão! Espártaco, tu não estás a combater os inimigos de Roma! E derramar rios de sangue não é o objectivo deste jogo! O que as pessoas vêm ver é um desporto — uma actividade física de ataque e parada, de força e graciosidade, de habilidade e inteligência. Os cortes e feridas que todos os gladiadores sofrem já deitam sangue suficiente para excitar o público, o qual não vem ver dois homens matar-se um ao outro — ou cortar os braços um ao outro! O público vem ver um desporto. Um desporto, Espártaco! Uma competição que envolve proezas atléticas, nada mais. Se o público quisesse ver os gladiadores a matar-se ou a mutilar-se uns aos outros, iria para um campo de batalha — e os deuses bem sabem que a Campânia já foi palco de demasiadas batalhas! — Fez uma pausa para examinar
Espártaco e acrescentou: — Será que entrou alguma coisa do que eu disse nessa cabeça? Já estás a perceber melhor?
— Sim, lanista — retorquiu Espártaco.
— Então vai-te embora e continua a treinar, mas porta-te bem! Gasta as tuas energias com as almofadas e os bonecos de madeira e, da próxima vez que combateres contra um doctor

com a tua espada de madeira, concentra-te nos belos movimentos da luta e não em partir os ossos aos outros!

Como era suficientemente inteligente para entender o que o lanista lhe explicara, Espártaco concentrou-se durante algum tempo nos rituais e cerimoniais de puro movimento — e isso até lhe deu algum prazer. Os desconfiados e apreensivos doctores que contra ele combatiam puderam verificar, com a maior satisfação, que Espártaco não procurava partir-lhes os ossos, mas que, pelo contrário, se entusiasmava com a coreografia da luta, com todos aqueles movimentos de belo efeito que tanto excitavam as multidões. O lanista precisou ainda de bastante tempo para acreditar que Espártaco estava curado da sua sede de sangue; porém, ao fim de seis meses, resolveu integrá-lo numa lista de cinco pares que deveriam participar nos jogos fúnebres de um dos Gutas de Cápua. Como era um espectáculo local, o lanista poderia assistir, poderia ver com os seus próprios olhos como é que Espártaco se comportava na arena.

O gaulês que defrontou Espártaco (eram o terceiro par a lutar) estava perfeitamente ao seu nível; possuía um corpanzil esplêndido e era mesmo um pouco mais alto. Usando apenas uma pequena tanga, o gaulês lutava com um escudo enorme e ligeiramente encurvado e uma espada de gume duplo. O elemento mais vistoso do seu equipamento era o capacete, um magnífico capacete de prata com abas que protegiam as faces e um resguardo para o pescoço, tendo a coroá-lo um peixe de esmalte, maior do que a convencional pluma.

Espártaco nunca tinha visto o gaulês; numa escola tão grande como a de Filipe, os únicos homens com que um aprendiz de gladiador contactava eram os doctores, o lanista, e os colegas. Porém, Espártaco fora informado antecipadamente de que o seu primeiro adversário era um lutador experiente que já participara pelo menos em dúzia e meia de jogos e que era extremamente popular em Cápua, a arena que costumava freqüentar.

As coisas correram bem para o novo gladiador nos primeiros momentos do combate; apesar de o seu traje de lutador trácio lhe dificultar os movimentos, Espártaco, fazendo círculos lentos, conseguiu escapar aos primeiros golpes do gaulês. Reparando no belo rosto e no corpo hercúleo de Espártaco, algumas das mulheres entre o público suspiravam e mandavam-lhe beijos; Espártaco começava já a formar o núcleo de um futuro grupo de devotadas adeptas. Mas como o lanista só permitia que um gladiador tivesse contactos com mulheres depois de ter obtido algumas vitórias, Espártaco, sequioso desses contactos, ficou desconcentrado com tantos beijos.

A certa altura, ergueu demasiado o seu pequeno escudo redondo e o gaulês, movendo-se como uma enguia, fez-lhe um golpe profundo na nádega esquerda.

E foi o fim de tudo, ou seja, o fim do gaulês. com um movimento de uma rapidez estonteante, Espártaco girou sobre a sua perna esquerda e brandiu o seu sabre encurvado contra o pescoço do adversário. A lâmina penetrou com tal força que atingiu a coluna; a cabeça do gaulês caiu para o lado, bateu contra o ombro e assim ficou suspensa, com os olhos escancarados de horror mexendo ainda as pálpebras e os lábios contorcendo-se e revolvendo-se, como que macaqueando grotescamente os beijos que as mulheres, momentos antes, tinham atirado a Espártaco. Ouviram-se gritos de pavor e uma onda gigantesca pareceu varrer a multidão, enquanto algumas pessoas desmaiavam, outras fugiam e outras ainda vomitavam.

Espártaco foi imediatamente conduzido para o quartel.

— Ora aqui está a prova de que nunca serás um gladiador! — atirou-lhe o lanista.

— Mas ele feriu-me! — protestou Espártaco. O lanista abanou a cabeça.

— Como pode uma pessoa tão inteligente ser tão estúpida? — perguntou. — Estúpido é o que tu és! Estúpido, estúpido, estúpido! com o teu aspecto, com a tua habilidade natural, podias ser o gladiador mais famoso de toda a Itália — ganhavas facilmente dinheiro, eu ganhava elogios e Lúcio Márcio Filipe via crescer a sua fortuna! Mas tu nunca poderás ser um grande gladiador, simplesmente porque és estúpido! Tão inteligente e tão estúpido! Vais-te já embora hoje.

— Vou-me embora? Para onde? — perguntou o lutador trácio, ainda furioso. — Tenho de cumprir o serviço gladiatorial até ao fim!

— Ah, e vais cumprir! — retorquiu o lanista. — Mas não aqui. Lúcio Márcio Filipe possui uma outra escola, mais afastada de Cápua, e é para aí que te vou mandar. É um estabelecimento pequeno e muito, muito agradável — tem cerca de cem gladiadores, uns dez doctores e o mais famoso dos lanistas. Cneu Cornélio Lêntulo Baciato. O velho Baciato, o bárbaro. É da Ilíria. Comparado comigo, Baciato é uma taça de veneno puro.

— Nãovou morrer por isso — replicou Espártaco, imperturbável. — Não posso morrer.

Ao alvorecer do dia seguinte, uma carroça fechada veio buscar o banido, que entrou nela rapidamente e que, mal a porta foi trancada, descobriu que a única comunicação existente

entre o interior e o exterior eram umas estreitas fendas entre as pranchas de madeira. Era um prisioneiro que nem sequer podia ver para onde ia! Um prisioneiro! Tão estranha e horrenda era tal ideia para um romano que, quando a carroça penetrou nos formidáveis portões da escola gladiatorial de Cneu Cornélio Lêntulo Baciato, o prisioneiro estava todo esfolado e ferido e meio inanimado de tanto se atirar contra as pranchas de madeira da carroça.

Isso sucedera um ano antes. Espártaco fizera 25 anos na outra escola e 26 dentro das muralhas daquela fortaleza a que os seus colegas, por ironia, chamavam a Villa Baciato. De facto, na Villa Baciato, não havia lugar para mimos! O número exacto de alunos variava ligeiramente mas os livros, habitualmente, registavam cem gladiadores — cinqüenta trácios e cinqüenta gauleses. Para Baciato eles não eram indivíduos — apenas trácios e gauleses. Todos eles tinham vindo de outras escolas depois de terem praticado algum delito — normalmente rebelião ou excessiva violência — e viviam como escravos das minas, excepto que, dentro da fortaleza, não eram agrilhoados; por outro lado, eram bem alimentados, tinham camas confortáveis e até podiam ter relações com mulheres.

Mas tratava-se de verdadeira escravatura. Cada um daqueles homens sabia que permaneceria na Villa Baciato até morrer, mesmo que sobrevivesse aos combates; quando já eram demasiado velhos para combater, punham-nos a trabalhar como doctores ou criados. Não recebiam qualquer salário e, quando Baciato precisava de fazer dinheiro (o que era muito freqüente), nem tinham o direito de curar as suas feridas: os combates sucediam-se a um ritmo imparável.

É que Baciato era aquele que fazia os preços mais baixos; quem tivesse meia-dúzia de sestércios e quisesse honrar um parente morto com jogos fúnebres, pensava logo em Baciato. E como os preços eram baixos, esses jogos eram, na sua maior parte, puramente locais.

A fuga de Villa Baciato era praticamente impossível. O seu interior estava dividido em muitas áreas pequenas, cada uma das quais separada das outras, e nenhuma das partes por onde os gladiadores podiam andar dava acesso às altas muralhas, coroadas por espigões de ferro com a ponta virada para cima. A fuga no exterior, ou seja, durante os combates, era também praticamente impossível; cada homem era acorrentado nos pulsos e nos tornozelos, tinha uma argola de ferro à volta do pescoço, viajava numa carroça sem janelas e, quando tinha de caminhar, era escoltado para todo o lado por um grupo de arqueiros, prontos a disparar as suas setas. Só

quando entrava na arena é que o gladiador se via livre das grilhetas e, mesmo assim, os arqueiros vigiavam-no de perto.

Quão diferente era aquela vida da vida de um vulgar soldado das arenas! Esse podia deixar o seu quartel, era acarinhado, podia tornar-se o ídolo das mulheres, e sabia que estava a juntar umbom pé-de-meia. Lutava apenas cinco ou seis vezes ao ano e, ao fim de cinco anos ou trinta combates, retirava-se. Havia até homens livres que escolhiam ser gladiadores, embora a grande massa fosse constituída por desertores ou amotinados das legiões; e eram muito poucos aqueles que iam para as escolas já condenados à escravatura. Todos estes cuidados e atenções deviam-se ao facto de que um gladiador treinado era um investimento muito dispendioso e, por isso, tinha de ter um tratamento especial para que o dono da sua escola arrancasse, todos os anos, um belo lucro.

Na escola de Baciato, as coisas eram completamente diferentes. Baciato não se preocupava se um homem lambia a serradura da arena no seu primeiro combate ou se combatia regularmente durante dez anos. Os homens com muito mais de vinte anos não eram aceites como gladiadores e a vida de arena durava um máximo de dez anos; aquele era um desporto para jovens. Nem mesmo Baciato mandava homens grisalhos para a arena; a multidão (e a pessoa que, em honra de um parente falecido, contratava os gladiadores) gostava que os lutadores fossem homens ainda vigorosos e ágeis. Uma vez retirado das arenas, o gladiador da Villa Baciato não tinha outra hipótese senão permanecer dentro dos seus muros.

Um destino horrível, tendo em conta que um gladiador normal, quando se retirava, podia fazer o que muito bem lhe apetecia; normalmente ia para Roma ou para outra grande cidade e trabalhava como guarda-costas ou segurança.

A vida na Villa Baciato era marcada por uma sucessão de tarefas rotineiras, anunciadas pelo batimento de uma barra de ferro num círculo igualmente de ferro, e distribuídas de acordo com instruções escritas na parede de uma das zonas de exercícios, demasiado alto para que ninguém sentisse a tentação de apagá-las. Os cerca de cem homens eram fechados ao pôr do Sol em celas de pedra. Cada uma das celas albergava sete e oito homens e não possuía qualquer comunicação com as celas vizinhas — nem mesmo o som penetrava aquelas paredes. Nenhum homem permanecia no mesmo grupo; a distribuição dos homens pelas celas era arranjada de tal modo que cada homem tinha, todas as noites, seis ou sete novos companheiros. Tão engenhoso

era o esquema de permutações de Baciato que um homem novo na escola tinha de esperar um ano para conseguir conhecer todos os outros homens. As celas eram asseadas e equipadas com camas confortáveis, possuindo ainda uma antecâmara onde havia um banho, água corrente e os bacios necessários. Quentes no Inverno e frescas no Verão, as celas eram usadas apenas entre o ocaso e o nascer do Sol. Durante o dia, eram limpas por escravos com quem os homens não tinham qualquer contacto.

Ao nascer do Sol, os homens eram acordados pelo som das portas a abrir-se e logo davam início às suas rotinas diárias. Durante todo o dia, o gladiador estaria ligado ao grupo com quem passara a noite anterior, ainda que, em qualquer circunstância, as conversas estivessem proibidas. Cada grupo tomava o pequeno-almoço no pátio murado que ficava em frente da sua cela; se estivesse a chover, o pequeno pátio era coberto com um abrigo de couro. Depois dos primeiros exercícios, um doctor dividia os homens do grupo em pares — lutadores gauleses contra trácios, se possível —, os quais travavam duelos com espadas de madeira e escudos de couro. Concluídos estes duelos, seguia-se a principal refeição do dia — consistindo de pratos de carne, pão fresco à discrição, umbom azeite, fruta e legumes da época, ovos, peixe salgado, uma espécie de caldo de leguminosas empapado com pão, e toda a água que um homem podia beber. De vinho, nem o cheiro. Depois da refeição, os homens descansavam em silêncio durante duas horas, antes de começarem a polir as armaduras, a tratar do couro, a consertar botas, ou a executar qualquer outra tarefa de manutenção; todas as ferramentas eram escrupulosamente recolhidas e guardadas e, durante esses trabalhos, os gladiadores eram vigiados por arqueiros. Uma terceira refeição, mais leve, seguia-se a um conjunto de exercícios particularmente duros, e, por fim, chegava a hora de cada um daqueles homens ir passar a noite com o seu novo grupo.

Baciato mantinha na sua fortaleza cerca de quarenta escravas, cujo único trabalho, para além de tarefas pouco pesadas nas cozinhas, consistia em satisfazer os apetites sexuais dos gladiadores, que eram visitados por essas mulheres de três em três noites. Também aqui as coisas estavam programadas ao milímetro. Um homem iria para a cama sucessivamente com as quarenta mulheres; em fila, as sete ou oito mulheres escolhidas para uma cela entravam nesta sob escolta e cada uma delas dirigia-se imediatamente para a cama que lhe fora destinada — e terminada a relação sexual, a mulher não podia ficar por mais tempo nessa cama. A maior parte dos homens

era capaz de ter, pelo menos, três ou quatro relações sexuais durante a noite; mas tinha de ser sempre com uma mulher diferente. Consciente de que, nesta actividade, residia o perigo terrível de que algum tipo de afeição se desenvolvesse, Baciato mantinha um vigilante nas celas escolhidas (um trabalho de que nenhum criado tinha medo, pois as celas estavam iluminadas durante a noite) e certificava-se de que as mulheres iam mudando de parceiro e de que os homens não procuravam manter conversa.

Os cem gladiadores não residiam todos na fortaleza ao mesmo tempo. Entre um terço e metade deles encontrava-se na estrada — uma existência que todos eles odiavam, pois as condições não eram tão confortáveis como na Villa Baciato e, quanto a mulheres, não havia nenhuma. Mas a ausência de um grupo permitia que as mulheres tivessem dias de descanso (rigorosamente calendarizados — Baciato tinha uma paixão por esquemas e programas e permutações) e, àquelas que estavam em adiantado estado de gravidez, dava-lhes tempo para terem os seus filhos antes de voltarem ao serviço. Só eram dispensadas do trabalho durante o último mês

antes do parto e o primeiro mês depois, o que implicava que as mulheres fizessem o possível por não ficar grávidas e que muitas das que ficavam recorressem imediatamente ao aborto. Os bebês eram separados das mães à nascença; se fosse uma menina, o seu destino era o monte de lixo da Villa Baciato; se era um rapaz, levavam-no imediatamente a Baciato para que este o inspeccionasse. Baciato tinha muitas clientes ansiosas por comprar uma criança do sexo masculino.

A chefe das mulheres era trácia, de seu nome Aluso. Era uma sacerdotisa dos Bessos e possuía um temperamento guerreiro. Fora uma das prostitutas de Baciato durante nove anos e tinha mais ódio ao amo do que qualquer gladiador da escola. A menina que dera à luz durante o seu primeiro ano na Villa Baciato teria sido, segundo a sua cultura tribal, a sua sucessora no lugar de sacerdotisa, mas Baciato ignorara os seus rogos aflitos para que a deixasse ficar com o bebê e mandara-o atirar para o lixo. Depois disso, Aluso tomara remédios preventivos da gravidez e nunca mais engravidara. Mas o seu ódio nunca se esbatera e continuava a jurar que Baciato havia de ser castigado pelo mal que lhe fizera.

Tudo isto significava que Cneu Cornélio Lêntulo Baciato era um dos homens mais eficientes e meticulosos que a cidade dos gladiadores alguma vez conhecera. Nada lhe escapava,

tomava todas as precauções, não deixava passar o mínimo pormenor. E essa era uma das razões por que aquela escola para gladiadores pouco recomendáveis tinha tanto êxito. A outra razão era a capacidade de Baciato como lanista. Não confiava em ninguém, a não ser em si mesmo. Por isso guardava a única chave que dava acesso à fortaleza de pedra onde se encontravam as armaduras e as armas; era ele quem tratava de todos os contratos; era ele quem tratava das eventuais viagens; era ele quem escolhia todos os arqueiros, escravos, armeiros, cozinheiros, lavadeiras, prostitutas, doctores e assistentes; era ele quem tratava da contabilidade; e só ele se encontrava com o proprietário da escola, Lúcio Márcio Filipe — que nunca visitava o seu estabelecimento, pois era Baciato quem ia ter com ele a Roma. Baciato era também o único dos velhos empregados de Filipe que sobrevivera à colossal remodelação que Pompeu impusera, anos antes, aos negócios de Filipe; de facto, Pompeu ficara tão impressionado com Baciato que lhe pedira para aceitar o cargo de director-geral das actividades de Filipe.

Mas Baciato, com um sorriso, recusara o convite; ele adorava o seu trabalho.

No entanto, o fim da Villa Baciato começou a desenhar-se quando Espártaco e mais sete gladiadores regressaram de um torneio em Larino, no final do mês de Sextilis, no ano em que César deixou Giteu e o serviço de Marco Aurélio para assumir o seu pontificado.

Larino fora uma experiência fascinante, mesmo para oito homens confinados a uma carroça-prisão e agrilhoados do princípio ao fim da viagem, excepto, como é evidente, durante os combates. No final do ano anterior, um dos homens mais proeminentes de Larino, Estácio Álbio Opiânico, fora processado pelo seu enteado, Aulo Cluêncio Hábito, por tentativa de homicídio. O julgamento decorrera em Roma e, graças a ele, Roma ficou a conhecer uma horripilante história de assassínios em massa que se vinham registando há mais de vinte anos. Opiânico, ficou Roma a saber, era responsável pelo assassínio das suas mulheres, dos filhos, irmãos, enteados, primos e outros familiares; cada um destes crimes fora cometido ou encomendado com o objectivo de acumular dinheiro e poder. Amigo de Marco Licínio Crasso, um aristocrata fabulosamente rico, Opiânico quase fora absolvido; o tribuno da plebe Lúcio Quíncio envolveu-se no caso e uma avultada soma fora entretanto distribuída para subornar o júri de senadores. O facto de Opiânico ter sido, afinal condenado devia-se unicamente à avareza do homem que se encarregara dos subornos, o mesmo Caio Élio Estaieno que tão útil fora a Pompeu alguns anos antes — e que ficara com noventa mil sestércios quando Caio António Híbrida o contratara para

subornar nove tribunos da plebe. Estaieno era incapaz de cumprir honestamente os mais desonestos dos contratos; por isso, ficou com o dinheiro que Opiânico lhe deu para subornar o júri e deixou que Opiânico fosse condenado.

Larino continuava ainda a falar da perfídia de Opiânico quando os gladiadores se deslocaram à cidade para participar, quase um ano depois, em mais um torneio — é que, durante muitos anos, tinha havido demasiados jogos fúnebres em Larino. Por isso, enquanto comiam, acorrentados a uma mesa, no pátio de uma estalagem local, os gladiadores escutaram com o maior interesse as conversas dos quatro arqueiros que os vigiavam. Embora não estivessem autorizados a falar uns com os outros, era evidente que falavam. O tempo e a muita prática permitiam-lhes manter breves conversas entrecortadas por longos silêncios; por outro lado, um tema como aquele — assassínios em massa entre as classes altas de Larino — constituía uma oportunidade rara para falarem entre si, pois os seus vigilantes estavam tão entusiasmados com a conversa que nem reparavam nos gladiadores.

Apesar dos tremendos obstáculos levantados pela meticulosidade obsessiva de Baciato, Espártaco — um veterano já, pois estava há mais de um ano na Villa Baciato — ia lentamente reunindo todas as peças necessárias para lançar uma evasão de todos os gladiadores — e o assassínio de todos aqueles que os oprimiam. Já conhecia toda a gente e aprendera a comunicar com pessoas que não podia ver diariamente — ou mesmo mensalmente. Se Baciato criara uma complicada teia que impedia as suas prostitutas e os seus gladiadores de se conhecerem bem, Espártaco construíra uma teia igualmente complicada, que permitia que as prostitutas e os gladiadores passassem entre si ideias, informações e comentários, favoráveis ou críticos. De facto, o sistema de Baciato permitira que Espártaco fizesse um uso positivo destes contactos forçosamente indirectos; um uso positivo, porque as diversas personalidades envolvidas, com tão poucos contactos, dificilmente entrariam em choque, e porque, num tal contexto, ninguém pensaria em suplantar Espártaco como chefe da anunciada revolta.

Espártaco começara a apalpar o terreno no início do Verão e agora, no fim do Verão, os seus planos estavam já claramente definidos. Todos os gladiadores, sem excepção, tinham concordado em participar na insurreição, caso Espártaco conseguisse arquitectar uma evasão em massa; quanto às prostitutas — uma parte vital do plano de Espártaco —, não podiam estar mais de acordo.

Havia dois desertores romanos que compreendiam tão bem como Espártaco a disciplina e os métodos militares. Através da sua rede de informações, Espártaco nomeara-os seus legados no processo de evasão. Eram lutadores gauleses e tinham adoptado os nomes de Crixo e Enómao, porque o público detestava que os gladiadores usassem nomes latinos — isso fazia lembrar às pessoas que a maior parte dos heróis da arena eram desertores romanos. Por um acaso, Crixo e Enómao encontravam-se com Espártaco em Larino, uma dádiva para este último, já que assim pudera adiar por uns dias a data da sua projectada insurreição.

A revolta seria lançada oito dias depois do regresso de Larino, fosse qual fosse o número de gladiadores presentes na Villa Baciato. Como esse era o dia depois das nundinae, era natural que tal número fosse alto, já que Baciato tinha o hábito de reduzir os seus contratos durante o mês de Setembro, a fim de tirar férias e visitar Filipe.

A sacerdotisa trácia, Aluso, tornara-se a mais fervorosa aliada de Espártaco; certa noite, já depois de todos terem concordado com a conjura, os homens que estavam na mesma cela que Espártaco conseguiram, com a ajuda das outras mulheres, que Espártaco e Aluso passassem toda a noite juntos. com vozes sumidas, o gladiador e a prostituta discutiram os inúmeros factores envolvidos e Aluso jurou que, através da acção das suas mulheres, manteria todos os gladiadores num estado de febril entusiasmo. Desde o princípio do Verão que Aluso vinha roubando, para Espártaco, os mais diversos utensílios de cozinha. E com tal astúcia o fez que, quando se deu pela falta desses utensílios, foi um dos cozinheiros que foi considerado responsável. Nunca ninguém suspeitaria de uma revolta dos gladiadores. Um cutelo de açougueiro, uma pequena faca de trinchar, um rolo de cordel forte, um jarro de vidro desfeito em bocados, um gancho de pendurar carne. Eram armas modestas — mas chegavam bem para oito homens. Armas que as mulheres guardavam nos seus aposentos, que elas próprias limpavam. Porém, na noite anterior à revolta, as mulheres escolhidas para visitar a cela de Espártaco levavam tais utensílios escondidos sob as escassas roupas; Aluso não se encontrava entre elas.

A madrugada começava a dar lugar ao alvorecer. Os oito homens iam deixar a sua cela, supostamente para comerem a primeira refeição do dia. Vestindo apenas tangas, os gladiadores não podiam trazer nenhuma arma escondida; no entanto, dentro das tangas escarlates, cada homem trazia um cordel com cerca de um metro de comprimento. O arqueiro, um doctor e dois ex-gladiadores que agora trabalhavam como jardineiros foram estrangulados tão rapidamente que

a porta de ferro da cela nem chegou a fechar-se; Espártaco e os seus sete companheiros foram então buscar as armas às suas camas e espalharam-se num ápice pelas outras celas, abrindo-as com as chaves roubadas ao arqueiro. Cada grupo de gladiadores tinha-se demorado a levantar-se da cama e, por isso, nenhum deles tinha ainda saído das celas antes de os oito colegas, no mais total silêncio, lá chegarem. com algumas cutiladas e facadas — ou mesmo com um bocado de vidro retalhando uma garganta —, os oito gladiadores foram avançando e distribuindo as oito porções de cordel.

Tudo foi feito sem uma palavra, um grito, uma advertência; Espártaco e os outros gladiadores controlavam já todas as celas e todos os pátios. Alguns dos homens mortos tinham chaves. com essas chaves, foram sendo abertas mais e mais portas naquele longo labirinto; os setenta homens que estavam encarcerados na Villa Baciato não paravam de avançar, sempre em silêncio. Havia um abrigo onde eram guardados machados e ferramentas; um golpe rápido e silencioso e os revoltosos puderam apoderar-se de tudo o que estava guardado nesse abrigo. A fortaleza de Baciato tinha afinal um defeito terrível: as paredes interiores, muito altas, impediam que a revolta transpirasse para outras secções — só se apercebiam dela os homens que estavam por perto, e esses eram logo mortos. Baciato deveria ter erigido torres de vigilância e posto lá os seus arqueiros.

O alarme foi dado quando os homens chegaram às cozinhas. Mas já era demasiado tarde. Armados com todos os instrumentos pontiagudos que havia nas cozinhas, os gladiadores usavam ainda tampas de panelas para se protegerem das setas. E não poupavam ninguém que desse sinais de vida. Incluindo Baciato, que pensara partir para férias no dia anterior, mas que afinal ficara porque encontrara um erro na sua contabilidade. Os homens mantiveram-no vivo até ele libertar as mulheres; mas então é que foi o fim de Baciato — as mulheres avançaram para ele e todas elas, sob a meticulosa direcção de Aluso, desferiram um golpe no homem que durante tanto tempo as oprimira; Aluso, rejubilando, trespassou-lhe por fim o coração.

Nascia o Sol e Espártaco e os seus sessenta e nove companheiros tinham já conquistado a Villa Baciato. Apossaram-se então de todas as armas existentes e jungiram bois ou mulas a todas as carroças. Os alimentos das cozinhas e todas as armas que não podiam empunhar foram guardados nas carroças, os portões principais foram abertos e a pequena expedição avançou corajosamente para a liberdade.

Conhecendo bem a Campânia, Espártaco não limitara o seu plano à conquista da Villa Baciato. Esta ficava perto da estrada entre
Cápua e Nola, a cerca de dez quilômetros da primeira dessas cidades; Espártaco afastou-se de Cápua e rumou na direcção de Nola. Passado algum tempo, encontraram um outro comboio de carroças e atacaram-no, unicamente porque não queriam que houvesse testemunhos vivos da sua passagem. Para deleite de todos, as carroças estavam cheias de armas e armaduras que iam para outra escola gladiatorial. Havia agora muito mais armas que guerreiros.
Algum tempo depois, deixaram a estrada principal e seguiram por um caminho que levava até ao monte Vesúvio.
Vestindo a jaqueta, coberta de escamas metálicas, de um arqueiro, e empunhando um sabre trácio, Aluso foi juntar-se a Espártaco à frente da coluna. Limpara o sangue do seu sabre, mas continuava a recordar com o maior prazer a morte horrenda que infligira a Baciato.
— Pareces Minerva — disse-lhe Espártaco, sorrindo; o gladiador não encontrara nenhuma razão para criticar a forma como Aluso executara Baciato.
— Pela primeira vez em dez anos, posso dizer que me sinto bem. — E, dizendo isto, agitou a enorme saca de couro que trazia à cintura; na saca, vinha a cabeça de Baciato, que ela tencionava escarificar, transformando depois a caveira na sua taça, como era costume entre a sua tribo.
— Se estiveres de acordo, serás a minha mulher. Só minha.
— Estarei de acordo, se me deixares participar nos teus conselhos de guerra.
Falavam em grego, pois Aluso não sabia latim. E falavam com o à-vontade de duas pessoas que tinham desfrutado do corpo uma da outra sem qualquer envolvimento emocional, com o prazer novo da liberdade, com o prazer novo de se verem sem grilhetas e sem olhos ameaçadores a vigiá-los.
O Vesúvio era marcadamente diferente de todos os outros picos. Ficava situado, num soberbo isolamento, no meio das suaves e ricas planícies da Campânia, não muito longe das praias da baía de Cráter, e, ao longo dos primeiros novecentos metros de altitude, as encostas enchiam-se de vinhedos, pomares, campos de trigo ou legumes; havia água com fartura e o solo erabom para o cultivo. Porém, acima dessas encostas, erguia-se uma torre rochosa e retalhada, onde medravam apenas escassas árvores, aquelas que

tinham força para implantar as raízes em gretas secas; até ao cume, não havia sinal de cultivo ou habitação.

Espártaco conhecia a montanha como a palma da sua mão. A quinta do pai ficava no flanco oeste e ele e o irmão mais velho tinham brincado durante anos nos penhascos que conduziam ao pico. Por isso, encaminhou o seu novo povo para essas fragas, até que chegou a uma concavidade situada entre os rochedos do lado norte da montanha. As paredes dessa concavidade eram abruptas e era difícil fazer descer as carroças; porém, lá no fundo, a erva crescia muito viçosa e havia espaço para toda aquela gente e muito mais. Manchas amarelas de enxofre espalhavam-se pelas ravinas escarpadas e, de um pequeno monte situado no meio da concavidade, vinha um cheiro fétido; no entanto, isso significava que aqueles pastos nunca tinham dado de comer aos animais e que os pastores nunca levavam para lá os seus rebanhos. Acreditava-se que aquele local estava assombrado — mas Espártaco nada disse aos seus seguidores.

Durante várias horas, tratou de organizar o acampamento, de construir abrigos com as pranchas das carroças; às mulheres, mandou-as preparar comida, aos homens distribuiu tarefas variadas. Mas quando o Sol deixou de iluminar o esconderijo, reuniu toda a sua gente.

— Crixo e Enómao, venham para o meu lado — disse ele. — Aluso, vem sentar-te aos meus pés, pois és a chefe das mulheres, a nossa sacerdotisa e a minha mulher. Os outros ficam onde estão.

Subindo a uma rocha, para ficar mais alto que Crixo e Enómao, Espártaco deu início ao seu discurso.

— Por ora estamos livres. Mas não devemos esquecer que, de acordo com a lei, somos escravos. Matámos os vigilantes e o nosso amo e, quando as autoridades descobrirem, seremos perseguidos. Nunca tivemos oportunidade de estar reunidos assim, como se fôssemos um povo, e de discutir os nossos objectivos, o nosso destino, o nosso futuro.

Respirou fundo e prosseguiu:

— Em primeiro lugar, não manterei aqui nenhum homem ou mulher contra sua vontade. Aqueles que desejarem seguir o seu próprio caminho poderão ir-se embora quando quiserem. Não peço votos nem juramentos, não quero cerimónias de juramento de fidelidade. Nós fomos prisioneiros, sentimos durante muito tempo o

peso das grilhetas, não tivemos os privilégios que são concedidos aos homens livres, e as mulheres foram obrigadas a prostituir-se. Por isso, não farei nada para vos prender. Este é um abrigo temporário. Mais tarde ou mais cedo teremos de deixá-lo. Viram-nos a subir a montanha e a notícia da nossa proeza em breve se espalhará.

Um gladiador que estava na fila da frente, agachado, ergueu a mão para falar. Espártaco não sabia o seu nome.

— Eu sei que seremos perseguidos — disse o homem, de sobrolho franzido. — Por isso, não seria melhor dispersarmos? Se nos espalhássemos por muitas direcções, podia ser que pelo menos alguns conseguissem escapar. Se nos mantivermos juntos, seremos capturados em bloco.

Espártaco aquiesceu.

— É verdade o que dizes. No entanto, não defendo essa posição. E porquê?

Principalmente, porque não temos dinheiro, não temos outras roupas senão as que Baciato nos deu — e quem nos vir com estas roupas, identificar-nos-á imediatamente —, e a única ajuda de que dispomos está nas armas que possuímos. E essas armas, se nós dispersarmos, serão perigosas. Baciato não tinha dinheiro na fortaleza. Nem um único sestércio. Mas o dinheiro é uma necessidade vital, e creio que temos de permanecer juntos até termos dinheiro.

— E como vamos fazer isso? — perguntou o mesmo homem. Espártaco sorriu para ele com um sorriso que era simultaneamente triste e encantador.

— Não faço a mínima ideia! — retorquiu ele, com a maior franqueza. — Se estivéssemos em Roma, podíamos roubar alguém. Mas estamos na Campânia, uma região de agricultores que guardam todo o seu dinheiro em bancos ou que o enterram em sítios inimagináveis. — Abriu muito as suas mãos, num apelo, e acrescentou: —vou dizer-lhes o que acho que devíamos fazer. Terão um dia para pensar. Amanhã, a esta mesma hora, reuniremos e votaremos.

Tão confusos como todos os outros, Crixo e Enómao aquiesceram vigorosamente.

— Diz-nos o que pensas, Espártaco — pediu Crixo.

A luz do dia ia desfalecendo lentamente, mas Espártaco, em cima do seu rochedo, parecia concentrar os últimos raios do sol à sua volta. Quem olhasse para ele, naquele instante, não teria dúvidas: sim, aquele era de

facto um chefe, um homem determinado, seguro, forte, alguém em quem todo um povo podia confiar.

— Todos conhecem o nome de Quinto Sertório — disse ele. — Um romano em revolta contra o sistema que produz homens como Baciato. Quinto Sertório tem a Hispânia nas mãos e, em breve, marchará sobre Roma, onde será o Ditador e definirá um novo tipo de República. Sabemos disso porque, em todos os locais onde disputámos torneios, toda a gente falava de Sertório. E ficámos também a saber que há muita gente em Itália que quer Quinto Sertório à frente de Roma. Especialmente os Samnitas.

Fez uma pausa, molhou os lábios e logo prosseguiu:

— Eu sei o quevou fazer!vou para a Hispânia juntar-me a Quinto Sertório. Mas, se for possível, levar-lhe-ei mais um exército — um exército que já combateu contra a Roma de Sila e dos seus herdeiros.vou recrutar soldados entre os Samnitas, os Lucanianos e todos os outros povos de Itália que preferem ver uma nova Roma a ver a sua herança reduzir-se a nada. Recrutarei também soldados entre os escravos da Campânia e oferecer-lhes-ei a cidadania romana na Roma de Quinto Sertório. Temos mais armas do que homens — a menos que recrutemos mais homens. E quando Roma mandar tropas para nos combater, derrotá-las-emos e apossar-nos-emos das suas armas!

Espártaco encolheu os ombros.

— Não tenho nada a perder a não ser a vida e jurei que nunca mais me submeteria à vida a que Baciato me obrigou. Um homem — até mesmo um escravo! — deve ter direito a associar-se livremente com os seus companheiros, deve ter direito a mover-se livremente no mundo. A prisão é pior do que a morte. E eu nunca mais voltarei para a prisão! Para nenhuma prisão!

Emocionado, Espártaco começou a chorar, mas tratou logo de limpar as lágrimas.

— Eu sou um homem e deixarei a minha marca neste mundo! Mas todos vós deviam estar a dizer isto mesmo, neste momento! Se nos mantivermos juntos e formarmos o núcleo de um exército, teremos hipóteses de nos defendermos a nós mesmos e de deixarmos uma grande marca neste mundo. Se dispersarmos, teremos de fugir, de fugir sempre. E porque havemos de fugir como veados, se podemos marchar como homens? Porque não havemos de lutar por um lugar na Roma de Quinto Sertório, abrindo-lhe as portas da Itália e indo ter

com ele quando ele avançar para a nossa península? Nós sabemos que Roma tem poucas tropas em Itália. Quem não ouviu os Capuanos queixar-se de que os seus proveitos baixaram muito desde que os acampamentos dos legionários se esvaziaram? Quem poderá deter-nos? Eu fui em tempos tribuno militar. Crixo, Enómao e muitos outros pertenceram às legiões romanas. Será que eu, ou Crixo, ou Enómao, ou qualquer um de vós, sabe menos da condução de um exército do que um Lúculo ou um Pompeu Magno? Não é assim tão difícil dirigir um exército! Por isso, por que razão não havemos nós de formar um exército? As vitórias serão fáceis! Não há legiões veteranas em Itália, apenas coortes de soldados inexperientes. Nós é que atrairemos os soldados experientes, os Samnitas e os Lucanianos que lutaram para se libertar de Roma. E treinaremos os homens inexperientes que se juntarem a nós — será que um escravo é, necessariamente, um homem sem capacidades marciais ou coragem? Por várias vezes, exércitos de escravos quase derrotaram Roma; e só não derrotaram porque não eram chefiados por homens que entendiam a forma como Roma luta. Porque não eram chefiados por romanos!

Os seus poderosos braços erguiam-se acima da cabeça; Espártaco cerrou então os punhos e brandiu-os.

— Eu conduzirei o nosso exército! E eu levá-lo-ei à vitória! E fá-lo-ei chegar a Quinto Sertório premiado com os louros da vitória e com Roma e a Itália completamente dominadas! — Espártaco baixou os braços e disse, por fim: — Pensei no que vos disse e não me perguntem mais nada.

A pequena multidão de gladiadores e mulheres nada disse quando Espártaco desceu da rocha; mas todos os olhares o seguiam com admiração e Aluso sorriu para ele cheia de orgulho.

— Eles vão votar a teu favor — disse ela.

— Sim, creio que vão.

— Então vem comigo até à nascente. Ela precisa de ser purificada, se queremos que dê de beber a muita gente.

Espártaco não percebia se Aluso compreendia inteiramente o que estava a fazer. Mas foi com assombro que descobriu que, depois dela ter murmurado as suas rezas e escavado com a mão que cortara a Baciato nas paredes da fonte quente e fétida que jorrava de uma fissura, uma segunda nascente surgiu — uma nascente de água fresca, saborosa, capaz de saciar toda aquela gente.

— É umbom augúrio — disse Espártaco.

Em vinte dias, mil voluntários tinham-se juntado naquela concavidade perto do cume do Vesúvio. Para Espártaco, o facto de a notícia se ter espalhado tão rapidamente constituía um mistério insolúvel, pois não mandara mensageiros, nem equipas de recrutamento, às regiões vizinhas. Um décimo desses voluntários seriam talvez escravos que haviam fugido aos seus amos; mas a grande maioria era constituída por homens livres de nacionalidade samnita. Nola não ficava longe e Nola odiava Roma. Tal como Pompeios, Nápoles e todas as outras cidades italianas que tinham lutado até à morte contra Sila, primeiro na Guerra Italiana e, posteriormente, nas hostes de Pôncio Telesino. Roma podia abandonar a ideia de que tinha esmagado o Sâmnio; Roma só esmagaria o Sâmnio, pensava Espártaco enquanto registava na sua lista de recrutamento uma série infindável de nomes samnitas, quando morresse o último samnita. Muitos deles traziam já armadura e armas, muitos deles eram veteranos que cuspiam ao ouvir o nome de Sila ou que faziam um gesto para afastar o mau-olhado quando ouviam os nomes de Cetego e de Verres, os dois homens que tinham reduzido a cinzas as terras samnitas.

— Há uma coisa que te quero mostrar — disse Crixo a Espártaco, com alguma impaciência na voz, na manhã do último dia de Setembro.

Espártaco, que estava a treinar uma centúria de escravos, chamou outro gladiador para o substituir e afastou-se com Crixo, que lhe puxava ansiosamente pelo braço.

— Que se passa? — perguntou.

— É melhor seres tu a ver — disse Crixo, conduzindo Espártaco até uma fenda na parede da cratera, de onde se podia abarcar as encostas norte do Vesúvio.

Duas sentinelas samnitas viraram-se, com um ar excitado, para o chefe.

— Olha! — disse um dos vigilantes.

Espártaco olhou. Imediatamente aos seus pés, o aspecto selvagem e muito pouco hospitaleiro das fragas e fendas daquela zona da montanha; mais abaixo, os campos cultivados. E, ao longo dos

trigais, serpenteava uma coluna de soldados romanos, conduzidos por quatro homens, montando cavalos e usando capacetes áticos e armaduras de oficiais superiores; um desses homens vinha isolado e usava a faixa escarlate do império, ritualmente atada, à volta do peito cintilante.

— Ora muito bem! Mandaram um pretor combater-nos! — disse Espártaco, com um risinho.

— Quantas legiões? — perguntou Crixo, preocupado. Espártaco olhou para Crixo, surpreendido.

— Legiões?! Tu foste legionário, Crixo, devias saber!

— O problema é esse! Eu fui legionário. Quando se é legionário, nunca se sabe que aspecto tem uma legião.

Espártaco sorriu e, com um gesto afectuoso, despenteou o amigo.

— Tem calma, ali em baixo vem apenas meia legião: cinco coortes de recrutas inexperientes. Os mais inexperientes que já vi. Repara como eles estão mal formados: não conseguem manter uma distância uniforme entre si, nem seguir em linha recta! Mas o mais importante é que o seu chefe é tão inexperiente como eles! Estás a vê-lo atrás dos seus três legados? É um sinal mais que seguro! Um general confiante vai sempre à frente do seu exército.

— Cinco coortes? Isso dá pelo menos dois mil e quinhentos homens.

— Cinco coortes que nunca pertenceram a uma legião, Crixo.

—vou mandar tocar a reunir.

— Não, fica aqui comigo. Deixa-os pensar que nós não os vimos. Se eles ouvem cornetins e gritos, param e acampam na zona mais verdejante da encosta. Mas se pensarem que nós não demos por eles, o idiota que os comanda só parará quando chegar aos rochedos e perceber que não poderá acampar aí. Mas nessa altura já será demasiado tarde para voltar a formar e descer a montanha — terão de dormir aos grupinhos, espalhados pelas covas entre os rochedos! Imbecis! Se tivessem vindo pelo lado sul, poderiam ter encontrado o caminho que conduz à nossa cova.

Ao cair da noite, Espártaco tinha já concluído, sem a mínima dúvida, que a expedição punitiva era constituída por recrutas inexperientes e que o general era um pretor chamado Caio Cláudio Glabro; o Senado ordenara-lhe que levasse cinco coortes de Cápua — e que marchasse até encontrar os rebeldes; então, deveria expulsá-los do seu esconderijo vesuviano.

Ao alvorecer, a expedição punitiva já não existia. Ao longo da noite, Espártaco enviara pequenos grupos de guerrilha até às fragas, alguns mesmo recorrendo ao uso de cordas, para que

matassem rapidamente e sem barulho. Tão inexperientes eram os recrutas romanos que tinham arrumado armaduras e armas antes de se deitarem junto às fogueiras; e as fogueiras indicavam ao inimigo o local exacto onde dormiam. E tão inexperiente era Caio Cláudio Glabro que pensou que aquelas fragas escarpadas ofereciam mais protecção que um acampamento em condições. Já para o fim da madrugada, alguns dos soldados mais despertos começaram a perceber o que se passava e deram o alarme. E foi então que começou a debandada.

Espártaco atacou-os em força, recorrendo às mulheres para iluminarem o caminho com archotes. Metade dos soldados de Glabro morreram, a outra metade fugiu — deixando armas e armaduras. Entre os fugitivos, encontravam-se Glabro e os seus três legados.

Para o esconderijo seguiram dois mil e oitocentos equipamentos de infantaria; Espártaco mandou que os seus homens despissem os trajes de gladiador e vestissem os trajes de legionários; por outro lado, juntou o comboio de bagagens de Glabro aos seus animais e carroças. Os voluntários não paravam de chegar e a maior parte eram soldados treinados; quando o total dos seus soldados chegou aos cinco mil, Espártaco decidiu que a cova do Vesúvio já não servia e que teria de mudar de esconderijo.

E Espártaco sabia perfeitamente para onde devia ir.

Assim, quando os pretores Públio Varínio e Lúcio Cossínio saíram com duas legiões do quartel de Cápua e meteram pela estrada de Nola, não demoraram muito tempo a encontrar uma fortificação romana extremamente bem construída, não muito longe da devastada Villa Baciato. Varínio, o comandante máximo, era um homem experiente nas coisas da guerra. Tal como Cossínio, o segundo comandante. Tinha-lhes bastado olhar para os seus soldados para ficarem horrorizados: aqueles homens não tinham a mínima experiência guerreira, já que só agora tinham começado o treino básico! Para tornar a missão dos pretores ainda mais difícil, o tempo estava frio, húmido e ventoso; e, pior ainda, uma virulenta infecção respiratória tinha-se propagado entre as suas hostes. Quando Varínio viu aquela magnífica fortificação perto da estrada de Nola, concluiu imediatamente que pertencia aos rebeldes — mas concluiu também que os seus soldados não seriam capazes de atacá-la. Daí que tenha instalado as duas legiões num acampamento, perto dos rebeldes.

Aos ouvidos de Roma não tinha ainda chegado o nome do chefe dos rebeldes, nem quaisquer outros pormenores; Roma sabia apenas que os amotinados tinham arrasado a escola de

gladiadores de Cneu Cornélio Lêntulo Baciato (que, nos livros, aparecia como seu proprietário), que se tinham refugiado depois no monte Vesúvio e que tinham engrossado as suas hostes com alguns milhares de samnitas e lucanianos descontentes, e também com escravos. O infeliz Glabro tinha vindo com a notícia de que os rebeldes tinham ficado com todos os seus equipamentos e que teriam forçosamente de ter umbom chefe, pois haviam dizimado as suas cinco coortes com a maior facilidade.

No entanto, recorrendo ao trabalho de cuidadosos e experimentados batedores, Varínio e Cossínio puderam concluir que a força rebelde não ultrapassava os cinco mil homens e que, no acampamento, havia também algumas mulheres. Na manhã seguinte, sentindo-se mais animado, Varínio ordenou às duas legiões que formassem para batalha. Mesmo com soldados doentes, tinha muito mais homens que o inimigo — a vitória não seria difícil. Entretanto, continuava a chover impiedosamente.

Quando a batalha terminou, Varínio não sabia a que atribuir a sua derrota — se ao profundo terror que a visão dos rebeldes tinha causado aos seus homens, se à doença que levara muitos dos seus legionários a recusar-se a combater, queixando-se de que, pura e simplesmente, não podiam combater. O pior de todos os golpes foi que Cossínio morrera ao tentar reunir um grupo de soldados que procuravam desertar — sem esquecer o facto de que os rebeldes tinham levado do acampamento romano muito equipamento bélico. Não valia a pena perseguir os rebeldes, os quais, mal se asseguraram da vitória, recolheram à sua fortificação. Varínio reuniu a sua enlameada e desmoralizada coluna e regressou a Cápua, onde escreveu ao Senado com a maior das franquezas, sem poupar críticas à sua própria pessoa — mas também sem poupar críticas ao Senado. Em Itália, afirmava, não havia tropas com experiência de guerra. Ou melhor, as únicas que a tinham eram as tropas rebeldes.

E Varínio tinha um nome para ilustrar o seu relatório: Espártaco, um gladiador trácio.

Ao longo de seis intervalos entre mercados, Varínio concentrou-se no treino dos seus miseráveis soldados; muitos tinham sobrevivido à batalha, embora parecesse menos provável que sobrevivessem à infecção respiratória que continuava a assolá-los. Requisitou os serviços de alguns dos centuriões veteranos de Sila para o ajudarem nos treinos, embora não conseguisse convencê-los a alistar-se. O Senado achou prudente começar a recrutar mais quatro legiões e garantiu a Varínio que podia contar com o seu apoio relativamente a todas as medidas que

decidisse tomar. Um quarto pretor do grupo de oito pretores desse ano foi enviado por Roma com o cargo de legado sénior de Varínio: Públio Valério. Um pretor fugira, outro morrera, outro fora vencido; o quarto não se sentia propriamente feliz.

Em fins de Novembro, Varínio considerou que os seus homens já tinham preparação suficiente para iniciar as operações e conduziu-os na direcção da fortificação de Espártaco. A qual estava totalmente deserta. Espártaco tinha-se escapulido: mais uma indicação de que era um militar e de que conhecia os processos bélicos romanos. A doença continuava a perseguir as hostes do pobre Varínio. Enquanto conduzia as suas duas legiões para Sul, várias coortes viram-se obrigadas a abandonar a marcha. Os centuriões podiam apenas prometer que apanhariam o grosso da coluna logo que os seus homens se sentissem melhor. Perto de Picência, do outro lado do rio Sílaro, deu finalmente com os rebeldes: mas logo descobriu, horrorizado, que a legião de Espártaco se havia transformado num verdadeiro exército. Há menos de dois meses, eram apenas cinco mil — agora eram vinte e cinco mil! Não se atrevendo a atacar, Varínio não pôde fazer outra coisa senão seguir com o olhar os movimentos daquele portentoso exército. Depois de ter atravessado o Sílaro, Espártaco rumou à Lucânia, usando a Via Popília.

Quando as coortes doentes regressaram ao grosso da coluna e os homens começaram a dar sinais de uma efectiva recuperação, Varínio e Valério discutiram a estratégia a seguir. Deveriam seguir os rebeldes até à Lucânia ou regressar a Cápua, onde passariam o Inverno treinando um exército maior?

— Aquilo que tu queres dizer — disse Valério — é se devemos enfrentá-los agora, apesar de eles serem muitos mais, ou se
devemos obter mais homens durante o Inverno e adiar o confronto para a Primavera,
o que, tendo em conta os números, seria mais sensato.

— Creio que não temos alternativa — retorquiu Varínio. — Temos de segui-los agora. Na Primavera, já devem ter duplicado e todos os homens que atraírem entretanto às suas hostes serão, pela certa, veteranos lucanianos.

Varínio e Valéria seguiram efectivamente os rebeldes, mesmo quando tudo indicava que Espártaco tinha deixado a Via Popília e penetrado nas agrestes montanhas da Lucânia. Durante oito dias seguiram os rebeldes, montando um acampamento seguro todas as noites — essa era a alternativa mais prudente, ainda que significasse um duro trabalho para os soldados.

Ao fim do nono dia, começaram também a montar um acampamento, apesar das queixas dos homens que, dada a sua pouca experiência, não entendiam a necessidade ou as vantagens de um acampamento seguro. E, enquanto uma parte dos soldados de Varínio construía muralhas com a terra escavada pelos outros, Espártaco atacou. Dispondo de muito menos soldados e apanhado de surpresa, Varínio não teve outra hipótese senão retirar; para trás, deixava o seu Cavalo Público, primorosamente ajaezado, e a maior parte dos seus soldados. Das dezoito coortes com que partira de Cápua, apenas cinco regressaram da Lucânia; depois de atravessar de novo o Sílaro, mas desta feita na direcção da Campânia, Varínio e Valério deixaram estas cinco coortes de vigia ao rio, sob o comando de um questor, Caio Torânio.

Os dois pretores deslocaram-se então a Roma, a fim de exortarem o Senado a treinar mais homens e o mais rapidamente possível. A situação estava a tornar-se cada vez mais grave, mas, encontrando-se Lúculo e Marco Cota no Oriente e Pompeu na Hispânia, muitos dos senadores achavam que o processo de recrutamento era uma pura perda de tempo. O poço italiano estava seco. Até que, em Janeiro, chegou a Roma a notícia de que Espártaco deixara a Lucânia com quarenta mil homens, organizados em oito eficientes legiões. Os rebeldes tinham destroçado as tropas de Caio Torânio — todos os homens tinham morrido nas margens do Silário. A Campânia ficava assim à mercê de Espártaco, o qual, segundo o relatório de Varínio, procurava agora convencer as cidades com populações maioritariamente samnitas a aliar-se à sua revolta e a declarar guerra por uma Itália livre.

Os tribunos do Tesouro foram aconselhados a deixar-se de queixas e a reunir rapidamente o dinheiro necessário para atrair os veteranos retirados às hostes romanas. O pretor Quinto Arrio (que fora nomeado para substituir Caio Verres no governo da Sicília) recebeu instruções para se deslocar imediatamente a Cápua e para começar a organizar um verdadeiro exército consular, constituído por quatro legiões e fortalecido, tanto quanto possível, por elementos veteranos. Os novos cônsules, Lúcio Gélio Poplicola e Cneu Cornélio Lêntulo Clodiano, receberam formalmente o comando da guerra contra Espártaco.

Espártaco foi gradualmente sabendo destas novidades desde o momento em que regressou à Campânia. Como o seu exército continuava a crescer, aprendera a consolidá-lo durante as marchas, formando e treinando novas coortes à medida que ia avançando. Sofrerá uma baixa importante: Enómao fora morto durante o bem sucedido ataque ao acampamento de

Varínio e Valério. No entanto, Crixo continuava vivo e havia já uma boa fornada de novos legados. O Cavalo Público que pertencera a Varínio fazia uma bela montada para um comandante supremo! Um verdadeiro espectáculo! Todas as manhãs, Espártaco beijava-lhe o focinho e acariciava-lhe a crina cor de prata; chamava-lhe Baciato.

Seguro de que cidades como Nola e Nucéria se aliariam à sua causa, enviara embaixadores para conferenciarem com os seus magistrados, explicando-lhes que era sua intenção ajudar Quinto Sertório a fundar uma nova República Italiana e pedindo donativos em dinheiro, equipamentos e homens. Mas a resposta daquelas cidades foi clara — nenhuma cidade da Campânia ou de qualquer outra região de Itália apoiaria a causa de Quinto Sertório, nem tão-pouco a causa de Espártaco, o general gladiador.

— Nós não gostamos dos Romanos — retorquiram os magistrados de Nola. — E temos orgulho no facto de termos sido a cidade que mais tempo resistiu a Roma. Mas não queremos mais guerras. Nunca mais. A nossa prosperidade desapareceu, os nossos jovens morreram. Não vos apoiaremos contra Roma.

Quando soube a resposta de Nucéria — idêntica à de Nola —, Espártaco reuniu com Crixo e Aluso.

— Saqueia essas cidades — disse a sacerdotisa trácia. — Ensina-lhes que é mais sensato apoiarem-nos.

— Eu concordo — disse Crixo —, mas por outras razões. Nós temos quarenta mil homens, equipamentos que bastem para todos eles e comida em fartura. Mas não temos mais nada, Espártaco. Está muito certo que prometamos às nossas tropas distinções e riquezas sob o governo de Quinto Sertório, mas talvez fosse melhor dar-lhes alguma dessa riqueza imediatamente. Se saquearmos uma só das cidades que se recusam a apoiar-nos, deixaremos todas as outras cidades cheias de medo — e as nossas legiões ficarão contentes! Mulheres, pilhagens — não há um soldado só que não goste de saquear cidades!

Espicaçado por tais comentários, que entendia como uma rejeição, Espártaco decidiu-se mais rapidamente do que o velho Espártaco dos tempos pré-gladiatoriais teria feito; mas essa fora uma vida diferente e ele um outro homem.

— Muito bem. Atacaremos Nucéria e Nola. Diz aos soldados que ataquem sem mercê.

E os soldados assim fizeram. Examinando os resultados, Espártaco decidiu que saquear

cidades era uma boa coisa. Nucéria e Nola tinham-lhe dado vários tesouros, bem como dinheiro, comida e mulheres; se continuasse a saquear cidades, poderia ofertar a Quinto Sertório uma fortuna imensa, para além de um exército! E, se assim fizesse, era mais que provável que Quinto Sertório, o Ditador de Roma, o nomeasse seu Senhor do Cavalo.

Portanto, essa imensa fortuna teria de ser obtida antes que deixasse a Itália. Ao seu exército continuavam a afluir multidões ansiosas por combater ao seu lado; e muitos desses homens traziam boas notícias, pois conheciam regiões ricas da Lucânia, do Brútio e da Campânia que não tinham sido afectadas pela Guerra Italiana e que, portanto, proporcionariam óptimos saques. Assim, os rebeldes deixaram a Campânia e seguiram para Sul, onde saquearam Consência, no Brútio, e Túrio e Metaponto, no golfo de Tarento. Para grande deleite de Espártaco, estas três cidades possuíam riquezas impressionantes.

Quando Aluso concluíra a escarificação da caveira de Baciato, Espártaco dera-lhe uma folha de prata para a forrar; porém, depois do saque de Consência, Túrio e Metaponto, disse-lhe que deitasse fora a prata e que a substituísse por ouro. E havia uma certa sedução em tudo isto — tal como a omnipresente sedução de Aluso, que pensava como uma bárbara mas possuía uma magia

tremenda e acabara por ser como que um talismã para o chefe rebelde. Enquanto tivesse Aluso a seu lado, seria um dos favoritos de Fortuna.

Sim, ela era uma mulher maravilhosa. Descobria nascentes, pressentia o perigo, dava-lhe sempre os conselhos certos. Agora que ela estava grávida, e que a sua boca carnuda e muito vermelha contrastava, mais do que nunca, com o cabelo cor de linho e os olhos tão pálidos e selvagens como os de um lobo, Espártaco achava-a perfeita. Era apenas por isso que a achava perfeita e não por ela ser trácia e por ele se ter tornado trácio. Pertenciam um ao outro; ela era a personificação daquela nova e estranha vida do antigo gladiador.

Em princípios de Abril, penetrou no Sâmnio Oriental, seguro de que pelo menos aí as cidades o apoiariam. Mas Asérnia, Boviano, Benevento e Sepino rejeitaram as suas propostas — não aderimos à tua causa, não te queremos, vai-te embora! E, ainda por cima, eram cidades pobres, não valia a pena saqueá-las. Verres e Cetego não tinham deixado nada. No entanto, o seu exército continuava a receber samnitas. De tal modo que conta já com um total de noventa mil homens.

E Espártaco começava a perceber que era difícil controlar e organizar tanta gente.

Embora as tropas se encontrassem distribuídas por legiões à maneira romana e estivessem armadas ao estilo romano, o seu chefe não encontrava legados e tribunos capazes de manter uma mão de ferro perante a indisciplina dos soldados, os efeitos do vinho, ou as lutas terríveis que as mulheres que acompanhavam o acampamento sempre provocavam. Era tempo — decidiu então — de marcharem para a Gália Italiana, para a Gália Transalpina, e, finalmente, para a Hispânia Citerior e Quinto Sertório. Não seguiria na direcção dos Apeninos Ocidentais — não tinha o mínimo desejo de se aventurar por regiões próximas de Roma. Subiria o litoral adriático, através de regiões que tinham combatido duramente o poder de Roma — as regiões onde viviam os Marrucinos, os Vestinos, os Frentanos, os Picentinos do Sul. Muitos dos membros destes povos juntar-se-iam ao seu exército!

Mas Crixo não queria ir para a Hispânia Citerior. Tal como os trinta mil homens da sua divisão do exército.

— Por que raio havemos de ir para tão longe? — perguntou. — Se é verdade o que dizes sobre Quinto Sertório, então mais tarde ou mais cedo ele acabará por chegar à Itália. É preferível que eles nos encontre ainda em Itália, com o nosso pé sobre o pescoço romano. A distância daqui a Hispânia é quase de mil quilômetros e teremos de passar por tribos de bárbaros, para quem nós não seremos mais do que outro exército romano. Os meus homens e eu opomo-nos à ideia de deixarmos a Itália.

— Se tu e os teus homens se opõem a essa ideia — retorquiu Espártaco, furioso —, então têmbom remédio: fiquem em Itália! Para que me hei-de preocupar? Tenho cerca de cem mil homens a meu cargo, e esse é, sem dúvida, um número mais do que excessivo! Por isso, fica, Crixo — quanto mais longe, melhor! Fica em Itália, com os teus trinta mil idiotas!

Por isso, quando Espártaco e setenta mil soldados — juntamente com um vasto comboio de carroças de carga e quarenta mil mulheres, isto para não referir as crianças — rumaram a Norte, para atravessar o rio Tiferno, Crixo e os seus trinta mil homens viraram para sul, na direcção de Brindísio. O mês de Abril chegava ao seu termo.

Mais ou menos por essa altura, os cônsules Gélio e Clodiano deixaram Roma na direcção de Cápua, onde iriam recolher as suas tropas. Quinto Árrio, o ex-pretor, comunicara ao Senado que fizera já tudo o que era humanamente possível das quatro legiões de novos soldados

reunidas em Cápua; não podia garantir que aqueles homens fossem grandes combatentes, mas esperava sinceramente que se comportassem condignamente no campo de batalha.

Quando os cônsules chegaram a Cápua, foram informados da dissidência entre Espártaco e Crixo e do novo rumo que Espártaco tomara. Foi então elaborado um plano; Quinto Árrio levaria uma legião para Sul, a fim de travar imediatamente Crixo, e Gélio levaria a segunda legião e seguiria Espártaco até que Árrio pudesse ir ter com ele, enquanto Clodiano conduziria rapidamente as duas outras legiões pela Via Valéria, a fim de emergir na costa adriática, bastante a norte da eventual posição de Espártaco. Este ficaria então no meio dos dois cônsules, os quais poderiam apertar facilmente a sua presa entre os extremos da sua tenaz.

Alguns dias depois, chegaram magníficas notícias de Quinto Árrio. Embora a sua legião tivesse cinco vezes menos homens que as tropas de Crixo, Árrio conseguira montar uma emboscada no monte Gargano, na Apúlia, e caíra de surpresa sobre as indisciplinadas hostes rebeldes. Crixo e todos os seus soldados foram mortos: aqueles que escaparam à emboscada foram executados pouco depois; Quinto Árrio não tinha a mínima intenção de deixar inimigos vivos na sua esteira.

Gélio não foi tão feliz. O que Árrio fizera a Crixo, fê-lo Espártaco às suas tropas. Os soldados de Gélio, tomados de pânico, dispersaram no momento em que viram uma imensa mole armada correndo na sua direcção — e fizeram bem em dispersar porque aqueles que ficaram foram dizimados. Fugiram, porém, sem abandonar as armas ou as armaduras; por isso, quando Árrio e Gélio conseguiram voltar a reuni-los, possuíam ainda o equipamento inicial e poderiam (pelo menos teoricamente) retomar o combate sem precisarem de regressar a Cápua.

O rumo que Árrio e Gélio traçaram após a sua derrota não importava minimamente a Espártaco; de facto, o chefe rebelde marchou imediatamente para Norte, a fim de enfrentar Clodiano, de cujo estratagema fora informado por um tribuno romano capturado. Em Hádria, no litoral adriático, os dois exércitos encontraram-se e Clodiano teve praticamente a mesma sorte que Gélio. As tropas de Clodiano dispersaram em pânico. Vencedor em ambos os campos de batalha, Espártaco avançou para Norte sem qualquer oposição.

Sem desanimar, Gélio, Clodiano e Árrio juntaram os seus homens e voltaram a tentar em Firmo Piceno. De novo foram derrotados. Espártaco penetrava já no Ager Gálico. Atravessou o Rubicão e entrou na Gália Italiana em fins de Sextilis. Depois, conduziu as suas

tropas pela Via Emília, na direcção de Placência e dos Alpes Ocidentais. A meta era só uma: Quinto Sertório!

O luxuriante vale do Pó possuía alimentos com fartura e os celeiros das suas cidades estavam a abarrotar de cereais. Como agora saqueava sistematicamente as cidades mais ricas, Espártaco e os seus soldados depressa suscitaram o ódio dos cidadãos da Gália Italiana.

Em Mutina, já não muito longe dos Alpes, o vasto exército rebelde deparou com o governador da Gália Italiana, Caio Cássio Longino, que tentou corajosamente bloquear o seu avanço com uma única legião. Ainda que extremamente corajosa, tal acção estava condenada ao fracasso; o legado de Cássio, Cneu Mânlio, apareceu dois dias depois com a outra legião da Gália Italiana e teve a mesma sorte. Em ambas as batalhas, as tropas romanas tinham resistido — o que significava que Espártaco levara do campo de batalha mais de dez mil novos equipamentos bélicos.

O último romano com que Espártaco falara, fora o tribuno capturado durante a primeira derrota de Gélio, alguns meses antes. Em Hádria e Firmo Piceno, vira Gélio, Clodiano e Árrio a alguma distância, mas não falara com nenhum deles. Em Mutina, porém, tinha dois prisioneiros romanos particularmente importantes: Caio Cássio e Cneu Mânlio. E ficou entusiasmado com a ideia de falar com eles: era tempo de pelo menos dois membros do Senado ficarem a conhecer o homem de quem toda a Itália e a Gália Italiana falavam! Era tempo de deixar que o Senado soubesse quem ele era. É que Espártaco não tencionava matar ou deter Cássio e Mânlio; queria que eles regressassem a Roma e contassem tudo o que haviam visto.

No entanto, mandara agrilhoar os seus prisioneiros e, quando os chamou à sua presença, tratou de se sentar num pódio e de vestir uma toga branca. Cássio e Mânlio fitaram-no com um olhar penetrante, mas foi quando Espártaco lhes falou embom latim, ainda que com algum sotaque campaniano, que se aperceberam de que aquele não era um homem qualquer.

— És italiano! — disse Cássio.

— Sou um romano — corrigiu Espártaco.

Os Cássios não eram cobardes; tratava-se de um clã guerreiro e muito violento, e se era certo que alguns Cássios tinham cometido os seus erros militares, também era verdade que nunca nenhum Cássio tinha fugido. E este Cássio provou ser um digno membro da sua família ao erguer um braço agrilhoado e ao brandir o seu punho para aquele homem corpulento que estava

sentado no pódio.

— Liberta-me desta indignidade e em breve serás um romano morto! — rosnou Cássio.

— Desertor das legiões, não é? Foste atirado para as arenas como lutador trácio!

Espártaco ficou vermelho.

— Não sou desertor — retorquiu ele, com um ar grave. — Sou um tribuno militar que foi injustamente acusado de um motim na Ilíria. Acham que essas grilhetas são uma indignidade? Pois bem: que pensam que eu senti quando me mandaram para a escola de um verme como Baciato? com essas grilhetas, procônsul Cássio, estás a pagar por tudo aquilo que sofri!

— Mata-nos e acaba com isto! — disse Cássio.

— Matar-vos? Não, não tenho intenção de vos matar — replicou Espártaco, com um sorriso. —vou libertar-vos agora que já sentiram a indignidade das grilhetas. Voltarão a Roma e dirão ao Senado quem eu sou e para ondevou e que tenciono fazer quando lá chegar — e o que eu serei quando regressar.

Mânlio parecia ter vontade de responder; Cássio olhou-o furibundo e Mânlio não abriu boca.

— Quem tu és: um insurrecto. Para onde vais — para a tua perdição. Que vais fazer quando lá chegares — apodrecer. O que serás quando regressares — um fantasma esquecido — atirou-lhe Cássio, com os dentes cerrados. — Terei todo o prazer em dar estas informações ao Senado!

—vou deixar-te viver para que digas ao Senado aquilo que te vou dizer! — atirou-lhe Espártaco, levantando-se de súbito e rasgando a imaculada toga; deixando-a cair no chão, calcou-a com os pés com o mesmo prazer com que um cão raspa a terra depois de defecar e, por fim, com um pontapé, atirou-a para longe do pódio. — Tenho comigo oitenta mil homens, todos eles armados e treinados para lutarem como romanos. A maior parte são samnitas e lucanianos, mas até mesmo os escravos que se alistaram no meu exército são homens corajosos. Tenho milhares de talentos resultantes de muitos saques. Vou para a Hispânia Citerior, onde me juntarei a Quinto Sertório. Juntos, infligiremos uma derrota total aos exércitos de Roma que se encontram em ambas as Hispânias e depois regressaremos a Itália. A tua Roma não tem qualquer hipótese de sobrevivência, procônsul! Antes do fim do próximo ano, Quinto Sertório será o Ditador de Roma e eu serei o seu Senhor do Cavalo!

Cássio e Mânlio escutaram aquelas palavras com uma série de expressões sucessivas — furor, assombro, raiva, perplexidade, espanto — e, por fim, quando tiveram a certeza de que Espártaco terminara, fitaram-no com a expressão mais divertida deste mundo! Ambos desataram a rir como loucos, enquanto Espártaco sentia as faces lentamente enrubescendo. Que teria ele dito de divertido? Rir-se-iam da sua temeridade? Achá-lo-iam louco?

— Idiota! — exclamou Cássio com os olhos e as faces molhadas de tanto rir. — Labrego! Pateta! Não tens por acaso uma rede de espionagem? Claro que não tens! Não vales o cu de um comandante romano! Que diferença existe entre esta horda que comandas e uma horda de bárbaros? Nenhuma! Essa é que é essa! Não posso crer que não soubesses! Francamente, é inacreditável!

— Que soubesse o quê? — perguntou Espártaco, agora pálido. Não sentira raiva perante as palavras escarninhas de Cássio; o que Espártaco sentia agora era unicamente medo.

— Sertório está morto! Foi assassinado pelo seu próprio legado sénior, Perperna, no Inverno passado. Já não há nenhum exército rebelde na Hispânia! Só lá estão as legiões vitoriosas de Metelo Pio e Pompeu Magno, que em breve regressarão a Itália e acabarão contigo e com a tua horda de bárbaros! — E Cássio desatou de novo a rir.

Espártaco não ficou para ouvir mais; tapando os ouvidos com as mãos, correu para longe daquela sala, para os braços de Aluso.

A mãe do filho de Espártaco não encontrou palavras capazes de o consolarem; ele cobriu a cabeça com o manto escarlate de general e chorou, chorou, chorou.

— Que posso fazer? — perguntou ele, balouçando-se como uma criança. — Tenho um exército sem objectivos, um povo sem terra!

com o cabelo caindo-lhe sobre o rosto, agachada e com os joelhos muito afastados, Aluso pegou na sua taça de sangue, nos seus ossinhos de carneiro e no que restava da mão de Baciato, e lançou os ossinhos para saber o que a sorte ditava; depois, examinou-os cuidadosamente e, num murmúrio, revelou as suas conclusões.

— O grande inimigo de Roma no Ocidente está morto — disse. — Mas o grande inimigo de Roma no Oriente ainda está vivo. Os ossos dizem que devemos juntar-nos a Mitridates.

Ah, mas por que raio não tinha ele pensado nisso?! Espártaco libertou-se da capa de

general e fitou Aluso com os olhos muito abertos, ainda molhados das lágrimas.

— Mitridates! Claro! Marcharemos na direcção da Ilíria através dos Alpes Orientais, depois atravessaremos a Trácia rumo ao Euxino e, finalmente, juntar-nos-emos ao reino do Ponto. — Limpou o nariz com a mão e lançou um olhar tresloucado a Aluso. — A Trácia é o teu país, mulher. Preferes lá ficar?

Ela riu-se para ele com desdém.

— O meu lugar é ao teu lado, Espártaco. Os Bessos, tenham ou não consciência disso, são um povo derrotado. Nenhuma tribo no mundo é suficientemente forte para resistir a Roma para sempre. Só um grande rei como Mitridates pode fazê-lo. Não, marido, não ficaremos na Trácia. Iremos ter com Mitridates.

Um dos muitos problemas levantado por um exército tão vasto como o de Espártaco era a impossibilidade de uma comunicação directa entre o chefe e todos os seus subordinados. No entanto, o antigo gladiador reuniu a imensa mole o melhor que pôde e tentou explicar claramente aos seus homens e mulheres por que razão iam mudar de rumo e regressar a Bonónia, através da Via Emília, para depois seguirem pela Via Ánia na direcção de Aquileia e da Ilíria. Muitos foram aqueles que não compreenderam, ou porque não o ouviram claramente ou porque, como todos os Italianos, temiam e detestavam o rei oriental. Quinto Sertório era romano. Mitridates era um selvagem que comia bebés italianos e que reduziria toda aquela gente à escravidão.

A marcha foi reatada, desta feita para leste, mas, à medida que se aproximavam de Bonónia, o descontentamento entre os soldados não parava de crescer. Se para chegar a Hispânia se demorava uma eternidade, que dizer então do Ponto? Muitos dos samnitas e lucarçianos — a maioria do exército — falavam latim e oscano, mas pouco ou nenhum grego; como iriam desenvencilhar-se num país como o Ponto, que falava grego?

Em Bonónia, uma delegação constituída por cem legados, tribunos, centuriões e soldados foi falar com Espártaco.

— Não deixaremos a Itália. — Foi o que lhe disseram.

— Nesse caso, eu não vos abandonarei — retorquiu Espártaco, calando toda a sua decepção. — Sem mim, vocês desintegrar-se-ão. Os romanos matar-vos-ão a todos.

Quando a delegação se foi embora, Espártaco virou-se, como sempre, para Aluso.

— Estou derrotado, mulher, mas não por um inimigo externo. Nem mesmo por Roma.

Eles têm demasiado medo. Não compreendem.

Os ossinhos de Aluso não diziam nada de bom. Furiosa, Aluso afastou-os com um golpe súbito; depois voltou a guardá-los.

Não poderia contar a Espártaco o que diziam os ossinhos; certas coisas, era melhor que não saíssem das mentes e dos corações das mulheres, que estavam mais próximas da terra.

— Nesse caso, vamos para a Sicília — disse ela. — Os escravos sicilianos aliar-se-ão a nós, pois já se revoltaram por duas vezes. Talvez os Romanos nos deixem ocupar a Sicília em paz se lhes prometermos vender os cereais a preços baratos.

Mas Aluso não conseguia disfarçar a incerteza que havia na sua voz; apercebendo-se disso, Espártaco, num instante de desvario, chegou a contemplar a ideia de seguir para Sul, pela Via Cássia, e marchar sobre a cidade de Roma. Porém, a sensata sugestão de Aluso acabou por vencer. Ela tinha razão. Tinha sempre razão. Teria de ser a Sicília.

Ao tornar-se pontífice, um cidadão romano entrava no mais exclusivo enclave do poder político; o cargo de augure tinha quase tanta importância como o de pontífice e havia algumas famílias que, possuindo tradicionalmente augures, lhes atribuíam o mesmo valor e importância que eram atribuídos aos pontífices; a verdade, porém, é que o pontífice estava sempre um nada acima do augure. Assim, quando foi escolhido para o Colégio dos Pontífices, Caio Júlio César sabia que esse era o mais seguro dos passos tendo em vista o seu objectivo final, o consulado, e que tal investidura mais do que compensava o seu fracasso como flamen Dialis. Ninguém teria coragem de lhe apontar o dedo e de sugerir que o seu estatuto era duvidoso, que o seu cargo talvez devesse ser afinal o de flamen Dialis; a sua posição como pontífice cooptado revelava, aos olhos de toda a gente, que César se encontrava agora firmemente integrado no próprio cerne da República.

A sua mãe, como veio a saber, tinha-se tornado amiga de Mamerco e da esposa deste, Cornélia Sila. Aliás, Aurélia dava-se agora muito mais com os círculos da alta aristocracia, algo que nunca fizera devido a um quase exílio na ínsula de Subura. E não lhe fora difícil operar essa mudança, pois era extremamente respeitada e admirada. O opróbrio a que se vira sujeita por causa do seu casamento com Caio Mário, impedira Júlia de ocupar, na sociedade romana, a posição que, de outra forma, seria agora sua: a de uma moderna Cornélia, a mãe dos Gracos. E

dir-se-ia que era precisamente Aurélia quem ia herdar esse título! Actualmente, Aurélia jantava com mulheres como a esposa de Catulo, Hortênsia, a esposa de Hortênsio, Lutácia, com jovens matronas como Servília (viúva de Bruto e agora esposa de Décimo Júnio Silano, de quem tivera já duas meninas), e ainda com várias Licínias, Márcias, Cornélias Cipião e Júnias.

— Acho isso maravilhoso, mãe. Mas porquê essa mudança? — perguntou César, fazendo um ar intrigado.

Os belos olhos de Aurélia brilharam e os vincos nos cantos da boca comprimiram-se até que minúsculas covinhas se formaram nas suas faces.

— Esperas que dê uma resposta a uma pergunta retórica? — perguntou ela. — Sabes tão bem como eu qual é a resposta, César. A tua carreira avança rapidamente e eu resolvi dar uma ajuda. — Pigarreou um pouco, e acrescentou: — Além disso, a maior parte dessas mulheres sofre de um absoluta falta de bom senso. Por isso, é natural que venham ter comigo e que me contem os seus problemas. — Reflectiu sobre o que tinha acabado de dizer e emendou: — Quer dizer, nem todas. Servília é uma excepção. Aí tens uma mulher perfeitamente estruturada! Sabe exactamente o que quer e para onde vai. Devias conhecê-la, César.

César parecia absolutamente entediado.

— Obrigado, mãe, mas não. Agradeço-te muito toda a ajuda que me puderes dar, mas isso não implica que eu tenha de conviver com o círculo dos bolinhos e do vinho doce aguado. As únicas mulheres que me interessam, para além de ti e de Cinila, são as esposas dos homens que pretendo cornear. E como não tenho qualquer conflito com Décimo Júnio Silano, não vejo nenhuma razão para conviver com a esposa dele. Para mais, os patrícios Servílios são insuportáveis!

— Esta não é insuportável — disse Aurélia, mas sem qualquer intenção de convencer o filho. Aliás, mudou imediatamente de assunto. — Não vi ainda nenhum sinal de que tencionas regressar à vida urbana.

— É porque não tenciono mesmo.vou aproveitar os próximos meses para fazer uma campanha rápida junto de Marco Ponteio, na Gália Transalpina. Estarei de volta em Junho, para disputar as eleições dos tribunos dos soldados.

— Uma decisão sensata — aprovou ela — disseram-me que és um magnífico soldado,

por isso ficar-te-á bem ocupar um cargo oficial...

César estremeceu ao ouvir aquela piada. — Além de antipática, és injusta, mãe!

Ponteio que, como a maior parte dos governadores transalpinos, se tinha instalado em Massília, desejava manter César ocupado durante dez meses. Tinha ficado com uma perna gravemente ferida durante uma batalha contra os Vocôncios e ficava deprimido só de pensar que todo o seu trabalho podia ir por água abaixo só porque não conseguia montar. Por isso, quando César chegou, Ponteio entregou-lhe imediatamente as duas legiões da província e ordenou-lhe que concluísse a campanha nas margens do rio Druência; Ponteio ocupar-se-ia apenas com as linhas de abastecimento para a Hispânia. Quando recebeu a notícia da morte de Sertório, o governador suspirou de alívio e decidiu-se a participar com César numa campanha de limpeza do vale do Ródano, mais precisamente nas terras dos Alóbroges.

Ambos soldados natos, Ponteio e César deram-se extremamente bem e, no final da segunda campanha, confessavam abertamente um ao outro que não havia maior alegria do que trabalhar com um colega eminente em questões militares. Por isso, quando César regressou a Roma com a impetuosidade que lhe era peculiar, sabia que já tinha sete campanhas no seu registo de serviços militares — e que apenas lhe faltavam três! Adorara o tempo que passara na Gáulia, tanto mais que não conhecia as terras para oeste dos Alpes; por outro lado, fora-lhe fácil enfrentar os povos gauleses porque (graças ao seu velho tutor, Marco António Gnifo, a Cardixa, e a alguns inquilinos da mãe) falava fluentemente vários dos dialectos desses povos. Pensando que nenhum romano entendia as suas línguas, os batedores e espiões salúvios e vocôncios costumavam falar gaulês sempre que queriam trocar informações que os romanos não deveriam conhecer; mas César entendia o que eles diziam, ficava a saber aquilo que o inimigo não queria que soubesse — e nunca se traía.

Aquela era uma boa altura para disputar o cargo de tribuno dos soldados. A presença de Espártaco implicava que teria de cumprir o seu serviço nas legiões dos cônsules, dentro das fronteiras de Itália. Mas primeiro tinha de garantir a sua eleição — tinha de vestir a toga especialmente branqueada de candidato e apresentar-se aos eleitores em todos os mercados e basílicas de Roma, em

todas as arcadas e colunatas, em todos os colégios e guildas, em todos os pórticos.

Como a Assembleia do Povo elegia anualmente vinte e quatro tribunos dos soldados, não era

especialmente difícil ser eleito; no entanto, César impusera-se uma tarefa muito mais difícil que a mera eleição: estava determinado a ser o candidato com mais votos em todas as eleições que disputasse ao longo do seu cursus honorum. Por isso, entregou-se a uma série de actividades que qualquer candidato médio à mais baixa de todas as magistraturas consideraria supérfluas. Por outro lado, não recorreu aos serviços de um nomenclator, funcionário que os candidatos normalmente contratavam para elaborarem as listas com os nomes dos eleitores; César seria o seu próprio nomenclator — nunca se esqueceria de um rosto, nem do nome associado a esse rosto. Um homem lisonjeado com o facto de César o reconhecer ao fim de muito tempo sem se verem, ficaria naturalmente com uma óptima opinião daquele jovem brilhante, cortês e inteligente — e por certo votaria nele. Curiosamente, a maior parte dos candidatos esquecia-se do bairro de Subura. Ou melhor, quase todos o punham de lado, pois achavam que Roma passaria muito bem sem aquele ninho das classes baixas. Mas César, que vivera toda a sua vida em Subura, sabia que o bairro estava cheio de gente da camada mais baixa da Primeira Classe e da camada mais alta da Segunda Classe. E toda essa gente o conhecia. E toda essa gente votaria certamente nele.

César ficou em primeiro lugar nas eleições e, tal como os vinte questores eleitos pela mesma Assembleia do Povo, iniciaria os seus serviços como tribuno dos soldados no quinto dia de Dezembro, em vez do dia de Ano Novo. O sorteio que lhe atribuiria uma legião (com mais cinco tribunos, seria integrado numa das quatro legiões dos cônsules) só seria realizado depois da tomada de posse. E César não queria levantar problemas, tomando a iniciativa de se apresentar a uma legião consular antes do tempo; nem sequer poderia ir até Cápua. O que era absolutamente deprimente, já que os acontecimentos militares daquele ano tinham sido particularmente desastrosos!

Em fins de Quinctilis, era evidente, mesmo para os mais obtusos dos senadores, que os cônsules Gélio e Clodiano não conseguiriam deter Espártaco. com Filipe à frente do coro (uma tarefa difícil para Filipe, já que Gélio e Clodiano eram, tal e qual como ele, homens de Pompeu), o Senado, mostrando o maior tacto, disse aos cônsules

que se via obrigado a retirar-lhes o comando da guerra contra Espártaco; que eram necessários em Roma para governar; e que se tinha tornado evidente que o comando da guerra devia ser atribuído a um homem com um império proconsular — um homem que tivesse acesso pessoal aos veteranos retirados e influência e poder suficientes para os fazer regressar aos campos

de batalha. Um homem com um boa folha de serviços militares e, de preferência, adepto de Sila. Um homem que não só pertencesse ao Senado, mas que também tivesse sido pelo menos pretor. Claro que toda a gente, dentro e fora do Senado, sabia que havia apenas um candidato para tal cargo, um candidato que não estava a fazer nada em Roma e que não tinha províncias para governar nem guerras para travar, um candidato que tinha uma óptima folha de serviços e capacidade para atrair os veteranos: Marco Licínio Crasso. Pretor urbano no ano anterior, Crasso recusara o governo de uma província, apresentando como desculpa o facto de Roma precisar mais dele dentro dos seus limites do que numa qualquer cidade ou região estrangeira. Noutra pessoa qualquer, uma tal letargia e uma tão grande ausência de zelo político teriam sido imediatamente condenadas; mas Marco Crasso tinha direito a ter fraquezas. O que não admirava, pois a maior parte dos senadores devia-lhe dinheiro.

Aliás, Crasso nada fez para obter aquele cargo. Nem esse era o seu estilo. Pelo contrário: limitou-se a esperar, no seu edifício de escritórios por detrás do Mercado Cupedénis. Um edifício de escritórios seria normalmente algo de imponente — mas não era esse o caso do estabelecimento de Crasso. Não havia quadros caros pendurados nas paredes, nem divas confortáveis nas salas, nem espaçosos salões de entrada onde os clientes poderiam juntar-se e conversar, nem criados oferecendo vinho de Falerno e queijos raros. Tito Pompónio Ático, o antigo sócio de Crasso e que, agora, tanto o detestava, era exactamente o oposto: conduzia os seus negócios em instalações do maior requinte. Crasso, contudo, nem sequer chegara a entender a necessidade que um homem de negócios tinha de se rodear de coisas belas e confortáveis. Para Crasso, desperdiçar espaço era desperdiçar dinheiro, e dinheiro gasto a embelezar escritórios era dinheiro deitado à rua. Nos seus escritórios, sentava-se habitualmente a uma secretária, num canto de um salão cheio de gente, apertado entre os contabilistas, escribas e secretários que partilhavam a mesma área; talvez não fosse muito agradável, mas a verdade é que, desse modo, podia vigiar permanentemente a sua equipa — e ele era um vigilante perfeito.

Não, de facto Crasso nada fez para obter aquele cargo. Não precisou sequer de comprar um grupo de pressão senatorial. Pompeu Magno é que desperdiçava dinheiro com esse género de coisas! Crasso não precisava disso — bastava-lhe emprestar a um senador necessitado todo o dinheiro de que este precisasse. E sem juros. Pompeu nunca recuperaria o seu dinheiro. Ao passo que Crasso podia reaver os seus empréstimos em qualquer altura e nunca correria o risco de ficar

sem dinheiro.

Finalmente, em Setembro, o Senado actuou. Pediu a Marco Licínio Crasso que aceitasse um império proconsular, que levasse consigo oito legiões e que comandasse a guerra contra o gladiador trácio Espártaco. Crasso demorou vários dias a responder. Por fim, deslocou-se a uma sessão do Senado e, usando do mínimo de palavras, como era seu costume, deu a resposta que o Senado esperava: aceitava o cargo. Para César, que o observara do seu lugar, no lado oposto da Cúria Hostília, aquela intervenção de Crasso fora uma clara lição sobre o poder que a presença de um homem podia ter, mas também sobre o poder corrupto e nojento do dinheiro.

Crasso era alto, mas não parecia, pois era muito largo. Não que fosse gordo. Tinha, isso sim, uma constituição de touro, umas mãos enormes, uns pulsos grossos, um pescoço e uns ombros poderosos. Vestido com uma toga, parecia uma massa bruta, algo disforme; mas essa impressão desfazia-se quando ele elevava o braço direito e exibia os músculos, ou quando cumprimentava alguém e fazia sentir toda a força que tinha nesse braço. Tinha um rosto grande e largo, inexpressivo mas não desagradável, e os olhos, de um cinzento-claro, tinham o hábito de focar as pessoas e as coisas de uma forma branda e amável. O cabelo e as sobrancelhas eram de um castanho-pálido e a sua pele ganhava rapidamente, sob a acção do sol, uma cor trigueira.

Crasso falava agora no seu tom de voz normal — uma voz surpreendentemente alta (Apolónio Molão diria que era por ter um pescoço baixo, pensou César).

— Pais Conscritos, sensibilizou-me muito a honra que me concederam ao oferecer-me este elevado comando. Gostaria de aceitar, mas...

Fez uma pausa, deixando que o seu olhar afável passeasse de rosto em rosto.

— Mas sou um homem humilde e tenho perfeita consciência de que a influência que possuo se deve a um sem-número de homens da ordem dos cavaleiros, cuja presença nesta casa não podem fazer sentir directamente. Não poderia aceitar este alto comando sem ter a certeza de que esses homens estariam de acordo. Portanto, peço humildemente a esta Casa que apresente um senatus consultum à Assembleia do Povo. Se esse corpo aprovar o meu comando, terei todo o gosto em aceitá-lo.

Mas que inteligente, este Crasso!, pensou César.

O que o Senado dava, também podia tirar. Tal como acontecera no caso de Gélio e Clodiano. Mas se a Assembleia do Povo ratificasse um decreto vindo do Senado — e, neste caso,

ratificou-o —, então só a Assembleia do Povo poderia revogá-lo. O que não era de modo nenhum impossível. Porém, uma lei aprovada pela Assembleia do Povo deixaria Crasso numa posição extremamente forte junto dos tribunos da plebe, que há muito exibiam garras afiadas e presas ameaçadoras por causa das leis de Sila e da apatia do Senado perante as decisões que urgia tomar. Sim, que inteligente era aquele Crasso!

Ninguém ficou surpreendido quando o Senado, obedientemente, aprovou o senatus consultum, nem quando a Assembleia do Povo votou esmagadoramente a sua ratificação. Marco Licínio Crasso era, graças a isso, um comandante muito mais sólido que Pompeu; o império de Pompeu fora concedido apenas pelo Senado, não era uma lei inscrita nas tábuas de Roma.

com a mesma eficiência com que transformara num êxito estrondoso uma empresa tão dúbia como a de ensinar escravos a executar trabalhos dispendiosos, Marco Crasso lançou-se imediatamente ao trabalho, movido pela certeza de que venceria mais um desafio.

A primeira coisa que fez foi anunciar os nomes dos seus legados: Lúcio Quíncio, um homem de cinqüenta e dois anos conhecido por importunar cônsules e tribunais; Marco Múmio, que tinha quase a idade necessária para ser pretor; Quinto Márcio Rufo, que era um pouco mais novo mas já pertencia ao Senado; Caio Pomptino, um jovem Homem Militar; e Quinto Amo, o único veterano da guerra contra Espártaco que Crasso aproveitou.

Declarou depois que, estando as quatro legiões dos cônsules reduzidas a duas por causa das baixas e das deserções, empregaria apenas os doze primeiros tribunos dos soldados, mas não os tribunos desse ano; o seu mandato estava praticamente no fim, e não havia nada de pior do que mudar os comandantes imediatos dos soldados ao fim de um mês de campanha. Por isso, convocaria mais cedo do que o previsto os tribunos dos soldados do ano seguinte. Finalmente, decidiu integrar na sua equipa um dos questores do ano seguinte: Cneu Tremélio Escrofa, de uma velha família pretoriana.

Entretanto, instalou-se em Cápua e enviou delegações aos seus soldados veteranos, aqueles que tinham combatido com ele contra Carbão e os Samnitas. Precisava de recrutar seis legiões o mais rapidamente possível. Alguns dos seus críticos lembraram que os seus soldados não tinham apreciado a relutância dele em partilhar os despojos de cidades como Tuder, e predisseram que seriam poucos os voluntários. Porém, fosse porque a memória dos homens é curta ou porque o tempo dulcifica os corações, a verdade é que os veteranos de Crasso acorreram

em massa. No início de Novembro, altura em que se soube que os espartacanos tinham dado meia volta e retomado a Via Emília, Crasso estava quase pronto para avançar.

Antes, porém, tinha de resolver os problemas do que restava das legiões dos cônsules, as quais permaneciam no acampamento de Firmo Piceno desde a derrota de Gélio e Clodiano. Aqueles soldados formavam vinte coortes (que era o número exacto de coortes para duas legiões), mas eram os sobreviventes de quatro legiões, e, por isso, poucos deles tinham combatido juntos, em termos de uma unidade legionária. Não fora possível transferi-los para Cápua enquanto Crasso formava e organizava as suas seis legiões; nos últimos anos, tinham sido organizadas tão poucas legiões que metade dos acampamentos à volta de Cápua haviam sido encerrados e desmantelados.

Quando enviou Marmo Múmio e os doze tribunos dos soldados buscar essas vinte coortes a Firmo Piceno, Crasso estava consciente de que Espártaco e os seus espartacanos se aproximavam rapidamente de Arimino. Múmio recebera ordens rigorosas. Deveria evitar todo o tipo de contacto com Espártaco, o qual, segundo se pensava, ainda estaria bastante a norte de Firmo Piceno. Infortunadamente

para Múmio, Espártaco, mal chegara a Arimino, tinha feito avançar as suas tropas independentemente de todo o outro pessoal do acampamento e do comboio de bagagens, pois sabia que não havia qualquer ameaça na sua retaguarda. De tal modo que Múmio chegou ao acampamento construído por Gélio e Clodiano praticamente ao mesmo tempo que Espártaco.

A batalha era inevitável. Múmio fez o melhor que pôde, mas tanto ele como os seus tribunos dos soldados (entre os quais César) pouco podiam fazer. Nenhum deles conhecia as tropas, as tropas nunca tinham sido devidamente treinadas e os soldados temiam Espártaco tal e qual como as crianças temem o papão. Aliás, dificilmente se poderia chamar àquilo que se passou uma batalha; os espartacanos limitaram-se a irromper pelo acampamento como se ele não existisse, enquanto os soldados das legiões dos cônsules debandavam em todas as direcções. Na fuga, deixaram as armas, os capacetes, as cotas de malha, tudo o que pudesse atrapalhar-lhes os movimentos. Os homens de Espártaco nem se deram à maçada de persegui-los; continuaram o seu caminho, depois de terem recolhido as armas e armaduras inimigas e despido os cadáveres daqueles que não tinham conseguido fugir a tempo.

— Não podias ter feito nada para evitar isto — disse César a Múmio. — A culpa é da

nossa espionagem.

— Marco Crasso vai ficar furioso! — exclamou Múmio, desesperado.

— Furioso é pouco — retorquiu César com um ar triste. — Mas, de qualquer modo, uma conclusão podemos tirar: os espartacanos desconhecem por completo a disciplina.

— Sim, mas são mais de cem mil!

Estavam acampados no alto de uma colina, não muito longe da multidão que prosseguia na sua marcha para Sul; César, que via bem à distância, apontou.

— Quanto a soldados, não tem mais de oitenta mil, talvez menos. Aquilo que estamos a ver agora são os acompanhantes das tropas — mulheres, crianças, até mesmo homens que não parecem estar armados. E esses são pelo menos cinqüenta mil. Espártaco tem um grande peso sobre os ombros. Tem de arrastar consigo as famílias e os bens pessoais dos seus soldados. O que tu estás a ver, Múmio, não é um exército: é um povo sem pátria.

Múmio afastou-se.

— bom, não há qualquer razão para ficarmos aqui mais tempo. Marco Crasso tem de ser informado do que aconteceu. Quanto mais depressa, melhor.

— Os espartacanos estarão já bem longe daqui dentro de um dia ou dois. Posso sugerir que fiquemos aqui até que eles desapareçam e que depois reunamos os soldados das legiões dos cônsules? Caso contrário, esses homens desaparecerão para sempre. Acho que Marco Crasso ficaria mais contente se nós lhos levássemos. Ainda que os soldados se encontrem no pior estado possível — disse César.

Múmio deteve-se ao ouvir aquilo, virou-se e fitou o seu tribuno sénior.

— Lá esperto és tu, César! Tens toda a razão! Devíamos realmente reunir os desgraçados que restam e levá-los connosco. Sempre é uma maneira de refrear a fúria do nosso general!

Entre as ruínas do acampamento, jaziam cinco coortes. Os centuriões, na sua maior parte, também estavam mortos. Quinze coortes tinham sobrevivido. Múmio demorou onze dias a localizar e a reunir esses homens, uma tarefa menos difícil do que temia, já que aqueles pobres soldados pouco ânimo e engenho tinham para fugir.

Vestidos apenas com túnicas e sandálias, os soldados das quinze coortes foram conduzidos a Crasso, que se encontrava agora num acampamento às portas de Boviano. Tinha-se

cruzado com um destacamento de espartacanos que se afastara da coluna principal e matado seis mil desses homens; Espártaco, no entanto, avançava já na direcção de Venúsia, e Crasso considerara que não seria inteligente persegui-lo numa região desfavorável e com uma força tão pequena. Era o princípio de Dezembro, mas como o calendário estava adiantado quarenta dias em relação ao ritmo normal das estações, o Inverno ainda não se fazia sentir.

O general ouviu o que Múmio lhe tinha para dizer num silêncio que não augurava nada de bom.

— Não te considero responsável pelo que aconteceu — disse ele, por fim. — Mas que vou eu fazer com quinze coortes constituídas por homens em quem não podemos confiar e que não têm coragem para combater?

Ninguém lhe respondeu. Crasso sabia exactamente o que ia fazer, apesar da pergunta. Todos os homens presentes compreenderam isso, mas apenas Crasso sabia o que ia fazer.

Lentamente, os olhos brandos do general passearam pelos rostos dos seus assistentes, demorando-se ligeiramente em César.

— Quantos são eles? — perguntou.

— Sete mil e quinhentos, Marco Crasso. Quinhentos por cada côorte — respondeu Múmio.

—vou dizimá-los — disse Crasso.

Fez-se um silêncio absoluto naquela tenda; ninguém movia sequer um músculo.

— Manda formar todo o exército amanhã ao nascer do Sol e, entretanto, prepara tudo. César, tu és pontífice, portanto vais oficiar. Escolhe a tua vítima para o sacrifício. O sacrifício deverá ser oferecido a Júpiter Optimus Maximus ou a qualquer outro deus?

— Creio que deveríamos oferecê-lo a Júpiter Stator, Marco Crasso. Ele é o deus que obsta à deserção dos soldados. E também a Sol Indiges e a Belona. A vítima tem de ser um vitelo preto.

— Múmio, os teus tribunos dos soldados tratarão do sorteio. Excepto César, claro.

E logo de seguida o general ordenou à sua equipa que se retirasse. Nenhum daqueles homens trocou palavra à saída, o que não admirava, pois o castigo decidido era nem mais nem menos do que a dizimação!

Ao nascer do Sol, as seis legiões de Crasso estava já formadas; em frente delas,

formados em dez filas, cada uma com setecentos e cinqüenta homens, encontravam-se os soldados que iam ser condenados. Múmio trabalhara febrilmente para encontrar o procedimento mais simples e mais rápido, já que a divisão numérica mais importante, no caso da dizimação, era a decúria de dez homens; Crasso, obviamente, deu-lhe uma importante ajuda a nível logístico.

Os soldados culpados estavam ainda como Múmio os trouxera: vestidos apenas com túnicas e sandálias. No entanto, cada homem segurava agora um bastão com a mão direita, além de ter recebido um número de um a dez por causa do sorteio. Acusados de cobardia, tinham todo o aspecto de cobardes, pois todos eles tremiam, com expressões de terror, o suor caindo-lhes pelas faces apesar do frio dos primeiros momentos da manhã.

— Pobres desgraçados — disse César ao seu colega tribuno Caio Popílio. — Não sei o que mais os amedronta — se a ideia de morrerem, se a ideia de terem de matar. Aqueles homens não são guerreiros.

— São demasiado jovens — disse Popílio, com um ar triste.

— Isso normalmente é uma vantagem — disse César, que trazia a sua toga pontificia, um belo e rico traje, formado inteiramente por largas faixas escarlates e roxas. — Que sabe uma pessoa aos dezassete ou dezoito anos? com essa idade, não temos preocupações nem com esposas, nem com filhos. A juventude é turbulenta, precisa de uma saída para os seus impulsos violentos. E, para isso, a guerra é preferível ao vinho, às mulheres, às rixas nas tabernas — na guerra, pelo menos, o Estado extrai deles algo que lhe é útil.

— És um homem duro — disse Popílio.

— Não. Sou apenas prático.

Crasso estava pronto para começar. César encaminhou-se para o local onde estavam a ser praticados os rituais, cobrindo a cabeça com uma dobra da toga. Qualquer legião tinha o seu sacerdote e o seu augure, e foi um augure militar quem inspeccionou o fígado do vitelo preto. Mas como a dizimação era uma condenação restringida ao império de um general proconsular, era necessário que interviesse uma autoridade religiosa superior ao religioso legionário; por essa razão, César tinha de verificar as conclusões do augure. Depois de anunciar bem alto que Júpiter Stator, Sol Indiges e Belona tinham aceite o sacrifício, César concluiu a sua intervenção com as orações da praxe. E acenou para Crasso para que começasse.

garantida a aprovação divina, Crasso falou. Ele e os seus legados encontravam-se numa

tribuna erigida junto a uma das extremidades das coortes culpadas. O único tribuno dos soldados que fazia parte deste grupo era César, o sacerdote oficiante; os outros tribunos encontravam-se à volta de uma mesa, no meio do espaço entre as legiões veteranas e as coortes condenadas, a fim de procederem ao sorteio.

— Legados, tribunos, cadetes, centuriões, soldados! — disse Crasso com a sua voz alta e potente. — Estamos hoje reunidos aqui para assistir a uma punição que é tão rara que já passaram muitas gerações desde a última vez que foi aplicada. A dizimação é uma pena reservada aos soldados que se mostraram indignos de pertencer às legiões de Roma, que desertaram da forma mais cobarde e imperdoável. Ordenei que as quinze coortes aqui presentes fossem dizimadas, por uma boa razão: desde que entraram para o serviço militar, no início deste ano, fugiram sempre dos campos de batalha onde, pelo contrário, deveriam combater. E agora, na sua última debandada, cometeram o pior dos crimes de um soldado — abandonaram as suas armas e armaduras no campo, deixando-as à disposição do inimigo. Nenhum deles merece viver, mas eu não tenho poder para os executar a todos. Essa é uma prerrogativa do Senado, apenas do Senado. Por isso, na minha qualidade de comandante-chefe proconsular, exercerei o meu direito a dizimar as suas hostes, na esperança de que, dessa forma, inspire os sobreviventes a lutar, no futuro, como soldados romanos — e para mostrar a todos vós, meus leais e constantes seguidores, que não tolerarei a cobardia! E que todos os deuses possam testemunhar que vinguei obom nome e a honra de todos os soldados romanos!

À medida que Crasso se aproximava do fim do seu discurso, César ia-se sentindo cada vez mais tenso. Se os homens das seis legiões saudassem com vivas o seu discurso, então Crasso teria o consentimento do exército; mas se o seu discurso fosse saudado com o silêncio, então era mais que certo que teria pela frente uma campanha cheia de motins. Ninguém gostava da dizimação. Era por isso que nenhum general a praticava. Crasso, que era tão perspicaz nos negócios e na política, seria igualmente perspicaz no seu relacionamento com os veteranos de Roma?

As seis legiões saudaram vibrantemente o discurso. Examinando-o com atenção, César pôde aperceber-se de que Crasso soltara um quase indistinto suspiro de alívio; portanto, nem mesmo ele tinha tido a certeza!

O sorteio começou então. Havia setecentas e cinqüenta decúrias, o que significava que setecentos e cinqüenta homens iam morrer. Era um processo muito demorado, mas Crasso e Múmio tinham-no apressado através de uma excelente organização. Num cesto enorme, encontravam-se setecentas e cinqüentas pequenas tábuas — setenta e cinco com o número I, setenta e cinco com o número II, e assim por diante até ao número X. Tinham sido atiradas ao acaso para o cesto e depois baralhadas. O tribuno dos soldados Caio Popílio tinha de se certificar, depois, que, em dez cestos mais pequenos, havia exactamente setenta e cinco dessas pequenas tábuas. Feito esse trabalho, Popílio deu cada um desses cestos aos restantes tribunos.

Fora por isso que as coortes culpadas tinham sido dispostas em dez filas bem espaçadas, sendo cada fila formada por setenta e cinco
decúrias, também bem espaçadas entre si. Um tribuno dos soldados ia de uma ponta à outra da sua fila, parando em frente de cada decúria e retirando uma tábua do seu cesto. Dizia o número retirado, o homem a quem pertencia esse número dava um passo em frente e o tribuno passava depois à decúria seguinte.

Entretanto, a carnificina tinha começado. Até mesmo nas execuções havia ordem e meticulosidade. Vários centuriões das legiões de Crasso, que não conheciam os soldados das coortes culpadas, tinham a seu cargo a tarefa de supervisionar as execuções. Poucos eram os centuriões das coortes cobardes que tinham sobrevivido; mas os sobreviventes não tinham sido poupados e tinham tantas hipóteses de morrer (e de matar) como os soldados. O homem sorteado era morto pelos seus nove colegas da decúria; estes deveriam espancá-lo até à morte com os seus bastões. Dessa forma, ninguém escapava ao sofrimento: nem os nove que ficavam vivos, nem aquele que morria.

Os centuriões sabiam muito bem como tudo devia ser feito.

— Tu, ajoelha-te e não te mexas — diziam para o homem condenado. — Tu, dá-lhe na cabeça a matar — diziam para o homem mais afastado. — Tu, dá-lhe a matar — diziam ao homem seguinte, e assim por diante. Os nove carrascos eram obrigados a atingir com os bastões a nuca e o crânio do colega ajoelhado e indefeso. Essa era a forma menos violenta que a execução podia assumir, já que, pelo menos, ninguém desataria a espancar violentamente a vítima em todas as partes do seu corpo. Como nenhum dos carrascos tinha coragem para matar, nem todos os golpes eram certeiros, longe disso. Mas os centuriões não paravam de berrar, ordenando-lhes que

batessem com força e com precisão, e, à medida que o processo ia avançando, os carrascos iam-se tornando também mais rápidos e eficientes. A repetição, combinada com a resignação, só poderia ter esse efeito.

Ao fim de treze horas, já caíra a escuridão, a dizimação chegava ao seu termo. Crasso mandou dispersar os seus soldados, fartos daquilo e com os pés doridos, pois tinham sido obrigados a permanecer formados até à última execução. Os setecentos e cinqüenta cadáveres foram distribuídos por trinta piras e queimados; em vez de serem mandadas para as famílias, as cinzas foram atiradas para os esgotos das latrinas do acampamento. Por outro lado, os testamentos desses homens não seriam honrados. O dinheiro e os bens que tivessem iam para o Tesouro, a fim de compensar as perdas causadas pelo abandono das armas, dos capacetes, dos escudos e de todo o equipamento legionário no campo de batalha.

Nenhum dos homens que assistira à primeira dizimação ao fim de tanto tempo se sentiu indiferente; na maior parte, o efeito foi profundo e terrível. Reduzidos agora a catorze fracas coortes, os desgraçados que sobreviveram engoliram o medo e o orgulho e só pensavam em tornar-se os legionários que Crasso exigia. Mais sete coortes, constituídas por soldados devidamente treinados, vieram de Cápua e foram incorporadas nas outras catorze, a fim de formarem duas legiões. Como Crasso continuava a referir-se a elas como as legiões dos cônsules, os doze tribunos dos soldados foram nomeados para as comandar, com César, o sénior, à frente da Legião I.

Enquanto Marco Crasso mandava executar os soldados que não tinham encontrado dentro de si a coragem para enfrentar os espartacanos, Espártaco realizava jogos fúnebres em honra de Crixo, nos arredores da cidade de Venúsia. Não era seu hábito fazer prisioneiros, mas, desta feita, tinha aprisionado trezentos homens das legiões dos cônsules (e alguns outros que tencionava manter vivos por ora) no acampamento de Firmo Picentino; durante toda a caminhada até Venúsia, treinara-os como gladiadores, metade gauleses, metade trácios. Depois, dotando-os dos melhores trajes e equipamentos gladiatoriais, obrigou-os a combater até à morte em honra de Crixo. Quanto ao vencedor de todos os vencedores, executou-o segundo normas integralmente romanas — mandou que o açoitassem e que, depois, o decapitassem. O fantasma de Crixo devia ter ficado satisfeito com o sangue de trezentos inimigos.

Os jogos fúnebres de Crixo tinham servido outro objectivo; enquanto as suas vastas hostes festejavam, Espártaco aproveitou para falar aos soldados de uma maneira mais pessoal do que em Mutina, e para os convencer de que a Sicília era a solução para o difícil problema de encontrarem uma região onde pudessem residir permanentemente. Embora tivesse esvaziado todos os celeiros ao longo da sua marcha, e possuísse óptimas reservas de queijo, leguminosas, raízes e frutos duradouros, e levasse consigo milhares de ovelhas, porcos, galinhas e patos, a ameaça de uma eventual fome entre o seu povo perturbava-o muito mais que o espectro de qualquer
exército romano. O Inverno estava perto; teriam de se estabelecer na Sicília antes que viesse o tempo frio.

E assim, em Dezembro, Espártaco continuou a sua marcha para Sul, desta feita na direcção do golfo de Tarento, onde as indefesas comunidades dessa rica planície de muitos rios perderam as colheitas de Inverno e os primeiros legumes de Inverno. Em Túrios, uma cidade que já tinha saqueado, Espártaco virou para o interior, subiu o vale do Grátis e emergiu na Via Popília. Não havia tropas romanas por perto; usando a estrada que atravessava as montanhas do Brútio, chegou facilmente ao pequeno porto pesqueiro de Cileu.

E ali estava ela, para lá do estreito — a Sicília! Uma breve viagem de mar e as longas marchas acabariam! Mas que viagem terrível! Cila e Caríbdes habitavam aquelas perigosas águas. Logo à saída da baía de Cileu, Cila rangia as suas três fileiras de dentes em cada uma das suas seis cabeças, enquanto as cabeças dos cães cingidos aos seus rins se babavam e uivavam. E se um navio tivesse a sorte de passar por Cila enquanto ela dormia, mesmo assim ainda teria de enfrentar Caríbdes, que rugia, rugia, rugia, num imenso e violento redemoinho.

Claro que Espártaco não acreditava em tais histórias; porém, sem se aperceber, estava a ficar cada vez menos romano e a tornar-se cada vez mais primitivo e infantil. Desde que fora expulso das legiões de Coscónio, há quase cinco anos, que deixara de viver como um romano. A mulher que desposara acreditava implicitamente em Cila e Caríbdes, tal como muitos dos seus seguidores. E por vezes — uma vez por outra! — até ele via essas terríveis criaturas nos seus sonhos.

Para além de possuir uma grande frota pesqueira que se dedicava essencialmente à pesca do atum que, em migração, passava duas vezes ao ano por aquelas águas, Cileu abrigava piratas. A

proximidade da Via Popília e das legiões romanas que iam e vinham da Sicília impedia que Cileu se transformasse num ancoradouro para grandes frotas piratas. Mas os pequenos piratas que usavam o porto de Cileu estavam precisamente a chegar à praia nos seus pequenos navios, a fim de passarem o Inverno em terra, quando a multidão de seguidores de Espártaco avistou a cidade.

Deixando o seu exército para se empanturrar de peixe, Espártaco procurou imediatamente o chefe dos piratas locais e perguntou-lhe se conhecia algum almirante pirata habituado a comandar muitos navios de grande porte.

— Claro que conheço! Conheço até vários! — foi a resposta.

— Então manda-os vir ter comigo — disse Espártaco. — Preciso de embarcar imediatamente para a Sicília com alguns milhares dos meus melhores soldados e estou disposto a pagar um milhar de talentos de prata a quem nos transportar até à ilha no prazo de um mês.

Embora Crixo e Enómao estivessem mortos, Espártaco havia já encontrado substitutos para eles, de entre a sua poliglota colecção de legados e tribunos. Casto e Ganico eram ambos samnitas e tinham combatido com Mutilo durante a Guerra Italiana e com Pôncio Telesino durante a guerra contra Sila; eram por natureza marciais e tinham alguma experiência de comando. O tempo tinha ensinado a Espártaco que as suas hostes se recusavam a marchar como um exército se não houvesse uma ameaça directa do inimigo — muitos dos seus homens tinham esposas, alguns tinham filhos, outros tinham mesmo diversos parentes na vasta comitiva. Era impossível a um homem só controlar ou dirigir massas tão instáveis. Por isso, Espártaco dividira as suas hostes em três divisões, com três colunas de bagagens separadas; ele comandava a maior divisão e dera o comando das outras duas a Casto e Ganico.

Quando soube que dois almirantes piratas vinham falar com ele, Espártaco chamou Aluso, Casto e Ganico.

— Ao que parece, terei em breve navios suficientes para transportar vinte mil homens até Peloro — disse ele. — Mas o que me preocupa é a grande massa de pessoas quevou ter de deixar aqui. Provavelmente, só ao fim de alguns meses poderei voltar cá para as levar para a Sicília. Que acham da ideia de as deixar em Cileu? Há comida suficiente? Ou deverei mandá-los de volta para Bradano? Os agricultores e os pescadores daqui dizem que vamos ter um Inverno muito frio.

Casto, mais velho e experiente que Ganico, reflectiu sobre este problema antes de responder.

— Na realidade, Espártaco, as terras aqui à volta não são más. A oeste do porto, há um pequeno promontório, plano e fértil. Acho que todos nós podíamos ficar por aqui, sem recorrer demasiado aos abastecimentos, durante... durante um mês, talvez dois. E, se os vinte mil homens que mais comem vão para Sicília, então poderemos ficar três meses por aqui.

Espártaco tomou então uma decisão.

— Nesse caso, ficaremos todos aqui. Mudamos o acampamento para oeste da cidade e as mulheres e as crianças começam já a cultivar a terra. Até mesmo os nabos e as couves serão bem-vindos.

Quando os dois samnitas deixaram a tenda, Aluso fitou o marido com os seus olhos de lobo selvagem e, muito no fundo da sua garganta, começou a formar-se um som rosnado, horrendo. Espártaco sentia sempre um sobressalto quando a via com aquele ar fantasmagórico, animalesco, ou seja, sempre que o espírito profético se apossava dela.

— Tem cuidado, Espártaco! — disse ela.

— Cuidado de quê? — perguntou ele, intrigado. Ela abanou a cabeça e de novo rosnou.

— Não sei. Alguma coisa. Alguém. Vem através da neve.

— Ainda falta pelo menos um mês para começar a nevar — disse ele, num jeito afável.

— Nessa altura já eu estarei na Sicília com os melhores dos meus homens e duvido que a campanha na Sicília seja perigosa para nós. É com aqueles que vão ficar aqui que devo ter cuidado?

— Não — retorquiu ela, sem a menor dúvida. — É contigo que deves ter cuidado.

— A Sicília é uma região calma e mal defendida. Não correrei nenhum perigo perante as milícias e os barões dos cereais.

Todo o corpo da mulher se encrespou nesse instante. Depois, um estremecimento percorreu-a dos pés à cabeça.

— Tu nunca chegarás à Sicília, Espártaco — disse ela. — Nunca chegarás à Sicília.

Mas o dia seguinte veio desmentir a profecia de Aluso, pois dois almirantes piratas chegaram a Cileu e ambos eram tão famosos que Espártaco até conhecia os seus nomes: Farnaces e Megadates. Tinham começado como piratas muito longe da Sicília, nas águas do mar Euxino.

No entanto, nos últimos dez anos, tinham controlado os mares entre a Sicília e a África, atacando tudo o que fosse mais pequeno que uma frota cerealífera romana. Quando lhes apetecia, até aportavam a Siracusa — mesmo debaixo do nariz do governador! — para roubarem víveres e vinho.

Os dois piratas, pensou o estupefacto Espártaco, tinham um ar de mercadores bem sucedidos na vida — eram pálidos, roliços, amaneirados.

— Vocês sabem quem eu sou — disse ele, bruscamente. — Estão dispostos a fazer negócio comigo, apesar dos Romanos?

Os dois homens trocaram uns sorrisos manhosos.

— Nós fazemos negócio em todo o lado e com toda a gente, apesar dos Romanos — disse Farnaces.

— Preciso de transporte até Peloro para vinte mil dos meus soldados.

— É uma viagem muito curta, mas cheia de perigos durante o Inverno — retorquiu Farnaces, obviamente o porta-voz.

— Os pescadores locais disseram-me que não é nada do outro mundo.

— Claro, claro.

— Então? Ajudam-me?

— Deixa-me ver... Vinte mil homens... Duzentos e cinqüenta por navio... São poucas milhas, eles não se importam de ir como nabos numa saca... Ora bem: serão precisos portanto oitenta navios! — disse Farnaces, com um ligeiro esgar. — Não temos tantos navios suficientemente grandes para um tal número de homens. Os dois juntos, possuímos vinte desses navios.

— Cinco mil de cada vez — disse Espártaco, com a testa franzida. — Terão de ser quatro viagens, nada mais! Quanto cobram vocês? E quando podem começar?

Como dois lagartos gémeos, os dois homens pestanejaram em perfeito uníssono.

— Meu caro amigo, não regateias? — perguntou Megadates.

— Não tenho tempo. Qual é o preço e quando podem começar? Farnaces voltou a tomar conta do caso.

— Cinqüenta talentos de prata por navio e por viagem. Quatro mil no total — disse ele.

Era a vez de Espártaco pestanejar.

— Quatro mil! Mas esse é todo o dinheiro que tenho! — retorquiu.

— É pegar ou largar — disseram os almirantes, em perfeito uníssono.

— Se me garantirem que os vossos navios estão neste porto dentro de cinco dias, aceito — disse Espártaco.

— Dá-nos os quatro mil talentos antecipadamente e nós garantimos-te que os navios estarão cá nesse prazo — replicou Farnaces.

— Ah, não, isso não! — exclamou. — Metade agora, a outra metade quando o trabalho estiver feito.

— Negócio feito! — disseram Farnaces e Megadates num uníssono perfeito.

Aluso não fora autorizada a participar nesta reunião. Por razões que não entendia bem, Espártaco sentiu relutância em contar-lhe o que se tinha passado; talvez tivesse medo de que Aluso o visse morto num naufrágio, já que, segundo ela, ele nunca chegaria à Sicília. Porém, como seria de esperar, Aluso conseguiu convencê-lo a contar-lhe e, para grande surpresa do chefe rebelde, reagiu com o ar mais feliz deste mundo.

— É umbom preço — disse ela. — Recuperarás o teu dinheiro quando chegares à Sicília.

— Mas não disseste que eu nunca chegaria à Sicília?

— Isso foi ontem e a visão mentia. Hoje vejo com mais clareza, e está tudo bem.

Desta forma, dois mil talentos de prata foram retirados das carroças e embarcados no belo quinquerreme de vela púrpura e dourada que trouxera Farnaces e Megadates a Cileu. com a ajuda dos seus poderosos remos, o barco foi-se afastando rapidamente da baía.

— Parece uma centopeia — disse Aluso. Espártaco riu-se.

— Tens razão! Parece uma centopeia! Talvez seja por isso que não tem medo de Cila.

— É demasiado grande para caber na boca de Cila.

— Cila é um bloco de rochas perigosas — disse Espártaco.

— Cila — retorquiu Aluso — é uma entidade.

— Dentro de cinco dias, saberei o que é Cila afinal, se rochas, se essa entidade de que tu falas.

Cinco dias depois, os primeiros cinco mil homens reuniram-se no porto de Cileu, cada homem com a sua armadura vestida, com o capacete na cabeça, as armas ao lado e um medo

terrível no coração. Iam fazer a travessia entre Cila e Caríbdes! Só o facto de terem falado com os pescadores locais lhes dava coragem para fazerem tal viagem; os pescadores juravam que Cila e Caríbdes existiam, mas conheciam os encantos capazes de fazê-las adormecer e prometeram que os usariam.

Apesar de o tempo estarbom e de o mar estar calmo, os vinte navios piratas não apareciam. Espártaco reuniu-se então com Casto e Ganico e decidiu que os cinco mil homens passariam a noite onde estavam. Seis dias passaram. Sete dias, oito dias. E os navios piratas sem aparecer. Dez dias, quinze dias. Os cinco mil homens tinham regressado há muito aos seus acampamentos, mas Espártaco ia todos os dias ao porto e perscrutava o mar, com as mãos sobre os olhos. Eles viriam! Tinham de vir!

— Foste enganado — disse Aluso no décimo sexto dia, ao ver que Espártaco não iria ao porto naquele dia.

As lágrimas começaram a surgir-lhe nos olhos e, num instante, Espártaco soluçava convulsivamente.

— Fui enganado! — dizia, apenas.

— Oh, Espártaco, o mundo está cheio de trapaceiros e mentirosos! — exclamou ela. — Pelo menos o que nós fizemos foi feito de boa fé e tu és um pai para esta pobre gente! Eu vejo um lar para nós do outro lado do mar, vejo-o tão claramente que quase posso tocá-lo! E no entanto nunca lá chegaremos! Da primeira vez que deitei os ossinhos, foi isso que vi, mas, mais tarde, os ossinhos também me mentiram. Trapaceiros e mentirosos, trapaceiros e mentirosos! — Os olhos dela brilhavam como brasas, a sua voz rosnava. — Mas tem cuidado com o homem que vem da neve!

Espártaco não a escutava. As suas lágrimas eram demasiado amargas para escutar fosse o que fosse.

— Sou um imbecil — disse ele a Casto e Ganico, horas depois. — Eles partiram com o nosso dinheiro, sabendo que nunca voltariam. Dois mil talentos por um trabalho de nada.

— Tu não tiveste a culpa — disse Ganico, que normalmente era o legado mais calado.

— Até mesmo nos negócios se espera que haja honra.

Casto encolheu os ombros.

— Mas eles não são homens de negócios, Ganico. O trabalho deles é roubar. Um pirata

é um ladrão. Um ladrão sem qualquer disfarce.

— Muito bem — disse Espártaco, suspirando. — O mal está feito. O que interessa agora é o nosso futuro. Temos de permanecer em Itália até ao Verão e, nessa altura, requisitaremos todos os navios de pesca existentes entre a Campânia e Régio e partiremos para a Sicília.

A existência de um novo exército romano na península era obviamente conhecida, mas Espártaco estava já tão habituado à impunidade que pouco ligava aos esforços militares romanos. Os seus batedores tinham-se habituado à preguiça e ele mesmo, mais do que preguiçoso, mostrava-se indiferente. Depois de tanto tempo à frente daquele imenso rebanho, Espártaco acabara por ter de si uma imagem muito pouco marcial. Via-se como o patriarca em busca de um lar para os seus filhos, e não como um rei ou como um general. E agora teria de obrigá-los a novas andanças. Mas para onde haviam de ir? Comiam tanto, aquelas bocas todas!

Quando iniciou a sua marcha para Sul, Crasso chefiava já uma organização militar que tinha um único objectivo — acabar com os espartacanos. O general não tinha, por ora, qualquer pressa. Sabia perfeitamente onde estava a sua presa e adivinhara que o seu objectivo era a Sicília. Mas isso pouco lhe importava. Tanto melhor, se tivesse de combater os espartacanos na Sicília. Trocara mensagens com o governador (que ainda era Caio Verres) e ficara ciente de que os escravos da Sicília não estavam em condições de fomentar uma terceira revolta contra Roma, mesmo contando com o apoio dos espartacanos. Verres tinha posto em alerta a milícia, fazendo-a acampar perto de Peloro; entretanto, tinha de reserva as suas tropas romanas para o caso de a campanha exigir a sua intervenção. Mas Verres estava certo e seguro de que Crasso perseguida os espartacanos e que assumiria o comando do grosso das operações.

Mas nada disso aconteceu. A vasta massa de espartacanos continuou acampada nas redondezas de Cileu, ao que parecia devido à ausência de navios disponíveis. Por essa altura, Caio Verres escreveu a Marco Crasso.

Ouvi uma história muito curiosa, Marco Crasso. Parece que Espártaco contactou os almirantes piratas Farnaces e Megadates e lhes pediu que transportasse vinte mil dos seus melhores soldados de Cileu para Peloro. Os piratas concordaram, fazendo um preço de quatro mil talentos — dois mil de depósito, dois mil quando o trabalho estivesse concluído.

Espártaco deu-lhe os dois mil talentos e eles deixaram Cileu. E o que eles se devem ter fartado de rir! Em troca de uma mera promessa, ficaram ricos! Embora alguns possam dizer que eles foram idiotas por não terem realizado o trabalho e não terem ganho assim os quatro mil talentos, a verdade é que, pelos vistos, Farnaces e Megadates preferiram receber uma fortuna em troca de trabalho nenhum. Tinham ficado com fraca opinião de Espártaco e previam que correriam riscos se por acaso tentassem ganhar os outros dois mil talentos.

A minha opinião pessoal é que Espártaco não passa de um amador em questões militares. Um labrego, nada mais. Farnaces e Megadates enganaram-no com a mesma facilidade com que um vigarista romano engana um apuliano. Se o ano passado houvesse um exército decente em Itália, tenho a certeza de que o homem já estava acabado. Ele só tem uma coisa a seu favor: muitos soldados. Mas quando se confrontar contigo, Marco Crasso, será um desastre. Espártaco não tem sorte, ao passo que tu, meu caro Marco Crasso, já mostraste que és um dos favoritos de Fortuna.

Ao ler esta última frase, César desatou a rir.

— Que quer ele? — perguntou, devolvendo a carta a Crasso. — Precisa de algum empréstimo? Por todos os deuses, aquele homem come dinheiro!

— Eu nunca lhe emprestaria — retorquiu Crasso. — Verres não vai aguentar-se por muito tempo.

— Espero que tenhas razão! Como é que ele sabe tanta coisa sobre os contactos entre os strategoi piratas e Espártaco?

Crasso pôs um sorriso malicioso; um sorriso que operava um pequeno milagre no seu rosto enorme, o qual, de repente, parecia jovem e cheio de uma maldade infantil.

— Atrevo-me a dizer que os piratas lhe contaram tudo quando ele lhes foi pedir a sua parte dos dois mil talentos.

— Crês que os piratas lhe deram uma parte?

— Não tenho a mínima dúvida. Ele deixa-os usar a Sicília como sua base.

Estavam sentados na tenda de comando do general, num acampamento fortificado junto à Via Popília, nos arredores de Terina, a cerca de cento e cinqüenta quilômetros de Cileu. Estava-se já em Fevereiro e o Inverno começava a fazer-se sentir; dois braseiros produziam algum calor.

O facto de Marco Crasso ter escolhido o jovem César como seu particular amigo era uma questão muito debatida entre os legados, que se sentiam mais perplexos do que ciumentos. Antes de ter começado a partilhar os seus momentos de lazer com César, Crasso não tinha amigo nenhum e, por isso, nenhum legado se sentia posto de parte ou suplantado. Aquela relação era enigmática precisamente
devido à sua incongruência: havia entre os dois homens uma diferença de idade de dezasseis anos; as suas atitudes em relação ao dinheiro eram absolutamente opostas; não havia entre eles qualquer traço de ligação literário ou artístico; e, finalmente, quando eram vistos juntos, toda a gente acharia que um tal par não faria sentido. Homens como Lúcio Quíncio conheciam Crasso há muitos anos. Crasso tivera negócios, comerciais e políticos, com ele, mas entre os dois nunca houvera uma amizade profunda. E no entanto, desde que cooptara os tribunos daquele ano, dois meses antes, Crasso interessara-se logo por César e mostrara-se muito receptivo à sua amizade. E, curiosamente, fora correspondido.

A verdade, porém, era muito simples. Crasso e César sabiam que tanto um como o outro viriam a ser figuras proeminentes de Roma. Por outro lado, ambos nutriam as mesmas ambições políticas. Se não se tivessem apercebido disso, a sua amizade dificilmente se teria consolidado. No entanto, outros factores vieram contribuir para apertar esses laços de amizade. A dureza de temperamento que era tão evidente em Crasso também existia em César, apesar de todo o seu encanto pessoal e dos seus modos afáveis; nenhum deles nutria ilusões acerca do mundo nobre em que viviam; ambos se deixavam guiar profundamente pelo senso comum e nenhum deles se preocupava muito com luxos pessoais.

As diferenças entre os dois eram superficiais, ainda que descomunais: César era um belo homem que ganhara uma reputação impressionante como conquistador de mulheres, ao passo que Crasso era o típico pai de família, absolutamente fiel à esposa; César era um intelectual brilhante, cheio de estilo e talento, ao passo que Crasso era um homem pragmático, diligente. Um estranho par. Este era o veredicto dos fascinados observadores, os quais, a partir desse momento, começaram a considerar César como uma força com que era necessário contar no futuro; porque se assim não fosse, por que raio se dera Crasso ao trabalho de manter com ele tão estreita amizade?

— Vai nevar esta noite — disse Crasso. — Amanhã de manhã, marcharemos. Quero

usar a neve. Não quero que a neve seja um obstáculo.

— Faria muito mais sentido — disse César — se o nosso calendário e as estações coincidissem! Não suporto estas imprecisões!

Crasso fitou-o, confuso.

— Que te leva a dizer isso?

— O facto de estarmos em Fevereiro e de só agora começarmos a sentir os efeitos do Inverno.

— Isso parece conversa de Gregos. Desde que uma pessoa saiba em que dia está e ponha a mão fora da porta para sentir a temperatura, que importância é que o calendário pode ter?

— Tem importância porque revela desleixo e desordem! — retorquiu César.

— Se o mundo fosse demasiado ordenado, seria difícil ganhar dinheiro.

— Seria mais difícil acumulá-lo, não? — disse César, com um sorriso de todo o tamanho.

Quando Cileu já não estava longe, os batedores de Crasso informaram-no de que Espártaco continuava acampado no pequeno promontório para lá do porto, embora houvesse sinais de que pudesse abandoná-lo muito em breve. De facto, os espartacanos tinham já comido tudo o que havia para comer na região.

Crasso e César seguiam à frente com os engenheiros do exército e uma escolta de soldados, sabendo que Espártaco não possuía nenhuma cavalaria; tentara converter alguns dos seus soldados de infantaria a cavaleiros e domar os cavalos selvagens que pastavam nas florestas e montanhas lucanianas: mas não tivera sorte, nem com os homens, nem com os cavalos.

A neve caía incessante, numa tarde sem vento, quando os dois nobres romanos e a sua comitiva começaram a rondar a região onde estavam acampados os espartacanos; se havia alguma vigilância, era muito tênue, pois não encontraram nenhuns inimigos. A neve constituía evidentemente uma ajuda, pois amortecia o ruído e cobria de branco os cavalos e os cavaleiros.

— Melhor do que esperava — comentou Crasso, extremamente satisfeito, quando o grupo se pôs a caminho do acampamento. — Se construirmos um fosso e uma muralha entre aquelas duas ravinas, deixaremos Espártaco preso no seu actual território.

— Mas isso não os deterá por muito tempo — disse César.

— Detê-los-á o tempo suficiente para que aconteça o que me interessa. Eu quero que eles fiquem esfomeados, cheios de frio, desesperados. E quando eles saírem da sua prisão, quero que eles vão para Norte, para a Lucânia.

— Fosse como fosse, eles iriam sempre para Norte. Vão tentar atacar o nosso ponto mais fraco, que não é o Sul. Quanto ao fosso e à muralha, vais querer que sejam as legiões dos cônsules a fazer esse trabalho, não é verdade?

Crasso ficou surpreendido.

— Eles podem trabalhar, sim, mas com todos os outros. O fosso e a muralha têm de estar prontos dentro de oito dias e isso implica que os veteranos participem também. Além do mais, o exercício mantê-los-á quentes.

— Eu conduzo os trabalhos, se quiseres — ofereceu-se César, mas sem qualquer esperança de uma resposta positiva.

Como seria de esperar, Crasso declinou a oferta.

— Preferia que fosses tu a conduzi-los, mas não é possível. Lúcio Quíncio é o meu legado sénior. É ele quem deve conduzir os trabalhos.

— É pena. Quíncio é um homem de gabinete e de oratória. É possível que Quíncio fosse isso mesmo, mas a verdade é que se lançou ao trabalho com grande entusiasmo. Afortunadamente, teve obom senso de pôr tudo nas mãos dos engenheiros; César tinha razão: Quíncio não era, de facto, nenhum arquitecto de fortificações.

com uma largura e uma profundidade de quatro metros e meio, o fosso mergulhava entre as duas ravinas; a terra escavada foi empilhada de modo a formar uma muralha reforçada com toros e encimada por uma paliçada e torres de vigia. De ravina a ravina, o fosso, a muralha, a paliçada e as torres de vigia estendiam-se por uma distância de doze quilômetros. E tudo ficou pronto em oito dias, apesar da neve incessante. Oito acampamentos — um para cada legião — foram montados, de forma espaçada, atrás das muralhas; o general teria bastantes soldados para guarnecer os seus doze quilômetros de fortificações.

Espártaco apercebeu-se de que Crasso chegara no momento em que a actividade começou, mas a sua reacção foi de quase total desinteresse. De repente, canalizou as energias dos seus homens para a construção de uma vasta frota de jangadas, as quais, aparentemente, deveriam ir a reboque dos barcos de pesca de Cileu. Para os romanos, parecia que Espártaco tinha

investido tudo numa fuga por mar e que achava tal plano suficientemente seguro, ao ponto de ignorar o facto de que as suas possibilidades de fuga por terra estavam a ser fortemente minadas. Até que chegou o dia em que este êxodo por mar começou; os romanos que não tinham outros deveres a cumprir subiram a encosta do monte Sila para terem uma melhor perspectiva do que ia suceder no porto de Cileu. E o que sucedeu foi um desastre. As poucas jangadas que agüentaram por algum tempo o peso dos fugitivos não conseguiram sair da barra, quanto mais avançar pelas águas do estreito; os barcos de pesca não tinham sido construídos para rebocar objectos tão pesados e difíceis de manejar.

— Pelo menos, parece que não se afogaram muitos — disse César a Crasso, enquanto viam a cena do monte Sila.

— Espártaco, provavelmente, preferia que se afogassem mais — disse Crasso. — Seriam menos bocas a comer.

— Creio que Espártaco gosta daquela gente — disse César. — Gosta deles da mesma forma que um rei nomeado gostaria do seu povo.

— Nomeado?!

— Os reis que nascem reis pouco se preocupam com o seu povo — disse César, que conhecera um rei nessas circunstâncias. Apontou para as margens da baía, onde se registava uma actividade frenética. — Garanto-te, Marco Crasso, que aquele homem ama todos os membros da sua vasta horda, por muito ingratos que eles possam ser! Se não os amasse, ter-se-ia separado deles há um ano. Gostava de saber quem é realmente este Espártaco!

— Depois do que nos disse Caio Cássio, mandei investigar essa questão — retorquiu Crasso, preparando-se para descer. — Vamos embora, César, já viste que chegue. Amar! Se ele ama o seu povo, então não passa de um tonto!

— Ah, sim, sem dúvida — disse César, seguindo-o. — Que descobriste?

— Quase tudo, excepto o seu verdadeiro nome. Talvez nunca venhamos a sabê-lo. Um idiota de um arquivista, pensando que o Tabulário de Sila servia para arquivar tudo, incluindo registos militares, não se deu ao trabalho de pôr estes registos num local inteiramente à prova de água. E o resultado é que os registos estão praticamente indecifráveis. Coscónio, por seu turno,

não se lembra de nenhum nome. Actualmente, estou a ver o que consigo arrancar aos tribunos de Coscónio.

— Desejo-te boa sorte! Também não se vão lembrar dos nomes dos seus soldados.

Crasso soltou um grunhido que talvez correspondesse a um risinho.

— Sabes que em Roma corre uma história acerca dele? Dizem que ele é trácio!

— bom, toda a gente sabe que ele é um trácio. Só há dois tipos de gladiadores: trácios e gauleses! — disse César, rindo-se. — Mas creio que essa história tem sido cuidadosamente espalhada pelos agentes do Senado.

Crasso parou, virou-se para fitar César, com uma expressão de absoluta surpresa.

— Não há dúvida: és muito inteligente!

— Lá isso sou.

— Mas diz-me lá: não achas que faz sentido que andem a espalhar essa história?

— Claro que faz — retorquiu César. — Já tivemos demasiados renegados romanos. Seria idiota juntar mais um a uma lista que inclui militares tão proeminentes como Caio Mário, Lúcio Cornélio Sila e Quinto Sertório. É preferível, de longe, que as pessoas pensem que ele é trácio.

— Huh! — fez Crasso, desta vez com um genuíno grunhido.

— Adorava vê-lo de perto!

— Pode ser que o vejas quando travarmos batalha. Ele monta um cavalo malhado, ataviado com uma sela de couro vermelha e com todo o tipo de adornos que possas imaginar. Pertencia a Varínio. Além disso, Cássio e Mânlio viram-no de perto e por isso dispomos de uma boa descrição. Finalmente, é um homem que não passa despercebido — é muito alto, corpulento, e louro.

Começou então um impiedoso duelo que duraria mais de um mês: Espártaco tentava romper as fortificações de Crasso, mas Crasso fazia-o recuar. O alto comando romano ficou a saber que a comida devia já ser escassa nos acampamentos espartacanos, quando todos os soldados que Espártaco possuía — César estimara o total em setenta mil — começaram a atacar toda a frente de doze quilômetros, tentando encontrar o ponto fraco romano. Acabaram por encontrá-lo, mais ao menos ao meio da muralha, onde o fosso cedeu um pouco, devido às águas de uma nascente; Espártaco fez avançar os seus homens por essa única fenda, mas o resultado foi

que caíram todos numa armadilha. Doze mil dos seus soldados morreram, os restantes recuaram. Depois disto, o trácio que não era trácio torturou alguns prisioneiros que tinham restado das legiões dos cônsules, distribuindo pelos seus homens tenazes aquecidas ao rubro e atiçadores de brasas e mandando executar as torturas num local onde estas pudessem ser vistas pelo máximo de soldados romanos. Porém, depois de terem passado pelos horrores da dizimação, as legiões de Crasso tinham muito mais medo do seu comandante do que compaixão pelos pobres prisioneiros retalhados e queimados; optaram por não ver aquele triste espectáculo e, para não ouvirem os gritos dos seus camaradas, taparam os ouvidos com bolas de lã.

Desesperado, Espártaco apresentou o seu prisioneiro mais prestigioso, o centurião primus pilus da segunda legião de Gélio e pregou-o a uma cruz sem lhe conceder a mercê de lhe partir as pernas para que ele morresse mais depressa. A resposta de Crasso foi simples: dispôs os seus melhores arqueiros no alto das muralhas e o centurião, atingido por uma chuva de setas, teve morte quase imediata.

Já em Março, Espártaco mandou Aluso negociar os termos da rendição. Crasso recebeu-a na sua tenda de comando, na presença dos legados e dos tribunos dos soldados.

— Por que motivo não veio Espártaco? — perguntou Crasso. Aluso fitou-o com um sorriso compassivo.

— Porque sem o meu marido, os espartacanos desintegram-se — disse ela. — Por outro lado, ele não confia em ti, Marco Crasso, mesmo em período de tréguas.

— Então é porque está mais esperto do que quando deixou que os piratas lhe ficassem com dois mil talentos.

Mas Aluso era demasiado inteligente para engolir o isco: por isso não respondeu à provocação, nem sequer com um olhar. Havia no seu aspecto, pensou César, algo de deliberado, uma intenção clara de chocar qualquer comissão de recepção civilizada; dir-se-ia um arquétipo do bárbaro. O seu cabelo cor de linho caía selvagem e pegajoso sobre as costas e os ombros. Usava uma espécie de túnica de feltro enegrecido com mangas longas e, debaixo da túnica, umas calças muito apertadas. Sobre a roupa, nos braços e nos tornozelos, cintilavam correntes e braceletes de ouro. Os grandes lóbulos das orelhas, tinha-os também carregados de ouro e, nos dedos trigueiros, não faltavam os anéis. À volta do pescoço, usava vários colares de minúsculas caveiras de pássaros e, do cinto de ouro puro, estavam suspensos medonhos troféus — uma mão que

ainda exibia algumas
unhas e bocados de pele, a caveira de uma criança, a espinha dorsal de um cão ou de um gato a que não faltava a cauda. A rematar tudo isto, uma magnífica pele de lobo, com as patas atadas sobre os seios de Aluso, e com a cabeça, despojada dos dentes e com jóias no lugar dos olhos, caindo-lhe sobre a testa.

com este aspecto invulgar, Aluso não deixava de atrair os homens silenciosos que a observavam, ainda que nenhum deles a considerasse bela; aquele tipo de rosto, com os seus olhos tresloucados, era demasiado estranho para o gosto dos romanos.

No entanto, Aluso não causara em Crasso a impressão que esperava. Crasso estava a salvo de qualquer tipo de atracção — a não ser a atracção do dinheiro. Por isso, fitou-a exactamente do mesmo modo como fitava toda a gente, com algo que se confundia com brandura ou docilidade.

— Fala, mulher — disse ele.

— Vim negociar contigo os termos da rendição, Marco Crasso. Não temos comida e as mulheres e as crianças estão a passar fome para que os nossos soldados possam comer. O meu marido não suporta ver gente indefesa a sofrer. Prefere entregar-se e entregar o seu exército. Diz-me quais são os teus termos e eu comunicá-los-ei ao meu marido. E amanhã voltarei com a sua resposta.

O general virou-lhe as costas. Por cima do ombro, respondeu-lhe, com um grego muito mais puro que o dela:

— Podes dizer ao teu marido que não há termos possíveis para aceitar a sua rendição. Não permitirei que ele se renda. Foi ele quem começou isto. Pois que vá até ao fim, ainda que o fim seja amargo.

Aluso ficou estupefacta. Estava preparada para todas as contingências, menos para aquela.

— Eu não lhe posso dizer isso! Tens de deixá-lo render-se!

— Não — disse Crasso, ainda de costas viradas. A sua mão direita mexeu-se, fez um estalido com os dedos. — Leva-a, Marco Múmio, acompanha-a através das nossas linhas.

Só ao fim de algum tempo César conseguiu ficar a sós com Crasso.

— Trataste disto brilhantemente — disse. — Ela estava convencida de que conseguiria

perturbar-te.

— Uma imbecil! Segundo as minhas informações, Aluso é uma sacerdotisa dos Bessos.

Mas a mim pareceu-me mais uma bruxa. A maior parte dos Romanos são suspersticiosos — até tu, César!

Mas eu não sou. Acredito no que vejo. E o que eu vi foi uma mulher com uns restos de inteligência e que se tinha arranjado de forma a parecer-se com aquilo que ela imagina que é uma Górgona. — Crasso desatou a rir-se, espontaneamente. — Lembro-me de ter ouvido dizer que, quando era jovem, Sila foi a uma festa vestido de Medusa. Sobre a cabeça, levava uma cabeleira de cobras vivas. Toda a gente fugiu, cheia de medo. Mas nós sabemos que não foram as cobras que assustaram as pessoas. Foi Sila. Apenas Sila. Se ela tivesse esse estranho poder que Sila possuía, talvez eu tivesse tremido um bocado.

— Concordo contigo. Mas uma coisa é certa: aquela mulher tem capacidades visionárias.

— Há muitas pessoas que têm essas capacidades! Conheci avozinhas tão frágeis como cordeirinhos que tinham essa capacidade. Até mesmo advogados, de aspecto imponente, que, à primeira vista, parecem ter só leis nos miolos. Mas adiante. Porque é que achas que ela é uma visionária?

— Porque o medo com que ela veio à reunião era incomparavelmente superior ao medo que ela alguma vez poderia causar em ti. Porque ela já sabe o que vai acontecer.

Durante um mês, o Inverno estabilizou-se: noites com temperaturas muito negativas, dias não muito mais quentes, céus azuis, gelo nos caminhos. Porém, depois dos Idos de Março, surgiu uma tempestade terrível que começou com aguaceiros de saraiva e terminou com verdadeiros bancos de neve. Espártaco aproveitou a oportunidade.

No local onde a muralha e o fosso se fundiam com a ravina mais perto de Cileu — e onde a mais antiga das legiões de veteranos de Crasso tinha o seu acampamento —, os cem mil espartacanos que tinham sobrevivido lançaram-se numa frenética luta para atravessar o fosso e subir a muralha. Toros, pedras, cadáveres de humanos e animais, até mesmo alguns restos de saques, foram lançados para o fosso; quando este ficou cheio, empilharam materiais idênticos para conseguirem uma altura idêntica à da paliçada. Como fantasmas, a enorme massa de gente avançou pela passagem improvisada e fez-se à violência da tempestade. Ninguém se opôs à fuga;

Crasso dissera à legião que não pegasse em armas, mas que, pelo contrário, permanecesse quieta e parada no seu acampamento.

Improvisada e desorganizada, a fuga destruiu por completo a frágil estrutura que as hostes espartacanas ainda possuíam. Enquanto os guerreiros — melhor conduzidos e disciplinados — seguiram para Norte, pela Via Popília, com Espártaco, Casto e Ganico, a grande massa das mulheres, crianças, velhos e não combatentes perdeu-se pelas florestas do monte Sila; no meio daquele emaranhado de ramos, rochas e moitas, a maior parte deitou-se para morrer, demasiado esfomeados e gelados para continuarem a lutar. Aqueles que escaparam aos rigores do Inverno acabaram por ir ter a povoações do Brútio, onde, facilmente identificados pelas populações, foram imediatamente dizimados.

Não que a sorte deste segmento dos espartacanos apresentasse algum interesse para Marco Licínio Crasso. Quando a neve começou a abrandar, levantou o acampamento e conduziu as suas oito legiões pela Via Popília, na esteira dos soldados espartacanos. O seu avanço era tão laborioso como o de um boi, pois Crasso mostrava-se sempre metódico e prudente. Não valia a pena mover uma perseguição declarada ao inimigo; o frio, a fome e a ausência de um objectivo real acabariam por esfriar o ímpeto dos espartacanos e por reduzir o tamanho do seu exército. Era melhor manter o comboio das bagagens no meio da coluna legionária do que correr o risco de o perder. Mais tarde ou mais cedo acabaria por apanhar Espártaco.

Em contrapartida, os batedores de Crasso mantinham-se muito atarefados. Já perto do fim de Março, informaram Crasso de que os espartacanos, depois de chegarem ao rio Sílaro, se tinham dividido em duas forças. Uma, dirigida por Espártaco, continuara a subir a Via Popília, na direcção da Campânia; a outra, comandada por Casto e Ganico, virara para leste, subindo o vale do médio Sílaro.

— Óptimo! — exclamou Crasso. — Por ora, vamos deixar Espártaco em paz e concentrar-nos nos dois samnitas.

Os batedores informaram-no depois que Casto e Ganico não tinham ido muito longe; tinham encontrado a próspera cidade de Volces e estavam a comer em condições pela primeira vez em dois meses. Não havia necessidade de se apressarem!

Quando as quatro legiões que antecediam o comboio de bagagens de Crasso se aproximaram de Volces, Casto e Ganico estavam demasiado ocupados com festejos para

repararem nisso. Os espartacanos tinham-se espalhado (sem qualquer preocupação de montarem um acampamento) pelas margens de um pequeno lago que, naquela altura do ano, continha água potável; no Outono, aquele mesmo local seria muito menos aprazível. Por detrás do lago, havia uma montanha. Crasso viu imediatamente o que tinha de fazer e decidiu não esperar pelas quatro legiões que vinham atrás do comboio das bagagens.

— Pontino e Rufo, levem doze coortes e dêem a volta, furtivamente, pelo lado mais afastado da montanha. Quando estiverem em posição, carreguem. Dessa forma, cairão sobre o meio do... como é que lhe hei-de chamar? Acampamento? bom... Logo que vos veja, atacá-los-ei pela frente. Assim, vamos esmagá-los como se esmaga uma barata.

O plano deveria ter resultado. E teria resultado. Só que os batedores não podiam prever os caprichos da sorte. De facto, quando viram que Volces era um verdadeiro manancial de comida, Casto e Ganico mandaram uma mensagem a Espártaco, pedindo-lhe que alterasse o seu rumo e viesse ter com eles a Volces. Foi isso mesmo o que Espártaco fez. E no preciso momento em que Crasso lançava o seu ataque, Espártaco aparecia do outro lado do lago. Os homens de Casto e Ganico correram a misturar-se com os recém-chegados e todos os espartacanos desapareceram num instante.

Alguns generais teriam ficado furiosos com este fracasso. Mas não Crasso.

— Foi um acaso infeliz. Mas acabaremos por vencer — disse ele, imperturbável.

Uma série de tempestades abrandou os movimentos dos exércitos oponentes. Permaneceram durante algum tempo na região do Sílaro, até que por fim Espártaco pareceu deixar a Via Popília, enquanto que Casto e Ganico seguiram por essa estrada na direcção da Campânia. Crasso seguia furtivamente os seus movimentos, como uma aranha gorda que quisesse engordar ainda mais. Também ele decidira dividir as suas forças; o comboio das bagagens estava seguro. Duas legiões de infantaria e toda a cavalaria ficaram sob o comando de Lúcio Quíncio e Tremélio Escrofa; Crasso ordenou-lhes que perseguissem o segmento dos espartacanos que abandonasse a Via Popília; Crasso, por seu turno, perseguiria aqueles que avançassem por essa estrada.

Como a sua legião pertencia à divisão do general, César sentia-se positivamente maravilhado com a absoluta tenacidade e o rigoroso método daquele homem extraordinário. Em Éburo, não muito longe do Sílaro, apanhou finalmente Casto e Ganico e aniquilou o

seu exército. Trinta mil morreram no campo de batalha; foram muito poucos aqueles que conseguiram escapar pelas linhas romanas e fugir para o exército de Espártaco.

Para todos os soldados do exército vitorioso, o maior prazer foi a descoberta que Crasso fez no meio das pilhas de bagagens espartacanas, após a batalha: as cinco águias que tinham sido levadas pelos espartacanos depois de várias forças romanas terem sido derrotadas, os estandartes de vinte e seis coortes e os fasces pertencentes a cinco pretores.

— Olhem-me só para isto! — exclamou Crasso, radiante. — Não é uma visão magnífica?

O general podia agora mostrar que, quando era preciso, era capaz de se mover muito mais depressa do que o normal. Chegara-lhe a notícia de que Lúcio Quíncio e Escrofa tinham caído numa emboscada — embora sem perdas graves — e que Espártaco continuava por perto. Crasso avançou.

O grande empreendimento tinha soçobrado. Espártaco dispunha agora apenas da parte do exército que marchava com ele até às nascentes do rio Tanagro; era tudo o que ele possuía, para além de Aluso e do seu filho.

Depois de não ter conseguido infligir uma derrota clara a Quíncio e Escrofa, porque a cavalaria destes, agüentando o embate, permitiu que a infantaria romana retirasse, Espártaco não fez qualquer movimento para deixar a região. Três pequenas cidades forneciam aos seus homens comida suficiente e o chefe dos rebeldes não fazia ideia nenhuma do que o esperava nos próximos vales. A Primavera aproximava-se; os celeiros estavam quase vazios, não havia legumes nos campos depois de um Inverno tão duro, as galinhas estavam magras e os porcos (astutas criaturas!) tinham-se escondido nos bosques. Um antipático cidadão de Potência, a cidade que ficava mais perto, tivera o maior prazer em deslocar-se ao acampamento de Espártaco para lhe dizer que Varrão Lúculo desembarcaria em breve em Brindísio e que o Senado lhe ordenara que reforçasse as tropas de Crasso.

— Os teus dias estão contados, gladiador! — disse o homem, cheio de júbilo. — Roma é invencível!

— Eu devia era cortar-te a garganta! — retorquiu o gladiador, cansado.

— Pois corta-me a garganta! Sempre esperei que o fizesses! E estou-me marimbando!

— Não te vou dar a satisfação de teres uma morte nobre. Vá, vai-te embora, vai para

casa!

Aluso ouviu a conversa. Depois de o cidadão de Potência se ter ido embora (muito decepcionado com o facto de o seu sangue não ter manchado aquelas terras), Aluso abeirou-se de Espártaco e, agarrando-o ternamente pelo braço, disse-lhe:

— É aqui que tudo acaba — disse ela.

— Eu sei, mulher.

— Eu vi que vais perder a batalha, mas não te vi morto.

— Se eu perder a batalha, morrerei.

Espártaco estava exausto e a catástrofe de Cileu continuava a atormentá-lo. Como podia olhar para os seus homens na cara, sabendo que fora por causa da sua negligência que eles tinham ficado encurralados? As mulheres e as crianças tinham-se perdido e ele sabia que elas não voltariam. Tinham todas morrido de fome, algures nos bravios campos do Brútio.

Sem saber ao certo se aquilo que o homem de Potência lhe dissera sobre Varrão Lúculo era ou não verdade, Espártaco concluiu, contudo, que não poderia marchar na direcção de Brindísio. Crasso controlava a Via Popília; as notícias de Casto e Ganico tinham-lhe chegado ainda antes de ter lançado a sua emboscada a Quíncio e Escipia. Não tinha para onde ir. A não ser para o campo de batalha — onde a derrota o esperava. E sentia-se feliz, feliz, feliz... Não nascera, nem tinha as capacidades necessárias, para assumir uma tão grande responsabilidade — para zelar pelas vidas e pelo bem-estar de todo um povo. Não passava de um vulgar romano, de família italiana, que nascera nas encostas do monte Vesúvio. E era aí que devia ter ficado, com o pai e o irmão. Quem pensava ele que era, para tentar criar uma nova nação? Não era nobre, não era instruído, não era um grande homem. Mas havia alguma honra em morrer como um homem livre num campo de batalha; nunca mais voltaria a uma prisão. Isso nunca.

Quando soube que Crasso e o seu exército se estavam a aproximar, conduziu Aluso e o filho para uma carroça puxada por seis mulas e ordenou-lhes que se afastassem o suficiente para escaparem a qualquer tipo de perseguição. Teria preferido que fugissem imediatamente, mas Aluso recusou-se, dizendo que devia esperar pelo desfecho do conflito. Nas traseiras cobertas da carroça, havia ouro, prata, tesouros vários, moedas; uma garantia de que a mulher e o filho viveriam bem. Sabia que eles poderiam ser mortos. No entanto, o destino das pessoas estava nas mãos dos deuses e os deuses tinham-se

comportado ultimamente de um modo muito estranho.

Cerca de quarenta mil espartacanos formaram para enfrentar Crasso. Espártaco não fez qualquer discurso antes da batalha, mas os seus soldados saudaram-no vibrantemente enquanto ele avançava pelo meio das hostes, montado no seu cavalo luxuosamente ataviado. Espártaco ocupou o seu lugar sob o estandarte do seu povo — o peixe de esmalte dos capacetes de combate gauleses — e desceu da sela. Tinha a espada na mão direita, o sabre encurvado de gladiador trácio; fechou os olhos, ergueu o sabre e mergulhou-o no pescoço do cavalo. O sangue esguichou e jorrou abundante, mas o belo cavalo não emitiu um único guincho de dor. Como uma vítima sacrificial, soçobrou num ápice, e o seu corpo caiu sem vida no chão.

Não era preciso nenhum discurso. A execução do seu amado cavalo dizia tudo o que era preciso aos seus soldados. Espártaco não tencionava deixar o campo vivo; tinha acabado de matar o animal em que poderia fugir.

A batalha não teve nada de invulgar ou complicado no que toca à estratégia ou à táctica. Foi, muito simplesmente, mais uma batalha sangrenta. Seguindo o exemplo de Espártaco, os seus homens lutaram até cair, alguns deles mortos, outros exaustos. Espártaco matou dois centuriões antes que um desconhecido lhe cortasse os tendões de uma perna. Incapaz de se manter de pé, caiu de joelhos, mas continuou a lutar obstinadamente até que uma imensa pilha de cadáveres se desfez e o enterrou.

Quinze mil espartacanos sobreviveram e conseguiram fugir; seis mil foram na direcção da Apúlia e os outros tomaram o rumo das montanhas do Brútio.

— Demorámos apenas seis meses a acabar com eles e, ainda por cima, numa campanha de Inverno — disse Crasso a César. — Perdi muito poucos homens e Espártaco está morto. Roma recuperou as águias e os fasces e uma grande parte do produto das pilhagens dos rebeldes ficará connosco, pois só muito dificilmente encontraremos os seus proprietários originais. O saldo será muito bom para todos nós.

— Há um problema, Marco Crasso — disse César, a quem fora dada a missão de inspeccionar o campo de batalha e verificar se ainda havia sobreviventes.

— Que problema?!

— Espártaco. Espártaco não está no campo.

— Ora essa! — exclamou Crasso, estupefacto. — Eu vi-o cair!

— Também eu. Até memorizei o sítio exacto. Posso levar-te lá. Vem, se quiseres eu levo-te! Mas a verdade é que ele não está lá, Marco Crasso. Não está lá.

— Que estranho! — O general bufou, comprimiu os lábios, pensou por um momento e, por fim, encolhendo os ombros, disse: — Mas afinal que importância é que isso tem? O exército dele acabou, isso é que importa. Não posso celebrar um triunfo por ter derrotado um inimigo considerado como um escravo. O Senado dar-me-á uma ovação, mas não é o mesmo. Não é o mesmo! — com um suspiro, perguntou: — E a mulher dele, aquela bruxa trácia?

— Também não a encontrámos, apesar de termos apanhado bastantes acompanhantes do exército espartacano. Perguntei-lhes por ela — descobri que ela se chama Aluso —, mas juraram-me que tinha fugido numa quadriga que faiscava lume, puxada por ferozes serpentes que a levaram directamente para o céu.

— Como o espectro de Medeia! Nesse caso, Espártaco só pode ser Jasão! — comentou Crasso, acompanhando César até ao local onde Espártaco ficara enterrado sob o monte de cadáveres. — O que eu acho é que os dois conseguiram fugir. Não achas?

— Sim, tenho a certeza que fugiram.

— bom, de qualquer modo temos de esquadrinhar os campos próximos à procura de espartacanos. Pode ser que eles apareçam.

César não respondeu. Em sua opinião, eles nunca mais apareceriam. Era inteligente, aquele gladiador. Demasiado inteligente para conduzir uma nova revolta e erguer um novo exército. Suficientemente inteligente para se reduzir ao anonimato para o resto da sua vida.

Durante todo o mês de Maio, o exército romano procurou os fugitivos espartacanos nas mais recônditas paragens da Lucânia e do Brútio, abrigos ideiais para bandoleiros. Era imperativo que fossem capturados todos os espartacanos que tinham sobrevivido à batalha. César calculara que seriam à volta de nove ou dez mil aqueles

que tinham fugido para Sul. No entanto, tinham encontrado apenas seis mil e seiscentos fugitivos. Os restantes tornar-se-iam provavelmente bandidos, um perigo para quem descia a Via Popília na direcção de Régio sem uma escolta armada.

— Posso continuar com as operações de busca — disse ele a Crasso nas Calendas de Junho. — Mas será cada vez mais difícil encontrá-los e as capturas tornar-se-ão cada vez mais raras.

— Não — retorquiu firmemente Crasso. — Quero o meu exército de volta a Cápua no próximo dia de mercado. Incluindo as legiões dos cônsules. As eleições curuis estão marcadas para o mês que vem e eu quero dispor de tempo suficiente para disputar o consulado.

Esta notícia não constituía uma surpresa; César, de facto, nem considerou que merecesse comentários. Retomou, em vez disso, o tema dos fugitivos.

— E os cerca de seis mil que fugiram para Nordeste, para a Apúlia?

— Conseguiram chegar à fronteira da Gália Italiana — retorquiu Crasso. — Mas depois deram com Pompeu Magno e as suas legiões, que regressavam da Hispânia. Sabes bem como é Magno! Matou-os a todos!

— Nesse caso, só aqui é que há prisioneiros. Que queres fazer com eles?

— Irão connosco até Cápua. — Crasso fitou o seu tribuno sénior dos soldados com a sua habitual expressão fleumática, mas, nos olhos, havia uma frieza inexorável. — Roma não precisa destas fúteis guerras contra escravos, César. Estas guerras servem apenas para deixar o Tesouro mais pobre. Se a sorte não estivesse do nosso lado, tínhamos perdido para sempre cinco águias e cinco fasces, uma mancha insuportável na honra de Roma. E homens como Espártaco poderiam ser sempre aproveitados, sabe-se lá com que conseqüências, por algum inimigo de Roma. Outros homens poderiam tentar imitá-lo, sem nunca conhecerem a verdade. Tu e eu sabemos que Espártaco era um produto das legiões, um homem muito mais perto de um Quinto Sertório do que de um escravo maltratado. Se ele não fosse um produto das legiões, nunca teria ido tão longe. Não quero que ele se transforme numa espécie de herói escravo. Por isso, usarei Espártaco para pôr um ponto final em todo o fenómeno das revoltas de escravos.

— Isto foi mais uma revolta samnita do que uma revolta de escravos.

— É verdade. Mas os samnitas são uma maldição com que Roma vai ter de viver para sempre. Ao passo que os escravos vão ter de aprender qual é o seu lugar na sociedade. E eu tenho meios para lhes ensinar isso. E assim farei. Depois de ter acabado com o que resta dos espartacanos, não haverá mais levantamentos de escravos no nosso mundo romano.

Apesar de estar habituado a pensar rápido e a adivinhar o que ia na cabeça dos homens, a verdade é que, desta feita, César não fazia a mínima ideia do que Crasso tencionava fazer.

— E como é que vais conseguir isso? — perguntou. O contabilista respondeu-lhe.

— Foi o facto de haver seis mil e seiscentos prisioneiros que me deu a ideia — disse

Crasso. — A distância entre Cápua e Roma é de cerca de duzentos quilômetros. Ora, se dividirmos esses duzentos quilômetros por seis mil e seiscentos prisioneiros, obteremos um resultado de trezentos metros para cada prisioneiro. E eu tenciono crucificar um espartacano todos os trezentos metros, entre Cápua e Roma. E ficarão dependurados das cruzes até apodrecerem, até ficarem reduzidos a ossos.

César respirou fundo.

— Uma paisagem horrenda.

— Tenho uma dúvida — disse Crasso, franzindo a testa. — Achas que ponha as cruzes todas do mesmo lado da estrada ou que asgdivida pelos dois lados alternadamente?

— Todas do mesmo lado — retorquiu imediatamente César. — Não tenho a mínima dúvida. Quer dizer, se estás a pensar na Via Ápia e não na Via Latina.

— Ah, sim, terá de ser a Via Ápia. É direita que nem uma seta e não tem tantos montes.

— Então, põe todas as cruzes do mesmo lado da estrada. O impacte visual será muito mais forte. — César sorriu. — Tenho alguma experiência no que toca a crucificações.

— Ouvi falar disso — retorquiu Crasso com um ar sério. — No entanto, não te posso dar este trabalho. Não é adequado a um tribuno dos soldados, pois o tribuno dos soldados é um magistrado eleito. É o praefectus fabrum quem deve tratar do caso.

Como o praefectus fabrum — o homem que tratava de todos os factores técnicos e logísticos relacionados com o abastecimento do exército — era um dos libertos de Crasso e mostrara já desempenhar
as suas funções de um modo brilhante, nem César nem Crasso duvidaram que a operação decorreria da melhor maneira.

Assim, no final de Junho, quando Crasso, os seus legados e tribunos dos soldados e os tribunos militares que ele próprio nomeara, subiram a Via Ápia a partir de Cápua, escoltados por uma única coorte, o lado esquerdo da velha e esplêndida estrada estava já cheio de cruzes. De trezentos em trezentos metros, havia um antigo membro do exército espartacano preso a cordas que lhe apertavam cruelmente os braços por altura do cotovelo e as pernas ligeiramente abaixo dos joelhos. Crasso não revelara a mínima compaixão. Os seis mil e seiscentos espartacanos morreram lentamente, pois não lhes tinham partido as pernas ou os braços. Em todo o caminho desde Cápua até à Porta Capena, em Roma, ouvia-se um murmúrio constante de gemidos.

Muitas pessoas saíram a ver o horrendo espectáculo. Algumas levavam consigo um escravo recalcitrante, para que visse a obra de Crasso e percebesse que todo o amo tinha o direito de crucificar o seu escravo, caso este infringisse as normas instituídas. Mas muitos, depois de olharem para aquela paisagem de morte, regressaram imediatamente às suas casas; e aqueles que, por alguma razão, se viam obrigados a viajar pela Via Ápia, entre Cápua e Roma, davam graças aos deuses pelo facto de as cruzes se encontrarem apenas de um dos lados da estrada. Como a distância tornava aquela visão mais suportável, os habitantes de Roma iam sobretudo para o alto das Muralhas Sérvias para ver a triste paisagem das cruzes; uma paisagem que se estendia ao longo de quilômetros e em que os rostos dos crucificados não passavam de manchas muito, muito vagas.

Os cadáveres dos antigos soldados de Espártaco ficaram pendurados das cruzes durante dezoito meses, passando pelo lento ciclo de decadência que, depois de os despojar da pele e dos músculos, os transformou em meros esqueletos. Crasso não permitiria que as cruzes fossem deitadas abaixo enquanto não terminasse o seu consulado.

E, pensou César com alguma admiração, por certo que em toda a história de Roma nunca tinha havido uma campanha militar tão perfeita, tão clara, tão claramente definida: aquilo que começara com uma dizimação terminara com uma crucificação.

THE CÔNSUL POMPEY

Quando chegou à fronteira do rio Rubicão, Cneu Pompeu Magno não ordenou ao seu exército que parasse. A parte do Ager Gálico que possuía ficava em Itália e era para Itália que iria, ainda que as leis de Sila não o autorizassem a fazer isso. Os soldados estavam ansiosos por voltar a casa — e, para mais, o seu exército continuava a ser constituído maioritariamente pelos seus veteranos picentinos e úmbrios. Nas cercanias de Sena Gálica, instalou-os num vasto acampamento, ordenando-lhes que só o abandonassem depois de obterem a permissão de um tribuno. Finalmente, avançou na direcção de Roma, pela Via Flamínia, com uma coorte de infantaria a escoltá-lo.

A ideia tinha-lhe ocorrido pouco depois de ter iniciado a longa marcha a partir de Narbona, na direcção da passagem que descobrira através dos Alpes, e ficara espantado com o facto de só então ter chegado a essa conclusão. Já lhe tinham sido confiadas três comissões especiais: uma vez por Sila, duas vezes pelo Senado; duas vezes com estatuto propretoriano, uma

vez com estatuto proconsular. Conclusão: ele era, indubitavelmente, o Primeiro Homem de Roma. Mas Pompeu também sabia que nenhuma das grandes personalidades romanas aceitaria isso. Por isso, teria de prová-lo a toda a gente. E a única maneira de o fazer seria lançar um golpe tão impressionante na sua audácia e tão obviamente inconstitucional que, depois de consumado, todos os homens teriam forçosamente de lhe conceder o título a que tinha direito: o Primeiro Homem de Roma.

Ele, que ainda era um cavaleiro, obrigaria o Senado a aceitá-lo como cônsul.

A opinião que tinha do Senado era cada vez mais negativa. Nunca gostara do Senado e não era agora que ia gostar. Era tão fácil comprar senadores como comprar bolos numa pastelaria. Por outro lado, o Senado sofria de uma inércia tão profunda que dificilmente moveria um dedo para impedir a sua própria queda. Quando iniciara a sua marcha de Tarento para Roma, com o objectivo de levar Sila a conceder-lhe um triunfo, Sila tinha recuado! Na altura, Pompeu não interpretara as coisas desse modo — tal era o efeito que Sila tinha sobre as pessoas —, mas agora compreendia que a sua iniciativa resultara numa vitória para si e não para Sila. E Sila era um adversário incomparavelmente mais poderoso do que o Senado.

Durante o seu último ano nas províncias ocidentais, acompanhara as notícias dos êxitos de Espártaco com a maior incredulidade; não podia acreditar que os cônsules Gélio e Clodiano (que ele próprio comprara) fossem tão incompetentes no campo de batalha — e, ainda por cima, a melhor desculpa que encontraram para o seu fracasso foi a má qualidade dos seus soldados! Pompeu sentira-se tentado a escrever-lhes que, se fosse com ele, até um exército de eunucos se teria portado melhor! No entanto, conteve-se: não fazia sentido estar a hostilizar dois homens que ele comprara a um preço muito alto.

Em Narbona, teve conhecimento de outros dois factos que só vieram reforçar a sua incredulidade. O primeiro foi-lhe referido numa carta de Gélio e Clodiano: o Senado retirara-lhes o comando da guerra contra Espártaco. O segundo, soube-o através de Filipe: depois de ter feito chantagem com o Senado para obter uma lei da Assembleia do Povo, Marco Licínio Crasso atrevera-se a aceitar o comando, contando com oito legiões e uma vasta força de cavalaria. Pompeu, que tinha feito campanhas com Crasso, considerava-o um general medíocre, tão medíocre como as suas tropas. Por isso, enquanto lia a carta de Filipe, Pompeu não parava de

abanar a cabeça, não só porque reprovava a medida do Senado, mas também porque não acreditava que Crasso conseguisse derrotar Espártaco.

No preciso momento em que deixou Narbona, pôde consolidar a opinião que tinha acerca da guerra contra Espártaco — era tão pouca a qualidade das tropas de Crasso que ele decidira dizimá-las! E uma tal decisão, como todos os comandantes sabiam, fosse pelas lições da história, fosse pelos manuais do método militar, estava sempre votada ao fracasso — porque minava por completo o moral dos soldados. A dizimação serviria apenas para os tornar ainda mais cobardes. Mas aquilo era mesmo típico daquele brutamontes que dava pelo nome de Crasso! Só ele acreditaria que a dizimação poderia acabar com as deficiências do seu exército!

Começou então a pôr a hipótese de chegar a Itália a tempo de esmagar Espártaco. E foi nessa altura que, como um trovão, irrompeu A IDEIA. Claro que o Senado lhe pediria de joelhos que aceitasse outra comissão especial — a exterminação dos espartacanos. Desta vez, porém, só aceitaria a missão depois de ter sido nomeado cônsul. Se Crasso podia fazer chantagem sobre os senadores e obter um comando legalizado pelo Povo, que resistência poderia oferecer o Senado a Cneu Pompeu Magno? Nenhuma! O título de procônsul (non pró consule, sed pró consulibus) já não lhe chegava! Estaria condenado a ser o eterno burro de carga do Senado, a quem impingiam perpetuamente um império desvinculado de um verdadeiro poder senatorial? Não, nem pensar! Nunca, nunca mais! Não se importava de entrar para o Senado, desde que o fizesse na qualidade de cônsul. Tanto quanto se lembrava, nunca ninguém tinha conseguido tal proeza. Seria uma novidade absoluta, uma novidade espectacular — algo que demonstraria a toda a gente que ele era, de facto, o Primeiro Homem de Roma.

Ao longo da Via Domícia, Pompeu entregara-se às suas fantasias e mostrava-se tão feliz e afável que Varrão (entre muitos outros) não conseguia perceber o que se passaria naquela cabeça. Por vezes, Pompeu sentia-se tentado a contar o que lhe ia na alma, mas depois refreava-se e guardava para si mesmo o seu delicioso plano. Varrão e os outros em breve ficariam a saber.

Esta disposição jubilosa manteve-se depois de a nova passagem dos Alpes ter sido pavimentada e de o exército ter descido o vale dos Salassos na direcção da Gália Italiana. Já na Via Emília, Pompeu continuava a assobiar e a cantarolar como um menino. Até que, na pequena cidade de Fórum Popílios, já bem no interior da Itália, veio o terrível golpe. Pompeu e as suas

seis legiões esmagaram literalmente uma multidão desgarrada e desgarradamente armada — tratava-se, evidentemente, de soldados espartacanos. Cercá-los e matá-los foi fácil; o que foi difícil para Pompeu foi saber que Marco Crasso aniquilara o exército de Espártaco numa batalha travada há menos de um mês. A guerra contra Espártaco estava acabada.

A sua tristeza tornou-se tão evidente que todos os seus legados concluíram que a alegria anterior se devia ao facto de Pompeu contar com uma nova campanha mal chegasse a Roma. Mas a ninguém ocorreu que Pompeu planeara tornar-se cônsul precisamente por causa dessa eventual campanha. Durante vários dias, a tristeza foi a única companhia de Pompeu; até mesmo Varrão evitava estar com ele.

Ah, perguntava-se Pompeu, mas porque é que eu não soube disto quando estava na Gália Transalpina? Terei de recorrer à ameaça que o meu exército representa, mas a verdade é que infringi a constituição de Sila, introduzindo esse exército no território da Itália. E Crasso ainda tem um exército operacional. Se eu estivesse na Gália Transalpina, podia esconder-me lá até que Crasso celebrasse a sua ovação e as suas tropas retomassem a vida civil. Poderia usar os senadores que comprei para bloquearem as eleições curuis até que eu avançasse. Mas a verdade é que estou em Itália. E por isso, terei de recorrer à ameaça personificada pelo meu exército.

No entanto, estes sucessivos dias de tristeza deram lugar a uma nova disposição; quando conduziu os seus homens para o acampamento de Sena Gálica, Pompeu não assobiava nem cantarolava, mas também já não tinha uma expressão soturna. Depois de muito reflectir, tinha chegado a uma importante questão: afinal, o que valia o exército de Crasso? Resposta: não valia nada, pois era a escória da Itália, gente demasiado cobarde para enfrentar o inimigo. A vitória de Crasso não tinha alterado em nada essa realidade. Os seis mil fugitivos que ele encontrara em Fórum Popílios eram, pura e simplesmente, patéticos. Talvez a dizimação tivesse dado alguma coragem aos homens de Crasso — mas quanto tempo duraria essa coragem? E alguma vez poderia comparar-se com a magnífica coragem, com a magnífica perseverança dos seus homens, que tinham suportado o calor e o frio da Hispânia, durante anos, sem receberem salário, sem qualquer possibilidade de saque, sem comida em condições, sem agradecimentos do Senado? Não. A resposta final era clara e definitiva: NÃO!

E à medida que se ia aproximando de Roma, Pompeu ia recuperando gradualmente a

boa disposição e o ar feliz de algum tempo antes.

— Diz-me uma coisa, Magno: em que é que tu andas a pensar? — perguntou-lhe Varrão.

— Ando a pensar que me devem um Cavalo Público. O Tesouro nunca me pagou o meu querido cavalo.

— Então este cavalo não é o teu Cavalo Público? — perguntou Varrão, apontando para a montada ruça de Pompeu.

— O quê?! Esta pileca? — retorquiu Pompeu com o maior desdém. — O meu Cavalo Público tem de ser branco.

— Mas este também não é nenhuma pileca, Magno — retorquiu o proprietário de uma parte da rosea rura, um especialista reconhecido em cavalos. — Na realidade, trata-se de um animal magnífico.

— Só porque pertenceu a Perperna?

— Não! Só porque pertence a si mesmo!

— Pois bem, para mim não chega!

— Era nisso que estavas a pensar?

— Era. O que é que achas que eu estava a pensar?

— Eu não acho nada! Por isso te perguntei!

— Não tens nenhum palpite? Varrão franziu o sobrolho.

— Pensei que tinha adivinhado quando esmagámos os espartacanos. Pensei que tinhas previsto obter mais uma comissão especial e que tinhas ficado muito decepcionado quando descobriste que Espártaco tinha morrido. Mas agora, francamente, não faço a mínima ideia!

— Pois bem, Varrão, podes continuar a fazer palpites. Creio que, neste caso, serei o meu próprio conselheiro. Pelo menos por ora — retorquiu Pompeu.

A coorte que Pompeu escolhera para o escoltar até Roma era constituída por homens que viviam em Roma. Este tipo de senso comum era característico de Pompeu — para quê arrastar para Roma homens que prefeririam ir para outro sítio? Por isso, depois de os ter instalado num pequeno acampamento junto à Via Recta, Pompeu permitiu-lhes que vestissem os trajes civis e visitassem a cidade. Afrânio, Petreio, Gabínio, Sabino e os outros legados depressa seguiram o exemplo dos soldados, tal como Varrão, que estava ansioso por ver a mulher e os

filhos.

E assim Pompeu ficou sozinho no comando do Campo de Marte — ou pelo menos no seu segmento do Campo de Marte. À sua esquerda, mais próximo da cidade, havia outro pequeno acampamento. O acampamento de Marco Crasso. Pelos vistos, escoltado também por uma única coorte. Tal como Pompeu, Crasso também tinha uma bandeira escarlate à saída da tenda de comando, para indicar que o general se encontrava presente.

Ah, que infortúnio!... Por que raio teria de haver um outro exército dentro de Itália? Mesmo que esse exército fosse constituído por cobardes? Não fazia parte dos planos de Pompeu travar uma guerra civil; essa era uma ideia que não lhe agradava. Não eram a lealdade ou o patriotismo que o levavam a rejeitar a ideia. A razão era outra: é que Pompeu não sentia dentro de si as emoções que homens como Sila sentiam. Para Sila, não tinha havido alternativa possível. Roma era a cidadela em que morava o seu coração, a sua honra, a própria fonte da sua vida. Ao passo que a cidadela de Pompeu sempre fora e seria o Piceno. Não, não travaria uma guerra civil. Mas era preciso que os outros pensassem que ele estava disposto a travá-la. Sentou-se para fazer o rascunho da sua carta para o Senado.

Para o Senado de Roma:

Eu, Cneu Pompeu Magno, recebi uma comissão especial do Senado, já lá vão seis anos, para pôr termo à revolta de Quinto Sertório na Hispânia Citerior. Como sabem, em conjunto com o meu colega na província ulterior, Quinto Cecília Metelo Pio, consegui esmagar essa revolta e provocar a morte de Quinto Sertório. E também a morte dos seus vários legados, incluindo o miserável Marco Perperna Veiento.

Não trouxe comigo grandes despojos. Não havia grandes despojos num país devastado por uma longa série de catástrofes. A guerra de Hispânia foi, para Roma, uma guerra feita de incertezas. No entanto, peço-lhes a celebração de um triunfo, ciente de que procedi de acordo com o que me foi ordenado, ciente de que muitos milhares de inimigos de Roma morreram devido à minha acção. Peço ainda que este triunfo me seja concedido sem demora, a fim de que possa candidatar-me ao consulado, nas eleições curuis que serão disputadas em Quinctilis.

Pompeu tinha pensado em fazer um rascunho para que Varrão fizesse a revisão habitual e desse à carta um tom mais diplomático. Porém, depois de ter lido aquela breve nota por várias

vezes, chegou à conclusão de que não era preciso melhorá-la. Era preciso dar-lhes forte!, como Metelo Pio lhe aconselhara na Hispânia.

Filipe chegou no preciso momento em que Pompeu, depois de ter lido a carta uma última vez, se recostava satisfeito na sua cadeira.

— Ainda bem que vieste! — exclamou Pompeu, levantando-se e cumprimentando Filipe. — Tenho uma carta para tu leres. E podes levá-la para o Senado.

— Pedindo o triunfo a que tens direito? — perguntou Filipe, sentando-se com um suspiro; tinha vindo a pé porque as liteiras eram demasiado lentas, mas esquecera-se de que o acampamento ficava muito longe e de que em Junho já fazia muito calor (ainda que, pelas estações, fosse ainda Primavera).

— Algo mais que isso — retorquiu Pompeu, entregando-lhe a sua tábua de cera com um sorriso imenso.

— Não me ofereces primeiro uma bebida, meu caro? Filipe demorou algum tempo a decifrar a horrenda caligrafia de Pompeu; chegou à última frase no preciso momento em que bebia o seu primeiro gole de vinho misturado com água — e tão grande foi a sua surpresa que se engasgou. Desatou a tossir e a salpicar tudo de vinho e tão grande era a sua aflição que Pompeu teve de lhe bater nas costas. Só ao fim de algum tempo conseguiu recompor-se o suficiente para comentar a carta.

No entanto, não fez qualquer comentário. Em vez disso, olhou para Pompeu como se nunca o tivesse visto antes. Era um olhar genuinamente exploratório, um olhar que percorreu o corpo musculado, ainda vestido com a couraça e o saiote, a pele branca e ligeiramente sardenta, o rosto extremamente atraente com a covinha no queixo e a cabeleira de um ouro muito vivo. Uma cabeleira como a de Alexandre. E os olhos — grandes, cândidos, impacientes, de um azul tão radiante! Pompeu Magno, o novo Alexandre. Onde é que ele tinha ido buscar aquela ousadia, aquela irreverência que lhe permitia fazer um tal pedido? O pai fora um homem muito estranho, mas o filho sempre conseguira convencer as pessoas de que não tinha nada de estranho. Ah, mas o filho era muito mais estranho que o pai! Lúcio Márcio Filipe surpreendia-se com muito poucas coisas. Mas aquilo era mais do que uma mera surpresa. Era um choque capaz de levar um homem desta para melhor!

— Isto é mesmo a sério? — perguntou ele com uma voz sumida.

— Porque é que não havia de ser?

— Magno, aquilo que tu pedes não te pode ser concedido! Não é... não é possível! Pura e simplesmente! É algo que vai contra todas as leis, escritas ou não escritas! Ninguém pode ser cônsul sem passar antes pelo Senado! Até mesmo o jovem Mário e Cipião Emiliano só foram eleitos cônsules depois de terem passado pelo Senado! Poderás talvez dizer que Cipião Emiliano abriu um precedente

ao tornar-se cônsul antes de ser pretor. Por outro lado, o jovem Mário nunca tinha passado de questor. Mas entrou para o Senado muito antes das eleições! E Sila eliminou por completo tais precedentes! Magno, por favor, não mandes esta carta!

— Eu quero ser cônsul! — disse Pompeu, comprimindo muito os lábios.

— A tua carta vai provocar uma tal tempestade de gargalhadas que, num instante, a terás de volta! Não, Magno, tu não podes ser cônsul!

Pompeu sentou-se, descansou uma perna sobre o braço da cadeira e pôs-se a balançar com o pé.

— Claro que posso, Filipe! — disse ele, com um ar muito doce. — Eu tenho seis legiões constituídas pelos melhores e mais duros soldados do mundo. E o que essas legiões dizem é que eu posso ser cônsul.

Filipe ficou sem fôlego. Começou a tremer.

— Tu não farias uma coisa dessas! — exclamou.

— Faria, sim.

— Mas Crasso tem oito legiões em Cápua! Seria uma nova guerra civil!

— Ora! — retorquiu Pompeu, balançando ainda o pé. — Oito legiões de cobardes. Uma boa sobremesa para o meu jantar.

— Isso era o que dizias de Quinto Sertório.

eO pé parou. Pompeu ficou lívido, o corpo muito tenso.

— Nunca mais me digas uma coisa dessas, Filipe!

— Oh, caçai! — gemeu Filipe, contorcendo as mãos. — Magno, Magno, por favor, não faças uma coisa dessas! Onde é que foste buscar essa ideia de que Crasso comanda um exército de cobardes? É por causa das legiões dos cônsules, da dizimação? Pois bem, desengana-te! Ele conseguiu formar um exército esplêndido, um exército que em lealdade não fica nada a dever ao

teu. Marco Crasso não é um Gélio, não é um Clodiano! Sabes o que ele fez na Via Ápia, entre Cápua e Roma?

— Não — retorquiu Pompeu, com uma expressão em que se notava um nada de incerteza. — O que é que ele fez?

— Crucificou seis mil e seiscentos espartacanos em seis mil e seiscentas cruzes ao longo da Via Ápia, entre Cápua e Roma. Uma cruz em cada trezentos metros, Magno! Dizimou os sobreviventes das legiões dos cônsules, para lhes mostrar o que pensava dos soldados cobardes, e crucificou os sobreviventes do exército de Espártaco para mostrar a todos os escravos o que lhes acontecerá se se revoltarem. Estas não são acções de um homem que tu possas menosprezar, Magno! São acções de um homem que é muito capaz de deplorar uma guerra civil — uma guerra civil só lhe prejudicará os negócios! —, mas que, se receber ordens do Senado nesse sentido, pegará em armas contra ti. E terá bastantes hipóteses de te destruir! A incerteza deu lugar à obstinação.

—vou dizer ao meu escriba que copie a minha carta. E tu amanhã vais lê-la no Senado, Filipe.

— Vai ser o teu fim!

— Não vai.

A entrevista tinha chegado ao fim; Filipe levantou-se. Ainda não tinha saído da tenda e já Pompeu começava a escrever outra carta. Desta feita, dirigida a Marco Licínio Crasso.

Recebe as minhas saudações e congratulações, meu velho amigo e colega dos tempos da guerra contra Carbão. Enquanto estava a pacificar a Hispânia, soube que tu estavas a pacificar a Itália. Disseram-me que transformaste os cobardes consulares num magnífico exército e que nos ensinaste a todos qual era a melhor maneira de lidar com escravos rebeldes.

Uma vez mais, dou-te os meus parabéns. Se não pensas sair do teu acampamento esta noite, posso dar aí um salto para termos uma conversinha?

— Mas o que é que ele quererá agora? — perguntou Crasso a César.

— Que interessante! — comentou César, devolvendo a carta a Pompeu. — Tem um estilo literário muito pobre.

— Estilo literário?! Ele sabe lá o que isso é! Não passa de um bárbaro!

— Tencionas recebê-lo para a tal ”conversinha”? E será que esta expressão é inocente?

— Conhecendo Pompeu como eu conheço, creio que ele pensa que essa é a expressão correcta. bom, de qualquer forma era minha intenção ficar no acampamento. Portanto,vou recebê-lo — disse Crasso.

— Comigo ou sem mim? — perguntou César.

— Contigo. Conhece-lo?

— Vi-o há muito, muito tempo. Mas duvido que ele se lembre de mim ou da ocasião em que nos conhecemos.

Uma afirmação que Pompeu confirmou ao chegar à tenda de Crasso.

— Alguma vez nos vimos, Caio Júlio? Não me lembro. O riso de César foi espontâneo, mas sem sinal de troça.

— Não me surpreende que não te lembres, Cneu Pompeu. Tu só tinhas olhos para Múcia.

Fez-se luz na cabeça de Pompeu.

— Ah, sim! Tu estavas em casa de Júlia quando eu fui lá para conhecer a minha esposa! Claro!

— Como está ela? Há anos que não a vejo.

— Eu tenho-a em Piceno — respondeu Pompeu, sem se dar conta de que uma tal resposta podia soar estranha. — Temos dois filhos. Um casal. E espero ter mais em breve.

Infelizmente, também não a vejo há anos, Caio Júlio.

— César. Prefiro que me chamem César.

— Óptimo! É que eu prefiro que me tratem por Magno!

— Não tenho dúvida!

Crasso decidiu que era tempo de intervir.

— Senta-te, Magno, por favor. Estás com um aspecto óptimo para a tua idade. Sim, porque tu já estás a ficar velho. Trinta e cinco, não é?

— Só no penúltimo dia de Setembro.

— Isso são miudezas. O que interessa é que tu, em trinta e cinco anos, já fizeste mais do que a maior parte dos homens faz em setenta. O que tu não terás feito quando chegares aos setenta! Mas, conta-me lá, como é que está a Hispânia? Tudo resolvido?

— Tudo calmo. Mas — acrescentou Pompeu com um ar magnânimo — tive a meu

lado um homem extremamente competente.

— Sim, o velho Pio. Foi uma grande surpresa para toda a gente. Nunca tinha feito nada antes de ir para a Hispânia. — Crasso levantou-se. — Vinho?

Pompeu riu-se.

— Só se a safra for melhor do que da última vez! Sim, porque tu és um forreta incurável!

— O vinho é sempre o mesmo — disse César.

— É vinagre!

— Ainda bem que eu não bebo vinho. Caso contrário, não agüentava uma campanha com ele — disse César, com um sorriso.

— Não bebes vinho?! Por todos os deuses! — Perplexo, Pompeu virou-se para Crasso.

— Já pediste a celebração do teu triunfo? — perguntou.

— Eu não posso pedir um triunfo. O Senado considera que a guerra contra Espártaco foi uma guerra contra escravos. Por isso, só posso pedir uma ovação. — Crasso pigarreou, parecendo um pouco perturbado. — No entanto, pedi uma ovação. O mais depressa possível. Quero deixar o meu império a tempo, a fim de disputar as eleições consulares.

— Sim, claro, como foste pretor há dois anos, não há qualquer impedimento — disse Pompeu, com um ar falsamente alegre. — Duvido que tenhas dificuldade em chegar ao consulado depois da tua retumbante vitória. Ovação num dia, cônsul no dia seguinte.

— É essa a minha ideia — disse Crasso, que ainda não tinha sorrido. — Tenho de convencer o Senado a conceder-me terra para pelo menos metade dos meus soldados. Por isso, o consulado será uma ajuda.

— Lá isso será — disse Pompeu cordialmente, levantando-se imediatamente. — bom, tenho de ir. Gosto de dar os meus passeios. Andar a pé faz bem. Impede-me de engordar. De ficar velho, como tu dizes!

E foi-se logo embora, deixando Crasso e César a olhar um para o outro, estupefactos.

— Mas que ideia era a dele? — perguntou Crasso.

— Tenho o pressentimento — disse César, com um ar pensativo — de que muito em breve saberemos.

Visto que, ao princípio da tarde, tinha recebido, das mãos de um mensageiro, a cópia da

carta de Pompeu, já com a caligrafia apurada do escriba, Filipe não esperava mais notícias de Pompeu até que lesse a carta no Senado. Porém, mal acabou de jantar, bateu-lhe à porta um outro mensageiro de Pompeu, pedindo-lhe que fosse ao Campo de Marte. Por um momento, Filipe, completamente fora de si, chegou a pensar numa recusa pura e simples; mas lembrou-se da choruda soma que Pompeu continuava a pagar-lhe todos os anos, e, com um suspiro, ordenou que lhe trouxessem uma liteira. Agora já não ia a pé!

— Se mudaste de intenções quanto à leitura da carta no Senado, só precisavas de me informar, Magno! Não era preciso eu vir cá pela segunda vez num só dia!

— Ah, não te preocupes com a carta! — retorquiu Pompeu, impaciente. — Lê a carta e não te importes se eles se desmancharem a rir! Em breve, deixarão de ter vontade de rir. Não, não foi por causa disso que te chamei. Tenho um trabalho para ti que é muito mais importante e quero que comeces imediatamente.

Filipe franziu muito o sobrolho.

— Que trabalho? — perguntou.

—vou pôr Crasso do meu lado — disse Pompeu.

— Ah sim?! E como é que vais fazer isso?

— Não sou eu quem vai fazer isso. Tu e o meu grupo de pressão é que vão fazer. Quero que influencies o Senado no sentido de recusar a Crasso a concessão de terras para os seus soldados. Mas tens de agir imediatamente, antes que ele receba a ovação e muito antes das eleições curuis. Tens de manobrar as coisas de modo a impedir que Crasso ofereça o seu exército ao Senado, caso o Senado decida que ele tem de me esmagar pela força das armas. Fui ver Crasso há umas horas atrás e só então me apercebi do que devia fazer. E sugere que ele quer disputar o cargo de cônsul porque acredita que, nessa qualidade, estará em melhor posição para pedir terra para os seus veteranos. Tu conheces bem Crasso! Crasso nunca gastaria dinheiro do seu bolso para oferecer terras aos seus soldados. No entanto, quando os desmobilizar, vai ter de lhes oferecer terras. Provavelmente não pedirá muito — no fim de contas, tratou-se de uma campanha breve. E é por aqui que tu vais pegar — uma campanha de seis meses não justifica que se distribua pelos soldados o ager publicus, tanto mais que o inimigo era um exército de escravos! Se o produto do saque fosse avultado, talvez o exército se contentasse com ele. Mas eu conheço Crasso! A maior parte do saque não aparecerá na lista para o Tesouro. Ele não consegue

dominar-se — fará tudo para ficar com o saque só para ele. E, por isso mesmo, tentará levar o Estado a compensar os seus homens.

— Na realidade, ouvi dizer que o saque não foi grande coisa — disse Filipe, sorrindo.

— Crasso declarou que Espártaco gastou quase tudo o que tinha com os piratas, quando tentou contratá-los para o levarem para a Sicília. Porém, de acordo com outras fontes, a verdade seria outra: a soma que Espártaco pagou aos piratas seria apenas metade do que ele tinha em dinheiro.

— Isso é mesmo típico de Crasso! — disse Pompeu, com um sorriso escarninho, lembrando-se de outras situações parecidas. — É o que eu te digo: a ganância é mais forte que ele. Quantas legiões tem ele? Oito? Vinte por cento para o Tesouro, vinte por cento para Crasso, vinte por cento para os legados e tribunos, dez por cento para a cavalaria e centuriões e trinta por cento para a infantaria.

O que significa que cada soldado de infantaria receberia cerca de cento e oitenta e cinco sestércios. Uma soma que não dá para muito tempo, pois não?

— Não sabia que eras tãobom em contas, Magno!

— Sempre fui melhor em contas do que a ler ou a escrever.

— E quanto vão receber os teus homens do produto do saque?

— Praticamente o mesmo. Mas a repartição dos despojos é honesta e eles sabem que é.

Eu tenho sempre representantes dos soldados comigo quando faço as contas do produto do saque. Isso fá-los sentir-se bem, não tanto por poderem confirmar que o general é honesto, mas sobretudo porque acham que é para eles uma honra participar nas contas. Os meus soldados que ainda não têm terras receberão terras. Do Estado, espero. Mas se não for o Estado a dar-lhas, eu próprio lhas darei.

— É muito generoso da tua parte, Magno.

— Não, Filipe, não se trata de generosidade. Trata-se, antes, de acautelar o futuro.

Euvou precisar desses homens — e dos filhos deles! — no futuro e, por isso, não me importo de ser generoso agora. Mas quando eu for velho e travar a minha última campanha, garanto-te que não serei eu a suportar os prejuízos! — disse Pompeu, com um ar decidido. — A minha última campanha vai trazer-me mais dinheiro do que Roma alguma vez viu em cem anos. Não sei que campanha será, mas sei que escolherei uma campanha rica. É na Partia que eu estou a pensar. E

quando trouxer as riquezas da Partia para Roma, espero que Roma dê terras aos meus veteranos. A minha carreira, até agora, já me levou muito do meu dinheiro — e tu sabes muito bem o que eu te tenho pago todos os anos, a ti e aos outros membros do meu grupo de pressão no Senado!

Filipe curvou-se, com um ar defensivo.

— Está descansado que o teu dinheiro dará os frutos esperados!

— Espero bem que sim, meu amigo. E podes começar já amanhã — disse Pompeu, com um ar jovial. — O Senado deve recusar-se a dar terras às tropas de Crasso. Também quero que adiem as eleições curuis. E quero que o meu pedido de autorização para disputar o consulado seja afixado no Senado. Entendido?

— Perfeitamente — retorquiu o contratado de Pompeu, levantando-se. — Só estou a ver um problema, Magno. Há muitos senadores que devem dinheiro a Crasso e duvido que os possamos pôr do nosso lado.

— Podemos, se dermos aos homens que não têm dívidas exorbitantes o dinheiro necessário para pagarem a Crasso. Vê quantos lhe devem quarenta mil sestércios ou menos. Se esses senadores estiverem já do nosso lado ou quiserem estar, dá-lhes ordens para que paguem a Crasso imediatamente. Isso é o suficiente para que Crasso perceba quão séria é a sua situação — disse Pompeu.

— Mesmo assim, gostaria que me deixasses adiar a leitura da tua carta!

— Vais ler a minha carta amanhã, Filipe. Não quero que haja ilusões quanto aos meus motivos. Quero que o Senado e Roma saibam, aqui e agora, que euvou ser cônsul no próximo ano.

Roma e o Senado sabiam já dessa novidade a meio do dia seguinte, pois foi a essa hora que Varrão irrompeu pela tenda de Pompeu, todo esbaforido e desalinhado.

— Não pode ser verdade! — disse Varrão com alguma dificuldade, atirando-se para cima de uma cadeira e passando com a mão pelo rosto suado.

— É verdade.

— Água. Preciso de água. — Fazendo um esforço enorme, Varrão levantou-se da cadeira e foi até à mesa onde Pompeu guardava as suas bebidas. Bebeu umbom gole de água, encheu de novo a taça e voltou para a cadeira. — Magno, eles vão esmagar-te como se esmaga uma traça!

Pompeu fez um gesto de desdém ao ouvir tal comentário. Depois, fitando impacientemente Varrão, perguntou-lhe:

— Como é que eles reagiram, Varrão? Quero ouvir todos os pormenores!

— bom, Filipe apresentou um pedido para falar ao cônsul Orestes — que é quem tem os fasces para Junho — ainda antes da sessão começar. E como foi ele quem pediu a realização daquela reunião, falou aos outros senadores logo que os augúrios terminaram. Levantou-se e leu a tua carta.

— E eles? Riram-se?

Varrão, que ia beber mais um gole de água, suspendeu o seu gesto, tão espantado ficou com a pergunta.

— Rir?! Por todos os deuses, Magno, ninguém se riu! Todos os senadores ficaram estupefactos. Depois começaram a murmurar, baixinho de início, mas depois cada vez mais alto, até que a certa altura já estava tudo aos gritos. O cônsul Orestes conseguiu por fim restabelecer a ordem e Catulo pediu para falar. Imagino que sabes o que ele disse.

— Disse que nem pensar. Que era inconstitucional. Uma afronta a todos os preceitos legais e éticos da história de Roma.

— Isso tudo e ainda mais. Quando acabou o discurso, até espumava da boca.

— Que aconteceu depois de ele se ter calado?

— Filipe fez um discurso francamente magnífico — um dos melhores que já lhe ouvi, e ele é um grande orador. Disse que tu merecias o consulado, que era ridículo pedir a um homem que fora propretor duas vezes e procônsul uma vez que entrasse furtivamente para o Senado sob voto de silêncio. Disse que tu tinhas salvo Roma de Sertório, que tinhas transformado a Hispânia Citerior numa província modelo, que tinhas até aberto uma nova passagem através dos Alpes, e que tudo isso provava que foras sempre o mais leal dos servidores de Roma. Não sou capaz de reproduzir todas as maravilhas do seu discurso — se quiseres, pede-lhe uma cópia —, mas a verdade é que causou uma profunda impressão. Quanto a isso, não tenho a mínima dúvida.

”Só que nesse momento — prosseguiu Varrão, com um ar perplexo — mudou completamente de assunto! Que coisa mais estranha! Depois de ter defendido a tua eleição como cônsul, pôs-se a falar do hábito de se distribuir bocadinhos do nosso precioso ager publicus, para

se saciar a ganância dos nossos soldados, os quais, graças a Caio Mário, esperavam sempre uma recompensa em terras públicas, mesmo que tivessem participado na mais breve e apagada das campanhas! E acentuou que essas terras eram dadas, não em nome de Roma, mas em nome do general! Há uma prática que terá de acabar, disse ele. A prática que consiste em criar exércitos privados à custa do Senado e do Povo, porque dá aos soldados
a ideia de que pertencem primeiro ao seu general e só depois a Roma."

— Óptimo! — disse Pompeu, todo contente. — Filipe parou aí?

— Não — disse Varrão, bebendo mais água. Lambeu os lábios, o que nele era uma reacção nervosa; ocorrera-lhe de repente que Pompeu estava por detrás de toda aquela trama. — Depois, referiu-se especificamente à campanha contra Espártaco e ao relatório que Crasso enviou ao Senado. Filipe reduziu Crasso a pó! A pó, Magno! Como é que Crasso se atrevia a pedir terras para os seus soldados, quando estes, só depois da dizimação, mostraram coragem para combater o inimigo! E como é que Crasso se atrevia a pedir terras para homens que só tinham feito aquilo que se espera de qualquer romano leal — esmagar um inimigo que ameaça a sua terra natal! Uma guerra contra um poder estrangeiro era uma coisa, disse ele, mas uma guerra contra um bandido que conduzia um exército de escravos, em solo italiano, era uma coisa completamente diferente. Nenhum homem tinha o direito de pedir recompensas quando defendia a sua terra natal. E Filipe terminou pedindo ao Senado que não tolerasse a impudência de Crasso, nem que encorajasse Crasso a pensar que podia comprar a lealdade dos seus soldados à custa de Roma.

— Magnífico Filipe! — exclamou Pompeu, radiante. — E que aconteceu depois?

— Catulo levantou-se de novo, mas desta feita para apoiar Filipe. Disse que Filipe tinha toda a razão quando pedia que se pusesse cobro à prática iniciada por Caio Mário. Essa prática de distribuir terras pelos soldados tem de acabar!, disse Catulo. O ager publicus de Roma tem de continuar a ser do Estado. Não pode ser usado para comprar a lealdade dos soldados aos seus comandantes!

— E o debate terminou aí?

— Não. Cetego falou depois, para apoiar sem reservas Filipe e Catulo. Sem reservas, insistiu ele. E houve mais uma dúzia que fizeram o mesmo: Curió, Gélio e Clodiano, entre outros. Por fim, Orestes decidiu concluir a sessão.

— Que maravilha! — exclamou Pompeu.

— És tu que estás por detrás disto tudo, não é verdade, Magno? Os olhos azuis abriram-se muito.

— Eu? Que queres dizer com isso, Varrão?

— Sabes muito bem o que quero dizer — retorquiu Varrão, furioso. — Estás a usar todos os teus representantes no Senado para cavar um abismo entre Crasso e o Senado! E se tiveres êxito, conseguirás retirar o exército de Crasso do comando do Senado. E se o Senado não tiver nenhum exército para comandar, Roma não poderá dar-te a lição que tu mereces, Cneu Pompeu!

Genuinamente ferido, Pompeu fitou o amigo com olhos de súplica.

— Varrão, Varrão! Eu mereço ser cônsul!

— Mereces ser crucificado!

A oposição dos outros dava ainda mais força a Pompeu; Varrão atentou naqueles olhos azuis, tão frios como o gelo. E, como sempre, sentiu-se intimidado. Por isso, tentando emendar-se, disse-lhe:

— Desculpa, Magno, falei movido pela ira. Retiro o que disse. Mas com certeza que percebes que estás a fazer uma coisa terrível! Se a República precisa de sobreviver, então todos os homens influentes terão de evitar minar a constituição. Aquilo que tu pediste ao Senado vai contra todos os princípios da mos maiorum. Nem mesmo Cipião Emiliano foi tão longe — e ele descendia directamente de Africano e Paulo!

Mas este último comentário só serviu para piorar as coisas. Pompeu levantou-se, ofendido.

— Ah, vai-te embora, Varrão! Já percebi onde queres chegar! Se um príncipe de sangue não se atreveu a ir tão longe, como é que um mero mortal do Piceno como eu se atreve a fazer uma coisa destas? É isso, não é? Pois uma coisa te garanto: eu serei cônsul!

O efeito que esta sessão do Senado teve em Marco Terêncio Varrão não foi nada de especial, se comparado com o efeito que teve em Marco Licínio Crasso. As informações chegaram-lhe através de César, que, mal a sessão terminou, conseguiu evitar que Quinto Árrio e os outros legados senatoriais corressem à tenda de Crasso a contar-lhe o que se passara. Lúcio Quíncio foi o que maior resistência opôs a César.

— Deixem-me ser eu a contar-lhe — rogou-lhes César. — Vocês estão todos

demasiado excitados e vão deixá-lo tão excitado quanto vocês. Neste momento, ele precisa de estar calmo.

— Nem sequer tivemos oportunidade de falar! — exclamou batendo com o punho na palma da outra mão. — Aquele verpa do Orestes permitiu que falassem todos os que eram a favor de Pompeu e encerrou a sessão sem que nenhum de nós tivesse podido responder!

— Eu sei — disse César, pacientemente. — Mas sossega que, na próxima reunião, todos teremos oportunidade de falar. Orestes fez o que era sensato. Estávamos todos demasiado agitados. E, da próxima vez, poderemos falar. Nada ficou decidido! Por isso, deixem-me ser eu a contar a Marco Crasso. Por favor!

E assim, ainda que relutantemente, os legados foram para casa, e César correu ao Campo de Marte e ao acampamento de Crasso. As notícias da reunião tinham-se espalhado rapidamente; ao passar pelas multidões reunidas no baixo Fórum Romano, a caminho da Clivus Argentarius, César pôde ouvir fragmentos de algumas conversas; pelos vistos, estas giravam todas à volta da perspectiva de mais uma guerra civil. Pompeu queria ser cônsul. O Senado não lho permitiria. Crasso não obteria as terras pretendidas. Era tempo de Roma dar uma lição a estes generais que tinham a mania de que dominavam tudo. Pompeu era um indivíduo extraordinário. Etc, etc, etc.

Crasso escutou, com o ar mais inexpressivo deste mundo, o sucinto sumário dos acontecimentos feito por César. Agora que César terminara, mantinha essa mesma máscara inexpressiva. Durante algum tempo manteve-se calado e quieto, limitando-se a olhar, pela abertura da sua tenda, para a beleza tranqüila do Campo de Marte. Finalmente, fez um gesto na direcção da paisagem e, sem se virar para César, disse-lhe:

— Uma bela paisagem, não é? É difícil imaginar que um lugar tão fétido como Roma fica apenas a um quilômetro daqui!

— Sim, de facto é uma bela paisagem — disse César, sinceramente.

— E que pensas tu dos acontecimentos do Senado, que são muito menos belos do que esta paisagem?

— Penso — disse César, calmamente — que Pompeu te agarrou pelos tomates.

Esta observação provocou um sorriso, seguido de um risinho silencioso.

— Tens toda a razão, César. — Crasso apontou para a sua secretária, onde se viam pilhas de sacas de dinheiro. — Sabes o que é aquilo?

— Dinheiro, pela certa. Mas mais não sei.

— Aquelas sacas representam todas as pequenas dívidas que os senadores tinham para comigo — disse Crasso. — Cinqüenta dívidas pagas no mesmo dia.

— Menos cinqüenta votos no Senado.

— Precisamente. — Crasso fez girar a sua cadeira, pôs os pés em cima das sacas e recostou-se na cadeira com um suspiro. — Como tu muito bem disseste, Pompeu agarrou-me pelos tomates.

— Ainda bem que estás a reagir calmamente.

— De que me vale desatar aos berros? De nada. Não mudava nada. Mais importante é saber se haverá alguma coisa susceptível de mudar a situação.

— Do ponto de vista dos teus testículos, decerto que não. Mas podes continuar a manobrar dentro dos parâmetros definidos por Pompeu. É possível dar alguns passos, mesmo com a pata peluda de alguém a prender-nos pelos tomates — disse César, com um sorriso imenso.

— Tens razão. Mas quem é que ia pensar que Pompeu era capaz de ter ideias brilhantes?

— Ah, sim, ele é capaz de ter ideias brilhantes. Brilhantes, mas destrambelhadas. O que ele fez não tem nada a ver com estratégia política, Crasso. Pompeu limitou-se a atordoar-te primeiro e a impor depois os seus termos. Se ele possuísse algum senso político, teria vindo ter contigo e ter-te-ia dito o que tencionava fazer. E tudo poderia ter sido resolvido pacificamente, em vez de se deixar Roma na maior agitação, perante a perspectiva de mais uma guerra civil. O problema de Pompeu é que ele não faz a mínima ideia de como pensam os outros ou de como os outros vão reagir. A menos que os pensamentos e reacções dos outros sejam idênticos aos seus.

— É muito provável que tenhas razão, mas creio que o que se passou tem mais a ver com as próprias dúvidas de Pompeu. Se ele acreditasse sinceramente que conseguia obrigar o Senado a deixá-lo ser cônsul, teria vindo ter comigo antes de fazer fosse o que fosse. Mas eu sou menos importante para ele do que o Senado. É o Senado que ele tem de dominar. Eu não passo de um instrumento nas mãos dele. Por isso, que importância pode ter para ele o facto de me deitar abaixo primeiro? Como tu disseste, ele tem-me bem preso pelos tomates. Se eu quiser

terras para os meus veteranos, terei de informar o Senado de que não poderá contar comigo ou com os meus soldados para se opor a Pompeu. — Crasso trocou os pés; as sacas de dinheiro chocalharam.

— Que tencionas fazer?

— Tenciono — disse Crasso, tirando os pés de cima da secretária e levantando-se — mandar-te falar com Pompeu imediatamente. Não preciso de te dizer o que deves fazer. Negoceia, César.

E César assim fez.

Uma das poucas certezas que tinha era que encontraria os dois generais nas respectivas tendas; enquanto não fosse realizado o triunfo ou a ovação, nenhum general poderia atravessar o pomerium e penetrar na cidade; se o fizesse, perderia automaticamente o seu império e, por isso mesmo, não poderia celebrar o triunfo ou a ovação. Por isso, enquanto os legados e tribunos dos soldados podiam movimentar-se como muito bem entendessem, o general era obrigado a permanecer no Campo de Marte.

Portanto, Pompeu tinha forçosamente de estar na sua tenda. Os seus legados séniores, Afrânio e Petreio, estavam com ele. Mal César entrou, examinaram-no atentamente. Tinham ouvido algumas coisas acerca dele — histórias de piratas e outras coisas do género — e sabiam que ele ganhara uma Coroa Cívica aos 20 anos de idade. Pactos que, em princípio, levariam viri militares como Afrânio e Petreio a sentir o máximo respeito por César; e no entanto, aquele jovem encantador, tão bem-parecido e janota, não tinha nada o ar de quem alcançara tais proezas. Vestindo uma toga em vez do traje militar, as unhas aparadas e polidas, os sapatos senatoriais num estado impecável, sem esfoladuras nem pó, o cabelo perfeitamente arranjado, aquele César com toda a certeza que não tinha vindo a pé desde o acampamento de Crasso até ao de Pompeu, enfrentando o sol e o vento!

— Lembro-me de teres dito que não bebias vinho. Posso oferecer-te água? — perguntou Pompeu, fazendo um gesto para que César se sentasse.

— Obrigado, Pompeu, mas a única coisa que pretendo é uma conversa em privado — disse César, sentando-se.

— Até mais logo — disse Pompeu aos seus legados. Pompeu esperou até que os dois homens, obviamente decepcionados, se afastassem o suficiente. Depois, virou-se para César.

— Então? — perguntou ele, no seu jeito rude.

— Venho em representação de Marco Crasso.

— Esperava que Crasso viesse pessoalmente.

— Ficas melhor servido se negociares comigo.

— Ele está furioso, não é?

César ergueu muito as sobrancelhas.

— Crasso, furioso? De modo nenhum!

— Nesse caso, porque é que não veio ele pessoalmente?

— Para quê? Para Roma ficar ainda mais agitada? — perguntou César. — Se tu e Marco Crasso têm de negociar, então será melhor que o façam através de homens como eu, homens discretos e leais aos seus superiores.

— Devo concluir, portanto, que és um homem de Crasso...

— Neste assunto, sou. De um modo geral, sou um homem de mim mesmo.

— Que idade tens tu? — perguntou Pompeu, bruscamente.

— Faço vinte e nove em Quinctilis.

— Crasso diria que isso são miudezas. com vinte e nove anos, quer dizer que em breve estarás no Senado.

— Já estou no Senado. Sou senador há quase nove anos.

— Porquê?

— Porque ganhei uma Coroa Cívica em Mitilene. A constituição de Sila diz que os heróis militares entram automaticamente para o Senado — retorquiu o elegante militar.

— Toda a gente diz ”a constituição de Sila”, em vez de ”a constituição de Roma” — retorquiu Pompeu, ignorando deliberadamente uma informação tão pouco agradável para ele, que nunca ganhara uma coroa importante. E isso magoava-o. — Não sei se deva estar grato a Sila!

— Devias estar. Deves-lhe as tuas comissões especiais — disse César. — Porém, depois deste pequeno episódio, duvido muito que o Senado queira conceder outra comissão especial a um cavaleiro.

Pompeu fitou-o espantado.

— Que queres dizer com isso?

— Apenas aquilo que disse. Não podes obrigar o Senado a deixar-te ser cônsul e esperar que o Senado te perdoe. Nem podes esperar controlar o Senado para sempre. Filipe está velho. Tal como Cetego. E quando eles morrerem, quem usarás em vez deles? Os séniores do Senado serão todos homens ligados a Catulo — os Cecílios Metelos, os Cornélios, os Licínios, os Cláudios. Por isso, um homem que queira uma comissão especial terá de ir pedi-la ao Povo e, quando digo Povo, não estou a pensar nos patrícios e plebeus juntos. Estou a pensar na Plebe. Roma, em tempos, funcionava quase exclusivamente através da Assembleia da Plebe. Prevejo que, no futuro, voltará a ser assim. Os tribunos da plebe são extremamente úteis — mas só se tiverem os seus poderes legislativos. — César pigarreou. — E sai mais barato comprar tribunos da plebe do que comprar grandes personalidades como Filipe ou Cetego.

Pompeu bebia sequiosamente todas aquelas palavras; e César, impassível, apercebia-se perfeitamente disso. E sentia que não gostava dele, embora não soubesse exactamente porquê. Tendo passado a sua infância em estreito contacto com tantos gauleses, não era por causa do gaulês que havia em Pompeu que César sentia aquela aversão. Qual seria então o motivo? Enquanto Pompeu digeria o que acabara de ouvir, César pensou nessa questão e chegou à conclusão de que sentia aversão pelo homem, e não por aquilo que ele representava. Detestava aquela presunção, aquela concentração quase infantil no seu próprio ego, as lacunas de uma mente que, de um modo muito óbvio, não sentia o menor respeito pela Lei.

— O que é que Crasso tem para me dizer? — perguntou Pompeu.

— Crasso gostaria de negociar um acordo, Cneu Pompeu.

— Envolvendo o quê?

— Não seria melhor se tu apresentasses primeiro as tuas exigências, Cneu Pompeu?

— Pára de me chamar Cneu Pompeu! Odeio essa forma de tratamento! Eu sou Magno para toda a gente!

— Esta é uma negociação formal, Cneu Pompeu. O hábito e a tradição exigem que eu te trate pelo praenomen e pelo nomen. Não desejas apresentar primeiro as tuas exigências?

— Ah, sim, sim, claro! — atirou-lhe Pompeu, sem saber ao certo por que razão estava a ficar de repente mais calmo; talvez fosse por causa daquele tipo tão educado e tão simpático que Crasso escolhera para seu representante. Tudo o que César dissera até então fazia sentido, mas, se fazia sentido, então a situação ainda era mais confusa do que ele pensara. Ele, Magno, é que devia

estar com as rédeas na mão. Mas aquela entrevista não estava a corresponder às suas expectativas. De modo nenhum. César comportava-se como se fosse ele que detivesse o poder, como se fosse ele quem estivesse na mó de cima. O raio do homem era mais bonito que o falecido Mémio e mais esperto que Filipe e Cetego juntos — e, apesar disso, tinha ganho a segunda maior condecoração militar romana! E, ainda por cima, o comandante dele, na altura, era o incorruptível Lúculo! Logo, César só poderia ser um óptimo soldado, um militar extremamente corajoso. Se Pompeu conhecesse também as histórias dos piratas, do testamento de Nicomedes e da batalha do Meandro, teria por certo conduzido a entrevista de um modo completamente diferente; Afrânio e Petreio tinham ouvido uns rumores, mas ele — como era típico do seu carácter! — não ouvira nada de nada. Daí que a entrevista prosseguisse com um Pompeu muito mais exposto e frágil do que ele alguma vez esperaria.

— As tuas exigências? — insistiu César.

— As minhas exigências são muito simples: convencer o Senado a aprovar uma resolução para que eu possa disputar as eleições para o consulado.

— Sem seres membro do Senado?

— Sem ser membro do Senado.

— E se convencesses o Senado a permitir a tua participação nas eleições e depois perdesses as eleições?

Pompeu desatou a rir, genuinamente divertido.

— Mesmo que quisesse, não perdia! — disse.

— Ouvi dizer que as eleições vão ser muito disputadas. Marco Minúcio Termo, Sexto Peduceu, Lúcio Calpúrnio Pisão Frujos, Marco Fânio, Lúcio Mânlio, tal como os dois principais contendores nesta fase, Metelo Cabrito e Marco Crasso — disse César, com um ar igualmente divertido.

Mas aqueles nomes, exceptuando o último, nada diziam a Pompeu. Sentou-se muito direito e perguntou.

— Isso quer dizer que ele ainda pensa concorrer?

— Se lhe vais pedir, como parece provável, que ele retire o seu exército do controlo do Senado, então é óbvio que ele terá de disputar o cargo de cônsul, e que terá de ser eleito — retorquiu afavelmente César. — Se ele não for cônsul no próximo ano, será processado por

traição antes do final de Janeiro. Na qualidade de cônsul, Crasso não poderá ser processado por motivo nenhum enquanto for cônsul e procônsul. Ou seja, enquanto não voltar a ser um privatus. Portanto, o que ele tem a fazer é conseguir a eleição para o cargo de cônsul e, depois, restaurar todos os poderes dos tribunos da plebe. Posteriormente, terá de convencer um tribuno da
plebe a promulgar uma lei validando a medida que agora vai ter de tomar, isto é, a anulação do controlo do Senado sobre o seu exército — e terá ainda de convencer os restantes nove tribunos a não vetar tal lei. Assim, quando voltar a ser um privatus, já não poderá ser processado pela traição que tu queres que ele cometa.

No rosto de Pompeu, sucederam-se as mais diversas expressões — perplexidade, compreensão, espanto, total confusão e, por fim, medo.

— Que queres dizer com isso? — gritou ele, começando a sentir uma estranha e horrível sensação de falta de ar.

— O que eu estou a dizer — e de forma muito clara, acho eu! — é que se tu e Crasso quiserem evitar ser processados por traição, em conseqüência dos jogos em que envolveram o Senado e os dois exércitos que, na realidade, pertencem a Roma, tanto tu como Crasso terão de ser cônsules no próximo ano. E tanto tu como Crasso terão de trabalhar muito duramente para devolver ao tribunado da plebe a sua antiga forma — replicou César com um ar grave. — A única forma de vocês conseguirem furtar-se às conseqüências das vossas acções, consistirá em convencer a Assembleia da Plebe a realizar um plebiscito que vos absolva aos dois de todas as culpas, no que toca aos vossos exércitos e à manipulação do Senado. A menos que o teu exército não tenha atravessado o Rubicão, Cneu Pompeu.

Rompeu tremeu.

— Eu não tinha pensado nisso! — exclamou.

— O Senado — disse César, num tom informal — é composto na sua maioria por ovelhas. Toda a gente sabe disso. Mas há muita gente que não se apercebe de outro facto — é que o Senado tem alguns lobos no seu redil. Não incluo Filipe entre os lobos senatoriais. Nem Cetego, já agora. Mas Metelo Cabrito deveria, com toda a razão, ser cognominado de Lobão em vez de Cabrito. E Catulo tem presas para despedaçar a carne e não molares para ruminar. Tal como Hortênsio, que ainda não foi cônsul, mas que possui uma influência colossal e cujo

conhecimento das leis é extraordinário. E temos ainda o meu tio mais novo, e também o mais brilhante de todos, Lúcio Cota. E podes mesmo dizer que eu também sou um lobo senatorial! Qualquer um dos homens que referi é capaz de vos processar aos dois, a ti e a Marco Crasso, por traição. Embora seja mais provável que actuem como um grupo. E, nesse caso, terás de suportar um julgamento num tribunal dominado por senadores. Depois de teres tratado com o maior desprezo um sem-número de senadores. Marco Crasso pode ser que escape, mas tu não. Estou certo de que tens muitos adeptos no Senado, mas será que vais conseguir mantê-los unidos, depois de teres lançado uma ameaça de guerra civil e de teres obrigado os senadores a aceder aos teus desejos? Podes manter a tua facção unida enquanto fores cônsul e procônsul, mas não depois de voltares a ser um privatus. A menos que mantenhas o teu exército em funcionamento durante toda a tua vida — mas isso, visto que o Tesouro não pagará tal despesa, não será possível, nem mesmo para um homem com os teus recursos. Quantas ramificações naquele discurso, quantos desvios!, pensou Pompeu. A horrível sensação de falta de ar tornava-se cada vez mais forte, mais presente; por um momento, Pompeu sentiu-se como se tivesse regressado ao campo de batalha em Lauro, incapaz de impedir que Quinto Sertório o superasse. De súbito, porém, recompôs-se, exibindo um ar absolutamente determinado.

— Daquilo que acabas de dizer, que percentagem é que Marco Crasso percebe?

— Uma boa percentagem — retorquiu César, tranqüilamente. — Ele está no Senado há já bastante tempo e em Roma há ainda mais tempo. Freqüenta os tribunais, conhece perfeitamente a constituição. E tudo isto está na constituição! Na constituição de Sila e de Roma.

— Então o que tu queres dizer é que eu tenho de recuar. — Pompeu respirou fundo e acrescentou: — Pois bem, não contes com isso! Eu quero ser cônsul! Mereço ser cônsul e serei cônsul!

— Isso pode arranjar-se. Mas apenas segundo o esquema que eu delineei — manteve César, com toda a firmeza. — Tu e Marco Crasso sentar-se-ão nas cadeiras curuis, o tribunado da plebe será restaurado, haverá um plebiscito absolutório e, por fim, outro plebiscito para dar terras aos homens de ambos os exércitos. — César encolheu ligeiramente os ombros e comentou: — No fim de contas, Cneu Pompeu, tu tens de ter um colega no consulado! Não podes ser cônsul sem um colega. Por isso, porque não um colega com os mesmos problemas e incorrendo nos mesmos riscos? Imagina que Metelo Cabrito era o teu colega! Terias os dentes dele marcados no

teu pescoço desde o primeiro dia. Metelo Cabrito recorreria a todos os expedientes possíveis para te impedir de restaurar o tribunado
da plebe. Em contrapartida, o Senado dificilmente resistirá a dois cônsules que trabalhem em íntima colaboração. Especialmente se os dois cônsules tiverem dez novos tribunos da plebe, rigorosamente unidos, a apoiá-los.
— Estou a perceber — disse Pompeu lentamente. — Sim, é uma grande vantagem ter um colega que colabore comigo. Está bem. Serei cônsul ao lado de Marco Crasso.
— Desde que — disse César, afavelmente — não te esqueças do segundo plebiscito! Marco Crasso tem de obter terras para os seus homens.
— Quanto a isso não há problema! Ele obterá terras e eu também.
— Nesse caso, podemos considerar que já demos o primeiro passo.
Antes desta perturbante discussão com César, Pompeu pensava que Filipe planearia adequadamente a sua candidatura ao consulado, faria tudo o que fosse necessário; mas agora já não estava tão certo disso. Teria Filipe previsto todas as conseqüências? Porque é que ele não lhe tinha dito nada acerca de eventuais julgamentos por traição ou da necessidade de restaurar o tribunato da plebe? Estaria Filipe cansado de ser um funcionário pago? Ou estaria a ficar senil?
— Eu sou um ignorante em política — disse Pompeu, procurando iniciar uma conversa franca e aberta. — O problema é que a política não me fascina. A chefia militar atrai-me muito mais. E o consulado, para mim, é uma espécie de grande chefia civil. Fizeste-me ver as coisas de maneira diferente. E o que disseste faz todo o sentido, César. Por isso, diz-me uma coisa... como é que eu hei-de proceder? Devo continuar a mandar cartas através de Filipe?
— Não, isso já está feito, já lançaste o teu desafio — disse César, aparentemente disposto a fazer o papel de conselheiro político de Pompeu. — Presumo que deste ordens a Filipe para adiar as eleições curuis. Portanto, não discutirei esse ponto. Ora bem: o próximo movimento do Senado será no sentido de recuperar o controlo das coisas. O Senado fixará as datas para o teu triunfo e para a ovação de Marco Crasso. Essas datas terão de ser respeitadas. E, como é evidente, o decreto senatorial obrigar-vos-á a desmantelar os vossos exércitos logo que as celebrações terminem. Isso é perfeitamente normal.
Aquele jovem, pensou Pompeu, continuava exactamente na mesma desde que chegara; não mostrava sinal de sede, nem de desconforto, apesar de vestir uma toga num dia tão quente;

apesar da cadeira ser dura e desconfortável, dir-se-ia que tinha o traseiro sentado numa almofada; e, apesar de olhar para Pompeu ligeiramente de viés, não se queixava de dores no pescoço. E o pensamento, que bem organizado! E as palavras, que bem escolhidas! Não havia dúvida: aquele César merecia toda a sua atenção.

César continuou.

— O primeiro passo terá de vir de ti. Quando te comunicarem a data do triunfo, recuarás horrorizado e explicarás que só nesse momento te lembraste de que só podes celebrar o triunfo quando Metelo Pio regressar da Hispânia Ulterior, porque vocês tinham concordado em celebrar em conjunto o triunfo — dirás ainda que o produto do saque não tem qualquer valor, etc., etc. Mas quando apresentares esta desculpa para não desmantelares o teu exército, Marco Crasso porá uma expressão horrorizada e protestará que não poderá desmantelar o seu exército, pois, se o fizer, haverá um único exército integralmente mobilizado em Itália — o teu exército. Vocês podem manter esta farsa até ao final do ano. O Senado depressa compreenderá que nenhum de vós tenciona desmantelar os vossos exércitos e que estão, muito simplesmente, a tentar legalizar as vossas posições. Desde que nenhum de vós faça um movimento militar agressivo na direcção de Roma, posso dizer, desde já, que ambos estarão numa óptima posição.

— Estou a gostar! — disse Pompeu, radiante.

— Ainda bem! Dá menos trabalho pregar aos convertidos. Mas... onde é que eu ia? — César franziu o sobrolho, fingindo que se tinha esquecido. — Ah, sim! Quando o Senado compreender que os dois exércitos não vão ser desmobilizados, aprovará as consulta necessárias para que vocês disputem o consulado in absentia — dado que nenhum de vós poderá apresentar pessoalmente as vossas candidaturas. Só o sorteio decidirá qual será o magistrado encarregado das eleições: se Orestes, se Lêntulo Sura. Mas não vejo grandes diferenças entre os dois.

— E como é que eu contorno o facto de não pertencer ao Senado? — perguntou Pompeu.

— Não contornas. Isso é um problema do Senado. Será resolvido com um senatus consultum que, depois de aprovado pela Assembleia do Povo, permitirá a um cavaleiro disputar o cargo de cônsul. Imagino que a Assembleia do Povo aprovará debom grado o consultum. Os cavaleiros considerarão que se trata de uma grande vitória!

— E eu e Marco Crasso poderemos desmobilizar os nossos exércitos depois de ganharmos as eleições — disse Pompeu, satisfeito.

— Não — disse César, abanando a cabeça. — Os vossos exércitos continuarão mobilizados até ao Ano Novo. Portanto, vocês não celebrarão o triunfo e a ovação antes da segunda metade de Dezembro. Deixa Marco Crasso celebrar primeiro a sua ovação. Poderás celebrar o teu triunfo no último dia de Dezembro.

— Tudo isso se encaixa lindamente — disse Pompeu. — Porque é que Filipe não me explicou as coisas como devia?

— Não faço a mínima ideia — retorquiu César, com um ar inocente.

— Pois eu acho que faço — disse Pompeu, com uma expressão triste.

César levantou-se, fazendo depois uma pausa para arranjar as dobras da sua toga. Concluída essa tarefa, encaminhou-se, no seu passo elegante, para a porta da tenda. Quando aí chegou, parou, olhou para trás e sorriu.

— Uma tenda é uma estrutura extremamente provisória, Cneu Pompeu. Para um general que está à espera do seu triunfo, uma estrutura assim é inteiramente adequada. Mas creio que seriabom que, a partir de agora, desses de ti mesmo uma imagem mais forte, mais imponente. Posso sugerir que alugues uma villa razoavelmente luxuosa, no monte Pinciano, por exemplo, até ao fim do ano? E podias mandar vir a tua mulher! Enquanto esperas, divertes-te. Até podes dedicar-te à criação de peixes de aquário. Eu insistirei para que Marco Crasso faça o mesmo. Assim, darão a impressão de que estão preparados para viver no Campo de Marte uma eternidade.

E logo se foi embora, deixando Pompeu a recuperar das surpresas do dia e a alinhar os seus pensamentos. As férias tinham acabado: tinha de chamar Varrão e de estudar as leis com ele! César parecia saber tudo de tudo e, no entanto, tinha menos seis anos que ele. Se havia lobos no Senado, iria ser ele um dos cordeirinhos? O quê?! Cneu Pompeu Magno, um cordeirinho?! Nunca! Quando o novo ano começasse, já Cneu Pompeu Magno conheceria todas as leis! E conheceria muito bem o seu Senado!

— Por todos os deuses, César, foste muito inteligente! — disse Crasso, com uma voz sumida, mal César lhe contou tudo o que se passara. — Eu não tinha pensado em metade disso!

Não digo que não acabasse por chegar a essas conclusões, mas tu não precisaste de muito tempo; deves ter ruminado tudo isso no caminho entre a minha tenda e a tenda dele. Claro, claro, uma villa no Pinciano! Eu tenho uma casa óptima no Palatino e acabei de gastar uma fortuna a redecorá-la. Porque havia de gastar dinheiro com uma villa no Pinciano? Estou perfeitamente confortável numa tenda.

— És um sovina incurável, Marco Crasso! — disse César, rindo-se. — Tu vais alugar uma villa no Pinciano pelo menos tão luxuosa como a de Pompeu! E vais dizer a Tertula e aos teus filhos que se mudem imediatamente. Tens dinheiro que chegue para isso. Encara o caso como um investimento necessário. E é! Tu e Pompeu vão ter de parecer adversários encarniçados nos próximos seis meses!

— E tu, que vais fazer? — perguntou Crasso.

—vou ver se encontro um tribuno da plebe. De preferência picentino. Não sei porquê, mas os homens do Piceno sentem-se atraídos pelo tribunado da plebe. E dão óptimos tribunos. Não deve ser difícil. No colégio deste ano, deve haver pelo menos uma dúzia de picentinos.

— Porquê um picentino?

— Porque deverá, com toda a certeza, apoiar Pompeu. Os Picentinos funcionam muito como um clã. E também porque, sendo picentino, só poderá ser brigão. Eles já nascem brigões, no Piceno!

— Tem cuidado, César, não leves algum murro! — retorquiu Crasso, que já estava a pensar noutro assunto: qual dos seus libertos teria mais talento para discutir os preços com os agentes que alugavam villae no monte Pinciano? Que pena ele nunca se ter lembrado de investir naquela zona! Porque era o local ideal! Havia sempre reis e rainhas estrangeiros à procura de um palácio romano — não, não, ele não alugaria! Ele compraria! Alugar era um desperdício de dinheiro; nem um sestércio se ganhava!

Em Novembro, o Senado cedeu. Marco Licínio Crasso foi informado de que estava autorizado a disputar o consulado in absentía.

Cneu Pompeu Magno foi informado de que o Senado mandara um consultum para a Assembleia do Povo, pedindo a este corpo que dispensasse as habituais exigências — ser membro do Senado, ter sido questor e pretor — e legislasse no sentido de o autorizar a disputar o consulado. Logo que a Assembleia do Povo aprovou a lei que era necessária, o Senado

informou Cneu Pompeu Magno que estava autorizado a disputar in absentia as eleições consulares, et cetera, et cetera.

Um candidato que disputava um cargo in absentia tinha dificuldade em angariar votos. Não podia atravessar o pomerium e encontrar-se com os votantes, não podia conversar com as multidões do Fórum, não podia aparecer por perto quando algum tribuno da plebe convocava uma confio da Assembleia da Plebe para discutir os méritos do seu candidato preferido — e desancar nos seus rivais. Estas candidaturas in absentia eram muito raras dado que implicavam uma autorização especial do Senado. Mas era a primeira vez que dois candidatos ao consulado disputavam as eleições in absentia. Contudo, como depressa se verificou, as habituais desvantagens pouco se fizeram sentir desta feita. Os debates no Senado — mesmo sob a ameaça daqueles dois exércitos que ainda não tinham sido desmobilizados — tinham sido tão agitados quanto prolongados; quando finalmente o Senado cedeu, todos os outros candidatos ao consulado se retiraram da corrida, em protesto contra a gritante ilegalidade da candidatura dç Pompeu. E, não havendo outros candidatos, Pompeu e Crasso pareceriam aquilo que, de facto, eram: ditadores disfarçados.

Muitas e variadas foram as ameaças que ficaram a pairar sobre as cabeças de Pompeu e Crasso. Mas a principal foi a ameaça de um processo por traição logo que perdessem o império; por isso, quando o tribuno da plebe Marco Lólio Palicano (um homem do Piceno) convocou uma reunião especial da Assembleia da Plebe para o Circo Flamínio (no Campo de Marte), todos os senadores que se tinham oposto a Pompeu e Crasso aperceberam-se, de súbito, do que se preparava — e o seu choque não foi pequeno. De facto, os novos cônsules iam escapar às acusações de traição, restaurando todos os poderes do tribunado da plebe e levando os dez tribunos, obviamente gratos, a legislar a sua imunidade em relação às conseqüências das suas acções!

Muitos eram aqueles que, em Roma, defendiam a restauração dos poderes dos tribunos da plebe; a maior parte, porque o tribunado da plebe era uma instituição sagrada, em perfeita harmonia com a mos maiorum; outros — e não eram assim tão poucos — tinham saudades da agitação e da efervescência dos velhos tempos no baixo Fórum Romano, quando os demagogos deixavam a Plebe em tal alvoroço que tudo acabava ao murro (e com a participação de ex-gladiadores contratados para o efeito). Era

pois natural que a reunião convocada por Lólio Palicano atraísse multidões, tanto mais que fora anunciado por toda a Roma que o tema do encontro era a restauração do tribunado da plebe. Mas quando se soube que os candidatos consulares Pompeu e Crasso iam falar em apoio de Palicano, o entusiasmo da população atingiu alturas nunca vistas desde que Sila transformara a Assembleia da Plebe num clube privado sem qualquer importância.

Usado para os jogos menos importantes, o Circo Flamínio tinha capacidade para acolher apenas cinqüenta mil pessoas; porém, no dia da assembleia de Palicano, todas as bancadas estavam apinhadas de gente. Como só aqueles que estavam relativamente perto da tribuna conseguiriam ouvir os discursos, a maior parte estava presente por uma única razão — sempre poderiam dizer aos seus netos que tinham assistido à reunião em que dois candidatos consulares que também eram heróis militares se tinham comprometido a restaurar o tribunado da plebe. Porque era isso mesmo que eles iam fazer! Sem tirar nem pôr!

Palicano abriu a reunião com um discurso destinado a atrair o maior número possível de votos para as candidaturas de Pompeu e Crasso; aqueles que estavam suficientemente perto da tribuna para ouvir os discursos eram os eleitores mais importantes de cada classe. Os nove colegas de Palicano estavam presentes e todos eles defenderam as candidaturas de Pompeu e Crasso. Depois, surgiu Crasso, sob uma chuva de aplausos. Chuva que se repetiu quando acabou de falar. Uma bela série de números preliminares, antes de aparecer a principal atracção. Que era, evidentemente, Pompeu, o Grande! Vestido com uma cintilante armadura dourada, tão cintilante como o sol, Pompeu tinha um aspecto absolutamente magnífico. Nem precisava de ser umbom orador; podia perfeitamente recitar coisas sem nexo que a multidão aplaudiria sempre. A multidão tinha vindo para ver Pompeu, o Grande. E foi em delírio que regressou a casa.

Não surpreendeu ninguém que, nas eleições curuis, realizadas no dia anterior aos Nonos de Dezembro, Pompeu tivesse tido mais votos que Crasso, cabendo-lhe por isso o cargo de cônsul sénior. Roma ia ter um cônsul que nunca tinha sido membro do Senado — e Roma preferira-o ao seu colega que, além de mais velho, era claramente mais ortodoxo.

— E assim Roma vai ter o seu primeiro cônsul que nunca foi senador! — disse César a Crasso, depois das eleições. Estava sentado com Crasso na varanda da villa do Pinciano que, noutros tempos, abrigara o rei Jugurta da Numídia e as suas conspirações; Crasso tinha comprado

a propriedade depois de ter visto a lista de ilustres nomes estrangeiros que a tinham alugado ao longo dos anos. Os dois homens observavam os escravos públicos que estavam a limpar os recintos murados, as pontes e as plataformas de votação das Saepta.

— E a razão é só uma: é que ele queria ser cônsul! — disse Crasso, imitando o tom de irritação que Pompeu punha na voz sempre que o contrariavam. — Aquele homem não passa de um bebê crescido!

— Sim, a certos níveis. — César virou-se para olhar para o rosto de Crasso, plácido como sempre. — És tu quem vai governar. Ele não entende nada de governação.

— Claro que não! Apesar de ter andado a estudar o manual de Varrão sobre a conduta de senadores e cônsules — disse Crasso. — Francamente! O cônsul sénior a estudar um manual de conduta! O que Catão, o Censor, não diria, se voltasse a este mundo!

— Pompeu convidou-me para fazer o rascunho da lei que há-de devolver todos os poderes ao tribunado da plebe. Ele contou-te isso?

— Achas que ele me conta alguma coisa?

— Eu rejeitei o convite.

— Porquê?

— Em primeiro lugar, porque ele partia do princípio que seria cônsul sénior.

— Ele sabia que seria cônsul sénior!

— Em segundo lugar, porque tu és perfeitamente capaz de elaborar leis — foste pretor urbano!

Crasso abanou a sua enorme cabeça e agarrou o braço de César.

— Faz o que ele te pediu, César. Pompeu ficará todo feliz. Como todos os bebês grandes mimados, ele tem o dom de recorrer
às pessoas certas para realizar os seus fins. Se rejeitas porque não gostas de ser usado, estou perfeitamente de acordo. Mas se te apetece um desafio desses e achas que vais ganhar experiência legislativa, então aceita. Ninguém vai saber — Pompeu encarregar-se-á disso.

— Tens toda a razão! — disse César, rindo-se. Depois, mais sério, acrescentou: — Na realidade, gostava de o fazer. Não temos tribunos da plebe decentes desde a minha adolescência. Sulpício foi o último. E prevejo que daqui a uns tempos vamos todos precisar de leis tribunícias. Para um patrício como eu, tem sido muito interessante estar ligado aos tribunos da plebe, como

tem acontecido ultimamente. A propósito: Palicano e eu já chegámos a acordo quanto ao seu substituto.

— Quem?

— Um tal Pláucio. Não, não pertence à velha família dos Silvanos. Este Pláucio é do Piceno e, ao que parece, descende de um liberto. Ébom tipo. Está pronto a fazer tudo o que eu lhe peça na nova e revitalizada Assembleia da Plebe.

— As eleições tribunícias ainda não se realizaram. Pláucio pode não ser eleito — disse Crasso.

— Será eleito — retorquiu César, confiante. — Não pode perder. É um homem de Pompeu.

— E isso, nos tempos que correm, é um sinal bem claro!

— Pompeu pode dar-se por feliz em ter-te como colega, Marco Crasso. Se o outro cônsul fosse Metelo Cabrito, seria um verdadeiro desastre! Mas lamento que não tenhas tido a distinção que merecias: ser cônsul sénior.

Crasso sorriu, aparentemente sem rancor.

— Não te preocupes, César. Já aceitei esse facto — disse ele. Depois, com um suspiro, acrescentou: — No entanto, seria muito agradável se Roma lamentasse mais a minha partida do que a dele, quando cessarmos funções.

—bom — disse César, levantando-se. — É tempo de ir para casa. Tenho dedicado muito pouco tempo às mulheres da minha família desde que regressei a Roma e elas devem estar impacientes por saber as novidades das eleições.

Porém, mal entrou em casa, César arrependeu-se da pressa; aquela casa estava cheia de mulheres! Seis mulheres, mais precisamente: a sua mãe, a sua esposa, a irmã Ju-Ju, a tia Júlia, a mulher de Pompeu,

e uma outra mulher que, pelos vistos, era a sua prima Júlia, ou mais propriamente Júlia Antónia, pois tinha-se casado com Marco António, o exterminador de piratas. Todas as atenções estavam concentradas nela, o que não surpreendia: Júlia Antónia estava empoleirada na ponta de uma cadeira, com as pernas esticadas, e berrava!

Antes que César pudesse dar mais um passo, sentiu um murro tremendo no fundo das costas; fez meia volta e deu de caras com uma criança que o fitava com um sorriso todo

arreganhado: claro que aquele miúdo só podia ser um Antoniozinho! Mas a criança não sorriu por muito tempo. César pegou nele pelo nariz e arrastou-o consigo. O miúdo desatou a gritar com tanta força como a mãe, mas nem por isso deixou de tentar defender-se, procurando dar pontapés nas canelas de César e ameaçando-o com os punhos cerrados. Ao mesmo tempo, dois outros rapazes, mais pequenos, atiraram-se a César, batendo-lhe no peito e nas ilhargas; no entanto, as largas dobras da toga obstavam a que este triplo assalto provocasse algum dano em César.

Depois, num ápice, qualquer dos três rapazes ficou literalmente fora de combate. Em relação aos dois mais pequenos, César pegou-lhes nas cabeças e bateu-as uma contra a outra, após o que os atirou de encontro à parede; quanto ao mais crescido, levou um bofetão na cara que o deixou a chorar, após o que foi levado para junto dos irmãos, graças a uma série de pontapés no traseiro.

A mãe deixara de berrar quando vira aquela cena e agora saltava da sua cadeira na direcção do torturador dos seus queridos e preciosos filhos.

— Senta-te, mulher! — rugiu César, com um voz tonitruante. Ela recuou, cambaleante, na direcção da cadeira, deixou-se cair e desatou de novo a berrar.

César virou-se então para os três rapazes, que estavam meio sentados, meio deitados contra a parede, berrando tão exuberantemente como a mãe.

— Se algum de vocês se mexe, nem sabe o que lhe acontece! Esta é a minha casa e não uma estalagem do Pinciano! E enquanto aqui estiverem, terão de se comportar como Romanos civilizados e não como macacos tingitanos! Entendido?

Segurando nas dobras da desalinhada e suja toga, César encaminhou-se para a porta do seu gabinete, passando pelo meio das mulheres.

—vou tentar minorar os prejuízos causados pelos fedelhos — disse ele, num tom falsamente calmo. — E quando regressar, espero que a paz tenha voltado a esta casa! Calem-me essa desgraçada, nem que tenham de a amordaçar! E entreguem os filhos ao cuidado de Burgundo. Digam a Burgundo que os estrangule se for necessário!

César não demorou muito tempo. Quando regressou à sala, os rapazes já tinham desaparecido e as seis mulheres estavam sentadas, muito direitas, e no maior silêncio. Seis pares de olhos arregalados seguiram-no enquanto ele se sentava entre a mãe e a esposa.

— Muito bem, mãe, o que é que se passa? — perguntou ele, afavelmente.

— Marco António morreu — explicou Aurélia. — Suicidou-se. Em Creta. Sabes que ele foi derrotado pelos piratas por duas vezes no mar e uma vez em terra. Perdeu todos os seus navios e homens. Mas se calhar não sabes que os almirantes piratas Panares e Lastenes o obrigaram a assinar um tratado entre Roma e o povo cretense. O tratado acaba de chegar a Roma, acompanhado pelas cinzas do pobre Marco António. Embora o Senado ainda não tenha tido tempo para discutir o caso, já se diz em Roma que Marco António desgraçou o seu nome para sempre — as pessoas até já lhe chamam Marco António Creticus! Creticus, não no sentido de cretense, mas no de homem de barro!

César suspirou. Pela sua expressão, dir-se-ia que estava mais exasperado do que triste.

— Marco António não era o homem certo para esse cargo — disse ele, que não queria poupar os sentimentos da viúva, uma mulher profundamente idiota. — Eu apercebi-me disso quando fui seu tribuno em Giteu. No entanto, confesso que não previ que as coisas acabassem assim. Mas que havia muitos sinais nesse sentido, lá isso havia. — Olhou para Júlia Antónia. — Lamento muito, Júlia Antónia, mas não creio que possa fazer alguma coisa por ti.

— Júlia Antónia veio pedir-te que organizasses os rituais fúnebres de Marco António — disse Aurélia.

— Mas ela tem um irmão. Porque não pede a Lúcio César? — perguntou César, espantado.

— Lúcio César está no Oriente, com o exército de Marco Cota, e o teu primo Sexto César recusa-se a imiscuir-se no caso — disse a tia Júlia. — Na ausência de Caio António Híbrida, nós somos os familiares mais próximos que Júlia Antónia tem em Roma.

— Nesse caso, organizarei as exéquias. Mas seriabom que o funeral decorresse na mais absoluta tranqüilidade.

Júlia Antónia levantou-se para se ir embora, deixando cair uma verdadeira cascata de objectos e adornos, desde lenços a pentes, passando por broches e alfinetes; parecia não guardar já qualquer ressentimento em relação a César por causa do tratamento sumário que este aplicara aos seus filhos — ou por causa da apreciação desapaixonada das capacidades do seu falecido marido. Era evidente que ela gostava que a pusessem na ordem, concluiu César enquanto a conduzia até à porta. Não havia dúvida que o falecido a tinha obrigado a portar-se

convenientemente. Só era pena que não tivesse disciplinado também os seus filhos, já que a mãe era incapaz de o fazer. Os rapazes apareceram então, vindos dos aposentos de Burgundo, onde haviam sido submetidos a uma salutar experiência: os filhos de Cardixa e Burgundo tinham-nos reduzido à mais total impotência. Tal como a mãe, também não pareciam ressentidos. Mas olhavam para César com evidente desconfiança.

— Não precisam de ter medo de mim! — disse César com um ar jovial. — A menos que passem as marcas! Se não se portarem bem, podem contar comigo!

— Tu és muito alto, mas não pareces muito forte — disse o rapaz mais velho, o mais bem-parecido dos três, ainda que tivesse uns olhos demasiado juntos para o gosto de César. Esses olhos fitavam-no agora bem de frente e, à sua expressão, não faltava coragem, nem inteligência.

— Deixa estar que um dia encontrarás um tipo enfezado que te há-de deitar por terra antes que tu possas mexer um dedo — retorquiu César. — Mas agora vai para casa e cuida da tua mãe. E faz os teus trabalhos de casa em vez de andares a vaguear pelo bairro de Subura, a fazer maldades e a roubar pessoas que não te fizeram nenhum mal. A longo prazo, os trabalhos de casa serão mais benéficos para a tua vida.

Marco António pestanejou, surpreendido.

— Como é que sabes isso?

— Eu sei tudo — respondeu César, fechando-lhes a porta na cara. Regressou então à sala e sentou-se. — A invasão dos Germanos! — disse ele, com um sorriso. — Mas que tribo horrenda! Não há ninguém que lhes dê um pouco de educação?

— Ninguém — disse Aurélia. Soltando um suspiro de satisfação, acrescentou: — Ah, que contente que eu fiquei quando os puseste na ordem! Desde que chegaram que me apetecia dar-lhes uma boa sova!

Os olhos de César demoraram-se um pouco em Múcia Tércia. Que atraente!, pensou ele. Não havia dúvida: o casamento com Pompeu tinha-lhe feito bem. Mentalmente, César incluiu o nome dela na sua lista de futuras conquistas — ah, e Pompeu merecia bem uns cornos! Mas ainda não. Esperaria que o abominável Miúdo Carniceiro subisse ainda mais alto. César não tinha a mínima dúvida de que conseguiria seduzir Múcia Tércia; tinha-a apanhado a olhar para ele por várias vezes. Mas ainda era cedo. Ela precisava de mais tempo para amadurecer no vinhedo de

Pompeu; só então é que ele colheria o cacho. Por ora, César já tinha fruta que chegasse — Metela Cabrita, a esposa de Caio Verres. E que pomar aquele! Cultivar e saborear os frutos daquele pomar era para ele um exercício extremamente gratificante!

Reparando que a sua doce esposa estava a observá-lo, César desviou a sua atenção para ela. Piscou-lhe o olho e Cinila teve de conter o riso. Ficou muito corada, muito vermelha — uma característica que herdara do pai. Uma esposa querida. Nunca se mostrava ciumenta, embora tivesse conhecimento dos boatos — e acreditasse neles, provavelmente. Ao fim de tantos anos, com certeza que já conhecia bem o seu César! Mas a influência de Aurélia sobre ela era tão grande que Cinila nunca se atrevera a falar dos namoriscos do marido. E, como seria de esperar, ele também não falava. A sua esposa não tinha nada a ver com as suas aventuras.

com a mãe, César não se mostrava tão circunspecto — aliás, fora ela quem lhe sugerira que seduzisse as esposas dos seus pares. E, de vez em quando, chegava mesmo a pedir-lhe conselho, sobretudo quando certas mulheres se revelavam mais difíceis. As mulheres eram um mistério e seriam sempre um mistério. Daí que as opiniões de Aurélia contassem muito para ele. Agora que tinha amizades no Palatino e nas Carinas, Aurélia tinha acesso a todos os boatos e mexericos e contava-os ao filho tal e qual como os tinha ouvido. Do que ele gostava, evidentemente, era de deixar as mulheres completamente apaixonadas antes de as abandonar; depois de uma tal experiência, essas mulheres nunca mais veriam com bons olhos os maridos enganados.

— Imagino que vocês se reuniram para consolar Júlia Antónia — disse ele, perguntando-se se a mãe teria o descaramento de lhe oferecer bolinhos e vinho doce misturado com água.

— Ela apareceu em minha casa carregada de jóias baratas e com aqueles rapazes horríveis atrás dela — disse a tia Júlia. — Eu percebi logo que não conseguiria agüentá-los por muito tempo e, por isso, trouxe-os para aqui.

— E tu estavas de visita à tia Júlia? — perguntou César a Múcia Tércia com um sorriso devastador.

Ela tomou fôlego, pigarreou e, por fim, respondeu:

— Eu visito a tia Júlia muitas vezes, Caio Júlio. O Quirinal fica muito perto do Pinciano.

— Ah, sim, claro. — César fitou a tia com idêntico sorriso; Júlia adorava aquele sorriso,

mas, naturalmente, interpretava-o de um modo completamente diferente.

— Infortunadamente, suspeito que, de futuro, vamos ter de suportar muitas visitas de Júlia Antónia — disse a tia Júlia, com um suspiro. — Quem me dera ter a tua técnica para tratar daqueles rapazes!

— As visitas dela acabarão em breve, tia Júlia. E, quanto aos rapazes, não te preocupes que euvou ter uma conversinha com eles. Júlia Antónia tem de casar outra vez. E quanto mais depressa, melhor.

— Mas ninguém a vai querer! — exclamou Aurélia.

— Há muitos homens que gostam de mulheres completamente indefesas — disse César. — Infelizmente, Júlia Antónia não sabe escolher. Não acredito que arranje um marido melhor que Marco António, o Homem de Barro.

— Lá nisso, meu filho, tens toda a razão.

César fitou a irmã Ju-Ju, que até então nada dissera; Ju-Ju sempre fora o membro silencioso da família, apesar de possuir um temperamento muito afável.

— Eu acusava a Lia de escolher mal — disse ele. — Mas a ti, não te dei nenhuma hipótese de mostrares se sabias escolher. Pois não, irmã?

Ju-Ju retribuiu-lhe o sorriso.

— Estou muito satisfeita com o marido que me escolheste, César. No entanto, devo confessar que os jovens que me atraíam antes de casar se revelaram todos muito maus maridos.

— Nesse caso, deixa-me ser eu e Átia a escolher marido para a tua filha, quando chegar a altura. Átia vai ser uma bela mulher. E inteligente, o que significa que não agradará a todos os homens.

— Não é uma pena? — perguntou Ju-Ju.

— O quê? O facto de ela ser inteligente ou o facto de os homens não gostarem de mulheres inteligentes?

— O facto de os homens não apreciarem mulheres inteligentes.

— Eu gosto de mulheres inteligentes — respondeu César. — Mas há muito poucas. Não te preocupes: encontraremos um marido para Átia capaz de apreciar as suas qualidades.

A tia Júlia levantou-se.

— Já é quase noite, César. Eu sei que tu preferes ser tratado por César, até mesmo pela

tua mãe. Mas eu ainda não me habituei! bom, tenho de ir andando.

—vou pedir aos filhos de Lúcio Decúmio que tragam uma liteira e que vos escoltem — disse César.

— Eu tenho uma liteira — disse Júlia. — Como o marido de Múcia não a deixa andar a pé, viemos de liteira. E teria sido uma viagem muito confortável, se não fosse a companhia de Júlia Antónia, que quase nos encharcava com tantas lágrimas! Ah, e também dispomos de uma boa escolta!

— Eu também vim de liteira — disse Ju-Ju.

— Mas que degeneradas! — atirou-lhes Aurélia. — Deviam andar todas a pé.

— Eu gosto de andar a pé — retorquiu Múcia Tércia. — Mas os maridos não vêem as coisas da mesma forma que tu, Aurélia. Cneu Pompeu acha impróprio que eu ande a pé.

César arrebitou as orelhas. Ah! Afinal sempre havia algum descontentamento! Ela sentia-se constrangida, demasiado fechada e vigiada! Não fez, porém, qualquer comentário. Limitou-se a conversar com toda a gente enquanto um criado ia à praça do cruzamento chamar as liteiras.

— Tu não andas bem, tia Júlia! — disse-lhe César ao conduzila para a espaçosa liteira de Múcia Tércia.

— Estou velha, César — disse ela num murmúrio, apertando-lhe a mão. — Cinqüenta e sete anos. Mas não tenho nada de especial. Só umas dores nos ossos quando o tempo esfria. Começo a ter medo do Inverno.

— A tua casa não é lá muito quente, pois não? — perguntou ele. — É uma casa exposta ao vento norte. Queres que te mande um hypocausis?

— Não, César, não quero que gastes dinheiro. Se eu precisasse, já tinha instalado uma fornalha — respondeu ela, fechando as cortinas.

— A tia não está bem de saúde — disse César à mãe ao regressarem a casa.

Aurélia reflectiu um pouco sobre o assunto e só depois deu a sua opinião.

— Ela estaria bem se tivesse motivos para isso, César. Mas o marido e o filho morreram. E Júlia não tem ninguém, a não ser nós e Múcia Tércia. É pouco.

A sala de entrada estava já iluminada e as cortinas tinham sido corridas por causa do vento frio. No chão daquela agradável e quente divisão, Cinila brincava com a filha, agora com

quase seis anos de idade. Uma criança invulgarmente bela, elegante e graciosa, tão branca que parecia uma bonequita de prata.

Quando viu o pai, os seus olhos azuis muito grandes brilharam de contentamento.

Estendeu os braços para ele.

— Tata, lata! — exclamou. — Pega-me ao colo!

César pegou nela e beijou-a nas faces, de um rosa muito pálido.

— Que tal está hoje a minha princesa?

E enquanto César escutava, fascinado, uma ladainha de histórias, Aurélia e Cinila observavam-nos. Os pensamentos de Cinila limitavam-se ao facto de que os amava muito, mas Aurélia matutava naquela palavra: princesa. A sua neta era isso mesmo: uma princesa. César irá longe e será muito rico. E a sua filha terá um sem-número de pretendentes. Mas ele não se mostrara tão aberto com a filha como a minha mãe e o meu padrasto se mostraram comigo. César acabará por casá-la com alguém de que ele precise e pouco se importará com os sentimentos dela. Por isso, terei de prepará-la para aceitar a sua sorte, para encarar o seu destino sem ressentimentos nem rancores.

No vigésimo quarto dia de Dezembro, Marco Crasso celebrou finalmente a sua ovação.

Como houvera uma inegável participação samnita no exército de Espártaco, Crasso obtivera duas concessões do Senado: em vez de ir a pé, podia ir a cavalo; e em vez de usar a coroa de murta, poderia usar a coroa de louros, a coroa do
triunfador. Uma apreciável multidão apareceu a saudar Crasso e o seu exército, o qual viera directamente de Cápua para as celebrações. Quando a multidão viu os miseráveis despojes da campanha, muitas foram as cotoveladas e ainda mais as piscadelas de olhos. Toda a cidade de Roma conhecia as fraquezas de Marco Crasso.

A multidão que assistiu ao triunfo de Pompeu, no último dia de Dezembro, era muito
mais vasta. Pompeu conseguira conquistar a população de Roma, talvez por causa da sua relativa juventude, da sua beleza, da suposta semelhança com Alexandre, o Grande, ou da sua expressão de felicidade. O amor que sentiam por Pompeu nada tinha a ver com o amor que, noutros tempos, Caio Mário suscitara. Caio Mário, apesar de todos os esforços de Sila, continuava a ser lembrado como o melhor de todos.

Enquanto as eleições curuis decorriam em Roma, no princípio de Dezembro, Metelo

Pio atravessou finalmente os Alpes e penetrou na Gália Italiana com o seu exército, que tratou de desmobilizar antes de instalar as suas tropas nas vastas e ricas terras a norte do rio Pó. Talvez porque suspeitara de que Pompeu não se contentaria com um regresso à obscuridade, Metelo Pio mantivera-se obstinadamente à parte dos conflitos de Roma. Catulo, Hortênsio e os outros Cecílios Metelos mais prestigiosos tinham-lhe escrito, mas o Bacorinho recusara-se a discutir assuntos para os quais, depois de uma tão longa ausência na Hispânia, não dispunha dos dados suficientes. E, no final de Janeiro, quando chegou a Roma, celebrou um modesto triunfo com as poucas tropas que o tinham acompanhado a Roma e sentou-se no seu lugar, num Senado presidido por Pompeu e Crasso, como se tudo estivesse bem. Era uma atitude que lhe poupava muitos aborrecimentos, embora implicasse que os seus créditos na derrota de Quinto Sertório nunca viessem a ser reconhecidos.

A lex Pompeia Licinia de tribunicia potestate foi apresentada ao Senado no princípio de Janeiro, sob a égide de Pompeu que, na sua qualidade de cônsul sénior, era quem empunhava os fasces. A popularidade desta lei, que restaurava todos os poderes do tribunado da plebe, fez retrair a oposição senatorial. Pompeu e Crasso esperavam que os seus opositores contestassem violentamente a lei. No entanto, poucas e frágeis foram as vozes que se ergueram para a contestar. O senatus consultam recomendando à Assembleia do Povo a promulgação da lei foi aprovado quase que por unanimidade. Alguns senadores ainda aventaram que a lei deveria ser ratificada

pela Assembleia das Centúrias, mas César, Hortênsio e Cícero insistiram, com extrema firmeza, que só uma assembleia tribal poderia ratificar as leis que envolvessem as tribos. Após o prazo estipulado de três dias de mercado, a lex Pompeia Licinia foi pomulgada. Os tribunos da plebe poderiam de novo vetar leis e magistrados, realizar plebiscitos que teriam força de lei na sua Assembleia da Plebe, sem terem de esperar pelo senatus consultam, e mesmo processar por traição, extorsão e outras transgressões.

César intervinha agora regularmente no Senado; como os seus discursos eram sempre inteligentes, breves e incisivos, depressa ganhou adeptos. Pediam-lhe freqüentemente que publicasse os seus discursos, considerados tão bons como os de Cícero. Segundo constava, até mesmo Cícero considerava César o melhor orador de Roma — depois dele, obviamente.

Ansioso por utilizar alguns dos seus poderes recentemente restaurados, o tribuno da

plebe Pláucio anunciou no Senado que ia legislar na Assembleia da Plebe, tendo em vista a devolução da cidadania e dos direitos a todos aqueles que haviam sido condenados com Lépido e com Quinto Sertório. César levantou-se imediatamente para defender a lei. E mais: para defender, com uma eloqüência apuradíssima, que uma tal medida fosse também aplicada a todos os homens que haviam sido prescritos por Sila. No entanto, quando o Senado se recusou a alargar o âmbito da lei, limitando-a aos que tinham sido proscritos por apoiarem Lépido e Sertório, César mostrou uma expressão estranhamente alegre, como se não tivesse sido derrotado.

— O Senado derrotou a tua proposta, César — disse-lhe Marco Crasso, perplexo. — E no entanto, tu estás todo contente!

— Meu caro Crasso, eu sabia perfeitamente que o Senado nunca apoiaria um perdão para os proscritos de Sila! — retorquiu César, sorridente. — Se isso acontecesse, muitos daqueles que ficaram ricos graças às prescrições teriam de devolver tudo. Mas a minha intenção não era essa! Pareceu-me, com efeito, que os apoiantes de Catulo iam bloquear os perdões para os seguidores de Lépido e Sertório. E foi por isso que propus o alargamento da lei aos proscritos de Sila — é que, assim, a medida proposta pareceria muito mais modesta! Se queres que alguma coisa seja aprovada e sabes que vai haver uma forte oposição, então deves pôr a fasquia muito mais alto! A oposição concentra-se de tal modo nas coisas que mais a irritam que acaba por esquecer-se das medidas pouco significativas que nós queríamos ver aprovadas!

Crasso fitou-o com um sorriso imenso.

— Tu és um verdadeiro político, César. Espero que os teus adversários não dêem demasiada atenção aos teus métodos. Caso contrário, terás de enfrentar muitas dificuldades ao longo da tua vida.

— Eu adoro a política — retorquiu apenas César.

— Tu gostas de tudo o que fazes e é por isso que te sais bem em tudo. Esse é o teu segredo. Para além de teres uma grande cabeça.

— Não me lisonjeies, Crasso, a minha cabeça não é assim tão grande — disse César, brincando com a duplicidade de sentidos da palavra ”cabeça”.

— Se queres saber a minha opinião, até a acho demasiado grande — retorquiu Crasso, rindo. — Devias ser um pouco mais discreto nas tuas aventuras com as mulheres dos outros,

pelo menos por ora. Ouvi dizer que os nossos novos censores vão examinar a conduta dos senadores com a mesma atenção com que uma ama cata os piolhos às crianças.

Era a primeira vez que havia censores em Roma desde que Sila riscara esse cargo da lista de magistraturas: um par muito peculiar, constituído por homens muito diferentes entre si — Cneu Cornélio Lêntulo Clodiano e Lúcio Gélio Poplicola. Toda a gente sabia que eram homens de Pompeu, mas quando este propôs os seus nomes ao Senado, aqueles que tinham planeado disputar o cargo (e que tinham mais qualidades para isso) — Catulo e Metelo Pio, Vátia Isáurico e Curió — retiraram-se imediatamente da corrida, deixando o campo livre a Clodiano e Gélio.

As previsões de Crasso revelaram-se correctas. Era prática normal dos censores tratar, em primeiro lugar, de todos os contratos do Estado; porém, depois de terem firmado os contratos sagrados para a alimentação dos gansos e galinhas do Capitolino e tratado de outros assuntos religiosos, Clodiano e Gélio resolveram examinar os registos senatoriais. As suas conclusões foram lidas numa contio especial e provocaram uma agitação como há muito não se via. Nada mais nada menos do que sessenta e quatro senadores foram afastados, a maior parte por suspeitas de terem aceite ou pago luvas na qualidade de jurados. Muitos dos jurados presentes no julgamento de Estácio Álbio Opiânico foram afastados, e o queixoso, o afilhado de Opiânico, que ganhara a causa, foi punido, tendo sido transferido da sua tribo rural para a tribo urbana de Esquilina. Mas muito mais sensacionais foram as expulsões de um dos questores do ano anterior, Quinto Curió, do cônsul sénior do ano anterior, Públio Cornélio Lêntulo Sura, e de Caio António Híbrida, o Monstro do Lago Orcomeno.

Um senador expulso tinha possibilidades de voltar a entrar para o Senado — mas nunca o conseguiria através das diligências dos censores que o tinham expulso; teria de concorrer às eleições para o questorato ou para o tribunado da plebe. Um caso muito desagradável para Lêntulo Sura, que já tinha sido cônsul! Mas Lêntula Sura, que estava apaixonado, pouco se preocupou com a sua expulsão do Senado. Pouco tempo depois, casava com Júlia Antónia. César tinha razão. Júlia Antónia não sabia escolher marido. E Lêntulo Sura era ainda pior que Marco António, o Homem de Barro.

Resolvidos os casos do Senado, Clodiano e Gélio retomaram a celebração de contratos, desta feita civis. Estes contratos envolviam sobretudo a colecta de taxas e tributos provinciais, mas também cobriam a construção ou restauração de inúmeros edifícios do Estado e obras

públicas (desde a renovação de latrinas à reconstrução de bancadas dos circos, até à construção de pontes ou basílicas). De novo, a agitação foi grande: os censores anunciaram que iam abandonar o sistema de taxas que Sila introduzira para apaziguar a Província da Ásia.

Lúculo e Marco Cota pareciam ter levado abom termo a guerra contra o rei Mitridates, ainda que os louros pertencessem definitivamente a Lúculo. No ano do consulado de Pompeu e Crasso, Mitridates viu-se obrigado a fugir para a corte do seu genro Tigranes da Armênia (onde Tigranes se recusou a recebê-lo) e Lúculo ficou a dominar a quase totalidade do Ponto, para além da Capadócia e da Bitínia; faltava apenas tratar do caso Tigranes. com as mãos livres para tratar do trabalho administrativo, Lúculo tratou imediatamente de investigar os complexos negócios financeiros da Província da Ásia, que governava, há três anos, em conjunto com a Cilícia. E mostrou-se tão duro com os publicam, ou cobradores de taxas, que, por duas vezes, exercendo os seus direitos de governador, mandou executar vários desses homens, tal como fizera Marco Emílio Escauro alguns anos antes.

Esta actuação provocou um verdadeiro motim em Roma, tanto mais que as reformas de Lúculo reduziam, ainda mais que as de Sila, os lucros dos cobradores de impostos. Membro do grupo ultraconservador do Senado, Lúculo nunca fora popular nos principais círculos de negócios, o que significava que homens como Crasso e Ático o detestavam. Talvez porque Lúculo era, entre os generais romanos, o único capaz de eclipsá-lo, Pompeu também o detestava. Por isso, não causou grande surpresa o anúncio de que os censores de Pompeu iam abandonar o sistema de Sila para a Província da Ásia; tudo voltaria a ser como nos tempos anteriores a Sila.

Lúculo, porém, resolveu ignorar as directivas censoriais. Enquanto fosse governador da Província da Ásia, manteria o sistema de Sila, que, segundo ele, era um modelo que devia ser aplicado em todas as províncias de Roma. As sociedades criadas à pressa tiveram de recuar, vozes ergueram-se no Fórum e no Senado, e os mais poderosos dos cavaleiros reivindicaram o afastamento de Lúculo.

Lúculo, no entanto, continuou a ignorar as directivas de Roma, e a ignorar a sua precária posição. Dava muito mais importância à limpeza que sempre ocorria depois das grandes guerras; quando deixasse as suas duas províncias, estas estariam completamente limpas do ponto de vista financeiro. E livres de corruptos.

Embora, por natureza ou inclinação, não se sentisse atraído por senadores ultraconservadores como Catulo e Lúculo, César tinha razões para estar grato a Lúculo; tinha recebido, havia pouco tempo, uma carta da rainha Oradaltis da Bitínia.

A minha filha regressou a casa, César. Sabes certamente que Lúcio Licínio Lúculo concluiu com grande êxito a guerra contra o rei Mitridates e que conduz uma campanha no próprio território do Ponto há já um ano. Das muitas fortalezas que o rei possuía, Cabeira era considerada a mais forte. Este ano, porém, caiu em poder de Lúculo, o qual deparou com todo o tipo de horrores — as masmorras estavam cheias de prisioneiros políticos e parentes do rei, potencialmente perigosos, os quais haviam sido torturados ou usados como cobaias pelo rei para as suas constantes experiências com veneno. Mas não me alongarei mais sobre estes assuntos, pois estou demasiado feliz para falar de coisas tão tristes.

Entre as mulheres que Lúculo encontrou na fortaleza, encontrava-se Nisa. A minha filha já lá estava há quase vinte anos: tem agora mais de sessenta. No entanto, Mitridates deu-lhe o tratamento que seria de esperar. — Mas seria mais uma das esposas menores e concubinas que mantinha em Cabeira. Também guardava lá algumas das irmãs que não queria ver casadas. De maneira que a minha pobre filha teve por companhia um sem-número de solteironas durante estes vinte anos. O rei tem tantas esposas e concubinas que as mulheres de Cabeira acabavam por ficar virgens! Enfim, uma verdadeira colônia de solteironas.

Quando Lúculo abriu a prisão das mulheres, mostrou-se muito delicado para com elas e tomou todas as providências para que os homens não abusassem delas. Segundo conta Nisa, comportou-se como Alexandre, o Grande, em relação à mãe, às mulheres e outros membros do harém do rei Dario in. Creio que Lúculo mandou as mulheres do Ponto para o seu aliado da Ciméria, Macares, um dos muitos filhos de Mitridates.

Quanto a Nisa, deu-lhe total liberdade a partir do momento em que soube quem ela era.

E não só. Encheu-a de presentes, incluindo valiosos objectos em ouro, e mandou-a para minha casa acompanhada por uma escolta de soldados, os quais, antes de partirem, tiveram de jurar que respeitariam a sua honra. Imagina só o prazer daquela mulher envelhecida ao ver-se livre como um pássaro ao fim de tantos anos!

Ah, e o que eu senti quando a tive de novo nos meus braços! Eu não sabia de nada. E, de repente, vejo-a entrar na minha villa de Reba, radiante como uma menina! Estava tão contente

por me ver! O meu último desejo tornou-se realidade: tenho a minha filha de novo comigo.
Nisa veio mesmo a tempo. O meu velho e querido cão, Sila, morrera de velhice um mês antes e eu estava desesperada. Os criados tentaram em vão convencer-me a arranjar outro cão, mas tu sabes como são estas coisas. Começamos a pensar nas habilidades e nas brincadeiras que o nosso querido bichinho fazia, no lugar que ele ocupava na vida familiar, e parece-nos que estamos a atraiçoá-lo quando, pouco tempo depois de o enterrarmos, vemos outro bicho no seu cesto. Não digo que seja errado fazer isto, mas uma pessoa tem de esperar tanto tempo até que o novo animal adquira uma personalidade própria que, para falar francamente, creio que morrerei antes de o substituto de Sila se tornar um cão como deve ser.
Mas agora já não se fala em morrer! Nisa fartou-se de chorar quando lhe disse que o pai tinha morrido. Mas tudo já passou. Temos vivido estes últimos tempos na maior harmonia, na maior felicidade.
E estamos bem aqui na aldeia: vamos pescar à linha e damos todos os dias o nosso passeio higiênico. Lúculo convidou-nos para vivermos no palácio de Nicomédia, mas decidimos ficar aqui. E, entretanto, arranjámos um cachorrinho, a que pus o nome de Lúculo.
Por favor, César, vê se arranjas tempo para voltar ao Oriente! Gostava tanto que conhecesses Nisa! E tenho tantas saudades tuas!
Foi ao tribuno da plebe do ano anterior, Marco Lólio Palicano, que os representantes de todas as cidades da Sicília, excepto Siracusa e Messana, pediram que processasse Caio Verres. Palicano, porém, mandou-os ir falar com Pompeu, o qual, por seu turno, os mandou para Marco Túlio Cícero, dizendo-lhes que Cícero era o homem ideal para aquele caso específico.
Verres assumira o cargo de governador da Sicília .depois de ter sido pretor urbano. E, em grande parte graças a Espártaco, permanecera no governo da ilha durante três anos. Tinha acabado de regressar a Roma quando a delegação siciliana procurou Cícero. Tanto Pompeu como Palicano tinham algum envolvimento pessoal no caso; Palicano tinha apoiado alguns dos seus clientes contra as perseguições de Verres e Pompeu acumulara um considerável número de clientes sicilianos no período em que ocupara a Sicília em representação de Sila.
Questor em Lilibeu, sob o governo de Sexto Peduceu, no ano anterior à chegada de Verres à Sicília, Cícero apaixonara-se por aquela terra e por aquela gente. E conseguira também umbom número de clientes. No entanto, quando os sicilianos lhe expuseram o caso, Cícero

recuou.

— Eu nunca acuso — explicou. — Eu só defendo.

— Mas Cneu Pompeu Magno recomendou-te! Disse-nos que eras o único homem que podia vencer um caso destes. Por favor, Cícero, abre uma excepção e processa Caio Verres! Se não vencermos este caso, é muito provável que a Sicília se revolte contra Roma.

— Verres saqueou a Sicília. É isso, não é? — perguntou Cícero, clinicamente.

— Sim, foi isso mesmo. Mas depois de ter saqueado a nossa terra, desmembrou-a. Ficámos sem nada! Ficámos sem uma única obra de arte nos templos. Quanto aos privados, perderam todos os seus objectos de valor. Que podemos dizer de um homem que teve a ousadia de escravizar uma mulher livre famosa pelas suas tapeçarias e de a obrigar a dirigir uma fábrica para seu próprio proveito? Ficou com o dinheiro que o Tesouro de Roma lhe deu para comprar cereais e depois encomendou cereais e não os pagou! Roubou quintas, propriedades, até mesmo heranças. A lista é infindável! Este catálogo de perfídias deixou Cícero estupefacto. No entanto, continuou a dizer que não.

— Lamento imenso, meus amigos, mas eu nunca processo ninguém.

O porta-voz respirou fundo.

— Nesse caso, voltaremos para casa — disse. — Pensávamos que um homem como tu, que conhece tão bem a história da Sicília que até se deu ao trabalho de redescobrir o local do túmulo de Arquimedes, entenderia a difícil situação em que nos encontramos e nos ajudaria. Mas tu já não gostas da Sicília e é evidente que não tens Cneu Pompeu em tão boa conta como ele te tem a ti.

Lembrarem-no de Pompeu e de uma proeza famosa — de facto, Cícero tinha redescoberto o túmulo perdido de Arquimedes, nos arredores de Siracusa — era de mais. A acusação, segundo Cícero, eqüivalia a um desperdício dos seus talentos, pois os honorários (em grande parte ilegais) eram sempre inferiores aos incentivos oferecidos pelos ex-governadores ou publicani que corriam o risco de perder tudo. E além disso — tal era a mentalidade das pessoas — os acusadores não eram nada populares! O advogado de acusação era imprevisto como uma criatura malvada, determinada a arruinar a vida de um indivíduo indefeso; ao passo que o advogado de defesa era sempre um herói popular. As pessoas nem ligavam ao facto de a maior parte daqueles indivíduos indefesos serem extremamente avaros e astuciosos, para além de

culpados; qualquer ameaça ao direito de um homem conduzir a sua vida como muito bem entendida era normalmente considerada como um atentado à sua livre iniciativa.

Cícero suspirou.

— Pois bem, eu tomo conta do caso! — disse. — Mas não se esqueçam de que os advogados de defesa falam depois dos advogados de acusação e que, quando o júri vai decidir sobre o seu veredicto, já se esqueceu de tudo o que os acusadores disseram! Não se esqueçam também de que Caio Verres tem as melhores relações na sociedade romana. A mulher dele é uma Cecília Metela, o homem que devia ter sido cônsul este ano é seu cunhado, o actual governador da Sicília também é seu cunhado — daí é que não nos virá qualquer ajuda! — e todos os Cecílios Metelos estarão do seu lado. Se eu o acusar, Quinto Hortênsio defendê-lo-á, assistido por outros advogados quase tão famosos como ele. Eu disse que tomava conta do caso. Isto não quer dizer que ache quevou ganhar.

A delegação ainda não tinha deixado a sua casa e já Cícero lamentava a sua decisão; para que ia ele ofender todos os Cecílios Metelos se as suas hipóteses de vir a ser cônsul assentavam todas na precária base das suas capacidades enquanto advogado? Ele era tanto um Homem Novo como o seu conterrâneo Caio Mário, que abominava; mas Cícero não tinha qualquer tendência militar e os progressos de um Homem Novo eram muito mais difíceis se não se notabilizasse no campo de batalha.

Claro que Cícero sabia por que razão tinha aceite: a absurda lealdade que sentia em relação a Pompeu. Podiam ter passado já muitos anos, mas como poderia ele esquecer a amabilidade de um cadete de 17 anos para com o cadete que o seu pai desprezava? Enquanto vivesse, Cícero sentir-se-ia sempre grato para com Pompeu, porque ele o ajudara naquela miserável experiência militar nas hostes de Pompeu Estrabão; porque o protegera da crueldade e das fúrias de Pompeu Estrabão. Ninguém mexeria um dedo para o ajudar: no entanto, o jovem Pompeu, o filho do general, mexera todos os seus dedos! Graças a Pompeu, passara aquele Inverno no maior conforto, graças a Pompeu tinham-lhe sido concedidos deveres clericais, graças a Pompeu nunca precisara de erguer uma espada. E Cícero nunca poderia esquecer isso.

Por isso, passado pouco tempo, deslocou-se às Carinas a fim de falar com Pompeu.

— Queria apenas informar-te — disse ele, com uma voz de condenado — que decidi processar Caio Verres.

— Ah, esplêndido! — disse Pompeu, todo contente. — Muitas das vítimas de Verres são — ou eram, nalguns casos — meus clientes, tu podes ganhar, eu sei que podes. E diz-me já que favores precisas de mim.

— Eu não preciso de favores, Magno. Além disso, eu é que te devo favores.

Pompeu ficou surpreendido.

— Favores? Que favores?

— Conseguiste tornar suportável o ano que passei no exército do teu pai.

— Ah! Mas foi só isso?! — rindo-se, Pompeu abanou Cícero pelo braço, — Francamente, Cícero, isso não vale a gratidão de uma vida!

— Para mim, vale — retorquiu Cícero, com lágrimas nos olhos. — Partilhámos muitas coisas durante a Guerra Italiana.

Pompeu deve ter-se lembrado nesse instante das coisas menos agradáveis que partilharam, e em particular da busca do cadáver do pai, pois abanou a cabeça como que para apagar todas as recordações da Guerra Italiana. Depois, ofereceu a Cícero uma taça de um vinho magnífico.

— Pois bem, meu amigo! Só quero que me digas o que posso fazer para te ajudar agora!

— Assim farei — disse Cícero, agradecido.

— Todos aqueles Cabritos dos Cecílios Metelos estarão contra esta acusação — disse Pompeu, com um ar pensativo. — Tal como Catulo, Hortênsio e outros mais.

— Acabas de referir a principal razão por que terei de apresentar este caso o mais depressa possível. Não me atrevo a correr o risco de ver o caso adiado para o próximo ano, porque Cabrito e Hortênsio deverão ser cônsules. Pelo menos, é o que toda a gente diz.

— Isso só em parte seria um inconveniente — disse Pompeu. — Porque no próximo ano é possível que os júris voltem a ser formados por cavaleiros. E os cavaleiros estariam contra Verres.

— Há sempre o risco de os cônsules manipularem o tribunal, Magno. Além disso, não há qualquer garantia de que o nosso pretor Lúcio Cota venha a ser favorável a jurados cavaleiros. Falei com ele um dia destes — ele pensa que os seus estudos sobre a composição dos júris demorarão ainda vários meses — e Cota não está convencido de que os júris formados por cavaleiros serão melhores que os senatoriais. E os cavaleiros não podem ser processados por

aceitarem luvas.

— Podemos alterar a lei — disse Pompeu, o qual, não tendo qualquer respeito pelas leis, pensava que estas, sempre que se tornavam inconvenientes, deviam ser alteradas — de acordo com os seus pontos de vista, naturalmente.

— Isso é capaz de ser difícil.

— Não estou a ver porquê.

— Porque — disse Cícero, pacientemente — alterar essa lei específica implicaria a necessidade de promulgar mais uma lei numa das duas Assembleias tribais, ambas dominadas por cavaleiros.

— Eles perdoaram-nos, a mim e a Crasso, as acções que praticámos o ano passado — retorquiu Pompeu, incapaz de distinguir a diferença entre duas leis.

— Isso foi porque tu foste simpático para eles, Magno. E eles querem que tu continues a ser simpático. Uma lei prevendo a sua culpabilidade por aceitarem subornos é algo completamente diferente.

— Pois bem, pode ser que Lúcio Cota não seja favorável aos júris compostos por cavaleiros. Foi só uma ideia que eu tive.

Cícero levantou-se para se ir embora.

— Obrigado uma vez mais, Magno.

— Mantém-me informado, Cícero.

Um mês depois, Cícero notificou o pretor urbano, Lúcio Cota, de que processaria Caio Verres no Tribunal de Extorsões, em nome das cidades da Sicília, e que pediria uma indemnização no valor de quarenta e dois milhões e quinhentos mil sestércios — mil e setecentos talentos —, bem como a devolução de todas as obras de arte e objectos valiosos roubados aos templos e aos cidadãos da Sicília.

Embora tivesse regressado da Sicília com o ar mais superior deste mundo, confiante no facto de que a sua posição como cunhado de Metelo Cabrito constituiria uma protecção adequada contra um possível processo, quando soube que Cícero — Cícero, que nunca processava ninguém! — ia acusá-lo em tribunal, Caio Verres entrou em pânico. Tratou imediatamente de escrever ao seu cunhado Lúcio Metelo, governador da Sicília, para que ocultasse todas as provas que Verres, na sua pressa em sair da ilha com os despojos, se esquecera

de ocultar. Significativamente, Siracusa e Messana não se tinham associado às queixas das outras cidades; isso devia-se ao facto de Siracusa e Messana terem ajudado Verres e partilhado com ele os lucros das suas nefandas actividades. Mas que sorte a sua! O novo governador era precisamente o irmão do meio da sua esposa!

Os dois irmãos que estavam em Roma, Quinto Cabrito (o qual tinha a certeza de vir a ser cônsul no ano seguinte) e o mais jovem dos três filhos de Metelo Caprário, Marco, reuniram-se apressadamente

com Verres, para ver o que poderia ser feito para impedir o desastre de um julgamento, e concordaram em entregar o caso a Hortênsio. Este, por certo, conduziria a defesa se o caso chegasse ao tribunal, mas, naquela fase, o que era preciso era evitar um julgamento, especialmente quando o advogado de acusação era Cícero.

Em Março, Hortênsio apresentou uma queixa ao pretor urbano. Cícero, alegava Hortênsio, não era o homem adequado para processar Caio Verres. Em vez de Cícero, Hortênsio apontou Quinto Cecílio Nigro, um familiar dos Cabritos que fora questor de Verres na Sicília a meio dos seus três anos como governador. A única forma de determinar as capacidades de Cícero para acusar consistia na realização de uma audição especial, denominada divinatio, ou adivinhação (assim chamada porque os juizes, nesta audição especial, chegavam a uma conclusão sem que tivessem sido apresentadas provas formais — ou seja, chegavam a uma conclusão através de conjecturas). Os dois acusadores teriam de lutar pelo cargo perante os juizes e, depois de terem ouvido Cecílio Nigro, cuja eloqüência era nula, e Cícero, os juizes não tiveram a mínima dúvida: escolheram Cícero e ordenaram que o julgamento se realizasse o mais rapidamente possível.

Verres, os dois Metelos Cabritos e Hortênsio tinham de pensar num novo estratagema.

- Tu vais ser pretor no próximo ano, Marco — disse o grande advogado ao mais novo dos irmãos. — Portanto, vamos ter de fazer com que o sorteio te leve à presidência do Tribunal de Extorsão. O presidente deste ano, Glábrio, detesta Caio Verres. E basta isso para que Glábrio não permita o mínimo escândalo no seu tribunal — ou seja, se o julgamento decorrer este ano e Glábrio for, portanto, o presidente do tribunal, não teremos a mínima hipótese de subornar o júri. E não se esqueçam de que, este ano, Lúcio Cota anda a observar todos os júris importantes com a mesma atenção com que um gato observa um rato. Como este caso vai atrair a atenção de muita gente, creio que Lúcio Cota irá servir-se dele para elaborar a sua opinião sobre os júris

constituídos unicamente por senadores. bom, e quanto aos nossos cônsules Pompeu e Crasso — é evidente que não gostam nada de nós!

— Queres dizer — disse Caio Verres, francamente menos bronzeado do que quando chegara da Sicília — que temos de esperar pelo próximo ano porque só então Marco será presidente do Tribunal de Extorsão?

— Precisamente — disse Hortênsio. — Quinto Metelo e eu seremos cônsules no próximo ano — uma grande ajuda! Não será difícil manipular o sorteio e dar a Marco o Tribunal de Extorsão. E pouca diferença fará se os jurados do próximo ano forem senadores ou cavaleiros — suborná-los-emos!

— Mas ainda estamos em Abril! — disse Verres, com um ar desanimado. — Não estou a ver como é que vamos arrastar as coisas até ao fim do ano.

— Ah, isso não é impossível! — retorquiu Hortênsio, confiante. — Em casos destes, as provas têm de ser reunidas a uma longa distância de Roma — e, para mais, numa região tão vasta como a Sicília! Por isso, um acusador precisará entre seis a oito meses para preparar o seu caso. Eu sei que Cícero ainda não começou porque continua em Roma e ainda não mandou nenhum representante à Sicília. É claro que ele espera reunir as provas e as testemunhas rapidamente. E é aí que Lúcio Metelo entra. Como governador da Sicília, pode levantar todos os obstáculos às investigações de Cícero ou dos seus agentes.

Hortênsio estava radiante.

— Prevejo que Cícero não estará pronto antes de Outubro. Ou mesmo mais tarde. Claro que ainda tem tempo suficiente para ir a tribunal. Mas nós não deixaremos! Porque, nessa altura, tentaremos pôr outro caso à frente do teu no tribunal de Glábrio. A vítima terá de ser alguém que deixou provas muito concretas, provas que possamos reunir rapidamente. Um desgraçado qualquer que fez uma pequena extorsão, e não uma personalidade importante como um governador de uma província. O prefeito de um distrito administrativo da Grécia, por exemplo. Eu tenho uma vítima em mente — disporemos de provas suficientes para satisfazer o pretor urbano e para apresentarmos o caso em finais de Quinctilis. Cícero, nessa altura, ainda não estará pronto. Mas nós estaremos!

— Em que vítima é que estás a pensar? — perguntou Metelo Cabrito, mais aliviado; naturalmente, ele e os seus irmãos tinham partilhado os lucros de Caio Verres, mas isso não

significava que estivesse interessado em ver um cunhado exilado e caído em desgraça pelo crime de extorsão.

— Estou a pensar naquele Quinto Cúrtio que foi legado de Varrão Lúculo e prefeito de Aquéia enquanto Varrão Lúculo foi governador da Macedónia. Se Varrão Lúculo não tivesse tido tanto que fazer na Trácia, por causa dos Bessos, estou certo de que ele próprio teria processado Cúrtio. Porém, quando regressou a Roma e se deu conta das pequenas extorsões de Cúrtio, achou que já era demasiado tarde e que os crimes eram tão pouco importantes que não valia a pena processar o homem. Mas as provas não faltam e Varrão Lúculo terá o maior prazer em ajudar-nos. Eu apresentarei um pedido ao pretor urbano para que Quinto Cúrtio seja julgado ainda este ano no Tribunal de Extorsão — disse Hortênsio.

— O que significa — disse Verres, ansioso — que Lúcio Cota ordenará a Glábrio que julgue o primeiro dos casos. E o primeiro, como tu dizes, será o de Cúrtio. Depois, arrastarás o julgamento até ao fim do ano! Cícero e o meu julgamento terão de esperar. Brilhante, Quinto Hortênsio, absolutamente brilhante!

— Sim, creio que é bastante astucioso — disse Hortênsio, vaidoso.

— Cícero vai ficar furioso! — disse Metelo Cabrito.

— E eu adoro vê-lo furioso! — disse Hortênsio.

Mas nenhum deles viu Cícero furioso. Quando soube que Hortênsio apresentara um pedido de julgamento de um ex-prefeito de Aquéia, percebeu claramente os objectivos de Hortênsio. E não ficou furioso: apenas desanimado e, por fim, desesperado.

O seu primo Lúcio Cícero, de Arpino, tinha vindo visitá-lo a Roma. Mal entrou no gabinete do advogado, apercebeu-se do estado em que ele se encontrava.

— Que se passa, primo? — perguntou Lúcio Cícero.

— Hortênsio! Hortênsio vai ocupar com um julgamento o Tribunal de Extorsão antes que eu consiga reunir as minhas provas contra Caio Verres! — Cícero sentou-se, com um ar extremamente deprimido. — A minha acusação terá de esperar até ao próximo ano; e eu apostava toda a minha fortuna em que os Metelos Cabritos já arranjaram as coisas com Hortênsio, para que Marco Cabrito seja o pretor encarregado do Tribunal de Extorsão, no próximo ano.

— E Caio Verres será absolvido — disse Lúcio Cícero.

— Só poderá ser absolvido!

— Nesse caso, tens de estar pronto antes do processo movido por Hortênsio.

— O quê? Antes do final de Quinctilis? Essa foi a data que o nosso amigo Hortênsio pediu ao pretor urbano. Eu não consigo estar pronto nessa altura! A Sicília é uma região enorme, o actual governador é cunhado de Verres e, portanto, levantar-me-á todos os obstáculos possíveis e imagináveis! É impossível, primo, é impossível!

— Claro que é possível — disse Lúcio Cícero, muito mais animado que o primo. — Meu caro Marco Túlio, quando tu te atiras a um caso és a pessoa mais organizada deste mundo. És tão disciplinado e lógico, e tens tanto método! E conheces muito bem a Sicília, tens amigos sicilianos, incluindo aqueles que sofreram às mãos do temível Caio Verres. Sim, é verdade que o governador tentará atrasar o teu trabalho, mas não te esqueças de que, no outro prato da balança, estão todas as pessoas a quem Verres ofendeu — e que te ajudarão com todas as suas forças! Estamos em fins de Abril. Acaba o teu trabalho em Roma dentro de dois intervalos entre mercados. Entretanto, eu tratarei de alugar um navio para nos levar à Sicília. Partiremos os dois para a Sicília em meados de Maio. Vá, Marco, tu vais conseguir!

— Vens mesmo comigo, Lúcio? — perguntou Cícero, já mais animado. — És quase tão bem organizado como eu, serás a melhor ajuda que eu poderei ter. — O seu entusiasmo natural reemergia; de repente, aquela tarefa parecia muito menos terrível do que ele julgara ao princípio.

— Terei de ir falar com os meus clientes. Não tenho dinheiro que chegue para alugar navios rápidos e para percorrer toda a Sicília em carroças de duas rodas puxadas por mulas velozes. — Cícero bateu com uma mão na secretária e exclamou: — Por Júpiter, Lúcio,vou adorar fazer isto! Nem que seja só para ver a cara com que Hortênsio vai ficar!

— Então, mãos à obra! — exclamou Lúcio, com um sorriso imenso. — Cinqüenta dias: nem mais um dia para fazer o que temos a fazer. Dez dias de viagem, ida e volta, e quarenta dias para reunir as provas.

E enquanto Lúcio Cícero foi ao porto de Roma para tratar do aluguer do navio, Cícero seguiu para a casa do Quirinal, onde os seus clientes o esperavam.

Cícero conhecia bem o mais velho dos seus clientes — Hiero de Lilibeu, que fora

etnarca desse importante porto siciliano na altura em que Cícero fora questor da ilha.

— O meu primo Lúcio e eu vamos ter de reunir todas as nossas provas sicilianas no prazo máximo de cinqüenta dias — explicou Cícero. — Isto se eu quiser derrotar Hortênsio. Nós temos possibilidades de o fazer, mas é preciso que vocês paguem as despesas. — Cícero corou, mas prosseguiu: — Eu não sou rico, Hiero, não me posso dar ao luxo de pagar um transporte rápido. E também há pessoas a quem tenho de pagar para obter informações. E, finalmente, será preciso trazer testemunhas para Roma.

Hiero sempre adorara e admirara Cícero. Os homens de negócios sicilianos tinham gostado imenso do trabalho de Cícero como questor, pois Cícero era rápido, brilhante, e inovador no que tocava à contabilidade e aos problemas fiscais, e também um esplêndido administrador. Mas também tinham gostado dele porque Cícero era uma raridade: era um homem honesto.

— Temos todo o prazer em adiantar-te todo o dinheiro de que precises, Marco Túlio — disse Hiero. — Mas creio que agora é uma boa altura para discutirmos a questão dos teus honorários. Pouco temos para te dar a não ser dinheiro e eu sei que os advogados romanos - não gostam de receber dinheiro, porque os censores detectam facilmente isso. Eu sei que as obras de arte são a forma de pagamento mais habitual. Mas não temos nenhuma obra de arte importante para te dar.

— Ah, não se preocupem com isso! — retorquiu Cícero, com a maior alegria. — Eu sei muito bem que honorários quero. Gostaria de ser edil plebeu no próximo ano. Os meus jogos serão bons, mas não poderei competir com os homens ricos que normalmente são edis. Mas posso tornar-me o mais popular dos homens se distribuir cereais baratos. Paga-me em cereais, Hiero — é a única coisa dourada que, todos os anos, a terra nos dá. Eu compro-te os cereais com os meus fundos de edil, mas o preço não poderá ser superior a dois sestércios o modius. Se me garantes que me venderás cereais a esse preço e nas quantidades que eu pretendo, então não te pedirei outros honorários! Desde que, evidentemente, seja eu a ganhar o caso!

— Negócio feito! — disse Hiero imediatamente, pensando já em fazer um depósito de dez talentos no seu banco, em nome de Cícero.

Marco e Lúcio Cícero estiveram fora exactamente cinqüenta dias, durante os quais trabalharam infatigavelmente na recolha de

provas e selecção de testemunhas. E apesar de o governador, piratas diversos e os magistrados de Siracusa e Messana (e também alguns cobradores de impostos romanos) tentarem atrasar o seu trabalho, havia muito mais gente — incluindo altas personalidades locais — interessada em apressá-lo. Se os arquivos questorianos de Siracusa eram omissos ou inadequados, já os de Lilibeu continham um sem-número de provas. As testemunhas apareceram, tal como os contabilistas e os mercadores, para além dos agricultores, obviamente. A deusa Fortuna também estava do lado de Cícero; quando chegou o momento de partir, e lhe restavam apenas quatro dias dos cinqüenta previstos, o tempo estava tão propício que ele, Lúcio e todas as testemunhas e registos dos arquivos puderam fazer a viagem para Óstia num barco aberto, muito leve e veloz. Chegaram a Roma no último dia de Junho, o que significava que teriam um mês para organizar o caso.

Durante esse mês, para além de trabalhar afincadamente no processo contra Verres, Cícero apresentou-se como candidato ao cargo de edil plebeu. Como conseguiu fazer tudo isso ao mesmo tempo, era para ele um mistério; mas a verdade é que Cícero trabalhava sempre melhor quando tinha a secretária tão cheia de papéis que nem lhe conseguia ver o tampo. As decisões surgiam tão rápidas como relâmpagos, tudo se encaixava no lugar certo, a língua de prata e a voz de ouro eram veículos espontâneos da sua inteligência e sabedoria, a sua bela e imponente cabeça ganhava, aos olhos de todos, o mais nobre dos aspectos, e a criatura extraordinária que, por vezes, se intimidava e escondia nas profundezas mais sombrias do seu ego, surgia à vista de toda a gente. Durante esse mês, Cícero conseguiu mesmo delinear uma técnica completamente nova para a condução de um julgamento, uma técnica que permitiria fazer aquilo que, até então, os procedimentos legais romanos nunca tinham conseguido fazer — obter uma massa esmagadora de provas conclusivas e apresentá-la a um júri com tal rapidez e eficácia que a defesa, pura e simplesmente, não poderia defender.

O seu regresso da Sicília, após uma ausência que parecia demasiado breve, deixou Hortênsio estupefacto, tanto mais que a organização do processo contra o indefeso Quinto Cúrtio se revelara muito mais difícil do que alguma vez pensara — mesmo com o apoio de Varrão Lúculo, de Ático e da cidade de Atenas. Contudo, após um momento de reflexão, Hortênsio convenceu-se de que Cícero estava, isso sim, a comportar-se como um belíssimo actor. Sim, pensou Hortênsio,

aquilo era tudo uma mentira pegada! Ele nunca conseguiria estar pronto antes de Setembro, na melhor das hipóteses!

Cícero, porém, ao regressar a Roma, não encontrou tudo como desejaria, Metelo Cabrito e o seu irmão mais novo tinham feito um excelente trabalho junto dos clientes sicilianos de Cícero, convencendo-os de que Cícero perdera interesse pelo caso — pois tinha aceite um suborno impressionante das mãos de Caio Verres, murmuravam os Metelos Cabritos através de agentes cuidadosamente escolhidos. Cícero precisou de fazer várias reuniões com Hiero e os seus colegas para perceber por que razão se mostravam todos tão frios e distantes. Logo que descobriu, foi-lhe fácil aquietar os seus receios.

Em Quinctilis, decorreram as três eleições. As primeiras eram as eleições curuis na Assembleia Centurial. No que toca aos interesses de Cícero, os resultados foram profundamente desanimadores: Hortênsio e Metelo Cabrito seriam os cônsules do ano seguinte e Marco Cabrito seria um dos pretores. Depois, realizaram-se as eleições na Assembleia do Povo; mas Cícero nem ligou ao facto de César ter sido eleito questor, à frente de todos os outros concorrentes.

Finalmente, no vigésimo sétimo dia de Quinctilis, Cícero foi eleito edil plebeu, juntamente com um tal Marco Cesónio (sem qualquer relação com os Júlios que usavam o cognome César); concluíram que iam dar muito bem e Cícero ficou profundamente satisfeito com o facto de o seu colega ser um homem muito, muito abastado.

Graças aos cônsules daquele ano, Pompeu e Crasso, tantas foram as coisas que se passaram em Roma naquele Verão que as eleições acabaram por ficar para segundo plano; em vez de lhes darem um lugar destacado na vida de Roma, os funcionários eleitorais e o Senado preferiram despachar, o mais depressa possível, as eleições. Por isso, no dia seguinte às eleições na Assembleia da Plebe, realizou-se o sorteio que determinaria os vários cargos para o ano seguinte. Ninguém ficou surpreendido com o facto de, por artes mágicas, o sorteio ter dado o Tribunal de Extorsão a Marco Cabrito! Tudo estava já preparado para absolver Caio Verres no início do ano seguinte.

No último dia de Quinctilis, Cícero atacou. Como não havia nenhuma reunião das assembleias, o tribunal do pretor urbano estava aberto e Lúcio Aurélio Cota atendia pessoalmente os casos. E Cícero,

acompanhado pelos seus clientes, foi ter com ele e anunciou-lhe que tinha o processo

contra Verres pronto. E pediu-lhe que ele e o presidente do Tribunal de Extorsão, Mânio Acílio Glábrio, marcassem um dia para o início do julgamento. De preferência, o mais breve possível.

Todo o Senado vinha seguindo o duelo entre Cícero e Hortênsio com a maior expectativa. A facção dos Cecílios Metelos era uma minoria e Lúcio Cota e Glábrio não eram seus membros; na realidade, a maior parte dos senadores adoraria que Cícero derrotasse o sistema montado por Hortênsio e pelos Metelos Cabritos para livrar Verres. Daí que Lúcio Cota e Glábrio tivessem o maior prazer em marcar o início do julgamento para uma data muito próxima.

Os primeiros dois dias de Sextilis eram feriae — o que não impedia a realização de audiências nos tribunais criminais —, mas o terceiro dia era mais problemático — era o dia da procissão dos Cães Crucificados. Quatrocentos anos antes, quando os Gauleses tinham invadido Roma e tentado estabelecer uma cabeça de ponte no Capitólio, os cães de guarda não tinham dado sinal; foi graças aos cacarejos dos gansos sagrados que o cônsul Marco Mânlio acordou e pôde, assim, frustrar a tentativa de ocupação gaulesa. Desde então, um desfile solene lembrava todos os anos esse episódio. Nove cães eram crucificados em nove cruzes de madeira de sabugueiro e um ganso era engrinaldado e levado numa liteira cor de púrpura: assim se lembrava a traição dos cães e o heroísmo dos gansos. E esse não era um diabom para o julgamento de uma acção criminal, pois os cães eram animais ctónicos.

Por isso, o início do julgamento de Caio Verres foi marcado para o sexto dia de Sextilis, numa Roma paralisada pelo calor e cheia de visitantes ansiosos por assistirem às festas especiais organizadas por Pompeu e Crasso. A competição entre os dois era rija, mas ninguém cometeu o erro de pensar que o julgamento de Caio Verres não atrairia multidões, ainda que decorresse durante a festa pública de Crasso e os jogos vitoriosos de Pompeu.

As leis de Sila para os novos tribunais mantiveram no essencial os procedimentos gerais relativos aos julgamentos, definidos por Caio Servílio Gláucia — mantiveram-nos, mas refinaram-nos consideravelmente, ainda que em detrimento da rapidez. O julgamento era dividido em duas secções, a actio prima e a actio secunda; entre as duas actiones, havia uma pausa de vários dias, embora o presidente do tribunal tivesse a liberdade de prolongar essa pausa, se assim o entendesse.

A actio prima consistia de um longo discurso do advogado de acusação, seguido de um discurso igualmente longo do advogado de defesa; depois, era a vez de todos os advogados

júniores da acusação e da defesa pronunciarem, alternadamente, os seus longos discursos. Os discursos só acabavam quando todos os advogados júniores tivessem falado. De seguida, compareciam as testemunhas de acusação, cada uma das quais era interrogada pela defesa e, nalguns casos também, pela acusação. Se houvesse obstruções, tanto de um lado como do outro, a audição das testemunhas podia transformar-se num processo particularmente longo.

Posteriormente, compareciam as testemunhas de defesa: a acusação interrogava-as e, nalguns casos, também a defesa o fazia. Por fim, decorria um longo debate entre o principal advogado de acusação e o principal advogado de defesa; estes longos debates podiam também ocorrer entre os depoimentos das testemunhas, se algum dos lados o desejasse. A actio prima só terminava com o último discurso do principal advogado de defesa.

A actio secunda era praticamente uma repetição da actio prima, embora as testemunhas nem sempre fossem chamadas. Era nesta segunda parte que se registavam os discursos mais apaixonados e importantes, já que, depois deles, o júri teria de dar o seu veredicto. O júri não tinha tempo para discutir este veredicto: este teria de ser pronunciado mal o advogado de defesa tivesse acabado de falar. Esta era a principal razão por que Cícero preferia fazer a defesa e odiava acusar.

Mas Cícero sabia como ganhar aquele processo: precisava apenas de um presidente de tribunal capaz de o deixar manobrar à sua vontade.

— Pretor Mânio Acílio Glábrio, presidente deste tribunal, pretendo conduzir o meu caso segundo linhas muito diferentes das habituais. O que proponho não é ilegal. É apenas novo, nada mais. Os meus motivos residem no número invulgar de testemunhas que chamarei a depor, e no número igualmente invulgar de ofensas de quevou acusar o réu, Caio Verres — disse Cícero.

— Deseja o presidente do tribunal ouvir um esboço daquilo que proponho?

Hortênsio interrompeu inopinadamente.

— Mas o que é isto? O que é isto? — perguntou. — Pergunto uma vez mais: o que é isto? O julgamento de Caio Verres deve ser conduzido segundo as linhas habituais! Não posso deixar de insistir neste ponto!

— Vamos ouvir aquilo que Marco Túlio Cícero nos propõe — disse Glábio, e acrescentou, com um ar afável: — E sem interrupções.

— Gostaria de poder dispensar os habituais longos discursos — disse Cícero. — E de

me concentrar num crime de cada vez. Os crimes de Caio Verres são tantos e tão variados que é absolutamente vital que os membros do júri apreendam claramente cada um deles. Abordando um crime de cada vez, pretendo apenas que o tribunal apreenda tudo da forma mais clara possível, nada mais. Por isso, o que me proponho fazer é resumir cada um dos crimes e, logo a seguir, apresentar as minhas testemunhas e as minhas provas para esse crime particular. Como vêem, tenciono trabalhar sozinho — não disponho de nenhum advogado assistente. A actio prima, neste julgamento, não deveria conter os habituais longos discursos da acusação e da defesa. É um desperdício de tempo e o tribunal não tem tempo a perder, pois espera-o mais um caso antes que este ano finde — o caso de Quinto Cúrtio. Proponho por isso que os grandes discursos passem todos para a actio secunda! Só depois desses discursos é que o júri dá o seu veredicto. Por isso, não percebo por que razão há-de o meu colega Quinto Hortênsio opor-se à minha proposta: o júri poderá ouvir pela primeira vez os nossos apaixonados e longos discursos na actio secunda! Imaginem só a expectativa, e o prazer da expectativa, dos jurados!

Hortênsio demonstrava agora alguma incerteza; o que Cícero dizia fazia sentido. No fim de contas, a defesa continuaria a ter a última palavra e Hortênsio começava já a imaginar o choque que produziria no júri, no final da actio secunda. Sim, Cícero tinha razão! Despachavam-se as coisas chatas na actio prima, e os grandes e brilhantes discursos viriam com a apoteose.

Quando Glábrio olhou para ele com um ar inquisitivo, Hortênsio respondeu sem hesitação:

— Marco Túlio que discorra um pouco mais sobre o assunto.

— Podes continuar, Marco Túlio — disse Glábrio.

— Pouco mais há a dizer, Mânio Acílio. Pretendo apenas que os advogados de defesa não tenham mais tempo para falar do

que eu — mas apenas durante a actio prima, é claro! Na adio secunda, estou pronto a conceder à defesa todo o tempo que os seus ilustres advogados acharem necessário. Como a defesa possui uma equipa impressionante de advogados e euvou actuar sozinho, essa será uma vantagem apreciável. Mas acho, sinceramente, que a defesa deverá dispor dessa vantagem. Portanto, só peço uma coisa: que a actio prima seja conduzida segundo os termos que delineei.

— A ideia tem muito mérito, Marco Túlio — disse Glábrio. — Que tens a dizer, Quinto Hortênsio?

— Que se faça então como Marco Túlio quer — retorquiu Hortênsio.

Apenas Caio Verres parecia preocupado.

— Ah, quem me dera saber o que é que ele está a tramar! — segredou Verres a Metelo Cabrito. — Hortênsio não devia ter concordado!

— Quando começar a actio secunda, garanto-te que o júri já se esqueceu de tudo o que as testemunhas disseram — respondeu-lhe o cunhado.

— Nesse caso, porque é que Cícero insistiu tanto nestas alterações?

— Porque sabe que vai perder e quer atirar-nos poeira para os olhos. A inovação não é a melhor maneira de atirar poeira para os olhos dos outros? César usou o mesmo processo quando processou velho Dolabela — insistiu nas inovações. Foi muito elogiado, mas perdeu o caso. Tal como Cícero vai perder. Não te preocupes! Hortênsio vai ganhar!

As únicas observações de carácter geral que Cícero fez, antes de se debruçar sobre a primeira categoria de crimes de Caio Verres, foram consagradas ao júri.

— Lembrem-se de que o Senado encarregou o nosso pretor urbano, Lúcio Aurélio Cota, de fazer um estudo sobre a composição dos júris, e concordou em recomendar as suas conclusões à Assembleia do Povo para que fossem promulgadas como lei. Entre os tempos de Caio Graco e os tempos do nosso Ditador, Lúcio Cornélio Sila, o Senado perdeu por completo o controlo de um direito até então incontestado — o direito a providenciar os júris dos tribunais criminais de Roma. Caio Graco deu esse privilégio aos cavaleiros — e todos sabemos com que resultados! Sila devolveu os

tribunais ao Senado. Porém, como mostraram os sessenta e quatro homens que os nossos censores expulsaram, nós, os senadores, não honrámos a confiança que Sila depositou em nós. Caio Verres não é a única pessoa que está a ser julgada neste tribunal. O Senado de Roma também está a ser julgado! E se este júri senatorial não se comportar de uma forma honesta e honrada, quem poderá censurar Lúcio Cota se ele, amanhã, recomendar o afastamento dos senadores dos júris dos tribunais? Membros do júri, rogo-lhes que não se esqueçam, em momento algum, que têm sobre os vossos ombros uma responsabilidade enorme — o destino! — e a reputação! — do Senado de Roma.

Depois desta intervenção, Cícero tratou de chamar as suas testemunhas e de apresentar as suas provas. Uma a uma, as testemunhas foram ouvidas: queixaram-se de roubos de cereais:

trezentos mil modii em apenas um ano e num só distrito, para além das outras quantidades pilhadas nos outros distritos; de roubos de propriedades e bens que reduziram o número de agricultores num só distrito de duzentos e cinqüenta a oitenta, em três anos, para além dos roubos de propriedades em muitos outros distritos; do desfalque de dinheiro do Tesouro que deveria ter sido empregue na compra de cereais; de usura, com juros a vinte e quatro por cento, ou mesmo mais; da destruição ou alteração dos registos dos tributos; do saque de estátuas e pinturas dos templos; do convidado que, em frente do seu anfitrião, lhe roubou as jóias que ornamentavam as taças; do convidado que levou todas as baixelas de ouro e prata do seu anfitrião, metendo-as em sacas para melhor as transportar; da construção gratuita de um navio em que Caio Verres veio a embarcar uma parte do seu saque; da tolerância demonstrada para com os piratas, com quem o réu partilhava os lucros; da anulação de testamentos, que passaram, obviamente, a favorecê-lo; e de muitas outras coisas se queixaram.

Cícero tinha registos, documentos, tábuas de cera em que se podiam ver números rasurados e alterados — e muitas testemunhas, testemunhas que não se deixavam intimidar e que não se contradiziam, quando interrogadas pela defesa. Cícero não trouxera testemunhas de roubos num só distrito, mas em muitos distritos, e o catálogo de obras de Praxíteles, Fídias, Policleto, Mirão, Estronguilião e outros escultores famosos que Verres havia saqueado era apoiado por notas de ”venda” que demonstravam que os proprietários dessas obras tinham sido praticamente obrigados a dá-las de graça a Verres. As provas eram retumbantes e absolutamente conclusivas. Ao longo de nove dias, as provas inundaram literalmente aquele tribunal; a actio prima só veio a terminar no décimo quarto dia de Sextilis. Hortênsio tremia quando deixou o tribunal. Porém, quando Verres tentou falar com ele, abanou a cabeça, furibundo.

— Só falo contigo na tua casa! — atirou-lhe. — E traz os teus cunhados!

A casa de Caio Verres ficava na melhor zona do Palatino; embora fosse uma das maiores mansões dessa colina, a quantidade de obras de arte que ele armazenara era tal que a casa parecia pequena e tão cheia de esculturas como o pátio de um escultor do Velabro. Onde não havia estátuas ou pinturas, viam-se armários cheios de colecções de baixelas de ouro e prata, de jóias, de bordados e tapeçarias magnificamente trabalhados. Havia mesas de madeira de cidreira, com pedestais de marfim e ouro, apertadas entre cadeiras adornadas a ouro ou encostadas a

fabulosos divãs. No jardim do peristilo, estavam concentradas as maiores estátuas, na sua maior parte de bronze, embora também as houvesse em ouro e prata. Um acervo que representava quinze anos de pilhagens e muitas e várias fortunas.

Os quatro homens reuniram-se no gabinete de Verres, tão atravancado como o resto da casa, e sentaram-se onde lhes foi possível sentar-se.

— Vais ter de te exilar voluntariamente — disse Hortênsio. Verres fitou-o estupefacto.

— Estás a brincar! Ainda falta a actio secunda! Os teus discursos vão-me livrar de apuros!

— Imbecil! — atirou-lhe Hortênsio. — Ainda não percebeste? Eu fui enganado, mistificado, logrado, ludibriado! Escolhe à vontade a palavra, porque o que interessa é que Cícero acabou com todas as hipóteses que eu tinha de vencer este maldito caso! Podia até passar um ano entre a actio prima e a actio secunda, e os meus assistentes podiam fazer os melhores discursos do mundo durante um mês, que mesmo assim o júri não esqueceria aquela montanha de provas! Digo-te com toda a franqueza, Caio Verres: se eu tivesse tido conhecimento de uma décima parte dos teus crimes, antes disto começar, nunca teria aceite defender-te! Ao pé de ti, Múmio e Paulo parecem principiantes! E que fizeste tu a tanto dinheiro? Onde está ele, por amor de Juno? Como é que um homem pôde gastar tanto dinheiro se não pagou quase nada por aquelas obras de arte? Já defendi muitos vilões na minha vida, mas tu, Caio Verres, és o maior de todos! Por isso, faz o que te digo: exila-te voluntariamente!

Verres e os Metelos Cabritos ouviram aquele discurso com o ar mais surpreso e desanimado deste mundo.

Hortênsio levantou-se.

— Leva o que puderes para o exílio, mas, se queres o meu conselho, deixa ficar as obras de arte que roubaste na Sicília. De qualquer modo, também não poderás levar mais do que aquilo que roubaste em Hera de Samos. Concentra-te nas pinturas e nos objectos pequenos. E põe o teu dinheiro longe de Roma amanhã de manhã. Não o deixes em Roma nem mais um momento. — Encaminhou-se para a porta, abrindo caminho entre os preciosos artefactos. — Mas euvou levar a minha esfinge de marfim, aquela que é de Fídias. Onde está ela?

— A tua quê?! — retorquiu Verres, atónito. — Eu não te devo nada. Tu não conseguiste a minha absolvição!

— Deves-me uma esfinge de marfim de Fídias — disse Hortênsio. — E agradece à tua boa sorte por eu não pedir um preço mais alto. O conselho que te acabei de dar vale bem a esfinge! A minha esfinge de marfim, Verres. E quero-a já!

A esfinge era suficientemente pequena para que Hortênsio a pudesse esconder nas dobras da sua toga; uma requintada obra de arte, perfeita em todos os pormenores, incluindo a asa coberta de penas e os minúsculos tufos de pêlos entre as garras.

— Que descarado! — disse Marco Cabrito mal Hortênsio saiu.

— Um ingrato, um ingrato é o que ele é! — rosnou Verres. Mas o cônsul designado Metelo Cabrito franziu muito o sobrolho e disse:

— Ele tem razão, Caio. Vais ter de deixar Roma amanhã à noite o mais tardar. Cícero vai conseguir que o tribunal mande selar a tua casa, logo que saiba que estás a levar as tuas coisas — mas por que raio é que tu guardaste tudo aqui?!

— Eu não guardei tudo aqui, Quinto. Aqui estão apenas as obras que eu sinto necessidade de ver todos os dias. A maior parte dos meus bens encontram-se armazenados na minha casa de Cortona.

— Então, há mais? Por todos os deuses, Caio, eu conheço-te há muito tempo, mas ainda consegues surpreender-me! Não admira que a nossa pobre irmã se queixe de que tu a ignoras! Porque afinal tu só sentes necessidade de ver estas coisas! E eu que pensava que mantinhas a tua casa como se fosse uma loja de antigüidades do Porticus Margaritaria, porque nem sequer confiavas nos teus escravos!

Verres lançou-lhe um sorriso trocista, — A tua irmã queixa-se, não é? E que direito tem ela de se queixar, se César a tem deixado com a cunnus húmida há uma série de meses? Será que ela pensa que eu sou parvo? Ou que sou tão cego que só tenho olhos para os bronzes de Mirão?

— Levantou-se. — Eu devia ter dito a Hortênsio para onde foi a maior parte do meu dinheiro. Sempre era uma maneira de vos ver corar de vergonha, não era? Os três Cabritos têm-me custado muito dinheiro! Mas tu, Quinto, tens sido o mais caro de todos! Porque as obras de arte eu fiquei com elas, mas quem é que ficou com os lucros das vendas de cereais? Ha? Pois bem, agora acabou-se tudo! Euvou seguir o conselho do advogado que me roubou a esfinge! Irei para o exílio voluntariamente! com alguma sorte, pode ser que mantenha em meu poder aquilo que levar! Acabou-se o dinheiro para os Cabritos, incluindo Metela Caprária! César que trate dela

como ela gosta! E espero que consigam arrancar algum dinheiro a esse homem! Porque o dote da vossa irmã é que nunca mais o vêem!vou divorciar-me dela, e já hoje, invocando o adultério com César.

O resultado deste discurso foi a saída imediata dos cunhados, ofendidos e furiosos; por um momento, Verres ficou ainda à secretária, acariciando, com um ar ausente, a face de mármore de uma Hera de Policleto. Depois, encolhendo os ombros, chamou pelos escravos. Ah, como poderia ele suportar separar-se daquelas obras de arte, de uma única que fosse? Só a salvação da sua pele e o conhecimento de que ficar com algumas era melhor do que ficar sem nada, o faziam aceitar a ideia de que teria de separar-se de muitas maravilhas. E lá foi ele de sala em sala, acompanhado pelo chefe dos criados, escolhendo as obras que havia de levar.

— Nem uma palavra sobre isto, senão crucifico-te! — disse ele para o homem. — As carroças que estejam nas traseiras da casa amanhã à meia-noite! E quero tudo bem encaixotado, ouviste?

Como Hortênsio previra, Cícero conseguiu que Glábrio selasse a casa de Caio Verres, na manhã seguinte à sua fuga; por outro lado, Glábrio ordenou aos bancos onde Verres tinha dinheiro que não efectuassem qualquer transferência de fundos. Já era demasiado tarde, evidentemente; o dinheiro era o mais portátil dos tesouros — bastava apresentar um papel para o levantar.

— Glábrio está a constituir um júri para determinar o montante da indemnização, mas temo que não consigamos nada de extraordinário — disse Cícero a Hiero de Lilibeu. — Ele levantou todo o seu dinheiro já fora de Roma. Contudo, parece que deixou ficar a maior parte dos bens que roubou aos templos da Sicília. Infelizmente, ainda levou muitas jóias e baixelas pertencentes a cidadãos sicilianos. Os escravos que deixou em Roma — um lote muito fraco, mas o ódio que lhe votavam revelou-se útil — dizem que aquilo que ele tinha armazenado em Roma não era nada, quando comparado com o que tinha escondido na sua propriedade perto de Cortona. Imagino que os irmãos Metelos foram para Cortona, mas eu adoptei uma táctica do meu amigo César, que é o mais rápido viajante em todo o mundo. Prevejo que a expedição do tribunal chegue primeiro a Cortona. Por isso, é natural que encontremos nessa propriedade outros bens pertencentes à Sicília.

— E para onde foi Caio Verres? — perguntou Hiero, curioso.

— Parece que foi na direcção de Massília. É uma cidade muito popular entre os nossos exilados que gostam de obras de arte — respondeu Cícero.

— Estamos muito contentes por termos de volta a nossa herança nacional! — exclamou Hiero, radiante. — Muito obrigado, Marco Túlio, muito obrigado!

— Creio que o último a agradecer serei eu — disse Cícero, delicadamente. — Se vocês estão satisfeitos com o meu trabalho, isso significa que vão honrar o nosso acordo sobre os cereais no próximo ano, não é verdade? Os Jogos Plebeus não serão disputados antes de Novembro e, portanto, o vosso preço não terá de ser pago com a colheita deste ano.

— É com grande satisfação que te vamos pagar, Marco Túlio, e prometo-te que a tua distribuição de cereais ao povo de Roma será magnificente.

— E assim — disse Cícero, mais tarde, ao seu amigo Tito Pompónio Ático —, esta incursão única nos domínios da acusação
transformou-se num bônus de que eu tinha uma extrema necessidade. Comprarei os meus cereais a dois sestércios o modius e vendê-los-ei por três sestércios. O sestércio de diferença chegará perfeitamente para pagar o transporte.

— Vende por quatro sestércios o modius — sugeriu Ático. — Assim, poderás meter algum dinheiro na tua bolsa que, por acaso, está bastante magra.

Cícero ficou chocado com tal sugestão.

— Não, Ático, nem pensar! Eu não poderia fazer uma coisa dessas. Os censores diriam que eu ganhara ilegalmente dinheiro, recebendo honorários pelos meus serviços como advogado.

Ático suspirou.

— Cícero, Cícero! Tu nunca serás rico! E a culpa é toda tua. É verdade que se pode tirar o homem de Arpino, mas não se pode tirar Arpino do homem! Tu pensas como um nobre rural!

— Eu penso como um homem honesto — disse Cícero. — O que me deixa muito orgulhoso.

— Queres dizer com isso que eu não sou honesto?

— Não, de modo nenhum! — exclamou Cícero, irritado. — Tu és um homem de negócios com uma elevada posição social, além de seres romano de Roma! As normas que se aplicam a ti não são as mesmas que se aplicam a mim! Eu não sou um Cecílio, mas tu és!

Ático mudou de assunto.

— Vais publicar as tuas intervenções no julgamento de Verres? — perguntou.

— Sim, de facto pensei nisso.

— Incluindo os grandes discursos de uma actio secunda que não chegou a haver?

Escreveste alguma coisa para a actio secundai — Sim, sim, eu faço sempre esboços dos meus discursos muito tempo antes de os pronunciar. No entanto,vou modificar os discursos da actio secunda, de forma a incorporar neles muitas das coisas que abordei na actio prima. Melhorando o estilo, naturalmente.

— Naturalmente — disse Ático, com um ar grave.

— Porque perguntaste?

— Porque estou a pensar dedicar-me a um trabalho que é mais um passatempo que um trabalho. Os negócios são algo de enfadonho, Cícero. E os homens com quem negoceio ainda são mais enfadonhos que os negócios. Por isso, estou a pensar abrir uma pequena loja com uma grande oficina nas traseiras, no Argileto. Sósio vai ter finalmente alguma competição, porque tenciono tornar-me editor. E, caso estejas de acordo, gostaria de ter os direitos exclusivos de publicação de todos os teus trabalhos futuros. Pagar-te-ei um décimo do que eu receber por cada exemplar das tuas obras. Cícero soltou um risinho.

— Mas que maravilha, Atico! Negócio feito, meu caro, negócio feito!

Foi em Abril, pouco depois de os censores recentemente eleitos terem confirmado Mamerco como Princeps Senatus, que Pompeu anunciou que celebraria os seus Jogos da Vitória, os quais começariam em Sextilis e terminariam poucos dias antes dos ludi Romani, previstos para o quarto dia de Setembro. Toda a gente se apercebeu da imensa satisfação com que Pompeu anunciou a realização daqueles jogos. No entanto, essa satisfação não derivava totalmente dos jogos. É que Pompeu tinha acabado de alcançar uma verdadeira proeza (em termos de negócios matrimoniais) para um homem do Piceno. A sua irmã Pompeia, que ficara viúva algum tempo antes, ia casar-se: e o futuro marido era nem mais nem menos do que o sobrinho do falecido Ditador, Públio Sila sive Sexto Perquitieno. Não havia dúvida: os Pompeus do Norte do Piceno estavam a subir no mundo romano! O seu avô e o seu pai tinham-se limitado a negócios com os Lucílios, ao passo que ele conseguira aliar-se aos Múcios, aos Licínios e aos Cornélios! Extremamente satisfatório!

Mas Crasso não deu a mínima importância à escolha matrimonial da irmã de Pompeu; o

que o preocupava eram os Jogos que este ia organizar.

— É o que te digo, César — acentuou Crasso. — Ele tenciona atrair os camponeses todos a Roma. Vão-se fartar de gastar dinheiro, durante mais de dois meses, e ainda por cima no auge do Verão! Os comerciantes vão erigir estátuas dele em toda a cidade — isto para não falar dos avozinhos e avozinhas que adoram receber hóspedes durante o Verão para ganharem uns sestércios extra!

— Isso é bom para Roma. Bom para o dinheiro.

— De acordo. Mas qual é o meu lugar no meio disto tudo? — perguntou Crasso, agastado.

— Vais ter de criar um lugar para ti mesmo.

— Como? E quando? Os jogos de Apoio duram até aos Idos de Quinctilis. Depois, há três eleições, separadas apenas por cinco dias — as eleições curuis, as eleições para a Assembleia do Povo, as eleições para a Assembleia da Plebe. Nos Idos de Quinctilis, Pompeu tenciona realizar aquele maldito desfile do Cavalo Público. E, depois das eleições plebéias, há um tempo infindo para fazer compras — mas não o tempo suficiente para regressar à província e voltar! — até ao início dos Jogos da Vitória, em meados de Sextilis. Jogos que vão durar quinze dias. Ah, mas que presunção! E depois de terminarem esses jogos, temos os Jogos Romanos! Por todos os deuses, César, as diversões públicas de Pompeu vão manter os campónios em Roma durante mais de dois meses! Quase três meses, aliás! E será que o meu nome foi sequer mencionado? Não! Eu não existo, pura e simplesmente!

César parecia tranqüilo.

— Tenho uma ideia — disse.

— Que ideia? — perguntou Crasso. — Que eu me vista como Pólux?

— E Pompeu como Castor? Gosto dessa! Mas vejamos as coisas seriamente. Tudo o que faças, meu caro Marco, vai ter de custar mais dinheiro do que aquele que Pompeu vai gastar nas suas diversões públicas. De outro modo, nada do que faças conseguirá eclipsá-lo. Estás disposto a gastar uma fortuna?

- Eu estou disposto a gastar tudo para ficar com melhor imagem do que Pompeu quando deixarmos o consulado! — retorquiu Crasso. — No fim de contas, eu sou o homem mais rico de Roma — há dois anos que o sou.

— Não te iludas, Marco — disse César. — A questão é que tu falas da riqueza que tens, e os outros calam-se. Ou seja, não houve até agora ninguém que dissesse ter mais dinheiro que tu. Mas o nosso Pompeu é um nobre rural típico — muito discreto quanto à sua riqueza. E ele tem muito mais dinheiro e bens que tu, Marco. Garanto-te que tem. Quando o Ager Gallicus foi oficialmente incluído dentro dos limites da Itália, o preço dessas terras subiu muito. Ele possui — e estou a dizer possuir e não alugar ou emprestar! — vários milhões de iugera das melhores terras de Itália, e não apenas na Úmbria e no Piceno. Pompeu herdou aquelas propriedades magníficas que os Lucílios tinham no golfo de Tarento e regressou de África a tempo de adquirir algumas terras óptimas, nas margens do Tibre,
do Volturno, do Líris e do Aterno. Tu não és o homem mais rico de Roma, Crasso.
Garanto-te que esse homem é Pompeu. Crasso estava espantado.
— Não é possível!
— É possível, sim. Lá porque um homem não divulga quanto dinheiro e quantos bens possui, isso não quer dizer que esse homem seja pobre. Tu falas do teu dinheiro a toda a gente porque começaste pobre. Pompeu nunca foi pobre — e nunca será pobre. Quando dá terras aos seus veteranos, Pompeu é elogiado e adorado por toda a gente. Mas aposto que ele não lhes dá as terras: limita-se a permitir que eles as ocupem e cultivem. Porque o dono das terras continua a ser ele. E aposto que todos esses veteranos lhe pagam com uma parte do que essas terras produzem. Pompeu é uma espécie de rei, Crasso! Por alguma razão escolheu o cognome de Magno.
O povo dele vê-o como um rei. E agora que é cônsul sénior, pensa que o seu reino se alargou!
— A minha riqueza ascende a dez mil talentos — retorquiu Crasso, rispidamente.
— O que dá duzentos e cinqüenta milhões de sestércios — disse César, sorrindo e abanando a cabeça. — Consegues dez por cento disso em lucros anuais?
— Claro que sim.
— Nesse caso, estarias disposto a dispensar os lucros deste ano?
— Ou seja, estaria disposto a gastar mil talentos?
— Precisamente.
Pela expressão de Crasso, era visível que aquela ideia lhe causava não pouco sofrimento.
— Sim... quer dizer, se eu não tiver outra forma de eclipsar Pompeu, lá terá de ser!

— Um dia antes dos Idos de Sextilis, ou seja, quatro dias antes do início dos jogos de Pompeu, realiza-se a festa de Hércules Invicto. Como sabes, Sila dedicou um décimo da sua fortuna a esse deus, dando uma festa pública que contou com cinco mil mesas.

— Quem poderá esquecer esse dia? O cão preto bebeu o sangue da primeira vítima. Foi a primeira vez que vi Sila aterrorizado. A primeira e a última, aliás. A Coroa de Erva caiu em cima do sangue profanado.

— Esquece os horrores, Marco, porque te prometo que não haverá cães pretos por perto quando dedicares um décimo da tua fortuna a Hércules Invicto! Vais dar um banquete público com dez, mil mesas! — disse César. — Todos aqueles que tiverem pensado passar umas férias na praia, com tantos espectáculos seguidos, acabarão por ficar em Roma. A um banquete público ninguém resiste!

— Dez mil mesas? Se eu encher dez mil mesas de ostras, enguias, salmonetes e outros peixes, não gastarei mais de duzentos talentos — disse Crasso, que sabia os preços de tudo. — Além disso, um homem com a barriga cheia hoje pensa que nunca mais terá fome, mas amanhã o mesmo homem voltará a saber o que é a fome. Os banquetes morrem num dia, César. E a memória deles não dura mais.

— Tens toda a razão. No entanto — prosseguiu César, entregue aos seus pensamentos —, esses duzentos talentos deixam ainda oitocentos talentos para gastar. Imaginemos que, em Roma, entre Sextilis e Novembro, haverá cerca de trezentos mil cidadãos romanos. A distribuição normal de cereais significa que cada cidadão recebe cinco modii — ou seja, um medimnus — de cereais por boca, ao preço de cinqüenta sestércios. É umbom preço, mas superior ao preço real dos cereais, evidentemente. O Tesouro consegue sempre fazer um pequeno lucro, mesmo nos anos de escassez. Este ano, segundo me disseram, não é um ano de escassez. Tal como não foi o ano passado. Vê só a tua sorte: é que vais ter de comprar precisamente os cereais da colheita do ano passado!

— Comprar? — perguntou Crasso, com um ar perdido.

— Deixa-me acabar. Cinco modii de trigo por um período de três meses... Vezes trezentas mil pessoas... Dá quatro milhões e meio de modii. Se comprares agora, em vez de esperares pelo Verão, imagino que poderás obter quatro milhões e meio de modii de trigo a cinco sestércios o modius. O que dá vinte e dois milhões e meio de sestércios: aproximadamente

oitocentos talentos. E é precisamente nisso, meu caro Marco — concluiu César, com um ar triunfante —, que vais gastar os restantes oitocentos talentos! Porque, Marco Crasso, tu vais distribuir cinco modii de trigo por mês, durante esses três meses, a todos os cidadãos romanos, e absolutamente grátis! Não a um preço reduzido, meu caro Marco. Grátis!

— Um acto de uma generosidade espectacular — disse Crasso, com o ar mais inexpressivo deste mundo.

l

— Inteiramente de acordo. E tem uma grande vantagem em relação a todos os estratagemas de Pompeu. As diversões de Pompeu acabarão mais de dois meses antes da tua última distribuição de cereais. Se as memórias dos homens são curtas, então tu terás de ser o último homem a ser recordado. A maior parte dos cidadãos romanos comerá pão grátis, graças a Marco Licínio Crasso, entre o mês em que os preços sobem e o mês em que a nova colheita os faz descer novamente. E tu serás um herói! E as gentes de Roma adorar-te-ão para todo o sempre!

— É mesmo provável que deixem de me acusar de incêndios criminosos — disse Crasso, com um sorriso radioso.

— Pois aí tens a diferença entre a tua riqueza e a riqueza de Pompeu! — disse César, com um sorriso tão radioso como o de Crasso. — O dinheiro de Pompeu não flutua como cinzas nos ares de Roma. É tempo, é mais que tempo, de dourares a tua imagem pública, Marco Crasso!

Enquanto Crasso comprava sub-repticiamente vastas quantidades de trigo e não abria a boca quanto à sua intenção de dedicar um décimo das suas riquezas a Hércules Invicto, um dia antes dos Idos de Sextilis, Pompeu avançava com os seus planos, completamente ignorante do perigo de ser ultrapassado, e de que maneira, pelo outro cônsul.

A intenção de Pompeu era levar toda a cidade de Roma — e toda a Itália — a pensar (e a sentir) que o mau tempo tinha passado de vez; e dar a todo o país jogos, festejos e férias não seria precisamente a melhor maneira de o fazer? O consulado de Cneu Pompeu Magno viveria na memória do povo como um tempo de prosperidade, alegria, felicidade — tinham-se acabado as guerras, as fomes, as lutas intestinas. E embora a vaidade lhe maculasse as intenções, a verdade é que estas eram sinceras. O povo miúdo — aqueles que não eram importantes e que, por isso, não

tinham sofrido os efeitos das proscrições — recordava com nostalgia o tempo em que Sila fora Ditador; porém, depois do consulado de Cneu Pompeu Magno, o reinado de Sila apagar-se-ia nas memórias dos homens.

No início de Quinctilis, Roma começou a encher-se de gente do campo — a maior parte à procura de alojamentos até meados de Setembro. Quanto aos habitantes de Roma, não foram muitos os que deixaram a cidade para passarem umas férias na praia — nem mesmo entre as classes altas. Consciente de que, com as festas, cresceriam o crime e as doenças, Pompeu consagrou alguns dos seus magníficos talentos organizativos ao combate ao crime e à eventual propagação de doenças. Assim, contratou antigos gladiadores para policiarem todos os becos e ruelas da cidade, ordenou ao Colégio dos Lictores que apertasse a vigilância aos vigaristas que freqüentavam o Fórum Romano e outros locais importantes, mandou alargar as termas do Trigário e encheu as paredes com avisos sobre os locais onde havia água potável, sobre a necessidade de urinar e defecar apenas nas latrinas públicas, sobre a necessidade de lavar sempre as mãos e de evitar os alimentos estragados ou deficientes.

Temendo que a gente do campo não entendesse plenamente o que havia de extraordinário na sua eleição como cônsul sénior de Roma (pois fora eleito ainda cavaleiro e só se tornara senador depois da tomada de posse no dia de Ano Novo), Pompeu resolvera usar o desfile do Cavalo Público para reforçar esse facto. Nesse sentido, ordenou aos censores Clodiano e Gélio, seus homens de mão, que fizessem reviver o transvectio (assim era chamado o desfile), e reviver era a palavra exacta, pois não havia tais cortejos desde os tempos de Caio Graco. Mas Cneu Pompeu Magno queria fazer uma tal exibição com o seu Cavalo Público que não poderia dispensar a realização do transvectio.

Tudo começou aos primeiros alvores da manhã, nos Idos de Quinétilis, onde os mil e oitocentos detentores do Cavalo Público fizeram as suas oferendas a Marte Invicto, cujo templo ficava no perímetro do Circo Flamínio (dentro do Campo de Marte). Feitas as oferendas, os cavaleiros montaram os seus Cavalos Públicos e seguiram em solene procissão, centúria após centúria, atravessando a porta que dava para os mercados de legumes, avançando depois ao longo do Velabro até à Vicus lugarius e daí para o baixo Fórum Romano. Aí chegados, subiram o Fórum até um lugar onde, numa tribuna especialmente erigida em frente do templo de Castor e

Pólux, se encontravam os censores, os quais tinham a missão de passar em revista cavaleiros e cavalos. Ao aproximar-se da tribuna, cada homem devia descer da sela e conduzir o Cavalo Público até aos censores, que procediam então a uma inspecção minuciosa. Se o cavaleiro ou o cavalo não cumprissem os antigos preceitos da ordem dos cavaleiros, os censores podiam retirar ao cavaleiro o
Cavalo Público e afastá-lo das dezoito centúrias originais. Isso acontecera já, em tempos; Catão, o Censor, ficara famoso pela sua inflexibilidade nas inspecções.
Mas o transvectio era de tal forma uma novidade que a maior parte do povo de Roma tratou de aglomerar-se no Fórum Romano para assistir à cerimónia; no entanto, muitos tiveram de contentar-se com a passagem do desfile entre o Circo Flamínio e o Fórum. Todos os locais de onde se podia ver melhor a cerimónia estavam a abarrotar de gente — telhados, plintos, pórticos, escadarias, colinas, penhascos, árvores. Vendedores de petiscos, leques, guarda-sóis e bebidas lutavam com denodo para abrir caminho por entre a multidão e para vender os seus produtos, apregoando em altos berros, batendo nas cabeças das pessoas com os cantos das suas arcas, retribuindo implacavelmente todos os insultos de que eram alvo, e cada um deles trazia consigo um escravo que deveria estar sempre muito atento, pois era sua função reabastecer a arca de produtos e impedir que algum indivíduo furtasse sub-repticiamente os artigos ou o dinheiro. Do alto dos telhados ou varandas havia crianças de tenra idade que urinavam para cima dos que passavam, por todo o lado bebês berravam, miúdos mais crescidos metiam-se afoitos entre aquela chusma de gente e não paravam de correr de um lado para o outro todo o dia, as túnicas enchiam-se de manchas de molhos salgados e cremes doces, aqui e ali rebentavam rixas, os mais susceptíveis desmaiavam ou vomitavam, e toda a gente comia sem parar. Uma típica festa romana.
Os cavaleiros tinham-se distribuído por dezoito grupos (cada um dos quais correspondente a uma centúria), todos eles precedidos pelos seus antiquíssimos emblemas — o lobo, o urso, o rato, um pássaro, o leão, e assim por diante. Em certas ruas mais estreitas, não podiam seguir mais de quatro cavaleiros lado a lado, o que implicava que cada centúria ficasse com vinte e cinco filas e que o desfile se estendesse por um quilômetro e meio, aproximadamente. Todos os homens traziam armaduras, algumas das quais muito antigas e, por isso mesmo, de bizarro aspecto; outros (como Pompeu, cuja família se tinha integrado

tardiamente nas dezoito centúrias originais e não possuía nenhuma armadura antiga que pudesse fazer passar por etrusca ou latina) envergavam magnificentes armaduras de ouro e prata. Mas não havia nada que igualasse os Cavalos Públicos, cada um deles um exemplar magnífico da rosea rura, e a maior parte brancos ou malhados. Vinham engalanados com todos os adornos e jóias imagináveis, desde selas ornadas e freios de couro tingido às mais fabulosas mantas e às cores mais brilhantes. Alguns haviam sido treinados e executavam belos passos, outros tinham crinas e caudas entrançadas a ouro e prata.

Aquela era de facto uma belíssima encenação e toda ela executada no sentido de fazer brilhar Pompeu, Por muito rápidos que fossem os censores, era manifestamente impossível examinar todos aqueles homens e cavalos; o desfile teria demorado trinta horas, debaixo de um sol quente, a passar perante a tribuna. Mas a centúria de Pompeu fora colocada num dos primeiros lugares e, por isso, quando chegou a sua vez, ainda os censores cumpriam solenemente as normas do ritual, perguntando a cada um dos homens o nome, a tribo, o nome do pai, se tinha feito dez campanhas ou servido durante seis anos, após o que a sua posição financeira (previamente determinada) era aprovada; só depois, o cavaleiro podia conduzir o seu cavalo para a obscuridade de onde tinha saído.

Quando a primeira fila da quarta centúria desmontou, Pompeu encontrava-se entre os primeiros; fez-se silêncio no Fórum, ainda que por iniciativa dos agentes de Pompeu. com a armadura de ouro brilhando ao sol, a púrpura do cargo de cônsul flutuando-lhe dos ombros, de mistura com o escarlate correspondente às funções de general, Pompeu conduziu o seu corpulento cavalo branco, envergando couro escarlate e phalerae de ouro, até à tribuna; se o cavalo cintilava, não menos cintilava o cavaleiro, generosamente ataviado de medalhões e braceletes e com o capacete ático encimado por uma profusão de penachos escarlates.

— Nome? — perguntou Clodiano, que era agora o censor sénior.

— Cneu Pompeu Magno! — gritou Pompeu.

— Tribo?

— Clustumina!

— Pai?

— Cneu Pompeu Estrabão, cônsul!

— Fizeste as dez campanhas ou serviste durante seis anos?

— Sim! — berrou Pompeu o mais que podia. — Duas na Guerra Italiana, uma defendendo a cidade durante o Cerco de Roma, duas com Lúcio Cornélio Sila em Itália, uma na Sicília, uma em África,
um na Numídia, uma defendendo Roma de Lépido e Bruto, seis em Espanha, e uma contra os espartacanos! Ao todo, dezasseis campanhas! E todas aquelas em que não participei como cadete, foram por mim comandadas!
A multidão ficou frenética; gritava, saudava, aplaudia, batia com os pés, agitava os braços; ondas e ondas de aplausos e vivas deixaram censores e cavaleiros completamente surdos; alguns cavalos reagiram mal, afocinharam e deitaram por terra os cavaleiros.
Quando a infernal barulheira finalmente se esbateu — o que ainda demorou algum tempo, pois Pompeu tinha-se encaminhado entretanto para o centro do espaço em frente do templo de Castor, onde retribuiu os aplausos da multidão — os censores acabaram com as suas ladainhas rituais e sentaram-se como reis, limitando-se a aquiescer à medida que as dezasseis centúrias que vinham atrás de Pompeu passavam a trote.
— Um espectáculo magnífico! — rosnou Crasso, cujo Cavalo Público era propriedade do seu filho mais velho, Públio, agora com vinte anos. Ele e César tinham seguido o desfile da varanda da casa de Crasso, a antiga casa de Marco Lívio Druso, que tinha uma vista soberba para o baixo Fórum. — Mas que farsa!
— Uma farsa muito bem encenada, Crasso! Muito bem encenada! Tens de concordar que não faltam a Pompeu nem imaginação nem capacidade de atrair multidões. Os jogos dele ainda serão melhores.
— Dezasseis campanhas! E diz ele que comandou todas aquelas em que não participou como cadete! Mas que comandante! Numa delas, foi comandante por oito dias, depois de o pai ter morrido, no Cerco de Roma — e a única coisa que fez foi levar o exército do pai de volta para o Piceno! Em Itália, foi Sila quem comandou, Sila e Metelo Pio! E Catulo foi o general contra Lépido e Bruto. E que me dizes da última campanha, a pretensa campanha contra os espartacanos? Por todos os deuses, César, se interpretássemos as nossas carreiras tão levianamente como ele, éramos todos generais!
— Consola-te com o facto de que Catulo e Metelo Pio devem estar a dizer exactamente o mesmo que tu — retorquiu César, que também se sentia indignado com o comportamento de

Pompeu. — Mas que se há-de fazer? Pompeu não passa de um campónio novo-rico!

— Só espero que o plano dos cereais grátis resulte!

— Vai resultar, Marco Crasso, prometo-te que vai.

Pompeu seguiu exultante para a sua casa das Carinas, mas a euforia durou pouco. Na manhã seguinte, os arautos de Crasso começaram a proclamar a notícia de que, na festa de Hércules Invicto, Marco Licínio Crasso, cônsul, consagraria um décimo da sua riqueza àquele deus, e que haveria um banquete público servido em dez mil mesas, e que a maior parte da doação seria usada para dar a todos os cidadãos romanos cinco modii de trigo, inteiramente grátis, durante os meses de Setembro, Outubro e Novembro.

— Que atrevimento! — disse Pompeu, estupefacto, a Filipe, que fora dar-lhe os parabéns pelo excelente espectáculo do dia anterior, embora também quisesse ver como ia reagir o Grande Homem àquela novidade.

— É uma atitude muito inteligente — comentou Filipe. — Especialmente porque os Romanos são muito rápidos a fazer contas. Os jogos são algo de confuso e distante para o povo. O que não acontece com a comida, evidentemente. O povo sabe o preço de tudo, desde a mais requintada iguaria a uma vulgar petinga salgada. E perguntam sempre os preços, mesmo quando não têm dinheiro sequer para a petinga salgada. É a curiosidade humana. E também vão saber quanto é que Crasso pagou pelo trigo e quantos modii teve de comprar. Multidões e multidões de Romanos estão a esta hora a fazer as suas contas.

- O que tu estás a querer dizer é que os cidadãos de Roma vão concluir que Crasso gastou mais dinheiro com eles do que eu! — disse Pompeu, com um brilho vermelho nos olhos azuis.

— Receio bem que sim.

— Nesse caso,vou ter de dizer aos meus agentes que comecem a espalhar boatos sobre o custo dos meus jogos. — Pompeu olhou para Filipe com um ar inquisitivo. — Quanto é que Crasso vai gastar? Tens alguma ideia?

— À volta de mil talentos.

— Crasso? Mil talentos?

— Pelo menos.

— Mas se ele é um avarento de primeira...!

— Deixou de ser este ano, Magno. É evidente que a tua generosidade e o êxito dos teus espectáculos acicataram o touro. Aí o tens, investindo com toda a sua força!

— Que posso fazer?

— Muito pouco, excepto organizar uns jogos realmente magníficos.

— Filipe, tu estás a esconder-me qualquer coisa...!

A papada sob o queixo tremeu, os olhos escuros agitaram-se. Mas Filipe conformou-se. Encolheu os ombros, suspirou, respondeu:

— Pois bem, é melhor ser eu a dizer-te do que algum dos teus inimigos. Os cereais grátis é que vão dar a vitória a Crasso.

— O quê?! Porquê? Porque vai encher barrigas vazias? Ora! Este ano não há barrigas vazias em Roma!

— Crasso vai distribuir cinco modü por todos os cidadãos romanos vivendo em Roma, durante os meses de Setembro, Outubro e Novembro. Faz as contas, Magno! Isso dá um pão de meio quilo por dia durante noventa dias. E a grande maioria desses noventa dias virá depois, muito depois, das tuas diversões. Nessa altura, já toda a gente terá esquecido a tua pessoa e os teus jogos. Ao passo que, até ao fim de Novembro, todas as bocas romanas agradecerão a Marco Licínio Crasso o pão que estão a comer. Nestas condições, como pode ele perder, Magno?

Já há muito tempo que Pompeu não tinha um acesso de fúria, mas aquele que Lúcio Márcio Filipe presenciou foi, certamente, o mais violento de todos. O cabelo saía-lhe aos novelos, tal era a força com que o puxava, as faces e o pescoço encheram-se rapidamente de arranhões profundos, o corpo cobriu-se de equimoses, tal era a violência com que se atirava contra as paredes ou esperneava no chão. As lágrimas corriam em enxurrada, as mãos reduziam a cacos objectos de arte e destruíam móveis, os berros ameaçavam trespassar o telhado. Múcia Tércia correu a ver o que sucedera mas com tanta pressa veio como logo desapareceu. Os criados seguiram-lhe o exemplo. Mas Filipe, fascinado, deixou-se ficar a apreciar a cena, sozinho, até que Varrão apareceu.

— Por Júpiter! — murmurou Varrão.

— Espantoso, não é? — perguntou Filipe. — Agora já está muito mais calmo. Devias tê-lo visto uns minutos antes. Uma coisa medonha!

— Eu já o vi assim — disse Varrão, contornando Pompeu, que estava deitado de braços

no chão de ladrilhos de mármore brancos e pretos, e abeirando-se do divã de Filipe. — Foi por causa das notícias sobre Crasso, evidentemente.

— Claro. Quando é que o viste assim?

— Quando não conseguiu fazer passar os elefantes pela porta triunfal — disse Varrão, com uma voz muito sumida, não fosse Pompeu ouvir; pela experiência que tinha, concluíra que era impossível saber qual era a parte de encenação ou de verdade nos acessos de fúria de Pompeu. — E também quando Caninas escapou ao seu cerco em Espolétio. Não suporta uma derrota.

— O touro investiu com os dois cornos — disse Filipe, com um ar pensativo.

— O touro — disse Varrão, com um ar mordaz — agora tem mais um corno. E segundo os boatos espalhados por certas mulheres, o terceiro corno é o maior de todos!

— Ah! E, pelos vistos, também tem um nome!

— Caio Júlio César.

Pompeu sentou-se imediatamente no chão de mármore, as roupas reduzidas a farrapos, o crânio e o rosto sangrando.

— Eu sei muito bem o que estavas a pensar, Varrão! — disse ele, respondendo à análise que Varrão não se atrevera a fazer em voz alta. — E César? Que se passa com César?

— Foi César quem planeou a campanha de Crasso — retorquiu Varrão.

— Quem te disse isso? — perguntou Pompeu, erguendo-se agilmente e aceitando o lenço de Filipe.

— Palicano.

— Palicano deve saber, sempre foi um homem de César — disse Filipe, estremecendo só de ver Pompeu assoar-se ruidosamente.

— César é muito amigo de Crasso — disse Pompeu, com uma voz indistinta; acabou de limpar o nariz e atirou o lenço a Filipe que, indignado, o apanhou. — Foi ele que conduziu as negociações em nome de Crasso, o ano passado. E foi ele quem sugeriu que restaurássemos o tribunado da plebe. — Isto foi dito com um olhar furibundo em intenção de Filipe, o qual se esquecera de tal sugestão.

— Tenho imenso respeito pelas capacidades de César — disse Varrão.

— Tal como Crasso. Tal como eu — disse Pompeu, com o mesmo ar furibundo. —

bom, pelo menos fico a saber para que lado vai a lealdade de César!

— César só é leal a si mesmo, Magno — disse Filipe. — Nunca te esqueças disso. Mas, se adoptares uma atitude inteligente, conseguirás atrair e seduzir César, apesar de todos os laços que o possam unir a Crasso. Pode ser que venhas a precisar dele, especialmente depois da minha morte — que não deve tardar muito. Estou demasiado gordo para chegar aos setenta. Lúculo tem medo de César, sabes isso muito bem! E meter medo a Lúculo não é proeza para qualquer um. Só me lembro de um homem de quem Lúculo tinha medo. Sila. Experimenta reparar bem em César. Verás nele outro Sila. Isso mesmo: outro Sila!

— Se achas que devo atrair e seduzir César, como tu dizes, então está descansado: é isso que farei — disse Pompeu, com um ar magnânimo. — Mas não esquecerei tão cedo que foi ele que estragou o meu consulado!

Após os jogos de Pompeu (um grande êxito, basicamente porque os gostos do cônsul sénior em teatro e circo eram idênticos aos do homem da rua) e antes dos ludi Romani, chegaram as Calendas de Setembro e, nas Calendas de Setembro, o Senado realizava sempre uma reunião. Era uma sessão importante e a sessão daquele ano mantinha a tradição; foi nela que Lúcio Aurélio Cota revelou as suas conclusões.

— Considero terminada a missão de que o Senado me incumbiu no início deste ano — disse Lúcio Cota da tribuna curul. — Espero que aprovem a forma como conduzi os trabalhos. Antes de entrar em pormenores, farei um breve esboço das minhas conclusões, que gostaria que recomendassem para promulgação.

Lúcio Cota não tinha nenhum papel na mão e o seu funcionário também não parecia ter trazido documentos. Como o dia estava extremamente quente (pelas estações, estava-se a meio do Verão), o Senado suspirou de alívio; pelos vistos, a reunião não ia demorar muito. O que não admirava, pois Lúcio Cota não era pessoa dada a circunlóquios; dos três Cotas ele era, aliás, o mais brilhante e também o mais jovem.

— Para falar com toda a franqueza, colegas senadores — disse Lúcio Cota com a sua voz clara e bem colocada —, não fiquei bem impressionado com os antecedentes dos senadores ou dos cavaleiros, no que toca ao cumprimento dos deveres dos jurados. Quando um júri é inteiramente formado por senadores, favorece aqueles que pertencem à sua ordem. E quando um

júri é formado por cavaleiros
que possuem o Cavalo Público, é a ordem dos cavaleiros que sai favorecida. Estes dois tipos de júris mostraram sempre uma clara propensão para aceitar subornos, basicamente, ao que creio, porque estão ligados a uma ou outra ordem — ou seja, ou são senadores ou são cavaleiros.
”O que proponho — disse — é que dividamos os deveres dos júris de uma forma inteiramente nova e muito mais equitativa. Caio Graco tirou os júris ao Senado e entregou-os às dezoito centúrias da Primeira Classe que possuíam um Cavalo Público e um censo de pelo menos quatrocentos mil sestércios de rendimentos anuais. Ora não há dúvida de que, com poucas excepções, todos os senadores vêm de uma família pertencente às dezoito centúrias e situada no topo da Primeira Classe. O que eu quero dizer é que Caio Graco não foi suficientemente longe. Proponho, portanto, que os júris passem a ser entidades tripartidas, isto é, que sejam formados por um terço de senadores, um terço de cavaleiros do Cavalo Público e um terço de tribuni aerarii — os cavaleiros que integram o grosso da Primeira Classe e têm um censo de pelo menos trezentos mil sestércios de rendimentos anuais.”
Começou a ouvir-se um murmúrio, mas nada havia nele que denunciasse indignação; os rostos que se viravam como flores para o sol de Lúcio Cota exibiam expressões surpresas e pensativas.
Lúcio Cota tornou o seu discurso mais persuasivo.
— Parece-me — disse — que nós, membros do Senado, fomos atacados de nostalgia durante o período que transcorreu desde Caio Graco até à ditadura de Lúcio Cornélio Sila. Evocávamos nostalgicamente o privilégio de pertencer a um júri e não tínhamos uma ideia precisa das realidades inerentes aos deveres dos júris. Trezentos senadores eram então nomeados para os júris, contra mil e quinhentos cavaleiros do Cavalo Público. Então, Sila devolveu-nos por completo os júris e, apesar de ter alargado o Senado para solucionar os problemas que isso levantava, depressa nos apercebemos de que todos nós acabaríamos por ficar perpetuamente ligados a este ou àquele júri. Porque, como é evidente, os tribunais actuais ampliaram consideravelmente os deveres dos júris. Os julgamentos eram muito menos numerosos quando eram as Assembleias que tinham o dever de os abrigar. Creio que Sila pensou que o facto de cada júri passar a ser mais pequeno, tornando-se o Senado maior, obstaria a que os membros dos júris estivessem perpetuamente em funções. No entanto, a

verdade é que Sila subestimou o problema.

”Iniciei o meu inquérito convencido unicamente desse facto — do facto de que o Senado, mesmo depois de alargado, não possui um número suficiente de elementos para abastecer todos os júris de todos os julgamentos. E no entanto, Pais Conscritos, sentia-me relutante em devolver os tribunais aos cavaleiros das dezoito centúrias. Fazer isso, parecia-me, significava uma dupla traição: uma traição à minha ordem senatorial e uma traição ao sistema de justiça, verdadeiramente excelente, que Sila nos legou.”

Toda a gente o escutava agora com a maior atenção, com uma atenção absolutamente invulgar: de facto, o que Lúcio Cota estava a dizer fazia todo o sentido!

— De início, portanto, pensei em dividir os júris equitativamente entre o Senado e as dezoito centúrias séniores. Cada júri seria assim formado por cinqüenta por cento de senadores e cinqüenta por cento de cavaleiros. No entanto, após alguns cálculos, verifiquei que os senadores continuariam a ter de assumir uma pesada carga.

com uma expressão muito séria, os olhos muito brilhantes, os braços estendidos, Lúcio Cota mudou ligeiramente de rumo.

— Se um homem tem de julgar outro homem — disse ele, serenamente —, seja qual for o seu estatuto ou posição, terá de mostrar disponibilidade, interesse, abertura. Ora isso não é possível quando um homem tem de participar em demasiados júris. Esse homem fica necessariamente exausto, e torna-se céptico e desinteressado — e mais propenso a aceitar subornos. E, muito provavelmente, o que ele pensa é isto: que outra compensação terei eu, como membro de um júri, a não ser o dinheiro do suborno? O Estado não paga aos seus jurados. Portanto, o Estado não deveria ter o direito de roubar a esses homens parcelas muito largas do seu tempo.

Ouviram-se murmúrios de aprovação; o Senado estava a gostar do rumo que Lúcio Cota estava a dar ao seu discurso.

— Estou consciente de que muitos de vós tinham ideias idênticas às minhas, ou seja, que os deveres dos jurados deveriam ser distribuídos por um corpo mais vasto que o Senado. Claro que sei que, em tempos, durante um curto período, os júris foram divididos entre as duas ordens. Porém, como já disse, nenhuma das soluções até agora encontradas foi suficientemente longe. Se há mil e oitocentos

homens que não pertencem ao Senado nas dezoito centúrias séniores, então o número de cavaleiros é bastante vasto e, por isso, não será difícil encontrar cavaleiros para formar os júris.

Lúcio Cota fez uma pausa, satisfeito com o que os seus olhos viam. Resolveu então avançar sem mais delongas.

— Um homem da Primeira Classe, colegas senadores, é isso e apenas isso. Um homem da Primeira Classe. Um cidadão proeminente, com um rendimento não inferior a trezentos mil sestércios por ano. No entanto, porque Roma existe já há muito tempo, há instituições que não mudaram ou que continuaram na mesma ainda que com novos elementos ou funções. É o caso da Primeira Classe. No princípio de tudo, tínhamos apenas as dezoito centúrias séniores. Porém, como nos agarrámos obstinadamente ao princípio de que cada centúria deveria ter apenas cem homens, tivemos de expandir a Primeira Classe, criando mais centúrias. Quando chegámos a um total de setenta e três centúrias, decidimos expandir a Primeira Classe de uma forma diferente — não através da criação de mais centúrias, mas sim aumentando o número de elementos de cada centúria para além do velho total de cem. Por isso, acabámos por ter uma Primeira Classe que parece muito pouco ”primeira”! Mil e oitocentos homens das dezoito centúrias séniores e muitos milhares de homens das restantes setenta e três centúrias!

”Por isso, perguntei eu para mim mesmo, porque não haveremos nós de alargar o cumprimento dos deveres públicos a esses muitos milhares de homens da Primeira Classe que não são suficientemente séniores no que respeita à família ou ao nome para pertencerem às dezoito Centúrias do Cavalo Público? Se esses homens, pertencentes às centúrias júniores, formassem um terço dos júris, a carga distribuída por todos os jurados seria extremamente leve. E, ao mesmo tempo, isso constituiria um grande incentivo para o vasto corpo de cavaleiros júniores a que chamamos os tribuni aerarii. Os dezassete senadores têm todo o peso da sua experiência, dos seus conhecimentos das leis e de uma longa ligação aos deveres dos júris. Os dezassete cavaleiros do Cavalo Público possuem o peso de pertencerem a famílias distintas e de possuírem grandes riquezas. E os dezassete tribuni aerarii têm o peso da frescura e da disponibilidade, de viverem uma experiência nova e diferente, a experiência de serem cidadãos romanos da Primeira Classe, e de possuírem pelo menos uma riqueza considerável.”

Lúcio Cota estendeu de novo os braços; deixou, porém, cair o braço direito e, com o esquerdo, apontou na direcção das maciças portas de bronze da Cúria Hostília.

— Esta é a minha solução, Pais Conscritos! Um júri tripartido, com um número igual de homens das três ordens da Primeira Classe. Se me concederem um senatus consultum, elaborarei o meu projecto da forma mais adequada do ponto de vista legal e apresentá-lo-ei à Assembleia do Povo.

Era Pompeu quem detinha os fasces durante o mês de Setembro. Estava por isso sentado na sua cadeira curul na frente da tribuna. Atrás dele, havia uma cadeira vazia — a cadeira de Crasso.

— Que pensa o cônsul sénior eleito para o próximo ano? — perguntou Pompeu a Hortênsio.

— O cônsul sénior eleito para o próximo ano gostaria de elogiar Lúcio Cota pelo seu magnífico trabalho — disse Hortênsio. — Falando na minha dupla qualidade de magistrado curul eleito e de advogado, só posso aplaudir esta solução particularmente sensata para um problema tão complicado.

— E o cônsul júnior eleito para o próximo ano? — perguntou Pompeu.

— Estou plenamente de acordo com o meu colega sénior — retorquiu Metelo Cabrito, que não tinha qualquer razão para se opor, agora que o julgamento de Caio Verres pertencia ao passado e que o próprio Verres tinha desaparecido.

E esta mesma opinião foi expressa por todos aqueles que Pompeu interrogou; ninguém encontrava qualquer deficiência no projecto de Cota. Evidentemente que havia alguns que se sentiam tentados a apontar deficiências; no entanto, se o fizessem, sairiam prejudicados, pois todos tinham sido jurados e haviam permitido deficiências muito mais graves — e por isso recuaram, e calaram-se muito bem calados.

— É de facto magnífico! — disse Cícero para César, quando se encontraram no meio da multidão, à saída do Senado. — Tanto eu como tu gostamos de trabalhar com júris honestos. Lúcio Cota foi muito esperto! É que, assim, para subornarem um júri, terão de subornar dois segmentos dele, o que sairá muito mais caro! Além disso, aquilo que um segmento aceitar, os outros dois sentir-se-ão inclinados a recusar! Prevejo, meu caro César, que haverá muito menos casos de subornos, ainda que não desapareçam por completo. Os tribuni aerarii comportar-se-ão decentemente a fim de justificarem a sua incorporação. Farão disso um ponto de honra. Sim, não há dúvida que Lúcio Cota tomou uma decisão muito inteligente !

César teve o maior prazer em contar este tipo de reacções ao tio, à hora do jantar, no seu próprio triclinium. Aurélia e Cinila não estavam presentes; Cinila estava no quarto mês de gravidez e sofria de problemas de estômago quase constantes e Aurélia cuidava da pequena Júlia, que também tinha problemas de saúde, ainda que menores. Daí que os dois homens estivessem sozinhos, o que não desagradava a nenhum deles, bem pelo contrário.

— Admito que a questão dos subornos me ocorreu — disse Lúcio Cota, sorridente. — Mas se queria que a medida fosse aprovada, não podia ser tão directo no Senado.

— Claro. No entanto, a maior parte dos senadores percebeu. E para mim e para Cícero, é uma medida magnífica. Por outro lado, é muito possível que, em privado, Hortênsio a deplore. Para além dos subornos, o que a tua medida tem de melhor é que preserva os tribunais de Sila, que eu considero como o maior passo em frente da justiça romana desde que foram instituídos os julgamentos e os júris.

— Mas que belo elogio, César! — disse Lúcio Cota, radiante. No entanto, o sorriso durou pouco. Lúcio Cota pôs a sua taça na mesa e olhou para César com um ar preocupado. — Tu és amigo de Marco Crasso, César, tens a confiança dele. Por isso, talvez possas minorar os meus receios. A muitos níveis, este tem sido um ano tranqüilo — não há guerras no horizonte que não possamos ganhar confortavelmente, o Tesouro já há muito tempo que não estava tão bem, um censo adequado está a ser feito junto de todos os cidadãos romanos de Itália, as colheitas em Itália e nas províncias são boas, e regista-se umbom equilíbrio entre o velho e o novo na governação. Se pusermos de lado a inconstitucionalidade do consulado de Magno, é evidente que só podemos concluir que este tem sido umbom ano. Enquanto caminhava pelas ruas de Subura, fiquei com a impressão de que o povo miúdo de Roma — aqueles homens que dificilmente conseguirão chegar a eleitores durante a sua vida e que consideram que a distribuição grátis de cereais constitui um contributo sincero para aumentarem os seus parcos rendimentos — não se sentia tão feliz há pelo menos uma geração. Concordo que não são eles que sofrem quando as cabeças rolam e as sarjetas do Fórum se enchem de sangue, mas a verdade é que também eles acabam por ser contaminados por esse tipo de acontecimentos.

Lúcio Cota fez uma pausa para beber umbom gole de vinho.

— Creio que sei o que vais dizer, tio, mas de qualquer forma di-lo — interveio César.

— Este tem sido um Verão magnífico, especialmente para os pobres. Uma série de festas e banquetes, comida bastante para encher as barrigas e levar para casa, para os restantes membros da família, caçadas aos leões, elefantes que fazem habilidades, corridas de quadrigas em abundância, todo o tipo de farsas e mimos habituais nos palcos romanos — e trigo grátis! O desfile dos Cavalos Públicos. Eleições pacíficas, finalmente realizadas dentro dos prazos previstos. Até mesmo um julgamento sensacional em que o vilão teve o que merecia e Hortênsio apanhou uma boa bofetada. As termas do Trigário foram limpas. As doenças atacaram muito menos do que se esperava e, quanto à paralisia de Verão, nem sinal. No que toca a crimes e vigarices, baixaram imenso! — Lúcio Cota sorriu. — Quer eles mereçam, quer não, a verdade é que os créditos e os elogios têm ido quase todos para os cônsules. O povo adora-os, ainda que essa adoração assente em fantasias. Mas tu e eu, como é evidente, sabemos o que está para lá das aparências. Embora não possamos negar que eles têm sido excelentes cônsules — legislaram apenas para salvarem as suas cabeças e, quanto ao resto, remeteram-se para um plano secundário. E no entanto, os boatos não param de crescer, César. Boatos segundo os quais as coisas não vão bem entre Pompeu e Crasso. De que não falam um com o outro. De que quando um é obrigado a ir a determinado sítio, o outro não vai. E eu estou preocupado, porque acredito que esses boatos são verdadeiros — e porque acredito que nós, os membros da classe superior, devemos dar ao povo miúdo pelo menos um ano em que tudo corra bem.

— Sim, os boatos são verdadeiros — disse César, com um ar grave.

— Porquê?

— Sobretudo porque Marco Crasso eclipsou Pompeu e Pompeu não suporta isso.

Pompeu pensou que, entre a sua farsa dos Cavalos Públicos e os Jogos da Vitória, seria o herói de toda a gente. Até que Crasso resolveu distribuir cereais grátis durante três meses.

Demonstrando assim que Pompeu não era o único homem em Roma com uma fortuna infinita.

Foi por isso que Pompeu retaliou, afastando Crasso da sua vida, consular e privada. Por exemplo: Pompeu deveria ter informado Crasso de que havia uma reunião do Senado. Claro que toda a gente sabe que há sempre uma reunião do Senado nas Calendas de Setembro. Mas o cônsul sénior é que tem de convocá-la e, ao mesmo tempo, é obrigado a notificar o cônsul júnior e todos os outros elementos abaixo dele.

— Ele notificou-me — disse Lúcio Cota.

— Notificou toda a gente excepto Crasso. E Crasso interpretou isso como um insulto.

Por isso, não foi à reunião. Tentei convencê-lo, mas sem qualquer resultado.

— Oh, cacau — exclamou Lúcio Cota, caindo desanimado sobre o seu divã. — Esses dois vão arruinar um ano que, de outro modo, teria sido brilhante!

— Não, não vão — disse César. — Eu não osvou deixar. Mas se conseguir a paz entre os dois, essa paz não durará muito tempo. Por isso,vou esperar até ao fim do ano e integrar alguns Cotas nos meus planos. Até ao final do ano, teremos de forçá-los a encenar uma espécie de reconciliação pública, uma encenação capaz de pôr toda a gente a chorar. Dessa forma, no último dia do ano, teríamos um final grandioso, com toda a gente a cantar a plenos pulmões: Plaufe ficaria encantado com uma tal comédia!

— Sabes — disse Lúcio Cota, com um ar pensativo, endireitando-se —, quando tu eras pequeno, defini-te como alguém a quem Arquimedes teria chamado ”uma força motriz”, enfim, como aqueles homens que podem dizer: ”Dêem-me um lugar de relevo e eu mudarei o inundo inteiro!”. Era assim mesmo que eu te via e por isso lamentei que tivesses sido nomeado flamen Dialis. Quando conseguiste libertar-te desse cargo, voltei a dar-te o lugar que te tinha atribuído. Mas as coisas não se passaram como eu tinha previsto. É que tu procedes segundo esquemas muito complicados! Sendo ainda um jovem, és já muito conhecido, e a muitos níveis, desde o Senado a Subura. Mas não como uma ”força motriz”. Mais ao jeito de um primeiro-ministro de uma corte oriental: gostas de ser a mente que está por detrás de todos os acontecimentos, mas permites aos outros que desfrutem a glória. — E, abanando a cabeça, concluiu: — Acho isso tão estranho em ti!

César escutara as palavras do tio com um ar muito sério e duas manchas de rubor nas faces, o que nele era raríssimo.

— Não te enganaste a meu respeito, tio — disse ele. — Mas creio que o meu flaminato foi a melhor coisa que me podia ter acontecido, dado que consegui libertar-me dele. Essa experiência ensinou-me a ser subtil e ao mesmo tempo poderoso, ensinou-me a ocultar a minha importância sempre que a sua exibição pudesse afectá-la, ensinou-me que o tempo é um aliado mais valioso do que o dinheiro ou os conselheiros, ensinou-me a ter paciência, coisa em que a minha mãe nunca acreditou — ensinou-me que nada se perde! Ainda estou a aprender, tio.

Espero que nunca pare de aprender! E Lúculo ensinou-me que eu podia continuar a aprender, desenvolvendo as minhas ideias e lançando-as por intermédio de outros homens. Eu limito-me a ficar nos bastidores e a ver o que acontece. Mas sossega, tio. A hora em que eu me hei-de tornar a maior de todas as forças motrizes acabará por chegar. Quando tiver idade para isso, serei cônsul. Mas o cargo de cônsul será, para mim, apenas um começo.

Novembro foi um mês cruel, apesar de o tempo estar tão agradável que parecia Primavera. A tia de César, Júlia, adoeceu subitamente, apresentando queixas obscuras que nenhum dos físicos de Roma, incluindo Lúcio Túcio, conseguia diagnosticar. A única certeza que havia era que se tratava de uma síndrome de perda — perda de peso, de ânimo, de energia, de interesse.

— Julgo que está cansada, César — disse Aurélia.

— Mas não cansada de viver, certamente! — exclamou César, que não conseguia suportar a ideia de um mundo sem a tia Júlia.

— Sobretudo cansada de viver — retorquiu Aurélia.

— Mas ela tem tantos motivos para se agarrar à vida!

— Não, César, não tem. O marido e o filho morreram e Júlia não tem nada que a prenda à vida. Já te tinha dito isto. — E, prodígio dos prodígios, os belos olhos cor de púrpura encheram-se de lágrimas. — Em parte, compreendo-a. O meu marido também morreu. Se tu morresses, César, seria o meu fim. Deixaria de ter razões para viver.

— Seria uma grande dor, por certo, mas não o fim, Mater — disse César, incapaz de acreditar que podia significar tanto para a mãe. — Tens netos, tens duas filhas.

— É verdade. Júlia nem isso tem. — Aurélia limpou as lágrimas e acrescentou: — Mas a vida de uma mulher está nos homens dessa mulher, César, e não nas mulheres que ela gerou, nem nos filhos delas. Não há mulher nenhuma que aprecie verdadeiramente a sua sorte, o seu destino ingrato e obscuro. São os homens que fazem andar o mundo, que controlam o mundo, não as mulheres. Por isso, uma mulher, se é inteligente, vive a sua vida através dos seus homens.

César sentiu a mãe fragilizada e atacou.

— Mãe, o que significou Sila para ti? E, fragilizada, Aurélia respondeu-lhe.

— Sila significou excitação e interesse. Sila gostava de mim de uma maneira completamente diferente do teu pai, embora eu nunca tivesse sentido o mínimo desejo de casar

com ele. Ou de ser sua amante, já agora. O teu pai foi o meu companheiro, a cem por cento. Sila foi o meu sonho. Não por causa da grandeza da sua personalidade, mas sim por causa da agonia em que ele vivia. Entre os seus pares, não tinha amigos. Os únicos amigos de Sila eram o actor grego que o acompanhou quando ele se retirou e eu, uma mulher. — De repente, Aurélia parecia ter recuperado a sua força habitual. — Mas já chega de conversas sobre este assunto! Acompanha-me a casa de Júlia.

A tia de César parecia uma sombra de si mesma. Mas animou-se um pouco quando viu César, o qual compreendia agora melhor o que a mãe lhe dissera: uma mulher, se é inteligente, vive através dos homens da sua vida. Estaria isso certo?, perguntou-se. Não deveriam as mulheres ter mais poder? Mas depois imaginou o Fórum Romano e a Cúria Hostília equitativamente ocupados por homens e mulheres e, só de pensar nisso, estremeceu. As mulheres existiam para dar prazer aos homens, para lhes fazer companhia, para os servirem, para lhes serem úteis. Seria um horror se quisessem mais do que isso!

— Conta-me uma história do Fórum — pediu Júlia, segurando na mão de César.

A mão dela — reparou César — parecia-se cada vez mais com uma garra. O nariz dele, tão habituado ao requintado perfume que sempre exalava do corpo da tia, sentiu um odor acre, um odor que nada conseguia disfarçar. Não, não era da idade. Ocorreu-lhe a palavra morte; afastou-a rapidamente da sua mente e pôs um sorriso.

— De facto, tenho uma história do Fórum para te contar, ou melhor, uma história de basílica — disse ele, com um ar divertido.

— Basílica? Qual delas?

— A primeira de todas, a Basílica Pórcia, que Catão, o Censor, mandou construir há cem anos. Como sabes, uma das extremidades do piso térreo da Basílica Pórcia foi desde sempre ocupada pelo Colégio dos Tribunos da Plebe. E talvez porque os tribunos da plebe voltaram a desfrutar dos poderes que tinham, o colégio deste ano decidiu melhorar as suas instalações. Mesmo no meio do seu quartel-general existe uma coluna enorme. Por causa disso, é praticamente impossível realizar naquele espaço reuniões com mais de dez pessoas. Pláucio, o presidente do colégio, achou então que o melhor era deitar abaixo a coluna. Chamou os arquitectos mais notáveis da cidade e perguntou-lhes se seria possível deitar a coluna abaixo. Depois de muitas medidas e cálculos, recebeu a resposta: sim, a coluna podia ir abaixo e o

edifício não sofreria com isso.

Júlia estava deitada num divã e o corpo dela envolvia César, que estava sentado na beira do divã; os enormes olhos cinzentos da velha senhora, muito fixos, pareciam afundados nas órbitas enegrecidas. Sorria e mostrava-se sinceramente interessada.

— Não faço ideia do fim desta história! — disse ela, apertando a mão do sobrinho.

— Os tribunos da plebe também não faziam! Os construtores trouxeram os andaimes e escoraram devidamente o edifício, os arquitectos examinaram e sondaram e tudo estava preparado para a demolição do pilar. Até que, de repente, aparece um jovem de vinte e três anos — ao que me disseram, vai fazer vinte e quatro em Dezembro — e anuncia que proíbe a destruição do pilar! "E quem és tu para proibir a destruição do pilar?", perguntou Pláucio. "Eu sou Marco Pórcio Catão, o bisneto de Catão, o Censor, que construiu esta basílica", respondeu o jovem. "Pois tanto melhor para ti!", retorquiu Pláucio. "Mas agora desaparece antes que o pilar te caia em cima!". Mas Marco Pórcio Catão não se mexia nem um milímetro. Nada nem ninguém conseguiria arrancá-lo dali. E não parava de arengar! E com uma voz que, segundo Pláucio, e eu concordo com ele, pois também a ouvi, era capaz de partir ao meio uma estátua de bronze!

Aurélia parecia agora tão interessada como Júlia.

— Mas que disparate! — disse ela. — Espero que os tribunos tenham declarado o seu veto perante tal posição!

— E declararam. Mas Catão recusou-se a aceitar o veto. Respondeu-lhes que era um membro da Plebe na plena posse dos seus direitos e que o seu bisavô tinha construído aquele edifício. Por isso, só deitariam abaixo a coluna se primeiro o deitassem abaixo a ele. Uma coisa é certa: Catão não transigiu! As razões que apresentava eram infindáveis, mas andavam todas à volta do mesmo — o seu bisavô tinha construído a Basílica Pórcia de uma determinada maneira e essa maneira era sagrada, intocável, um elemento da mos maiorum.

Júlia riu-se.

— E quem venceu no fim? — perguntou.

— O jovem Catão, é claro. Os tribunos da plebe já não agüentavam aquela voz.

— E não tomaram uma posição de força? Não podiam atirá-lo da Rocha Tarpeia? — perguntou Aurélia, escandalizada.

— Teriam gostado de o fazer, sem dúvida. O problema é que, todos os dias, se

juntavam verdadeiras multidões para assistir ao confronto e Pláucio concluiu que os tribunos da plebe ficariam muito mal vistos pelo povo se por acaso recorressem à força. É claro que o puseram fora do edifício uma quantidade de vezes. Mas ele voltava sempre! E era óbvio que nunca desistiria. Por isso, Pláucio convocou uma reunião para discutir o caso e os dez membros do colégio concordaram que era melhor suportarem a presença da coluna — disse César.

— Como é esse Catão, fisicamente? — perguntou Júlia. César franziu o sobrolho.

— Muito difícil de descrever. É feio e bonito ao mesmo tempo. Talvez a melhor maneira de o descrever seja esta: faz-me lembrar um cavalo de boa raça tentando comer uma maçã através de uma latada.

— Todo ele é dentes e nariz! — disse Júlia imediatamente.

— Precisamente.

— Posso contar-vos outra história acerca dele — disse Aurélia.

— Conta, mãe, conta! — disse César, reparando no interesse da tia.

— Aconteceu antes de o jovem Catão fazer vinte anos. Ele sempre adorara a prima, Emília Lépida, a filha de Mamerco. Ela já estava comprometida com Metelo Cipião quando este foi para a Hispânia servir com o pai. Porém, quando Metelo Cipião regressou, as coisas correram muito mal entre os dois. Tão mal que Emília Lépida rompeu o compromisso e anunciou que ia casar com Catão. Mamerco ficou furioso! Especialmente porque a minha amiga Servília, que é meia-irmã de Catão, já o tinha avisado da ligação que existia entre Catão e Emília Lépida. De qualquer modo, tudo acabou em bem, porque Emília Lépida não tinha a mínima intenção de se casar com Catão. Usou-o apenas para fazer ciúmes a Metelo Cipião. E bastou Metelo Cipião ir pedir-lhe perdão para que ela mudasse de ideias. Pouco tempo depois, estavam casados. Catão, no entanto, reagiu tão mal que tentou matar Metelo Cipião e Emília Lépida! E, como não conseguiu matá-los, tentou processar Metelo Cipião por lhe ter roubado o afecto de Emília Lépida! O meio-irmão dele, Servílio Cepião, um belo jovem que casou há pouco tempo com a filha de Hortênsio, convenceu Catão de que estava a fazer figura de parvo e só assim Catão desistiu. Desistiu, mas passou não sei quanto tempo a escrever poesia. Poemas atrás de poemas. Todos muito maus, com certeza!

— Curioso — disse César, rindo.

— Na altura não foi nada curioso. Não sei como será a vida ou a carreira do jovem

Catão daqui para a frente. Mas uma coisa parece certa, desde já: ele há-de ter sempre uma tendência muito forte para irritar intensamente as pessoas! — disse Aurélia. — Mamerco e Cornélia Sila — já para não falar de Servília! — detestam-no. E creio que Emília também já não pode com ele.

— Mas ele entretanto casou, não foi? — perguntou César.

— Sim, casou com uma Atília. Não foi grande escolha, mas a verdade é que ele também não tem muito dinheiro. Atília teve uma menina o ano passado.

Examinando a tia, César apercebeu-se de que, se ficassem por muito mais tempo, acabariam por incomodá-la. Por isso, não ficaram com ela por muito mais tempo.

— Não quero acreditar, mas creio que tens razão, mãe. A tia Júlia vai morrer — disse ele a Aurélia, mal deixaram a casa de Júlia.

— Sim, mas não será já. Júlia resistirá até ao Ano Novo, talvez mais tempo.

— Ah, espero que viva até eu partir para Hispânia!

— César! Essa é uma atitude cobarde! — retorquiu a mãe, inflexível. — Tu não costumas fugir a acontecimentos desagradáveis!

César parou no meio da Alta Semita, com os braços estendidos e os punhos cerrados.

— Ah, deixa-me em paz! — gritou ele, tão alto que chamou a atenção de dois transeuntes. — Para ti, só conta o dever! Sempre o dever! Pois bem, Mater, estar em Roma para enterrar a tia Júlia é um dever que eu não quero! — E só o costume e a cortesia o impediram de abandonar a mãe a meio do caminho para casa; naquele momento, César teria dado tudo para não a acompanhar.

A casa de César também não era o mais feliz dos lares. Cinila, que ia no sexto mês de gravidez, não estava nada bem. A afecção inicial, a doença que durava ”todo o dia e toda a noite”, como dizia César, por brincadeira, dera lugar a outra — um inchaço dos pés e das pernas que deixava a futura mãe triste e alarmada. Cinila via-se obrigada agora a passar a maior parte do tempo na cama, com os pés e as pernas elevados. Para além de se sentir mal fisicamente e de ter muito medo do que pudesse acontecer-lhe, Cinila mostrava-se constantemente irritada. E todas as pessoas da casa tinham a maior dificuldade em enfrentar esse estado de espírito, tanto mais que Cinila era, por natureza, a mais afável e simpática das criaturas.

E assim, pela primeira vez durante os seus períodos de residência em Roma, César

optou por passar as noites e os dias num outro local que não a sua casa de Subura. Não conseguia estar com Crasso; este não pensava noutra coisa senão no dinheiro que teria de gastar por causa dos cereais grátis. Caio Macio tinha-se casado há pouco tempo e, por isso, César também não poderia freqüentar assiduamente o outro apartamento térreo da ínsula de Aurélia. Por outro lado, também não sentia disposição para aventuras amorosas; a sua ligação com Cecília Metela Cabrita terminara abruptamente depois de Verres ter fugido para Massília e não tinha por ora ninguém que a substituísse. Para dizer a verdade, os problemas de saúde da tia e da mulher deixavam-no sem vontade de procurar novas ligações amorosas. Por isso, acabou por arrendar um pequeno apartamento de quatro casas, na Vicus Patricius, e passava aí a maior parte do seu tempo, na companhia de Lúcio Decúmio. Como a vizinhança era tão pouco recomendável como a da ínsula da mãe, os seus amigos políticos não se atreveriam a visitá-lo — e o lado reservado de César gostava disso. Ao mesmo
tempo, apercebia-se das vantagens que aquele apartamento ofereceria, quando voltasse a sentir o desejo de se envolver em aventuras amorosas. Começou por isso a interessar-se pela casa (que ficava numbom edifício) e a comprar alguns belos móveis e objectos de arte. Para além de uma boa cama.

No início de Dezembro, César conseguiu operar uma reconciliação particularmente comovente. Os dois cônsules encontravam-se nos rostra, à espera do pretor urbano Lúcio Cota, para presidirem à reunião da Assembleia do Povo que deveria ratificar a lei que reformava o sistema dos júris. Embora Crasso empunhasse os fasces em Dezembro e fosse por isso obrigado a estar presente, Pompeu não poderia deixar de comparecer a uma reunião tão importante. E apesar de a presença de ambos suscitar animados comentários da multidão, a verdade é que estavam finalmente juntos. Em silêncio, sem dúvida, mas pelo menos com um ar de aparente amizade.

A certa altura, entre a multidão, apareceu o primo direito de César, o jovem Caio Cota, filho do falecido cônsul Caio Cota. Embora não fosse ainda membro do Senado, nada o teria impedido de ir votar, tanto mais que a lei em causa fora obra do seu tio Lúcio. Porém, quando viu Pompeu e Crasso juntos ao fim de tantos meses, manifestou-se com tal exuberância que toda a gente se calou e virou-se para ele.

— Oh! — exclamou. — O meu sonho! O meu sonho tornou-se realidade!

E subiu aos rostra tão de repente que Pompeu e Crasso, automaticamente, se afastaram.

O jovem Caio Cota instalou-se entre os dois, com um braço por cima de cada um deles e olhou para a multidão enquanto as lágrimas lhe corriam pelo rosto.

— Quirites! — gritou. — A noite passada, tive um sonho! Júpiter Optimus Maximus apareceu-me no meio de uma nuvem de fogo e encharcou-me e queimou-me! Muito abaixo do sítio onde eu estava, vi duas figuras: eram os nossos cônsules, Cneu Pompeu Magno e Marco Licínio Crasso! Mas não estavam como os vejo hoje. Não estavam juntos! Um estava virado para oeste e o outro virado para leste. E não olhavam um para o outro! E a voz do Grande Deus disse-me, no meio da nuvem e do fogo: ”Eles devem deixar o consulado como amigos! Nunca como inimigos!”

Entre a multidão fez-se um silêncio absoluto; um milhar de rostos olhavam para os três homens. Caio Cota deu um passo em frente e virou-se para os dois cônsules.

— Cneu Pompeu, Marco Licínio, façam as pazes, por favor!

— pediu o jovem, com uma voz vibrante.

Durante um longo momento, ninguém se mexeu. A expressão de Pompeu era grave, tal como a de Crasso.

— Vamos, cumprimentem-se! Façam as pazes! Sejam amigos!

— gritou Caio Cota.

Nenhum dos cônsules se mexeu. Até que Crasso se virou para Pompeu e estendeu a sua manápula.

— Estou muito feliz por dar o primeiro passo para reatar a amizade com um homem a quem chamaram Magno antes de ter barba e que celebrou, não um, mas dois triunfos, antes de se tornar senador! — gritou Crasso.

Pompeu emitiu um som algures entre o guincho e o grito, e apertou a mão e o antebraço de Crasso, com o rosto transfigurado. Avançaram ainda mais e caíram nos braços um do outro. E a multidão ficou como que desvairada. A notícia da reconciliação espalhou-se num ápice pelo Velabro, por Subura, pelas manufacturas que ficavam para lá dos pântanos de Palus Ceroliae; as pessoas vinham a correr de todos os lados, para ver se era realmente verdade que os cônsules tinham voltado a ser amigos. Durante o resto do dia, Crasso e Pompeu passearam juntos pela cidade, cumprimentando toda a gente, deixando que o povo tocasse neles, aceitando

os parabéns de multidões entusiásticas.

— Há triunfos e triunfos... — disse César ao tio Lúcio e ao primo Caio. — O triunfo de hoje foi o melhor de todos. Agradeço-lhes muito a vossa ajuda.

— Foi difícil convencê-los? — perguntou o jovem Caio Cota.

— Não foi propriamente difícil. Se há uma coisa que eles compreendem, é a importância da popularidade. Nenhum deles é adepto da arte do compromisso, mas eu dividi os créditos equitativamente pelos dois e isso satisfê-los. Crasso teve de engolir o orgulho e de fazer aqueles horrendos elogios a Pompeu. Mas, por outro lado, foi muito louvado por ser o primeiro a estender a mão e a fazer concessões. Assim, tal como no duelo para agradar ao povo, foi Crasso quem ganhou. Felizmente Pompeu não se apercebe disso.

Pensa que foi ele quem ganhou, porque manteve o seu ar altivo e obrigou o colega a admitir a sua superioridade.

— Então façamos votos para que Magno não descubra quem foi realmente o vencedor — disse Lúcio Cota.

— O problema é que a tua reunião teve de acabar. Era impossível convencer a multidão a votar.

— Hoje ou amanhã, tanto faz.

Os dois Cotas e César deixaram o Fórum Romano, subindo as Escadas Vestais na direcção do Palatino, mas, a meio da escadaria, César parou e virou-se. Lá estavam eles, Pompeu e Crasso, rodeados por hordas de romanos felizes. E, agora que as zangas estavam esquecidas, também eles se mostravam felizes.

— Este ano foi um ponto de viragem — disse César, recomeçando a subir as escadas.

— Todos nós vencemos uma espécie de barreira. Tenho a estranha sensação de que nenhum de nós voltará a desfrutar do mesmo tipo de vida.

— Percebo o que queres dizer — retorquiu Lúcio Cota. — A minha principal contribuição para a história de Roma ocorreu este ano, com a lei sobre os júris. Se alguma vez decidir disputar o cargo de cônsul, creio que será um perfeito anticlímax.

— Eu não estava a pensar em termos de clímax ou anticlímax — disse César, rindo-se.

— Que vão fazer Pompeu e Crasso quando o ano acabar? — perguntou o jovem Caio Cota. — Diz-se que não querem ir governar nenhuma província.

— E é verdade — disse Lúcio Cota. — Vão regressar os dois à vida privada. Porque não? Ambos tiveram grandes campanhas há pouco tempo — são tão ricos que não precisam dos lucros das províncias — e coroaram o seu consulado com leis que os ilibam de todas as suspeitas de traição e com a concessão de terras aos seus veteranos. Se eu estivesse no lugar deles, não ia governar nenhuma província!

— Quer-me parecer que a situação deles não é assim tão invejável — disse César. — Para onde podem ir eles? Pompeu diz que vai regressar às suas queridas terras do Piceno e que nunca mais passará as portas do Senado. E Crasso está absolutamente decidido a recuperar os mil talentos que gastou este ano. — E, com um suspiro feliz, César acrescentou: — E euvou para a Hispânia Ulterior como questor, e com um governador de que gosto.

— O ex-cunhado de Pompeu, Caio Antístio Veto — disse o jovem Cota, com um sorriso.

Mas César não referiu, porém, o seu mais profundo desejo — que pudesse partir para Hispânia antes que a tia Júlia morresse.

Mas esse desejo não se cumpriria. César foi chamado à cabeceira da tia numa noite de tempestade em meados de Fevereiro; Aurélia encontrava-se em casa de Júlia há já vários dias. A tia estava consciente e não perdera ainda a visão; quando César entrou no quarto, os olhos dela iluminaram-se um pouco.

— Estava à tua espera — disse ela.

O peito de César doía-lhe, tal era o esforço que precisava de fazer para controlar as suas emoções. No entanto, conseguiu pôr um sorriso enquanto a beijava. Depois, sentou-se na beira da cama, como sempre fazia.

— Eu não faltaria a um encontro contigo — disse ele, num tom ligeiro.

— Queria ver-te — disse ela, ainda com uma voz forte e clara.

— Pois estás agora a ver-me, tia Júlia. Que posso fazer por ti?

— Que farias tu por mim, Caio Júlio?

— Por ti faria tudo, tia Júlia! — retorquiu César, e de facto assim era.

— Ah, se soubesses quanto isso me consola! Porque assim posso ter a certeza de que me perdoas.

— Perdoar-te?! — disse ele, atônito. — Não há nada para perdoar, absolutamente nada!

— Perdoar-me por não ter impedido Caio Mário de te ter nomeado flamen Dialis — respondeu ela.

— Tia Júlia, ninguém poderia impedir Caio Mário de fazer o que muito bem entendesse! — exclamou César. — Os arredores de Roma estão cheios de túmulos de homens que tentaram fazer isso! Nunca, em momento algum, me passou pela cabeça censurar-te! E tu não deves censurar-te. Porque não há motivo nenhum!

— Não me censuro, se tu não me censurares.

— Claro que não te censuro. Dou-te a minha palavra de honra. Os olhos dela fecharam-se, e lágrimas assomaram sob as pálpebras.

— O meu pobre filho... — murmurou ela. — É uma coisa terrível, ser-se filho de um grande homem... Espero que não tenhas filhos varões, porque tu vais ser um grande homem.

O olhar de César cruzou-se com o da mãe e ele apercebeu-se, de súbito, que havia resquícios de ciúme na expressão dela.

Mas a sua resposta a esse ciúme foi violenta e imediata; abraçou Júlia e encostou a sua cara à dela.

— Tia Júlia — disse-lhe ele ao ouvido —, que vou eu fazer sem os teus braços à minha volta, sem os teus beijos? — E, enquanto dizia isto a Júlia, os seus olhos diziam a Aurélia que fora a tia, e não a mãe, que o abraçara e beijara quando ele era menino. Nunca a mãe! Nunca! Como poderia ele viver sem a tia Júlia?

Mas a tia não respondeu, nem ergueu as pálpebras para olhar para ele. Não voltou a falar, nem a olhar, pois morreu, ainda nos braços de César, várias horas depois.

Lúcio Decúmio e os seus filhos estavam presentes, tal como Burgundo; César mandou a mãe para casa, com eles, e, sozinho, caminhou pelas ruas de Roma, por entre a multidão apressada, sem ver uma única pessoa. A tia Júlia estava morta e ninguém, a não ser ele e a sua família, sabia disso. A mulher de Caio Mário estava morta e ninguém, a não ser ele e a sua família, sabia disso. No momento em que as lágrimas ameaçavam explodir nos seus olhos, ocorreu-lhe uma ideia luminosa e as lágrimas foram para sempre contidas. Roma tinha de saber da morte de Júlia! Roma havia de saber da morte dela!

— Um funeral discreto — disse Aurélia, quando ele entrou no apartamento da mãe, ao entardecer.

— Nem pensar! — retorquiu César, que parecia ainda mais alto do que era, cheio de poder ou de uma poderosa luz interior. — A tia Júlia vai ter o maior funeral que alguma mulher já teve desde a morte de Cornélia, a mãe dos Gracos! E no funeral aparecerão todas as máscaras ancestrais, incluindo as máscaras de Caio Mário e do filho.

Ela fitou-o perplexa.

— César, não podes fazer isso! Hortênsio e Metelo Cabrito são cônsules e Roma vive uma época muito conservadora! Se exibisses as imagens de dois homens que Roma considera traidores, acabarias os teus dias na Rocha Tarpeia, às mãos de algum tribuno da plebe da confiança de Hortênsio!

— Pois eles que tentem! — retorquiu César, desdenhando o perigo. — A tia Júlia partirá para a escuridão da morte com todas as honras, com todos os tributos públicos que merece!

E esta determinação, evidentemente, permitia-lhe suportar melhor a dor; César tinha algo concreto a fazer, algo que considerava ser mais digno daquela notável mulher do que todas as lágrimas que pudesse chorar, do que um sentimento constante de perda, de irreparável perda. Não pararia, não choraria. Lutaria, lutaria por ela.

César sabia que ia conseguir realizar o seu desejo. Para isso, teria de impedir os magistrados de lhe levantarem obstáculos ou de o processarem. O melhor seria mesmo impedi-los de tentar fazer fosse o que fosse. O funeral foi tratado com os mais afamados agentes funerários de Roma — e o preço acordado era de cinqüenta talentos de prata. Toda a gente concordou em participar nas despesas, apesar de César tencionar exibir, perante toda a cidade de Roma, as máscaras de Caio Mário e do jovem Mário. Actores foram contratados, tal como os carros em que seguiriam: os antepassados incluiriam o rei Anco Márcio, Quinto Márcio Rex, Iulo, o primeiro cônsul dos Júlios, Sexto César e Lúcio César, e Caio Mário e o filho.

Mas esta não era a disposição mais importante — de facto, César decidiu que Lúcio Decúmio e a sua Confraria das Encruzilhadas deveriam espalhar por toda a cidade a notícia de que a grande Júlia, viúva de Caio Mário, tinha morrido e que seria enterrada à terceira hora, no prazo de dois dias. Todos os que quisessem podiam assistir ao funeral. Para Caio Mário, não houvera nenhum funeral público; e, para o filho, houvera apenas a visão de uma cabeia apodrecendo nos rostra. Por isso, as exéquias de Júlia teriam de ser magníficas, e Roma, assistindo às cerimónias, poderia prestar a homenagem há muito tempo devida aos Mários.

César apanhou todos os magistrados desprevenidos. De facto, ninguém informou os magistrados do que se ia passar e nenhum deles projectara estar presente no funeral de Júlia. Mas Marco Crasso compareceu, tal como Varrão Lúculo, e Mamerco, com Cornélia Sila, e também, inesperadamente, Filipe. Metelo Pio, o Bacorinho, também assistiu ao funeral. Para além dos dois Cotas, evidentemente. Mas eles tinham sido avisados; César não queria que ninguém se sentisse comprometido.

E toda a cidade compareceu em massa, milhares e milhares de pessoas do povo, que não se preocupavam com interdições, nem com condenações, por sacrilégio ou outros motivos. Teriam assim finalmente uma oportunidade de chorar Caio Mário, de ver aquele rosto orgulhoso e decidido que tanto amavam, aquele rosto grave e sério,

com aquelas sobrancelhas imensas. Para mais, a máscara era usada por um actor tão alto e tão corpulento como Caio Mário. E podiam ver também o jovem Mário, aquele belo e comovente rosto! Mais comovente ainda era a visão do sobrinho de Caio Mário — vestido com uma toga de luto, tão negra como os cavalos que puxavam os carros, uma imagem negra que contrastava com o cabelo muito louro e o rosto pálido. Tão belo! Parecia uma divindade! Era a primeira vez que César aparecia perante uma multidão tão vasta, desde os tempos em que fora a companhia predilecta do velho e doente Mário, e não queria perder aquela oportunidade — era preciso que o povo de Roma nunca mais o esquecesse. Era ele o único herdeiro de Caio Mário e queria que todos os homens e mulheres que assistissem ao funeral de Júlia soubessem quem ele era: o herdeiro de Caio Mário.

César pronunciou o elogio fúnebre nos rostra; era a primeira vez que falava dessa tribuna, a primeira vez que olhava para baixo e via um mar de rostos cujos olhos se fixavam unicamente nele. Quanto a Júlia, fora requintadamente preparada para a sua última (e a mais pública) aparição — tão engenhosamente cuidada e vestida que parecia uma jovem! Só a sua beleza chegava para deixar toda aquela multidão de lágrimas nos olhos. Três outras belas mulheres estavam perto dela, na plataforma dos rostra: uma delas, aparentando ter cinqüenta anos, era a mãe de César, conforme os agentes de Lúcio Decúmio tinham espalhado por entre a multidão; a segunda, que teria cerca de quarenta anos, só podia ser a filha de Sila, tão parecida era com ele; a terceira, era uma jovem morena, com uma gravidez já adiantada, e estava sentada numa cadeirinha de liteira negra — a mulher de César, como a multidão depressa descobriu. Ao seu

colo, estava sentada uma criança de uma beleza extraordinária, que teria uns sete anos — não era difícil descobrir que se tratava da filha de César.

— A minha família — começou César, com a sua voz forte e bem colocada de orador — é uma família de mulheres! Da geração do meu pai não, não resta nenhum homem vivo e, dos homens da minha geração, eu sou o único que, hoje, em Roma, presta a derradeira homenagem à mais velha das mulheres da minha família. Júlia, cujo nome nunca foi abreviado, nem acrescentado, pois ela era a mais idosa na sua família e honrou o nome da sua gens de forma tão notável que Roma não conhece mulher que se lhe possa comparar. Júlia possuía beleza, um temperamento afável, toda a lealdade que um homem pode pedir a uma esposa, a uma mãe, a uma tia, o fervor de uma natureza apaixonada, a simpatia de um espírito generoso. Só há uma mulher a quem posso compará-la e que também perdeu o marido e os filhos muito antes de morrer — estou a falar, evidentemente, de uma outra grande mulher patrícia, Cornélia, a mãe dos Gracos. E as vidas de Cornélia e Júlia tiveram semelhanças, pois ambas sofreram a perda dos filhos, condenados à morte por decapitação e cujos funerais não foram autorizados. E quem poderá dizer qual das duas mais sofreu, se uma teve de suportar a morte de todos os seus filhos mas não conheceu a desgraça de um marido desonrado, e a outra suportou a morte do seu único filho, mas conheceu a desgraça de um marido desonrado, e a pobreza quando chegou à velhice? Cornélia viveu até aos oitenta anos, Júlia expirou aos cinqüenta e nove anos. E se assim foi, teria sido porque faltou coragem a Júlia ou porque Cornélia tinha uma vida menos difícil? Nunca saberemos, povo de Roma. Nem devemos perguntar. Porque elas foram duas grandes mulheres, duas mulheres ilustres.

”Mas eu estou aqui para honrar Júlia, e não Cornélia. Júlia dos Júlios Césares, aquela que, em Roma, tinha a mais notável das linhagens. Porque nela juntavam-se os reis de Roma e os deuses que fundaram Roma. A mãe dela foi Márcia, a filha mais nova de Quinto Márcio Rex, o augusto descendente do quarto rei de Roma, Anco Márcio, e que é lembrado todos os dias nesta grande cidade com gratidão e louvor, pois foi ele quem conduziu para Roma a água fresca e boa que brota das fontes em todas as praças e encruzilhadas públicas. O pai dela foi Caio Júlio César, o filho mais novo de Sexto Júlio César. Patrícios da tribo Fábia, outrora reis de Alba Longa, descendentes de Iulo, que era filho de Eneias, o qual era filho da deusa Vénus. Nas veias dela corria o sangue de uma deusa poderosa e o sangue de Marte e também de Rómulo — porque

quem era Reia Sílvia, a mãe de Rómulo e Remo, senão uma Júlia? Assim, na minha tia, estavam associados o supremo e mortal poder dos reis e o poder imortal dos deuses, perante os quais até os maiores reis são escravos.

”Aos dezoito anos, Júlia casou-se com um homem que todos conhecem e que muitos de vós conheceram enquanto vivo. Casou-se com Caio Mário, o primeiro homem a ser cônsul de Roma por sete vezes, a quem chamaram o Terceiro Fundador de Roma, que dominou o rei Jugurta da Numídia, que venceu os Germanos, que
venceu as primeiras batalhas da Guerra Italiana. E até ao momento da morte deste homem, no auge do seu poder, Júlia foi-lhe sempre leal e fiel. Júlia deu-lhe o seu único filho, Caio Mário Júnior, que foi cônsul sénior de Roma com a idade de vinte e seis anos.

”Não foi por culpa dela que as reputações do marido e do filho ficaram manchadas após a sua morte. Não foi por culpa dela que, em conseqüência de uma interdição, foi obrigada a mudar-se do seu lar de vinte e oito anos para uma casa modesta, exposta ao frio vento norte que assobia nas cercanias do Quirinal. Não foi por culpa dela que Fortuna a deixou sem razões para viver, a não ser a ajuda que prestava a todas as pessoas carenciadas do sítio onde vivia. Não foi por culpa dela que morreu prematuramente. Não foi por culpa dela que proibiram, para todo o sempre, a exibição das máscaras do seu marido e do seu filho.

”Na minha infância, privei muito com ela, pois fui o companheiro predilecto de Caio Mário durante aquele ano terrível em que o antigo cônsul de Roma sofreu uma segunda trombose, que o afectou horrivelmente. Todos os dias ia a casa de Júlia cumprir os meus deveres para com o seu marido e receber dela os mais ternos agradecimentos. Junto dela, conheci um amor que mais nenhuma mulher me deu, pois a minha mãe tinha de ser mãe e pai ao mesmo tempo e não se podia permitir o luxo de me encher de abraços e beijos, que não pertencem aos domínios de um pai. Mas para tal eu tinha a tia Júlia e, mesmo que vivesse um milhar de anos, nunca esqueceria um único abraço, um único beijo, um único olhar de amor dos seus belos olhos cinzentos. E por isso vos digo, gente de Roma, chorai por ela! Chorai por ela como eu choro! Chorai o seu destino e a triste vida que ela não merecia. Chorai também os destinos do seu marido e do seu filho, cujas imagens vos mostro neste dia infortunado. Dizem que eu não posso mostrar-vos as máscaras dos Mários, que me podem retirar os meus cargos e mesmo a cidadania por cometer um crime tão ultrajante, por exibir aqui, no Fórum — que conhecia tão bem esses

dois homens! —, dois rostos inanimados, feitos com cera e tinta e com os cabelos de outra pessoa! Pois eu respondo: então tirem-me os meus cargos, tirem-me a cidadania, se assim o entenderem! Porque eu tinha de honrar esta tia do meu sangue como ela merecia e toda a sua honra está concentrada na sua devoção aos Mários, que eram marido e filho. É pensando em Júlia que vos mostro estas imagens e não permitirei
a nenhum magistrado desta cidade que as retire do desfile fúnebre! Avança, Caio Mário, avança, Caio Mário Júnior! Honrem a vossa esposa e mãe, Júlia dos Júlios Césares, filha dos reis e dos deuses!" A multidão chorava desolada, mas quando os actores envergando as máscaras de Caio Mário e do jovem Mário avançaram para prestar uma derradeira homenagem a Júlia, o choro deu lugar a um murmúrio que, rapidamente, se transformou num coro de exclamações até que explodiu num clamor imenso. E Hortênsio e Metelo Cabrito, observando atônitos o que se passava, do alto da escadaria do Senado, viraram as costas derrotados. Ao crime de Caio Júlio César só podiam responder com o silêncio, pois Roma aprovava esse crime de todo o coração.

— Foi brilhante! — disse Hortênsio a Catulo, pouco depois. — Não só desafiou as leis de Sila e do Senado, como ainda aproveitou a oportunidade para lembrar a toda aquela gente que ele descende de reis e de deuses!

— Pois bem, César, conseguiste fazer o que querias — disse Aurélia, no final desse longo dia.

— Eu sabia que conseguiria — retorquiu ele, deixando cair a sua toga preta com um suspiro de profundo cansaço. — O grupo conservador pode estar no poder este ano, mas nenhum dos seus membros sabe se os eleitores do próximo ano apoiarão essa tendência. Os Bomanos gostam de mudar de governo. E gostam de um homem que tenha a coragem de defender as suas convicções. Especialmente quando esse homem eleva Caio Mário ao pedestal de que o povo nunca o retirou, por muitas estátuas suas que tenham sido derrubadas.

Caminhando como uma velha que sofresse de hidropisia, Cinila arrastou-se até à sala e foi sentar-se ao lado de César.

— Foi muito bonito — disse ela, dando-lhe a mão. — Estou contente por o meu estado me ter permitido assistir pelo menos ao elogio. Falaste tão bem!

César rodeou-lhe o rosto com as mãos e afastou-lhe o cabelo da testa.

— Minha pobrezinha! — disse ele, ternamente. — Já não falta muito! — Depois, ergueu as pernas dela e deixou-as repousar no seu colo. — Não devias sentar-te assim, com as pernas a balançar!

— Ah, César, esta gravidez parece durar uma eternidade! com Júlia, foi completamente diferente. Não me custou nada. Quem havia de dizer que a segunda gravidez seria tão difícil? Não compreendo — disse ela, com lágrimas nos olhos.

— Eu compreendo — disse Aurélia. — É que desta vez é um rapaz. com as raparigas, não tive qualquer problema durante a gravidez. Mas contigo, César, foi uma gravidez terrível.

— Acho que vou para o meu apartamento. Preciso de dormir — disse César, depondo as pernas de Cinila no divã e levantando-se.

— Ah, não vás, César, por favor! — rogou a mulher, aflita.

— Fica cá esta noite. Prometo-te que não falaremos de bebês nem de problemas de mulheres. Aurélia, não fales mais de gravidezes, senão ele vai-se embora.

— Ora! — retorquiu Aurélia, levantando-se. — Onde está Eutico? Do que nós precisamos é de comer.

— Eutico ficou a fazer companhia a Estrofantes — disse Cinila com um ar triste. Ao ver que César voltara a sentar-se no divã, o seu rosto, porém, alegrou-se um pouco. — Pobre velho! Ficou sozinho naquela casa. Só lhe restava Júlia e Júlia morreu.

— Também ele morrerá em breve — disse César.

— Ah, não digas isso!

— Basta olhar para ele, mulher. E para Estrofantes, será uma bênção.

— Espero não ter a sorte dele — disse Cinila. — É a pior de todas as sortes, sobreviver a todos os entes queridos.

— Pior sorte — disse César, que não queria que lhe lembrassem coisas que o faziam sofrer — é só falar de coisas tristes.

— Isso é porque estás em Roma — disse Cinila, sorridente.

— Quando fores para Hispânia, sentir-te-ás melhor. Quando viajas, sentes-te muito mais feliz do que quando estás em Roma.

— Partirei no próximo nundinus, mulher. Por mar. No início do Inverno. Tens toda a

razão. Eu não gosto de estar em Roma. Por isso, seria boa ideia se tivesses o bebê antes do próximo nundinusl Gostava de ver o meu filho antes de partir.

César viu o filho antes de partir. Porém, quando a parteira e Lúcio Túcio conseguiram retirá-lo do ventre da mãe, tornou-se óbvio que o menino estava morto há vários dias. E Cinila, tomada de convulsões, com um dos lados paralisados devido a uma violenta trombose, morreu praticamente no mesmo momento em que dava à luz o nado-morto.

Ninguém queria acreditar no que tinha acontecido. Se a morte de Júlia causara choque e dor, a perda de Cinila era insuportável. César chorou como nunca tinha chorado em toda a sua vida, e pouco se preocupou se os outros o viam chorar. Hora após hora, desde o momento em que se dera a primeira e horrenda convulsão até ao momento em que a enterrou. Uma morte, ainda era suportável, apesar de tudo. Duas era um pesadelo, um pesadelo de que pensava nunca mais poder acordar. Não pensava na criança morta — não havia espaço na sua mente torturada para lhe dedicar os seus pensamentos; Cinila estava morta e Cinila pertencera à sua família desde que ele fizera 14 anos, sofrera com ele o flaminato, aquela pequenita morena que amara como a uma irmã mesmo quando ela fora sua esposa. Dezassete anos! Tinham sido meninos juntos, os únicos meninos naquela casa.

A morte de Cinila afectou Aurélia de uma maneira que a morte de Júlia não poderia afectar. E aquela mulher de ferro chorou lágrimas tão tristes como as do seu filho. Apagara-se uma luz na vida de Aurélia. Uma luz que prometia iluminar o resto da sua vida: aquela que em parte fora para ela como uma neta, apesar de ser sua nora, era agora apenas uma sombra, um lugar vazio ao tear, uma cama vazia. Burgundo chorava, Cardixa chorava, os seus filhos choravam, e Lúcio Decúmio, Estrofantes, Eutico, todos os criados que dificilmente conseguiriam imaginar a casa de Aurélia sem a presença de Cinila. Os inquilinos da ínsula choravam e, com eles, muita da gente de Subura.

O funeral de Cinila foi muito diferente do de Júlia. Nas exéquias de Júlia, houvera algo de grandioso, de glorioso, tanto mais que o orador César aproveitara a ocasião para falar a toda a cidade daquela grande mulher e da sua própria família. No entanto, houve semelhanças; César foi buscar as imagines dos Cornélios Cinas à arrecadação onde as escondera durante muito tempo, ao lado das máscaras dos dois Mários. Para grande escândalo de Hortênsio e Metelo Cabrito, as máscaras dos Cinas foram também exibidas. E, embora o elogio fúnebre de uma mulher jovem

não constituísse uma prática aceite, César resolveu afrontar também esse desafio. Mas sem qualquer resquício de glória. Desta feita, o seu discurso foi feito de palavras ternas e saudosas. Limitou as suas observações ao prazer que sentira na companhia dela e à recordação dos anos em que ela o consolara pela perda da sua liberdade de rapaz. Falou
do sorriso dela e dos trajes pobres que ela envergara — pois esse era o seu dever — enquanto fora flaminica Dialis. Falou da sua filha, que tinha ao colo enquanto falava. E chorou. Terminou o seu elogio, dizendo:

— Não conheço dor maior do que a que sinto agora. Essa é a tragédia da dor — cada um de nós considera sempre a sua própria dor maior do que a dos outros. Mas estou pronto a confessar-vos que eu talvez seja um homem frio e duro, que ama a sua dignitas mais do que qualquer pessoa ou coisa. Pois que assim seja. Em tempos, recusei-me a divorciar-me da filha de Cina. Na altura, pensei que me recusava a obedecer às ordens de Sila para meu próprio benefício e por causa das possibilidades que essa recusa me poderia proporcionar. Pois bem, já vos expliquei o que é a tragédia da dor. Mas essa tragédia não é nada, se a compararmos com a tragédia de só sabermos o que uma pessoa significava para nós depois de ela estar morta.

Ninguém saudou a imago de Lúcio Cornélio Cina, nem as dos seus antepassados. Mas Roma chorou com tal tristeza pela segunda vez em dois nundinae que os inimigos de César se viram impotentes para o julgar ou condenar.

Aurélia estava de repente mais velha, absolutamente destroçada. Um problema nada fácil para o filho, cujas tentativas para a confortar com abraços e beijos continuavam a ser rejeitadas.

Serei eu tão duro e frio porque ela também o é?, perguntava-se César. Mas ela só é dura e fria comigo! Por que razão se comporta assim comigo? Ela, que chorou tanto a morte de Cinila! Ela, que chorou tanto a morte daquele horrendo Sila!

Se eu fosse uma mulher, os meus filhos seriam um consolo, uma bênção! Mas sou um nobre romano, e os filhos de um nobre romano, na melhor das hipóteses, estão sempre na periferia da sua vida. Quantas vezes vi eu o meu pai? E mesmo que o visse mais vezes, de que ia falar com ele?

— Mãe — disse ele —, quero que fiques com Júlia como se ela fosse tua filha. Júlia tem praticamente a mesma idade que Cinila quando ela veio viver connosco. A seu tempo, a menina

acabará por preencher a tua vida, agora tão vazia. Não farei nada para a tirar de ti.

— Ela é minha filha desde que nasceu — retorquiu Aurélia.

O velho Estrofantes entrou na sala, olhou com um ar desolado para a mãe e para o filho, e saiu imediatamente, arrastando-se penosamente.

— Tenho de escrever ao tio Públio — disse Aurélia. — Pobre tio Públio, também ele sobreviveu a toda a gente.

— Sim, mãe, escreve-lhe.

— Não te compreendo, César, quando tu te comportas como a criança que chora porque comeu o bolo de mel todo e pensa que, mesmo assim, o bolo não devia ter acabado.

— E qual é a razão desse comentário?

— Aquilo que tu disseste no elogio fúnebre de Júlia. Disseste que eu tinha sido tua mãe e teu pai, e que, por isso, não podia dar-te os abraços e os beijos que Júlia te deu. Quando te ouvi dizer isso, fiquei aliviada. Finalmente tinhas compreendido. Mas agora encontro-te mais amargo do que nunca. Aceita o teu destino, meu filho. Para mim, tu significas mais do que a vida, mais do que a pequenita Júlia, mais do que Cinila, mais do que qualquer pessoa no mundo. Para mim, tu significas mesmo mais do que o teu pai. E muito mais do que Sila poderia ter significado, se por acaso eu tivesse tido alguma fraqueza. Se não pode haver paz entre nós, não poderemos pelo menos declarar tréguas?

César sorriu para ela, de esguelha.

— Porque não? — perguntou.

”— Ficarás melhor logo que saíres de Roma, César.

— Era isso o que Cinila dizia.

— E tinha razão. Nada conseguirá apagar a dor causada por esta morte. No entanto, uma viagem por mar, como a que vais fazer, limpará a tua mente de toda a perturbação, de todas as confusões, que por ora a impedem de funcionar convenientemente. Porque ela voltará a funcionar devidamente. Não pode deixar de ser assim.

Não pode deixar de ser assim: as palavras da mãe ecoavam no cérebro de César enquanto, montado no seu cavalo, seguia na direcção de Óstia, onde o esperava o barco que havia de levá-lo a Hispânia. É verdade, pensava ele. O meu espírito pode estar destroçado, mas a minha mente não foi afectada. Há novas coisas a fazer, novos povos para conhecer, uma região

desconhecida a explorar — e Lúculo não estará por perto! Sim, eu hei-de sobreviver!

NOTA DÁ AUTORA Embora não seja o último livro desta série, marca de facto o término de um período da história romana sobre o qual as fontes antigas se revelam um pouco escassas, devido à ausência de textos de Lívio e Cássio Dião, já para não falar de Cícero. Em termos práticos, isto traduziu-se no facto de que, nos três primeiros livros, pude abarcar quase todos os acontecimentos históricos de uma ponta a outra do Mediterrâneo. Assim, marca também um ponto de viragem na forma como tenho abordado o meu tema, a queda da República Romana. Os livros futuros, em vez de uma vasta abordagem histórica, terão de concentrar-se em menos aspectos, o que, em minha opinião, será uma vantagem tanto para quem escreve como para quem lê.

No entanto, até mesmo é enriquecido por material que encontramos nas fontes antigas, como se pode ver pelo aparecimento das personagens de dois animais — o cão da mulher do rei Nicomedes da Bitínia, e a famosa corça de Quinto Sertório. Estes dois animais são confirmados por essas fontes: o cão por Estrabão, a corça por Plutarco.

atinge também o início de um período da história romana que muito seduziu Hollywood, para grande prejuízo da história, senão mesmo de Hollywood. O leitor encontrará no meu livro uma versão de Espártaco muito diferente da que o cinema lhe facultou. Não tenho espaço (nem a inclinação) para discutir aqui por que motivos resolvi retratar Espártaco desta forma; os eruditos, ao lerem o meu texto, entenderão o retrato e os motivos que me levaram a tal opção.

O glossário foi reescrito especificamente para este livro; algumas das entradas mais genéricas, como aço e vinho, foram retiradas.

com a acumulação de volumes, ver-me-ia forçada a aumentar o glossário; daí que a única solução fosse seleccionar as entradas, já que o tempo e o espaço ditam a impossibilidade de fazer um glossário que acabaria por ser maior do que o próprio livro.

Os leitores mais interessados poderão combinar os glossários dos volumes anteriores com o deste volume e obter assim informações sobre a maior parte das questões. As entradas sobre a estrutura governamental da Roma republicana serão sempre incorporadas, embora assumindo uma forma diferente, consoante os vários homens e leis que foram moldando essa estrutura. Quanto a lugares e/ou povos, seleccionei uns quantos — aqueles que, em minha

opinião, estariam mais esquecidos pelos leitores. Das novas entradas, as mais interessantes são as que dizem respeito aos navios, que começam agora a tornar-se mais importantes. Daí que tenha incluído birreme, hemiolia, navio mercante, quinquerreme, trirreme e outras entradas relativas a esse tema no glossário de Os Favoritos de Fortuna.

Quanto aos desenhos, tanto o Pompeu jovem (”rejuvenescido” ainda mais) como o Pompeu trintão foram realizados a partir de bustos autenticados. O jovem César é um desenho ”rejuvenescido”, realizado a partir de um busto de um homem de meia-idade — um exercício mais fácil do que com Pompeu, já que César manteve inalterável a sua figura. O desenho de Sua baseou-se também num busto. Existe uma forte controvérsia em torno dos dois eventuais bustos de Sua que sobreviveram até aos nossos dias: um deles representa um homem bem-parecido, com cerca de 40 anos; o outro dá-nos a ver um velho. Penso que ambos os bustos são de Sila. São idênticos o nariz, o queixo, as orelhas, a configuração e as rugas do rosto. Mas o homem maduro e bem-parecido usa agora uma cabeleira muito encaracolada (o facto de ser um postiço é confirmado pelas duas línguas de cabelo absolutamente liso que espreitam por debaixo dela, junto às orelhas), perdeu os dentes (um fenômeno que, obviamente, aumenta as dimensões do queixo) e, num passado recente, perdeu muito peso. Como Sila tinha no máximo 62 anos quando morreu, a doença deve ter tido um efeito terrível no seu aspecto físico — um facto absolutamente consistente com aquilo que Plutarco nos diz.

Ficamos assim com Metelo Pio, Quinto Sertório e Crasso, desenhos feitos a partir de bustos não identificados do tempo da República. Em O Primeiro Homem de Roma, ”rejuvenesci” um busto anónimo para executar o desenho de Sertório; este busto serviu-me para o desenho deste livro, sem qualquer rejuvenescimento — no entanto, removi o olho esquerdo do busto original e substituí-o por tecido cicatrizado (para o que me inspirei numa fotografia de um dos meus livros médicos).

De todos os homens realmente grandes da época, só Marco Licínio Crasso não possui nenhum retrato autenticado que tenha resistido até aos nossos dias. Por isso, escolhi um busto não identificado de um homem atarracado e de aspecto plácido, já que aquilo que sabemos de Crasso sugere que ele era um indivíduo forte, atarracado e fleumático. Fleumático pelo menos à superfície: de outro modo, as piadas acerca dos touros e dos cornos não teriam razão de ser.

O desenho do rei Nicomedes não se baseia num retrato autenticado; embora dispunhamos de moedas com perfis, a verdade é que continua a registar-se muita controvérsia sobre a questão de saber se houve ou não dois reis depois de Nicomedes II (o rei Nicomedes com quem Mário se encontrou em 97 a. C.) — Nicomedes III e Nicomedes IV. Segundo alguns autores, houve apenas um Nicomedes III, que cumpriu dois reinados, separados por um exílio em Roma. Creio que o último Nicomedes a reinar na Bitínia foi Nicomedes III. Assim sendo, escolhi um busto não identificado da época da República, o qual, de perfil, tem um forte aspecto Nicomédiano, embora o busto não possua diadema — e, portanto, não possa ser de um rei. Quis sobretudo que os meus leitores vissem o aspecto do diadema quando usado.

Para poupar a certos leitores a canseira de me escreverem, gostaria de dizer, desde já, que conheço a descrição que Suetónio faz dos olhos de César: ”nigris vegestique oculis”, o que normalmente é traduzido por ”fogosos olhos negros” ou ”penetrantes olhos negros” ou ”olhos negros muito vivos”. Contudo, Suetónio também diz que César era branco de tez, e estava a escrever cento e cinqüenta anos depois da morte de César; ora, durante século e meio, os bustos em que Suetónio se baseava terão sido, por certo, reparados e pintados de novo, pelo que é muito natural que já não reflectissem, nessa altura, a verdadeira cor dos olhos. Ter uma tez branca e olhos negros é muito raro. O sobrinho-neto de César, Augusto, também tinha tez branca; os seus olhos, segundo as fontes, eram cinzentos, uma cor mais condizente com a brancura da pele. Os olhos de tons pálidos, com um anel escuro nos limites da íris, têm sempre uma qualidade penetrante — e por isso optei por me afastar da descrição de Suetónio, ainda que unicamente nesse ponto; Plutarco, embora decepcionante no que toca à descrição física de César, refere a tez branca de César. Veleio Paterculo diz que César ”superava todos os outros na beleza da sua pessoa”. É Suetónio quem nos diz que César era alto e magro, embora com uma excelente constituição física. Não gostaria que os meus leitores ficassem a pensar que, sucumbindo a tentações de romancista e mulher, resolvi dar a uma importante personagem histórica uma atracção física que ela não possuía! É que, na realidade, o nosso pobre César tinha tudo — inteligência, beleza, uma elevada estatura e um corpo magnífico.

Só mais um comentário sobre os bustos: os desenhos foram executados rigorosamente à escala e, por isso, os rostos com olhos invulgarmente grandes reflectem, pura e simplesmente, a

fantasia do escultor original, o qual, muito provavelmente, pretendia lisonjear o modelo, atribuindo-lhe uns olhos demasiado grandes. Os olhos grandes eram o maior sinal de beleza para um romano.

A fim de esclarecer aqueles que possam ficar intrigados porque as cartas de Pompeu ao Senado diferem muito do que vem em Salústio, ou porque os discursos de Cícero nos tribunais são muito diferentes dos discursos publicados que resistiram até aos nossos dias gostaria de dizer o seguinte: existem muitas dúvidas quanto à veracidade de Salústio, no que respeita à correspondência de Pompeu; por outro lado, Cícero reescreveu os seus discursos quando se dispôs a publicá-los. Por isso, optei por usar as minhas próprias palavras. Quanto à questão dos elefantes, não nos esqueçamos de que os Romanos conheciam bem os paquidermes africanos, e não os indianos, e de que a espécie africana é mais corpulenta e muito menos propensa à domesticação do que a espécie indiana.

Os leitores eventualmente interessados em receber uma bibliografia sobre os temas tratados, poderão escrever-me ao cuidado dos meus editores.

O próximo livro desta série terá o título de As Mulheres de César.

ABSOLVO Termo utilizado pelo júri de um tribunal ao absolver o réu. Este termo era usado unicamente nos tribunais, e não nas Assembleias.

Ager Gallicus Literalmente, terra gaulesa. A localização e as dimensões exactas da Ager Gallicus não são conhecidas, mas sabemos que ficava no litoral adriático de Itália, uma parte dentro da Itália peninsular, outra parte dentro da Gália Italiana. A sua fronteira sul era provavelmente o rio Ésis e a fronteira norte não devia ficar muito longe de Arimino. Originalmente, foi a região onde viveu a tribo gaulesa dos Sénones, que aí se instalaram depois da invasão do rei Breno I, em 390 a.C. Foi integrada na ager publicus romana quando assumiu o controlo dessa parte de Itália. Em 232 a.C., foi distribuída por Caio Flamínio e deixou de pertencer ao Estado.

ager publicus Terrenos pertencentes ao Estado romano. A maior parte desses terrenos eram adquiridos por direito de conquista ou confiscados aos seus proprietários como punição por deslealdade. Este último caso era bastante comum dentro das fronteiras de Itália. A ager publicus romana existia em todas as províncias ultramarinas, na Gália Italiana e no interior da península italiana. A responsabilidade pelo seu uso (normalmente sob a forma de arrendamento

de vastas propriedades) cabia aos censores; no entanto, muita da ager publicus ultramarina não era cultivada.

Agger Parte das Muralhas Sérvias de Roma, o Agger protegia a cidade na sua zona mais vulnerável, o Campo Esquilino. O Agger consistia de uma dupla muralha na qual se integravam poderosas fortificações.

agora Espaço ao ar livre, usualmente rodeado por colunatas ou edifícios públicos, que, em qualquer cidade grega ou helénica, tinha as funções de praça pública e centro cívico. O equivalente romano era o Fórum.

Aliados Qualquer nação, povo ou indivíduo formalmente investido do título de ”Amigo e Aliado do Povo Romano” era um Aliado. Este título traduzia-se normalmente por determinados privilégios nas relações comerciais e nas actividades políticas (ver também Aliados Italianos, socii).

Aliados Italianos Certos estados e/ou tribos dentro da Itália peninsular não conseguiram a cidadania romana mesmo depois de se terem erguido contra Roma em 91 a.C. (uma guerra abordada pormenorizadamente em Coroa de Erva). Eram considerados socii, ou seja, Aliados de Roma. Só no final do ano 82 a.C., já na ditadura de Sila, é que estes Aliados Italianos se tornaram cidadãos romanos.

AMOR Porque ”Amor” é ”Roma” ao contrário, os Romanos dos tempos da República acreditavam que ”Amor” era o nome secreto e vital de Roma.

Anatólia Grosseiramente, eqüivalerá à actual Turquia Asiática. Incorporava as antigas regiões da Bitínia, Mísia, Província da Ásia, Frígia, Pisídia, Panfília, Cilícia, Paflagónia, Galácia, Ponto, Capadócia e Armênia Menor.

Anco Márcio O quarto rei de Roma, considerado pela família Márcio (em particular, o ramo da família cognominado Rex) como o seu fundador; o que não parece provável, já que os Márcios eram plebeu. Anco Márcio poderá ter colonizado Óstia; no entanto, há dúvidas quanto aos seus feitos: não se sabe ao certo se colonizou Óstia ou se conquistou as minas de sal do estuário do Tibre aos Etruscos. Só uma das suas obras públicas resistiu à passagem do tempo — a Ponte de Madeira, ou Ponte Sublício. Faleceu em 617 a.C., deixando filhos que não herdaram o trono — o que viria a originar sérios conflitos.

arcada Um longo alinhamento de lojas de ambos os lados de uma passagem estreita,

coberta por um telhado. O Bazar Coberto de Istambul é, provavelmente, muito parecido (ainda que muito maior) com uma antiga arcada.

Armênia Maior (Magna) Na Antigüidade, a Armênia Maior estendia-se desde o Sul do Cáucaso até ao rio Araxes; a leste, ia até ao mar Cáspio e, a oeste, chegava às nascentes do Eufrates. Era uma região extremamente fria e montanhosa.

Armênia Menor (Parva) Embora chamada Armênia Menor, esta região, que se estendia pelas montanhas do Alto Eufrates e do
Alto Arsânio, não pertencia à Armênia. Antes de ser conquistada por Mitridates VI do Ponto, foi governada pela sua própria casa real, a qual se encontrava vinculada por um juramento de fidelidade ao Ponto, e não à Armênia.

armillae Largas braceletes de ouro ou prata, concedidas como prêmio por actos valorosos aos legionários, centuriões, cadetes e tribunos militares de estatuto inferior.

Arvernos Tribo gaulesa que vivia na parte norte do maciço central de Cebena, na Gália Transalpina.

Assembleia (Comícios) Qualquer reunião do Povo Romano convocada para tratar de assuntos governamentais, legislativos ou eleitorais. Na época de Caio Mário havia três Assembleias — das Centúrias, do Povo e da Plebe. A Assembleia Centurial dividia o Povo em classes, que eram definidas por uma prova de posses e eram de natureza econômica. Como era originariamente uma reunião militar, cada classe agrupava-se nas suas centúrias (que na época de Mário eram em número muito superior a cem homens, como fora decidido, para manter o número de centúrias em cada classe num determinado valor). A sua designação latina era Comitia Centuriata e reunia-se para eleger cônsules, pretores e (de cinco em cinco anos) censores; também reunia para julgamentos que envolvessem acusações de traição. As outras duas Assembleias eram de natureza tribal e não econômica. A Assembleia do Povo permitia a participação total dos patrícios; o seu nome latino era Comitia Populi Tributa e reunia as trinta e cinco tribos em que se dividiam todos os cidadãos romanos. A Assembleia do Povo (também denominada Assembleia Popular) era convocada por um cônsul ou um pretor, podia formular leis e elegia os edis curuis, os questores e os tribunos dos soldados. Podia ainda realizar julgamentos. A Assembleia da Plebe ou Assembleia Plebéia era conhecida em latim como Comitia Plebis Tributa ou Concilium Plebis. Não era permitida a participação dos patrícios e era

convocada por um tribuno da plebe. A Assembleia da Plebe tinha o direito de fazer leis (conhecidas como plebiscitos) e conduzir julgamentos. Elegia os edis da plebe e os tribunos da plebe. Em nenhuma Assembleia romana o voto de um indivíduo podia ser creditado directamente às suas vontades; na Assembleia Centurial, o seu voto era creditado à centúria da sua classe, e o voto global da sua centúria era creditado no sentido da vontade da maioria; nas Assembleias tribais do Povo e da Plebe, o seu voto era creditado à tribo, e o voto global da tribo era creditado no sentido do que a maioria dos seus membros decidisse.

atrium A principal sala de recepção de uma casa privada romana (ou domus); tinha uma abertura rectangular no telhado (o compluvium) sob a qual se situava um tanque (o impluviuni). De início, o tanque servia de reservatório para a água usada em casa, mas, no final da República, o seu uso era já puramente ornamental.

auctoríías Uma palavra latina muito difícil de traduzir, pois significa mais que o termo ”autoridade”. Este termo implicava proeminência, influência, chefia, importância pública e privada e — acima de tudo — a capacidade de influenciar o curso dos acontecimentos através da mera reputação pública ou pessoal. A auctoritas fazia parte da natureza de todas as magistraturas, mas não se limitava aos detentores delas; o Princeps Senatus, Pontifex Maximus, Rex Sacrorum, os consulares e ainda alguns indivíduos podiam acumular auctoritas.

augure Sacerdote cujos deveres tinham a ver com a adivinhação. Os augures estavam reunidos num Colégio, uma instituição oficial do Estado que teve doze membros (normalmente seis patrícios e seis plebeus) até ao ano de 81 a.C., altura em que Sila aumentou esse número para quinze, de forma a que o Colégio tivesse pelo menos um plebeu ou um patrício a mais. Até 104 a.C., ano em que Cneu Domício Aenobarbo fez aprovar a sua lex Domitia de sacerdotis, os novos augures eram escolhidos pelos que já formavam o Colégio; depois dessa lei, os augures passaram a ser eleitos por uma Assembleia de dezassete tribos, escolhidas à sorte entre as trinta e cinco existentes. Sila acabou com essa eleição em 81 a.C., reimpondo a cooptação. O augure não previa o futuro, nem investigava os augúrios consoante os seus caprichos; examinava determinados objectos ou sinais, a fim de verificar se este ou aquele empreendimento contava ou não com a aprovação dos deuses (e o empreendimento em questão podia ser uma guerra, uma nova lei, uma reunião, ou qualquer outro assunto do Estado, incluindo as eleições). Havia um manual de interpretação que o augure tinha de seguir: os augures procediam ”conforme o que

vinha nos livros". O augure usava a toga trabea e empunhava um bastão recurvado, denominado lituus.

auxiliar Uma legião de não cidadãos incorporada num exército romano era denominada auxiliar; os seus soldados eram também chamados auxiliares, estendendo-se este termo igualmente à cavalaria. No tempo da ditadura de Sila, a infantaria auxiliar tinha praticamente desaparecido, ao contrário do que sucedia com a cavalaria auxiliar.

báquico Relativo a Baco (Dioniso, para os Gregos), deus do vinho e, por extensão, patrono das bebedeiras. Durante os primeiros tempos da República, os excessos báquicos eram vistos com maus olhos, chegando mesmo a ser proibidos por lei; contudo, no tempo de Sila, eram encarados com alguma tolerância.

bárbaro Este termo deriva de uma palavra grega com fortes raízes onomatopaicas; de facto, quando ouviram esses povos falar pela primeira vez, os Gregos acharam que o seu linguajar fazia lembrar o "bar-bar", ou seja, o latido dos cães. A palavra "bárbaro" foi usada para descrever raças e nações consideradas incivilizadas, e às quais faltava uma cultura admirável ou atraente. Gauleses, Germanos, Citas, Sármatas e Dácios eram considerados bárbaros.

basílica Um grande edifício para serviços públicos como julgamentos e também serviços comerciais, desde lojas a escritórios. A basílica tinha dois pisos e era iluminada por clerestórios e incorporava uma arcada de lojas sob aquilo a que poderíamos chamar de terraços. Embora a sua manutenção estivesse a cargo dos edis, era construída a expensas de um nobre romano de elevado estatuto. A primeira basílica foi construída por Catão, o Censor, na Clivus Argentarius, ao lado do edifício do Senado, e era conhecida como a Basílica Pórcia; além de acomodar casas bancárias, era ainda a sede do Colégio dos Tribunos da Plebe. Na época que este livro abarca, havia também a Basílica Emília, a Basílica Semprónia e a Basílica Opímia, todas na orla do baixo Fórum Romano.

Belona Deusa romana da guerra. O seu templo situava-se fora do pomerium, ou limite sagrado da cidade, no Campo de Marte, e a sua construção partiu de uma iniciativa do grande Ápio Cláudio Cego, em 296 a.C. Um grupo especial de sacerdotes, denominados fetiales, conduzia os seus rituais.

birreme Navio de guerra, que dependia mais da força dos remos do que das velas (embora possuísse mastro e vela, normalmente dispensados quando era preciso entrar em acção).

Alguns birremes tinham convés, total ou parcialmente, mas a maior parte eram abertos. Parece provável que as duas fileiras de remadores estivessem sentadas a níveis diferentes; a fileira superior estaria acomodada numa estrutura projectada para o exterior do costado; os remos da fileira inferior seriam enfiados por portinholas nos costados. O birreme era construído com madeira de abeto ou pinheiro e só podia fazer-se ao mar combom tempo e travar batalhas em mares muito calmos. Era muito mais comprido do que largo pelo través (a proporção era aproximadamente de 7 para 1) e tinha provavelmente 30 metros de comprimento. Levava mais de cem remadores. Um esporão feito com madeira de carvalho e reforçado a bronze projectava-se da proa, imediatamente abaixo da linha de água. Este esporão era usado para abrir brechas e afundar outros navios. O birreme não fora concebido para transportar guerreiros marinheiros ou para provocar abordagens e combates corpo-a-corpo. Ao longo das eras grega e romana (republicana ou imperial), todos os navios eram propulsionados por remadores profissionais, nunca por escravos. O remador escravo foi um produto da era cristã.

Bóreas Vento norte.

cadeira curul Em latim, sella curulis. Era a cadeira de marfim reservada exclusivamente aos homens que ocupavam magistraturas séniores; nela tinha lugar um edil curul, mas não o edil da plebe. O pretor e o cônsul tinham direito a cadeiras curuis, que eram propriedade dos magistrados que detinham imperium, tal como os lictores. A cadeira curul era belamente trabalhada, e as suas pernas cruzavam-se num X largo; tinha braços muito baixos mas não tinha costas. Um romano de toga sentava-se nela muito direito, para que nada perturbasse o modo como tombava a complicada massa composta pelas pregas da toga sobre o braço, costas e ombros.

caelum grave et pestilens Malária.

Calábria Que confuso para os que conhecem o Itália dos nossos dias! Actualmente, a Calábria fica na ponta da bota, mas em tempos idos ficava no salto.

Calendas O primeiro dos três dias nomeados de cada mês e que representavam os pontos fixos do mês. Os dias eram contados de trás para a frente a partir de cada um desses pontos — Calendas, Nonas e Idos. As Calendas eram consagradas a Juno e, originalmente, coincidiam com o aparecimento da Lua Nova.

Campo de Marte Situado a nor-noroeste das Muralhas Sérvias de Roma, o Campo de

Marte era limitado pelo Capitólio a sul e pela Colina Pinciana a leste; o resto era limitado por uma vasta curva do rio Tibre. No Campo de Marte, acampavam exércitos aguardando o triunfo do seu general; realizavam-se exercícios militares, bem como o treino dos jovens; decorriam também neles as assembleias dos Comitia Centuriata. Situavam-se no Campo de Marte os estábulos e as pistas
para os treinos dos cavalos que participavam nas corridas de carros. A enseada do Trigário ficava no ápice da curva do Tibre e, a norte dela, havia nascentes de águas minero-medicinais quentes (as nascentes do Tarento). A Via Lata (Via Flamínia) atravessava o Campo de Marte, a caminho da ponte Múlvia, e a Via Recta seccionava-o, fazendo um ângulo recto com a Via Lata.

Campo Esquilino Área plana fora das Muralhas Sérvias e da dupla muralha do Agger, entre a Porta Querquetulana e a Porta Colina. Aqui ficava a necrópole de Roma.

Campo Lanatário Área plana dentro das Muralhas Sérvias, na zona do Aventino adjacente às muralhas. Ficava entre a Porta Rauduscula na e a Porta Naevia. Situavam-se no Campo Lanatário vastas instalações para gado e também matadouros.

capite censi Ou proletarii: os mais pobres de Roma. Eram chamados capite censi (”cabeças contadas”) porque, num censo, tudo o que os censores faziam era contar as suas cabeças. Demasiado pobres para pertencerem a uma Classe, os proletarii urbanos pertenciam normalmente a uma tribo urbana e por isso os seus votos não tinham qualquer peso. Tal facto tornava-os politicamente inúteis; era apenas necessário que tivessem alimentos e divertimentos suficientes, de modo a que não se amotinassem. Esta gente não tinha consciência política, nem tão pouco se interessava pela forma como Roma era governada; por outro lado, não conheciam a opressão que caracterizou os seus pares aquando da Revolução Industrial. Evitei cuidadosamente os termos ”massas” ou ”proletários”, por causa dos preconceitos pós-marxistas que esses termos veiculam e que não se aplicam às classes baixas da Antigüidade. Na realidade, os proletarii parecem ter constituído uma classe activa, feliz e nada servil, perfeitamente consciente do seu valor e com escasso respeito pelos grandes. Contudo, não dispensavam os heróis: o principal parece ter sido Caio Mário — até ao aparecimento de César, a quem adoravam. Isto, em contrapartida, pode sugerir que os capite censi não eram imunes ao poder militar e à ideia de que Roma era a maior potência do mundo.

carcer Masmorras. O outro nome para o Tuliano era simplesmente Carcer.

Carinas Um dos bairros mais ricos de Roma. As Carinas ficavam situadas na ponta norte do monte Opiano, no seu lado ocidental; estendia-se entre a Vélia e a Clivus Pullius. Tinham vistas para sudoeste, para os pântanos do Palus Ceroliae e o Aventino.

Cassitérides As Ilhas do Estanho. Actualmente conhecidas pelo nome de ilhas Scilly, situadas ao largo da ponta sudoeste da Cornualha, Inglaterra. O estanho das minas da Cornualha era embarcado para as Cassitérides, usadas como ponto intermediário. O pai de Crasso viajou até essa região em 95 a.C.

Castor O imortal Gémeo Sagrado. Embora o imponente templo do Fórum Romano se chamasse de facto Templo de Castor e Pólux (também denominados os Dioscuros), os Romanos referiam-se sempre a ele como o Templo de Castor. Tal facto deu origem a muitas piadas sobre empreendimentos conduzidos por dois homens em que um deles era sistematicamente menosprezado. Do ponto de vista religioso, Castor e Pólux encontravam-se entre as principais divindades adoradas pelos Romanos, talvez porque, a exemplo de Rómulo e Remo, eram gémeos.

cavalaria Soldados montados. Na época final da República, toda a cavalaria incorporada nos exércitos romanos era auxiliar: ou seja, formada por não cidadãos. Germanos, Gauleses, Trácios, Galacianos e Numídios abasteciam normalmente as unidades de cavalaria romanas, pois eram povos que possuíam muitas tribos habituadas a montar. Ao que parece, raramente houve falta de voluntários para as hostes da cavalaria; crê-se que os Gauleses e os Numídios eram os mais numerosos. A cavalaria distribuía-se por regimentos de quinhentos homens, dividindo-se cada regimento em dez esquadrões constituídos por cinqüenta soldados. Eram conduzidos por oficiais da sua própria nacionalidade, ainda que o comandante-chefe fosse sempre romano.

Cavaleiros Os Equites, os membros do Ordo Equester. Tudo começou quando os reis de Roma inscreveram os cidadãos mais importantes da cidade numa unidade especial de cavalaria com cavalos pagos pelos fundos públicos. Nessa época, em Itália, os cavalos de boa qualidade eram raros e extremamente caros. Na altura em que os reis de Roma cederam à jovem República, havia mil e oitocentos nessas unidades, agrupados em dezoito centúrias. À medida que a República foi crescendo, também aumentou o número de cavaleiros, mas todos os cavaleiros excedentários pagavam os seus cavalos e a sua manutenção; os mil e oitocentos homens que detinham o ”cavalo público”, como era chamado, formavam agora o ramo sénior do Ordo

Equester. Contudo, no séc. II a.C., já não era Roma que abastecia a sua cavalaria; o Ordo Equester passara a ser uma entidade social e econômica que pouco tinha a ver com questões militares. Os cavaleiros eram agora definidos pelos censores em termos econômicos, e enquanto as dezoito centúrias originais que detinham o cavalo público permaneciam ainda com uma centena de homens cada uma, as outras (cerca de setenta e uma) iam aumentando em número, de forma que todos os homens que preenchiam os requisitos no censo dos cavaleiros eram incluídos na Primeira Classe. Até 123 a.C., os senadores ainda faziam parte do Ordo Equester, foi Caio Graco que as separou numa ordem isolada de trezentos homens. No entanto, os seus filhos e os homens da sua família que não pertenciam ao Senado eram ainda classificados como cavaleiros.

Para ser classificado como cavaleiro no censo (reunido num tribunal especial no Fórum Romano), um homem tinha de possuir bens ou rendimentos que excedessem 400000 sestércios. Embora nem sempre ocorresse, alguns censores insistiam numa parada de mil e oitocentos cavaleiros detentores do Cavalo Público, para garantir que esses homens se mantivessem a si e aos seus cavalos. A parada do Cavalo Público (quando se verificava) ocorria por volta dos Idos de Julho, com os censores sentados em trajo de gala num tribunal no topo do templo de Castor e Pólux no Fórum Romano, enquanto cada um dos possuidores do Cavalo Público conduzia a sua montada numa espécie de desfile de tropas diante dos censores.

Desde a época de Caio Mário até ao fim da República, os cavaleiros controlaram ou perderam o controlo dos tribunais que julgavam os senadores por traições menores ou extorsões nas províncias, e estavam-com freqüência em desacordo com o Senado. Nada impedia um cavaleiro que preenchesse os requisitos de posse senatoriais de candidatar-se ao Senado; o facto de, de um modo geral, não aspirarem ao Senado devia-se unicamente à paixão dos cavaleiros pelos negócios e pelo comércio, fruto proibido aos senadores. O Ordo Equester (este nome formal não existia antes de Caio Graco) gostava mais da excitação do fórum dos negócios do que da excitação do fórum político.

cavalo de Neso O cavalo mais corpulento conhecido na Antigüidade. Ao que se crê, era pelo menos tão grande como o cavalo medieval que transportava o cavaleiro envergando armadura, já que os reis da Armênia e dos Partos usavam os cavalos de Neso como montadas para os catafractos (cavaleiros vestidos com cota de malha da cabeça aos pés, tal como os

cavalos). Era originário das regiões a sul e a oeste do mar Cáspio, na Média, mas, no período final da República, havia cavalos de Neso espalhados pela maior parte das regiões do mundo antigo.

Cavalo de Outubro Nos Idos de Outubro (altura em que normalmente terminavam as campanhas militares), escolhiam-se os melhores cavalos de batalha desse ano que depois eram arreados aos carros aos pares. Esses cavalos disputariam as corridas no relvado do Campo de Marte e não num dos circos. O cavalo da direita do par vencedor era sacrificado a Marte, num altar especialmente construído para o efeito perto do recinto onde se disputara a corrida. O animal era morto com uma lança, após o que a sua cabeça era retalhada e enfeitada com pequenos bolos, enquanto a sua cauda e os órgãos genitais eram levados a correr para a Regia, no Fórum Romano, sendo o sangue derramado no altar da Regia. Concluídas as cerimónias com a cabeça do cavalo decorada com bolos, ela era atirada para duas multidões separadas: uma compreendendo os habitantes do bairro de Subura, a outra formada pelos residentes na Via Sacra; as duas multidões lutavam pela posse da cabeça. Se ganhassem os da Via Sacra, pregavam a cabeça na parede exterior da Regia; se ganhassem os de Subura, pregavam-na na parede exterior da Torre Mamília (o mais imponente edifício do bairro). Desconhecemos a razão que estava por detrás de todo este cerimonial; os eruditos modernos tendem a pensar que o ritual tinha a ver com o encerramento das campanhas numa época muito anterior àquela em que viveram Mário e Sila. Nem os próprios Romanos do tempo de Mário e Sila conheceriam as origens das cerimónias. Não sabemos se os cavalos envolvidos nas corridas eram ou não Cavalos Públicos; mas podemos presumir que o eram.

Cavalo Público Um cavalo que pertencia ao Estado — ao Senado e ao Povo de Roma.

Já no tempo dos reis, era política do Estado fornecer cavalos de batalha aos mil e oitocentos cavaleiros das dezoito Centúrias mais séniores — não nos esqueçamos de que, originalmente, a Assembleia Centurial era uma assembleia militar e de que as Centúrias séniores formavam a cavalaria. O direito destes cavaleiros séniores ao Cavalo Público era extremamente considerado e defendido.

cavea ver teatros.

cella Uma divisão de uma casa ou edifício sem um nome específico (ou função, nas habitações). A uma sala de um templo chamava-se apenas cella.

Celtiberos Termo genérico usado para designar as tribos que viviam no Norte e no

Centro-norte de Espanha. Como o nome sugere, eram uma mistura dos Celtas que haviam emigrado da Gália e dos
indígenas, os Iberos. As suas cidades eram quase sempre erigidas em locais montanhosos de difícil acesso. Os Celtiberos foram os mestres do passado na guerra de guerrilha.

censo De cinco em cinco anos, os censores actualizavam o registo, ou censo, dos cidadãos romanos. Nesses registos, ficavam inscritos os nomes de todos os cidadãos romanos do sexo masculino, acompanhados de informações sobre a tribo a que cada um pertencia, a classe econômica, propiedades e meios de subsistência, e ainda sobre a família. As mulheres e as crianças não eram formalmente registadas como cidadãos romanos, embora haja casos de mulheres que, devido aos seus méritos, conquistaram a cidadania romana (casos referidos pelas fontes antigas). O censo da cidade de Roma era realizado no Campo de Marte, em instalações construídas para o efeito; aqueles que viviam noutras regiões de Itália tinham de apresentar-se às autoridades do registo municipal mais próximo; os que viviam fora de Itália apresentavam-se ao governador provincial. No entanto, há indícios de que os censores do ano 97 a.C, Lúcio Valério Flaco e Marco António Orador, alteraram o processo de registo dos cidadãos vivendo fora de Roma mas dentro de Itália.

censor Era o mais augusto de todos os magistrados romanos, embora não tivesse imperium e não fosse, por esse motivo, escoltado por lictores. Os dois censores eram eleitos pela Assembleia Centurial e serviam durante um período de cinco anos (um lustrum); a actividade censrial, no entanto, era em grande parte limitada aos dezoito primeiros meses do lustrum, o qual começava com um sacrifício especial, o suovetaurilia, de um porco, uma ovelha e um boi. Só depois de ter sido cônsul é que um romano podia disputar as eleições para censor e, normalmente, só os consulares que dispunham de grande auctoritas e dignitas é que se arriscavam a disputá-las. Os censores inspeccionavam e controlavam a admissão de membros do Senado e da Ordo Equester e conduziam um censo geral de cidadãos romanos em todo o mundo romano. Tinham o poder de transferir um cidadão de uma tribo para outra, bem como de uma Classe para outra. Eram também eles quem aplicava a prova de posses. Firmavam os contratos estatais relativos a tudo, desde a colecta de impostos às obras públicas. Em 81 a. C., Sila aboliu este cargo: ao que parece, tratou-se de uma medida temporária.

centúria Qualquer agrupamento de cem homens. A legião romana estava organizada em

unidades básicas constituídas por cem homens — as centúrias. As Classes da Assembleia Centurial estavam também organizadas em centúrias; porém, devido ao crescente aumento da população, estas centúrias acabaram por conter muito mais do que cem homens.

centurião Centúria, centuriones (pi.) O oficial de carreira, tanto das legiões de cidadania romana como auxiliares. É um erro compará-lo com o actual oficial subalterno; os centuriões eram profissionais com um estatuto que não fora ainda complicado pelas nossas modernas distinções sociais. Um general romano derrotado dificilmente se preocupava por perder tribunos militares, mas ficava perturbadíssimo se perdesse centuriões. O posto de centurião era graduado; o centúria mais sénior comandava um grupo de oitenta soldados e vinte não combatentes denominado uma centúria. No exército republicano reorganizado por Caio Mário, cada coorte tinha seis centuriões, com o homem mais sénior, o pilus prior, ao comando da centúria sénior da sua coorte, bem como toda a coorte. Os dez homens que comandavam as dez coortes que compunham uma legião eram ainda ordenados por antigüidade, e o primus pilus apenas prestava contas ao comandante da sua legião (um dos tribunos eleitos dos soldados ou um dos legados do general). A promoção nos tempos da República efectuava-se a partir do posto de soldado.

chlamys Em português, clâmide. Uma espécie de manto ou capa, usado pelos Gregos.

cidadania Neste livro, a cidadania romana. A posse desta autorizava um homem a votar na sua tribo e classe (se preenchesse os requisitos económicos para pertencer a uma classe) em todas as eleições da cidade de Roma. Não podia ser vergastado, tinha direito a ser julgado em tribunal romano e a interpor recurso. Em diversas ocasiões, ambos os pais tinham de ser cidadãos romanos, enquanto noutras alturas bastava apenas ser o pai (e daí o cognomen Hybrida). O cidadão estava sujeito ao serviço militar, embora, antes do tempo de Caio Mário, só se tivesse posses para comprar as suas armas e sustentar-se em campanha sem a quantia diminuta que era paga pelo Estado, geralmente no final da campanha.

Ombros Vasta associação de tribos germanas que viveram na metade norte do Quersoneso Címbrico (actual Península da Jutlândia) até ao ano 120 a.C., altura em que uma catástrofe natural tê-los-á levado a migrar. Juntamente com os seus vizinhos do sul, os Teutões,

deram início a uma jornada épica em busca de uma nova terra —
uma jornada que durou vinte anos, que os fez percorrer milhares e milhares de quilômetros e que, por fim, os levou a combater contra Roma (e contra Caio Mário). Foram praticamente aniquilados na batalha de Vercelas, em 101 a.C.

Cipião Africano Públio Cornélio Cipião Africano nasceu em 236 a.C. e faleceu por volta do final de 184 a.C. Patrício de uma família augusta, distinguiu-se desde muito jovem na guerra. Aos 26 anos, foi investido de um imperium proconsular pelo Povo (e não pelo Senado) e enviado para a Hispânia, a fim de combater os Cartagineses. Esta campanha, que durou cinco anos, terminou com a vitória total de Roma. Cônsul muito novo (tinha 31 anos), ignorou a oposição senatorial e invadiu a Sicília e a África, que acabaram por cair em seu poder. Cipião foi então convidado a adoptar o cognome Africano. Foi eleito censor e nomeado Princeps Senatus em 199 a.C. e voltou a ser cônsul em 194 a. C. Tão avisado quanto brilhante, Cipião Africano advertiu Roma de que Antíoco, o Grande, da Síria, invadiria a Grécia; quando a invasão realmente se deu, Cipião Africano foi como legado do seu irmão Lúcio combater o invasor sírio. No entanto, Catão, o Censor, um rígido moralista, sempre condenara os Cipiões por não imporem regras morais aos seus exércitos; daí que tivesse lançado uma perseguição a Lúcio e a Africano, que parece ter sido a causa da morte deste último. Cipião Africano foi casado com Emília Paula, a irmã do conquistador da Macedónia. Uma das suas duas filhas foi Cornélia, a mãe dos Gracos. Os seus dois filhos não ficaram na história.

Circo Flamínio O circo situado no Campo de Marte, não muito longe do Tibre e do Fórum Holitorium. Foi construído em 221 a.C. e, por vezes, era utilizado para a realização de assembleias, quando a Plebe ou o Povo tinham de reunir fora do pomerium. Parece ter sido bastante usado para a realização de jogos, embora normalmente para acontecimentos que atraíssem menos público do que os do Circus Maximus. Tinha uma lotação de cerca de cinqüenta mil espectadores.

Circus Maximus O velho circo construído pelo rei Tarquínio Prisco, antes do início da República. Preenchia todo o Vallis Murcia, um declive entre os montes Palatino e Aventino. Embora a sua capacidade fosse de aproximadamente cento e cinqüenta mil espectadores, tudo indica que, durante a República, os cidadãos libertos eram classificados como escravos quando havia espectáculos no Circus Maximus — daí que lhes fosse negada a entrada. O número de

interessados em assistir aos jogos circenses era sempre excessivo. As mulheres podiam também assistir a estes jogos.

Citas Povo de nômadas (e cavaleiros) de provável origem germânica que vivia nas estepes asiáticas a leste do rio Tanais (o Dom) e que se estendia até ao Cáucaso. Encontravam-se bem organizados do ponto de vista social, ao ponto de terem reis. Eram ferreiros famosos.

citocacia Blasfêmia latina sem gravidade, significando ”estramónio”.

citrus (cidreira, madeira de) Trata-se da madeira mais valiosa do mundo romano. Era extraída de enormes excrescências do sistema de raízes de uma árvore parecida com o cipreste, a Callitris quadrívavis vent., que crescia nas terras altas do Norte de África, desde o oásis de Amónio e a Cirenaica até ao longínquo Atlas da Mauritânia. Embora denominada citrus, esta árvore não tem qualquer relação com as árvores de citrinos. A maior parte das vezes, a madeira era usada em tampos de mesa (normalmente montados sobre um único pedestal criselefantino), mas também havia quem fizesse tijelas com ela. As mesas não sobreviveram até aos nossos dias, mas já o mesmo não sucedeu com as tijelas, que nos permitem concluir que esta foi certamente a mais bela madeira de todos os tempos.

classes Eram em número de cinco e representavam as divisões econômicas entre os cidadãos romanos, consoante os bens e propriedades que possuíam e os rendimentos que obtinham. Os membros da Primeira Classe eram os mais ricos, os membros da Quinta Classe os mais pobres. Os capite censi não tinham estatuto de classe e, por isso, não podiam votar na Assembleia Centurial.

cliente Em latim, cliens. O termo indicava um homem de estatuto livre ou libertado (embora não tivesse de ser cidadão romano) que se comprometia para com um homem a quem chamavam patrono (patronus). O cliente tomava a seu cargo do modo mais solene e moralmente obrigatório servir os interesses e obedecer às vontades do seu patrono, em troca de vários favores (habitualmente ofertas de dinheiro ou posições ou auxílio legal). O escravo libertado tornava-se automaticamente cliente do seu dono anterior, até ficar livre dessa obrigação — se chegasse a sê-lo. Havia uma espécie de sistema de honra que regia a conduta de um cliente em relação ao seu patrono, e esse sistema era notavelmente cumprido. Ser cliente não implicava necessariamente que um homem não pudesse ser também patrono; significava antes que não podia ser o único patrono, visto que os seus clientes eram também clientes do seu patrono. Havia leis que

regulavam a relação entre um cliente estrangeiro e um patrono; no que diz respeito a reinos de clientes ou estados estrangeiros que tinham Roma por patrono, existia uma obrigação legal de pagar o resgate de qualquer cidadão romano raptado, um facto com que os piratas contavam bastante como uma fonte adicional de rendimentos. Assim, não só os indivíduos podiam tornar-se clientes como também podiam sê-lo cidades inteiras e até países.

clivus Uma rua íngreme.

cognome O último nome de um romano desejoso de distinguir-se dos seus pares que tivessem o mesmo nome próprio (praenomeri) e apelido (nomeri) que ele. Podia ser ele próprio a adoptar um cognome, como fez Pompeu (Magno), ou então usar o cognome que vigorava na família há muitas gerações, como acontecia com os Júlios cognominados César. Nalgumas famílias, era preciso ter mais de um cognome: por exemplo, Quinto Cecílio Metelo Pio Corneliano Cipião Nasica, filho adoptivo de Metelo Pio, o Bacorinho. Quinto era o seu nome próprio (praenomen); Cecílio o apelido de família (nomeri); Metelo Pio eram cognomina pertencentes ao pai adoptivo; e Cipião Nasica eram cognomina do pai de sangue. Acabou por ser conhecido como Metelo Cipião, um compromisso entre a família de sangue e a família adoptiva. Os cognomina indicavam freqüentemente idiossincrasias físicas que de carácter — orelhas de abano, pés chatos, uma corcunda, pernas inchadas — ou comemoravam um feito importante, como no caso dos Cecílios Metelos, que foram cognominados de Dalmático, Baleárico, Macedónico, Numídico (cognomes relacionados com regiões conquistadas por cada um desses homens). Os melhores cognomina eram fortemente sarcásticos — Lépido significava um indivíduo muito simpático, afeiçoado a algum grande patife — ou extremamente espirituosos — como aconteceu com Caio Júlio César Estrabão Vopisco que, para além dos cognomes que já tinha, ainda ganhou o de Sesquiculus, que significava que ele era muito mais do que um mero traseiro: era traseiro e meio.

colégio Grupo ou sociedade de homens tendo algo em comum. Roma possuía colégios de sacerdotes (o Colégio dos Pontífices), colégios políticos (o Colégio dos Tribunos da Plebe), colégios religiosos (o Colégio dos Lictores), e colégios relacionados com o trabalho (a Associação dos Agentes Funerários). Alguns grupos de homens,

ligados a todas as esferas da vida romana, incluindo escravos, reuniam-se nos chamados Colégios ou Congregações das Encruzilhadas. Cuidavam das encruzilhadas da cidade de Roma e

organizavam a festa anual das encruzilhadas, a Compitalia.

colunata Passagem coberta, flanqueada por uma fila de colunas exteriores quando ligada a um edifício em jeito de terraço, ou, não tendo qualquer ligação desse género (como acontecia freqüentemente), flanqueada por filas de colunas dos dois lados.

Comitia Vasto anfiteatro no qual decorriam as reuniões dos comitia. Situava-se no baixo Fórum Romano, contíguo aos degraus do Senado e à Basílica Emília, e era formado por séries de bancadas. Bem apertados, poderiam reunir-se nele talvez três mil homens. Os rostra, ou tribuna dos oradores, encontravam-se montados junto a uma das suas paredes.

CONDEMNO O termo utilizado por um júri ao pronunciar o veredicto de ”culpado”. Era um termo só usado pelos tribunais (ver também DAMNO).

confarreatio A mais antiga e rígida das três formas de casamento romano. Na época de Caio Mário, era apenas praticada pelos patrícios, dado que não era obrigatória. A noiva confarreatio passava das mãos do pai para as do marido, evitando-se assim que obtivesse qualquer meio de ser independente; esta era uma das razões por que o confarreatio não era popular, pois as outras formas de casamento permitiam a uma mulher ter um controlo maior nos seus negócios e dote. A dificuldade do divórcio era a outra causa da sua impopularidade; o divórcio (difarreatio) era uma questão lúgubre, religiosa e legalmente difícil e que se considerava dar mais trabalho do que merecia, a menos que as circunstâncias não deixassem outra alternativa.

cônsul O cônsul era o magistrado romano mais sénior detentor de imperium, e o consulado (os especialistas modernos não se lhe referem como ”consulado” pois um consulado é uma instituição diplomática moderna) era considerado o topo do cursus honorum. Todos os anos eram eleitos dois cônsules pela Assembleia Centurial, para permanecerem em funções durante um ano. O sénior dos dois — o que atingia primeiro o número necessário de votos nas centúrias — detinha ofasces durante o mês de Janeiro, o que significava que entrava em funções, enquanto que o seu colega júnior ficava a observar. O primeiro dia em funções para um cônsul era o dia de Ano Novo,

1 de Janeiro. Cada cônsul era assistido por doze lictores, mas só os lictores do cônsul que desempenhava as funções durante esse mês transportavam o fasces aos ombros. Na época de Caio Mário, os cônsules podiam ser patrícios ou plebeus, excepto o caso de dois patrícios não poderem exercer o cargo ao mesmo tempo. A idade própria para um cônsul era quarenta e dois

anos, doze anos depois de ter entrado para o Senado, aos trinta. O imperium de um cônsul não tinha limites e tinha validade não só em Roma mas por toda a Itália e nas províncias, e ultrapassava o imperium de um governador proconsular, O cônsul podia comandar qualquer exército.

consular Nome dado a um homem que tinha sido cônsul. O senado tratava-o com especial estima, e podia falar antes dos magistrados júniores. Por outro lado, caso o Senado assim o entendesse, podia ser nomeado governador de uma província em qualquer altura. Finalmente, podia ser chamado a cumprir outras tarefas, como seja a organização do abastecimento de cereais.

consultam Termo que designa um decreto senatorial. Não tinha força de lei. Para se transformar em lei, o consultam tinha de ser apresentado pelo Senado a qualquer uma das Assembleias, tribal ou centurial, que então procedia à sua promulgação (se os membros da Assembleia em questão assim o entendessem). No entanto, muitas consulta senatoriais nunca foram submetidas à apreciação das Assembleias, nem transformadas em lei, o que não impedia que fossem aceites como leis por toda a Roma; era o caso das decisões senatoriais acerca dos governadores das províncias, da declaração ou continuação de uma guerra, do comando de um exército, e dos negócios estrangeiros.

contio (Plural, contiones) Reunião preliminar para discutir a promulgação de uma lei ou qualquer outro assunto que interessasse aos comitia, a qual, embora não conduzisse a uma votação, era formalmente convocada pelo magistrado para tal qualificado.

contubernalis Um cadete, um subalterno com o mais baixo posto na hierarquia dos oficiais das legiões romanas, mas excluindo os centuriões — um centurião nunca poderia ter sido um cadete, um centurião era um soldado experiente.

coorte A única táctica da legião romana, compreendendo seis centúrias de soldados; em circunstâncias normais, uma legião tinha dez coortes. Era mais habitual falar-se das dimensões de um exército romano como tendo três ou quatro legiões em termos de coortes do que falar em legiões.

Coroa Cívica Corona cívica. A segunda mais importante condecoração militar romana. Era feita de folhas de carvalho. Atribuída a um homem que salvara as vidas de camaradas militares e que não cedera durante toda a batalha, só lhe era dada depois de os soldados em

questão jurarem formalmente perante o respectivo general que as circunstâncias tinham de facto sido essas.

Coroa de Erva Corona graminea ou obsidionalis. Feita da erva (ou por vezes de um cereal como o trigo, se a batalha era travada num campo cultivado) do campo de batalha e atribuída in loco, a Coroa de Erva era a mais rara de todas as condecorações militares romanas. Era dada apenas a um homem que, devido ao seu empenho pessoal, salvara toda uma legião — ou todo um exército.

couraça Armadura que cobria a parte superior do corpo sem ter a forma de uma camisa. Consistia de duas placas de bronze, aço ou couro curtido; a placa da frente protegia o tórax e o abdômen e a de trás protegia as costas, desde os ombros à espinha lombar. As placas eram unidas por correias ou juntas à altura dos ombros e ao longo dos braços. Algumas couraças eram requintadamente elaboradas de forma a adaptarem-se perfeitamente aos contornos do torso, ao passo que outras podiam ser envergadas por qualquer homem, fosse qual fosse o seu físico. Os homens de estatuto mais elevado — generais e legados — usavam couraças feitas com placas de prata (por vezes, raramente, de ouro) e trabalhadas com relevos. Presumivelmente como sinal de imperium, o general e talvez os mais séniores dos seus legados usavam uma estreita faixa vermelha à volta da couraça, a meio caminho entre o peito e a cintura; essa faixa era ritualmente atada.

ctónico Diz-se de tudo o que pertence ao mundo dos mortos e que constitui um mau augúrio.

cultarius Funcionário público incumbido de deveres religiosos. A sua única tarefa parecia consistir em cortar a garganta da vítima sacrificial. Contudo, na Roma republicana, este era sem dúvida um trabalho a tempo inteiro para vários homens, pois havia muitas cerimónias que exigiam o sacrifício de animais.

cunnus Obscenidade latina extremamente ofensiva — significava os órgãos genitais femininos.

Cuppedenis, mercado de Esta área situava-se atrás do alto Fórum Romano (na seu lado leste), entre a Clivus Orbius e o fim das Carinas. Neste mercado, vendiam-se artigos luxuosos ou especialidades

como pimenta, especiarias, incenso, unguentos e bálsamos. Servia também de mercado

de flores. Esta área pertenceu sempre ao Estado, até ser vendida para financiar a campanha de Sila contra o rei Mitridates.

Cúria Hostília O edifício do Senado. Cria-se que tinha sido construído por Tulo Hostílio, o obscuro terceiro rei de Roma. Daí o seu nome (”edifício de reuniões de Hostílio”).

cursus honorum ”A via da honra”. Se um homem aspirava a ser cônsul, tinha de seguir um determinado número de passos: primeiro, teria de ser admitido no Senado (quer tentando ser eleito questor, quer por cooptação dos censores, embora estes tivessem sempre a palavra final nos tempos de Caio Mário); teria de exercer o cargo de questor, mesmo que fosse já senador; após o que teria de ser eleito pretor; e finalmente podia candidatar-se ao consulado. Os quatro passos — senador, questor, pretor e cônsul — constituíam o cursus honorum. Nenhuma das edilidades (plebéia ou curul) nem o tribunado da plebe fazia parte do cursus honorum, mas a maior parte dos homens que aspirava a ser cônsules entendia que para atrair suficiente atenção do eleitorado precisava de exercer o cargo de tribuno da plebe ou edil. O cargo de censor, a que apenas tinham acesso aqueles que já haviam sido cônsules, era também separado do cursus honorum (ver magistrados).

DAMNO Termo usado num veredicto de condenação (ou sejai ”culpado”) num julgamento conduzido por uma das Assembleias. Os tribunais usavam o termo CONDEMNO.

decúria Um grupo de dez homens. Os Romanos, metódicos e organizados, costumavam subdividir grupos de várias centenas de homens em grupos menores de dez, por conveniências de administração e controlo. Por isso, o Senado foi organizado em decúrias (com um senador patrício à frente de cada uma delas), tal como o Colégio dos Lictores e provavelmente todos os outros colégios de funcionários públicos especializados. Tem sido sugerido que a centúria legionária também era dividida em decúrias, mas as provas de que dispomos apontam mais no sentido de grupos de oito homens. Como uma centúria legionária continha oitenta soldados, e não cem, teríamos dez grupos de oito soldados cada. Mas é possível que a cada oito legionários se juntassem dois dos vinte não combatentes das centúrias, que funcionariam como criados para todo o serviço — nesse caso, cada octeto seria afinal uma decúria.

demagogo Originalmente um termo grego, significando um político que não pretendia outra coisa que não fosse impressionar e atrair as massas. O demagogo romano preferia o anfiteatro dos Comitia ao Senado, mas a ”libertação das massas” não fazia parte da sua política e,

por outro lado, aqueles que o ouviam não pertenciam, de um modo geral, às classes mais baixas. O termo foi utilizado pelas facções ultraconservadoras do Senado para descrever os tribunos da plebe mais radicais.

denário Exceptuando uma ou duas cunhagens de moedas de ouro, o denário foi a moeda mais cunhada durante a República Romana. De prata pura, continha cerca de 3,5 gramas desse metal, e tinha o tamanho de uma moeda de dez cêntimos americanos — era, portanto, muito pequena. Um talento de prata eqüivalia a 6 250 denarii.

diadema O diadema não era uma coroa nem uma tiara, mas muito simplesmente uma fita branca muito espessa com cerca de 25 mm de largura, bordada nas extremidades que, muitas vezes, também apresentavam franjas. Era o símbolo do soberano helénico; apenas um rei e/ou rainha podiam usá-lo. As moedas mostram-nos que era usado na testa ou no alto da cabeça e era atado atrás, sob o occipício; as duas pontas caíam sobre os ombros.

dies religiosi Dias do ano considerados agoirentos. Nestes dias, não se devia fazer nada de novo, nem conduzir cerimónias religiosas. Alguns dies religiosi comemoravam derrotas militares; em três deles, o mundus (a porta do mundo dos mortos) ficava aberto; noutros, havia determinados templos que eram fechados; noutros ainda, era o templo de Vesta que ficava aberto. Os dias após as Calendas, os Nonos e os Idos de cada mês eram dies religiosi e considerados tão agoirentos que tinham um nome especial: os Dias Negros.

diffarreatio ver confarreatio.

dignitas A palavra latina dignitas tem conotações que não são dadas pela palavra portuguesa que dela derivou, ”dignidade”. Dignitas era o estatuto pessoal de um homem na sociedade romana, mais do que o seu estatuto público, embora o estatuto público pudesse ser fortemente melhorado (ou piorado) pela dignitas. Constituía a soma de vários factores: integridade, orgulho, família e antepassados, eloqüência, inteligência, feitos, capacidade, conhecimentos e valor enquanto homem. De todas as qualidades que o nobre romano possuía, a dignitas era provavelmente aquela em relação à qual se sentia mais susceptível; por outro lado, faria tudo para a defender. Optei por manter o termo latino em vez de traduzi-lo.

diverticulum Nos dois livros anteriores, usei este termo com o significado de ”estrada de circunvalação”; referia-me, mais concretamente, àquelas estradas à volta de Roma a que se ligavam todas as estradas exteriores. Em Os Favoritos de Fortuna, é também usado para indicar

secções bifurcadas de uma estrada exterior que conduziam a cidades importantes não servidas pela estrada propriamente dita e que depois voltavam a juntar-se: era o que sucedia com os dois diverticula da Via Flamínia, que já deviam existir no período final da República, embora se creia que, nos tempos do Império, já não existiam. Se não houvesse o diverticulum para Espoleto, por exemplo, nem Carrinas nem Pompeu teriam chegado tão depressa a essa cidade.

divinatio Literalmente, adivinhação. Tratava-se de uma audição especial conduzida por um painel de juizes especialmente nomeado para o efeito e que determinava se um homem poderia processar outro homem. Só se realizava se a capacidade do acusador fosse posta em causa pela defesa. O painel de juizes tomava uma decisão sem que lhe fossem apresentadas provas evidentes — ou seja, chegava a uma conclusão através de um trabalho de adivinhação.

doctor O responsável pelo treino e pela preparação física dos gladiadores.

Doze Tábuas Podem ser comparadas aos Dez Mandamentos. Estas doze tábuas (as originais eram talvez de madeira, mas a versão posterior era certamente de bronze) constituíam um sistema codificado de leis, elaborado por volta do ano 450 a.C., durante o início da República, por uma comissão denominada decemviri legibus scribundis; era destas tábuas que descendiam todas as leis romanas. Cobriam quase todos os aspectos da lei, cíveis e criminais, mas de uma forma que tinha claramente a ver com a vida numa pequena cidade — é muito natural que provocassem os sorrisos dos estudantes do último século antes de Cristo quando tinham de as aprender de cor. Nessa altura, a lei já era muito mais sofisticada.

dracma O nome que escolhi para designar o dinheiro helénico. O dracma era quase tão pesado como o denário romano: teria cerca de quatro gramas. Roma ganhara a corrida monetária por causa da natureza central e uniforme das moedas romanas; no período final da República, o mundo começava a preferir as moedas romanas às helénicas.

Ecastor! Edepol! A mais gentil e inofensiva das exclamações romanas de surpresa. As mulheres usavam ”Ecastor!” e os homens ”Edepol!”. As raízes de ambas sugerem ligações a Castor e Pólux, respectivamente.

edil Um dos quatro magistrados romanos com deveres confinados à cidade de Roma. Dois eram edis plebeus; os outros dois eram edis curuis. Os edis plebeus foram criados primeiro (em 493 a.C.), para auxiliar os tribunos da plebe nos seus deveres, mas em particular para defender os direitos da plebe em relação à sua sede, o templo de Ceres. Em breve herdaram a

supervisão dos edifícios da cidade e a guarda dos plebiscitos promulgados na Assembleia da Plebe, bem como quaisquer decretos senatoriais que determinassem a aprovação dos plebiscitos. Os edis plebeus eram eleitos pela Assembleia da Plebe. Foram criados dois edis plebeus (em 367 a.C.) para dar aos patrícios uma participação na guarda dos edifícios e arquivos públicos, mas em breve os edis curuis passaram a poder ser tanto plebeus como patrícios. Os edis curuis eram eleitos pela Assembleia do Povo. A partir do séc. III, os quatro na sua totalidade passaram a ser responsáveis por cuidar das ruas de Roma, pelo abastecimento de água, pelos esgotos, trânsito, edifícios públicos e serviços, mercados, pesos e medidas, jogos e o abastecimento público de cereais. Tinham o poder de multar os cidadãos por infracções de qualquer lei relacionada com as áreas acima citadas, e depositavam esse dinheiro nas suas arcas para ajudar a financiar os jogos. A edilidade — plebéia ou curul — não fazia parte do cursus honorum, mas, devido aos jogos, era um meio válido de um pretor adquirir popularidade.

electro Liga de ouro e prata. Em tempos anteriores à República, pensava-se que o electro era um metal puro e não se procedia à separação dos seus componentes. No entanto, no tempo da República, já se sabia que era uma liga e, como tal, procedia-se à separação dos componentes através da cementação com sal ou de um tratamento com um sulfureto metálico.

Eneias Príncipe da Dardânia, na Troada. Era filho do rei Anquises e da deusa Afrodite (Vénus, para os Romanos). Quando Tróia (ílio, para os Romanos) caiu em poder de Agamémnon, Eneias fugiu da cidade incendiada, levando o velho pai empoleirado no ombro e o Paládio debaixo de um braço. Após muitas aventuras, chegou ao Lácio e fundou a raça de que os verdadeiros Romanos se consideravam descendentes. O filho de Eneias, umas vezes chamado Ascânio, outras vezes chamado lúlo, era o antepassado directo da família Júlia.

epicurista Aquele que segue o sistema filosófico de Epicuro. Este filósofo grego tinha defendido um tipo de hedonismo que, levado a um requinte extremo, se aproximaria do ascetismo; os prazeres de um homem deveriam ser desfrutados um de cada vez e com tais atractivos e requintes que os excessos acabavam, forçosamente, por lhe ser vedados. A vida pública ou qualquer outro trabalho pesado estavam proibidos a um epicurista. Estes princípios sofreram alterações consideráveis em Roma, de tal forma que um nobre romano podia intitular-se epicurista e, ao mesmo tempo, manter uma carreira pública. No final da República, o maior prazer de um epicurista era a comida.

epulones Uma ordem sacerdotal menor, encarregada de organizar os banquetes senatoriais após as festas em honra de Júpiter Optimus Maximus e os banquetes públicos durante os jogos e alguns dias feriados.

espelta Farinha muito fina e branca. Não era boa para fazer pão, mas era óptima para bolos. Era obtida a partir de uma variedade de trigo agora conhecida sob o nome de Triticum spelta.

etnarca Termo genérico grego para designar um magistrado de uma cidade. Eram usados outros termos mais específicos, mas creio que se recorresse a uma terminologia mais variada acabaria por confundir os leitores.

facção Este é o termo normalmente utilizado pelos eruditos actuais para designar os grupos políticos na Roma republicana. Estes grupos não podiam ser considerados partidos políticos no sentido moderno, pois eram extremamente flexíveis, e os seus membros estavam constantemente a mudar. Em vez de se congregarem em torno de uma ideologia, as facções da Roma republicana reuniam-se em torno de um homem que possuísse uma acentuada auctoritas ou dignitas. Evitei por completo os termos ”Optimate” e ”Populris” porque não quis dar a impressão de que existiam partidos políticos.

fasces Eram feixes de varas atados cerimonialmente com fios vermelhos de couro. Sendo na origem um emblema dos reis etruscos, persistiram na vida pública romana através dos tempos da República e do Império. Eram transportados por homens chamados lictores, que precediam o magistrado curul (bem como o procônsul e o propretor) como símbolo do seu imperium. Dentro dos limites do pomerium, apenas as varas eram presas em feixes, para mostrar que o magistrado

curul só tinha o poder de açoitar; fora do pomerium, incluíam-se machados nos feixes, para indicar que o magistrado também tinha o poder de executar. O número de fasces indicava o grau de imperium — um ditador tinha vinte e quatro, um cônsul ou procônsul doze, um pretor ou propretor seis e um edil curul dois.

fasti Os fasti eram originalmente dias em que não podiam realizar-se transacções comerciais; o termo, no entanto, acabou por significar outras coisas: o calendário, listas de dias feriados e festas e a lista dos cônsules (neste último caso, talvez porque os Romanos preferiam referir-se aos anos transados, não através de números, como nós fazemos, mas sim recordando

os nomes daqueles que tinham sido cônsules nos anos em questão). A entrada fasti do glossário do vol. (O Amor e o Poder) contém uma explicação muito detalhada do calendário, para a qual, no presente volume, não disponho obviamente de espaço.

feríae Dias feriados. Embora a participação em cerimónias públicas não fosse obrigatória, a tradição mandava que, nestes dias, não se trabalhasse, fosse no comércio, nos tribunais ou em qualquer outra actividade; por outro lado, as disputas, mesmo as privadas, deviam ser evitadas. O descanso nestes dias era também permitido aos escravos e a alguns animais, incluindo os bois, mas não aos eqüinos.

Fésulas Actual Fiesole. Possivelmente por ter sido fundada pelos Etruscos antes de Roma se ter tornado uma potência, esta cidade sempre foi considerada como pertencendo à Etrúria; na realidade, ficava (e fica) a norte do rio Arno, na região oficialmente denominada de Gália Italiana.

fetiales Colégio especial de sacerdotes ao serviço de Belona, a deusa da guerra. Embora fosse uma honra ser nomeado fetialis, no período final da República os rituais da guerra ou da paz próprios da deusa Belona encontravam-se praticamente abandonados; foi o sobrinho-neto de César, Augusto, quem pôs a funcionar de novo a cem por cento este Colégio de sacerdotes.

flamen Os flamines (plural) eram provavelmente os mais antigos dos sacerdotes romanos, remontando pelo menos ao tempo dos reis. Havia quinze flamines, três maiores e doze menores. Os três flaminatos maiores eram o Dialis (Júpiter Optimus Maximus), o Martialis (Marte) e o Quirinalis (Quirino). Exceptuando o pobre flamen Dialis, cujas características são largamente discutidas neste livro, nenhum dos flamines se via atado de pés e mãos em conseqüência

de proibições ou tabus; no entanto, qualquer dos três flamines maiores tinha direito a um salário público, a uma casa do Estado e a ser membro do Senado. A mulher do flamen era conhecida como a flaminica. O flamen e a flaminica Dialis tinham de ser patrícios. Contudo, não descobri ainda se esta regra se aplicava também aos outros flamines, maiores ou menores.

Fortuna Uma das divindades mais importantes e veneradas em Roma. Considerada de um modo geral como uma força feminina, Fortuna assumia muitos e variados aspectos; as deidades romanas caracterizavam-se normalmente por uma extrema especificidade. Fortuna Primigenia era a primeira filha de Júpiter, Fors Fortuna assumia uma importância particular para

os mais pobres, Fortuna Virilis ajudava as mulheres a esconder as suas imperfeições físicas dos homens, Fortuna Virgo era adorada pelas noivas, Fortuna Equestris velava pelos cavaleiros e Fortuna Huiusque Dei ("Fortuna do dia presente") era objecto de veneração especial para os comandantes militares e políticos proeminentes com um passado militar. Mas havia outras Fortunas. Os Romanos acreditavam absolutamente na sorte, embora não encarassem a sorte como nós; um homem fazia a sua sorte, mas deveria ter todo o cuidado (mesmo no caso de homens tão inteligentes como Sila ou César) para não ofender Fortuna, o que implicava que, nalguns casos, se mostrasse claramente supersticioso. Todos os homens ansiavam pelos favores de Fortuna.

Fórum Local de reunião ao ar livre, rodeado por edifícios, muitos dos quais de carácter público.

Fórum Boarium O mercado da carne, situado à saída do Circus Maximus, sob o Gérmalo do Palatino. O Grande Altar de Hércules e vários templos dedicados a Hércules ficavam no Fórum Boarium, que se encontrava sob a protecção deste deus.

Fórum Holitorium O mercado de legumes, situado na margem do Tibre em frente das Muralhas Sérvias, entre o rio e o flanco do monte Capitolino. Havia três portas nos muros do Fórum Holitorium — a Porta Triunfal (usada apenas para a entrada de paradas triunfais na cidade), a Porta Carmentalis e a Porta Flumentana.

Fórum Romano Este vasto espaço ao ar livre era o centro da vida pública romana, largamente consagrado, tal como os edifícios à sua volta, à política, às leis, aos negócios e à religião. Não acredito que o espaço livre do Fórum Romano se encontrasse permanentemente atravancado de tendas e barracas de vendedores; as muitas descrições existentes sobre as actividades legais e políticas na metade inferior do Fórum não nos permitem imaginar que houvesse espaço para um tal aparato. Havia duas áreas particularmente vastas, destinadas a vendedores, no lado do Fórum Romano que dava para o Esquilino, separadas unicamente do Fórum por uma barreira de edifícios; não tenho dúvida de que era nessas áreas que a maior parte dos vendedores se instalava. Situado numa cova, o Fórum era especialmente húmido, frio e sombrio — mas muito animado em termos de actividades públicas.

funcionários públicos Quanto mais investigo a história de Roma, mais me sinto inclinada a concluir que Roma tinha muitos funcionários públicos. Contudo, o Senado e as

Assembleias, ou seja, o governo, abominavam tradicionalmente os funcionários públicos e muitas das transacções públicas de Roma eram conduzidas por firmas e/ou indivíduos ligados ao sector privado. Esta privatização constituiu um fenômeno normal ao longo da República; habitualmente, era concretizada através dos censores, pretores, edis e questores. Os contratos eram firmados e o preço para determinado serviço era acordado. Apesar de tudo isto, havia de facto muitos funcionários públicos — escriturários, escribas, secretários, contabilistas, funcionários para todo o serviço, assistentes religiosos, escravos públicos, funcionários eleitorais, funcionários das Assembleias, lictores. E temos ainda de contar com as legiões. A cavalaria podia ser considerada uma arma ”contratada”. Os salários e as condições não eram provavelmente atraentes, mas, exceptuando os escravos públicos, todos os outros funcionários públicos deviam ser cidadãos romanos. O grosso dos funcionários clericais era aparentemente constituído por libertos gregos.

Gália, Gauleses Os Romanos raramente chamavam ”celta” a um celta; os Celtas eram conhecidos pelo termo ”Gauleses”. As regiões do mundo onde viviam Gauleses eram conhecidas como Gálias, mesmo que ficassem tão longe como a Anatólia (Galácia). Antes das conquistas de César, a Gália Transalpina, ou seja, a Gália a oeste dos Alpes Italianos, encontrava-se grosseiramente dividida em duas partes: a Gália Comata, ou Gália-de-Longos-Cabelos, que nunca fora helenizada ou romanizada, e uma faixa costeira com uma derivação pelo vale do Ródano, que era conhecida como A Província, e que fora helenizada e romanizada. O nome Gália Narbonense (que usei neste livro) só se tornou oficial no principado de Augusto, embora a Gália situada em

torno do porto de Narbona fosse provavelmente conhecida sob esse nome desde há muito tempo. O nome mais correcto para a Gália que ficava do lado italiano dos Alpes é Gália Cisalpina: chamei-lhe Gália Italiana para simplificar. Também a Gália Cisalpina era dividida em duas partes, neste caso pelo rio Pó: chamei-lhes Gália Italiana para lá do Pó e Gália Italiana para cá do Pó. Não há qualquer dúvida de que os Gauleses eram um povo racialmente próximo dos Romanos, já que as suas línguas eram de um tipo similar, tal como muitas das suas tecnologias. O contacto com os Gauleses foi particularmente enriquecedor para os Romanos, já que os Gauleses mantinham há séculos um relacionamento com as outras culturas mediterrânicas.

gens Um clã ou família alargada de um romano. Era indicada pelo nomen de um

indivíduo, como Cornélio ou Júlio, mas era do género feminino: daí dizer-se gens Cornélia e gens Júlia.

gladiador Não me alongarei sobre o tema, já que uma boa parte deste livro é dedicada aos gladiadores. Quero apenas dizer que, durante a época republicana, havia apenas dois tipos de gladiadores, os trácios e os gauleses, e que o combate gladiatorial não era habitualmente "até à morte". A brutalidade das multidões do Império (com o célebre gesto do polegar para cima ou para baixo) não existia na República, talvez porque o Estado não possuía nem mantinha gladiadores e poucos deles eram escravos; os seus donos eram investidores privados — e para comprar, treinar e manter um gladiador gastava-se muito dinheiro. Demasiado dinheiro para que o dono quisesse vê-lo morto ou mutilado na arena. Quase todos os gladiadores do período da República eram romanos, normalmente desertores ou amotinados das legiões. Em muitos aspectos, tratava-se de uma ocupação voluntária.

governador Um termo muito útil para designar o magistrado — procônsul ou propretor — enviado para governar, comandar e administrar uma província romana. O seu mandato durava normalmente um ano, mas muitas vezes era prorrogado, nalguns casos (como aconteceu com Metelo Pio na Hispânia Ulterior) por muitos anos.

Gracos Os irmãos Gracos, Tibério Semprónio Graco e o seu irmão mais novo, Caio Semprónio Graco. Eram filhos de Cornélia (filha de Cipião Africano e Emília Paula) e de Tibério Semprónio Graco (cônsul em 177 e 163 a.C., censor em 169 a.C.), e, por nascimento, tinham direito aos cargos de cônsul, censor e comandante militar. Nenhum deles passou do tribunado da plebe, em conseqüência de uma peculiar combinação de altos ideais, de um pensamento iconoclasta e de um forte sentimento do dever.

Tibério Graco, tribuno da plebe em 133 a.C., procurou corrigir os erros que o Estado estava a cometer na administração da ager publicus; o seu objectivo era dar essas terras aos civis pobres de Roma. Tendo chegado ao final do ano sem concretizar esse objectivo, Tibério Graco ignorou as tradições e tentou disputar pela segunda vez o tribunado da plebe. Foi espancado até à morte no Capitólio.

Caio Graco, dez anos mais novo que Tibério, foi eleito tribuno da plebe em 123 a.C.

Mais capaz que o irmão, e tendo aprendido com os erros dele, Caio estava decidido a alterar o rumo da Roma ultraconservadora do seu tempo. As suas reformas foram muito mais vastas que

as de Tibério, e abarcavam não só a ager publicus, mas também a distribuição de cereais baratos pela população, a regulamentação do serviço militar, a fundação de colônias romanas nas províncias, obras públicas em toda a Itália, a retirada dos tribunais da alçada do Senado, um novo sistema de colecta de impostos na Província da Ásia e o alargamento do estatuto de cidadão aos Latinos e aos Italianos. Quando o seu ano no tribunado da plebe terminou, Caio Graco imitou o irmão, disputando uma segunda eleição. Ao contrário do irmão, não só não foi morto como foi eleito. No final deste segundo mandato, resolveu concorrer uma vez mais, mas foi derrotado nestas eleições. Todas as suas leis e reformas começaram então a ser destruídas. Impedido de recorrer a meios pacíficos, Caio Graco optou pela violência. Muitos dos seus partidários foram mortos quando o Senado aprovou o seu primeiro ”ultimato”, mas Caio Graco escolheu o suicídio antes que conseguissem detê-lo.

Veja-se a propósito o glossário de Coroa de Erva.

guilda Corpo organizado de profissionais, mercadores, ou escravos. Um dos objectivos das guildas consistia na aprovação de medidas de protecção, para que os seus membros tivessem acesso a todas as vantagens possíveis nas práticas comerciais; outro objectivo consistia na reivindicação de condições de trabalho adequadas; outro ainda, e particularmente interessante, era garantir que os membros da guilda tivessem, à hora da morte, meios suficientes para um enterro decente.

Helénico Termo usado para descrever a cultura grega fora da Grécia, depois de Alexandre, o Grande, ter introduzido um elemento grego nas cortes e nos reinos do Mediterrâneo e da Ásia.

hemiolia Um pequeno birreme leve e muito rápido, extremamente apreciado pelos piratas antes da época em que se organizaram em frotas e lançaram ataques em massa contra as comunidades marítimas. A hemiolia não tinha convés e possuía um mastro e uma vela, o que reduzia o número de remos do nível superior na parte dianteira do navio.

homem livre Um homem nascido livre e nunca vendido como escravo (excepto como um nexus ou escravo sob dívida — o que era raro entre os cidadãos romanos no tempo de Caio Mário, embora ainda predominasse entre os Aliados Italianos, vítimas da ambição romana).

Homem Militar Vir militaris. Homem cuja carreira estava inteiramente ligada ao exército e que continuava a servir no exército depois de ter feito o número obrigatório de campanhas ou

anos. Quando entrava na arena política, a sua reputação militar era o único trunfo de que dispunha junto dos eleitores. Muitos Homens Militares nunca se davam ao trabalho de tentar uma carreira política. No entanto, se queriam chegar ao posto de general, tinham de passar primeiro pelo cargo de pretor, e isso implicava uma carreira política. Caio Mário, Quinto Sertório, Tito Dídio, Caio Pontino e Públio Ventídio foram todos eles Homens Militares; mas César, o Ditador, um militar superior a eles todos, nunca foi um Homem Militar.

hubris Uma palavra grega ainda hoje usada. Significa orgulho presunçoso.

hypocausis Em português, hipocausto. Era uma espécie de aquecimento central, fornecido por uma fornalha colocada sob um piso assente em colunas (as primeiras fornalhas usavam madeira). O hipocausto começou a aquecer as residências na época de Caio Mário e era usado também para aquecer a água dos banhos, tanto públicos como domésticos.

Idos O terceiro dos três dias nomeados do mês e que representavam os pontos fixos do mês. Os dias eram contados de trás para a frente a partir de cada um desses pontos — Calendas, Nonas e Idos. Os Idos ocorriam no décimo quinto dia dos meses longos (Março, Maio, Julho e Outubro) e no décimo terceiro dia dos outros meses. Os Idos eram consagrados a Júpiter Optimus Maximus e marcados pelo sacrifício de uma ovelha, dirigido pelo flamen Dialis no Arx do Capitólio.

Ilio Nome que os Romanos davam a Tróia.

Ilírico / Ilíria Região selvagem e montanhosa banhada pelo Adriático Oriental. Os povos nativos pertenciam a uma raça indo-europeia, os Ilírios, estavam divididos em tribos e sempre odiaram as incursões estrangeiras, tanto gregas como romanas. A Roma da República pouco se preocupou com a Ilíria; só quando as suas tribos ameaçavam a parte oriental da Gália Italiana é que o Senado se lembrava de que os Ilírios existiam, mandando então um exército para punir os revoltosos.

imago, imagines A máscara quase semelhante à realidade, belamente pintada e com peruca do antepassado consular de uma família romana (ou talvez pretoriana). Era feita de cera de abelha (quem já visitou algum museu de figuras de cera compreenderá como uma máscara de cera pode parecer real) e era guardada pelos descendentes directos do antepassado num armário fechado que tinha a forma de um templo em miniatura. O armário — embora as famílias de prestígio tivessem mais de um antepassado tão ilustre, pelo que possuíam vários destes armários

— era colocado no atrium da casa perto do altar dos deuses Lares e Penates. A máscara e o seu armário eram objecto de enorme reverência. Quando morria um homem da família, era contratado um actor para pôr a imago e representar o antepassado. Se fosse cônsul, fazia-se a sua máscara que se juntava à colecção familiar; ocasionalmente, havia máscaras de não cônsules que tinham feito obras tão extraordinárias que também eram considerados merecedores de uma máscara.

imperator Literalmente, o ”comandante supremo” de um exército romano. Contudo, o termo passou gradualmente a aplicar-se a um general que obtinha uma grande vitória; para requerer ao Senado que se festejasse um triunfo o general tinha de poder provar que após a batalha as suas tropas o haviam saudado formalmente com o título de imperator. É esta a raiz da palavra ”imperador”.

imperium Imperium era o grau de autoridade investido num magistrado ou promagistrado curul. Deter imperium significava que um homem tinha a autoridade do seu cargo e não podia ser refutado (desde que estivesse a actuar dentro dos limites do seu imperium particular e de acordo com as leis que regulavam a sua conduta). O imperium era outorgado por uma lex curiata e durava apenas um ano; as extensões tinham de ser ratificadas pelo Senado e/ou Povo para os promagistrados que não tivessem completado a sua comissão original no espaço de um ano. Os lictores portadores de fasces indicavam que um homem possuía imperium.

in absentia No contexto destes livros, esta expressão designa uma candidatura a um cargo aprovada pelo Senado (e pelo Povo, se necessário) e uma eleição realizada na ausência do candidato. O candidato in absentia podia encontrar-se no Campo de Marte porque o imperium o impedia de atravessar o pomerium: foi o que sucedeu com Pompeu e Crasso em 70 a.C.; ou podia encontrar-se numa província, envolvido numa guerra, como aconteceu com Caio Mémio quando foi eleito questor.

in loco parentis Expressão usada ainda nos nossos dias, embora com um sentido algo diluído. Para um romano do tempo da República, in loco parentis (literalmente, no lugar de um progenitor) significava que uma pessoa assumia todos os direitos e responsabilidades de um progenitor.

ínsula Literalmente, ilha. Como esta se encontrava na maior parte das vezes rodeada por ruas ou ruelas e áleas de todos os lados, os edifícios de apartamentos ficaram conhecidos por

ínsulae. As ínsulae romanas eram muito altas (tinham até 100 pés — 30 m — de altura), e algumas eram suficientemente grandes para garantir a incorporação de várias fontes de luz, em vez da única habitual. Outrora, tal como hoje, a maioria dos moradores de Roma vivia em apartamentos.

in suo anno Literalmente, no seu ano. A expressão era usada em referência aos homens que chegavam a um cargo curul com a idade exacta que a lei e os costumes prescreviam. Ser pretor e cônsul in suo anno era uma grande distinção, pois significava que um homem vencia uma eleição à primeira tentativa — muitos cônsules e pretores tinham de disputar várias eleições para obterem o cargo, ao passo que outros eram impedidos pelas circunstâncias de disputarem esse cargo in suo anno.

interrex "Entre os reis". O senador patrício, chefe da sua decúria, nomeado para governar durante cinco dias quando Roma não dispunha de cônsules.

Iol Actual Cherchel, na Argélia.

Itália Nome dado ao conjunto da Itália peninsular. Antes de Sila ter fixado no rio Rubicão a fronteira com a Gália Italiana a leste dos Apeninos, o lado adriático terminava provavelmente no rio Metauro.

iudex Termo latino para juiz.

iugerum, iugera A unidade romana usada na medida de terras. Em termos actuais, um ingerum era 0,623 (ou cinco oitavos) de um

acre ou 0,252 (um quarto) de um hectare. Quem usa actualmente as medidas imperiais britânicas ou americanas pode obter um resultado bastante aproximado em acres dividindo o número de iugera por dois; quem usa o sistema métrico, obterá um resultado bastante próximo dividindo o número de iugera por quatro.

ius No sentido usado neste livro, um direito indiscutível e dentro do que era aceite pela mos maiorum. Daí o ius auxilii ferendi, o ius imaginis, etc.

ius auxilii ferendi O objectivo original do tribunado da plebe era proteger membros da Plebe de acções discriminatórias dos patrícios (este grupo de aristocratas formava então o Senado e a magistratura). O ius auxilii ferendi era o direito que qualquer plebeu tinha de apelar para os tribunos da plebe, para que o salvassem das garras de um magistrado.

jogos Em latim, ludi. Os jogos eram uma instituição romana (e também uma diversão) que remontava pelo menos aos primeiros tempos da República (provavelmente, a uma data muito anterior). De início, eram celebrados apenas quando um general triunfava, mas em 336 a.C. os ludi Romani passaram a ser um acontecimento anual, realizando-se em honra de Júpiter Optimus Maximus, cujas festividades eram celebradas a 13 de Setembro. Inicialmente, os ludi Romani decorriam num só dia, mas, posteriormente, viriam a disputar-se em vários dias; na época de Mário e Sila duravam dez dias. Embora houvesse alguns combates pouco animados de pugilismo e luta, os jogos romanos nunca alcançaram o nível atlético dos jogos gregos. De início, os jogos consistiam basicamente de corridas de carros; depois, gradualmente, começaram a integrar a caça e também o teatro (várias peças eram representadas em teatros especialmente construídos para o efeito). No primeiro dia de todos os jogos, havia uma espectacular procissão religiosa no Circo, seguida de uma ou duas corridas de carros e combates de pugilismo e luta. Os dias seguintes eram consagrados ao teatro; as tragédias eram muito menos populares que as comédias e, no tempo de Mário e Sila, os espectáculos de mímica eram os mais populares de todos. Já perto do seu fim, os jogos passaram a ter como prato forte as corridas de carros, servindo a caça a animais selvagens para introduzir alguma variedade. Os combates entre gladiadores não faziam parte dos jogos republicanos (tais combates eram organizados por privados, normalmente integrados em cerimónias fúnebres, no Fórum Romano, e não no Circo). Os jogos eram custeados pelo Estado.

No entanto, certos edis desejosos de obter alguma fama contribuíam com muito dinheiro, a fim de tornarem os ”seus” jogos mais espectaculares do que os fundos do Estado permitiriam. A maior parte das principais provas realizavam-se no Circo Máximo; algumas das menos importantes decorriam no Circo Flamínio. Podiam assistir aos jogos homens e mulheres livres (que não pagavam nada), mas as mulheres eram segregadas no teatro; não era permitida a entrada a escravos ou libertos, provavelmente porque nem mesmo o Circus Maximus (que levava talvez 150 000 pessoas) era suficientemente grande para albergar ao mesmo tempo os homens livres e libertos de Roma.

jugo Canga com que se jungem os bois ou outros animais para puxarem uma carga. Em termos humanos, acabou por significar uma marca de submissão face à superioridade e ao domínio dos outros. Dentro da cidade de Roma, situado algures nas Carinas, havia um jugo para

homens de ambos os sexos passarem por debaixo dele; chamavam-lhe o Tigillum, e talvez significasse submissão à seriedade da vida adulta. Contudo, foi a nível militar que o jugo acabou por ter o seu mais importante significado metafórico. Os exércitos romanos dos primeiros tempos (ou talvez mesmo os etruscos) obrigavam um inimigo derrotado a passar sob o jugo; o jugo era constituído por duas lanças a pique espetadas no solo, sobre as quais se colocava uma terceira em sentido transversal — este dispositivo era demasiado baixo, pelo que um homem não podia passar debaixo dele na posição erecta: tinha de se dobrar. Outros povos da Itália adoptaram este costume e por vezes foram os Romanos que tiveram de passar sob o jugo. Aceitar passar sob o jugo era uma humilhação intolerável; de tal modo que o Senado e o Povo de Roma preferiam que um exército lutasse até à morte do seu último soldado a que sacrificasse a honra e a dignitas, rendendo-se e sendo obrigado a passar sob o jugo.

Júpiter Stator Júpiter Stator, Júpiter que faz parar os que fogem. Este título estava relacionado com soldados e assuntos militares; Júpiter Stator detinha as retiradas, dava aos soldados coragem para não ceder, para continuar a lutar. Havia dois templos de Júpiter Stator: um, muito antigo, na esquina da Via Sacra com a Vélia, adjacente à Clivus Palatinus (foi nele que Caio Mário se escondeu após ter sido derrotado por Sila, em 88 a.C.); o outro, o primeiro templo de Roma todo em mármore, situava-se no Campo de Marte, contíguo ao Porticus Metelli.

Lácio A região de Itália onde se situava Roma; o nome derivava dos seus habitantes originais: os Latinos. As suas fronteiras eram: a norte, o Tibre; a sul, uma região que se estendia para o interior a partir do porto de mar de Circeus; a leste, as terras dos Sabinos e dos Marsos. Quando os Romanos subjugaram por completo os Volscos e os Équos, em 300 a.C., o Lácio tornou-se inteiramente romano.

lago Nemi Pequeno lago vulcânico no flanco dos montes Albanos que dava para a Via Ápia. Num bosque de árvores sagradas situado nas suas margens, encontrava-se o templo de Diana, servido por um sacerdote denominado Rex Nemorensis. Era um escravo que se libertava da escravatura e conseguia tornar-se sacerdote, profanando primeiro o bosque (para o que partia um ramo de uma árvore) e matando em combate o Rex Nemorensis que se encontrava em funções.

lanista Director de uma escola gladiatorial, embora não necessariamente o seu proprietário. Era o lanista que tratava da administração da escola; podia por vezes supervisionar o

treino dos homens, ainda que esta função fosse exercida basicamente pelos doctores.

Lar, Lares Dos mais romanos de todos os deuses, sem forma, sexo, número ou mitologia. Havia muitos tipos diferentes de Lares, que podiam funcionar como espíritos protectores ou forças de uma localidade (tal como acontecia nas encruzilhadas e fronteiras), de um grupo social (tal como acontecia com o Lar Familiaris, o Lar privado da família), de uma actividade (como por exemplo, a navegação) ou de uma nação inteira (como acontecia com os Lares públicos de Roma). No fim da República eram representados (sob a forma de pequenas estátuas) como dois rapazes com um cão, mas não se sabe se os Romanos acreditavam mesmo que eram apenas dois ou se tinham esta forma — era mais a complexidade crescente da vida que tornava conveniente "etiquetá-los".

latifúndio Vastas extensões de terras públicas arrendadas por uma pessoa e dirigidas como uma unidade, à maneira de um rancho moderno. As actividades tinham mais a ver com a pastorícia do que com a agricultura. Os latifúndios eram normalmente cultivados por escravos agrilhoados que, à noite, recolhiam a barracas, denominadas ergastula.

lectus funebrís O imponente divã em que era colocado o cadáver de um homem ou mulher pertencente a uma família suficientemente rica para se dar ao luxo de pagar um funeral decente, depois de os agentes funerários terem vestido e melhorado o aspecto do falecido. Possuía pernas, era pintado de preto ou construído com madeira de ébano, ornado a ouro e coberto com colchas e almofadas pretas.

legado Legatus. Os membros mais séniores do pessoal militar do general romano eram os seus legados. Para ser classificado como um legatus, tinha de se possuir o estatuto senatorial, e freqüentemente eram de categoria consular (parece que estes estadistas mais idosos ocasionalmente ansiavam por uma temporada de vida militar e ofereciam os seus serviços como voluntários a um general no comando de uma campanha que os interessasse). Os legados só prestavam contas ao general e eram superiores a todos os tipos de tribunos militares.

legião A mais pequena unidade militar romana capaz de travar uma guerra por si só (embora raramente fosse chamada a fazê-lo); isto é, era completa em termos de efectivos militares, equipamento e funções. Na época de Caio Mário, um exército romano empenhado em qualquer campanha importante consistia em pelo menos quatro legiões — embora raramente tivesse mais de seis legiões. As legiões singulares sem perspectivas de reforço ocupavam funções

de guarnição em lugares como as Hispânias, onde as rebeliões tribais eram pequenas, apesar de aguerridas. Uma legião era composta por cerca de cinco mil soldados divididos em dez coortes com seis centúrias cada; também incluía cerca de mil homens com o estatuto de não combatentes e geralmente tinha uma modesta arma de cavalaria adjunta. Cada legião transportava a sua própria artilharia e material; se fosse a legião de um dos cônsules, podia ter no seu comando até seis tribunos eleitos dos soldados; se pertencia a um general que não fosse cônsul na altura, era comandada por um legado, ou então pelo próprio general. Os seus oficiais de carreira eram os centuriões, que eram em número de cerca de sessenta e seis. Embora as tropas de uma legião ficassem no mesmo acampamento, não partilhavam o rancho nem viviam em conjunto; em vez disso, eram divididas em unidades de oito homens (a centúria continha apenas oitenta soldados e os restantes vinte eram não combatentes).

lei sumptuária (lex sumptuaria) Estas leis procuravam regular a quantidade de mercadorias e/ou alimentos considerados de luxo (ou seja, caros) que um Romano podia comprar ou ter em sua casa, por muito rico que fosse. Presumivelmente, os bens em questão eram importados. Durante a República, foram aprovadas muitas leis sumptuárias visando as mulheres, proibindo-as de usar mais do que um determinado número de jóias, ou de passear em liteiras ou carruagens dentro das Muralhas Sérvias; como vários magistrados puderam comprovar, as mulheres que eram objecto destas leis tinham tendência a contestá-las, transformando-se numa força que não podia ser ignorada.

lex, leges Uma lei. A palavra ”lex” veio também a ser aplicada ao plebiscitam (plebiscito), que era uma lei aprovada pela Assembleia da Plebe. Uma lex só era considerada válida depois de ter sido gravada em bronze ou pedra e depositada nos subterrâneos do templo de Saturno. No entanto, seria lógico que a .permanência das tábuas no templo de Saturno fosse breve, pois os subterrâneos não podiam conter todas as tábuas com as leis romanas existentes nos tempos de Mário e Sila — tanto mais que o Tesouro também tinha a sua sede nos mesmos subterrâneos. Imagino que, depois de passarem pelos subterrâneos do templo de Saturno, as tábuas das leis eram armazenadas permanentemente noutro local.

lex Caecilia Didia Há duas destas leis, mas só uma interessa a este volume. Aprovada pelos cônsules de 98 a.C., esta lei estipulava que tinham de passar três nundinae ou dias de mercado entre a primeira contio a discutir uma lei em qualquer uma das Assembleias e o dia da

sua ratificação pelo voto da Assembleia. Há alguma discussão quanto ao facto de o período em questão ser de vinte e quatro ou dezassees dias; optei pelos dezassete dias.

lex Domitia de sacerdotiis Promulgada em 104 a.C. por Cneu Domício Aenobardo, mais tarde Pontifex Maximus. Exigia que os futuros membros do Colégio dos Pontífices e do Colégio dos Augures fossem eleitos por uma Assembleia Tribal especial, compreendendo dezassete tribos escolhidas por sorteio.

lex frumentaría Termo genérico para as leis relativas aos cereais. Houve muitas destas leis: a primeira foi a de Caio Graco. Todas as leis dos cereais tinham a ver com o abastecimento público dos mesmos — ou seja, com os cereais comprados pelo Estado e distribuídos pelos edis. A maior parte destas leis previa o fornecimento de cereais baratos, mas, com algumas delas, aconteceu precisamente o contrário.

lex Genucia Promulgada em 342 a.C. pelo tribuno da plebe Lúcio Genúcio. Estipulava que devia decorrer um período de dez anos para que um homem voltasse a desempenhar o mesmo cargo. Houve mais duas leges Genuciae, não referidas neste livro.

lex Minícia de liberis Promulgada cerca de 91 a.C. Há algumas dúvidas quanto ao nome do seu autor: Minício ou Minúcio. Estipulava que os filhos de um casamento entre um romano e uma não romana, ou entre um não romano e uma romana, deviam assumir o estatuto do progenitor não romano.

lex Plautia Papiria Aprovada na Assembleia da Plebe em 89 a.C. Dava a cidadania integral a qualquer Italiano que tivesse o seu nome num registo municipal italiano (se se tratasse de um insurrecto, era-lhe exigido que renunciasse a todo e qualquer acto hostil a Roma), desde que o interessado apresentasse o seu caso ao pretor urbano (em Roma, naturalmente) no prazo de sessenta dias após a data da promulgação da lei.

lex rogata Uma lei promulgada numa Assembleia através da cooperação directa entre o magistrado presidente e os membros da Assembleia. Por outras palavras: o texto da lei não era apresentado à Assembleia no seu estado definitivo, mas discutido e alterado nas reuniões da Assembleia.

lex Villia annalis Promulgada em 180 a.C. pelo tribuno da plebe Lúcio Vílio. Estipulava determinadas idades mínimas para que um homem assumisse uma magistratura curul (presumivelmente, trinta e nove anos para os pretores e quarenta e dois anos para os cônsules).

Ao que parece, também estipulava que um pretor teria de esperar dois anos para poder ser cônsul.

LIBERO Veredicto de absolvição num julgamento conduzido numa das Assembleias votantes.

Liber Pater O primeiro deus da fertilidade italiano, que velava pela qualidade do esperma e pelas boas colheitas. Veio a ser identificado com o vinho e a festa, ao lado de Baco e Dioniso, mas não parece ter sido encarado levianamente pelos seus crentes. Os Aliados Italianos adoptaram-no como deus tutelar durante a guerra contra Roma.

liberto Um escravo emancipado. Embora teoricamente fosse um homem livre (e, se o seu dono anterior fosse um cidadão romano, ele mesmo seria um cidadão romano), o liberto permanecia sob o patrocínio do dono anterior, que podia dispor do seu tempo e dos seus serviços. Tinha poucas hipóteses de exercer o seu voto em qualquer das duas Assembleias tribais, já que, invariavelmente, era integrado numa das duas vastas tribos urbanas — Suburana ou Esquilina. Contudo, alguns libertos, por terem capacidades invulgares ou por serem invulgarmente desumanos, conseguiam obter grande fortuna e poder e chegar, por isso, a votar na Assembleia Centurial; tais libertos conseguiam normalmente ser transferidos para tribos rurais, exercendo assim, na prática, todos os seus direitos.

lictor Um dos funcionários públicos genuínos ao serviço do Senado e Povo de Roma. Havia um Colégio de Lictores — o número de membros é incerto, mas certamente seriam em número suficiente para prover a tradicional escolta em fila única para todos os detentores de imperium, tanto dentro como fora de Roma, e executar outros deveres. Não é improvável que fossem duzentos ou trezentos homens. Um lictor tinha de ser um pleno cidadão romano, mas era certo que pertencia a uma classe humilde, pois pensa-se que o vencimento oficial era muito reduzido; o lictor via-se obrigado a contar em grande medida com as gratificações daqueles que escoltava. Dentro do colégio, os lictores dividiam-se em grupos de dez (decúrias), cada um dirigido por um prefeito, e havia vários presidentes do colégio com um estatuto sénior em relação aos prefeitos. Dentro de Roma, o lictor usava uma simples toga branca; fora de Roma usava uma túnica de cor carmesim com um cinto negro e largo ornamentado com latão; nos funerais usava uma túnica negra. Por conveniência, localizei o Colégio de Lictores atrás do templo dos Lares Praestites, no lado oriental do Fórum Romano, mas não há provas de que assim fosse.

liteira Cubículo coberto, equipado com pernas em que assentava guando o baixavam. Possuía varas horizontais em cada um dos seus cantos; os quatro ou oito homens que a transportavam pegavam precisamente nessas varas. A liteira era uma forma lenta de transporte, mas a mais confortável do mundo antigo. Imagino que devia ser muito mais confortável do que os transportes modernos!

Livros Sibilinos O Estado romano possuía uma série de profecias escritas em grego e denominadas Livros Sibilinos. Segundo a lenda, a famosa Sibila de Cumas tinha proposto a venda dos livros ao rei Tarquínio Prisco de Roma, mas que este recusara. Por isso, a Sibila queimou um dos livros (que estavam escritos em folhas de palmeira). O rei voltou a recusar e ela queimou mais um livro. Até que o rei acabou por comprar os livros que restavam, os quais passaram a ser guardados por um colégio especial de sacerdotes menores. Só eram consultados quando o Senado ou o Povo o ordenavam, normalmente porque se avizinhava uma crise grave. Sila aumentou o número de sacerdotes deste colégio de dez para quinze;

a partir daí, passaram a ser conhecidos como os quindecimviri sacris faciundis.

Contudo, a 6 de Julho de 83 a.C., todos os livros se perderam no incêndio que destruiu o templo de Júpiter. Sila ordenou que se fizesse uma busca junto de todas as Sibilas do mundo e que os livros fossem reescritos. O que acabou por ser feito.

ludi Os jogos. Ver essa entrada.

Lusitanos Povo do extremo oeste e noroeste da Hispânia. Menos exposto às culturas helénica e romana do que os Celtiberos, os Lusitanos eram provavelmente menos célticos do que iberos do ponto de vista racial, embora houvesse neles uma mistura dessas duas estirpes. A sua organização era tribal e, ao que se crê, dedicavam-se à agricultura e à pastorícia.

macaco tingitano Símio da Berbéria, um macaco pequeno sem cauda. Os símios e os primatas não eram comuns na região mediterrânica, mas o macaco que ainda hoje encontramos em Gibraltar já abundava então no Norte de África.

macellum Um mercado.

magistrados Os executivos eleitos do Senado e Povo de Roma. Em meados do período da República, todos os homens que detinham magistraturas eram membros do Senado (os questores eleitos eram normalmente aprovados como senadores pelos censores seguintes); isto concedia ao Senado uma vantagem notável em relação ao Povo, até o Povo (na pessoa da Plebe)

ter tomado a seu cargo a feitura das leis.

Os magistrados representavam o braço executivo do governo. Em termos de senioridade, o magistrado mais júnior de todos era o tribuno dos soldados, que não tinha a idade necessária para ser admitido no Senado mas não deixava de ser um magistrado. A seguir, vinha o questor; seguiam-se-lhe o tribuno da plebe e o edil da plebe; o edil curai era o mais júnior magistrado detentor de imperium; depois, vinha o pretor; e o cônsul aparecia no topo. O censor ocupava uma posição especial, pois apesar de a sua magistratura não possuir imperium, não podia ser ocupada por nenhum homem que não tivesse sido cônsul. Em tempos de emergência, o Senado adquiria o poder de criar uma magistratura extraordinária, o ditador, que exercia o seu cargo apenas durante seis meses e não precisava de responder pelos seus actos ditatoriais após o termo do seu mandato. O ditador nomeava um comandante militar e seu lugar-tenente, que era o chefe dos cavaleiros.

a maioria dos escravos considerava a cidadania uma coisa bastante desejável, não tanto para si próprios como para os seus descendentes. Um escravo depois de ser manumitido era considerado um homem libertado e durante o resto da sua vida devia usar um barrete ligeiramente cónico que lhe cobria a nuca; era chamado o Barrete da Liberdade (barrete frígio).

mar Euxino O actual mar Negro. Foi muito explorado pelos Gregos durante os séculos VIII e VI a.C., e várias colônias de comerciantes gregos estabeleceram-se no seu litoral. Por causa dos muitos rios que nele desaguam, sempre foi menos salgado que os outros mares, e a corrente que atravessava o Bósforo Trácio e o Helesponto sempre fluiu do Euxino para o Egeu. O ponto era, de longe, a nação mais poderosa entre as que eram banhadas pelo Euxino; o litoral do Euxino foi conquistado pelo rei Mitridates VI do Ponto. Contudo, a Bitínia controlava o Bósforo Trácio, a Propôntide e o Helesponto, e obtinha elevados rendimentos com as taxas que cobrava aos navios que atravessavam essas extensões de água. O facto de a Bitínia dominar a entrada do Euxino contribuía sem dúvida para a profunda hostilidade entre a Bitínia e o Ponto.

Marsos Um dos mais importantes povos italianos. Os Marsos viviam à volta das margens do lago Fúcino, que lhes pertencia; o seu território estendia-se até aos Altos Apeninos. A sua história indica-nos que foram sempre fiéis a Roma até ao momento em que foi desencadeada a chamada Guerra Mársica. Era um povo rico, bélico e numeroso, e tinha adoptado o latim como sua língua desde muito cedo. A principal cidade dos Marsos era Marrúvio; Alba Fucência, uma

cidade mais vasta e mais importante, era uma colônia dos Direitos Latinos implantada em território marso por Roma. Os Marsos adoravam as cobras e eram famosos como encantadores de cobras.

medidas e pesos A maior parte das unidades de medida tinha origem em partes do corpo: daí o pé, a mão, o passo. O pé romano eqüivalia a 296 milímetros e 5 pés valiam um passo. A milha romana continha 1000 passos. Vinte milhas romanas eqüivaliam a 19 milhas inglesas.

A área era expressa em iugera (ver esta entrada).

Para os cereais, tínhamos medidas de capacidade, e não de peso. As medidas de capacidade para os cereais eram o medimnus e o modius (ver estas entradas).

O recipiente para cargas era a amphora, que tinha uma capacidade de 25 litros e correspondia ao volume de um pé cúbico romano. As cargas dos navios eram sempre expressas em amphorae.

A libra romana pesava cerca de 7/10 de uma libra inglesa, eqüivalendo a 327 gramas. Dividia-se em 12 onças (unciae). Os grandes pesos eram expressos em talentos (ver esta entrada).

medimnus Medida de capacidade para cereais e outros sólidos semelhantes. Continha 5 modii e ocupava um volume de 10 galões americanos e pesava cerca de 65 libras romanas (47,5 libras inglesas). Um medimnus de cereal era o suficiente para fazer dois pães com uma libra romana de peso por dia, durante cerca de 30 dias. O romano médio que vivia numa casa de uma ínsula com uma ou duas divisões normalmente não moía farinha, nem fazia pão em casa; mantinha um acordo com o padeiro local (tal como se fez em muitas partes da Europa até há relativamente pouco tempo), cujo preço era uma parte da ração de cereais.

mentula Obscenidade latina para pénis.

miles gloriosas Miles significava ”soldado” e gloriosas, à primeira vista, parece significar ”glorioso”. Mas este termo também significava ”vaidoso” ou ”presunçoso” e foi nesse sentido que o dramaturgo o utilizou.

minim Um corante vermelho muito vivo feito com cinábrio (sulfureto de mercúrio), com o qual o general triunfante pintava o rosto, aparentemente para ficar parecido com o rosto de terracota da estátua de Júpiter Optimus Maximus do templo do Capitólio.

modius A medida mais usada para os cereais. Um modius eqüivalia a 2 galões

americanos ou 8 litros e pesava cerca de 13 libras (presumivelmente romanas). Os cereais públicos eram distribuídos em rações de cinco modii (ou seja, um medimnus) por cabeça.

mos maiorum A ordem estabelecida. Talvez a melhor definição consista em dizer que a mos maiorum era a Constituição não escrita de Roma. Mos significava costumes; maiores significava antepassados; neste contexto. Mos maiorum era a forma como as coisas tinham sempre sido feitas.

mundus Um poço com a configuração de uma colmeia, dividido em duas partes e mantido habitualmente tapado. Para o que servia exactamente, é um mistério; parece, porém, que, no período final da República, se acreditava que aquele poço era a entrada para o Mundo dos Mortos. A tampa era removida três vezes por ano, em dies religiosi, para que os espectros pudessem passear pela cidade.

Muralhas Sérvias Murus Servii Tullii. Os Romanos da República acreditavam que as magníficas muralhas em torno da cidade de Roma tinham sido construídas no tempo do rei Sérvio Túlio. No entanto, tudo aponta para que tenham sido construídas depois de Roma ter sido saqueada pelos Gauleses, no ano 390 a.C. Até à época de César, o Ditador, estas muralhas foram escrupulosamente preservadas.

navio com fileiras de dezasseis remadores com este navio, entramos no mundo dos grandes navios de guerra antigos, das supergaleras. Crê-se agora que não era possível haver mais do que três níveis ou fileiras de remos. Sendo assim, dois arranjos eram possíveis: um birreme com dois níveis e oito homens em cada remo; ou um trirreme de três níveis, com seis homens em cada um dos níveis superiores e quatro no nível inferior. Um único nível de remos ou quatro níveis eram soluções impossíveis, porque o movimento e o ângulo do remo obsta a que ele seja empunhado por mais de oito homens. Se o remo fosse manobrado por oito homens, teria de ter de comprimento cerca de 57 pés; se fosse manobrado por seis homens, mediria cerca de 45 pés de comprimento. com um comprimento que se aproximava dos 200 pés, a maior largura do navio era provavelmente de 25 a 28 pés, o que permitia que o convés acomodasse um vasto corpo de marinheiros e várias peças de artilharia, bem como várias torres. Parece haver indicações de que este navio possuía menos remos do que uma galera pequena, pois o menor número de remos era compensado pelo maior número de remadores. Estes seriam provavelmente entre 500 e 800. O navio com fileiras de dezasseis remadores teria provavelmente capacidade para 400 marinheiros.

A supergalera não servia para a guerra naval propriamente dita; dado o seu tamanho e as dificuldades de manobra, era usada apenas para abordagens ou para o disparo de mísseis, isto apesar de mesmo as maiores galeras se encontrarem equipadas com aríetes.

navio mercante Navio de carga. Muito mais pequeno em comprimento e mais largo de través do que uma galera de guerra (numa proporção de 4 para 1), era construído com madeira de abeto e recorria mais à vela do que aos remos, embora estivesse sempre equipado com remos, os quais eram usados quando não havia vento ou quando os piratas perseguiam o barco. A vela era disposta transversalmente;

por vezes, havia uma vela mais pequena, disposta à frente da vela principal, num mastro de proa. A orientação do navio era normalmente assegurada por dois grandes remos de leme, um de cada lado da popa. A popa tinha uma cobertura que protegia a carga e normalmente havia uma cabina a meia-nau e outra à ré. A carga era guardada em amphorae, se se tratava de cereais ou vinho; estes enormes recipientes de barro, com fundos pontiagudos, eram armazenados no porão, e envolvidos em serradura de modo a que não sofressem qualquer dano em mares tempestuosos. O navio mercante médio, ao que se crê, podia transportar cerca de cem toneladas de carga. Embora pudesse permanecer no mar de dia e de noite — e, se comandado por umbom capitão, era capaz de se fazer ao mar alto —, o navio mercante, sempre que possível, seguia junto à costa; por outro lado, o seu capitão preferia habitualmente acostar durante a noite. Os únicos navios mercantes que se mantinham regularmente no mar e que cruzavam o mar alto eram talvez os navios das grandes frotas de transporte de cereais. Estes navios eram também utilizados muitas vezes para o transporte de tropas.

nefas Sacrilégio; um acto ímpio ou sacrílego.

nobre Nobilis. Um homem e os seus descendentes eram considerados nobres depois de esse homem ter sido cônsul. Tratava-se de uma aristocracia artificial inventada pelos plebeus, que assim pretendiam reduzir o peso indiscutível dos patrícios nobres; quando terminou o primeiro século da República, tinha havido já mais plebeus cônsules do que patrícios. A nobreza de um indivíduo tinha uma importância extrema.

nomen O nome da família, do clã, ou gentílico — o nome da gens. Cornélio, Júlio, Domício, Lívio, Mário, Márcio, Júnio, Sulpício, etc., são todos nomina (plural), nomes gentílicos.

nome secreto de Roma Roma, presumivelmente sob a forma da deusa Roma, tinha um

nome secreto. Este nome secreto, ao que parece, era guardado por uma deusa especial, divã Angerona, cuja estátua (no altar do santuário de Volúpia) tinha uma faixa a tapar-lhe a boca. Havia certos rituais misteriosos em que o nome secreto era proferido; no entanto, tratava-se de um tabu rigidamente observado, e todas as pessoas, mesmo as mais sofisticadas, acreditavam que era extremamente perigoso pronunciar esse nome. Ao que se crê, a maior parte pensava que o nome secreto era Amor, ou seja, Roma ao contrário.

Nonas O segundo dos três dias nomeados do mês que representavam os pontos fixos do mês. Os dias eram contados de trás para a frente a partir de cada um desses pontos — Calendas, Nonas, Idos. As Nonas ocorriam no sétimo dia dos meses longos (Março, Maio, Julho e Outubro) e no quinto dia dos outros meses. As Nonas eram consagradas a Juno.

non pró consule, sed pró consulíbus A famosa frase de Lúcio Márcio Filipe quando propôs ao Senado que desse a Pompeu o comando da guerra contra Quinto Sertório, na Hispânia Citerior. Brilhante formulação de uma distinção muito subtil, esta frase levou muitos dos senadores que se opunham tenazmente a dar um comando proconsular a um homem exterior ao Senado, a aceitar a nomeação de Pompeu. Significava, mais ou menos, ”não como um homem após o seu consulado, mas como um homem agindo em nome dos cônsules do ano”.

numen, numina Deuses que eram apenas espíritos ou forças, ou seja, que não tinham corpos, rostos, sexo, ou mitologia.

nundinum O intervalo entre um dia de mercado e o dia de mercado seguinte; a semana romana de oito dias. Exceptuando as Calendas, as Nonas e os Idos, os dias do calendário romano não tinham um nome; nos calendários propriamente ditos, esses dias são designados pelas letras do alfabeto que vão de A a H, sendo A presumivelmente o dia de mercado. Quando as Calendas de Janeiro coincidiam com o dia de mercado, pensava-se que todo esse ano seria um ano infeliz; tal coincidência, porém, não ocorria muitas vezes, por causa das intercalações, por um lado, e também porque a série de oito letras era mantida sem interrupção entre o último dia do ano velho e o primeiro dia (as Calendas) do ano novo.

nundinus, nundinae O dia do mercado, que ocorria de oito em oito dias; o singular, nundinus, era menos usado do que o plural, nundinae. Em circunstâncias normais, os tribunais funcionavam nos nundinae, ao contrário das Assembleias.

Olímpia O famoso templo de Zeus não ficava no monte Olimpo, na Tessália, mas sim

junto ao rio Alfeu, na região de Élis, no Peloponeso Ocidental.

oscano A língua falada pelos Samnitas, Campanianos, Lucanianos, Ápulos, Brútios e outros povos italianos da parte mais setentrional da península italiana; era a língua dominante da Itália Central mesmo durante as últimas décadas da República. Era indo-europeia, mas muito diversa do latim; alguns dos povos que falavam oscano usavam o alfabeto latino para transcrever a sua língua, mas a maior parte (incluindo o maior grupo de falantes do oscano, os Samnitas) recorria a um alfabeto derivado do alfabeto etrusco. Muitos romanos falavam e entendiam o oscano. Por vezes, em Roma, os mimos atelanos (da cidade de Ateia, no território dos Oscos) eram representados nesta língua.

panteão Termo usado actualmente e que abarca todo o conjunto dos deuses de um sistema religioso politeísta.

Parvus Demasiado pequeno para ser levado em conta.

paterfamilias O chefe da unidade familiar. A lei protegia rigidamente o seu direito de fazer o que muito bem entendesse com todos os membros da família.

Pais Conscritos Quando foi criado pelos reis de Roma (segundo a tradição, por Numa Pompílio), o Senado consistia de uma centena de patrícios denominados patres — ”pais”. Nos primeiros anos da República, quando foram acrescentados senadores plebeus, dizia-se que os senadores eram conscripti — ”nomeados sem haver uma eleição”. Os membros patrícios e plebeus do Senado eram patres et conscripti, gradualmente, os dois termos foram-se unindo e todos os membros do Senado acabaram por ser designados por Patres Conscripti.

patrício, patriciato O patriciato era a primitiva aristocracia romana. Para um povo como o romano, que reverenciava os antepassados e dava uma extrema importância ao nascimento de uma pessoa, o facto de se possuir estirpe patrícia não podia ser subestimado. As mais antigas das famílias patrícias eram aristocratas já antes dos reis de Roma; as mais novas (os Cláudios, por exemplo) parecem ter emergido aquando do início da República. Durante toda a República, essas famílias mantiveram o título, bem como um prestígio que nenhum plebeu podia atingir — e isto apesar da nobreza, a ”nova aristocracia”, ou seja, as famílias que subiram na escala social graças ao facto de terem tido cônsules. Contudo, no último século da República, um patrício pouco mais tinha do que a distinção que o sangue lhe conferia; a riqueza e a energia das grandes famílias plebéias tinham levado à erosão dos direitos que, originalmente, pertenciam aos patrícios. Sila,

que era patrício, parece ter feito algumas tênues tentativas para elevar os patrícios acima dos plebeus, mas a verdade é que não se atreveu a legislar privilégios significativos para a aristocracia de sangue.

No último século da República, havia ainda várias famílias patrícias que davam senadores, pretores e cônsules a Roma — é o caso das famílias Emília, Cláudia, Cornélia, Fábia (mas apenas através de adopções), Júlia, Mânlia, Pinaria, Postúmia, Sérgia, Servília, Sulpícia e Valéria.

patronato A sociedade romana republicana encontrava-se organizada segundo um sistema de patronato e clientela. Embora os mais pequenos comerciantes e os trabalhadores mais humildes nem sempre participassem no sistema, este, no entanto, prevalecia a todos os níveis da sociedade, e nem todos os patronos pertenciam às camadas mais elevadas da sociedade. O patrono comprometia-se a oferecer protecção e favores àqueles que se propunham ser seus clientes. Os escravos libertos tinham por patronos os seus ex-senhores. As mulheres não podiam ser patronos. Muitos patronos eram clientes de patronos mais poderosos, o que, na prática, transformava os seus clientes em clientes desses patronos mais poderosos. Embora este sistema não se encontrasse reconhecido na lei, havia nele um princípio de honra muito forte, e era raro um cliente ignorar ou ludibriar o seu patrono. O patrono podia não fazer nada durante anos para obter o apoio de um cliente, mas um dia viria em que o cliente seria chamado a prestar favores ao seu patrono — votar nele, mover influências, realizar alguma tarefa especial. Era costume o patrono receber os seus clientes de manhã cedo, nos dias que o calendário previa para os ”negócios”; durante essas manhãs, os clientes pediam ajuda ou favores, ou apareciam unicamente para mostrar o seu respeito ou oferecer os seus préstimos. O patrono, caso fosse rico ou generoso, fazia freqüentes ofertas em dinheiro aos seus clientes. Se um homem se tornasse cliente de outro homem a quem odiara implacavelmente noutros tempos, passaria, a partir desse instante, a servi-lo com absoluta lealdade, ainda que isso implicasse a sua própria morte.

Pavo Um pavão.

pedarius Um senador dos bancos de trás.

perduellio Alta traição. Antes de Saturnino, primeiro, e de Sila, posteriormente, terem definido traição e promulgado novas leis sobre tal crime, a perduellio era a única forma de traição que a lei romana conhecia, tão antiga que vinha mencionada nas Do/e Tábuas. Implicava o

julgamento na Assembleia Centurial. O traidor era condenado à pena capital: crucificação numa árvore mal agourada (ou seja, uma árvore que nunca tivesse dado frutos).

peristilo Jardim ou pátio interior, rodeado por uma colunata, e que correspondia à única zona ao ar livre de uma casa.

phalerae Discos de prata ou ouro cinzelados e ornamentados, com um diâmetro de 75 a 100 milímetros. Originalmente, eram usados como insígnias pelos cavaleiros romanos e também faziam parte dos ornatos de um cavalo de um cavaleiro. Gradualmente, foram-se tornando condecorações militares, concedidas por actos de excepcional bravura no campo de batalha. Eram normalmente concedidas em grupos de nove (três filas de três phalerae) e usadas sobre uma couraça de couro decorada, a qual devia ser vestida por cima da cota de malha ou da couraça propriamente dita.

Piceno Região do leste da península italiana que podemos identificar grosseiramente com o músculo da barriga da perna italiana. A sua fronteira ocidental estendia-se ao longo dos cumes dos Apeninos; a norte, ficava a Úmbria, e a sul, o Sâmnio. Como era sua uma boa parte da costa adriática, possuía vários portos de mar, os mais importantes dos quais eram Ancona e Firmo Picentino. A principal cidade do interior, e capital, era Ásculo Picentino. Os primeiros habitantes do Piceno eram de origem italiota e ilíria, mas quando o rei Breno invadiu a Itália muitos dos seus Celtas instalaram-se no Piceno e, através de casamentos, acabaram por fundir-se com o povo local. Segundo uma outra versão tradicional, os Sabinos, vivendo do outro lado dos Apeninos, teriam migrado para a região e fundado o Piceno. Os seus habitantes chamavam-se Picentinos. A região dividia-se em duas partes — o Norte, muito ligado à Úmbria, era dominado pela grande família dos Pompeus, ao passo que o Sul estava mais ligado ao Sâmnio e às tradições espirituais dos Samnitas.

pilum, pila A lança da infantaria romana, em particular depois de Caio Mário ter introduzido nela algumas modificações. Tinha uma ponta de ferro muito pequena e horrivelmente farpada e um fuste de ferro; o cabo, de madeira, adaptava-se bem à mão. Mário modificou-a, tornando mais fraca a junção entre as secções de ferro e madeira do fuste; quando o pilum se alojava no corpo ou no escudo de um inimigo, partia-se, e por isso não podia ser utilizado pelos soldados inimigos. As legiões romanas, no entanto, possuíam artífices que, depois da batalha, reparavam rapidamente os pila.

pitagórico Seguidor do sistema filosófico criado por Pitágoras. Na Roma do período final da República, os pitagóricos eram considerados demasiado excêntricos, de tal modo que muita gente os achava algo doidos. O filósofo pitagórico ensinava que a alma transmigrava eternamente de um organismo para outro (até mesmo para plantas) — a menos que, em determinada altura dessa transmigração, se fixasse num homem que seguisse um modo de vida destinado a libertá-la: para tal, esse homem deveria conformar-se a determinadas regras de silêncio, castidade, contemplação, vegetarianismo, etc. Esta corrente recebia de braços abertos tanto os homens como as mulheres. O culto neopitagórico seguido em Roma afastara-se do verdadeiro pitagoricismo, mas a preocupação com os números e com a defesa de um certo modo de vida era ainda grande. Infortunadamente, uma dos alimentos cujo consumo os pitagóricos defendiam era o feijão: o resultado era uma forte percentagem de metano no ar sempre que aparecia um pitagórico. Daí que os apaniguados desta escola fossem freqüentemente alvo de chistes muito pouco agradáveis. Um médico meu amigo defende que um consumo excessivo de favas durante a gravidez pode ser causa de um excesso hemorrágico durante o parto.

plebeu, plebe Todos os cidadãos romanos que não eram patrícios eram plebeus — isto é, pertenciam à plebe. Nos primórdios da República, nenhum plebeu podia ser sacerdote, magistrado curul ou mesmo senador. Esta situação durou pouco tempo; uma a uma, as instituições patrícias foram-se desmoronando antes do assalto da plebe, até que, na época de Caio Mário, já só um pequeno número de lugares políticos importantes estava reservado aos patrícios. No entanto, a plebe criou uma nova nobreza para distinguir as suas figuras mais proeminentes, designando por nobilis (nobre) um homem que tivesse alcançado o consulado, e estipulando que os seus descendentes também seriam nobres.

podex Obscenidade que designava, não o ânus, mas o buraco do ânus.

pomerium O limite sagrado da cidade de Roma. Era marcado por pedras chamadas cippi e dizia-se que fora inaugurado pelo rei Sérvio Tulo e permanecera exactamente no mesmo lugar até ao tempo de Sila, o Ditador. O pomerium não seguia exactamente as Muralhas Sérvias, umbom motivo para se duvidar que as Muralhas Sérvias tenham sido construídas por Sérvio Tulo — que teria certamente feito as muralhas seguir o mesmo curso que o pomerium. Toda a antiga cidade de Rómulo, no Palatino, era cercada pelo pomerium, mas o mesmo não acontecia com o

Aventino e o Capitólio. Reza a tradição que o pomerium só podia ser alargado por um homem que aumentasse
significativamente o território romano. Em termos religiosos, a própria Roma apenas existia dentro do pomerium; tudo o que existia fora deste era considerado meramente como território romano.

Ponte de Madeira Nome que foi sempre dado à Pons Sublicius, a mais velha das pontes que atravessam o Tibre na cidade de Roma.

pontifex Muitos etimologistas latinos pensam que, em tempos muito remotos, o pontifex era um construtor de pontes (pons = ponte) e que a construção de pontes era considerada uma arte mística que punha o construtor em estreito contacto com os deuses. Seja isto ou não verdade, o certo é que, no tempo da República, o pontifex era um sacerdote. Integrado num colégio especial, era um conselheiro dos magistrados e das assembleias de Roma para todos os assuntos religiosos — e, inevitavelmente, viria a tornar-se um magistrado. De início, todos os pontífices tinham de ser patrícios, mas uma lex Ogulnia, de 300 a.C., estipulava que metade dos membros do Colégio dos Pontífices tinham de ser plebeus. Durante os períodos em que os pontífices (e os augures) eram cooptados para o colégio por outros membros, os novos elementos tinham freqüentemente uma idade inferior à necessária para se entrar no Senado; era comum haver pontífices com vinte e poucos anos. Por isso, a nomeação de César, aos 27 anos de idade, não tinha nada de invulgar.

Pontifex Maximus O chefe da religião estatal e o sacerdote mais sénior de todos. O cargo parece ter sido criado durante o início da República, num modo tipicamente romano de contornar os obstáculos sem ofender susceptibilidades; porque o Rex Sacrorum (título usado pelos reis de Roma) já havia sido o chefe sacerdotal. Em vez de perturbar a populaça abolindo o Rex Sacrorum, os novos governantes de Roma na pessoa do Senado criaram muito simplesmente um novo pontifex cujo cargo e estatuto eram superiores aos do Rex Sacrorum — o Pontifex Maximus, que era eleito e não cooptado, para reforçar a sua posição de estadista. No início, era provável que tivesse de ser um patrício, mas em meados do período da República era mais provável que pudesse ser também um plebeu. Era ele que orientava todos os membros dos colégios sacerdotais — pontífices, augures, feciais e outros sacerdotes menores e as Vestais. Nos tempos da República era ele que ocupava o Domus Publicus (ou casa estatal) mais importante,

mas partilhava-o com as Vestais. A sua morada oficial (tinha o estatuto de templo) era a pequena Regia antiga, no Fórum Romano.

popa Funcionário público ligado aos serviços religiosos. A sua única tarefa, aparentemente, consistia em desferir com o maço no animal sacrificado; já não era ele quem cortava a garganta do animal: esse era o domínio do cultarius.

população de Roma Uma questão muito controversa que já fez gastar rios de tinta aos eruditos dos nossos dias. Creio que há uma tendência para subavaliar o número de pessoas que viviam dentro dos limites de Roma, pois poucos são os especialistas que admitem um número tão elevado como um milhão de habitantes. Parece haver um consenso geral em torno do número de meio milhão. Contudo, conhecemos as dimensões da cidade republicana, no interior das Muralhas Sérvias: em largura, mais de um quilômetro; em comprimento, mais de dois quilômetros. Então como agora, Roma era uma cidade de apartamentos e essa deverá ser uma chave importante para determinar o verdadeiro número de habitantes. Os cidadãos romanos — ou seja, indivíduos do sexo masculino inscritos no censo — seriam talvez um quarto de milhão; depois, temos as suas mulheres e os filhos; e finalmente os escravos. Só as casas muito, muito pobres, não tinham pelo menos um escravo ao seu serviço; ao que parece, até os capite censi possuíam escravos. Por outro lado, havia também em Roma os não cidadãos, hordas de não cidadãos: judeus, sírios, gregos, gauleses, e muitos outros povos. com mulheres, filhos e escravos. Roma fervilhava de gente e possuía um sem-número de ínsula". Os não cidadãos, com as suas mulheres, os filhos e os escravos, talvez fizessem subir o quarto de milhão referido acima do milhão. De outro modo, metade das ínsulas estariam vazias e a cidade teria uma imensidão de parques. Julgo que o número de dois milhões de habitantes deverá ser o mais próximo da realidade.

Porta Capena Uma das duas principais portas das Muralhas Sérvias, do ponto de vista estratégico (a outra era a Porta Colina). Ficava a sul do Circus Maximus; à saída da Porta Capena, encontrávamos a estrada comum que dava origem à Via Ápia e à Via Latina (estas distavam cerca de um quilómetra da Porta).

porticus Não se trata de um pórtico, mas sim de um edifício incorporando uma espécie de vasto pátio central, maior em comprimento do que em largura e construído segundo o princípio da colunata. O Porticus Margaritaria, no alto Fórum Romano, era uma versão mais

quadrada do porticus, e albergava as lojas mais caras de Roma. O Porticus Emília, no porto de Roma, era um edifício particularmente
longo, que albergava as firmas e os agentes que negociavam com transportes marítimos, importações e exportações.

Povo de Roma Este termo abarcava todos os Romanos que não eram membros do Senado; aplicava-se tanto a patrícios como a plebeus, e tanto aos capite censi como à Primeira Classe.

praefectus fabrum "Aquele que supervisiona o fabrico." Um dos homens mais importantes num exército romano republicano, tecnicamente não estava sequer integrado nele; era um civil nomeado para o posto em questão pelo general. O praefectus fabrum era responsável pelo equipamento e abastecimento do exército a todos os níveis, desde as ferragens para os animais à comida para os homens. Como firmava contratos com comerciantes e manufactureiros tendo em vista o equipamento e os abastecimentos do exército, o praefectus fabrum era uma figura muito poderosa — e encontrava-se numa óptima posição para enriquecer à custa do seu cargo, a menos que fosse um homem de rara integridade.

praenomen O primeiro nome de um homem romano. Eram muito poucos — talvez vinte no tempo de Mário e Sila, e metade desses vinte não eram comuns, ou estavam confinados aos homens de uma gens particular, como sucedia com Mamerco, dos Emílios Lépidos. Cada gens ou clã favorecia apenas certos praenomina, o que contribuía ainda mais para reduzir a variedade. Um estudioso moderno do assunto poderá muitas vezes, a partir do praenomen de um homem, deduzir se esse homem era ou não um genuíno membro da gens; os Júlios, por exemplo, escolhiam apenas Sexto, Caio e Lúcio, pelo que um homem chamado Marco Júlio não era um verdadeiro Júlio da gens patrícia; os Licínios preferiam Público, Marco e Lúcio; os Pompeus só gostavam de Cneu, Sexto e Quinto; os Cornélios optavam por Público, Lúcio e Cneu; os Servílios da gens patrícia escolhiam apenas Quinto e Cneu. Ápio só pertencia aos Cláudios. Um dos grandes enigmas para os eruditos modernos é o de Lúcio Cláudio, que foi Rex Sacrorum durante o final da República; Lúcio não é um praenomen dos Cláudios, mas como por certo era um patrício, Lúcio Cláudio, o Rex Sacrorum, só pode ter sido um Cláudio genuíno. Tenho defendido que havia um ramo da gens Cláudia com o praenomen Lúcio que tradicionalmente ocupava o cargo de Rex Sacrorum.

praetor peregrinus Optei por apresentar o praetor peregrinus como o pretor para as relações exteriores, pois lidava apenas com assuntos legais e litígios envolvendo uma ou mais partes que não eram cidadãos romanos. Na época de Mário e Sila, os deveres deste pretor limitavam-se à aplicação da justiça; viajava por toda a Itália e por vezes para fora da Itália. Decidia também em relação aos casos envolvendo não cidadãos dentro da cidade de Roma.

praetor urbanas Pretor urbano. No tempo de Mário e Sila, os seus deveres limitavam-se quase exclusivamente às questões judiciais; era responsável pela administração da justiça e dos tribunais dentro da cidade de Roma. A sua autoridade não se estendia para lá do quinto marco miliário a partir de Roma, e não podia deixar Roma durante mais de dez dias seguidos. Se os dois cônsules estavam ausentes, o pretor urbano passava a ser o magistrado sénior, tendo, por isso, poderes para convocar o Senado, tomar decisões relativas à execução das políticas governamentais, e mesmo para organizar as defesas da cidade em caso de ameaça ou ataque. Cabia-lhe a ele decidir se duas partes em litígio deveriam comparecer em tribunal ou a uma audição formal; na maior parte dos casos, era ele quem decidia acerca do litígio, sem recorrer a uma audição ou a um julgamento.

pretor A pretura era o segundo degrau mais sénior do cursus honorum para os magistrados (excluindo o cargo de censor, que constituía um caso especial). Nos primeiros tempos da República, as duas magistraturas mais altas eram as dos pretores. Mas no fim do séc. IV a.C., usava-se a palavra ”cônsul” para designar estas magistraturas mais importantes. Durante muitas décadas a partir dessa data, houve apenas um pretor; era o praetor urbanus, pois as suas funções estavam limitadas à cidade de Roma (libertando assim os cônsules, que podiam dedicar-se à guerra). Em 242 a.C., foi criado um segundo pretor; era o praetor peregrinus. Seguiu-se a aquisição de colônias ultramarinas que necessitavam de ser governadas, e por isso, em 227 a.C., foram criados mais dois lugares de pretores para tomar conta da Sicília e da Sardenha. Em 197 a.C., o seu número aumentou de quatro para seis, para tratar da governação das duas Hispânias. Contudo, depois disso não foram criados mais lugares de pretores; na época de Caio Mário, o número de pretores era ainda de seis. Devo acrescentar que há um grande debate acadêmico acerca deste assunto. Existem duas vertentes, uma das quais defende que foi Sila, o Ditador, que aumentou o número de pretores para oito, e outra segundo a qual esse número foi aumentado de

seis para oito durante
o tempo dos irmãos Gracos. Preferi manter o número de pretores em seis.

Princeps Senatus O Presidente do Senado. Era escolhido pelos censores, de acordo com as normas da mos maiorum: tinha de ser um patrício, chefe da sua decúria, interrex mais vezes do que qualquer outro senador, um homem de moral e integridade sem mácula e com uma alta auctoritas e dignitas. O título de Princeps Senatus não era vitalício: pelo contrário, era revisto por cada novo par de censores. Sila retirou ao Presidente do Senado grande parte da sua auctoritas, mas o cargo continuou a ser muito prestigiado.

privatus Cidadão privado. Uso este termo para descrever um homem que era membro do Senado mas que não tinha funções de magistrado.

procônsul Alguém que tinha o estatuto de cônsul. Este imperium era geralmente atribuído a um homem que tivesse acabado o seu mandato como cônsul e continuasse a deter o estatuto de cônsul (isto é, de procônsul) para governar uma província ou comandar um exército em nome do Senado e Povo de Roma. O mandato de um procônsul durava habitualmente um ano mas costumava ser prorrogado, caso o seu detentor estivesse empenhado numa campanha contra um inimigo que ainda não tinha sido vencido. Se um consular não estivesse disponível para governar uma província suficientemente tormentosa para garantir a designação de um procônsul em vez de um propretor, eram os pretores desse ano que iriam governá-la, dotados do imperium de um procônsul. O imperium do procônsul limitava-se à área da sua província ou tarefa, e era-lhe retirado no momento em que atravessava o pomerium, ao entrar na cidade de Roma.

Procustes Criatura da mitologia grega com gostos muito duvidosos. Na sua fortaleza algures na Ática (ao que parece, na estrada que conduzia ao istmo de Corinto), possuía duas camas, uma demasiado pequena para um homem de estatura média, e a outra demasiado grande. Depois de atrair o viajante à sua residência, despojava-o de tudo e atirava-o para a cama que menos se adequasse ao seu tamanho. Se a vítima era demasiado pequena, Procustes prendia-a à cama maior e esticava-a até que tivesse o tamanho da cama; se a vítima era demasiado grande, Procustes prendia-a à cama mais pequena e cortava-lhe as extremidades até que o seu tamanho igualasse o da cama. Foi morto por Teseu, que lhe aplicou o mesmo suplício.

proletarii ver capite censi.

promagistrado Alguém que servia o Estado com funções de magistrado mas sem ser de facto um magistrado. Os cargos de questor, pretor e cônsul (as três magistraturas do cursus honorum) eram as únicas que na realidade contavam.

propretor Alguém que servia o Estado com o imperium de pretor mas sem o cargo. O imperium propretoriano era normalmente concedido a um homem que terminara o seu ano como pretor e que ia governar uma província propraetore. A propretura era habitualmente concedida por um ano, mas podia ser prorrogada.

proquestor Alguém que servia o Estado com as funções de questor, mas sem ser de facto questor. Este cargo não possuía imperium, mas, em circunstâncias normais, um homem eleito questor — se um governador que ficava mais do que um ano na sua província lho pedisse pessoalmente — permaneceria nessa província como proquestor até que o seu superior regressasse a Roma.

província Originalmente, a palavra significava a esfera de deveres de um magistrado ou promagistrado com autoridade equivalente, e aplicava-se por isso, tanto a cônsules e pretores em funções em Roma como àqueles que se encontravam no campo de batalha. Mais tarde, a palavra passou a significar o local onde o imperium era exercido pelo seu detentor; finalmente, foi aplicada a esses locais, mas significando apenas que eles pertenciam a Roma. Na época de Mário e Sila, todas as províncias de Roma ficavam situadas fora de Itália e da Gália Italiana.

pteryges As tiras de couro que caíam da cintura até aos joelhos, formando uma espécie de saia, e dos ombros até aos antebraços como mangas; por vezes, eram franjadas nas extremidades e ornamentadas com tachas metálicas ou com diversos padrões executados no couro. As pteryges constituíam a marca tradicional dos oficiais séniores e dos generais de um exército romano; não eram usadas pelos outros membros do exército.

publicam Colectores de impostos contratados pelo Estado romano. Tais contratos eram firmados pelos censores aproximadamente de cinco em cinco anos; Sila terá acabado com isto ao suspender o cargo de censor. Mas, como é óbvio, deverá ter encontrado um outro processo tendo em vista a celebração de tais contratos.

Pulex Uma pulga.

Púnico Adjectivo aplicado a Cartago e ao seu povo, mas sobretudo às três guerras entre Cartago e Roma. A palavra deriva do nome da pátria original dos Cartagineses — a Fenícia.

quaestio Tribunal ou comissão de investigação judicial.

questor O degrau mais baixo do cursus honorum senatorial. O questor era sempre eleito, mas antes de Sila ter determinado, durante a Ditadura, que de futuro um homem só poderia entrar no Senado depois de ter sido questor, não era necessário ser-se questor antes de se ser senador. Sila aumentou o número de questores de doze para vinte e decidiu que um homem não poderia ser questor antes dos trinta anos. Os principais deveres de um questor eram fiscais. Consoante os resultados dos sorteios, podia ser escolhido para trabalhar no Tesouro, ou para cobrar taxas e rendas num local qualquer de Itália, ou para administrar as finanças de um governador provincial. Um homem que ia governar uma província tinha capacidade para nomear o seu questor. O questor tomava posse no quinto dia de Dezembro.

Quinctilis Originalmente, quando o Ano Novo romano começava em Março, era o quinto mês do ano. Manteve este nome, depois de o Ano Novo romano ter sido mudado para Janeiro — então, Quinctilis passou a ser o sétimo mês. Chamamos-lhe Julho — tal como os Romanos lhe chamaram, após a morte do grande Júlio.

quinquerreme Tipo muito comum e popular da antiga galera de guerra: conhecido também pelo nome de ”cinco”. Tal como o birreme e o trirreme, era muito mais longo do que largo e o seu único objectivo era a guerra naval. Pensava-se que o quinquerreme tinha cinco níveis de remos, mas agora é opinião quase geral que nenhuma galera tinha mais de três níveis de remos, sendo mesmo mais comum ter apenas dois níveis. É provável que lhe chamassem ”cinco” por ter cinco homens para cada remo; ou então, se tivesse dois níveis de remos, ficariam três remadores no nível superior e dois remadores no nível inferior. Se houvesse cinco homens para cada remo, apenas o homem da ponta do remo tinha de ser altamente qualificado; era ele quem guiava o remo e que fazia realmente o trabalho duro, ao passo que os outros pouco mais faziam do que contribuir com a sua força muscular. Contudo, cinco homens para um remo significava que, no início do movimento, os remadores tinham de estar de pé, caindo sobre o assento ao darem o impulso. Um ”cinco” cujos remadores pudessem permanecer sentados teria necessitado de três níveis de remos como o trirreme, dois homens em cada um dos dois níveis superiores e um homem no nível inferior. Parece que estes três tipos de quinquerremes eram usados, consoante as preferências das comunidades ou nações. Quanto ao mais, o quinquerreme era coberto, os remos superiores ficavam

numa projecção do costado, e um mastro e uma vela também não faltavam, ainda que não fossem usados quando se avizinhava uma batalha. O total de remadores andava à volta dos 270, os marinheiros seriam talvez 30; e se o almirante preferia a abordagem a abrir brechas no outro navio com o aríete, o quinquerreme podia chegar a transportar 120 marinheiros, torres de combate e catapultas. Tal como acontecia com as galeras mais pequenas, os remadores do ”cinco” eram profissionais e não escravos.

Quirites Cidadãos romanos de estatuto civil.

quod erat demonstrandum ”O que era preciso demonstrar.”

Regia Antigo edifício do Fórum Romano, pequeno, com uma estranha configuração e orientado para norte, que servia de sede para o Pontifex Maximus e para o Colégio dos Pontífices. Era um templo consagrado e continha altares ou santuários de algumas das mais antigas divindades romanas — Opsiconsiva, Vesta, Marte dos escudos e lanças sagrados. Era neste edifício que o Pontifex Maximus mantinha os seus arquivos. Mas nunca foi a sua residência.

Rei cliente Um monarca estrangeiro que se comprometia como cliente tendo Roma por patrono, ou por vezes tendo por patrono um cidadão romano. O título ”Amigo e Aliado do Povo Romano” era uma declaração de clientela.

República Originalmente, a palavra era constituída por duas — re publica —, ou seja, a coisa que representa o povo como um todo: isto é, o governo.

retórica A arte da oratória, que os Gregos e os Romanos transformaram em algo que se aparentava a uma ciência. Umbom orador falava de acordo com regras e convenções cuidadosamente definidas e que não se limitavam às palavras; de facto, a linguagem do corpo e os movimentos tinham também as suas normas. Até meio do período republicano, os professores de retórica grega eram desprezados, sendo mesmo por vezes expulsos de Roma; Catão, o Censor, era um inimigo confesso da retórica grega. No entanto, a grecofilia dos tempos de Cipião Emiliano acabou com muita desta oposição latina, de tal modo que na época dos irmãos Gracos a maior parte dos jovens nobres romanos tinham por professores retóricos gregos. Isso levou a que os retóricos latinos caíssem em desgraça! Havia diferentes estilos de retórica — Lúcio Licínio Crasso Orador preferia o estilo asiático, mais floreado e dramático do que o estilo ático. Não esqueçamos que o público que se reunia para ouvir um orador — falasse ele de política ou de assuntos judiciais num tribunal — era formado por especialistas em retórica. A audiência

escutava o orador com um espírito extremamente crítico; conhecia todas as regras e técnicas e não era fácil agradar-lhe.

Rex Sacrorum Durante a República, era o número dois do Colégio dos Pontífices.

Relíquia dos tempos dos reis de Roma, o Rex Sacrorum tinha de ser patrício e era afectado por tantos tabus como o flamen Dialis.

Ria Plutarco (escrevendo em grego, cerca de duzentos anos mais tarde) dá à mãe de Quinto Sertório o nome de Reia; mas Reia não é um gentílico latino. Contudo, ainda hoje ”Ria” é um diminutivo comum na Europa para ”Maria”. Só ao fim de alguns anos descobri que a minha governanta holandesa, Ria, se chamava afinal Maria. Maria seria nome de um membro da família dos Mários, ou seja, da gens de Caio Mário.

Foi a dedicação de Quinto Sertório a Caio Mário, desde os primeiros tempos de Sertório como militar até ao fim da vida de Mário (altura em que mesmo os seus mais leais adeptos recuaram horrorizados perante as suas atrocidades), que me levou a reflectir acerca deste nome, Reia. Sertório, diz-nos ainda Plutarco, era muito devotado à mãe. Assim sendo, por que razão não poderia a mãe de Sertório ser uma Maria, e parente próxima de Caio Mário? Muitas questões ficariam esclarecidas, se a mãe de Sertório fosse de facto parente próxima de Caio Mário. Dadas as liberdades inerentes ao trabalho do romancista, escolhi considerar que a mãe de Sertório era parente consanguínea de Mário. Contudo, trata-se de pura especulação, apesar de dispor de alguns dados para defender os meus argumentos. Nesta série romana, limitei severamente a minha imaginação de romancista e não lhe permiti que se opusesse ou negasse a história.

Rocha Tarpeia A sua localização exacta continua a suscitar acesos debates, mas sabemos que era possível vê-la bastante bem do baixo Fórum Romano. Presumivelmente, era um rochedo que se salientava por sobre os penhascos do Capitólio. Como a distância da Rocha Tarpeia até ao fundo da encosta não era muito superior aos vinte e quatro metros, é de crer que a rocha devia ficar precisamente por cima de um terreno acidentado — não temos nenhuma indicação de que alguém tivesse sobrevivido à queda. Era o local tradicional de execução para cidadãos romanos condenados por traição ou assassínio,

os quais eram ou atirados da rocha ou obrigados a saltar. Localizei-a à mesma altitude que o templo de Ops.

Rómulo e Remo Filhos gémeos de Reia Sílvia, filha do rei de Alba Longa, e do deus

Marte. O tio de Reia Sílvia, Amúlio, que usurpara o trono, pôs os gémeos num cesto feito de juncos que atirou ao Tibre. Os gémeos foram arrastados pelas águas até uma figueira no sopé do Palatino. Encontrou-os aí uma loba, que os levou para a sua toca e os amamentou. Finalmente, os gémeos foram salvos por Faústulo e sua esposa, Aca Larência, que os criaram até à idade adulta. Depois de deporem Amúlio e devolverem o trono ao avô, os gémeos fundaram uma localidade no Palatino. Construídas as muralhas, Remo saltou por cima delas e foi morto por Rómulo, aparentemente por sacrilégio. Rómulo procurou então habitantes para a sua cidade: no que toca aos homens, estabeleceu um asilo no vale entre os dois cumes do Capitólio, onde acolhia refugiados que, ao que se crê, seriam criminosos. As mulheres, conseguiu-as enganando os Sabinos do Quirinal — convenceu-os a levarem as mulheres a uma festa, mulheres que depois raptou a fim de as dar em casamento aos homens da nova cidade. Rómulo reinou durante muitos anos. Até que um dia foi caçar aos Pântanos da Cabra, no Campo de Marte, tendo sido surpreendido por uma violenta tempestade; como nunca mais voltou, acreditou-se que fora levado pelos deuses e tornado imortal.

rqsea rura As terras mais férteis da Itália ficavam nos arredores da cidade sabina de Reate. Chamavam-lhes rosea rura. Muitos milhares de éguas pastavam nessas terras, bem como burros de cobrição que atingiam preços muito altos em hasta pública; o objectivo das actividades da rosea rura era a criação de mulas — as melhores mulas do mercado.

rostra Significa um esporão de navio de bronze ou carvalho reforçado. Este terrível esporão sobressaía da proa mesmo abaixo do nível do mar, e era usado para abrir brechas no navio inimigo. Em 338 a.C., o cônsul Caio Ménio atacou a esquadra dos Volscos no porto de Ancio, infligindo-lhe uma derrota total. Para acentuar o fim do povo volsco como rival de Roma, Ménio retirou os esporões dos navios que afundara ou capturara e fixou-os à parede do Fórum onde se encontrava a tribuna do orador. Desde então, a tribuna do orador passou a ser conhecida pelo nome de rostra — os esporões dos navios.

Roxolanos Um povo que vivia numa parte da actual Ucrânia e Romênia, e um clã dos Sármatas. Organizados em tribos, mantiveram um estilo de vida nômada até aos séculos VI e V a.C., depois de as cidades costeiras gregas os terem iniciado na agricultura. Todos os povos que viviam na região mediterrânica os consideravam bárbaros; porém, depois de ter conquistado as terras à volta do mar Euxino, o rei Mitridates VI usou-os como militares, sobretudo na arma de

cavalaria.

Sabinos Povo de língua oscana e de origem racial desconhecida que vivia a norte e a leste de Roma, entre o monte Quirinal e a crista dos Apeninos. As suas ligações a Roma remontavam ao apócrifo ”rapto”. Resistiram às incursões romanas durante vários séculos. As principais cidades sabinas eram Reate, Nersas e Amiterno. Os Sabinos eram famosos pela sua integridade, coragem e independência.

sacer Embora normalmente signifique ”consagrado a um deus”, sacer, neste livro, significa aquele cuja pessoa e bens foram oferecidos a um deus porque profanara uma lei divina; Sila usou este termo nas proscrições porque Roma era uma deusa.

saepta ”O redil de ovelhas”. Nos tempos da república, era simplesmente uma área ao ar livre no Campo de Marte, não muito longe da Via Lata e perto da Via Pública; não havia aí edificios permanentes mas era o local onde se reunia a Assembleia Centurial ou Comitia Centuriata. Como nas Assembleias Centuriais geralmente havia votações, a saepta era dividida por vedações temporárias sempre que necessário, para que as cinco classes pudessem votar nas centúrias.

salii Um colégio de sacerdotes ao serviço de Marte; o nome significava ”bailarinos saltitantes”. Eram vinte e quatro, divididos por dois colégios de doze. Tinham de ser patrícios.

saltatrix toma Deliciosa expressão trocista que se tornou famosa quando Cícero a usou para descrever Lúcio Afrânio, um apaniguado picentino de Pompeu. Significa ”bailarina barbada” e designava normalmente os homossexuais que se vestiam de mulheres e vendiam os seus serviços sexuais. Numa época em que a difamação não implicava um processo em tribunal, os chistes políticos podiam perfeitamente atingir níveis destes.

Sâmnio Território situado entre o Lácio, a Campânia, a Apúlia e o Piceno. A maior parte do território era extremamente montanhoso e não especialmente fértil; as cidades do Sâmnio eram normalmente pobres e pequenas: entre elas, contavam-se Boviano, Caieta e Eculano. Esérnia e Benevento, as duas maiores cidades, eram comunidades abrangidas pelos Direitos Latinos e implantadas em território samnita por Roma. No Sâmnio viviam outros povos, para além dos Samnitas: os Pelignos, os Marrucinos, os Vestinos e os Frentanos, cada um dos quais ocupando uma zona diferente do território. Ao longo de toda a sua história, os Samnitas revelaram-se implacáveis inimigos de

Roma e, por várias vezes, até meio do período republicano, infligiram esmagadoras derrotas aos Romanos. No entanto, não tinham nem homens nem os recursos financeiros necessários para se libertarem para sempre do jugo romano. Por volta do ano 180 a.C., os Samnitas estavam já tão fracos que nem conseguiram contrariar a implantação de colonizadores estrangeiros; de facto, numa tentativa para resolver os seus problemas no noroeste, Roma levou para Sâmnio quarenta mil lígures. Na altura, os Romanos acharam que tinha sido uma ideia excelente. Porém, os novos colonizadores acabaram por ser completamente absorvidos pela nação samnita — e não tinham mais amor por Roma que os seus anfitriões samnitas. Desta forma, a resistência samnita acabou por renovar-se, em vez de enfraquecer.

Sármatas Provavelmente de origem germânica, os Sármatas ocupavam as estepes a noroeste do mar Euxino — a actual Ucrânia —, embora originalmente tivessem vivido a leste do Tanais (o actual Dom). Tinham hábitos nômadas e eram cavaleiros. A cultura tribal permitiu uma rara igualdade de direitos entre homens e mulheres; as mulheres participavam nas assembleias e combatiam nas guerras. No último século a.C., tinham perdido já vários subgrupos, que viriam a formar nações — em particular, os Roxolanos e os láziges, que se fixaram mais a sul.

sátrapa Título dado pelos reis persas aos seus governadores provinciais ou territoriais. Alexandre, o Grande, aproveitou o termo e utilizou-o, tal como, aliás, os reis arsácidas da Partia. A região governada por um sátrapa era uma satrapia.

Saturnino Lúcio Apuleio Saturnino nasceu por volta do ano 135 a.C., numa respeitável família estreitamente ligada ao Piceno (a sua irmã casou com o picentino Tito Labieno, colega de Saturnino no seu último tribunado da plebe). Eleito questor para o ano de 104 a.C, foi-lhe confiada a tarefa de supervisionar o abastecimento de cereais e o porto de Óstia. No entanto, viria a ser afastado do seu cargo e expulso do Senado quando Marco Emílio Escauro Princeps Senatus o criticou por ter aumentado prematuramente o preço dos cereais. Saturnino, porém, não se deixou abater; disputou a eleição para tribuno da plebe em 103 a.C., e venceu. Durante este primeiro ano como tribuno da plebe, Saturnino aliou-se a Caio Mário, e promulgou leis beneficiando Mário, designadamente aquela que distribuía terras africanas pelos veteranos da guerra contra Jugurta. Promulgou também uma lei estabelecendo um tribunal especial para julgar todos aqueles que eram acusados de um crime a que chamou maiestas minuta, ”pequena traição”.

Em 102 e 101 a.C., Saturnino não ocupou nenhum cargo, mas comportou-se de forma suficientemente antipática para irritar o censor Metelo Numídico, que tentou expulsá-lo do Senado; daí resultou um motim em que Metelo Numídico sofreu uma severa derrota. Disputou uma segunda vez o cargo de tribuno da plebe para o ano 100 a.C., e foi eleito, mantendo ainda a sua aliança com Mário. Um segundo projecto de lei agrária, visando instalar os veteranos de Mário da guerra contra os Germanos em terras da Gália Transalpina, provocou uma verdadeira tempestade no Senado, mas Saturnino seguiu em frente e conseguiu obter tais terras. Os membros do Senado tiveram de jurar que apoiavam a lei; todos juraram, excepto Metelo Numídico, que preferiu pagar uma pesada multa e ir para o exílio. A partir daí, Saturnino só podia embaraçar Mário, o qual não tardou a romper uma aliança que afinal só o prejudicava. Saturnino tentou então atrair os capite censi com promessas de cereais grátis: na altura havia fome em Roma e os proletarii eram quem mais sofria. Saturnino candidatou-se uma terceira vez ao cargo de tribuno da plebe, desta feita para o ano 99 a.C. No entanto, foi derrotado. Porém, o seu adepto Caio Servílio Gláucia congeminou um plano para que um dos candidatos eleitos fosse assassinado e Saturnino acabou por ir ocupar o lugar do tribuno morto. As multidões que se concentravam no Fórum mostravam-se de tal forma excitadas que, a qualquer momento, poderia verificar-se uma verdadeira revolução. Tal era a ameaça que pairava sobre o governo de Roma que Mário e Escauro acabaram por aliar-se, tendo esta aliança levado à aprovação pelo Senado de um ultimato. Saturnino e os seus amigos foram detidos depois de Mário ter cortado o abastecimento de água ao Capitólio, onde o grupo se tinha refugiado. Levados depois para o Senado, acabaram
por ser apedrejados até à morte. Todas as leis de Saturnino foram anuladas.

Selêucida Adjectivo que designa a linhagem da casa real da Síria, cujos soberanos descendiam de Seleuco Nicator, um dos companheiros de Alexandre, o Grande, embora não tivesse sido um dos seus famosos generais. Depois da morte de Alexandre, Nicator cimentou um reino que acabou por se estender da Síria e Cilícia até à Média e à Babilônia, e que tinha duas capitais, Antioquia e Seleuceia-sobre-o-Tigre. No último século a.C., o reino dos Partos tinha conquistado as terras orientais e Roma ficara com a maior parte da Cilícia; o reino dos Selêucidas limitava-se então à Síria.

Senado Mais adequadamente, senatus. Inicialmente, este corpo era formado apenas por

patrícios; originalmente teve cem membros, número que, mais tarde, subiu para trezentos.
Devido à sua antigüidade, a definição legal dos seus direitos, poderes e deveres praticamente não existia. O cargo de senador era para toda a vida (a menos que o senador fosse expulso pelos censores por comportamento inadequado ou empobrecimento), facto que predispunha o Senado para a forma oligárquica que realmente veio a ter. Ao longo da sua história, os membros do Senado lutaram afincadamente por preservar a sua ascendência na governação. Antes de Sila ter impedido o acesso ao Senado a todos aqueles que não houvessem sido anteriormente questores, a nomeação dos senadores dependia exclusivamente dos censores. A meio do períodç. republicano, a admissão no Senado, na carreira política de um homem, seguia-se imediatamente à questura; a lex Atinia previa que os tribunos da plebe entrassem automaticamente para o Senado após a sua eleição. Havia uma prova de posses de natureza inteiramente não oficial; pressupunha-se que um senador deveria ter um rendimento de um milhão de sestércios.
Só os senadores tinham o direito de usar túnicas com o latus clavus, ou seja, largas faixas cor de púrpura que caíam do ombro direito. Usavam sapatos fechados de cabedal castanho-avermelhado e um anel que inicialmente era feito de ferro, mas que passou a ser de ouro. O luto senatorial traduzia-se pelo uso da faixa estreita de cavaleiro sobre a túnica. Apenas os homens que tinham tido um cargo de magistrado curul usavam uma toga debruada a púrpura; a grande massa dos senadores usava a toga branca.
As sessões do Senado tinham de decorrer em lugares que tivessem sido devidamente consagrados; o Senado tinha a sua própria cúria ou
edifício de reuniões, a Cúria Hostília, mas era costume reunir noutros locais, tudo dependendo dos caprichos do homem que convocava a sessão — presumivelmente, tinha as suas razões para escolher outro local, designadamente a necessidade de reunir o Senado fora do pomerium. As cerimónias, reuniões e festas do Dia de Ano Novo decorriam sempre no templo de Júpiter Optimus Maximus. As sessões só podiam decorrer entre o nascer do Sol e o ocaso e não podiam realizar-se nos dias de reunião das Assembleias (desde que estas efectivamente reunissem).
Antes de Sila ter reorganizado todo este sistema, a rígida hierarquia existente previa que o Princeps Senatus e os consulares pudessem falar primeiro que os homens já eleitos para um cargo, mas sem desempenharem ainda esse cargo; depois de Sila, os cônsules eleitos e os pretores

eleitos podiam falar em primeiro lugar; em ambos os sistemas, um patrício podia falar sempre primeiro que um plebeu (partindo do princípio de que tinham ambos o mesmo estatuto). Nem todos os membros do Senado estavam autorizados a falar. Os senatores pedarii (que se sentavam atrás dos homens que podiam falar) podiam votar, mas não participavam nos debates. Não havia restrições relativamente ao tempo ou ao conteúdo de um discurso, o que permitia que certos senadores, quando lhes convinha, arrastassem indefinidamente as suas intervenções, de forma a impedirem que se tomasse uma decisão sobre o assunto em debate. Se determinada questão fosse pouco importante ou suscitasse de modo óbvio a unanimidade do Senado, a votação podia ser oral ou gestual; no entanto, quando o assunto era importante ou controverso, realizava-se uma votação formal, que consistia na divisão do Senado: os senadores deixavam os seus lugares e agrupavam-se ou à esquerda ou à direita do estrado curul, conforme as suas posições; depois, procedia-se à contagem dos elementos dos dois grupos. O Senado, que sempre foi um corpo mais consultivo do que verdadeiramente legislativo, elaborava os seus consulta ou decretos, que depois eram encaminhados para as várias assembleias. Se a questão debatida fosse grave, era necessário haver quoro antes da votação. Não sabemos, porém, qual era o número exacto para se decidir se havia ou não quoro. O que é certo é que os senadores não acorriam em massa à maior parte das sessões, tanto mais que não havia nenhuma norma que os obrigasse a participar nas reuniões.

Em certas áreas, o Senado era o senhor supremo, apesar de lhe faltar o poder legislativo:

o fisco era controlado pelo Senado, já que

era o Senado que controlava o Tesouro; o mesmo acontecia com os negócios

estrangeiros, a nomeação de governadores provinciais, a resolução dos problemas provinciais e o comando das guerras.

senatus consultum de ré publica defendendo O decreto final do Senado, ou ultimato,

assim conhecido porque Cícero abreviou o nome para senatus consultum ultimum. Remontava a 121 a.C., altura em que Caio Graco recorreu à violência para impedir a revogação das suas leis. Em casos de emergência civil, o Senado suplantava todos os outros corpos governamentais, aprovando o senatus consultum de ré publica defendendo. Este decreto final proclamava a soberania do Senado e estabelecia aquilo que era, de facto, a lei marcial. Na realidade, tratava-se de um processo que podia levar à nomeação de um ditador.

sestércios A mais comum das moedas romanas. Na contabilidade romana, utilizava-se unicamente o sestércio, o que explica a proeminência desta moeda nos escritos latinos da época republicana. A palavra latina sestertius deriva de semis tertius, significando dois asses (as, moeda latina) e meio. Nos textos latinos, usava-se a abreviatura HS. Pequena moeda de prata, o sestércio valia um quarto de um denário.

Sextilis Originalmente, o sexto mês quando o Novo Ano romano começava em Março. Manteve este nome depois de o Ano Novo romano ter mudado para Janeiro (passando então a ser o oitavo mês do ano. Passou a chamar-se Augustus, depois do reinado do imperador Augusto.

sive Ou... ou...; quer... quer...

socius, socii Um socius era um homem de uma nacionalidade aliada de Roma.

Sol Indiges Um dos mais antigos deuses italianos, aparentemente (já que era o Sol) o marido de Tellus (a Terra). Embora pouco se saiba sobre o seu culto, parece que era extremamente venerado.

sponsio Em casos de litígio civil que não implicavam uma audição num tribunal (ou seja, casos que podiam ser ouvidos e julgados pelo pretor urbano), o pretor urbano só podia fazer o seu trabalho depois de lhe ser entregue uma soma denominada sponsio. O sponsio eqüivalia aos custos do processo ou à soma em disputa. Em queixas por falência ou por não pagamento de dívidas, a soma devida era o sponsio. Isto significa que quando o queixoso ou o acusado não conseguiam reunir a soma em causa, o pretor urbano não procedia à audição e ao julgamento do caso. Em tempos de escassez de dinheiro, o sponsio transformou-se num grave problema: daí que Sila, na sua lei das dívidas, tenha prescindido do depósito do sponsio.

stibium Um pó preto feito à base de antimónio, solúvel na água. Era usado para pintar sobrancelhas e pestanas e para desenhar uma linha à volta dos olhos.

stimulus, stimuli Para os Romanos, um stimulus era uma estaca de madeira pontiaguda colocada no fundo de uma trincheira ou de um fosso, como parte integrante das fortificações de defesa. Também podia significar um instrumento pontiagudo para aguilhoar um animal. E, por extensão, um sitmulus era algo que causava grande sofrimento mental.

strategoi Palavra grega, no plural. Um comandante militar ou general.

Subura A zona da cidade de Roma mais pobre e mais densamente povoada. Ficava a oriente do Fórum Romano, no declive entre o cume Opiano do monte Esquilino e a colina Viminal. A sua rua principal, muito longa, tinha três nomes diferentes: a secção inicial, contígua ao Argileto, era a Fauces Suburae; a secção seguinte era conhecida pelo nome de Subura Maior; e a secção final, subia o íngreme flanco do Esquilino, era a Clivus Suburanus. A Subura Menor e a Vicus Patricii saíam da Subura Maior na direcção do Viminal. A Subura era uma área inteiramente ocupada por ínsulas e possuía um único edifício notável, a Torre Mamília, ao que parece uma espécie de torre. A sua população era poliglota e tinha uma mentalidade muito independente. Viviam muitos judeus no bairro de Subura, onde ficava situada a única sinagoga de Roma no tempo de Mário e Sila. Suetónio afirma que César, o Ditador, vivia na Subura.

Sulpício Público Sulpício Rufo foi um homem conservador e moderado durante o período em que permaneceu no Senado, incluindo a primeira parte do seu tribunado da plebe em 88 a.C. Ao que parece, a notícia de que o rei Mitridates não fez qualquer distinção entre Italianos e Romanos quando matou oitenta mil habitantes da Província da Ásia, levou Sulpício a alterar os seus pontos de vista acerca de muitas coisas, e, em particular, sobre os obstáculos que os elementos conservadores e anti-italianos de Roma levantavam à integração dos Italianos. Sulpício tornou-se então um militante radical, aliando-se a Caio Mário. Promulgou quatro leis, a mais importante
das quais estipulava que todos os novos cidadãos romanos deviam ser distribuídos equitativamente pelas trinta e cinco tribos. Mas a mais inquietante das suas leis era aquela que retirava das mãos de Sila o comando da guerra contra Mitridates, dando-o a Mário. Foi esta lei que levou Sila a marchar sobre Roma pela primeira vez. Juntamente com Mário, com o velho Bruto e com mais alguns homens, Sulpício fugiu da cidade antes da entrada de Sila. Os outros fugitivos conseguiram alcançar terras ultramarinas, mas Sulpício foi apanhado e morto no porto latino de Laurento. A sua cabeça foi mandada para Roma; Sila fixou-a nos rostra, numa tentativa para amedrontar Cina, eleito cônsul pouco tempo antes. As quatro leis de Sulpício foram revogadas por Sila.

talento A carga que um homem podia transportar. Barras ou lingotes de ouro ou prata e grandes somas de dinheiro eram expressas em talentos, mas o termo não se limitava aos metais preciosos e ao dinheiro. Em termos modernos, um talento eqüivale a cerca de 25 quilos. Um

talento de ouro pesava o mesmo que um talento de prata, mas era obviamente muito mais valioso.

tato, Diminutivo latino para ”pai” — equivalente ao nosso ”papá” ou ”paizinho”. O diminutivo latina para mãe era mamma.

teatros A Roma republicana não possuía estruturas permanentes consagradas a representações teatrais. Sempre que os jogos incluíam peças de teatro, eram construídas estruturas de madeira temporárias; estas esfruturas eram demolidas logo que terminavam os jogos. A velha convicção de que o teatro era moralmente degradante, de que o teatro era uma força corruptora, nunca morreu por completo. Era por isso que, nos teatros, as mulheres não podiam sentar-se ao lado dos homens, sendo relegadas para as últimas filas. Só a pressão do público levou os magistrados a incluir representações teatrais nos jogos; o povo romano adorava as comédias, as farsas e os mimos. Os teatros de madeira eram construídos como os teatros permanentes, de pedra — eram anfiteatros, com um palco elevado, bastidores, bambolina e entradas e saídas ocultas para os actores. A scena era tão alta como a fila da frente da cavea. A cavea era um semicírculo de filas em bancada, que deixava um espaço semicircular vazio, denominado orquestra, entre a primeira fila e o palco.

Tellus A deusa da terra romana. Após a importação da deusa Magna Mater (originária de Pessinunte), Tellus perdeu muita da sua importância. Tinha um grande templo nas Carinas, imponente nos seus
primeiros tempos; na época de Mário e Sila, porém, era já uma sombra de si mesmo.

tetrarca O chefe de uma das quatro secções de qualquer estado ou território. As três tribos da Galácia — Tolistobógios, Trocmos e Volcas Tectósagos — estavam divididas em quatro partes, e cada uma das quatro partes era chefiada por um tetrarca.

toga O traje que só um cidadão pleno podia usar. Feita de lã leve, tinha um feitio muito peculiar (é por isso que os ”Romanos” togados das fitas de Hollywood sempre tiveram um ar muito desajeitado). Depois de exaustivas e brilhantes experiências, Lilian Wilson definiu as medidas e o feitio capazes de produzirem uma toga perfeita. Para um homem com 1,75 m de altura e uma cintura de 89,5 cm, a toga deveria ter uma largura de 4,6 metros e um comprimento de 2,25 metros; a peça é drapejada, do lado do comprimento, ao longo do corpo do homem, ao passo que, do lado da largura (muito superior ao comprimento), é enrolada à volta do seu corpo.

No entanto, o feitio não corresponde a um rectângulo! Era este o seu aspecto:
Se a toga não for cortada de acordo com o desenho, será impossível fazê-la cair ao estilo dos homens togados que encontramos nas estátuas antigas. A toga republicana dos tempos de Mário e Sila era muito larga (o tamanho da toga variou consideravelmente entre a época dos reis de Roma e o ano 500 d.C., um período de mil anos). Uma última observação acerca da toga resultou das minhas próprias experiências — provei, de forma bastante clara, que o togado republicano romano não podia usar nenhuma peça interior aparentada às ceroulas ou à tanga. A toga, por si só, impedia a mão esquerda de fazer fosse o que fosse ao nível das virilhas, já que o braço esquerdo segurava múltiplas dobras e a maior parte do peso do traje. Mas quando a toga se encontra convenientemente drapejada, a mão direita pode desfazê-la com surpreendente facilidade, erguer a bainha da túnica e chegar ao pénis, de forma a permitir que o togado urine de pé — desde que, obviamente, o togado não traga ceroulas ou uma tanga vestidas! Refiro este interessante facto unicamente porque se continua a dizer que os Romanos usavam uma peça de roupa de baixo. Não poderia usá-la se vestisse uma toga, isso é certo.

toga cândida A toga especialmente embranquecida usada por todos os que pretendiam ocupar um cargo, inscrevendo-se como candidatos (a nossa palavra ”candidato” vem da toga cândida). O candidato também vestia a toga cândida ao percorrer Roma durante a sua campanha e no dia da eleição. A brancura da toga era obtida com lixívia e pela exposição ao sol durante vários dias; a seguir, era passada por giz em pó.

toga praetexta A toga debruada a púrpura do magistrado curai; também era usada por homens que tivessem sido magistrados curais e por crianças de ambos os sexos.

toga trabea A ”toga multicolor” de Cícero. Era a toga com bandas ou faixas coloridas usada pelo augure e, muito provavelmente, pelo pontifex. Tal como a toga praetexta, era debruada a púrpura, mas tinha faixas alternadamente vermelhas e púrpura a todo o comprimento.

toga virilis A toga inteiramente branca de um cidadão adulto do sexo masculino. Também denominada toga alba ou toga pura.

torque Colar grosso, habitualmente de ouro. Não formava um círculo completo, pois tinha uma pequena abertura; esta abertura era virada para a frente. O torque era característico dos Gauleses e dos Celtas, embora alguns germanos também o usassem. As extremidades do colar, na

abertura, encontravam-se normalmente decoradas com ornatos de vários tipos. Versões pequenas do torque eram concedidas, como condecorações militares romanas, e usadas nos ombros das couraças.

Trácia Grosseiramente, a zona dos Bálcãs entre o Helesponto e uma linha a leste da cidade de Filipos; tinha costas nos mares Egeu e Euxino e estendia-se para norte até à foz do Danúbio. Os Romanos consideravam que a fronteira ocidental desta região era o rio Nesto. A Trácia, na realidade, nunca se conseguiu organizar como tal; até à ocupação romana, foi o domínio de uma série de tribos germano-ilírico-celtas, parcialmente aliadas, e que se encontravam na zona há tempo suficiente para se autodenominarem Trácios. Gregos e Romanos consideravam os Trácios um povo profundamente bárbaro. Após 129 a.C., a faixa da Trácia ao longo do Egeu passou a ser governada por Roma como uma parte da Macedónia. É que Roma tinha construído a Via Inácia, a grande estrada entre o Adriático e o Helesponto, e precisava de protegê-la. A maior cidade da Trácia era, de longe, a velha colônia grega de Bizâncio, no Bósforo Trácio, mas, como é evidente, não era habitada por Trácios; aliás, nenhum outro porto da região era habitado por Trácios. Os Bessos constituíam a tribo mais guerreira e que mais odiava os Romanos, mas os Odrísios, um pouco mais helenizados, tiveram um rei que conseguiu travar os Romanos.

transvectio A parada do Cavalo Público, realizada nos Idos de Quinctilis (Julho). Abandonada como parte da herança de Caio Graco, foi revivida em 70 a.C. por Pompeu, que queria deixar bem claro que era um cavaleiro.

tribo Tribus. Nos primórdios da República, a tribus não era para um romano um grupo pertencente à mesma etnia mas sim uma agrupação política útil para o Estado. Havia trinta e cinco tribos ao todo; trinta e uma eram rurais, e apenas quatro eram urbanas. As dezasseis tribos verdadeiramente antigas possuíam nomes das várias gens patrícias, indicando que os cidadãos que pertenciam a estas tribos ou eram membros das famílias patrícias ou tinham inicialmente vivido na terra dessas famílias patrícias. Durante o início e meados da República, quando os territórios de Roma na Península Italiana começaram a aumentar, as tribos foram aumentadas para acolher os novos cidadãos no corpo político romano. As colônias de plenos cidadãos romanos tornaram-se o núcleo de novas tribos. Julga-se que as quatro tribos urbanas foram fundadas por Sérvio Tulo, embora a data do seu aparecimento deva ter sido posterior, já nos inícios da República. A

última data de criação tribal foi 241 a.C. Todos os membros de uma tribo tinham o direito de votar numa Assembleia tribal, mas os votos eram contados em primeiro lugar em cada tribo, e a seguir a tribo tinha um voto singular. Isto significava que os cidadãos inscritos nas quatro tribos urbanas não podiam afectar o resultado de uma votação nas Assembleias tribais, e as trinta e uma tribos rurais podiam
registar os seus votos tribais — mesmo que aparecessem apenas um ou dois membros para a votação. Os membros das tribos rurais não eram impedidos de viver em Roma; quase todos os senadores e cavaleiros pertenciam a tribos rurais.
tribuno da plebe Este cargo surgiu pouco depois do estabelecimento da República, quando a Ordem Plebéia estava totalmente em conflito com os patrícios. Eleitos pelo Concilium Plebis, ou Assembleia Plebéia, os tribunos da plebe fizeram um juramento de defender as vidas e bens dos membros da Ordem Plebéia. Em 450 a.C., havia dez tribunos da plebe; no tempo de Caio Mário, esses dez dificultavam a vida ao Senado, embora passassem automaticamente a ser membros do Senado pela sua eleição. Como não eram eleitos por Todo o Povo (isto é, por patrícios e por plebeus), não tinham verdadeiro poder face à Constituição Romana, em grande parte por escrever. O seu poder residia no juramento que a Ordem Plebéia fez para defender a sacralidade — a inviolabilidade — dos seus representantes eleitos. Talvez fosse devido à sua organização tribal da Assembleia Plebéia que esses representantes se chamavam tribunos. O poder de um tribuno residia no seu direito de exercer o veto contra quase todos os aspectos do governo: podia vetar as acções dos outros tribunos da plebe, ou de quaisquer magistrados; uma eleição; a aprovação de uma lei ou plebiscito; e decretos do Senado, mesmo em caso de guerra e negócios estrangeiros. Só um ditador (e talvez um interrex) estava acima do vep tribunício. O tribuno tinha verdadeiramente plenos poderes dentro da Assembleia Plebéia: podia convocar a Assembleia; convocar a reunião de debate conhecida por confio; promulgar plebiscitos, e mesmo exercer a pena de morte, caso o seu direito de proceder fosse bloqueado.
No início e meio do período da República, os tribunos da plebe não eram membros do Senado, mesmo depois de, a meio desse período, poderem convocar sessões do Senado. Mais tarde, a lex Atinia, de cerca de 149 a.C., decretou que quem fosse eleito tribuno da plebe passava automaticamente a ser membro do Senado. Isto significava que o tribunado da plebe se tornara uma forma alternativa de entrar no Senado; até à lex Atinia, os censores haviam sido soberanos.

No entanto, embora na época de Caio Mário o tribunato da plebe fosse reconhecido como uma verdadeira magistratura, não era dotada de imperium, e a autoridade do cargo não se estendia para além do primeiro marco rniliário.

Era hábito não se ter mais de um mandato como tribuno da plebe, entrando em funções no décimo dia de Dezembro e deixando-o no nono dia do seguinte mês de Dezembro. Mas o hábito não constituía obrigação legal, tal como Caio Graco provou ao tentar e conseguir obter o seu segundo mandato como tribuno da plebe. O verdadeiro poder do cargo era exercido no veto, o que indica que a função tribunícia era mais freqüentemente obstructiva do que inovadora.

tribuno dos soldados Todos os anos eram eleitos pela Assembleia do Povo vinte e quatro jovens de idades compreendidas entre os vinte e cinco e os vinte e nove anos, para fazer a guerra com as legiões do cônsul como tribuni inilitum, ou tribunos militares. Eleitos pelos Comitia Populi Tributa, Todo o Povo, estes tribunos militares eram verdadeiros magistrados. Serviam como comandantes gerais das quatro legiões, seis por legião. Quando os cônsules tinham mais de quatro legiões em campo, os tribunos dos soldados eram divididos entre as legiões existentes.

tribuno do Tesouro Tribuni aerarii. Há um grande mistério acerca de quem eram realmente os tribuni aerarii. Originalmente, eram os tesoureiros do exército, mas, a meio da República, essa tarefa passou a caber aos questores. No entanto, na época de Mário e Sila, os tribuni aerarii eram suficientemente numerosos e poderosos para se integrarem na Segunda Classe, na Assembleia Centurial, possuindo um estatuto econômico não muito inferior ao dos cavaleiros. Talvez fossem homens descendentes dos tribuni erarii originais e que se limitavam a manter esse velho estatuto para provar que a sua família era muito antiga. No entanto, creio mais provável que fossem funcionários civis séniores ligados ao Tesouro. Embora o Senado e o Povo de Roma detestassem a burocracia e resistissem tenazmente a um aumento do número de funcionários públicos, a verdade é que, com o alargamento das possessões territoriais de Roma, um ramo do SPQR deve ter pedido mais e mais funcionários públicos não eleitos. Esse ramo era o Tesouro (o aerariuni). Nos finais da República, devia haver um número muito grande de funcionários civis séniores administrando os muitos departamentos ligados ao Tesouro (número que aumentou dramaticamente depois dos tempos de Mário e Sila). Tinha de se ir buscar dinheiro

de muitos e diferentes impostos, em Roma e fora de Roma; e tinha de se arranjar dinheiro para tudo, desde a compra de cereal público, aos programas de construções dos censores e aos pagamentos para o exército, passando por coisas mínimas, como a compra dos porcos do pretor urbano, espalhados por toda a cidade de Roma durante as Festas Compitais.

Um magistrado eleito, se dava ordens relativamente a todos estes assuntos, já não se preocupava com o cumprimento dessas ordens. Para cumprir tais ordens, teria de haver funcionários civis séniores, homens cuja posição era nitidamente mais elevada que a de um escriba ou copista; vinham provavelmente de famílias respeitáveis e deviam ser bem pagos. Podemos sem dúvida supor que existia uma classe destes funcionários em 64 a.C., ano em que Catão Uticense deu tanto que falar e perturbou tanta gente ao ser nomeado questor do Tesouro: era óbvio que os questores do Tesouro se preocupavam pessoalmente com o Tesouro há já muitos anos — e no ano 64 a.C. o Tesouro era uma instituição enorme.

tribuno militar Os tribunos militares eram os membros da equipa do general que não tinham sido eleitos tribunos dos soldados mas que ocupavam um posto abaixo do legado, mas acima do cadete. Se o general não era um cônsul em funções, os tribunos militares poderiam comandar as suas legiões. De outro modo, limitavam-se a cumprir tarefas de acordo com as ordens do general. Os tribunos militares também serviam como comandantes das unidades de cavalaria.

triclinium A sala de jantar. Normalmente, a sala de jantar de uma família era quadrada, e possuía três divãs dispostos em U. No vão da porta, ficava-se de frente para o buraco do U; o divã da esquerda era chamado lectus summus; o divã do meio era o lectus medius, e o da direita era o lectus imus. Os divãs eram muito largos. Tinham cerca de 1,25 metros de largura e pelo menos o dobro de comprimento. Uma ponta do divã tinha um braço erguido que formava uma cabeceira. Em frente dos divãs, havia uma mesa estreita, também em U, e um pouco mais baixa que os divãs. Os homens reclinavam-se sobre os cotovelos esquerdos, apoiados em almofadas; estavam descalços e podiam chamar um criado para que lhes lavasse os pés. O anfitrião reclinava-se na ponta esquerda do lectus medius, ou seja, a ponta sem cabeceira; a ponta direita do mesmo divã — a cabeceira — era o local onde se reclinava o principal convidado de honra (era chamado o locus consularis). Na época de Mário e Sila, era raro as mulheres reclinarem-se ao lado dos homens, a menos que o jantar fosse um jantar de homens e as mulheres convidadas prostitutas.

As mulheres da família sentavam-se em cadeiras no interior do duplo U de divãs e mesa; entravam na sala quando vinha o primeiro prato e saíam logo que se comia o último prato. Normalmente bebiam apenas água, pois as mulheres que bebiam vinho eram consideradas ”licenciosas”.

Triclinium trirreme com o birreme, a mais comum e mais apreciada de todas as antigas galeras de guerra. Por definição, um trirreme tinha três níveis de remos e, com o seu aparecimento, cerca de 600 anos antes de Cristo, surgiu a invenção da estrutura projectada acima da amurada (as galeras posteriores, mesmo as que eram birremes, possuíam freqüentemente essa estrutura). Num trirreme, todos os remos tinham praticamente o mesmo comprimento, cerca de 15 pés (cerca de 5 metros), um tamanho relativamente curto; havia apenas um remador para cada remo. O trirreme médio tinha um comprimento total de cerca de 130 pés (cerca de 43 metros) e a largura máxima não era superior a 13 pés (cerca de 4 metros): a proporção entre comprimento e largura era portanto de 10 para 1. Ao remador do nível mais baixo, chamavam os Gregos talamita; manobra o seu remo através de uma portinhola no casco, tão próxima já do nível da água que, para que o mar não entrasse, possuía uma protecção de couro. Havia cerca de 27 talamitas de cado lado, o que dava um total de 54 remos manobrados por talamitas. Ao remador do nível médio, chamavam zigita; manobra o seu remo através de uma portinhola imediatamente abaixo da amurada. Os zigitas eram tantos quantos os talamitas. O remador da estrutura projectada acima da amurada era um tranita; o tranita ficava sentado num banco especial, no interior daquela estrutura. O seu remo saía por um buraco situado no fundo da estrutura projectada, a uma distância de talvez dois pés do costado do navio. Como a estrutura projectada podia manter a sua projecção quando a quilha se estreitava à ré, havia 31 tranitas para 27 talamitas e 27 zigitas de cada lado. Um trirreme era portanto impulsionado por cerca de 170 remos; os tranitas eram aqueles que tinham o trabalho mais duro, pois os seus remos, para baterem na água, tinham de fazer um ângulo mais apertado.

com a invenção do trirreme, a Antigüidade ficou com um navio perfeitamente adequado para abrir brechas com o aríete noutros navios. Os aríetes passaram a ser duplos, mais pesados e maiores e melhor protegidos. Cerca do ano 100 a.C., o verdadeiro navio de guerra era o trirreme, pois combinava a velocidade, a potência e a facilidade de manobra. A maior parte dos trirremes eram cobertos e podiam transportar talvez um complemento de 50 marinheiros no máximo. O

trirreme, construído basicamente com madeira de pinheiro ou de outra árvore aparentada, era também muito leve, de tal modo que, durante a noite, podia ser facilmente conduzido para uma praia; por outro lado, já em terra, podia ser puxado para longe, sobre toros de madeira redondos, pela sua tripulação. Para que a entrada de água não aumentasse o seu peso, o trirreme era, por rotina, levado para uma praia durante a noite. Se a manutenção destes navios era boa, a sua operacionalidade nas guerras podia durar pelo menos vinte anos; uma cidade ou comunidade (Rodes, por exemplo) com uma armada permanente possuía sempre estaleiros. Foram as dimensões destes estaleiros que, depois de investigadas pelos arqueólogos, confirmaram que, fosse qual fosse o número de remos, a galera de guerra média nunca ultrapassou muito mais do que os 180 pés (60 metros) de comprimento e os 20 pés de largura máxima (cerca de 7 metros).

troféu Bens capturados ao inimigo, desde que tivessem um aspecto suficientemente imponente ou fossem simbolicamente importantes. Era costume dos generais romanos exibir os seus troféus
(normalmente armaduras, estandartes, etc.), quando obtinham vitórias significativas. Podiam fazê-lo no campo de batalha, ou, como fez Pompeu, no cume de uma passagem montanhosa, ou então dentro de um templo que tivessem consagrado e construído em Roma.

trogloditas Nos tempos antigos, havia pessoas que viviam não tanto em cavernas, mas sim em casas que escavavam nas rochas. O lado egípcio do Sinus Arabicus (actual mar Vermelho) era conhecido por ter uma população de trogloditas. As gargantas capadócias, formadas por tufa, uma rocha muito branda, constituíam também umbom terreno para a construção deste tipo de casas.

túnica A túnica era a peça de roupa básica para a maior parte dos antigos povos mediterrânicos, incluindo os Gregos e os Romanos. Nos tempos de Mário e Sila, o corpo da túnica era rectangular de feitio, sem alinhavos para o ajustar ao peito; o pescoço era provavelmente cortado em curva por uma questão de conforto. As mangas podiam ser projecções rectangulares dos ombros, ou podiam ser inseridas nos ombros. Os alfaiates antigos já sabiam por certo inserir mangas e algumas pessoas usavam mangas compridas, que tinham de ser inseridas. As estátuas não nos indicam que as túnicas dos homens importantes o bastante para terem estátuas eram constituídas por duas peças unidas por uma mera costura, dos dois lados, e com uma abertura no cimo para os braços. As mangas das túnicas que vemos nas estátuas (em

particular de generais) parecem pura e simplesmente mangas curtas. A túnica podia ter um cinto de cabedal ou ser apertada com uma corda; a túnica romana era sempre maior à frente do que atrás (uma diferença de 75 milímetros). Aqueles que estavam registados no censo como cavaleiros usavam uma faixa estreita cor de púrpura caindo do lado direito da túnica; quanto aos senadores, usavam uma faixa larga igualmente cor de púrpura. A faixa podia também cair do lado esquerdo.

Vénus Erucina A Vénus que tinha a ver com o acto amoroso e sobretudo com os aspectos mais licenciosos e imorais do acto amoroso. Na festa de Vénus Erucina, as prostitutas faziam oferendas à deusa e era costume o templo de Vénus Erucina, situado à saída da Porta Colina de Roma, receber ofertas em dinheiro de prostitutas bem sucedidas na vida.

Vénus Libitina Deusa da força vital, Vénus tinha muitos aspectos. Vénus Libitina tinha a ver com a extinção da força vital. Divindade de grande importância em Roma, o seu templo ficava situado fora das Muralhas Sérvias, mais ou menos ao centro da vasta necrópole de Roma, no Campo Esquilino. Não é conhecida a sua localização exacta, mas como tinha de lhe atribuir um local preciso, situei-o no cruzamento entre a Via Labicana e duas importantes diverticula (estradas de circunvalação). O recinto do templo era vasto (para um templo romano) e tinha um bosque, presumivelmente de ciprestes (associados à morte). Era neste recinto que estavam instalados os agentes funerários, possivelmente dispondo de tendas. O templo continha um registo das mortes de cidadãos romanos e era rico, graças à acumulação de moedas que tinham de ser pagas para registar uma morte. Não havendo nenhum cônsul para os usar, os fasces do cônsul eram depositados num divã especial no interior do templo; as machadas que eram inseridas nos seus fasces apenas quando ele deixava a cidade, eram também guardadas no templo. Imagino que as congregações fúnebres de Roma (e havia muitas) estavam de alguma forma ligadas com Vénus Libitina.

verpa Obscenidade latina que era mais usada como ofensa do que como sinal de desprezo. Significava o pénis, aparentemente no estado erecto apenas, quando o prepúcio é baixado, e tinha uma conotação homossexual. Repare-se que Servília escolhe este epíteto para ofender uma outra mulher — Pórcia Liciniana, um verdadeiro virago.

Vesta Deusa romana muito antiga, sem mitologia nem imagem. Vesta era o lar e por isso tinha uma importância especial no seio da unidade familiar, onde era venerada

conjuntamente com Penates e o os Lares. O seu culto oficial público era também importante, e era supervisionado pessoalmente pelo Pontifex Maximus. O templo de Vesta, no Fórum Romano, era muito pequeno, muito antigo, e redondo de forma; situava-se ao lado da Regia, do Poço de Jutuma e da residência do Pontifex Maximus. No templo, havia um fogo que tinha de estar permanentemente aceso.

vexillum Bandeira ou estandarte.

via Uma estrada importante.

vicus Uma rua de dimensões razoáveis.

Villa Publica Uma extensão de terra, semelhante a um parque, no Campo de Marte; fronteira à Vicus Pallacinae, era na Villa Publica que os vários participantes na parada triunfal se reuniam antes de o desfile começar.

Virgens Vestais Vesta tinha as suas próprias sacerdotisas: seis mulheres denominadas Virgens Vestais. Eram iniciadas aos sete ou oito anos, faziam votos de absoluta castidade, e serviam a deusa durante trinta anos, após o que eram libertas dos seus votos e devolvidas à comunidade. Terminado o seu serviço, podiam casar-se, caso quisessem — embora poucas o fizessem, pois cria-se que um tal casamento seria sempre infeliz. A sua castidade significava a sorte de Roma; ou melhor, a sorte do Estado. Quando uma Vestal era acusada de ter quebrado o voto de castidade, não era julgada nem punida de improviso, mas formalmente conduzida a um tribunal especial. Os seus alegados amantes eram também julgados, mas num tribunal diferente. Se a sua culpabilidade fosse provada, era presa numa cela subterrânea, onde se limitavam a esperar a morte. Nos tempos da República, as Virgens Vestais viviam na mesma casa do Estado que o Pontifex Maximus, embora separadas dele.

vir militaris ver Homem Militar.

viri capitales Os três homens com idade pré-senatorial encarregados da administração das prisões e dos asilos de Roma. Como Roma era uma sociedade que, por norma, só aplicava penas de detenção temporárias, os viri capitules não tinham uma tarefa particularmente pesada. No entanto, nos dias em que não havia assembleias públicas ou senatoriais e os tribunais dos pretores não se encontravam abertos, os viri capitules, ao que parece, permaneciam no baixo Fórum Romano, para que houvesse alguma figura ou autoridade pública disponível, caso algum

cidadão requeresse protecção ou apoio. E Cícero quem dá esta informação no seu pró Cluentio.

voto O voto romano era plutocrático, porque o seu poder era fortemente influenciado pelo estatuto social de cada um (estatuto conferido pela riqueza) e também porque nada tinha a ver com as votações tipo ”um homem, um voto”. Votasse um indivíduo nas Centúrias ou nas Tribos, o seu voto pessoal só poderia influenciar o veredicto da Centúria ou da Tribo a que pertencia. Os resultados eleitorais eram decididos pelo número de votos centuriais ou tribais que tomavam um determinado sentido. A votação jurídica era diferente. Num júri, um indivíduo tinha de facto influência no resultado, pois o júri tinha um número ímpar de membros e a decisão era tomada por maioria e não por unanimidade. Mesmo assim, o voto jurídico também era plutocrático, pois um homem com poucos bens não tinha hipóteses de chegar a membro de um júri.

Alguns Acontecimentos da História de Roma anteriores a O PRIMEIRO HOMEM DE ROMA (Nota: Todas as datas são a.C.)

1100 Um refugiado de Tróia, Eneias, estabelece-se no Lácio.

O filho, lúlo, torna-se rei de Alba Longa.

753-715 Rómulo, primeiro rei de Roma: constrói o Palatino.

715-673 Numa Pompílio, segundo rei de Roma: cria 100 senadores, colégios sacerdotais, transforma o ano de 10 meses no ano de 12 meses.

673-642 Túlio Hostílio, terceiro rei: constrói o edifício do Senado.

642-617 Anco Márcio, quarto rei: constrói a Ponte de Madeira, fortifica Janículo, conquista minas de sal pertencentes •” a Óstia.

616-578 Tarquínio Prisco, quinto rei: constrói o Circus Maximus, rede de esgotos do centro de Roma, alarga o número u- de senadores para 300, cria Tribos e Classes, estabelece o censo.

578-534 Sérvio Túlio, sexto rei: cria o pomerium, constrói a Agger.

534-510 Tarquínio Soberbo, sétimo rei: termina o templo de Júpiter Optimus Maximus, destrói a cidade de Gábios.

509 Tarquínio Soberbo derrubado, monarquia abolida.

A REPÚBLICA DE ROMA COMEÇA. Bruto e Valério primeiros magistrados-chefes (denominados pretores, e não cônsules).

508 Criado o cargo de Pontifex Maximus, superior ao Rex Sacrorum.

500 Tito Lárcio, primeiro ditador.

494 Primeira secessão da Plebe: criados 2 tribunos da plebe e 2 edis plebeus.

471 Segunda secessão da Plebe: A Assembleia da Plebe torna-se tribal.

459 Número de tribunos da plebe elevado de 2 para 10.

456 Terceira secessão da Plebe: são concedidas terras aos Plebeus.

451 Decemviri codificam as XII Tábuas da Lei Romana.

449 Quarta secessão da Plebe: lex Valeria Horatia define carácter sacrossanto dos tribunos da plebe.

447 Criada a Assembleia do Povo; criados dois cargos de questor.

445 Leges Canuleiae: (a) substitui cônsules por tribunos militares com poderes consulares; (b) permite casamentos entre patrícios e plebeus.

443 Censores eleitos pela primeira vez.

439 Mélio, pretendente a rei de Roma, morto por Servílio Aala.

421 Número de questores aumenta para 4, o cargo é aberto aos plebeus.

396 Introdução do pré para os soldados romanos. Só foi aumentado (e para o dobro) quando César se tornou ditador.

390 Gauleses saqueiam Roma, o Capitólio é salvo pelos avisos dos gansos.

367 Restaurado o consulado. Criados 2 edis curuis.

366 Primeiro cônsul plebeu. Criado o praetor urbanus.

356 Primeiro ditador plebeu. Cargo de censor aberto aos plebeus.

351 Primeiro censor plebeu.

343-341 Primeira Guerra Samnita. Roma firma tratado de paz.

342 Leges Genuciae: (a) reparação das dívidas (b) nenhum homem pode ter o mesmo cargo mais do que uma vez em 10 anos; (c) os dois cônsules podem ser plebeus.

339 Leges Publiliae: (a) um censor tem de ser plebeu; (b) todas as leis aprovadas na Assembleia das Centúrias têm de ser sancionadas pelo Senado; (c) a lei dá alguma validade aos plebiscitos.

337 Primeiro praetor urbanus plebeu.

326-304 Segunda Guerra Samnita (derrota nas Forcas Caudinas, o jugo).

300 Leges Ogulniae: colégios sacerdotais abertos aos plebeus.

298-290 Terceira Guerra Samnita. Roma estabelece ascendência.

289 Cunhagem e tresviri monetales (3 cunhadores) criados.

287 Lex Hortensia: plebiscitos passam a ser inteiramente vinculativos.

267 Questores passam de 6 para 8.

264 Primeiros gladiadores combatem em Roma (não no Circo!).

264-241 Primeira Guerra Púnica (contra Cartago). A paz dá a Roma a Sicília, a Sardenha e a Córsega, suas primeiras províncias.

253 Primeiro Pontifex Maximus plebeu.

242 Praetor peregrinus criado, pretores passam a ser dois.

241 Reformas da Assembleia Centurial limitam ligeiramente os poderes da Primeira Classe. Criadas as duas últimas tribos: o total é agora de 35.

227 Pretores passam de 2 a 4. Questores passam de 6 a 10.

218-201 Segunda Guerra Púnica. Aníbal chefia os Cartagineses.

210-206 Cipião Africano vitorioso na Hispânia.

202 O último ditador à maneira antiga mantém-se no poder por breve período de tempo.

197 As Hispânias tornam-se províncias; 6 pretores, 12 questores.

180 Lex Villia annalis regulamenta as magistraturas curuis.

171 Primeiro tribunal de traição criado temporariamente.

169 Lex Voconia impede as mulheres de receber heranças importantes por testamento.

Disputa entre o Senado e os Cavaleiros: os censores recusam-se a aceitar propostas de firmas a quem os censores anteriores deram contratos.

Os lucros eram exorbitantes. Os censores quase foram condenados pelos cavaleiros por alta traição.

149 Lex Atinia promove automaticamente os tribunos da plebe ao Senado. Lex Calpurnia cria tribunal de extorsão permanente.

149-146 Terceira Guerra Púnica. África torna-se província romana.

147 Macedónia anexada torna-se província romana.

144 Pretor Q. Márcio Rex constrói primeiro aqueduto de Roma.

Lex Gabinia introduz voto secreto em todas as eleições.

137 Lex Cássia introduz voto secreto para os júris dos tribunais.

133 Tibério Graco tribuno da plebe: é assassinado.

123 Caio Graco tribuno da plebe.

122 Caio Graco de novo tribuno da plebe.

121 Senado aprova o seu primeiro Decreto Final para enfrentar Caio Graco: este suicida-se, os seus adeptos são executados.

121 Rei Mitridates V do Ponto assassinado pela mulher. O seu jovem filho Mitridates foge para as montanhas.

120 Terras dos Címbrios e Teutões inundadas. Começa a grande migração.

119 Caio Mário, tribuno da plebe, promulga uma lex Maria que dificulta o suborno aquando das eleições ou votações.

115 O jovem Mitridates toma o poder no Ponto.

113 Os Cimbros derrotam Papírio Carbão em Nórico.

112 Roma declara guerra a Jugurta da Numídia.

111 Roma chega a um acordo de paz com Jugurta.

110 Aulo Postúmio Albino invade a Numídia sem qualquer autorização: a guerra contra Jugurta começa.

Florianópolis, 07 de Janeiro de 2007.

http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource